PORTUGAL

ANTIGO E MODERNO

VOLUME SEGUNDO

PORTUGAL
ANTIGO E MODERNO

DICCIONARIO

Geographico, Estatistico, Chorographico, Heraldico, Archeologico, Historico, Biographico e Etymologico

DE TODAS AS CIDADES, VILLAS E FREGUEZIAS DE PORTUGAL

E DE GRANDE NUMERO DE ALDEIAS

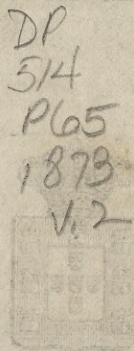
Se estas são notaveis, por serem patria d'homens célebres,
por batalhas ou outros factos importantes que n'ellas tiveram logar,
por serem solares de familias nobres,
ou por monumentos de qualquer natureza, alli existentes

NOTICIA DE MUITAS CIDADES E OUTRAS POVOAÇÕES DA LUSITANIA

DE QUE APENAS RESTAM VESTIGIOS OU SÓMENTE A TRADIÇÃO

POR

Augusto Soares d'Azevedo Barbosa de Pinho Leal

LISBOA
LIVRARIA EDITORA DE MATTOS MOREIRA & COMPANHIA
68 — Praça de D. Pedro — 68
1874

LISBOA
Typographia Editora de Mattos Moreira & Companhia
67 — Praça de D. Pedro — 67
1874

PORTUGAL ANTIGO E MODERNO

C

CA — portuguez antigo (derivado de *car*, celta) significa *porque*.

CABA — serra, Traz-os-Montes, termo de Chaves. Principia na villa da Torre, correndo de norte a sul, tem 18 kilometros de comprido e 1:500 metros de largo.

Em partes é cultivada e produz centeio. É fria e pedregosa.

Cria algum gado e traz caça.

—

Caba é mesmo a palavra arabe *Câba*. Significa cenáculo, ou casa quadrada. Deriva-se do verbo *caabâ*, fazer alguma cousa quadrada ou em quadro.

Tendo porém anteposto o artigo *al*, significa o templo de Mafoma, em Mecca. (*Alcaba*, isto é, a casa por excellencia.)

Parece-me porém que esta serra deriva o seu nome de *Cábba* (que os nossos antigos escreviam *Cava* ou *Cuba*) e significa mulher má, dissoluta, adultera.

Talvez que para aqui fugisse (ou desterrassem) alguma mulher de má vida.

Tambem deram o epitheto de *Cava* á filha do conde Julião, pelos motivos que se pódem ver em fr. Bernardo de Brito, João de Barros, fr. Antonio Brandão (*Monarchia Lusitana*) e outros.

«Os grandes e publicos peccados, acabaram de encher a medida da sua condemnação, com a força feita á *Cava*, filha do conde Julião.»

(Barros, dec. 1.ª, pag. 1.)

CABAÇOS — freguezia, Beira Alta, comarca e concelho de Moimenta da Beira, 30 kilometros de Lamego, 330 ao N. de Lisboa, 130 fogos.

Em 1757 tinha 90 fogos.

Orago Santo Adrião.

Bispado de Lamego, districto administrativo de Viseu.

Situada em um alto, d'onde se vêem as villas de Fonte Arcada, Leomil, Sarzêdo e Arcozêllo.

O reitor de Sendim e o de Moimenta da Beira, apresentavam aqui alternadamente o cura, que tinha 8$000 réis de congrua e o pé d'altar.

E' terra muito saudavel e fertil em trigo, centeio, vinho e castanha.

CABAÇOS — freguezia (foi villa e couto) Minho, comarca, concelho e 10 kilometros ao S. de Ponte de Lima, 20 ao ONO. de Braga, 360 ao N. de Lisboa, 160 fogos.

Em 1757 tinha 90 fogos.

Orago S. Miguel, archanjo.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Vianna.

E' fertil.

Está situada entre o monte da Nó (a NO.) e o de S. Verissimo (a SE.) A primittiva matriz era a uns 200 metros da actual, que foi construida entre os annos 1720 e 1725. Segundo a tradição existiu n'esta freguezia a

uns 1:500 metros da matriz, ao S. d'ella, um convento de monges benedictinos, a que davam a denominação de *frades longos*, o qual foi destruido pelos arabes, em 718. Era no sitio ainda actualmente chamado Bouça Longa. Não se reconstruiu. Se é certa a existencia d'este mosteiro, d'elle não existe o minimo vestigio, apenas em 1813 ou 1814, arroteando-se a parte da tal Bouça Longa, que fica ao S., se acharam, a pouca profundidade, quatro sepulturas, divididas umas das outras apenas por grandes tijolos, muito bem conservados. Se n'este sitio se fizessem escavações em outros pontos da bouça, talvez se encontrassem mais curiosidades archeologicas.

Era antigamente da comarca de Braga, segunda parte da *visita* da Nóbrega e Neiva. E' povoação muito antiga.

O parocho (reitor) era apresentado pela camara ecclesiastica de Braga. Tinha 2$000 réis de congrua e o pé d'altar, tudo uns cem mil réis.

Tinha annexa, a freguezia de Fôjo Lobal.

Tinha um juiz ordinario e dos orphãos, escrivão, almotacé, vereador e meirinho, todos sujeitos á jurisdição da mitra de Braga.

Passa pela freguezia o ribeiro do seu nome, que tem 12 moinhos e um lagar de azeite, réga, móe e desagua no rio Nêiva.

CABAÇOS ou **RÊGO DA MURTA**—freguezia, Extremadura, comarca de Figueiró dos Vinhos, concelho de Alvaiázere, 48 kilometros de Coimbra, 155 ao N. de Lisboa, 250 fogos.

Em 1757 tinha 198 fogos.

Orago S. Pedro *ad vincula*.

Bispado de Coimbra, districto administrativo de Leiria.

Rêgo da Murta, era uma freguezia que se annexou á de Cabaços. No Rego da Murta, houve um antigo convento, fundado em tempos remotos, e que ainda existia em 1159, como consta da doação que d'elle n'esse anno fez aos templarios, D. Affonso I.

O parocho (prior) era de apresenção alternativa da mitra e do collegio da Sapiencia, dos frades cruzios de Coimbra. Tinha de rendimento 300$000 réis.

E' terra muito fertil.

Em 1757 ainda não existia a freguezia dos Cabaços.

Em 30 de novembro e em 4 de dezembro de 1810, houve aqui dois combates, entre o exercito luso-anglo e as hordas de Massena. Nenhum d'elles foi decisivo.

CABANA MAIOR—freguezia, Minho, comarca e concelho dos Arcos de Val de Vez, 35 kilometros de Braga, 395 ao N. de Lisboa, 170 fogos.

Em 1757 tinha 164 fogos.

Orago, S. Martinho, bispo.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Vianna.

Foi antigamente da comarca de Vallença do Minho. Fertil.

Situada entre montes, d'onde se vê a maior parte do termo da villa dos Arcos.

O vigario tinha de rendimento 210$000 réis. E por esta freguezia ser annexa á freguezia de S. Cosme e S. Damião, o abbade d'esta ultima apresentava, *ad nutum*, o vigario d'aqui.

Cria bastante gado, de toda a qualidade.

Na serra do Outeiro Maior, havia antigamente javalis e corças, hoje só ha caça miuda.

Passa n'esta freguezia o rio Vage ou Vagem, que rega e móe.

Festeja-se o orago no primeiro domingo de agosto.

Ha aqui uma aldeia, chamada Bouças-Donas, cujo nome tomou de uma infanta e mais *donas* que a acompanhavam, para fundarem no alto do monte um convento (o de Cabanas?) e como aqui residissem, na aldeia de Bouças, lhe ficou o sobrenome de Donas.

CABANAS ou **CABANELLAS**—freguezia, Beira Alta, comarca de Santa Comba Dão, concelho do Carregal, 18 kilometros de Viseu, 265 ao N. de Lisboa, 540 fogos.

Em 1757 tinha 513 fogos.

Orago S. Christovão.

Bispado e districto administrativo de Viseu.

Foi antigamente da comarca de Viseu, termo de Oliveira do Conde.

Era dos condes da Sortêlha, mas depois passou para a corôa.

E' situada em um alto. Os condes de Villa

Nova apresentavam o vigario, que tinha réis 300$000. Fertil.

CABANAS DE TORRES—freguezia, Extremadura, comarca e concelho de Alemquer, 60 kilometros ao N. de Lisboa, 80 fogos.

Em 1757 tinha 58 fogos.

Orago S. Gregorio, papa.

Patriarchado e districto administrativo de Lisboa.

Era da casa das rainhas.

Situada em um alto, d'onde se vêem os termos de Alcoentre, Santarem, Azambuja, Castanheira, Arruda, Sobral, Mafra, Cintra, Aldeia Gallega, Villa Verde e parte do termo de Lisboa.

O prior de Nossa Senhora das Virtudes, da Ventosa, apresentava aqui o cura, que tinha um moio de trigo, 51 almudes de vinho e o pé d'altar.

E' tradição que o logar da Torre e o de Cabanas do Chão, foram fundados no seculo XIII, quando uma peste terrivel assolou Torres Novas e Villa Verde dos Francos, obrigando os povos d'estas terras a fugirem para outras mais saudaveis, levando á sua frente o seu bispo ou parocho, e caindo a cada passo, pelo caminho, pessoas atacadas da terrivel epidemia de que fugiam.

Chegaram ao sitio de Monte Junto, chamado Monte Santo, e alli o prelado (que, segundo a mesma tradição, era da familia Gorjão) mandou fazer um tosco altar de pedras soltas, no qual collocaram a imagem de S. Roque, e alli celebrou missa, pedindo todos a Deus e áquelle santo, que os livrasse do flagello da peste. Suas préces foram ouvidas, e durante tres dias e tres noites não morreu mais ninguem da peste.

O bispo mandou alli construir cabanas para abrigo do povo em quanto não podesse regressar a suas casas.

O povo de Torres Vedras assentou n'este sitio o seu arraial, e o resto agrupou-se no logar de Cabanas do Chão e Abrigada (então chamada Amieiro).

Construiu-se uma pequena capella dedicada a S. Roque, que o tempo destruiu, sendo a imagem depois levada para a Abrigada.

Muitos d'estes emigrados preferiram viver aqui, a regressar ás suas terras, e com o tempo erigiram uma egreja e se constituiram em freguezia.

No logar da Paula, ha uma capella dedicada a Nossa Senhora do Ó. A de S. Roque era no meio da charneca, em frente d'esta aldeia.

Quanto ao convento de S. Domingos, vide Monte Junto.

Nasce debaixo da egreja uma fonte, por isso chamada de S. Gregorio, que é muito abundante de aguas no verão, e sécca no inverno. Attribuem-se-lhe muitas qualidades milagrosas, para cura de varias doenças.

Esta freguezia está encostada á serra de Monte Junto, da qual nasce o rio Arneiro, no sitio chamado Valle do Arnal.

CABANEIRO—Homem ou mulher de trabalho, que viviam de per si e sem familia. Pagavam annualmente, de *fôro cabaneiro*, um capão ou gallinha, 10 ovos e um alqueire de trigo.

Na Terra da Feira dá-se o nome de *cabaneiro* ao pequeno lavrador, que não tem bois nem carro.

CABANELLAS—freguezia, Traz-os-Montes, comarca e concelho de Mirandella, 84 kilometros ao NO. de Miranda, 420 ao N. de Lisboa, 80 fogos.

Em 1757 tinha 46 fogos.

Orago S. Sebastião.

Bispado e districto administrativo de Bragança.

Foi antigamente da comarca da Torre de Moncorvo.

Foi dos marquezes de Tavora até 1759, e desde então passou para a corôa.

Cabanellas, no portuguez antigo, significa *cabaninhas*. Os nossos passados formavam o diminutivo de algumas palavras em *êllo* e *ella* (aquelle masculino e este feminino.) Vgr. côvo, covêllo; souto, soutêllo; côtto, cotêllo; etc. Arada, aradella; parada, paradella; côva, covella; vergada, vergadella; etc. Tambem tinham os diminutivos *ó ô ól* e *óla*. Vgr. Paiva, Paivó; bouça bouçó; mosteiro, mosteirô, ou mosteirô; Travasso, Travassô; eira, eiról; egreja, egrejola ou egrejó; etc., etc.

Situada em campina, d'onde se vê a villa da Torre de Dona Chama, Lama-Longa, Vil-

larinho de Agro Chão, Cellas, Murços, Soutêllo, Bocozende, Edroso, Melez, Mascarenhas, Villar do Monte, Grijó, Bornes, Burgá, Caravellas, Villa Verde, Valle de Govinhas, S. Pedro Velho, Valle das Fontes, Ervedosa, Villar-Tão e Bouças.

A egreja está fóra do logar, ao S., em um prado do concelho.

O reitor de Mascarenhas apresentava aqui o cura, que tinha 14$500 réis em dinheiro, 12 almudes de vinho e um moio de pão.

É terra fertil.

Aqui nasceu o célebre capitão de cavallaria Antonio Gomes da Costa, um dos homens mais valorosos do seu tempo e de forças herculeas. Morreu pelos annos de 1720.

Esta freguezia fica entre os rios Rabaçal e Tuella.

CABANELLAS—freguezia, Minho, concelho do Prado, comarca e 6 kilometros ao N. de Braga, 360 ao N. de Lisboa. 180 fogos.

Em 1757 tinha 141 fogos.

Orago Santa Eulalia.

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

Foi antigamente da comarca de Vianna.

Os marquezes de Minas apresentavam o abbade, que tinha de renda 800$000 réis.

No *Portugal Sacro e Profano*, diz-se que o seu rendimento era de 2:400 alqueires de pão. É terra muito fertil.

Passa pela freguezia o rio Cávado, que rega e moe. Traz lampreias e outros peixes.

Foi do real padroado e depois passou para os condes do Prado.

Passa tambem aqui o pequeno rio Purisso, que desagua no Cávado.

Ha mais em Portugal 11 aldeias d'este nome.

A mesma etymologia.

CABANÕES—aldeia, Douro, freguezia, comarca e concelho de Ovar, 276 kilometros ao N. de Lisboa.

É aqui a 34.ª estação do caminho de ferro do Norte, chamada vulgarmente Estação de Ovar.

Dizem alguns escriptores (e é muito possivel) que Cabanões foi a primeira povoação de Ovar, isto é, que a villa teve principio n'esta aldeia.

A capella de S. João, de Cabanões, parece que foi a primittiva egreja matriz da actual freguezia de Ovar. Junto á capella ainda existe uma grande sepultura de granito, com sua tampa, que, segundo a tradição, é do primeiro parocho da antiga freguezia de Cabanões. Não tem inscripção nem ornatos e é muito tosca.

Cabanões era terra de pescadores, e composta (no seu principio) apenas de *cabanas* de palha, d'onde lhe veiu o nome.

É povoação muito antiga.

Em 1254 era donataria de Cabanões a illustre sr.ª D. Orraca Fernandes, da quinta de Moz, junto a Berteande, que deu parte das rendas d'aqui ao mosteiro de Tarouca. (Vide Casar e Ovar.)

CABEÇA BOA—freguezia, Traz-os-Montes, comarca e concelho de Moncorvo, 150 kilometros a NE. de Braga, 378 ao N. de Lisboa, 90 fogos.

Em 1757 tinha 73 fogos.

Orago S. Braz.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Bragança.

Situada em um monte summamente aspero e fragoso, d'onde se vê a Torre de Moncorvo, Cabeça de Mouro, Junqueira, Urrôs e Estevaes.

O reitor da Torre de Moncorvo apresentava aqui o vigario *ad nutum*, que tinha por tudo, 50$000 réis.

É terra fertil.

Passa pela freguezia o rio Douro.

Muita caça no monte da Fraga.

CABEÇA DA EGREJA—freguezia, Traz-os-Montes, comarca e concelho de Vinhaes, 455 kilometros ao N. de Lisboa, 50 fogos.

Em 1757 tinha 30 fogos.

Orago S. Bartholomeu, apostolo.

Bispado e districto administrativo de Bragança.

Foi antigamente da comarca de Miranda, d'onde dista 84 kilometros.

Eram seus donatarios os condes de Athouguia.

Situada em um outeiro, d'onde se vêem as aldeias de Nuzendo Trespassante e Rebalhe.

O reitor de Tiozello apresentava o cura

d'aqui, que tinha 34 alqueires de trigo, 30 de centeio e 9$500 réis em dinheiro.

O *Portugal Sacro e Profano* diz que tinha 12$000 réis de congrua e o pé de altar.

É fertil. Grande abundancia de castanha.

CABEÇA DE LORÍGA—freguezia, Beira Baixa, comarca de Gouveia, foi até 1855 do concelho de Loriga e hoje é do concelho de Ceia, 84 kilometros ao NE. de Coimbra, 264 ao NE. de Lisboa, 60 fogos.

Esta freguezia está ha muitos annos annexa á de Loriga.

CABEÇA DE MOURO—freguezia, Traz-os-Montes, comarca e concelho de Moncorvo, 138 kilometros ao NE. de Braga, 378 ao N. de Lisboa, 60 fogos.

Já em 1757 tinha 90 fogos.

Orago Nossa Senhora das Neves.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Bragança.

Fica a 12 kilometros ao O. da Torre de Moncorvo, e 6 a E. de Villarinho da Castanheira.

A egreja era commenda da Torre de Moncorvo.

Situada em um alto, d'onde se vê, a Torre de Moncorvo, Perêdo, Felgar, Urrôs, Larinho, Estevaes, Gouveia e Alfandega da Fé.

O reitor apresentava, primeiro o reitor da Torre de Moncorvo, depois o cabido de Braga. Tinha de renda, paga pela commenda, 40 alqueires de trigo, 10$700 réis em dinheiro, mais 2 alqueires de trigo, 2 almudes de vinho e 6 arrateis de céra lavrada, para as missas, e o pé de altar.

É terra muito aspera e fragosa.

Produz algum centeio, vinho e azeite. Do mais quasi nada.

Tinha juiz do povo, com 4 *homens do regimento*, eleitos pelo juiz de fóra e camara da Torre de Moncorvo.

Diz-se que um mouro, a instancias de um christão, encantara as viboras d'estes sitios, para que não tivessem veneno, e que depois o christão, junto á fonte da aldeia, lhe cortou a cabeça para que as não desencantasse.

Diz o padre Cardoso, que effectivamente as viboras d'aqui não teem veneno. (!)

É tradição que d'este facto (da cortadella da cabeça do mouro) é que a freguezia tomou o nome que tem.

É aqui a serra tambem chamada Cabeça de Mouro, que tem 14 kilometros de comprido e 6 de largo. É muito alta. Tem muitos azinhos, arvoredos e matta. Ha aqui, e ha mais de 120 annos, grande numero de amoreiras, para sustento do bicho da séda.

É cultivada em algumas partes e produz bom vinho e centeio.

Os menos crendeiros em historias da carochinha, julgam que esta serra se chamava antigamente Cabeço de Mouro, e que foi a que deu o nome á freguezia, degenerando *cabeço* em *cabeça*. É mais provavel.

CABEÇA DE S. ROMÃO—(Vide S. Romão.

CABEÇA SANTA—freguezia, Douro, comarca e concelho de Penafiel, 36 kilometros ao NE. do Porto, 335 ao N. de Lisboa, 200 fogos.

Em 1757 tinha 152 fogos.

Orago O. Salvador.

Bispado e districto administrativo do Porto.

É terra fertil.

O convento de Santo Eloy, do Porto, apresentava o cura, que tinha 60$000 réis de rendimento e o pé de altar.

CABEÇAES—pequena villa, Douro, freguezia de Fermêdo, comarca, concelho e 24 kilometros ao O. de Arouca, 10 ao SO. do rio Douro, 30 ao SE do Porto, 12 ao ENE. da Feira, 12 a NE. de Oliveira de Azemeis, 65 ao NO. de Vizeu, 280 ao N. de Lisboa.

Na villa 50 fogos, na freguezia 280.

Foi por muitos seculos a capital do concelho de Fermedo, que foi supprimido, no tempo da regencia do sr. D. Fernando, por decreto de 24 de outubro de 1855.

Antigamente chamava-se a esta villa, *Fermedo* (e ainda nos nossos dias, em papeis publicos se lhe davam indistinctamente os dois nomes, *Cabeçaes* ou *Fermedo*.)

Foi antigamente da comarca da Feira, e esta freguezia é a ultima (a E.) das Terras de Santa Maria.

É povoação antiquissima, e a dar credito á inscripção romana que está em uma pedra, na parede exterior da capella-mór da

egreja, datada da era 28 de Cesar, se chamava então *Aviobriga.*

Devo declarar que não vi em auctor nenhum dar similhante nome a Fermêdo; mas é certissimo que consta da tal inscripção, que eu muitas vezes li, aberta em uma lapide de marmore durissimo (que veiu de muito longe, pois por estes sitios não ha similhante pedra) e em partes apagada pelo tempo.

Aviobriga é incontestavelmente nome proprio celta de povoação; e é certissimo ser esta freguezia habitada pelos celtas, muitos seculos antes da vinda de Jesus Christo, o que attestam varias *mâmoas* que se vêem (ainda que já todas arrombadas pelos buscadores de *thesouros encantados*) no monte do *Curuto*, onde em alguns rochedos se distinguem ainda inscripções em caracteres completamente ininteligiveis.

Ha tambem um *dolmen* na mesma serra, mais ao NE. das *mâmoas*, fóra outros que por alli haverá, sem que os eu tenha visto.

Ainda mais ao NE., onde já lhe dão o nome de Serra do Borralhoso, é onde existem *staurotidos* em grande quantidade. (Vide Borralhoso.

Foi tambem esta terra habitada pelos romanos, o que prova os nomes latinos que ainda conservam alguns logares, vgr. *Paramô* (que é manifestamente corrupção de *Paramus; Roda* (que é corrupção da palavra persa, adoptada pelos romanos e arabes, *Rhoda*, que significa jardim) etc., etc.

Quando os povos do Norte invadiram a Lusitania, um senhor godo povoou ou dominou esta freguezia e lhe deu o seu nome, que era *Pharamundo.* Nos primeiros seculos da nossa monarchia, já esta palavra se tinha corrompido em *Fermudo* (que é como então a vejo escripta) e, finalmente, ha muitos seculos que se chama Fermêdo.

D. Affonso III, a fez villa e lhe deu foral, em 1275.

Tem uma sentença sobre o foral antigo, dada em Fermêdo, a 22 de novembro de 1490, a qual se póde ver no archivo da Torre do Tombo, maço 6 dos foraes velhos, n.º 1; e no mesmo maço e n.º estão os apontamentos para o foral novo, que explicam muita cousa antiga.

D. Manuel lhe deu novo foral, em Lisboa, a 27 de setembro de 1514 (vide liv. dos foraes novos, da Beira, folha 64, columna 1.ª)

Eram donatarios d'esta freguezia os condes da Feira (cujas armas ainda se vêem na capella de Santo Antonio, d'esta villa.) Depois, passou no seculo 16 para a casa dos duques d'Aveiro, e d'esta, por troca, para a casa dos Peixotos, do Porto. Tinham aqui grandes rendas e direitos dominicaes, que lhe rendiam um conto de réis por anno (e se fossem bem administradas, podiam render mais de quatro mil cruzados.) O ultimo representante da familia dos Peixotos, é o sr. Antonio Peixoto Pereira Padilha, que vendeu isto tudo, e já alli não tem absolutamente nada.

A casa do infantado; as freiras d'Arouca; de S. Bento, Santa Clara e Monchique, do Porto; os Figueirôas (hoje condes de Rézende) os Cardosos do Porto, os Bacellares e os Mourões-Guedes, de Penafiel; os Albergarias do Buraco (vide Buraco) os condes d'Avintes (hoje marquezes do Lavradio) etc. etc. ainda aqui teem muitos fóros, rendas, dominios, e luctuosas: o que faz a terra mais pobre do que podia ser.

Parte d'esta freguezia era couto (ou honra) dos Peixotos, e tinha pelourinho e casa da camara, na extremidade da villa, ao NE. o resto, com a freguezia de S. Miguel do Matto e parte das de Escariz, Romariz, Valle e Louredo, formava o concelho de Fermêdo antes de 1834. Depois formou-se um concelho maior (de 1:800 fogos) com as freguezias de Fermêdo; Mançores; Escariz; Matto; Romariz e duas egrejas annexa; Valle e Louredo.

Este foi o concelho que se supprimiu.

N'esta villa havia uma forca de pedra e cal, que foi demolida em 1845 (por um particular, para fazer paredes!...) e ao sitio em que ella estava, ainda se lhe chama Chão-da Forca.

Em quanto foi séde concelho, esta villa prosperava a olhos vistos, e bastantes casas (algumas bôas) se iam fazendo. Depois da ex-

tinção do concelho *para commodidade do povo* (!!!) deu em total decadencia; acabando de completar a sua desgraça o abandono da estrada do Porto a Viseu, que passava pelo meio da villa, e que hoje quasi ninguem segue, preferindo dar uma volta de 40 kilometros, e irem por o caminho de ferro até á Mealhada!

Esta estrada, (a antiga) que era vantajosissima para parte da Beira-Alta, e grande parte da Beira-Baixa, aproveitando a muitissimas freguezias populosas e muito productivas da provincia do Douro, não ficava muito cara ao Estado; pois só havia a fazer uns 50 kilometros de estrada —isto é—entre os Carvalhos e S. Pedro do Sul; porque dos Carvalhos ao Porto, e de S. Pedro do Sul a Viseu, já está feita.

Mas é que em Portugal não fazem estradas senão aonde e por onde determine n as inflencias de campanario.

É escandaloso ver terras insignificatissimas com bôas e quasi inuteis estradas e n'outras, em que ellas são urgentissimas, não haver nada!

Oliveira d'Azemeis é uma villa de muita vida, muito commercio e muito florescente, e não precisa das esmolas do thesouro. Pois o campanario arranjou para alli 9 contos de rs. para reparos da egreja matriz (!!!) que o povo tinha obrigação de concertar; não sei se 800$000 réis se um conto de réis para o cemiterio, e, como viam que a cousa lhe sahia como elles queriam, até pretenderam que o thesouro lhes desse dinheiro para a conclusão do seu theatro!...

Isto além de uma verdadeira rêde de estradas que teem para toda a parte!

Não devo esquecer que, o campanario, contra todas as regras da arte da economia e do bom gosto, e até contra a utilidade da villa, obrigou os engenheiros (contra a opinião de todos) a metterem a estrada por um bêco torto e estreitissimo uma verdadeira alfurja, uma betesga, que lá está tolhendo o desenvolvimento da villa, e incommodando os passageiros; pois em sitios não cabem dous carros a pár!

Ha em Cabeçaes uma optima feira em todos os dias 13 de cada mez.

Os moradores d'esta freguezia tinham privilegio de infanções, por ser Terra de Santa Maria.

Para tudo o mais vide Fermêdo.

CABEÇÃO — villa, Alemtejo, comarca de Arrayolos, concelho de Móra, 40 kilometros ao NO. d'Evora, 15 ao O. d'Aviz, 18 ao SO. das Galvêias, e 6 ao NO. de Pavia, 120 ao E. de Lisboa, 220 fogos.

Arcebispado e districto administrativo de Evora.

Orago Nossa Senhora da Purificação.

Em 1757 tinha 254 fogos.

Foi antigamente da comarca d'Aviz, tem Misericordia e Hospital.

Era da corôa.

Situada em uma elevação e banhada pelos ribeiros Aviz, e Téra.

D'ella se avistam o castello d'Estremôz e as villas d'Evoramonte, Arrayolos e Pavia.

Teve antigamente termo seu, com 6 kilometros de comprido, d'E. a O. e 3 de largo, de N. a S., com 30 fogos, repartidos por herdades e sesmarias.

A matriz está a um lado da villa, em um cabêço, ao S.

O rei, como governador da Ordem d'Aviz, apresentava o prior, que tinha dois e meio moios de trigo, 2 de cevada e mais 34 alqueires de trigo da thesouraria, 2 arrobas de cêra, 21 almudes de vinho e 22$000 réis, ao todo rendia 250$000 réis.

Tinha uma albergaria, administrada pela Misericordia, que foi fundada com esmolas d'este povo; e, para a concluirem, pediram os moradores mercê de Phillippe II, para lhe dar os privilegios, e lh'os deu em 1597, fazendo-se d'isso escriptura, que está no cartorio da egreja.

Esta albergaria supponho que é o actual hospital da Misericordia da villa.

Produz esta terra muito e excellente vinho; do mais medeania.

Tinha dois juizes ordinarios, 3 vereadores, um procurador do concelho, 2 almotacés, cada 3 mezes. Capitão-mór, sargento-mór, tenente e alferes, de ordenanças.

Era commenda d'Aviz.

A villa principiou d'este modo.

Pelos annos de 1200, os mestres da Ordem

d'Aviz, fizeram aqui uma grande quinta. Em redor d'ella (como era costume n'aquelle tempo) se foram reunindo moradores, muitos d'elles mandados para alli pelos cavalleiros. Foi-se a povoação augmentando, e para seu maior incremento, lhe deu foral, com grandes privilegios, D. João I, em 1395. D. Sebastião a elevou á cathegoria de villa em 1578, dando-lhe foral.

Nem do foral dado por D. João I, nem do que depois lhe deu D. Sebastião, falla Franklim na sua obra.

Ha na freguezia um pinhal, que antigamente era do povo, que o deu á corôa, com a condicção de poderem os moradores da villa ir a elle buscar toda a madeira preciza para construcções de casas, na villa. O ouvidor da comarca d'Aviz, era guarda-mór d'este pinhal, e tinha aqui um vigia ou guarda-menor.

Pela freguezia passa o rio Bembelide, que réga e móe.

É terra fertil. Junto á villa ha uma extensa varzea, muito productiva, por ser regada pelos ribeiros Aviz, e Téra.

Foi seu alcaide-mór D. Luiz de Alencastre, depois, os condes de Villa-Nova de Portimão.

Parece que esta circumstancia indica que teve castello; mas não o vejo mencionado em parte nenhuma.

CABECEIRAS DE BASTO — villa, Minho, comarca de Celorico de Basto, 48 kilometros a NE. de Braga, 378 ao N. de Lisboa, 260 fogos, no concelho 3:300 fogos.

Em 1757 tinha 110 fogos, na freguezia.

Orago S. Nicolau e Santa Marinha.

Arcecispado e districto administrativo de Braga.

Era da comarca de Guimarães antigamente.

E' situada nas margens do Tâmega, e terra fertil.

Cabeceiras e Celorico, formavam antigamente um só concelho, com o nome de Terras de Basto.

D. Manuel lhe deu foral, em Lisboa, a 5 de outubro de 1514. (Este foral serve tambem para Lapella e Mação.) Livro dos foraes novos do Minho, fl. 60, v., col. 1.ª

Tem um fertilissimo valle, de mais de 18 kilometros de comprido, e 6 a 8 de largo, situado entre duas montanhas. Produz muitos cereaes, azeite, vinho, castanha, etc., etc. Cria-se aqui muito gado de toda a qualidade, e seus montes são abundantes de caça.

Esta freguezia é a mesma que está em Basto (S. Nicolau) a primeira descripta. Vide pois no logar competente, para tirar qualquer duvida. Em Basto descrevi a freguezia e aqui a villa.

Julgo que antigamente houve duas freguezias de Cabeceiras de Basto, sendo orágo de uma S. Nicolau e de outra Santa Marinha.

O que me convence d'isto, é que a freguezia de S. Nicolau era apresentada pelos arcebispos de Braga (como já disse na freguezia de Basto, S. Nicolau) e rendia 360$000 réis e a de Santa Marinha era apresentada por os Pereiras, da Taipa, e depois por D. Gastão José da Camara Coutinho e seus herdeiros. Diz-se que estes Pereiras e Coutinhos descendiam de D. Guêda, de que adiante se trata. Era abbade e tinha de rendimento 150$000 réis.

Esta freguezia é que, em 1757, tinha 110 fogos.

E' mais antiga do que a de S. Nicolau, pois a de Santa Marinha vem descripta no *Portugal Sacro e Profano* e aquella não.

Mem Gomes, musarabe, de Toledo, que veio a este reino com o conde D. Henrique, foi senhor de Barroso e Aguiar da Pena (Villa Pouca de Aguiar). Foi sua filha, D. Guêda Velho. Seus descendentes se appellidaram Barrosos, Aguiares, Bastos e Mascarenhas, cujos troncos procedem dos gôdos.

O solar dos Guêdos (hoje Guedes, que quer dizer, descendentes de Guêdo) é em Norwega e diz-se que é anterior a Jesus Christo.

Ha aqui a casa solar dos Pereiras Marramaques, chamada Taipa.

Tem este concelho 17 freguezias, que são: Abbadim, Alvite, Arco, Basto, Buccos, Cabeceiras, Cavéz, Faia, Gondiães e Samão, Outeiro, Painzella, Paços, Pedraça, Refoyos, Rio-Douro, Villa Nuno (ou Villa Nume) e Villar.

N'este concelho nasce o rio Béça, que en-

tra no Tamega, em frente do logar d'Aivãos.

CABEÇO DE REI—sitio no Alemtejo, proximo a Campo de Ourique, onde Ismar (Ismario ou Ismael) com vinte chefes, sendo cinco d'elles reis, e o seu grande exercito, acamparam, no dia 24 de julho de 1139, esperando o exercito portuguez commandado por D. Affonso Henriques. (Vide Ourique e Campo de Ourique.)

CABEÇO DE SOBREIRO ou de **SOVEREIRO**—serra, Douro, proximo da margem esquerda do Douro, 24 kilometros ao SE. do Porto, 318 ao N. de Lisboa.

Produz apenas carqueija (que toda vae para o Porto) urze e matto. Traz alguma caça e, no inverno, lobos.

Pertence ás freguezias de Fermêdo, S. Miguel do Matto, Valle, Canêdo e Lomba.

E' notavel por no seu cume ter um marco chamado *Marco dos quatro concelhos*, que marca a divisão dos concelhos de Gondomar, Paiva, Feira e Arouca. E' o ponto extremo (a ENE.) das Terras de Santa Maria.

D'esta serra se vê o Porto, a sua foz e grande extensão do Occeano Atlantico, muitas freguezias dos arrabaldes do Porto, o rio Douro e muitas povoações e serras de ambas as margens d'este rio.

Na maior parte é muito boa terra e com varias nascentes de agua, pelo que é susceptivel de cultura, e certamente não estaria improductiva se os nossos governos cuidassem mais nos interesses do paiz.

CABEÇO DE VIDE (alguns antigos tambem lhe chamavam *Cabeça de Vide*)—villa, Alemtejo, concelho de Alter do Chão, comarca da Fronteira, 30 kilometros a NE. de Aviz, 20 ao O. de Portalegre, 6 ao SE. de Alter Pedroso, 36 de Evora, 160 ao E. de Lisboa, 370 fogos, 1:300 almas.

Em 1757 tinha 200 fogos.

Orago Nossa Senhora da Annunciação, vulgarmente Nossa Senhora das Candeias.

Bispado de Elvas, districto administrativo de Portalegre.

Situada sobre a ladeira de uma eminencia; tinha muros e castello, em sitio forte e alcantilado: tudo está destruido.

Era do mestrado e commenda de Aviz.

Segundo a tradição, a sua primeira fundação foi no sitio onde hoje se chama Pombal, em uma baixa proximo da villa. Quando a povoação era no sitio primittivo, foi invadida por um grande exercito de mouros, que, depois de rija batalha, mataram muitos christãos, isto pelos annos de 1090.

A povoação em uma baixa estava mais exposta ás correrias dos mouros, e a grande quantidade de corpos mortos que alli ficaram da batalha, tornou de mais a mais o sitio muito doentio; pelo que a gente que escapou e os povos visinhos foram fundar nova povoação no alto. Logo que aqui se estabeleceram, sararam os que estavam doentes, e por isso pozeram á povoação o nome de Cabeço da Vida.

Segundo outra versão, o seu nome provém de uma grande vide que havia no alto do cabeço. (E' muito provavel que esta seja a verdadeira origem do seu nome, em vista das armas da villa.)

D. Manuel lhe deu foral, em Lisboa, no 1.° de julho de 1512.

Tem um rocio, que é dos mais lindos das villas da provincia.

Tinha voto em côrtes, com assento no banco 13.°

O concelho é atravessado pelos rios Villa, Vide e Vidigão, que fazem a terra muito fertil.

D'esta villa se descobre Portalegre, Alter Pedroso, Sêda, Aviz, Souzel, Arrayolos, Evora Monte, Extremoz, Veiros, Fronteira e muitos montes e desertos.

A egreja matriz está dentro da villa.

A Mesa da Consciencia e Ordens é que apresentava aqui o prior e tres beneficiados. O prior tinha 3 moios de trigo, 2 de cevada, 20$000 réis e todas as offertas da egreja por inteiro. Cada beneficiado tinha 2 moios de trigo, 90 alqueires de cevada e 10$000 réis em dinheiro. Todos elles tinham obrigação de curar a freguezia, ás semanas, e o prior, nos domingos e dias santificados.

Ha n'esta villa dois hospitaes, um da Misericordia, pela qual é regido e administrado, e outro junto á egreja do Espirito Santo, governado pela irmandade da egreja do mesmo titulo (Espirito Santo). Este tinha muitos privilegios. Consta que esta egreja

do Espirito Santo é das mais antigas egrejas da provincia, e que já existia muito antes da villa ser do mestrado de Aviz. Parece que isto consta do archivo da irmandade.

A Misericordia e o seu hospital é do tempo da creação dos outras do reino, isto é —do seculo XVI.

Tinha no antigo regimen, juiz de fóra, posto pelo rei, com seus vereadores e procuradores do concelho.

Qualquer que seja a data da fundação d'esta villa, tem ella, pelo menos, 780 annos de existencia, no sitio actual. A povoação primitiva era antiquissima.

Foi antigamente murada; mas os castelhanos arrazaram as suas fortificações, em 1710, e apenas restam algumas ruinas.

O sitio em que está fundada a villa tem grande declive para todos os lados.

Tem uma boa feira no domingo do Espirito Santo, que dura 3 dias.

Dentro e fóra da villa ha varias fontes, sendo a mais notavel a do *Borbolegão*, de aguas mineraes.

As suas armas são — um castello com 3 torres, cercado por uma *vide*, ou por duas *vides*, uma de cada lado.

—

Tem optimo estabelecimento de banhos de aguas mineraes (sulphuricas e alcalinas) as quaes foram descobertas em 1820.

O edificio dos banhos foi muito melhorado pelo sr. D. Pedro V, em 1858.

Estas aguas, applicadas em banhos, curam varias molestias cutaneas e outros padecimentos, e tomadas internamente, curam os padecimentos do estomago, bexiga e outros.

São tão efficazes como as de *Vichy*.

Estas aguas exportam-se em grande quantidade para Lisboa e outras muitas terras do reino.

Foram analysadas na Exposição Universal de Paris em 1867. A sua temperatura é de 25°5 centigrados. As amostras que foram para França, eram extrahidas de dois mananciaes, dos quaes um fornece agua para banhos e o outro para uso interno.

A agua, applicada externamente, contém por kilogramma, 0gr.3225 de principios fixos; são — chlorêtos alcalinos, carbonatos de magnesia, de cal, de soda; silica, etc. Tratada pela dissolução graduada, do iodo, dá resultados que fazem acreditar que ella contém por kilogramma 0gr.00693 de acido sulphydrico.

O manancial cuja agua se applica externamente, tem as mesmas propriedades e a mesma composição que a precedente, mas apresenta uma mineralisação mais fraca. Um kilogramma d'agua apenas contém de principios salinos 0gr.230.

—

Rebentam em um sitio alcantilado, proximo á villa, e depoem nos sitios por onde passam um precipitado côr de enxofre.

As aguas são limpidas, sem cheiro, e com sabor muito pouco pronunciado das aguas sulphurosas, apresentando uma reacção levemente alcalina. Sua temperatura é de 25° 5 centigrados.

—

Dista 10 kilometros da linha ferrea de Leste e das estações de Portalegre e Crato.

CABEÇUDO — freguezia, Beira-Baixa, comarca e concelho da Certan, 66 kilometros ao N. do Crato, 190 ao E. de Lisboa, 200 fogos. Em 1757 tinha 162 fogos.

Orago o Santissimo Sacramento.

Grão priorado do Crato (patriarchado) districto administrativo de Castello Branco.

O parocho era apresentado pelo grão prior por ser esta freguezia do seu districto (isento). Tinha de rendimento uns 150$000 réis ao todo. É terra fertil.

CABEÇUDOS — freguezia, Minho, comarca e concelho de Villa Nova de Famalicão, 18 kilometros ao O. de Braga, 345 ao N. de Lisboa, 130 fogos.

Em 1757 tinha 29 fogos.

Orago S. Christovão.

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

Era antigamente da comarca e termo de Barcellos, visita do arcediagado de Vermuim e Faria.

Era da casa de Bragança e seus habitantes tinham os grandes privilegios de seus caseiros.

Situada em um bonito valle, proximo de Villa Nova de Famalicão.

O abbade tinha de renda 450$000 réis; era apresentado (por concurso synodal) pelo ordinario.

É falta de agua de fontes, mas tem muitos póços.

Passa por ella um ribeiro, que se mette no rio de *Pelle*, que tambem aqui passa. Ambos regam e móem.

CABEDA—aldeia, Traz-os-Montes, freguezia de Villar de Maçada, comarca de Villa Real.

Ha aqui as ruinas de um grande palacio, com muitas e grandes salas e muitas janellas de varios feitios, que mostram muita antiguidade.

Foi dos *Dragos*. Tinha o privilegio de se não poder prender n'elle quem alli se acoitasse, sem provisão regia. Isto é—tinha o privilegio de *couto de homisiados*. (Vide Homisio.)

CABEDÊLLO—lingua ou zona de areia na barra do Douro, do lado do S.

Entre a ponta septentrional do *Cabedêllo* e o castello da Foz (na margem opposta) medeiam apenas uns 30 a 40 metros, que é a largura do Douro na sua embocadura, o que, e os muitos penedos que obstruem o rio, tornam a sua navegação muito perigosa.

Se Portugal tivesse governos que olhassem com seriedade para as coisas mais instantes e necessarios, ha muitos annos que a barra do Porto teria consideravelmente melhorado, o que augmentaria a prosperidade do commercio d'aquella florescentissima cidade, digna de mais sollicitude dos governos de Lisboa.

Mesmo na ponta do Cabedêllo construiram os realistas, em fevereiro de 1833, uma bateria, a tiro de pistola das baterias do castello da Foz. Só portuguezes eram capazes de fazer e sustentar em tal sitio uma bateria, e de mais a mais de areia!

Os liberaes fizeram uma sortida, em 10 de abril de 1833, sobre o Cabedêllo, com o fim de destruirem esta fragil bateria; mas foram repellidos.

Esta obra fechava completamente a barra do Porto. (Vide *Hist. de Port.*)

CABO CARVOEIRO—Extremadura, proximo á praça de Peniche e das Berlengas. 65 kilometros ao O. de Lisboa. Está em 39.° e 21' de latitude N., e 1.° longitude occidental. E' posto semaphorico.

Tem estação telegraphica de primeira ordem, ou do Estado, por decreto de 17 abril de 1869.

É o Promontorio da Lua, dos antigos, segundo uns, mas segundo auctores mais dignos de fé o Promontorio Lunario é o Cabo da Roca. (Vide esta palavra.) É um rochedo de mediana altura.

CABO DO ESPICHEL—Extremadura, ao S. da foz do Tejo, e proximo á foz do Sádo. Em 38.° e 34' de latitude, N. e 48' de longitude occidental. É posto semaphorico.

Os antigos lhe chamavam Promontorio Barbarico. (Vide Arrabida.)

CABO MONDEGO—Douro, proximo, e ao N. da foz do Mondego, junto á villa de Buarcos.

Está 40.° e 12' de latitude. N., e 29' de longitude, occidental.

É o Munda dos antigos.

—

Grandes minas de carvão fossil (jurassico) da nação, que são exploradas por uma companhia de Lisboa, da qual é chefe o sr. Jorge Croft (hoje visconde da Graça.)

O carvão que aqui se extrahe, tem sido expererimentado nos gazometros e é de tão boa qualidade como o melhor carvão mineral inglez.

A principal extracção do carvão da actualmente, é no pôço *Lodi*, no alto das Fontainhas, o qual já tem 200 metros de profundidade.

Anda por 90 os opeparios (incluindo os das galerias de serviço) que aqui já se empregam, extrahindo-se ordinariamente de 7 a 10 toneladas de carvão por dia.

Todo tem prompto consumo, e não chega para satisfazer ás encommendas.

A mesma empreza construiu uma grande e magnifica fabrica de vidros, cujo motor é o vapor, no qne se emprega o carvão d'estas minas. Principiou a produzir vidro crystal em agosto de 1872. Está estabelecida mesmo no Cabo Mondego. É mais um elemento de prosperidade para estes sitios.

Com o carvão mais ordinario d'esta mina se cosem 17:000 tijolos e 11:000 telhas por semana; empregando-se nesta industria 74 pessoas.

Junto á mina trabalha um forno de cal, que emprega 76 operarios e carreiros. De módo que esta empresa (que se póde dizer nascente, pois apenas conta uns quatro annos de existencia) já emprega 240 pessoas. Os actuaes empresarios tencionam dar a estas industrias o maximo desenvolvimento. (Vide Buarcos.)

CABO DA ROCA—Extremadura, 30 kilometros a O.N.O. de Lisboa, proximo, ao N. da foz do Tejo, formado pelo prolongamento da Serra de Cintra. É a ponta mais occidental do continente europeu. Tem um pharol

Os romanos lhe chamavam Promontorio Magno, Olisiponense, Artabro, Cynthio ou da Lua.

Está em 38.° e 46' de latitude, N., e 1.° e 5' de longitude occidental.

Segundo a opinião de auctores antigos dignos de fé, já em eras remotissimas se chamava Promontorio da Lua ou Cynthia, sob cujo nome os primeiros habitantes da Lusitania adoravam aquelle planeta. Segundo elles, de Cynthia se deriva a palavra Cintra. (Vide Cintra.) Plinio diz que este cabo se estendia pelo Oceano, por espaço de 60 milhas. (Vide Cintra, e Cintra serra.)

CABO RUIVO—bonito sitio sobre a margem direita do Tejo, na freguezia dos Olivaes. Consta de varias quintas e vastos armazens, sendo os principaes os do sr. visconde de Abrigada, que eram antigamente do sr. Bessone. 8 kilometros ao N. E. de Lisboa, Extremadura.

CABO DE SANTA MARIA—Algarve, em uma ilhota d'areia, defronte de Faro, aqual tem 1:500 metros na sua maior extensão. É posto semaphorico.

Está em 36.° 55' de latitude N., e 38' de longitude oriental.

É o Cúneus dos antigos. Um pequeno braço de mar, separa esta ilhota da terra firme. A este braço de mar se chama e Barrêta.

Chamam tambem a este cabo, os d'alli, Cam po da Cunha. (Talvez corrupção de Cúneus. É formado pela extremidade meridional de uma ilha d'areia muito raza, chamada ilha dos Cães.)

Este cabo occupava todo o espaço do litoral desde Villa Real de Santo Antonio até Pêra, por onde ainda actualmente corre um banco d'areia. Dizem alguns que por estes sitios estavam as antiquissimas cidades de Cunisorgi e Cartêia.

Plinio lhe chama Promontorio Cúneu, os gregos lhe davam o nome de Sphena, e os latinos de Cúneus-Ager.

Dava-se o nome de Cabo Cúneu não só ao actual Cabo de Santa Maria, mas a todo o espaço da costa desde Mértola, Alcoitim, Castro Marim, Villa Real, Tavira, Fáro, Quarteira, Albufeira, até quasi á armação de Pêra.

CABO DE SINES—Alemtejo, proximo á villa de seu nome, e o mais pequeno de todos os que aqui vão mencionados.

Está em 37.° e 57' de latitude, N., e 28' de longitude occidental.

É o Pyrgus dos antigos.

CABO DE S. VICENTE—Algarve. Está em 37.° e 2' de latitude N., 34' de longitude occidental.

Segundo alguns escriptores antigos, foi aqui enterrado Tubal, e por isso lhe chamaram os antigos Promontorio Sacro.

E' posto semaphorico. Tem grandes pedreiras de basalto.

(Sobre Tubal, vide Setubal e para saber quando e por que motivo se lhe mudou o o nome antigo no actual, vide Lisboa.

Tambem se chamou Cabo dos Cynetas.

A fortaleza de Santo Antonio e as povoações de Portimão, Alvor, Lagos, Estombar, Lagoa e Silves, e seus territorios, era tudo comprehendido pelos antigos sob o nome de Promontorio Sacro.

Diz-se que houve aqui um templo dedicado ao Sol, no qual quizera Hercules ter a sua sepultura. Outros dizem que o templo era dedicado ao proprio Hercules. Querem alguns que por ter este templo é que se chamou *Sacro*.

Em maio de 1639, se descobriu junto ao *Cabo* uma sepultura, com a seguinte inscripção:

Hic est Posthumius Rufus, qui militans sub prœlio Caij Pompilii periit in bello Lusitanorum. Caius Cornelius Charissimus ejus ob familiaritatem sibi conjunctam hunc sarcophago memoriam imposuit: sit tibi terra levis.

Dentro da sepultura estava uma caixa de pão preto, com esta inscripção:

Cum sol libaverit ossa mea, tunc appropinquabit laeticia Lusitanorum; september autem videbit ingressus.

—

Os arabes lhe chamaram, *Canisat-el-gorab* (Egreja do Corvo.)

É notoria a lenda de S. Vicente e dos corvos, e é por isso que os arabes lhe davam aquelle nome. (Vide Lisboa.)

No tom. 3.º da *Monarchia Lusitana*, Escriptura 25, diz-se: *In loco remotissimo, versus Occidentem, qui Latine dicitur ad caput sancti Vincentii de Corvo, Arabice Kanisat et gorab: id est Ecclesia Corvi.*

—

O Cabo de S. Vicente é formado por uma pequena peninsula, de 600 palmos de comprido, na ponta meridional e occidental da Europa; cuja peninsula se prolonga ao SO. e se une ao continente por um isthmo de 200 palmos de largo.

Suas margens (melhor diremos, *bôrdos*) são rochedos cortados perpendicularmente, que em algumas partes teem mais de 300 palmos sobre o nivel do mar, e no seu cume está o convento que ultimamente era de frades capuchos, construido sobre tres picos de rocha, por entre os quaes passa o mar, que aqui é escuro e profundissimo; e quando bate furioso nos penedos, passa por cima dos telhados do convento, de um a outro lado.

D'aqui foram para Lisboa os frades de S. Vicente Martyr, em 1173.

—

D. Affonso III aqui mandou fazer uma casa pelos annos 1260, para se abrigarem os que iam em romaria a S. Vicente.

D. Diniz ordenou, por carta regia de 24 de setembro de 1316, ao bispo de Silves, D. Affonso Annes, visitasse esta casa. O cuidado d'ella foi confiado aos frades de S. Jeronymo, sendo então augmentada e feita mosteiro, ao qual o bispo do Algarve, D. Fernando Coutinho, fez doação de varios *herdamentos*, confirmada por carta regia de D. Manuel, de 5 de março de 1514.

Em 1516, passou a cargo da Custodia de Santa Maria da Piedade, de frades capuchos; aos quaes ainda o mesmo bispo, por escriptura publica, feita em Silves *o novo*, a 21 de julho de 1520, doou varias outras propriedades, com casas e cêrca, para o convento, *salvas aquellas em que estava a torre do pharol*, para cuja conservação applicava os rendimentos, pedindo aos frades o mandassem accender, *para salvação e guia d'aquelles que ao dito Cabo de S. Vicente vem ter.*

D. Manuel confirmou esta doação, em 7 de agosto do mesmo anno.

—

Dão aqui muitos navios á costa, mórmente indo do N., por ser facil equivocarem-se com a *Ponta da Carrapateira* e a *Torre de Aspa*, que se avistam primeiro e são pontos mais altos que o Cabo.

—

Em 1587, foram incendiados todos os edificios do Cabo, pelos inglezes, escapando apenas uma pequena capella, que não ardeu por ser de abobada; pelo que os frades abandonaram o convento, recolhendo-se a Lagos e Portimão, ficando aqui só a guarnição das baterias, em algumas casas que foram reparadas.

Depois foi reedificado o convento, e os frades tornaram a occupal-o, até 1834. Desde então, tanto o convento como as baterias, ficaram abandonados.

—

Em 1797, lord Jervis, bateu aqui em frente do Cabo e derrotou completamente, a esquadra hespanhola que tinha sahido de Cadix; pelo que o governo inglez lhe deu o titulo de conde de S. Vicente.

Ha em Portugal mais alguns *pontaes* que não merecem o nome de *cabos*.

Ha tambem 76 aldeias com o nome de *Cabo*; mas sem cousa notavel.

CABRA—villa extincta, Beira-Baixa, comarca e concelho de Gouveia, 75 kilometros ao ENE. de Coimbra, 225 ao NE. de Lisboa, 120 fogos (na villa e freguezia).

Em 1757 tinha 68 fogos.

Orago S. Jeronymo.

Bispado e districto administrativo da Guarda. (Antigamente era bispado de Coimbra.)

Foi da comarca da Guarda e era da corôa.

É situada em um valle, sem vistas para outras povoações.

O prior de Arcozêllo apresentava aqui o cura (por ser esta freguezia annexa á de Arcozêllo). Tinha 6$000 réis de congrua e o que rendia o pé d'altar.

É terra pouco fertil e pobre.

Antigamente foi concelho e tinha juiz ordinario, vereadores, procurador do concelho e mais officiaes, e uma companhia de ordenanças.

Passa aqui o rio Mondego, cujas margens são incultas n'esta freguezia, por serem fragosas.

Junto á villa ha sobre elle uma ponte de cantaria, chamada *Ponte da Cabra*.

Os condes da Figueira eram senhores d'esta villa. (Vide Figueira.)

CABRAÇÃO—freguezia, Minho, comarca e concelho de Ponte do Lima, 35 kilometros a O. de Braga, 390 ao N. de Lisboa, 70 fogos.

Em 1757 tinha 90 fogos.

Orago Nossa Senhora da Assumpção.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Vianna.

Era antigamente do concelho de Ponte do Lima, mas da comarca de Vallença.

Situada em montanha, mas fertil.

Toda ou parte d'esta freguezia, pertenceu ao mosteiro de Victorino das Donas. Suppõe-se ser uma quinta de algum nobre senhor gôdo, o que se collige de uma escriptura que as freiras do mosteiro de Victorino das Donas levaram, quando foram para o convento do Salvador de Braga, na qual se diz que—indo D. Affonso Henriques á caça dos javalis, a esta freguezia, que é na serra de Arga, acompanhado de Nuno Velho, Sancho Nunes, Gonçalo Rodrigues, Lourenço Viegas, Soeiro Mendes, (o Gordo) Gonçalo Ramires e outros fidalgos; o abbade de Victorino, D. Fernando, lhes deu ahi de jantár, junto á capella de Nossa Senhora de Azevedo, no fim do qual o rei lhe demarcou o couto.

No reinado de D. Sancho I (1187) o seu celleireiro, por estar a capella arruinada, quiz que se lhe pagassem certos direitos, ao que se oppoz a abbadessa D. Sancha, e venceu. Depois foi vigariaria da casa de *Penteeiros*.

As freiras do convento do Salvador de Braga apresentavam aqui o vigario *ad nutum*, que tinha—o passal, 8$000 réis em dinheiro, 2 alqueires de trigo, 4 *cabaços* de vinho e a céra para as missas conventuaes.

Cria bastante gado miudo e grosso.

Ha por aqui muita caça.

Nasce n'esta freguezia o ribeiro do seu nome (ao qual tambem chamam *Ceadouro*).

Rega e móe e desagua no Lima, proximo á villa de Ponte do Lima.

CABREIRA—freguezia, Beira-Baixa, comarca do Sabugal, concelho de Almeida, 85 kilometros ao SE. de Vizeu, 325 ao NE. de Lisboa, 50 fogos.

Em 1757 tinha 93 fogos.

Orago Santa Maria Magdalena.

Bispado de Pinhel (foi do de Viseu), districto administrativo da Guarda.

Era antigamente da comarca de Pinhel, concelho e termo de Castello Mendo.

O abbade de Santa Maria Maior, de Castello Mendo, apresentava annualmente aqui o cura, que tinha 6$000 réis em dinheiro, e o pé de altar.

Passa aqui proximo a ribeira de Pinhel, que nasce a 6 kilometros de distancia e morre no *Côa*, proximo á serra de Morosa.

Era do concelho de Castello-Mendo, que foi annexo ao do Sabugal. Em dezembro de 1870 passou (com outras freguezias) a ser do concelho de Almeida.

CABREIRA—ha em Portugal cinco serras d'este nome—1.ª em Traz-os-Montes, proximo de Barroso, de cujo alto se vê o

mar. Tem 12 kilometros de comprido e 10 de largo. É muito fria. Cria gado, lobos, porcos bravos, raposas, veados e caça miuda. Tem tres fojos para caçar lobos.

A 2.ª é no Minho, com 6 kilometros de comprido e 3 de largo. Tem muito arvoredo silvestre e muita caça. Tem dois fojos para caçar lobos, um no sitio do Chão de Bragados e outro no do Confurco: este fica no mais alto cume da serra.

A 3.ª é no Minho, comarca de Guimarães, com 3 kilometros de comprido e 1:600 metros de largo. Tem rapozas e caça miuda.

A 4.ª é no Minho, comarca de Guimarães, concelho de Vieira, entre as freguezias de Santo Estevão e Santa Maria do Pinheiro.

É muito pedregosa e produz matto alto; n'elle se criam lobos, raposas, porcos bravos, algum gado, mas pouco, e tambem pouca caça miuda.

A 5.ª é no Minho, concelho de Basto; cria lobos, porcos bravos e caça miuda.

Ha tambem em Portugal 16 aldeias com o mesmo nome de Cabreira, que por não ter nenhuma d'ellas coisa digna de nota não descrevo.

CABREIRO — serra, Traz-os-Montes, faz parte da serra do Marão, e fica 18 kilometros ao NO. de Villa Real.

CABREIRO — freguezia, Minho, comarca e concelho dos Arcos de Valle de Vez, 40 kilometros ao NO. de Braga, 396 ao N. de Lisboa, 260 fogos.

Em 1757 tinha 306 fogos.

Orago o Salvador.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Vianna.

Foi antigamente da comarca de Vallença, termo dos Arcos.

Eram seus donatarios os viscondes de Villa Nova da Cerveira.

Situada em um monte d'onde se descobrem varias freguezias.

Os donatarios apresentavam o abbade, que com a annexa (Cistéllo) tinha de renda réis 800$000.

A egreja matriz foi edificada na era de Cesar 1309 (1271 de Jesus Christo) reinando D. Affonso III.

Passa aqui o rio do seu nome, que a fertilisa. Nasce no sitio do Calcado, d'esta freguezia, e morre no Minho. É de curso arrebatado e suas margens são em parte cultivadas.

Ha n'esta freguezia a serra do seu nome.

Foi abbadia *in solidum*, tendo por annexa Cistéllo (ou Sistéllo) dos ditos viscondes.

—

Em Villela Sécca, d'esta freguezia, vive a gente muitos annos, por cansa da sua salubridade.

—

No tempo da primittiva egreja, os filhos, assim que os paes, por velhos, não podiam trabalhar, os levavam ás costas, a uma lage escorregadiça, e os precipitavam no Poço de Portucales, acima da ponte, que atravessa o rio que vem do Outeiro Maior.

Parece que este acto de horrivel barbaridade o herdaram dos cantabros (ou mesmo seriam cantabros os povos d'esta freguezia).

Foi junto a esta lage que, trazendo um filho, seu pae, este lhe perguntou, que jornada levavam; respondeu-lhe o filho que para perto. «Bem sei, meu filho, disse o velho, levas-me onde eu levei teu avô, e onde te hade levar teu filho.»

O filho, meditando n'isto, tornou a pegar no pae e o levou para casa.

Consta que desde então cessaram estes atrozes parricidios.

Isto é o que consta da tradição, mas supponho que, se é certo ter aqui existido este barbaro costume, terminou pela acção benefica do catholicismo, exercida sobre estes povos, até então incultos e ferozes.

CABREIROS — freguezia, Douro, comarca e concelho de Arouca, 40 kilometros a O. de Lamego, 300 ao N. de Lisboa, 50 fogos.

Em 1757 tinha 65 fogos.

Orago S. Mamede.

Bispado de Lamego, districto administrativo de Aveiro.

A matriz está no monte do Padrão, fóra do povoado (mas a pouca distancia) e proximo de um regato.

Antigamente na primeira sexta feira e sabbado de junho, ia o parocho com os freguezes em procissão a uma alta serra, chamada Côtto do Nabo, da mesma fregue-

zia, e se recolhia na egreja do Candal. Chamavam a esta procissão — *da Mura*, e consta que foi instituida para afugentar os ratos que lhe destruiam os fructos.

A abbadessa do real mosteiro de freiras bernardas, de Arouca, apresentava aqui o cura, que tinha 30 alqueires de pão, 30 almudes de vinho, 4$500 réis em dinheiro, o dizimo da castanha, do vinho, do linho e o pé d'altar.

Ha aqui bastantes colmeias, e cria-se muito e bom gado, de toda a qualidade.

No monte Vidoeiro ha muitos carvalhos e mais algumas arvores silvestres. N'elle se criam lobos, rapozas e caça miuda.

Junto d'este monte nasce um regato chamado Tevilhão, que réga e móe.

Apesar de montuosa, esta freguezia é bastante fertil.

Eram senhoras donatarias d'esta freguezia, as ditas religiosas, que recebiam os dizimos, menos os exceptuados (os que eram para o cura.)

CABREIROS — freguezia, Minho, comarca, concelho e 6 kilometros de Braga, 360 ao N. de Lisboa, 130 fogos.

Em 1757 tinha 78 fogos.

Orago S. Miguel, archanjo.

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

O parocho (vigario collado) era apresentado pelo cabido da Sé de Braga. Tinha de rendimento 70$000 réis.

É terra fertil, posto que o seu territorio seja bastante accidentado.

CABRELLA — villa, Alemtejo, comarca de Arrayolos, concelho e 24 kilometros ao O. de Monte-Mór-Novo, 54 kilometros de Evora, 24 ao N. de Alcacer do Sal, 18 ao S. de Lavre, 40 a E. de Setubal e 65 ao NE. de Lisboa. 200 fogos.

Em 1757 tinha 343 fogos.

Orago Nossa Senhora da Conceição.

Arcebispado e districto administrativo de Evora.

Situada em um alto. Chamava-se antigamente Aldeia do Pinhal. É povoação muito antiga. A sua primeira situação foi em um outeiro, onde ainda se vêem vestigios da egreja.

A egreja velha foi matriz até 12 de janeiro de 1625, em cujo dia se celebrou alli o ultimo baptismo. Era de abobada.

Consta que D. Affonso I lhe deu foral em 1170, mas Franklim não falla d'elle. D. Manuel lhe deu foral novo em Lisboa, a 10 de fevereiro de 1516, fazendo-a então villa.

E' banhada, pelo norte, por uma ribeira do seu nome, que desagua no mar, proximo a Agua de Moura.

É terra fertil em tudo. Produz muitas varas de porcos nos seus montados. E' abundante de lenha, cria muito gado e colmeias e tem muita caça. Optimos queijos.

Era do mestrado da Ordem de S. Thiago.

A maior parte da freguezia é espalhada por montes (casaes) herdades e sesmarias.

Quasi todas as casas da villa são terreas, menos as da camara e poucas mais.

D'esta freguezia se descobre o castello de Palmella, a serra da Arrabida, a de Monte Junto e o palacio real das Vendas Novas.

E' aqui a divisão do patriarchado com o arcebispado de Evora.

A actual matriz é dentro da villa. O primeiro baptismo e o primeiro casamento que aqui se fizeram, foi a 19 de janeiro de 1625. A Mesa da Consciencia apresentava aqui o prior e um beneficiado, curado; ambos freires da Ordem de S. Thiago. O prior tinha 5 moios de trigo, 2 de cevada e 20$000 réis em dinheiro, e tinha a thesouraria annexa, que rendia 2$000 réis em dinheiro, 4 alqueires de trigo e 5 almudes de vinho. O beneficiado tinha 3 moios de trigo, 90 alqueires de cevada e 10$000 réis em dinheiro.

Ha ou houve aqui uma albergaria para peregrinos pobres, e se elles vem doentes os remette para o hospital de Monte-Mór-Novo.

Tem casa da Misericordia, com os privilegios da de Lisboa, por alvará de 1601.

Ha n'esta freguezia muitas gallinholas, e nos seus montes bastantes porcos bravos. Os cabritos de Cabrella são muitos e bons. (Querem mesmo alguns que o seu nome lhe provenha de haver aqui muita cabra.)

Tinha antigamente dois juizes ordinarios tres vereadores e um procurador do concelho, feitos de tres em tres annos, por pelou-

ros, a votos dos que serviam na republica, presidindo na eleição o ouvidor de Setubal.

Além d'estas auctoridades e empregados, o prior-mór do real mosteiro de Palmella nomeava o escrivão da camara (que o era tambem do judicial e notas) avaliador, partidor do concelho, escrivão dos orphãos (que o era tambem do judicial e notas) almotacé, contador e distribuidor, inquiridor e escrivão das sizas.

Tinha alcaide pequeno, posto pelo alcaide-mór; mas este era tambem posto pelo mosteiro de Palmella. O alcaide-mór tinha de renda, pelo celleiro da commenda d'esta villa, 2 moios de trigo.

Os aggravos e appellações eram para o corregedor de Setubal; mas o juiz de fóra de Alcacer do Sal, por posse antiga, vinha aqui fazer o lançamento da siza e *cabeção*.

Tinha a villa e seu termo privilegio de não pagarem portagem, por ser terra do mestrado da Ordem de S. Thiago, por alvará de D. Manuel, de 10 de fevereiro de 1516.

A commenda d'esta villa, era da Mesa mestral de Palmella, e se arrendava no mesmo convento; passava o rendimento de um conto de réis, livre dos ordenados que se pagavam ao prior e beneficiados da matriz d'esta villa e ao capellão da capella *curada* do logar da Landeira, nem 25$000 réis que se pagavam á *fabrica grossa* d'esta egreja, réis 9$000 para a fabrica miuda e 3$000 réis para a egreja de Landeira, e outros mais ordenados menores.

Esta terra, é, em muitas partes do seu termo, aspera, montuosa, de maus caminhos e de muitas mattas, serras e brenhas impenetraveis, nas quaes se criam muitos lobos, javalis, rapozas e caça miuda.

Passa aqui a ribeira do seu nome, que nasce nas Silveiras, termo de Monte-Mór-Novo, junta-se-lhe o ribeiro Saphira, o de S. Romão, o dos Cabritos e o de Campo Maior. Não é navegavel por correr arrebatado por entre penhascos; mas no fim d'esta freguezia, corre em despraiado e é de curso placido.

Cria muito peixe, mas diz-se que causa sezões a quem o come. Suas margens são em partes cultivadas.

Do *Porto de Cabrella* para baixo tem muitas arvores pelas margens.

Perde o nome na *Marateca*, tomando este, com o qual se mette no braço de mar que entra por Setubal (Sádo).

Tinha uma companhia de ordenanças, com seu capitão e mais officiaes competentes.

CABRIL ou **BALTAR DE CABRIL**—freguezia, Beira-Alta, comarca e concelho de Castro Daire, 30 kilometros a ONO. de Lamego, 20 a NE. de Arouca, 310 ao N. de Lisboa, 210 fogos.

Em 1757 tinha 107 fogos.

Orago Santa Maria.

Bispado de Lamego, districto administrativo de Vizeu.

Situada em terreno muito accidentado.

Muita castanha, boas fructas, e do mais mediania.

Cria muito gado miudo, e nos seus montes ha muita caça grossa e miuda.

CABRIL—freguezia, Douro, comarca de Arganil, concelho da Pampilhosa, 85 kilometros ao NO. da Guarda, 220 ao N. de Lisboa, 170 fogos

Em 1757 tinha 97 fogos.

Orago S. Domingos.

Bispado da Guarda, districto administrativo de Coimbra.

Era antigamente da comarca de Thomar.

Pertencia á corôa.

Situada na falda da serra do seu nome.

O prior da Pampilhosa apresentava aqui o cura, que tinha 15$000 réis, que o dito prior lhe dava em fructos, e o pé d'altar.

Produz muita castanha, algum milho, e do mais mediania.

Passa aqui a ribeira de *Unhaes*.

CABRIL—freguezia, Traz-os-Montes, comarca e concelho de Montalegre (foi até 1855 do concelho de Ruivães), 42 kilometros ao NE. de Braga, 400 ao N. de Lisboa, 190 fogos.

Em 1757 tinha 95 fogos.

Orago S. Lourenço, martyr.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Villa Real.

Era antigamente da comarca de Chaves, termo de Montalegre.

É da casa de Bragança.

Situada parte em valle e parte em monte pegado á serra do Gerez, d'onde se vê a villa de Ruivães, Covêllo do Gerez, Parada do Outeiro e Salamonde.

D. Manuel lhe deu foral em Lisboa, a 16 de julho de 1514.

A casa de Bragança apresentava aqui o abbade, que tinha 300$000 réis.

É terra fertil.

Tem muita caça grossa e miuda.

Passa aqui o rio Cávado.

Ha mais em Portugal 5 aldeias chamadas Cabril. Nada n'ellas ha de notavel.

CABRIZ ou **CABRÍS**—aldeia, Beira Alta, freguezia de Sindim, comarca de Armamar, 3 kilometros da villa de Paredes da Beira, 30 ao E. de Lamego, 120 ao SE. do Porto, 2 da margem esquerda do Tavora, 8 da foz d'este rio e 335 ao N. de Lisboa.

Proximo a esta aldeia estão os célebres *Castellos de Cabriz*, sobre a margem esquerda do Távora.

São trez rochedos alcantilados, contiguos uns aos outros, communicando-se por um carreiro difficilimo (que é uma fenda natural da rocha).

Ha vestigios de terem sido habitados em eras remotas, pelos restos de paredes que ainda existem. Só são accessiveis pelo lado do O., por umas pequenas fendas perigosissimas. Estes castellos serviam, pela sua quasi inaccessibilidade, de abrigo aos povos d'alli, em tempo de guerra.

—

Chamavam-se primittivamente Castellos de Tavora, e era o solar da familia d'este appellido (Tavora).

D. Thedon (ou Theudo, ou Thedo) *Ramirez* e seu irmão *D. Rausendo Ramirez*, eram filhos de D. Ermigio (ou Ermiron) Ramirez e de Dona Dordia Ozores, netos do infante D. Alboazar Ramirez (o Cid) e de D. Helena Godes, e bisnetos de D. Ramiro II, de Leão e da célebre moura Zahara, que se fez christan e tomou no baptismo o nome de Dona Artida (ou Artiga) e foi mulher ou amante do dito rei (vide Ancora, rio) e filha ou irman do rei ou emir mouro de Cale.

D. Thedon e D. Rausendo Ramirez, vieram da provincia do Minho para estes sitios pelos annos de 1062 de Jesus Christo, combater os mouros, e se estabeleceram nas margens do Tavora.

(D. Rausendo foi o progenitor dos Tavoras. D. Thedon morreu solteiro, sem descendentes, nas margens do Thédo, onde os mouros o surprehenderam.—(Vide Thédo e Granja do Thédo.)

É tradição que D. Thedon foi o que fundou a fortaleza ou castello de Cabriz. (Diz-se que sendo o seu primeiro nome, como já disse—*Castello de Tavora*, se lhe mudou muito depois, talvez mesmo depois de estar abandonado)—no de Cabriz, por lhe ficarem em frente uns curraes de cabras (*cabrís*) onde se recolhiam grandes rebanhos d'este gado, que então por alli havia.)

Foi D. Thedon que fundou a povoação proxima, tambem chamada Cabriz.

(Vide Granja do Thedo, Paredes da Beira e Sindim.)

É antiga e constante tradição que pelos annos de Jesus Christo, 1062, nas margens do Tavora, proximo a estes castellos, deram os dois irmãos, D. Thedon e D. Rausendo, uma grande batalha aos mouros, por surpreza, na manhã do S. João d'aquelle anno, em que os mouros se andavam banhando no rio, derrotando-os completamente, e dando esta victoria dos christãos em resultado a tomada da villa de Paredes da Beira.

D. Thedon deu o seu nome ao rio Thédo e á Granja do Thédo; e D. Rausendo á villa de Rézende e outras povoações. (Vide Rezende.)

CAÇARELHOS—freguezia, Traz-os-Montes, comarca de Miranda, concelho do Vimioso, 18 kilometros de Miranda, 470 ao N. de Lisboa, 140 fogos.

Em 1757 tinha 120 fogos.

Orago S. Pedro, apostolo.

Bispado e districto administrativo de Bragança.

Foi da comarca do Mogadouro.

Era da corôa.

Situada em uma campina, d'onde se vê o castello da Villa do Outeiro, e varias freguezias e serras de Portugal e Castella.

O bispo de Miranda (depois o de Bragança) apresentava o abbado, que tinha de

renda 650$000 réis, e o abbade d'aqui apresentava uma annexa, que era S. Joanico.

(O *Port. Sacro e Profano*, diz que a apresentação era alternada, do papa e do ordinario.)

É terra muito fertil em tudo, cria muito gado e ha por estes sitios muita caça.

CAÇARILHE ou **CASSARILHE** — freguezia, Minho, comarca e concelho de Celorico de Basto, 50 kilometros ao NE. de Braga, 385 ao N. de Lisboa, 140 fogos.

Em 1757 tinha 72 fogos.

Orago S. Miguel, archanjo.

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

Foi antigamente da comarca de Guimarães.

Eram seus donatarios os marquezes de Vallença.

Situada entre duas serras, d'onde se vêem as freguezias de S. Salvador da Infesta, Santa Tecla, S. Miguel do Carvalho e S. João d'Arnoya.

O abbade era apresentado pelo arcebispo de Braga, e tinha 400$000 réis.

Entra n'esta freguezia a Serra do Viso, que tem de comprido 18 kilometros e 3 de largo. Cria-se aqui muito gado cavallar, bovino, caprino e lanigero. Muita caça grossa e miuda.

É terra muito fertil.

É n'esta freguezia o monte d'Ourilhe, que tem 5 kilometros de comprido e 3 de largo.

O rio Tâmega, com curso arrebatado, atravessa esta freguezia.

CACAVÉLLOS — ha em Portugal 24 aldeias assim chamadas; mas nenhuma d'ellas tem (que me conste) coisa digna de menção.

Não se confunda com *Carcavellos*, que é differente, como adiante se verá.

CACELLA — villa, Algarve, comarca e 12 kilometros a E. de Tavira, concelho de Villa Real de Santo Antonio, 36 kilometros de Faro, 260 ao S. de Lisboa, 500 fogos (com a freguezia)

Em 1757 tinha 291 fogos.

Orago Nossa Senhora da Assumpção.

Bispado e districto administrativo do Algarve.

Cacella é corrupção da palavra arabe *Cacila*. Significa — prado ou pastagem do gado.

Esta povoação é antiquissima, e, se não é fundação romana, foi edificada pelos mouros, que lhe deram o nome que, com pequena corrupção, ainda conserva.

Pretendem alguns que os phenicios aqui fundaram, pelos annos 3200 do mundo (antes de Christo 804) uma grande cidade, que veiu a ser a capital dos *cúneus* (algarvios modernos), e á qual deram o nome de *Cunistergis* ou *Cunistorgis*. Se assim foi, o mar e o Guadiana deram cabo d'ella. (Vide Cunistergis.)

D. Sancho II a tomou aos mouros, em 1240, mas elles á retomaram logo. O mestre de S. Thiago, D. Paio Peres Correia, fronteiro mór do Algarve, a recuperou em 1242. Logo em 1240, o rei, em attenção ao mestre, a tinha dado á Ordem de S. Thiago, com o seu castello. D. Affonso III confirmou esta doação em 20 de setembro de 1255.

Mostra evidentes vestigios de ter sido grande povoação antigamente; mas em 1750 já não tinha senão 108 fogos, a villa.

Tinha um castello e reductos muito antigos (talvez do tempo dos romanos) e arruinados.

A fortaleza actual mandou construir D. Rodrigo de Noronha, governador do Algarve, em 1770.

A egreja matriz é um bom e magestoso templo de 3 naves.

Ao prior e coadjutor apresentava a Mesa da Consciencia, por ser da Ordem de S. Thiago.

O prior tinha de rendimento certo 168 alqueires de trigo, 120 de cevada, 15$000 em dinheiro e o eventual, que andava por 100$000 réis.

No tempo dos arabes, e ainda nos principios da nossa monarchia, era uma povoação famosa e importante.

Foi por muito tempo residencia (ou quartel general) do valoroso D. Payo Peres Correia, e aqui estava quando lhe vieram dar parte da infame traição praticada pelos mouros de Tavira, contra sete dos seus principaes cavalleiros: d'aqui marchou elle com

as tropas que pôde reunir, para soccorrer os seus companheiros ou lhe vingar a morte, se não fosse a tempo.

Com effeito, chegando a Tavira já elles tinham morrido gloriosamente. O mestre, no maior accesso de justo furor, sem attender ao diminutissimo numero das suas tropas, investe e toma a cidade, fazendo cruel destrôço nos mouros, que pagaram bem caro a sua traição. (Vide Tavira.)

A invasão das areias do mar, o terremoto de 1755, e a proximidade de uma lagôa, que aqui formam as aguas da ribeira Pedra-Alva, a quem as areias da costa impedem a sahida, tem concorrido para o aniquilamento e despovoação d'esta villa. Tambem é sitio doentio por causa das aguas estagnadas da lagôa; sobre a tal ribeira e a meia distancia entre Villa Real e Tavira, mandou o santo bispo D. Francisco Gomes d'Avellar, construir uma bôa ponte de pedra.

O terremoto deitou por terra varias casas e arruinou a egreja matriz; mas o mesmo bispo a fez reconstruir.

Em 1840, já da antiga e grande villa de Cacella, não existia senão a egreja, as ruinas dos antigos paços do concelho, as residencias do parocho e sachristão e mais umas 6 ou 7 moradas de casas!

A pouca distancia da villa (ou do sitio d'ella) para o lado do N., se tem achado alicerces e ruinas, que indicam ter alli sido o primittivo assento da povoação.

A freguezia (excluindo o termo) tem 9 kilometros de comprido, de N. a S., e 6 de largo, d'E. a O.

É muito espalhada, por casaes (montes) e fazendas, ficando-lhe a egreja na extremidade.

Corre pela freguezia a ribeira da *Gáfa*, que nasce na serra, a E., e morre, a O., na ribeira do Almargem.

Em Cacella desembarcou, a 24 de junho de 1833, o general conde de Villa Flor (duque da Terceira) com uma força de 2:500 homens, com a qual atravessou todo o Algarve, que conquistou em seis dias. Reforçada esta força, com as tropas da brigada da marinha, da esquadra realista, que se tinha passado para a liberal, e com os officiaes e soldados realistas, que tinham desertado da divisão do general legitimista, visconde de Mollelos, marcha em direcção a Lisboa. Encontra-se, na Cova da Piedade, com o general Telles Jordão, com 3:000 homens, alli, e em Cacilhas o derrota e mata (23 de julho) e no dia seguinte entra em Lisboa.

Vide Cacilhas, Cova da Piedade, Lisboa, e, sobre tudo, Historia de Portugal, no fim do Diccionario.

—

É terra abundantissima de peixe de varias qualidades, por ser proximo da costa.

Hoje, mal merece o nome de villa.

Tinha até 1834, juiz ordinario, com jurisdição em todo o termo, o qual constava de 30 kilometros de N. a S., e 6 d'E a O.

É terra muito fertil em vinho, azeite, amendoa, figos, trigo e cevada. Muitos e bons pastos (origem do nome da villa.)

Tem uma serra do seu nome, em partes cultivada e, onde o não é, tem caça grossa e miuda.

Pela freguezia passa a ribeira da Pedra-Alva, que desagua no mar. Tem lagares d'azeite, moinhos e réga. Traz peixe.

D. Diniz a fez villa e lhe deu foral em Lisboa, a 17 de julho de 1283.

(Não me consta que tenha foral novo.)

CACEM — Vide S. Thiago do Cacem.

CACHADA = Ha em Portugal 40 aldeias d'este nome, e 4 chamadas Cachadas. (Vide Cachadinha.)

CACHADINHA — 8 aldeias d'este nome. Nenhuma d'estas nem das antecedentes tem cousa notavel.

Cachadinha é diminutivo de Cachada, e esta palavra, no portuguez antigo, significa *Arroteia.* (terra cultivada de novo.)

No Alto Minho, ainda se diz geralmente cachada por arroteia.

Á arroteia se chama em Arouca, *rompida;* na Terra da Feira, escouça, na maior parte do S. do reino *róssa*, ou *roça.*

CACHÃO — Vide Douro, rio.

CACHARIA — antigamente Cacheiría) aldeia, Extremadura, freguezia de S. Pedro de Dous Portos, comarca e concelho de Torres Vedras (foi até 1855, do concelho da Ribaldeira) 36 kilometros ao NE. de Lisboa, 52 fogos.

Ha aqui a capella de Nossa Senhora dos Prazeres, e junto d'ella uma albergaria.

Tinha antigamente juiz, escrivão e mordomos, sujeitos ao provedor de Torres Vedras. É terra fertil e produz muito e optimo vinho.

CACHARIA ou **CACHARIAS** (antigamente **CACHEIRIA**)—aldeia, Extremadura, comarca de Thomar, concelho de Ourem, freguezia de Nossa Senhora da Purificação de Ceiça, 30 kilometros ao N. de Leiria, 132 ao N. de Lisboa.

É aqui a 20.ª estação do caminho de ferro do Norte.

Escreve-se vulgarmente *Caxarias*.

Ao S., entre esta estação e a de Chão de Maçãs, é o primeiro tunnell do caminho de ferro. (Indo do Sul para o Norte e Leste.)

CACHEIRO ou **CAIXEIRO** (hoje chama-se *S. Mathias de Montes Claros*)—freguezia, Alemtejo, comarca e concelho de Niza, 40 kilometros de Portalegre, 195 ao E. de Lisboa, 240 fogos.

Em 1757 tinha 194 fogos.

Orago S. Mathias.

Bispado e districto administrativo de Portalegre.

Era antigamente da comarca de Portalegre.

Situada em um alto d'onde se vê Niza, Castello de Vide e a villa dos Envendos, do priorado do Crato.

O vigario era freire da Ordem de Christo, apresentado pela Mesa da Consciencia. Tinha dois moios e meio de trigo, um de centeio, 26 almudes de vinho môsto, uma arroba de cêra e 12$000 réis em dinheiro. O thesoureiro tinha 1 moio de trigo, 6 alqueires do mesmo para hostias, 6 almudes de vinho môsto para missas, 4 alqueires de azeite para a alampada e 5$000 réis em dinheiro.

É terra fertil, sobre tudo em trigo e centeio.

Passa aqui a ribeira de Palhaes, que rega e móe.

Não se confunda este Montes Claros, com o outro em que foram derrotados os castelhanos. Este é proximo de Borba. (Vide Montes Claros.

CACHOEIRAS—freguezia, Extremadura, comarca e concelho de Villa Franca de Xira, 48 kilometros ao NE. de Lisboa, 150 fogos.

Em 1757 tinha 135 fogos.

Orago Nossa Senhora da Purificação.

Patriarchado e districto administrativo de Lisboa.

Foi antigamente da comarca e termo de Alemquer.

Era da casa das rainhas.

Situada na costa de um monte, d'onde se descobrem varias serras e povoações.

É terra fertil.

O prior de Santo Estevão de Alemquer, apresentava aqui o cura, que tinha de renda 100$000 réis.

O *Portugal Sacro e Profano*, diz que o seu rendimento, era 80 alqueires de trigo, 60 almudes de vinho, dois cantaros de azeite e 6$000 réis em dinheiro.

Tinha antes de 1834 juiz pedaneo, posto pela camara de Alemquer.

Aqui nasceram Philippe de Sousa, capitão de mar e guerra, e seu irmão Francisco de Sousa, nosso embaixador na Hollanda; Gomes Freire de Andrade, sargento-mór de batalha (avô do infeliz general que morreu enforcado em 1817 e que tinha o mesmo nome;) Bartholomeu de Gambôa, provedor dos contos do reino e casa, etc., etc.

Passa aqui o rio do seu nome, que nasce em varios sitios, que são: Monfalim, S. Quintino e Chão da Estiva Corda; formando todos estes regatos o tal rio, que, todavia, é pequeno. Toma diversos nomes, segundo os logares por onde passa. Cria bastante peixe, e morre na margem direita do Tejo, no sitio da Volta da Marinha, entre Villa Nova da Rainha e a Castanheira. Suas margens são cultivadas e ferteis. Tem uma ponte de cantaria, chamada da Couraça, entre a quinta dos marquezes de Abrantes e o Carregadó. De verão fica quasi sêcco.

CACHOPO—freguezia, Algarve, comarca e concelho de Tavira, 40 kilometros de Faro, 265 ao S. de Lisboa, 580 fogos.

Em 1757 tinha 370 fogos.

Orago Santo Estevão.

Bispado e districto administrativo do Algarve.

Era antigamente do termo de Alcoutim (d'onde dista 40 kilometros para o O.)

Era da corôa.

Situada em um monte e cercada por um ribeiro, d'onde nada se vê, por causa da serra que tem á roda. Clima excessivo.

O bispo do Algarve apresentava o cura, que tinha de renda 9 moios de trigo e 90 alqueires de cevada, certos, e de incertos, 3 moios de trigo e 1 de cevada. Tinha coadjutor, que tinha 3 moios de trigo, pagos pelos freguezes.

Fertil em cereaes (sobre tudo centeio, castanhas e nozes) e produz dos mais fructos o sufficiente para a freguezia.

Esta freguezia tem na serra 24 kilometros de comprido, desde os montes de Pêro Chumaço (que são do concelho de Fáro) até ao de Cabeças Gordas, do concelho de Tavira, e 18 de largo, desde a aldeia da Mealha, concelho de Alcoitim, até ao monte Garrôbo, concelho de Tavira. Tudo de serra.

Cria bastante gado miudo e grosso, e tem muita caça e lobos.

Está esta freguezia entre os rios Foupana ao N. e Odeleite (ou Deleité ou De-Leite) ao S. que ambos trazem bastante peixe, e morrem na margem direita do Guadiana.

Tambem passam n'esta freguezia os ribeiros do Leitejo (que se mette no Benaflor) das Vargens do Velho (que nasce em Pêro Sancho, freguezia de S. Braz, e morre no rio de Tavira e Asséca, no sitio da Aventurosa.)

Passa pela freguezia a estrada de Tavira para Lisboa.

Tem aguas ferreas em differentes sitios.

CACÍA—freguezia, Douro, comarca, concelho e 6 kilometros ao NNO. de Aveiro, 250 ao N. de Lisboa, 630 fogos.

Em 1757 tinha 447 fogos.

Orago S. Julião.

Bispado e districto administrativo de Aveiro.

Situada em uma bonita, extensa e fertil planicie, sobre a margem esquerda do Vouga, e atravessada pelo caminho de ferro do Norte. D'aqui se vê Fermelan, Salreu, Canellas, Veiros, Murtosa, Estarreja, Angeja e varias povoações e montes.

É um dos bonitos sitios por onde passa o caminho de ferro.

Tem extensas veigas pantanosas ao O., que produzem arrôz e muitos pastos com que se engordam muitos gados, sobre tudo cavallar, muar e asinino.

É povoação antiquissima (e foi villa.)

O conde D. Henrique e sua mulher D. Thereza, deram metade d'esta freguezia ao convento de Lorvão, por carta de 24 de janeiro de 1076 de Jesus Christo (1114 de Cesar.)

A abbadessa de Lorvão apresentava o vigario, que tinha 150$000 réis.

Pretendem alguns que a antiga cidade de *Talabriga* existiu aqui, o que me parece érro; todavia esta povoação foi muito mais extensa na antiguidade, do que ha vestigios e tradições. (Vide Aveiro e Esgueira).

CACILHAS—grande aldeia, Extremadura, freguezia, de S. Thiago, da villa de Almada, a cuja comarca e concelho tambem pertence, e d'onde d'ista 1:500 metros, ao NE., 5 ao S. de Lisboa, e do seu patriarchado e districto administrativo.

Tinha em 1757, só esta povoação, 158 fogos, hoje tem uns 300.

É situada na margem esquerda do Tejo, sobre uma pequena rocha, que entra, em fórma de peninsula, pelo rio, fazendo uma enceada, capaz de conter 40 embarcações de pequeno lote. Na ponta da rocha, ao S., a que chamam *Pontal de Cacilhas*, tem um forte, hoje desartilhado, que antigamente era defendido por oito bôccas de fogo.

O Tejo, que na sua foz tem 3 leguas de largura, vae estreitando até ao *Pontal de Cacilhas*, onde só tem 5 kilometros. Torna logo aqui a alargar, e mais acima recupéra a largura da sua foz, formando uma vasta e formosissima *bacia*, em cujas margens se ostentam, do lado do Alemtejo, Seixal, Barreiro, Alhos-Vedros, Lavradio, Aldeia Gallega de Riba Tejo, Sámouco e Alcochete. Ao ENE., ainda ao S. do Tejo, vastas e formosas lesirias, e ao N. do rio, na Extremadura propria, Alhandra, Alverca, Póvoa, S. João dá Talha, Sacavem, Olivaes, Poço do Bispo, Beato e finalmente Lisboa.

A maior parte da população da Cacilhas

é composta de calafates, barqueiros e marinheiros.

O sr. Sampaio mandou construir aqui uma excellente doka, onde se concertam muitos navios.

Ha aqui uma grande capella, dedicada a Nossa Senhora do Bom Successo, vulgarmente chamada Santa Luzía, que foi antigamente hospital de Lazaros.

Ha tambem a capella de Nossa Senhora da Palma.

É terra fertil, bonita e produz optimo vinho.

Dois kilometros ao S. de Cacilhas, fica o bellissimo e pittoresco sitio, da Cóva da Piedade, onde, principalmente no verão, afflue grande numero de familias de Lisboa, a gosar as amenidades d'esta linda povoação. (Vide Cóva da Piedade.)

O caes de Cacilhas é concorridissimo de toda a qualidade de barcos, e aqui estão de meia em meia hora, aportando os vapores que atravessam o Tejo, levando e trazendo passageiros e toda a casta de mercadorias.

O panorama que se gosa de Cacilhas é magestoso, pois além de se vêr a maior parte de Lisboa e o Tejo famosissimo, se vêem outras muitas povoações das duas margens. É povoação antiquissima, pois já existia no tempo dos arabes (e provavelmente no dos romanos) mas não pude saber por quem nem quando foi fundada.

Cacilhas é palavra arabe (com pequena corrupção) *Cacila*, que significa pastagem de gado.

Ha outra Cacilhas na freguezia de Oeiras. Tem a mesma etymologia.

CADAFAES—freguezia, Extremadura, comarca e concelho de Alemquer, 48 kilometros ao NE. de Lisboa, 310 fogos.

Em 1757 tinha 170 fogos.

Orago Nossa Senhora da Assumpção.

Patriarchado e districto administrativo de Lisboa.

O seu antigo orago era Nossa Senhora das Candeias, ou do Azambujeiro.

Situada em terreno muito accidentado, mas fertil.

O juiz e irmãos da confraria do Santissimo Sacramento, apresentavam o cura *in solidum*. Tinha 1 alqueire de trigo de cada fogo e dos viuvos e viuvas meio alqueire; os que tivessem vinha (ou propria ou arrendada) lhe davam 1 almude de vinho, e os viuvos e viuvas meio.

N'esta freguezia, na raiz do outeiro do *Valle do Golfa*, está o convento de Santa Catharina da Carnota, de frades capuchos de Santo Antonio, fundado por fr. Diogo Arias (asturiano) e fr. Affonso Saco (gallego) em 1408.

Tem uma linda e grande cêrca e uma extensa matta, a maior parte d'ella sobre um grande penhasco. Espalhadas pela matta ha muitas ermidas, com os diversos *passos da Paixão* de Jesus Christo, muito devotas e de grande concorrencia.

O edificio d'este convento (como quasi todos de Portugal) depois de estar alguns annos abandonado e a principiar por isso de desmantellar-se, foi vendido a um inglez (depois feito conde da Carnota) por uma bagatella, assim como a sua bella cêrca.

Deve porém confessar-se que o sr. conde que é um distincto escriptor, e homem de vasta instrucção e muito bom gosto, transformou o mosteiro em uma bella e sumptuosa vivenda. Deve mencionar-se o sr. Guilherme Henriques, administrador d'esta quinta, que a uma grande actividade junta um aprimorado gosto, o que sobremaneira tem concorrido para o actual aformoseamento d'esta vivenda. O sr. Henriques, além de ser um optimo administrador, é um joven escriptor de muito talento, que além de outros escriptos, publicou em 1873 um curioso livro sobre cousas de Alemquer, no qual revella muita intelligencia e aturado estudo. (Vide Carnota.)

Passa pela freguezia o ribeiro dos Refugidos, e abaixo d'elle, ao N., está uma grandiosa fonte, chamada da Pimenta, que nasce debaixo de um rochedo e lança grande volume de agua

Diz-se que esta agua é remedio infallivel contra a dôr de pedra e areias.

Na egreja matriz ha duas lapides, com inscripções romanas.

Em 1855, caindo n'este sitio da parede, a cal que a rebocava, é que se descobriram

as duas pedras. A primeira tem um metro de largo e dois de comprido, diz:

D. M.
I. TERENTIVS
PRIMITVS
AN. XXXII
JVNIA FESTINA. MATER
F. PIENTISSIMO
F. E. C.

Quer dizer:

«*Dedicada aos deuses manes. Junia Festina, mandou fazer esta sepultura, para seu filho piedosissimo, Terencio Permicio, que morreu de 32 annos.*»

A segunda (que não está inteira) diz:

D. M.
M. FABRITIVS
F. FILIVS C. MAR
CIANVS. AN. XXII
SEV. FLORILLA.
....
....
....

Não se póde ler mais, por lhe faltar a parte inferior.

Indica ser a *sepultura de Marciano Fabrício, filho de Caio Marciano, que morreu da edade de 22 annos. Dedicada aos deuses manes, por Severina Florilla, etc.*

E' pois muito provavel que esta egreja esteja edificada com os materiaes de algum templo ou outro qualquer edificio romano; ou que algum templo romano fosse em tempos remotos transformado em egreja christã.

—

Esta freguezia é situada na extremidade do concelho de Alemquer, e confina com o de Villa Franca, pelo O. e S., pelo N. e E., com a freguezia de Santo Estevão de Alemquer e annexas.

O vinho de Cadafaes (principalmente o branco, que é egual ao de Bucellas) teve grande fama, e exportava-se em grande quantidade para o estrangeiro.

Esta freguezia foi muito mais extensa, e abrangia a rica propriedade chamada a Granja, que foi dos padres de S. Vicente, e hoje é dos srs. duques de Palmella. A quinta da Carnota de Baixo, que é muito antiga, e que, depois de pertencer á casa dos srs. marquezes de Penalva, hoje é tambem dos srs. duques de Palmella. Uma quinta ao pé das Caxoeiras, que foi de Luiz de Sousa Pacheco. A quinta junto á Ponte da Couraça, que, em 1707, pertencia aos marquezes de Fontes, e depois aos de Abrantes.

A matriz está situada proximo da aldeia de Cadafaes. E' um edificio vasto e decente, mas de architectura simples.

Foi edificada, pelos annos de 1550, por Vasco de Carvalho, mas tem soffrido varias reconstrucções. No centro da abobada tem as armas do fundador, que era dono da quinta da Peça, a qual era obrigada á fabrica da egreja.

Na capella estão as sepulturas de Vasco de Carvalho e de sua mulher, D. Isabel de Sousa e de Nicolau de Sousa Carvalho, seu filho, em uma mesma campa, e a de Antonio de Carvalho e Sousa (filho do fundador) e de sua mulher, D. Brites Brandão, em outra sepultura. Ambas têem inscripções que explicam isto.

A egreja actual foi reconstruida e ampliada em 1680.

Na capella-mór ha um *carneiro*, e na parede, do lado do Evangelho, uma lapide com as armas da familia do primeiro fundador, e a seguinte inscripção:

«*Esta capella é de Diogo de Sousa e sua mulher Philippa de Sousa e de todos os seus descendentes. 1681.*»

N'este carneiro se sepultou a sr.ª condessa da Louzã (julgo que em 1846). Era mulher do sr. conde D. Diogo. Na occasião do funeral, passando um dos padres pela capella-mór, sem reparar que estava aberto o carneiro, caiu n'elle, e ficou de tal modo ferido, que poucos dias sobreviveu á quéda.

Proximo á egreja ha um soffrivel cemiterio, feito á custa do povo, em 1850.

O documento mais antigo que no cartorio d'esta parochia se encontra, é um assento de baptismo, de 1627.

As aldeias que actualmente pertencem a esta freguezia, são: Cadafaes, Refugidos, Guizandaria, Cascaes, parte do logar do Carregado e o extincto logarejo da Carnota.

Na Castanheira, proximo á matriz, houve uma magnifica fabrica de sedas, que foi do fallecido sr. conde do Farrobo.

—

Ha n'esta freguezia algumas boas propriedades.

A quinta do Cesar, pertencente em outro tempo á nobre familia dos Cesares, e é hoje dos srs. marquezes de Sabugosa.

Na vêrga do portão d'esta quinta, ha a seguinte inscripção:

CAESARE
III
AVSPICIO
1613

A quinta das Amendoeiras, pertencente ao antigo morgado de Oliveira.

A quinta de Valle Flores, que é do morgado do Juncal.

O Casal do Bernardo, uma bella propriedade, foreira aos srs. condes de Lumiares, e do dominio util da Companhia do Credito Predial Portuguez. Chamava-se esta propriedade, antigamente, Quinta da Fonte da Pimenta. Tinha as officinas no sitio onde agora está a azenha da Pimenta, e derivava o appellido, de um olho de agua salôbra, que rebenta com grande força, proximo á azenha.

Esta propriedade foi de Diogo Lopes Pacheco, um dos assassinos de D. Ignez de Castro (7 de janeiro de 1355). Dos seus tres cumplices, foi elle o unico que escapou ao cruel, mas merecido castigo. (Vide Coimbra e Santarem). Parece que lhe não foi sequestrada esta propriedade, pois que nos fins do seculo XV, ainda era da familia dos Pachecos. Depois passou para a familia Cunha, pois em 1760 era de Manuel Ignacio da Cunha.

A Quinta da Ferraguda, que em 1707 era de João Homem do Amaral, e hoje é do sr. Eugenio da Encarnação.

—

Tem esta freguezia, as quintas e casaes seguintes:

Quintas—Mécca, da Ponte, Amendoeiras' Valle de Flores, Carvalho, Cesar, Pôço, Velha, Outeiro, Chamalaria, Ferraguda, Santo Antonio e Grillo.

Casaes—Torino, Marmelleira, Amoreira, Guedêlha, Corvaceira, Bernardo [1] e Préces.

—

A aldeia de Cadafaes, é muito antiga, e talvez já existisse no tempo dos romanos. Em 1435, foi arrazada por um violento terremoto, morrendo todos os seus moradores, deixando apenas com vida duas creanças.

Tinha em 1707 (segundo a Chorographia do padre Carvalho) 42 fogos, hoje tem 62.

—

A origem do nome da aldeia de Refugidos, parece ser por aqui se terem refugiado os mouros, depois da tomada d'Alemquer. Tambem o terremoto de 1435 aqui fez grandes estragos e algumas victimas. Tinha em 1707 12 fogos, hoje tem 32.

Em 1811, os francezes saquearam e devastaram esta aldeia e assassinaram um dos habitantes.

Houve em 1645, um famoso prégador, d'aqui natural, chamado fr. Manuel dos Refugidos. Era capucho.

—

A *Guizandaria* (aldeia) fica proximo ao Carregado. Em 1707 tinha 28 fogos, hoje tem 63. Ha aqui uma capella que foi dedicada a Santo Antonio, mas está em ruinas. Tinha casa de residencia para eremitão. Ha tambem n'esta aldeia um bello lagar d'azeite.

Tambem foi saqueada, em 1811, pelas hordas de Napoleão, que profanaram a capella. Desde então, nunca mais alli se disse missa.

—

Casaes—(aldeia) é o que o seu nome indica. São varios casaes espalhados, comprehendendo 46 fogos. Teve uma capella dedicada a Santo André, apostolo, que já não existe ha muitos annos.

[1] É notavel esta coincidencia de nomes. Na margem esquerda do Douro, freguezia de Penajoia, ha a quinta da Corvaceira (dos srs. Ferreiras) e logo abaixo, a pouca distancia, e tambem á beira do rio, o Casal do Bernardo. Vide estas duas palavras.

Carnota — foi aldeia. Hoje é a quinta da Carnota de Baixo.

Em 1707 tinha 8 fogos, actualmente, tanto as casas, como a ermida, decicada ao Bom Jesus, estão em ruinas. Havia na ermida as imagens do Bom Jesus e de Nossa Senhora do Bom Successo, ambas objecto de muita devoção e muitas romarias, em todo o anno; mas especialmente na dominga do Espirito Santo: vindo n'esse dia um Cirio de Lisboa.

Em 1727, os romeiros lisbonenses, desgostosos (não se sabe porque) deixaram de aqui vir, e erigiram, á sua custa, a capella de Nossa Senhora da Graça, na Carnota, para onde possou o Cirio e as romarias.

A quinta da Carnota de Baixo, era vinculo, de Manuel Freire d'Andrade, que foi o fundador da capella, e suas armas estão sobre a porta.

São: uma banda vermelha, coticada d'ouro, em campo verde, e as palavras AVE MARIA, em lettras negras por orla, em campo de prata.

CADAFAZ — Beira-Baixa, comarca e concelho de Celorico da Beira, 12 kilometros da Guarda, 285 ao NE. de Lisboa, 90 fogos.

Bispado e districto administrativo da Guarda.

Orago S. Sebastião.

Em 1757 tinha 43 fogos.

Situada a meia ladeira de um monte. O prior de S. Martinho, da villa de Celorico, apresentava aqui o cura, que tinha 35$000 réis e o pé d'altar. É terra fertil.

CADAFAZ — freguezia, Beira-Baixa, comarca d'Arganil, concelho de Góes, 35 kilometros a NE. de Coimbra, 22 O ao N. de Lisboa, 220 fogos.

Bispado e districto administrativo deCoimbra.

Orago Nossa Senhora das Neves ou das Necessidades.

Em 1757 tinha 125 fogos.

Era antigamente da comarca de Coimbra.

Eram seus donatarios os condes de Villa Nova de Portimão.

A egreja é pequena. O cura era annual, apresentado pelo vigario da matriz, de Góes. Tinha 14$000 réis de congrua, pagos pelos beneficiados da mesma egreja de Góes, e 2$000 réis pelos freguezes d'aqui. Pagavam mais estes 30 alqueires de trigo e uma pequena porção de castanhas, a que chamavam magusto. Andava tudo por 100$000 rs.

Todos os logares da freguezia são encostados ás serras da Cabreira e Baçô, que ambas nascem na serra da Estrella, e d'ellas principia o rio Ceira. Fertil.

Nos montes ha caça grossa e miuda. Passa pela freguezia o tal rio Ceira, que móe e réga.

CADÃO — Ponto perigoso, no rio Douro. Vide Douro, rio. Querem alguns que os romanos lhe chamavam Callipus. Duvido.

CADAVAL — villa, Extremadura, comarca d'Alemquer, 60 kilometros ao NE. de Lisboa, 12 ao S. de Obidos, 160 fogos, no concelho 1:330.

Patrirachado e districto administrativo de Lisboa.

Orago Nossa Senhora da Conceição.

Em 1757 tinha 139 fogos.

Feira a 8 de dezembro. Fertil.

Era antigamente da comarca de Torres Vedras.

É a cabeça do ducado de Cadaval, e eram seus donatarios os duques d'ella, a quem os moradores pagavam os oitavos do vinho e linho.

O primeiro duque de Cadaval, foi D. Nuno Alves Pereira de Mello, marquez de Ferreira, feito por D. João IV, em 26 d'abril de 1648.

Para a genealogia dos duques do Cadaval, vide Guarda, no artigo Barbadão. O sr. I. de V. Barboza diz que este duque foi feito a 18 de julho.

Tem theatro. Da villa se vêem as aldeias de Pragança, Vermêlha, Póvoa e Rochéforte, todas do termo de Cadaval. (A villa está em um alto.)

Era antigamente do termo d'Obidos, d'onde a desmembrou, em 1371, D. Fernando I, que então a fez villa, e a deu, com toda a sua jurisdição, a D. João Affonso Tellos de Menezes (seu cunhado) conde de Barcellos e Ourem, mordomo-mór, e alferes-mór do dito rei. Por sua morte, tornou á corôa, e D. João I, a deu a D. Pedro de Castro, filho de D. Alvaro de Castro, conde d'Arrayolos.

Tem esta freguezia muitas, grandes e bellas quintas e bonitos e rendosos casaes.

O prior da egreja de S. Pedro, d'Obidos, apresentava aqui o cura (por esta egreja ser annexa á de S. Pedro) e tinha, o cura, um moio de trigo, duas pipas de vinho, e 30 alqueires de cevada.

Tinha uma albergaria muito pobre, que era administrada por um mordomo, nomeado pelo provedor de Torres Vedras.

Até 1834, tinha juiz ordinario, ouvidor e camara e mais empregados judiciaes e municipaes.

É terra abundante de boas aguas, que se dizem muito eficazes para a cura de molestias de bexiga, dôr de pedra, areias, etc. etc.

Parte da serra do Monte-Junto pertence a esta freguezia.

No termo d'esta villa está o hospicio de Nossa Senhora das Neves, de frades dominicos, fundado na serra de Monte-Junto.

Tem foral, dado por D. Manuel, em Lisboa, no primeiro de outubro de 1513.

Passa aqui o rio Bogota, que nasce n'esta freguezia, formado de varios arroyos.

Tem lindas e ferteis varzeas, que se estendem desde a quinta do Brigadeiro até á Vermêlha.

Creem os povos d'aqui que o pó extrahido das costas de Santo Estevam, que existe em uma pequena ermida, na aldeia da Sobreira, d'esta freguezia, misturado em bom vinho, livra de sesões; pelo que a imagem (que é de pedra) está já quasi sem costas!

Produz muito e optimo vinho, que é a sua pricipal riqueza.

Junto á villa ha tenue vestigios de edificios árabes. A villa não possue antiguidades, mas tem bons predios, sendo um dos melhores a casa do snr. Feliciano José da Silva.

É tambem digna de mensão a quinta de D. Amiga, muito aprasivel e fertil, com lindas alamêdas e formosas ruas, e que é o mais bonito passeio da villa.

Ha ainda em Portugal nove aldeias chamadas Cadaval, mas nenhuma tem nada notavel.

—

D. João IV, querendo premiar os relevantes serviços prestados á causa da restauração de Portugal, por D. Nuno Alvares Pereira de Mello, IV marquez de Ferreira e V conde de Tentugal, o fez duque de Cadaval, em 18 de julho de 1648 (ou segundo outros em 26 d'abril desse anno.

—

D. Nuno casou tres vezes (as duas ultimas com duas princezas da casa de Lorêna, em França, hoje Prussia.)

A varonia dos marquezes de Ferreira é a mesma da de Bragança.

D. Alvaro, filho de D. Fernando I, do nome e segundo duque de Bragança, e irmão de D. Fernando II, casou com D. Philippa de Mello, filha e herdeira dos condes d'Olivença. D'este casamento nasceu D. Rodrigo de Mello, que foi primeiro conde de Tentugal e primeiro marquez de Ferreira.

—

Foi segundo duque de Cadaval, D. Luiz, filho do duque D. Nuno, que casou com D. Luiza, filha legitimada de D. Pedro II. Morreu novo e sem filhos, pelo que lhe succedeu o terceiro duque de Cadaval, seu irmão D. Jaime, que tambem casou com a viuva de seu irmão. Foi quarto duque, seu filho D. Nuno; quinto duque, o filho d'este, D. Miguel, que casou com uma filha dos duques de Luxemburgo. 6.° duque, D. Nuno Caetano Alvarez Pereira de Mello, que casou com D. Maria Domingas de Bragança Ligne e Souza, filha do esclarecido D. João de Bragança, duque de Lafões.

7.°, a senhora D. Maria da Piedade Caetana Alvares Pereira de Mello, condessa de Tentugal, actual representante e senhora da opulenta e nobilissima casa do Cadaval.

É casada com seu tio paterno, o sr. D. Jaime Caetano Alvares Pereira de Mello, marquez de Ferreira.

D'este casamento ha dous filhos, gemeos, são os srs. D. Nuno Alvares Pereira de Mello e D. Jayme A. Pereira de Mello.

Os filhos primogenitos dos duques de Cadaval são marquezes de Ferreira, e os segundos condes, de Tentugal.

—

E' esta villa patria do historiador Duarte Ribeiro de Macêdo, e do jurisconsulto Fernando d'Abreu e Faria, que nasceu em 1660

e aqui falleceu em 1737. Foi juiz de fóra d'Obidos e ouvidor d'Alemquer. Por morte de sua mulher, se fez padre, e foi desembargador da relação ecclesiastica de Lisboa e visitador da comarca de Santarem. Escreveu, alem d'outras obras menos importantes, o Commentario ás Ordenações do Reino.

—

Segundo diz Francisco Antonio de Mattos, os casamentos das pessoas d'aqui, pouco abastadas, fazem-se ás segundas feiras.

Á hora marcada para a ceremonia nupcial, dirigem-se os noivos para a egreja, acompanhados dos competentes convidados, que vão embrulhados em compridos capotes. Durante o acto religioso, é levado para o adro, por duas raparigas, um vistoso arco, formado de cannas verdes, guarnecido com fitas e lenços de sêda, de differentes côres. As raparigas são sempre das mais novas, bonitas e solteiras, que se apresentam com as suas melhores galas.

No centro do arco vêem-se pendurados emblemas allusivos á occupação dos noivos. Se elle é jornaleiro, é uma enxada de papel, e se ella é tecedeira, um pente de tear, collocado junto da enxada, etc.

Finda a ceremonia, dirigem-se os esposos para casa, passando por baixo do arco; sendo n'esse acto saudados e festejados. Seguese depois o jantar da vôda, e durante uma boa parte da noite ha baile, ao som de flautas e guitarras.

No fim do bailarico, recebe a esposa um ramo de flôres seccas, denominado *ramo matrimonial*, que existia na mão da que ultimamente tinha casado, a qual, desde este momento perde o titulo de noiva.

—

Em março de 1862, havia no Cadaval, duas lojas, com 2 caixeiros, e duas balanças em cada uma, 2 egrejas, cada uma com 2 sinos, 2 facultativos, 2 tabelliães, 2 cantores, 2 alfaiates, 2 ferradores, com duas bigornas cada um, 2 ferreiros, 2 barbeiros, 2 tabernas, 2 estalagens, 2 cemiterios, 2 sapateiros, bons, 2 pedreiros, 2 carpinteiros, casados, 2 engenheiros (carpinteiros de moinhos); nos paços do concelho, 2 salas para sessões, 2 cadeias, com 2 janellas cada uma, 2 nascentes de optima agua potavel, 2 chafarizes, 2 portas e 2 janellas no theatro, e finalmente 2 moinhos ao norte e outros 2 ao sul.

—

Este concelho é composto de 9 freguezias, que são: Péro Moniz, Cadaval, Peral, Vermêlha, S. Thomé das Lamas, Villar, Figueiros, Cercal e Alguber.

CADELLA—serra, Douro, termo do Porto, caminha de N. a S. Ha espalhadas por ella varias povoações e as freguezias de Melres, Aguiar de Sousa, S. Martinho do Campo, etc., etc.

D'ella sahem os braços chamados: Açôres, Santa Iria, Santa Justa e Pena-Porta. É cortada de varios rios e regatos. É bastante alta e em grande parte coberta de penedias e mattagaes, onde antigamente havia lobos e porcos bravos. Hoje apenas ha caça miuda.

É tradição que em um braço d'esta serra, ao SE. da aldeia do Covêllo, a 2 kilometros da margem direita do Douro, onde hoje ha grandes pinhaes, existiu em eras remotas uma cidade, que alguns dizem ser a antiga *Penafiel*, que foi abandonada em 850.

Para vêr se por aquelles sitios descubria alguns vestigios de edificios antigos, alli fui, em 1866, e em um dia inteiro que por alli andei a indagar, nada absolutamente vi, que possa, nem de longe, verificar a tradição.

Entendo (e d'esta opinião são bons escriptores antigos) que a primittiva *Penafiel* era na foz do rio Sousa, e d'ella (ou de antiga povoação, qualquer que fosse o seu nome) ainda ha vestigios. (Vide Sousa e Penafiel.)

CADIMA—villa, Douro, comarca, concelho e 12 kilometros de Cantanhede, 24 ao NO. de Coimbra, 210 ao N. de Lisboa, 960 fogos, 4:000 almas.

Em 1757 tinha 434 fogos.

Tinha o concelho, 2:740 fogos.

Orago Nossa Senhora do Ó e S. Vicente, martyr.

Bispado e districto administrativo de Coimbra.

Era um antiquissimo concelho, que foi supprimido em 24 de outubro de 1855.

Foi antigamente da comarca de Coimbra, e do termo de Monte-Mór-Velho.

Era da corôa.

É terra muito fertil.

Esta villa tem-se desenvolvido muito ha 120 annos, pois ainda em 1757 não tinha senão 27 fogos, e hoje tem quasi 200.

Situada em uma vasta e fertil campina.

Em um padrão de marmore, que está do lado de fóra da porta principal da egreja, debaixo do alpendre, está a seguinte inscripção, em lettra gotica:

Era 1219 (anno 1181 de Jesus Christo) 15 kalend. Martii dedicata fuit Ecclesia ista, in honore Sanctæ Mariæ, et Vincentii, in diebus Domini Ildefonsi Regis: et consecravit eam Vermundus Episcopus regens domum istam Menendus Pelagii, que eam fecit consecrare pro remedio animæ suæ.

A Universidade de Coimbra apresentava o vigario (por concurso) que tinha 40$000 réis e o pé de altar.

Ha muitos seculos que era concelho com juiz ordinario e camara, estando sujeita no crime a Montemór Velho, e no civel ao ouvidor da Universidade.

Ha aqui muitos pinhaes bravos, e por conseguinte grande abundancia de madeiras.

No sitio das Fervenças, ha dois olhos de agua, que sórvem tudo quanto se lhes lança, ainda que sejam arvores inteiras. Já Plinio, o naturalista, celébra esta fonte, a que chama *Catinense*. Suas aguas vão formar a lagôa de Mira.

Segundo a opinião de muitos antiquarios, Cadima se chamava, no tempo dos romanos,—*Catina*. É certo que Plinio lhe deu este nome e por isso á tal fonte da Fervença chamou *Catinense*.

Tem foral dado por D. Manuel, em Lisboa, a 23 de agosto de 1514.

Cadimo significa—patente, manifesto, e o que usa continuamente de um officio.

Tambem se chamava *cadima* á ponte e estrada publica. Isto no antigo portuguez. Na lingua arabe *cadima* quer dizer—antiga.

CAFEDE—freguezia, Beira Baixa, comarca e concelho de Castello Branco, 75 kilometros da Guarda, 210 ao NE. de Lisboa, 50 fogos.

Em 1757 tinha 46 fogos.

Orago Santo Antonio.

Bispado e districto administrativo de Castello-Branco.

Era da corôa.

É terra fertil.

Antigamente foi do bispado da Guarda.

Situada em um alto, d'onde se vê Castello Branco, Alcains, Castello Novo, Soalheira, Lordosa, Alpedrinha. S. Vicente da Beira, Pinalhas, Póvoa de Rio de Moinhos, Sarzedas, Penamacôr e Pedrogam.

O vigario de S. Miguel de Castello-Branco apresentava aqui o cura, que tinha de porção 55 alqueires de trigo, e 55 de centeio, pago pelos freguezes, e 27 arrateis de céra e um de incenso, pagos pela commenda.

Passa aqui o rio *Ocréza* e a ribeira de Cafede, que n'esta freguezia se mette n'aquelle, e cujas margens são cultivadas e ferteis, em partes e n'outras orladas de frondoso arvoredo silvestre.

CAHIDE ou **CAÍDE**—freguezia, Douro, 30 kilometros de Braga e 360 de Lisboa.

Em 1757 tinha 141 fogos.

Orago S. Pedro, apostolo.

Arcebispado de Braga.

O reitor era apresentado pelo conde meirinho-mór, e tinha de rendimento 100$000 réis.

Descrevi esta freguezia por descargo de consciencia, pois entendo que é engano do *Portugal Sacro e Profano*, que fez d'ella uma freguezia e da seguinte outra, quando são uma e a mesma freguezia.

CAÍDE (ou **CAHIDE**) **D'EL-REI**—freguezia, Minho, foi até 1855 da comarca de Amarante, concelho de Santa Cruz de Riba Tamega, e pela suppressão d'este concelho passou a formar parte da comarca e concelho da Lousada. 35 kilometros a NE. de Braga, 360 de Lisboa, 250 fogos.

Em 1757 tinha 212 fogos.

Orago S. Pedro, apostolo.

Arcebispado de Braga, districto administrativo do Porto.

O reitor era apresentado pelos condes de

Obidos; tinha de rendimento 100$000 réis e o pé de altar.

É terra muito fertil. Cria muito gado de toda a qualidade.

É nome feminino da palavra arabe *Caidon*, que significa — o governador ou capitão; e vem pois a ser *povoação da governadora.*

Era mais etymologico escrever-se *Kaid.*

Quem quizer saber mais circumstanciadamente o que ha sobre esta palavra, veja Alcaide, villa.

CAHIZ — Vide Villa Cahiz.

CAIA — freguezia, vide Caya.

CAIA ou **CAYA** — rio, Alemtejo. Nasce na serra de S. Mamede, freguezia de S. Gregorio, junto a Portalegre (ao N. de Alegrête).

Corre pelos termos de Portalegre e Aronches, e abaixo de Campo Maior, divide Portugal de Hespanha.

Mette-se depois n'este ultimo reino, juntando-se ao Guadiana, no termo de Elvas, proximo a Badajoz.

A 3 kilometros de Campo Maior, proximo a Badajoz, é a célebre *Ponte do Caïa*, onde se fazia entrega das pessoas reaes de Portugal e Hespanha, que mudavam de um para outro d'estes dois reinos, por casamento.

A mais esplendida e sumptuosa d'estas ceremonias foi em 1728.

O principe do Brasil (depois D. José I) aqui veiu receber sua mulher, a infanta de Hespanha D. Maria Anna Victoria, e D. Fernando, principe das Asturias, veiu receber a nossa princeza da Beira, D. Maria Barbara.

D. João V (pae de D. José e da princeza da Beira) ostentou por essa occasião uma magnificencia propria do seu cognome (o *Magnanimo*).

O *estado* da casa real constava de 10 côches, 8 berlindas, 29 *estufas*, duas caléçãs e 141 seges. As cavalgaduras para serviço d'estes vehiculos eram 353 urcos, ou frisões; 468 cavallos e mulas; aquelles para os côches, e estas para as seges e para os criados — 673 cavallos de sella e 316 muares, para as *galéras*, carros de matto, liteiras e outros transportes.

Os criados passavam de 900, só para o serviço dos côches e cavalgaduras; além d'este *estado*, havia os côches e as suas competentes cavalgaduras e cavallos de sella e criadagem dos fidalgos que iam na comitiva.

O patriarcha, 12 conegos e mais ecclesiasticos necessarios para o culto acompanhavam o rei.

Na vinda da familia real e seu préstito para Lisboa, se empregaram, alem do bergantim real e outras embarcações, perto de 300 barcos, que da Aldeia Gallega do Riba-Tejo seguiram até Belem, onde se fez o desembarque, em uma vistosa ponte que alli se armou.

(Vide Guadiana.)

CAIMA — rio, Douro. Nasce nos montes da Feiteira, freguezia de Albergaria das Cabras, concelho de Arouca, de 3 regatos, que brotam d'esta serra. Passando pelo formoso valle de Cambra (onde tem tres bonitas pontes de pedra, proximas umas das outras) recebe muitos ribeiros, que o engrossam.

Suas margens são em grande parte cultivadas e muito ferteis.

Desde as minas do Braçal para baixo estão estereis e abandonadas, por causa da lavagem do minério, o que muito prejudicou os proprietarios d'esses campos, que em consciencia deviam ser indemnisados. (Vide Val-Maior.)

Faz mover muitos moinhos e traz muito peixe.

Chamava-se antigamente rio *Coimbra*, e diz-se que tanto o nome d'este rio, como o de *Cambra*, é corrupção de *Coimbra*. Outros dizem que só se chamava Coimbra á villa e a um dos ribeiros que nasce n'este concelho, e que no valle de Cambra se junta ao Caima.

(Esta ultima questão não vale muito a pena de se discutir.)

Morre na margem esquerda do Vouga, acima de Serem. (Vide Braçal.)

CAIOLLA CAYOLLA ou **ÚRRA** — freguezia, Alemtejo, comarca, concelho e 6 kilometros de Portalegre, 185 a E. de Lisboa, 230 fogos.

Em 1757 tinha 188 fogos.

Orago S. Thiago Menor.

Bispado e districto administrativo de Portalegre.

Situada em planicie, d'onde se vê Portalegre e Alegrête, a 3 kilometros; Crato, a 18; e o castello da villa de Extremoz, a 40.

Ao orago se chama vulgarmente S. Thiago de Caiolla.

O ordinario apresentava o cura, que tinha 2 moios e 15 alqneires de trigo, pagos pelos freguezes.

Urra era uma freguezia e Caiolla outra, que se uniram ha mais de cem annos.

É terra fertil em cereaes; tem muitos e grandes montados, que criam muitas varas de porcos. Cria muito gado.

Tinha antigamente juiz da vintena, feito pela camara de Portalegre.

Passa aqui o rio *Caiolla*, que lhe dá o nome e que morre no Cáia.

Caiola é, na lingua portugueza antiga, diminutivo de Cáia.

CAIRES—(antigamente *Coayres* e *Quaires*) freguezia, Minho, foi até 1855 da comarca de Pico de Regalados, concelho e 1 kilometro de Amares, hoje é do mesmo concelho, comarca de Villa Verde, 10 kilometros ao NNE. de Braga, 365 ao N. de Lisboa, 180 fogos. Em 1757 tinha 130 fogos.

Orago Nossa Senhora da Purificação.

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

Era abbadia apresentada pelo arcebispo de Braga.

A egreja matriz, apesar da reedificação da capella mór, capella do Santo Christo, fachada principal e torre, (feita no meiado do seculo XVIII) mostra muita antiguidade, conservando ainda restos da sua primittiva architectura, que nos convencem de ser obra do XI ou XII seculo.

De vinte annos a esta parte, tem-se cuidado com sollicitude no aformoseamento d'esta egreja, que é hoje uma das melhores do concelho.

A confraria do Santissimo Sacramento d'esta freguezia, consta que foi a primeira que se creou no antigo concelho de Entre Homem e Cávado. Foi instituida em 21 de septembro de 1629

Ha n'esta freguezia 3 capellas — uma proximo á egreja matriz, dedicada, desde tempos immemoriaes, a S. Bento; e desde 1843, em que se mudou da matriz para aqui a imagem do Bom Jesus Crucificado, ficou sendo da invocação do Senhor da Salvação.

A segunda é dedicada a Nossa Senhora da Lapa.

Foi reedificada em 1761. É muito antiga.

A terceira é dedicada a Santo Antonio. Foi construida em 1851. Estas duas ultimas são particulares.

Além d'estas, existe, em um pequeno plató, no cume do monte de S. Pedro Fins, outra edificada, metade nos limites d'esta freguezia, e metade nos da freguezia de S. Thiago de Caldellas, servindo esta capella de marco divisorio das duas freguezias.

É dedicada a S. Pedro Fins, e dá o nome ao monte. Faz-se-lhe uma grande festa no primeiro domingo de agosto, sendo obrigadas a concorrer alli em procissão (clamor) todas as cruzes parochiaes do concelho de Amares. É isto o cumprimento de um voto feito pela camara municipal d'este concelho.

Antigamente se fazia esta solemnidade no primeiro de agosto, e a camara assistia encorporada; depois assentou-se em ser na primeira dominga, para haver mais concorrencia, por ser dia desoccupado.

Concorre grande numero de romeiros, que levam muitas offertas, mas em maior quantidade frangãos.

S. Pedro Fins é objecto de particular devoção, não só dos póvos d'esta freguezia, mas tambem das circumvisinhas; e sobretudo nas calamidades publicas, aqui concorrem clamores e procissões de penitencia de muitas freguezias, invocando a protecção do santo.

Esta capella é antiquissima. Foi reedificada e ampliada em 1869, fazendo-se-lhe então sachristia, á custa de um devoto e dos dois parochos respectivos (Caires e Caldellas).

É tradição que a imagem do Santo veio para aqui, do logar de S. Fins, da freguezia de Rendufe, e por isto se chamou S. Pedro

Fins, por abbreviatura de S. Pedro de S. Fins; mas eu supponho que é corrupção de S. Pedro Felix.

Como já disse, está esta capella no sólo de duas freguezias, pelo que um anno é seu parocho o de Caires, outro o de Caldellas. (É *meeira*.)

—

Do sitio em que está esta capella se avistam os pontos culminantes da serra das Alturas (de Barroso) a 55 kilometros a ENE. a serra do Marão e o Oceano a 40 kilometros a O.

Tambem se vê todo o formosissimo valle que se estende desde o mosteiro de Bouro até á villa de Barcellos, atravessado pelo rio Cávado; bem como a maior parte do valle, que o rio Homem atravessa.

Houve ainda n'esta freguezia outra capella dedicada a S. Vicente, martyr, sita no logar do seu nome (S. Vicente) que foi demolida em 1815.

É tradição que foi matriz da freguezia em tempos remotos, o que não é verosimil, não só porque estava em uma das extremidades da parochia, como por ser de acanhadissimas dimensões.

—

A freguezia de Caires está situada na encosta meridional do monte de S. PedroFins, com lindissimas e extensas vistas. É muito abundante em cereaes, legumes, hortaliças e fructas, especialmente laranjas, famosas pela sua optima qualidade.

É tambem muito fertil em vinho verde, azeite, linho e castanha. Cria muito gado de toda a qualidade.

É abrigada do N. pelo tal monte de S. Pedro Fins (ramo do Gerez) que principia na freguezia de Paredes Seccas e termina na de Bésteiros, com 4 kilometros de comprimento e um de altura.

Nas suas faldas ha oliveiras, castanheiros e arvores silvestres em grande cópia.

Tem caça miuda, especialmente perdizes.

—

A residencia parochial é um bom edificio, mas o que a faz, sobretudo, apreciavel, é o delicioso panorama que d'alli se desfructa.

—

N'esta freguezia tem a sua dupplicada origem o ribeiro do Barrio, que atravessando esta parochia e as de Amares e Ferreiros, vae morrer, com 3 kilometros de curso, na direita do Cávado.

Tem duas pontes de pedra, de um só arco; uma n'esta freguezia, entre os logares do Outeiro e Sobrado e outra no logar do Barrio, freguezia de Ferreiros, na estrada que d'aqui vae para Amares.

Ha n'este ribeiro um engenho de serrar madeira,e moinhos. Rega e traz peixe miudo.

A distancia de 600 metros a NE. da residencia parochial, no sitio dos *Gróvos*, existem vestigios de uma antiga povoação e restos de um castello ou fortaleza. Tem aqui apparecido tijolos, canos de metal, e amphoras de barro, cheias de um pó negro (provavelmente einza).

Ha 7 para 8 annos, appareceu uma cova redonda de metro e meio de diametro e outro tanto de profundidade, forrada de pedra, e em fórma de forno de coser pão. É talvez uma tulha subterranea dos antigos celtas e lusitanos. Têem tambem apparecido pequenas mós de pedra, proprias para moer cereaes, e pedras muito bem lavradas e com lavores.

—

A E. e S. d'esta freguezia passava uma das vias militares romanas, que de Braga iam a Astorga, e conhecida por—*Estrada da Geira.*

Tocava na Portella do Couto e Cancella de Paredes Sêccas, terreno d'esta freguezia.

CAIXEIRO—Vide Cacheiro.

CALÁBRE—Vide Caliabria.

CALÇADA DE CARRICHES—Vide Carriches.

CÁLCEDONIA—cidade antiga de que fallam Strabão, Plinio, Pomponio Mella e outros, a qual, segundo elles, existiu na parte septemtrional da Lusitania; mas cujo sitio certo se ignora. (Vide Covide.)

Passava por esta cidade a via militar romana chamada *Geira.* (Vide Geira.)

CALDAS D'AREGOS—Vide Aregos.

CALDAS DE S. JORGE ou **CALDELLAS**—freguezia, Douro, comarca econcelho e 6 ki-

lometros ao E. da Feira, 25 kilometros ao S. do Porto, 38 ao NE. d'Aveiro, 16 ao NO. d'Oliveira d'Azemeis, 288 ao N. de Lisboa, 200 fogos.

Em 1757 tinha 112 fogos.

Orago S. Jorge.

Bispado do Porto, districto administrativo de Aveiro.

É terra fertil.

Tem uma egreja, feita no fim do seculo passado.

O parocho é abbade, a sua residencia é das melhores do bispado, e seus passaes dos mais rendosos e extensos da comarca.

Na parede exterior da egreja, do lado do S., está uma pedra com uma inscripção. A pedra é muito branda, pelo que em 1840 já me custou muito a ler. Como muitos curiosos desejarão saber o que diz a inscripção, aqui vae :

Pedro Gonçalves, d'esta freguezia, deixou por obrigação a seu filho Balthazar Fernandes e successores, que é mandar-se dizer n'esta egreja nove missas em cada anno, que se dissessem do modo e nos tempos declarados em seu testamento, e vinculou a esta capella as herdades declaradas no dito testamento, e que o visitador tomasse conta d'isso.

Muitos me criticarão por copiar aqui uma inscripção tão insignificante. Declaro que só o fiz para que os curiosos, que não a possam ler, se não persuadam que é outra coisa, visto que já está quasi illegivel, e d'aqui a pouco desapparecerá completamente.

No adro da egreja está uma lapide com esta inscripção:

S. de Gonçalo Gil do Porto. 1601

O bispo do Porto e o convento de freiras de Santa Clara (franciscanas) da mesma cidade, apresentavam alternativamente o abbade, que tinha de rendimento 500$000 réis.

A freguezia é situada em terreno bastante accidentado; mas é muito aprazivel.

A egreja está isolada, quasi no centro da freguezia, tendo junto a ella apenas a residencia do parocho. O logar principal da freguezia é a aldeia da Sé, que ha 30 annos a esta parte muito tem progredido e prosperado com as caldas, e está já quasi uma villa, tendo bonitas casas.

Tem um bom estabelecimento de banhos, feito no reinado de D. Maria I, e administrado pela camara.

As aguas são sulphuricas e muito recommendadas e efficazes para a cura de diversas molestias, (sobretudo cutaneas) e muito concorridas no verão por gente do Porto e de outras muitas localidades.

Deve porém confessar-se que as tinas dos banhos são indecentes. São de madeira de pinheiro e soffrivelmente immundas. Podiam muito bêm ser de pedra, pois ha por aqui muita, e optima, ou, ao menos, forradas de azulêjo.

A camara da Feira, que ha 15 ou 18 annos tantos e tão bons melhoramentos teem feito no concelho, com reconhecida utilidade publica, deve tambem melhorar isto, no que não só utilisam os doentes; mas os póvos da freguezia e circumvisinhas, que fazem aqui bom negocio no tempo dos banhos e cujo interesse é o augmento da concorrencia, o que teria certamente logar, se este estabelecimento estivesse montado com mais aceio.

A agua, que sahe côr de leite, é naturalmente tépida; mas aquecida artificialmente por um systema muito vulgar, em caldeirões destapados, e com a maior descautella, o que faz perder á agua uma grande parte da sua força e virtude therapeutica.

A 20 ou 30 metros do frontespicio das caldas, passava a primeira directriz do caminho de ferro do Norte, que influencias de campanario arremessaram para a extremidade do reino, para os pantanos d'Aveiro. Se elle por aqui fosse, como devia ser, muito mais prosperava este estabelecimento thermal.

O descobrimento d'estas aguas, hoje tão preconisadas e frequentadas, foi do modo seguinte:

Em um grande campo, pertencente ao passal do abbade, que está ao fundo da aldeia da *Sé*, e sobre o pequeno rio *Uíma*, se via, no centro do tal campo, borbulhar da

enda de um rochedo, uma agua esbranquiçada, com um pronunciado cheiro a enxofre. Isto excitou a curiosidade do abbade da freguezia, Ignacio Antonio da Cunha, que conseguiu, á sua custa, desviar o curso do rio, para a extremidade do campo, deixando a agua thermal separada do rio. Mandou construir um cano para levar a agua mineral para sitio accommodado (no centro do tal campo) e fez construir algumas barracas, com tanques de madeira, para tomar banhos quem quizesse.

Isto teve logar ahi pelos annos de 1770.

Como se fossem acreditando as virtudes therapeuticas d'estas aguas, o governo de D. Maria I, pelos annos de 1780, tomou conta d'este estabelecimento, e lhe construiu um soffrivel edificio, de cantaria, com quartos para banhos de uma só pessoa.

Mas os tanques (apesar de por aqui haver abundancia de optimo granito) foram *provisoriamente* feitos de tábuas, e ainda assim se conservam.

Em 1843, a camara da Feira expropriou mais uma pequena parte do campo, em redor do edificio, para o desenterrar, pois que estava uns dois metros mais baixo (o pavimento) do que o nivel do campo, o que o tornava immundo e incómmodo.

Ficou desde então o edificio dos banhos, solto e independente, e com um passeio em redor, de uns 5 metros de largura.

Pela proximidade a que está do Porto, Aveiro, Feira, Oliveira de Azemeis, Ovar, Estarreja e outras muitas povoações menores, e pelos bons creditos que teem adquirido estas aguas, sobre tudo para molestias cutaneas, podia e devia fazer-se d'isto um bello e confortavel estabelecimento thermal, que redundaria em proveito geral d'aquellas povoações todas, e em especial dos habitantes da freguezia e proximidades.

Era porém preciso que se expropriasse todo o câmpo immediato, ou a maior parte d'elle, para alli se construirem casas para os banhistas, e um parque ou passeio, que seria bellissimo, porque o sitio, posto ser uma baixa, é pittoresco.

—

Não foram amostras para a Exposição Universal de Pariz, que teve logar em 1867.

—

A uns 150 metros ao S. do edificio dos banhos, ha uma nascente de aguas ferruginosas, que se applicam internamente, para a cura de varias molestias, sobre tudo, para padecimentos do estomago.

—

Ha n'esta freguezia minas de ferro e de cobre, que se não exploram, por indicarem pobreza.

—

É n'esta freguezia o logar das Airas, ou Souto Redondo, onde teve logar a batalha de 7 de agosto de 1832. (Vide Souto Redondo.

CALDAS DA RAINHA—villa, Extremadura, 5 kilometros ao N. d'Obidos, 85 ao NE. de Lisboa, 450 fogos, no concelho 1:880 na comarca 3:700.

Em 1757 tinha 308 fogos.

Orago Nossa Senhora do Pópulo.

Patriarchado de Lisboa, districto administrativo de Leiria.

Feira a 14 de agosto, tres dias, mercado diario, e feira de gado no ultimo domingo de cada mez.

Situada em uma baixa, d'onde se vê Obidos e algumas aldeias.

Era da casa das rainhas, desde a fundação da villa até 1833.

Famosa e concorrida nascente de aguas thermaes. O edificio das caldas foi feito por D. Leonor, mulher de D. João II, em 1490.

D. Manuel (a pedido d'ella) fez junto ao hospital que a rainha fundou, um logar para 30 moradores, dando-lhe fôro de villa, e com o privilegio de não pagarem *jugáda*, oitavos, siza ou portagem; nem os de fóra que aqui comprassem e vendessem.

O sr. Vilhena Barbosa diz que foi D. João II que mandou edificar estas 30 casas, e deu á povoação fôro de villa, em 1488. Não concordo. Quasi todos os auctores dizem que a obra dos banhos principiou em 1488. D. João II morreu (envenenado) de 40 annos de idade, a 25 de outubro de 1495, quando ainda o hospital provavelmente não estava concluido; e é muito provavel que fosse D. Manuel que mandou fazer isto. O

padre Cardoso (que nasceu pelos annos de 1700) assim o diz terminantemente, e tinha mais razão de o saber do que nós, porque viveu mais proximo d'esse tempo.

Estes 30 privilegiados conservaram-se até ao tempo de D. João VI, mas não se estenderam os privilegios aos habitantes posteriores da villa.

D. João V reconstruiu e ampliou o hospital.

Treze annos successivos (até ao fim da sua vida) vinha D. João V, a familia real e a côrte, fazer uso d'estes banhos, e é a esta circumstancia que a villa deve o seu maior incremento e prosperidade.

Começou em maio de 1747 a demolição da obra antiga, que estava muito enterrada (por causa das aguas, que para aqui arrastavam muitos entulhos) e findou em 1750. Comprou varias moradas de casas, que então se demoliram para augmento do hospital. Foi para o mesmo fim tambem demolida a primittiva casa da camara e cadeia, e a rainha (D. Marianna d'Austria, mulher de D. João V) as mandou fazer de novo, no rocio da villa, com muitos melhoramentos.

Abrem-se estes banhos no principio de maio e fecham-se a 29 de setembro.

Na estação dos banhos ha aqui uma concorrencia extraordinaria de gente de muitas povoações do reino, sobretudo de Lisboa. Fóra d'este tempo, a população permanente da villa anda por 1:700 almas.

Tinha rendas para se curarem 600 pobres, as quaes lhe deixou a fundadora. A agua que sae do estabelecimento, réga e móe e vae entrar na lagôa d'Obidos.

O architecto e director d'esta obra (de reconstrucção) foi o brigadeiro Manuel da Maia, famoso por ser tambem o architecto e constructor do pasmoso aqueducto das Aguas Livres, de Lisboa. (Concluiu-se em dois annos.)

Manuel da Maia, morreu em 17 de setembro de 1768, e jaz na casa do capitulo do convento de S. Pedro de Alcantara.

O hospital tem uma bella egreja. Até 1834 tinha duas enfermarias para homens, duas para mulheres (tendo uma d'estas, uma separação para freiras) uma para frades e outra para padres. Hoje tem seis para homens e duas para mulheres.

As dos homens chamam-se, de S. Francisco, S. Camillo, S. João de Deus, Santo Amaro e Nossa Senhora do Pópulo, e outra que lhe não sei o nome. As das mulheres são: a de Santa Clara e Santa Isabel.

—

A dita rainha D. Leonor (que era filha do infante D. Fernando, duque de Vizeu, irmão do infeliz duque do mesmo titulo, que morreu apunhalado ás mãos do proprio D. João II, seu primo e cunhado) passando de Obidos para a Batalha, em 1487, no sitio da Cópa, viu uns doentes a banharem-se em uns charcos.

Perguntou-lhe porque o faziam, e dizendo-lhe elles, que era porque aquellas aguas curavam muitas enfermidades e feridas, ella, que padecia de um peito, fez a experiencia das taes aguas, e se achou facilmente curada; pelo que alli mandou logo erigir um padrão commemorativo, do qual ainda ha vestigios.

Mandou logo em 1488 fazer aqui um bom hospital, ao qual applicou todas as suas rendas, e até vendeu, para isto, a seu irmão, o rei D. Manuel, todas as suas joias.

Foi este estabelecimento que deu principio á villa.

Fez a caridosa rainha, ao hospital, um compromisso, assignado a 18 de março de 1512, confirmado por D. Manuel, a 22 de abril do mesmo anno, approvado por breve do papa Julio II, tambem em 1512.

Foi entregue o governo do hospital, aos frades *loyos* (conegos seculares de S. João Evangelista). D. José I lhe tirou a administração, por alvará de 20 de abril de 1775, ficando ella por conta do governo.

A Casa da Convalescença, foi feita á custa dos bens para isso doados por o commendador da Ordem de Christo, Manuel Mattos de Sousa.

A matriz da villa (Nossa Senhora do Pópulo) foi principiada em 1488 e concluida em 1502. É tambem obra de D. Leonor.

Foi reedificada com grande sumptuosidade, por D. João V, pelos annos de 1740.

A primeira egreja que teve esta villa (mas

não matriz) foi a capella do Espirito Santo. Tem a villa mais quatro capellas (Nossa Senhora da Graça, Nossa Senhora do Rosario, S. Sebastião e S. Bartholomeu) quasi todas reedificadas por D. João V.

Modernamente tem-se feito alguns melhoramentos no hospital. Defronte d'elle ha um bonito passeio publico, que era a antiga cerca do hospital. Ha na villa ainda outro passeio publico ajardinado.

O parocho, até 1834, era vigario collado, e tinha tres capellães (todos quatro resavam em côro) e eram da apresentação *in solidum*, do provedor do hospital. Todos tinham egual renda, que era, para cada um, 40 alqueires de trigo e 40$000 réis em dinheiro, ao todo uns 120$000 réis.

O provedor e o almoxarife, eram conegos de S. João Evangelista, desde D. João III até 1775, em que, como já disse, passou a administração para o governo.

O termo d'esta villa é terra infertil, vindo quasi tudo de fóra, mas ha sempre abundancia, porque concorrem aqui géneros de muitas leguas de distancia, sobretudo, fructas, hortaliças e legumes que vem das immediações de Alcobaça; gallinhas, ovos e caça de varias partes e pescado da lagôa de Obidos, de Nazareth e Peniche.

Na sua origem tinha juiz ordinario e camara; depois passou a ser sujeita ao juiz de fóra de Obidos; mas modernamente tornou a ser cabeça de concelho e de comarca.

—

Tem estação telegraphica de 1.ª ordem ou do estado, por decreto de 7 de abril de 1869.

—

Tem esta villa um grande rocio; muitas casas boas; optimas hospedarias; um club, onde ha gabinete de leitura e se dão luzidos bailes; varios chafarizes, abundantes de excellentes aguas, todos obra de D. João V.

—

O primeiro brazão d'armas da villa, dado pela rainha D. Leonor, era o mesmo de Obidos (de cujo termo então era) e que é simplesmente o escudo real.

Estando D. João II e a rainha, com seu filho unico D. Affonso, e sua desposada a princeza D. Isabel, filha dos reis catholicos Fernando e Isabel, em Santarem, cahiu o principe abaixo do cavallo, nas margens do Tejo, a 12 de julho de 1491. Ficou sem sentidos, e foi levado em uma rede para a casa de um pescador que morava proximo; mas, apesar dos mais promptos soccorros, o principe morreu, sem tornar a fallar.

Desde então, augmentou a todas as suas villas, em memoria d'este triste acontecimento, uma rêde e um pelicano (que era a divisa ou emblema de seu esposo.)

São pois as armas d'esta villa actualmente: — o escudo de púrpura, tendo no centro dois escudetes parallelos, brancos, com cinco escudetes azues, pequenos, em cruz, cada um; e tendo cada um d'estes escudetes, cinco bezantes brancos em aspa (como os das armas de Portugal, mas duplicados, como se vê) e sobre o escudo doze castellos de ouro, em tres linhas perpendiculares, de quatro cada uma, ficando os quatro do centro no intervallo (de púrpura) que divide os escudetes brancos. Este escudo é mettido em outro branco, e de um lado d'aquelle tem uma rede e do outro um pelicano, sustentando os filhos com seu sangue. O escudo branco tem sobre elle uma corôa aberta, como a dos duques.

—

Ha tambem nascentes de aguas thermaes da mesma natureza das das Caldas da Rainha, proximo á quinta das Gaieiras, em Valle de Flores, onde ainda se vê um grande tanque para banhos.

Tambem aqui proximo, na cêrca que foi do convento de S. Miguel, de frades arrabidos, ha uma outra nascente de aguas thermaes, e ainda alli existe uma casa que foi feita para se tomarem banhos d'esta agua. Tem um tanque, no qual se podiam banhar 12 pessoas simultaneamente.

A tal quinta das Gaieiras era antigamente annexa ao hospital, ao qual pagava fôro.

A casa d'esta quinta é antiquissima, o que prova a architectura de suas portas e janellas.

A esta quinta se chamou antigamente Casal dos Mosqueiros, e porque depois veio a pertencer a Gaspar Freire de Andrade, se

chamou quinta dos Freires. O brazão d'armas dos Freires, ainda existe no portão da quinta.

Chamam-lhe das Gaieiras, por estar perto do logar d'este nome, e os visinhos tambem lhe dão o nome de quinta das Janellas. Vide Gaieiras.

—

Entre as portas das enfermarias, na casa da cópa, do hospital da villa, estão em relevo as armas de Portugal, e por baixo uma lapide com a inscripção seguinte:

JOANNES QUINTUS
LUSITANIAE REX VIGESIMUS QUARTUS
BENEVOLENTIA ET CHARITATE MOTUS
HANC THERMARUM HOSPITALISSIMAM DOMUM
INSTAURARE A FUNDAMENTIS
ET DECENTIUS AUGERE JUSSIT
AD MAIUS AEGROTANTIUM COMMODUM
ANNO REDEMPTIONIS MDCCLVII.

—

ET IN TRIENNIO ABSOLUTA CONSPICITUR
LEONORA REGINA
REGIS JOANNIS II DILECTISSIMA CONJUX
CONSTRUXERAT, ET ORDINAVERAT
SOLICITE, LIBERALITER, ET RELIGIOSE
ANNO DOMINI MCCCCLXXXVIII.
AMBO MISERICORDES
AMBOBUS DEUS RETRIBUET.
FRUERE HOSPES
IMITAREQUE QUANTUM POTUERIS
ET NON TE PAENITEBIT.

CALDAS DE VIZELLA (S. Miguel)—freguezia, Minho, comarca, concelho e 6 kilometros ao SE. de Guimarães, 24 ao NE. de Braga, 348 ao N. de Lisboa, 280 fogos.

Em 1757 tinha 150 fogos.

É terra fertil.

Era antigamente da *visita de Monte Longo*.

Situada em um valle, d'onde se vêem as freguezias de S. João das Caldas e a de Enfias e varios montes.

O arcebispo de Braga apresentava o abbade, que tinha de renda 400$000 réis.

Na divisão d'esta freguezia e da de S. João das Caldas, está uma lagôa de agua quente, e tem mais diversos *olhos* ou nascentes d'esta agua.

Em 1744, se descobriu aqui um tanque de 20 palmos de largo por 20 de comprido, lavrado e muito bem feito, com degraus de mosaico, obra romana, o que prova que já no tempo dos romanos se usavam, para cura de doenças, d'estas aguas.

Os banhos publicos dos romanos (thermas) não estavam reunidos dentro em um edificio, mas dispersos nos differentes sitios em que rebentam as nascentes.

Como as principaes aguas thermaes são nas duas freguezias de S. Miguel (esta) e S. João, para evitar repetições, direi aqui o que tenho a dizer das tão justamente celebradas Caldas de Vizella.

É nas margens do pequeno rio Vizella, que nascem estas aguas famosas, e frequentadas desde a mais remota antiguidade. As nascentes estão a 6 kilometros a SO. de Guimarães.

(Diz-se que os romanos edificaram aqui um templo a *Céres*.)

Mas, nem d'este templo nem da povoação que consta elles tambem aqui fundaram, ha o menor vestigio. Os proprios banhos jaseram por seculos soterrados e sem noticia que commemorasse a sua existencia, até que (parece que em 1840) foram descobertos uns apoz outros.

Estas Caldas offerecem a vantagem que se não encontra facilmente em qualquer paiz, isto é, a variada temperatura dos seus banhos, desde a agua quasi fervente até á tépida, ou quasi fria. Se tivessemos outros governos, ha muito que d'estas caldas se teria tirado todo o partido e immensas vantagens, que podiam e deviam produzir á nação em geral e aos povos d'aqui em especial.

A temperatura da agua das Caldas, proximo á nascente, é de 65°,5, thermometro centigrado.

Foram analysadas em setembro de 1867, pelos engenheiros srs. Pereira Caldas, Schiappa e Klass. (Vide Lijó.)

Vão-se-lhe fazer grandes melhoramentos, já principiados, para o que está feito o plano, pelo engenheiro Dejante. Realisados elles, a producção da agua sulphurea será de mais de 16:000 litros por hora.

Os banhos são de mui differentes fórmas e grandeza, mas todos revestidos de pedrinhas brancas, do tamanho e feitio das que se vêem nos mosaicos romanos. O maior é

um grande tanque quadrilongo, onde sem encómmodo se podem banhar 20 pessoas. Este porém não serve, porque a agua de que está sempre cheio, coseria qualquer corpo animal que lá cahisse. Para evitar qualquer sinistro, está resguardado por uma grade de ferro, que serve de varanda ao passeio de lagêdo que cérca o tanque. Ha outro tanque grande circular, em que podem banhar-se 6 pessoas.

É destinado a gente pobre. Os outros banhos é cada um para uma só pessoa.

Passa tambem pela freguezia (além do Visella) o rio Pombeiro, que réga, móe e tem pisões.

O sitio das Caldas é em um fresco e dilatado valle, rodeado de frondosos arvoredos, que o rio Visella corta e fertilisa. No centro da povoação está um lindo passeio publico, denominado da Lameira. Na frente d'elle está uma pequena praça, onde se faz o mercado. Á esquerda e ao fundo correm duas ruas, perfeitamente alinhadas, com casas caiadas e bonitas, que se alugam no tempo dos banhos. Pelo lado direito está outra rua, onde estão varias casas de banhos e uma fonte de aguas sulphureas, que rebentam quasi a ferver. Proximo á entrada do passeio, para a esquerda, tambem estão algumas casas de banhos. As outras casas da povoação sobem espalhadas pela encosta, e assombradas de denso arvoredo.

Agora (julho de 1873) está-se organisando uma companhia com o capital de cem contos de réis, em acções de 100$000 réis, para se construir um estabelecimento de banhos, aqui, com todas as condicções requeridas pelas leis da hygiene e do *confortavel*. É um melhoramento importantissimo a todos os respeitos.

No monte da margem esquerda do rio, está a linda casa gothica do sr. Vilby, negociante britannico, da praça do Porto.

É uma aprasivel vivenda, com bello jardim e n'um sitio alcantilado, mas muito pittoresco. (Vide Visella, rio.)

CALDAS DE VISELLA (S. João Baptista) —freguezia, Minho, comarca, concelho e 6 kilometros ao SE. de Guimarães, 24 ao NE. de Braga, 348 ao N. de Lisboa, 180 fogos.

Em 1757 tinha 125 fogos.

A egreja era do padroado real, e o abbade (apresentado pelo rei) tinha 330$000 réis de renda.

Junto á egreja passa o rio Visella, com curso arrebatado.

Ha n'esta freguezia a capella de Nossa Senhora de Jerusalem, do sr. Francisco Diogo de Sousa Cyrne de Madureira, do Pôço das Patas do Porto.

Sobre aguas thermaes, vide a freguezia de S. Miguel das Caldas de Visella.

Todas as mais caldas e aguas mineraes que ha no reino, vão nas terras onde nas cem e é lá que devem ser procuradas.

CALDE—freguezia, Beira-Alta, comarca, e concelho 9 kilometros de Viseu, 288 ao N. de Lisboa, 270 fogos.

Bispado e districto administrativo de Viseu.

Orago Nossa Seuhora da Natividade.

Em 1757 tinha 180 fogos.

Situada em uma serra, da qual se vêem as de Bésteiros, Estrella e Monte-Muro.

O vigario de Lordosa apresentava aqui o cura, que tinha 8$800 réis, 2 alqueires de trigo, 2 almudes de vinho, e 8 arrateis de cêra. É terra fertil.

Fica n'esta freguezia a serra da Varzea, e passa aqui o rio Vouga.

D. Manuel lhe deu foral, em Lisboa, a 24 de julho de 1515,—Chama-se alli—*Caldas do Couto de Lafões.*

CALDEIRÃO—serra, Algarve, composta de rochas volcanicas. N'ella nasce o rio Vascão.

CALDEIREIROS—Vide S. João de Caldeireiros.

CALDELLAS— cidade antiquissima da Lusitania, na actual provincia da Extremadura.

Ainda ha vestigios d'ella. Não se sabe quando foi fundada e destruida. Ficava proximo das cidades, tambem destruidas, Bezélga e Concordia. Vide Bezelga (a ultima.)

CALDELLAS—aldeia, Douro, na freguezia das Caldas de S. Jorge, comarca e concelho da Feira. N'ella esteve a primittiva ma-

triz, e é porisso que esta freguezia se chamava antigamente Caldellas. Vide Caldas de S. Jorge.

CALDELLAS (S. Thiago de) — freguezia, Minho, foi da comarca de Pico de Regalados, até 1855, e desde então da de Villa Verde d'onde deita 4 kilometros a NE., concelho d'Amáres, 12 kilometros de Braga, 372 ao N. de Lisboa, 150 fogos.

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

Orago S. Thiago Maior.

Em 1757 tinha 110 fogos.

Era antigamente da comarca de Vianna, concelho d'Entre-Homem e Cávado (a que hoje se chama Amârês.)

Situado em um alto, d'onde se vêem muitas povoações e o mar.

O reitor era apresentado pelo ordinario, em concurso, e tinha 40$000 réis e o pé de altar. Lanhes e Villarinho, eram suas annexas.

Ha no cêntro da freguezia, duas fontes d'aguas mineraes, a que chamam Caldas (d'onde a freguezia toma o nome) uma tépida e outra fria. Ficam proximo as serras do Lodeiro e de S. Pedro Fins, que trazem muita caça. (Ao lódão chamam no Minho lodeiro.).

Passa pela freguezia o rio Homem, que réga, móe e traz peixe.

E' aqui a casa solar de Lamoso, que foi do conde D. Real de Lamaós, a quem matatam os de Sevêr. E' dos Marinhos.

E' terra fertil.

Era da commenda de Christo.

A egreja matriz é um bom templo: foi reedificada no meiado do seculo 18.° tem uma bôa torre de cantaria, principiada em 1856 e concluida no anno seguinte.

Ha n'esta freguezia 3 capellas uma de Nossa Senhora da Mesericordia, pertencente ao sr. Domingos Manuel de Mello Freire Barata, de Braga. Outra do Senhor da Saude e a terceira de Santo Ovidio, bispo. Está 2 kilometros a E. da matriz, edificada sobre um cabêço chamado monte de S. Pedro Fins, d'onde se gosam extensas e lindissimas vistas. E' muito antiga, mas foi reedificada, d'abobada, em forma de cruz de Malta. em 733, por mandado de José Alves d'Azevedo, sargento-mór da comarca do Rio das Mortes, natural de Braga.

Ainda aqui ha outra capella, no cume do monte de S. Pedro Fins, dedicada a este santo (Vide Caires.)

Esta freguezia está situada no principio da bonita e fertil Ribeira do Homem, em terreno medianamente accidentado, sobre a margem esquerda do rio Homem. E' abundante d'agua, não só d'este rio, mas de varios arrois e nascentes, e por isso muito fertil, em cereaes, fructas e legumes, vinho, azeite e linho. Tem abundancia de lenha e caça (miuda e grossa) na serra.

Ha nesta freguezia uma ponte de cantaria, do tempo dos romanos, sobre o rio Homem, que liga esta freguezia com a de S. Vicente da Ponte de Caldelllas, e dá communicação para as villas da Barca e Arcos de Valle de Vez, e para o Alto-Minho. Tem 3 arcos, tendo o maior 13.ᵐ,8 e de largura 13.,ᵐ14. O seu comprimento é de 34.,ᵐ8 e tem de largura 2.,ᵐ63.

—

Entre os montes de S. Pedro Fins e Lombada, no cêntro d'esta freguezia, corre o ribeiro Alvito, que nasce no logar d'este nome, freguezia de Paranhos, e depois de 3 kilometros de curso, morre no Homem. Réga e móe.

Na esquerda d'este ribeiro, no meio da freguezia, são as aguas thermaes.

Ha 4 tanques (d'abobada) para banhos. Estes tanques, uma fonte d'agua mineral, para uso internos; e um pequeno passeio, foi tudo feito á custa dos povos d'este concelho, no principio de seculo 19.°

Tem mais duas boas nascentes, fóra do ribeiro, e ainda mais outras, mesmo no leito d'elle, que facilmente podiam ser aproveitadas.

Tem tambem esta freguezia, aguas férreas, na margem direita do mesmo ribeiro, que, por desmazêllo, andam desaproveitadas, e que sem grandes despezas se podiam utilizar; o que sería, não só de summa vantagem para os doentes, mas tambem para os povos da freguezia.

Houve proximo aos tanques, uma capella,

mandada fazer por um fidalgo de Ponte de Lima, para n'ella ouvirem missa os enfermos : foi demolida, em resultado de uma demanda que houve entre o fundador e o padre Antonio da Quintan, d'alcunha, *o padre Calção*; provando este que a capella estava edificada em terreno seu.

Ha 30 annos eram muito concorridas; mas, os pessimos caminhos, a pouca limpeza dos tanques e a falta d'habitações tolerancias, tem d'aqui feito fugir para outras partes os doentes.

Já no tempo dos romanos se fazia uso d'estas caldas; o que consta, não só da tradição mas de duas inscripções que aqui foram encontradas, e ainda existem debaixo de um alpendre, junto aos tanques. Estão ilegiveis, por terem já muitas lettras apagadas.

Estas aguas são da mesma composição chimica das outras do Geréz. Vide Geréz e Vilar da Veiga.

CALDELLAS (S. Vicente) — freguezia, Minho, comarca e concelho de Villa Verde. Até 1855 foi do concelho de Pico de Regalados, 12 kilometros de Braga, 372 ao N. de Lisboa, 120 fogos.

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

Orago S. Vicente martyr.

Em 1757 tinha 90 fogos.

Proximo á freguezia antecedente.

O arcebispo de Braga apresentava o abbade, que tinha de rendimento 300$000 rs.

Tem minas de crystal de rocha.

Fertil. Situada em montes e valles, vendose d'aquelles muitas povoações, serras e o Occeano.

Passa tambem aqui o rio Homem. No monte de S. Gião, d'esta freguezia, ha vestigios de fortificações antigas. D'aqui vae uma mina de 1:500 metros de extenção, até ao rio Homem.

Tambem no caminho que vae á Gomída, ha ruinas de antigas casas fortificadas.

CALDELLAS (S. Thomé de) — freguezia, Minho, comarca, concelho e 9 kilometros ao O. de Guimarães, 360 ao N. de Lisboa, 210 fogos.

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

Orago S. Thomé, apostolo.

Em 1757 tinha 143 fogos.

Dá-se geralmente a esta freguezia o nome de Santo Antonio das Taipas.

O D. prior e conegos de Guimarães apresentavam aqui o cura, que tinha de rendimento 60$000 réis.

De um lado cérca toda esta freguezia o rio Ave, que juntando-se com o Visella, desaguam no Occeano, em Villa do Conde.

Pelo meio da freguezia passa o rio Agrella e o ribeiro da Canhota, que ambas se mettem no Ave. Fica a freguezia no meio de duas serras, chamadas Falpérra de Santa Catharina.

E' terra bonita e muito fertil.

Ha n'esta freguezia uma nascente d'aguas mineraes, que lhe deu o nome. Vide Citania.

Proximo ao rio Ave, e mais perto ainda de um pequeno ribeiro, no logar do Couto, d'esta freguezia, estão situadas as caldas das Taipas, ou Caldas de Santo Antonio das Taipas, distantes assim de Guimarães, como de Braga, nove kilometros. O sitio é aprasivel, e ha poucos annos começou a ser mais povoado, em razão da utilidade que tem prestado as aguas mineraes, que ahi nascem, e tanto que em algumas occasiões acontece não haver quarteis sufficientes para os enfermos que concorrem.

E' o terreno plano e fertil, e as nascentes das aguas, em quatro differentes mananciaes, são abundantes, repartindo-se d'estes as aguas para nove tanques ou poços, cinco dos quaes são de pedra, e se denominam poço do Carvalho, dos Leprosos, do Figado, do Rheumatismo, e de Antonio de Sousa; os outros quatro são de madeira.

Todas as aguas são da mesma natureza; a côr é diaphana, o cheiro a óvos chocos, (sulphurio,) o sabor hepatico, nauseoso, desde as origens até aos poços, deixando n'estes sitios e no seu transito, deposito, ou lodo, cinzênto, e com todos os caracteres da sua qualidade sulphuria; mas são menos mineralisadas do que as de Visella, e contem menor porção de acido sulphydrico.

A natureza dos saes que n'ellas se acham em dissolução são todavia os mesmos das de Visella.

A nascente thermal das Taipas, contem por kilogramma d'agua 0 gr, 00242 de acido sulphydico e Ogr. 2035 de principios fixos; são principalmente silicatos e chlorétos, assim como saes calcarios e de magnesia.

Estas aguas foram analysadas na exposição universal de Pariz, em 1867, e deram os resultados que ficam descriptos.

Vide Taipas.

CALE — povoação (alguns dizem cidade) antiquissima da Lusitania, sobre a margem esquerda do Douro e a 3 kilometros da sua foz.

Em 41° e 8' de latitude N. e 12, de longitude Occidental.

Segundo alguns escriptores, foi fundada pelos gallos-celtas, 296 annos antes de Jesus Christo. Outros atribuem a sua fundação aos gallos-celtas, e turdentanos, 415 annos antes de Jesus Christo, denominando-a Porto-Gallo. A Monarchia Lusitana diz que foi fundada. por Diómedes (general grego, no cêrco de Troya) 600 annos antes de Jesus Christo.

Dizem outros que foram gregos da Thracia, habitantes das margens do rio Axio; e outros dizem que foi Menelau (o infeliz marido da bella Helena) 600 annos antes de Jesus Christo; finalmente dizem outros que foi Calais, rei da Thracia.

Os romanos lhe chamavam Calem, outros dizem que Portucale. Parece que depois lhe mudaram o nome, no de Castrum Antiquum para a differençarem do Porto, a que chamavam Castrum Novum.

Cale na lingua portugueza antiga (supponho que derivado do celta) significa cano ou aqueducto onde a agua corre com rapidez, por causa de grande descida.

> Ainda nas provincias do norte se dá o nome de *cále* ao cano ou tubo que da levada dirige a agua ao moinho.

Dizem alguns que na antiga lingua latina, significava rio sinuoso (ou torto.) Strabão, fallando de Cale, diz no liv. 5.° — *Cayetam sic esse appellatam á sinus curvitate, quia omnia curva lacorum idiomate sic solent nominari.*»

Tanto póde pois quadrar a Cale a palavra portugueza e a sua significação, como a latina, porque o Douro, sendo muito estreito em frente de Gaia (a antiga Cale) corre alli com grande velocidade.

Tambem no mesmo sitio faz uma grande curva, o que justifica a significação latina.

Mas se Cale (de que depois se fez Gaia) é palavra grega, significa porto fresco, e plano, e que entra pela terra dentro. Ainda se usa o seu diminutivo, que é «calheta.» Gaia significa (como já disse) porto sinuoso. Gaeta é seu diminutivo. Em Italia ha uma cidade e porto de mar chamado Gaêta: e em Portugal, ha, na freguezia de Villa-Maior, comarca e concelho da Feira, uma aldeia do mesmo nome, que lh'o dá um ribeiro que alli passa (Vide Assaes.)

Não faltam porem auctores que sustentam ser Cale fundação dos gregos, pelos annos 2632 do mundo — isto é — 1372 antes de Jesus Christo. — e que por isso se lhe chamou Porto-Graio, ou Porto-Gaio que, segundo elles (auctores) quer dizer Porto Grego, ou dos Grégos.

Pretende-se que de Porto-Cale, ou Porto-Gaio, provem o moderno nome de Portugal.

Quando nos pômos a combinar os livros antigos, parece-nos que sempre assim se chamou Gaia, ou pelo menos mudou o seu primeiro nome de Cale em Gaia, ficando ao Porto o nome de Cale, ou Portu-Cale; por que vemos que Cale era do arcebispado de Braga, reino da Galliza (todos sabem que, no tempo dos suevos, a Galliza chegava até ao Douro, que a dividia da Lusitania) e Gaia era do bispado de Merida, na Luzitania. Esta divisão da Galliza durou até ao seculo 8.°

Desde que os árabes se apossaram da Lusitania, tiveram sempre em Cale um regulo ou emir (a que muitos escriptores antigos dão o titulo de rei.)

Na era de 886, que é o anno 848 de Jesus Christo, D. Ramiro 1.°, de Leão, venceu e fez tributario o *Mahamad Cid Atauf*, rei mouro de Cale. O filho de *Mahamad* se chamava *Haluf*.

Em 932, era rei, ou *emir* de Cale, *Al-Boazar-al-Bucadão*. *A lenda* (parece-me antes um facto historico embelezado pela poesia) do roubo de Gaia (ou *Zahara*) por D. Ra-

miro II, de Leão; e a desforra d'Al-Boazar irmão de Gaia, roubando D. Urraca, mulher de D. Ramiro II, vem contada em Ancora, rio, pelo que o não repito aqui,, Vide Ancora, rio.

Tambem alguns pretendem que Cale foi cidade episcopal, o que é engano evidente. Cale nunca teve bispo. No principio da prégação do evangelho e até ao tempo dos suevos, foi do bispado de Merída, e depois passou para o de Coimbra, ao qual pertenceu sempre, até que o bispo do Porto, D. João Peculiar, conseguiu separar toda a Terra de Santa Maria (hoje Terra da Feira, a que Cale, ou Gaia pertencia) do bispado de Coimbra e a incluiu no do Porto, o que foi confirmado por 4 bullas pontificias, a saber: de Innocencio II, em 1139; de Lucio II, em 1144; de Eugenio III, em 1148; e, finalmente, de Celertino IV, em 1195.

Todas estas de bullas foram precisas para que os bispos de Coimbra largassem a sua preza; e quasi 60 annos gastaram elles em toda a qualidade de chicanas e sophismas para não perderem estes rendimentos, e só á força de bullas, censuras e ameaças de interdictos e escommunhões, é que se resignaram a largar isto!

—

Além de uma pequena torre, que se diz ser obra dos romanos, mas que parece muito mais moderna, não existe em Gaia (a antiga Cale) o mais leve vestigio de antiguidades.

Aquella torre (ameiada) está na quinta de Campo-Bello, junto ao monte de Gaia. E' dos herdeiros do sr. Alvaro Leite Pereira de Mello e Alvim, descendentes de D. Maria Mendes Petite, fundadora do convento de freiras de Villa Nova de Gaia. (Vide esta villa.)

Era concelho, que se supprimiu em 1834, annexando-o a Villa Nova de Gaia.

Gaia é um sitio bellissimo, situado em uma elevação, com extensas vistas para todos os lados, e descobrindo-se do O. uma immensa vastidão do Oceano.

Se foi cidade, hoje nem é villa. Mas nem por isso deixa de ser uma povoação notabilissima pela sua muita antiguidade.

No principio da monarchia chamava-se «Villa de Gaia», e desde que D. Affonso III fundou a actual Villa Nova de Gaia, se ficou chamando Villa Velha de Gaia, para a distinguir d'aquella. Com o tempo, e por abreviatura, se ficou chamando simplesmente Gaia; mas muitos chamam concelho de Gaia ao actual de Villa Nova de Gaia.

É um bellissimo aggregado de formosas quintas e bonitos casaes, espalhados por toda a serra, o que a torna deliciosa e pittoresca. Seus ares são puros e saudaveis. Seria um dos mais bellos passeios do Porto, se os caminhos que para lá conduzem não fossem tão incómmodos, por ingremes e mal construidos. Mesmo assim ainda é bastante concorrida por gente do Porto.

(Vide Ancora, rio—Gaia, Grijó, Porto, Portugal (villa), Serra do Pilar e Maia.)

—

Depois de ter nomeado o horror de fundadores que dão a Cale, direi que alguns, não contentes com aquelle numero, nem aquella antiguidade, attribuem a fundação de Cale a *Gethalo*, rei de Athenas, que viveu no tempo de *Moysés!*

A opinião mais seguida, porém, é que foram os gallos-celtas e turdetanos, que fundaram Cale, 415 annos antes de Jesus Christo.

De tudo isto o que ha de certo é que Cale é povoação antiquissima, cuja fundação se perde em a noite dos tempos.

(Para tudo o mais que diz respeito a *Cale* e aqui não vae, vide Gaia e Porto.)

CALENDARIO DE VERMUÍM—freguezia, Minho, comarca e concelho de Villa Nova de Famalicão, 30 kilometros ao N. do Porto, 342 ao N. de Lisboa, 265 fogos.

Em 1757 tinha 60 fogos.

Orago S. Julião.

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

O arcebispo apresentava o abbade, por concurso. Tinha de rendimento 600$000 réis.

CALENDARIO DA SILVA—freguezia, Minho, comarca e concelho de Barcellos, 365 kilometros ao N. de Lisboa, 90 fogos.

Em 1757 tinha 60 fogos.

Orago S. Julião.

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

E' terra fertil.

O deão da Sé de Braga apresentava o vigario, que tinha 200$000 réis de rendimento.

Hoje dá-se a esta freguezia, geralmente, o nome de **SILVA**.

CALHANDRIZ — freguezia, Extremadura, comarca e concelho de Villa Franca de Xira, e foi até 1855 do concelho d'Alhandra; 30 kilometros ao NE. de Lisboa, 120 fogos.

Em 1757 tinha 78 fogos.

Orago S. Marcos, evangelista.

Patriarchado e districto administrativo de Lisboa.

O povo apresentava o cura, que tinha de rendimento 40$000 réis e o pé d'altar.

—

Na aldeia do Matto, d'esta freguezia, nasceu, a 17 de janeiro de 1739, o virtuoso, illustrado e benemerito D. Francisco Gomes de Avellar, filho de paes humildes. Foi da congregação do Oratorio, de Lisboa.

Visitou Roma e outros paizes. D. Maria I o fez bispo do Algarve, em 16 de janeiro de 1789.

Rigido, austero e frugal comsigo mesmo, era bondoso e liberal com os mais.

Muitos e grandes beneficios lhe deve o Algarve, que achou assolado pelo terremoto, com suas povoações, egrejas, pontes, etc. em ruinas.

O santo prelado tudo via e tudo remediava.

Em poucas terras d'esta provincia deixam de haver monumentos da sua beneficencia e liberalidade. (Grande parte das obras de utilidade publica que mandou construir, vão nas terras onde existem.)

Morreu repentinamente e sem molestia conhecida, antes era de uma construcção sádia e robusta na apparencia. Conservou, mesmo até á sua morte, uma prodigiosa força muscular.

Falleceu na cidade de Faro, no dia 16 de dezembro de 1816, na edade de 78 annos, menos um mez (muito certo) tendo governado a sua egreja 27 annos e 11 mezes exactissimos. Tinha tambem 50 annos exactos (dia por dia) quando foi feito bispo.

Jaz no carneiro chamado — cemiterio dos bispos.

Pobre na vida e na morte, só se lhe encontraram em casa *sete cruzados novos*, resto de 20 moedas que poucos dias antes havia pedido emprestadas.

Tudo o mais tinha gastado em beneficio dos seus diocesanos.

Todo o Algarve chorou sinceramente a morte d'este glorioso prelado, como a de um pae estremecido, e a memoria dos seus beneficios será eterna na provincia.

CALHEIROS — freguezia, Minho, comarca e concelho de Ponte do Lima, 30 kilometros ao O. de Braga, 385 ao N. de Lisboa, 230 fogos.

Em 1757 tinha 148 fogos.

Orago Santa Eufemia.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Vianna.

É terra fertil.

A familia Calheiros é que apresentava o abbade, que tinha de renda 350$000 réis.

Estes Calheiros teem o seu solar no Paço-Velho, d'esta freguezia.

Descendem de D. Arnaldo de Bayão. Outros dizem que elles descendem de Pedro Martins de Chacim Calheiros; mas são ambas as coisas.

Garcia Lopes de Calheiros (d'esta freguezia) entregou Ponte do Lima a D. João I, que o fez alcaide-mór de Ponte do Lima, com os reguengos d'esta villa e do Burral, e o senhorio de Santo Estevão, com todos os bens moveis e de raiz, que foram de Lopo Gomes de Lira.

Ha tambem aqui outra casa antiga da mesma familia, chamada Cladellas, que foi de D. Izabel de Amorim Calheiros.

As armas dos Calheiros são — em campo asul, cinco vieiras de prata estendidas de preto, e, em chefe, trez estrellas (em facha) de 5 pontas cada uma.

Timbre — dois bordões de prata, em aspa, ferrados de asul, e atados com um troçal, e no centro (por cima) uma das vieiras das armas.

CALIABRIA — Beira Baixa, 5 kilometros

distante de Castello Melhor. Entre E. e NE. já no tremo de Almendra; antiga comarca de Riba Côa, estão as ruinas da famosa cidade de Caliabria, (outros tambem lhe chamam Calabria, mas é êrro), que no tempo dos godos foi cidade episcopal, e nos concilios de Toledo figuraram seus prelados desde 621 até 693.

Deixou de ter bispos desde a invasão dos mouros, em 716, e na restauração das Hespanhas passou a séde episcopal para Ciudad Rodrigo.

Foi ultimo bispo de Caliabria, segundo a tradição, Santo Apolinario, que foi martyrisado pelos arabes, em 716, na freguezia de Urrôs, Traz-os-Montes, e na egreja matriz d'esta freguezia está o mausoléo do santo. (Vide Urrôs.)

Ainda hoje se dá ao sitio que occupava a cidade o nome de *Calábre,* corrupção de Caliabria.

Pretendem alguns que esta cidade fosse no reino de Castella, mas é erro crasso.

Em uma doação que D. Fernando II de Leão fez á Sé de Ciudad Rodrigo em 1171, se fez menção expressa de Caliabria, confirmando ser aqui. D'outros mais documentos que existem n'aquella Sé se prova o mesmo.

—

Em um angulo recto que fórma a ribeira de Aguiar, quando se lança de S. a N. sobre o rio Douro, se levanta um ingreme e alcantilado monte, em cujo cume se admiram os notaveis muros que cingiam esta nossa velha cidade; os quaes teem 2 metros e 20 centimetros de largo, feitos de lousa e sem argamassa de qualidade nenhuma. Não tem fossos, torres ou baluartes, e é de fórma circular esta circumvallação. Todo o seu ambito é um campo cultivado, que leva uns 40 alqueires de semeadura. A actual altura da muralha varia entre 1 metro, e 70 centimetros.

Este sitio é falto de aguas nativas, pelo que a tinham em cisternas, e ainda se vêem as ruinas de pequenas povoações, albergarias e casaes.

Em 1767 se achavam aqui 3 sepulturas feitas de grandes e finos tijolos, contendo ossadas de individuos de 10 até 11 palmos de altura, com inscripções que foram destruidas. Pareciam romanas.

—

A 2 kilometros e meio da foz do Aguiar, e mesmo junto ao angulo que formam o Douro e o Agueda, ha um descampado, chamado Aldeia Nova, que é tradição ter sido antigamente uma grande povoação. As grandes escavações e pedregulhaes immensos que alli ha, próvam que houve n'este sitio grande fabrica da metaes, que os romanos aqui mesmo fundiam.

Ha aqui a antiga capella do Santo Christo, e n'ella uma lapide na esquina do lado direito, da parte exterior, que diz:

MODESTVS AVIRATI F. C.°
BEL. AN. LX. CORNILIA.
CENSVLIA. AX. L. H. S. S. S.
V. T. 2 C. AVIMIVS MODE-
STINVS. PATRI. FIRMVS
MODESTI. LIB. PATRO.

Por esta lapide consta que:

Modesto, filho de Avirato, terminada a guerra, em que havia militado, falleceu, de 60 annos de edade, e aqui foi sepultado com sua mulher, Cornelia Censulia, que morreu de 50 annos; e que Caio Avimio Modestino e Firmo, liberto de Modesto, poseram esta memoria, o primeiro a seus paes e o segundo a seus patronos.

Alguns dizem que era aqui a cidade romana de *Ravenna,* mas, segundo já disse, ha provas incontestaveis de que era Caliabria.

—

Foi arrazada pelos arabes, quando invadiram a Luzitania em 716.

Supponho que o primeiro nome d'esta cidade era *Caliabriga,* depois *Caliabrica,* e por corrupção finalmente *Caliabria.*

CALLE — Vide Cale.

CALVÃO — freguezia, Traz-os-Montes, comarca e concelho de Chaves. Foi até 1855 do concelho de Ervedêdo, 72 kilometros a NE. de Braga, 420 ao N. de Lisboa, 190 fogos.

Em 1757 tinha 92 fogos.

Orago Santa Maria, ou Nossa Senhora da Assumpção.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Villa Real.

O arcebispo apresentava o vigario, que tinha de renda 160$000 réis.

É terra fertil.

CALVELHE — freguezia, Traz-os-Montes, comarca e concelho de Bragança. Foi até 1855 da comarca de Chacim, concelho de Isêda, 40 kilometros de Miranda, 480 ao N. de Lisboa, 65 fogos.

Em 1757 tinha 67 fogos.

Orago S. Justo.

Bispado e districto administrativo de Bragança.

Já antigamente tinha sido da comarca de Bragança, para onde tornou.

O reitor de Isêda apresentava aqui o cura, que tinha 42 alqueiros de pão, 22 almudes de vinho e 8$500 réis.

É terra fertil.

Passam por esta freguezia duas ribeiras anonymas. Na que fica a E., no sitio do *Sanguinho*, ha vestigios de uma fortaleza, na qual se têem achado instrumentos de ferro, cuja applicação se desconhece hoje.

Nas margens da outra ribeira ha tambem vestigios de outra fortaleza de eras remotas.

CALVELLO — freguezia, Minho, comarca e concelho de Ponte do Lima, 30 kilometros a O. de Braga, 375 ao N. de Lisboa, 150 fogos.

Em 1757 tinha 115 fogos.

Orago S. Pedro.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Vianna.

Era antigamente da comarca de Vianna, concelho de Albergaria de Penella.

É terra fertil.

Situada em um valle, na raiz do monte de de S. Verissimo.

A egreja matriz é muito antiga, e foi convento de frades benedictinos, do qual ainda ha vestigios.

O reitor, antes de 1834, era feito por concurso synodal, apresentado pelo ordinario, e tinha de renda 125$000 réis.

Dizem alguns que houve aqui um convento de templarios, mas julgo ser engano. O que é certo é ser um antigo, mas pequeno mosteiro de frades bentos supprimido no fim do seculo XV, passando para abbadia secular, commenda da Ordem de Christo, com sua annexa, Fristellas.

Foi aqui abbade Gonçalo Dias de Barros, da casa de Barros, que era senhora da honra de Babbo. Este abbade julgo que foi casado antes de ser padre, pelo menos teve muitos filhos; é seu descendente o célebre historiador portuguaz, João de Barros, auctor das Décadas da India.

Ha mais n'esta freguezia a casa de Meresse, solar dos Regos, que procedem de Mem de Gondar, fidalgo asturiano, e de sua mulher D. Goda.

Este Mem veio para Portugal em 1093, com o conde D. Henrique. É d'esta familia Antonio Pereira do Rego, auctor do célebre tratado de cavallaria e alveitaria (veterinaria) ainda hoje muito consultado.

Na aldeia de Cadem está uma torre pertencente ao morgado de Parto Supposto, á qual se pagam fóros de diversos casaes.

N'esta torre viveram os fidalgos de Penella, senhores d'este concelho.

Na mesma aldeia existem ruinas de uma fortificação antiga, com covas e estradas cobertas.

No alto do monte está a antiquissima capella de S. Verissimo e suas irmãs, Santa Maxima e Santa Julia, naturaes de Lisboa, onde foram martyrisadas, pelos annos de 360, imperando Diocleciano, e sendo consul das Hespanhas o sanguinario Daciano.

A rainha D. Mafalda, mulher de D. Affonso Henriques, deu a esta capella varios casaes, cujas rendas quasi todas se perderam ha muitos annos, provavelmente por incuria dos mordomos.

Ha mais em Portugal 12 aldeias chamadas *Calvêllo* e *Calvéllos*, que não teem nada de notavel, por isso as não descrevo.

CALVOS — freguezia, Minho, comarca e concelho de Guimarães, 24 kilometros ao NE. de Braga, 360 ao N. de Lisboa, 80 fogos.

Em 1757 tinha 63 fogos.

Orago S. Lourenço.

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

A freiras franciscanas, do convento dos

Remedios de Braga, apresentavam o vigario, que tinha de renda 40$000 réis e o pé de altar.

CALVOS (S. Gens de)—freguezia, Minho, comarca e concelho da Póvoa de Lanhoso, 30 kilometros a NE. de Braga, 360 ao N. de Lisboa, 120 fogos.

Em 1757 tinha 115 fogos.

Orago S. Gens.

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

Era do arcediagado de Fonte-Arcada.

Antigamente pertencia a dois concelhos, Lanhoso e Ribeira de Soaz.

Situada em um valle bonito e fertil.

O arcebispo de Braga e o arcediago de Fonte Arcada, apresentavam aqui simultaneamente o abbade, que tinha de renda 260$000 réis.

Passa aqui o ribeiro de Porto de Carro, que réga, móe e traz peixe.

Ha mais em Portugal 16 aldeias chamadas Calvos, nenhuma das quaes menciono, por não ter nada notavel.

CAMARANCHÃO—portuguez antigo, obra avançada das fortificações antigas, especie de *cubêllo*. Hoje dá-se o nome de *caramanchão* (e não camaranchão) á armação de ripas, em fórma de capéllo (ou pyramidal) para sustentar as parreiras, ou outras quaesquer plantas. Tambem significa eirado ou miradouro, coberto de trepadeiras, onde se está ao abrigo do sol. Tambem se diz caramanchel.

CAMARÁTE — freguezia, Extremadura, termo, comarca e 8 kilometros ao N. de Lisboa, concelho dos Olivaes, 140 fogos.

Em 1757 tinha 220 fogos.

Orago S. Thiago, apostolo.

Patriarchado e districto administrativo de Lisboa.

É da casa de Bragança e foi couto.

Situada em terreno accidentado.

A matriz principiou por uma capella fundada no seculo XIV. Lançou-lhe a primeira pedra o bispo de Lisboa, D. Agapito Colona, natural de Roma, que governou a egreja ulyssiponense desde 1371 até 1380. Foi reconstruida e augmentada em 1511, quando e elevou a matriz.

Os freguezes é que antigamente apresentavam o cura, que tinha 100$000 réis.

Esta freguezia foi desmembrada da de Sacavem, em 1511.

Teve uma albergaria para passageiros pobres.

É terra fertil, e abundante de bom vinho, chamado *do termo*.

Tinha juiz ordinario, feito a votos do povo e confirmado pela camara de Lisboa, o qual era sujeito ao corregedor do bairro do Castello.

Entre muitas cousas que D. João I deu ao famosissimo condestavel D. Nuno Alvares Pereira, foi uma d'ellas, uma grande quinta em Camarate, onde D. Nuno fez uma capella dedicada a Nossa Senhora do Soccorro. Depois, o mesmo condestavel, deu esta quinta aos frades carmelitas calçados, de Lisboa, que n'ella fundaram um convento da sua Ordem, em 1602, da invocação de Nossa Senhora do Soccorro.

A quinta foi do opulento judeu, David Negro, almoxarife das alfandegas do reino, em tempo de D. Fernando, e seu privado e da rainha D. Leonor. Por morte do rei, seguiu o judeu as partes de D. João I, de Castella, pelo que D. João I, de Portugal, lhe mandou confiscar tudo, dando então esta quinta a D. Nuno, que aqui vinha muitas vezes e aqui viveu alguns annos, com sua mãe, Eyria Gonçalves. Sabemos que o santo condestavel morreu nos habitos de religioso do convento do Carmo, de Lisboa. Foi lá que elle deu esta quinta aos frades. Até 1608 foi vigaria, ou hospicio, e desde então passou a ser convento, com seu prior.

O edificio e cêrca foram vendidos pelo governo em 1835.

Dizem que a agua da fonte do Orelhudo sára toda a chaga e molestia do figado.

—

N'esta quinta, antes de ser mosteiro, habitou D. Eyria (Iria) Gonçalves do Carvalhal, mãe do condestavel, a qual aqui morreu.

D. Francisco de Castello Branco, em cumprimento do testamento de sua tia, D. Violante Eugenia, tomou conta da capella-mór, dando-lhe boas rendas.

N'este convento residiu (no tempo de D. João III) D. Fr. Balthazar Limpo, prégador da capella real e confessor da rainha D. Catharina. Foi 13 annos reformador da ordem, 13 annos bispo do Porto, onde fez o côro da Sé. Em 1545 foi ao concilio de Trento. Em 1550, foi feito arcebispo de Braga, onde morreu em 1558. Era filho de Luiz Limpo e Ignez da Rocha. Tinha nascido na villa de Moura no anno de 1478.

—

A egreja parochial foi fundada pelos annos de 1370; mas só foi elevada a matriz em 1511, quando se criou esta freguezia.

CAMARÍDO — grande pinhal da nação, (era do infantado) fóra das Portas de Vianna, na villa de Caminha, provincia do Minho, 105 kilometros ao N. do Porto, 417 ao N. de Lisboa. É no litoral. Occupa todo o espaço entre a estrada de Lisboa e o mar. Foi mandado semear por D. Diniz, em 1294. Vide Caminha.

CAMBAR—portuguez antigo, trocar, cambiar, escambar.

CAMBAS — freguezia da Beira Baixa, comarca da Certã, concelho de Oleiros, 90 kilometros ao O. da Guarda, 240 ao NE. de Lisboa, 95 fogos.

Em 1757 tinha 87 fogos.

Orago S. João Baptista.

Bispado da Guarda, districto administrativo de Castello Branco.

Era antigamente da comarca da Guarda, termo da Covilhã.

Era da corôa. Fertil.

Situada em uma baixa, cercada de montes, junto ao rio Zêzere.

Era do padroado real, e o prior (que o rei apresentava) tinha de renda 300$000 réis.

É regada pelas ribeiras de Cambas, ou de Villar, e a do Orvalho, que n'esta mesma freguezia se juntam com o Zêzere.

Camba significa—moinho pequeno, molinheira, moinho de mão, picarnel. Tambem se chama *cambas*, ás peças das rodas dos carros que unem ao meiúl.

CAMBAS — freguezia, Alemtejo, comarca e concelho de Mertola, 108 kilometros ao O. d'Evora, 180 ao S. de Lisboa, 500 fogos.

Em 1757 tinha 89 fogos.

Orago Sant'Anna.

Bispado e districto administrativo de Beja.

Era antigamente da comarca de Campo de Ourique, termo de Mértola.

Era da corôa.

O bispo de Beja apresentava o cura, que tinha de renda 180 alqueires de trigo e 60 de cevada.

Situada em montes e compõe-se apenas de duas grandes aldeias (Cambas e Mariannes.)

Abundante de trigo e centeio, do mais pouco.

Cria muito gado nos pastos communs, portuguezes e castelhanos.

Ao E., passa o rio Sancha, a distancia de 3 kilometros, réga e móe. Desagua na direita do Guadiana.

A mesma etymologia.

CAMBEZES — freguezia, Minho, comarca e concelho de Monção, 60 kilometros a NO. de Braga, 420 ao N. de Lisboa, 90 fogos.

Em 1757 tinha 130 fogos.

Orago o Salvador.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Vianna.

Antigamente era do termo de Monção, mas da comarca de Vallença.

Ha n'esta freguezia uma caverna circular, pela qual só de rastos se póde entrar, d'ahi a alguns passos, está uma sala e n'ella uma escada de pedra, que ninguem sabe onde vae ter, porque a certa distancia se apagam as luzes, por causa da densidade do ar. Attribue-se a factura d'esta caverna aos celtas.

E' n'esta freguezia a nobre e antiga casa do Sopegal, d'onde procedem os Pereiras, d'esta ribeira e de outras partes. E' d'estes Pereiras a formosa e vasta capella de Nossa Senhora dos Milagres.

Descendem de Affonso Pereira do Lago, védor da fazenda, da provincia do Minho, em tempo de D. Affonso V.

Os Alpoins, de Braga, apresentavam aqui o vigario (que era collado). Tinha 8$000 réis, cêra, vinho e hostias para as missas conventuaes, e o pé d'altar.

O *Portugal Sacro e Profano* diz que o abbade de Cambezes (a freguezia seguinte) é

que apresentava o cura, que tinha 40$000 réis.

É fertil.

Cambezes, quer dizer, terra das *cambas*. Vide esta palavra.

CAMBEZES—villa, Minho, comarca e concelho de Barcellos, 12 kilometros ao O. de Braga, 360 ao N. de Lisboa, 150 fogos.

Em 1757 tinha 115 fogos.

Orago S. Thiago, apostolo.

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

E' fertil.

Era antigamente *visita* do deão da Sé de Braga.

O conego *fabriqueiro* da mesma Sé, apresentava aqui o vigario, que tinha 60$000 réis.

Era couto privilegiado de Nossa Senhora da Sé, de Braga. Tinha juiz ordinario e camara, feitos a votos dos moradores e confirmados pelo deão da Sé de Braga, que era ouvidor d'este couto. Gozava a freguezia os taes privilegios, *por irem varrer a Sé de Braga, todos os sabbados.*

Estes privilegios deu D. Sancho I e a senhora D. Thereza a D. Pellagio Ramires.

Tinha alcaide-mór, que recebia a quarta parte dos dizimos.

Passa aqui o rio Este.

A mesma etymologia.

CAMBEZES DO RIO—freguezia, Traz-os-Montes, comarca e concelho de Montalegre, 54 kilometros a NE. de Braga, 414 ao N. de Lisboa, 90 fogos.

Em 1757 tinha 105 fogos.

Orago S. Mamede.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Villa Real.

Era antigamente do termo de Montalegre; mas da comarca de Chaves.

Tem só duas aldeias (Cambezes e Frades.)

Situada em uma elevação, d'onde se vêem varias povoações.

É da casa de Bragança, que apresentava aqui o abbade, o qual tinha 300$000 réis de renda.

É terra muito fria e pouco fertil.

Suas aguas são muito insalubres, o que tudo tem concorrido para a diminuição da população.

Passa aqui o rio Montalegre.

A mesma etymologia.

CAMBRA—(Vide Macieira de Cambra.)

CAMBRA—rio, que rega o valle de Cambra (Douro) concelho de Oliveira de Azemeis, e no mesmo valle seguinte ao Caima. (Vide Caima.)

CAMBRA—freguezia, Beira-Alta, comarca e concelho de Vouzella, 24 kilometros ao N. de Vizeu, 275 ao N. de Lisboa. 360 fogos.

Em 1757 tinha 300 fogos.

Orago S. Julião.

Bispado e districto administrativo de Viseu.

Era antigamente do termo de Vousella, e da comarca de Viseu, concelho de Lafões.

O rei apresentava o vigario, que tinha de rendimento 70$000 réis, e o pé de altar.

Situada em um valle entre montes.

É do padroado real.

É terra fertil.

Tem duas feiras, uma na terceira oitava do Espirito Santo, e outra em dia de S. Silvestre.

Passa aqui o rio Alfusqueiro.

Era do concelho de Oliveira de Frades, comarca de Vouzella, e em outubro de 1871 passou a ser do concelho e comarca de Vouzella.

CAMBRES—freguezia, Beira-Alta, comarca, concelho e 3 kilometros ao NO. de Lamego, 330 ao N. de Lisboa, 820 fogos.

Em 1757 tinha 320 fogos.

Orago S. Martinho, bispo.

Bispado de Lamego e districto administrativo de Vizeu.

Era do padroado real.

O vigario tinha 40$000 réis. Tinha dois curas e dois beneficiados, os curas tinham 60$000 réis, com o pé de altar, os beneficiados 40$000 réis cada um.

Muito e optimo vinho; do mais fertil.

O Douro passa pela extremidade N. da freguezia, ficando esta em frente da Régua.

É uma bonita freguezia, muito povoada e toda cultivada. Na margem do Douro, tem

muitas e bellas quintas, sendo as principaes as seguintes: Pacheca, Touraes, Calças, Carneiro, Varaes, etc., etc.

É dentro da demarcação da antiga *Companhia dos Vinhos.*

Produz annualmente, termo medio, 2:500 pipas de vinho de embarque.

É abundantissima de cereaes, legumes e hortaliças, e as suas fructas são em grande quantidade, muito variadas e de boa qualidade.

Ha n'esta freguezia uma casa notavel pela sua grandeza e pelo seu local. É a *Casa da Corredoura,* com grande quinta ajardinada, contigua. É dos srs. *Perfeitos.*

Optima egreja matriz. Faz-se n'ella annualmente a romaria do Senhor dos Afflictos, que é talvez a mais concorrida d'ambas as margens do Douro.

O povo d'aqui, é apparentemente tratavel, vivendo (como vive) em contacto com Lamego, Regua, Villa-Real, Porto etc.; mas, pela mais leve desintelligencia, se assassinam uns aos outros, sem ceremonia.

Ha annos que tem havido 18 e mais assassinatos!

Não ha talvez em todo o reino, freguezia onde se encontrem tantas cruses, commemorando homicidios. Só na estrada da Barca do Carvalho para Lamego, se vêem nove, encontrando-se só em um angulo da estrada (em Felgueiras) tres; mas algumas d'ellas, marcam varias mortes que aqui se teem feito.

De todas as aldeias d'esta freguezia, a mais tristemente célebre é Portéllo, que aliás é das mais bonitas povoações da freguezia, e atravessada pela estrada nova de macadam, que liga a Régua com Lamego.

—

O *pôrco do fisco.*

Junto á cidade de Lamego, e no dia de Santo Estevão, era muito celebrado o grande *pôrco do fisco,* que dos 13 casaes do logar de Portéllo, d'esta freguezia, se pagava annualmente ao mosteiro de Salzêdas. De todos quantos os taes frades recebiam, este era sempre o maior.

Fazia-se aqui n'esse dia (26 de dezembro) uma feira de porcos; vinha a ella o procurador do mosteiro (que era mesmo um frade) e escolhia na feira o melhor pôrco que via, e os povos o pagavam pelo preço que o dono do pôrco muito bem queria, e lá ia para Salzêdas.

Este fôro do pôrco era na sua instituição pago ao rei (e por isso se chamava do *fisco*) mas D. Affonso I deu ao mosteiro de Salzêdas, em attenção a D. Thereza Affonso (4.ª mulher de D. Egas Moniz) *todos os direitos reaes,* e portanto o pôrco de Portéllo e outros mais logares.

Fisco é pois o direito ou tributo que se paga á fazenda real. (Hoje diz-se á *fazenda publica,* e é mais bonito.)

Em 1163, Pedro Viegas, auctorisado por D. Affonso I, vendeu á tal D. Thereza Affonso, por 480 *morabitinos* (maravidins) tudo quanto tinha nos territorios de Lamego e *Ermamar* (Armamar) que era em Queimada, Figueira, Portéllo, Quintião, Bouzonas, Penellas, Moimenta, Maguéja, Candêdo (abaixo do monte de Galafúra) Valle do Conde e Lamaçaes, aguas vertentes para o Douro.

Em 1155, *Munio Sandinio,* parocho d'Almacáve, com seus freguezes, venderam varias fazendas, em Mosteirô, d'esta freguezia, ao mosteiro de S. João de Tarouca, por 3 *mauros* para elles e 6 para o *senhor da terra.* Uns dizem que estes *mauros* eram *escravos mouros;* outros pretendem que sejam *morabitinos* ou *maravidis mouriscos.* É mais provavel que seja isto.

Supponho que os *maravidis* é moeda africana, talvez cunhada pelos *marabetins,* ou *morabetinos,* povos da Arábia, da seita de *Ali* (genro de Mafoma) opposta á de *Omar;* os quaes vieram para a Africa, em companhia de *Abu-Jauar,* fundador da sua seita, pelos annos 40 da *Egyra,* ou 662 de Jesus Christo, e d'alli passaram para a Hespanha, seus descendentes, no seculo VIII.

Dos arabes adoptaram os portuguezes esta qualidade de moeda, mandando-a cunhar com o mesmo nome.

Alguns pretendem que esta moeda, sim era originariamente mourisca, mas que tinha outro nome, e que o de *maravedí,* ou *maravedim,* que nós lhe démos, vem de *mauro butim,* que quer dizer, *despojo dos mouros.*

É êrro crasso, commettido pelo simples desejo de arranjar etymologias. Na palavra *maravedí* serei mais extenso.

O bispo de Lamego, doou ao convento de Tarouca, os dizimos da *Bugalheira*, por consentimento dos freguezes de Cambres, em 1217.

CAMINHA—villa, Minho, comarca e 18 kilometros a ONO. de Vianna, 54 a O. de Braga, 8 a O. de Villa Nova da Cerveira, 25 a O. de Vallença, 105 ao NNO. do Porto, 417 ao N. de Lisboa, 450 fogos, 1:800 almas.

No concelho, 2:400 fogos.

Em 1660, tinha a villa 500 fogos, e em 1757, apenas 135.

Orago Nossa Senhora da Assumpção.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Vianna.

Em 41º 52' de latitude N. e 20' de longitude occidental.

A 1:500 metros da foz do rio Minho, e sobre a margem esquerda d'elle e a confluente do Coura com o Minho, ficando-lhe este ao N. e aquelle a N. e NE., banhando-lhe ambos as suas muralhas.

Tambem é sobre a margem esquerda do Coura.

A casa do infantado apresentava o reitor, que tinha de renda 110$000 réis e o pé de altar.

É provavel que os phenicios, ou os carthaginezes (que vieram depois d'elles) fundassem aqui alguma povoação ou estabelecimento, visto a importancia d'esta posição; mas não ha d'isso vestigios nem memorias.

O que é incontestavel é que estes sitios foram habitados pelos celtas, pois d'elles ha monumentos. Eu vi na freguezia de Mollêdo, do concelho e 1 kilometro ao S. de Caminha, *carns* (a que os d'alli chamam *cerrados dos mouros*) e em Gontinhães, freguezia do mesmo concelho, a confinar com o Mollêdo, um *dolmen*, perfeitamente bem conservado. (Vide Gontinhães e Ancora.)

É certíssimamente povoação romana; mas não pude saber o nome que os romanos lhe deram.

Na divisão dos condados de Entre Douro e Minho, feita por D. Fernando de Leão em 1026, se lhe dá o nome de Cabeça do Minho. (Vide Britonia do Lima.)

Foi esta villa uma praça d'armas importantissima da edade média e o continuou a ser até ao fim do seculo passado. Era defendida por tres ordens de muralhas.

A 1.ª, foi construida pelos romanos. Era tudo de cantaria. Tinha 10 torres e 4 portas, que são, a *da Villa*, que é uma alta torre, onde está o relogio; a *do Sol*; a *Porta Nova* e a *do marquez*. Ainda existe grande parte d'estas muralhas, a tal torre do relogio e a casa da camara, tudo obra dos romanos e em tão perfeito estado de conservação, que surprehende.

A 2.ª circumvalação é obra de D. Diniz, no fim do seculo XIII, era onde hoje é a rua da Misericordia. Tinha uma só porta, que é a *de Vianna* (ao S.) e um postigo, que vae dar ao rio Minho.

A 3.ª fortificação e circumvalação é obra de D. João IV e de seu filho, D. Affonso VI. É feita de alvenaria, com *cava* (ou fosso) e contra-escarpa. Tinha 6 portas, que são: Porta Nova, de Santo Antonio, da Corredoura, Falsa, do Caes (ou do Vau) e a do Assougue.

Esta ultima circumvalação era muito mais ampla e comprehende no seu ambito quasi toda a villa.

Todas estas obras de defeza estão em completo abandono e em grande parte arruinadas. As mais bem conservadas (como já disse) são as mais antigas!

Fóra das Portas de Vianna principia o pinhal do Camarído, da nação (vide Camarído.)

Tem, na rua da Misericordia, um convento (ainda habitado) de freiras fransciscanas, fundado por André de Noronha, bispo de Portalegre, em 1561.

Este convento é da invocação de Nossa Senhora da Misericordia.

O bispo fundador, tinha sido abbade da freguezia de Caminha.

Tinha tambem um convento de frades capuchos, fundado por D. Miguel de Menezes, marquez de Villa Real, e pae do primeiro duque de Caminha, em 1618. (Ambos morreram degolados por traidores á patria, na

praça do Rocio de Lisboa, a 29 de agosto de 1641.)

Caminha foi cabeça de ducado, até que, em 1641, se descobriu uma vasta conspiração, cujos conjurados tinham por fim assassinar D. João IV e toda a familia real, e entregarem o reino aos castelhanos.

Os principaes traidores eram o arcebispo de Braga; o inquisidor geral; D. Miguel de Menezes, filho do marquez de Villa Real e duque de Coimbra; o marquez de Villa-Real (de qeu já fallei) o conde d'Armamar; D. Agostinho Manuel de Vasconcellos e outros.

O arcebispo, morreu na prisão; o inquisidor-geral, esteve muitos annos preso, sendo por fim perdoado; os quatro seculares morreram degolados, no Rocio de Lisboa, a 29 d'agosto de 1641. Foi então supprimido o ducado de Caminha.

D. Affonso V, fez conde de Caminha a Pedro Alvares de Sottomaior, visconde de Tuy (gallego) ao serviço de Portugal, e seus descendentes foram alcaides móres de Caminha. Phillippe IV fez duque de Caminha, a D. Miguel de Menezes, primogenito do marquez de Villa Real. Vide adiante.

Para a geneologia dos duques de Caminha, vide Guarda, artigo Barbadão.

—

Um illustre cavalleiro gallego cujo nome se ingnora, de appellido Caminio (por ser senhor da Casa do Caminho,) reedificou e povoou esta villa, pelos annos 950 de Jesus Christo, dando-lhe o seu nome.

É preciso notar que a palavra gallego, não quer dizer que o individuo fosse natural da actual Galliza. Já tenho dito e repetido que a antiga Galliza comprehendia então toda a nossa actual provincia do Minho e parte da do Douro da margem direita d'este rio para o N.

Sirva isto de regra para quando aqui fallar dos antigos gallegos.

Depois se destruiu, em grande parte com guerras continuas d'aquelles infelizes tempos e a reedificou e povoou de novo, dando-lhe o titulo de villa, D. Affonso III, em 1265.

D. Diniz a augmentou, fazendo-lhe novas e mais amplas fortificações, em 1284, dando lhe, a 24 de julho desse mesmo anno, foral, com todos os privilegios do de Vallença. D. Manuel lhe deu foral novo, em Lisboa, no primeiro de junho de 1512.

Entre os muitos privilegios concedidos pelos seus foraes a esta villa, era um d'elles ser Caminha—*couto do reino*—isto é—couto d'homisiados: podendo para aqui vir morar qualquer malfeitor, sem receio da justiça nem do castigo.

Todos estes coutos do reino foram extinctos pela lei de 1790; mas ficaram as cartas de seguro, que ainda eram peores. Vide Couto.

Tinha voto em côrtes, com assento no banco 13.° (3.° logar da direita.)

—

Junto á Torre do Marquez, houve antigamente um grande caes, onde carregavam e descarregavam navios de muito maior lote do que os que hoje podem entrar a barra; mas as areias foram cobrindo este caes, até ficar completamente enterrado.

Ha mais de 260 annos que esta porta se tapou, por inutil.

Chamava-se do Marquez, porque junto d'ella havia um palacio dos marquezes de Villa-Real.

D. Affonso V, fez d'aqui conde a D. Pedro Alvares Sotto-Maior. Philippe II, fez d'aqui duque a D. Miguel de Menezes, marquez de Villa Real, e Philippe IV, (depois de degolado D. Miguel de Menezes, por traidor, em 1641) fez d'aqui duqueza, D. Maria Beatriz de Menezes e Noronha, condessa de Medelim (Hespanha) casada com D. Pedro Porto Carreiro, 8.° conde de Medelim. D. Maria Beatriz era irman do ultimo duque de Caminha, Philippe IV, lhe deu este ducado *in-perpetuum (!)* em sua familia, isto em 1641 (ainda veio a tempo!) e de mais a mais as honras de grande de Hespanha.

Tem por armas, em escudo branco, um castello d'ouro, com tres torres, sobre o mar d'ondas verdes.

—

A egreja matriz da villa, é o mais bello templo d'architectura gothica das provincias do norte; lançou-se-lhe a primeira pedra no dia 4 d'abril de 1488, reinando D. João II.

Foi principiado á custa da camara e com

esmolas do povo da villa; mas estando as obras muito atrazadas quando D. Manuel subiu ao throno, este rei, contribuiu muito, com grandes esmolas, para a sua conclusão, que teve logar em 1500.

É este templo todo de robusta cantaria, e tendo a porta principal e travessa, janellas, cimalha e torres ornadas de muitas esculpturas e arabescos.

Tem uma platibanda formada por um primoroso rendilhado, com embornaes ou goteiros esculpidos. (Sendo os dous do lado do norte que olham para a Galliza formados por dous rapazes de còcaras (!) deitando a agua da chuva por um grande buraco que teem no recto!

O tecto de toda a egreja, apainellado, é formado de madeira de muitas qualidades e côres (naturaes) e não tem (que eu saiba) rival no reino.

Tem uma imagem de Jesus Ecce Homo, de primorosa esculptura.

Veio d'Inglaterra, quando Henrique VIII. alli aboliu o catholicismo.

Tem egreja da Misericordia e hospital, fundado pela camara e povo, em 1551. Durante a guerra dos 27 annos (1640 a 1667) houve aqui um hospital militar.

Tem uma extensa praça, chamada Terreiro, com um bello chafariz no centro, feito em 1865, exactamente egual ao do Campo do Forno, de Vianna, pois foi feito pelo mesmo risco.

N'este terreiro estão as melhores casas particulares da villa, distinguindo-se as dos srs. Lima, barão de S. Roque, Cardoso e Faria. E' tambem notavel pela sua muita antiguidade, a casa gothica ameiada, do sr. Rodrigo Pitta.

A casa do sr. Pitta foi construida por um seu ascendente, chamado *Inigo Lopes Anuncivay*, fidalgo gallego, em 1490. Antigamente (não sei porque) se appellidavam Sérpes, os membros d'esta familia.

São tambem situadas n'esta praça, a torre da villa e a casa da camara (de que já fallei) de construcção romana, onde está tambem a estação telegraphica.

Ha n'esta villa 5 boas capellas, (Senhora da Piedade, S. Sebastião, S. João, Senhora de Guadelupe e Senhora da Graça.)

Tem varias fontes de optima agua, dentro e fóra das muralhas.

Tem um estaleiro onde fazem brigues, lugres, hiates e outras embarcações menores.

O seu porto é muito frequentado e sustenta um commercio activo com Lisboa, Porto e outros pontos do reino. Entram e sahem annualmente mais de 100 navios, cujas lotações (de todos, excedem a 8:000 toneladas.

—

Caminha está pittorescamente situada. O rio Coira que lhe corre a E., e NE., o Minho que corre pelo N. e ONO., e o Occeano que a banha pelo O., fazem Caminha e seu territorio uma formosa peninsula.

Fica a villa nas margens esquerdas dos dous rios, confluindo, mesmo aqui o Coira com o Minho, e tem, sobre a fóz d'aquelle, uma linda ponte de madeira, em linha recta, assente em robustos pilares de granito, e uma das mais compridas do reino.

Desde Vianna até esta villa, sempre na costa, e desde aqui até Vallença, na margem esquerda do Minho, é um continuado jardim (melhor diriamos paraizo.)

Mas Caminha não cede em formosura a estas duas deliciosas zonas. Os campos que a cercam, são formosos e fertilissimos; os montes que lhe ficam sobranceiros, estão cobertos de frondoso arvoredo, apparecendo por entre elle as cristas escalvadas e cinzentas de rochedos alcantilados.

Ao O., vê-se o Atlantico, já deslisando-se placido sobre os areaes, já furioso debatendo-se, com medonho estampido, contra os rochedos.

Na embocadura do Minho, se vê a fortaleza da Insua (vide esta palavra) como um navio debatendo-se entre as ondas.

A ONO., em frente da villa, se espraia o formoso Minho, e na margem opposta se vê a bonita aldeia gallega da Passagem (da freguezia da Guardia, pequena villa hespanhola no litoral.)

Quasi a prumo sobre a fóz do rio, tambem do lado da Galliza, se vê a serra de Santa Tecla, cujo pico (coroado com a capella da mesma Santa) se vê a muitas legoas de distancia, tanto do mar, como de terra. Veem-

se as lindas margens gallegas do rio Minho, desde a Passagems até Gaião.

Para NE. e alem da ponte do Coira, se vê a poetica freguezia de Seixas; e para o E. o lindo rio Coira e suas ferteis e deliciosas margens.

Finalmente, de qualquer ponto d'esta villa que nos colloquemos, vê-se um panorama bellissimo, em que nossos olhos se não fartam de divagar.

—

Com a estrada nova, tem progredido e prosperado muito esta villa, que cada dia se torna mais bonita.

A rua principal (da Misericordia) e a que vae á ponte, são formadas pela estrada real (á macadam) feita em 1857. Tem mais varias ruas, quasi todas perfeitamente calçadas com lagens de granito, cujo melhoramento é devido ao sr. Torres, segundo barão de S. Roque, cavalheiro d'esta villa.

O sr. barão de S. Roque já morreu. (é hoje representante de sua casa, seu filho unico, o sr. doutor Antonio Xavier Torres e Silva, terceiro barão de S. Roque) Dos mais ricos proprietarios e capitalistas da provincia, sendo muitos annos presidente da camara, empregou o seu patriotismo, zello e illustração em melhorar as condições moraes e materiaes da terra que o viu nascer.

Fique aqui registado o nome d'este portuguez benemerito, para honra dos seus descendentes e d'esta villa.

Ha tambem em caminha a bonita casa e quinta do sr. José Maria de Leiras; e a 2 kilometros a N., na margem esquerda do Minho, em formosa planicie, está a casa acastellada do sr. Camillo, digna de menção pela sua antiguidade. E' na freguezia de Lanhelas.

—

Caminha, ainda no seculo 16.º formava uma peninsula triangular, e muito menos espaçosa do que actualmente; porem o Coira (que então passava por onde hoje é a praça do Terreiro) foi-se obstruindo na sua margem esquerda e invadindo os pantanos da margem opposta, dando assim mais amplitude á villa, e á peninsula sobre que ella está fundada, a configuração quadrangular que actualmente tem.

Na margem direita da foz do Coira, houve muitas marinhas de sal, mas, por este não ser de boa qualidade, estão hoje abandonadas.

—

Faz-se tambem em Caminha grande commercio com Hespanha.

Exporta cereaes, cortiça, fructas, vinho, peixe, etc.

Tem varias *diligencias* diarias, ascendentes e descendentes e a sua estrada é concorridissima.

—

É patria de D. Antonio Mendes, que foi lente de Coimbra, e bispo d'Elvas; que morreu n'esta cidade a 9 de janeiro de 1591;

Do insigne compositor de musica João Soares Rebello, muito estimado de D. João IV;

Do famoso jurisconsulto Pedro Barbosa, que reformou as *Ordenações do Reino;*

E de outros varões illustres em armas, em lettras e em virtudes.

—

Tem estação telegraphica de primeira ordem, ou do Estado, por decreto de 7 de abril de 1869.

—

Já disse que Philippe IV fez duque de Caminha, em 14 de dezembro de 1620, a D. Miguel de Menezes, filho do quinto marquez e primeiro duque de Villa Real.

D. Miguel Luiz de Menezes, sobrinho do antecedente e filho do setimo marquez de Villa Real, foi feito segundo duque de Caminha, por D. João IV, em 14 de maio de 1641; porém esta graça não obstou a que este duque e o marquez, seu pae, fossem traidores ao seu rei e á sua patria; pelo que, como tambem já disse, foi justiçado com seu pae e os outros cumplices na traição, na praça do Rocio, de Lisboa, em 29 de agosto de 1641. Ficou desde então extincto este titulo.

(Vide Loronhas.)

ÇAMORA—Vide Samora.

CAMPANA—portuguez antigo, sino, sineta.

CAMPANEIRO—portuguez antigo, sineiro.

CAMPANHAN— freguezia (que foi villa), Douro, arrabaldes, comarca e 3 kilometros a NE do Porto, concelho e 3 kilometros a O. de Gondomar, 310 ao N. de Lisboa, 1:000 fogos, 3:800 almas.

Em 1757 tinha 758 fogos.

Orago Nossa Senhora do Rosario.

Bispado e districto administrativo do Porto.

Era couto dos bispos do Porto, e pertencia ao *termo velho*, pelo que tinha todos os privilegios e honras d'aquella cidade.

Situada em terreno accidentado, mas fertilissimo, formoso e saudavel, muito abundante de aguas, e correndo-lhe pela extremidade N. o rio Douro, cujas margens são muito bellas.

Dos seus cabeços se vê o Porto e muitas povoações das dúas margens do Douro, e interiores.

A egreja matriz, de uma só nave, é um templo vasto e muito aceiado, todo de cantaria por fóra e forrado de azulejo interiormente.

Á padroeira se chama Nossa Senhora de Campanhan, por ser achada em uma *campina*, depois de vencidos os mouros. Primeiro chamava-se Nossa Senhora da Entrega. É de pedra e muito bem feita.

Festeja-se a 8 de setembro, e vae alli muita gente de fóra, especialmente do Porto.

O bispo do Porto apresentava aqui *in solidum* o reitor, que tinha de renda 400$000 réis.

Havia aqui uma commenda, que rendia 1:300$000 réis livres de todos es encargos a que era obrigada.

Tinha antigamente juiz ordinario, que era tambem o almotacé do couto e julgava toda a quantia. Era confirmado pelo bispo. Servia-lhe de escrivão um ecclesiastico por turno.

Aqui nasceu fr. Manuel de S. Jeronymo, frade dominico, que, sendo captivo dos mouros, foi martyrisado em 1718, na Africa, sendo queimado vivo,

É terra muito rica, pelas súas variadas producções agricolas, pelo grande e contínuo commercio que sustenta com a cidade do Porto, e sobretudo pelo decidido amor ao trabalho, que tão honrosamente dirtingue os seus habitantes.

Passa aqui o *Rio Tinto*, que se mette no Douro, no sitio do Esteiro, e outro ribeiro chamado *Ribeirinho*, que nasce no logar de Baguim do Monte, freguezia de Rio Tinto, e se mette no Douro em Campanhan de Baixo. Ambos regam e móem.

Ha aqui muitas quintas boas, com formosas casas, sobresaindo, entre as melhores, o sumptuosissimo palacio acastellado do sr. Antonio Affonso Vellado, visconde do Freixo, o qual palacio, excluindo o da Breijoeira, é o mais bello, rico e magnifico de Portugal, fóra de Lisboa.

Está mobilado com um luxo surprehendente, e seu digno proprietario, que é um cavalheiro illustrado e delicadamente obsequiador, o franqueia facilmente para ser admirado, quando os visitantes são pessoas decentes.

O sr. visconde do Freixo é um cavalheiro perfeito, de conversação amena, revelando muita intelligencia e bom gosto, chão e sem ceremonia, pondo as pessoas que tem o gosto de conversar com elle, logo á sua vontade. Parece exactamente um dos nossos antigos fidalgos portuguezes, e não céde em boas maneiras e affabilidade aos de sangue asul.

Se o tão justamente célebre palacio da Breijoeira excede em grandeza e magestade ao do Freixo, se a quinta e magnificos jardins do sr. Moscoso excedem em vastidão e disposição aos do sr. Vellado, o palacio e quinta d'este senhor excede á d'aquelle pela sua pittoresca e formosa posição, pois está mesmo sobre a margem direita do Douro, no sitio onde este rio é mais bello, e cujas ondas se deslizam pelos muros d'esta encantadora propriedade.

O sr. visconde do Freixo comprou este palacio e quinta, em 1850, ao sr. visconde de Azurára, por 15:000$000 réis; mas, como estava ha muitos annos em total abandono, o sr. visconde, para o tornar uma das mais lindas vivendas de Portugal, tem gasto quasi trez vezes o seu custo.

Este palacio foi feito pelos Tavoras, cujos golphinhos (ou delphins) que eram o seu

timbre, ainda se vêem esculpidos em varias partes.

Chama-se a quiuta do Freixo.

(Vide Freixo (quinta do).

—

Tem o segundo logar entre as bellas propriedades d'esta freguezia, o lindo palacio e formosa quinta de Villar, de que é proprietario o sr. Alfredo Allen, visconde de Villar Allen.

—

Estão hoje tambem reparados com grande luxo o palacio e quinta que foi dos srs. viscondes de Balsemão, comprados em 1867 pelo negociante e capitalista portuense, o sr. Simão Duarte de Oliveira.

Além d'estas tres, ha muitas mais casas de campo, e bellas vivendas, que a natureza d'este livro me não permittem especificar.

Fabricam-se n'esta freguezia muitas e delicadissimas obras de ouro e prata, estando muito aperfeiçoadas as obras de *filagrana*.

Ha tambem aqui muitos e bons marceneiros (que chamam *ensambladores*) indo a maior parte dos artefactos d'estas duas qualidades de artistas para a cidade do Porto.

Ha n'esta freguezia muitos vestigios de grandes obras de mineração, do tempo dos romanos e arabes.

A agua da Fonte da Senhora, em Bomjôia (que rebenta de um rochedo) dizem que cura as molestias do estomago e outras. Rebentou milagrosamente (segundo uma inscripção que tem) na grande sêcca de março, de 1742.

Tambem no logar de Azevedo, d'esta freguezia, ha uma nascente de aguas thermaes, que ainda não foram (que me conste) analysadas scientificamente.

Aqui nasceu, em 4 de outubro de 1782, Joaquim Ferreira dos Santos, 1.º barão de Ferreira (feito em 7 de outubro de 1842), 1.º visconde de Ferreira (em 21 de junho de 1843) e 1.º conde do mesmo titulo (em 6 de agosto de 1850). Era commendador da Ordem de Christo, par do reino e grão-cruz da ordem hespanhola de Isabel a Catholica. Morreu na cidade do Porto, pelas 9 horas da manhã, do dia 24 de março de 1866.

Os governos que Portugal tem tido desde longos annos, e que tanto têem ridicularisado os titulos, commendas, brazões, cartas de conselho, etc., prodigalisando-os a tanto homem sem merecimento de casta alguma, poucas vezes conferido graus de nobreza bem merecidos, e nenhuma cértamente collocaram na classe da moderna aristocracia um varão tão digno d'essa distincção como o benemerito conde de Ferreira, mais nobre ainda pelas suas virtudes e pelas suas obras, do que pelos titulos que o condecoravam. São diplomas d'estes que a posteridade acata e confere aos bemfeitores da humanidade; diplomas que trazem por *séllos pendentes*, ainda mais respeitaveis do que os officiaes, as obras de beneficencia e os legados de caridade.

O conde de Ferreira, nascido em humilde berço, adquiriu na America, pelo seu assiduo trabalho, pela sua intelligencia e honradez commercial, e pela sua economia bem entendida, uma grande fortuna, que no seu regresso á patria o tornou o maior capitalista da segunda cidade do reino.

A sua vida, depois de rico, foi uma continuada série de actos de caridade e beneficencia, e a corôa de todas as suas obras, foi o seu testamento, o mais notavel, o mais philantropico de quantos têem havido em Portugal e talvez em todo o mundo!

Este documento é o reflexo da alma virtuosa, do coração grande e beneficente de quem o dictou. N'este testamento brilham e resplandecem as qualidades de um bom amigo e de um inimitavel cidadão.

Não fallando nos valiosos legados que o conde de Ferreira deixou aos seus intimos, tratarei apenas dos que dizem respeito ao bem geral.

Deixou, além de outros muitos legados de muita valia em beneficio das classes desvalidas, 144 contos de réis para a fundação e mobilia de 120 escholas de instrucção primaria, para ambos os sexos, nas terras de Portugal que forem cabeças de concelho.

Á Santa Casa da Misericordia da cidade do Porto, para uma enfermaria homoeopathica, que não tenha menos de 20 enfermos permanentes, 20 contos de réis.

Deixou o remanescente da sua grande riqueza (calculada em uma cifra superior a 200 contos de réis) á fundação e sustentação de um hospital de alienados, na cidade do Porto; que tanto carecia d'este indispensavel estabelecimento, e que já está em construcção, com grande diligencia e sumptuosidade, fóra de barreiras, ao NO. da cidade, no sitio chamado Cruz das Regateiras.

Do que deixo dito se vê que o conde de Ferreira está na frente de todos os varões portuguezes que têem sido bemfeitores da humanidade, e o seu nome irá, de geração em geração, cercado de uma aureola de gloria, até ao fim das edades.

Esta freguezia, pois, deve ter orgulho de ser a patria de tão nobilissimo varão, menos nobre pelos seus titulos do que pelas suas qualidades.

—

A egreja parochial está situada quasi no centro da freguezia. Presume-se que o local em que hoje está não é o primittivo.

É provavel que o primeiro assento da egreja matriz d'esta freguezia fosse no sitio chamado antigamente *Luzazeres*, entre as aldeias de Luzaceres e Contumil.

Ignora-se quando foi mudada para o sitio actual, mas é certo que o foi ha muitos annos, e provavelmente antes da fundação da monarchia.

Eu supponho, com bons fundamentos, que o primeiro nome d'esta freguezia foi *Los Azares* (As Batalhas — vide Azares) ou *D'os Azáres*.

Sendo governador do Porto o conde Hermenigildo, Ab-el-Raman, rei de Córdova, pretendeu, em 824, reconquistar a cidade do Porto, atacando-a com um grande exercito.

O conde não só resistiu com a sua gente, aos mouros, mas tomando a offensiva, veio sobre elles, e n'esta freguezia lhes deu uma grande batalha, destruindo-os completamente.

Foi tanto o sangue mourisco que n'ella se derramou, que um ribeiro que por aqui passa, tomou o nome de *Rio Tinto*, que ainda conserva, em razão das suas aguas tomarem a côr do sangue.

(Esta victoria, porém, custou cara aos lusitanos; porque, logo no anno seguinte, 825, veio sobre o Porto o feroz Almançor, o grande, cognominado *terror dos christãos*, com um numerosissimo exercito, e tomando de assalto a cidade a saqueou e destruiu, reduzindo-a a um montão de ruinas, e assim esteve até 999. — (Vide Porto, onde isto vem mais circumstanciado.)

Tornando á etymologia de Campanhan, parece que *Los Azáres* se chamou a este sitio, em razão d'esta mortifera batalha.

Com o tempo se mudou o nome para *Campanha*, que no antigo portuguez vinha a significar o mesmo; ou talvez para *Campanhans*, que na lingua dos lusitanos, era o mesmo que dizer — sitio das batalhas. D'aqui facilmente se modificava em *Campanhan*.

Segundo a tradição, no dia da batalha appareceu aqui uma imagem de Nossa Senhora, á qual os fieis attribuiram a victoria dos christãos, e lhe erigiram logo depois d'ella uma ermida, que veio a ser a matriz da freguezia que aqui veio a crear-se.

Estou persuadido que a esta imagem se deu primeiro o nome de Santa Maria de Azáres. É certo que depois se lhe chamou Nossa Senhora da Entrega (não sei porque: talvez em razão de se entregarem muitos moiros para escaparem com vida depois da derrota) e por fim se denominou Nossa Senhora de Campanhan, nome que ainda conserva.

A egreja que hoje existe foi roubada, em 1809, pelas hordas de Soult, que não contentes com o saque, a desmantelaram.

Tambem soffreu alguns damnos com a guerra fratricida de 1832 a 1834, estando então fechada mais de um anno.

Depois se lhe fizeram alguns reparos, e em 1862 se lhe accrescentou a capella-mór e se lhe collocou um relogio na torre. É actualmente um lindo templo.

Está na quinta do Pinheiro d'esta freguezia o asylo dos meninos desamparados (denominado Seminario). Fundou este caritativo estabelecimento o padre José de Oliveira, da congregação do oratorio, em 6 de janeiro de 1814, na rua das Hortas (hoje do

Almada) coadjuvado pelo doutor Simão da Costa e Silva, para cinco creanças do sexo masculino, em commemoração das cinco chagas de Jesus Christo.

Foi depois transferido para a Torre da Marca, para uma casa proxima á capella do Senhor da Boa Nova, e já no anno de 1819 recolhia e educava 30 meninos.

Em 1825 mudou-se este collegio para o fundo da rua de Cimo de Villa, para uma casa denominada Paço da Marqueza, tomando então a denominação de Asylo de Nossa Senhora das Dôres e S. José.

Em 1863 foi mudado para a quinta do Pinheiro, de Campanhan, a qual tinha doado a este asylo o bemfeitor Luiz Antonio de Lima, com outros varios bens.

Este collegio está muito bem administrado por uma commissão, e o seu estado é mui florescente.

Tem hoje de rendimento annual—juro de inscripções 1:349$250 réis—rendimento de capitaes 1:098$290 réis—de obrigações prediaes 64$800 réis—de acções da companhia Utilidade Publica, 200$000 réis—do Banco Mercantil Portuense 266$000 réis—do Banco União 159$000 réis—do Banco Alliança 177$600 réis—do Banco Commercial 15$000 réis—de juro de acções da camara do Porto, 9$813—de fóros em dinheiro 99$360 e em especie 330$360—de rendas de propriedades em Portugal 694$140. Tem tambem propriedades na cidade da Bahia (Brasil).

A sua receita regula por 13:000$000 réis annuaes, e a sua despeza anda por dez contos de réis.

O sitio d'este collegio é formoso e muito saudavel, e a quinta está cultivada com esmero. (Vide Porto e Rio Tinto.)

CAMPANHÓ—freguezia, Traz-os-Montes, foi até 1855 da comarca de Villa Real, concelho d'Ermêllo, hoje é da comarca de Villa Pouca d'Aguiar, concelho de Mondim de Basto, 60 kilometros a NE. de Braga, 378 ao N. de Lisboa, 70 fogos.

Em 1757 tinha 30 fogos.

Orago Santa Barbara.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Villa Real.

Eram seus donatarios os marquezes de Marialva.

Situada em uma asperissima montanha, nas abas da serra do Marão. A egreja parochial era annexa á de S. Vicente de Ermêllo.

O abbade de Ermêllo é que apresentava aqui annualmente o cura, que tinha 15$000 réis e o pé d'altar.

Apesar da aspereza da serra em que está situada esta freguezia, tem sitios bastante ferteis.

Passa aqui o rio Olo.

CAMPEAN—freguezia, Traz-os-Montes, comarca e concelho de Villa Real, foi até 1855 da mesma comarca, mas do concelho de Ermêllo, 66 kilometros a NE. de Braga, 360 ao N. de Lisboa, 440 fogos.

Em 1757 tinha 282 fogos.

Orago Santo André.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Villa Real.

É do infantado, e povoação muito antiga.

Situada em planicie, na serra do Marão, mas em uma baixa, sem vista para outras povoações.

O arcebispo de Braga apresentava o abbade, que tinha de renda 700$000 réis.

Muito fertil em milho, centeio, trigo, e sobretudo, castanha. Não produz vinho por causa da frialdade do clima. É terra muito saudavel. Tem uma fonte abundante de boa agua, chamada do Velho, e duas lagôas, chamadas Balça e Sardoura. É abundante de aguas; mas, mesmo no verão, é terra fria.

Tem minas de prata e outros metaes.

Parece que houve por estes sitios antigamente lavra muito activa de minas de ferro. Vide Gontães.

Eu disse que esta freguezia estava em uma baixa, e assim é; mas é no alto da serra do Marão, em uma especie de plató, cujas bordas são mais elevadas.

Em 1847 estive aqui aquartellado em casa de um rico proprietario, que tinha o desgosto de lhe nascerem os filhos todos com a terrivel molestia de *hydrocephalo;* morrendo antes de chegarem aos 7 annos.

CAMPÊLLO—freguezia, Extremadura, comarca e concelho de Figueiró dos Vinhos, tiga.

30 kilometros de Coimbra, 180 ao N. de Lisboa, 590 fogos.

Em 1757 tinha 240 fogos.

Orago Nossa Senhora da Graça.

Bispado de Coimbra, districto administrativo de Leiria.

Era antigamente do termo de Miranda do Corvo.

O prior de Miranda do Corvo é que apresentava aqui o cura, que tinha 60$000 réis.

E' fertil. Cria muito gado e seus montes são abundantes de caça.

Pelo meio da freguezia passa a ribeira d'Alge (ou Algea, como antigamente se dizia) que nasce na Chan do Alhal e morre no Zêzere, abaixo de Figueiró dos Vinhos, no sitio da Foz do Alge. (Vide Alge.)

CAMPÊLLO — freguezia, Douro, comarca e concelho de Bayão, 60 kilometros a NE. do Porto, 348 ao N. de Lisboa, 350 fogos.

Em 1757 tinha 260 fogos.

Orago S. Bartholomeu.

Bispado e districto administrativo do Porto.

Era antigamente do concelho de Bayão, mas da comarca do Porto. Depois foi (até 1855) da comarca de Soalhães, concelho de Bayão.

Creada, em 24 de outubro a comarca de Bayão (sendo então supprimida a de Soalhães) ficou Campêllo a ser a séde, ou capital do concelho e da comarca de Bayão.

Situada em um valle entre duas serras.

Um dos arcediagos de Braga apresentava aqui o cura, que tinha 300$000 réis de renda.

E' terra fertil.

Foi antigamente villa e tinha juiz ordinario, camara e almotacés, procurador do concelho, meirinho, cinco escrivães do judicial, porteiro, um escrivão da camara, dois das sizas e juiz dos orphãos com dois escrivães.

Feira a 24 de agosto, tres dias, e mercado a 8 de cada mez.

As serras entre as quaes está a freguezia chamam-se Aboboreira e Mixo.

Ha mais em Portugal 16 aldeias chamadas Campêllo e Campêllos. Nenhuma tem nada de notavel.

Campêllo, no portuguez antigo, é diminutivo de campo, o mesmo que campinho.

CAMPÍA — freguezia, Beira Alta, comarca e concelho de Vousella, 30 kilometros ao NO. de Vizeu, 270 ao N. de Lisboa, 360 fogos.

Em 1757 tinha 249 fogos.

Orago S. Miguel, archanjo.

Bispado e districto administrativo de Viseu.

Era do termo e ducado de Lafões. Situada entre montes. Fertil.

Era do padroado real, e o vigario tinha 40$000 reis de renda.

Era do concelho de Oliveira de Frades, comarca de Vousella, e em outubro de 1871 ficou sendo da comarca e concelho de Vousella.

CAMPO — freguezia, Beira Alta, comarca, concelho e 6 kilometros ao N. de Viseu, 288 ao N. de Lisboa, 240 fogos.

Em 1757 tinha 184 fogos.

Orago Santa Maria Magdalena.

Bispado e districto administrativo de Viseu.

O provisor do bispado de Viseu apresentava o cura, que tinha 6$000 réis de renda e o pé d'altar.

E' terra pouco fertil.

Campo é a palavra celta *camp* (ainda hoje usada, com a mesma significação, em França,) Tambem significa acampamento, arraial.

CAMPO (S. Martinho do) — freguezia, Minho, comarca e concelho da Povoa de Lanhoso, 12 kilometros a NE. de Braga, 360 ao N. de Lisboa, 120 fogos.

Em 1757 tinha 80 fogos.

Orago S. Martinho.

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

Foi da comarca de Guimarães, concelho da Povoa de Lanhoso.

Situada em planicie fertil.

O cabido da Sé de Braga apresentava aqui o vigario, que tinha de congrua 8$000 réis, o pé d'altar, vinho e hostias para as missas conventuaes.

Passa aqui o rio Ave, que réga, móe e traz peixe.

No logar da Motta, d'esta freguezia, existem as ruinas de uma torre, obra dos romanos. E' o solar dos Mottas, que procedem de

Fernão Mendes de Gondar, filho de Mem de Gondar, capitão do tempo do conde D. Henrique.

CAMPO e **COUTO** (annexas) — freguezia, Minho, comarca e concelho de Barcellos, 18 kilometros ao O. de Braga, 360 ao N. de Lisboa, 120 fogos.

Em 1757 tinha 33 fogos.

Orago do Campo, S. Salvador e o da annexa, do Couto, S. Mamede.

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

Foi antigamente da comarca de Braga, termo de Barcellos, terceira parte da *visita* de Nóbrega e Neiva.

Situada no valle de Tamel, d'onde se vê Braga e Barcellos.

O arcebispo de Braga apresentava o reitor, que tinha de renda 100$000 réis.

E' fertil. Passa aqui o rio Seixomil, que réga e móe.

E' tradição que a egreja matriz de S. Salvador do Campo, foi convento de freiras bentas, e que estas morreram todas de medo, por verem um bixo.

Vide Couto.

CAMPO (S. Martinho do)—freguezia, Douro, comarca e concelho de Santo Thyrso, (desde a suppressão do concelho de Negréllos) 24 kilometros ao SO. de Braga, 24 ao N. do Porto, 335 ao N. de Lisboa, 180 fogos.

Em 1757 tinha 165 fogos.

Orago S. Martinho.

Bispado e districto administrativo do Porto.

Foi antigamente da comarca e termo do Porto. Depois foi do concelho de Negréllos, que, sendo supprimido, passou a formar parte d'este.

Situada em uma campina, sem vista para outras freguezias.

Era da corôa.

O abbade tinha de renda, até 1834, 700$000 réis. O *Portugal Sacro e Profano* diz que eram 500$000 réis. Era da apresentação alternativa do papa, do bispo e dos cruzios da serra do Pilar, em frente do Porto.

É terra fertil.

Era couto de Francemil e *visita* de Sousa e Faria.

Tinha juiz ordinario.

Passa pela freguezia o rio Visella, que réga e móe. Tem uma ponte de pedra, chamada de Negréllos, na estrada do Porto para Guimarães.

CAMPO (S. Salvador do)—freguezia, Douro, comarca e concelho de Santo Thyrso, 24 kilometros ao SO. de Braga, 24 ao N. do Porto, 335 ao N. de Lisboa, 40 fogos.

Em 1757 tinha 35 fogos.

Orago o Salvador.

Bispado e districto administrativo do Porto.

Era antigamente da comarca e termo do Porto, concelho de Refojos de Riba d'Ave, *visita* de Sousa e Faria, e depois passou para o concelho de Negréllos, que foi supprimido.

O abbade de S. Miguel de Entre as Aves, apresentava aqui annualmente o vigario, que tinha de renda 90$000 réis.

É terra fertil.

Esta freguezia está hoje annexa á de S. Martinho do Campo, do mesmo concelho.

CAMPO (S. Silvestre do)—freguezia, Douro, comarca, concelho, termo e 9 kilometros ao O. de Coimbra, (foi até 1855 do concelho de Tentugal) 284 fogos.

Em 1757 tinha 106 fogos.

Orago S. Silvestre, papa.

Bispado e districto administrativo de Coimbra.

Situada em um valle d'onde se descobre a cidade de Coimbra, S. Martinho do Bispo, Táveiro, Revélles, Cegonheira e Ameal, que ficam além do Mondego (para o sul). Muito fertil.

O prior tinha de renda 390$000 réis.

Tem um convento (de S. Marcos) que foi de frades jeronymos.

Official e vulgarmente é esta freguezia só conhecida pelo nome do padroeiro, *S. Silvestre.*

CAMPO (S. Martinho do)—freguezia, Douro, comarca e 12 kilometros ao NE. do Porto, 315 ao N. de Lisboa, concelho de Vallongo, 330 fogos. Em 1757 tinha 145 fogos.

Orago S. Martinho.

Bispado e districto administrativo do Porto.

Foi antigamente do termo do Porto, concelho de Penafiel.

Situada entre montes, dos quaes se vê o mar e grande parte das povoações do Minho, Douro e Traz-os-Montes.

O abbade era apresentado alternativamente pelo papa, o bispo do Porto e os frades cruzios da serra do Pilar. Tinha 600$000 réis de renda.

Foi couto do Porto. Tinha então juiz ordinario, procurador e jurados.

Nos limites d'esta freguezia fica a serra de S. Martinho, e passa aqui o rio de Ponte Ferreira, que réga e móe.

N'esta freguezia está a pequena villa de Francemil. Vide esta palavra.

É uma freguezia muito rica pela sua fertilidade e pelo grande commercio que faz com a cidade do Porto.

CAMPO DO GEREZ ou **S. JOÃO DO CAMPO**—freguezia, Minho, foi até 1855 da comarca de Pico de Regalados, e desde então, da comarca de Villa Verde, mas continuou a ser do concelho de Terras de Bouro, 30 kilometros de Braga, 390 ao N. de Lisboa, 60 fogos.

Em 1757 tinha 54 fogos.

Orago S. João Baptista.

Foi antigamente da comarca de Vianna, mas do concelho de Terras de Bouro.

Tem só duas aldeias, que são Campo e Villarinho das Furnas.

Vinham (e não sei se ainda vem) a esta freguezia, *clamores*, todos os annos, das freguezias de Aboim, Touvedo, Azias, Villa Chan, Entre Ambos os Rios, Germil, Ermida, Carvalheira, Covide e outras.

A egreja era do padroado real e o abbade tinha de renda 300$000 réis. Os passaes d'esta egreja são no logar de Sequeiros, freguezia de Chamoim, distante 7 kilometros d'esta freguezia, e d'elles paga o parocho de pensão ao senhor da casa de S. João de Rei, 2 pipas de vinho, 11 alqueires de pão e 220 réis em dinheiro.

Os dizimos do logar de Pergoim se partiam pelo meio, metade para o abbade de S. João do Campo; o mesmo se praticava com os da aldeia de Padroz, freguezia de Chamoim.

Além d'isto, pagavam os moradores de Padroz, ao abbade de S. João do Campo, em dia de Natal, 2:400 réis.

Tambem no logar da Infesta, da freguezia de S. Payo da Carvalheira, tem esta egreja muitas terras, de que os moradores partiam os dizimos, com o abbade de S. João do Campo.

E' terra fertil. Ha aqui muito e optimo mel.

Tinha esta freguezia o privilegio de se não fazerem n'ella soldados, com obrigação de defenderem a Portella do Homem á sua custa.

Era esta freguezia praça d'armas, na raia da Galliza, mas não tinha torre nem fortaleza alguma. No sitio onde se fazia o *corpo da guarda*, ha um muro feito de pedra miuda, entulhado com terra, que tem 1m,10 de alto, 1m de grosso e 120 de comprido. Tem tambem duas casas terreas, pequenas, onde se recolhiam as sentinellas do concelho das Terras de Bouro e do de Santa Martha de Bouro, que eram os soldados que defendiam esta posição, em tempo de guerra, por contracto feito com o rei.

Comprehende esta freguezia grande parte da serra do Gerez. Diz o padre Cardoso, no seu *Diccionario Geograph.co*, que os homens e mulheres d'esta freguezia, são agigantados, robustos e optimos trabalhadores. Eu não lhe acho differença nenhuma, em corpolencia, dos outros habitantes do Minho, e quanto a robustez e ao amor ao trabalho, é qualidade que distingue todos os agricultores de Portugal, sobretudo os das provincias do norte.

Passa aqui o rio Homem, que muito concorre para a fertilidade da freguezia.

Quem segue a estrada da Geira (via romana que de Braga se dirigia á Galliza, atravez do Gerez) nos limites d'esta freguezia, ao approximar-se da Portella do Homem, sobre uma encosta sobranceira ao rio Homem, e na sua margem esquerda, vê um monstruoso e alto rochedo, chamado, com razão, o Castello; porque a certa distancia parece um castello artificial, com suas cortinas, setteiras, ameias, guaritas e até sentinellas. As heras e outros parietarias o cobrem

com sua constante verdura, dando-lhe um aspecto singularmente pittoresco.

Ha n'esta freguezia muitas antiguidades romanas.

Á entrada da planicie onde está a povoação do Campo, está um marco milliar a servir de pilar a um cruzeiro. A cruz é coberta por um telhado triangular, que descança em tres columnas de fino granito, muito mais delgadas do que o tal marco. Este marca 27 milhas, d'aqui a Braga, como se vê da sua inscripção, que é a seguinte:

IMP. CAES.
C. MISSO. TR.
DACO. NVTO.
PIO. FEL. AVG.
P. MX. TR. P.
PC. IIII. C. II.
P. P. A BRAC.
M. P.
XXVII.

Sobre a esquerda d'este sitio corre um ribeiro, formado de varios arroios que descem do Gerez. Sobre este ribeiro, e a poucos passos do referido cruzeiro, está lançada uma ponte de dois arcos, com suas ameias, contrafortes e *cortamáres*, tudo de boa cantaria. Argote diz que é obra romana, mas parece que é fundação, ou, pelo menos, reedificação do rei D. Diniz.

—

Na veiga d'esta freguezia têm apparecido, por vezes, restos de construcções romanas, e varios padrões (marcos milliares) que o povo destruiu, applicando-os a differentes obras.

Ainda n'esta freguezia ha um campo chamado Leira dos Padrões, pelos que aqui havia.

Ao fim d'esta veiga está o sitio chamado Casa da Guarda, onde antigamente haviam alguns padrões; já não apparece nenhum.

Tudo foi destruido.

D'aqui descahe a Geira para uma planicie chamada Valle de Linhares, córtada em todo o seu comprimento pelo rio Homem.

Este valle é o maior do Gerez, e é encaixilhado pela esquerda e direita por altas montanhas, semeadas de bosques e rochedos. Termina n'um desfiladeiro, que se prolonga até á Portella do Homem.

A Geira córta pelo sopé da cordilheira que fica ao SO.

Do meio do valle até ao Bico da Geira, ainda existem varios padrões. Um d'elles tem 1,m50 de alto, está de pé e da inscripção só se pode ler:

IMP. CAES. . . . .
M. AVR. . . . .
PRO . . . .
AUG. . . . .
IMP. . . N L. . .

Outro, tambem de pé, e da mesma altura ou pouco menos, tem uma inscripção que diz:

IMP. CAESARI
TRAIANO. HADRIANO
C. AUG.
PONTIF. MAX.
TRIBU. POTEST. XIIX
A BRAC. XXXI.

Ha outro padrão de um metro de altura, sem inscripção.

Outro de 1,m66, sem vestigios de inscripção.

Outro de uns 12 palmos, partido em duas partes, do mesmo comprimento. Está cahido e com a inscripção voltada para a terra, pelo que se não póde ler.

D'aqui á Volta do Côvo, segundo a medição romana, é uma milha (2 kilometros).

Ha n'este sitio varios padrões.

O primeiro, da altura de 2,m22, tem uma inscripção, da qual só se pode ler:

. . . . . . SI. . .
. . . . NENE. .
TRI. . . SSI. .
. . . . .M
BOP. . . CAIO.
. . . . . CON. .
. . . . . B. . .

O segundo, da mesma altura, diz:

CAII. CAESARI
. . . . ANO. . . . .
COS. III. P. P. . .
BRACARA
M. P.

O terceiro, de 2,m44, não tem inscripção.

O quarto, de 1,m33, tem a inscripção seguinte:

D. N.
MAGNO.
DECENTIO.
NOBILISSIMO
F. CORENTISSIMO
CAESARI
B. O. P. NATO.
M. XXXII.

O quinto está partido pelo meio. Tinha 12 palmos de alto. Sem inscripção.

O sexto de 8 palmos de altura, sem inscripção.

O setimo de 1 metro, sem inscripção.

O oitavo tem 2,m22 de alto, e só se póde ler:

....MI. R.
........O..
.. AUG...
M. P. XXXII.

O nono, da mesma altura, está partido em dois, servindo de parede de um pardieiro. Sem inscripção.

O decimo — um bocado de outro, tendo só 44 centimetros de alto, sem inscripção.

O undecimo de 1,m33, mais delgado do que nenhum dos outros, sem inscripção.

—

D'aqui a Albergaria é uma milha, segundo os padrões (2 kilometros). Ha aqui um padrão sem inscripção.

O segundo está tombado e partido, tem 1,m33, sem inscripção.

O terceiro tem quasi 1 metro de altura, e o resto da inscripção (o que se póde ler) diz:

...... N..
MIN. IAN.
M........
..IC. FO. NOBI.

O quarto tem 2,m11 de alto e a inscripção:

IMPE. CESARI.
MARCO AVRELIO
CARIN. PIO.

O quinto tem 2,m60, sem inscripção.

O sexto é o bocado de um com 1,m22, tombado e com a inscripção:

... ES. C. MES.
QUINTO. TRA.
DECIO. PIO.
P. MX. TR. POT.
PR. IIII. COS. II.
A AVG........
....XIII.....

O setimo tem 1,m60, sem inscripção.

O oitavo tem 1,m22, só se pode ler:

...PO...
...PI....
.. VID...

O nono tem 2m de alto, sem inscripção.

O decimo tem 2,m22, inscripção illegivel.

O undecimo, tombado, 1,m11, sem inscripção.

O duodecimo, mettido n'um fojo, tombado, 1,m22, sem inscripção, ou com ella para a parte de baixo.

—

D'aqui á Portella do Homem é outra milha (romana).

Tambem alli ha varios padrões, e de um d'elles consta que de Braga alli são trinta e duas milhas.

(Vide Portella do Homem.)

CAMPO GRANDE — freguezia, Extremadura, comarca, termo e 3 kilometros a NO. de Lisboa, concelho dos Olivaes. 260 fogos.

Em 1757 tinha 225 fogos.

Orago os Santos Reis.

Patriarchado, districto administrativo de Lisboa.

Chamava-se antigamente *Alvalade.* (*Alvalade* é a palavra arabe *Al-balade*, que significa — logar habitado e murado.)

Grande feira no segundo domingo de outubro, 15 dias.

2.ª estação do caminho de ferro Larmanjat, de Lisboa a Torres, aberto á circulação no dia 6 de setembro de 1873.

Dá o nome a esta freguezia uma extensa planicie (arborisada e ajardinada no gosto do *Bosque de Bolonha*, em Paris, e cujo melhoramento se principiou em 1869, e ainda não concluiu).

É cercado de bellas casas, quintas e hortas, e frequentadissimo dos lisbonenses.

Teve fabricas de seda. Hoje tem uma excellente de lanificios, onde trabalham nume-

rosos operarios, homens, mulheres e creanças.

Á rainha Santa Izabel fez aqui celebrar pazes entre D. Diniz, e seu filho D. Affonso (depois IV), em 1323.

Parece mais provavel que as pazes foram celebradas em uma casa proximo do Campo Pequeno (perto d'este). (Vide Campo Pequeno, Arroios, Lisboa e *Hist. Chron. Port.*

Alvalade era antigamente aldeia da freguezia de Santa Justa; depois passou a ser da freguezia do Lumiar, e por fim formou freguezia independente.

—

Havia aqui uma grande capella dedicada aos Treis Reis Magos. Quando esta povoação se tornou freguezia independente, largou os dizimos de todos os fructos, para a freguezia do Lumiar, com obrigação de— não havendo aqui clerigos sufficientes para as funcções, se chamariam da freguezia do Lumiar, e vice-versa, o que tudo depois foi extincto, por sentença contra os do Lumiar.

—

Houve aqui uma optima fabrica de sêdas, de superior qualidade, rivalisando com as melhores do estrangeiro.

—

A primeira alameda que aqui se plantou foi por ordem de D. Maria I, no fim do seculo passado, sendo ministro do reino D. Rodrigo de Sousa Coutinho, que deu impulso a esta obra.

Este D. Rodrigo foi depois primeiro conde de Linhares.

Ainda depois se lhe fizeram outros aformoseamentos.

É todo fechado por um muro baixo, e tem seis avenidas fechadas por grandes portas de ferro.

—

Ha aqui brilhantes corridas de cavallos, organisadas pelo *hig-life* de Lisboa, e por cavalleiros *(sportmen)* estrangeiros, sobretudo inglezes. Mesmo assim, eram-lhe superiores em magnificencia as que se faziam aqui antigamente. Davam então logar a valiosissimas apostas, nas quaes tambem se distinguiam os amadores britannicos do *jockey club*.

—

Aqui fizeram por muitos dias exercicio as tropas portuguezas que acompanharam o rei D. Sebastião na infeliz jornada d'Africa, para irem ser derrotados em Alcacer-Kibir (4 de agosto de 1578).

Aqui vinha todos os domingos aquelle joven e infeliz rei passar revista ás suas tropas.

—

Ha aqui o asylo de D. Pedro V, obra digna de attenção.

Um dos melhores edificios particulares do Campo Grande é o palacio do sr. Mannel Joaquim Pimenta.

Diz-se que este edificio foi construido por D. João V (pelos annos de 1730) para residencia de certa dama da sua amisade. É uma bella construcção de nobre e regular architectura, e está adornada com sumptuosidade.

A quinta, pela sua grandeza, e pelas magnificas decorações dos seus jardins, corresponde á nobreza e elegancia do palacio.

—

Tudo o mais que aqui se não encontrar, vide Alvalade (Campo de).

CAMPO DE GESTAÇÓ—freguezia, Douro, comarca e concelho de Bayão, 66 kilometros a NE. do Porto, 348 ao N. de Lisboa, 450 fogos.

Em 1757 tinha 258 fogos.

Orago S. João Baptista.

Bispado e districto administrativo do Porto.

O abbade era apresentado pelos condes de Unhão. Tinha de rendimento um conto de réis.

Os donatarios da freguezia eram os taes condes, que recebiam os *quindenios* (isto é a 15.ª parte dos fructos).

O nome vulgar d'esta freguezia é Gestaçô.

É terra muito fertil e faz grgnde commercio com a cidade do Porto, por ficar proximo da margem direita do Douro.

CAMPO MAIOR—villa, Alemtejo, comarca e 18 kilometros ao N. de Elvas, 3 ao O. de Badajoz, 180 ao E. de Lisboa, 1:400 fogos, 5:000 almas, em 3 freguezias (Nossa

Senhora da Expectação, Nossa Senhora da Graça e S. João Baptista.) Verdadeiramente a villa só tem uma freguezia, que é a primeira nomeada. As outras duas são uma especie de curatos annexos e dependentes dá matriz principal. A de Nossa Senhora da Graça é a freguezia d'Ouguella, que tem 70 fogos.

Bispado d'Elvas, districto administrativo de Portalegre.

Em 38º e 49' de latitude N. e 11º 24' de longitude occidental.

Feira a 15 de agosto. É praça de armas.

D. Diniz lhe fez o castello, pelos annos de 1300.

Diz-se que o nome lhe provem de que — havendo duvidas sobre o sitio onde se havia de fundar a villa, o rei (D. Diniz) disse:— «No campo maior»— e lhe ficou este nome.

Não é inverosimil esta etymologia; mas não podia ser o nosso rei D. Diniz, nem mesmo nenhum de Castella, pois quando os Peres a tomaram aos mouros, em 1219, já era villa. Só se foi algum rei godo, pois talvez que esta povoação fosse fundada pelos godos.

Situada na costa de um monte, fronteira a Castella, e d'aqui se vê Elvas, em Portugal, e na Hespanha Badajoz, Albuquerque, Lobon e as serras de Mérida.

A 3 kilometros d'esta villa passa o rio Caia, sobre o qual, perto de Badajoz, está a célebre ponte do Caia, onde se costumava fazer entrega das pessoas reaes de Portugal e Castella, que por casamento mudavam de reino. (Vide Caia.)

É povoação antiquissima, mas não pude saber quando nem por quem foi fundada, nem o nome antigo que teve. É certo que foi povoação árabe, pois os Peres, de Badajoz, a resgataram do poder dos mouros, em 1219. Os Peres a deram á egreja de Santa Maria do Castello, de Badajoz, sendo bispo d'esta cidade D. fr. Pedro Peres, da familia dos restauradores, que lhe deu por armas: Nossa Senhora com um cordeiro e a legenda— «*Sigillum Capituli Pacensis*» — (Isto está em contradicção com o que diz Estevão da Gama de Moura e Azevedo, nos seus Manuscriptos.)

D. João II, lhe deu novo brazão d'armas, que é — Em escudo branco as armas de Portugal de um lado, e do outro S. João Baptista, patrono d'esta villa.

No tratado da paz que houve em 1297, entre Portugal e Castella (reinando D. Diniz) se assentou que d'alli em diante deixavam de ser castelhanos e ficavam pertencendo á corôa portugueza as villas de Campo-Maior, Ouguella e Olivença.

D. Diniz deu a villa de Campo-Maior ao concelho d'Elvas, por carta regia, feita em Santarem, no 1.º de dezembro da era de 1335 (19 de novembro de 1297 de Jesus Christo.)

Deu-lhe foral, em 1309 (Franklim não falla em semelhante foral.

Outros dizem que D. Diniz a elevou á cathegoria de villa e lhe deu foral, em 1299.

Não pude investigar a razão por que esta villa tornou logo para a corôa; o que vejo é que uns auctores dizem que D. Diniz a deu á infanta D. Branca, em 5 de julho de 1301, outros dizem que elle a deu em 1311 a sua irman, a infanta D. Sancha, abbadessa das Olgas, de Burgos e senhora de Monte Mór Velho, em sua vida.

Concordam os auctores em que por morte da tal infanta (Branca ou Sancha) foi senhor d'esta villa D. Affonso Sanches, filho natural do mesmo rei, e senhor d'Albuquerque.

D. Manuel lhe deu foral novo, em Lisboa, a 16 de setembro de 1512, encorporando-a então na corôa, com privilegio de não tornar a sahir d'ella, e não sahiu mais.

(Os nossos reis davam este privilegio a muitas povoações, mas depois os seus successores o quebravam, dando-as a quem lhes parecia.)

Em 16 de setembro de 1732, cahiu um raio nos armazens da polvora, que fez voar a porta principal do castello, arruinando tambem 823 casa da villas e ficando mortos ou feridos grande numero de habitantes. A villa ficou quasi arrasada, pois tendo 1076 fogos, só ficaram intactas 253 casas, e tendo mais de 3:000 habitantes, ficou reduzida a 836!

Este sinistro teve logar pelas 3 horas da manhã. Cinco torres foram pelos ares. Esta-

vam n'essa occasião no payol 5:732 arrobas e 6 arrateis de polvora, 4:816 granadas ordinarias, 830 reaes, 711 bombas, tudo carregado, álem de 2:575 granadas desatacadas.

Morreram 200 pessoas, 300 ficaram gravemente feridas, morrendo muitas d'ellas, e 2:000 ficaram levemente feridas. Sentiu-se o abalo a mais de 24 kilometros de distancia.

Sentiu-se em Elvas e Arronches, e em Badajoz e Albuquerque. (Vide o que digo sobre os soccorros que muitas povoações (até de Hespanha!) foram offerecidos e prestados aos infelizes povos d'esta villa, por essa occasião.

A egreja de Nossa Senhora da Expectação, que era a unica parochia que antigamente tinha a villa, é um bom templo de 3 naves, todo de optimo granito, com 10 altares.

Foi esta egreja construida, sendo bispo d'Elvas D. Sebastião de Mattos e Noronha, e pouco depois da expulsão de 1732. Até então a mátriz era uma capella dentro do castello.

Tinha 3 parochos, (um prior e dous vigarios) todos apresentados (por opposição) pelo bispo d'Elvas.

Tem 8 beneficiados, 5 da mitra, e 3 que deixou o beneficiado João Lourenço, com 20$000 réis de renda, para cada um d'estes, pagos pelos rendimentos da sua fazenda.

Os 3 da mitra, tinha cada um 5$000 réis pagos em trigo.

O prior e vigarios, tinham a 9.ª parte do celleiro do bispo, sendo esta 9.ª parte dividida em 4 partes, duas para o prior e uma para cada um dos vigarios.

—

Tinha um convento de frades franciscanos, da provincia do Algarve. Foi primeiro fundado fóra da villa no sitio das Pôças, em 1496; em 1646, passaram para o castello, e para o sitio actualmente, em 1708. Foi D. Pedro II, que mandou edificar o convento actual.

Tinha tambem um convento de frades de S. João de Deus, fundado em 1645, para hospital militar.

Outros dizem que o hospital de S. João de Deus foi fundado em 1583. O que é certo, é que foi fundado por donativos dos moradores da villa. Era no convento das freiras da Madre de Deus e assim existiu até 1645, em que passou a ser hospital militar, a cargo dos frades de S. João de Deus. Hoje é isto considerado bem nacionaes.

Tem Misericordia e hospital fundado no seculo 16.º com um conto de réis de renda annual.

A 1.ª albergaria que consta ter havido n'esta villa, foi fundada por João Vicente do Castello, cujo testamento está no Cartorio da Misericordia. A primittiva egreja da Misericordia era na praça (onde hoje se vendem os comestiveis) mas, arruinou-se totalmente.

Em 1718, se deu principio á egreja actual (da Misericordia) ao fundo da rua do Pôço, e foi feita á custa do provedor João Rodrigues Galvão e dos irmãos padre João Mexia Fouto; padre André Mexia Bernardo, padre João Bernardo Mexia, Luiz do Rego Mexia, André Barradas Juzarte, Manuel Mexia Fouto e Manuel Gonçalves Mexia Fouto.

—

No baluarte de S. Sebastião, está a capella d'este Santo, mandada fazer por elrei D. Sebastião. Diz-se que esta imagem foi feita pelo nosso bem conhecido poeta Jeronymo Côrte-Real.

Alem d'outras ermidas, ha ao E. da villa uma grande capella de Jesus Maria José, e sobre ella uma torre, chamada do Mexia cujo nome lhe provem, de ser feita por o coronel Martinho Affonso Mexia, natural d'esta villa, em uma herdade sua, junto ao marco do Castello.

Ha tambem a ermida de Nossa Senhora do Rosario, com uma torre sobre ella, extramuros, em uma quinta dos srs. Dáças Castellos Brancos.

Tinha antigamente juiz de fóra, com 3 vereadores, escrivão da camara e procurador do concelho.

Tinha 4 escrivães do judicial e notas, um dos orphaõs e outro da almotacería.

Tem um celleiro commum muito antigo onde se tem chegado a recolher 700 moios de trigo, que em outubro se reparte pelos lavradores e visinhos do povo.

—

Seus campos são fertilissimos, e cria muito gado, sobre tudo ovelhum, do qual extrahem muita e optima lan, que se exporta em grande quantidade.

—

Tinha esta villa todos os grandes privilegios da cidade d'Elvas, sendo os principaes os seguintes:

1.º — Não pagarem os moradores da villa e seu termo senão metade do cabeção, não se podendo em tempo algum accrescentar.

2.º — Não haverem aduanas, nem saccas, para os visinhos da villa e seu termo.

3.º — Nunca em tempo algum se poderem aqui lançar sizas, fintas nem talhas, nem emprestimos, ou outros quaesquer impostos, por nenhum motivo.

4.º — Que todo o visinho da villa e termo fosse franco e não pagasse nenhum direito, *passage, costumage* nem *portage* por todos os reinos de Portugal e Castella. (Este privilegio foi dado no tempo dos Philippes.)

5.º — Que se não pozesse tirar d'esta villa e termo, gente nem armas para fazerem guerra aos naturaes d'este reino. (Este privilegio tambem lhe foi dado pelos Philippes.)

6.º — Que n'esta villa se não possese presidio nem guarnição de soldados, ainda que fossem naturaes d'esta villa

7.º — Que as rendas da camara se gastariam em reparos de muros e fortalezas d'esta villa.

8.º — Que os moradores d'esta villa e seu termo podessem andar montados em mullas e *mûs* (machos) com sellas, e podessem trazer livremente sedas e vestirem-se d'ellas, ainda os mechanicos.

9.º — Que lhes não podesse ser imposta *pena vil*, salvo se o delicto fosse de qualidade que por elle o criminoso perdesse a nobreza natural.

D. Diniz lhe concedeu muitos d'estes privilegios, e D. João II lh'os augmentou.

—

Em 1712, sendo rei de Hespanha Philippe V e de Portugal D. João V, foi esta praça sitiada pelo marquez de Bay, e seu exercito (castelhanos) e bombardeada com 22 peças, 7 morteiros (que lançavam bombas de 9 arrobas castelhanas) e dois *pedreiros* (que lançavam balas de pedra.)

O cêrco principiou a 28 de setembro. O inimigo tinha 10:000 homens de infanteria e 8:000 de cavallaria.

Abriram brecha no baluarte de S. João, a 27 de outubro, sendo atacada por 32 companhias de granadeiros, o regimento de *dragões*, apeados, chamado de Queluz, com espadas e *rodellas* e 16 regimentos de infanteria, do que tudo era commandante D. Pedro de Zuñiga, tido por um bravo militar entre os hespanhoes.

Deram primeiro e segundo ataque; mas foram repellidos valorosamente com grandes perdas.

Avançaram tambem pelo flanco da cortina da porta de S. Pedro, com escadas; mas foram repellidos e derrotados pela briosa guarnição e pela artilheria que estava no baluarte do Pixa-Torta; deixando o inimigo 36 escadas, e muitos mortos.

Os castelhanos perderam n'este cêrco, mais de 5:000 mortos e muita artilheria.

O que fizeram foi arruinarem muitos edificios com o bombardeamento. Durou este cêrco 36 dias, sendo 28 d'elles de trincheira aberta. Em commemoração d'esta grande victoria, se fazia todos os annos, no dia 28 de outubro, uma procissão, em que ia S. João Baptista, e era acompanhada pela camara e pela guarnição militar da praça.

Dispararam contra a villa, no decurso do sitio, 10:870 balas de canhão, 1:309 bombas, 350 ballas de pedra e grande numero de granadas.

Arruinaram-se então 70 moradas de casas de paizanos.

Os castelhanos levantaram o cêrco a 2 de novembro (tendo-o principiado a 27 de outubro) e se retiraram, a 2 de novembro, corridos de vergonha, por verem que tamanho exercito não podéra tomar uma praça cuja guarnição era tão diminuta.

Governava a provincia de Alemtejo Pedro Mascarenhas, que depois foi conde de Sandomil e vice-rei da India.

O governador e bravissimo defensor da praça, era Estevão da Gama de Moura Azevedo, e se lhe introduziu para commandar a

guarnição, no ultimo assalto, o conde da Ribeira Grande, que teve a coragem e astucia de entrar na praça, ao quarto dia do cêrco.

(Chamava-se o conde da Ribeira Grande, D. Luiz da Camara. Entrou pela porta falsa.)

Constava a fortaleza de nove baluartes (S. João, Pixa-Torta, Fonte do Concelho, Santa Roza, Bôa Vista, S. Sebastião, Lisboa, Curral dos Coelhos e Santa Cruz.)

Tinha o forte de S. João e o do Cachimbo.

Tinha revelins, meias luas e contra escarpa. Tinha um formoso castello, que se demoliu todo, pela occasião da explosão, e no qual havia a egreja do Senhor do Castello, que, cahindo, ficou a imagem sem a minima lesão.

Era a egreja matriz da villa. Era de robustissima construcção; mas ficou arruinada, cahindo toda a frente e a abobada do côro, que era toda de pedra.

—

Como a praça ficou bastante arruinada com este cêrco, e demais a mais, durante elle, se viram os defeitos das antigas fortificações, foram ellas depois reedificadas e aperfeiçoadas; mas, como é dominada por elevações, por quasi todos os lados, não póde offerecer grande resistencia a um inimigo valoroso e ajudado pela poderosa artilheria moderna.

Foi D. João V que mandou reedificar e ampliar as fortificações d'esta praça, pelos annos de 1735.

É todavia bem murada e tem boas esplanadas e uma entrada coberta, defendida por travezes. Os fossos são bons. O da cortina, dos baluartes do Cavalleiro e Santa Cruz, eram cheios de agua; mas em 1801, o general de engenheria Mathias José Azedo, o mandou seccar, por differentes razões.

A praça tem duas portas geraes e um falsa, para servir em tempo de guerra.

A porta de S. Pedro (ao N.) é bem construida e defendida pela frente e flancos, pelos baluartes do Cavalleiro e Principe, tendo em frente um revelim que a cobre e defende.

A porta de Santa Maria, ou da Villa, é no lado do S., entre os baluartes de S. Sebastião e Lisboa, e defendida por um revelim.

O antigo castello era obra dos mouros, e D. Diniz o mandou reparar e construir as torres em 1299.

D. Manuel mandou principiar a sua muralha, no sitio de S. Sebastião; mas assim ficou, até que em 1645, D. João IV mandou murar toda a praça e fazer varias obras de defesa, pelo engenheiro francez Nicolau Langre.

Tem actualmente as muralhas ao todo 10 baluartes, principiando pela porta de S. Pedro, e são: Cavalleiro (onde os hespanhoes abriram brecha em 1712, como já disse) Santa Cruz, Curral dos Coelhos, Lisboa, S. Sebastião, Bôa Vista, Santa Rosa (debaixo d'este é a porta falsa) S. Francisco (tem um travez) Concelho (n'esta abriram brecha os hespanhoes em 1801 e os francezes em 1811, como adiante direi.)

A pouca distancia d'este baluarte, para o lado da campanha, era o forte de S. João Baptista, que se demoliu, por se não poder defender. O do Principe (tem um travez, para o livrar de recochetes.)

O castello está no ponto mais elevado da villa, e a domina por todos os lados. Antigamente era alli a matriz da villa; mas hoje só lá está a ermida do Senhor do Castello, reconstruida depois da explosão do paiol. Dentro do castello estava a torre de *menagem*, que voou com a explosão e não se tornou a fazer.

Até 1834, tinha esta praça de guarnição permanente, um regimento de infanteria e outro de cavallaria; e em tempo de guerra, 4 de infanteria e 1 de cavallaria, e 1 parque de artilheria. Hoje, tem apenas um destacamento de linha e os veteranos.

Por occasião do sinistro de 1732, todos os povos das visinhanças, sobre tudo os conventos, soccorreram por todos os modos que poderam os infelizes habitantes d'esta villa.

Um dos *regedores* de Albuquerque veiu offerecer a sua villa a todos que para lá quizessem ir viver. O general de Badajoz, mandou offerecer ao governador de Campo Maior, os armazens e quanto se achasse no seu governo. (Tenho pena de não saber os nomes d'estes dois honrados hespanhoes, para aqui os registar!)

O conde d'Alva, que era general do Alemtejo, veiu logo de Villa Viçosa, com grande quantidade de dinheiro, para ser repartido pelos pobres, por conta de D. João V; que além d'isso mandou cirurgiões, com medicamentos para os feridos e mais 960$000 réis para repartir pelos moradores. Depois mandou mais oito contos de réis para se repararem as casas dos particulares.

—

Em 1801, alliando-se a Hespanha com a França, para fazerem guerra á Inglaterra, e não querendo Portugal fazer parte da alliança, pois não tinha motivos para fazer guerra a uma nação amiga e antiga alliada, nos declararam guerra aquellas duas nações, e Portugal foi invadido por um exercito de francezes e hespanhoes, sob o commando de Gondoy (o chamado *principe da Paz.*)

Tomaram-nos Olivença e pozeram cêrco a Campo Maior, chegando a abrir brecha no baluarte do Concelho, tendo a praça de capitular.

Era governador da praça o marechal de engenheria Mathias José Azedo, o qual, depois de um cerco de 17 dias e estar a praça em um montão de ruinas, e sem munições, tendo-se até ahi defendido com a maior bravura, conseguiu uma honrosa capitulação.

A *paz de Badajoz* (a 6 de junho d'esse anno, e na qual deixámos em refens á Hespanha a praça de Olivença, que lá ficou usurpada contra todo o direito) terminou esta guerra.

Tambem em 12 de abril de 1811 o marechal Mortier, com uma divisão do exercito de Massena, põe sitio a esta praça, e chegou a abrir brecha n'este mesmo baluarte do Concelho.

Era governador da praça o tenente coronel de engenheiros José Joaquim Talaya, que por não ter gente nem munições e terem brecha aberta, capitulou no dia 21 de março, mas logo a 25, pela manhã, fugiram os francezes á aproximação da divisão portugueza de Beresford, o qual por isto teve o titulo de marquez de Campo Maior.

A praça, em março de 1811, apenas era defendida pelo regimento de Milicias de Portalegre, e um destacamento de artilheria n.º 3.

Era juiz de fóra e foi então um brioso e aguerrido soldado, o dr. José Joaquim Carneiro de Carvalho.

Talaya e Carvalho foram promovidos nos postos immediatos, e os governadores do reino, em nome do principe regente (depois D. João VI) em abril, gratificaram a guarnição, e em testemunho de lealdade e heroismo dos habitantes da villa, determinaram que d'ahi em diante se dênominasse—«A leal e valorosa villa de Campo Maior».

—

Campo Maior era povoação muito mais extensa do que actualmente, pois se estendia muito pelos arrabaldes. Hoje está circumscripta quasi ao ambito das fortificaçõ; mas mesmo assim, não é pequena e tem bonitas ruas (ainda que estreitas) e ornadas de boa casaria.

A casa dos paços do concelho é um edificio nobre e amplo, situado na Praça Nova, com salas para as audiencias civis, e teve uma bonita capella.

—

É terra abundante de aguas de boa qualidade.

Tem muitas fontes publicas e particulares.

No castello ha uma cisterna com agua nativa.

Tinha dois lagos nos fossos da fortaleza, que occupovam duas cortinas e um baluarte, e n'elles se criava o saboroso peixe *tenca*.

Consta que antigamente se faziam aqui as endoenças com grande magnificencia.

—

Campo Maior é uma das villas portuguezas, que de maior numero de varões illustres tem sido patria. Entre elles se contam os seguintes:

Ruy Gomes da Silva, grande capitão da Africa, pae do *beato* Amadeu e de D. Brites da Silva, fundadora do convento das freiras da Conceição de Toledo. Era alcaide-mór de Campo Maior e Ouguella, feito por D. João I, e concorreu muito para a tomada de Ceuta.

Martinho Affonso Mexia, filho de Martinho Affonso Fouto, e de Maria Lourença. Era doutor pela Universidade de Salamanca, prelado de Thomar, agente dos negocios de Portugal em Roma (quando este reino estava sujeito a Castella) secretario de estado do conselho de Portugal, bispo de Leiria, e depois, de Lamego. Foi elle que tratou da canonisação das rainhas Santa Izabel, e Santa Mafalda, e passou por fim a bispo de Coimbra. Foi um dos 3 governadores d'este reino, por Philippe III, e morreu em 30 de agosto de 1623. Jaz na egreja da Senhora da Expectação d'esta villa.

D, Manuel de Menezes, filho de D. João de Menezes (o de Campo Maior). Foi grande mathematico, profundo em historia grega e romana e na *sciencia do brazão.* Era tambem poeta.

Foi 4 vezes capitão mór das náos da India, e era um capitão valorosissimo.

Foi chronista-mór do reino, por morte de fr. Bernardo de Brito (pelos annos de 1618) e cosmographo-mór.

Escreveu a *Chronica de D. Sebastião*, a *Restauração da Bahia* e fez importantes notas ao *Livro das Familias.* Morreu a 28 de julho de 1628. Jaz na egreja da Madre de Deus, em Lisboa.

Affonso Mexia, vedor da fazenda e capitão de Cochim. Instituiu no termo d'esta villa os morgados que depois foram de D. Antonio da Silveira e Albuquerque. Foi tambem valoroso capitão.

Diogo Mexia, que serviu em Ceuta, onde obrou acções de grande valor, e recolhendo ao reino cheio de cicatrizes das lançadas dos mouros.

Bartholomeu Rodrigues, tão valoroso capitão em Africa, que foi cognominado «*Blandim Marte Portuguez*».

Francisco Vaz Galvão, valorosissimo soldado da acclamação de 1640, capitão de cavallos ligeiros, commissario geral de cavallaria; morrendo na patente de tenente generel.

Gonçalo Mexía, que pela sua muita sabedoria foi chamado o mestre Gonçalo. (Em memoria d'este sabio se deu o seu nome a uma rua de Lisboa, que ainda se chama *Bêco do Mexía.*

João Rodrigues, que, cegando, ainda no berço, de ambos os olhos, com bexigas, mesmo assim aprendeu portuguez, latim e philosopdia, na Universidade de Evora. Foi mestre de latim em Tavira, onde casou e morreu.

Estevão da Gama de Moura e Azevedo, valoroso soldado das campanhas de 1704 a 1705.

Ajudou á rendição das praças de Vallença e Albuquerque, e foi valoroso governador da praça d'esta villa, que defendeu heroicamente em 1712 (como já disse) com grande gloria das nossas armas.

—

Tem estação telegraphica de primeira orordem (ou do Estado), por decreto de 7 de abril de 1869, por serpraça de guerra.

—

Este concelho é apenas composto de 3 freguezias, com 1:400 fogos, que são as duas da villa e a d'Ouguella.

CAMPO D'OURIQUE—Vide Ourique.

CAMPO PEQUENO—Extremadura, 2 kilometros ao N. de Lisboa e no seu termo, e comarca; concelho dos Olivaes do lado do N., e do de Belem do lado do S., freguezia do Campo Grande.

Patriarchado e districto administrativo de Lisboa.

Dá-se-lhe o nome de Campo Pequeno, não porque elle o seja, mas para se differençar do Campo Grande, que lhe fica visinho e ao N.

É plano e muito espaçoso.

Por todo o lado do N. o guarnece a excellente casa e quinta do sr. Francisco Isidoro Vianna.

O lado do S. é occupado com o palacio e quinta dos srs. condes das Galvêias. É uma das melhores residencias dos arrabaldes de Lisboa, tanto pela belleza da sua situação, como pelo nobre e grandioso palacio, cons-

truido no seculo XVIII, e pelos jardins e bosques da quinta, ricos de arvores exoticas. Infelizmente esta quinta está muito despresada, não obstante servir de habitação permanente aos seus proprietarios.

Pelo de E. é o campo orlado de boas casas, e junto a ellas passa a estrada que saindo das barreiras do Arco do Cégo, se dirige ao Campo Grande, Lumiar, etc.

N'esta estrada, entre o Arco do Cégo e o Campo, está o padrão que commemóra as pázes, que a rogos da rainha Santa Izabel, fez o rei D. Diniz com seu filho o infante D. Affonso (depois IV do nome), no proprio logar onde a batalha estava imminente.

—

Actualmente este campo, além de ser um passeio predilecto dos habitantes de Lisboa, é o destinado para os exercicios militares dos corpos da guarnição de Lisboa, e alli se passam brilhantes revistas em occasiões de solemnidades publicas, ou em obsequio de algum principe estrangeiro que vem visitar Portugal.

—

Tratemos rapidamente das discordias que deram causa ás pazes que fizeram este campo célebre nos annaes da historia portugueza.

O infante D. Affonso, de genio insoffrido e arrebatado, não via com bons olhos o valimento com que seu pae distinguia D. Affonso Sanches, filho bastardo de D. Diniz; porém, para colorir a sua rebellião contra seu pae, tomou por pretexto a recusa que este lhe fizera sobre a pretenção da posse de varias terras e castellos e sobre augmento de rendas.

Pondo-se o infante á frente de alguns fidalgos descontentes, e de seus vassallos e das tropas que puderam reunir, se dirigiram a Lisboa, onde seu pae se achava.

(Note-se que já não era a primeira vez que o turbulento mancebo tomava as armas contra seu pae e rei.)

Sabendo D. Diniz da chegada do filho desobediente, e das tropas rebeldes ao Campo Grande (ainda então chamado Alvalade) marchou logo contra elle com as tropas que á pressa poude reunir. Apenas chegou ao Campo Pequeno, começaram logo as escaramuças, e a peleja era infallivel; mas então apparece Santa Izabel, montada em uma mula, atravessou, sem ninguem, por entre os combatentes, e chegando ao pé do filho o convenceu do reprehensivel acto que praticava, e conseguiu trazel-o á presença do rei a pedir desculpa da sua rebellião, e alli ainda mais uma vez fizeram as pazes.

Para memoria d'este successo, mandou a mesma rainha collocar um padrão. É o que está no muro, do lado direito e no sitio já indicado.

Passados annos se poz no pedestal da *memoria* a seguinte inscripção :

SANTA IZABEL, RAINHA DE PORTUGAL,
MANDOU COLLOCAR ESTA PEDRA
NESTE LOGAR
EM MEMORIA DA PACIFICAÇÃO,
QUE N'ELLE FEZ, ENTRE SEU MARIDO,
EL-REI D. DINIZ,
E SEU FILHO, D. AFFONSO IV,
ESTANDO PARA SE DAREM BATALHA,
NA ERA DE 1323.

—

O infante D. Affonso pagou o que fez a seu pae, com as desobediencias e guerras que depois lhe promoveu seu filho D. Pedro.

—

É no Campo Pequeno a primeira estação do caminho de ferro Larmanjat (tramway a vapor) de Lisboa a Torres-Vedras, cuja circulação começou no 1.º de outubro de 1873.

(Vide Alvalade, Arroyos e Campo Grande.)

CAMPO SALGADO—Vide Chão Salgado.

CAMPO DA TRINDADE—Vide Trindade.

CAMPO DAS VIBORAS — freguezia, Traz-os-Montes, foi até 1855 da comarca do Mogadouro, concelho de Vimioso. Desde então é comarca de Miranda, e do mesmo concelho 24 kilometros de Miranda, 460 ao N. de Lisboa, 185 fogos.

Em 1757 tinha 180 fogos.

Orago Nossa Senhora da Assumpção.

Já foi antigamente da comarca de Miranda.

Foi do bispado de Miranda, hoje é do bispado e districto administrativo de Bragança.

Foi saqueada pelos castelhanos em 1705, ficando os seus moradores reduzidos á miseria.

A egreja matriz é muito pobre, e o cura, antes de 1834, apenas tinha 7$000 réis e o pé d'altar. Era apresentado pelo reitor de Vimioso.

Está situada entre duas fragas muito altas, d'onde se avista muita terra de Portugal e Hespanha.

Fica entre os rios Maçans e Angueira. Regam móem e tem pisões.

Ha em Portugal mais 81 aldeias com o nome de *Campo*, mas sem coisa notavel.

CAMPOS — freguezia, Minho, concelho de Vieira, comarca da Povoa de Lanhoso, 42 kilometros a NE. de Braga, 395 ao N. de Lisboa, 90 fogos.

Em 1757 tinha 67 fogos.

Orago S. Vicente.

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

O reitor de Santa Maria de Viade apresentava aqui o vigario *ad nutum*, que tinha 70$000 réis e o pé de altar.

Produz esta freguezia muito milho e centeio; do mais pouco.

Confina com as serras do Gerez e Cabreira. É terra fria, mas muito saudavel.

Passa aqui o rio Misarella, que réga e móe.

CAMPOS e VILLA MEAN—freguezia, Minho, comarca e 10 kilometros ao OSO. de Vallença, concelho e 8 kilometros a NE. de Villa Nova da Cerveira, 54 a NO. de Braga e 405 ao N. de Lisboa, 260 fogos.

Em 1757 tinha Campos, 127 fogos, e Villa Mean 65, hoje tem a primeira 163 e a segunda 97. Orago S. João Baptista.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Vianna.

Foi antigamente da comarca de Vianna.

Situada em bella e fertilissima planicie, atravessada pela estrada real de Lisboa, feita em 1864. D'aqui se vêem varias povoações portuguezas, a cidade de Tuy, e algumas serras de Portugal e Galliza.

Passa-lhe pela extremidade N. o delicioso rio Minho, que com seus ricos *nateiros* lhe fertilisa os campos marginaes, e a faz abundante de peixe de varias qualidades, sendo o mais estimado e estimavel o salmão, a lampreia e o savel.

Villa Mean era freguezia independente, tendo por orago S. Payo e pertencia (e pertence) ao concelho de Villa Nova da Cerveira. Campos é dividida de Villa Mean por um ribeiro que desagua na esquerda do Minho, e pertence ao concelho de Vallença. Agora que se uniram estas duas freguezias formando uma só, ficou pertencendo a dois concelhos. Vide Villa Mean, de Villa Nova da Cerveira.

No mappa das congruas de 1856, vem estas freguezias separadas; mas eu estive aqui em 1864 e ellas estavam unidas, tendo só um parocho. Em 1757 só a freguezia de Campos tinha dois abbades, um com cura e outro sem elle. Cada um tinha então de rendimento, 150$000 réis. N'esse tempo, a freguezia de Villa Mean tinha vigario, apresentado pelo cabido da collegiada de Vallença (Santo Estevam) e tinha de renda trinta mil réis e o pé d'altar.

O arcebispo de Braga apresentava aqui, por concurso, o abbade, e um beneficio simples, que ambos rendiam 500$000 réis.

Onde actualmente está a capella de Santa Luzia, foi a primittiva fundação do convento de freiras de Sant'Anna (benedictinas) de Vianna.

Eram padroeiros d'este convento, os Silvas, que tinham o seu solar aqui perto. Foi aqui abbadessa, D. Urraca Soares, filha de Soeiro Gonçalves Barbudo. O arcebispo D. Fernando da Guerra, por breve de Martinho V o reduziu a abbadia secular, mudando as freiras para Loivo, e d'aqui foram para o convento de Vianna, por ordem do arcebispo D. Diogo de Sousa; mas, como já disse, o primeiro convento (muito pequeno) foi junto á tal capella, que lhe servia de egreja. Mas isto só consta da tradição. O que é certo é ter sido o mosteiro, onde hoje é a egreja matriz.

São ainda estas religiosas as que administram aquella capella.

É terra muito abundante de aguas.

O sr. Gaspar Leite Ribeiro e Silva, de Vallença, tem aqui uma linda casa de campo e grande quinta, a uns 100 metros da estrada real.

Passa pelo centro da freguezia o ribeiro

do seu nome, que réga, e vae desaguar (mesmo n'esta freguezia) na margem esquerda do Minho. É o que dividia antigamente as freguezias de Campos e Villa Mean.

E' bellissima a situação d'esta freguezia.

Diz-se que foi aqui o solar dos Valbôas, de cuja familia procedem varões célebres. Alguns d'elles são famosos nas nossas chronicas, pelo seu valor nas guerras do ultramar, onde fizeram grandes serviços á patria.

Ha mais em Portugal 21 aldeias chamadas *Campos*, não tendo nenhuma cousa digna de menção.

CAMPOS ELYSIOS—vide Leça e Lima.

CANA ou **CANNA**—villa e freguezia, Beira Baixa, comarca e concelho da Guarda, 65 kilometros ao SE. de Viseu, 300 ao NE. de Lisboa, 232 fogos.

Bispado e districto administrativo da Guarda.

Apenas vejo esta villa e freguezia mencionada no *Diccionario Geographico* do Flaviense, e em mais nenhum livro antigo ou moderno. Ou foi engano do auctor do tal diccionario, ou esta freguezia foi annexada a alguma das da Guarda.

CANÁDA—portuguez antigo, passagem ou caminho por entre paredes ou logares ermos e escusos, isto é, por onde costuma passar pouca gente. De *Canada* se deriva canal.

CANADELLA—medida usada antigamente (até ao seculo XIV) na terra de Moncorvo; eram $^3/_4$ do actual alqueire.

No alvará que D. Pedro I deu a Moncorvo, em 1361, declara que—supposto havia mandado que fosse geral no reino o alqueire de Santarem, os de Moncorvo não pagassem 2 alqueires de cevada, que faziam duas *canadellas* e meia, mas sim $^6/_4$, que faziam duas *canadellas*.

CANADÊLLO—freguezia, Minho, comarca e concelho de Amarante, 60 kilometros a NE. de Braga, 360 de Lisboa, 75 fogos.

Em 1757 tinha 30 fogos.

Orago S. Pedro, apostolo.

Arcebispado de Braga, districto administrativo do Porto.

Era antigamente da comarca de Guimarães, termo da honra da Ovelha do Marão.

Pertencia Canadêllo á freguezia de Boadella da Ovelha. Desannexou-se, formando freguezia independente, pelos annos de 1680.

Está situada em uma baixa, entre serras, que são ramificações do Marão.

O abbade dos frades bentos de Pombeiro, apresentava aqui o cura, que tinha 20$000 réis de congrua e o pé d'altar.

Produz milho, legumes, vinho, azeite e algum trigo.

Boas aguas. Fria. Passa aqui o rio Ollo.

Canadêllo, no portuguez antigo, é diminutivo de *canada*, como se dissessemos *canadinha*, pequena azinhaga. Vide Canada.

CANAES—aldeia, Extremadura, freguezia de S. Christovão da Caranguejeira, comarca, concelho e 9 kilometros de Leiria, 138 ao NE. de Lisboa.

É tão saudavel esta aldeia, que se passam 20 e mais annos sem n'ella morrer ou adoecer pessoa alguma.

CANAL—villa, Alemtejo, comarca, concelho e 6 kilometros ao S. de Extremoz, 35 ao ENE. de Evora, 144 ao E. de Lisboa, 50 fogos.

Em 1757 tinha os mesmos 50 fogos.

Orago Nossa Senhora dos Milagres.

Arcebispado e districto administrativo de Evora.

É da casa de Bragança.

Situada em um monte d'onde se vê Estremoz e Evora Monte. Tem termo proprio, no qual não ha senão uma aldeia, chamada Agua Santa. É terra fertil.

O arcebispo de Evora apresentava o cura, que tinha 3 moios de trigo e 19$000 réis em dinheiro.

Ha n'esta villa um hospicio de frades paulistas, chamado do Valle do Infante, nas abas da serra de S. Gens. N'este sitio de Valle do Infante, se fundou um convento para frades paulistas, no anno de 1372, tendo por orago Santo Antão, e foi o segundo da ordem em Portugal.

Demoliu-se em tempo de D. João IV, mudando-se o convento para Lisboa, e ficando aqui o hospicio, ao qual pertencia uma boa quinta.

Tinha, antes de 1834, juiz ordinario, feito a votos do povo da villa e termo, confirma-

do pelo corregedor da comarca de Evora.

Tinha casa da camara e vereadores (que eram os ultimos que tinham servido de juizes ordinarios, por não ter vereadores feitos por pelouro).

Tinha os privilegios de caseiros da casa de Bragança.

Foi n'esta freguezia, e nas proximidades do Ameixial, a gloriosa victoria ganha por D. Sancho Manuel de Vilhena, conde de Villa Flor, contra D. João d'Austria, no dia 8 de junho de 1663. Chama-se a victoria do Canal, porém mais vulgarmente, victoria do Ameixial. Vide pois Ameixial.

CANAS ou **CANNAS** e **RANS**, (tambem se diz **RANS** e **CANNAS**)—freguezia, Douro, comarca e concelho de Penafiel, 48 kilometros a NE. do Porto, 335 ao N. de Lisboa, 100 fogos.

Em 1757 tinha Canas 45 fogos e Rans 65.

Orago de Canas, S. Thomé, apostolo, e de Rans, S. Miguel, archanjo.

Bispado e districto administrativo do Porto.

Era antigamente da comarca do Porto.

N'esta freguezia era a celebre *honra de Barbosa* (vide Barbosa).

Situada parte em monte e parte em valle; d'ella se vê a freguezia de Oldrões, parte da de Gallêgos e da de Boa Vista.

Os frades bentos, de Paço de Sousa, apresentavam aqui o cura (de Canas) que tinha de rendimento 70$000 réis, e o reitor do collegio da Graça, de Coimbra, apresentava o cura de Rans, que tinha 11$000 réis de congrua e o pé d'altar.

Esta freguezia era sujeita ao juiz da *honra de Barbosa.*

Corre aqui o ribeiro de Canas, que nasce na aldeia de Villa Verde, freguezia de Duas Egrejas, que móe e réga. Suas margens são orladas de *arvores de vinho* (arvores com vides) e tem de notavel, segundo diz o padre Cardoso, não crear qualidade nenhuma de peixe. Morre no rio Cavallum, no logar da Pena, freguezia de Gallêgos.

Estas duas freguezias foram annexadas uma á outra no principio d'este seculo. Vide Rans.

CANAS DE DUAS EGREJAS e **RANDE**—freguezia, Douro, comarca e concelho de Penafiel, 35 kilometros ao NE. do Porto, 335 ao N. de Lisboa, 260 fogos.

Em 1757 tinha 190 fogos a freguezia de Canas, e 29 a de Rande, que ainda então era separada.

O orago d'esta era S. João Baptista, e o de Canas, Santo Adrião.

Bispado e districto administrativo do Porto.

O reitor de Villa Bôa de Quires, apresentava o cura de Rande, que tinha 30$000 réis e o pé d'altar. Vide Rande.

Era antigamente da comarca e termo do Porto.

(O padre Cardoso diz que esta freguezia, em 1750, tinha 514 fogos; mas parece-me muita gente, nem vejo motivo porque a população diminuisse metade, desde então até hoje.)

Situada em montes d'onde se vê Penafiel, o Valle de Sousa até Cepêda, o Valle de S. Christovão dos Milagres, S. Thiago da Serra do Bom Jesus de Barrosas, Unhão, Santa Quiteria e as serras do Marão, Aboboreira, Gralheira e Rossas.

A matriz é na aldeia de Giró.

O ordinario é que apresentava aqui o reitor, que tinha 40$000 réis, pagos pela commenda, e 2$250 réis para cêra e hostias. Tem dois campos no passal, com suas hortas, junto á casa da residencia, outro entre os passaes da commenda, onde antigamente esteve a matriz primittiva. Tem mais 3 quartas de pão e 6 estrigas de linho de *conhecença,* dos casados, e dos meieiros metade. Tinha um coadjutor a quem a commenda dava 8$000 réis de *porção.*

Esta freguezia é muito abundante de aguas e muito fertil.

CANAS DE SABUGOSA—villa, Beira Alta, comarca e concelho de Tondella, foi até 1855 do concelho de S. Miguel do Outeiro. 13 kilometros ao N. de Viseu, 270 ao N. de Lisboa, 300 fogos.

Em 1757 tinha 514 fogos.

Ha provavelmente engano na conta dos 514 fogos, dada pelo *Portugal Sacro e Profano.* O padre Cardoso, que escreveu quasi pelo mesmo tempo (1750) diz que tinha 200

fogos a freguezia e 40 a villa, ao todo, 243. Parece-me esta conta mais rasoavel, nem ha motivo para suppor que esta freguezia augmentasse mais do dobro, no espaço de 7 annos.

Bispado e districto administrativo de Viseu.

Foi antigamente couto dos bispos de Viseu, que ainda aqui conservam uma tulha ou celleiro, junto da praça, onde recebiam os disimos e fóros.

Era da corôa.

Nos livros antigos, diz-se que o orago d'esta freguezia é Nossa Senhora da Assumpção, e nos modernos se lhe dá por orago Nossa Senhora das Candeias.

O abbade, já antes de 1834 era feito por concurso synodal, apresentado pelo ordinario, e tinha de renda 360$000 réis.

Tinha antigamente juiz ordinario, vereadores, procurador do concelho, escrivão da camara e escrivão do publico e judicial.

Produz muito vinho na freguezia, dos mais generos mediania.

O seu foral é o mesmo de Penafiel.

CANAS DE SENHORIM — villa, Beira Alta, comarca de Mangualde, concelho de Nellas, 18 kilometros ao S. de Viseu, 265 ao N. de Lisboa, 590 fogos, 2:200 almas. Era concelho, que foi supprimido em 1855. Tinha no concelho 870 fogos.

A villa e freguezia, em 1757, tinha 254 fogos. Orago o Salvador.

A 3 kilometros de distancia, para SE., a 400 metros da margem direita do Mondêgo, ha uma nascente de aguas sulphurosas, no logar de Felgueiras (pelo que, uns lhe chamam *Caldas de Canas de Senhorim*, outros *Caldas de Felgueiras*.) Vide Felgueiras.

Teve antigamente donatario particular, mas passou para a corôa, em tempo de D. Manuel, e assim se conservou até 1834.

Situada em planicie, d'onde se descobrem muitas povoações, que ficam nas abas e visinhanças da serra da Estrella.

O cabido da Sé de Viseu e o papa, apresentavam alternativamente o abbade, que tinha de renda 600$000 réis. Tinha a terça nos disimos o cabido e chantre de Viseu, e os oitavos e fóros, que rendiam para o cabido 550$000 réis e para o chantre 350$000 réis.

Havia em tempos antigos, no termo d'esta villa, junto ao logar de Valle de Madeiros, um convento de frades bernardos, de que hoje só resta a memoria.

Outros dizem que este mosteiro era de freiras bernardas e não de frades; outros, finalmente, dizem que elle era *duplex*, isto é, de ambos os sexos, o que é mais provavel. Tambem se chamava mosteiro do Valle de Medeiros, e de Canas de Senhorim.

Esta freguezia é muito fertil e cria muito gado miudo.

Já antes de 1834 tinha juiz ordinario, dois vereadores, procurador do concelho, escrivão do judicial e notas, escrivão da camara e almotacé, tudo feito por eleição triennal, dos povos do concelho.

Ha n'esta freguezia muitos *dolmens*, a que os d'aqui chamam *ó cas*, e dizem *ser obra dos mouros, e que sobre a lagem superior queimavam os disimos.*

Todos sabem que o nosso povo das aldeias (e mesmo muito das villas e cidades) attribue aos mouros todos os monumentos celtas, phenicios, carthagineses, romanos, gothicos e arabes, que existem em Portugal. É porém certo que a tradição conservada de paes a filhos, por entre varias fabulas, nos transmitte muitos factos verdadeiros. Entendo, pois, que, depurando-a dos accessorios maravilhosos, e dos êrros do costume, quanto ás *raças*, se deve, se não dar credito completo ás tradições, pelo menos tel-as em muita consideração e prestar-lhe a maior attenção.

Por isso, a applicação que os povos d'aqui attribuem aos *dolmens*, é, na minha humilde opinião, verdadeira; e confirma a dos archeologos que sustentam serem os *dolmens* — áras, para a celebração dos sacrificios que os celtas faziam ás suas divindades — e não, como alguns pretendem, *monumentos funerarios*. Nem o facto de apparecerem ossadas humanas sob estes monumentos, prova nada absolutamente (na minha opinião) contra os que sustentam que os *dolmens* eram propria e exclusivamente altares ou áras, para a celebração de sacrificios.

Vou dizer as rasões que me movem a sustentar a minha opinião.

Grande numero de *dolmens* que tenho visto, não têem a capacidade necessaria para conterem o cadaver de um adulto, estendido horisontalmente. Os da opinião adversa, dizem que os celtas enterravam os seus mortos, sentados ou de *cocaras!* Era isto quasi impossivel materialmente; porque as lagens perpendiculares estão ordinariamente enterradas um metro. Para alli se enterrar um cadaver sentado, seria preciso, pelo menos uma cova de 1m,50, um metro para o corpo e 50 centimetros para ficar abaixo do nivel do terreno. Já se vê que, fazendo-se esta operação, cahiam os sustentaculos da mesa superior, e o temerario coveiro, ficaria esmagado, sob a lousa.

Uma religião antiga e radicada em qualquer paiz, ainda que seja substituida por outra, por muitos annos ainda (e, digo mais, por muitos seculos) ficam existindo e são respeitados, muitos dos seus usos, ritos e praticas. Não ha pois nada mais verosimil, do que sobreviverem á religião celtica (que foi substituida pela idolatra e depois pela christã) muitas das suas praticas. Ha um facto, que, na minha opinião, prova isto incontestavelmente. Cahiu a religião de Endovelico, druidica ou celtica, ante uma myriade de divindades olympicas, que nos *impingiram* os romanos.

Parece que os antigos lusitanos, convertidos a uma outra religião, deviam ir-se aos *dolmens*, *antas* e *carns* e escangalharem tudo.

Pois não o fizeram, pelo contrario, consagraram-lhe d'ahi em diante o mesmo respeito; e tanto que muitos d'esses monumentos, de mais de 2:000 annos de existencia, chegaram intactos até aos nossos dias.

É pois muito de suppor, que as raças que vieram habitar a nossa peninsula, depois de já estarem os celtas convertidos, e vendo os *dolmens* sem applicação, mas respeitados, escolhessem os mais amplos, para n'elles depositarem os ossos dos seus, pondo-os assim a coberto de qualquer profanação, attento o respeito conservado áquelles monumentos.

Devo porém declarar que, mandando cavar profundamente (e quanto sem perigo se podia fazer) alguns *dolmens*, nunca achei n'elles senão raizes, terra e pedras.

Entendo pois que só as *mâmoas* eram monumentos funerarios dos celtas. N'ellas sim, tenho eu encontrado cinzas e em algumas (muito poucas) ossos humanos.

Eis em que eu fundamento a minha opinião sobre os *dolmens*; mas direi como os jurisconsultos, no fim dos seus articulados —*Salvo meliori judicio.*

—

Tem esta freguezia varios ribeiros e a ribeira de Canas, que regam e móem, e fazem a terra fresca e fertil.

Todas estas aguas vão ter ao Mondêgo, que passa tambem n'esta freguezia.

No *Outeiro do Mouro*, pequeno sêrro no sitio de Valle de Boi, ha pedreiras de cantaria, branca e muito fina.

—

Aqui nasceu Agueda Lopes. Era casada, e accusando-a seu marido (parece que falsamente) do crime de adulterio, foi presa e sentenceada a pena ultima, sendo enforcada em Lisboa a 9 de maio de 1494. Indo a enterrar á egreja dos Anjos, e vendo os frades dominicos que ella dava signaes de vida, a levaram para a sua egreja, no meio de uma grande multidão de gente. Ella escapou, e acabou os seus dias no serviço da dita egreja, morrendo em cheiro de santidade.

—

Tem foral, dado por D. Manuel, em Lisboa, a 30 de março de 1514.

Era couto muito antigo. Em 1186, D. Sancho I, o doou a D. João Pires, bispo de Viseu.

CANAVEZES—villa, na freguezia de Santa Maria de Sobre Tâmega, Douro, comarca, concelho e 2 kilometros ao NO. de Marco de Canavezes, 40 kilometros a NE. do Porto, 30 ao S. de Guimarães, 12 ao S. d'Amarante, 395 ao N. de Lisboa, 150 fogos toda a freguezia.

(Em 1757 esta freguezia e a de S. Nicolau, tinham ambas 210 fogos.)

Orago Nossa Senhora da Purificação, vulgo, Santa Maria de Riba Tamêga. Vide S. Nicolau de Riba Tamêga.

Situada em uma encosta de pouco declive, d'onde se vê a villa d'Amarante e varias povoações e serras, nas margens do Tamêga, sobre o qual tem uma magestosa ponte de robusta cantaria, feita (ou, pelo menos, reedificada) pela rainha D. Mafalda, mulher de D. Affonso I, pelos annos 1200.

Outros querem que fosse a rainha Santa Mafalda, sua neta, pelos annos 1230; mas é êrro. Julga-se que já aqui existia uma ponte romana, que a rainha reedificou.

A ponte, que é de pasmosa solidez, é toda de cantaria, com sete arcos, e as guardas d ponte são guarnecidas de ameias. Está tudo em tão bom estado como se fosse feito ha poucos annos.

Dizem bons auctores que a origem e etymologia d'esta villa é a seguinte:

Ahi pelos annos 110 de Jesus Christo, sendo imperador o immortal Trajano, hespanhol natural de Cordova, que o imperador Nerva tinha adoptado descobriram os romanos, em um monte sobranceiro ao Tâmaca (Tamega) uma nascente d'aguas sulphuricas, a que deram o nome d'Aquae Tamacanae, pela proximidade em que ella estava do Tâmaca.

Todos sabem quanto os romanos (e depois d'elles os árabes) gostavam de banhos, e quanto se apuravam nos seus estabelecimentos thermaes. Aqui crescia mais o seu interesse e predilecção pelos banhos, em vista das muitas qualidades therapeuticas que a tribuiam a estas aguas. Fundaram pois logo aqui umas thermas. Para facilitarem o transporte dos que precizavam fazer uso d'estes banhos, construiram uma estrada, a que deram o nome de Tamacana Via, e sóbre o rio edificaram uma solida ponte (que muitos dizem ser a actual.)

Junto aos banhos se foi pouco a pouco formando uma povoação, que, por não ter outro nome, se chamou *Tamacana Via* (como a estrada) e por consequencia aos seus habitantes «*Tamacanavienses*» mas, como acharam a palavra comprida, lhe amputaram as duas primeiras sylabas, ficando portanto *canavienses*. D'aqui se formou a palavra *Canavezes*, que se deu primeiramente aos habitantes, e depois á povoação.

Tambem se veio a encurtar a palavra *Tamacana Via*, dizendo-se sómente *Cana Via*.

(Perto da villa ha uma aldeia chamada Canavia, que se suppõe ser corrupção de *Cana Via*.)

Soffreu esta villa (como todo o reino) diversas alternativas e dominadores, até que o conde D. Henrique e sua mulher vieram para Portugal.

Desde o principio da monarchia que esta villa teve bastante importancia, e tem um foral muito antigo (mas sem data) tirado por certidão, em 9 de janeiro de 1498.

Foi até fins do seculo 15.º da comarca de Guimarães, mas formando concelho independente, com tres juizes (ordinario, dos orphãos e das Sizas) vereadores, procurador do concelho pespectivos, escrivães e mais empregados judiciaes e municipaes, tudo confirmado pelo administrador da Albergaria da Rainha (de que logo tractarei.)

O juiz das sizas tinha jurisdição no concelho de Tuyas e em parte do de Soalhães.

Creada a comarca de Soalhães, passou a pertencer-lhe o concelho de Canavezes, e finalmente, creando-se a nova comarca do Marco de Canavezes, foi supprimido o antigo concelho de Canavezes, ou, para fallar com mais propriedade, foi a séde d'este concelho transferida para o Marco de Canavezes, e esta povoação (que, ainda ha poucos annos era uma pequena aldeia) é hoje a capital da comarca e concelho do seu nome; mas nem freguezia é.

A mesma rainha D. Mafalda, que mandou construir (ou reconstruir, como é mais provavel) a ponte, fundou aqui uma albergaria para 9 passageiros pobres, como consta do seu testamento, (que está no archivo da camara) feito na era de 1240 de Cesar, 1202 de Jesus Christo. N'este testamento, ordena que o povo da villa e seu termo, eleja um administrador d'ella (albergaria) dos melhores da terra.

A rainha encheu este administrador d'honras e privilegios. A albergaria (que ainda existe) era contigua ao paço que para si aqui mandou fazer a fundadora. Para custear as despezas da albergaria, a dotou com muitas herdades e os direitos da portagem

d'este termo. Na albergaria fundou a mesma rainha uma capella dedicada ao Espirito Santo.

Tem a confraria do Espirito Santo. Chama-se a este estabelecimento «Albergaria da Rainha». Não sei como foram diminuindo as rendas d'esta albergaria, o que é certo é que tanto as foram defraudando que no principio do seculo passado eram apenas uns 50$000 rs. Hoje certamente não ha nada.

O 1.º orago d'esta villa, foi S. Pedro, cuja egreja ainda existe (reduzida a capella) fóra da villa. É fundação da mesma rainha.

O padre Cardozo diz que esta villa tinha em 1750 (quando elle escreveu o seu Diccionario) duas freguezias, ambas dentro da villa; o que é manifesto engano. A villa nunca teve senão uma freguezia, e essa mesma pequena, e a matriz d'ella não é dentro, mas sim na extremidade da villa, como passo a dizer. A parochia de S. Nicolau, está a 800 ou 900 metros ao SO. de Canavezes, e é e foi sempre freguezia separada.

—

A matriz de Canavezes é ao fundo da villa, mesmo sobre a margem do Tâmega.

A origem d'esta egreja foi a seguinte. Pouco tempo depois da fundação da albergaria, em um sitio proximo d'esta e do rio, appareceu uma imagem da virgem D. Mafalda edificou logo para a dita imagem uma pequena egreja, com a invocação que ainda hoje tem.

O administrador da Albergaria da Rainha, apresentava in solidum, ao abbade. Tem uns bons passaes, mas a mais de um kilometro da direita da egreja. O rendimento do parocho andava por 360$000 réis.

O *Portugal Sacro e Profano* diz que a apresentação do abbade estava n'aquelle tempo (1757) litigiosa com o padroado real e a camara de Canavezes. Segundo elle, rendia 400$000 réis.

Tinha em 1757 130 fogos.

De Canavezes se vê a serra do Marão, que fica 12 kilometros a E.

—

Diz o padre Cardozo, que n'esta villa viveu por muitos annos Santa Mafalda, rainha de Hespanha, filha de D. Sancho I, de Portugal, que tinha casado em 1215 com D. Henrique I, de Castella, e cujo casamento annulou o papa, por serem parentes e casarem sem despensa.

É mais que provavel que Cardozo se engane, por varias razões. Elle confunde as duas rainhas D. Mafaldas, avó e neta, e attribue a esta o que fez aquella, como adiante mostrarei.

Alem d'isso, é de simples intuição que casando Santa Mafalda em 1215 (como diz o proprio Cardozo, e é assim) esteve em Castella uns dous ou tres annos (o rei D. Henrique I, morreu em junho de 1217) e em 1220 já estava no convento de Arouca. Como pois esteve ella muitos annos em Canavezes?

Quem aqui mandou fazer uma casa (ou paço) foi D. Mafalda, mulher de D. Affonso I, (avó da Santa) que mandou reedificar a ponte e fazer a albergaria; e talvez que esta D. Mafalda aqui residisse por varias vezes (mas não por muitos annos) para fazer uso dos banhos, na estação propria.

E mais: Cardozo diz que o testamento da rainha D. Mafalda foi feito em 1240 de Cezar, que é o anno 1202 de Jesus Christo, e portanto é certo que é o testamento da viuva de D. Affonso Henriques.

Santa Mafalda morreu no primeiro de maio de 1290 (vide Arouca) e não é verosimil que ella fizesse testamento 88 annos antes de morrer.

Nem da vida da Santa, que vem na Chronica de Cister, consta que Santa Mafalda residisse em Canavezes.

Tambem Cardoso se engana quando diz que no concelho de Bembiver (que não tem nada com o do Marco, nem com o de Soalhães, nem com o actual do Marco) está, no logar do Memorial (vulgo Marmoiral) um arco de cantaria (que deu o nome ao logar) feito pela camara d'aquelle concelho para lembrança de por elle passar a santa rainha Mafalda, na sua ida para Arouca.

Nem o Marmoiral é no extincto concelho de Bemviver, nem commemora nada que pertença a Santa Mafalda; mas sim o tumulo de um senhor chamado D. Souzinho Alvares. (Vide Marmoiral.)

—

Da Monarchia Lusitania, de fr. Antonio Brandão (liv. X°. cap. 38.°, pag. 190) aqui citada por Cardozo, para provar que foi Santa Mafalda que fez aquellas obras em Canavezes, se collige facilmente que foi a avó, e não a neta, que as fez. Vejamos o final do tal testamento. Reza assim:

«*E sejam hi camas boas e limpas, em que se posam bem albergar nove desses perigrinos, aos quaes serão dadas reçoins de entrada e sahida, e lume, agua e sal, quanto lhe fizer mister; e finando-se algum desses perigrinos, seja interrado, com tres missas de sobre altar, e com pano e cêra; e para que isto nunca perca, tudo se deve bem arecadar assim as portagens, como as outras rendas e porque me el Rey* (se o testamento fosse de Santa Mafalda, é muito provavel que disesse el-Rey meu irmão) *deu privilegios porque esta cousa melhor firmase, não será escuzo nenhum, da dita portagem, por rezão da obra ser para bem dos minguados, que tenho que será prol das almas del-Rey e minha e dos Reys e Rainhas,* QUE DE NÓS VIEREM *etc.*»

Todos sabem que D. Affonso I, marido de D. Mafalda, morreu a 6 de dezembro de 1185. Ora, sendo o testamento feito em 1202, já se vê que a rainha estava viuva, e que o rei de que ella falla no seu testamento era D. Sancho I, seu filho.

Eu já disse (em Arouca) que a rainha Santa Mafalda morrêra com fama de virgem, por ter feito voto de castidade. Então como diz ella no seu testamento «e dos Reys e Rainhas que de nós vierem?»

Pois uma mulher virgem e que tinha feito voto de castidade, podia lá dizer semelhante cousa?

Parece-me ter demonstrado que foi a avó, e não a neta, que fez estas obras.

É certo porem que a rainha Santa Mafalda (neta) esteve aqui por varias vezes e deixou aqui muitos testemunhos da sua piedade. É mesmo provavel que ella reedificasse ou ampliasse varias das obras que fez sua avó.

Canavezes foi uma das behetrias do reino.

Já disse que por esta freguezia, e mesmo pelo fundo da villa, passa o Tâmega, que réga, móe e traz bastante peixe.

Os arrabaldes de Canavezes são bonitos, ferteis, e muito bem cultivados; porduzem em abundancia cereaes, legumes, azeite, vinho e frutas. Os pêcegos e melões d'aqui teem fama pela sua optima qualidade.

Tem mercado todas as segundas eiras, e feira a 3 e 15 de cada mez.

D'aqui foi natural o dr. José Monteiro da Rocha, a quem o marquez de Penalva graduára doutor, com capêllo gratuito, na creação da faculdade de mathematica, na Universidade de Coimbra, em 9 de outubro de 1772.

Foi graduado, depois de nomeado lente, juntamente com Miguel Antonio Ciera, piemontez, e Miguel Franzini, veneziano.

Ambos estes professores estrangeiros leccionavam no collegio dos Nobres, em Lisboa.

O renome de mathematico distincto, que o dr. Monteiro da Rocha grangeára pelos seus trabalhos valiosissimos, não ha canto do globo civilisado, em que não resôe com assombrosa veneração: e a extincta Ordem da Companhia de Jesus teve n'elle um dos filhos mais venerandos, pela sua distinctissima illustração.

Infelizmente, maream-lhe de sobra a honradez que deveria ter, as invejas com que tratára o dr. José Antonio da Cunha, que na mathematica o assombrava.

De Canavezes foi tambem natural o conego da Sé de Evora, Jeronymo de Almeida, auctor da *Relação de como foi recebido em 1582 o cadaver de el-rei D. Sebastião, trazido da Africa,* a qual não vem mencionada no *Diccionario Bibliograohico* do sr. *Innocencio Francisco da Silva;* mas vem indicado na *Bibliographia Historico Portugueza* do sr. *Jorge Cesar de Figaniere.*

Esta *Relação* anda inscripta na *Historia Sebastica* do célebre chronista cisterciense fr. Manuel dos Santos, fallecido em Alcobaça em 29 de abril de 1740.

CANAVÊZES—freguezia, Traz-os-Montes, foi da comarca de Chaves, concelho de Carrazedo de Monte Negro até 1855, e desde então da comarca e concelho de Valle Paços, 60 kilometros ao NE. de Braga, 395 ao N. de Lisboa, 130 fogos.

Em 1757 tinha 86 fogos.

Orago Nossa Senhora da Espectação.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Villa Real.

O reitor de S. Pedro da Veiga, apresentava aqui o vigario, que tinha de rendimento 20$000 réis e o pé d'altar.

É terra fertil.

CANAVEZES—vide Canavêzes, villa, S. Nicolau de Riba Tâmega, Fornos e Marco de Canavêzes.

CANDAL—freguezia, Beira-Alta, comarca de Vousella, concelho de S. Pedro do Sul, 35 kilometros de Vizeu, 300 ao N. do Lisboa, 50 fogos. Em 1757 tinha 78 fogos.

Orago Nossa Senhora da Natividade.

Bispado e districto administrativo de Vizeu.[1]

Foi antigamente da comarca de Vizeu, e é termo e do ducado de Lafões.

O abbade de S. Thiago de Carvalhaes apresentava aqui o cura, que tinha 10$000 réis, 2 alqueires de trigo, 2 almudes de vinho e o pé d'altar.

Produz bastante milho e centeio, algum vinho, e do mais pouco.

Parte da serra da Coelheira é n'esta freguezia. N'esta serra nasce o rio Coelheira.

CANDAL—aldeia, Douro, freguezia de Villa Nova de Gaia, ao S. e em frente do Porto; formosissimamente situada no alto da serra de Gaia; formada de bellas quintas com suas casas de campo, e varias e bonitas habitações, sendo a maior parte d'ellas em uma larga e vistosa rua.

D'aqui se gosa um deliciosissimo panorama. Ao N. se vê toda a cidade do Porto, e o Douro, que lhe fica ao sopé (tanto do Candal como do Porto) medeando entre uma e outra povoação apenas a largura do rio, que aqui é estreito. Para o E. vê-se o convento da Serra do Pilar e parte de Villa Nova de Gaia, e ao O. vê-se uma grande extensão do Atlantico.

[1] Parece-me haver engano no numero de fogos, em 1757, que lhe dá o *Portugal Sacro e Profano*, que são os taes 78. No tempo do padre Cardoso, tinha 37. Parece-me isto mais provavel, porque não ha razão para o descrescimento d'esta freguezia.

É uma das povoações mais bem situadas d'este reino. (Vide Gaia e Cale.)

Além das descriptas, ha em Portugal mais 6 aldeias chamadas do Candal.

CANDAL—aldeia, Douro, comarca, concelho e 9 kilometros ao NO. da Feira, freguezia de Oleiros.

Ha aqui uma bem montada fabrica de optimo papel de varias qualidades, da qual é proprietario o sr. Joaquim de Sá Couto.

É uma das mais antigas e mais bem acreditadas fabricas de papel da Terra da Feira.

CANDEDO — freguezia, Traz-os-Montes, comarca de Alijó, concelho de Murça, 105 kilometros ao NE. de Braga, 370 ao N. de Lisboa, 280 fogos.

Em 1757 tinha 115 fogos.

Orago Santa Maria Magdalena.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Villa Real.

Era antigamente da comarca de Villa Real, termo de Murça, correição e provedoria da Torre de Moncorvo. Eram seus donatarios os senhores de Murça.

Situada em uma baixa.

O D. prior e cabido de Guimarães apresentavam aqui o cura, que tinha 26 alqueires de trigo e 10$600 réis pagos dos dizimos, e 1 alqueire de pão de cada fogo.

É terra fertil e produz muito bom vinho.

No sitio chamado Caldas, proximo ao rio Tinhella, ha uma fonte de agua tépida sulphurea. É remedio para molestias cutaneas applicada em banhos, e cura obstrucções bebida.

Ha n'esta freguezia a serra do Eivado; e passa por aqui o rio Tinhella, que réga e móe.

Esta freguezia tem só 3 aldeias, que são: Porraes, Martim e Monfevres.

CANDEDO—freguezia, Traz-os-Montes, foi até 1855 da comarca de Bragança, concelho de Vinhaes, e desde então é comarca e concelho de Vinhaes; 90 kilometros de Miranda, 450 ao N. de Lisboa, 110 fogos.

Em 1757 tinha 35 fogos.

Bispado e districto administrativo de Bragança.

Orago S. Nicolau.

O abbade d'aqui era apresentado pelo ar-

cebispo e tinha 500$000 réis de renda. Apresentava as egrejas de Santo Estevão de Espinhoso e Nossa Senhora da Assumpção de Valle de Gameiro, por serem ambas annexas a esta egreja.

A freguezia é montuosa: produz poucos cereaes, muito vinho e castanha, e muita caça miuda, do chão e do ar.

Passa proximo o rio Rabaçal.

CANDEMIL—freguezia, Douro, comarca e concelho de Amarante, 60 kilometros ao NE. de Braga, 345 ao N. de Lisboa, 170 fogos.

Em 1757 tinha 110 fogos.

Orago S. Christovão.

Arcebispado de Braga, districto administrativo do Porto.

Situada em terreno accidentado, mas fertil.

Cria bastante gado de toda a qualidade e tem muita caça nos seus montes.

O arcebispo apresentava o abbade, que tinha de rendimento 400$000 réis.

CANDEMIL—freguezia, Minho, comarca de Vallença, concelho e 4 kilometros ao O. de Villa Nova da Cerveira, 54 ao ONO. de Braga, 24 ao N. de Vianna, 400 ao N. de Lisboa, 120 fogos.

Em 1757 tinha os mesmos 120 fogos.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Vianna.

O primeiro orago d'esta freguezia foi S. Pedro Fins, hoje é S. Felix. (Parece que é uma e a mesma cousa.)

Esta freguezia é da casa do infantado.

Ha em Candamil o grande praso das *Córgas*, ou da *Egreja*, que foi vinculo. Pertence hoje o dominio util d'elle á sr.ª condessa da Ribeira e seus sete irmãos.

É senhorio directo o arcebispo de Braga, a quem os emphiteutas pagam annualmente 2$250 réis.

A casa do infantado apresentava o abbade, que tinha 300$000 réis.

Proximo d'esta freguezia é o convento de S. Paulo do Monte, de frades franciscanos. Está arruinado.

É terra fertil e fica proxima da margem esquerda do rio Minho.

CANDOZA ou **VARZEA DA CANDOZA**—villa, Beira Alta, comarca, concelho e 6 kilometros a E. da villa da Táboa, foi até 1855 da comarca e concelho de Midões, 48 kilómetros ao NE. de Coimbra, 240 ao N. de Lisboa, 280 fogos.

Em 1757 tinha 143 fogos.

Orago S. Facundo, martyr.

Bispado e districto administrativo de Coimbra.

Foi antigamente da comarca de Viseu, e tinha concelho independente, do qual era capital esta villa. Foi extincto.

Situada em um ameno e aprasivel valle (chamado a Varzea) d'onde se vê a villa de Midões e o logar da Póvoa de Midões.

Tinha termo seu, que comprehendia os logares da Varzea de Candoza e Villa Chã.

As freiras benedictinas de Vairão apresentavam aqui o vigario, que tinha 32 alqueires de trigo, 32 almudes de vinho, 20 alqueires de centeio, 20 alqueires de milho e 10$000 réis em dinheiro.

É terra fertil.

Tinha juiz ordinario, vereadores e procurador do concelho.

Junto á villa nasce a ribeira do seu nome, que mesmo aqui tem 3 moinhos e um lagar de azeite. Suas margens são muito bonitas e ferteis.

Esta villa se tornou tristemente célebre em nossos dias, pelas atrocidades impunemente praticadas pelo scelerado, conhecido geralmente pelo nome de Ferreiro da Candosa, que foi barbaramente assassinado por outro scelerado ainda mais perverso, o João Brandão, de Midões. (Vide Midões.)

D. Manuel lhe deu foral, em Lisboa, a 12 de setembro de 1514. Serve tambem para Varzea da Candoza e Villa Chã.

Ha n'esta freguezia o palacio e bella quinta do *Morônho*, do sr. Luiz Candido de Figueiredo Audinot, a mais formosa vivenda da Beira, abaixo da dos srs. Paes, de Mangualde.

O sr. Audinot mandou construir uma bella estrada, á sua custa, que vae entroncar na estrada real de Coimbra, de modo que se sahe do *Morônho* e entra em Lisboa, ou no Porto, de carruagem.

CANDOZO — freguezia, Traz-os-Montes

comarca de Mirandella, concelho de Villa Flor, 114 kilometros ao NE. de Braga, 385 ao N. de Lisboa, 80 fogos.

Em 1757 tinha 86 fogos.

Orago S. Sebastião.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Bragança.

Era antigamente da comarca da Torre de Moncorvo.

O commendador de Malta, da villa de Freixial, apresentava aqui o vigario (collado) que tinha 42 alqueires de trigo e 12$600 réis em dinheiro.

Situada em terreno accidentado, e abundante de centeio, vinho, azeite e castanha: do mais mediania. Cria-se aqui algum bicho de sêda.

CANDOZO—freguezia, Minho, comarca e concelho de Guimarães, 18 kilometros ao NE. de Braga, 360 ao N. de Lisboa, 120 fogos.

Em 1757 tinha 111 fogos.

Orago S. Martinho, bispo.

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

Situada em um valle, d'onde se vê Guimarães. A matriz é antiquissima. Em uma pedra que está na parede, junto á porta travessa, está uma inscripção gothica que diz:

Na era 210 (172 de Jesus Christo) Pedro Leão obrou. (É provavel que falte a letra que devia designar um milhar, ou por estar apagada, ou por omissão, o que era frequente n'aquelle tempo, nas inscripções.)

O bispo de Constantina apresentava o vigario, que tinha de rendimento 80$000 réis. Era collado.

Tem uma soffrivel residencia junto é egreja. Corre pela freguezia o rio Célho.

É terra fertil.

CANDOZO—freguezia, Minho, comarca e concelho de Guimarães, 48 kilometros ao NE. de Braga, 360 ao N. de Lisboa, 70 fogos.

Em 1757 tinha 80 fogos.

Orago S. Thiago.

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

Situada em um valle fertil.

O cabido de Guimarães apresentava annualmente o cura, que tinha uns 60$000 réis.

É terra fertil.

CANÊÇAS—aldeia, Extremadura, freguezia de Loures, termo de Lisboa, e no patriarchado. O seu nome é derivado do arabe *caniça*, que significa templo de christãos.

Ha n'esta aldeia varias nascentes de aguas ferruginosas, applicadas internamente, com bom exito, em molestias do estomago.

As aguas mais usadas são as das nascentes do Çamora e do Caldas.

Concorre aqui muita gente a fazer uso d'estas aguas, e a gosar os aeres perfumes dos pinheiraes circumvisinhos, mesmo por expressa recommendação dos medicos.

Ha aqui um bom hotel, para residencia dos frequentadores.

Os moradores d'aqui dão-se geralmente á sementeira e plantio de viveiros de arvores fructiferas, de todas as qualidades, com o que fazem bom negocio com Lisboa e outras localidades.

(Vide Alcanéça, que vem a ser o mesmo.)

CANEDO—freguezia, Traz-os-Montes, comarca de Montalegre, concelho das Boticas, 60 kilometros ao NE. de Braga, 420 ao N. de Lisboa, 180 fogos.

Em 1757 tinha 161 fogos.

Orago o Salvador.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Villa Real.

Era antigamente da comarca de Bragança, termo de Montalegre.

Situada em terrenos ásperos e montuosos e só se vê a povoação da Penha Longa.

Os frades bentos do convento de S. Miguel de Refojos de Basto apresentavam aqui o reitor, que tinha 10$000 réis de congrua e o pé de altar.

Passa n'esta freguezia o rio Béssa.

É terra fertil.

Tinha foral, dado por D. Affonso III, em 27 de maio de 1258.

CANEDO—freguezia, Minho, comarca e concelho de Celorico de Basto, 48 kilometros ao NE. de Braga, 375 ao N. de Lisboa, 235 fogos.

Em 1757 tinha 211 fogos.

Orago Santa Maria.

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

Foi antigamente da comarca de Guimarães, termo de Celorico de Basto.

Era, em tempos antigos, dos condes de Basto, e depois passou para a corôa, até 1834.

Situada em um alto, d'onde se vêem as freguezias de Atey, Mondim, Faya, Corgo, Valle de Bouro, Molares e Viáde.

O abbade benedictino de Pombeiro apresentava aqui o vigario *ad nutum*, que tinha 130$000 réis.

É terra fertil.

Passa aqui proximo o rio Tâmega.

É n'esta freguezia a serra de Valle de Aguas.

CANEDO — freguezia, Douro, comarca, concelho e 12 kilometros ao NE. da Feira, 22 kilometros ao S. do Porto, 300 ao N. de Lisboa, 610 fogos.

Em 1757 tinha 522 fogos.

Orago S. Pedro.

Bispado do Porto, districto administrativo de Aveiro.

Tem esta freguezia 40 aldeias.

O ordinario apresentava o reitor, que tinha 360$000 réis.

Passam aqui os ribeiros Inha e Huyma. O primeiro morre no Douro (margem esquerda) na Foz da Inha, logo abaixo de Pé de Moura; o segundo morre tambem no Douro, na povoação de Crestuma. O rio Douro serve de termo a esta freguezia pelo N., tendo ella na margem esquerda a grande aldeia de Carvoeiro, d'onde constantemente sahem barcos para o Porto (que lhe fica a 20 kilometros ao O.) conduzindo varios generos, sendo os principaes madeiras, lenhas, e carvão vegetal.

—

A matriz é no logar do Mosteiro, assim chamado por ter aqui havido um antigo mosteiro de frades benedictinos, que já existia no principio da monarchia.

—

Este mosteiro foi fundado por D. Tello Guterres, no seculo XI.

D. Diniz deu este mosteiro ao bispo do Porto, D. Giraldo, em 1304; com obrigação d'elle e seus successores cantarem uma missa diaria, á honra de Deus e de Maria Santissima, pela alma de seu pae (do rei) pela sua e pelas de todos seus antecessores e successores.

Depois o bispo, em 1307, o deu ao seu cabido, conservando-se ainda tres religiosos benedictinos.

Em 1312 foi dado ao deão da Sé do Porto

Em 1336, o deão, Domingos Martins não o quiz e passou a ser da commenda de Christo. Este Domingos Martins, recusou ser padroeiro d'este convento, para não sustentar os tres religiosos que ainda continuavam a residir aqui.

Em 1336, em vista d'esta recusa, foi reduzido o mosteiro a reitoria secular, indo os frades para o seu convento, do Porto.

O mosteiro e a cêrca foram vendidos no tempo dos Philippes.

(Adiante trato d'elle.)

Houve um hospicio com sua pequena cêrca, que ficava junto á porta principal da egreja matriz; ficou sendo a residencia do reitor.

Alguns foros, foram para as freiras benedictinas de S. Bento de Ave Maria do Porto, e uns campos, que estão proximos e ao N. da egreja, foram encorporados á commenda de Malta, chamada *commenda de Lobão*. (Lobão é uma freguezia do mesmo concelho, a uns 3 kilometros ao SO. de Canêdo.)

—

Achei a maior parte d'estas noticias sobre o convento, em uns apontamentos meus antigos (não sei d'onde os extrahi) mas não me conformo com elles, por varias rasões, que não aponto, para não fazer este artigo mais extenso. Entretanto, a minha humilde opinião é que nunca aqui houve mosteiro de monges bentos, mas sim de freiras da mesma ordem. (Viterbo é da mesma opinião; mas não a fundamenta.)

Eu supponho que no sitio do Mosteiro hoje a quinta do sr. Tavares, ao E. da matriz, (a uns 250 metros distante d'ella) era mosteiro de freiras; e o que é hoje residencia e passaes do parocho, era um hospicio, onde residiam os taes tres frades, que eram capellães e confessores das freiras, como era costume, e da sua ordem.

Entendo que foi esta circumstancia que

deu motivo a dizer-se que o convento era de frades.

É provavel que em 1304, o rei só desse ao bispo do Porto o convento e cêrca, o hospicio e terras juntas e os fóros: e os campos, que são grandes e bons, os encorporasse na commenda de Lobão, que foi dos templarios, e desde 1311, em que esta ordem foi extincta, ficou isto para a corôa, até 1319, em cujo anno o mesmo D. Diniz deu tudo quanto era d'aquelles cavalleiros, á Ordem de Christo, que então instituira.

O bispo, para lhe ficar o encargo menos pesado, mandou as freiras para o convento da sua ordem, do Porto, e deu a este todos os fóros, e mais nada. (É certo que ainda em Canêdo se pagam estes fóros de S. Bento da Ave Maria.) Mas, vendo que os rendimentos do mosteiro não chegavam para as despezas das missas cantadas, diarias, ou não podendo cumprir isto (que na verdade era árduo) doou este resto ao cabido. Este, não lhe fazendo tambem conta, com taes condições, o passou ao deão, que por fim tambem o veiu a regeitar, pelos mesmos motivos; passando então tudo a ser uma reitoria do padroado episcopal.

O bispo deu o hospicio e pertenças para residencia do parocho, ficando com as rendas do extincto mosteiro. Um dos Philippes, não sei qual delles, tratou de se apossar d'isto e o mandou vender, para as urgencias do estado (ou antes para as suas.)

Eis o que me parece cérto, ou, pelo menos, muito verosimil.

A commenda de Lobão (as terras, porque os dizimos já não existiam) foram vendidas pelos annos de 1840. Foi comprada pelo doutor e lente da Universidade, o padre Manuel Antonio Coelho da Rocha, escriptor juridico bem conhecido (vide S. Miguel do Matto) e é hoje dos seus herdeiros.

Este convento tinha uma grande cêrca, mas quasi toda inculta. Hoje está possuida pelo sr. Bernardo José da Silva Tavares, conego do Porto, e por seu irmão Hermenegildo. Ainda existe o edificio do mosteiro (menos a egreja) transformado em casa particular, do dito conego, conservando o nome de *Casa do Mosteiro.*

Ainda sobre as ruinas do antigo muro d'esta quinta, do lado do E., sobre a estrada de Carvoeiro, está um vetusto miradouro (mirante) e junto a elle um velhissimo cedro, que é do tempo das freiras (ou dos frades.)

A aldeia de Varzea, d'esta freguezia, antigamente chamada Varzea de Carvoeiro, era uma freguezia antiquissima, pois já existia em 897, em cujo anno a doou Gondezindo, ao mosteiro de S. Salvador de Lavra, de freiras bentas. Carvoeiro, sobre a esquerda do Douro (de que tratarei no logar competente) formava parte d'esta freguezia, e provavelmente Bouça, Villares, Mosteirô (de que adiante trato, vide Mosteirô) Val-Cóva e Suzanil. Não pude saber quando esta freguezia foi supprimida. A matriz ainda hoje existe reduzida a capella na aldeia da Varzea. (Vide Lavra.)

É preciso notar que em Canêdo ha Mosteiro e Mosteirô, aquelle junto á matriz, este proximo do Douro. Em cada uma d'estas aldeias havia um convento de freiras benedictinas, e ambas depois foram encorporadas no da mesma Ordem do Porto. Parece que o de Mosteirô ainda era mais antigo do que o do Mosteiro. D'aquelle não ha vestigios, nem mesmo tradição; mas é certissima a sua existencia, pois de documentos antiquissimos consta ser na freguezia de Varzea de Carvoeiro, assim como consta ser o outro na freguezia de Canêdo.

A egreja, de uma só nave, é muito ampla; mas, mais parece um armazem do que um templo. É toda de tosca alvenaria, e sua frente, completamente desguarnecida de cantarias, causa desagradavel impressão. O interior está tambem em quasi total abandono, tendo cinco altares, todos a cahirem de velhos.

É n'esta freguezia a antiga casa e grande quinta de Fagilde, onde nasceu e morreu o brigadeiro Victorino José da Silva Tavares, bem conhecido pela sua acrisolada fidelidade á monarchia legitima.

Esta freguezia, que como se vê, é muito

populosa, é tambem muito extensa e accidentada.

Suas *ribeiras* (valles nas margens dos ribeiros) são muito ferteis; mas como a maior parte da freguezia é em elevações, tem muita falta de aguas e é pouco fertil, sobretudo em annos de sêcca. É todavia bastante rica pelo muito commercio que faz com o Porto, para onde exporta constantemente muitas e varias madeiras, lenha e carvão.

Ha n'esta freguezia fabricas de papel de embrulhar, e uma, fundada ha dois ou trez annos, de optimo papel almasso, de que é proprietario o sr. Dias.

—

Ha em Canêdo muitos e vastos pinhaes.

Querem alguns que Canêdo fosse villa no principio da monarchia; mas não achei documento que o prove satisfactoriamente. Tem isso porém algum fundamento pelo facto seguinte:

Canêdo tinha foral proprio, dado por D. Affonso II no 1.º de junho de 1212, e n'elle se lhe dá o titulo de villa; e no foral velho da Feira (do seculo XI ou XII) assim como no novo de 10 de fevereiro de 1514, que trazem as differentes freguezias comprehendidas no foral, não menciona Canêdo, que foi sempre da Terra da Feira; o que induz a crer que formava villa e concelho independente.

CANELLAS—villa, na freguezia de S. Miguel de Poyares, Traz-os-Montes, comarca e 8 kilometros ao NE. do Peso da Regua, 50 fogos na villa, que é a cabeça do concelho, o qual tem 1:060 fogos.

Era antigamente da comarca de Villa Real, (que lhe fica 18 kilometros ao NO.) e *Isento* da Ordem de Malta.

Fica 85 kilometros a E, de Braga, 102 ao ENE. do Porto, 12 ao N. de Lamego, 335 ao N. de Lisboa. Toda a freguezia tem 620 fogos.

Situada em um monte proximo da margem esquerda e da foz do Corgo, e da direita do Douro.

(Vide S. Miguel de Poyares.)

Esta freguezia tinha em 1757, 101 fogos.

Já antigamente tinha juiz ordinario, vereadores, almotacé e escrivão do geral. Dentro da villa está a capella do Espirito Santo.

É terra muito fria e pouco fertil, mas saudavel.

É povoação muito antiga, mas não se sabe quem a fundou nem quando. É na terra de Panoias.

D. Sancho I a doou á Sé de Lamego, em 1205.

D. Sancho II a coutou, em janeiro de 1225, e em julho d'esse mesmo anno, a pedido do bispo de Lamego, erigiu D. Silvestre, arcebispo de Braga, n'este couto, uma egreja matriz, que já não existe.

—

Aqui viveu e morreu o ultimo visconde de Canellas, da familia dos Silveiras, e proximo parente do valorosissimo general marquez de Chaves.

CANELLAS—freguezia, Douro, comarca e concelho de Arouca, 40 kilometros ao O. de Lamego, 60 a E. do Porto, 315 ao N. de Lisboa, 80 fogos.

Em 1757 tinha 78 fogos.

Orago S. Miguel, archanjo.

Bispado de Lamego, districto administrativo de Aveiro.

Foi do extincto concelho de Alvarenga.

Situada entre dois montes.

O bispo de Lamego apresentava annualmente o cura, que tinha 40 alqueires de pão e 12$000 réis em dinheiro.

O *Portugal Sacro e Profano* diz que era da apresentação do real padroado.

O clima d'esta freguezia, apesar de excessivo, é muito saudavel e fertil. Nos seus montes ha muito arvoredo silvestre e muita caça.

Passa aqui o rio Paiva.

CANELLAS—freguezia, Douro, concelho de Gaia, comarca e 7 kilometros ao S. do Porto, 305 ao N. de Lisboa, 340 fogos.

Em 1757 tinha 180 fogos.

Orago S. João Baptista.

Bispado e districto administrativo do Porto.

Situada no suave declive de uma serra, d'onde se descobre uma vasta extensão do mar, que fica 6 kilometros a O.

É terra muito fertil.

O abbade, já anets de 1834 obtinha esta

egreja por concurso synodal, e tinha de renda 800$000 réis annuaes, entrando os passaes, que são muito grandes e bons.

Era apresentado pela mitra e pela collegiada de Cedofeita, (Porto), em que esta entrava com alternativa de 4 mezes.

Tinha antigamente ouvidor, dois almotacés (estes só serviam dois mezes e eram feitos a votos pelo povo; findos os dois mezes elegiam outros.) Tinha dois jurados, que serviam um anno; um quadrilheiro que servia tres annos (todos eram eleitos a votos pelo povo da freguezia).

Ha n'esta freguezia grande abundancia de aguas excellentes.

Tem aqui uma boa quinta e casa e muitas rendas o sr. conde de Resende (D. Luiz Banedicto de Castro Pamplona), que, em 1870, fundou aqui e sustenta á sua custa uma escóla de instrucção primaria para os dois sexos.

N'esta freguezia ha grande creação de gado bovino.

Era antigamente da comarca e Terra da Feira.

CANELLAS—freguezia, Douro, comarca de Agueda, concelho de Angeja, 12 kilometros ao NO. de Aveiro, 265 ao N. de Lisboa, 360 fogos.

Em 1757 tinha 295 fogos.

Bispado e districto administrativo de Aveiro.

Orago S. Thomé, apostolo.

Foi do bispado de Coimbra.

Foi antigamente do termo da villa da Bemposta, comarca da Esgueira.

Era dos marquezes de Angeja.

É situada em uma ladeira, d'onde se vê Fermelan, o lindo Campo d'Angeja, o rio Vouga, Salreu, Branca, Veiros, Cassia, e Angeja.

O reitor de Fermelan apresentava o cura d'esta freguezia, que tinha 18$000 réis em dinheiro, 6 almudes de vinho e 6 alqueires de trigo, que lhe davam as freiras de Jesus, de Aveiro, ás quaes recebiam os dizimos d'esta freguezia.

É terra fertil.

—

Aqui nasceu, em 9 de julho de 1763, o bem conhecido poeta, Francisco Joaquim Bingre (cognominado «o cysne do Vouga» e na Arcadia—Francelio Vouguense).

Foi baptisado a 17 do mesmo mez e anno. Nasceu na aldeia de Pedregosa.

Era filho de Manuel Fernandes Dias, do mesmo logar, e de D. Anna Maria Clara Hybingre, nascida em Vienna d'Austria.

Francisco Joaquim, que não quiz ser Fernandes, adoptou o appellido de sua mãe, por ser de *melhor extracção;* mas por causa da *euphonia*, de que era amante, cortou-lhe o *Hy*, deixando ficar só o *Bingre.*

O pae d'aquella senhora (Gaspar Hybingre) foi, segundo consta, capitão de um regimento de hussards, no reinado da imperatriz Maria Thereza.

Ficando viuvo, metteu sua filha em um convento de Vienna, e morrendo em campanha, ficou ella desamparada.

Sahiu do convento e da patria e veio ter a Lisboa em busca de uma tia materna, que era, ou tinha sido, dama ou criada da rainha D. Maria Anna d'Austria (mulher de D. João V) e mulher de Philippe Ballestri, que não tinha filhos e parece que tinham alguma coisa de seu, do que a sobrinha contava ficar herdeira; mas o terremoto do 1.º de novembro de 1755, que destruiu Lisboa, sepultou nas suas ruinas Ballestri, sua mulher e tudo quanto tinham, ficando a infeliz orphan abandonada pela segunda vez.

Tinham os tios da mãe de Bingre um criado chamado Manuel Fernandes, que offereceu a D. Anna Maria Clara trazel-a para a sua aldeia (Canellas) e ahi casar com ella, o que foi acceite, e tudo assim se realisou.

Manuol Fernandes teve de sua mulher este filho sómente, e o educou com os rendimentos de alguns bens que tinha; mas como eram poucos e mal lhes chegavam para não morrerem de fome, resolveram ir procurar fortuna para Lisboa.

Alli se deram ao negocio de contrabando, em que parece lucravam bastante, mas Fernandes, ou desgostoso da mulher ou do negocio, deixou aquella e seu filho e veio para Canellas cuidar nas suas terras.

Foi pois Bingre educado por sua mãe.

que apenas o mandou aprender primeiras lettras e latim, e o destinou ao commercio, que exerceu em casa de sua mãe, mas principiando desde a sua adolescencia a fazer versos.

Passou a sua juventude entremeando o commercio das Musas, com o de contrabando e com a leitura de bons auctores.

Era de genio affavel e brando, inimigo do sarcasmo como da lisonja e da inveja; pelo que era de todos bemquisto.

Casou co n D. Anna Maria, como elle natural da aldeia de Canellas, que lhe foi companheira extremosa, tanto na próspera como na adversa fortuna.

Parece que d'este matrimonio houveram 6 filhos, morrendo dois em creanças, pois só se sabe ao certo de quatro — D. Raymunda Marianna, que morreu viuva, pouco antes de seu pae — Nuno Maria, que morreu novo e era bacharel em direito — Francisco Lourenço d'Assis, e D. Perpetua Clara, que morreu adolescente. Parece que só de D. Raymunda ha descendencia.

A mulher de Bingre, segundo se collige de uma carta d'elle, parece que morreu em 1823.

Em 1790, Bingre, d'accordo com o beneficiado Caldas Barbosa, Joaquim Severino e Curvo Semêdo, organisaram a sociedade, que denominaram Academia de Bellas Lettras, (depois conhecida sob o titulo de *Nova Arcadia*).

No seu principio viu esta sociedade reunidos no seu gremio os melhores engenhos da época, e que, se durasse tanto como promettia, daria vantajosos resultados ás lettras patrias; mas a discordia depressa lavrou entre seus membros, divididos em duas parcialidades; uma composta de Bocage e dos seus, e a outra de José Agostinho de Macedo, Curvo Semêdo e a maior parte; pelo que tudo se desbaratou em 1795.

Durante estas discordias, Bingre estava ausente a tratar dos seus negocios, e não tomou parte n'ellas, senão para os harmonisar, não conseguindo senão ficar bem com todos.

Os negocios da mãe do poeta se complicaram, e tendo-lhe pregado varios fidalgos grandes calotes, e vendo-se outra vez em penuria, enlouqueceu.

Bingre, para ver se dava cura a sua mãe, foi com toda a familia para Canellas; mas o mal d'ella aggravou-se, e, morrendo seu pae pouco tempo depois da sua chegada, sua mãe pouco lhe sobreviveu, pois ambos morreram, parece que em 1793, e Bingre, não tendo rendimentos que o sustentassem em Canellas, regressou a Lisboa logo em 1794, a requerer algum logar publico.

Nove annos gastou como pretendente, arranjando no fim d'elles o insignificante logar de escrivão em Villa Nova d'Anços (proximo á sua patria), logar que não exerceu, por ser logo depois mudado para escrivão dos orphãos do julgado de Ilhavo.

Foi demittido em 1804; mas, Florencio de Abreu Perada, corregedor d'Aveiro, e seu protector, o fez escrivão da camara e do judicial e notas, da villa de Mira.

Sendo, como já disse, de trato ameno, degenerou para politico furibundo em 1820, e em seus versos, elogiando até aos astros a constituição, blasphemou contra a realeza, insultando os realistas, ainda mesmo depois da restauração (1823) pelo que foi demittido em 1828, ficando reduzido á miseria.

Parece que os libertadores de 1834 deviam pelo menos, restituir o pequeno emprego ao seu façanhudo cantor, mas elle estava velho e já não podia servir para os ajudar na sua obra de libertação, pelo que o deixaram ficar na indigencia, desmentindo-lhe assim os grandes elogios que havia feito aos liberaes e á liberdade.

Os ultimos 22 annos da sua vida (de 34 a 56) viveu de esmolas, a maior parte feitas pelos realistas, que não quizeram ver n'elle o poeta atrabiliario, e só viram o velho miseravel.

Morreu a 26 de março de 1856, com quasi 93 annos de edade.

—

Quasi todas as suas obras estão ineditas. Escreveu sonetos, odes, dithyrambos, canções, epistolas, elegias, idyllios, apólogos, contos, epigrammas, madrigaes, sátyras, etc., e dois poemetos — *Momo* e *As Mulheres* — varios dramas, farças e entremezes (mas

isto de pouco ou nenhum merecimento).

Na sua mocidade foi soffrivel improvisador.

Posto estar muito áquem dos grandes encómios dos seus amigos, suas poesias não eram destituidas de graça; tinha, porém, dois defeitos, um (como Nicolau Tolentino) era pedir esmola e chorar miserias em grande parte dos seus versos, outro era morder a mão caridosa que lhe dava com que matar a fome. isto é, insultar virulentamente o partido realista, que nunca o offendeu, e que, como disse, tantas vezes o soccorreu.

Este maldito séstro não o perdeu nem á hora da morte, apesar de só dever queixar-se dos seus, que lhe pagaram com despreso e esquecimento tantas resmas de versos que lhe dedicou.

CANELLAS—freguezia, Douro, comarca, concelho e 12 kilometros ao SO. de Penafiel 35 ao NE. do Porto, 325 ao N. de Lisboa' 240 fogos.

Em 1757 tinha 226 fogos.

Orago S. Mamede.

Bispado e districto administrativo do Porto.

Era antigamente do concelho de Penafiel, mas termo do Porto.

Parece que esta freguezia pouco tem augmentado ha cem annos, mas não é assim. A causa do pouco augmento apparente é porque se desmembrou d'esta freguezia a de Sebollido no principio d'este seculo.

É d'esta freguezia a quinta da *Ufa*, que foi de D. Ufa, da qual tomou, ou ella lhe deu, o seu nome. (Vide Bayão.)

Fica esta quinta sobre a margem direita do Douro, em frente das célebres Pedras de Linhares. Vide esta palavra.

Cérca a egreja matriz um grande adro e no fim d'elle, ao sul, está a residencia. O vigario era apresentado alternativamente pelo papa, pelo bispo do Porto e pelos frades bentos de Paço de Sousa. Tinha de congrua 12$000 réis, pagos pela commenda (que tambem pagava a um coadjutor) e os mais rendimentos parochiaes, que tudo andava por 200$000 réis.

A actual freguezia de Sebollido, como já disse, era uma aldeia d'esta freguezia.

É terra fertil e rica.

Tinha ouvidor, feito a votos pelo povo e confirmado pelo senado do Porto. Tinha tambem um juiz chamado da *Rapoza* ou da *Montaría*, o qual, por privilegio antiquissimo, fazia os juizes das montarias e os coudeis de muitas freguezias circumvisinhas.

Este juiz e os seus subordinados, com todos os seus monteiros, eram obrigados a fazer montarias em todos os sabbados da quaresma. A estas montarias ia uma pessoa de cada casa, do sexo masculino, de mais de 18 annos.

Os que faltavam eram multados em certa porção de vinho, ou dinheiro para o comprar. Se algum recusava pagar a multa, iam os juizes e monteiros a casa d'elles, armados de espadas e roçadouras e os obrigavam a pagar á força. Todo o vinho d'estas condemnações era bebido pelos que iam ás montarias.

Esta freguezia é atravessada por varios ribeiros, que todos desaguam no Douro, que a limita pelo sul.

É nos limites d'esta freguezia a grande quinta (com optima casa e capella) denominada de Santa Cruz, que foi solar dos Madureiras. Foi vendida por 30 contos de réis, em 1863, á sr.ª viuva Cardoso, do Porto, que é a sua actual proprietaria. Só os pinhaes e olivaes valem hoje o custo. É mesmo sobre a margem direita do Douro.

Tem annexa a pequena Quinta da Cortiça, que é contigua, tambem sobre o Douro e em frente da freguezia de Sardoura, do concelho de Castello de Paiva.

Tem minas de cobre, que se não exploram.

CANGOSTA—vide Congôsta.

CANHA—rio, nasce nas visinhanças de Monte-Mór-Novo, recebe em si o Laure, proximo á Matta do Duque, e entra na margem esquerda do Tejo, abaixo de Samora Correia, com 60 kilometros de curso. Este rio é que deu o nome á villa seguinte. Antigamente chamava-se rio de Cañas, que se pronuncia *canhas*, e significa—rio de Cannas, pelas muitas que havia nas suas margens.

Vide Almançor e Benavente.

CANHA—villa, Extremadura, comarca e

concelho de Aldeia Gallega do Ribatejo, sobre a esquerda do Canha, 40 kilometros ao NE. de Setubal, 35 de Palmella e 48 ao SE. de Lisboa, 370 fogos.

Em 1757 tinha 400 fogos.

Orago Nossa Senhora da Oliveira.

Patriarchado e districto administrativo de Lisboa.

É situada em um alto ameno, onde antigamente haviam muitas cannas, das quaes tomou o nome.

É banhada pelo Canha e muito fertil em toda a qualidade de fructos, lenha, peixe, caça e gado.

Tem foral velho, dado por D. Affonso I em 1172. (Franklim não falla n'este foral.) D. Manuel lhe deu foral novo, em Lisboa, a 10 de fevereiro de 1516.

Tem extensos montados, onde se cria grande porção de porcos, que exporta.

Em 1750 tinha, só na villa, 200 fogos, e em toda a freguezia outros 200.

A Mesa da Consciencia e Ordens apresentava o prior, que tinha dois beneficiados da mesma apresentação.

A egreja era do mestrado e commenda da Ordem militar de S. Thiago da Espada, e, por carta do cardeal-rei, andava annexa, *in perpetuum*, ao convento de Santos-o-Novo, de Lisboa.

Prior, beneficiados e despeza da fabrica eram pagos pela commenda, que rendia, liquido d'estas e d'outras despezas, 700$000 réis.

O prior tinha de congrua 4 moios de trigo, 2 de cevada, 20$000 réis em dinheiro e todo o pé d'altar. Cada beneficiado tinha 2 moios de trigo, 90 alqueires de cevada e 12$000 réis em dinheiro.

Tem casa de Misericordia, fundada pelos moradores da villa, na capella de S. Sebastião.

Tinha, antes de 1834, juiz ordinario, procurador do concelho, escrivão da camara, vereadores, juiz dos orphãos com seu escrivão, tabellião e alcaide. Tinha uma companhia de ordenanças.

Ha aqui boas e grandes herdades. Os duques do Cadaval têem aqui a famosa quinta da Matta.

A mesma etymologia.

CANHA ou **SANTO ESTEVÃO**—freguezia, Alemtejo, comarca e concelho de Extremoz, 35 kilometros ao NO. de Evora, 144 a E. de Lisboa, 700 fogos.

Em 1757 tinha 203 fogos.

Orago Santo Estevão, proto-martyr.

Arcebispado e districto administrativo de Evora.

A Mesa da Consciencia e Ordens, apresentava o vigario, que tinha de rendimento 185 alqueires de trigo, 90 de cevada, uma arroba de cêra, 121 gallinhas e 21$500 réis em dinheiro.

É terra muito fertil.

A mesma etymologia.

CANIÇADA e **SOENGAS**—freguezia, Minho, comarca da Povoa de Lanhoso, concelho de Vieira, 24 kilometros ao NE. de Braga, 360 ao N. de Lisboa, 160 fogos.

Em 1757 tinha 87 fogos.

Orago S. Mamede.

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

Foi antigamente da comarca de Guimarães e do concelho da Ribeira de Soaz, do qual eram donatarios os condes de Unhão.

É situada em dois valles, o de S. Miguel e o da Caniçada, d'onde se descobrem varias povoações.

Esta freguezia era a cabeça do tal concelho de Ribeira de Soaz, e n'ella está o paço e foral das audiencias, proximo á matriz.

O arcebispo de Braga apresentava o abbade, que tinha 300$000 réis de renda.

Passa pela freguezia o rio Cávado, que a torna muito fertil.

O concelho de Ribeira de Soaz teve foral dado por D. Manuel, em Lisboa, a 16 de julho de 1515. Este foral é das seguintes povoações: Aventosa, Berrezal (ou Bezerral) Caniçada, Cóva, Fornellos, Fradéllos, Freande, Parada de Bouro, Portella, Pouzadella, Soengas e Ventosa.

Soengas era freguezia independente, que foi annexada á da Caniçada no fim do seculo XVIII. O orago da freguezia de Soengas era S. Martinho. Em 1757 tinha 29 fogos. O cura era apresentado pelo abbade de S. Martinho da Ventosa, e tinha de rendi-

mento 20$000 réis e o pé d'altar. Esta freguezia annexou-se á outra, não só por ser muito pequena, como porque ninguem queria aqui ser parocho, com tão insignificante rendimento.

CANIDÊLLO — freguezia, Minho, comarca e concelho de Ponte de Lima, 100 kilometros ao N. do Porto, 360 ao N. de Lisboa, 30 fogos.

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

Ha n'esta freguezia uma alta torre arabe, chamada «Torre de Florentim Barrêto». Este era um senhor déspota, que obrigava as desposadas a estarem primeiro com elle, o tempo que elle queria e depois as entregava, mediante certo tributo de feijões (de que era muito guloso). Ninguem pergunte aos barqueiros do rio Lima, *se já levaram os feijões ao Florentim.* (Vide Cardiellas.)

É terra muito fertil em cereaes, fructos, gado e caça. Peixe do Lima, que passa proximo.

Para a etymologia vide Canadêllo, de que o nome d'esta freguezia é corrupção.

Não acho esta freguezia nos livros modernos.

CANIDÊLLO — freguezia, Douro, comarca e concelho de Villa do Conde, foi até 1855 do concelho da Maia, comarca e 15 kilometros ao N. do Porto, 324 ao N. de Lisboa, 80 fogos.

Em 1757 tinha 60 fogos.

Orago S. Pedro.

Bispado e districto administrativo do Porto.

Situada em um valle, d'onde se descobrem muitas freguezias.

O papa e a mesa episcopal do Porto apresentavam alternativamente o abbade, que tinha de renda 200$000 réis.

É fertil. A mesma etymologia.

CANIDELLO ou **LAVADÓRES** — freguezia, Douro, concelho e 10 kilometros a OSO. de Gaia, comarca e 10 kilometros a SO. do Porto, 305 ao N. de Lisboa, 360 fogos.

Em 1757 tinha 156 fogos.

Orago Santo André.

Bispado e districto administrativo do Porto.

Foi da antiga comarca e terra da Feira.

Eram seus donatarios os marquezes de Abrantes.

Situada em fertil campina, junto ao mar, que a limita pelo O. Pelo N. chega até ao Douro. O Cabedêllo, na foz d'este rio, é d'esta freguezia.

Ao N. vê-se S. João da Foz e Lessa da Palmeira. Ao S. a freguezia da Magdalena, ao NE. a cidade do Porto e outras povoações.

As suas principaes aldeias são: Paço, Canidêllo, Lavadóres e Lumiara. A egreja matriz está no logar do Paço.

Os frades cruzios da Serra do Pilar apresentavam o cura, que tinha 120$000 réis.

É terra muito abundante de fructos e peixe, do mar e do Douro.

A mesma etymologia.

CANNAS — Para todas as Cannas, vide Canas. É mais etymologico Cannas; mas descrevi-as só com um *n*, por assim estarem nos Diccionarios geographicos antigos.

CANO — villa, Alemtejo, comarca e concelho da Fronteira, e 9 kilometros de Souzel 40 kilometros d'Evora, 75 ao SE., de Lisboa, 280 fogos.

Arcebispado d'Evora, districto administrativo de Portalegre.

Orago Nossa Senhora da Graça.

Em 1757 tinha 183 fogos.

Fica 18 kilometros ao N. de Estremoz e 15 a ESE., d'Aviz. Foi até 1855 do concelho de Souzel, que foi então extincto.

Situada em uma fresca e aprasivel alameda. Chama-se Cano pelos muitos canos d'agua que por ella correm. (Outros dizem que por um célebre cano que aqui havia em eras remotas.)

É povoação mais antiga do que Aviz, mas não se sabe quem a fundou.

D. Manuel lhe deu foral, em Santarem, no primeiro de novembro de 1512 Tem Misericordia.

Tem duas grandes fontes (além de muitas mais nascentes menores.) A chamada Fonte Grande, é um grande deposito d'optima agua e d'ella sahe um granda cano (que provavelmente deu o nome á villa.) Para o O., tem umas nascentes d'agua chamadas Fon-

te dos Olhos, d'onde sáe um cano que faz moêr azenhas e pisões. Dizem alguns que a agua d'esta nascente se petrifica.

Diz o Diccionario Abreviado, de Almeida, que esta agua sáe fervendo, e que depois se petrifica.

É terra muito fertil.

Era antigamente da comarca e mestrado d'Aviz.

Em outros tempos era povoação muito mais vasta do que actualmente, o que attestam os alicerces que se encontram fora da villa.

Apesar de estar situada em uma planicie, d'aqui se vêem as villas de Vimieiro, Arrayolos, Evora-Monte, Fronteira, Cabêço de Vide e Alter-Pedroso.

A Mesa da Consciencia apresentava o prior, que tinha 3 moios de trigo, 2 de cevada e 20$000 réis em dinheiro. Tinha um beneficiado da mesma apresentação com 2 moios de trigo, 90 alqueires de cevada e 8$000 réis em dinheiro.

A Misericordia, foi fundada pelo povo, no seculo 16°. Tem uma albergaria, fundada pelo mesmo tempo (reinando D. Manuel) que lhe deu os privilegios das mais Misericordias.

Ha na freguezia muitas e excellentes fructas.

Feira a 24 d'agosto.

Era antigamente cabeça de concelho, com dous juizes ordinarios, trez vereadores, procuradores do concelho, escrivães, meirinhos etc. etc.

Por provisão de D. Duarte, de 30 d'agosto de 1438, tinha este concelho privilegio de não pagar siza nem portagem, de todos os generos que trouxessem da villa d'Aviz. D. Manuel lhe deu tambem em 1476, privilegio de poderem cortar madeiras para as suas abegoarias no termo d'Aviz.

Consta que a agua da fonte da Elmolinha tem a virtude de fazer lançar as sanguessugas da garganta e de curar a ronqueira do gado.

CANTANHEDE — villa, Douro, 23 kilometros ao NO., de Coimbra, 22 ao N. de Lisboa, 1:000 fogos, (em 1660 tinha 400 fogos) no concelho 3:550, na comarca 8:750.

Diz o *Portugal Sacro e Profano* que em 1757 tinha 220 fogos: é êrro evidente; porque o padre Cardoso, que escreveu pouco antes, diz que tinha então 420 fogos.

Bispado e districto administrativo de Coimbra.

Orago S. Pedro, apostolo.

Feira a 20 de cada mez.

Não pude averiguar a data da fundação d'esta villa, nem quem foi o seu fundador. É porem certo ser antiquissima; talvez do tempo dos romanos e foi povoada pelos árabes. O conde D. Sisnando, governador de Coimbra, a mandou povoar de christãos, pelos annos de 1080.

Foram seus donatarios os condes de Cantanhede (que eram marquezes de Marjalva.)

A matriz é de tres naves. Tinha dous curas, ambos apresentado pelo bispo de Coimbra, cada um com 14$000 réis, fóra o pé d'altar, e obrigação de missa por seis mezes.

Tem Misericordia e hospital, fundado pelos donatarios, com provisão real.

No sitio do Agueiro ha um convento que foi de frades capuchos de Santo Antonio, dedicado a Nossa Senhora da Conceição; fundado em 1675 e do qual eram padroeiros os donatarios.

É terra muito fertil em cereaes, fructas, azeite, gado, colmeias e caça.

D. Affonso V, fez conde de Cantanhede a D. Pedro de Menezes, e depois o renovou Philippe III, em outro D. Pedro de Menezes. Para a genealogia dos condes de Cantanhede, vide Guarda, artigo Barbadão.

Antigamente tinha um ouvidor posto pelo donatario, dous juizes ordinarios, 3 vereadores, procuradores do concelho, escrivão da camara, juiz dos orphãos e seu escrivão, dous tabelliães, um alcaide, um escrivão das sizas e um almoxarife.

Tinha capitão-mór e uma companhia de ordenanças.

Desde tempos remotos até ao fim do seculo passado, tinham os d'aqui privilegio de virem todos os annos os parochos e justiças, com cruz e varas levantadas, á Senhora de Vagos, na primeira oitava do Espirito Santo; com jurisdição, prendendo e soltando e dando dias santos, em Mira e Vagos, onde tinham casa propria para se recolhe-

rem, que foi feita pelos donatarios. Ignora-se a origem e causa d'este privilegio singular.

A villa é situada em alegre e fertil planicie. Têm um palacio, que foi sumptuoso, dos seus donatarios.

No fim do anno de 1360, e principio de 1361, aqui celebrou côrtes D. Pedro I, para validar o seu casamento com sua segunda mulher, a infeliz D. Ignez de Castro. Então declarou o rei perante as côrtes e grande numero de fidalgos e povo, que D. Ignez era sua legitima mulher, jurando em sua alma que haviam sete annos (primeiro de janeiro de 1354) a havia recebido canonicamente em Bragança (com despensa do papa João 22.º, que exhibiu) em presença de D. Gil, então deão da Guarda e depois bispo; o que este confirmou por estar presente.

Diz Miguel Leitão, que ha aqui uma fonte que sorve com espantosa violencia todo o pão que se lhe deita.» E se fôr pedra?

Estou persuadido que ha engano em Miguel Leitão, e que esta fonte é a das Fervenças, proximo da villa da Cadima, n'esta comarca. Vide Cadima.

Tem foral, dado por D. Manuel, em Lisboa, a 20 de maio de 1514.

Este foral é tambem o de Fonte Arcada e Povoa do Bispo.

—

A familia dos Menezes, á qual pertenciam os condes de Cantanhêde, é oriunda de Hespanha. Pelos annos 1200, vieram para Portugal D. Affonso Telles de Menezes e seu irmão D. Fernão Telles de Menezes, a quem D. Sancho I admittiu no seu exercito e fez grandes mercês. [1]

Suas armas eram—em campo de ouro, um annel do mesmo, perfilado de vermelho, com um rubim n'elle. Elmo de aço aberto; timbre, meia donzella vestida de brocado, com um escudo como o das armas, na mão direita, tendo os cabêllos soltos.

D. Affonso Telles de Menezes, casou, em segundas nupcias, com D. Thereza Sanches, filha bastarda de D. Sancho I e da célebre e formosissima D. Maria Paes Ribeira. Foi primogenito d'este consorcio, D. João Affonso Telles de Menezes, rico-homem e alferes-mór de D. Affonso III. Elle (D. João) e seus irmãos accrescentaram ás suas, as armas de Portugal, ficando o seu brazão assim — escudo esquartelado: no 1.º e 4.º as armas de Portugal (sem o filete de bastardia, que devia ter nas tres primeiras gerações) e no 2.º e 3.º, em campo azul tres flôres de liz de ouro, em roquete, sobreposto, um escudinho com o annel dos primeiros Menezes. Elmo de prata, aberto; e por timbre uma flôr de liz.

Os marquezes do Louriçal, marquezes de Marialva e condes da Ericeira, que eram da familia Menezes, usavam d'estas armas, sem a minima differença.

De D. João Affonso Telles de Menezes, foi quarto neto, D. Gonçalo Telles de Menezes, conde de Neiva e Faria, alcaide-mór de Coimbra e primeiro senhor de Cantanhede, e foi a D. Pedro de Menezes, seu filho, que D. Affonso V fez conde de Cantanhede, pelos annos de 1470.

As armas d'este eram como as antecedentes, mas com o filete negro em contrabanda, no 1.º e 4.º quartel (por signal de bastardia). Elmo de aço aberto, e por timbre a meia donzella dos primeiros Menezes.

—

Passou tambem a Portugal (fugido a D. Pedro, o *cruel*, de Hespanha, que o queria assassinar) pelos annos de 1350 (em que o tal *cruel* subiu ao throno) e reinando em Portugal D. Affonso IV, outro D. Affonso Telles de Menezes (da mesma familia, em Castella). O rei de Portugal o fez rico-homem, seu mordomo-mór e conde de Ourem, de quem procedem D. João Affonso Telles de Menezes, primeiro conde de Vianna (do Minho), D. Leonor Telles de Menezes (mulher de João Lourenço da Cunha, ao qual a tirou D. Fernando I, casando com ella), a infeliz D. Maria Telles de Menezes, que mor-

[1] Julgo aqui indispensavel uma nota. Muita gente que é da familia dos *Telles*, cuidando que se aristocratisa mais, se appellida *Tello*. É um êrro. *Tello* é nome proprio, e *Telles* patronimico, por consequencia *Tel es* significa filho, ou da familia (descendente) de *Tello*. Se este nome é nobre, porque o não ha de ser o appellido?

reu apunhalada por seu marido (vide Coimbra) e outras muitas familias nobres. Suas armas são — escudo terceado, em pala, na 1.ª parte, 3.ª e 5.ª, de ouro, dois lobos vermelhos passantes, em pala; na 2.ª, 4.ª e 6.ª, de ouro, 4 palas vermelhas, e sobreposto o escudete das armas dos Menezes (com o annel) elmo de aço, aberto; timbre, um lobo.

Um bisneto de D. João Affonso Telles de Menezes, foi conde de Tarouca e prior do Crato, e a sua varonia terminou em sua sexta neta, D. Joanna Rosa de Menezes, e entrou n'esta casa a varonia dos Silvas. Suas armas são as mesmas dos Menezes, ultimamente descriptas.

D'esta linhagem foi D. Duarte de Menezes, que teve fóra do matrimonio, de uma senhora castelhana, chamada D. Clara Morena de Bivar, a D. Joanna de Vilhena, que casou com Damião Dias da Ribeira, alcaide-mór da Amieira, escrivão da camara e fazenda de D. João III, e ao qual deu carta de brazão d'armas, em Evora, no 1.º de abril de 1526.

Foi filho de Damião Dias, Duarte Dias de Menezes. As armas d'estes (as taes que lhe deu D. João III) são — em campo azul, um leopardo de prata, passante, chefe de ouro, carregado de tres estrellas de purpura, de cinco pontas; elmo aberto, de prata, timbre um leopardo, como o das armas, com uma das estrellas d'ellas na espádoa.

Outros do mesmo appellido, trazem — escudo de pavezes de ouro a modo de escamas, e sobre elle seis leões de prata, divididos, de dois em dois, em tres paveses, e outros tres com as palas de purpura e sobreposto um escudete de prata, carregado de uma macassada de ouro. Elmo aberto, e timbre um dos leões.

Ha ainda outras muitas familias de Menezes, ligadas com varios ramos de diversos appellidos, que formaram seus brasões d'armas de differentes modos.

—

O conde de Cantanhede, D. Antonio Luiz de Menezes, general em chefe do exercito portuguez, durante a guerra dos 27 annos, combinado com D. Sancho Manuel, governador da praça de Elvas, ataca, derrota e põe em vergonhosa fuga, D. Luiz de Haro, marquez del Carpio, primeiro ministro de Philippe IV e o melhor general castelhano d'aquelle tempo. Por esta gloriosa victoria, foi D. Antonio de Menezes feito marquez de Marialva, por D. Affonso VI, em 11 de junho de 1661, e a 23 do mesmo mez e anno é feito conde de Villa Flôr o intrepido D. Sancho Manuel. Esta victoria (denominada das Linhas d'Elvas) teve logar em 14 de janeiro de 1659. Vide Elvas, no logar competente, onde isto vem mais circumstanciado.

CANTARO — serra do Douro, limites da villa do Carvalho. Chama-se do *cantaro*, porque como é muito sêcca, tinham os moradores da villa obrigação de terem n'ella um *cantaro* cheio de agua, para os passageiros, nos mezes de julho, agosto e setembro. Tambem se chama serra do Carvalho, por estar a villa d'este nome nas suas abas. Vide Carvalho, villa e serra.

CANTARO DELGADO — vide Estrella.

CANTÉ — portuguez antigo, usadissimo ainda nas provincias do norte, sobretudo, na Terra da Feira, Porto e seus arredores. É a palavra mais elastica da lingua portugueza. Significa; *está visto, pois sim, quem déra! não admira, era d'esperar, pois que,* e mil outras cousas.

Ninguem é capaz de saber a etymologia de similhante palavra.

CANTELÃES — freguezia, Minho, comarca da Povoa de Lanhoso, concelho da Vieira, 24 kilometros a NE. de Braga, 60 ao N. do Porto, 365 ao N. de Lisboa, 190 fogos.

Em 1757 tinha 153 fogos.

Orago Santo Estevão, proto-martyr.

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

Foi antigamente da comarca de Guimarães.

Situada em um valle, d'onde se descobrem varias povoações.

O arcebispo de Braga apresentava o abbade, que tinha de renda 300$000 réis.

É terra muito fertil. Tem muita caça e cria muito gado. Passa por a freguezia o rio Ave.

Ha aqui o castello de Villa Sêcca, a 650 metros de distancia do rio Lima. Tinha este

castello uma galeria subterranea, por onde os cavallos iam beber ao rio.

CÃO (forte do)—pequeno fortim abandonado, á esquerda e a 200 ou 300 metros da foz do Ancora (no Minho). Vide Ancora, rio.

CAPAREIROS—villa, Minho, comarca e concelho de Vianna, 105 kilometros ao N. do Porto, 420 ao N. de Lisboa, 300 fogos.

Em 1757 tinha 218 fogos.

Orago S. Pedro, apostolo.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Vianna.

Era couto dos arcebispos de Braga, que tinham tambem a jurisdicção temporal.

Está situada parte em valles e parte na serra da Padella (famosa pela sua grande abundancia de caça). Do alto d'esta serra se descobrem muitas freguezias.

A matriz é de tres naves e antiquissima. A camara ecclesiastica de Braga apresentava aqui *in solidum* o abbade, que tinha de renda 300$000 réis.

Houve aqui um convento, muito antigo, de frades bentos, que passou a abbadia secular, no seculo XVI. Era seu padroeiro Payo Paes, que deu o padroado ao arcebispo D. Payo, pelos annos de 1125, seus successores supprimiram o convento, do qual não ha vestigios.

Nas lagôas dos Médros ou Médos, ha minas metalicas, que ainda não foram exploradas.

É terra fertil.

Tinha o couto, juiz ordinario, que tambem o era dos orphãos, um vereador, um procurador do couto, escrivão e meirinho.

No Campo de Barrozellas ha feira todas as quartas feiras.

Em dia de S. Pedro vem a esta freguezia com procissões e *clamores* os parochos e freguezes de Mujães, Tregosa, Carvoeiro e de todas as mais freguezias circumvisinhas.

Passa aqui o rio Neiva.

CAPARÍCA—freguezia, Extremadura, comarca e concelho de Almada, 6 kilometros ao S. de Lisboa, 1:430 fogos.

Em 1757 tinha 1:193 fogos.

Orago Nossa Senhora do Monte.

Patriarchado e districto administrativo de Lisboa.

Situada na esquerda do Tejo, e d'ella se gosam deliciosas vistas.

É n'esta freguezia á chamada Torre Velha, ou de S. Sebastião de Caparica, que serviu de lasarêto. Fica em frente da torre de S. Vicente, de Belem.

Foi mandada edificar por el-rei D. Sebastião, pelos annos de 1575.

Principia a freguezia logo á entrada da barra do Tejo, que a banha na extensão de 12 kilometros, pelo N.: o Oceano lhe serve de termo pelo O., e na praia está a aldeia da Costa, d'esta freguezia.

A matriz é um bello templo, fundado nos fins do seculo XVI.

O terreno d'esta freguezia é em geral fertil e seu clima saudavel. Antes do *oidium*, produzia annualmente, termo médio, 6:500 pipas de bom vinho.

Na aldeia de Mofacem, d'esta freguezia, ha 30 e tantas cisternas, todas magnificas e de dispendiosa construcção, obra dos arabes. Foram elles que deram a esta aldeia o nome de *mo-hacem*, que significa *barbeiro*.

Vê-se pois que esta povoação é muito antiga. *Capa* tambem é palavra arabe (que os mouros adoptaram dos persas) significa mesmo *capa*. (*Capote* é diminutivo de *capa*.)

Ha duas tradições sobre a etymologia de Caparica.

Uns dizem que morrendo aqui um velho, declarou no testamento que deixava a sua *capa* para ser vendida e com o producto da venda se fazer uma capella a Nossa Senhora do Monte. Fez isto rir bastante; mas, sabidas as contas, a boa da *capa* estava recheiada de bellos dobrões de ouro, que chegaram de sobra para a fundação da capella.

A segunda versão (e mais verosimil) é que, sendo a Senhora do Monte, de muita devoção para estes povos e limitrophes, concorreram todos para se lhe fazer um esplendido manto (ou capa) pelo que a Senhora ficou d'ahi em diante sendo conhecida por Nossa Senhora da Capa Rica.

Junto a Caparica está o convento de capuchos arrabidos, fundado por D. Lourenço Pires de Tavora, quarto senhor de Caparica, em 1564. Elle morreu em 15 de feverei-

ro de 1573, e jaz na egreja do mesmo convento.

Este fidalgo, sendo embaixador de Portugal em Hespanha, em uma occasião que o imperador Carlos V estava zangado com elle, lhe disse: «Eu sei muito bem quantos rios e pontes tem Portugal» ao que Tavora respondeu: «Os mesmos que tinha em 14 de agosto de 1385.» Digna resposta de um bravo portuguez.

Caparica foi antigamente da comarca de Setubal.

D'esta freguezia se avista a serra da Arrabida, Palmella, o mar, o Tejo, Lisboa e outras muitas povoações, montes e valles.

Antes de 1834 era o povo da freguezia que apresentava o cura, a quem davam annualmente, 1 moio de pão meiado e 5 pipas de vinho em môsto, a saber: os que tinham uma junta de bois, davam um alqueire de pão, os que tinham duas ou mais, dois alqueires, e cada fazendeiro um pote de vinho. Andava tudo por 250$000 réis.

Além do convento dos capuchos arrabidos, ha mais n'esta freguezia um convento de frades paulistas, fundado em 1410. Este mosteiro está em um profundo valle, e era denominado, convento de Nossa Senhora da Rosa. Na sua cêrca ha uma fonte, cuja agua dizem que cura a lepra e outras molestias cutaneas. Foi fundador d'este convento Mendo Gomes de Seabra.

Outro de frades agostinhos descalços, fundado em 1677. Este é no logar da Sobrada.

Ha n'esta freguezia nada menos de 24 capellas, entre publicas e particulares.

É terra muito abundante de aguas.

Tem varios portos de mar, sendo os prinpaes, Benatega, Porto Brandão, Paulina, Portinho da Costa e Trafaría.

> Benatega é a palavra arabe *ben-ataija.* Significa, filho ou descendente da coroada. Vem de *ben*, filho, ou descendente, e de *ataija*, coroada.

No logar da Costa, d'esta freguezia, esteve (julgo que em 1823 ou 1824) D. João VI, hospedando-se na unica casa de pedra que então alli havia (todas as mais eram cabanas de palha) e tanto gostou da caldeirada que alli lhe deram, que fez o cosinheiro (dono da casa) *mestre das caldeiradas (!)* com a renda de 800 réis diarios, emquanto vivo.

Tambem aqui esteve a sr.ª D. Maria II e depois, quando rei, seu filho, o sempre chorado D. Pedro V.

CAPARROSA—freguezia, Beira-Alta, comarca e concelho de Tondella, 18 kilometros de Viseu, 264 ao N. de Lisboa, 310 fogos.

Em 1757 tinha 170 fogos.

Orago S. Miguel.

Bispado e districto administrativo de Viseu.

Era antigamente do concelho de Bésteiteiros, comarca de Viseu.

A matriz está edificada junto á serra de Fornêllo. Era vigariaría do padroado real e o vigario tinha 40$000 réis em dinheiro, cêra e incenso para o culto divino, 4 almudes de vinho cosido, ou 5 em môsto, tudo pago pelo commendador, que era descendente de Bernardino Freire de Andrade.

O vigario d'aqui apresentava annualmente a egreja de Boa-Aldeia, e um anno sim outro não, a de Silvares.

(No outro anno apresentava o vigario de S. Thiago.)

É terra fertil e saudavel, ainda que bastante fria de inverno, por causa das neves da Serra da Estrella, que fica proxima.

ÇAPATARÍA ou **SAPATARÍA**—freguezia, Extremadura, até 1855 comarca de Torres Vedras, concelho de Enxara dos Cavalleiros, e desde então concelho de Arruda, comarca de Villa Franca de Xira, 26 kilometros ao N. de Lisboa, 230 fogos.

Em 1757 tinha 51 fogos.

Orago Nossa Senhora da Purificação.

Patriarchado e districto administratrativo de Lisboa.

O prior e beneficiados de S. Julião, de Lisboa, apresentavam o cura, que tinha de rendimento 60$000 réis. A aldeia de Péro Negro, que era da freguezia de Dois Portos, passou para esta, por ser mais proxima e de mais faceis caminhos.

CAPELINS—freguezia, Alemtejo, até 1855 comarca de Extremoz, agora de Redondo, concelho do Alandroal, 30 kilometros de Evora, 150 ao E. de Lisboa, 165 fogos.

Em 1757 tinha 100 fogos.

Orago Santo Antonio.

Arcebispado e districto administrativo de Evora.

É terra fertil.

CAPELLA—freguezia, Minho, concelho de Rendufe, comarca e 9 kilometros de Braga, até 1855, e desde então da comarca e concelho de Guimarães, 360 de Lisboa, 150 fogos.

Em 1757 tinha 86 fogos.

Orago a Santissima Trindade.

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

(Não acho esta freguezia nos livros modernos, nem da lei das Congruas consta que esteja unida a outra.)

O parocho era um frade bento, por apresentação trienal do D. abbade do mosteiro de Rendufe (benedictino.) Tinha 6$000 réis de renda e o pé de altar.

CAPELLA—freguezia, Douro, comarca e concelho de Penafiel, 25 kilometros a NE. do Porto, 330 de Lisboa, 150 fogos.

Em 1757 tinha 100 fogos.

Orago S. Thiago.

Bispado e districto administrativo do Porto.

Era antigamente do concelho de Penafiel, mas do termo e comarca do Porto.

Situada entre as serras de Mósinho e Lousado, d'onde se descobre a villa de Vallongo e varias serras.

O reitor de Lagares apresentava aqui annualmente o cura, que tinha de congrua 50$000 réis.

Esta freguezia esteve muitos annos annexa á de S. Martinho de Lagares, e era por isso que o parocho d'esta apresentava o d'aquella.

Na noite de 16 de dezembro de 1740, foi arrombada a porta da egreja da Capella e d'ella levaram o vaso sagrado (de prata) com 24 fórmas consagradas.

Prenderam-se varias pessoas e a 29 de abril de 1741, foram garrotados e depois queimados, na cidade do Porto, por este crime, Antonio José e João Martins. Pelo mesmo crime foram açoutados Paschoal da Silva, Antonio Alves (*o derrabado*) e João Rodrigues. Foi condemnado com baraço e pregão pelas ruas, João de Miranda—Antonio Barbosa, degredado. Foi absolvido José Rodrigues, por ser menor, mas assistiu ao supplicio com as mãos algemadas.

É terra abundante de aguas, e fertil.

Na serra de Mósinho nasce o ribeiro chamado de Entre Aguas, que morre na direita do Douro. Na extremidade S. da serra de Lousado está a pequena villa de Melres.

Produz esta freguezia muita lenha, gado, colmeias e caça.

Na serra de Mósinho e proximo ao logar de Branzêllo, ha um *fôjo* de caçar lobos.

CAPELLA DE S. PEDRO DE LOMAR— (Vide Lomar.)

CAPELLUDOS—freguezia, Traz-os-Montes, comarca e concelho de Villa Pouca de Aguiar, 90 kilometros a NE. de Braga, 385 ao N. de Lisboa, 240 fogos.

Em 1757 tinha 145 fogos.

Orago S. João Baptista.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Villa Real.

Era antigamente do mesmo concelho, mas da comarca de Villa Real.

Situada, parte em monte, e o resto em um valle.

O reitor de Santa Eulalia de Pensalves apresentava aqui o vigario, que tinha de renda 100$000 réis.

Grande abundancia de vinho, milho, castanha, centeio e mais fructos.

É n'esta freguezia a Serra de Rio d'Uvas. Corre aqui o rio Tâmega, que réga, móe e traz peixe.

Tinha foral velho, dado por D. Affonso III, em Lisboa, a 12 de julho de 1255, e outro dado pelo mesmo rei, no Porto, a 30 de agosto d'esse mesmo anno.

CAPINHA—freguezia, Beira-Baixa, comarca e concelho do Fundão, 40 kilometros da Guarda, 255 ao NE. de Lisboa, 260 fogos.

Em 1757 tinha 180 fogos.

Orago S. Sebastião, martyr.

Bispado da Guarda, districto administrativo de Castello Branco.

Era antigamente do termo da Covilhã e da comarca da Guarda.

Era da corôa.

E' terra fertil.

Situada ao pé da Serra de Villa Velha, e d'aqui se vê o convento de Nossa Senhora do Seixo, de frades capuchos antoninhos, o Fundão e outras muitas povoações e serras.

A egreja é de 3 naves.

O bispo da Guarda apresentava aqui o prior, que tinha de renda 120$000 réis.

Tinha juiz pedaneo, sugeito ás justiças da Covilhã.

Ha aqui um reducto, que se fez em 1642 e tem 4 revelins: dão-lhe o nome de castello.

Corre proximo o rio Meimôa. Fica perto a Serra da Carrapata, muito abundante de caça grossa e miuda, e que produz muito pasto para o gado, que aqui se cria em grande quantidade.

—

É de horripilante nomeada em toda a provincia esta freguezia por um antiquissimo e atrocissimo costume que aqui ha. É o seguinte:

Assim que principia o *advento*, todos os homens querem tocar os sinos de dia e de noite, o que causa uma insupportavel inferneira, que não deixa ouvir nada de dia, nem dormir de noite.

Isto dura até dia de Natal. Ainda que chovam raios e coriscos, não ha nada que os faça arredar da torre, nem largar os badalos! Chamam elles a isto o *Tim-teri-nó*. Se algum parocho, ou outra qualquer pessoa tenta dissuadil-os de tamanha e tão infernal tolice e diabolico disparate, é tido por *pedreiro livre*.

Ignora-se quando teve principio este maldito e atroador costume, nem o que lhe deu origem. Uns dizem que é para *festejar (!)* o nascimento de Jesus Christo; outros que é em memoria de um antigo figurão de Capinha; que aqui appareceu, depois de ser geralmente julgado morto. O *Tim-teri-nó* da Capinha, é na Beira synonimo de barulho infernal.

CARAMÓL—portuguez antigo, ainda hoje usado na Terra da Feira e outras. Significa lamentação em gritos, berreiro, etc. É corrupção de *caramó* ou *caramô*, que é contracção de cara aos mouros. (Vide Caramôs.)

CARAMONA—monte, Minho, freguezia de S. Martinho de Balugães.

É tradição que existiu aqui uma cidade ou grande povoação, da qual ha vestigios de ruas, alicerces e outras ruinas. Ignora-se o nome d'esta cidade; mas alguns pretendem que se chamava mesmo Caramona, o que me parece pouco provavel.

Outros dizem que era a cidade de *Carbona*. (Vide esta palavra.)

(Vide Carvoeiro.)

CARAMÓS—freguezia, Douro, comarca e concelho de Felgueiras, 18 kilometros ao NE. de Braga, 18 a O. de Guimarães, 48 ao NE. do Porto, 360 ao N. de Lisboa, 160 fogos.

Em 1757 tinha 106 fogos.

Orago S. Martinho, bispo.

Fica 12 kilometros a E. de Amarante, ficando-lhe Pombeiro ao O.

Tenho visto em papeis antigos o nome d'esta freguezia escripto de diversas maneiras, Caramôs, Carâmos, Carámos e Quadramollos. (Vide Caramól.)

Situada em um valle fertil, ameno e aprasivel.

Eis, segundo a tradição, a origem e etymologia da palavra *Caramôs*:

D. Fernando Magno, rei de Castella, era casado com D. Sancha, irmã de D. Bermundo, rei de Leão. Ambicionando aquelle o reino d'este, moveu guerra ao cunhado e o matou em combate, no anno de Jesus Christo 1036; ficando depois d'isso, por conquista e por herança, rei de Castella e Leão. Este rei, que morreu em 1065, tomou muitas terras aos mouros, desde o Minho até ao Mondego (comprehendendo Coimbra) e ficando este rio servindo de limite S. das suas conquistas.

Era então governador e general das provincia do Minho e Traz-os-Montes, o valoroso conde D. Nuno Mendes, que residia em Guimarães.

No sitio onde hoje está o convento (e chamado então *Campos da Veiga*) teve o dito conde uma grande batalha com os moiros no anno 1060; na qual, opprimidos os chris-

tãos com o grande numero de inimigos, lhe viraram as costas e fugiram.

Debalde D. Nuno empregou todos os meios para conter os seus; mas quando as coisas estavam n'este estado eis que apparece S. Martinho, *montado em um cavallo branco*, armado de uma formidavel lança, espetando com ella mouros, sem dó nem piedade, e gritando aos christãos: *Cara aos mouros! Cara aos mouros!*—Outros dizem que foi o conde que gritou:—*Cara aos mouros! cara aos mouros, que S. Martinho é comnosco!* (Eis um ponto historico que muito cumpre averiguar.) (Vide Chacim.)

Os portuguezes, vendo que o santo era por elles, viraram a cara aos mouros valorosamente, e os pozeram em completa derrota.

Em commemoração d'esta victoria, e em agradecimento ao santo, fundou o conde, em 1068, no mesmo sitio da batalha, uma egreja com a invocação de S. Martinho de Cara aos Mouros.

É de *Cara aos mouros* que procede, por abreviatura *Caramôs*.

(Os antigos portuguezes chamavam aos mouros, *môs* ou *moos*.)

Junto á egreja se fundou depois um convento de conegos regrantes de Santo Agostinho (cruzios) cuja origem é a seguinte:

—

D. Fernando Magno, por sua morte, deixou os seus estados divididos por seus trez filhos, dando a D. Sancho Castella, a D. Affonso o reino de Leão e a D. Garcia (o mais novo) Portugal e Galliza.

D. Garcia foi um mau rei e teve um pessimo conselheiro, que era o seu valido Verna. Tractava muito mal os seus vassallos em geral, e especialmente os portuguezes.

O bravo conde D. Nuno Mendes, (que era portuguez e minhoto) não podendo já soffrer as vexações e prepotencias que D. Garcia fazia aos seus patricios, juntou bom numero d'elles e offereceu batalha ás tropas do rei (que este commandava em pessoa) no sitio de Pedroso, entre Braga e o rio Cávado.

Os gallegos eram em triplicado numero dos portuguezes: de mais a mais estes eram quasi todos gente do campo e mal armados. Mesmo assim bateram-se por muito tempo como leões; mas, vendo morrer o seu conde e não tendo chefe, foram derrotados, não sem fazerem pagar cara a victoria aos inimigos.

Esta infeliz batalha foi em 1071.

D. Gonçalo Mendes, filho do conde, pôde escapar com vida, d'esta batalha. Foi muitos annos perseguido pelos castelhanos, até que obteve *carta de seguro*, do rei de Castella.

Fez-se padre e veio, em 1090, fundar um convento, junto á egreja que seu pae mandára fazer; dotou largamente este convento, e n'elle foi habitar com outros padres e aqui falleceu, em 8 de janeiro de 1124, sendo elle mesmo primeiro prior d'este convento.

O arcebispo de Braga D. Pedro, antecessor de S. Giraldo, aconselhou os padres d'este convento a que seguissem a regra de Santo Agostinho, ao que elles annuiram, e o mesmo arcebispo lhe veio lançar os habitos, a 28 de agosto de 1091.

Eram então apenas sete os padres d'este convento.

D. Affonso I doou a este mosteiro uma sua grande herdade, que tinha na villa de *Borvêta* (a qual tinha sido de Garcia Fafes), e o padroado da egreja de Constantim, proximo a Villa Real. Isto em julho de 1154.

Teve priores perpetuos até 12 de fevereiro de 1595, unindo-se então ao convento de Santa Cruz de Coimbra, e passando os seus priores a ser triennaes, sendo o primeiro d'estes D. Fr. João das Neves, nomeado n'esse mesmo dia.

D. Affonso IV coutou a freguezia do mosteiro e a deu ao convento com todos os *direitos reaes*.

A egreja do convento é matriz da freguezia, e, até 1834, n'ella era vigario um frade do mesmo convento, apresentado pelo seu prior e collado pelo arcebispo de Braga, por trez annos, com 50$000 réis de congrua e o pé d'altar. Tinha coadjutor, a quem o mesmo prior passava carta de cura, approvada pelo ordinario.

É terra muito fertil.

—

Já que fallámos n'esse pessimo rei D. Gar-

cia, diremos que elle morreu preso e cégo, no *Castello de Luna*, por seu irmão D. Sancho. (Vide *Hist. Port.* e a villa d'Alfaiates, que quando foi dos castelhanos se chamava *Castillo de Luna.*)

—

Caramôs é patria do nosso distincto escriptor classico Manuel de Faria e Sousa.

CARAMUJO — bonita povoação na Extremadura, contigua á Cova da Piedade, e proxima a Almada, a cujo concelho pertence.

Ha aqui uma importante fabrica de moagem de trigo, pertencente ao sr. Manuel José Gomes. Encontram-se alli as machinas mais modernas, todas movidas por vapor. É estabelecimento que muito honra o seu proprietario, e mesmo o paiz.

CARAMULO—Beira, alto pico da cordilheira que se estende a O. do Valle de Bésteiros. (Vide Bésteiros, Bussaco e Alcóba) 24 kilometros de Viseu. Tambem se chama Serra de Bésteiros e d'Alcóba.

Tem um extenso plató, d'onde se vê o mar a 48 kilometros a O.

O seu cume é todo composto de penedos amontoados uns sobre os outros, a modo de columnas, e é ao pé d'isto que está o tal plató ou planicie.

CARANGUEJEIRA — freguezia, Extremadura, comarca, concelho e 8 kilometros ao E. de Leiria, 138 ao NE. de Lisboa, 360 fogos.

Em 1757 tinha 79 fogos.

Orago S. Christovão.

Bispado e districto administrativo de Leiria.

Situada em uma ribeira, que tem 6 kilometros de comprido e um de largo, entre montes muito altos.

O ordinario apresentava o cura, que tinha de renda 60$000 réis.

É terra muito fertil.

Passa aqui o rio *Caranguejeira*, que nasce no principio da ribeira, ao S., no sitio do Olho da Fonte, do manancial d'este nome, e de outro chamado Olho do Seixo; sendo a agua d'aquelle quente e a d'este fria, apesar de estarem ambos proximos.

Rega, move 5 lagares de azeite e faz moer.

Morre no rio Liz, no sitio da Baralha, junto á egreja da Encarnação, de Leiria.

Ha n'esta freguezia muita caça, e produz optima fructa.

Diz-se que, por aqui haverem muitas e boas ameixas caranguejeiras. é que se lhe deu o nome que tem.

CARAPÁLHA — nome de uma quinta nos arrabaldes da cidade de Castello-Branco, de que é proprietario o sollicito agricultor e delicado cavalheiro, o sr. Domingos Roballo. É uma verdadeira granja modelo. Não ha melhoramento agricola que elle não conheça, nem progresso agrario que não acompanhe e não ponha logo em pratica. Quando o sr. Roballo introduz um novo systema de cultura, os visinhos riem-se primeiro, espantam-se depois, e acabam por imital-o. Se houvesse um agricultor assim em cada concelho do reino, cértamente a nossa agricultura havia de progredir e prosperar. Honra ao sr. Roballo, que assim despreza a rutina e os preconceitos.

CARAPÉÇOS — freguezia, Minho, comarca, concelho e 6 kilometros de Barcellos, 18 ao O. de Braga, 460 ao N. de Lisboa, 160 fogos.

Em 1757 tinha 120 fogos.

Orago S. Thiago, apostolo.

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

Era em 1757 da comarca de Vianna.

Situada na costa de uma serra no principio do valle de *Támel*. Do alto da serra se vê o mar e toda a praia, desde Fão até Vianna. Tambem se vêem as serras do Marão, Falpérra, Gerez, Nossa Senhora da Abbadia e outras varias freguezias.

O abbade era de collação ordinaria, por concurso synodal, e tinha de renda 500$000 réis.

No alto de um outeiro da serra está a capella de S. Migeel, (onde vae um clamor no dia 29 de setembro) e que é tradição ser a primeira matriz da freguezia.

É terra abundante de aguas, muito fertil, e cria muito gado.

Passa aqui o rio *Corujeira*.

Na serra ha muita caça.

N'esta freguezia é a quinta da Madurei-

ra, de que foi senhor João de Carapéços, casado com D. Maria Martins de Carvalho.

Depois passou ao infante D. Pedro, conde de Barcellos, que a deu a Pedro Coelho (um dos assassinos de D. Ignez de Castro). Vide Santarem.

D. Pedro I mandou confiscar todos os bens dos 3 assassinos, sendo portanto comprehendida esta quinta. O arcebispo de Braga D. Gonçalo Pereira, a comprou, emprazando-a aos Figueiredos, de Chaves, cujos descendentes hoje a possuem.

CARAPINHA e **SANGUINHEDA**—freguezia, Beira Alta, comarca e concelho da Tábua, foi da comarca de Midões, 35 kilometros de Coimbra, 240 ao NE. de Lisboa, 110 fogos.

Em 1757 tinha 81 fogos.

Orago o Bom Jesus.

Bispado e districto administrativo de Coimbra.

Carapinha foi antigamente villa e era da comarca da Guarda, concelho de Ázere.

Situada em um valle.

O prior de S. Martinho da Cortiça apresentava aqui o cura, que tinha de congrua 6$000 réis e o pé de altar.

É terra pouco fertil. Tem porém muito gado de toda a qualidade e muita caça.

CARAPINHEIRA—freguezia, Douro, até 1855 comarca da Figueira, concelho de Montemór-Velho, desde então comarca e concelho de Montemór-Velho; 30 kilometros a O. de Coimbra, 210 ao N. de Lisboa, 720 fogos.

Em 1757 tinha 360 fogos.

Orago Santa Suzana.

Eram donatarios os duques de Aveiro, mas, desde 1759 até 1834, ficou pertencendo á corôa.

A maior parte d'esta freguezia é situada em planicie e o resto em montes. Vêem-se varias freguezias e a estrada de ferro do Norte.

O parocho de Montemôr Velho apresentava aqui o cura (por esta freguezia ser annexa á de Montemór Velho) e só tinha o pé d'altar.

É terra fertil, cria muito gado, os seus montes teem caça e nas differentes vallas que aqui ha e se mettem no Mondego ha muito peixe. Andam n'estas vallas varios barcos pequenos de pesca e para serviço da lavoira.

CARAPITO—villa, Beira Baixa, comarca de Trancoso, concelho de Aguiar da Beira, 35 kilometros de Vizeu, 324 ao N. de Lisboa, 135 fogos.

Em 1757 tinha 120 fogos.

Orago Nossa Senhora da Purificação (vulgo—das Candeias).

Bispado da Guarda, districto administrativo de Vizeu.

Em 1757 era do termo e comarca de Pinhel.

Eram seus donatarios os Mirandas Henriques.

É situada junto ao monte Calvario.

Os donatarios apresentavam o abbade, que tinha de renda 300$000 réis.

Era cabeça do concelho do seu nome e tinha juiz ordinario, vereadores, procurador do concelho, escrivão da camara e seis eleitos, tudo sujeito ao corregedor de Pinhel.

O *Portugal Sacro e Profano* diz que era do real padroado.

Feira a 29 de abril.

Entra n'esta freguezia a serra de Almançor, assim chamada por estar n'ella uma torre em que, segundo a tradição, assistiu o rei arabe Almançor, e da qual ainda ha vestigios, no fundo da serra.

Passa pela villa a ribeira do Pinheiral e n'ella entram, n'esta freguezia, os ribeiros de Santa Cruz e das Bouças de Aguiar. Réga e móe.

Tambem junto á villa nasce a ribeira do seu nome, que morre no Dão, no sitio de Entre Aguas.

Ha mais em Portugal 5 aldeias d'este nome.

Para o mais que diz respeito á serra de Almançor, a quem lhe deu o nome e o que n'ella ha, vide Almançor, serra.

D. Manuel deu foral a esta villa, em Lisboa, a 10 de maio de 1514.

CARAVELLA—freguezia, Traz-os-Montes, termo de Bragança, 28 fogos (em 1750.)

Fertil. Egreja de 3 naves. Orago S. Bartholomeu.

O reitor tinha de renda 42$000 réis, 4 alqueires de trigo e 2 almudes de vinho, tudo pago pela commenda. Era apresentado pelo cabido de Miranda, depois, de Bragança.

Ao O. da freguezia, nas proximidades de uma pequena ribeira, ha vestigios de uma fortaleza, que, segundo a tradição, é obra dos mouros.

Tinha antigamente um juiz e um jurado, feitos pela camara de Bragança. O juiz elegia dous indeviduos, a que chamavam homens do accordam, e todos administravam a justiça da freguezia.

Não acho esta freguezia nos livros modernos. Julgo que está ennexa a Bragança.

CARAVELLAS — freguezia, Traz-os-Montes, comarca de Chacim, conacelho dos Cortiços. A comarca de Chacim e o concelho dos Cortiços, foram supprimidos em 1855. Desde então ficou esta freguezia pertencendo ao concelho e comarca de Mirandella. 75 kilometros de Miranda, 420 ao N. de Lisboa, 80 fogos.

Bispado e districto administrativo de Bragança. Orago S. Braz.

Em 1757 tinha 73 fogos.

Era antigamente da comarca da Torre de Moncorvo, termo de Mirandella. Foram seus donatarios até 1759, os marqaezes de Tavora, ficando então para a corôa.

Situada em campina, d'onde se vê Vinhaes, Montalegre e Monforte do Rio Livre, ao N.

Ao O. se vê Chaves, Murça de Panoyas, Lamas, Villa Real, Favaios e Villa Flor.

O reitor de Bornes apresentava aqui o cura, que tinha de congrua 40$000 réis.

É terra fertil e ha mais de 120 annos cultivam aqui o bicho de séda.

Tinha juiz da vara, homens do accordam, quadrilheiros e jurados, todos sujeitos ás justiças de Mirandella e á provedoria de Moncorvo.

Feira a 3 de fevereiro.

CARAVELLAS — aldeia, Traz-os-Montes, comarca e concelho de Villa Real, freguezia de Santa Maria de Borbella. Tem uma ermida de Santa Barbara.

Consta que foi villa, com o nome de Caravilhas.

É tradição que houve aqui um convento de freiras bentas e que, despovoando-se a terra (não sei porque) pediram a sua trasladação para Nossa Senhora do Cabeço, na freguezia de Mouçós, junto ao rio Córgo, onde ainda ha vestigios de paredes e de uma capella.

CARAVILHAS — Vide Caravellas, aldeia.

CARBONA — Antiquissima cidade da Lusitania, que existiu no Minho, no alto de um monte que fica por cima de Santa Maria de Carvoeiro, no concelho de Espozende e da qual ainda ha vestigios. Consta que era muito vasta.

Dizem que se chamava Carbona, pela muito carvão que alli se fazia. Agora chama-se Caramona, ao sitio.

Foi destruida pelos arabes em 716. Tinha um convento de frades bentos, que foi tambem então arrazado.

Estando despovoada, D. Affonso Magno a deu, pelos annos de 1050, a um fidalgo, que a povoou com colonos e reedificou o convento, que se ficou chamando de Santa Maria de Carvoeiro.

Vide Carvoeiro, no concelho e comarca de Vianna, pois que este convento é o mesmo de que alli se trata.

Na egreja d'este convento estão sepulturas de varios fidalgos, muito antigos, entre elles D. Nuno Soares Velho, D. Sarrasino Ozores (filho de D. Ozorio Velloso, conde de Cabreira, que era neto de D. Ramiro II, e da célebre Zahara, moura, de Gaia, (que depois de christan se chamou Artida. Vide Ancora, rio.) Tambem em um monumento alto, junto da sachristia, e sob um arco, está sepultado o santo D. Pedro Affonso, D. abbade d'este mosteiro, que uns dizem filho, outros irmão de D. Affonso Henriques.

CARCABEAR ou **CARCAVEAR** — portuguez antigo, abrir fossos, vallas, covas, cárcovas, etc, para defeza d'arraiaes, praças ou castellos; e tambem para desviar as aguas, das ceáras, hortas, pomares, etc, etc.

CARÇÃO — freguezia, Traz-os-Montes, comarca de Bragança, concelho do Vimioso, 30 kilometros ao N. de Miranda, 455 ao N. de Lisboa, 320 fogos.

Bispado e districto administrativo de Bragança.

Orago Santa Cruz.

Em 1757 tinha 203 fogos.

Foi antigamente da comarca de Miranda, e depois do concelho do Outeiro, até 1855.

Situada em uma serranía no sitio chamado Lombo de Babe, proximo dos rios Maçans e Sabor, que a tornam uma peninsula.

O cabido de Miranda apresentava annualmente o cura, que tinha 6$000 em dinheiro, 2 alqueires de trigo, 2 almudes de vinho e o pé d'altar.

Produz algum pão e vinho, e dos mais fructos muito pouco. Cria algum gado e ha por aqui muita caça.

CARÇÃOZINHO — freguezia, Traz-os-Montes, comarca e concelho de Bragança, 40 kilometros ao N. de Miranda, 474 ao N. de Lisboa, 20 fogos.

Orago S. Pedro, apostolo.

Em 1557 tinha 15 fogos.

Pertenceu antigamente á comarca de Miranda, termo de Bragança.

É situada em um alto, d'onde se vê a aldeia de Penella e a Serra de Seabra, na Galliza. O rei apresentava o abbade, que tinha residencia e passaes e com o mais lhe rendia isto 200$000 réis.

O abbade apresentava as egrejas de Penella, Villa Bôa, Talhas e Serapicos, que são curatos annexos a esta freguezia.

O *Portugal Sacro e Profano,* diz cousa muito differente. Segundo elle — o parocho era cura, apresentado pelo abbade de Sarapicos e tinha 8$000 réis de congrua e pé d'altar.

É terra fertil.

Cria muito gado e tem muita caça.

Esta freguezia não vem nos livros modernos. Foi annexada á antecedente.

CÁRCAVA — Vide *Cárcova.*

CARCAVELLOS — freguezia, Extremadura, concelho de Oeiras, comarca, e 20 kilometros a O. de Lisboa, 60 fogos.

Patriarchado e districto administrativo de Lisboa.

Orago Nossa Senhora dos Remedios.

Em 1757 tinha 72 fogos.

Era antigamente do termo de Cascaes.

Situada em uma elevação muito linda e saudavel, vendo-se grande parte do mar e muitas povoações e serras.

O prior era da apresentação ordinaria e tinha de congrua 100$000 réis.

O *Portugal Sacro* diz que o parocho era apresentado pelo povo.

A matriz está no meio da praça. Junto a ella está um chafariz d'optima agua (como são todas d'aqui) e muito abundante. Tem mais duas fontes publicas.

Ha n'esta freguezia muitas e formosas quintas, muito ferteis em tudo.

Entre Carcavellos e o Oceano está a Quinta Nova de Santo Antonio, que era do morgado da Alagôa. Tem no centro um rico palacio, fundado ha uns cem annos por José Francisco da Cruz, avô do ex-possuidor. Tem bello jardim, grande alaméda, e o palacio é decorado com gosto e magnificencia, tendo vastas salas e uma bonita capella dedicada a Santo Antonio. Tem optimas vistas e seus torreões servem de baliza aos navegantes que demandam o porto de Lisboa, por se avistarem a muitas leguas de distancia. D. José I, aqui vinha almoçar muitas vezes, quando estava no Estoril. A quinta está hoje em grande decadencia.

Antes da molestia das vinhas produzia 500 pipas de optimo vinho. Foi vendida em 1872, por uns 23 contos de réis á Companhia do Cabo Telegraphico Submarinho, que aqui fez a sua estação; o que bastante tem feito prosperar esta terra. Ouvi dizer que o director d'esta companhia vence annualmente a bagatella de 6 contos de réis. Entre as bôas quintas de Carcavellos, distingue-se a do senhor conde da Lapa.

Ha muito boas fructas, sobre tudo laranjas. Produz muito e famoso vinho, principalmente o branco, muito conhecido e apreciado, não só em Portugal, como no estrangeiro.

Fica-lhe o mar a uns 300 metros de distancia, e proximo fica a torre de S. Julião da Barra.

Tem um forte na praia, onde esta é de areia, pois que o mais são rochedos inaccessiveis, que por si se defendem.

Abundante de bom peixe.

Com todas estas condições, não sei a rasão porque a população descresce em vez de augmentar.

Ha aqui muitas e vastas pedreiras de marmore branco (carbonato de cal) optimo para edificações, pelo que ha n'esta freguezia muitos canteiros.

Carcavellos é diminutivo de *cárcova* ou *carcova* quer dizer: pequeno fosso, etc. (Vide Cárcova e S. Domingos de Râna.)

—

Ha em Portugal mais 12 aldeias d'este nome; mas nenhuma notavel.

CÁRCAVA ou **CÁRCOVA**—porta falsa. Tambem significa caminho encoberto.

Em Braga ha um sitio, proximo ao Campo de Sant'Anna, chamado, Fonte de Cárcova.

CARDAL ou **CARDOSA**—sitio cheio de cardos.

CARDENHA—freguezia, Traz-os-Montes, comarca de Moncorvo, foi até 1855 da de Chacim, concelho de Alfandega da Fé, 144 kilometros ao NE. de Braga, 390 ao N. de Lisboa, 130 fogos.

Em 1757 tinha 83 fogos.

Orago Nossa Senhora da Oliveira.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Bragança.

Já antigamente tinha sido da comarca da Torre de Moncôrvo, concelho de Alfandega da Fé,

Situada em planicie, d'onde se vêem varias povoações.

Foram seus donatarios, até 1759, os marquezes de Tavora; desde então ficou para a corôa.

O reitor de Adeganha apresentava aqui o vigario *ad nutum*, que tinha 50$000 réis.

É terra pouco fertil.

Cardenha significa cabana, e tambem sitio cheio de cardos. (Vide Barga.)

CARDIELLOS antigamente **CARDELLOS**—freguezia, Minho, comarca e concelho de Vianna, 35 kilometros ao O. de Braga, 395 ao N. de Lisboa, 130 fogos.

Em 1757 tinha 80 fogos.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Vianna.

Orago S. Thiago, apostolo.

Foi antigamente da comarca de Vallença

O seu orago foi primeiro Santa Margarida, mas depois passou a ser S. Thiago.

O papa e o ordinario apresentavam alternativamente o abbade, que tinha 120$000 réis.

Ha aqui, no alto de um monte, a capella de S. Silvestre, onde vem *clamores* de 14 freguezias, por varias vezes do anno e por voto immemorial que fizeram por occasião de uma grande fome.

O mesmo fazem para alcançar o sol ou chuva, ou por qualquer calamidade publica.

É pouco fertil, apesar de por ella passar o rio Lima.

Ha aqui a célebre torre de Moure, ou de D. Sapo.

É tradição que um tal Florentim Barrôto, das margens do Lima, senhor absoluto de Cardiellos, e fundador da torre que ainda hoje existe com o nome de Torre de D. Sapo, exigia de seus vassallos o tributo chamado antigamente *marketta* (direito de dormir o senhor da terra, com a noiva, na primeira noite do casamento.) Consta que foi assassinado por ordem do rei.

Segundo outros, o povo, para obter do rei licença para assassinar a D. Florentim (por alcunha o *Sapo*) lhe dissera que um *sapo* violava todas as mulheres da freguezia, se os auctorisava a matal'o, ao que o rei facilmente annuiu; mas quando soube que o tal sapo era D. Florentim, ficou muito pesaroso (porque era tão bom como elle.)

Nas Canárias consta que havia o mesmo costume, que cessou depois da descoberta d'ellas pelos hespanhoes.

Na Escocia, *si vera est fama*, os senhores, usavam e abusavam do mesmo ignominioso *direito*. O catholico rei Malcolm, em 1090, aboliu este odioso *tributo*, reduzindo-o a dinheiro, e remivel por 400 réis.

Em Lovaina, diz-se que havia o mesmo costume.

—

Mais acima, na Aguieira, no sitio onde esteve o *facho*, se vêem as ruinas de um castello, de eras remotas.

Tambem nas duas margens do Lima, em frente d'esta freguezia, ha vestigios de forti-

ficações do tempo dos romanos ou dos antigos lusitanos.

CARDÍGA (quinta da) — Vide Gollegã.

Esta quinta foi dos templarios, e depois da Ordem de Christo.

CARDÍGOS (antigamente) **VILLA NOVA DE CARDIGOS** — villa, Extremadura, comarca de Thomar, concelho de Villa de Rei, 168 kilometros ao NE. de Lisboa, 380 fogos.

Em 1757 tinha 221 fogos.

Orago Nossa Senhora da Assumpção.

Bispado e districto administrativo de Castello Branco.

É do grão-priorado do Crato (d'onde dista 50 kilometros para o N.) provedoria de Thomar (d'onde dista 35 a E.)

Situada em um alto, d'onde se vêem as villas de Figueiró dos Vinhos, Villa de Rei, Amendoa, Niza, Castello de Vide e Marvão.

Tinha termo seu, que antigamente foi julgado, chamado da *Brucheira*, como consta de muitos papeis antigos.

Já era villa em 1521. O seu termo compunha-se dos logares do Carrascal, Chaveira, Chaveirinha, Casaes de S. Bento, Collos, Casas da Ribeira, Cavalleiro, Pé do Azinhal, Azinhal, Azinhalete, Valles, Tinfaneiros, Pára Cannas, Lameirancha (ou Lameira Ancha) Sarnadas (ou Cernadas) Freixoeiro, Arganil, Montaricome, Meijão Frio, Valle de Infante, Rhoda, Casalinho e Carvalhal; que por todos, incluindo a villa, faziam 221 fogos.

A matriz é de 3 naves e está no principio da villa.

O vigario da villa da Amendoa apresentava aqui annualmente o cura, que tinha 15$000 réis e 30 alqueires de trigo, pagos pela commenda, e o pé de altar.

Tem Misericordia e hospital, fundado por Francisco Moreno Callado, parocho que foi d'esta villa, em 1620, e tem provisão de 1640 com os privilegios da Misericurdia de Lisboa.

O seu rendimento é limitadissimo.

A terra é muito abundante de céra e mel, gado e caça.

De cereaes e fructas, producção mediana.

Tinha 2 juizes ordinarios, 2 vereadores e procurador do concelho, feitos por pelouro e confirmados pelo ouvidor da comarca do Crato.

Tinha escrivão da camara, judicial e notas, 1 alcaide e 2 almotacés, cada 3 mezes.

Tinha tambem uma companhia de *ordenanças*, com seu capitão e officiaes, confirmados pelo grão-prior do Crato, sem sugeição a mais ninguem.

Tinha uma commenda do mestrado de Christo, sendo a terça parte do seu rendimento para os bispos da Guarda.

A freguezia é em sitio montanhoso, aspero e cheio de matagaes, tendo apenas ao fundo alguns valles ferteis.

Passam aqui as ribeiras de Meijão Frio, Bostelim e Ísna, que regam e móem.

Eram seus donatarios os grãos-priores, por ser uma das 12 villas do grão-priorado do Crato.

D. Affonso Henriques a tomou aos mouros, em 1135.

CARDOSA e depois **VILLA FRANCA DA CARDOSA** — antigo nome de Castello Branco. (Vid e esta cidade e Cardal.)

CARDOSAS — freguezia, Extremadura, comarca de Villa Franca de Xira, concelho de Arruda dos Vinhos, 35 kilometros ao E. de Lisboa, 190 fogos.

Em 1757 tinha 83 fogos.

Orago S. Miguel, archanjo.

Patriarchado e districto administrativo de Lisboa.

Era antigamente do termo de Arruda, mas da comarca de Torres Vedras.

Os freguezes apresentavam o cura, que tinha 50$000 réis.

Terra abundante de vinhos, mas do mais mediana producção.

Tinha juiz da vintena, posto pela camara da Arruda.

Passa aqui a ribeira do Bagueiro.

CARÍA — Na baixa latinidade, *caría* significava *pão*, e tambem a *malatolta*, isto é, máo costume, injusta e violenta imposição de algum fôro ou tributo.

Segundo fr. João de Sousa (*Vestig. da Ling. Ar.*) *caría* é palavra arabe, e significa aldeia, villa ou povoação; a que os hebreus chamam *Quiría*. (Vide *Alquería* e *Alcaría*.)

CARÍA — freguezia, Beira Baixa, concelho

de Belmonte, comarca e 30 kilometros da Guarda, até 1855, hoje é do mesmo concelho, comarca da Covilhã, 288 kilometros ao E. de Lisboa, 400 fogos.

Em 1757 tinha 286 fogos.

Orago Nossa Senhora da Conceição.

Bispado da Guarda, districto administrativo de Castello Branco.

Foi antigamente do termo da Covilhã.

Situada em um monte, d'onde se vêem as villas da Covilhã e Belmonte e os logares de Trutozendo, Pêra Boa, Aldeia do Souto, Enguias, Malpica e Aldeia do Monte do Bispo.

Em 24 de agosto de 1869, pelas duas horas e meia da tarde, houve aqui um medonho temporal (um cyclone) que causou grandes prejuizos. Vide Covilhã, no logar competente, onde vem isto mais circumstanciado.

Por contracto, feito em 1644, davam os d'aqui dois jantares por anno aos camaristas da Covilhã.

O bispo da Guarda apresentava *in solidum* o prior, que tinha de renda 400$000 réis.

É terra fertil.

Tinha dois juizes ordinarios e procurador. Não tinha vereadores, mas, em seu logar, elegia o povo tres homens (a que se dava o titulo de *regedores*) e com elles e os juizes se governava a freguezia e faziam os accordãos e posturas.

Ha aqui um reducto, ou pequeno castello, e dentro d'elle umas casas como torre, que são do praso da mitra, e antigamente foi casa de campo dos bispos da Guarda.

Parte da serra da Pedrosa é d'esta freguezia.

O nome d'esta freguezia é arabe, sem corrupção; significa villa ou povoação. Vide Alcaria. Vide tambem a Caría antecedente.

D. Manuel lhe deu foral, em Lisboa, a 15 de dezembro de 1512.

CARÍA—villa, Beira Alta, comarca de Moimenta da Beira, foi até 1855 do concelho de Caría e Rua, e desde então é do de Cernancelhe, 30 kilometros de Lamego, 324 ao N. de Lisboa, 210 fogos.

Em 1757 tinha 160 fogos.

Orago Nossa Senhora da Corredoura.

Bispado de Lamego, districto administrativo de Viseu.

Foi antigamente da comarca de Lamego, termo da villa da Rua.

O reitor tinha de renda 200$000 réis. Era apresentado pelo bispo de Lamego.

É terra fertil.

A mesma etymologia.

É povoação antiquissima e já muito notavel no tempo dos romanos, com este mesmo nome de Caría. Em vista d'isto, ainda que Caría seja a palavra arabe Caría, ou Alcaría, como é, e que essa seja a etymologia de todas as outras Carías, ha todas as razões para crer que não o é d'esta, mas sim a que lhe dá fr. Joaquim de Santa Rosa de Viterbo, no seu primorosissimo e estimavel *Elucidario*, que é a primeira que dou na Caría primeiramente descripta.

No tempo dos godos era esta villa de Caría uma das seis matrizes que formavam o bispado de Lamego.

No testamento de D. Flamula (ou D. Chama) feito em 960, se acha (no livro de D. Muma Dona, fl. 7) mencionado o castello de Caría, juntamente com os de Trancoso, Moreira, Langobria (Longroiva) Naumam (Numão) Vacinata (Macieira, de Fonte Arcada?) Amindula (Amendoa) Pena de Dono (Penedono) Alcobria (Alcarva) e Semórzelli (Sermillo?)

Sobre o cume do monte que fica sobranceiro ás terras de Moimenta da Beira, se admiram as vastas ruinas da primittiva Caría. (As terras de Moimenta da Beira pertenciam ao dilatado territorio ou termo da antiga Caría.) Almançor destruiu esta grande povoação, no seculo IX, e no tempo de D. Affonso Henriques fazia apenas um julgado, pertencente a Leomil; até que, no seculo XIV, se erigiu em concelho e villa independente; mas ficou cerceado o seu territorio, e a sua capital, que era o castello de Caría, se foi despovoando, retirando-se os moradores para logares mais commodos e abrigados, por já não terem a recear as invasões dos mouros.

Já no seculo XIII havia Caría Juzan (Caría de Baixo) e Caría Suzan (Caría de Cima).

Na gaveta 23 dos documentos de Tarouca (a que chamavam *inuteis*) havia um instrumento, feito na Tapha, a 4 de setembro

de 1284, pelo qual se vê que *estavam pagas as dividas e satisfeitos os graves damnos que D. Pedro Annes e sua mulher, D. Urraca Affonso* haviam feito e mandado fazer nos logares e pessoas do concelho de Caría, que então se dividia em tres, a saber: Caría a Velha (que era o tal castello, ha alguns seculos desmantellado), Caría Suzan (que é a actual Caría) onde então estava a cabeça do concelho, justiças, empregados e casa da camara—e Caría Juzan, que é a actual villa da Rua, para onde finalmente se transferiu o pelourinho, senado ou paços do concelho, justiças, etc.

Junto a esta villa, no logar de Vide e seus contornos, se tem descoberto por muitas vezes, varias inscripções, cippos, pedras sepulchraès, lapides, etc., que attestam haver n'estes sitios uma povoação famosa, no tempo dos romanos, e ainda depois d'elles.

Na capella de S. João, havia uma lapide (que se desencaminhou ha mais de 300 annos) da qual constava que—*Amanda, serva de Jesus Christo, fallecêra em paz, no anno do Senhor 586.*

No fim do seculo XVIII, se achou em uma vinha, junto a esta capella, uma grande sepultura, de pedra muito bem lavrada, que foi para a quinta do Ribeiro, onde ainda no principio d'este seculo se conservava, e não sei se ainda lá existe.

Em 1788, se achou nas casas do beneficiado Lourenço Manuel d'Almeida, uma lapide dedicada ao imperador Marco Aurelio, que diz:

IMP.
M. AV.
V. M. E.
AUG. P. F.
P. M. T. P.
P. P.
I I X X.

No mesmo anno, na quinta da Lagôa, se achou outra lapide, com uma inscripção dedicada ao imperador Antonino, que reinou desde 211 até 217.

Parece que por aqui passava alguma via militar romana, que de Braga se dirigia a Amarante, d'aqui á Cidadelhe (povoação romana nas faldas do Marão) e d'aqui ía um ramo para a cidade de Panoyas (no termo de Villa Real) e o outro á terra de Caría e d'aqui para toda a Beira e Riba Côa.

A inscripção dedicada a Antonino, é uma especie de marco milliar, de 2m,20 de alto, levantado sobre um pedestal quadrado, da mesma pedra. Diz:

CONCILIO AN-
TIQO
CAIO BAQ.
FORTISSIMO
CAES.
ANTONIO
:::TI:::
FILIO.
══════
BONO
REIP
NATO

(A inscripção superior aos dois traços, está no marco, e a inferior, no pedestal.)

—

No logar de Vide, no frontespicio da capella do Espirito Santo (que antigamente era de S. Sebastião) está uma pedra quadrada, que sem duvida serviu de base ou pedestal de um outro marco milliar, pois tambem diz: *bono, reip, nato.*

No logar de Prados, junto á villa da Rua, está a capella de S. Domingos, antiquissima. Consta que era, em tempos remotos, matriz da freguezia. No frontespicio está uma lapide com a inscripção seguinte:

VICTOR.
MARII. F.
HEIC. SE:
P. IACET.

(Victor, filho de Mario, aqui jaz.)

—

Muitos outros vestigios de antiguidades romanas aqui por estes sitios se têem encontrado; mas têem sido despresados e destruidos.

—

Ha aqui um convento que foi de terceiros de S. Francisco, fundado em 1443.

CARÍA e RUA—concelho (extincto em 1855) na comarca de Moimenta da Beira (Beira Alta) 30 kilometros de Lamego, 324 ao N. de Lisboa, 880 fogos.

Vide a Caría antecedente e Rua.

CARIDADE ou **NOSSA SENHORA DA CARIDADE**—freguezia, Alemtejo, até 1855 da comarca e concelho de Monsaraz, desde então é do concelho de Reguengos, comarca do Redondo, 35 kilometros d'Evora, 155 a SE. de Lisboa, 160 fogos.

Em 1757 tinha 101 fogos.

Orago Nossa Senhora da Caridade.

Arcebispado e districto administrativo de Evora.

Era antigamente do concelho de Monsaraz, mas da comarca de Villa Viçosa.

O arcebispo de Evora apresentava o cura, que tinha 4 moios de trigo e 2 de cevada, que lhe pagavam os freguezes.

Situada em um valle fertil. Tem grandes montados de azinho, em que se criam muitos porcos, com que a freguezia faz grande commercio.

Tinha antigamente juíz da vintena, sujeito ás justiças de Monsaraz.

CARITÉL, CARITÉLLO ou **KARITÉLLO**—significa o a que hoje chamamos querella. Correspondia ao nosso—*aqui d'el-rei!*—e se chamava a este grito—*dar voz de caritel* ou *rascar*. Vem do latim *quiritare*, que segundo Varrão, tinha a mesma applicação, e se gritava—*Porro quiritis!*

De *quiritare* vem *gritar* (clamar, dar vozes de afflicção a pedir soccorro, etc.) Na freguezia de Mançores, comarca e concelho de Arouca, ha uma aldeia chamada Caritél.

CARLÃO—freguezia, Traz-os-Montes, comarca e concelho de Alijó, 108 kilometros ao NE. de Braga, 370 ao N. de Lisboa, 300 fogos. Em 1757 tinha 150 fogos.

(O padre Cardoso diz que em 1750 tinha 233 fogos.)

Orago Santa Agueda.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Villa Real.

Tem caldas. Vide Tinhella. (O rio Tinhella entra no Tua, proximo a esta povoação.) Era antigamente do termo de Alijó, comarca de Villa Real.

O vigario era collado e tinha 16$000 réis e 20 alqueires de trigo, de renda.

Produz muito centeio, castanha e figos; do mais pouco.

As aguas thermaes rebentam no fundo de uma fragosa eminencia: são crystallinas, tendo em a nascente a temperatura de 92 a 94, F., com o cheiro e sabôr proprio das aguas mineralisadas pelo gaz hydrogeneo-sulphurado, deixando no paladar uma sensação, como de tinta de escrever (caparrosa).

É muito adstringente.

Não ha no sitio banhos estabelecidos. Estes tomam-se em uns poços immundos, ou em tinas.

Tem estes banhos diversos nomes: chamam-lhe Caldas de Faváios, de Porraes, de Murça, e, finalmente, de Tinhella.

Não me consta que fossem examinadas pelos engenheiros que em 1866 e principios de 1867, andaram pelo reino a inspeccionar as nascentes de aguas mineraes, nem foram apresentadas na exposição universal de Paris, em 1867.

É muito provavel que estas aguas tenham tantas virtudes therapeuticas como qualquer das outras tão preconisadas, mas o abandono em que estão, é a causa de serem quasi desconhecidas.

Se a camara de Alijó, ainda que pedisse para isso um subsidio ao governo, tratasse de edificar aqui um soffrivel estabelecimento, no qual, com alguma commodidade, se podessem tomar banhos, a concorrencia sería muita e certa, porque, feita a estrada de ferro do Porto á Regua, e com o rio Douro, tinha duas vias de communicação, que ambas ficam proximas.

Isto daria uma boa renda ás camaras, utilisavam os enfermos que necessitassem d'estas aguas, e os povos circumvisinhos, que tinham prompta e vantajosa venda aos seus generos alimenticios.

CARMÕES—freguezia, Extremadura, comarca e concelho de Torres Vedras, foi até 1855 do concelho da Ribaldeira, que então foi supprimido, 40 kilometros ao SE. de Lisboa, 160 fogos.

Em 1757 tinha 142 fogos.

Orago S. Domingos.

Patriarchado e districto administrativo de Lisboa.

Chamava-se antigamente *Clamores*. Era já do termo e comarca de Torres Vedras, julgado da Ribaldeira.

Situada em alto com extensa vista.

A matriz primittiva era muito pequena, pelo que foi quasi reedificada pelos fundamentos, em 1750.

O prior de S. Pedro, de Torres Vedras, apresentava aqui annualmente o cura (por ser esta freguezia filial d'aquella de S. Pedro) que tinha 2 moios de trigo, 30 almudes de vinho crú e 6$600 réis em dinheiro.

O *Portugal Sacro e Profano* diz que tinha 6$000 réis de congrua e o pé d'altar. Parece-me que vem a ser o mesmo.

Muito fertil, sobretudo em optimo vinho.

Tinha antigamente dois juizes, dois almotacés, um procurador, um escrivão e um porteiro.

Ha aqui muitas fontes de boa agua, que no inverno formam um ribeiro, que tem duas pontes de lagens, uma no caminho da egreja para o Baraçal, outra indo da quinta do Valle de Cavallos para a freguezia de S. Pedro de Dois Portos (chama-se mesmo a ponte de Valle de Cavallos.) Morre no rio Sizandro, na freguezia de S. Pedro de Dois Portos. É orlado de arvores de fructo e silvestres.

CARN — monumento celta. Existem muitos em Portugal.

(No monte do *Crasto*, freguezia de Romariz, concelho da Feira, appareceram em 1845 uns cinco ou seis carns.)

Era uma especie de tanque de differentes tamanhos e figuras geometricas, com o pavimento feito de calçada, coberta de barro ou saibro, ou ambas as coisas combinadas, fechado por uma parede de 1 metro de altura. Não se teem achado com signal de porta ou entrada.

Ainda que hajam suas duvidas sobre a applicação das quatro qualidades de monumentos célticos (ou como querem outros, *precelticos*), de que tanto abunda a Luzitania, a opinião mais seguida é que — as *mâmoas* eram os tumulos dos céltas notaveis; as *antas*, monumentos erigidos á memoria dos seus chefes; — e os *carns*, templos onde cada tribu ou familia se reunia para orarem ao seu deus *Endovelico*. — Dolmen (ou *dolmin*) — ara céltica, onde se faziam os sacrificios. Vide Antas, Dolmens e Mâmoas.

Vide tambem Vestigios celtas em Portugal.

Carn tambem é palavra arabe, que significa ponta ou chifre; mas não tem applicação para aqui. Onde ha maior quantidade de *carns* é em Traz-os-Montes, e na Galliza.

Nas freguezias do Mollêdo, Cristéllo, Portella e Gontinhães (concelho de Caminha) tambem vi alguns. Chamam-lhe alli «cerrados dos mouros.»

Em muitos sitios de Portugal tem-se corrompido a palavra *carn*, transformando-a em castro ou crasto. Evidentemente assim aconteceu ao monte dos carns, em Romariz, ao qual hoje se chama Monte do Crasto. (Vide Castro e Crasto.)

CARNAXIDE — freguezia, Extremadura, concelho d'Oeiras, comarca, e 10 kilometros ao NO. de Lisboa, 630 fogos.

Patriarchado e districto administrativo de Lisboa.

Orago S. Romão.

Em 1757 tinha 303 fogos. (O *Portugal Sacro*, diz 493.)

Antigamente dizia-se Carnexide e era mais etymologico.

Era reguengo d'Algés e Oeiras.

Situada em posição eminente e escabrosa, mas muito sádia.

É quasi nas faldas da serra d'Alfragíde e cercada de montes.

Regam a freguezia as ribeiras d'Algés e Jamôr. (Esta é célebre pelo apparecimento da imagem de Nossa Senhora da Conceição da Rocha.)

A matriz é de largas dimensões, e o culto divino é aqui feito com magnificencia.

Sobre levantados cabêços ficam as bonitas e famosas aldeias de Ninha-a-Velha e Ninha-a-Pastora (vulgarmente Linda a Velha e Linda a Pastora.)

Desde tempos immemoriaes que a estas duas formosas aldeias se chamou Ninha a Pastora e Ninha-a-Velha: só desde o seculo passado é que por corrupção se trocou o Ninha em Linda. (Todos sabem que Ninha no antigo portuguez é menina, do hespanhol niña.)

Na segunda d'estas aldeias estão duas formosas quintas; a do Rodizio, á beira do Ja-

mor (e que produz optimas laranjas) com a sua extensa alameda d'arvores seculares, que é um delicioso passeio no verão — e a da Graça, na margem opposta e em frente da antecedente; tambem aprasivel e do mesmo módo notavel pelas suas optimas laranjas. (Pena é que a molestia das laranjeiras tenha damnificado tanto as d'estas quintas.)

Aqui perto são as estações dos banhos da Cruz-Quebrada e Bôa-Viagem, no Tejo.

Álem das duas aldeias já designadas, tem mais a freguezia as seguintes, todas notaveis por serem no termo de Lisboa, e refugio dos ricos d'esta cidade durante os calores do verão.

São: Carnaxíde, Outorella, Algés e Queijos.

Antes de 1834, era o prior de Santa Cruz do Castello, de Lisboa, que apresentava *in solidum* o vigario d'aqui, que tinha de renda um moio de trigo, uma pipa de vinho e o pé d'altar, ao todo uns 240$000 réis.

Ha aqui tres conventos de frades arrabidos—S. José—este convento está em frente do forte de S. José de Riba-Mar, pelo que se lhe dá tambem o nome de Riba-Mar. Foi fundado por D. Francisco de Gusmão e sua mulher D. Joanna (progenitores dos condes de Vimioso) em 1559. Vide Ribamar.—Santa Catharina.

O convento de Santa Catharina de Riba-Mar foi fundado por D. Isabel, filha de D. Jaime, duque de Bragança, mulher do infante D. Duarte, filho d'elrei D. Manuel, em 1551.—Nossa Senhora da Boa-Viagem.

O convento da Boa-Viagem fundou-o a irmandade da Misericordia de Lisboa em cumprimento de testamento de Diogo Faleiro, que lhe deixou uma grande quinta em 1618. Todos tres ficam perto uns dos outros, são edificados na margem direita do Tejo, e com lindas vistas para elle.

E' terra fertil.

Antigamente tinha juiz ordinario, feito pela camara de Lisboa, e sujeito ao corregedor do Mocambo.

Ha n'esta freguezia quatro fortes sobre a margem direita do Tejo, são: Forte da Ponte de Palhaes, S. Jose de Riba-Mar, Cruz Quebrada e Boa-Viagem.

O Tejo serve de limite a esta freguezia pelo S. e SO.

O Jamôr nasce em Bellas. Tem aqui duas pontes — a de Ninha a Pastora e a da Cruz Quebrada.

O Algés nasce em um outeiro junto a Monsanto, e augmentado com o ribeiro Outorella, que se lhe junta na linda quinta das Romeiras, se mette no mar, junto ao forte da Conceição, onde ha uma bella ponte de pedra, que parte com a bella quinta dos duques de Cadaval.

D'aqui se descobrem as torres de S. Julião e Cabeça Secca, ficando-lhe defronte a Torre Velha.

Carnaxide é corrupção da palavra árabe — Carnexate — significa *corno da ovelha*. Compõe-se de *caru* (a ponta ou corno) e de *xate* (ovelha.) Vem pois a ser: Povoação do chifre da ovelha.

É terra abundantissima d'optimas aguas, e por tanto muito fertil, aprasivel, fresca e saudavel.

Ha n'esta freguezia uma curiosidade natural á qual veio juntar-se uma lenda religiosa, que deu celebridade em todo o reino á povoação de Carnaxide. É a gruta em que appareceu a pequenina imagem da Virgem, que se venera na Sé de Lisboa sob a invocação de Nossa Senhora da Rocha.

Está situada esta gruta proximo da povoação e é cavada em uma rocha banhada pelo rio Jamor. A gruta é quasi oval e póde conter umas 80 pessoas. Tem 28 palmos de comprido e 24 de largo. Toda a rocha é de pedra liós.

Na manhã do dia 28 de maio de 1822, andavam uns rapazes a brincar nas margens do Jamor, em um casal chamado da Rocha (por causa da penedia que alli se levanta junto ao rio). Por junto d'elles passou um coelho, que se introduziu por entre as fendas do rochedo.

Os rapazes, com o desejo de apanharem o coelho, metteram, a muito custo, pela mesma fenda uma cadella, mas sem resultado.

Então elles foram ao casal buscar uma lanterna e ferramenta, e, depois de muito trabalho, conseguiram entrar de gatas em uma concavidade. Entram a procurar o coe-

lho; mas acharam duas caveiras e varios ossos humanos espalhados pela gruta, agarrando por fim o coelho que estava cosido com a parede.

Divulgada a descoberta da gruta, concorreu alli muita gente a ver esta curiosidade.

No dia 31 do mesmo mez de maio, indo alli Manuel Placido, natural de Carnaxide, descobriu sobre umas pedras a imagem da Senhora, feita de barro e com um manto de seda muito velho.

N'essa noite, ou no dia seguinte, foi roubada a imagem. Procedeu-se a uma devassa, e depois de muitas diligencias baldadas, appareceu a Senhora, a 4 de junho, sobre uma oliveira, a pouca distancia da gruta.

Per ordem da auctoridade foi levada a imagem para a gruta, e alli allumiada e guardada.

Concorreu então á gruta uma grande multidão de gente de todas as classes da sociedade, não só dos arredores e de Lisboa, mas de toda a Extremadura.

Em breve a oliveira desappareceu até á sua ultima raiz, para reliquias, e a gruta se encheu de offerendas dos devotos, em joias, cêra e dinheiro, chegando este em pouco tempo a 2:000$000 réis.

Por portaria de 27 de julho mandou D. João VI que a imagem fosse conduzida para a Sé de Lisboa, o que se fez com grande pompa no dia 5 de agosto, collocando-se no altar de Nossa Senhora a Grande.

Continuando comtudo as offerendas a concorrer para o sitio onde a imagem havia apparecido, projectou-se edificar alli uma egreja, dando-se logo principio ás obras, que por algum tempo progrediram com ardor; mas tendo-se esgotado o dinheiro das esmolas, pararam as obras, ficando o templo apenas quasi concluido de obras de pedreiro, e assim está.

O cabido de Lisboa, invejoso das muitas esmólas que os devotos offereciam á Senhora é que influenciou o rei para que a imagem viesse para a Sé, na esperança de se apoderar das esmolas; mas, como viram que ellas continuaram, ainda depois da mudança da imagem, a concorrer para a gruta, tanto fizeram com o rei que este a mandou tapar com pedra e cal.

O povo havia posto no sitio da gruta onde apparecera a imagem, um registo da mesma. Vendo que se lhe tapava a lapa, arrombaram a parede e puzeram tudo outra vez patente.

O rei, então (já se sabe a instancias dos padres da Sé), mandou entupir quasi toda a gruta, e vedal-a com um muro solido, e assim está.

Foi desde então que cessaram as esmolas com que se faziam as obras da nova egreja.

CARNEIRO — freguezia, Douro, comarca, concelho, e 12 kilometros d'Amarante, 60 kilometros a NE. de Braga, 355 ao N. de Lisboa, 100 fogos.

Arcebispado de Braga e districto administrativo do Porto.

Orago S. Martinho, bispo.

Em 1660 tinha 50 fogos, em 1757 44.

Era antigomente da comarca de Guimarães, concelho de Gestáço.

O abbade de Santo Estevão, de Villa-Chan, apresentava aqui *ad nutum*, o vigario, que tinha de congrua 50$000 réis.

É terra fertil. É n'esta freguezia a serra dos Padrões.

Foi povoada por um grande cavalleiro, chamado Martim Carneiro, monteiro-mór de D. Affonso II, e progenitor dos Carneiros, o qual lhe deu o seu nome; pelos annos 1220.

D'este Martim Carneiro procedem os condes da Ilha do Principe, e outras familias nobres de Portugal. Martim Carneiro descendia dos duques de Monton (França.) Tambem d'esta familia procedem os condes de Lumiares.

O primeiro conde da Ilha do Principe foi Luiz Carneiro de Souza, por Philippe IV, em 4 de fevereiro de 1640. As armas dos Carneiros são em campo de púrpura, uma banda azul: com tres flores de liz, d'oiro entre dois carneiros passantes, de prata, armados d'oiro. Timbre um dos carneiros das armas.

CARNICÃES — freguezia, Beira-Baixa, comarca e concelho de Trancoso, 54 kilometros a SE. de Viseu, 305 ao N. de Lisboa, 115 fogos.

Bispado de Pinhel, districto administrativo da Guarda.

Orago Nossa Senhora da Calçada.

Em 1757 tinha 110 fogos.

Era antigamente do termo de Trancoso, mas da comarca de Pinhel.

D'aqui se vê a villa de Celorico da Beira e parte da serra da Estrella.

O vigario de S. Payo, de Trancoso, apresentava aqui o cura, que tinha 6$400 réis e e pé d'altar.

É terra fertil e saudavel, ainda que de clima excessivo.

Chamava-se antigamente Cornicães.

CARNIDE—freguezia, Extremdura, conconcelho de Belem, comarca e 6 kilometros a N. NO., de Lisboa, 260 fogos.

Patriarchado e districto administrativo de Lisboa.

Em 1757 tinha 250 fogos.

É freguezia muito antiga, pois já existia em 1394, o que consta por documentos, e parece que já existia no tempo dos árabes.

A maior parte da freguezia é situada em fertil e saudavel campina, com lindas vistas.

O seu primeiro orago foi Nossa Senhora da Assumpção; depois passou a ser Santo Amaro, e hoje é S. Lourenço. (Não consta porque houve estas substituicções.)

Antigamente o cura era da apresentação annual do prior do convento da Luz, de frades da Ordem militar de Christo; depois passou a ser vigario collado perpetuo, com 80$000 réis de renda.

Ha aqui quatro conventos, o tal de Nossa Senhora da Luz, que o terremoto em 1755 arrazou, ficando só a capella mór. Fundado pela infanta D. Maria, filha de D. Manuel e de sua terceira mulher D. Leonor, pelos annos de 1540.

Na capella mór está sepultada a fundadora. Está n'este convento a milagrosa imagem de Bom Jesus.

Freiras carmelitas descalças, de Santa Thereza.

É antigo este convento e foi reedificado pela infanta D. Maria, filha natural de D. João IV, pelos annos de 1680. (Vide adiante.)

Frades carmelitas descalços, de S. João da Cruz:

Fundado pela princeza Michaela Margarida (filha de Rodolpho II, imperador da Alemanha) em 1642, que n'elle está sepultada. Augmentou-o e enriqueceu-o com muitas rendas e joias, a infanta D. Maria, filha natural de D. João IV, que aqui viveu desde 1649 até ao anno em que morreu (1693) e tambem aqui jaz no coro debaixo. Foi mestra da infanta D. Luiza, filha bastarda de D. Pedro II. Esta D. Luiza foi reconhecida por D. João V, que a casou com D. Luiz, duque do Cadaval; por morte d'este, com seu irmão (do duque) D. Jaime. que ficou sendo duque de Cadaval, pelo primogenito morrer sem filhos.

Ha mais o convento de freiras da Conceição, fundado em 1694, por Nuno Barreto Fuzeiro, em umas suas casas, dando-lhe muitas rendas.

Ha aqui o célebre hospital, fundado pela infanta D. Maria, filha do rei D. Manuel e de sua terceira mulher, D. Leonor; concluiu-se em 1618. E' obra grandiosa, com uma sumptuosissima capella e uma bôa cisterna. A fundadora lhe deixou 2:500$000 réis de renda, sendo 250$000 réis para se dizer por sua alma uma missa cantada quotidiana, ao nascer do sol, e duas resadas. Não se curavam n'elle mulheres, nem doentes de molestias prolongadas ou contagiosas. E' ha muitos annos collegio militar. Vide Luz.

E' terra muito fertil.

Tinha antigamente juiz da vintena, posto pela camara de Lisboa.

Ha aqui uma unica fonte, chamada antigamente da Machada, e hoje da Luz. Dizem que a sua agua cura a dôr de pedra,

Carnide é corrupção da palavra árabe *carniete*. Deriva-se do verbo *cárana*, unir, juntar uma cousa a outra.—Quer pois dizer—Povoação reunida, ou junta.

Tambem alguns pretendem que Carnide se deriva de *carn*, palavra celta-logar d'oração dos sectarios da religião druidica. Vide *Carn*. Tem esta freguezia muitas e bonitas casas de campo, a maior parte d'ellas com bellos jardins.

Grande feira e concorridissimo arraial e festa a Nossa Senhora da Luz, a 7 e 8 de setembro.

Já disse que o convento de Santa Thereza (freiras carmelitas descalças) era antigo; mas no fim do seculo XVII era pequeno e estava muito arruinado.

D. Maria, filha bastarda de D. João VI, foi aqui educada desde 1649, sendo então de tenra edade.

Esta senhora reedificou a egreja e o mosteiro, ampliando este e dando-lhe muitas rendas. Viveu sempre recolhida n'este convento, sem professar, e n'elle falleceu.

N'este mosteiro se fez a ceremonia do reconhecimento de D. Maria, como filha do rei, na presença da familia real e da côrte.

Foi muito estimada e era com frequencia visitada por seu pae e seus irmãos; por D. Luiza de Gusmão, mulher de D. João IV, e por as rainhas D. Maria Francisca Isabel de Saboya e D. Maria Sophia de Neubourg.

Seu irmão, D. Pedro II, a encarregou da educação da sua filha, tambem bastarda, D. Luiza, que do mesmo modo que sua tia, foi reconhecida, já no reinado de seu irmão D. João V, que a deu em casamento ao duque de Cadaval, D. Luiz Alvares Pereira de Mello: e como este falleceu pouco depois de casado e sem filhos, casou a infanta com seu cunhado D. Jayme, que ficou sendo duque de Cadaval.

Costuma vir a esta freguezia o Cirio do Cabo. A primeira vez que aqui veio, foi no anno 1437, sendo então, como ainda hoje, a septima ordem do giro.

A mais esplendida solemnidade que aqui se fez do Cirio, foi em 1795, á qual veio o principe D. João (depois VI) com sua mulher D. Carlota Joaquina.

Nossa Senhora ia na mais rica estufa da casa real, puchada por oito urcos e acompanhada por dous coches d'estado, tambem cada um puchado a 4 parelhas d'urcos.

CARNIDE—rio, Extremadura, que nasce no termo de Leiria, no sitio de Santa Margarida. Passa proximo da villa do Lourigal, depois pelos campos do Terro, Quiciade, Marnoto, Campo-Velho e Campos-da-Rainha. Morre na esquerda do Mondego, 6 kilometros distante da sua foz, com 36 de curso.

O Mondego lhe communica a sua agua salgada, e é muito abundante de bom peixe.

Tambem lhe chamam Louriçal, por passar pelo termo d'esta villa. (Vide Figueira da Foz.)

CARNOTA—freguezia, Extremadura, comarca e concelho d'Alemquer, 54 kilometros ao NE. de Lisboa, 290 fogos.

Patriarchado e districto administrativo de Lisboa.

Orago Sant'Anna.

Em 1757 tinha 208 fogos.

Era da casa das rainhas.

Situada em um valle fertil. Os freguezes apresentavam o cura. (E' annexa ao priorado de Santo Estevão d'Alemquer.) O cura tinha dous moios de trigo, um quarto de vinho e o pé d'altar. Andava tudo por 80$000 réis.

Ha no logar de Sant'Anna (onde está a matriz) um hospital administrado antigamente pelo ouvidor de Alemquer.

É terra fertil. Grande abundancia de ginja e cereja.

As aldeias de que se compõe esta freguezia, são: Sant'Anna, Dosopo, Serra, Gataria, Moinho de Vento, Curral das Eiras, Boafúria, Prateiro, Gavinheira, Pipa, Antas e Canhêstro.

No logar do Moinho de Vento, ha uma capella, na Pipa outra, dedicada a Santo Antonio; no sitio da Silveira da Machôa, ha a de Nossa Senhora da Guia, e nas Antas a de Nossa Senhora das Angustias.

Quintas que ha n'esta freguezia

Quinta de Valle da Palha—era vinculo, instituido em 1628, por Francisco Soares de Abreu, e é hoje da sr.ª D. Margarida Gertrudes Falcão. É uma bonita e productiva vivenda.

Quinta do Alamo—Foi dos marquezes de Arronches, pelo que é hoje dos srs. duques de Lafões.

Quinta da Boa Fúria—foi de Bartholomeu Lobo da Gama, filho do bravo capitão Antonio Lobo da Gama, que, em 1651, em uma batalha naval, proximo a Mascate, vendo que não era possivel luctar contra tamanha desproporção numerica de inimigos e que seria por força vencido, pois que ti-

nha o seu navio já invadido por grande numero de contrarios, lançou fogo ao paiol, indo tudo pelos ares, navio, elle e os seus, e os inimigos. Foi este acto que deu o nome á quinta. Hoje é propriedade do sr. Theotonio Lopes de Macêdo.

Ha mais n'esta freguezia as quintas das Antas, do Garrido, do Arreieiro, da Burjana, do Pinheiro, do Sôpo, do Leão, da Gataria, do Moinho de Vento, Quinta Nova, de Valle de Mulheres, da Prata, do Chafariz, da Silveira, da Adéga, do Porto de Cannas.

E os casaes dos Mourões, da Ulmeirada, do Canhéstro, do Ginêto, do Moinho de Vento, dos Môchos, Casal Novo, da Malicia, da Sarrueira e do Moinho.

CARNOTA—aldeia, Extremadura, freguezia de Cadafaes. Célebre pela grande matta que fórma a cêrca do convento de frades capuchos de Santo Antonio, que aqui está fundado. Vide Cadafaes, onde já tratei d'este convento.

CAROCEDO, CARROCEDO ou **CARRAZEDO**—freguezia, Traz-os-Montes, comarca e concelho de Bragança, 35 kilometros de Miranda, 480 ao N. de Lisboa, 88 fogos.

Em 1757 tinha 39 fogos.

Orago Nossa Senhora da Assumpção.

Bispado e districto administrativo de Bragança.

Foi da comarca de Miranda.

Situada em um alto.

O parocho intitulava-se *confirmado* e era da apresentação do bispo de Miranda, (depois, de Bragança). Tinha 6$500 réis, 30 alqueires de pão e 19 almudes de vinho.

Formava com Faílde um concelho (chamado de Faílde e Carocêdo) que foi supprimido.

CARPENTO—monte na costa do Algarve, termo de Tavira.

CÁRQUERE—freguezia, Beira Alta, comarca e concelho de Rézende, 18 kilometros a O. de Lamego, 310 ao N. de Lisboa, 255 fogos.

Em 1757 tinha 233 fogos.

Orago Nossa Senhora de Cárquere.

Bispado de Lamego, districto administrativo de Viseu.

Era da comarca de Lamego.

Esta freguezia principia na serra do Espinheiro e chega á margem esquerda do Douro, com o comprimento de 6 kilometros.

D'ella se vê, parte dos concelhos de Rézende, Aregos e Bayão.

A imagem da Senhora de Cárquere é tão antiga, que é tradição que no tempo do ultimo rei godo, D. Rodrigo, quando os mouros tomaram Portugal, foi enterrada dentro de um cofre, em um cabêço que está proximo á egreja (vide adiante).

A matriz foi antigamente mosteiro, da invocação de Nossa Senhora de Cárquere. A capella-mór é de abobada, com arcos de pedra muito antigos, mas de magestosa architectura. Era mosteiro de conegos regrantes de Santo Agostinho (cruzios), fundado pelo conde D. Henrique, pelos annos de 1110.

D. Sebastião deu o convento, em 1570, aos frades jesuitas de Coimbra. Foi reduzida a abbadia secular, e do convento apenas hoje existe a residencia do parocho, que era reitor, apresentado pelo bispo de Lamego, e tinha 40$000 réis e o pé d'altar.

Vagando o priorado d'este convento, em 1570, D. Sebastião applicou as suas rendas para a nova fundação do collegio de Jesus, de Coimbra. O bispo de Lamego, D. Ambrosio Pereira, deu aos jesuitas, em troca d'este convento, os cinco de Santo Antão, e o de Cárquere continuou a ser de cruzios. Vide Lisboa, no logar competente. Foi este bispo que reduziu o convento a abbadia secular.

Passa pela freguezia um pequeno ribeiro do seu nome, no qual ha duas pontes de pedra chamadas de Carcavellos e de Fornéllos.

Cárquere é povoação antiquissima, pois já existia no tempo dos godos. Os mouros a occuparam por muitos annos. O conde D. Henrique, achando-a abandonada (ou expulsando d'ella os mouros) a povoou de christãos, em 1099.

É tradição que Nossa Senhora appareceu em sonhos a D. Egas Moniz, mandando-lhe que fosse a Cárquere e fizesse cavar no logar que lhe indicou, e que alli acharia os alicerces de uma egreja que lhe fôra dedicada, e uma imagem sua. Que fazendo alli

um altar, fizesse uma noite de vigilia, pondo o infante D. Affonso Henriques (de quem era aio) que tinha nascido tolhido das pernas, no mesmo altar, ao pé da imagem, e que logo alcançaria saude. D. Egas assim o fez e D. Affonso ficou logo são.

O conde D. Henrique, em acção de graças pela cura milagrosa de seu filho, mandou aqui fazer a egreja e o mosteiro, que deu aos cruzios, pelos annos de 1110.

Supponho que o nome d'esta povoação vem da antiga palavra portugueza *carque*, carqueija.

CARRACEIRA—serra, Douro, freguezia de Santa Marinha do Tropêço, concelho de Arouca, 12 kilometros ao S. do Douro, 38 ao SE. do Porto, 300 ao N. de Lisboa. Proximo á aldeia de Folgosinho.

Ha aqui pedreiras de bellissima calcedonia, e bastante crystal de rocha.

No sitio chamado dos Sete Buracos, ha minas antiquissimas (dos romanos ou dos arabes) abandonadas. Não se sabe que metal elles d'aqui extrahiram (supponho que era cobre) nem se póde saber a extensão d'estas minas, por estarem entulhadas.

O nome d'esta serra é arabe, deriva-se da palavra *caráda*, insecto que se introduz entre o cabello dos cães e outros animaes, vulgarmente chamado *carráça*. Significa, pois, serra das Carráças.

CARRAGOZA—freguezia, Traz-os-Montes, comarca e concelho de Bragança, 60 kilometros de Miranda, 480 ao N. de Lisboa, 120 fogos. Em 1757 tinha 40 fogos.

Orago Nossa Senhora da Assumpção.

Bispado e districto administrativo de Bragança.

Situada em planicie, d'onde se vê o castello de Bragança e a freguezia de Bábe.

O rei, como senhor da casa de Bragança, donataria d'esta freguezia, é que apresentava o reitor, que tinha 46$000 réis, 30 alqueires de trigo e 30 de serôdio, que lhe pagavam os commendadores.

O *Portugal Sacro e Profano*, diz que era apresentado pelo reitor de Donai, e que tinha 6$500 réis de congrua e o pé d'altar. Julgo isto érro, porque elle confundiu Carragosa e Carregosa.

É terra fertil.

Tinha juiz da vintena, eleito pelo juiz de fóra e camara de Bragança, a cuja justiça era sujeito.

É regada por duas fontes, que fazem o sitio muito ameno e fresco no verão, porque regam muitos e frondosos castanheiros, que abrigam o sólo dos ardores do estio.

CARRAGOZÊLLO ou **CARREGOZÉLLA**—freguezia, Beira Baixa, comarca de Gouveia, concelho de Cêa, 78 kilometros a NE. de Coimbra, 264 ao N. de Lisboa, 100 fogos.

Em 1757 tinha 60 fogos.

Orago S. Sebastião, martyr.

Bispado de Coimbra, districto administrativo da Guarda.

Clima sádio, mas pouco fertil, por excessivo. Muito gado e caça.

Nos papeis officiaes denomina-se esta freguezia *Carregozêllo*; mas em livros antigos tambem se lhe dá o nome de *Carregozélla*.

CARRAL-CÓVA—freguezia, Minho, comarca e concelho dos Arcos de Val de Vez, 35 kilometros ao ONO. de Braga, 395 ao N. de Lisboa, 90 fogos.

Em 1757 tinha 111 fogos.

Orago S. Thiago Maior.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Vianna.

Foi antigamente da comarca de Vallença. Eram seus donatarios os viscondes de Villa Nova da Cerveira.

Situada em um alto, com boas vistas.

O vigario era collado e apresentado pelo thesoureiro-mór da collegiada de Santo Estevão, de Vallença. Tinha 50$000 réis de renda.

É terra pouco fertil, por ser muito fria.

CARRAPATAS—freguezia, Traz-os-Montes, foi da comarca de Chacim, concelho dos Cortiços, até 1855, e então sendo supprimida esta comarca e este concelho, ficou sendo da comarca e concelho de Macêdo de Cavalleiros; 60 kilometros de Miranda, 465 ao N. de Lisboa, 60 fogos.

Em 1757 tinha 42 fogos. Orago S. Geraldo.

Bispado e districto administrativo de Bragança.

Era antigamente do termo de Bragança, comarca de Miranda.

Situada em uma baixa, povoada de muitas arvores fructiferas e silvestres, e vendo-se d'aqui Valle Bem Feito, Grijó, Villar do Monte e a serra de Monte Mel.

O ordinario apresentava o cura, que tinha 8$000 réis e 22 alqueires de pão. Os disimos eram partidos em tres partes, duas para o bispo de Miranda e uma para a casa de Bragança.

É terra fertil.

Tinha juiz da vintena, sujeito ao juiz de fóra de Bragança.

Foi antigamente couto e regalia da casa de Bragança.

A agua da Fonte Santa, traz ás vezes petroleo. Dizem que cura molestias cutaneas.

CARRAPATEIRA e **RAFOZEIRA** ou **RAPOZEIRA** e **CARRAPATEIRA** — freguezia, Algarve, comarca e concelho de Lagos, foi do concelho de Villa do Bispo, que se supprimiu em 1855, 60 kilometros de Faro, 215 ao S. de Lisboa, 150 fogos.

Em 1757 tinha 42 fogos.

Orago Nossa Senhora da Conceição.

Bispado e districto administrativo de Faro.

Situada em um monte na costa do mar, que lhe fica a 1:500 metros ao SO. e N.

O ordinario apresentava o cura, que tinha 3 moios de trigo, pagos pelos freguezes. A egreja é pequena.

É terra pouco fertil.

A agua potavel que aqui ha é de um pôço que está a 150 palmos da povoação.

Tinha juiz da vintena (chamado aqui juiz da terra) feito pela camara de Lagos.

Na costa, entre o Murração e Ponte Ruiva (no caminho do cabo de S. Vicente) ha uma pedreira de bom lapis preto para desenho (*graphites*) e perto outra de branco. A veia fica coberta pelas marés, quando são grandes.

Proximo ao logar da Carrapateira está uma fortaleza feita em 1673, sendo governador do Algarve D. Nuno da Cunha e Athaide, conde de Pontevel. Foi reedificada em 1742, por ordem do conde da Athouguia, então general do Algarve.

No centro da fortaleza está a egreja.

Tem a fortaleza 6 quarteis para guarnição. Foi feita por causa das continuas e crueis invasões dos piratas africanos, que aqui vinham captivar gente e commetter toda a casta de roubos, barbaridades e sacrilegios.

É quadrada, e em cada canto tem um baluarte, que antigamente era defendido por seis peças. Está tudo arruinado desde 1755.

Pouca terra se cultiva n'esta freguezia, por ser quasi toda montanhosa e esteril.

Ha aqui muita caça grossa e miuda, sobretudo grande quantidade de coelhos e lebres. Cria muito gado e produz muito mel e cêra.

Ao E. passa uma ribeira, cujas margens são cultivadas e ferteis; morre no mar, com 3 kilometros de curso.

É terra doentia, por causa da pessima agua e por uma lagôa que tem ao S., que conserva todo o verão as aguas estagnadas.

O povo da Valleirinha, a 1:500 metros de distancia, e que tem 10 fogos, é d'esta freguezia. Tem excellentes vargens de pão, pela ribeira acima. Esta ribeira nasce nos barrancos de Valle Tisnado, sahe ao Paraiso, passa pelas vargens do N. da Carrapateira, e vem metter-se nos pégos, sahindo ao mar no sitio onde havia a fortaleza que já disse, feita em 1673.

A costa aqui é alcantilada, pelo que a pesca é perigosa, mas o peixe é muito bom.

A freguezia da Carrapateira está ha muitos annos unida á da Rapozeira, formando uma só.

Esta freguezia confina com Aljezur ao N., Bordeira a E., Budens e Villa do Bispo ao S. e o mar a O.

No dia 16 de novembro de 1873, estando o povo e auctoridades na egreja matriz da Rapozeira, a proceder ás eleições municipaes, abateu todo o tecto do corpo da egreja, matando umas 8 ou 10 pessoas, e ferindo muitas.

A capella mór, por ser de abobada, nada soffreu. N'ella estavam o administrador do concelho, parocho, *mêsa* e outras pessoas que ficaram incólumes. Já se acha reparado o tecto.

CARRAPICHANA ou **CARAPIXANA** — freguezia, Beira Baixa, comarca de Celorico

da Beira, concelho de Linhares, 95 kilometros ao NE. de Coimbra, 288 ao NE. de Lisboa, 100 fogos.

Em 1757 tinha 73 fogos.

Orago S. Lourenço.

Bispado e districto administrativo da Guarda.

Foi do infante D. Pedro, filho de D. João V.

Situada em planicie, d'onde se vê Villa Cortez, Nabaes, Nabainhos, Fulgosinho, Freixó e Linhares.

O parocho de Linhares apresentava aqui o cura dois annos, e o vigario de Mesquitella, um. Tinha o cura 8$000 réis e o pé d'altar.

É terra fertil.

Tinha juiz da vintena, sujeito ao juiz ordinario de Linhares.

Fica proxima á serra da Estrella.

É terra fria; mas cria bastante gado e ha por aqui muita caça.

CARRAZEDA ou **CARRAZEDO D'ANCIÃES** —villa, Traz-os-Montes, comarca e 24 kilometros ao O. de Moncorvo, 120 kilometros ao NE. de Braga, 370 ao N. de Lisboa, 75 fogos, no concelho 2:200.

Em 1757 tinha 51 fogos.

Orago Santa Agueda.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Bragança.

Cercada de campos muito abundantes de agua, e muito ferteis em vinhos finos e ordinarios, azeite, fructa, cereaes, etc.

A casa da camara é o melhor edificio da villa.

Em 1734 se mudou para aqui a capital do concelho de Anciães.

(Tudo o mais que se deseja saber de Anciães, e que aqui não vae, veja-se em Anciães.)

Era antigamente da comarca da Torre de Moncorvo, e do concelho de Anciães.

O reitor de Marzagão apresentava aqui o cura *ad nutum*, que tinha 24$000 réis, *mais seis tostões para ensinar a doutrina*, o pé de altar e um alqueire de centeio de cada freguez.

Foi cabeça de um morgado, que instituiu o licenciado André Fernandes de Magalhães, natural d'esta freguezia, em 1593.

É terra fertil.

No sitio de Sainça, limites do logar de Belver nasce um ribeiro muito caudaloso no inverno, que com 12 kilometros de curso se mette no Douro. Rega e móe.

Tinha até 1733 juizes ordinarios e desde 1734, juiz de fóra.

—

Porque na palavra Anciães não mencionei todos os varões que se tornaram célebres, por qualquer motivo, accrescentarei aqui mais os seguintes, dos quaes esta terra com razão se ufana de ser patria:

João Gonçalves Vellasco, conego da Sé de Miranda, cuja memoria se conserva e respeita, na egreja de Santa Maria do Pinheiro no bispado de Viseu, onde depois foi abbade.

Frei Diogo de Jesus, que deu a vida pela fé de Jesus Christo.

As familias d'este concelho, de appellido Mesquitas, Magalhães, Mellos e Sampaios, são todas antigas e nobres, e descendem d'aquelles heroes.

—

Accrescentarei aqui, com respeito ao inclito Lopo Vaz de Sampaio, 8.º vice-rei da India, do qual já tratei em Anciães. mais o seguinte:

Depois de praticar na Asia mil acções de sobre humano valor em defeza da sua patria, adquirindo-lhe novos estados e fazendo-a temida e respeitada em todo o Oriente, foi preso por intrigas e caprichos de Nuno da Cunha, seu successor no vice-reinado, e preso veio para Portugal, por ordem de D. João III.

Foi solto, por se não acharem fundamentos ás iniquas accusações de seus invejosos inimigos, e vendo-se esquecido e despresado na sua patria, emigrou para a Hespanha, onde se conservou alguns annos, até que D. Jayme, duque de Bragança, e seu parente, conseguiu que elle regressasse á patria; mas não figurou mais na republica, antes, retirado ao seu solar, ahi terminou a sua vida gloriosa, mas atribulada, em 5 de março de 1538.

As maiores façanhas d'este grande capitão na India foram.

A destruição de um exercito de 10:000 malabáres, com pouco mais de 2:500 portuguezes, em 1526.

A gloriosa victoria e desbarate da armada real de Calicut, em 1527.

A victoria contra o rei de Bintão, no Mar Roxo e a das Molucas; além de outras muitas nos mares e reinos asiaticos.

D'elle disse Camões nos seus immortaes *Lusiadas:*

«.............. não nego que Sampaio
«Será no esforço illustre assignalado,
«Mostrando-se no mar um fero raio,
«Que d'inimigos mil verá coalhado.»

—

As armas dos Mellos são:—em campo de púrpura, seis besantes de prata, entre uma dobre cruz e bordadura de oiro; timbre uma torre.

Os condes da Ponte e outras muitas familias nobres de Portugal, são d'esta familia.

—

O nobre appellido de Magalhães foi tomado da torre e quinta de Magalhães, no Minho. O primeiro que usou d'este appellido, foi Affonso Rodrigues de Magalhães, no reinado de D. Diniz, por ter casado com D. Sancha de Novaes, senhora da dita quinta. Suas armas são:

Em campo de prata tres fachas xadrezadas de púrpura e prata de tres peças, em palla: elmo de aço aberto, e por timbre um abutre de prata, bicado e armado de oiro.

Outros Magalhães trazem por armas escudo esquartelado;—no 1.º e quarto de prata, um pinheiro verde—no 2.º e 3.º, de azul, uma cruz de oiro floreada e vasia do campo: elmo de aço aberto, e por timbre o pinheiro das armas.

Ainda outros Magalhães usam por armas —em campo de prata tres bandas escaquetadas de vermelho e prata, de tres peças, em palla—elmo e timbre antecedente.

Ainda outros teem construidos os seus brazões de differentes modos, segundo as suas allianças.

Os Mesquitas procedem de Fernão Martins Vasques Pimentel, que mudou este ultimo appellido em Mesquita, por ter tomado, com mais quatro irmãos seus, a mesquita dos mouros, na conquista de Ceuta, na Africa, onde os ismaelitas se tinham refugiado. Foi seu filho primogenito Lopo Martins de Mesquita, que herdou a sua casa de Guimarães.

Suas armas são:—em campo de ouro, cinco cintos de púrpura, em banda, com fivellas e passadores de prata, orla azul, carregada de sete flores de liz, de oiro. Elmo de aço aberto e por timbre, meio mouro, em frente, vestido de asul, com turbante de prata, e uma lança de sua côr, com hastea de oiro, e n'ella enfiada uma bandeira de prata.

Outros Mesquitas usam—escudo dividido em palla, na 1.ª as armas dos Pimenteis; na 2.ª as descriptas dos Mesquitas. O mesmo elmo e timbre.

Ainda outros Mesquitas trazem por armas—escudo dividido em palla, na 1.ª as dos primeiros Mesquitas, e na 2.ª as dos Pimenteis—o mesmo elmo e timbre.

Tambem outros Mesquitas teem alterado as suas armas por se ligarem com familias de outros appellidos.

Os Sampaios procedem de uma nobre familia de Hespanha.

Em tempo de D. Affonso IV veio para Portugal, fugido, Pedro do Souto (outros dizem Pedro Alvares Osorio) primeiro marquez d'Astorga, por matar, em desafio, a um fidalgo poderoso de Castella, e aqui ficou.

Era seu filho, Vasco Pires de Sampaio, o primeiro que se acha com este appellido, que se suppõe tomára do logar de S. Payo, na provincia do Minho.

D. Fernando I, e depois seu irmão, D. João I, lhe deram muitas terras, entre ellas Villa-Flor, Chacim, Mós, Anciães, Villarinho, etc. Foi grande valido de D. João I.

Suas armas são—escudo esquartelado, no 1.º e 4.º, de oiro, uma aguia de púrpura, armada de negro—o segundo e terceiro escaquetado de oiro e asul, de quatro peças em faxa e 4 em palla. Orla de púrpura, carregada de oito SS de prata. Elmo de aço aberto, e por timbre a aguia do escudo, com uma dos SS no peito.

Outros Sampaios trazem por armas—escudo xadrezado e duas aguias negras em palla.

Outros da mesma familia teem—em campo de oiro, aguia de púrpura, com o peito xadrezado de prata. Talvez fossem estas as primeiras armas dos Sampaios, antes de se alliarem com outras familias.

Para tudo o mais que aqui se não encontrar, pertencente a este concelho, vide Anciães.

CARRAZEDO—freguezia, Traz-os-Montes, comarca e concelho de Bragança, 48 kilometros de Miranda, 444 ao N. de Lisboa, 90 fogos.

Em 1757 tinha 50 fogos.

Orago Santa Cecilia.

Bispado e districto administrativo de Bragança.

Era antigamente do termo de Bragança, mas da comarca de Miranda.

É da casa de Bragança, que apresentava o abbade, que tinha uns 550$000 réis (mas a terça parte dos dizimos pertencia á capella de Villa Viçosa).

Havia (e não sei se ha ainda) n'esta freguezia um *monte de piedade*, que constava de pão *serodio*, que era repartido pelos logares de Refojos, Raio, Alimonde e este de Carrazedo; pagando por cada alqueire um selamim. Isto é:—quem precisava de pão pelo decurso do anno, ia-o alli buscar, e por cada alqueire dava, pelas colheitas, um selamim de premio, em beneficio do estabelecimento.

Consta que o fundador d'esta instituição foi um abbade d'esta freguezia. Administrava isto o parocho e o juiz da egreja, que cada um tinha sua chave.

É terra fertil.

Tinha juiz da vintena, sugeito ao juiz de fóra de Bragança.

Tem muitas aguas, que no verão são frigidissimas.

Ha n'esta freguezia tres castellos arruinados, que são: Castro-Carrazêdo (do qual, dizem, a terra tomou o nome) da Ceára e das Modôrras.

Esta freguezia é situada no meio da Serra do Carvalho.

Nascem aqui varios regatos, que se juntam no sitio do Pontão da Vargem, formando um ribeiro perenne, que réga e móe. Morre no Tuella.

Cria a serra muito gado e caça grossa e miuda, e tambem muitas viboras.

É terra muito fria e ventosa.

Vê-se esta freguezia escripta em livros antigos e modernos de differentes modos. Carrazêdo, Carocêdo e Carrocêdo.

Hoje, officialmente, é como vae na palavra indicadora.

CARRAZEDO DE BOURO—freguezia, Minho, foi até 1855 da comarca de Pico de Regalados e desde então da de Villa Verde, concelho de Amares, (d'onde dista 3 kilometros ao O.) 9 de Braga, 365 ao N. de Lisboa, 120 fogos.

Em 1757 tinha 70 fogos.

Orago S. Martinho.

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

Fica a 4 kilometros a E. de Villa Verde.

Era da comarca de Vianna, concelho de Entre Homem e Cávado (que agora se chama de Amares.)

Eram seus donatarios os descendentes de Luiz Machado de Mendonça Eça Castro e Vasconcellos (depois foram os marquezes de Monte Bello, representados pelos actuaes condes da Figueira) que apresentavam o abbade, ouvidor, juiz, 3 escrivães do publico e um da camara, almotacé, meirinho, juiz dos orphãos e seu escrivão. Era tambem o donatario capitão-mór e fazia capitão de ordenanças.

Todos os officiaes de justiça d'este concelho serviam no couto de Renduffe.

A matriz está n'uma planicie, no logar de Carrazêdo.

O abbade tinha até 1834 de rendimento 250$000 réis.

Diz-se que havia antigamente n'esta freguezia o costume de pôrem mesas cheias de iguarias, sobre as campas dos parentes fallecidos, e alli comerem e beberem regaladamente; não se esquecendo porém de metter nas sepulturas parte do contheudo dos pratos.

É aqui a casa e castello do Castro, onde

falleceram D. Maria da Silva e o commendador de Renduffe.

A egreja matriz é um bom templo; foi reedificada pelos annos de 1750. Tem da parte do Evangelho duas capellas, mais antigas do que a egreja actual. A primeira, junto ao arco cruseiro, dedicada a Santa Margarida, martyr, era do marquez de Monte Bello, e é actualmente dos srs. condes da Figueira. Tem esta capella prazos administrados pelos ditos condes, cujos rendimentos são (deviam ser) applicados para legados de missas, que estão ha muitos annos por satisfazer, apesar dos foros se terem sempre pago.

A segunda capella é da casa da *Tapada*, da freguezia de Fiscal, concelho de Amares. N'ella (na capella) está sepultado o grande poeta Francisco Sá de Miranda, o que consta do seguinte epitaphio, escripto em duas grandes pedras, da parede da mesma capella:

EPITAPHIUM FRANCISCI DE SA DE MIRANDA
RUSTICA QUAEFUERAT SOLIS VIX COGNITA SYLVIS,
AULICA MIRANDAE CARMINE MUSA FUIT.
MATUROSQUE IOCOS ET VUDRICA SERIALLDENS,
DIVINA HUMANUM MISCUIT ARTE MELOS.
CUM POSSET GLADIO TRANSCENDERE NOMEN AVORUM,
MALUIT ARGUTI MILITIAM CALAMI.
OMNIA MIRANDUS, MIRANDUS PULVERE IN IPSO EST.
PULVERE IN HOC PATRIAE GLORIA SCRIPTA MANET.

Isto é:

A MUSA PASTORIL AINDA NOS MATTOS MAL CONHECIDA
TORNOU FRANCISCO DE SÁ MUI CORTEZÃO.
DISENDO GRAÇAS MADURAS E GALANTERIAS SISUDAS
AJUNTOU POESIA HUMANA COM SUAVIDADE DIVINA.
PODENDO COM SUA ESPADA PASSAR A HONRA DE SEUS AVÓS
QUIZ SÓMENTE PELLEJAR COM A PENNA DA POESIA.
EM TUDO MIRANDA, E NA MORTE TAMBEM FOI ADMIRAVEL.
EM SUAS COUSAS ESTÁ ESCRIPTA A GLORIA DE SUA PATRIA.

Ha n'esta egreja uma reliquia de Santa Margarida, guardada em uma grande cabeça de prata, que o marquez de Monte-Bello deu a esta freguezia.

—

A freguezia é situada em terreno plano e produz cereaes, vinho (verde) e azeite, no que é fertil.

Nasce n'esta freguezia o Ribeiro de Cães, o qual, depois de atravessar esta freguezia e a quinta de Castro e a freguezia de Perozêllo, já com o nome de Ribeiro de Castro (que toma na tal quinta) morre, com 3 kilometros de curso, na mesma freguezia de Perozêllo, na direita do Cávado, pouco acima do barco de Ancêde. Réga e móe.

Ao NO. e a pouca distancia da matriz, está um terreiro, chamado Feira Velha, com uma capella no centro, dedicada ao Senhor da Piedade. N'este terreiro se fazia antigamente uma feira, nas primeiras quartas feiras de cada mez. É por isso que tem aquelle nome.

Era a principal feira do antigo concelho de Entre Homem e Cávado (que é o actual de Amares.)

Foi mudada esta feira, ha muitos annos, para um grande terreiro que ha no centro da freguezia de Ferreiros, onde agora se faz, em todas as quartas feiras do anno.

É muito concorrida de gado vaccum, e geralmente conhecida pelo nome de Feira Nova, (Vide Ferreiros.)

Pelo tal terreiro da Feira Velha se está construindo a estrada districtal, de Barcellos a Montalegre (1874.)

No passal do parocho teem apparecido alicerces e outros vestigios de um antigo edificio. É tradição que houve aqui um convento de freiras benedictinas, que os arabes destruiram.

Ha n'esta freguezia a quinta e casa (ou paço) de Castro, que foi do marquez de Monte-Bello e é agora dos srs. condes da Figueira. A quinta é soffrivel, as casas são grandes, mas estão muito arruinadas. Tem ao E. uma torre quadrada, com ameias, de altura de 14^{m},66.

No lado E. d'esta torre, está o brazão dos Machados, e tem por baixo a seguinte inscripção:

ESTA TORRE MANDOU REFORMAR
ANTONIO E LUIZA, SUA MULHER,

SENHORES DONATARIOS D'ESTE CONCELHO. ANNO DE 1699.

(Adiante tratarei dos Machados e suas armas.)

A entrada principal d'estas casas, é pelo O., e junto ao portão tem outro brazão dos Machados, ainda mais antigo do que o antecedente.

Estas casas teem sido varias vezes concertadas; mas foram reconstruidas (segundo a tradição) por Manuel Machado de Azevedo, senhor das casas de Castro, Vasconcellos e Barrôso, Terras de Entre Homem e Cávado e da villa de Amares, commendador de Sousel, da Ordem de Christo, e sua mulher, D. Joanna da Silva (dama da rainha D. Catharina) e filha de Manuel da Silva, aposentador-mór e alcaide-mór da villa de Soure.

Esta reedificação foi feita por occasião do baptisado de seu filho primogenito, a fim de darem uma esplendida hospedagem aos infantes, D. Henrique, arcebispo de Braga e ministro do baptismo; D. Luiz, duque de Beja (padrinho do baptismo) e a seu irmão, o infante D. Fernando.

No fim da ceremonia, brindou D. Joanna da Silva, os tres infantes, com tres collares, de primoroso lavor e de grande pêso.

O ouro de que foram feitos estes collares, foi extrahido das minas de Freitas, situadas na Ribeira de Térva, entre a freguezia de Ardãos e as aldeias de Sapéllos, povoação da freguezia de Sapiães, e Nogueira, aldeia da freguezia de Bobadella, no concelho das Boticas, comarca de Montalegre, em Traz-os Montes, no antigo territorio chamado Terras de Barrôso.

O povo chama a estas minas, *Pôço* (ou *Póços) de Freitas.*

Philippe IV, concedeu, em 1638, a Felix Machado da Silva Castro e Vasconcellos, 1.º marquez de Monte-Bello, proprietario, então, d'estes terrenos, uma provisão para explorar aquellas minas, por tempo de 5 annos.

—

D. Affonso V, fez doação do senhorio do concelho de Entre Homem e Cávado, à Pedro Machado, fidalgo da sua casa e trinchante de seu irmão, o infante D. Fernando.

—

Machado é um nobre appellido em Portugal. Principiou em D. Mendo Moniz, rico homem e senhor de Gondar.

Como já tenho escripto tudo o que diz respeito aos Machados, suas armas, e a explicação d'ellas, na freguezia de Gondar, no concelho de Villa Nova da Cerveira, para evitar repetições, remetto o leitor para Gondar.

CARRAZEDO DE MONTE NEGRO—villa, Traz-os-Montes, até 1855 foi da comarca de Chaves, e desde então é da comarca e concelho de Valle Paços, 70 kilometros ao NE. de Braga, 408 ao N. de Lisboa, 350 fogos, no concelho (extincto) 1:900.

Em 1757 tinha 226 fogos a freguezia.

Orago S. Nicolau, bispo.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Villa Real.

Era antigamente da Correição de Bragança, provedoria de Guimarães, termo de Chaves.

Era commenda dos marquezes de Fronteira. É terra fertil.

O arcebispo de Braga apresentava o reitor e tinha um coadjutor, da mesma apresentação, ambos pagos pela commenda.

O *Portugal Sacro* diz que este beneficio era da apresentação alternativa do papa e do arcebispo.

Tinha o reitor 40$000 réis, *seis tostões de ensinar a doutrina*, 8 libras de cêra branca, 3 alqueires de trigo, para hostias, 3 almudes de vinho para missas e de cada fogo 1 alqueire de centeio, ao todo, uns 160$000 réis.

São os d'esta freguezia foreiros á casa de Bragança, que recebia d'aqui annualmente 500 e tantos alqueires de pão.

N'esta freguezia está a Serra de Viduêdo.

CARREÇO ou **CARRESSO**—freguezia, Minho, comarca e concelho de Vianna, d'onde dista 6 kilometros ao ONO., 40 ao O. de Braga, 330 ao N. de Lisboa, 180 fogos.

Em 1757 tinha 197 fogos.

Orago Santa Maria (ou Nossa Senhora da Graça.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Vianna.

Situada em fertillissima e formosissima planicie, na costa do Oceano (que lhe fica a O.) e abrigada do N. por a serra do seu nome. Tem dois pequenos portos para barcos de pesca e dois fortins abandonados, á beira mar. A costa aqui é em geral pedregosa e baixa.

É atravessada na extremidade O. pela estrada real de mac-adam, feita em 1857, tendo na mesma, sobre o ribeiro do seu nome, uma pequena ponte de pedra.

No sitio de Monte-Dôr, proximo d'esta freguezia, foi assassinado o emir (ou rei) mouro de Gaia, em 930, pelo rei D. Ramiro II de Leão. (Vide Ariosa, Afife, Ancora e Cale.)

O reitor era apresentado *in solidum*, pela mitra, e tinha 160$000 réis de rendimento.

É uma bellissima freguezia, quasi toda em planicie cultivada e com bonitas e boas casas e quintas, abrigada pelo N. e NE. pela serra de seu nome, e desfructando a magestosa vista de uma larga extensão do Oceano.

CARREGADO — aldeia, Extremadura, antiga freguezia de S. Thiago, hoje de Santo Estevão, de Alemquer, e meieira da freguezia de Nossa Senhora da Assumpção, de Cadafaes. Foi do concelho da Azambuja, hoje é do concelho e comarca de Alemquer. 120 fogos (Vide Alemquer.)

Situada em extensaa, bonita e fertil planicie sobre a margem direita do Tejo.

É a 8.ª estação do caminho de ferro de Norte e Leste.

CARREGAL — freguezia, Beira Alta, comarca de Moimenta da Beira, foi até 1855 do concelho de Caría e Rua, e desde então é do concelho de Cernancêlhe, da mesma comarca, 30 kilometros ao N. de Lamego, 324 ao N. de Lisboa, 190 fogos.

Em 1757 tinha 170 fogos.

Orago o Espirito Santo.

Bispado de Lamego, districto administrativo de Viseu.

Tem um hospital da Misericordia, muito antigo, administrado por uma irmandade, com soffriveis rendimentos.

O reitor de Caría apresentava aqui o cura; depois passou a ser vigariaria da apresentação do ordinario.

Ha aqui um convento de freiras bernardas, fundado por D. Maria, mulher de Paulo Homem Telles, governador da Beira.

É terra fertil.

Ha mais em Portugal 30 aldeias chamadas do Carregal.

CARREGAL e CURRELLOS — villa, Beira Alta, comarca de Santa Comba Dão, 24 kilometros de Viseu, 258 ao N. de Lisboa, 390 fogos, no concelho 2:110.

Tinha em 1757 200 fogos.

Orago Nossa Senhora da Purificação.

Bispado e districto administrativo de Viseu.

Era antigamente da comarca de Viseu.

É terra fertil.

Os condes de Villa Nova apresentavam aqui o vigario, que tinha 24$000 réis, o pé d'altar e bons passaes, ao todo uns 200$000 réis.

Já antigamente era concelho (do Carregal) com juiz ordinario, um vereador e procurador.

Passa aqui o Mondego.

Feira no Domingo do Espirito Santo.

Eram antigamente duas freguezias. Supponho que Currêllos era freguezia mais antiga do que Carregal, porque vem no *Portugal Sacro* e Carregal não.

CARREGOSA — freguezia, Douro, comarca e concelho de Oliveira de Azemeis, d'onde dista 8 kilometros a NE., 36 ao S. do Porto, 276 ao N. de Lisboa, 370 fogos.

Em 1757 tinha 265 fogos.

Orago S. Salvador.

Bispado e districto administrativo de Aveiro.

Era antigamente do termo da Feira, comarca de Esgueira, e depois, da comarca da Feira.

É da casa do infantado, por ter pertencido primeiro á dos condes da Feira.

Situada em um valle, d'onde se vê o Porto, Aveiro, o mar e outras varias povoações e serras.

Os infantes apresentavam aqui o prior, que tinha de renda 700$000 réis.

É fertil e tem muito gado e caça.

—

Aqui nasceu, pelos annos de 1824, D. Manuel Corrêa de Bastos Pina, que se formou

em direito, pela Universidade de Coimbra: fez-se padre, foi logo feito conego da Sé de Viseu, e pouco tempo depois chantre. Transferiu-se para Coimbra, onde foi deão. Poucos annos depois foi nomeado coadjutor e futuro successor do bispo de Coimbra, tomando conta do bispado por morte do prelado, e foi sagrado em 1872.

É um varão illustrado e virtuoso, digno, a todos os respeitos, da sua rapida fortuna; e dos rarissimos da actualidade, que só deve a sua posição às suas eminentes qualidades.

—

No logar da Póvoa, d'esta freguezia, ha uma excellente fabrica de papel, com mutor hydraulico. É do Morgado da Póvoa.

Produz annualmente uns 3 contos de réis de papel.

Foi fundada em 1858. Teve mensão honrosa na Exposição Industrial Portuense, de 1861.

CARREGOSA—aldeia, Beira Baixa, na freguezia da Gésteira, foi até 1855 do concelho da Abrunheira, hoje é comarca e concelho de Soure, 30 kilometros ao S. de Coimbra, 204 ao N. de Lisboa, 280 fogos na freguezia, da qual é orago Nossa Senhora da Conceição.

Bispado e districto administrativo de Coimbra.

Em 1854 appareceu aqui, em uma escavação que andava fazendo o parocho, uma cabeça humana de enorme grandeza (que pesava mais de 15 kilos) atravessada por uma lança de páo; uma farradura e uma laranja, tudo petrificado. Tambem appareceu um busio e muitas conchas.

Note-se que esta povoação está longe de rios e muito acima do nivel do mar.

Os povos d'estes arredores, crêem que ha por aqui muitos objectos de ouro, prata e diamantes *encantados* pelos mouros.

Crêem tambem que a imagem do patriarcha S. Bento (de pedra) que se acha em uma capella d'esta aldeia de Carregosa, fôra achada aqui perto, em uma lapa, chamada Costa de S. Bento; e que a tal imagem trazida para a capella, tornava a fugir; até que foi preciso arranjar-lhe um S. João Baptista, não só para lhe fazer companhia, mas tambem para estar de sentinella. Na capella só ha aquelles dois santos.

Ainda em 1843 ou 1844, pretendendo-se fazer uma procissão na matriz, o povo se oppôz a que da capella sahisse o S. João, para ir em um andor, com receio de terem depois de andar em procura de S. Bento.

Ha em Portugal mais 4 aldeias d'este nome.

CARREGOSO—aldeia, Douro, freguezia do Couto de Cucujães, concelho de Oliveira de Azemeis.

Possue aqui uma excellente casa e uma magnifica quinta, o sr. Antonio Gomes Brandão, feito, em 1870, visconde de Carregôso.

CARREGUEIROS—freguezia, Extremadura, comarca e concelho de Thomar, 130 kilometros a NE. de Lisboa, 240 fogos.

Em 1757 tinha 32 fogos.

Orago S. Miguel, Archanjo.

Prelasia de Thomar (Patriarchado de Lisboa), districto administrativo de Santarem.

Situada em um monte, d'onde se vêem muitas serras desertas.

Era commenda das freiras de Christo, de Thomar, que apresentavam o vigario e seu coadjutor. Tinha o primeiro, 2 moios de trigo, dois de cevada, 20$000 réis em dinheiro 26 almudes de vinho môsto e 6 alqueires de azeite. O segundo, 2 moios de trigo, mais 6 alqueires para hostias, 6$000 réis em dinheiro, mais 3$200 réis para cêra, 13 almudes de vinho môsto e 4 alqueires de azeite; tudo pago pela commenda. Ambos eram freires de Christo e collados por consulta da Mesa da Consciencia, precedendo exame na prelasia de Thomar.

Na capella de Santo Antonio dos pégões, está um tumulo, a que serve d'armas um leão, e no tumulo, a inscripção seguinte:

Aqui jaz Nuno Gonçalo de Meira, collaço do infante D. Affonso V, filho d'elrey D. João (o I.) e foi o dito rey á tomada de Ceuta e se achou na do cerco; e foi á Canaria, a primeira vez que foi descoberta, onde ficou captivo, e por ordem do virtuosissimo infante D. Henrique foi resgatado; e se

finou a 7 de novembro, na era do Senhor J. Christo, de 1450.

É terra muito fertil em azeite; mas do mais medeanía.

A agua da fonte de S. Miguel, cura (dizem) molestias cutaneas.

Do sitio dos Pégões, n'esta freguezia, vão encanadas, sobre arcos de pedra, as aguas para o convento de Christo, de Thomar. Diz o padre Cardozo, que este aqueducto, na sua maior altura tem cem braças (220 metros!) e por cima d'elle caminho para se poder andar. (É impossivel que aqui não haja cifra a mais!...)

Tem 3 kilometros do comprido. Tem tres mães d'agua, uma no principio, outra no meio e outra no fim do valle. N'esta ultima que é de abobada, de bella architectura, em uma pedra que está na parede, e sob as armas de Portugal, está esta inscripção:

O invictissimo e muito catholico rey Philippe I, do nome, de pia e venerada memoria, com real liberalidade, mandou fazer este aqueducto, em o anno de 1595. Com a mesma o augustissimo e christianissimo rey D. Philippe, seu filho, segundo do nome, a fez acabar, em 1613.

No mesmo sitio, do lado de cima, fica outra fonte, chamada do Valle, com 3 olhos d'agua, de bôa qualidade, a qual tem aqueducto e bastantes pégões, para o lado da fonte que vae para o dito convento de Christo, onde tambem a quizeram levar; mas, por não poder subir, ficou frustrada a muita obra que já para isto se tinha feito.

Ha n'esta freguezia outras mais fontes, e passa pelos confins d'ella o rio Nabão, que réga e móe.

CARREIRA — freguezia, Minho, comarca e concelho de Villa Nova de Famalicão, 12 kilometros ao O. de Braga, 30 ao N. do Porto, 348 ao N. de Lisboa, 120 fogos.

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

Orago S. Thiago Maior.

Em 1757 tinha 76 fogos.

Era antigamente do termo e correição de Barcellos, provedoria de Vianna, visita de Vermuim e Faria.

É da casa de Bragança.

Situada em um dos mais bellos sitios da provincia; por ser todo povoado de aldeias tão unidas, que em um espaço de 2 kilometros se contam 12 freguezias.

A casa de Bragança apresentava o abbade que tinha 300$000 réis.

É terra muito fertil.

CARREIRA (e sua annexa *Fonte Coberta*) — freguezia, Minho, comarca e concelho de Barcellos, 18 kilometros ao O. de Braga, 342 ao N. de Lisboa, 130 fogos.

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

Orago S. Miguel, archanjo

Em 1757 tinha 128 fogos.

Era antigamente do termo de Villa-Chan. É da casa de Bragança.

Situada parte em valle e parte em monte, e d'este se vê Braga e varias povoações.

O arcebispo de Braga apresentava o abbade, que tinha de renda 340$000 réis. O abbade apresentava o cura do Salvador da Portella das Cabras.

Ha aqui uma capella de Nossa Senhora da Penha, assim chamada por ser fundada em uma penha, junto á torre de *Penegate*. Esta torre é antiquissima e edificada sobre uma penha. E' de bella cantaria e tinha ameias, mas teem-lhe cahido quasi todas.

Tem 66 palmos d'alto e 35 de largo.

Esta freguezia era antigamente sugeita ás justiças de Villa-Chan. Fertil.

CARREIRA — freguezia, Douro, comarca e concelho de Santo Thyrso, 24 kilometros ao N. do Porto, 335 ao N. de Lisboa, 150 fogos.

Bispado e districto administrativo do Porto. Orago S. Thiago, apostolo.

Em 1757 tinha 106 fogos.

Era antigamente da comarca e termo do Porto, concelho da Maia. Fertil.

Situado em um valle, do qual se veem varias povoações.

O abbade de S. Christovão, de Refojos (que aqui recebia os dizimos) é que apresentava o vigario, que tinha 70$000 réis.

Tambem foi concelho, e tinha ouvidor ordinario, eleito pelo povo e confirmado pella camara do Porto, á qual era sujeito.

Ha mais em Portugal 70 aldeias chamadas da Carreira.

CARREIRAS — freguezia, Alemtejo, comarca, concelho e 6 kilometros de Portalegre, 185 ao SE. de Lisboa, 150 fogos.

Bispado e districto administrativo de Portalegre.

Orago S. Sebastião.

Em 1757 tinha 130 fogos.

Situada na Ponta de uma serra, entre as villas de Marvão e Castello de Vide.

D'esta freguezia se veem as villas do Crato, Flor da Rosa, Valle do Pêso, Alpalhão, Niza e aldeia da Lagôa.

O cura era da apresentação ordinaria, e tinha 3 moios de trigo, de rendimento.

E' terra muito fertil em cereaes.

CARREIRAS (S. Thiago) — freguezia, Minho. Foi até 1855 da comarca de Pico de Regalados, concelho de Villa-Chan, desde então é comarca e concelho de Villa Verde, por ter sido supprimida aquella comarca, e concelho de Villa Chan: 12 kilometros de Braga, 382 ao N. de Lisboa, 100 fogos.

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

Orago S. Thiago apostolo.

Em 1757 tinham 78 fogos, (a freguezia de S. Thiago e a seguinte, de S. Miguel.)

Éra antigamente da correição de Barcellos, provedoria de Vianna, termo de Villa-Chan.

E' da casa de Bragança.

O arcebispo de Braga apresentava o abbade, por concurso synodal, e tinha de rendimento 360$000 réis.

Ha n'esta freguezia a capella de Santa Helena, ao pé do monte do Castello, á qual, em 3 de maio, vão muitos clamores, das freguezias visinhas.

E' terra muito fertil.

Pelo meio da freguezia corre um ribeiro anonymo que réga e móe. Desagua no Cávado, junto á villa do Prado.

Esta freguezia e a seguinte, ainda em 1757 formavam uma só, cujo Oragg era S. Thiago.

CARREIRAS (S. Miguel) — freguezia, Minho, na mesma comarca, concelho e distancias isto é foi da comarca de Pico de Regalados, e concelho de Villa Chan até 1855, e sendo então supprimidas estas duas circumnscripções, passou a ser da comarca e concelho de Villa-Verde, 100 fogos.

Arcebispado e districto administrattivo de Braga.

Orago S. Miguel.

Em 1757 tinha 61 fogos.

Era pois, como a antecedente, do que foi desmembrada, antigamente da comarca de Barcellos, provedoria de Vianna, termo de Villa Chan.

E' tambem da casa de Bragança e muito fertil.

Atravessada pelo mesmo ribeiro.

Houve aqui uma antiga torre, de que ainda ha vestigios, onde viveu D. Egas Paes, de Penegate, senhor do couto d'este nome e do concelho de Villa-Chan, grande valido do conde D. Henrique.

Junto aos alicerces da tal torre velha, ha outra torre mais moderna.

O arcebisdo apresentava o abbade por concurso synodal, e tinha de rendimento (o abbade) 330$000 réis.

CARRICHE ou **CALÇADA** de **CARRICHE** — aldeia da Extremadura, freguezia de S. João Baptista do Lumiar, termo, districto, comarca e 8 kilometros ao NO. de Lisboa, 24 fogos, 90 almas.

Situada sobre a estrada real, que de Lisboa conduz a Loures, e proximo do Lumiar e tambem na estrada para Odivellas (que é a mesma do Lumiar.)

No fundo da Calçada de Carriche, está uma hospedaria que pomposamente se intitulou «*Hotel de Nova Cintra.*»

E' por isto que muita gente vae chamando a este sitio *Nova Cintra.*

Em Nova Cintra é a quarta estação do Caminho de ferro Larmanjat de Lisboa a Torres Vedras.

Tem esta povoação tido bastantes melhoramentos, e, como é muito concorrida das familias de Lisboa (principalmente no verão) é bastante provavel que ainda venha a merecer o nome de Nova Cintra.

Pouca adiante de Carriche ha um largo, onde a estrada se divide em dois ramaes. O que segue direito, conduz á Póvoa de Santo

Adrião, Mealhada, Loures, e outras terras dos arrabaldes de Lisboa, e depois a Torres Vedras. O da esquerda vae para Odivellas e outras povoações.

Ao tal largo se chama O Senhor Roubado, por causa de uma capella que alli está, da invocação do Senhor Jesus Roubado. A origem d'esta capella e do seu titulo, é a seguinte, (segundo a relação que do facto dá o padre Luiz Montez Mattoso, prégador e notario apostolico, em um folheto publicado em 1745.)

Na noite de domingo para segunda feira, 10 para 11 de maio de 1671, Antonio Ferreira, trabalhador e moço de soldada, entrou na egreja matriz d'Odivellas (em quanto um rapaz tocou a trindades) e se escondeu em uma mesa. Pela noute morta, foi ao altar-mór e depois de roubar a Nossa Senhora do Rosario umas contas d'ouro, ao Menino Jesus os seus vestidos, e cortar o espaldar do docel; abriu violentamente a porta do sacrario, tirou d'elle os vasos sagrados, e indo abrir o em que estava o SS. Sacramento, com a força que fez quebrou a cruz do remate, e comeu as hostias. (N'este ponto e quando o ladrão sacrilego hia a apoderar-se de 10 ou 12 particulas consagradas diz o padre Mattos lhe deu tamanho pé de vento, que cahiu sem sentidos.

Tornando a si, pegou nos vasos, luneta, corporal e sanguinho, que estavam no sacrario. Decorreu pelos mais altares da egreja; despiu a imagem de Nossa Senhora do Egypto e descompoz as mais que encontrou. Achando em uma gaveta o Santo Sudario, envolto em um bocado de tafetá encarnado, levou este e deixou aquelle. Tirou a bola da alampada da capella-mór e uma toalha do altar d'ella e embrulhando tudo na frontaleira da mesa, se sahiu da egreja, fazendo caminho para Lisboa; mas vendo que hia rompendo o dia, entrou em um silvado e matta de caniços (onde hoje é a capella do Senhor Roubado) e alli escondeu o roubo, para o hir buscar em melhor occasião.

Todas as justiças civis e ecclesiasticas procederam rapida e escrupulosamente ás mais rigorosas investigações para descobrir o roubo e o ladrão; mas foi inutil.

Em 16 de julho seguinte, se descobriram no tal silvado, casualmente, os dois vasos sagrados, atados em um lenço, faltando no dourado, a cruz do remate. Tambem então aqui se encontraram em uma trôxa, os vestidos da Senhora e do Menino e os mais objectos roubados.

Mas, por mais diligencias que se fizeram, não foi possivel descobrir o criminoso.

Na noite de 16 de outubro do mesmo anno foi preso um ladrão que andava a furtar gallinhas, dentro da cêrca do mosteiro de Odivellas. Era o tal Antonio Ferreira. Trazia no bolso a cruz de prata do remate do vaso sagrado. Estava finalmente descoberto o ladrão sacrilego.

Entregue aos tribunaes competentes, foi condemnado a baraço e pregão, arrastado pelas ruas de Lisboa, teve as mãos cortadas e queimadas, á sua vista, e sendo subido a um alto poste, ahi foi garrotado e depois queimado, e suas cinzas lançadas ao mar; isto por accordão da Relação, de 20 de novembro do mesmo anno, que foi executada a 23 no Rocio de Lisboa.

No sitio onde o roubo esteve escondido, se espetou no chão uma cruz de pau, mas como apodrecia em pouco tempo, collocaram outra em uma oliveira.

Em outubro de 1742, indo para a pedreira de Paradella, o irmão Antonio dos Santos Prazeres, da congregação dos descalços de S. Paulo, primeiro eremita (a quem a casa do Senhor da Boa Morte, de Buenos Ayres, de Lisboa, deveu grande parte da sua fundação e augmento) encommendar pedraria para as obras da referida casa, chegou á calçada de Carriche, junto a um painel das almas, onde, como já disse, convergem as duas estradas, e subiu a uma cortina de pedra e cal, que divide uma levada de agua que alli corre (ou corria) de inverno. Viu uma matta de caniços, algumas cêpas de vide e uma oliveira, na qual estava pregada uma cruz, feita de uma estreita tábua, pintada de vermelho. Entendeu que esta cruz indicava o sitio onde morrera algum christão e lhe resou pela alma. Na volta, pelo mesmo sitio, achou alli um lavrador que lhe disse o que aquella cruz memorava.

Não consentia o animo do bom do padre que se conservasse quasi esquecido e com tão pouca decencia o logar onde tinham estado por 37 dias tão sagrados objectos do culto christão, e por muitos mezes scismou nos meios de construir um padrão mais duradouro, que recordasse o facto.

A primeira cousa que fez foi o risco para a *memoria*. Depois, foi a casa de Luiz Paulino da Silva e Azevedo, escrivão da camara de sua magestade, na mesa do desembargo do paço, que era o senhor da terra em que a cruz se achava, a pedir-lhe licença para fazer a obra. Azevedo respondeu que o que o padre queria era muito prejudicial para elle, Azevedo, porque a concorrencia do povo, que decerto se seguiria áquelle sitio, lhe talaria e devastaria as propriedades adjacentes, mas, que, emfim, consultaria com sua mulher (D. Maria Michaella Joaquina de Seixas) que deixasse o risco e viesse saber a resposta d'ahi a tres dias.

Não faltou o irmão Antonio no dia indicado, e Azevedo lhe disse que, não só lhe dava licença para construir o monumento, mas tambem concorreria com o que podesse, para ajuda das despezas.

De casa de Azevedo foi ao paço do cardeal patriarcha, pedir a este, beneplacito para a desejada construcção, que o prelado de muito boa vontade lhe concedeu; mandando-o porém dar parte ao prelado do seu convento, que tambem lhe deu licença.

Obtidas todas as licenças indispensaveis, faltava o melhor ao bom do padre—era dinheiro—mas não esmoreceu. Chega á pedreira de Paradella e todos os cabouqueiros lhe offereceram de muito boamente toda a pedra precisa para a obra; e os lavradores d'aquelles sitios se offereceram para a transportar gratuitamente.

D. Leonor de Menezes, condessa de S. Thiago (de Beduído) lhe emprestou uma das casas da sua quinta de Odivellas, para n'ella habitar o padre, e alli lavrar a cantaria, ordenando ao caseiro que désse ao padre tudo quanto elle pedisse.

D. Luiza Maria de Moura, abbadessa do real mosteiro de S. Dionysio (de Odivellas) lhe mandou o sustento em quanto durou a obra.

Na quinta feira, 14 de maio de 1744, começou o irmão Antonio a lavrar por suas proprias mãos, as principaes peças do padrão, isto é, a cruz, com o crucifixo do remate, e outras, em que esculpiu a figura do vaso sagrado, guardado por tres seraphins. Aos pedreiros que lavravam as outras mais simples, pagava com as esmolas que obtinha dos devotos.

Estando tudo concluido, se assentou o padrão, em uma quinta feira, 5 de novembro de 1744, com grande alegria do padre e de toda a gente dos arredores.

Para que a todo o tempo constasse a razão d'esta memoria, se gravou na parte dianteira do padrão e no pedestal d'elle, a inscripção seguinte:

AQUI
OCCULTOU A INGRATIDAM
DO MAYOR ROUBO A INSOLENCIA;
MAS LEVANTOU A CLEMENCIA
A MEMORIA DO PERDAM.

—

ESTE PIEDOSO PADRAM
COM ETERNA DOR SE LEYA:
AQUI HUM ATROZ LADRAM,
ÁS DUAS DA NOITE, E MEYA,
OS CÉOS ENTERROU NO CHAM.

—

CAZO DE ODIVELLAS, SUCCEDIDO NO ANNO DE 1671.
ESTE PADRAM SE FEZ NO ANNO DE 1744.

Para memoria do logar onde esteve enterrado o vaso com as sagradas reliquias, os 37 dias que já disse, levantou o irmão Antonio um pequeno padrão, junto ao grande, e no seu remate, que é espherico, lhe gravou ás lettras seguintes:

LOGAR DO ENTERRO.

Principiou logo este logar a ser muito concorrido e o povo a venerar o *Senhor Roubado* (nome que logo geralmente se lhe deu) encommendando-se a elle em todas as suas tribulações, e dando-lhe muitas esmolas.

O prior do Lumiar, sob pretexto de que o padrão estava nos limites da sua freguezia, se quiz logo apoderar de todas as esmolas que os fieis davam ao Senhor, para ajuda das suas obras. Acudiu o irmão Antonio e

se combinou em nomear um thesoureiro provisorio para receber as esmolas e entregar a quem o ordinario mandasse.

O irmão Antonio foi a Santo Antonio do Tojal, ao retiro onde então se achava o cardeal patriarcha de Lisboa, e expoz a este prelado o que havia, e supplicando-lhe que quando regressasse a Lisboa viesse pelo Senhor Roubado, pois lhe ficava no caminho, para dar as providencias. O patriarcha na volta assim fez, e determinou que as esmolas fossem applicadas exclusivamente para se fazer um *cobérto* ao cruseiro e para as mais obras n'elle necessarias; o que se cumpriu.

Prohibiu n'esse acto que alli se consentissem bailes, comedias, ou quaesquer outras acções profanas.

D. Fernando de Sousa e Silva, prelado da santa basilica patriarchal, filho dos condes de S. Thiago, prometteu todo o azeite necessario para a alampada do Senhor Roubado, em quanto fosse vivo, e cumpriu sempre religiosamente a sua promessa.

—

Com o producto das esmolas, se construiu, poucos tempos depois, a capella, que é a actual.

—

Proximo e em frente da capella, fica a célebre aldeia da Ameixoeira, hoje freguezia, e que quando pertencia á parochia do Lumiar (da qual foi desmembrada em 1536) se chamava Funchal. Vide Ameixoeira.

CARRIL—em portuguez antigo é o mesmo que *caminho de carro*. Ha em Portugal varios logares d'este nome, e até ha uma aldeia do Carril que já teve visconde.

CARROCÊDO—vide Carocêdo.

CARROS ou **A DOS CARROS** ou **S. SEBASTIÃO DOS CARROS**—freguezia, Alemtejo, comarca e concelho de Mertola, 120 kilometros a O. de Evora, 180 ao S. de Lisboa, 90 fogos.

Em 1757 tinha 96 fogos.

Orago S. Sebastião, martyr.

Bispado e districto administrativo de Beja.

A Mesa da Consciencia e Ordens apresentava o capellão curado, que tinha de rendimento 2 moios de trigo, 1 de cevada e dez mil réis em dinheiro.

É terra fertil em cereaes.

CARTAXINHO—vide Condeixa Velha.

CARTAXO—villa, Extremadura, comarca de Santarem, 72 kilometros a NE. de Lisboa, 1:160 fogos, 4:600 almas, no concelho 1:900 fogos.

Em 1757 tinha 550 fogos.

Orago S. João Baptista.

Patriarchado de Lisboa, districto administrativo de Santarem.

Grande feira a 1 de novembro, 6 dias.

D'aqui se vê Santarem e os campos de Vallada.

As commendadeiras de Santos, de Lisboa, apresentavam o vigario, que tinha 100$000 réis.

Tem um convento de frades franciscanos, observantes, da provincia de Portugal.

No bosque que está proximo ao convento, houve, em 18 de novembro de 1810, um pequeno combate, sem consequencia, entre as tropas portuguezas e os invasores francezes de Massena.

Tem Misericordia e hospital.

É uma bonita villa, construida á moderna. Seus arrabaldes são muito bem cultivados, aprasiveis e muito ferteis. Produzem muito e optimo vinho, que se exporta para Lisboa e para o estrangeiro.

Tem foral velho, dado por D. Diniz, em Leiria, a 21 de março de 1312, e confirmado por D. João II, em Santarem, a 27 de junho de 1487, e segunda vez confirmado, tambem em Santarem, por D. Manuel, em 4 de novembro de 1496. Esta confirmação dada por D. Manuel, não é classificada como foral novo, mas é a que o substitue.

Os foraes chamados novos, só se principiaram a dar em 1500. (Vide o cap. 51.º)

CARTUXA—O convento de frades (monges) *cartuxos* é situado a distancia de 1 kilometro a NO. da cidade de Evora, e junto da estrada que segue para Arrayolos e Monte-Mór-Novo. Foi este convento e a sua extensa cêrca, fundado pelo arcebispo de Evora, D. Theotonio de Bragança, de 1587 a 1598, mandando vir monges da Catalunha, que foram os primeiros que habitaram este convento.

D. Theotonio de Bragança foi um grande

prelado, famoso e illustre, não só pelo sangue e riquezas, mas pela humildade e pobreza em que quiz viver, para dispender as suas immensas rendas em instituições de caridade e em soccorrer, por todos os modos que lhe era possivel, os desgraçados. Em Evora tratarei de mais alguns estabelecimentos pios fundados por este santo e illustre varão.

O mesmo arcebispo o doou, com os terrenos circumvisinhos que lhe pertenciam, aos monges, em 15 de junho de 1598, por escriptura publica feita em Evora.

Chamava-se Convento da *Scala Dei*. Este e o de Laveiras eram os unicos d'esta Ordem que havia em Portugal. Apenas tinham um hospicio em Lisboa. Tambem se dava vulgarmente a estes monges o nome de Brunos, por serem da Ordem de S. Bruno, que a instituiu nas montanhas de Saboya, pelos annos de 1082. Seguiam a regra de S. Bento. Era da sua instituição empregarem-se nos trabalhos ruraes, que eram a principal occupação das suas communidades. E com effeito grandes serviços prestaram os cartuxos (assim como os frades de Alcobaça, Lorvão, Tibães, Pombeiro, etc.) ao aperfeiçoamento e desenvolvimento da agricultura em Portugal.

Os frades cartuxos vieram habitar este convento em 15 de dezembro de 1598, tendo estado aposentados nos paços reaes desde 8 de setembro de 1587.

Nicolau Agostinho, affirma que D. Theotonio de Bragança dispendeu com a fundação d'este convento, nos bens com que o dotou e nos seus paramentos, 150:000 crusados. (Foi *desamortisado* por 57:200$000 réis, abatendo d'isto 9:000$000 réis que o governo aqui gastou inutilmente, como adiante digo, veio a receber 48:200$000 réis, isto é, menos de 121:000 crusados da actual moeda, que é o mesmo que dizer que foi vendido por a quinta parte do seu custo, attendendo á moeda do seculo XVI). Tambem deu ao convento 7 escravos, a maior parte, a 40$000 réis cada um. Como combinaria o bom do arcebispo a sua provada caridade com a escravidão? Que época aquella! Um escravo deixava de ser uma pessoa para ser uma cousa.

Tendo D. João d'Austria destruido este convento quando sitiou Evora, em 1663, D. Pedro II deu ao prior da Cartuxa, D. Bernardo de S. José, 26:000 crusados para a reedificação da egreja, o que teve logar até ao fim do seculo XVII.

(Tudo o mais que diz respeito a este convento, veja-se em Evora e Laveiras.)

Ficou porém estipulado na referida escriptura de doação, de 1598, que—*caso viesse a acabar a communidade, reverteria tudo para o collegio de donzellas pobres desamparadas, que o mesmo arcebispo instituira na rua da Lagoa, na casa que foi da familia do capitão Manuel de Sousa de Sepulveda.* (Hoje é uma fabrica de moagem.)

Em 1834, o governo (sem attender á clausula terminante da doação) apoderou-se do convento e cêrca, arrendando-os por sua conta, e estava para ser vendido; mas a Casa Pia d'Evora (á qual tinha sido encorporado o Collegio das donzellas) conseguiu fazer valer os seus direitos e tomou conta do convento e dependencias.

Em 1857, foi pela Casa Pia arrendado isto a uma sociedade constituida em Evora com o fim de ensaiar na quinta machinas agricolas modernas e novos processos de agricultura.

Em 1863, comprou o estado por treze contos de réis, á Casa Pia, a quinta da Cartuxa, para alli se constituir a escola regional, conforme o decreto de 16 de dezembro de 1852.

Até 1869, gastou o estado 9:000$000 réis em ordenados a empregados e em fazer curraes e cavallariças (sem gado!)

Em 8 de abril de 1869, um decreto aboliu as escolas regionaes, e lá se foi o dinheiro e um estabelecimento que podia e devia ser uma optima escola pratica para o ensino dos varios ramos agricolas, tão descurados em Portugal.

O rico capitalista e grande proprietario, o sr. José Maria Eugenio d'Almeida, de Lisboa, comprou, em fevereiro de 1871, o convento da Cartuxa, ao governo, por vinte e tres contos de réis.

Agora está em poder de quem póde e quer fazer d'isto uma bellissima e productiva vivenda.

Para noticias mais circumstanciadas d'esta Ordem, vide Laveiras.

CARTUXA DE LAVEIRAS—vide Laveiras e Caxias.

CARTÉIA—famosa cidade da Lusitania. Alguns escriptores dizem que Carteia era na costa do Algarve, onde hoje é a aldeia da Quarteira ou Carteira. *(Sanct. Marianno,* tom. 6.°, liv. 2.°, pag. 377 e outros auctores que elle segue).

O mar tem arruinado e desfeito muitas ilhas do nosso litoral.

Salgado *(Mem. para a Hist. Eccles. do Alg.)* diz que descobriu muitos vestigios de antiguidades na Quarteira, e que a torre a que hoje chamam de Vigia, talvez seja a famosa dos antigos.

Era Carteia cidade maritima e famosa por suas pescarias e marinhas de sal, no tempo dos phenicios, carthaginezes e romanos. Os gregos lhe deram o nome de *Tartesso.* Pescava-se aqui muito atum, *trinchiadas* (sardinhas) etc., que se vendia e exportava secco

O mesmo Salgado diz que viu aqui, na mão de um curioso, duas medalhas de prata, achadas na Quarteira, e bem conservadas.

Em uma se via uma cabeça laureada e no reverso um delfim, tendo por cima a legenda «*Lucius Marcius*» e por baixo «*Carteia*». A outra era ornada de muitos symbolos: na parte mais nobre se via um delfim e um tridente, posto horisontalmente, parecendo ferir o tal peixe, e por baixo «*Carteia*», no reverso, um leme, e em cima IIIIVIR, e por baixo D. D. *(decreto decurionum).*

No tempo dos romanos, era Carteia sua alliada, e aqui se refugiou Lelio com a sua esquadra, depois que Scipião tomou Carthagena. O filho de Pompeu, vencido por Cesar, junto a Munda, se retirou a Carteia, onde havia um presidio maritimo, e alli se apoderou de 30 galeras ou fragatas.

—

Jorge Cardoso diz que aqui prégou o Evangelho, Santo Hesychio, ou Isco, pelos annos 40 de Jesus Christo.

É certo que na costa do Algarve havia uma cidade de Carteia, além de duas do mesmo nome que havia ao sul do Guadiana, uma das quaes é a actual Cadix.

—

Pomponio Mella (hespanhol) diz que na Lusitania havia uma ilha chamada Carteia, ou Erythia, que foi habitada por Geryão. Collige-se que isto era uma grande ilha (outros até dizem que era o prolongamento do nosso continente, que chegava até á Madeira e Porto Santo) que o mar ou algum grande terremoto, em tempos de que não ha memoria, destruiu, reduzindo-a ao que hoje está, isto é, a um grupo de ilheus. Segundo este escriptor ás Berlengas se chamava ilha Carteia.

Podia ser nas Berlengas a ilha de Carteia e na Quarteira a cidade de Carteia; mas eu, em vista de tanta Carteia, quer-me parecer que Carteia é nome generico de cidade, fortaleza ou ilha, no litoral.

CARULHA ou **GARULHA**—portuguez antigo, *carócha* (insecto).

CARVA — freguezia, Traz-os-Montes, foi até 1855 da comarca de Villa Pouca de Aguiar, concelho de Alfarella de Jalles, e desde então da comarca de Alijó, concelho de Murça, 95 kilometros a NE. de Braga, 378 ao N. de Lisboa, 85 fogos.

Em 1757 tinha 60 fogos.

Orago S. Sebastião, martyr.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Villa Real.

O reitor de S. Miguel de Tres Minas apresentava aqui o vigario, que tinha 45$000 réis.

Muito bom mel e cêra, algum vinho e castanha; do mais pouco. Cria bastante gado e seus montes têem muita caça.

Era antigamente da comarca de Guimarães.

CARVALHAES—freguezia, Traz-os-Montes, comarca e concelho de Mirandella, 90 kilometros ao NO. de Miranda, 408 ao N. de Lisboa, 110 fogos.

Em 1757 tinha 45 fogos.

Orago o Espirito Santo.

Bispado e districto administrativo de Bragança.

Era antigamente do termo de Mirandella, mas da comarca da Torre de Moncorvo.

Eram seus donatarios, até 1759, os Tavoras. Desde então ficou sendo da corôa.

Situada em campina d'onde se vê Mirandella.

O reitor de Mascarenhas apresentava aqui o cura, que tinha 10$500 réis em dinheiro, 30 alqueires de trigo, 12 almudes de vinho e o pé d'altar.

É terra fertil. Produz muita fructa e hortaliças, bons repôlhos e optimos melões.

Corre por a freguezia o rio de Lôbos, que nasce em Macêdo de Cavalleiros e morre no Tuella, proximo a Mirandella.

CARVALHAES—freguezia, Beira-Alta, comarca de Vousella, concelho de S. Pedro do Sul, 24 kilometros ao NO. de Viseu, 288 ao N. de Lisboa, 360 fogos.

Bispado e districto administrativo de Viseu.

Orago S. Thiago Maior.

Em 1757 tinha 269 fogos.

Era antigamente da comarca de Viseu, termo de Lafões.

Situada em uma planicie, encostada á serra d'Arada, d'onde se descobrem muitas povoações.

A Misericordia de Viseu e os descendentes de D. Isabel Maria da Camara apresentavam aqui o abbade, que tinha 500$000 rs.

É terra muito fertil e produz muito bôa fructa.

D. Manuel lhe deu foral, em Lisboa a 10 de março de 1514.

A egreja d'esta freguezia era, *in solidum*, de Pedro Moniz Buchicho e de sua mulher Maria Cides, d'Alafões, os quaes doaram metade d'ella ao mosteiro de Paço de Sousa. Depois: impugnando esta doação Martim Peres Buchicho, filho dos doadores, se justou com o dito mosteiro, em 7 de julho de 1228, que apresentasse juntamente, os frades com elle e seus descendentes, Buchichos, a egreja. Em 1455, por contracto com os herdeiros do Buchicho, passou a ser do padroado exclusivo do mosteiro. Por sentença da Legação apostolica, de 25 d'agosto de 1787, foi assim julgado, declarando-se n'ella que nunca esta egreja foi do padroado real. Não pude saber quando este padroado passou para a Misericordia de Viseu e para a tal D. Isabel Maria da Camara: é certo que foi no fim do seculo XVIII.

CARVALHAL e ATALAIA—já está em Atalaia e Carvalhal.

CARVALHAL—aldeia, Douro, uma só casa da freguezia de Santa Maria do Valle e o resto da de Romariz, comarca concelho e 10 kilometros a L. da Feira, 30 ao S. do Porto, 282 ao N. de Lisboa, 60 ao NO. d'Aveiro, 17 fogos.

É terra fertil.

Ha aqui pedreiras de bello feldespatho, branco e verde, e uma grande veia de kaolim.

Passa proximo o rio *Inha*, que réga seus campos e móe. Morre na esquerda do Douro, no sitio da *Foz da Inha*, um kilometro abaixo de Péde-Moura, e 24 a E. do Porto, com uns 20 kilometros de curso, desde Escariz, onde nasce.

Optimo granito, em grande abundancia, que vae para varios edificios, alguns a mais de 6 kilometros de distancia.

Ao N. d'esta aldeia, a uns 400 metros de distancia, está o môrro da Golfareira. N'elle havia uma monstruosa anta, a que chamavam o Penêdo da Golfareira. Os pedreiros a destruiram, para cantaria.

Viveu aqui muitos annos uma cobra gigastesca, que era o terror do povo. A bicha da Golfareira, ente pacifico, socegado e inofensivo, do qual não consta um unico acto aggressivo, um só momento de máo humor, fez apesar d'isso, dar prodigiosos saltos a mais de quatro. Dois machos, carregados de azeite, que a viram, tomaram tal mêdo, que na força da fugida rebentaram as cordas e os ôdres.

Esta cobra deixou d'apparecer desde 1840 Segundo diziam os velhos d'aqui, tinha mais de 100 annos. Até, se é certo o que dizem os mais entendidos na materia, era uma moura encantada!

CARVALHAL—freguezia, Minho, comarca e concelho de Barcellos, 18 kilometros ao O. de Braga, 342 ao N. de Lisboa, 120 fogos.

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

Orago S. Payo.

Em 1757 tinha 84 fogos.

Era antigamente do termo de Barcellos, mas da comarca de Vianna.

O D. prior da collegiada de Barcellos apresentava o vigario, que tinha de rendimento 40$000 réis e o pé d'altar.

É terra fertil.

CARVALHAL—aldeia, Extremadura, comarca e concelho de Torres Vedras, e 48 kilometros de Lisboa.

Arcebispado e districto administrativo de Lisboa.

E' a 16.ª estação do Caminho de ferro Larmanjat (tramway a vapor) de Lisboa a Torres Vedras. É fertil.

CARVALHAL—freguezia, Beira-Baixa, concelho e comarca de Méda, 54 kilometros de Lamego, 348 ao N. de Lisboa, 60 fogos.

Bispado de Pinhel e districto administrativo da Guarda.

Orago S. Sebastião.

Em 1757 tinha 58 fogos.

E' terra fertil.

Era antigamente da comarca e termo de Pinhel.

O abbade de Santa Maria da Atalaia apresentava aqui o cura, que tinha 13$000 réis, 6 arrateis de cêra fina, e o pé d'altar.

Passa aqui a ribeira de Pinhel, que réga e móe.

Ha em Portugal 107 aldeias d'este nome, álem das descriptas.

Esta freguezia era do concelho de Marialva, supprimido em 24 de outubro de 1855, e passou então para o concelho de Foscôa. Em 18 de dezembro de 1872 passou a ser do concelho da Méda.

CARVALHAL DE OBIDOS—freguezia, Extremadura, comarca d'Alemquer, até 1855 foi do concelho do Cadaval, passando então para o de Obidos, 72 kilometros a NE. de Lisboa, 350 fogos.

Patriarchado e districto administrativo de Leiria. Tinha juiz da vintena.

Orago Senhor Jesus.

Em 1757 tinha 71 fogos.

Chamava-se antigamente Carvalhal de Soeiro, depois se chamou Carvalhal d'Obidos. Era da correição de Leiria, provedoria d'Alemquer, termo d'Obidos. Fertil.

Foi seu primeiro orago *S. Pedro de Finis, Terræ* (por ficar nos confins occidentaes da terra) Os principaes da patriarchal de Lisboa e o prior e beneficiados da egreja de Santa Maria, d'Obidos, apresentavam simultaneamente, aqui o cura, e lhe davam um moio de trigo, um tonel de vinho, 30 alqueires de cevada e o pé d'altar. Tinha mais 6$000 réis por administrar os sacramentos aos povos das aldeias de Barrocalvo, Salgueiro, Sanguinhal e mais sete casaes, que são da freguezia de S. Thiago d'Obidos. Estes 6$000 réis lhe eram dados pelo prior e beneficiados da egreja dita, de S. Thiago, d'Obidos.

Faz-se aqui uma grande romaria ao Senhor Jesus, muito concorrida dos povos da freguezia e arredores.

CARVALHAL—freguezia, Beira-Baixa, comarca e concelho de Villa Nova de Foz-Côa. 54 kilometros de Lamego, 345 ao N. de Lisboa, 70 fogos.

Em 1757 tinha os mesmos fogos.

Bispado de Lamego, districto administrativo da Guarda.

Orago Nossa Senhora dos Prazeres.

O reitor de Valle de Ladrões apresentava o cura, e tinha (o cura) 6$000 réis em dinheiro e o pé d'altar.

E' terra pobre e pouco fertil.

CARVALHAL—freguezia, Beira-Baixa, comarca e concelho da Certan, 40 kilometros de Coimbra, 180 ao NE. de Lisboa, 110 fogos.

Patriarchado de Lisboa (por ser isento do Grão Priorado do Crato) districto administrativo de Castello Branco.

Orago Nossa Senhora do Amparo.

Esta freguezia não vem no *Portugal Sacro*. E' provavelmente creação moderna.

E' terra fertil.

CARVALHAL-BEM-FEITO—freguezia, Extremadura, comarca e concelho das Caldas da Rainha, 108 kilometros ao NE. de Lisboa, 150 fogos.

Patriarchado e districto administrativo de Leiria.

Orago Nossa Senhora das Mercês.

Em 1757 tinha 134 fogos.

Era antigamente da comarca de Leiria,

termo da villa de Santa Catharina, e de Selir do Matto, coutos d'Alcobaça.

Situada em um valle muito ameno (d'onde lhe vem o nome) e do qual se vêem varias povoações.

E' terra fertil.

O abbade dos bernardos d'Alcobaça, apresentava o vigario, collado, que tinha um moio de trigo e uma pipa de vinho, que lhe pagavam as freiras do convento de Cós (que aqui recebiam os dizimos) 10$000 réis em dinheiro, que lhe dava o convento d'Alcobaça, e 2$000 réis que lhe dava o prior da villa d'Alvorninha.

CARVALHAL MEÃO — freguezia, Beira-Baixa, comarca, concelho e 18 kilometros da Guarda, 300 ao SS. de Lisboa, 50 fogos.

Bispado e districto administrativo da Guarda.

Orago S. Thiago.

Em 1757 tinha 54 fogos.

O thesoureiro mór da Sé da Guarda apresentava o cura, que tinha 6$000 réis de rendimento e o pé d'altar.

E' terra pouco fertil.

CARVALHAL REDONDO — aldeia, Beira-Baixa, 3 kilometros ao S. d'Alpedrinha. Suppõe-se que é a antiga Petrata dos romanos. Vide Alpedrinha.

CARVALHAL REDONDO — freguezia, Beira-Alta, comarca de Mangualde, concelho de Cannas de Senhorim, 15 kilometros de Viseu, 270 a NE. de Lisboa, 340 fogos.

Bispado e districto administrativo de Viseu. Orago S. João Evangelista.

Em 1757 tinha 117 fogos.

Era antigamente do concelho de Cannas de Senhorim, mas da comarca de Vizeu.

E' terra fertil.

Situada em planicie, donde se vêem varias povoações.

Os abbades de Santar e de Cannas de Senhorim apresentavam alternativamente o cura, que tinha de 60$000 réis.

Passam pela freguezia as ribeiras de Santar e Carvalhal, que régam e móem.

CARVALHAL DE VERMILHAS — freguezia, Beira Alta, comarca e concelho de Vousella, 18 kilometros ao N. de Viseu, 288 ao N. de Lisboa, 110 fogos.

Bispado e districto administrativo de Viseu.

Orago S. Simão, apostolo.

Em 1757 tinha 65 fogos.

Era do concelho d'Oliveira de Frades, comarca de Vousella, e em outubro de 1871 passou a ser da comarca e concelho de Vousella. Era dos duques de Lafões.

O vigario de Cambra apresentava o cura, que tinha 8$000 réis de rendimento, e o pé d'altar. E' terra fertil.

CARVALHAS — freguezia, Minho, comarca e concelho de Barcellos, 18 kilometros a O. de Braga, 360 ao N. de Lisboa, 80 fogos.

Em 1757 tinha 61 fogos.

Orago S. Martinho, bispo.

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

Era antigamente do termo de Barcellos, mas da comarca de Vianna.

É terra fertil.

Situada junto ao Monte da Saya.

O reitor de Santa Eulalia de Rio Côvo apresentava o vigario. collado, que tinha 40$000 réis.

CARVALHAS — freguezia, Traz-os-Montes, comarca e concelho de Vinhaes.

Bispado e districto administrativo de Bragança.

Está annexa á freguezia de Montouto. (Vide Montouto.)

CARVALHEIRA — freguezia, Minho, foi até 1855 da comarca de Pico de Regalados, e desde então é da de Villa Verde, concelho de Terras de Bouro, 30 kilometros ao N. de Braga, 384 ao N. de Lisboa, 120 fogos.

Em 1757 tinha 75 fogos.

Orago S. Payo, martyr.

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

Era antigamente da comarca de Vianna, concelho de Sequeirós de Terras de Bouro.

O arcebispo de Braga apresentava o abbade, que tinha 1:000$000 réis.

É terra muito fertil.

No *antigo regimen*, gosava dos grandes privilegios concedidos pelos nossos reis ao concelho de Terras de Bouro, sendo os principaes não darem soldados nem concorrerem para as guerras com coisa alguma.

Mas tinham obrigação de, em tempo de guerra, defenderem o ponto da Portella do Homem das invasões dos gallegos e castelhanos, á sua custa.

Passa aqui o rio Homem, e n'esta freguezia se lhe junta, no sitio do Pontido, o ribeiro Fervêda ou Alfervêda.

Nos limites d'esta freguezia e da de Cibões, se sóme o rio Homem, uns 80 metros por baixo do chão.

A este *tunnell*, natural ou sorvedouro, se dá o nome de Pontido ou Rio Sêcco. (Vide Pontido.)

Esta freguezia está situada em umas collinas, sobre a Ribeira do Homem, d'onde se avistam a mesma Ribeira, até Villa Verde, e muitas vezes (em tempo claro) uma pequena orla do Oceano.

Corre-lhe o Homem ao N., e ha aqui, sobre elle, uma ponte de cantaria de um só arco, mas muito alto e firmado sobre dois rochedos.

Ao S. passa o Rio das Rodas, que é atravessado por uma ponte de alvenaria de dois arcos, em Cabaninhas.

Em um dos arcos tem a seguinte inscripção:

FUNDATA ANNO 1745.

Estes dois rios fazem a sua juncção na extremidade O. da freguezia, depois de a cercarem, fazendo d'ella uma peninsula.

É terra bastante fria no inverno, e mesmo no verão seu clima não é excessivamente quente; é, por isso, muito sádia.

Produz muito milho e castanha, algum centeio, vinho bastante, verde, e nos logares abrigados do N., azeite, laranja e optim fructa.

Tem esta terra muitas nascentes de excellente agua e bons pastios, em pequenos montados.

Foi digno parocho d'esta freguezia o illustrado sr. Manuel José Martins Capella, (agora foi despachado abbade de Painzella, em Basto). Este ecclesiastico, com a maior benevolencia me tem dado preciosos esclarecimentos sobre a sua freguezia e immediatas; pelo que lhe dou os mais cordiaes agradecimentos. Grande parte das descripções de antiguidades e inscripções dos marcos milliares romanos da célebre Geira, os devo a este benemerito parocho, que me forneceu, á custa de não pequeno trabalho seu, estimaveis apontamentos para as Terras de Bouro. Honra lhe seja.

CARVALHO—villa, Douro, concelho de Pena Cóva, comarca e 24 kilometros de Coimbra, 228 ao N. de Lisboa, 320 fogos.

Em 1757 tinha 224 fogos.

Orago Nossa Senhora da Conceição.

Bispado e districto administrativo de Coimbra.

Situada nas abas da serra do Carvalho, á qual se chama tambem serra do Cantaro. (Vide Cantaro, serra.)

O morgado do Carvalho, e depois os condes d'Oeiras, marquezes de Pombal, apresentavam aqui o prior, que tinha 200$000 réis.

Havia aqui proximo uma albergaria, chamada de Santo Antonio do Cantaro, com trez camas permanentes e com a obrigação de ter nos mezes de julho, agosto e setembro, um cantaro cheio de agua e um pucaro para se beber, na dita serra, á qual por isso se dá tambem o nome de Cantaro.

Na larga doação que D. Bartholomeu Domingues fez á Albergaria do Cantaro, junto á villa, em 1215, se determina que «todo o que fôr contra aquella doação, pague o dobro do damno que causar.»

Esta obra caritativa foi instituida por uma senhora de appellido Carvalho, que atravessando esta serra (do Carvalho ou do Cantaro) lhe morreu um criado á séde. Já se vê que é muito antiga, pois em 1215 já existia esta albergaria.

Esta senhora é ascendente dos actuaes srs. condes de Oeiras, marquezes de Pombal, por casar em Cernancelhe Diogo de Carvalho com D. Philippa de Seixas, filha e herdeira de João de Figueiredo e de Maria Seixas. O morgado do Carvalho foi instituido em 1178 por Domingos Feyo de Carvalho.

Era terra realenga e governava-se por um juiz ordinario e camara, confirmados pelo corregedor de Coimbra.

É terra pouco fertil.

A serra do Carvalho (ramo da Alcóba»

que é ramo da Estrella) é abundante de arvores e hervas medicinaes, e diz Grisley no seu *Herbolario*, que n'ella encontrára todas as hervas que Laguna descreve.

D. Manuel lhe deu foral em Lisboa, a 8 de junho de 1514.

CARVALHO—freguezia, Minho, comarca e concelho de Celorico de Basto, 40 kilometros a NE. de Braga, 365 ao N. de Lisboa 230 fogos.

Em 1757 tinha 88 fogos.

Orago S. Miguel, archanjo.

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

Era antigamente do termo de Villa Nova de Basto, comarca de Guimarães.

O abbade era apresentado alternativamente pelo papa e pelo arcebispo; tinha de renda 700$000 réis.

É terra muito fertil.

(Ha em Portugal mais 76 aldêias, além das descriptas, com o nome de *Carvalho*.)

CARVALHO D'EGAS—freguezia, Traz-os Montes, comarca de Moncorvo, concelho de Villarinho da Castanheira. 130 kilometros a NE. de Braga, 370 ao N. de Lisboa, 50 fogos.

Em 1757 tinha 45 fogos.

Orago Santa Catharina, virgem e martyr.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Bragança.

Situada em um valle.

O abbade de Villarinho da Castanheira apresentava aqui o vigario, que era collado. Tinha 10$600 réis, 22 alqueires de trigo e 2 almudes de vinho.

Tinha juiz da vintena, sujeito ao juiz ordinario da villa da Castanheira.

Produz centeio, trigo, vinho e castanha; do mais pouco.

CARVALHO D'ESTE—aldeia, Minho, freguezia de S. Julião de Covellas, comarca da Póvoa de Lanhoso, concelho de S. João de Rei, 15 kilometros a NE. de Braga, 360 ao N. de Lisboa, 16 fogos.

Uma guerrilha portugueza fez aqui um fogo violento e aturado contra as hordas francezas commandadas por Soult, em 19 de março de 1809. Tiveram porém de retirar, em vista da desproporção de forças do inimigo, que de mais a mais era gente perfeitamente armada e disciplinada.

Soult entra em Braga e a saquêia no dia seguinte (20).

CARVALHO D'ESTE—serra, Minho, comarca da Póvoa de Lanhoso. Principia nos logares da Botica e Pinheiro. Tem 6 kilometros de comprido e 3 de largo.

No alto d'ella, no sitio chamado Pena-Provincia, ha uma grande penedia, composta de dois grupos de rochedos, um ao E., chamado Matta dos Lobos, outro ao O. chamado Carvalho de Sancho.

É fria e ventosa, Em partes cultiva-se e produz milho, centeio, trigo, painço e algum vinho.

Ha n'ella a capella de S. Sebastião, á qual concorrem varios *clamores*, a 20 de janeiro.

Cria bastante gado e tem muita caça.

CARVALHO DE REI—freguezia, Douro, comarca e concelho de Amarante, 54 kilometros ao NE. de Braga, 355 ao N. de Lisboa, 100 fogos. Em 1757 tinha 52 fogos.

Orago S. Martinho, bispo.

Arcebispado de Braga, districto administrativo do Porto.

Pertenceu antigamente ao concelho de Gestaço, e á comarca de Villa Real.

Situada em alto d'onde se vêem algumas povoações.

O reitor de Santa Maria de Gondar, apresentava o vigario, que era collado, e tinha de renda 60$000 réis.

Produz centeio, milho e castanha; do mais muito pouco.

N'esta freguezia fica a Lagoa do Olho Marinho, ou Olheira.

Cria muito gado e seus montes teem muita caça.

CARVALHOS—aldeia, Douro, freguezia de Pedroso, concelho e 10 kilometros ao S. de Gaia, comarca e 10 kilometros ao S. do Porto, 300 ao N. de Lisboa, 200 fogos.

Esta povoação assente sobre a antiga estrada real do Porto a Lisboa, principiou a tomar grande incremento em nossos dias.

Com a nova estrada real a macadam (que aqui seguiu o leito da antiga) ainda mais prosperou e hoje está maior e mais bonita do que muitas villas do reino.

Tem muito bons edificios (grande parte novos) e uma extensa praça no centro, onde se faz uma grande feira de gado, ás quartas-feiras.

> Esta povoação estava topographicamente *talhada* para cabeça de uma comarca, das mais bem *arredondadas* de Portugal, e que já ha muito tempo estaria creada se os nossos governos cuidassem mais nos interesses geraes e menos nos pessoaes.

Para o mais que pertence a esta povoação vide Pedroso.

Ha em Portugal mais 18 aldeias d'este nome.

CARVALHOSA — freguezia, Douro, foi até 1855 da comarca de Amarante, concelho de Santa Cruz de Riba Tâmega, e desde então é da comarca e concelho de Marco de Canavezes, 48 kilometros ao NE. de Braga, 348 ao N. de Lisboa, 145 fogos.

Em 1757 tinha 76 fogos.

Orago S. Romão.

Arcebispado de Braga, districto administrativo do Porto.

Os frades dominicos de Amarante apresentavam o vigario, que tinha de Rendimento 60$000 réis e o pé d'altar.

É terra fertil.

Cria bastante gado, de toda a qualidade.

CARVALHOSA — freguezia, Douro, comarca de Santo Thyrso, concelho de Paços de Ferreira, 24 kilometros ao N. do Porto, 330 ao N. de Lisboa, 230 fogos.

Em 1757 tinha 215 fogos.

Orago S. Thiago, apostolo.

Arcebispado de Braga, districto administrativo do Porto.

Era antigamente do termo e comarca do Porto, concelho de Aguiar de Souza, visita de Souza e Faria.

Situada em uma elevação, d'onde se vêem as freguezias de S. Thiago de Figueiró, Santa Maria de Lamoso, S. Pedro Fins de Ferreira e S. João de Eiriz.

Os frades crusios do convento de Santa Maria de Landim apresentavam aqui o vigario, que tinha 10$000 réis, 30 alqueires de pão e o pé d'altar.

Produz milho grosso e miudo, centeio e algum linho.

Ha em Portugal mais 7 aldeias d'este nome.

CARVIÇÁES — freguezia, Traz-os-Montes, comarca e concelho de Moncorvo, 155 kilometros ao NE. de Braga, 385 ao N. de Lisboa, 300 fogos.

Em 1757 tinha 260 fogos.

Orago Nossa Senhora da Assumpção.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Bragança.

Chamava-se antigamente *Carcaçaes*. Era da mesma comarca, mas do termo da Villa de Mós.

Situada em um alto, com extensas vistas.

O abbade da villa de Mós apresentava aqui o vigario, collado, que tinha de rendimento 9$000 réis e o pé d'altar. Isto, segundo o padre Carvalho.

O *Portugal Sacro* diz que o vigario era da apresentação régia e tinha 100$000 réis.

Produz muito centeio; do mais pouco.

Tinha juiz pedaneo, sujeito ás justiças de Mós.

Dizem que a agua da Fonte do Gágo cura as febres intermitentes.

Ha n'esta freguezia varias e abundantes minas de ferro, parte das quaes se tem explorado, e dão optimo mineral.

CARVIDE — freguezia, comarca, concelho e 15 kilometros de Leiria, 144 ao NE. de Lisboa, 310 fogos.

Em 1757 tinha 282 fogos.

Orago S. Lourenço.

Bispado e districto administrativo de Leiria.

Situada em campina, com larga vista.

O ordinario apresentava o cura, que tinha 140$000 réis.

Produz muito milho e feijão; do mais pouco.

Corre proximo o rio Real.

No fim d'esta freguezia principia o famoso pinhal de Leiria, que tem 24 kilometros de comprido e 12 de largo, encostado ás praias do mar.

Este pinhal tinha antigamente guarda-mór, meirinho, escrivão e 40 monteiros. (Vide Leiria.)

Foi mandado semear por D. Diniz, em 1290. Ainda emprega bastante gente e anda bem administrado. Ha ahi uma fabrica do estado, para a extracção do alcatrão e outras substancias dos pinheiros.

Modernamente tem-se feito n'este pinhal muitas sementeiras do *pinus larix* e outras variedades do Norte da Europa, de muita estimação, pela optima qualidade das madeiras.

O pinhal de Leiria é uma boa fonte de receita para o estado.

CARVOEIRA—villa, Extremadura, comarca de Cintra, concelho da Ericeira até 1855, depois concelho de Mafra, comarca de Cintra, 24 kilometros ao NO. de Lisboa, 140 fogos.

Orago Nossa Senhora do Porto.

Era antigamente da comarca de Torres Vedras, termo de Cintra.

Situada em um alto, com boas vistas.

Esta freguezia formava parte da freguezia da villa de Cheleiros, da qual ficou annexa; pelo que, até principios d'este seculo, tinha obrigação de ir uma pessoa de cada casa da freguezia de Carvoeira, tres vezes no anno, (*Corpus Christi*, Natividade de Nossa Senhora e *Candeias*) á sua antiga matriz.

Todo o dizimo era da egreja de Cheleiros. Era *reguenga*.

Havia aqui uma capella de Nossa Senhora do Porto, que em 1570 (quando se separou de Cheleiros) foi elevada a matriz.

Os freguezes apresentavam o cura e lhe davam uma pipa de vinho, 100 alqueires de trigo e 20 de cévada.

Produz vinho, trigo, cevada e milho; do mais pouco.

Tinha juiz e almoxarife; juiz ordinanio e procurador, que com o escrivão faziam camara: todos eleitos pelos *homens da governança* e confirmados pelo senhor da terra.

Tinha o privilegio de se não fazerem aqui soldados, sob a obrigação de fazerem sentinella a um *facho* que estava na foz do rio (pelo perigo de poderem aqui desembarcar mouros.)

Passa pela freguezia o rio chamado Rio Grande do Porto, que n'esta freguezia desagua no mar.

Esta freguezia está outra vez annexa a Cheleiros.

CARVOEIRA ou **CAROEIRA**—freguezia, Extremadura, comarca e concelho de Torres Vedras, 40 kilometros a NO. de Lisboa, 330 fogos.

Em 1757 tinha 24 fogos.

Orago Nossa Senhora da Luz.

Patriarchado e districto administrativo de Lisboa.

Foi antigamente muito populosa; mas depois se foi despovoando, de modo que em 1757 apenas tinha 24 fogos. Hoje está mais povoada do que nunca.

Situada em um baixo.

A matriz tem 7 altares. O prior de S. Pedro, de Torres Vedras ,apresentava o prior *in solidum*. Tinha 4 beneficiados collados, da mesma apresentação. O prior tinha de renda 300$000 réis e cada beneficiado 30$000 réis.

Tinha 3 juizes de vintena, postos pelo senado de Torres Vedras.

É terra muito fertil.

CARVOEIRA—vide Carvoeiro, de Vianna do Minho.

CARVOEIRA—vide Carvoeiro, do concelho de Mação.

CARVOEIRO—vide Cabo Carvoeiro.

CARVOEIRO—aldeia, Douro, freguezia de Canedo, comarca e concelho da Feira, d'onde dista 16 kilometros a NO., 24 á E. do Porto, 300 ao N. de Lisboa, 100 fogos.

Situada na encosta da serra do seu nome, e sobre a margem esquerda do Douro.

Tem uma capella de Santo Antonio, particular.

É ponto muito commercial, pois aqui vem embarcar para a cidade do Porto grande parte dos generos que para alli exportam muitas freguezias da Terra da Feira, sobre tudo madeiras, lenhas, carvão, casca de carvalho e laranja.

Causa apertos do coração vêr que, apesar da continua concurrencia de gente, carros e béstas de carga, que do interior affluem a Carvoeiro, não tenha a camara da Feira dado impulso ás obras da estrada ha tanto tempo approvada pelas Obras Publicas; o que muito faria prosperar estas terras.

A actual estrada não é mais do que uma sequencia de barrancos e precipicios, por onde se passa sempre tremendo; mas, mesmo assim, como não ha outra, o transito é continuo, e muito mais seria se houvesse uma estrada que merecesse este nome.

A camara da Feira, que (de alguns annos para cá) tanto tem curado de obras publicas municipaes, se tem completamente esquecido d'isto (provavelmente por lhe ficar distante da villa, que se não aproveita d'esta via de communicação.)

Esta desgraçada estrada, arteria principal para a vida commercial dos povos que estanceiam a NO. da villa da Feira, só é lembrada em tempo de eleições.

—

Esta povoação tem mais de 1000 annos. Em 897, era da freguezia de Varzea de Carvoeiro, hoje extincta. (Vide Canedo, Varzea de Carvoeiro e Mosteirô de Canêdo.)

CARVOEIRO ou **CARVOEIRA**—freguezia, Minho, comarca e concelho de Vianna, 24 kilometros a O. de Braga, 108 ao N. do Porto, 378 ao N. de Lisboa, 200 fogos.

Em 1757 tinha 151 fogos.

Orago Nossa Senhora.

Outros dizem Santa Maria. Antigamente era Nossa Senhora da Assumpção. Tudo vem a dar na mesma.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Vianna.

É da casa de Bragança. (Vide Carbona.)

Situada ao pé do monte Padella, do qual se vê Vianna e o mar.

A egreja é a do mosteiro de frades bentos e o D. abbade apresentava o vigario, triennal, que era um frade do convento, que tinha 50$000 réis. Os dizimos eram dos frades e rendiam annualmente 500$000 réis.

Ao S. da freguezia passa o rio Neiva.

Ha n'esta freguezia o convento de Santa Maria de Carvoeiro, de monges bentos, fundado na éra de Cesar 923 (885 de Jesus Christo) por D. Payo Guterres.

Tinha o mosteiro umas doações regias, que lhe davam esta freguezia e a visinha, (S. Lourenço de Durrães) por couto, e eram os frades senhores de todos os maninhos do couto (das duas freguezias) que os davam ou tiravam a quem queriam, e quando queriam.

D. Payo Guterres, éra senhor absoluto do seu couto, e se alguem casasse sem sua licença, e sem lhe pagar certo tributo, perdia as suas casas e terras.

Terminava e sentenceava todas as duvidas e demandas, sem appellação nem aggravo, e se houvesse ferimento, era preciso licença do abbade, para o ferido ir querelar a Barcellos.

N'este mosteiro está sepultado Nuno Telho, sogro de D. Gomes Paes da Silva, filho de D. Payo Guterres. (Vide Cardiellos.)

É terra fertil.

CARVOEIRO ou **CARVOEIRA**—villa, Beira Baixa, comarca de Abrantes, concelho de Mação, 36 kilometros ao N. do Crato, 174 ao E. de Lisboa, 320 fogos.

Em 1757 tinha 178 fogos.

Orago S. João Baptista.

Patriarchado (por ser isento do Grão Priorado do Crato) districto administrativo de Santarem.

Era da comarca e ouvidoria do Grão Priorado do Crato *nulius diocesis*, provedoria de Thomar.

Em 1757 apenas tinha esta villa 15 fogos, e o resto da freguezia 163.

Situada na encosta de um monte; mas nada d'aqui se avista para outras freguezias, por estar cercada de outros montes mais altos.

Era da casa do infantado, que apresentava aqui o reitor, que tinha 60$000 réis.

Isto diz o padre Carvalho; mas o *Portugal Sacro* diz (e é o mais certo) que era apresentado pelo grão-prior, e tinha 100 alqueires de trigo, um cantaro de azeite, 10 almudes de vinho e 4$300 réis em dinheiro.

Tem Misericordia e hospital, instituida pelo padre Jorge Fernandes, reitor d'esta freguezia, no seculo XVII.

Produz azeite, mel, cêra, vinho, castanha: do mais pouco.

Tinha juiz ordinario e camara, de eleição popular e confirmados pelo ouvidor do Crato, sem sujeição a justiças d'outra terra.

Passa aqui a ribeira de Carvoeiro, que

nasce na serra de Bando Cimeiro, passa pela villa dos Envendos e morre na ribeira d'Eiras. Suas margens são cultivadas e arborisádas.

(Ha em Portugal mais seis povoações d'este nome, além das descriptas.)

Eram seus donatarios os grão-priores do Crato, por ser uma das 12 villas do grão-priorado.

CASA BRANCA—freguezia, Alemtejo, comarca e concelho da Fronteira, (até 1855, foi do concelho de Souzel) 40 kilometros de Evora, 105 a SE. de Lisboa, 340 fogos.

Em 1757 tinha 168 fogos.

Orago Nossa Senhora da Graça.

Arcebispado de Evora, districto administrativo de Portalegre.

É aqui a 12.ª estação do caminho de ferro do sul e sueste, e é entroncamento.

Era antigamente do termo e comarca de Aviz.

Situada em um valle d'onde se não vêem outras povoações.

A Mesa da Consciencia apresentava o capellão (por ser a freguezia da Ordem de Aviz) o qual tinha de renda 2 moios de trigo, 90 alqueires de cevada e 15$000 réis.

É terra fertil.

Passa aqui a ribeira chamada da Alfandega da Fé.

CASAES—freguezia, Beira Alta, comarca e concelho da Pesqueira, 35 kilometros de Lamego, 348 ao N. de Lisboa, 50 fogos.

Em 1757 tinha 27 fogos.

Orago S. Sebastião, martyr.

Bispado de Lamego, districto administrativo de Viseu.

Era antigamente *isento* do mosteiro de S. Pedro das Aguias, cujo abbade tinha aqui jurisdição episcopal *in solidum*. Era termo da villa de Vallenca do Douro e da comarca de Pinhel.

O abbade (bernardo) de S. Pedro das Aguias apresentava o vigario, que tinha 20$000 réis.

A antiga matriz, foi a que hoje é capella de Nossa Senhora da Annunciação. Ainda tem pia baptismal. Junto a esta capella se faz uma feira no dia da Senhora.

Fica esta freguezia nas margens do Rio Torto.

Fertil em cereaes, e muito sumagre.

CASAES—freguezia, Minho, comarca e concelho de Lousada, 24 kilometros ao NE. do Porto, 330 ao N. de Lisboa, 140 fogos.

Em 1757 tinha 103 fogos.

Orago S. Payo.

Bispado e districto administrativo do Porto.

Era antigamente da comarca e termo do Porto, concelho de Penafiel. Estava sujeita ás justiças de Lousada e ao ouvidor de Aguiar de Sousa.

O papa, a mitra e os crusios da Serra do Pilar, apresentavam alternativamente o abbade, que tinha de renda 300$000 réis.

Pelo meio da freguezia passa o ribeiro Mezío ou Amezío.

CASAES DA SOANNA—freguezia, Extremadura, comarca, concelho e 6 kilometros de Thomar, 138 ao NE. de Lisboa, 480 fogos.

Em 1757 tinha 370 fogos.

Orago Nossa Senhora de Roque Amador (vulgo *Reclamador*).

Patriarchado de Lisboa, districto administrativo de Santarem.

É da prelasía de Thomar.

Situada em um monte. Vê-se o convento de Christo de Thomar e varias aldeias.

A Mesa da Consciencia e Ordens apresentava, a concurso, o vigario (collado) que tinha 20$000 réis, dois moios de trigo, um de cevada, uma pipa de vinho e seis alqueires de azeite, menos meia canada. Tem coadjutor, da mesma apresentação, com 6$000 réis, 2 moios de trigo, mais 6 alqueires do mesmo, para hostias, 48 arrrateis de céra, meia pipa de vinho e 3 alqueires de azeite.

É terra fertil em cereaes; do mais medianía.

Antigamente chamava-se *Casaes da Soanda*.

CASAES—aldeia, Minho, comarca e concelho de Villa do Conde, freguezia de S. Miguel dos Arcos, 30 kilometros a O. de Braga, 330 ao N. de Lisboa.

Era antigamente da comarca de Vianna, termo de Barcellos.

Tem uma capella de Nossa Senhora da Conceição.

Junto d'esta aldeia ha um monte chamado do Castello, no qual, segundo a tradição, houve uma fortaleza mourisca. Proximo d'elle está outro chamado da Reguenga, no qual ha vestigios de uma estrada occulta, que ia dar ao rio Ave. Suppõe-se ser obra dos romanos.

Ha em Portugal mais 115 aldeias chamadas Casaes, além das descriptas.

CASAL ou **VILLA NOVA DO CASAL** — villa, Beira Baixa, comarca e concelho de Gouveia, 84 kilometros ao NE. de Coimbra, 270 ao NE. de Lisboa, 428 fogos.

Em 1757 tinha 247 fogos.

Orago Nossa Senhora da Assumpção.

Bispado de Coimbra, districto administrativo da Guarda.

O real padroado apresentava o prior, que tinha de rendimento 650$000 réis.

É terra fria, mas muito fertil, e povoação muito antiga.

D. Guilhelmo (senhor d'esta terra) lhe deu foral na era de 1220 (1182 de Jesus Christo) Dava-se então à esta villa o nome de *Villa Nova de Riba Mondego*, e era no termo da villa de Fulgosinho.

Este foral foi dado aos 30 povoadores d'esta sua herdade. Uma das suas clausulas, é a seguinte: — *Homines de Villa Nova non dent de Exaveaduras, nec raberiis*, etc.

Exaveaduras é o mesmo que *esverdaduras*, vide estas palavras.

CASAL D'ALVARO — villa, na freguezia de Espinhel, Douro, comarca e concelho de Agueda, 12 kilometros ao NO. de Aveiro, 262 ao N. de Lisboa, 35 fogos, na freguezia 340.

Orago Nossa Senhora da Assumpção.

Bispado e districto administrativo de Aveiro.

Tinha um foral muito antigo, sem data. (Está na Torre do Tombo, maço 1.º dos foraes velhos, n.º 8 e 9.) D. Menuel lhe deu foral novo (e a Bolfar) em Evora, a 20 de dezembro de 1519. Bolfar tambem tem uma sentença a favor dos seus moradores e contra João Alvares, de 9 de maio de 1504.

Chamava-se antigamente Casal, depois, por ser donatario d'aqui um fidalgo chamado Alvaro (de quem João Alvares era descendente) se chamou Casal d'Alvaro.

Hoje merece mais o nome de aldeia do que de villa; entretanto, como não ha lei ou decreto algum que lhe tirasse o seu antigo fôro, a dou como villa.

Para tudo o mais, vide Espinhel.

CASAL CINZA — freguezia, Beira Baixa, comarca, concelho e 9 kilometros da Guarda, 305 ao NE. de Lisboa, 160 fogos.

Em 1757 tinha 150 fogos.

Orago Nossa Senhora da Conceição.

Bispado e districto administrativo da Guarda.

O commendador de Malta, bailío de Oliveira do Hospital, apresentava o vigario, que tinha 5 moios de trigo, 8$000 réis em dinheiro e mais 600 réis para o vinho das missas.

Passa aqui a ribeira Pinhel.

É terra muito fertil.

CASAL COMBA — villa, Douro, comarca de Cantanhéde, concelho da Mealhada, 18 kilometros a NO. de Coimbra, 222 ao N. de Lisboa, 320 fogos.

Em 1757 tinha 77 fogos.

Orago S. Martinho, bispo.

Bispado de Coimbra, districto administrativo de Aveiro.

Foi antigamente do termo e comarca de Coimbra e era dos bispos d'esta cidade, e seu couto.

O ordinario apresentava o prior, que tinha 200$000 réis de rendimento.

Tinha camara, juiz ordinario, escrivães, etc.

Corre aqui o rio Certoma. É terra fertil e produz optimo vinho chamado da Bairrada.

D. Manuel lhe deu foral, em Lisboa, a 12 de setembro de 1514. Serve para Antas, Landeosa, Mainel, Pedrulha, Silva e Vimieiras. Hoje está reduzida a aldeia.

CASAL DO ERMO (outros dizem d'*Ermío*) — freguezia, Douro, comarca e concelho da Louzan, 18 kilometros a NNO. de Coimbra, 204 ao N. de Lisboa, 85 fogos.

Em 1757 tinha 47 fogos.

Orago Santo Antonio.

Bispado e districto administrativo de Coimbra.

Era antigamente do termo da Louzan, comarca de Coimbra, ouvidoria de Monte Mór Velho.

Foi até 1759 dos duques de Aveiro, ficando depois para a corôa.

É annexa á collegiada da Louzan, cujo parocho apresentava aqui o cura, que tinha 40$000 réis.

É terra muito fertil, cria muito gado e tem muita caça.

Passa aqui o rio Ceira, que réga e móe.

Esta freguezia denominava-se antigamente *Casal de Ermíjo* (ou *Ermígio*) depois se chamou *Casal do Ermo*, e hoje, officialmente, se chama *Casal d'Ermío.*

Julgo que seria mais etymologico como os antigos escreviam—Ermígio—que é nome proprio de homem; talvez algum assim chamado, notavel no seu tempo, désse o seu nome a esta freguezia, ou ella tivesse principio no casal de algum individuo chamado Ermígio.

CASAL DE FOGO e **LOGO**—vide Logo.

CASAL DE LOIVOS—freguezia, Traz-os-Montes, comarca de Alijó, concelho de Favaios, 95 kilometres ao NE. de Braga, 355 ao N. de Lisboa, 130 fogos.

Em 1757 tinha 76 fogos.

Orago S. Bartholomeu, apostolo.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Villa Real.

Era antigamente da comarca de Villa Real.

Foi villa e couto, extinctos.

Situada em um alto, proximo do rio Pinhão.

O abbade de Goivães apresentava aqui o vigario, que tinha 40$000 réis.

Corre proximo, ao S., o rio Douro. D. Affonso III lhe deu foral, pelos annos de 1260 (sem data) Franklim não o menciona.

CASAL DE MONTARÍA—o que pagava fôro de caça do monte, ou cujo emphiteuta ou colono, era obrigado a hir á montaria, quando fosse chamado pelo rei.

CASAL DO MONTE—vide Queiriz.

CASAL DE MONTINHOS—vide Mezão Frio, de Traz-os-Montes.

CASAL DE VASCO e **RAMIRÃO**—freguezía, Beira Baixa, comarca de Celorico da Beira, concelho de Fornos de Algodres, 30 kilometros ao E. de Viseu, 300 a NE. de Lisboa, 110 fogos. Em 1757 tinha 59 fogos.

Orago Santo Antonio.

Bispado de Viseu, districto administrativo da Guarda.

Era antigamente do termo de Algodres, comarca de Linhares.

É do infantado.

O vigario de Santa Maria d'Algodres apresentava aqui o cura (de Ramirão), que tinha 6$500 réis de congrua e o pé d'altar.

Situada em campina, ao N. da serra chamada Raza. Produz milho, centeio, castanha e trigo.

Todo o mundo sabe o que é casal. Vasco, é talvez o nome do que povoou este logar, ou d'elle foi senhor. Ramirão é augmentativo do nome proprio de homem, Ramiro. Algum Ramiro d'aqui, notavel por suas riquezas, forças ou coragem, deu o nome á freguezia.

Os antigos portuguezes accrescentavam o *ão* ao nome do que se distinguia em qualquer d'aquellas cousas. D'aqui, Cesarão, Almeidão, Vascão, Numão, etc.

Ramirão foi freguezia independente, até ao fim do seculo passado. Tinha por orago S. Sebastião, martyr, e compunha-se de 31 fogos.

O *Portugal Sacro e Profano*, só traz esta freguezia. É provavel que ainda não existisse a de Casal de Vasco. Hoje formam ambas uma só freguezia.

Ha mais em Portugal 559 aldeias chamadas do Casal, além das nomeadas.

CASAR e **CASARES**—é o mesmo que Casal e Casaes. Casal é uma propriedade composta de casas, campos, hortas, pomares, etc., que póde sustentar uma familia e (pelo menos) uma junta de bois e um rebanho de ovelhas. Vem de casa.

Tambem se diz *um casal*, por marido e mulher, *um casal de pombos*, *um casal de patos* (todos estes tres casaes de differente especie, vem por fim a sêr uma e a mesma cousa).

Ao sul do reino dão tambem ao casal o nome de monte ou herdade.*

—

Em 1258, fez seu testamento D. Chamôa Gomes, e n'elle deixa grandes e valiosos bens ás donas da ordem de S. Damião e de S. Francisco, assim como ás da cidade de Rodrigo e ás de Entre Ambos os Rios. Tambem deixa ao mosteiro de Salzedas nove *casares*, para que os frades *non seguem em o verão.*

Os frades antigamente roteavam os matagaes, bréjos e charnecas, que os reis e os particulares lhes davam; construiam as suas habitações e utensilios domesticos; cosinhavam; segavam e malhavam os seus pães; vindimavam, faziam e envasilhavam o seu vinho; finalmente, não só faziam todo o serviço pertencente á agricultura e colheita de fructos, como fazem os lavradores, mas tambem eram pedreiros, carpinteiros, tanoeiros, etc., de modo que alguns dos primeiros conventos (e ainda muito tempo depois de constituida a monarchia portugueza) eram feitos desde a sua primeira pedra até á sua total conclusão, só e exclusivamente pelos frades e seus escravos, se os tinham.

Já se vê que isto trazia necessariamente muita relaxação na regra. Os frades indo ás malhadas, vindimas, linhares, apanhas de azeitona, etc., juntavam-se com o povo, do que, ás vezes resultavam desordens.

Foi por isto que o povo via de má vontade que os frades fossem a estes serviços. E foi tambem pela mesma razão que muitos dos doadores aos conventos, lhes deixavam seus legados com a condição expressa de não *segarem malharem, vindimarem*, etc.

Em 1254, fez testamento a illustre senhora D. Orraca Fernandes, que vivia na sua quinta de Moz, junto a Bretiandi, e era viuva de D. João Garcia, escolhendo para sepultura o mosteiro de Tarouca. Entre varias cousas que testa aos frades d'este convento, lhes dôa dois *casares* e uma vinha (para *pitanças*). E se tudo isto não chegar, se supprа pelas rendas de Cabanões. (Cabanões é onde teve principio a actual villa de Ovar, e onde está a estação do caminho de ferro do norte, vulgarmente e até officialmente, chámada estação de Ovar.)

Em 1503, deu o rei D. Manuel licença ao abbade de Maceiradão, para comprar para o seu mosteiro 300$000 réis de bens de raiz, em Figueiredo de Cêa; pois o dito abbade lhe expoz que, *de muitos annos atraz*, não tinham alli havido mais de dois até tres monges, que escassamente se podiam manter, pelas poucas rendas do seu *casar*.

CASARES—freguezia, Traz-os-Montes, comarca e concelho de Vinhaes, foi do concelho de Santalha, 44 kilometros ao N. de Lisboa

Bispado e districto administrativo de Bragança.

Orago Santa Cecilia.

Em 1757 tinha 24 fogos.

Foi antigamente do termo de Vinhaes, comarca de Miranda.

Eram seus donatarios os condes d'Atouguia.

Situada em uma ladeira fragosa. O reitor de Santa-Valha apresentava aqui o cura, que tinha 25$000 réis.

Este cura tambem era parocho da freguezia de Cerdêdo, sua annexa, e dizia missa alternativamente nas duas freguezias.

Produz centeio, vinho, castanhas e fructa.

Situada proximo da raia.

Esta freguezia e as de Cerdêdo, Carvalhás, Landêdo e Villarinho das Touças, estão hoje unidas á de Montouto. (Vida Moutouto.)

Para a etymologia vide Casar.

CASAS — freguezia, Traz-os-Montes, comarca e concelho de Chaves, foi até 1855 do concelho de Monforte do Rio Livre, 468 kilometros ao N. de Lisboa, 50 fogos.

Bispado de Bragança, districto administrativo de Villa Real.

Orago Santa Marinha.

Em 1757 tinha 47 fogos.

Era antigamente da comarca da Torre de Moncorvo, termo de Monforte.

Situada junto á serra de Cabellinhos, en-

tre duas ribeiras que vão desaguar ao Tâmega.

O abbade de Monforte do Rio Livre, apresentava aqui o cura, que tinha 40 alqueires de centeio, dois de trigo, 2 almudes de vinho e oito mil réis em dinheiro, e mais um alqueire de centeio d'offerta, de cada freguez.

É terra fertil. Cria muito gado, pois tem muito bons pastos.

Produz muita lenha e tem bastante caça.

Esta freguezia, com outras, estão annexas á de Aguas-Frias, formando uma só freguezia de 280 fogos.

CASAS DO RIO antigamente **CASAS DO REI**—freguezia, Beira-Baixa, comarca e concelho de Celorico da Beira, 18 kilometros da Guarda, 300 a NE. de Lisboa.

Bispado e districto administrativo da Guarda.

Orago S. Marcos Evangelista.

Em 1757 tinha 38 fogos.

Era antigamente do termo de Celorico, mas da comarca da Guarda.

Situada em um valle, entre vinhas e olivaes, proximo ao Mondego. D'aqui se vê Celorico e as aldeias da Ratoeira, e Aldeia da Serra.

Os priores de S. Martinho e de Santa Maria, de Celorico, apresentavam alternativamente o cura, que tinha 20$000 réis e o pé d'altar.

É terra bastante fertil.

Esta freguezia está annexa á da Ratoeira, cujo orago é S. Sebastião. Vide pois Ratoeira.

CASCAES—aldeia, Vide Cadafaes.

CASCAES—villa, Extremadura, comarca de Cintra, situada na costa do Oceano, 27 kilometros a O. de Lisboa, 400 fogos em duas freguezias (Santa Maria ou Nossa Senhora da Assumpção e Ressurreição de Christo.) Hoje só tem uma freguezia (Nossa Senhora da Assumpção) pela razão que adiante se diz. 1:600 almas. No concelho 1:700 fogos.

Patriarchado e districto administrativo de Lisboa.

Em 1754 tinha a freguezia da Ressurreição 250 fogos e a de Santa Maria (ou Senhora da Assumpção) 536 ao todo 760. Em um seculo tem diminuido a sua população quasi metade!

Arruinada a egreja da Ressurreição, em 1755, existe desde então sómente a de Nossa Senhora da Assumpção, que reuniu ambas as invocações e os parochianos das duas; as quaes, com a de S. Vicente d'Alcabideche e S. Domingos de Rana, formam o actual concelho de Cascaes.

É praça d'armas maritima (12 kilometros ao N. da torre de S. Julião da Barra e 12 ao SO. de Cintra.) Defendida por um castello e dois fortes, feitos com toda a solidez.

Tem no castello quarteis para 5:000 homens de todas as armas, hospital, capella (Nossa Senhora da Victoria) duas grandes cisternas, fossos e contramuralhas: álem d'isto, tem seis fortes ao longo da praia. Proximo fica o forte da Senhora da Luz, com um pharol. (Vide adiante.)

A sua barra é das mais seguras das costas de Portugal, em occasião de tormentas.

O terremoto do primeiro de novembro de 1755, fez aqui grandes estragos, demolindo muitas casas; arruinou as fortalezas, os quarteis militares, o palacio dos marquezes de Cascaes, as duas egrejas matrizes e os conventos da Piedade e Santo Antonio do Estoril.

O mar, sahindo do seu leito, arremeçou os barcos da bahia ao Alto-do-Pôço-Velho, a maior eminencia da villa!

Mais de 300 pessoas pereceram n'este cataclysmo. O povo fugiu todo para a capella da Senhora da Conceição dos Innocentes, collocada em uma pequena peninsula ao E. da villa, a qual, parecendo que devia ser a a primeira submergida pelas ondas, foi por ellas respeitada, e os que alli se abrigaram, poderam escapar á morte. O povo, em acção de graças, faz todos os annos uma grande solemnidade a esta Senhora.

Cascaes está na latitude de 38° 41' 0" e na longitude de 6° 27' 12" a O. de Greewich. Está situada na costa que corre desde o Cabo-Razo até ao seu assento. D'alli até á Pombeira, é toda a costa formada de rochedos a pique, sendo aqui situados os fortes abandonados de S. Jorge e da Guia, e

collocado n'este, o pharol da Guia. Dobrando a ponta S. para NE. começa a linda enceada, ou bahia, de Cascaes, com 40 a 44 metros d'altura.

Junto a esta villa está o pharol de Nossa Senhora da Guia (ao pé da capella d'esta Senhora.)

Tem 16 lumes e avista-se a distancia de 24 kilometros. Foi construido em 1761.

Cascaes tem marquez. Foi quartel de um regimento de infanteria, desde 1814 até 1834 (era o 19.)

Ha no seu termo minas de carvão fossil, pedreiras de bom marmore e pedras lithographicas.

—

Aqui desembarcou em 1580 o duque d'Alba, general do usurpador Philippe II, com um numeroso exercito de castelhanos. Os nossos se defenderam heroicamente por espaço de 2 horas; mas, tendo um traidor aberto uma das portas do castello, por ella entraram os castelhanos. O bravissimo e leal capitão d'Africa, D. Diogo de Menezes, era governador da praça, por D. Antonio I. Foi feito prisioneiro e poucos dias depois degolado em um patibulo levantado no meio da praça! Foi esta a primeir a victima do cruel usurpador.

Aqui embarcou para a Inglaterra, em 1589, D. Antonio, prior do Crato, com o exercito auxiliar inglez. (Vide Ericeira.)

Apesar do estado de ruina e inutilidade em que estão as suas fortificações (como todas do reino, menos Elvas) ainda é considerada praça de guerra, e como tal tem governador, tenente-rei, e uma grande caterva de officiaes adidos e agregados. O que não tem são soldados!...

Com a sahida do regimento de linha d'esta villa, ella decahiu muito, da sua antiga prosperidade e está hoje muito pobre, comparado com o que foi em melhores tempos.

Não se sabe a data da fundação d'esta villa, nem quem foi o seu fundador. É todavia muito antiga, pois já no tempo dos romanos existia e era povoação importante, com o nome de Cascale, de que o actual é corrupção.

Bluteau cáe em êrro manifesto dizendo que Cascaes foi fundada pelos annos 1540, e dando por origem ao seu nome as cascas d'aroeira, que, postas de môlho, davam a tintura para as rêdes, e que ás tinas em que se punham de infusão, chamavam casqueiros e os pescadores perguntavam uns aos outros «Encascaste já?« e que d'isto se fez Cascaes! Nem merece refutação esta puerilidade. O que prova completamente contra Bluteau, é o foral de Cascaes, dado por D. Manuel, no principio do seculo XVI quando já Cascaes era villa havia muitos annos. Ainda mais. Cascaes já era villa no principio da monarchia, pois que D. Affonso I, lhe deu foral em 1159, que seu filho reformou, em 1189. Adiante tratarei mais circumstanciadamente d'estes foraes.

É terra muito sádia, muito abundante de peixe, optimo vinho e algum azeite, muito bom trigo e cevada.

Tem um soffrivel theatro.

Foi antigamente da comarca de Torres Vedras. Eram seus donatarios os marquezes d'aqui.

A egreja da Ressurreição de Jesus Christo, tem 9 altares. O cura era apresentado pelo patriarcha e tinha um moio de trigo e uma pipa de vinho, pago pelos donatarios. Havia n'esta freguezia um hospicio de frades capuchos arrabidos, na serra de Cintra, e, fóra da dita serra, um convento de frades recoletos franciscanos, da provincia do Algarve. N'esta freguezia está a Misericordia e seu hospital, fundado pelo povo em 1551.

A egreja da Misericordia era originariamente uma capella de Santo André. As primeiras rendas que teve, vieram do hospital de lazaros e gafos, que então se achava no logar de S. Pedro de Penaferrim, e que tinha sido instituido por D. Leonor, mulher de D. João II.

As rendas d'este hospital, foram divididas metade para a Misericordia de Cintra e metade para a de Cascaes. Adiante trato do hospital.

—

No sitio do Estoril, a uns 800 metros da villa, está a capella de Nossa Senhora do Pópulo e as célebres caldas d'Estoril. São sulphureas (Vide adiante)

Pela praia tem esta villa seis fortes, como já disse.

Dentro dos muros da villa, está a egreja matriz de Nossa Senhora da Assumpção. O patriarcha apresentava o reitor, que tinha 300$000 réis.

Em 1754 tinha 536 fogos.

Tambem era apresentada pela mitra a egreja da Ressurreição, e o cura tinha 25:000 réis e o pé d'altar. Esta freguezia tinha em 1754 250 fogos. Hoje só existe a matriz de Nossa Senhora da Assumpção, e é a unica parochia da freguezia, pois que a da Ressurreição de Jesus Christo foi destruida pelo terremoto e nunca mais foi reparada.

Para o posto semaphorico de Nossa Senhora da Guia dava o rei, antes de 1834 uma pipa de azeite por anno; mas o pharol só se accendia desde novembro até ao fim de março.

Tem uma bonita praça de touros, que foi construida em 1873, e que foi inaugurada em agosto d'esse anno.

Tem tambem um bom theatro, denominado Gil-Vicente.

É patria do célebre e intrepido piloto Affonso Sanches que em 1486 descobriu a America: muito antes que alli aportassem Americo Vespucio, Colombo, Cadamosto, Emo, Caboto etc. etc. (Sobre este ponto vide Memorias Historicas de João Cardoso da Costa, Chorographia Brazileira.)

Affonso Sanches, navegando para as Indias orientaes, em uma caravella, foi impellido por uma violenta tempestade para a America septentrional. Arribando, na volta, á ilha da Madeira, com tres ou quatro marinheiros apenas, todos quasi mortos dos grandes trabalhos da viagem, alli falleceram. Sanches morreu em casa do seu amigo e collega Christovão Colombo (piloto genovez, que se tinha casado e estabelecido na Madeira).

O diario nautico do navegador portuguez ficou em poder de Colombo, que, guiado por elle *reachou* a America, em 1492.

—

Tinha foral velho, dado por D. Affonso I, em 9 de janeiro de 1154, confirmado por D. Sancho I, em 1189.

D. Manuel lhe deu foral novo, em Lisboa, a 15 de novembro de 1514. Este foral serve tambem para Villa Nova (hoje Aldeia Nova). (Torre do Tombo, maço 1.º de foraes antigos, n.º 2; livro 2.º dos proprios das rainhas, fl. 41, v.; livro de foraes novos da Extremadura. fl. 102, col. 1.ª)

O primeiro marquez de Cascaes foi D. Alvaro Pires de Castro (6.º conde de Monsanto) feito por D. João IV, em 19 de novembro de 1643. Para a genealogia dos marquezes de Cascaes, vide Guarda, artigo *Barbadão.*

O marquezado de Cascaes, acha-se ha muitos annos unido ao marquezado de Niza.

Em março de 1871, um pescador d'esta costa, disse ao sr. Barruncho (administrador do concelho) que na *Boca do Inferno,*—um dos sitios mais predilectos dos banhistas—havia umas grandes aberturas nas rochas, cujo interior parecia forrado de bocados de jaspe.

O sr. Barruncho decidiu ir examinar o sitio, para ver se poderia servir de refugio a malfeitores.

Antes de atravessar a ponte, para descer á Pombeira, do lado esquerdo, e na altura de 9 a 10 metros acima do nivel do mar, viu uma grande abertura, para a qual só pôde descer com ajuda de cordas. Na concavidade que ao E. e O. é defendida por grandes massas de rochedos e que tem ao S. o Occeano, encontrou cinco ou seis grutas, que apresentam uma bellissima vista, pois são todas forradas e tapetadas por poderosas camadas de stalactites e stalagmites, na sua maxima perfeição.

A maior das grutas póde conter 10 a 12 pessoas e as outras 7 ou 8.

Como as seis grutas ficam perto da Pombeira (para onde ha já um excellente caminho) é facil e pouco dispendiosa a factura de uma communicação para ellas. Se as auctoridades não pozerem cobro a isso, em poucos dias, os vandalos do seculo XIX esmigalharão e roubarão estas curiosidades geologicas, como fizeram em Marvão e outras partes.

A Bôca ou Gruta do Inferno, é um antro medonho por onde entra o mar com fragor estrondoso, rugindo e fervendo lá dentro

como se fosse a fabulosa *caldeira de Pero Botelho.*

—

Faz-se aqui todos os annos uma esplendida procissão á rainha Santa Isabel (mulher de D. Diniz) de quem o povo d'esta villa é muito devoto. Antigamente era feita á custa da camara; mas, como esta se fosse desmaselando no cumprimento d'esta solemnidade, tomou a Misericordia a seu cargo fazel-a, o que cumpre com sollicitude.

Antigamente era obrigada uma pessoa de cada casa, da villa e termo, a concorrer a esta procissão.

Uma postura da camara, feita em 1593, com respeito a esta solemnidade, dizia assim:

«*Convem a saber, de cada casa uma pessoa, e faltando, pagará 50 réis, para o concelho e accusador, e não serão môços nem môças, senão homens e mulheres; e os homens levarão capas e as mulheres, seus manteus.*»

—

Se n'esta villa existiram alguns edificios ou monumentos de remotas eras, foi tudo destruido pelo nefasto cataclysmo do 1.º de novembro de 1755.

O objecto existente, julgado mais antigo d'esta villa, é uma palmeira famosa, que está no quintal da sr.ª D. Feliciana Reicha Coutinho, situado junto ao rio que atravessa a villa, e pertença da casa d'esta senhora, na rua mesmo chamada da Palmeira.

Lineu lhe chamou *princeza do reino vegetal.* Tem 23 metros da altura e 4^{m},50 de circumsferencia, na base. Está muito bem conservada.

Segundo a tradição, vindo D. Affonso I de tomar Mafra e o forte castello de Cintra, aos mouros (1147) e fazendo aqui o seu quartel, para cercar Lisboa, descansou e comeu á sombra d'esta palmeira.

Dizem alguns que o rei que descansou e comeu á sombra da palmeira, *depois de tomar Cintra,* etc., foi D. Sancio I. Não foi tal. D. Sancho I ainda então nem era nascido. Este principe viu a luz do dia (d'ahi a 7 annos) em Coimbra, a 11 de novembro de 1154.

—

É formosa a posição de Cascaes, estanceando na costa do Oceano, com elegantes casas modernas, e agradavel clima. É abrigada do N. pela pittoresca Serra de Cintra, e em communicação com Lisboa por uma bella estrada a macadam.

Antes de pouco tempo tornar-se-ha o passeio predilecto dos lisbonenses e de muitos viajantes estrangeiros, pois que a companhia dos caminhos americanos de Lisboa, vae prolongar esta facil e commoda linha até Cascaes, o que lhe foi concedido pelo governo, em janeiro de 1874.

Corta esta povoação pelo meio, um pequeno rio, atravessado por duas pontes. Chama-se vulgarmente Rio da Villa (e é o nome que lhe dá o foral.) Nasce na Serra de Cintra e entra aqui no mar.

Tem um bom passeio publico, praça principal, onde está a casa da camara e tribunal do juiz ordinario e cadeia. É este um edificio de solida construcção e muito bem conservado.

Não tem edificio para as repartições da administração do concelho e fazenda, que estão em casas de aluguer, na rua das Flores.

Ha na villa um posto fiscal da alfandega e outro dos pilotos da barra.

É porto de mar de 1.ª classe.

Tem duas estações telegraphicas, electrica e semaphorica.

Divide-se em 28 ruas, 13 travessas, 4 bêcos, 12 largos, 3 calçadas, 2 caminhos e 2 altos.

—

Entre as differentes escólas de instrucção primaria que ha no concelho, citarei a particular, do sexo masculino, na freguezia da Assumpção. É sustentada á custa do proprio professor, o benemerito e illustrado presbytero, o sr. José Maria Loureiro, que fornece casas para a aula e ensina gratuitamente os que se querem aproveitar d'este louvavel beneficio. Honra lhe seja.

Cascaes pertenceu antigamente á comarca de Alemquer, depois á de Torres Vedras e actualmente pertence á de Cintra.

—

Em 1712 era o termo de Cascaes formado pelas povoações seguintes:

Alcoitão, Alvide, Cabreiro, Ribeira de Penha Longa, Malveira, Almuinhas Velhas, Areia, Murches, Cobre, Rio Dôce, Birre, Tiris, Caparide, Murtal, Alapraia, Galliza, Samarra, Manique de Cima, Manique de Baixo, Douroana, Bicessi, Páo Gôrdo, Carcavellos, Sassoeiros, Torre da Guilha, Parêde, Revêlha, Albarráque, Portas de Manique, Trajousse, Axfamil, Outeiro, Roeio, Reguengo a Par de Oeiras, Zambujal, Cóvas, Cerradas e Cabra Figa.

Ainda hoje comprehende os mesmos, menos Manique de Cima, Reguengo a Par de Oeiras e Cabra Figa.

Como alguns dos nomes d'estas povoações são arabes, ou portuguez antigo, julgo aproposito dar aqui as suas significações. Eil-as:

Alcoitão, ou *Alcoutão*—é a palavra arabe *Alcoton*, significa algodão.

Almuinha—não é arabe, mas portuguez antigo, significa horta, pomar, etc. (Vide Almuinha.)

Murtal, *Murteira* e *Murtoza*—é tambem portuguez antigo. Significa logar onde ha abundancia de murta.

Samárra—portuguez antigo, ainda usado na Beira Baixa, significa pelle.

Douroana—é provavelmente corrupção de Ouroanna, ou Oroanna, nome proprio de mulher, no antigo portuguez. (Vide Obidos.) Talvez que a este logar se chamasse antigamente *Aldeia d'Ouroanna*, que com facilidade se corrompia ou abreviava em Douroana.

Carcavellos—portuguez antigo, diminutivo do *cárcava*, ou *cárcova*, significa fosso ou cova, etc. (Vide Cárcova.)

Albarraque—segundo alguns, *Albarraque* é alcunha de homem arabe, significa o leproso, derivado de *albarrás*, lépra. Frei João de Sousa, diz que Albarraque, é, sem corrupção, palavra arabe, que significa cousa brilhante, etc. (Vide Albarraque, vol. 1.º)

Reguengo—uma especie de couto, cujo senhorio era o rei. (Vide esta palavra.)

Cerrada e *Cerrado*—portuguez antigo, propriedade murada, ou cercada de parede ou valla.

—

O territorio de Cascaes é muito salubre, e grande parte das suas aguas potaveis gosam a fama de adstringentes e proprias para a cura da dôr de pedra e areias. A agua do Pôço Velho, aberto em rocha, é de boa qualidade e fornece grande parte da villa.

Junto á villa, na Guia, ha duas curiosas fontes de excellente agua, que rebentam de uma grande fraga, contigua ào Oceano. Uma d'ellas é coberta pelo mar, nas enchentes; mas ás vezes rebenta com tal força, que se separa da agua salgada.

As Aguas da Pôça, são assim chamadas, por estarem em uma baixa, junto ao sitio da Cadaveira, á esquerda da estrada de Lisboa, e a quasi 3 kilometros da villa, são tambem mineraes. Ha aqui uns banhos, pertencentes á Misericordia, de Cascaes. São uteis para a cura do rheumatismo, paralyzias, escrophulas e varias molestias cutaneas.

A composição chimica d'estas aguas é muito similhante ás do Estoril.

Segundo o sr. Barruncho (*Apontamentos para a historia da villa e concelho de Cascaes*) a analyse das aguas thermaes da Pôça dá o seguinte resultado.

(Esta analyse é dos srs. J. D. Correia e F. M. C. Leal.)

Em 5:000 gram. (14 lib. e 5 onças) contem:

Gaz acido carbonico	12.ce
Ar atmospherico	108.ce
Chlororêto de sódium	11gr,429
» de calcium	0,7
» de magnesium	1,89
Carbunato de cal	0,98
» de magnesia	0,5
Sulphato de cal	1,02
» de magnesia	1,39
Silica	0,2
Materia organica	0,1
Oxido de ferro	0,2
Substancia gorda	0,04

Na Exposição Universal de Pariz, de 1867, foram estas aguas competentemente analysadas. Do relatorio official consta a respeit d'esta nascente o seguinte: (Traducção.)

Nascente da Pôça de Estoril

Este manancial rebenta á beira-mar, ao lado da estrada que de Lisboa conduz a Cascaes. O estabelecimento dos banhos está collocado tão perto do mar, que a agua salgada aqui entra algumas vezes no inverno, apesar dos altos muros que se construiram para o evitar.

As propriedades e a composição d'esta agua são quasi identicas ás de Estoril. Sua temperatura é de 27°C, no reservatorio, e um pouco inferior nas banheiras. A evaporação de um kilogramma de agua, fornece um residuo fixo do pêso de 3gr,11, que é exactamente formado dos mesmos saes e principios fixos da agua de Estoril.

As caldas de Estoril, tão justamente célebres, nascem na quinta de que actualmente é proprietario o sr. João Antonio Vianna.

Já d'ellas trata Jorge Cardoso, no seu *Aquilegio Medicinal*. Diz elle:

«Na quinta chamada do Estoril, está um «tanque, em cujo fundo nascem tres olhos «d'agua, que ao romper da manhã está mor«na e pelo dia adiante se põe menos fria que «qualquer outra agua commum. Corre por «mineraes de algum enxofre e por muito sa«litre e muita caparrosa; o que manifesta«mente nos constou, tirando-lhe o sal, em «que achamos bastante salitre e maior copia «de vitriolo.

«São muito uteis estas aguas nas paraly«sias, nos rheumatismos, nas convulsões, na «gôta *arteliar*, nas hydropesias quentes, flu«xos mensaes immodicos, nos hipochondrios «do ventre e do útero, e, finalmente, para «todas as queixas espurias e de calor, o que «nos consta por muitas experiencias, algu«mas proprias, outras de varias pessoas, e «particularmente do dr. Paulo Dias Policão, «medico da villa de Cascaes, de que temos «vinte e tres observações, de differentes ata«ques, remediados felizmente com estes ba«nhos, etc.»

Analysádos competentemente na Exposição Universal de Paris, em 1867, extrahi do relatorio original francez o seguinte:

Nascente thermal de Estoril

Este manancial é mais importante e melhor situado do que os dois outros (Pôça e Santo Antonio.) Rebenta a 200 metros, aproximadamente, distante do mar, sobre a vertente de uma pequena collina, onde está o estabelecimento dos banhos. A agua é limpida e crystalina, levemente salgada e inodóra.

Tem no aqueducto a temperatura de 28°c., diminuindo um a dois gráos nas banheiras, que são vastas, porém mal dispostas.

Um kilogramma d'esta agua, contem 3gr,570 de principios fixos. Estes são chlororêtos de sodium, potacium, magnesia e calcium. Sulphatos de cal e sulphatos e carbonatos de magnesia e silica.

Nascente de Santo Antonio do Estoril

Estas aguas mineraes tambem foram analysadas na Exposição Universal de Paris, em 1867. Eis o resumo do relatorio official, dado alli então pelos chimicos: (Traducção.)

Esta agua rebenta do fundo de um pôço, na cêrca do antigo convento de Santo Antonio do Estoril, a 200 metros, pouco mais ou menos, das precedentes. É menos mineralisada do que as outras duas, tendo por kilogramma, 1gr,174 de principios fixos, que são: chlororetos de potacium, sodium e calcium. Sulphato de cal, carbonatos de cal e de magnesia e silica.

Ha no concelho minas de carvão fossil, que já foram exploradas em 1799 e abandonadas em 1802. Ficam junto ao mar e proximo do Estoril.

Em Alcabideche, d'este concelho, ha uma mina de oiro. Diz-se que foi explorada em 1517; mas que, por ser pobre, se abandonou em 1520.

Ha tambem no termo alguns jazigos de ferro e pyrites de ferro, mas pobres.

Em todo este concelho ha abundancia de marmores, pelo que muitas pessoas d'aqui se empregam nas pedreiras, tirando e lavrando pedra, e conduzindo-a para diffe-

rentes localidades (a maior parte para Lisboa.)

Actualmente (1874) estão em exploração 26 vastas pedreiras que, desde 1868 tem produzido mais de 14:000 metros cubicos de pedra.

Diz-se que na Torre da Guilha, houve uma pedreira de bello marmore vermelho. (Vide S. Domingos de Rana.)

—

A bôcca do inferno

Não pósso resistir a fazer aqui uma repetição, transcrevendo (com a devida venia) a bella descripção que d'este antro faz o sr. Pedro Lourenço de Seixas Borges Barruncho, nos seus *Apontamentos para a historia da villa e concelho de Cascaes*. É a seguinte:

«Está a 1 kilometro de Cascaes, á esquerda da bella estrada que conduz ao sitio da Guia, a furna de larguissima bocca ha muito conhecida por esse tétrico nome.

»Obra da natureza merece em verdade a nossa admiração.

«As paredes d'este profundo antro são formadas de rochedos á borda do mar, mais ou menos incrustadas de camadas pedrosas de variadissimo e exquisito feitio.

No mais profundo, á esquerda, vê-se uma abertura fabricada pelo poder do Oceano, que por alli entra rugindo e elevando-se logo para afrontar as paredes do abysmo.

«Á direita fabricou o mesmo artifice uma gruta revestida de curiosas petrificações, tendo no tecto uma fenda, por onde o sol vem allumiar tão lugubre paragem e apresentar ao observador curioso um phantastico e admiravel quadro.

«Em occasião de tempestade parece que todas as furias do Tartaro alli veem despedaçar-se em medonha lucta.

«É verdadeiramente pavoroso n'esses momentos, o espectaculo que a natureza nos apresenta n'aquelle logar, justificando assim o temeroso nome de *Bôcca do inferno*, dado a este abysmo.

«Á esquerda, passando a ponte que conduz á *Pombeira Alta*, e descendo-se pela riba ou ladeira que alli existe, encontra-se uma grande abertura, no fundo da qual, á direita, está uma gruta que communica para uma serie de galerias ou abobadas de diversas alturas, contendo grande variedade de stalactites.

«As paredes e tectos estão revestidos de incrustações, que ao reflexo da luz fórmam um quadro maravilhoso.

«No fim da referida ponte, em frente, ha um caminho de ladeira, onde ultimamente se fizeram alguns degraus na propria rocha que conduz a uma grande fraga de 30 metros de comprido, por 12 de largo; a qual se chama *Pombeira Alta*; e descendo-se ainda uma pequena rampa, ao poente, encontra-se outra fraga de 20 metros de comprido e 10 de largo, a que chamam a *Pombeira Baixa*; havendo ahi uma furna onde se recolhe grande numero de pombos bravos.

«Aqui costumam vir pescar os pescadores de profissão e os curiosos, no que tambem se divertem algumas familias que vem a Cascaes a banhos, e principalmente os estrangeiros.

«O volume da agua que entra pela Bôcca do Inferno, é, ás vezes, tão grande e impetuoso, que subindo á enorme altura, desce formando diversos cylindros, que depois se convertem n'um immenso lençol de escuma, no qual, se o sol brilha, se refletem as mais variadas e scintillantes côres.

«O bramido das ondas que entram por entre as fragas, já abaladas, á uma grande distancia, e vão cobrir os penêdos (alguns talhados por fórma phantastica) que bordam o logar, completa este quadro do bello hórrido, bem digno de mais acurada descripção.

»Recommendamos pois ás pessoas que pela primeira vez visitarem Cascaes, que não deixem de observar aquella obra, em que só foi artifice a Natureza.»

—

Junto á Bôcca do Inferno está a praia do *Mexilhoeiro*.

No dia 2 de outubro de 1873, a Senhora D. Maria Pia, seus dois filhos, aia e veadôr, quizeram ver e examinar com seus peoprios olhos a famosa caverna infernal.

Só os actores e espectadores d'essa scena

pódem informar com verdade do que então alli se passou; porque das folhas publicas é impossivel tirar-se uma conclusão incontestavel.

Dizem umas que uma furiosa e inesperada onda envolveu a Senhora D. Maria Pia e seus filhos, e que se não fosse a intrepidez e dedicação do ajudante do pharoleiro da Guia, as trez pessoas reaes seriam irremessivelmente tragadas pelas ondas.

Outras porém teimam em dizer que não houve mais do que escorregar na areia um dos principes, cahindo a uma *pôça*, e que indo a rainha tiral-o d'alli, cahira, assim como tambem o outro principe, que ella levava pela mão.

O que é certo é que o ajudante do pharoleiro foi condecorado, e se lhe decretou uma pensão vitalicia.

—

As fortificações de Cascaes foram quasi todas feitas ou reedificadas, e ampliadas nos reinados de D. João IV, D. Affonso VI e D. Pedro II.

Tem quarteis para 3:000 homens de infanteria e artilheria d para dois ou trez esquadrães de cavallaria.

Tem duas bôas cisternas, além de outras menores, e para o O. tem um baluarte defendido por 14 peças montadas.

A pouca distancia está o forte de Nossa Senhora da Luz, defendido por 13 bôccas de fogo, com paiol e arrecadações de material de guerra, e uma bôa cisterna.

Na fortaleza da praça está a ermida de Nossa Senhora da Victoria, tão vasta como qualquer egreja, e com cinco bons altares.

A imagem de Santo Antonio, d'esta capella, acompanhou sempre o bravo regimento de infanteria n.º 19 (regimento de infanteria de Cascaes), em toda a guerra peninsular, e era de grande devoção para todas as praças d'este corpo.

Segundo a tradição, Santo Antonio ficou prisioneiro dos francezes, junto com as bagagens; mas o 19 correu logo a libertal-o e depois o trouxe sempre á sua vista, collocado sobre um macho branco.

—

Tem uma enfermaria militar, que ha muitos annos não serve para o fim a que foi destinada.

Tem a fortaleza as seguintes baterias desartilhadas actualmente:

Bateria dos Artilheiros, que teve..........	37	boccas de fogo	
Bateria de Nossa Senhora da Luz.......	14	»	»
Bateria dos Obuzes....	13	»	»
Bateria dos Inglezes...	13	»	»
Bateria Alta de Santa Barbara............	12	»	»
Bateria Baixa de Santa Barbara............	16	»	»
Total.......	105	«	»

As duas ultimas baterias são do mesmo revelim, e provavelmente as primeiras que se construiram. Teem as armas de D. João II, picadas pelos francezes em 1807.

As casas do governador são bôas e teem lindas vistas. N'ellas se aloja a familia real portugueza, quando vem a Cascaes.

A cidadella de Cascaes é incontestavelmente um ponto militar de muita importancia, e seria muito bem empregado o dinheiro que se gastasse para os concertos que está reclamando.

O paço dos senhores de Cascaes estava edificado no alto da villa. O terremoto de 1755 o arruinou, e d'elle hoje não restam vestigios; apenas junto ao sitio onde existiu, está o antigo castello (vulgó *castellête*) que era dos senhores de Cascaes, e cuja porta dava entrada a este velho edificio.

Na muralha ainda se vê o brazão d'estes Castros; são: 6 aruellas azues em campo de prata. Estas armas foram feitas e alli collocadas em 1598, pelo mestre Pinto, segundo uma inscripção inferior.

Apesar de muito arruinado pelo terremoto, ainda n'elle se aquartellaram os francezes de Junot em 1807, e tropas portuguezas em 1831.

Este venerando monumento foi votado ao exterminio pela furia dos elementos e pelo desprezo dos homens. Em 1837 e em outras épocas se lhe venderam grande parte dos seus materiaes.

O sr. marquez de Niza (ha pouco fallecido nos Pyreneus) que herdou a casa de Cascaes, vendeu este solar dos seus maiores ao sr. José Carlos Mardel. Este vendeu-o depois ao sr. José Maria Eugenio de Almeida (tambem ha pouco fallecido em Evora). Este o vendeu ao architecto o sr. Evaristo, e este finalmente o vendeu ao sr. Sebastião Pinto Leite (visconde da Gandarinha) que o mandou arrazar completamente, para edificar uma sumptuosa vivenda.

Havia aqui um convento de frades carmelitas descalços, principiado em 1594 por iniciativa do conde de Monsanto, D. Antonio de Castro, e de sua mulher D. Ignez Pimentel, filha de Martim Affonso de Sousa, vice-rei da India.

Os fundadores offereceram ao provincial d'esta ordem fazer aqui um convento carmelitano, obrigando-se a darem sitio, casa e rendas para sustentação dos religiosos, sem outra condição que serem padroeiros do mosteiro.

Este mosteiro está em ruinas. Era da invocação de Nossa Senhora da Piedade, e foi fundado no sitio chamado até então as Courellas, proximo da egreja de Nossa Senhora da Assumpção e da fortaleza.

Os religiosos vieram habitar este mosteiro, ainda incompleto, em 8 de fevereiro de 1596.

Por morte do conde, seu filho, D. Luiz de Castro, por escriptura feita em 10 de fevereiro de 1598, se obrigou a concluir o convento, dando para as obras 500 cruzados (200$000 réis) por anno, emquanto ellas durassem; com a condição de se dizer uma missa diaria por alma do conde; se puzesse na porta da egreja o escudo das suas armas; que na capella-mór se enterrassem os condes e no cruzeiro só pessoas illustres.

Em 1600 alguns ministros disseram a D. Philippe III de Hespanha, que então reinava em Portugal, que este convento era prejudicial á fortaleza. O renegado D. Christovão de Moura (feito pelo usurpador marquez de Castello Rodrigo) deu ordem, da parte do rei, ao prior fr. Pedro dos Santos, para não continuar com as obras, e para se arrazar tudo. As obras pararam, mas não se demoliu nada; até que em 1616, mandou o mesmo Philippe III levantar o embargo e continuar a obra.

Por morte de D. Luiz de Castro herdou esta casa D. Alvaro Pires de Castro, que não quiz dar nada para as obras do mosteiro; mas desistindo dos encargos a que elle era obrigado e do direito de padroado.

Expulsos os religiosos em 1834, nunca mais aqui foram celebrados os officios divinos. Foi depois comprado (e a cêrca) por um individuo que a vendeu ao sr. Joaquim Rapozo, e este o vendeu ao sr. José Maria Eugenio de Almeida. Este o vendeu ao sr. Evaristo, que o vendeu ao sr. visconde da Gandarinha, actual possuidor, e da respectiva cêrca.

Foram bemfeitores d'este convento, e concorreram para as obras d'elle, o padre João Franco Ribeiro, que, em 1721, instituiu a capella de Sant'Anna, com missa diaria, por sua alma e de sua irman, Anna Thereza Brites da Veiga; o doutor Miguel Cordeiro, medico da villa; D. Maria d'Azevedo; Francisco Gomes e Francisco Bayão.

Apezar de ser reputado pobre este convento, deviam-se-lhe em 1834 mais de 24 contos de réis.

—

Por occasião da colera-morbus (1833) era governador da praça de Cascaes o brigadeiro realista Raymundo José Pinheiro. Para os que morressem da epidemia, mandou elle construir, junto ao mosteiro, nas ruinas da capella do Rosario, um cemiterio. Uma lapide collocada na esquina do muro que volta para o campo da Parada, tinha, por baixo de uma caveira e duas fouces, a seguinte inscripção:

> Oh tu que me vês aqui,
> Assim feia com sobejo,
> Vigia, olha por ti;
> Tu te vês qual eu me vi,
> Ver-te-has qual eu me véjo.

A villa tem agora outro cemiterio, e para lá foi mudada a lapide.

—

A egreja matriz de Nossa Senhora da As-

sumpção, está situada em um largo, proximo ao convento. É um bom templo, d'uma só nave, e muito bem ornado. As paredes interiores estão forradas d'asulejo, com bonitas pinturas de quadros biblicos. Tem sete altares. A capella do SS. foi mandada fazer por D. Ignez, viuva de José Eduardo, major que foi, do regimento 19. É obra moderna e bôa. O pulpito é de marmore e notavel pela sua elegante simplicidade. A sachristia da irmandade do SS. foi mandada fazer pelos irmãos maritimos, em 1720.

—

Ha na freguezia as seguintes capellas.

S. Pedro Gonçalves — tambem chamada de Nossa Senhora dos Prazeres; mas vulgarmente denominada Egreja dos homens do mar.

S. Pedro Gonçalves, é o *Santelmo* dos navegantes.

Esta capella é antiga. A imagem de Nossa Senhora dos Prazeres, veio para aqui de uma aatiquissima capella da sua invocação, de que já não ha vestigios.

Esta capella é octogona, e construida de bella pedra lioz.

A sua construcção é solidissima, e nada soffreu com o terremoto de 1755. Foi reedificada em 1729.

Tem cinco altares, e grande parte das imagens que os adornam, foram do extincto convento dos carmelitas.

Está aqui a Ordem terceira de S. Frncisco, que tomou a seu cargo a celebração das festas dos maritimos, desde que foi supprimida a sua irmandade.

A capella particular de Nossa Senhora da Nazareth, junto ás casas do sr. Lima. Estas casas são antigas, mas das melhores da villa.

A capella de *S. Sebastião*. Celebra-se aqui uma festa annual, a 20 de janeiro.

A capella de *S. Martha*, era situada proximo ao mar, e foi arrasada.

A capella de *Nossa Senhora do Rosario*. Era muito antiga. Só d'ella existem as ruinas. Os escravos faziam aqui, com licença dos seus senhores, uma festa annual. Foi aqui, como já disse, cemiterio dos colericos.

A capella de *S. Bento da Torre*. Tambem n'ella se celebram 3 festas annuaes.

A capella de *S. Braz da Areia*. Tambem aqui se fazem algumas solemnidades religiosas.

A capella de *Nossa Senhora da Guia*. Foi fundada pelos annos de 1570, por Antonio Ribeiro da Fonceca, que morreu em 1577, e jaz sepultado n'esta capella. Tem 3 altares mas está muito descurada.

Antigamente faziam aqui os negociantes de Lisboa uma grande festa annual ao Espirito Santo.

Hoje fazem-se duas; uma pelo povo d'Almoçageme e a outra pelos visinhos. Fica contigua ao pharol, por isso chamado da Guia, Tanto a ermida como o pharol, foram reedificados pela junta de commercio (sob cuja direcção estavam os pharoes) em 1810.

—

A egreja da Ressurreição de Jesus Christo, era um templo vasto e sumptuoso, com nove altares, sendo o maior dedicado a Nossa Senhora da Victoria.

Os navegantes e outras pessoas devotas quiseram construir uma nova egreja da Ressurreição, depois que o terremoto arrazou a antiga. Principiou a fabrica d'ella, com tamanhas porporções, que devia ter 17 altares (!) mas a vastidão da obra fez esmorecer os devotos, e ficou por concluir. Hoje está em ruinas. Mesmo assim, ainda lhe dão geralmente o nome de egreja-nova.

—

Houve aqui um hospicio de frades capuchos arrabidos, da serra de Cintra, com sua capella. Foi tudo comprado por o snr. Francisco Marques Leal Pancada, varão muito estimado em Cascaes, pela sua muita caridade. A capella foi restaurada em 1871, pelo comprador. É de abobada, com bonitos estuques.

É da invocação de Nossa Senhora do Porto Seguro. A sua imagem tem um navio por pedestal. Sobre a porta principal está uma lapide com a seguinte inscripção:

ESTE HOSPICIO MANDOU FAZER
PASCHOAL DIAS E SUA MULHER
MARIA DA COSTA,
NATURAES D'OEIRAS, E O DERAM
DE ESMOLA AOS RELIGIOSOS CAPUCHOS
DE SANTA CRUZ DA SERRA DE CINTRA,
PARA N'ELLE SE RECOLHEREM

QUANDO VIEREM ÁS ESMOLAS
A ESTA VILLA, COM A
OBRIGAÇÃO DE UMA MISSA,
QUE LHE DIRÃO TODAS AS SEGUNDAS FEIRAS
POR ELLE E SUA MULHER
E SEUS DESCENDENTES
FOI FEITA NO ANNO E
ERA DE 1691.

—

O convento dos religiosos recoletos de S. Francisco, vulgarmente de Santo Antonio do Estoril, foi edificado no sitio d'este nome, á pouca distancia da villa, em 1525. É pequeno e era pobre. A egreja ainda está soffrivelmente conservada.

Foi isto comprado pelo snr. Manuel Joaquim Jorge, que entregou a egreja á junta de parochia, a cujo cargo está.

O comprador edificou aqui um bello predio, contiguo á cêrca do convento. Tem um excellente pinhal. Ha aqui um estabelecimento de banhos, do qual já dei noticia. Tem bellissimas vistas. É actualmente propriedade da senhora D. Anna Thereza Jorge Gourlade.

—

O hospital da Misericordia é contiguo á sua egreja. Tem 20 camas, aceiadas. O rendimento actual da Misericordia, anda por 2:600$000 réis por anno. Cumpre os seguintes legados. Dá dois dotes de 10$000 réis annualmente, a duas orphans. Veste 12 pobres, em quinta feira santa. Dispende 60$000 réis em baéta, para vestir 12 raparigas pobres. Sustenta os prezos da cadeia da villa. Dá 120$000 réis em esmolas aos pobres. Subsidia com 20$000 réis a aula nocturna. Fornece alimentos a 25 pessoas do sexo feminino, dando a cada uma sete alqueires de trigo, cinco de cevada e 255 réis em dinheiro. É obrigada a fazer as solemnidades da Semana Santa, Natal, Santa Isabel e officios pelos defuntos. A sua despesa annual anda por 700$000 réis.

Tambem concede gratuitamente aos pobres o uso dos banhos thermaes da Pôça. Em 1873, deu 1:987 d'estes banhos. (Os pagos foram 3:120 a 120 réis cada um.)

Tem dois capellães, um secretario, dois medicos, um boticario, um enfermeiro, uma rodeira, um recebedor, um sachristão e um servente. Tem tambem advogado de partido.

—

Houve n'esta villa, e proximo ao rio que a atravessa, uma capella, dedicada a Santa Clara, virgem e martyr, que foi demolida ha muitos annos.

A capella dos *Innocentes* ou de *Nossa Senhora da Conceição dos Innocentes*, está bem conservada e n'ella se commemora o anniversario do terremoto. Junto á capella está uma cruz de pedra e na sua base a seginte inscripção:

ERIGIRAM ESTA CRUZ
UNS DEVOTOS NO ANNO DE 1634,
EM MEMORIA DE UM NAUFRAGIO
QUE HOUVE N'ESTA BAHIA,
NO ANNO DE 1609.

(Consta que foi a náo Conceição, que naufragou, morrendo grande parte da sua tripulação.

A capella de *Santo Isidoro*, é em Birre, está bem conservada.

A capella de *Nossa Senhora do Pópulo*, no sitio do Estoril, junto a umas alfarrobeiras, está desmantellada. Só existem as suas ruinas.

Não ha em Cascaes vestigios de fortificações anteriores a D. João II. Em vista porem da importancia militar d'esto ponto, é de suppor que as tivesse desde remota antiguidade.

Estas, se existiram, o tempo ou os tremores de terra as aniquilaram.

As mais antigas fortificações existentes, datam do reinado de D. João II, entre os annos 1481 e 1495.

Cascaes tem sido theatro d'acções dignas de memoria: mencionarei algumas.

Em 1580, a indecisão de um velho imbecil, a indifferença de alguns e a traição de muitos, deram a corôa portugueza ao odioso Philippe II de Castella, contra as leis fundamentaes portuguezas.

A maior parte dos fidalgos d'este reino, comprados com o ouro castelhano, tomaram o partido dos inimigos da sua patria. Alguns, porém, conservaram-se fieis ás tradições gloriosas de seus maiores, e juntando o povo que poderam, se pozeram em campo, em defeza de D. Antonio, prior do Crato, que, apesar de bastardo, fundado na legitimidade de D. João I, se julgava com

direito ao throno portuguez; e o tinha mais attendivel do que o usurpador estrangeiro.

D'entre os fidalgos que se dedicaram á causa da patria, sobresahiu o intrepido D. Diogo de Menezes, em cuja familia a bravura e lealdade foram em todos os tempos qualidades infaliveis.

D. Diogo era governador da praça de Cascaes, por D. Antonio. O duque d'Alba tinha chegado a Setubal com numerosas tropas castelhanas, e depois d'alli deixar uma forte guarnição, embarca o resto das suas tropas (22:000 homens) e saltando em terra na praia de Cascaes, em 20 de agosto, principia o ataque geral ás suas fortificações.

Corajoso e previdente foi D. Diogo de Menezes, e obstinada e valorosissima a resistencia que os seus 2:000 homens oppozeram aos castelhanos; mas um traidor (segundo consta de varios escriptores veridicos) abre uma das portas da fortaleza ao inimigo, que tomando-a, alli e na povoação pratica toda a sorte de barbaridades.

O bravissimo D. Diogo de Menezes, foi agarrado, e o malvado duque d'Alba o mandou degolar no meio da praça da villa.

Morreste, valoroso D. Diogo, ás mãos de um inimigo da patria, que só por traição te poude vencer; mas o teu nome glorioso será sempre repetido com orgulho e respeito por todos os verdadeiros portuguezes.

Era então senhor de Cascaes, D. Antonio de Castro, que havia tomado o partido de Castella. Foi elle que influiu o duque d'Alba para que atacasse Cascaes antes de Lisboa, pedindo porém que a villa não fosse saqueada. O cruel general hespanhol assim o prometteu; mas, tomadas as fortificações, houve *saque geral* na villa, não escapando nada á rapina e voracidade castelhana.

—

Estava em Lisboa o pequeno exercito do prior do Crato, se exercito se póde chamar a 4:000 homens, quasi todos paisanos, mal armados e sem disciplina.

O feroz duque d'Alba cae sobre Lisboa com um exercito regular de 22:000 homens (protegido por uma forte esquadra) e, ainda assim, depois de encarniçada peleja, derrota os portuguezes, junto á ponte de Alcantara, em 25 de agosto d'esse nefasto anno de 1580.

D. Antonio poude fugir para o norte do reino, e de lá para França.

Nove annos depois (1589) a rainha Isabel, de Inglaterra, depois de haver feito um vergonhoso tratado com o prior do Crato, segundo o qual Portugal ficava sendo uma colonia ingleza, dá ao mal aconselhado principe um exercito de 12:000 homens, com a sua competente esquadra, do qual era general em chefe Sir João Noris.

Os inglezes desembarcaram na Ericeira e em Peniche, fiados nas promessas do prior do Crato, que lhes affirmára que, apenas entrassem em Portugal, o povo se levantaria em massa, em seu favor.

Pozeram cêrco a Lisboa; mas os portuguezes, que já sabiam do ominoso tratado, não se moveram; pelo que estes *auxiliares*, levantaram, poucos dias depois, o cêrco, e marcharam em direcção ao mar.

Era então governador da praça de Cascaes o official castelhano Villafaña, ao qual persuadiram que Lisboa se tinha rendido a D. Antonio, pelo que elle entregou cobardemente a praça aos inglezes, que d'ella roubaram o que lhes pareceu e saquearam a villa, sem que D. Antonio se oppozesse a isso!

Depois de carregarem os seus navios dos roubos que fizeram por onde tinham andado, embarcaram para a Inglaterra, e D. Antonio não tornou a tentar fortuna.

Villafaña foi degolado, por ordem de Philippe II.

—

Cascaes representou um importantissimo papel, na heroica restauração do 1.º de dezembro de 1640; pois logo a 19 d'esse mez veio para aqui como governador o intrepido Martim Affonso de Mello, que, por ordem do rei, reparou e ampliou as fortificações.

Em 1646, o padre João Turriano, jesuita, do collegio de Santo Antão o Novo (actual hospital de S. José, de Lisboa) veio para aqui, por ordem do rei, construir o forte chamado Cabeça Sécca, a que depois se veio a chamar Torre do Bogio.

Por esse tempo se publicou uma lei, obri-

gando os capitães-mòres de Santarem, Torres Vedras e Thomar, a acudirem á defeza de Cascaes, sempre que fosse preciso.

É tambem d'essa época a muralha do lado da praia, pois que, em uma lapide, que está no arco grande d'ella, e por baixo das armas de Portugal, está a seguinte inscripção:

I. H. S. M.
O MUITO ALTO E PODEROSO REI D. JOÃO IV,
QUE DEUS GUARDE,
MANDOU QUE D. ANTONIO LUIZ DE MENEZES,
CONDE DE CANTANHEDE,
SENDO GOVERNADOR D'ESTA PRAÇA,
FIZESSE ESTA FORTIFICAÇÃO,
NO ANNO DE 1645

—

É da mesma data o armazem que está na praça da villa. Tem tambem as armas reaes e por baixo d'ellas uma inscripção, que diz:

D. JOÃO IV
MANDOU FAZER ESTE ARMAZEM,
GOVERNANDO AS ARMAS D'ESTA PRAÇA
D. ANTONIO LUIZ DE MENEZES,
CONDE DE CANTANHEDE,
NA ERA DE 1645.

—

Sobre a porta da entrada da fortaleza está uma outra lapide, que diz:

I. H. S. M.
EL-REI D. JOÃO IV, DE FELIZ MEMORIA,
MANDOU FAZER ESTA FORTALEZA,
SENDO GOVERNADOR DAS ARMAS
D. ANTONIO LUIZ DE MENEZES,
CONDE DE CANTANHEDE,
DOS SEUS CONSELHOS E DO DE ESTADO
E GOVERNADOR DA SUA FAZENDA.
COMEÇOU NO ANNO DE 1681.

É certo que esta data está errada. Ou devia ser o anno de 1641, ou declarar-se que esta inscripção é que foi aqui posta em 1681.

Da propria inscripção se conclue evidentemente que, quando foi feita já tinha fallecido D. João IV, pelo que se lê na segunda regra—*El-rei D. João IV, de feliz memoria.*

D. João IV morreu em 6 de novembro de 1657, e D. Antonio Luiz de Menezes falleceu em 1675.

—

Durante as guerras da restauração, varios cavalheiros e os terços de Cascaes fizeram importantes serviços á patria.

Em 1808, depois da vergonhosa convenção de Cintra (30 de agosto) a guarnição da esquadra ingleza do almirante Cotton veio occupar a cidadella de Cascaes e as fortalezas de S. Julião e Bugio.

Por decreto de 3 de dezembro de 1808, foi creado o regimento de infanteria de Cascaes, com o numero 19, que em poucos mezes tinha o numero de 1:600 praças aguerridas e disciplinadas.

Fazia brigada com infanteria n.º 7. [1]

O regimento de infanteria n.º 19, desde a sua instituição até ao dia 27 de maio de 1834, em que capitulou em Evora-Monte (sendo então dissolvido, como todo o exercito realista) foi sempre famoso pela sua bravura, disciplina e lealdade.

Na gloriosa batalha do Bussaco (27 de setembro de 1810) cinco companhias d'este regimento, commandadas pelo tenente coronel (emigrado francez) Mr. Bean, deram tão furiosa carga de bayoneta nos soldados de Massena, que muito concorreu para a victoria.

Seguindo o exercito alliado do immortal lord Wellington, ao travez das provincias hespanholas, o 19 mostrou sempre uma bravura indomavel; em Fuentes d'Onor, no sitio e assalto de Badajoz, em Victoria e nos Pyreneus, e depois na França, foi sempre um modelo de coragem e disciplina; assim como durante a guerra fratricida do 1832 a 1834.

—

Durante o reinado do sr. D. Miguel, se fizeram varios concertos n'esta praça e a estrada, junto ao mar, d'esta villa ao Estoril.

[1] Segundo a organisação do marechal Beresford, d'esse anno, havia 12 brigadas de infanteria, que eram—1 e 13—2 e 14—3 e 15—4 e 16—5 e 17—6 e 18—7 e 19—8 e 20—9 e 21—10 e 22—11 e 23—12 e 24. Os uniformes e vivos de cada brigada eram eguaes, com a differença de que—de 1 até 12, as golas eram azues ferretes, isto é—do panno das fardas.

Tambem n'esse tempo serviu a fortaleza de prisão para *crimes politicos*.

—

Ha 3 ou 4 annos a esta parte, se teem operado importantissimos melhoramentos em Cascaes, e construido commodas e bellas casas particulares. Mencionarei as principaes.

Casa da Serra, é um lindo *chalet* no gosto suisso, com bello jardim e cercado de pinheiros. É situado no alto de um môrro, junto ao forte de S. Roque, e perto do convento do Estoril. Pertence ao sr. José Jorge de Andrade Torrezão.

Palacio e parque dos srs. duques de Palmella, á entrada da villa, no sitio chamado Castelhana.

Tem bellissimas vistas do mar e terra, e é abundante de agua, que lhe vem de Alcabideche, a 5 kilometros de distancia.

No sitio do forte da Conceição, em frente d'este palacio, á beira-mar, estão ainda os srs. duques construindo um outro palacio segundo o risco de um architecto inglez, executado por outro inglez. Diz-se que, concluido, terá a apparencia de uma abbadia em ruinas.

Theatro de Gil Vicente é no alto da villa, no sitio da Nazareth, junto á casa do seu proprietario o sr. Manuel Rodrigues Lima, de Lisboa. Foi edificado em 1868. É construido com luxo e comporta 500 espectadores.

O palacio do sr. conde de Valle de Reis é proximo ao palacio Palmella, está assente sobre rochas e a sua architectura é original e curiosissima. Ainda anda em obras, mas estão quasi completas.

Propriedade da Galliza, do sr. Antonio José Marques Leal, a 4 kilometros de Cascaes. Ainda ha pouco, sitio esteril, é hoje uma bella granja.

O sr. Leal comprou o *casal e quinta da Carreira*, que tinha sido do fallecido desembargador Alexandre de Gamboa Loureiro. Esta formosa propriedade virá a ser dentro de mui poucos annos uma das melhores e a mais rendosa do concelho.

Palacio e parque dos srs. viscondes da Gandarinha — Está em construcção. É no sitio onde existiu o palacio dos senhores de Cascaes, e a cêrca do convento carmelitano.

A quinta é cortada pelo rio dos Môchos, atravessado n'ella, por bonitas e elegantes pontes.

—

Se a praça de Cascaes era uma das mais importantes de Portugal pela sua situação, não acontecia o mesmo á villa, a quem os terremotos, os saques e outras causas tinham muito damnificado. O que apenas dava vida a esta povoação eram os tres conventos, e, sobre tudo, o ser quartel do 19.º regimento de infanteria e da numerosa guarnição da praça e fortes.

Em 1834, que tudo isto acabou, soffreu Cascaes um golpe quasi mortal. Chegou a tal decadencia que mais parecia aldeia do que villa. As casas eram demolidas para se lhes venderem os materiaes. Muitas se foram desmantelando e reduzindo a montões de entulho. Vendia-se aqui uma casa por menos do que em tempos anteriores rendia por anno.

Mas, das ruinas da decrepita villa tinha de nascer a nova Cascaes.

Em 1859, sendo director das obras publicas o sr. Joaquim Antonio Vellez Barreiros (visconde de Nossa Senhora da Luz) se principiou a bella estrada para Oeiras, que se concluiu em 1864.

Custou esta estrada 7:273$000 réis, dando a camara 5:273$000 réis, e o estado 2:000$000 réis.

O sr. visconde tendo tomado a peito a construcção d'esta verdadeira arteria para a vida de Cascaes, foi sinceramente amado pelo povo da villa, que bem conhecia que d'esta obra dependia a sua prosperidade. O sr. visconde tambem se affeiçoou á villa e aos seus habitantes, e aqui construiu, em 1863, na Aldeia Nova, a sua linda casa do Alto da Boa Vista.

Tambem concorreu poderosamente para a construcção do passeio publico da villa.

—

A estrada de Cascaes para Cintra, quasi tão importante como a antecedente, é optima, e foi construida, á custa do estado, em 1868.

—

A facil communicação estabelecida assim, entre Lisboa, Cascaes e Cintra, originou a moda de vir tomar banhos a esta praia. Os concorrentes foram augmentando; as casas foram-se reparando e reconstruindo; as novas edificações progrediram, e Cascaes é hoje uma rejuvenescida e formosa povoação, e com todas as condições de diuturna prosperidade.

Agora (1874) que o govêrno concedeu á companhia dos caminhos de ferro americanos o prolongamento da sua linha até Cascaes, tem esta villa mais outra garantia ao seu prospero desenvolvimento.

—

Os que desejarem mais amplos esclarecimentos sobre esta villa e seu termo, consultem a curiosissima obra intitulada *Apontamentos para a historia da villa e concelho de Cascaes*, dada á luz, em 1873, pelo actual administrador do mesmo concelho, o sr. Pedro Lourenço de Seixas Barruncho; de cujo livro, com a devida venia, me aproveitei, em grande parte, para a construcção d'este artigo.

Honra ao sr. Barruncho, que tão bem emprega os ocios que lhe deixa o seu cargo, dotando a sua patria com uma obra de tanto merecimento. Pena é que não tenha imitadores.

—

O concelho de Cascaes é apenas composto de tres freguezias, Nossa Senhora da Assumpção e Ressurreição de Jesus Christo, annexas, na villa; e no termo, S. Vicente de Alcabideche e S. Domingos de Rana.

CASSEM ou **CACEM**—aldeia, Extremadura, patriarchado e districto administrativo de Lisboa, d'onde dista 15 kilometros ao N., entre Queluz e Rio de Mouro. É a 7.ª estação do caminho de ferro Larmanjat (tramway a vapor) de Lisboa a Cintra. Foi este caminho aberto á circulação publica, no 1.º de outubro de 1873.

CASSÍA—vide Cacía.

CASSURRÃES—freguezia, Beira Alta, comarca e concelho de Mangualde, 12 kilometros de Viseu, 280 ao N. de Lisboa, 430 fogos.

Em 1757 tinha 309 fogos.

Orago S. Thiago, apostolo.

Bispado e districto administrativo de Viseu.

Era antigamente da comarca de Viseu, termo de Azurára da Beira.

O abbade tinha de renda 700$000 réis. Era apresentado pelos condes de Belmonte.

Fertil, sobretudo em milho, de que ha grande abundancia.

CASTAINÇO—freguezia, Beira Baixa, comarca da Pesqueira, concelho de Penedôno, 40 kilometros ao SE. de Lamego, 340 ao NE. de Lisboa, 110 fogos.

Em 1757 tinha 100 fogos.

Orago S. Sebastião.

Bispado de Lamego, districto administrativo de Viseu.

Antigamente era do termo de Penedôno, comarca de Pinhel.

Situada em um pequeno valle, d'onde se vê a villa de Sendim.

O abbade do Salvador, de Penedôno, apresentava aqui annualmente o cura, que tinha 60 alqueires de centeio, 24 de trigo e 13 arrateis de cêra.

É terra fertil.

CASTANHEIRA—villa, Extremadura, comarca e concelho de Villa Franca de Xira, 45 kilometros ao NE. de Lisboa, 200 fogos.

Orago S. Bartholomeu.

Patriarchado e districto administrativo de Lisboa.

Feira a 24 de agosto.

Era antigamente da comarca de Torres Vedras.

Situada em bonita e fertil planicie, sobre a margem direita do Tejo, e muito abundante de aguas.

É povoação antiquissima, mas não pude saber quando nem por quem foi fundada. Os mouros a abandonaram quando aqui chegou o exercito de D. Affonso Henriques. Depois da tomada de Lisboa, este rei a deu, em 1174, aos estrangeiros que o ajudaram, e foi povoada por elles.

Foi depois dos condes da Castanheira, que aqui tinham os quartos do pão e os oitavos do vinho.

Esta villa tem decahido muito da sua an-

tiga prosperidade e está reduzida a uma aldeia. Ainda em 1750 tinha 500 fogos, e hoje nem tem metade.

A casa do infantado apresentava o prior, que tinha 400$000 réis.

Tem Misericordia e hospital.

Tinha dois conventos: um de freiras franciscanas, de Nossa Senhora da Annunciada, fundado por D. Fernando de Athaide, filho de D. Pedro de Athaide, em 1514. Depois o augmentou em rendas D. Antonio de Athaide, 1.° conde da Castanheira (feito por D. João III) e filho do fundador.

Para este convento foram transferidas as freiras franciscanas do convento de Santa Clara, de Alemquer, quando os francezes lhe queimaram o seu convento, em 1811. Vide Alemquer.

Outro de frades capuchos, de Santo Antonio, fundado em 1400, por D. Pedro d'Alemancos. D. Jorge de Athaide, bispo capellão-mór, augmentou este convento e reduziu a melhor fórma a capella-mór e egreja.

Esta freguezia era da casa do infantado.

Tinha dois juizes ordinarios, tres vereadores, um procurador do concelho, escrivão da camara, juiz dos orphãos e seu escrivão, e quatro tabelliães. Tinha tambem capitão-mór.

É terra muito fertil.

Passa pela villa o caminho de ferro do norte e léste, e tinha aqui uma estação, que está actualmente fechada.

O seu nome provém-lhe de ter sido fundada em um vasto souto de castanheiros.

Vide Cadafaes.

D. Manuel lhe deu foral, em Santarem, no 1.° de junho de 1510.

Na bibliotheca real da Ajuda, existem dois manuscriptos, que, pela lettra e côr da tinta, parecem do meiado do seculo XVI, e que escriptores de muita imparcialidade attribuem ao célebre chronista Damião de Goes. (Vide Alemquer.)

Damião de Goes era, como todos sabem, um varão de profundo saber e vasta intelligencia, mas era homem, e por consequencia, sujeito, como outro qualquer, ás ruins paixões e aos vicios inherentes á humanidade.

D. Antonio de Athaide, 1.° conde da Castanheira, era seu contemporaneo, e tambem um litterato illustradissimo. Não pude saber porque, tornaram-se estes dois homens implacaveis inimigos um do outro. Damião de Goes foi preso pela inquisição, e por ella condemnado a confisco e degredo, cumprindo este (por graça especial) no convento da Batalha.

Com razão, ou sem ella, attribuiu esta perseguição a influencias e intrigas de D. Antonio de Athaide, e o seu odio para com elle redobrou.

O conde da Castanheira estava muito alto para que Damião de Goes se podesse vingar, a não ser pela calumnia. É por isto que se suppõe, com bons fundamentos, ser Goes o forjador das duas genealogias (de Pero Esteves e *Barbadão*) que elle ou algum dos seus amigos introduziram subrepticiamente na bibliotheca da Ajuda, e cujas copias se espalharam então profusamente por todo o reino.

É certo que o conde da Castanheira e Damião de Goes foram os dois homens mais celebres e importantes do reinado de D. João III, e a sua reciproca inimisade (que tanto deslustrava um como o outro) procedia tão sómente da inveja, paixão mal cabida em varões de tanto merecimento.

Notarei aos leitores que a fabulosa genealogia inventada por Goes, foi destruida por documentos legaes, passados nos tribunaes d'este reino; e que, mesmo quando estes documentos não existissem, bastava a historia para anniquilar a universal lenda; pois todos sabem que D. Diogo Pinheiro, desembargador do paço, D. prior de Guimarães e de Thomar e bispo do Funchal, era filho do doutor Pêro Esteves Marques. Já se vê que o neto ou bisneto de uma moura, ou judia, como diz outra versão das coplas que adiante se seguem, e de mais a mais bastardo, não chegaria n'aquelle tempo a tão elevadas dignidades; nem seriam (como eram) os varões mais respeitados de Portugal, no seu tempo.

O doutor Pêro Esteves Marques, foi filho legitimo de Estevão Nunes de Penella e de sua mulher Garcia Martins, que era filha do

doutor Martim Domingues, cavalleiro nobre, da cidade do Porto e fundador do antiquissimo hospital da rua das Congostas (que é o actual seminario de Campanhan. Vide Campanhan).

Pêro Esteves era casado com D. Isabel Pinheiro, que, por seu pae, era descendente dos Lobos, d'Alvito (condes barões d'Alvito e depois marquezes do mesmo titulo) e por sua mãe era neta ou bisneta de Tristão Gomes Pinheiro. Vide adiante, sobre a genealogia e armas dos Pinheiros.

Estevão Nunes de Penella, era um fidalgo, companheiro do justamente celebre condestavel, D. Nuno Alvares Pereira, com o qual se achou na gloriosa batalha dos Atoleiros (29 de janeiro de 1384) e o mesmo condestavel, em recompensa dos seus serviços, lhe deu o reguengo de Alviellas.

D. Luiza da Silva Pinheiro, filha de Alvaro Pinheiro, alcaide-mór de Barcellos, e chefe da familia dos Pinheiros, em Portugal, foi sexta avó do actual sr. visconde de Azevedo, que é hoje o representante d'esta nobre familia; porque aquella senhora trouxe para este ramo dos Azevedos o seu solar e morgados; como consta de D. Tivisco, fl. 70 da *Historia Genealogica da Casa Real*, tomo 12.º, parte 2.ª; prologo a fl. 56, e de todos os nobiliarios do reino.

É por esta circumstancia, que o sr. visconde de Azevedo possue todos os documentos, com que os Pinheiros destruiram completamente a tal lenda, attribuida a Damião de Goes.

—

Pinheiro é um appellido nobre em Portugal. Procede de uma quinta chamada do Pinheiro (em Hespanha) por haver alli um pinheiro de prodigiosa grandeza. O primeiro que em Portugal usou d'este appellido, foi Tristão Gomes Pinheiro, fidalgo gallego, que vindo para Portugal, foi mandado construir as muralhas de Barcellos, por ordem do duque D. Affonso, e alli estabeleceu morgado; e onde seus descendentes foram alcaides-móres.

As armas dos Pinheiros, são: em campo de púrpura, um pinheiro verde, perfilado de ouro, com pinhas do mesmo e raizes de prata, e junto d'elle, um leão de ouro, trepante; timbre, um leão com um ramo de pinheiro nas garras.

As dos Pinheiros de Guimarães, (de que é actual representante o sr. João Machado Pinheiro, visconde de Pindellà) são do modo seguinte: em campo de púrpura, um pinheiro verde, perfilado de ouro, com pinhas do mesmo e raizes de prata. Junto a elle um leão de ouro, trepante, orla de prata, com a seguinte legenda:

Herculea quodam ducta fuere mano.

Elmo de prata aberto, e por timbre o leão das armas.

Os Pinheiros d'Aragão (assim denominados por virem do reino de Aragão, em Hespanha) trouxeram por armas—em campo de prata 5 pinheiros verdes, em aspa, e por timbre um dos pinheiros das armas.

Assim se acham no *Livro d'Armaria* da Torre do Tombo.

—

Pinheiro d'Andrade é tambem um appellido nobre em Portugal. Suas armas são—em campo de prata, 5 pinheiros verdes em aspa; chefe verde carregado de uma banda de púrpura, perfilado de oiro, sahindo da bôcca de duas serpes tragantes, de oiro, lampassadas de púrpura. Timbre, uma cabeça de serpe, de oiro, lampassada de púrpura, com um ramo de pinheiro na bôcca.

Depois da prevenção em que puz o leitor, sobre os manuscriptos da bibliotheca da Ajuda, e que serve tambem para modificarem a sua opinião sobre o que digo em Barcellos com respeito á familia dos Pinheiros e outras (artigo escripto quando não estava, como hoje, habilitado com mais amplos esclarecimentos) julgo curioso resumir aqui as taes duas lendas, que se suppõem inventadas por Damião de Góes.

—

Não julgo com esta transcripção offender nem levemente as nobres familias descendentes dos aggredidos.

Se a lenda fosse verdadeira, nem por isso era motivo de indisposição; visto que christãos, mouros, judeus, turcos, esquimós, etc.,

todos procedem de um tronco commum— Adão e Eva. Quanto mais, não podia de maneira nenhuma ser descredito, proceder do mesmo tronco de que procedem quasi todas as familias reaes da Europa.

Se a lenda é calumniosa (como estou convencido que é) ainda menos se lhe deve dar importancia, senão a que lhe dá a edade, e a celebridade do seu auctor. Tambem a copio, para sabermos que já ha mais de 300 annos, homens grandes se deixavam arrastar ao tremedal dos insultos e da calumnia, por motivos ás vezes bem futeis e pueris.

—

Primeira lenda

BRAGANÇA

Resumo dos manuscriptos da Ajuda

D. Antonio de Athaide descendia por um de seus troncos, de Mem da Guarda, de alcunha o Barbadão. Este homem, natural de Castella, era judeu converso. Veio estabelecer-se na cidade da Guarda, onde exerceu por alguns annos a sua profissão de sapateiro e foi morrer á Villa de Veiros, onde se enterrou.

Tinha elle uma filha chamada Ignez Fernandes Esteves, que foi amante do nosso D. João I, e d'elle teve dois filhos, D. Beatriz, que casou com Thomaz, conde de Arondel (Inglaterra) e D. Affonso que casou com D. Beatriz, filha unica do condestavel D. Nuno Alvares Pereira. Este D. Affonso, filho bastardo reconhecido de D. João I, foi pae do primeiro duque de Bragança. D'elle procedem os condes da Castanheira, muitas casas titulares de Portugal (Vide Guarda) e outras muitas da Europa.

—

Segunda lenda

BARCELLOS

Martim Affonso de Sousa, teve um filho natural, do mesmo nome. Teve este, um filho chamado Pedro de Sousa (de sua mulher D. Violante Peres de Tavora, filha de Pedro Lourenço de Tavora, senhor do Mogadouro.) Pedro de Sousa, que era criado dos duques de Bragança, passou a Castella, e alli, sendo protegido pelo conde de Benavente, lhe deram a alcaidaria-mór de Seabra, pelo que d'alli em diante se ficou chamando Pedro de Sousa Seabra.

Regressando a Portugal, casou com Catharina Pinheiro, filha bastarda do dr. Pedro Esteves Marques (natural de Barcellos, ouvidor do duque de Bragança, filho bastardo de um padre, por nome *Mestre João*, e de uma moura), e de uma judia conversa chamada Maria Pinheiro.

De Pedro de Sousa Seabra e de sua mulher Catharina Pinheiro nasceu o padre João de Sousa, prior de Rates, que teve muitos filhos bastardos, entre outros Thomé de Sousa, governador do Brasil, ao qual ficou uma filha que casou com D. Diogo de Lima.

Teve mais o dito Pedro de Sousa Seabra, de sua mulher Catharina Pinheiro, uma filha chamada D. Violante de Sousa, que casou com Ruy de Sá, e ficando viuva, tornou a casar com D. Alvaro de Athaide, senhor da Castanheira.

D'este casamento nasceu D. Antonio de Athaide, primeiro conde da Castanheira, o qual casou com D. Anna de Tavora, filha de Alvaro Pires de Tavora, senhor do Mogadouro.

Foram filhos d'estes D. Antonio de Athaide, segundo conde da Castanheira, D. Violante de Tavora, mulher de D. Luiz de Castro, conde de Monsanto, D. Maria de Athaide, mulher de D. Vasco da Gama, conde da Vidigueira, — D. Joanna, que casou com o conde da Atalaya, — e D. Anna, que casou com Joannes Mendes de Vasconcellos, morgado do Esporão.

—

Poesia da bibliotheca da Ajuda, attribuida tambem a Damião de Góes

Mestre João, sacerdote,
De Barcellos natural,
Houve de uma moura tal...
Um filho de bôa sorte:
Pedro Marques se chamava,
Honradamente vivia,
E por amores casou

C'uma formosa judia.
D'este que nada se esconde
Nasceu Maria Pinheira,
Mãe da mãe d'aquelle conde
Que se diz, da Castanheira.

—

Ha aqui a ermida de Nossa Senhora do Fojo.

Ha tambem a sumptuosa egreja de Nossa Senhora da Barroquinha.

A Castanheira é solar da familia nobre dos Correias e Silvas. Principia em D. Payo Ramires, rico-homem de D. Affonso VI, de Castella, cavalleiro portuguez, do qual foi filho D. Soeiro Paes Correia, casado com D. Urraca Hueres, dos quaes foi filho D. Payo Soares Correia que casou com D. Gontinha Godins, de cujo matrimonio houve dois filhos.

Por morte de sua mulher, casou D. Payo Soares com D. Maria Gomes da Silva, de quem teve Pedro Paes Correia, que casou com D. Dordia Paes de Aguiar, e ao inclyto D. Payo Peres Correia (cognominado o Josué Portuguez, por fazer parar o sol, em uma batalha contra os mouros algarvios) mestre da Ordem de S. Thiago, valoroso general portuguez e fronteiro-mór do Algarve.

São descendentes d'esta famllia, Martim Correia, senhor da Torre da Murta, que morreu na batalha d'Alfarrobeira (20 de março de 1449.)

As armas dos Correias são — Em campo de púrpura, uma aguia negra, tendo no corpo um escudo, tambem de púrpura, tecido com correias de oiro.

As armas dos Silvas são — em campo de prata um leão de púrpura, armado de azul, e por timbre o leão das armas. Alguns senhores da casa d'Aveiras, usam uma silva verde como bordadura do escudo.

Para a genealogia d'esta familia, vide Villa Nova da Cerveira.

—

Segundo um documento que existiu no cartorio da Carnota, assignado pelo guardião e alguns frades, choveu no inverno de 1435, trez mezes consecutivos, e houve um terremoto, que fez grandes estragos em Lisboa, arrazou Villa Franca de Xira e a Castanheira, e causou grandes estragos no concelho de Alemquer.

O Campo de Santarem, Varzea de Villa Nova e outros, estiveram cobertos de agua por mais de um mez. Perdeu-se muito pão e outros generos e morreu muita gente e gado, afogados. Andava-se em barcos por cima dos campos e até das casas. Não se podendo semear as terras, houve uma fome que dnrou tres annos.

Tornou a haver outra fome na Castanheira e terras circumvisinhas, em 1485. O trigo, que até então regulava por 15 até 20 réis o alqueire, chegou a 99 réis.

Em 1531, no dia 7 de janeiro, principiou um grande terremoto que devastou e destruiu muitas casas e campos de Lisboa e do Riba-Tejo. (Vide Lisboa, em 1531.)

Ainda em 1546, houve por estas terras outra grande fome, chegando então o trigo a 400 réis o alqueire, cousa até então nunca vista; mas no anno seguinte houve tal abundancia, que se vendeu o trigo, no Alemtejo, dez tostões cada moio e do superior e escolhido, a 30 réis o alqueire.

CASTANHEIRA — freguezia, Minho, comarca de Vallença, concelho de Coura, 48 kilometros a NO. de Braga, 408 ao N. de Lisboa, 140 fogos.

Em 1757 tinha os mesmos 140 fogos.

Orago S. Pedro, apostolo.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Vianna.

Os viscondes de Villa Nova da Cerveira, senhores donatarios d'esta freguezia, apresentavam o abbade, que tinha de redimento 300$000 réis.

É terra fria e muito accidentada, mas fertil. Cria muito gado de toda a qualidade, e nos seus montes ha muita caça e lobos.

Ha n'esta freguezia a capella de Nossa Senhora de Gontro de (Gontrode é nome proprio de mulher) á qual o arcebispo, D. frei Balthazar Limpo, applicou os dizimos da aldeia de Sornil, desannexando da parochia os moradores d'esta aldeia, e deu esta renda e direitos a Heitor Leão de Lemos, seu parente.

Ha tambem aqui uma capella possuida pe-

lo sr. João Luiz Pereira de Azevedo, e pertencente ao vinculo da casa de Mantellães.

É acima da egreja matriz, e junto á capella havia uma torre, que foi d'esta familia.

CASTANHEIRA—freguezia, Beira Baixa, foi até 1855 do concelho de Jermêllo, e desde então é do concelho, comarca e 18 kilometros da Guarda, 318 ao NE. de Lisboa, 180 fogos.

Em 1757 tinha 113 fogos.

Orago Nossa Senhora da Conceição.

Bispado e districto administrativo da Guarda.

Era dos marquezes d'Arronches.

A freguezia consta das aldeias da Castanheira e Quinta de Porto Mourisco.

Situada em uma campina d'onde se vêem o castello e muralhas de Almeida, e a aldeia do Pinzio.

Os marquezes d'Arronches, e depois os duques de Lafões, apresentavam o prior, que tinha de rendimento 350$000 réis.

Esta freguezia produz muito centeio, algum milho e castanha: do mais pouco.

Cria muito gado, principalmente cabras e ovelhas. Muita caça.

CASTANHEIRA—casal, Traz-os-Montes, na comarca e concelho de Montalegre, arcebispado de Braga, districto administrativo de Villa Real. Em Terra de Barroso. D. Affons III lhe deu foral, em Guimarães, a 28 de maio de 1258. (Liv. 1.º de Doações do sr. rei D. Affonso III, fl. 31, col. 1.ª)

CASTANHEIRA—freguezia, Beira Baixa, comarca de Figueiró dos Vinhos, concelho de Pedrogam Grande, 35 kilometros de Coimbra, 180 ao NO. de Lisboa. 800 fogos.

Em 1757 tinha 364 fogos.

Orago S. Domingos.

Bispado de Coimbra, districto administrativo de Leiria.

Era antigamente do termo de Pedrogam Grande, comarca de Thomar.

Eram seus donatarios os condes de Redondo.

Situada em um valle, d'onde nada se vê além da freguezia.

O cabido de Coimbra apresentava o cura, que tinha 80$000 réis.

É terra fertil.

CASTANHEIRA—freguezia, Beira Baixa, comarca e concelho de Trancoso, 54 kilometros de Viseu, 348 ao NO. de Lisboa. 90 fogos.

Em 1757 tinha 71 fogos.

Orago Nossa Senhora da Graça.

Bispado de Pinhel, districto administrativo da Guarda.

Era antigamente da comarca de Pinhel, termo da villa de Moreira e bispado e districto de Viseu.

O cura tinha 8$000 réis, de porsão, que lhe pagava o commendador de Santa Marinha, da villa de Moreira, e o pé d'altar.

Fertil em vinho e castanha.

CASTANHEIRA — aldeia, Extremadura, freguezia de Santa Eufemia, comarca e concelho de Torres Novas, 125 kilometros ao NE. de Lisboa.

A freguezia era antigamente da comarca de Leiria, termo de Cós.

Ha n'esta aldeia a capella de Santa Martha, fundada pelo licenceado Antonio d'Almeida. É muito bonita. Seu fundador a dotou com a renda annual de 330$000 réis, com obrigação de uma missa quotidiana, vestir por anno 12 pobres e casar uma orphã da freguezia (com o dote de 20$000 réis.)

O parocho de Cós era o administrador d'esta capella e seu legado, e repartia as sobras d'elle com os pobres.

CASTANHEIRA DE PENAS ROYAS—freguezia, Traz-os-Montes, comarca e concelho do Mogadouro, 35 kilometros de Miranda, 430 ao N. de Lisboa, 60 fogos.

Em 1757 tinha 34 fogos.

Orago Santo André.

Bispado e districto administrativo de Bragança.

D. Diniz lhe deu foral em Lisboa, a 20 de junho de 1289. (L.º 1.º das Doações do sr. rei D. Diniz, fl. 261, col. 1.ª)

Era antigamente da comarca de Miranda, termo de Penas Royas.

Os marquezes de Tavora (que eram os donatarios d'esta freguezia, até 1759) apresentavam o cura, que tinha 8$000 réis, 5 almudes de vinho e 10 alqueires de trigo.

Teve antigamente um convento de frades bentos, denominados de S. Martinho da Castanheira, e depois do Lago. Em 1356, deu este mosteiro, por 15 annos, todos os bens que tinha em S. Martinho de Angueira de Miranda e em França e Avelleda de Bragança, com todos os seus fóros e *padaliças* (pastagens) etc., etc., a Estevão Pires, de Bragança, para este se pagar do que os frades lhe deviam.

Situada ao pé da serra do seu nome. Do mais alto d'esta serra se vêem terras de 9 bispados, que são, em Portugal: Miranda, Guarda, Braga e Lamego; e na Hespanha: Ciudad Rodrigo, Salamanca, Samora, Astorga e Orense.

Chamam a esta freguezia, corruptamente, *Castinheira.*

CASTANHEIRA E RORIZ (chamava-se antigamente **CIMO DE VILLA DA CASTANHEIRA**) — freguezia, Traz-os-Montes, comarca e concelho de Chaves; foi até 1855, do concelho de Monforte do Rio Livre, 420 kilometros ao N. de Lisboa, 170 fogos.

Em 1757 tinha 57 fogos.

Orago Nossa Senhora da Expectação.

Bispado de Bragança, districto administrativo de Villa Real.

Roriz era uma freguezia independente, á qual o reitor da Castanheira apresentava o cura, que tinha 50$000 réis. Tinha por orago Nossa Senhora da Conceição, e em 1757, tinha 27 fogos.

A Castanheira era outra freguezia á qual aquella se annexou ha muitos annos. Esta tinha por orago S. João Baptista, e o seu parocho (cura) era apresentado pelo reitor de S. Fins, e tinha 60$000 réis de rendimento. Hoje que ambas formam uma só freguezia, é seu orago Nossa Senhora da Expectação.

Nos livros officiaes dá-se a esta freguezia o nome de Roriz.

Era antigamente da comarca da Torre de Moncorvo, termo de Monforte do Rio Livre.

Era dos condes de Athouguia.

Situada em plató. Fria.

A matriz tem uma torre separada d'ella, que consta ser obra dos romanos.

Em frente da matriz está a capella de S. Sebastião, que pela sua architectura mostra ter sido fortaleza mourisca.

É terra fertil.

Passa aqui o rio Mouce, de curso arrebatado. Réga e móe.

CASTANHEIRA DO VOUGA — villa, Douro, comarca de Agueda, concelho do Vouga, 40 kilometros ao NO. de Coimbra, 240 ao N. de Lisboa, 140 fogos.

Em 1757 tinha 58 fogos.

Orago S. Mamede.

Bispado e districto administrativo de Aveiro.

Foi do bispado de Coimbra.

Era antigamente da comarca de Esgueira.

É da casa do infantado.

Situada em um monte, proximo á serra do Caramullo.

A casa do infantado apresentava o prior, que tinha 400$000 réis.

É fertil em milho e centeio: produz algum vinho e do mais pouco.

Tem foral, dado por D. Manuel, em Lisboa, a 16 de junho de 1514.

Era cabeça do concelho do seu nome e tinha juiz ordinario, camara, escrivães e mais justiças.

Passam pela freguezia os rios Agueda, Aguedão e Alfusqueiro.

(Vide Vouga.)

—

Aqui viveu e morreu o dr. José Feliciano de Castilho, pae do célebre poeta Antonio Feliciano de Castilho (hoje visconde) que tambem residiu por varias vezes n'esta villa e aqui escreveu varias obras, sendo uma d'ellas *Os ciumes do bardo.* Em 29 de setembro de 1872 foram seus ossos (os do pae) para um jazigo do cemiterio dos Prazeres, em Lisboa.

Ha mais em Portugal 29 aldeias chamadas Castanheira.

—

CASTANHEIRO — vide Gostei.

CASTANHEIRO — freguezia, Traz-os-Montes, comarca de Moncorvo, concelho de Carrazêdo, 140 kilometros a NE. de Braga, 365 ao N. de Lisboa, 225 fogos.

Em 1757 tinha 134 fogos.

Orago S. Braz.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Bragança.

É terra fertil.

O reitor de S. Miguel de Linhares apresentava aqui o vigario, que tinha de rendimento 8$600 réis em dinheiro e o que rendia o pé d'altar.

CASTANHEIRO—pequena freguezia, Traz os-Montes, comarca de Bragança. Está ha muitos annos annexa a Gostei. (Vide esta palavra.)

CASTANHEIRO — villa, Beira Alta, até 1855 da comarca de Taboaço, concelho de Trovões, e desde então comarca e concelho da Pesqueira, 35 kilometros de Lamego, 340 ao N. de Lisboa, 140 fogos.

Em 1757 tinha 96 fogos.

Orago Nossa Senhora da Assumpção.

Bispado de Lamego, districto administrativo de Viseu

Tem foral, dado por D. Manuel, em 1 de fevereiro de 1514.

O padre Carvalho chama-lhe erradamente Castanheira.

Era *nullius diocesis*, isento do real mosteiro de S. Pedro das Aguias, de frades bernardos, cujo D. abbade tinha aqui jurisdicção *in solidum*.

Esta freguezia consta da villa e seu termo, que são as aldeias de Espinhosa e Pereiro.

O foral comprehende estas duas povoações.

O D. abbade de S. Pedro das Aguias apresentava o vigario, que tinha 60$000 réis e o pé d'altar.

Fertil em centeio, azeite, sumagre, e muito bom vinho.

Foram seus donatarios, até 1759, os marquezes de Tavora.

Tinha dois juizes ordinarios (um na villa, outro no termo) dois vereadores e um procurador, que todos formavam a camara, sem sujeição a outras justiças, por ser couto isento.

Passa aqui o Rio Torto.

Ha mais 13 aldeias d'este nome.

CASTEDO—vide Castêllo.

CASTEDO—freguezia, Traz-os-Montes, comarca e concelho de Alijó, 110 kilometros ao NE. de Braga, 360 ao N. de Lisboa, 140 fogos.

Em 1757 tinha 104 fogos.

Orago S. João Baptista.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Villa Real.

Era antigamente do termo de Alijó, comarca de Villa Real.

Foram seus donatarios, até 1759, os marquezes de Tavora, desde então ficou para a corôa.

O prior de Alijó apresentava o vigario, collado, que tinha 40$000 réis.

Fertil em optimo vinho, azeite e cereaes.

1:500 metros ao S. passa o Douro.

CASTEDO DA VILLARIÇA—freguezia, Traz-os-Montes, comarca e concelho de Moncorvo, até 1855 da mesma comarca, mas do concelho de Villarinho da Castanheira, que foi então supprimido. 125 kilometros a NE. de Braga, 370 ao N. de Lisboa, 160 fogos.

Em 1757 tinha 136 fogos.

Orago S. Miguel, archanjo.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Bragança.

Situada em um alto com ampla vista.

O abbade de Villarinho da Castanheira apresentava o vigario, *ad nutum*, que tinha 13$600 réis, e para as missas 2 alqueires de trigo e 2 almudes de vinho, e o pé d'altar.

A antiga parochia é agora a capella de S. Bartholomeu.

Fertil em vinho, centeio, cereja, castanha e linho.

Passa aqui o Ribeiro Grande, que sécca no verão.

CASTEIÇÃO—villa, Beira Baixa, comarca, concelho e 12 kilometros ao S. da Méda, 60 a SE. de Lamego, 345 ao N. de Lisboa, 180 fogos.

Em 1757 tinha 100 fogos.

Bispado de Lamego, districto administrativo de Viseu.

Era antigamente da comarca de Pinhel, d'onde dista 30 kilometros ao E., e 12 ao N. de Trancoso.

Situada em um alto.

Orago Nossa Senhora da Graça ou Nossa Senhora da Assumpção.

O rei e o bispo de Lamego apresentavam alternativamente o abbade, que tinha de rendimento 250$000 réis.

Antigamente chamava-se Castreição.

D. Sancho I lhe deu foral, em 30 de julho de 1196, confirmado em Coimbra por D. Affonso II, em novembro de 1217.

Teve outro foral, dado por D. Sancho II, em 1234.

(D'este ultimo falla o padre Cardoso, mas não vem mencionado em Franklim.)

CASTEJOM—portuguez antigo, significa, *castellão* (nobre que tem castello.) Parece-me que tambem significava castelhano; mas era mais vulgar dizer-se *castijano*, ao que era de Castella.

CASTELLÃES—freguezia, Minho, comarca da Povoa de Lanhoso, concelho de Vieira, 18 kilometros a NE. de Braga, 365 ao N. de Lisboa, 190 fogos.

Em 1757 tinha 155 fogos.

Orago Santo Estevão.

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

Era antigamente do concelho de Vieira, comarca de Guimarães.

Eram seus donatarios os *fidalgos de Simães*, que apresentavam o ouvidor, e as mais justiças apresentava o rei.

Situada em um valle, d'onde se vêem varias povoações.

O arcebispo de Braga apresentava o abbade, que tinha 380$000 réis.

É terra fertil.

Ha na freguezia a serra do seu nome, que lança dois braços, um chamado Cabeço de Vacca, ao E., outro chamado Cabêço da Cicilia, ao O. Cria muito gado. Caça.

Passa pela freguezia o rio Ave.

CASTELLÃO—vide a freguezia seguinte.

CASTELLÃES ou CASTELLÕES ou CASTRELLÕES—freguezia, Minho, comarca e concelho de Guimarães, 18 kilometros a NE. de Braga, 366 ao N. de Lisboa, 70 fogos.

Em 1757 tinha 64 fogos.

Orago S. João Baptista.

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

Era antigamente da visita de Monte Longo, termo e comarca de Guimarães.

O parocho era antigamente abbade, depois passou a ser reitor. Apresentava este parocho as egrejas de S. Pedro de Queimadella e a de S. Christovão da Agrella. O arcebispo de Braga é que apresentava o reitor, que tinha 16$000 réis e o pé d'altar.

E' terra fertil.

Ao N. da freguezia corre o rio Ave.

Esta freguezia e a seguinte (assim como todas as de Castellões) chamaram-se sempre Castellãos e (é o seu verdadeiro nome; porque, *castellão* era o nobre que tinha castello, quasi sempre o castellão era rico homem) e é o plural de castellão. Hoje diz-se *Castellões*, que vem então a ser augmentivo de castello, e significa, *grande castello*. Já se vê que é cousa muito differente e transtorna a sua verdadeira etymologia; porquanto freguezia de *castellãos* quer dizer *freguezia dos nobres* e nunca dos *grandes castellos*.

CASTELLÃOS ou CASTELLÕES DE CEPEDA—freguezia, Douro, comarca de Penafiel, concelho de Paredes, 28 kilometros a NE. do Porto, 324 a N. de Lisboa, 260 fogos.

Orago S. Salvador.

Em 1757 tinha 136 fogos.

Bispado e districto administrativo do Porto. É fertil.

Era antigamento do termo e comarca do Porto.

Situada em um valle d'onde se vê Penafiel e outras povoações. É n'esta freguezia a villa de Paredes capital do concelho d'este nome. O bispo do Porto e o D. abbade do convento de frades bentos de Paço de Souza, apresentavam alternativamente (cada um o seu mez) o abbade, que tinha 300$000 réis, isto segundo o padre Cardoso.

O *Portugal Sacro e Profano*, diz que o abbade era da apresentação da Sé Apostolica, com reserva de quatro mezes do mosteiro de Paço de Souza; e que a abbadia rendia 400$000 réis annualmente.

Quando foi cabeça de concelho tinha um ouvidor, dois tabelliães (que serviam de escrivães da camara) procurador, meirinho. etc. etc.

Em 1821, foi supprimido o antiquissimo e vasto concelho d'Aguiar de Sousa, passando a maior parte das freguezias que o con-

stituiam a augmentar tambem o antigo concelho de Castellãos de Cepêda, cuja capital se mudou então para a povoação de Parêdes, que obteve o titulo de villa, e deu seu nome ao actual concelho.

Junto á capella de Nossa Senhora da Guia está a Fonte Sagrada, abundantissima d'agua, com que se rega uma ribeira muito fertil. Pelo E. e S. da freguezia passa o rio Sousa, que réga e móe.

Vide Parêdes (de Penafiel) e Aguiar de Souza.

Para etymologia, vide a freguezia antecedente. Vide Castellões.

CASTELLATICO—direito real antigo, applicado para fundação, conservação e reparos dos castellos no respectivo territorio. Nos principios da monarchia, quasi não havia julgado ou concelho que não tivesse o seu castello, em que governava um conde, castellano ou alcaide, que sempre era pessoa muito fiel e honrada, a quem pagava o povo certos foros (alcaidarías) mas o direito castellatico era para o rei, e se pagava á dinheiro, quando não eram precizos reparos no castello da terra, e em dia de trabalho quando era necessario.

Expulsos os mouros e inutilisados os innumeraveis castellos, cujas ruinas hoje se encontram, foi reservado esse tributo (de que nem os monges e os padres eram isentos) para edificar ou reedificar as praças das fronteiras. O povo, para se eximir d'este foro, no reinado de D. Affonso IV combinou com o rei em lhe dar a terça do rendimento dos seus concelhos.

Desde 1640 ficaram essas terças para a corôa.

Ainda actualmente se pagam á fazenda publica as terças do concelho, a cujo pagamento são obrigados as camaras municipaes.

CASTELLEIRO—freguezia, Beira-Baixa, foi até 1855 da comarca da Covilhan, concelho de Sortelha, e desde então é da comarca e concelho do Sabugal, 36 kilometros da Guarda, 260 ao ENE. de Lisboa, 220 fogos.

Orago o Salvador.

Em 1757 tinha 146 fogos.

Bispado e districto administrativo da Guarda.

Era antigamente do termo de Sortelha, comarca de Castello Branco.

Situada em uma planicie. O vigario de Sortelha apresentava o cura, que tinha de congrua 20$000 réis e o pé d'altar.

É terra pouco fertil.

CASTELLÊJO E FREIXIAL DOS PÔTES—freguezia, Beira-Baixa, comarca e concelho do Fundão, 54 kilometros da Guarda, 240 ao ENE. de Lisboa, 410 fogos.

Orago Nossa Senhora da Silva.

Em 1757 tinha 182 fogos.

Bispado da Guarda, districto admistrativo de Castello Branco.

Era antigamente do termo da Covilhan, comarca da Guarda.

Situada em uma baixa, junto a uma ribeira, cercada de montes, d'onde só se vê a aldeia do Souto da Casa. A Mesa da Consciencia e Ordens apresentava o vigario (por ser a freguezia da Ordem de Christo) e tinha 80$000 réis, 54 arrateis de cêra e 10 alqueires de trigo e 10 almudes de vinho, para as missas: tudo pago pela commenda da Ordem de Christo.

Feira a 16 de setembro e 13 de dezembro (Castellejo é diminutivo de Castello.) São duas freguezias reunidas Castellejo e Freixial dos Potes. Esta, quando era freguezia independente, tinha por orago S. Sebastião, martyr. O prior do Souto da Casa, apresentava aqui o cura, cuja renda era incerta. Tinha o Freixial, em 1757, 70 fogos.

CASTÈLLO—monte, Douro, freguezia de Mançôres, concelho e comarca d'Arouca, d'onde dista 20 kilometros ao OSO,. 12 ao NE. de Oliveira d'Asemeis, 3 ao SE. de Fermedo, 36 ao SE. do Porto e 275 ao N. de Lisboa.

Bispado do Porto, districto administrativo d'Aveiro.

Tem uns 400 metros acima do nivel do mar. É quasi todo inculto e no cume bastante pedregoso. Tem algumas arvores silvestres e matto.

Do tópe d'este monte se gosa um bellissimo panorama. Vê-se uma vasta extensão de terra e mar; as serras da Freita, Parnaval, Marão, Vallongo e outras muitas de menos nota; toda a cidade do Porto, e centenares de povoações.

É tradição que houve aqui uma fortaleza e uma povoação romana, e ha ainda vestigios de alicerces e varios montões de pedras em differentes partes, que parece terem já servido em edificios toscos.

Em 1843 appareceram aqui dois capacêtes romanos, de cobre, e parte do machado de uma acha d'armas, de bronze.

Tem extensas pedreiras d'optimo granito.

É incontestavel que os celtas habitaram este monte, porque, do lado do O. d'elle ha varias *mâmoas* (todas já esgravatadas pelo povo á cata de thesouros encantados) um *dolmen* e vestigios de *carns*.

A este monte andam ligadas varias tradições de mouras encantadas.

Tem varias nascentes d'agua (até quasi ao seu cume!) e vastos terrenos d'optima qualidade para a cultura, tudo desaproveitado.

Se uma companhia, intelligente e bem administrada, obtivesse isto do governo e o arborisasse e cultivasse, tiraria um optimo resultado. Assim como está, apenas cria algumas arvores silvestres, tojos e carqueija.

CASTÊLLO ou **CASTÊDO**—pequena villa, Douro, na freguezia de Santa Maria d'Avioso, comarca e 14 kilometros ao N. do Porto, concelho da Maia, 324 kilometros ao N. de Lisboa, 180 fogos, na villa e freguezia. Fertil.

Foi cabeça do concelho da Maia.

Vide Avioso (Santa Maria.)

Disse em Avioso, que a freguezia tem 150 fogos; mas actualmente tem 180.

CASTELLO—villa pequena, Beira-Alta, concelho de Satão, comarca e 24 kilometros de Viseu, 300 ao N. de Lisboa, 40 fogos. É na freguezia de Ferreira d'Aves, da qual foi cabeça por muitos annos, assim como do concelho de Ferreira d'Aves, até á sua suppressão. Vide Ferreira d'Aves.

CASTELLO—Vide Alfandega da Fé.

CASTELLO.—freguezia, Extremadura, comarca e concelho da Certan, 165 kilometros ao E. de Lisboa, 230 fogos.

Orago Espitito Santo.

Em 1757 tinha 190 fogos.

Patriarchado de Lisboa, districto administrativo de Castello Branco.

Era antigamente do priorado do Crato, *nullius dioecesis*, comarca de Thomar, termo da Certan.

Era senhor d'esta freguezia o grão prior do Crato. Fertil.

Situada em campina, d'onde se descobrem as villas de Figueiró dos Vinhos e Aréga e parte do termo de Pedrogão Grande.

O prior do Crato apresentava aqui o reitor, que tinha 2 moios de trigo, 20 almudes de vinho e 2$000 réis em dinheiro.

Passa aqui o rio Zêzere, e n'esta freguezia se lhe junta a ribeira da Mourisca.

CASTELLO ou **QUINTA DO CASTELLO**—freguezia Traz-os-Montes, concelho d'Alfandega da Fé, comarca de Moncorvo, 145 kilometros ao N. de Braga, 360 ao N. de Lisboa.

Orago S. Pedro ad Vincula.

Em 1757 tinha 17 fogos.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Bragança.

O reitor d'Alfandega da Fé apresentava o cura que tinha de rendimento 6$000 réis e o pé d'altar. Esta freguezia esta, ha muitos annos, annexa á d'Alfandega da Fé.

CASTELLO—villa, Beira-Altá, comarca e concelho de Moimenta da Beira, 18 kilometros de Lamego, 324 ao N. de Lisboa, 220 fogos.

Em 1757 tinha 120 fogos.

Orago Nossa Senhora da Conceição. O seu primeiro Orago foi o SS. Sacramento.

Bispado de Lamego, districto administrativo de Viseu.

Era antigamente da comarca de Lamego.

Situada em um alto, d'onde se vêem as villas de Leomil e S. Cosmádo. Tem outra matriz, e greja orago Nossa Senhora da Encarnação, situada em um cabeço da qual é fóra da villa.

Os frades bernardos de Salzêdas apresentavam o vigario, que tinha 18$000 réis, 80 alqueires de centeio, 25 de trigo, e 60 almudes de vinho.

Fertil.

Foi cabeça do concelho do seu nome e tinha juiz ordinario, camara, procorador do concelho, escrivães e todos os mais empregados judiciaes.

Passa pela freguezia o rio Tédo.

CASTELLO ou **S. THOMÉ DO CASTELLO**—freguezia Traz-os-Montes, comarca, e concelho de Villa-Real, 365 kilometros ao N. de Lisboa, 320 fogos. Em 1757 tinha 200 fogos.

Orago S. Thomé, apostolo.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Villa Real.

O castello que dá o nome a esta freguezia, está situado sobre o cume do mais alto picôtto que ha na freguezia, e sobre a margem esquerda do rio Córgo, quasi ao nivel da serra do Marão. O reitor de Mouçós apresentava aqui o vigario, que tinha 80$000 rs. de rendimento. E' terra fertil.

A fundaçãodo castello é tão antiga, que não ha memoria de quem foram os seus edificadores. A tradição attribue a sua construcção aos antigos lusitanos, no primeiro ou segundo seculo do christianismo.

Algnns atribuem aos romanos a fundação d'este castello.

Hoje não é mais do que um montão de ruinas e conhecem-se ainda, apezar d'isso, as cortinas ou panos da muralha, os alicerces da torre central e por baixo d'elles uma casa que parece ter sido cárcere.

Segundo os vestigios ainda existentes, tinha esta fortaleza 3 portas; uma ao N., outra ao S., outra a E.

Segundo a constante tradição, conservada por estes sitios, é este o mais antigo castello da provincia e o ultimo que foi conquistado pelos suevos, depois de uma obstinada resistencia, pelos annos 410 de Jesus Christo.

Segundo a mesma tradição, era chefe dos suevos D. Ruy Colodio, capitão poderoso, bravo e habilissimo nas manhas da guerra; pelo que se tornava temivel a seus inimigos. Suas tropas estavam divididas em quatro legiões, (cada uma dividida em 8 centurias) commandadas por Felmano, Lucino (ou Licinio) Roquelan e Jaime Guiberne (não me parecem muito germanicos estes nomes).

Foi este castello investido pelos romanos, da guarnição do castello do *Pontido* (no actual concelho de Villa Pouca de Aguiar) mas, apesar do grande numero dos sitiantes, foram postos em fuga e destruidos.

A D. Ruy Colodio succedeu D. Bruno Lucilio (este nome é mais romano do que suevo) que, não sei porque, não tomou logo conta do governo, sendo substituido por Jaime Guiberne. Por morte d'este foi eleito Lucino; mas então tomou conta do governo D. Bruno Lucilio. Todas estes chefes ou régulos obtiveram grandes victorias dos seus inimigos.

A D. Bruno succedeu D. Taludo, valoroso e intelligentissimo guerreiro e legislador.

Depois, nas guerras que houve entre os suevos e gôdos, ficando victorioso Leovigildo, rei d'estes, pelos annos 585, foi este castello atacado com grandes forças, e apezar de uma obstinada e brava resistencia, foi tomado e demolido pelos gôdos.

Até aqui o que consta da tradição e das memorias conservadas por curiosos de antiguidades.

—

Ha n'esta freguezia um sitio chamado *Mascusinhos*, que foi uma populosa aldeia.

Houve em Portugal uma grande peste em 1503 e outra ainda maior em 1505, que matou toda a gente d'esta aldeia, escapando apenas duas mulheres, que fugiram para a aldeia de Aguas-Santas, d'esta freguezia; abandonando-se para sempre a aldeia de Mascusinhos, da qual hoje só ha ruinas.

Perto do castello e junto á porta do L., existem as ruinas de uma capella, que depois se mudou para um outro sitio, a poucos metros de distancia, e é agora a capella de S. Sebastião, ou S. Christovão do Castello. Fica a uns 2 kilometros da povoação principal da freguezia.

Ainda em uma das annexas d'esta freguezia existem duas imagens que foram da antiga capella de Mascusinhos—uma é de S. Domingos e outra de Nossa Senhora das Neves. Os povos d'estes sitios teem muita devoção com esta Senhora, á qual attribuem muitos milagres.

—

Não podiam deixar as ruinas d'este vetustissimo castello de ter suas lendas e contos de mouras e thesouros encantados; e o nosso bom povo, cuja imaginação é tão fertil n'estas coisas, traz ligadas a estas ruinas, historias pavorosas e horripilantes.

Ahi vão as principaes.

D. Taludo e seus antecessores possuiam riquezas hyperbolicas, que tinham escondido em uma especie de *tunnell* que mina o picôtto, na Fonte dos Louranços (a uns 60 metros do castello)—na Fraga dos Sabugueiros, onde se vê uma mão esquerda, por baixo da qual, diz o *tombo* ou *roteiro*, estão as armas de D. Taludo, e onde era a morada de D. Martha; na Fraga da Torre, onde ainda se vêem os alicerces de um edificio, que se diz ter sido torre, e era o carcere dos prisioneiros e delinquentes. Dista 900 a 1:000 metros do castello. Por estes sitios, diz o *tombo*, se encontrarão as joias de um rei.

Tendo já fallado n'esta obra em *roteiros* (a que nas provincias do N. chamam *tombos*) é preciso dizer aos leitores que o ignorarem, que *roteiro* é um *quaderno* manuscripto que diz os sitios onde estão os *thesouros encantados* e a maneira de os *desencantar*. Já se sabe, os taes roteiros não passam de um logro.

Fiados nos taes *tombos*, muitos teem tentado desencantar thesouros, por meio de livros magicos (dizem que escriptos por S. Cypriano, antes da sua conversão) e com rezas dos padres, que para isso alli teem levado.

Diz-se que de uma vez acharam algumas riquezas. Que por outra vez, depois de muito trabalho nocturno, e estando mettidos todos dentro de um grande *sino saimão* (signo de Salomão) lhes appareceram figuras diabolicas e idolos monstruosos e medonhos, mas riquissimamente vestidos de oiro e de diamantes, que brilhavam como o sol, a cuja vista os ambiciosos desencantadores ficaram aterrados e fugiram espavoridos.

Junto á porta do castello que olhava para o N., consta que havia antigamente um buraco, por onde facilmente podia entrar um homem. Diz-se que ha annos por elle entraram varios individuos audaciosos, os quaes a poucos passos da entrada viram uma abobada de cantaria lavrada e depois umas escadas de uns 16 a 20 degraus, ao fim dos quaes se seguia uma estreita galeria até um largo onde estava um bello jardim com um elegante chafariz.

Mais adiante estava outro largo, e n'elle um sumptuoso templo pagão, todo ornado de ouro e pedrarias, com idolos medonhos e ameaçadores que lhe faziam terriveis esgares. Os pobres fugiram espantados, e poucos dia s sobreviveram á sua temeraria empresa.

Consta que os principaes chefes d'esta expedição foram Gonçalo Esteves e Paulo Mendes, da referida aldeia de Mascusinhos, arruinada.

E lá jazem encantados os famosos e riquissimos thesouros dos antigos possuidores do castello!

—

Dou os mais cordeaes agradecimentos ao reverendissimo sr. Fortunato Antonio Botelho Machado, dignissimo abbade de S. Thomé do Castello, que obsequiosamente me forneceu estes apreciaveis esclarecimentos.

Honra a este clerigo attencioso e illustrado, que não fez como muitos a quem pedi por muito favor esclarecimentos de antiguidades, e que nem se dignaram responder!

CASTELLO D'AGUIAR DO SOUSA—Douro, comarca de Penafiel, concelho de Paredes, 14 kilometros ao NE. do Porto, 315 ao N. de Lisboa.

Este castello, célebre na antiguidade, existiu sobre a margem direita do rio Sousa, na sua confluente com o Douro (margem direita) onde hoje se chama Foz do Sousa.

Provavelmente foram os romanos que o edificaram (se não foram os antigos lusitanos). Durante o reinado dos principes gôdos foi este castello reedificado (ou, segundo outros, fundado) e d'elle trata claramente a *Chronica gothica;* situando-o na margem do rio Sousa, em frente de Arnellas.

O chronista fr. Antonio Brandão copia a dita *Chronica* d'este modo:—«*Era 1033. Almançor cepit Castellum de Aguilar, quod est in ripa Sausæ in Portugalensi Provincia.*» (*Mon. Lusit.* tom. 3.°, in App. fl. 27.)

Flores, que deu correcta e illustrada esta *Chronica*, conta o successo assim:—«*Era MXXXVIII. Cepit Almanzor Castellum Aquilar, quod est in ripa de Sousa Provincia Portugalensi.*» (*Esp. Sagr.* tom. 23, App. 7 pag. 337.)

Quer a tomada d'este castello fosse na era de 1033, como copia Brandão, quer na de 1038, como diz Flores, é incontestavel que pelos annos 995 ou 1000 de Jesus Christo (que é a tal éra de Cesar 1033 ou 1038) Almançor sitiou ou conquistou este castello aos christãos n'uma d'essas datas. Prova-se d'esse facto que esta fortaleza era importante n'aquelle tempo, aliás nenhum desejo teria o famoso guerreiro Almançor de a conquistar.

Quando D. Fayão Soares fundou Arrifana de Sousa, em 850, a povoou com gente que tirou da velha cidade de Penafiel e do Castello de Aguiar do Sousa, de que era senhor. Mas, ou o castello não ficou despovoado, ou foi povoado de novo, visto que Almançor depois lhe poz sitio para o tomar.

Pela leitura da *Chronica Gothica* deduz-se que Almançor, tomado o castello de Aguiar, lhe poz guarnição mourisca; porque se assim não fosse, o arrazaria, como fez a outros, o que não consta.

Ignora-se quando os christãos recuperaram este castello. Suppõe se ser ahi pelos annos 1020, em que o infante Alboazar Ramires resgatou muitas terras ao N. do Douro do poder mauritano; ou D. Fernando III (o Grande) pelos annos 1036.

O que é certo é que o castello de Aguiar do Sousa, ainda existia na era de 1273 (1136 de Jesus Christo) porque o mestre da Ordem de S. Thiago fez então uma escriptura de doação a Martim Annes do Avinhal (que era da familia dos Aguiares) na qual se lê o seguinte:

«*Damos e outorgamos a vos Martim Annes e áquelles vossos hereres* (herdeiros), *que de vós descerem, por vosso herdamento para todo sempre so* (sob) *a maneira, e so as condicions que adiante son escritas en esta carta es nossos logares, que son chamados os Padrois* (Padrões) *a que vós posestes nome Aguiar dos padrois, que son en ó Campo Dourique, etc.*»

Declara-se n'esta escriptura os muitos serviços que a Ordem tinha recebido de Martim Annes, e varios outros bens que lhe dá em recompensa d'esses serviços, e continúa: — «*E outro si pelo Castello de Iguiar, que era vosso herdamento, que nós avemos de vós, que nos entregou D. Gil Gomes, vosso tio, em vosso nome, e por vosso outorgamento, quando nos deo os Castellos de Asnar, etc.*» — (Alarcão, *Relacion Gen.* in Append. pag. 115.)

Vê-se pois que este castello foi então cedido (ou trocado) pelo seu proprietario á Ordem de S. Thiago.

Não me foi possivel averiguar quando este antigo castello foi destruido, mas é de suppor que fosse durante as frequentes (quasi continuas) guerras que tivemos algumas vezes com castelhanos e quasi sempre com os mouros, desde o conde D. Henrique até D. Sancho II.

O que é certo é que foi arrazado até aos fundamentos, pois d'elle não restam outros vestigios além do que deixo dito.

Segundo alguns escriptores, era este castello o solar dos Aguiares. Outros dizem que era a freguezia d'Aguiar do Sousa.

Consta que em frente d'este castello, na margem esquerda do Sousa, e tambem portanto na sua foz, existiu a antiquissima cidade de Penafiel.

Outros querem que esta cidade existisse na serra que fica sobranceira á foz do Sousa. (Vide Arrifana do Sousa e Penafiel.)

CASTELLO D'ALMOUROL — vide Almourol.

CASTELLO BOM — villa, Beira Baixa, comarca do Sabugal, concelho e 18 kilometros d'Almeida, 36 kilometros de Pinhel, 324 ao E. de Lisboa, 75 fogos.

Em 1757 tinha 96 fogos.

Orago Nossa Senhora da Assumpção.

Bispado de Pinhel, districto administrativo da Guarda.

Era antigamente do districto de Cima Côa, comarca de Pinhel, bispado de Lamego.

Situada em um alto, sobre uma rocha, d'onde se vê a praça d'Almeida (a 12 kilometros) e Castello Rodrigo (a 30).

Foi cabeça do concelho do seu nome, e tinha juiz ordinario, camara, procurador do concelho, escrivães, *et reliqua*; tudo feito de

tres em tres annos pelo corregedor de Pinhel. O seu termo comprehendia os logares de Freinêda, Naves, Rio Sêcco e Villar Formoso.

É terra fertil.

A matriz é dentro das muralhas. O papa e o bispo de Lamego, e depois o de Pinhel, apresentavam alternativamente o reitor, que tinha 40$000 réis.

Tem um castello, a cuja conservação eram obrigados os viscondes de Ponte de Lima. Ainda no fim do seculo passado tinha duas bôccas de fogo e armazens para petrechos de guerra e munições. Hoje está tudo desmantelado.

Tem uma antiga e famosa torre com duas abobadas, que tem servido de cadeia.

Este termo é dividido do de Castello Mendo pelo rio Côa, que passa 3 kilometros a E. da villa.

Castello Bom foi praça d'armas, e a villa é cingida de muros de cantaria, com duas portas, tendo dentro o castello, que lhe servia de cidadella. Todas estas fortificações foram obra de D. Diniz, em 1296. D. Manuel as reformou em 1509.

Era povoação arabe (mas não sei o nome que tinha) e D. Diniz a mandou povoar por christãos quando lhe fez as muralhas, e reconstruiu a villa.

Castello Bom passou para a corôa portugueza (1282) em dote da rainha Santa Isabel, mulher de D. Diniz; mas estava quasi despovoada.

D. Affonso VIII de Leão (primo e contemporaneo do nosso D. Sancho I) lhe deu foral, sem data. D. Diniz lhe deu tambem foral, em 1296 (ainda que Franklim não falla n'este foral) e D. Manuel lhe deu foral novo, em Lisboa, no 1.º de junho de 1510.

Vide foral antigo, sem data, no maço 5 dos mesmos, n.º 2. Vejam-se mais os *Artigos da Portagem e outros direitos, que se pagam, segundo o foral velho*, no livro XLVI, de Tombos, no armario 17, fl. 60, v., e *Livro de foraes novos da Beira*, fl. 22, v., col. 2.ª

Esta povoação tem decahido muito da sua antiga importancia e prosperidade.

CASTELLO BRANCO — freguezia, Traz-os-Montes, comarca e concelho do Mogadouro, 168 kilometros a NE. de Braga, 395 ao N. de Lisboa, 155 fogos.

Em 1757 tinha 100 fogos.

Orago Nossa Senhora da Assumpção.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Bragança. Muito fertil.

O real padroado apresentava o abbade, que tinha de rendimento 400$000 réis.

Era esta freguezia cabeça de uma commenda dos templarios até 1311. Em 1319 passou a ser do mesmo modo cabeça de uma commenda de Christo (a mesma que foi dos templarios). Esta commenda rendeu alguns annos 4:800$000 réis.

CASTELLO BRANCO — cidade, Beira Baixa, capital da provincia, do bispado e do districto administrativo — 84 kilometros da Guarda, 80 ao E. de Abrantes, 120 d'Elvas, 215 ao E. de Lisboa, 1:500 fogos, 6:000 almas, em duas freguezias, Santa Maria e S. Miguel (Sé) que hoje estão unidas, por carta de lei de 20 de julho de 1849, existindo só a matriz da Sé. No concelho tem 5:400 fogos, na comarca 6:820, no districto administrativo 34:000.

Até 1771 foi do bispado da Guarda.

Era villa com o titulo de *notavel* (conferido por D. João II) e em 15 de agosto de 1771 foi elevada á cathegoria de cidade, e a séde de bispado. Até então era do bispado da Guarda.

Foi D. José I que obteve do papa Clemente XIV, que aqui se formasse o novo bispado, desmembrando-se do bispado da Guarda o territorio para esta diocese.

Foi seu primeiro bispo, D. José de Jesus Maria Caetano, mestre dos filhos de Sebastião José de Carvalho e Mello, 1.º conde de Oeiras e 1.º marquez de Pombal. Este bispo, era religioso da Ordem dos prégadores (dominico).

É situada em posição elevada e vistosa, proximo do rio Laca.

O licenceado Gaspar Alvares de Lousada e outros archeologos, dizem que é a antiquissima *Castraleuca*, dos romanos, (onde foi martyrisada Santa Wilgeforte, segunda do nome). É certo que aqui tem apparecido cippos e inscripções romanas, por varias vezes.

Sustentam outros que esta cidade foi fundada pelos célebres cavalleiros templarios, no seculo XII. Na minha humilde opinião (e depois de folhear toda a casta de pulverulentos alfarrabios) Castello Branco é a *Castraleuca* dos romanos (da qual o nome moderno é a tradução litteral). O castello e a cêrca velha, cuja edificação alguns attribuem aos templarios, é, segundo todas as probabilidades, obra dos romanos.

Vide adiante o mais que sobre isto digo. Tambem alguns escriptores sustentam que *Castraleucos* é a villa do Crato.

Um dos factos principaes (e julgo-o mesmo essencial) em que me fundo para sustentar que os cavalleiros do templo não fundaram esta cidade, é que — se fossem elles, o seu grão-mestre (segundo o invariavel costume) lhe daria foral; mas não deu — pois o primeiro foral da então villa de Castello Branco, lhe foi dado por D. Sancho I, em 1188.

Em 22 de setembro de 1495, D. Pedro de Sousa, visitador da Ordem de Christo, deu outro foral a Castello Branco, *segundo a posse em que se achava esta ordem.*

Tem foral novo, dado por D. Manuel, em Santarem, no 1.º de junho de 1510. (Gaveta 13, maço 2, n.º 5, Livro dos foraes novos da Beira, fl. 23, col. 2.ª)

Estou convencido que os templarios só aqui fizeram obras de defeza e reedificaram as antigas, desde 1229, anno em que, *sendo já Castello Branco uma grande e importante povoação* (como expressamente o diz a doação) D. Sancho II a doou a D. Simão Mendes, mestre dos templarios n'este reino. Este fez no castello um palacio para os commendadores da Ordem, o qual depois foi residencia dos alcaides-móres.

Em 1286 mandou D. Diniz ampliar e concertar as fortificações, fazendo uma nova cêrca e outro castello, com quatro portas (Pelame, S. Thiago, Traição e do Ouro) guarnecida com sete torres, além da de menagem, que tem sete quinas.

Segundo a *Geographia Historica*, de D. L. C. de Lima (tom. 2.º, pag. 133) ainda em 1734 havia dois recintos de muralhas, denominadas *Cêrca Nova* e *Cêrca Velha*. A mais antiga era provavelmente do tempo de D. Sancho I, ou mesmo talvez antes da monarchia portugueza: a nova foi a que fez D. Diniz, ou os templarios, por sua ordem. Não se sabe quem mandou construir o antigo castello, que alguem disse ser obra romana ou arabe; e ha quem sustente que foi elle que deu o nome á villa.

Todos sabem que a Ordem dos templarios foi extincta em todo o mundo catholico, em 1311.

Em alguns reinos (sobre tudo na França) foram os cavalleiros assassinados, depois de lhe fazerem soffrer os mais atrozes supplicios, e seus immensos bens confiscados em beneficio do papa. Em Portugal, foi a Ordem simplesmente dissolvida, e o nosso bom rei D. Diniz, para evitar que Roma tomasse conta das grandes riquezas dos templarios portuguezes (como fez em outras nações) instituiu a Ordem de Christo, á qual deu todos os bens dos templarios, em 1319.

Desde então ficou sendo Castello Branco, commenda da Ordem de Christo, cujos commendadores se estabeleceram no palacio que os seus antecessores tinham feito no castello, e alli residiram até 1640, em cujo anno mudaram a sua residencia para Lisboa.

Os ultimos commendadores que viveram nos paços do castello, foram D. Fernando de Menezes e D. Antonio de Menezes, que foram para Lisboa, logo depois da acclamação de D. João IV.

Já disse que esta cidade tem duas freguezias, Santa Maria do Castello (assim chamada por estar a egreja dentro do castello) se mudou para a capella de S. Braz, que está junto ao mesmo castello, por se ter arruinado a antiga matriz, com as guerras de 1705. A de S. Miguel, é extra-muros e tem nove altares.

Desde a erecção do bispado, foi esta egreja feita Sé e dedicada a Nossa Senhora da Assumpção (como todas as egrejas cathedraes do reino).

Ambos os parochos eram vigarios e freires da Ordem de Christo, apresentados pela Mesa da Consciencia e Ordens.

Tem cada uma d'estas freguezias cinco

beneficiados, que eram da mesma apresentação e freires de Christo.

O vigario de Santa Maria, tinha de *porsão* 75 alqueires de trigo, 30 almudes de vinho *cosido*, 14$500 réis em dinheiro, 1 moio de centeio e 10 alqueires de azeite, tudo pago pela commenda. Tinha mais 2 moios de trigo, 1 de centeio e 13 almudes de vinho *cosido*, pago em dinheiro (á vista da certidão dos preços correntes, tirada em agosto). Os beneficiados d'esta egreja tinham cada um 90 alqueires de trigo, 4 de azeite e 12$000 réis em dinheiro, de *porsão*, pago pela commenda.

O vigario de S. Miguel tinha de *porsão*, pago pela commenda, 75 alqueires de trigo, 1 moio de centeio, 10 alqueires de azeite e 14$000 réis em dinheiro, e mais 120 alqueires de trigo, 1 moio de cevada e 39 almudes de vinho, em dinheiro, segundo a certidão acima dita. Os beneficiados, tinha cada um, 1 moio de trigo, 4 alqueires de azeite e 12$000 réis em dinheiro, pago pela commenda.

Em 1757, tinha a freguezia de Santa Maria do Castello 574 fogos e a de S. Miguel 620.

Tinha dois conventos de frades, extramuros: Capuchos de Santo Antonio, no fim da povoação da Soledade, fundado por D. Fernando de Menezes, commendador e alcaide-mór de Castello Branco, em 1562.

O edificio do convento serve actualmente de quartel e hospital militar, e na parte do sul está o theatro, feito aqui com licença e por decreto do governo, de 25 de maio de 1844. Denomina-se Theatro União, e é de uma sociedade constituida em 1842, e com os devidos estatutos.

Eremitas de Santo Agostinho (convento da Graça) que primeiro foi de franciscanos, até 1526, em que passou para agostinhos. É extra-muros e junto do paço episcopal. Tinha propriedades, no valor de 32 contos de réis, que foram vendidas em 1834 (ou pouco depois) como bens nacionaes. Em 1834 veio para este convento o hospital civil, que até então estivera na Misericordia Velha ou Rainha Santa. (Sobre a Misericordia, vide adiante.)

O primeiro é a E. da cidade e o segundo ao N.

Tem Misericordia e hospital, o melhor da provincia e dos bons do reino.

É terra muito fertil e produz muita e boa hortaliça.

Não é muito abundante de fructa, mas a que ha é de optima qualidade, principalmente as pêras serôdias, que têem fama em todo o reino. Da bella quinta da Carapálha, pertencente ao sr. Domingos Roballo, já tratei no logar competente. Vide Carapálha.

Antes de 1834, tinha provedor, corregedor, juiz de fóra, juiz da alfandega, juiz dos freires da Ordem de Christo, juiz dos orphãos e camara, com seus competentes escrivães, meirinhos e porteiros.

Tinha capitão-mór com 15 companhias, 5 na cidade e 10 no termo.

É tradição que a 3 kilometros a E. de Castello Branco, existiu a antiquissima cidade de *Belcagia*, ou cidade dos Belgaios, (Vide Belcagia.) entre as ermidas de S. Martinho e de Nossa Senhora de Mercules.

Existem aqui ainda vestigios de remotissimos edificios.

Segundo a mesma tradição, uma epidemia assolou esta cidade, de tal maneira que a deixou despovoada; porque os que escaparam á peste resolveram abandonar este sitio e fundar outra cidade, para o que escolheram uma pequena montanha, que lhe ficava a uma legua ao O., onde effectivamente fundaram a actual Castello Branco, a que depois os romanos denominaram *Castra-Leuca*.

É certo que a tradição parece confirmar-se por alguns cippos com inscripções romanas, que aqui se tem em varias epocas encontrado.

—

Antes da invenção das armas de fogo, era a fortaleza de Castello Branco considerada inexpugnavel. Tinha quatro portas, o castello, e na sua torre de menagem (em fórma de polygono heptagono) estavam —as armas de Portugal de um lado e da outra as da Ordem de Christo.

Foi o rei D. Diniz, que, em 1319, mandou cingir a villa, de fortes muros, com 10 por-

tas, todas em fórma de arco. Estas portas foram todas demolidas, por ordem do ministerio da guerra, de 17 de julho de 1835.

Sobre os muros existentes, das vetustas muralhas, se vêem alguns mirantes, construidos por particulares, que estão de posse de parte d'ellas.

Do palacio dos commendadores e do castello, apenas hoje existe uma pequena parte, que é dependencia do bonito lyceu nacional, que modernamente se edificou em um recinto do castello. É este um dos melhores pontos de vista da cidade, pela vastidão de horisonte que d'aqui se descobre, em uma circumferencia de 30 kilometros de raio; vendo-se a E., as povoações de Idanha Nova, Ladoeiro, Zibreira, Monforte e Malpica; a S., parte da Hespanha, Marvão, Castello de Vide e a garganta do rio Tejo, chamada Portas do Rodão, a O., Sarzedas, Ninho d'Açôr, Tinalhas e S. Vicente; ao N., Alcains, Alpedrinha e outras povoações de menos importancia.

—

Aqui esteve D. Diniz e a rainha Santa Isabel, em 1285, e D. Manuel, em 1510.

—

No reinado de D. Affonso VI, existiu o titulo de visconde de Castello Branco.

Tambem no tempo da Senhora D. Maria II, houve visconde de Castello Branco.

No actual reinado do Senhor D. Luiz, tambem se deu o titulo de conde de Castello Branco, ao sr. Trigueiros

—

Tem esta cidade diligencia, que a liga com Abrantes, Covilhan e outras muitas povoações.

Seu territorio é abundante de cereaes, legumes e fructas.

Faz grande commercio de exportação, de excellente azeite, cortiça, gado suino e outros muitos generos.

Tem um bom mercado quinzenal e duas feiras annuaes, uma no 1.º de janeiro e outra a 4 de outubro.

Nos seus montes ha grande abundancia de caça miuda.

—

Os seus habitantes são laboriosos, soffredores, hospitaleiros e de boa indole.

A cidade é salubre, aceada e regular, principalmente a chamada baixa, onde abundam praças e bonitos palacios particulares.

Uma das melhores praças é a denominada Deveza, da qual, uma parte, arborisada, constitue o passeio publico, servindo ainda uma grande parte para largo de paradas, de cavallaria n.º 8.

—

Está Castello Branco situada entre as ribeiras Ponsul e Varzea, e a 20 kilometros do Tejo.

—

Em 1704, as tropas castelhanas de Philippe V, tomam e saqueiam a villa (então) de Castello Branco; mas pouco tempo estiveram senhores da praça, pois que as tropas portuguezas não só a resgataram, expulsando os hespanhoes, mas os levaram nas pontas das bayonetas pela Hespanha dentro.

Distinguiram-se na expulsão dos inimigos, alguns habitantes da praça, pela sua dedicação e coragem.

—

Querem alguns roubar a honra a Braga (n'este ponto) sustentando que as nove irmãs santas, eram d'aqui, o que segundo todas as provabilidades é erro manifesto, fundado apenas no martyrio de Santa Wilgeforte, natural d'esta cidade e aqui assassinada, cujo nome é egual a uma das nove irmãs.

Havia aqui antigamente cinco feiras: a 12 de março, 25 de abril, dia da Ascenção, 2 de agosto e 4 de outubro. Todas duravam um só dia.

Agora tem as seguintes feiras: 1.º de janeiro e 4 de outubro, cada uma dura tres dias, e mercado bi-mensal, na 1.ª e 3.ª segunda feira de cada mez.

Consta que a agua do pôço da Paqueixada faz despegar as sanguesugas das goellas, e que a da Fonte da Graça cura a dôr de pedra e areias.

Pelo termo passam os rios Ponsul, Ocresa e Liria.

As ruas da cidade alta são em geral estreitas e tortuosas, como as de todas as povoações antigas. Tambem não tem edificios notaveis. A egreja cathedral e o paço episco-

pal são bons edificios. Fica-lhe junto um jardim muito interessante e aprasivel.

(Adiante fallarei d'este jardim mais circumstanciadamente).

O paço episcopal e jardins, foram mandados fazer pelo bispo da Guarda, D. Nuno de Noronha, para residencia de verão, para elle e seus successores. O bispo de Castello Branco D. João de Mendonça fez muitas obras no paço e aformoseou os jardins e quinta; mas actualmente está tudo em grande decadencia e revelando a maior incuria.

Tem lyceu.

Tem por armas, em campo de púrpura, um castello de ouro com tres torres ameiadas. (Escudo coroado).

É quartel general da 6.ª divisão militar e quartel de cavallaria 8.

Tinha voto em côrtes, com assento no banco 7.º

No meio da barafunda de opiniões em que nos fazem *boiar* os nossos antigos escriptores, atrevo-me a emittir tambem a minha *conciliatoria* opinião sobre a origem d'esta cidade; e é o que judiciosamente se póde colligir dos differentes codices.

É provavel que n'este sitio edificaram os romanos um castello, que, pela côr branca da sua pedra, ou por outra qualquer circumstancia, denominavam *Castraleucos*, que quer dizer, Castellos-Brancos.

Esta fortaleza, e, provavelmente, a povoação contigua, foi por diversas vezes destruida e reconstruida, durante as encarniçadas guerras dos lusitanos com os romanos e depois com os arabes.

É preciso porém notarmos que Ptolomeu menciona uma cidade da Lusitania, chamada *Cattaleucos* (que, segundo Viterbo, é palavra grega, que significa *ad albos.*) Mas a *Cattaleucos* de Ptolomeu não póde ser a actual Castello-Branco, que está situada entre o Tejo e o Guadiana. Seria *Castraleucos* uma povoação e *Cattaleucos* outra? Enganar-se-hia Ptolomeu na posição d'esta cidade, como se enganou em outras?

Ptolomeu, na sua geographia da Peninsula Iberica, curou, na maior parte, por informações: é por isso que o seu livro está cheio de incorrecções, algumas disparatadas. É todavia uma obra veneranda pela sua antiguidade, e, mesmo assim, a melhor que temos d'aquelles tempos (d'este genero) e o *Itinerario* do imperador Antonino Pio.

Seja como fôr, o que é certo é que no tempo de D. Sancho I, haviam, exactamente no sitio onde hoje está Castello Branco, as ruinas de uma grande povoação (com certeza romana) que os antiquarios diziam ser a velha *Castraleucos*, e a que o povo chamava *Cardóza*, pelos muitos cardos e silvas que vegetavam por entre as ruinas.

O vasto territorrio que circumdava a *Cardozá*, constituia uma magnifica propriedade, pertencente a Fernando Sanches, que em 1209, doou aos templarios metade d'ella, *com toda a sua povoação, fóros e direitos, e metade das egrejas que no seu termo elle tinha edificado e viesse para o futuro a edificar.*

Em 1214, era da corôa a metade reservada por Fernando Sanches, pois n'esse anno a doaram D. Affonso II, sua mulher, D. Urraca e seus filhos, D. Sancho e D. Affonso (depois reis) e sua filha D. Alionora, aos cavalleiros da Ordem do Templo. Dava-se-lhe então o nome de Villa Franca da Cardoza.

Os templarios reedificaram o antigo castello, com grande solidez e muito ampliado, e deram principio á reconstrucção da povoação, e persuadidos (erradamente?) que estas ruinas eram as de *Castraleucos*, deram logo á povoação o nome de Castello Branco, isto é, o antigo nome traduzido em portuguez.

O rei, na citada doação, só reservou para si a *colheita que lhe parecer*, quando alli fosse. Pouco depois, estando D. Affonso II na Covilhã, confirmou a doação, por carta regia do 1.º de novembro do mesmo anno.

O papa Innocencio III confirmou aquella doação em 1215; dizendo na bulla «*que os templarios tinham fundado, na fronteira dos mouros, uma villa e fortaleza, no sitio da Cardoza, a que elles deram o nome de Castello Branco.*»

Quando se expediu esta bulla, ainda o castello e a villa andavam em construcção.

—

Em parte do paço episcopal se estabeleceram depois de 1834, as differentes repar-

tições do governo civil do districto e da administração e da repartição de fazenda do concelho.

A quinta do bispo é uma boa propriedade; porém os jardins episcopaes são magestosos e surprehendentes. Teem lagos, cascatas e tanques sumptuosos. Teem longos lanços de escadaria, ornamentados com duas filas de estatuas de pedra, representando apostolos e reis, que se patenteiam um primor de cinzel soffrivelmente problematico; nem por isso deixam de embelecer aquella estancia.

Diz, com muita graça, o sr. Manuel Pinheiro Chagas, que vou seguindo, na descripção d'esta quinta, que as taes estatuas «vistas de perto, parecem ter sido feitas por um radical façanhudo, que se encarregasse de desacreditar em pedra, o throno e o altar. Dir-se-hiam as folhas soltas de um *Punch* republicano, que se lembrou de immortalisar em Castello Branco as caricaturas dos monarchas e dos santos varões da egreja.»

Houve aqui em outro tempo jogos d'agua, como em Versailles; hoje na urna vasia da melancholica estatua, dá cascata cresce o musgo esverdeando a pedra. Em compensação, os canteiros, bem ornados de flores, as ruas dos jardins limpas e lisas, attestam a sollicitude do jardineiro.

—

Do vetusto e desmantellado castello, abrange a vista uma esplendida paisagem. Correm os olhos por vastas e ferteis campinas, sulcadas em todas as direcções pelas linhas sinuosas das estradas.

Em torno de nós jazem as pedras desmoronadas da antiga fortaleza. Trabalha-se alli porém em novas construcções. De um lado premedita-se (1874) um observatorio meteorologico; do outro lado ergue-se já, muito adiantado, um edificio destinado para escola de instrucção primaria, que estando concluido, será decerto o mais vasto e o de mais satisfatorias condições que existe no paiz.

Segundo as observações do sr. Pinheiro Chagas, nota-se n'esta cidade uma tendencia energica e profunda para satisfazer ás exigencias da vida moderna; para se romper com a rotina do passado; para se caminhar na senda do progresso, e para se tomar, por todas as fórmas, a iniciativa nos melhoramentos. Muitos d'elles são obra do sr. Guilhermino de Barros, que aqui foi alguns annos governador civil.

O asylo dos orphãos, foi fundado no tempo do seu governo e por diligencias suas, e efficazmente protegido pela caritativa familia Vaz Preto.

É um asylo modelo. As creanças adquirem alli uma educação solida e séria. Está montado com uma economia, com um aceio e com uma ordem inexcediveis. Os rostos dos asylados respiram a alegria e o bem estar.

Parece mais uma casa de familia do que um estabelecimento de caridade. As creanças, privadas do lar domestico, vão alli ter o carinho e conforto, que só os paes sabem dar. A direcção é com elles essencialmente paternal.

—

É innegavel que Castello Branco deve muito ao sr. Guilhermino de Barros. Além do asylo dos orphãos, elle fez desenvolver a construcção de varias estradas; fundou a casa de banhos, no monte da Touca, e algumas escolas.

Foi durante o governo d'este cavalheiro que se colleccionaram importantes memorias das differentes povoações do districto, etc., etc. Nunca houve em Portugal administração mais fecunda e iniciadora do que a d'este illustradissimo magistrado: o que é geralmente reconhecido por amigos e inimigos politicos do sr. Barros.

O actual governador civil (1874) o sr. João José Vaz Preto (cunhado do sr. Guilhermino) segue-lhe felizmente as pisadas e está fazendo tambem uma excellente administração.

—

Ha n'esta cidade o recolhimento de Santa Maria Magdalena, principiado pelo bispo da Guarda, D. João de Mendonça, e concluido em 1753, pelo seu sucessor, D. Bernardo Antonio de Mello Osorio.

N'este edificio está actualmente o asylo da infancia desvalida, que sustenta e educa, por

ora (1874) 24 creanças de ambos os sexos.

—

O palacio episcopal, foi principiado em 1590, por D. Nuno de Noronha, bispo da Guarda.

Hoje está occupado por diversas repartições do estado, taes como: secretaria do governo civil, repartição da fazenda (do districto e concelho) secretaria da camara ecclesiastica, administração do concelho, repartição dos afilamentos municipaes, typographia, etc.

Este palacio é digno de vêr-se. O salão da entrada é grandioso e rico de marmores e estuques.

Do seu jardim já fallei; mas accrescentarei que é, apesar de deteriorado, um dos melhores do reino. Passa-se d'elle por um viaducto, que corre sobre o Largo de S. João, para a quinta ajardinada e bosque, no gosto antigo, mas bonita.

—

A Sé, é de simples e ordinaria fabrica; mas toda de cantaria. A capella do Santissimo Sacramento e a sachristia maior, que tem 2:364 pés quadrados, são notaveis, e dignas de serem vistas.

—

A Misericordia de Castello Branco era pobre; porém o veneravel e virtuoso Bartholomeu da Costa, fallecido em 1608, legou-lhe todos os seus bens, que eram muitos e bons, e é de então que data a prosperidade d'esta casa; pois que, tendo principiado com alguns donativos de bemfeitores, e com uma avultada quantia do rei D. Manuel; ficou tendo, depois do legado de Bartholomeu da Costa, um rendimento de tres contos de réis. Hoje tem uns seis contos de rendimento.

—

O quartel de cavallaria 8 (caçadores a cavallo) é moderno, e o segundo d'esta arma. O antigo foi quasi destruido por um raio, no 1.º de agosto de 1847; pelo que foi quasi totalmente reedificado.

—

Os paços do concelho, ficam no centro da cidade, e n'elles está a cadeia publica. Nada tem de notavel. Foram construidos pelos annos de 1646.

A bibliotheca publica é soffrivel. Contem 8:000 volumes, e possue obras de muito merecimento.

—

Ha aqui dois montepios, o dos lavradores e o dos artistas.

—

Ha tambem uma fabrica, movida a vapor, para cardar e fiar lã e para moêr azeitona e cereaes.

—

Perto da cidade, ha minas de azougue.

—

Entre as varias fontes publicas d'esta cidade, ha uma, a distancia de 2 kilometros ao S., de aguas ferreas, muito recommendadas pelos medicos, para certos padecimentos.

A fonte da Graça, de uma só bica, é de agua muito adstringente e dizem que cura a dôr de pedra.

Na Deveza, existe um pôço, chamado da Páqueixada, cuja agua é boa, segundo dizem, para a cura das inflammações dos olhos e tem a particularidade de fazer cahir immediatamente as sanguessugas da garganta dos animaes que d'ella bebem.

—

Entre as pessoas illustres nascidas em Castello Branco, ufana-se justamente esta cidade de ser patria das seguintes (além de Santa Wilgeforte, martyr, de que já fallei.)

Frei Roque do Espirito Santo, que recusou o arcebispado de Gôa e os bispados de Viseu, Ceuta e Lamego.

Bartholomeu da Costa, thesoureiro-mór da Sé de Lisboa, da familia de D. Jorge da Costa, (o célebre cardeal de Alpedrinha.)

O Cardeal da Motta.

D. José Pinheiro, bispo de Meliapor.

Dr. frei Manuel da Rocha, lente de prima, em theologia e auctor do *Poutugal Renascido*.

João Velho, procurador no casamento da rainha Santa Isabel.

Francisco Sanches, célebre medico e auctor de varias obras da sua prefissão.

Francisco Xavier d'Andrade, poeta mystico.

Francisco Antonio de Paiva, lente de prima, em philosophia, e auctor de um compendio de zoologia.

Manuel d'Azevedo, lente de theologia, em Roma, auctor de diversas obras e edictor das do papa Bento XIV.

Antonio Nunes Ribeiro Sanches, doutor em medicina, pelas universidades de Coimbra e Salamanca, medico do hospital de Moscow, e da imperatriz Anna: auctor de varias obras.

Rodrigo Rebello, primeiro capitão-mór da India.

João Evangelista d'Abreu, um dos vultos mais eminentes da engenharia moderna.

Doutor João Rodrigues de Castello-Branco (*Amato Lusitano*) medico famoso. Perseguido pela Inquisição, foi morrer a Tsalonica, em 1490.

—

A correição de Castello Branco compunha-se de 22 villas, que eram:

Alpedrinha, Atalaya, Belmonte, Bemposta, Castello-Branco, Castello-Novo, Idanha-Velha, Idanha-Nova, Monsanto, Pena Garcia, Penamacôr, Proença-Velha, Rosmaninhal, Sabugal, Salvaterra-do-Extremo, Sarzêdas, Segura, Sortêlha, Touro, S. Vicente da Beira, Villa Velha do Rodão e Zebreira.

Actualmente o seu districto administrativo compõe-se de 12 concelhos que são:

Belmonte e Covilhan, no bispado da Guarda,—Oleiros, parte no bispado da Guarda e parte no grão priorado do Crato, hoje patriarchado,—Fundão, parte no bispado da Guarda e parte no de Castello-Branco,—Proença a Nova, parte no priorado do Crato e parte no bispado de Castello Branco,—Penamacôr, parte no bispado da Guarda e parte no de Castello Branco—Certan, no grão priorado do Crato (patriarchado.) Castello-Branco, Idanha Nova, S. Vicente da Beira, Villa de Rei e Villa Velha do Rodão, estes cinco ultimos, no bispado de Castello Branco.

A comarca de Castello Branco, é formada dos julgados de Castello Branco, S. Vicente da Beira e Villa Velha do Rodão.

O concelho de Castello Branco é formado das 14 freguezias seguintes:

Alcains, Bemquerenças, Caféde, Cebolaes de Cima, Escallos de Baixo, Escallos de Cima, Lardosa, Lousã, Malpica, Matta, Monforte, Salgueiro, Sarzedas e Castello Branco (Sé).

O bispado comprehende os concelhos de Castello Branco, Idanha Nova, S. Vicente da Beira, Villa de Rei e Villa Velha do Rodão, na sua totalidade, e parte dos concelhos do Fundão, Penamacôr e Proença Nova.

—

Dou os mais sinceros agradecimentos ao senhor Antonio Roxo, pelos apreciaveis esclarecimentos que me enviou, relativos a esta cidade.

—

CASTELLO D'ESPINHO—(ou de S. Pedro Fins) pico notavel, Minho, freguezia de S. Pedro-Fins, concelho d'Amares, comarca de de Vila Verde. 15 kilometros a NO. de Braga, 365 ao N. de Lisboa.

Era antigamente da comarca de Vianna, concelho de d'Entre-Homem e Cávado.

Este *pico* ou môrro é muito alto e pedregoso, talhado, em partes, quasi prumo. Cria algum matto e n'elle pastam alguns gados.

Tem caça do chão e do ar.

No seu tope ha vestigios de uma antiquissima atalaia, e depois tambem aqui houve um facho.

Tem vastas e belissimas vistas.

CASTELLO DE FARÍA—Vide Faría.

CASTELLO DE GUIMARÃES—freguezia, Minho, comarca, concelho, e junto de Guimarães, 18 kilometros a NE. de Braga, 20 fogos.

Orago S. Miguel archanjo.

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

Vide Guimarães.

CASTELLO MELHOR villa, Beira-Baixa, foi até 1855 da comarca da Méda, concelho d'Almendra, e desde então é da comarca e concelho de Villa Nova de Foz-Côa. 360 kilometros a NE. de Lisboa, 150 fogos.

Em 1757 apenas tinha 89 fogos. Em 1660 tinha 100 fogos. Ignoro a causa d'esta fluctuação na população.

Orago o Espirito Santo.

Bispado de Lamego, districto administrativo da Guarda.

Foi antigamente da comarca de Pinhel, d'onde dista 24 kilometros.

É cabeça do marquezado de seu titulo, que foi condado. (O primeiro conde de Cas-

tello Melhor, foi Ruy Mendes de Vasconcellos, feito por Philippe III, em 21 de março de 1611.)

Situada em uma baixa e por isso sem vistas para outras partes.

O vigario d'Almendra apresentava annualmente o cura, que tinha 100 alqueires de trigo e o pé d'altar.

Da capella de S. Gabriel, na ponta de uma serra d'esta freguezia, se vêem terras de sete bispados (portuguezas e hespanhoes) e Ciudad Rodrigo, em Castella.

É terra fertil em cereaes, do mais mediania.

Antigamente tinha juiz ordinario, mas a camara assistia em Almendra. Eram seus donatarios os marquezes de Castello Melhor.

Em um alto, fóra da villa, está um castello com uma barbacan, feito de pedra miuda e desmantelado. Chama-se Castello-Melhor, e foi elle que deu o nome a esta pequena villa.

Por o seu termo passa o Douro, e aqui se lhe junta o Côa.

É povoação antiquissima, mas não pude saber a súa origem. D. Diniz é que lhe mandou fazer o castello, em 1298, e povoou a villa.

Esta villa veio para Portugal em dote da rainha Santa Isabel, em 1282.

Tem um foral velho, dado por D. Affonso VIII de Leão (quando a povoação era de Castella) feito n'esta mesma villa, onde então estava o rei, em fevereiro de 1209. (Maço 5.º dos foraes antigos, n.º 3.)

A 5 kilometros de distancia ha vestigios de uma antiquissima povoação, que uns dizem foi a cidade romana de *Ravena*, outros, com melhor fundamento, sustentam que era a cidade episcopal lusitana de Caliabria. Vide Caliabria, Almendra e Urrôs.

—

A familia dos Vasconcellos, uma das nobilissimas de Portugal, procede do capitão (celebrado nos *Lusiadas*) Mem Rodrigues de Vasconcellos, senhor de muitas terras e grande valido de D. Diniz. Descendia de D. Rodrigo Velloso, filho de D. Ramiro III de Leão.

As armas dos Vasconcellos, são: — Em campo preto, 3 fachas veiradas e contraveiradas de púrpura e prata, e por timbre, um leão preto, fachado das trez fachas das armas.

Para outras familias do mesmo appellido e suas armas, vide Amares. Penella, Porto Carreiro e Mafra.

CASTELLO MENDO — villa, Beira-Baixa, comarca do Sabugal, concelho d'Almeida, 12 kilometros ao O. de Villar-Maior, 24 ao SE. de Pinhel, 318 ao E. de Lisboa, 80 fogos.

Em 1757 tinha 100 fogos, a villa, e as trez freguezias que então tinha. O termo tinha 1200 fogos.

O orago actual das tres freguezias reunidas é S. Pedro, apostolo.

Bispado de Pinhel, districto administrativo da Guarda.

—

Foi sempre concelho, e era antigamente da comarca de Pinhel. Depois passou para a do Sabugal. Foi este concelho supprimido pelo decreto da regencia, de 24 de outubro de 1855, e as freguezias que o compunham (que eram esta, Azinhal, Péva, Freixo, Mesquitella, Monte-Paraboloso (ou Pero Bolso) Ade, Cabreira, Amoreira, Leomil, Mido, Sinoures e Aldeia-Nova) foram annexadas ao concelho do Sabugal. Em dezembro de 1870 todas estas freguezias passáram a fazer parte do concelho d'Almeida.

Está situada em um alto muito fragoso, nas margens do Côa.

É cercada de muralhas com seis portas. Era da corôa.

Foi fundada por D. Sancho II, em 1239, transferindo para aqui uma pequena povoação que estava na baixa, e dando-lhe muitos privilegios, sendo o principal, que seus cavalleiros tivessem privilegio de infanções, e seus piões, privilegio de cavalleiros.

D. Diniz ampliou a povoação e fundou o castello, pelos annos de 1285.

Philippe IV fez conde d'aqui a D. Jeronymo de Neronha, filho segundo do conde de Linhares. (Pouco se gozou do seu novo condado!)

Hoje tem só uma freguezia (S. Pedro, apostolo) mas antigamente tinha tres, todas muito pequenas, que eram: Nossa Senhora dos Remedios (ou Santa Maria) S. Vicente e S.

Pedro, esta ultima fica no meio da villa. O bispo é que apresentava o abbade, que tinha 200$000 réis. Isto segundo o padre Cardoso. O *Portugal Sacro e Profano* diz que era cura, apresentado pelo abbade de Mesquitella e que tinha 6$000 réis de congrua e o pé d'altar. Em 1757 tinha 26 fogos.

Nossa Senhora dos Remedios é dentro dos muros. O abbade de Moreira apresentava o cura, que tinha 6$000 réis de congrua e o pé d'altar. Em 1757 tinha 42 fogos.

S. Vicente tambem é intra-muros, e o prior de S. Vicente de Fóra, de Lisboa, é que apresentava o vigario, que tinha 40$000 réis, segundo o padre Cardoso; mas o *Portugal Sacro e Profano* diz que era cura, da apresentação do reitor de Péro Bolso, e tinha 6$000 réis e o pé d'altar. Em 1757 tinha 32 fogos.

Tinha juiz ordinario, vereadores e mais officiaes do concelho.

Tem Misericordia e hospital.

É fertil e cria muito gado. Ha por estes sitios muita caça.

O seu castello era muito forte.

Tinha foral antigo, dado em Touro, por D. Sancho II, a 15 de março de 1229, e confirmado n'esta villa (estando aqui o rei) por D. Diniz, a 16 de dezembro de 1281. D. Manuel lhe deu foral novo, em Santarem, a 1 de junho de 1510. (Gaveta 15, maço 3, n.º 9—Livro 1.º, de Doações do Senhor rei D. Diniz, fl. 38, v., col. 1.ª—Livro dos foraes novos da Beira, fl. 6, v., col. 1.ª

> Todos os auctores são concordes em dizer que D. Sancho fundou esta villa em 1239, pelo que, o foral velho que elle deu, em 1229, foi á antiga povoação que estava na baixa, e que foi transferida para aqui, com o seu foral e privilegios.

Deu-se-lhe o nome de Castello Mendo, por se chamar Mendo o primeiro alcaide-mór do seu castello.

CASTELLO DO NEIVA—freguezia, Minho, comarca e concelho de Vianna, 24 kilometros ao O. de Braga, 360 ao N. de Lisboa, 260 fogos.

Em 1757 tinha 190 fogos.

Orago S. Thiago Maior.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Vianna.

Era antigamente da comarca de Braga, termo de Barcellos, terceira parte da visita de Nóbrega e Neiva.

O arcebispo de Braga apresentava o abbade, que tinha de renda 1:000$000 réis.

É terra fertil e cria muito gado. É abundante de peixe.

Está situada na costa, e pela freguezia passa o rio Neiva, que aqui mesmo se mette no mar ao S. do Lima.

D. Manuel lhe deu foral, em Lisboa, a 20 de novembro de 1516. É o foral d'Aguiar.

O nome d'esta freguezia provém de um antiquissimo castello que tinha na foz do rio (de que hoje não ha vestigios) e do rio Neiva. Chamava-se antigamente Aguiar do Neiva.

—

Foi villa, no reinado de D. João I. Trocou-se por Santa Cruz do Douro, entre D. João de Soalhães, bispo de Lisboa e D. Martinho, arcebispo de Braga, em tempo de D. Diniz (1307).

CASTELLO NOVO—villa, Beira Baixa, comarca e concelho do Fundão, 60 kilometros da Guarda, 240 a E. de Lisboa, 230 fogos.

Em 1757 tinha 170 fogos.

Orago Nossa Senhora da Graça.

Bispado e districto administrativo de Castello Branco.

Era antigamente concelho, da comarca de Castello Branco; depois passou a ser concelho de Alpedrinha, comarca do Fundão, e finalmente (em 1836) concelho d'esta ultima villa. Fica 30 kilometros ao N. de Castello Branco e 12 a E. da villa de S. Vicente da Beira.

Era da corôa.

D. Pedro Soeiro e sua mulher Ausenda Soares, então donatarios d'esta villa, e progenitores dos actuaes barões de Castello Novo, lhe deram foral, sem data, no seculo XIII.

O ultimo barão de Castello Novo, era coronel do batalhão de voluntarios realistas, de Castello Branco e Penamacor. Por seu fallecimento lhe succedeu seu filho primogenito, o sr. D. Pedro d'Ordaz Caldeira Queiroz de Val-

ladares (que foi capitão do mesmo batalhão de seu pae) e que não tem querido ser barão, feito pelos liberaes.

D. Manuel lhe deu novo foral, em Santarem, no 1.º de junho de 1510. (Livro de foraes novos da Beira, fl. 29, col. 1.ª)

O vigario era freire de Christo e apresentado pela Mesa da Consciencia e Ordens. Tinha de *porsão*, 75 alqueires de trigo, 75 de centeio, 20$000 réis em dinheiro, 37 ½ almudes de vinho e 6 alqueires e 6 quartilhos de azeite. Tinha um coadjutor, da mesma apresentação, com a *porsão* de 30 alqueires de trigo e 6$000 réis em dinheiro.

Tem Misericordia.

É terra fertil; produz muito e optimo vinho e castanha.

A 2 kilometros da villa, a E., ha uma capella fundada pelos templarios, no seculo XII, na qual se venera a imagem de Nossa Senhora do Mosteiro; e a de S. Braz. Esta capella está no centro de uma antiquissima e frondosa matta de castanheiros.

Foi cabeça de julgado, com juiz de fóra, camara (com tres vereadores) procurador do concelho, escrivães, etc.

No centro da villa ha um castello antigo, de cantaria, em ruinas, fundado por D. Diniz, pelos annos de 1290, segundo uns, e segundo outros, é mais antigo e foi fundado por o dito D. Pedro Soeiro.

Passa aqui a ribeira Alpreade.

Esta villa está situada nas faldas da serra da Gardunha.

A sua antiga casa da camara e cadeia, estão hoje reduzidas a theatro e escola de primeiras lettras.

Pegado á ex-casa da camara ha um chafariz abundante, com as armas de Portugal, muito antigo.

Ha aqui fabricas de saragoças e bureis.

A melhor casa da villa e arredores, é a dos srs. Sarafanas. (Tinha um cedro monstruoso e antiquissimo, que seccou em 1864.)

É muito notavel um outro chafariz que tem em um largo, aberto em rocha viva, cuja agua sae alli mesmo do rochedo em abundancia e de optima qualidade.

Queiroz é appellido nobre em Portugal. Procede das Asturias (Hespanha). Trouxe-o a Portugal Fernão Alvares de Queiroz, senhor da casa de Moz, na Galliza, que perdeu, por seguir o partido de D. Fernando, de Portugal. Sua filha unica D. Leonor Alvares de Queiroz, casou com Vasco Fernandes de Gouveia, alcaide-mór de Castello Rodrigo, por D. João I. Suas armas, são: escudo de prata, esquartelado, no 1.º e 4.º, seis crescentes de purpura, em duas palas; no 2.º e 3.º, um leão de purpura, armado de negro. Elmo d'aço, cerrado, e por timbre, o leão do escudo, com um crescente de ouro na espadua.

Nos manuscriptos da livraria dos srs. duques de Palmella, vem as armas dos Queirozes descriptas na fórma seguinte: escudo esquartelado, no 1.º e 4.º quartel de ouro, e no 2.º e 3.º de prata, leão asul, armado e lampassado de purpura. Elmo de prata aberto. Timbre, meio leão das armas.

Outros Queirozes trazem por armas, em campo de prata, cinco cabeças de donzellas, por outras tantas que os cavalleiros d'este appellido, em Portugal, salvaram do poder dos mouros, aos quaes eram arrastadas pelo infame tributo instituido por o usurpador godo Mauregato. (Vide Figueiredo das Donas.)

Outros do mesmo appellido, trazem por armas: em campo de purpura, cinco cabeças de donzella, de prata, em aspa; talvez que estas fossem as primeiras armas d'esta familia, antes das allianças.

Ainda outros, tambem procedentes das Asturias, trazem: em campo de prata, duas chaves asues, em aspa, entre quatro flores de liz, da mesma côr, tres em chefe e uma no contrachefe e quatro rosas de purpura, duas de cada lado. Orla do mesmo, carregada de oito aspas de ouro.

Outros trazem as chaves entre seis cadernas de crescentes de purpura, e em chefe, tres flôres de liz de ouro.

Valladares é tambem appellido muito nobre em Portugal. Não se sabe se foi dado por algum senhor á villa de Valladares, no Alto Minho, se d'ella o tomou.

O primeiro que se acha d'este appellido, é D. Soeyro Arias de Valladares, que se dis-

tinguiu nas duas batalhas que no mesmo dia (18 de abril de 1179) se venceram junto á cidade de Beja.

De D. Lourenço Soares de Valladares, procedem quasi todos os reis da Europa, por sua neta, a rainha D. Ignez de Castro.

Tem por armas, os Valladares: escudo esquartellado, no 1.º e 4.º de azul, um leão de prata, lampassado de púrpura; no 2.º e 3.º escaquetado de prata e púrpura, de seis peças em facha e seis em pala. Timbre, um leão de prata, com a cabeça escaquetada de púrpura e prata.

Outros do mesmo appellido, usam as armas dos Soutos Maiores.

CASTELLO DE PAIVA (vulgarmente **PAIVA**)—concelho, Douro, comarca e 18 kilometros a NO. de Arouca, 36 a E. do Porto, 310 a N. de Lisboa, no concelho 1:700 fogos, em 9 freguezias, que são: Fornos, Bairros, S. Pedro do Paraizo, Real, Raiva, Pédorido, Santa Maria de Sardoura, S. Martinho de Sardoura e Sobrado. (Esta ultima é villa e capital do concelho.)

D. Manuel lhe deu foral, no 1.º de dezembro de 1513. (L.º dos foraes novos do Minho, fl. 117, col. 1.ª) Serve tambem para Espiúnca, Oliveira do Arda, Oliveira Reguenga, Pédorido, Real, Rio Douro, S. Pedro do Paraizo, Sardoura, (Santa Maria e S. Martinho) e a villa e freguezia de Sobrado.

É do bispado de Lamego, que fica 40 kilometros ao ESE., e do districto administrativo de Aveiro, que fica 85 kilometros a OSO.

Está dividido do extincto concelho de S. Fins (hoje Sinfães) pelo rio Paiva; do concelho de Arouca por varias serras; do extincto concelho de Fermedo (hoje Arouca e Feira) pelo rio Arda (á excepção da freguezia de Pédorido, que fica ao O. d'este rio, vindo então a divisão a ser a serra de Gahido.)

O rio Douro limita este concelho pelo N. e NO.

Quatro freguezias etsão na margem esquerda do Douro, são: Fornos, Sardoura, Raiva e Pédorido.

O que diz respeito a cada uma d'estas freguezias, vae no logar competente; e o que pertence á capital do concelho e *honra*, vae em Sobrado.

A este concelho em geral, póde chamar-se-lhe a Suissa portugueza.

Tem lindos e ferteis valles, montanhas alcantiladas, lindos montes e cabéços pittorescos.

É abundantissimo d'agua, pois correm n'elle immensos ribeiros e regatos, que o regam e fertilisam, e movem muitos moinhos e lagares de azeite e são motores de fabricas de papel. Todos estes ribeiros aqui nascem e morrem no Douro, Paiva e Arda.

É pois este concelho fertilissimo em toda a qualidade de cereaes, fructas, legumes, hortaliças, e produz muito e optimo vinho verde. Tambem produz bastante azeite, talvez o melhor de Portugal. Optima e muita castanha e muitissima cereja. Produz muito mel e cêra e cria muito gado de toda a qualidade, sobretudo optimos bois, dos quaes uma grande parte se exporta para a Inglaterra.

Ha aqui muita caça.

É incontestavel que os celtas fizeram longa habitação n'este paiz, pois d'elles ha muitos vestigios, sendo os mais notaveis as *mâmoas* de Monte Grande, proximo a Serradêllo, e muitas *antas* em differentes partes. Tambem tem varias *mâmoas* nos montes da Cruz d'Ancia, sendo algumas só construidas de quartzo (seixo.)

Na freguezia de Fornos, abaixo do logar do Castello, no sitio chamado Castello de Baixo (ou Inferno) tem, mesmo sobre a margem do Douro, um notabilissimo *dolmen*, muito maior do que nenhum de Portugal. (Vide Castello de Paiva, aldeia.)

Tem tambem antiguidades romanas, pois que na aldeia de Fundões (freguezia de Sobrado) ha as ruinas de um templo romano, e na aldeia de Felgueiras (da mesma freguezia) teem apparecido grandes pedaços de mosaico. Em Gervide (da mesma freguezia) ha uma capella, que foi evidentemente mesquita arabe, e no monte de Corvite (ainda da freguezia de Sobrado) era um *almocabar* (cemiterio) arabe, do qual ainda algumas sepulturas, feitas em rochedos, estão em perfeito estado de conservação (e são eternas, se as não desfizerem.)

Ha n'este concelho minas de toda a quali-

dade de metaes (só se andam a pesquizar duas de chumbo nas freguezias da Raiva e Sardoura) e uma grande mina de carvão de pedra, com 13 kilometros de extensão; pois principiando na serra de Bertéllo, morre na freguezia de Péderido (quinta de Germunde) atravessando as freguezias do Paraizo, Real, Raiva e Pédorido.

Ha optima ardosia (lousa) em Guirella e muito e bom granito do meio do concelho para E. e NE.

> É notavel o seguinte: No Porto e até Avintes (Douro acima) ha optimo granito. D'ahi, subindo o Douro, desapparece esta qualidade de pedra, por espaço de 30 kilometros, até ás célebres Pedras de Linhares (que já são todas de granito) e só ha differentes especies de *schisto*. De Linhares para cima continua o granito até ás immediações da Regua.
>
> É de notar que estas differentes qualidades de pedra (granito e schisto) seguem zonas paralellas, de NE. a SO.

—

Ha muitos annos que n'este concelho existe uma encarniçada *guerra pessoal*, que tólhe o progresso moral e material d'este bellissimo e saudabilissimo paiz, digno de melhor sorte.

Se os *influentes* de Paiva tivessem mais amor á terra abençoada que os viu nascer, e menos ás sórdidas, mesquinhas e ridiculas intrigas, o seu concelho seria, com toda a certeza, um dos mais florescentes de Portugal.

As camaras d'aqui, ha talvez mais de 60 annos, não teem gastado 5 réis em nenhuma casta de obras de utilidade para o municipio (nem em nenhumas, mesmo inuteis) de modo que a unica rua da capital do concelho é um bêco estreito, torto e ascoroso, não passando, de inverno, de um immundo lagoeiro.

Aquillo a que aqui se dá o nome de estradas, não é mais do que uma sequencia de barrancos e precipicios, e o desgraçado que se vê obrigado a viajar por isto, vae em perigo constante de esmigalhar os ossos.

Estive em Paiva tres annos: nunca tomei parte, *nem por sombras*, nas suas intrigas. Fui sempre optimamente bem tratado por *gregos* e *troianos*, o que cordealmente aqui lhes agradeço; nem o que digo acima é para offender os paivenses, antes é uma prova de que me interesso pelo seu bem estar, e uma tentativa para o esquecimento de odios velhos e para uma *amnistia geral*.

(Vide Sobrado de Paiva.)

CASTELLO DE PAIVA—aldeia, Douro, freguezia de Fornos, concelho do Castello de Paiva, comarca de Arouca, 36 kilometros ao E. do Porto, 310 ao N. de Lisboa, 120 fogos.

Bispado de Lamego, districto administrativo de Aveiro.

É uma povoação pittoresca, situada sobre a margem esquerda do Douro e muito fertil.

Em frente d'esta aldeia, no meio do Douro, está um môrro chamado o Castello. De verão communica com a povoação por uma lingua de areia; mas no inverno é um ilheu.

É tradição que n'este môrro havia um castello de mouros. Eu fui lá, em 1863, e não vi no seu tope mais do que uns rochedos naturaes, que vistos de fóra, na verdade, parecem as ruinas de um pequeno castello. Não ha alli vestigios de edificio algum. Todavia o nome de Castello é ha muitos seculos dado a este môrro, e d'elle tomou o nome a povoação e d'esta o concelho.

A capital d'elle (Sobrado) fica ao cimo da serra (em cuja base está a povoação) a 3 kilometros ao S.

É povoação muito antiga, mas a maior parte das suas casas são novas, porque tem prosperado muito em nossos dias.

Os celtas habitaram aqui, pois 400 a 500 metros abaixo da povoação, no sitio chamado por uns Castello de Baixo e por outros Inferno (nome mal posto, porque o sitio é até bonito) ha um *dolmen* singular. Falta-lhe a lagem (ou *mêsa*) superior, que devia ter mais de 16 metros quadrados. Sete *pilares*, que parecem *calhaos arredondados* (ou *rolados*) pelo atrito causado pelas correntes, de fórma cylindrica, sustentavam a ára, ou

mêsa. De um d'estes *pilares*, só existe a parte inferior; os mais estão perfeitos. Não eram *monolythos*, pois são feitos de tres ou quatro peças cada um, com as juntas tão certas, que bem demonstram o emprego de *instrumentos de ferro*. Pertence portanto aos *dolmens* de um época mais moderna do que a maior parte dos que existem na nossa Peninsula.

Em frente d'este *dolmen*, é um *ponto* alguma cousa perigoso do rio, pelos muitos calhãos que tem espalhados por elle, a que chamam as Pedras da Rua.

O rio Paiva desagúa no Douro junto á povoação do Castello, e divide a freguezia de Fornos, de Paiva, da de Souzéllo, do concelho e comarca de Sinfães. (Vidé Fornos.)

CASTELLO DE PENALVA ou PENALVA DO CASTELLO—villa, Beira Alta, comarca de Mangualde, concelho de Penalva do Castello, 24 kilometros ao E. de Viseu, 288 ao N. de Lisboa, 470 fogos.

Em 1757 tinha 90 fogos.

Orago S. Pedro.

Bispado e districto administrativo de Viseu.

Era antigamente da comarca de Viseu.

Situada em um alto monte, d'onde se vêem varias povoações.

A parochia foi antigamente collegiada; está dentro da povoação.

Os marquezes de Cascaes apresentavam o abbade e este apresentava 13 egrejas filiaes, das quaes recebia os dizimos. O seu rendimento excedia a 1:200$000 réis.

Fica n'esta freguezia a serra da Peramuna, na qual ha vestigios de uma grande povoação antiga, que, segundo a tradição, foi cidade romana; mas eu entendo que são as ruinas da antiga povoação chamada Villa Nova de Penalva, ou Villa Nova do Sepulchro. Vide Trancozéllo.

O rio Dão réga a maior parte d'esta freguezia, que é muito fertil.

Note-se que Castello de Penalva é o nome da freguezia e Penalva o da villa. Consta que D. Sancho II lhe deu foral, em 1200; mas julgo que é érro. D. Manuel lhe deu foral, em Lisboa, a 10 de fevereiro de 1514. (L.º dos foraes novos da Beira, fl. 106 v. col. 2.ª)

Diz-se que o nome lhe provem de um antiquissimo castello que aqui havia sobre uma rocha, e do qual não ha vestigios. Outros dizem que do cestello que havia na serra da Peramuna.

CASTELLO PICÃO—Ha na Extremadura duas aldeias d'este nome, uma no termo de Lisboa, freguezia de S. Miguel do Milharado, fertil em cereaes e muito vime, outra no termo de Almada, freguezia de Caparica; tambem fertil.

A primeira é ao N. do Tejo e a segunda ao S.

Tambem em Lisboa (no bairro de Alfama) ho um sitio d'este nome.

CASTELLO RODRIGO—villa, Beira Baixa, comarca de Pinhel, concelho da Figueira de Castello Rodrigo, 18 kilometros ao NE. de Pinhel, 15 ao N. de Almeida, 6 ao S. de Escalhão, 348 a E. de Lisboa, 100 fogos.

Em 1757 tinha 70 fogos.

Orago Nossa Senhora do Reclamador, ou Roque Amador.

Em 1660 tinha 250 fogos. Se R. M. da Silva, ou o padre Cardoso se não enganaram (o que é muito provavel) não sei a que attribuir tão rapido decrescimento de população, em tão pouco tempo.

Bispado de Pinhel, districto administrativo da Guarda.

Foi antigamente da comarca de Pinhel.

Situada sobre uma alta collina isolada.

Foi fundada pelos Turdulos, 500 annos antes de Jesus Christo.

D. Sancho I a tomou aos mouros, pessoalmente e aqui mesmo lhe deu foral, em setembro de 1209.

O primeiro rei portuguez que tirou esta villa do poder do mouros, povoando-a de christãos e fundando-lhe o convento, foi D. Affonso Henriques, em 1170; mas tornou a perder-se, até que seu filho a resgatou.

Com as guerras entre christãos e mouros tornou a arruinar-se, e a mandou reedificar e povoar D. Diniz em 1296, fazendo-lhe então um forte castello. Tornou a despovoar-se e a tornou a reedificar D. Manuel, em 1508, dando-lhe foral, em Santarem, em 25 de junho d'esse anno.

Foi cabeça de condado, dado por Philip-

pe II, em 1590, a D. Christovão de Moura, portuguez traidor á patria, e por consequencia seu grande valido. Foi depois marquezado, dado ao mesmo, por Philippe III, que o fez tambem *grande de Hespanha*.

Para a origem d'este appellido e suas armas, vide Moura, villa.

Para a genealogia dos marquezes de Castello Rodrigo, vide Guarda, artigo *Barbadão*.

A villa está assente sobre uma alta collina isolada, pelo que seu clima é desabrido.

É cercada de muralhas, com 13 torres (6 ao S., 3 ao E., 2 ao N. e 2 ao O.)

É tambem cercada de fóssos. Tem um castello, com sua *torre de menagem*, de cantaria, de extraordinaria grandeza e altura. É quadrada e tem 6 janellas *rasgadas* e gradeadas de ferro.

Dentro do castello está o palacio que mandou fazer o tal D. Christovão de Moura, em 1590, obra de grande primor; mas está em ruinas.

Feito á custa do suor e do sangue dos portuguezes, que elle *devorava* sem alma nem consciencia. Mas tambem, em 1640, o povo foi-se ao palacio e queimou-o.

No sitio de Alvacar, tem uma cisterna com 63 degraus, aberta em marmore.

A fortaleza tem duas portas (a do *Sol* e a de *Alverca*.) Á entrada da porta de Alverca ha um pôço de cantaria, muito fundo e com muita agua em todo o tempo.

A matriz está no meio da villa.

O bispo de Lamego apresentava o reitor, que tinha 40$000 réis e o pé d'altar.

Tem Misericordia.

Tinha governador militar, juiz de fóra e camara, tudo feito pelo rei.

Era isenta de pagar portagem.

Tinha assento em côrtes, no banco 11.º

—

Teve uma feira nos terceiros domingos de cada mez; mas pela escabrosidade do sitio era pouco concorrida, pelo que se mudou (ha cousa de 200 annos) para a Figueira de Castello Rodrigo.

Perto da villa ha uma abundantissima fonte, que réga muitas hortas e campos.

A agua do chafariz do Cavallo, dizem que tem a virtude de curar dôr de pedra.

É terra muito abundante de aguas e fertil. Muito gado e caça.

A 1:500 metros da villa é a serra da Morófa, muito alta.

No mais alto d'ella ha vestigios de muros e é tradição que alli foi a primitiva fundação d'esta villa.

Suppõe-se que o primeiro seu nome era Aguiar, depois que se lhe construiu a torre se chamou *Torre de Aguiar*. Quando D. Diniz fez o Castello, poz por alcaide-mór d'elle a um tal Rodrigo, de quem a villa herdou o sobrenome.

Parece que este Rodrigo é progenitor dos viscondes de Fonte-Arcada; pelo menos andou sempre n'elles a alcaidaria-mór de Castello Rodrigo.

Tambem a distancia de 1:500 metros para E. é o convento que foi de bernardos, de Nossa Senhora d'Aguiar, ou da Ribeira; fundado por D. Affonso I em 1170, quando povoou a villa.

N'este convento viveu, morreu e está sepultado o célebre chronista fr. Bernardo de Brito. Tambem se chama a este convento de Santa Maria da Torre de Aguiar.

Proximo corre o rio Aguiar.

Foi do infante D. Pedro, filho de D. Affonso o Sabio, de Castella. Depois foi do infante D. Fernando, filho do rei D. Manuel, de Portugal, depois passou a ser da casa do infantado.

Em um manuscripto gothico que existia no cartorio da camara d'esta villa, se relata a historia d'ella. Não o transcrevo, para evitar repetições, pois diz o que aqui fica dito.

Não sei se ainda existe este documento, que já no tempo de João Bernardo Falcão de Mendonça (que o leu) estava muito estragado e em parte illegivel.

Em 1810, os inglezes, a pretexto da construcção de um hospital militar, que, diziam elles, queriam construir proximo ao convento de Santa Maria de Aguiar, extramuros; desmoronaram as fortificações, que estão todas arruinadas.

Junto a esta villa, o general hespanhol duque d'Ossuna, que a cercava com 4:000 infantes, 700 cavallos e 91 peças d'artilheria, e D. João d'Austria, que o veio soccor-

rer, foram derrotados pelo illustre e valorosissimo portuguez Pedro Jaques de Magalhães, que commandava 2:500 infantes, e 500 cavallos, além de 150 soldados de guarnição, em 7 de julho de 1644.

Esta batalha foi dada na esplanada que se estende nas visinhanças do castello, desde o convento até ao rio Aguiar. Ainda hoje ao sitio da acção se chama a *Salgadella*.

Os 150 soldados da guarnição tinham sustentado o cerco com o maior denodo. Os castelhanos ficaram quasi todos mortos, feridos ou prisioneiros. Ossuna fugiu vestido de frade.

Junto á Matta de Lobos está um padrão memorando este feito glorioso, e ao tal padrão se chama *Cruz de Pedro Jaques*.

D. João d'Austria, se quiz escapar com vida, fugiu tambem vestido de frade.

Foi a ultima invasão dos castelhanos na guerra dos 27 annos.

—

As armas de Castello Rodrigo é um escudo com as armas de Portugal, ao revez (de corôa e escudo com o de cima para baixo). Foi um dos castigos que infligiu D. João I a esta villa, porque os seus habitantes, seguindo o partido de D. Beatriz, mulher de D. João I de Castella, recusaram, em 1385, a entrada na praça ao rei portuguez, quando por aqui passou, em direcção a Chaves.

D. João I de Portugal fez o castello d'esta villa sujeito ao de Pinhel, com certos serviços humilhantes. que Pinhel foi deixando perder. A esta povoação (Pinhel) deu aquelle rei o honroso titulo de = *Guarda-mór dos reinos de Portugal*.

Parece que pelo glorioso feito de 1664 deveria ficar remido o castigo do tempo de D. João I e tornar-se-lhe a pôr o escudo das quinas ás direitas; mas esqueceu. Só lhe foi dado o titulo de *Notavel* no foral novo.

—

Foi muitos annos (mais de 6 seculos) capital de concelho; mas por causa da aspereza da sua posição, pela sua decadencia, e porque a povoação da Figueira foi progredindo, se mudou para aqui a cabeça do concelho.

(Vide Figueira de Castello Rodrigo.)

CASTELLO DE VIDE—freguezia, Alemtejo. Vê-se esta freguezia a fl. 150 do tomo 1.º do *Port. Sacro e Profano*. Seguddo o seu auctor (o dr. Paulo Dias de Niza) tem por orago Nossa Senhora da Annunciação, e o parocho era prior apresentado por el-rei, pelo tribunal da Mesa da Consciencia, e tinha de renda 3 moios de trigo, dois de cevada e 20$000 réis em dinheiro. Dista de Lisboa 27 leguas, e d'Elvas seis. Tem 315 fogos.

Não vejo esta freguezia em mais parte alguma, e entendo que é manifesto engano do *Portugal Sacro*.

Estou persuadido que o auctor confundiu Cabêço de Vide com Castello de Vide, e poz este nome em logar d'aquelle; mesmo porque não traz Cabêço de Vide. Esta freguezia é no Alemtejo, concelho de Alter do Chão, comarca de Fronteira, bispado de Elvas, districto administrativo de Portalegre, tendo par orago Nossa Senhora das Candeias.

Finalmente, não consta que jamais em Portugal houvesse povoação alguma denominada Castello de Vide senão a villa seguinte.

Ainda mais, o rendimento que dá o padre Cardoso ao prior de Cabêço de Vide é exactamente o que o *Portugal Sacro e Profano* dá a este Castello de Vide.

Entendo pois ficar plenamente provado que similhante freguezia de Castello de Vide, nunca existiu.

CASTELLO DE VIDE—villa, Alemtejo, comarca de Portalegre, d'onde dista 12 kilometros a NE., 6 a O. de Marvão, 12 da raia, 190 ao SE. de Lisboa, 1:474 fogos, 6:000 almas, em 3 freguezias, (S. João Baptista, Santa Maria e S. Thiago) no concelho 1:690 fogos.

Em 1660 tinha na villa 800 fogos.

Bispado e districto administrativo de Portalegre.

Em situação elevada, na encosta de um monte da serra de Portalegre.

É povoação antiquissima, nobre e notavel, contemporanea de *Norba-Cesaria*, pois antes d'esta cidade ser destruida, já existia a villa.

Diz-se até que é das mais antigas povoações do Alemtejo, pois que já existia antes dos romanos.

Pedro Annes lhe deu foral em 1180 e D. Diniz em 1310 (não falla d'elles Franklim.) D. Manuel lhe deu foral novo, em Lisboa, no 1.º de junho de 1512; o qual serve tambem para Alcogullo, Fonte de Martinho e Prado.

O seu nome primittivo era *Villa de Vide*, segundo uns, e segundo outros era *Villa Divida*. Os primeiros dizem que o nome, (ou sobrenome) lhe proveio de uma grande vide que havia no sitio onde se fundou o castello (é certo que as suas armas são uma vide cercando um castello) os segundos dizem que se chamou *Divide*, por estar proximo da divisão de Portugal e Castella.

É cercada de muralhas, com quatro portas.

Em 1710 foi para aqui trazido um bello portico de cantaria lavrada, que foi da antiga cidade de *Medobriga*, para substituir a antiga porta de carro do castello, e por isso se ficou chamando porta de Aramenha (Aramenha é o nome moderno da cidade de Medobriga). Para evitar repetições, vide Aramenha no logar competente.

Tem um forte castello antiquissimo (provavelmente do tempo dos romanos) que D. Diniz reedificou ou concertou, e lhe fez a torre de menagem em 1289.

Outros dizem que castello, torre e muralhas é tudo obra de D. Diniz; mas é mais provavel que elle só reconstruisse o castello, e fizesse de novo as mais obras de defeza.

D. Affonso III deu esta villa a seu filho, o infante D. Affonso; mas D. Diniz, irmão d'este, não esteve pela doação paterna, e por vezes poz cêrco ao castello. Quiz o infante cercar a villa de muralhas, para se defender do rei; mas este lh'o impediu á força de armas (1287).

O infante D. Affonso pretendia ser o rei legitimo de Portugal, por seu irmão mais velho (D. Diniz) ter nascido antes de seus paes obterem dispensa de Roma *e por ter sido gerado (!) em vida da condessa Mathilde de Bolonha, primeira mulher de D. Affonso III.* O rei, por fim cercou o infante em Arronches, no mesmo anno de 1287; mas sua mulher, a rainha Santa Izabel, compoz então as desavenças entre seu marido e cunhado.

Depois de D. Diniz estar senhor pacifico d'esta praça, é que lhe fez a torre de menagem e a cercou de muralhas, em 1289, como já disse.

Os hespanhoes occuparam esta praça em 1704, destruindo-lhe as fortificações.

Em 1710 foram não só reedificadas, mas tambem augmentadas todas as obras de defeza da praça; porém, apesar de tão modernas, estas obras estão, pelo abandono e desmasêlo, em estado de grande ruina.

A freguezia de Santa Maria da Deveza, ou da Assumpção, foi primeiro uma capella, edificada em 1311, por Lourenço Pires e sua mulher Domingas Joannes. Tem 9 altares.

Esta freguezia, em 1757, tinha 1:098 fogos; hoje apenas tem 960.

O *Portugal Sacro e Profano* diz que Santa Maria da Deveza tinha 110 fogos. É infallivelmente êrro.

O padroado real apresentava o parocho, que tinha 50$000 réis e o pé d'altar.

A freguezia de S. João Baptista era da Ordem de Malta e commenda das freiras maltezas de Estremoz (que parece foram as fundadoras da egreja). O grão-prior do Crato é que apresentava o prior.

Tinha em 1757 486 fogos, hoje tem 292.

A freguezia de S. Thiago era do padroado real, e tinha em 1757 340 fogos, e hoje só tem 222.

Teem pois estas 3 freguezias, em 1874, 480 fogos menos do que tinham em 1757.

O parocho da freguezia de S. Thiago é prior, e era tambem prior da villa da Póvoa, onde tinha um cura.

Os dizimos da Póvoa e Meadas eram todos das egrejas d'esta villa de Castello de Vide, partidos assim — em tres montes eguaes: um terço de um monte para as di-

gnidades da Guarda, (por ter sido Portalegre antigamente d'este bispado) e dos dois se faziam 7 partes, 5 d'ellas para o bispo de Portalegre e duas para o seu cabido. Os outros dois terços do principal, se partiam em 3 quinhões; d'este tinha um a commenda e beneficiados de Santa Maria da Deveza, e os dois que restavam se subdividiam em 5 partes, das quaes duas eram para a fabrica da Sé da Guarda, duas para o prior de S. Thiago e uma para o prior de S. João Baptista.

Os priores de S. João Baptista e S. Thiago vinham a ter uns 150$000 réis de rendimento.

—

Tem hospital e Misericordia que, no reinado de D. Manuel, instituiu Miguel Contreiras na egreja de Santo Amaro.

O capital da Misericordia é de 60 contos, e tem (bem como varias confrarias e irmandades) encargos de dotes para casamentos e outros actos de beneficencia, para soccorro dos desvalidos.

Ha tambem n'esta villa um recolhimento para velhas pobres.

Tinha dois conventos de frades, um de Nossa Senhora da Conceição, de *recoletos* de S. Francisco, da provincia dos Algarves, e outro de Nossa Senhora da Victoria, de hospitaleiros de S. João de Deus, que é hospital actualmente (do primeiro logo fallarei).

Estando o hospital da Misericordia muito arruinado, foi abandonado, transferindo-se os doentes e repartições d'elle, em 8 de dezembro de 1855, para o convento de S. João de Deus, que fôra hospital militar.

Principiou-se aqui no castello, um convento para freiras, que estava quasi concluido em 1750; mas foi embargado e não se chegou a povoar.

Tem dois recolhimentos para mulheres pobres, um de velhas e donzellas beatas, fundado por Cypriano de Torres, administrado pela Misericordia; o outro recolhimento não sei como se chama.

Tinha (e não sei se ainda tem) uma albergaria (de S. Domingos) com um bom vinculo, que a camara d'esta villa nomeava em um homem nobre.

Tem a egreja do Espirito Santo, na qual, em 1700, o abbade Manuel Carrilho de Mattos instituiu uma collegiada, com rendas para seis beneficiados.

Dentro da villa e nos arrabaldes ha nada menos de 20 capellas.

A casa da camara é um optimo edificio.

O castello é vasto, e dentro d'elle assistem muitas familias (omas 150).

É terra fertilissima em toda a qualidade de cereaes e legumes, muita e optima fructa, excellente vinho, muito gado (só de suino exporta annualmente de 7 a 8:000 cabeças, com o que faz um commercio importantissimo). A carne de porco d'aqui tem fama em todo o reino e no Brasil. Produz tambem muito e bom azeite, e tem muita lenha nos seus vastissimos montados.

Tem uma fonte de agua excellente dentro dos muros, e outra fóra, chamada da Mealhada, cuja agua dizem que cura as dôres nefriticas.

Cercam esta villa as ribeiras de Vide e S. João, que amenisam e tornam fertilissimos os seus arrabaldes, e fazem mover moinhos, azenhas, lagares de azeite e pizões.

Teve uma grande fabrica de pannos, com 70 teares, na qual se faziam annualmente mais de 6:000 têas. Ha na villa e termo mais de 300 fontes.

Finalmente, todos os arrabaldes d'esta villa, formados por quintas, hortas, campos e pomares, são deliciosos.

Ainda aqui se fabricam muitos pannos, que se exportam.

Ha aqui tambem optima hortaliça e muita castanha.

Os seus montes têem muita caça.

Tem uma feira muito concorrida, a 10 de agosto, que dura tres dias.

Eram alcaides-móres do seu castello, os condes do Sabugal, que tambem eram meirinhos-móres. (Por isso aos condes do Sabugal se dava vulgarmente o titulo de conde meirinho-mór.)

Era da corôa, com privilegio de não sair d'ella, nem de se fazerem aqui soldados; mas com obrigação de defenderem a praça em tempo de guerra.

Tinha voto em côrtes, com assento no banco 11.º

Até 1834, tinha juiz de fóra (que era tambem juiz das sizas e direitos reaes) camara, escrivães, etc.

Tinha no concelho capitão-mór e 14 companhias de ordenanças.

—

Foi aqui juiz de fóra, Antonio Diniz da Cruz e Silva, distincto e bem conhecido poeta portuguez. Vide, para isto, Lisboa.

—

Aqui nasceu, a 12 de julho de 1780, José Xavier Mousinho da Silveira, formado em direito pela Universidade de Coimbra. Serviu differentes logares de magistratura e foi ministro da fazenda em 1823. Emigrou para a Ilha Terceira em 1828, e lá escreveu essa multidão de decretos, datados da Terceira, em 1832.

Foi ministro da Senhor D. Pedro, na Terceira, em 1832, saindo do ministerio no 1.º de janeiro de 1833, para ser director geral das alfandegas do reino.

Em 1840 retirou-se á vida privada, morrendo em Lisboa a 4 de abril de 1849.

Mousinho da Silveira era homem de muito talento e seria um optimo reformador com governos mais patriotas, prudentes e justos; porque foi sempre e incontestavelmente um varão, que a par de muita illustração, tinha muita honra e probidade. Vae adiante o que diz respeito ao seu appellido e armas.

—

Asylo de Nossa Senhora da Esperança — Na parte mais meridional da villa, se ergue o magestoso edificio que foi dos frades recolétos. É hoje o asylo de Nossa Senhora da Esperança, monumento venerando e respeitavel, sobretudo por ser a primeira instituição piedosa que em Portugal se destina exclusivamente a dar asylo, sustento e vestuario a cegos de ambos os sexos.

O nome do bacharel João Diogo Juzarte de Sequeira Sameiro, natural d'esta villa, será perpétuamente venerando aos portuguezes, como um dos mais gloriosos bemfeitores da humanidade. Foi este inclito varão o fundador do asylo dos cegos, sem carecer de alheio amparo ou ajuda, e exclusivamente fundado á sua custa, no que dispendeu quasi 100 contos de réis.

Era João Diogo de uma familia nobre, pois seu pae (Manuel Dionisio Carrilho de Sequeira) era 7.º neto de Diogo Affonso de Sequeira, que viveu na segunda metade do seculo XV. Havia casado com D. Joanna Catharina Xavier da Costa Juzarte, havendo d'este casamento 18 filhos, alguns dos quaes cegaram totalmente, outros padeceram mais ou menos da vista, menos o mais novo dos filhos, José Godinho Juzarte de Sequeira Sameiro.

O instituidor achando-se na edade de 56 annos, solteiro e rico, casou com sua sobrinha, D. Helena Isabel de Barros Castello Branco.

Tiveram um filho, que apenas viveu momentos, e ainda mais dois que morreram antes de ver a luz do dia.

Desenganado João Diogo de que não podia ter familia propria, e não ignorando, pelo exemplo de seus irmãos e d'elle, a tristeza que a cegueira infunde, de combinação com sua mulher, concebeu o grandioso e caritativo projecto de fundar um asylo para cegos de ambos os sexos, sob a invocação de Nossa Senhora da Esperança.

Entendeu que o convento que tinha sido de frades franciscanos (recoletos) sob a invocação de Nossa Senhora da Conceição, estava no caso de servir para o seu piedosissimo intento. O edificio estava em ruinas e dividido em duas partes, uma pertencente ao ministerio da fazenda, outra ao da guerra; e as desmanteladas fortificações da villa (qne foi praça de guerra) circumscrevendo a povoação, não lhe davam logar a uma nova edificação.

Em vista d'estas difficuldades, resolveu João Diogo esperar que o convento fosse á praça; mas procurou estabelecer provisoriamente o seu asylo no edificio abandonado da antiga Misericordia, o que conseguiu da administração d'esta santa casa, e foi confirmado por carta regia de 18 de abril de 1856.

João Diogo estava velho e viuvo, e começou logo a reparar o velho edificio, e no dia (sempre grato e sempre memoravel para

esta villa) 20 de julho de 1863, foi inaugurado o asylo, sendo já n'elle commemorado o primeiro anniversario da viuvez do instituidor.

Celebrou-se com o maior jubilo, no magestoso templo da Misericordia, a ceremonia religiosa da inauguração, com quatro cegas e dois cegos.

A camara, todas as pessoas principaes e povo da villa assistiram a este acto commovente, e á noite todos os edificios se illuminaram espontaneamente.

De accordo com seu irmão José Godinho, redigiu os estatutos do estabelecimento, que datou de 25 de março de 1865, os quaes foram confirmados por decreto de 25 de outubro de 1866.

Escriptos os estatutos, mandou lavrar o testamento e o mais que respeitava á instituição do asylo, no principio de junho de 1865.

Sessenta dias depois (7 de agosto) era cadaver! Consummou a sua grande obra e extinguiu-se-lhe a vida, como se mais nada tivesse a fazer n'este mundo!

João Diogo deu ao asylo todas as suas riquezas, com excepção de pequenos legados, e encarregou seu irmão José Godinho da administração do estabelecimento.

José Godinho elevou a 23 o numero dos asylados, e comprou o convento de S. Francisco para o estabelecimento definitivo d'elles.

Arrematou primeiro a parte do convento que pertencia ao ministerio da fazenda (que foi a que primeiro se poz em praça) e julgando que ninguem lhe faria concorrencia á outra metade, em vista do fim caritativo para que era destinado, preparou os materiaes e planeou a obra para todo o edificio.

Seis mezes depois foi posta em praça a metade que pertencia ao ministerio da guerra, e qual foi o espanto e indignação geral, quando viram um oppositor, que por acinte elevou o predio a um preço muito superior ao seu valor!

Foi este concorrente de uma especie singular, o sr. Manuel Caetano de Barros (antigo amigo de José Godinho) pessoa distincta e muito relacionada, de Portalegre, que assim ficou com esta parte da propriedade, que lhe era completamente inutil, por uma grande quantia.

Todos os parentes e os mais intimos amigos do sr. Barros, e que tinham levado muito a mal o seu inqualificavel procedimento, instaram com elle para ceder do seu capricho e vender, pelo preço que quizesse, a José Godinho uma cousa que para nada lhe servia; mas elle despresou todas as propostas e empenhos.

Passando casualmente em Castello de Vide o sr. Carlos José Caldeira (irmão do sr. José Maria do Casal Ribeiro, hoje conde de Casal Ribeiro) e sabendo d'esta *birra* do sr. Barros, foi a Portalegre, empregando quantos argumentos lhe lembraram para o resolver á venda.

O sr. Barros respondeu-lhe terminantemente que, *por dinheiro nenhum venderia o predio em questão*, mas que o *dava* desde logo ao sr. Caldeira, que d'elle podia dispor como e para o que quizesse.

Isto foi em julho de 1866, e logo no dia seguinte lhe fez o sr. Barros doação legal, pura, irrevogavel e incondicional do predio da questão.

O sr. Barros allegava certos aggravos que havia recebido de José Godinho. Se aquelle cavalheiro commetteu um erro, ninguem ainda o reparou mais nobremente.

O sr. Caldeira o doou logo ao asylo, que assim adquiriu gratuitamente o resto do edificio de que tanto precisava.

Não foi este o unico obstaculo, outro se levantou ainda maior.

O instituidor dizia no seu testamento, que caducando o legado ao asylo, passaria aos seus herdeiros naturaes, dividindo-se em tres montes, um para José Godinho, outro para sua irmã (virtuosa e respeitavel religiosa no convento de freiras bernardas de Portalegre) outro para ser dividido por varios representantes de um fallecido terceiro irmão do testador.

Foram estes suppostos herdeiros de um dos tres montes, que proposeram acção em juizo contra o asylo.

É talvez o pleito mais notavel e singular que se tem ventilado no fôro portuguez.

José Godinho defende tenazmente os direitos incontestaveis do asylo, vindo assim a sustentar com a maior obstinação (secundado por a dita sua irmã) um direito que, anniquilado, o tornava e a ella, a cada um com uma parte egual a todos os auctores!

Era uma especie de *ganha-perde* juridico, em que os dois vencidos ficavam incontestavelmente vencedores. Era José Godinho e sua irmã a negarem por todos os meios que as leis lhes podiam suggerir, o direito que cada um d'elles tinha á bagatella de uns 30 e tantos contos de réis, direito que os seus contrarios lhes queriam por força conferir!

Este acto de José Godinho e de sua virtuosa irmã é nobilissimo e não se commenta. Referido, estão feitos todos os encomios.

O asylo venceu a demanda, a contento geral.

O governo premiou José Godinho com a commenda de Christo, em 22 de outubro de 1867, por occasião da transferencia do asylo para a sua nova casa.

O estabelecimento é vasto, aceiado e com tudo quanto é preciso para as suas necessidades. Tem um grande deposito d'agua, uma enfermaria para homens, outra para mulheres, dois grandes dormitorios para homens, tres para mulheres, um parlatorio para cada sexo (com fogões que se accendem no inverno) duas varandas ou terraços, dois refeitorios, grande cosinha, dispensas, etc.

Todas as habitações de ambos os sexos estão separadas, e os asylados só se reunem todos no côro da egreja, para assistirem á missa e orações diarias.

O edificio fórma um quadrado, com um claustro no centro, guarnecido de columnas de cantaria.

Os leitos são de ferro e a roupa branca toda de linho. O vestuario é uniforme. Todos os asylados trazem no peito uma medalha com Nossa Senhora da Esperança, protectora do asylo.

Têem duas refeições diarias (ás 9 da manhã e 3 da tarde) abundantes e nutrientes. Comem carne quatro dias em cada semana.

Por em quanto tem capacidade para uns 60 asylados; mas para o futuro, annexando-se-lhe a egreja do convento (que impropriamente serve agora de capella do cemiterio) e as casas da fazenda nacional, que por ora occupa a ordem terceira, póde conter muito maior numero.

Gastaram-se uns 15 contos com as obras d'este edificio, para onde os ceguinhos foram transferidos no dia 22 de setembro de 1867. Foi outro dia de grande regosijo para Castello de Vide, que estava embandeirada e as janellas guarnecidas de ricas telas.

Os asylados foram em procissão para o seu novo domicilio, indo um anjo a conduzir pela mão cada dois ceguinhos. A imagem da Virgem da Esperança, vestida de sumptuosas roupas, bordadas a ouro, hia em um sumptuoso andor.

(Tenho pena de não poder descrever miudamente tão esplendida quanto comovedora e imponente festividade. Muitos olhos d'ambos os sexos derramavam ternas lagrimas.

De Portalegre e de outras varias terras veio muita gente assistir.

O sr. Carlos José Caldeira e sua esposa, a snr.ª D. Gertrudes da Conceição Caldeira, que tambem quiseram assistir, levavam pela mão, aquelle um cégo e esta uma céga.

As philarmonicas de Castello de Vide e de Gaffete, abrilhantaram a solemnidade, tocando (gratuitamente) o hymno do instituidor, intitulado «*A columna de bronze*» o da Padroeira, e outras varias peças escolhidas do seu reportorio.

—

Acabamos de ver tudo quanto de grande e generoso tem havido na instituição d'este asylo; mas ai! toda a medalha tem o seu reverso! — Todas as obras dos mortaes, teem defeitos!

Em um jornal politico que se publica actualmente em Lisboa, intitulado *Jornal da Noite*, lê-se (em o numero 175, de 25 e 26 de julho de 1871) em um communicado legalmente reconhecido, datado de Castello de Vide (de 21 do dito mez e anno) assignado pelo snr. João Marques Canario, em que este se queixa *urbi et orbi*, do seguinte.

« Que, apezar dos differentes artigos laudatorios, publicados pela imprensa, á administração do asylo, esta tem delapidado escandalosamente o patrimonio do estabelecimento.»

«Que muita gente sabia, e não era até ignorado pelos poderes publicos, que os bens do asylo eram muito menos o patrimonio d'elle que o dos seus administradores e inculcados protectores.»

«Que José Godinho deu largas ao roubo do asylo, vendendo alguns predios e occultando nas respectivas escripturas grande parte dos preços ajustados.»

«Que morrendo José Godinho no primeiro de julho de 1871, aproveitou os ultimos instantes da sua vida para, por seu procurador, assignar dois dias antes de sua morte (!) uma escriptura de venda de todos os bens que ainda não tinha vendido e que estavam avaliados (baratos como é costume) no inventario legal por 67:777$800 réis, vendendo-os por menos de metade, isto é por 33 contos de réis.»

«Que no inventario occultava valores importantes em predios, dinheiro e gados.»

«Que ainda por cima foram esses bens vendidos com a clausula expressa de que o preço ficaria na mão do comprador mutuado, com o vencimento de juros de 5 p. c. ao anno, sendo o capital sómente pago quando o comprador quizer ou lhe convier.» (!)

«Que Caldeira, inculcado um dos maiores protectores do asylo, era o mais favorecido asylado do estabelecimento, que havia muito tempo que elle e a sua familia tinham no asylo hospedaria gratuita, todas as vezes que queriam ir tomar a fresca para Castello de Vide.»

«Que o tal Caldeira comprou por 33 contos o que valia pelo menos, 80.»

«Que devendo pagar de juros no asylo 4 contos de réis por anno (em vista do valor das propriedades que comprou) apenas lhe pago 1:650$000 réis, delapidando assim ao estabelecimento uma renda de 2:350$000 réis annual.

«Que é mais commodo contrabandear com os bens do asylo, do que com córtes deseda.»

«Que José Godinho declarou em seu testamento feito á hora da morte que era administrador sem responsabilidade (e era, segundo o testamento de seu santo irmão, que tinha n'elle ampla confiança) e que se havia feito a si mesmo (!) arrendamento dos bens do asylo, pela renda annual de 850$000 rs. (dos quaes só se virá a pagar menos de metade, attendendo á fórma do pagamento) e que portanto os rendimentos de 1871 eram da sua familia e não do asylo.»

«Que no dia do fallecimento do administrador Godinho, não tinha o asylo um real com que comprasse o sustento dos cegos, vendo-se á nova administração obrigada, para isto, á recorrer á caridade publica, de que ainda se está aproveitando.»

Até aqui o communicado.

Já vêem os leitores que semelhante accusação é gravissima e que os proprios commentarios são sobre modo melindrosos.

Temos de um lado, uma nódoa infamante, que se quer lançar sobre pessoas de uma elevada posição na sociedade.

Temos d'outro lado um homem que vem á imprensa convicto do que avança, e tão convicto, que não trepida em se sujeitar ás consequencias legaes do seu artigo.

Será o snr. Canario um calumniador?

Faria o snr. Caldeira a sua philantropica jornada a Portalegre, á casa do snr. Barros, para depois exigir dos tristes cégos tão exagerada recompensa? Defenderia José Godinho com tanta tenacidade, contra os seus parentes, a legalidade do testamento do seu santo irmão, para no fim de contas, ser a sua familia a herdeira universal dos bens do asylo, com exclusão de sua irman e sobrinhos? — Isto é — em logar de herdeiro de um só dos montes da herança do fuudador do asylo, como lhe aconteceria se o testamento d'este se annullasse, levaria em mira ser afinal herdeiro dos tres?

Poderia, juridicamente fallando, praticar tão cobarde expoliação, tão insigne tramoia, fundado na sua irresponsabilidade administrativa?

Isto na verdade, faz scismar!

Custa a crer que o snr. Canario se aventurasse a dar tão grande publicidade a tamanha calumnia, sem receio do castigo!

Custa a crer que hajam dois homens tão pouco escrupulosos como elle descreve Caldeira e Godinho!

O tempo nos desenganará.

—

Ainda estavam quentes as cinzas do caridoso testador e já seus pretendidos *herdeiros forçados* empregavam todos os meios indirectos para aniquilarem a obra caridosa do snr. doutor João Diogo.

Frustrados porém estes meios, appareceu o extenso libello no respectivo tribunal, em 1867.

Apesar de tudo, o integerrimo juiz de direito de Portalegre, proferiu a sentença a favor dos réus, isto é julgando válido o testamento e por consequencia o legado e instituição do asylo.

Os auctores appellaram para a relação de Lisboa; porem este digno tribunal, por accordão de 27 de junho de 1868, confirmou plenamente a sentença da primeira instancia.

Entreposto pelos auctores o recurso de revista, para o Supremo tribunal de justiça, foi revogada a decisão da segunda instancia, por accordão de 21 de dezembro de 1869, á qual o administrador do asylo oppoz embargos de falsa causa.

A resposta do sr. doutor Caetano de Seixas Vasconcellos, ajudante do procurador geral da corôa, aos embargos do asylo, perante o supremo tribunal de justiça, e que se vê a fl. 241 dos autos, é nobilissima e revela o mais profundo conhecimento do fôro portuguez e uma hermeneutica incontestavel.

Não posso resistir á tentação de transcrever para esta obra (registo de todas as acções nobres e grandes, de portuguezes) o ultimo periodo da resposta do sr. doutor Seixas. Eil'a.

«Pedimos desculpa da extensão do nosso «trabalho; moveu-nos apenas a obrigação «do officio, e um sentimento nobre—o inte«resse pela causa d'aquelles que a nature«za ou o accaso privou dos beneficios da «luz e dos bens da fortuna. São desvalidos; «por muito satisfeitos nos daremos se, com «as armas da justiça, conseguirmos enxugar «as lagrimas d'alguns infelizes. (Assignado) «Vasconcellos Caetano de Seixas—Vascon«cellos.»

Apesar dos fundamentos com que o asylo sustentou os seus embargos e da eloquente e tão bem fundada resposta do digno agente do ministerio publico, foram pelo supremo tribunal de justiça regeitados os embargos, por accordão de 24 de maio de 1870.

Em vista d'este accordão, segue a causa seus tramites ordinarios, offerecendo os auctores, no recurso, a mesma sua minuta da appellação, pelo seu advogado, a sr. Dr. Francisco Jeronymo da Silva.

O advogado dos appellados (os cégos do asylo) o sr. doutor Constantino Luiz Simões Ferreira, sustentou triumphantemente a ineptidão do libello e a validade e competencia dos embargos.

Tambem o digno agente do ministerio publico, o sr. doutor Manoel Pedro de Faria Azevedo, na sua concludente resposta de fl. 258, sustentou, com os mais sólidos fundamentos juridicos, os direitos do asylo, isto é, da humanidade.

> Em uma causa que se avalia em perto de cem contos de réis, e que decidiu *in perpetuum*, da sorte de tantos infelizes e da manutenção do mais caridoso estabelecimento d'este reino, de uma causa, digo, que fez alternativamente estremecer de susto e de esperança a tantos corações beneficos, em todas as terras de Portugal; julgo dever aqui mencionar as tenções dos desembargadores do supremo tribunal de justiça, concernentes a esta célebre demanda.

Foi relator o sr. doutor José Maria Pereira Forjaz. Foi favoravel ao asylo.

O sr. Barão da Ribeira Tâmega. Contra.

O sr. doutor José Maria da Costa e Silva —A favor.

O sr. doutor Augusto Henriques Ribeiro de Carvalho—A favor.

O sr. doutor Vicente Ferreira de Novaes —A favor.

O sr. doutor Joaquim Pedro da Silva Lobo—A favor.

Foram pois cinco tenções a favor do asylo e só uma contraria; pelo que o supremo tribunal de justiça proferiu o seu accordão, a fl. 279, confirmando a sentença da primeira instancia e condemnando os auctores recorrentes, em todas as custas. Este accordão

é de 25 d'abril de 1871. É assignado pelos cinco desembargadores cujos accordãos foram favoraveis ao asylo.

—

Esta sentença, que era já a terceira favoravel ao asylo, encheu de sincera alegria a todos os moradores de Castello de Vide.

Ás 5 horas da tarde do mesmo dia 25 d'abril, o sr. Carlos José Caldeira (que, segundo o sr. Antonio Maria do Couto Monteiro, é um dos mais dedicados amigos do asylo, seu bem feitor, pela doação que lhe fez, e incançavel em pugnar pelo bem e pelo direito dos pobres cégos) telegraphou para esta villa, dando parte da victoria.

Acções de graças, missas, promessas, musicas, o hynno do asylo, mil vezes repetido, finalmente, tudo quanto em occasiões de publico regosijo costuma fazer o nosso bom povo portuguez, tudo foi feito, como se a victoria dos cégos fossse um facto de que dependesse a felicidade geral da villa.

No dia 27, foram os ceguinhos, todos descalços, em cumprimento do voto que haviam feito, dar graças a Nossa Senhora dos Remedios, á sua ermida, que é em sitio pittoresco, proximo do asylo, mas fóra das muralhas.

—

Farei aqui honrosa menção do sr. conselheiro Antonio Maria do Couto Monteiro, insigne e desinteressado patrono juridico do Asylo de Nossa Senhora da Esperança, de Castello de Vide. A gratidão que lhe consagram os asylados, o povo d'esta villa e todas as almas caridosas em geral, constituem já o primeiro premio da sua caridade. O maior, achal'o ha alem da morte, no logar reservado pelo Omnipotente ás almas bemfasejas.

—

A pesar de tudo quanto deixo dito, e de tanto dinheiro gasto pelos auctores e réus; aquelles, ainda não desanimados com tres sentenças contrarias, invidam todos os meios imaginaveis, para conseguir a pérda do asylo.

Restava-lhes ainda um *refugio*, uma ultima *trincheira*, era o recurso de segunda revista. Não trepidam em lançar mão d'elle. Depois de ainda mais 19 mezes de despezas e demandas, o supremo tribunal de justiça, por accordão de 18 de novembro de 1873, *nega a segunda revista* do processo, aos auctores, e o caridoso asylo tem agora certa a sua existencia.

Os que quizerem ter mais amplas noticias do que respeita a este estabelecimento, leiam o bello livro da sr. conselheiro Antonio Maria do Couto Monteiro, intitulado *O asylo de Nossa Senhora da Esperança, de Castello de Viae, para cégos d'ambos os sexos*, impresso em 1872.

—

A população de Castello de Vide é quasi exclusivamente agricola e muito laboriosa, por isso todas as terras estão muito bem cultivadas.

As suas communicações são hoje rapidas e commodas, para algumas grandes povoações. Uma boa estrada a macadam, de 40 kilometros, liga esta villa com a estação do caminho de ferro de Portalegre.

Tinha-se projectado, em 1869, fundar aqui um banco agricola, com todos os bens dos estabelecimentos pios dos dois concelhos, de Castello de Vide e Marvão, que tinham de ser desamortisados e cujo valor attingia a uma cifra de 300 contos de réis. Não sei se já levaram isto a effeito.

O concelho de Castello de Vide é apenas composto das tres freguezias da villa, e da freguezia de Nossa Senhora da Graça, da Póvoa.

—

Castello de Vide é solar da familia Mousinho (Mósinho ou Mausinho, que tudo é o mesmo). É muito antiga, pois que Gonçalo Mousinho era um nobre cavalleiro, do tempo do conde D. Henrique e do de seu filho, D. Affonso I. Foi este rei, em recompensa dos serviços que aquelle fez a Portugal, que lhe deu rendas n'esta villa, e por armas:— em campo asul, banda de prata, carregada com tres rosetas de púrpura, entre seis estrellas de ouro, de oito pontas, tres de cada lado, em roquete. Elmo d'aço aberto e por timbre, uma aspa de prata, e no meio d'ella uma roseta das armas.

—

Castello de Vide é uma das mais nobres,

ricas e bonitas villas do Alemtejo; apesar de falta de estradas, que a ponham em facil communicação com outras terras da provincia, o que lhe daria ainda maior importancia commercial, agricola e industrial.

Tambem, com razão, se queixam os seus moradores do desmasêlo, descuido e até despreso com que as camaras d'aqui, ha muitos annos têem tratado esta bella povoação, cujas ruas estão em pessimo estado, parecendo mais asinhagas da serra do que ruas de uma populosa villa.

—

A notavel villa de Castello de Vide sempre primou em ser fidelissima a todos os monarchas portuguezes, dando não vulgares exemplos de boa lição nas artes, nas sciencias e na guerra.

Já em 1299 os povos de Castello de Vide, tendo á sua frente el-rei D. Diniz, avançavam contra Portalegre, que havia tomado o partido do infante D. Affonso, irmão do rei-lavrador e ao qual pretendia usurpar a corôa.

A fidelidade de Castello de Vide ao seu legitimo rei está comprovada por documentos historicos de grande valia. A 14 de maio d'aquelle memoravel anno estava D. Diniz alli, e no dia 15 confirmou «estando já sobre a villa, os foros e termos ao concelho «de Castello de Vide, concedendo-lhe que «fosse sempre da corôa.»

Seria um nunca acabar se mencionasse todos os nomes dos varões illustres, que nasceram na abençoada e encantadora villa de Castello de Vide. O insigne Morato Roma, que honrou a sciencia; o abalisado estadista Mousinho da Silveira; o philantropo dr. João Diogo Juzarte de Sequeira Sameiro; são tres nomes que resumem em si uma epopeia de tudo quanto ha de mais maravilhoso na vida social de um povo livre.

Mas ainda acima d'estes tres grandes vultos depara-se-nos o nome de um valoroso capitão, que fez proesas no campo de Aljubarrota, sendo victima de sua palavra e do amor que lá dentro de sua alma votava ao mestre de Aviz.

Gonçalo Annes, de Castello de Vide, era o heroe que votou ser o primeiro que ferisse de lança os castelhanos.

Quando a 14 de agosto de 1385 os portuguezes de Aljubarrota estavam estendidos em linha de batalha, tendo por capitão o destemido D. Nuno Alvares Pereira, o bravo Gonçalo Annes, em cumprimento do seu voto, «adiantou-se das fileiras a ser o primei- «ro que ferisse de lança, mas foi derribado, «e sendo soccorrido desempenhou bem o «proprio valor.»

São d'esta tempera todos os filhos de Castello de Vide, comprovada em todos os tempos, e ainda não ha muitos annos, na batalha do Bussaco, onde o bravo regimento de infanteria 8, quasi todo composto de castello videnses fez prodigios de valentia.

Amor ao rei, á patria, á liberdade e á familia constituem o brasão do nobre povo de Castello de Vide.

—

É afamada, desde antigos tempos, a procissão de domingo de Ramos, em Castello de Vide, a qual aqui attrae grande concorrencia, não só das visinhas povoações, mas até de Hespanha.

Todas as mais solemnidades da semana santa, são aqui feitas com grande sumptuosidade, e são sobremodo notaveis e imponentes.

—

No dia 20 de setembro de 1870, se começou no Rocio d'esta villa, um monumento ao sempre chorado rei D. Pedro V. Foi inaugurado em 29 de setembro de 1873.

—

Tem por armas um castello cercado por uma vide com seus cachos.

—

O territorio de Castello de Vide é fertilissimo em todos os productos agricolas necessarios á vida, e a villa se mira pelo N. e L. em vasta amplidão de vergeis, olivaes e vinhas e é semeada de varias quintas, sendo a melhor d'ellas a afamada Quinta do Prado (do sr. Lecoq) uma das mais bellas propriedades de muitas leguas de circumferencia.

Pelo O. se descobre da villa a formosa cordilheira de alcantilados penhascos, que lhe fica parallela.

—

Estando D. Diniz n'esta villa, em 1281

vieram aqui ter os embaixadores de Aragão, ratificar o casamento do rei com a princeza aragoneza D. Isabel (a rainha santa) que se effectuou em 1282.

CASTELLO VIEGAS—freguezia, Douro, comarca, concelho e 3 kilometros de Coimbra, 198 ao N. de Lisboa, 140 fogos.

Em 1757 tinha 168 fogos.

Orago Santo Estevão, proto-martyr.

Bispado e districto administrativo de Coimbra.

Situada em um fresco, ameno e fertil valle, abundante d'aguas, mas sem vista para outras freguezias.

A matriz está no mais alto do logar.

O ordinario apresentava o prior, que tinha 300$000 réis.

O *Portugal Sacro e Profano* diz que era da apresentação do padroado real.)

Tinha um convento da invocação de S. Jorge, de conegos regrantes de Santo Agostinho. (Vide Coimbra, onde vem mais minuciosamente declarada a fundação d'este convento.)

Ha aqui uma albergaria para passageiros, e um hospital para pobres, que eram pertenças do convento.

Fertil, sobretudo em vinho, azeite e fructas.

Antigamente formava esta freguezia dois concelhos, chamados de Castello Viegas e lhes eram sujeitos os concelhos de Valle de Cannas, Sobral, Ceira e Couraria.

Regam esta freguezia os rios Mondego, Duéssa e Ceira, que fertilisam seus campos e movem moinhos e lagares de azeite.

É tradição que o nome lhe provém de um castello que aqui houve (de que não ha vestigios) edificado por um tal Viegas. Outros dizem que foram umas donas que o fundaram e que por isso se chamava *Castillo de las Viejas* (Castello das Velhas).

Em 1166 era senhor de Castello Viegas, um fidalgo chamado Salvador Viegas, o qual, morrendo-lhe então sua mulher D. Aldonça (ou Dulce) desgostoso do mundo, deu tudo quanto tinha ao convento de S. Jorge e n'elle se fez frade. Talvez d'este lhe provenha o nome.

O convento foi em 1568 unido ao de Santa Cruz de Coimbra.

CASTELLO DO ZEZERE—Alemtejo. Proximo á villa de Punhete (hoje Constancia) e na foz do rio Zêzere, fundou D. Gualdim Paes, mestre da Ordem do Templo, em 1159 ou 1160, um forte castello, que está hoje em ruinas.

O mesmo D. Gualdim lhe deu foral em 1174. (Vide Almourol e Constancia.)

CASTELLÕES ou CASTELLÃOS—freguezia, Beira Alta, comarca e concelho de Tondella, 24 kilometros de Viseu, 258 ao N. de Lisboa, 520 fogos. Em 1757 tinha 366 fogos.

Orago o Salvador.

Bispado e districto administrativo de Viseu.

Situada nas abas da serra do Caramullo, e é uma das freguezias do Valle de Bésteiros.

Era do padroado real, que apresentava o reitor, o qual tinha 40$000 réis, 24 arrateis de cêra, 4 alqueires de trigo e 4 almudes de vinho (para as missas) e um arratel de incenso.

E' terra muito fertil.

Passa aqui o rio do seu nome, que nasce na serra do Caramullo, de varios arroios e morre no Crins, com 6 kilometros de curso. Suas margens são cultivadas e cingidas de frondoso arvoredo.

Chama-se a esta freguezia vulgarmente Castellões de Bèsteiros. (Vide Bésteiros.)

Antigamente, em todos os escriptores e nos livros officiaes se denominava esta freguezia e todas as seguintes do mesmo nome, Castellãos, e é o seu verdadeiro nome; mas hoje diz-se corruptamente Castellões. (Vide a primeira freguezia de Castellãos d'esta obra.)

CASTELLÕES (ou CASTELLÃOS) DE CAMBRA—freguezia, Douro, comarca de Oliveira de Azemeis (d'onde dista 6 kilometros a NE.) concelho de Macieira de Cambra, 72 kilometros ao N. de Coimbra, 40 ao S. do Porto, 280 ao N. de Lisboa, 540 fogos.

Em 1757 tinha 450 fogos.

Bispado e districto administrativo de Aveiro.

Foi antigamente do bispado de Coimbra.

Pertenceu á comarca de Esgueira e depois passou para a da Feira.

É do infantado.

Orago S. Pedro, apostolo.

A matriz é sumptuosa.

O cabido de Coimbra apresentava o reitor, que tinha 200$000 réis. Depois, quando se criou o bispado de Aveiro, era, até 1834, apresentação do ordinario.

Situada quasi toda em planicie muito fertil e aprasivel, nas margens do rio Cáima.

Foi antigamente concelho, com juiz ordinario e camara, sujeitos ás justiças da Feira.

N'esta freguezia está a bonita quinta e magnifica casa de Areias, do sr. dr. Antonio Soares Leite Ferraz de Albergaria, vulgo o *Areias*, com uma boa capella.

Para as armas d'esta familia, vide Albergaria, a paginas 48 do 1.º volume.

Vide Cambra e Macieira de Cambra. Para a etymologia, vide Castellãos, a primeira mencionada.

CASTELLÕES ou CASTELLÃOS—freguezia, Minho, comarca e concelho de Villa Nova de Famalicão, 18 kilometros a O. de Braga, 35 ao N. do Porto, 348 ao N. de Lisboa, 100 fogos.

Em 1757 tinha 80 fogos.

Orago S. Thiago Maior.

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

Era antigamente da comarca de Vianna, termo de Barcellos.

Situada em um valle muito fertil, sobre tudo em fructa. Não se vêem d'aqui povoações d'outras freguezias.

O prior do convento de S. Vicente de Fóra, de Lisboa, apresentava o vigario *ad nutum*, que tinha 50$000 réis e o pé d'altár.

Para a etymologia, vide a primeira Castellãos mencionada.

CASTELLÕES ou CASTELLÃOS—freguezia, Traz-os-Montes, foi até 1855 da comarca e concelho de Chacim, e desde então é da comarca e concelho de Macedo de Cavalleiros. 420 kilometros ao N. de Lisboa, 100 fogos.

Em 1757 tinha 90 fogos.

Orago Nossa Senhora da Assumpção.

Bispado e districto administrativo de Bragança.

Foi antigamente do termo e comarca de Bragança, provedoria de Miranda.

E' da casa de Bragança.

Situada em um alto, nas faldas de Monte Mel, d'onde se vêem muitas povoações.

O reitor de Macêdo de Cavalleiros apresentava o cura, que tinha 6$000 réis, 33 alqueires de trigo e 2 almudes de vinho.

No sitio do Castello (onde está a capella de S. Bernardino) é tradição que existiu uma povoação de mouros.

No alto da serra ha vestigios de uma fortaleza mourisca.

É ao pé da capella de S. Marcos.

É terra muito fertil, principalmente em azeite e castanha. Passa aqui a ribeira do seu nome, que morre no Tua.

A industria da creação dos bichos de sêda dura ha mais de 120 annos n'esta freguezia.

A mesma etymologia.

CASTELLÕES DE CEPÊDA—vide Castellãos de Cepêda.

CASTELLÕES (ou **CASTELLÃOS**) **DE RECESINHOS**—freguezia, Minho, foi até 1855 da comarca de Amarante, concelho de Santa Cruz de Riba Tâmega, e desde então é comarca e concelho de Penafiel. 48 kilometros ao N. do Porto, 355 ao N. de Lisboa, 130 fogos.

Em 1757 tinha 115 fogos.

Orago o Salvador.

Bispado e districto administrativo do Porto.

Era antigamente da comarca de Guimarães.

O conde d'Obidos apresentava *in solidum* o abbade, que tinha 300$000 réis.

É terra muito abundante de aguas e muito fertil. Tem caça.

Os condes d'Obidos eram donatarios d'esta freguezia e aqui punham as justiças.

Tem muito boas quintas. Passa aqui o rio Odres.

A mesma etymologia.

CASTENDO—villa, na freguezia da Insua, Beira-Alta, comarca de Mangualde, 18 kilometros a E. de Viseu, 294 ao N. de Lisboa, 310 fogos.

No concelho, a que se dá o titulo de con-

celho de Penalva do Castello, 2:400 fogos.

Situada proximo da margem direita do Dão.

E' terra fertil.

Muito e muito bom vinho.

D. Sancho II lhe deu foral (á villa de Penalva do Castello) em 1240.

Franklim não falla d'este foral.

D. Manuel lhe deu foral novo, em Lisboa, a 10 de fevereiro de 1514.

CASTEVAL—portuguez antigo, alcaide-mór, governador de um castello.

CASTIJANO—portuguez antigo, castelhano.

CASTRÊLLO—villa, capital do concelho da Maia, 18 kilometros ao N. do Porto, a cuja comarca pertenceu.

Tinha em 1660 150 fogos, hoje tem 350. 330 kilometros ao N. de Lisboa.

D. Sancho I a povoou em 1202.

CASTRELLOS—freguezia, Traz-os-Montes, comarca e concelho de Bragança, 60 kilometros de Miranda, 474 ao N. de Lisboa, 80 fogos.

Em 1757 tinha 42 fogos.

Orago S. João Baptista.

No seculo X era denominada villa, como se verá da doação adiante mencionada.

É povoação muito antiga, pois já existia, com certeza, no tempo dos godos, e, provavelmente, no dos romanos.

Situada em um valle, no termo de Bragança.

(No mappa das congruas diz-se que o orago é S. Pedro; mas julgo que é engano; porque em todos os outros livros vejo S. João Baptista.)

O reitor de Quintella de Vinhaes apresentava o cura, que tinha 8$500 réis, 25 alqueires de centeio, 27 de trigo serodio e 12 almudes de vinho.

O rio Baceiro réga esta freguezia, que é fertil.

Chamam-lhe vulgarmente (e assim está nos livros antigos) Crastellos.

Crastello é diminutivo de *castrum*, como se dissessemos castellinho. (Vide Crestello.)

D. Affonso IV lhe deu foral, em Extremôz, a 29 de julho de 1325.

Em 988, doou Munio Gonçalves, ao mosteiro de Lorvão, a sexta parte da villa de Castrêllo.

Na doação feita ao mesmo mosteiro por D. Sancho I, em 1190, da villa de Villa Meã, junto a Prime, tambem menciona outro Castrellos. Não pude saber (apesar de boas diligencias) que Castrellos era este. Ou mudaram de nome, ou são aldeias insignificantes.

CASTRO—aldeia, Traz-os-Montes, na freguezia de S. Matheus do Sobreiro (ou Sobreiro de Baixo) até 1855 foi da comarca de Bragança, e desde então é comarca e concelho de Vinhaes.

Antigamente foi da comarca de Miranda, termo de Vinhaes. 455 kilometros ao N. de Lisboa.

Em 1750 tinha 6 fogos.

Situada no monte da Circa, junto do qual houve em tempos antigos uma grande lagôa, que hoje está quasi sêcca. N'este monte ha muitos vestigios de uma antiga fortaleza e grande povoação.

Na aldeia ha uma capella de Santa Barbara.

Para a etymologia vide o Castro seguinte.

CASTRO ou **CRASTO**—monte, Douro, freguezia de Romariz, comarca e concelho da Feira (extincto concelho de Fermedo) 27 kilometros ao S. do Porto, 288 ao N. de Lisboa.

Em 1845 se descobriram aqui varios *carns* celticos. Estavam entulhados com pedras, terra, carvão e cacos de telha. N'elles appareceu um resto (capitel) de uma columna muito tosca e a mó de um pequeno moinho. A poucos metros a O. d'estes *carns* existem os vestigios de uma grande *mâmoa*, em um plató, e ao fundo d'elle os alicerces de uma muralha de um metro de grossura. Entre esta *mâmoa* e os *carns* (que estão ao E. em sitio mais elevado) ha uma especie de azinhaga, a que o povo d'aqui chama Rua dos Mouros, com vestigios de paredes.

É tradição entre a gente d'aqui, que n'este monte houve uma povoação e fortaleza mourisca.

Todos sabem que o nosso povo chama mouriscos a todos os monumentos antigos, qualquer que seja a sua edade ou fundadores.

Ha mais probabilidade que isto fosse povoação dos antigos lusitanos. O que é certo é que ella foi incendiada e arrasada, talvez pelos romanos o que se collige da grande abundancia de carvão que se encontra dentro dos *carns*, poucos centimetros abaixo do solo, assim como de restos de telha e tijolo esmigalhados. Tambem aqui se achou o trôço superior de uma columna muito tosca; duas mós pequenas, que parececiam de moer metaes, e uma especie de fôrno, que provavelmente era alguma sepultura, pois continha uma porção de cinzas, quasi reduzidas á terra.

No mesmo monte, uns 10 ou 12 dias antes, e mais abaixo, tinham apparecido em uma amphora de prata, 102 medalhas e meia de prata de diversos imperadores romanos e da republica, todas muito bem conservadas, e junto com ellas uma meia lua e uma argola ambas de ouro.

Deve notar-se que, ao SO. e a 1 kilometro d'este monte (na freguezia de Milheirós de Poyares) ha uma aldeia chamada *Mâmoa*. Ao S., e a partir com esta freguezia de Romariz, ha a freguezia de Cesar (no concelho de Oliveira de Azemeis.) Um nome celta e tres romanos. (*Mâmoa*, Castro, Romariz e Cesar.)

Na serra do Pinheiro, em frente do Castro (na dita freguezia de Cesar) ha tambem vestigios de alicerces antiquissimos.

Do alto do monte do Castro se vê parte da cidade do Porto, muitas serras e povoações e uma vasta extensão do Oceano.

Tenho notado que a alguns sitios onde ha *carns*, o povo dá o nome de *Crasto*. Estou convencido pois, que algumas vezes *crasto* é corrupção de *carns*, outras de *castrum* e outras de *crasta*.

O *Elucidario* de Viterbo diz: Castro ou Crasto tem-se equivocado com castello, que é, como castréllo, diminutivo de *castrum*. Antigamente, aos arraiaes de todo o exercito, com 4 portas, cada uma de seu lado, cercado de fosso e vallado, se chamou crasta. A um pequeno arraial, só para uma legião (brigada) se chamava *castrum*. Quanto mais pequenos eram estes arraiaes e menos fornecidos de gente e armas, mais cuidado havia em se assentarem em sitios altos e facilmente defensaveis, e a estes se chamava castréllos, crastellos ou crestéllos. Alguns d'estes se povoaram e ficaram a servir de *atalayas*, *cidadellas* ou *guardas* ás campinas e logares chãos e abertos ao inimigo.

Ha em Portugal (além do que aqui vae descripto) mais de 200 aldeias e montes com o nome de Crasto ou Castro.

Não se dava antigamente o nome de Castro ou Crasto só aos montes que tinham grande ou pequeno castello. Dava se tambem áquelles cuja posição era propria para alli se edificar qualquer fortaleza, e até aos que, sendo coroados por penedias, simulavam de longe um castello.

CASTRO D'AVELLANS—freguezia, Traz-os-Montes, comarca e concelho de Bragança, 48 kilometros de Miranda, 460 ao N. de Lisboa, 46 fogos.

Em 1757 tinha 15 fogos.

Orago S. Bento.

Bispado e districto administrativo de Bragança. É no termo d'esta cidade.

A mesa capitular da Sé de Miranda (depois de Bragança) apresentava o vigario, *in solidum*, que tinha 40$000 réis.

Fertil em trigo e centeio; do mais pouco.

Houve aqui um mosteiro de frades bentos, de sumptuosa fabrica, cujas memorias existem em um arco que está á entrada do logar, o qual (arco) era a portaria do mosteiro. Ainda se vêem parte dos alicerces da egreja e uma torre, das duas que ella tinha, feita de cantaria, de 24 metros de altura. Em uma pedra, de marmore, que serve de *credencia*, na egreja matriz, está a seguinte inscripção:

DEO AETERNO ORDO ZELATUR
EX VOTO

Esta inscripção, que está no altar-mór da egreja matriz, do lado da Epistola, é interpretada de mui differente modo, por outros escriptores, como adiante direi, quando tratar dos fundadores presumidos d'esta villa.

No frontespicio ha uma lapide que diz:

D. DIOGO PINHEIRO, BISPO

DO FUNCHAL, ADMINISTRADOR
D'ESTE CONVENTO, MANDOU
FAZER ESTA OBRA.

—

A antiga capella-mór da egreja do convento, é que é hoje a matriz da freguezia.

N'ella, em um tumulo de cantaria, jaz o conde D. Arias Annes, que morreu na éra de 1300 (1262 de Jesus Christo).

Este convento foi fundado por S. Fructuoso, em 667. Era portanto dos mais antigos do reino.

Os frades d'este convento eram senhores de Bragança (então villa) e de outras muitas villas e coutos, por doação de D. Affonso V, de Leão, feita pelos annos 830. Os frades cederam Bragança a D. Sancho I de Portugal, pelos annos de 1200.

Eram estes frades dos mais ricos, poderosos e despoticos de todo o reino. Nas muitas cartas de povoação (foraes) que deram a varios logares, que, ou por doações ou por usurpação, se tornaram do seu dominio, impuzeram aos moradores o infame, absurdo e expoliador direito de *maninhadégo*; isto contra a expressa determinação do foral regio dado áterra de Bragança, por D. Sancho I, em 1187.

O tal direito de *maninhadégo* (ou *manería*) consistia em herdarem os frades a terça parte do toda a herança dos casados, que morriam sem filhos! (Vide Maninhadégo e Maninho.)

Mas os frades, abusando do seu poder e da simplicidade dos póvos, não se contentaram ainda com esta extorsão immoralissima, e exigiam a terça de todos os defunctos; quer tivessem, quer deixassem de ter filhos. E os póvos aguentavam isto com receio das execuções, odios e excommunhões dos frades!

O duque de Bragança, D. Affonso, por carta sua de 1452, fez terminar este roubo escandaloso, por ser contra o foral regio, contra as Ordenações do reino e contra o bom senso; e ordenou que as duas partes da herança ficassem aos filhos ou herdeiros do defuncto, podendo cada um dos testadores dispôr do terço *livremente*, a beneficio da sua alma.

Prohibiu que fossem penhorados ou *evitados* [1] os que o abbade do mosteiro, (como vigario geral do arcebispado) excommungasse por isto; e que o mosteiro e seus officiaes não *tomem* as coisas e mantimentos; mas *as paguem á vontade dos donos* (porque os frades, sobre todos os seus escandalos, tambem praticavam o de tirarem aos lavradores gados, fructas, pastos, etc., e pagarem-lh'os, se lh'os pagavam, pelo prêço que muito bem queriam!)

Apesar, porém, d'esta terminante carta do duque, os frades, armados com a terrivel arma da *excommunhão*, continuaram a receber os *maninhadégos*, e taes extorsões foram fazendo, sem respeito ás leis do reino e ás ordens do duque, que D. João III (apesar de muito religioso) viu-se na necessidade de se queixar ao papa Paulo III, pedindo a suppressão d'este convento, ao que o pontifice annuiu, extinguindo-o por uma bulla de 1545, sendo as rendas encorporadas na *mesa capitular* de Miranda (hoje Bragança) com a condição de se fazer todos os dias, na Sé, a *commemoração* de S. Bento.

Os frades fugiram antes de se lhes ler a sentença da curia romana, e não esperaram para serem expulsos.

Mandaram alguns d'elles queixar-se amargamente ao papa, mas nada conseguiram.

—

A lapide, de cuja inscripção primeiro fallei, tem um metro de altura e meio de largura, e como tem as letras já bastante carcomidas pelo tempo, não é clara e positiva a sua leitura.

Segundo Viterbo e outros archeologos, diz:

DEO
AVERNO .·.
ORDO
ZOELAR.
EX VOTO.

[1] *Evitados*. Aquelles a quem era imposta a pena de excommunhão, ficavam *ipso facto*, incommunicaveis com o resto dos christãos, que incorriam na mesma pena se fallassem com elles; por isso *evitavam* fallar-lhes, e era a este estado de incommunicabilidade, a que se chamava *evitados*. Ao N. do reino dizem, corruptamente, *habitados*.

Isto é— «*Ao Deus do Averno, a ordem dos zoelas dedica.*»

Por esta inscripção e pelos vestigios evidentes de uma grande povoação, que existem proximo do rio Sabôr, suppõe-se com bons fundamentos que aquella povoação era a antiquissima cidade de *Celiobriga* ou *Zelobriga*, e que os póvos *zoelas*, vindos das Asturias, a fundaram mais de 300 annos antes de Jesus Christo. (Vide Celiobriga).

—

Parece que o povo, depois da suppressão do convento, tratou de destruir o edificio do mosteiro, pois apesar de ser construido de tijolo e cal, não me parece que no espaço de pouco mais de 300 annos, estivesse no estado de ruina em que actualmente se vê.

É pois impossivel fazer uma idéa approximada da vastidão d'este edificio.

Estão ainda de pé, e arrostando a acção corrosiva dos agentes atmosphericos, dois arcos do vetusto mosteiro, tambem de tijolo e cal, que se suppõe terem servido para darem passagem para a egreja. São de fórma acanhada.

Parece que a egreja e o mosteiro eram defendidos por uma muralha da mesma materia, o que induz a acreditar que os religiosos se veriam algumas vezes forçados a defenderem-se das aggressões dos mouros. Confirma esta opinião um curioso manuscripto em que se lê:

«Eram os religiosos de Castro, senhores de Bragança (então villa) por doação que d'ella lhes fez D. Affonso V, rei de Leão, *por lhe terem feito grandes serviços e ajudado a tomal-a aos mouros.*»

—

Esta freguezia tem hoje muita importancia, pela reconhecida virtude de suas aguas sulphureas, que attrahem aqui, durante o verão, as principaes familias de Bragança e de outras muitas partes da provincia.

Não me consta que até hoje tenham sido analysadas competentemente; nem foram amostras d'ellas para a Exposição Universal de Paris, em 1867.

CASTRO DAIRE ou **CASTRO D'AIRE** — villa, Beira Alta, 24 kilometros a O. de Lamego, 30 de Viseu, 305 ao N. de Lisboa, 720 fogos na freguezia, no concelho 2:380 e na comarca 4:660.

Em 1757 tinha 80 fogos a villa, e toda a freguezia 540.

Orago S. Pedro, apostolo.

Bispado de Lamego, districto administrativo de Viseu.

Situada sobre um monte pyramidal, correndo-lhe ao sopé o rio Paiva.

A 1:500 metros ao S. d'esta villa, em uma casa que consta ter sido hospicio dos templarios, ha uma capella de Nossa Senhora do Presepe, e ao N. d'ella está um carvalho cujo tronco está perfeitamente ôco, cabendo-lhe dentro, sentadas, 24 ou 30 pessoas. Tem mais de 22 metros de altura e de circumferencia 13 e meio. É, pelo menos, coevo dos templarios.

No cume do monte houve antigamente um fortissimo castello, do qual ainda ha vestigios. Foi elle que deu o nome á villa.

É tradição que, passando aqui D. Diniz, pelos annos de 1300, lhe pediram os moradores a pedra do castello, para fazerem a egreja; o rei lh'a deu e a fizeram.

Este templo é sumptuosissimo e dos melhores do bispado de Lamego. Foi concluida esta obra (que estava apenas em meio) pelos annos de 1864, gastando-se n'ella muitos contos de réis. Tem sete bellos altares. Ha em Portugal Sés menos vastas.

Não acredito muito na tradição em que fallei, por tres motivos: 1.°, porque aqui ha muita abundancia de pedra e não valia a pena desmancharem o seu castello e importunarem o rei por tão pouca cousa; 2.°, porque n'esse tempo era uma grande honra ter um castello e os d'aqui não a haviam de querer perder; 3.°, porque, sendo D. Diniz um incansavel constructor de castellos e torres, mais facilmente consentiria em o mandar reedificar, do que em o deixar destruir.

Eu entendo mas é que o castello caiu em ruinas, e depois de estar em terra, o povo (como em muitas outras partes) deu á pedra a applicação que quiz.

O sitio onde esteve o castello tem bellissimas e extensas vistas, descobrindo-se mui-

tas povoações e as serras de S. Macario, S. Lourenço, Monte Muro e outras muitas menores.

Era antigamente da comarca de Lamego.

Foi cabeça de condado, sendo seu ultimo conde, Simão Correia da Silva, por morte do qual passou para a corôa.

Era primeiro do padroado real, e depois passou para a casa do infantado.

O abbade tinha de renda 1:300$000 réis. Tem cinco beneficiados, com pequeno rendimento, que resam em côro todos os dias.

É terra muito fertil em cereaes, fructas, azeite, mel, céra e optimo vinho. Cria muito gado, de toda a qualidade.

N'esta villa nasceu o padre Sebastião Vieira, jesuita, que foi martyrisado no Japão.

Muita caça.

Regam esta freguezia os rios Paiva e Paivó, que aqui se juntam. São aqui atravessados por uma antiquissima e muito alta ponte de cantaria. Régam, móem e trazem muito bom peixe.

D. Manuel lhe deu foral em Lisboa, a 14 de março de 1514. (No foral dá-se-lhe o nome de *Castro Dairo*) Livro de foraes novos da Beira, fl. 7, v., col. 1.ª

É povoação muito antiga, mas não se sabe quem a fundou, nem quando.

Tinha antigamente uma feira nos 4.ºˢ domingos de cada mez. Hoje tem duas, uma no 1.º e outra a 15.

Tem Misericordia e hospital, com bom rendimento.

Tem uma optima escola de instrucção primaria, das que instituiu o benemerito conde de Ferreira, (vide Campanhan) e um magnifico tribunal das audiencias e senado da camara.

Castro Daire tem muito bons edificios particulares, sendo dos melhores o palacio do sr. barão de Castro Daire, com bello jardim e boa quinta e matta.

É aqui o solar dos srs. Aguilares, que é tambem um bom palacio. É edificio muito antigo.

Tambem ha aqui um antigo e bello edificio, que foi dos Mendonças. É hoje, por herança, do sr. José Correia, por parte de sua esposa, a sr.ª D. Diana de Mendonça. Tem uma boa capella e grande quinta.

Ha ainda o soberbo palacete dos srs. Teixeiras de Lacerda. Tem um bom jardim e quinta. É casa muito antiga.

A irmandade das almas, d'esta freguezia, é antiquissima e muito rica.

—

Para a genealogia dos Mendonças e suas armas, vide Barbacêna.

Lacerda é appellido nobre em Portugal. Veio de Hespanha, por Affonso Fernandes de La Cerda, que seguiu o partido do rei D. Fernando, de Portugal.

Suas primeiras armas são:—Em campo verde, uma torre de ouro, com ameias, entre dois leões trepantes, de púrpura, armados de preto e lampassados de vermelho.

Outros do mesmo appellido usam:—Escudo dividido em pala. A primeira dividida em facha, na primeira, de púrpura, um castello de ouro; na segunda, de prata, um leão de púrpura, armado de negro; na segunda pala, de asul, tres flôres de liz, de ouro em pala, entre seis meias flôres ditas, em duas palas e formadas nos lados do escudo. Elmo de aço aberto. Timbre o leão das armas.

Outros trazem:—Escudo esquartelado, o 1.º e 4.º quartel, divididos em pala; na primeira, de púrpura, castello de ouro; na segunda, de prata, leão de púrpura. No 2.º e 3.º quartel, as armas reaes de França, que são, em campo asul, tres flôres de liz de ouro, em roquete. Elmo de aço, aberto, e timbre, o leão das armas.

—

O concelho de Castro Daire, é composto de 20 freguezias, sendo 8 no bispado de Viseu e 12 no de Lamego; mas todas no districto administrativo de Viseu.

As do bispado de Viseu, são: Alva, Gafanhão, Mamouros, Mões, Mollêdo, Pepim, Rériz e Ribolhos.

As do bispado de Lamego, são: Cabril, Castro Daire, Ermida, Esther, Gozende, S. Joanninho, Mezio, Monteiras, Moura Morta, Parada, Picão e Pinheiro.

—

A comarca é composta dos julgados de Castro Daire e Frágoas.

CASTRO LABOREIRO — villa, Minho, comarca, concelho e 15 kilometros ao SE. de Melgaço, 66 ao NNO. de Braga, 78 ao N. de Vianna e 400 ao N. de Lisboa, 570 fogos, 2:200 almas.

Em 1757 tinha 60 fogos na villa e 432 no resto da freguezia.

Orago Santa Maria ou Nossa Senhora da Visitação.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Vianna.

Era antigamente da comarca de Vallença.

Situada em um alto.

O reitor tinha um coadjutor da sua apresentação. A casa de Bragança apresentava o reitor, que tinha de rendimento annual 650$000 réis; e o coadjutor 20 alqueires de centeio e 10$000 réis, tudo pago pela commenda.

É da casa de Bragança.

Foram seus commendadores os Saldanhas de Albuquerque.

É terra muito fria e pouco fertil. Pouco mais produz do que centeio, nabos e vinho.

Tinha o privilegio de se não fazerem aqui soldados, dado por varios reis e confirmado por D. João V.

Proximo á villa ha um castello muito antigo, que diz o povo ser obra dos mouros, aos quaes elle attribue todos os edificios antigos. É porém mais provavel ser obra dos romanos, em vista do seu nome latino. Por elle estar edificado sobre uma rocha, se chamou *Castrum Laporetum* (castello penhascoso, ou do penhasco) da palavra latina *lapis*, pedra. Vide Lapêdo.

Ainda ha outra opinião sobre a etymologia d'este castello, que não julgo destituida de fundamento, é que Laboreiro vem do substantivo latino *labor*, (trabalho), pelo trabalho ou difficuldade que ha em subir ao môrro em que a fortaleza está edificada.

O que porém se não póde certificar é qual dos dois é mais antigo, se o castello se a villa, e qual d'elles deu o nome ao outro. O que é certo é dar o cabêço o nome a ambos, quer elle venha de *laporetum* quer de *labor*. É provavel que se edificasse o castello e depois a villa, como era costume quasi geral.

O que eu supponho é que antigamente se dava á fortaleza o nome de Castro Leboreiro e á povoação o de Villa de Leboreiro, e primeiramente Póbra de Leboreiro.

O castello fica ao sul da villa, a distancia de 400 metros, pouco mais ou menos, sobre um elevadissimo pico, que terá de altura 400 e tantos metros, e se levanta sobre uma base de acanhada circumferencia, o que o torna espantosamente aprumado.

Já só o môrro se póde chamar um castello natural. É um gigante coroado de pedra de cantaria, muito regular (e não tosco como diz o padre Carvalho).

É inaccessivel, e seria inexpugnavel, se não fôra, impropriamente fallando, uma especie de isthmo nimiamente estreito, que a põem, se bem que difficilmente, em communicação com o exterior. Teve quarteis em tempos remotissimos, assim como (cousa admiravel n'aquella espantosa altura) um pôço de agua nativa, o que tudo desappareceu ou ficou obstruido, em virtude de um raio que caiu no paiol; mas foi reedificado, como adiante direi. Hoje apenas apparecem as ruinas.

Os muros são baixos, parecendo presidir á sua construcção mais o agradavel do que as necessidades da guerra. Tem duas portas, uma para o sul e outra para o norte.

Por aquella, dizem que outr'ora, ainda que arriscadamente, se podia entrar a cavallo; para a do norte, que dá para o tal isthmo de rocha viva, custa a ir de gatas; porque sendo esta rocha tão inclinada e resvaladia, foi preciso abrir-lhe a picão uns toscos e estreitos degraus para subir por elles.

Mas o perigo não está ahi, está ao chegar á tal porta, ou antes frésta, pois que é tão estreita que pouco passará de 60 centimetros.

Ainda o visitante vai arripiado do perigo que venceu, mas na esperança de recuperar a serenidade, quando um novo susto, porem mais horrivel, mais sem nome, se apodera d'elle!

Destaca-se-lhe á direita um penedo, que terá, quando muito, trez metros d'alto, ahi posto pela naturesa, de figura rigorosamente cónica, e que fica mesmo fronteiro á por-

ta, e a tão pouca distancia, que qualquer homem, em outro sitio que não fosse este, a poderia salvar d'um salto; mas aqui está a morte!

É um abysmo profundissimo, que terá aproximadamente 350 a 400 metros, que é a distancia que tem de percorrer o ousado curioso, se porventura tiver a infelicidade de lhe escorregar um pé ou de se assustar.

Ninguem que tiver conhecimento d'esse famoso castello indico, deixará de chamar a este o nosso *Savendroog* ou *Rocher de la Mort*.

—

O conde Witiza, tendo-se levantado na Galliza contra D. Affonso III, (o magno) o rei mandou contra elle seu primo, o conde Hermenigildo, que o venceu e trouxe preso ao rei; o qual, em premio d'este serviço lhe deu as terras do conde traidor; entre ellas a villa de Lima, (Galliza) onde seu neto S. Rosendo fundou o mosteiro de Cella-Nova, e esta villa de Castro Laboreiro.

Constituido o reino de Portugal (1093) do qual o limite septentrional ficou (como actualmente) sendo o rio Minho, ficou esta villa sendo desde o principio portugueza.

D. Affonso Henriques é que rodeou de muralhas o antigo castello, o que consta de uma doação que este principe fez ao couto de Paderne.

No principio do seculo XIV, cahiu um raio no paiol da polvora, que, incendiando-se, fez ir o castello pelos ares; pelo que o rei D. Diniz o mandou reedificar.

—

A egreja matriz foi primeiramente vigariaria da matriz de Ponte de Lima, depois, abbadia do bispo de Tuy, que D. João Fernandes Sotto-Maior trocou com o nosso rei D. Diniz, em 1308, e era commenda da ordem de Christo.

—

É notavel a capellinha da Senhora d'Anamão, no districto d'esta freguezia, junto á raia, em uma gruta natural, cavada em rocha viva.

A ponte chamada Pedrinha, diz-se que é obra dos mouros.

É terra d'um clima extremo: sente-se ahi d'inverno um frio polar, e de verão um calor tropical. O padre Carvalho diz que o vinho chega alli a congelar naquella primeira estação.

O sólo é sáfaro e desabrido.

Nenhuns fructos produz mais que centeio, nabos, e batatas; mas a providencia, para compensar talvez os seus habitantes da falta dos mais fructos, dotou-lhes estes com uma qualidade tão superlativa, que não sei que haja melhores.

Abunda em gado vaccum e lanigero, o primeiro de má qualidade, pela incuria dos seus habitantes em aperfeiçoar a raça; mas o segundo gosa da reputação do melhor de Portugal, o que decerto é devido ás excellentes pastagens que aqui se criam de verão.

A terra é absolutamente desprovida d'arvores, se bem que o auctor da Chorographia Portugueza (Carvalho) lhe dê alguns poucos e pequenos carvalhos, e pouco milho miúdo, coisas que nunca lá viram, a não ser que as levassem de fóra, á excepção dos primeiros que alguns tem em rarissimos sitios, mas muito infezados. Estes mesmos não passam de poucos palmos de altura. A arvore indigna é o piorno e a urze.

A freguezia é a mais extensa e dilatada em área que se conhece, pois até ha pouco ella só formava um concelho, sendo depois annexado á comarca e concelho de Melgaço.

É cercada de elevadissimas serras, que desde a sua base até ao tôpo estão eriçadas de penhascos, d'um aspecto rude e selvagem, que se dezenham nas nuvens com mil formas caprichosas e phantasticas. É abundantissima em caça de todo o genero. Criam-se aqui mastins d'uma corpolencia e vigor extraordinarios, pois qualquer d'elles mata um lobo! Creados fora d'aqui, degeneram inteiramente.

Ha uma emigração espantosa, pois que desde que entra o mez de setembro, tudo que é homem de edade de oito annos para cima, até á de de mais provecta, estando em circumstancias de se arrastar, lá marcha para o Douro, Traz-os-Montes, Beira-Alta e outras partes, não recolhendo senão na Paschoa, que é o termo fatal em que hão de apparecer por força.

Fica á terra tão despovoada de homens, que os cadaveres são conduzidos para a egreja pelas mulheres, havendo antes disso, em casa dos doridos grande comesana para todas as pessoas que quizerem aproveitar-se d'elle, o que todos da melhor vontade fazem, e ás vezes em numero de muitas dezenas, mas que ninguem estranha por ser uso da terra.

Diante do ferectro (que é, como já vimos, conduzido por mulheres) segue uma comitiva d'ellas, umas com broas de pão, outras com açafates com bacalhau e outras coisas, á cabeça, tudo para a egreja, e que lá é entregue ao parocho.

Quem encontrasse um prestito d'estes, e não conhecesse o costume da terra, teria que se persuadir que esta pobre, mas boa gente estava embebida na crença d'alguns povos, que estão convencidos que os cadaveres comem debaixo da terra, recebendo por essa occasião muitos presentes!

Ao officio da sepultura assistem quantas pessoas ahi estiverem de todas as edades e d'ambos os sexos, cada qual com uma véla na mão, arrancando gemidos uns, soluços outros, mas todos (áparte os tregeitos ridiculos que alguns fazem) manifestando uma dôr e magua tão profundas, que não se poderiam fingir.

A egreja é boa, para aquella terra.

A chamada *villa* é uma pequena e pobre povoação, cujas casas, assim como as de toda a freguezia, são cobertas de colmo, e se algumas ha de telha, ainda assim não dispensam a palha por baixo, por que, a não ser isto, os sobrados, em virtude do excessivo resfriamento da athmosphera, appareceriam alagados em agua, como se ali tivessem entornado alguns cantaros d'aquelle liquido.

No tracto, em geral, a gente resente-se da rudeza da terra, advertindo que é muito obsrequiadora e hospitaleira para com as estranhos.

Não obstante a inquiestionavel asperesa d'esta paragem selvatica, teem nestes ultimos annos sahido d'aqui estudantes mui distinctos, e que tem sido laureados em diversas faculdades, o que vem contrariar a opinião dos que dizem que as comidas delicadas e as terras mimosas concorrem para o talento.

Á convivencia d'esses mancebos estudiosos, que tem ido beber a sciencia por esses diversos estabelecimentos scientificos do paiz, devem os habitantes d'esta desfavorecida terra o verem os seus costumes, rudes e asperos como ella, consideravelmente mais adoçados e as maneiras mais civilisadas.

—

Agradeço ao reverendissimo sr. José Manuel Alves Salgado de Castro, os valiosos esclarecimentos que me deu, tanto de Castro Laboreiro, como da Correlhan: e se não fui, em algumas cousas, da sua epinião, é porque houve para isso imperiosas razões.

D. Maunel lhe deu foral, em Lisboa, a 20 de novembro de 1513. (N'este foral se lhe dá o nome de Castro Leboreiro.)

Tinha foral velho, dado por D. Affonso III em Lisboa, a 15 de janeiro de 1271. N'este foral se lhe dá simplesmente o nome de Leboreiro, e foi elle que a elevou á cathegoria de villa. Ha porem muitas aldeias em Portugal, mais ricas e muito maiores do que esta villa, que actualmente mais merece o nome d'aldeia. É porem povoação antiquissima, e que já existia no tempo dos romanos, que, com muita probabilidade lhe chamavam *Laporetum*, de que o nome actual é corrupção. É na raia de Hespanha.

O termo d'esta freguezia é montanhoso, desabrido e sem arvores.

Em frente da villa fica o castello (gallego) de Lobeira.

D. Affonso I, a tomou aos mouros em 1136 D. Diniz a reedificou e ao castello, pelos annos de 1290. Tem uma muralha tosca, com duas portas, uma para o O, pela qual se podia passar a cavallo, outra para o N. por onde mal, e com grande risco, póde passar uma pessoa a pé. A esta chamam o *postigo*.

Homens e mulheres d'aqui usam de polainas de burel branco e *chancas* (especie de sandalias, com a *solã* de páo, presa ao pé por correias.)

D'aqui sahem no inverno para Traz-os-Montes e outras terras, mais de 200 homens a fazer paredes de mattos e campos. Chamam a estes pedreiros *tapúas*.

CASTRO MARIM—villa, Algarve, comarca e 24 kilometros a E. de Tavira, 54 a ENE de Faro, 3 a ENE. de Villa Real de Santo Antonio, 3 ao N. de Ayamonte (cidada hespanhola da Andaluzia) e 240 ao S. de Lisboa, 930 fogos (3:700 almas) no concelho 1:860 fogos.

Em 1757 tinha 523 fogos, na villa e freguezia.

Orago S. Thiago, apostolo.

Bispado do Algarve, districto administrativo de Faro.

Em 37°11' de latitude N. e 1°5' de longitude oriental.

Por todas as partes de Portugal por onde tenho viajado (principalmente de Lisboa, para o Norte) em se fallando em Castro Marim, toda a gente estremece, cuidando que esta villa é no fim do mundo, a terra mais feia e inhospita que ha; finalmente *terra de degredados*.

Quanto se enganam!

Castro Marim é uma das bonitas villas do Algarve (onde quasi todas são tão bonitas) e do seu castello goza-se uma vista que não tem superior em belleza em todo o reino.

Pelo decurso d'este artigo se desenganarão, dando a esta interessante villa o seu verdadeiro valor.

Em uma vasta e fertil planicie estão dous outeiros que se coommunicam por uma baixa (especie de istmo) mais elevada do que a planicie.

O castello corôa o monte do E. (por isso chamado Monte do Castello) e no do O. chamado o Cabêço) está o forte de S. Sebastião.

Foi o forte do Cabêço (ou S. Sebastião) fundado por D. João IV, durante as guerras da restauração. Communica com o castello por uma estrada coberta.

Ambas estas fortalezas estão bem conservadas (se as compararmos com as das outras praças de guerra portuguezas.)

O castello é de fórma circular, e, ainda que feito de pedra miuda, bastante solido, por ser a pedra toda assente em cal e areia.

D. Diniz (outros dizem que foi seu pae, D. Affonso III) mandou construir o castello primittivo e as antigas muralhas que cercavam a villa; mas os castelhanos damnificaram estas obras de defeza por varias vezes, de modo que D. João IV, em vista da grande importancia militar d'este ponto, reconstruiu o castello, dando-lhe nova fórma e mais amplidão, e guarnecendo-o com cinco torres ou baluartes, e com cinco portas.

Tendo o terremoto arruinado muito este castello, D. José I o mandou reedificar, dando-lhe a fôrma que hoje tem, e só com uma porta para o O. e um postigo (ou porta falsa) para o SO.

As muralhas de D. Diniz estão desmanteladas; mas as de D. João IV, que teem muito mais ambito, estão em melhor estado; porém, tambem muito arruinadas em partes. Tem esta muralha tres portas: S. Sebastião, que é na praça d'este nome, tem um baluarte, e está soffrivelmente conservado. (É ao ONO.) a de Santo Antonio (ao SO.) é do seculo passado e está em muito bom estado, e a da Villa, ao N.

Foram seus alcaides-móres os condes de Soure.

A villa está fundada em redor do castello; mas, como a população foi crescendo, a maior parte d'ella é extramuros. O cabeço tambem é povoado até á esplanada do forte, e este dista do castello uns 900 a 1000 metros.

—

Dentro do castello estão as ruinas da egreja de S. Thiago, primittiva matriz da villa. (Quando eu aqui estive, estava reduzido a cemiterio.) Foi destruida pelo terremoto do 1.° de novembro de 1755. Tambem aqui era a Misericordia e o hospital, e ha casas de habitação de muitos particulares, e o convento dos cavalleiros de Christo, hoje quartel militar; pois a villa primittiva estava toda dentro do recinto do castello.

Entre o castello e o Cabêço está (sobre o tal *Istmo*) a sumptuosa egreja de Nossa Senhora dos Martyres, a cuja Senhora se faz annualmente uma magestosa festa e concorridissima romaria, pois é esta egreja um santuario de muita devoção para os algarvios.

Junto a esta egreja está um bom hospital militar. Ao O. da mesma e contiguo a el-

la ha um vasto *eirado* (que é o adro da egreja, e ao qual aqui chamam o Alpendre) cujo pavimento é todo de cal e areia, cercado de muro, tambem argamaçado.

A egreja é antiga, mas foi restaurada pelo bispo do Algarve, D. Francisco Gomes d'Avellar, quando para aqui se transferiu a parochia, depois do terremoto. É hoje a matriz.

Castro Marim é um porto maritimo do Algarve e uma das suas principaes (senão a principal) praça de guerra.

É situada sobre a margem direita do Guadiana, a 6 kilometros da sua foz e a 1:500 metros d'este rio, com o qual communica por um esteiro, que permitte que as embarcações fundeiem no bairro da Ribeira, ao sopé do castello.

É povoação antiquissima (talvez fundação dos carthaginezes, ou, pelo menos, dos romanos) mas não se sabe por quem nem quando foi fundada.

Alguns pretendem mesmo que fossem os phenicios os seus fundadores, pelos annos do mundo 3050 (954 antes de Jesus Christo) porque navegaram muito pelo Guadiana, em busca de minas metalicas, sendo os primeiros exploradores das célebres minas de cobre de S. Domingos. (Vide Pomarão.)

D. Payo Peres Correia, *fronteiro-mór* do Algarve, expulsou d'aqui os mouros, pelos annos 1242, e esteve só povoada por tropa, até que D. Affonso III a mandou povoar, em 8 de julho de 1277. Segundo outros, os mouros d'aqui, abandonaram a villa e fugiram para a Africa, e quando aqui entrou D. Payo Peres Correia, já estava abandonada, concedendo-lhe então o rei grandes fóros e privilegios. D. Diniz lhe deu foral, no 1.º de maio de 1282, confirmando e augmentando os que seu pae tinha dado.

Lopo Mendes, commendador d'esta villa, vexava os moradores com exigencias exorbitantes, pelo que elles lhe moveram demanda; em 21 de março de 1504, obtiveram sentença contra elle, na qual ficou prohibido de levar mais direitos do que os que lhe marcava o foral velho.

D. Manuel lhe deu foral novo, em Lisboa, a 20 de agosto de 1504.

Esta villa tinha voto em côrtes, com assento no banco 13.ª

A mesa da consciencia e ordens é que apresentava aqui o prior, que tinha 3 moios de trigo, 90 alqueires de cevada, 90 alqueires de centeio e 8$000 réis em dinheiro. É annexa ao priorado e thesouraria, que rendia 30 alqueires de trigo, um *quarto* de vinho e 4$000 réis.

Tem um beneficiado, *curado*, que tinha 2 moios e 24 alqueires de trigo, 90 alqueires de cevada, 10$000 réis e metade do pé d'altar.

É terra muito fertil em cereaes, legumes e toda a qualidade de fructas, que são optimas, muito bom vinho, bastante azeite, hortaliças, etc.

Grande abundancia de peixe do mar, do Guadiana e dos esteiros. (Este ultimo, não é grande cousa, por ser do lôdo e é alli de muito pouco merecimento e baratissimo Chamam-lhe *peixe tapa-esteiro.*)

Eram alcaides-móres d'esta villa os condes de Soure, que tinham o seu paço dentro do castello. Esta familia está extincta.

Esta povoação foi muito mais vasta em tempos remotos, o que é provado pelos vestigios de alicerces que se encontram nos seus arredores.

Quando, pela extincção dos templarios, D. Diniz creou a Ordem de Christo (1319) fez esta villa cabeça da nova Ordem; mas D. Affonso V a passou para Thomar.

Outros dizem que foi o rei D. Fernando que transferiu a séde da Ordem para Thomar, e Rodrigo Mendes da Silva (na *Poblacion general de Espana*) diz que foi D. Affonso IV; o que é manifesto engano. É mais provavel que fosse D. Fernando. D. Affonso V é que fez troca com os cavalleiros de Christo, dando-lhe Thomar por esta villa, que desde então ficou para a corôa.

Tem grandes marinhas de sal, cujo genero exportam em grande quantidade (uma grande parte para a cidade do Porto.)

O sal, os figos, as amendoas e uma grande porção de peixe salgado, que levam para todo o reino, constitue a maior e melhor parte do seu commercio.

Muitos d'estes generos so exportam para

Gibraltar, Africa, Brasil, Lisboa, Porto e outros pontos. Tambem produz muita cal. Exporta tambem bellas rendas de linha, de pita e de palma, em cujas obras se empregam muitas mulheres.

O seu brasão d'armas é um escudo com uma cidade cercada de muralhas e por cima as armas de Portugal.

Foi desde 1819 até 1834 quartel do batalhão de caçadores 4, o que muito fazia prosperar esta villa. Tinha uma companhia de veteranos, e capitão-mór, com 8 companhias de ordenanças.

As suas ruas são alegres e guarnecidas de muitas casas bôas; mas mal calçadas (ao menos quando eu lá estive) e não tem edificio nenhum notavel.

Poucos sitios ha em Portugal d'onde se gosem tão deliciosas vistas, como do castello d'esta villa. Ao SO. vê-se a foz do Guadiana, a linda povoação de Villa Real de Santo Antonio e o mar.

Ao S. vê-se o Guadiana (que é aqui largo e formoso) a linda cidade hespanhola de Ayamonte (quasi defronte, na foz do rio) e varias montanhas de Andaluzia. Ao E. vêem-se as serras de Alcoutim e outras; ao N. e NO., vastas e ferteis planicies, bonitas aldeias, e ao longe varias montanhas.

Aqui teem os detractores de Castro Marim, o que é esta villa e seus arrabaldes, e a *fealdade* que tem a tal *terra de degredados.*

—

A gente d'está villa é muito alegre e dada a folias; mas, no geral, bôa e muito serviçal. As senhoras e os cavalheiros de educação são de trato ameno e delicadissimo.

—

Tem o titulo de «Mui antiga e notavel villa de Castro-Marim».

A primittiva villa constava apenas das casas que estão dentro do castello.

D. João I, para promover o augmento da população, em carta de foral de 10 de abril de 1421, permittiu que aqui podessem viver 40 *homisiados*, sem poderem ser perseguidos pela justiça, não sendo os seus crimes de traição ou aleivosia. D. João II e D. Manuel lhe confirmaram estes privilegios, mas exceptuaram tambem d'elles os moedeiros falsos, sodomitas e herejes.

D. Affonso V esteve aqui em abril de 1453, fazendo então um regimento sobre as pescarias.

Em 7 de julho de 1480 os governadores do reino aqui publicaram a ominosa *sentença*, que declarou Philippe II rei de Portugal. (Esta sentença tinham elles e os castelhanos redigido e assignado em Ayamonte.)

O terremoto do 1.º de novembro de 1755 causou aqui espantosos prejuisos, demolindo muitas casas, morrendo debaixo das suas ruinas muita gente.

Tambem o cholera-morbus aqui matou muitas pessoas em 1833.

Tem esta villa dois arrabaldes, o bairro ou arrabalde da Ribeira, ao Sul, e o de Fóra, ao Norte.

O seu porto é accessivel a navios de alto bordo, mas não chegam á villa, nem mesmo á Ribeira, onde só podem fundear hiates; porém ficam no Registo.

O terreno d'este concelho é na maior parte muito fertil, e regado por muitas ribeiras.

A agricultura tem-se aqui desenvolvido bastante ha alguns annos a esta parte.

Foi elevada a cabeça de condado por D. João VI (ainda principe regente) em 14 de novembro de 1802; sendo primeiro conde Francisco de Mello da Cunha Mendonça e Menezes, 8.º monteiro mór do reino. Este mesmo foi depois (1808) feito marquez de Olhão, pelo mesmo principe regente.

—

São dependentes da praça de Castro-Marim — o forte de S. Sebastião, as baterias do Registo (no esteiro) e da Rocha do Zambujal (perto do castello) e a praça de Alcoutim.

—

Aqui principia a Serra do Algarve, assim chamada por percorrer quasi todo elle, até á villa de Aljesur. Diz-se que esta serra é um ramo da Serra Morena, em Hespanha.

—

O concelho de Castro Marim é composto de trez freguezias — a da villa, a do Espiri-

to Santo, do Azinhal, é a de Nossa Senhora da visitação, de Odeleite.

—

O foral do rei D. Manuel está na Torre do Tombo, no *Livro dos foraes novos do Alemtejo*, fl. 24, col. 1.ª

Vejam-se os autos entre partes, que eram os moradores da mesma villa, e Lopo Mendes, seu commendador, nos quaes se deu sentença contra este, a 21 de março de 1504; para que não levasse mais direitos do que os que lhe dava o foral antigo, e não continuasse na cobrança dos que levava sem lhe pertencerem.

No maço de *Autos sobre Direitos Reaes e da Ordem de Christo*, n.º 1, acha-se inserto nos mesmos autos, a fl. 18 e fl. 22 o foral antigo de D. Diniz. Veja-se tambem no *Livro 1.º do Senhor Rei D. Affonso III*,fl141, e *Livro 1.º do Senhor Rei D. Diniz*, fl. 44 v.

CASTRO-MIRE — Vide Crestuma.

CASTRO-ROUPAL — freguezia, Traz-os-Montes, comarca e concelho de Bragança, 40 kilometros ao N. de Miranda, 480 ao N. de Lisboa, 32 fogos.

Em 1757 tinha 330 fogos.

Orago Nossa Senhora da Assumpção.

Bispado e districto administrativo de Bragança.

Foi antigamente da comarca de Miranda, termo de Bragança.

Os marquezes de Tavora apresentavam *in solidum* o abbade d'esta freguezia, até 1759, que ficou sendo do real padroado.

Tinha o abbade de renda 1:200$000 réis; apresentava as egrejas de S. Sebastião de Limãos, S. Giraldo de Banrezes, S. Vicente de Bagueixe, Santa Cruz de Gralhós e S. Vicente de Vinhas.

Era este logar, cabeça do titulo da abbadia de Nossa Senhora da Assumpção (vulgo Nossa Senhora das Vinhas).

É terra muito fertil, sobretudo em fructa. As ameixas brancas d'esta freguezia são as maiores e melhores de Portugal. Tambem ha aqui muitos e bons pastos.

Tinha juiz pedaneo (de vara encarnada) 4 quadrilheiros, 2 jurados e 3 *homens do accordam*, feitos pelo povo e confirmados pelas justiças de Bragança.

Eram seus donatarios até 1759 os marquezes de Tavora, e desde então ficou para a corôa.

Era da jurisdicção da casa de Bragança,

Cria-se aqui muito gado de toda a qualidade.

Esta freguezia foi dissolvida no principio d'este seculo, dividindo-se por varias outras.

CASTRO-VERDE — villa, Alemtejo, comarca de Almodovar, (foi até 1855 da comarca de Ourique) 40 kilometros de Beja, 50 de Serpa, 12 de Entradas, 95 de Evora, 150 ao E. de Lisboa, 880 fogos, 3:500 almas, no concelho 1:380 fogos.

Em 1757 tinha a freguezia 216 fogos.

Orago Nossa Senhora da Conceição.

Bispado e districto administrativo de Beja.

Até 1759 era da comarca de Campo d'Ourique, mas sujeita ás justiças de Azeitão, por ser terra dos duques d'Aveiro.

Feira a 18 de outubro.

Situada em campina, d'onde se vê Beja, Serpa, Entradas e os castellos de Messejana e Aljustrel, e a villa de Monchique.

A matriz era da Ordem de S. Thiago. Tinha 3 beneficiados curados e um thesoureiro.

A Mesa da Consciencia e Ordens apresentava o prior, que tinha 4 moios de trigo, 2 de cevada e em dinheiro 20$000 réis; cada beneficiado 2 moios e meio de trigo, 90 alqueires de cevada e 10$000 réis; o thesoureiro 90 alqueires de trigo, 3 almudes de vinho e 4$000 réis, tudo pago pela commenda d'esta villa.

Tem hospital e casa de Misericordia, confirmada pelo cardeal rei, com tres capellães, cada um com 3 moios de trigo e 20$000 réis e dois meios annaes de missas, com a renda de 150 alqueires de trigo, cada um.

O juiz ordinario e camara d'este concelho eram antigamente sujeitos ás justiças de Azeitão.

Passam pelo termo dois ribeiros, (Cobres e Viomar) mas a terra é falta de agua.

É fertil em trigo; do mais pouco. Cria muito gado, sobretudo, grande quantidade de porcos, cuja carne se exporta para todo o reino.

Foi perto d'esta villa a gloriosa batalha de Campo d'Ourique (vide Ourique).

No logar em que vivia o ermitão que annunciou a D. Affonso I a apparição, mandou este rei edificar uma capella, em memoria d'esta milagrosa batalha. Philippe II a mandou reedificar, ampliando-a muito. Tem esta capella o titulo de egreja das Chagas do Salvador (mas chama-se vulgarmente Nossa Senhora dos Remedios). Para as obras d'esta egreja instituiu o rei a feira de outubro, applicando para ellas o rendimento do *terradégo*.

Era toda de abobada, com primorosas pinturas. Tinha um rico pulpito de talha dourada, e na parede dez quadros de grande merecimento, allusivos á batalha d'Ourique, acclamação de D. Affonso I como rei de Portugal, seu juramento, etc.

Todos estes primores d'arte ficaram estragados, pois no dia 16 de abril de 1867 (terça-feira da semana santa) abateu a abobada da egreja, esmagando tudo. Lá se foi mais um padrão das glorias de nossos avós, sem esperar pelo camartello destruidor dos vandalos do seculo XIX.

Ha n'este concelho minas de manganez e de chumbo. (Só no mez de abril de 1867 foram registadas n'este concelho e no d'Ourique 30 minas, e em dezembro de 1872, mais duas de sulphato de baryte e trez de manganez). Entre aquellas ha algumas de cobre.

São proximas d'esta villa as milagrosas aguas de S. João Baptista do Deserto, em Aljustrel, que curam a morphea e todas as molestias de pelle. (Vide Aljustrel.)

Tem foral, dado por D. Manuel, em Santarem, a 20 de setembro de 1510 (*Livro dos foraes novos do Alemtejo*, fl. 46 v., col. 2.ª)

(Com respeito ao celebre ermitão de Campo d'Ourique, vide Rériz.)

Foi esta freguezia commenda da Ordem de S. Thiago.

—

O concelho de Castro Verde é composto das freguezias — da villa, Entradas, Santa Barbara, Taboeira e Casevel.

CASTRO VICENTE — villa, Traz-os-Montes, foi até 1855 da comarca e concelho de Chacim, e desde então, é comarca e concelho do Mogadouro, 155 kilometros ao NE. de Braga, 30 ao N. de Moncorvo, 408 ao N. de Lisboa, 180 fogos.

Em 1757 tinha 96 fogos.

Orago S. Vicente, martyr.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Bragança.

Era antigamente da comarca da Torre de Moncorvo.

Situada em um alto; fria mas saudavel. Eram seus donatarios os marquezes de Tavora, a quem cada fogo pagava 36 réis. (Já se sabe que, desde 1759, passou para o dominio da corôa).

Os Tavoras apresentavam as justiças e não entrava aqui o corregedor em correição, por privilegio antigo dos senhores da villa.

O abbade era apresentado pelo real padroado e tinha 600$000 réis, segundo Cardoso, e 400$000 réis segundo o *Portugal Sacro e Profano*.

O abbade pagava, dos 600$000 réis, 200$000 réis á Capella Real, e é por isso que o *Portugal Sacro e Profano* lhe dá só os 400$000 réis, mas tinha mais; porque, como este abbade apresentava as egrejas de Parada e Saldanha, os parochos d'estas duas freguezias concorriam para o pagamento da pensão á Capella Real.

Tem Misericordia e é fertil, sobretudo em azeite e vinho.

Produz muita e boa sêda, e os seus montes são abundantissimos de caça, de todas as qualidades.

Tinha antigamente dois juizes ordinarios. O seu termo compunha-se de 9 logares, que eram Perêdo, Lomba, Saldonha, Valpereiro, Agrobom, Gebelim, Soeima, Villar Chão e Parada.

Abundante em boas aguas.

A primittiva villa era onde hoje se chama Villa Velha, 300 metros mais ao sul, para o lado do Sabôr, e ainda alli ha vestigios de antigas fortificações e outros edificios. Era muito maior povoação do que a actual.

Dizem que a antiga parochia era a capella que ha em Villa Velha, dedicada ao Santo Christo da Fraga. Proximo d'esta capella está uma inaccessivel penha de descom-

munal altura. Chama-se Fraga de Villa Velha. Em frente d'ella ha ainda outro monte mais alto, chamado Asinhal, que cria matto bastissimo e caça grossa e miuda.

O rio Sabôr corre proximo d'esta villa e réga o seu termo.

D. Diniz lhe deu foral, em Evora, a 3 de dezembro de 1305. D. Manuel lhe deu novo foral, em Santarem, no 1.º de junho de 1510. *Livro de foraes novos de Traz-os-Montes*, fl. 12, col. 1.ª e Livro 3.º de *Doações do senhor rei D. Diniz*, fl. 47, col. 2.ª

Em Villa Velha existiu um *castro* romano, que deu o nome á povoação antiga (e que foi transferido para a moderna). Parece que do nome do seu fundador, ou primeiro alcaide, por nome Vicente, tomou o sobrenome.

É povoação antiquissima, mas não se sabe com certeza quando foi fundada, e se foi o tal Vicente ou outro o seu fundador.

CATALAZÊTE — vide S. Julião da Barra.

CATANIA — Na freguezia de S. Salvador de Louredo, comarca e concelho da Póvoa de Lanhoso (12 kilometros ao NE. de Braga, 360 ao N. de Lisboa) e sobranceiro á egreja matriz, ha o monte de S. Miguel e o outeiro de Castilhão e outro chamado de Brandião, entre Lanhoso e Pedralva.

Ha aqui vestigios de antiquissimas fortificações, que fizeram os bracharenses para sitiar a cidade (tambem antiquissima) chamada *Catania*, que ficava a 1 kilometro; a qual, depois de tomada, arrasaram, não deixando pedra sobre pedra, de tal modo que não ha de similhante cidade outras memorias, nem do anno da sua fundação, nem do da sua destruição. Não se confunda com Citania, que era outra cidade em differente sitio, como se verá no logar competente.

CATHARINA (Santa) — freguezia, Extremadura, comarca e concelho das Caldas da Rainha, 95 kilometros ao NE. de Lisboa, 280 fogos.

Em 1757 tinha 143 fogos.

Orago Santa Catharina.

Patriarchado de Lisboa, districto administrativo de Leiria.

Foi antigamente villa, da comarca de Leiria, sendo uma das 13 villas dos coutos de Alcobaça, e da qual portanto era donatario o D. abbade dos bernardos, cujo mosteiro era senhor (sómente no temporal) d'esta freguezia, o que lhe dava um grande rendimento. Teve antigamente duas egrejas, a da Senhora Benedicta, cujo parocho era o que o povo apresentava, e a das Mercês do Carvalhal, que era vigariaria, apresentada pelo D. abbade de Alcobaça. Esta é hoje a freguezia do Carvalhal Bem Feito, d'este concelho e comarca, e cujo orago é Nossa Senhora das Mercês. A da Senhora Benedicta é hoje esta de Santa Catharina da Serra, vulgarmente, por abreviatura, denominada freguezia da Serra.

A villa tinha, até 1834, e em quanto foi concelho, no seu termo 38 aldeias e casaes.

Os freguezes apresentavam annualmente o cura, que tinha 250$000 réis de rendimento.

Tem Misericordia e hospital.

É terra fertil e muito saudavel, e produz excellentes fructas.

Tinha, quando era concelho, juiz ordinario (que o era tambem das sizas e orphãos) camara, com tres vereadores, procurador do concelho, etc.

Feira a 25 de novembro.

Ao O. da villa corre o ribeiro do Corqueiro, que aqui se junta com outro e desaguam na barra de S. Martinho.

A villa é situada em um têso, no meio de uma espaçosa, fertil e saudavel ribeira.

É muito abundante de boas aguas.

D. Manuel lhe deu foral, em Lisboa, no 1.º de outubro de 1518. (Livro dos foraes novos da Extremadura, fl. 129, v., col. 2.ª)

Teve até 1834, duas companhias de ordenanças, de 300 homens cada uma, com seus competentes capitães e mais officiaes.

CATHARINA (Santa) — vide Fonte do Bispo.

CATHARINA (Santa) — vide Ribamar.

CATHARINA (oratorio de Santa) — arrabalde da villa de Alemquer, Extremadura.

Está situado á beira da estrada real. A historia d'esta capella antiquissima acha-se tão envolvida em tradições milagrosas, que é muito difficil, senão impossivel, emittir uma opinião incontestavel.

Segundo o sr. Henriques (*Alemquer e o seu concelho*, tantas vezes citado n'esta obra) o mais verosimil é o seguinte:

Anterior á vinda dos frades franciscanos para o convento d'esta villa (1222) o terreno que esta casa occupa, era da corôa, e, por testamento de D. Sancho I, passou a sua filha D. Sancha, junto com o senhorio da villa.

Havia n'este sitio, já n'aquelle tempo, duas ermidas, uma de Santa Catharina e outra de S. Jeronymo. Quando vieram os frades menores, Zacharias e Gualter, a santa infanta deu-lhes este cantinho de terra, onde, ou já havia, ou elles construiram alguma casinha ou hospicio, para se recolherem.

Com a doação dos paços, que formaram o nucleo do convento de S. Francisco, tornou o terreno do hospicio á corôa. A capella de Santa Catharina, foi arrasada com as enchentes do rio, e a imagem da Santa foi levada para o sitio onde é hoje o convento da Carnota.

Em 1330 apparece este terreno em poder de Lourenço Martins, *escansom* (copeiro) do rei D. Diniz.

Martins construiu no mesmo sitio uma nova capella, dedicada á mesma santa, e por escriptura publica de 22 de outubro de 1330, instituiu um vinculo, denominado—Morgado de Santa Catharina—cuja cabeça era a quinta, que tinha casas e officinas no sitio que hoje occupa o convento.

Os seus successores no morgado, que comprehendia avultados bens, tinham por obrigação ter quatro capellães effectivos, para na capella dizerem missa quotidiana, por alma do fundador.

Caso a sua geração se extinguisse, o direito de nomeação de successor, ficava ao guardião, que então fosse, do convento de S. Francisco.

Terminada a geração, pelos annos 1400, frei Affonso Sacco, então guardião, nomeou João Vaz, escrivão da puridade, de D. João I, que approvou esta nomeação.

João Vaz casou com D. Catharina Paçanha, filha de Mecer Manuel de Paçanha, 5.º almirante-mór, d'esta familia, que tiveram numerosa descendencia, que foi tronco dos Lobos, d'Alvito; Teixeiras, de Alemquer; Vaz de Azevedo, da quinta do Bravo e de Castello Branco; e Paçanhas, de Evora, que possuem hoje o vinculo.

Em 1508, o então administrador do morgado, para não fazer despeza com os quatro capellães, cedeu a capella e cêrca aos frades franciscanos, para se estabelecer alli um oratorio, onde residissem cinco frades, de missa, para cumprirem o legado; e assim continuou até 1834.

Este hospicio era muito pequeno e apenas tinha commodos para os cinco frades. Tem um pôço no meio do claustro, aberto por um dos frades (segundo a tradição) de optima agua, que ainda existe.

Na parede do claustro, em frente do capitulo, em uma pedra, está a inscripção latina, cuja tradução é a seguinte:

Casa santa; conventinho sagrado; cinco flôres pequeninas, mas formosas e alegres, de côr rosada e suavissimo cheiro, déstes a Deus pelo santo martyrio. Estas são as primicias e flôres gloriosas, das mesmas que já possuem venturosas o reino dos ceus. Nunca em ti, casa de Deus, faltem perfeitos frades, que guardem devotissimamente o Santo Evangelho.

Estas palavras são a benção que o seraphico padre S. Francisco, fundador da ordem, lançou a esta casa, quando soube o martyrio que os cinco religiosos (que aqui haviam estado alguns mezes) soffreram em Marrocos.

No capitulo estão enterrados alguns frades e seculares; uma lapide diz:

Este capitulo e sepultura é de Salvador Ribeiro de Sousa, commendador de Christo, natural de Guimarães, a quem os naturaes do reino do Pegú elegeram por seu rei.

Tem obrigação de missa cotidiana conforme o contracto que fez. Pede um Padre Nosso e uma Ave Maria.

Para a biographia de Salvador Ribeiro de Sousa, vide Guimarães.

—

A egrejinha d'este hospicio, é muito alegre e aceiada. Foi completamente reparada ha poucos annos.

Debaixo do arco cruseiro ha uma lapide pequenina, com esta inscripção:

S.ª (sepultura) *de Manuel Carneiro Aranha e de seus herdeiros.*

CATHARINA DA SERRA (Santa) — freguezia, Extremadura, comarca, concelho e 12 kilometros de Leiria, 130 ao NE. de Lisboa, 295 fogos.

Em 1757 tinha 250 fogos.

Orago Santa Catharina, virgem e martyr.

Bispado e districto administrativo de Leiria.

A matriz é situada em um monte, d'onde se vê Ourem e varias aldeias. Os freguezes apresentavam *in solidum* o cura, e lhe davam 80 alqueires de trigo, e vinte almudes de vinho; tinha mais 30 alqueires de trigo d'ementas perpetuas e 25 almudes de vinho, que lhe pagava a mitra, e 4$000 réis em dinheiro.

É terra muito abundante d'aguas e fertil

Ha na freguezia tres lagôas, mas, uma d'ellas sécca no verão. Cria muito gado, e ha por aqui muita caça.

CATIVELLOS — freguezia, Beira-Baixa, comarca e concelho de Gouveia, 80 kilometros ao NE. de Coimbra, 288 a ENE. de Lisboa, 250 fogos.

Em 1757 tinha 113 fogos.

Orago S. Sebastião, martyr.

Bispado de Coimbra, districto administrativo da Guarda.

Era antigamente da comarca da Guarda, termo da villa do Casal.

Era da Ordem de S. Bento d'Aviz. Compunha-se de tres aldeias — (Cativellos, Póvoa da Rainha e Dobereira.

Está situada nas margens do Mondêgo, em sitio fragoso..

O prior de Villa Nova do Casal apresentava o cura, que tinha 60$000 réis.

D. Affonso III lhe deu foral em Murça, no primeiro de maio de 1253. (liv. 1.º de Doações do sr. Rei D. Affonso III, fl. 1 col. 2 e liv. 2.º da Doações do mesmo rei, fl. 8 in-principio.)

CAUCA — cidade antiquissima da Lusitania, Minho, entre Braga e Valença. Não resta d'ella mais do que a memoria, e até a sua situação se ignora.

Foi patria do imperador romano Theodozio primeiro (o grande) que reinou pelos annos 392 de Jesus Christo. Este imperador favoreceu muito a sua patria.

Era filho do famoso conde Theodozio, e descendente do imperador Trajano (que era hespanhol, natural de Córdova, por isso alguns escriptores o fazem hespanhol, no que não ha êrro, porque á peninsula iberica sempre se chamou e chama, Hespanhas.) O imperador Theodozio morreu em Milão, de 50 annos d'edade, no anno de 395, pelo que se vê que nasceu em 345. Por sua morte começou a progressiva decadencia do imperio romano.

Theodozio havia, antes de sua morte, dividido o imperio entre os seus dois filhos, dando a Arcadio o do oriente e a Honorio o do occidente.

O imperador Graciano, seu antecessor, lhe havia já dado o titulo d'Augusto.

Vide Braga no logar competente.

CAÚNHO, CUNHO—Penedo redondo muito grande e solitario, que está no meio de um rio. (*Portuguez antigo*)

CÁVA (de Viriato) — Beira-Alta, monumento célebre com que a cidade de Viseu com tanta razão se ufana. E' uma extensa fortaleza, circumdada de grossissimas muralhas de terra (grande parte das quaes são hoje hortas e pomares) com largos fossos cheios d'agua, dos quaes apenas hoje existe uma pequena parte com o nome de Lago da Cava.

Esta antigualha gloriosa está proxima á cidade de Viseu e a pouca distancia do rio Pavia.

(Quem quizer ter amplas noticias sobre a Cava de Viriato, e d'outras antiguidades de Viseu, veja as memorias do sr. José de Oliveira Berardo.) Vide Viseu.

CÁVA — *portuguez antigo.* — mulher perdida, concubina, rameira.

CAVADINHAS — monte, Douro, proximo a aldeia de Pejão, freguezia do Paraizo, concelho de Paiva, 35 kilometros a E. do Porto, 600 ao S. do Douro, 255 ao N. de Lisboa.

Passa aqui a grande zona carbonifera de Paiva, e d'este sitio se tem extrahido grande porção de carvão mineral. Da-se-lhe vulgarmente o nome de Mina de Pejão. É d'uma companhia e está em lavra.

CÁVADO (Cátavo ou Cádavo)—rio, de Traz-os-Montes e Minho. Em latim *Cadavus, Cavadus, Cavus, Celandus Celanus* e *Celenus*.

Ainda se lhe davam os nomes de *Cabdo, Céla* e *Celado*. *Rezende*, nas *Antiguidades de Portugal*, diz que *Celando* ou *Celano* não era o actual Cávado, mas sim o Leça. É manifesto engano, que o padre D. Jeronymo Contador d'Argote desfaz completamente.

Os gregos e romanos lhe chamavam *Celandus*, segundo diz Pomponio Mella.

Nasce dividido, de varias serranias, proximo ao logar do Cabo; parte d'elle nasce na aldeia de Codeçoso, tudo na serra de Latoco, Traz-os-Montes, termo de Montalegre, proximo da nascente do Tamega. (A serra de Latoco é parte hespanhola e parte portugueza, (raia) a pouca distancia de Montalegre; passa a serra de Gerez, e no Váo do Bico se junta ao rio Homem, sendo aqui atravessado por uma das mais extensas e bellas pontes de Portugal. (Vide Bico.)

Cria saveis, lampreias, salmões e outros varios e gostosos peixes.

Torna-se caudáloso com os muitos ribeiros que se lhe juntam.

Antigamente suas areias traziam ouro. Tem n'elle apparecido amethistas e jacinthos. Suas margens são fertilissimas. Fenece no mar junto a Fão, entre esta povoação e Espózende, por uma barra de pouco fundo e cercada de rochedos chamados *Cavallos de Fão*. Só é navegavel 12 kilometros, desde a sua foz até á aldeia de Mareces, pouco abaixo de Barcellos.

Na freguezia de S. Thomé de Perozéllo tem uma ponte de cantaria, de 12 arcos, obra soberba, e consta ser construicção romana, porque por aqui passava uma das cinco vias militares que de Braga sahiam para a estrada da Geira (ou Geiria) que fez (ou ampliou) o imperador Vespasiano pelos annos 74 de Jesus Christo.

Esta via ía até Orense e d'ahi até Astorga, no comprimento de 240 kilometros.

Nasce pois este rio na provincia de Traz-os-Montes, proximo da raia, ao O das povoações de Meixédo, Padornellos e Pedroso. As suas 3 nascentes se unem a pouca distancia ao NE. do castello de Montalegre, formando então o rio, que, atravessando parte d'esta provincia e da do Minho, réga e fertiliza varias freguezias; passa ao N. de Braga, banha Barcellos (passando ahi por baixo de uma ponte magestosa, (vide Barcellos) e vae formar a barra d'Espózende.

Recebe pelo N. (margem direita) o ribeide Mourilhe e pela margem esquerda (S.) o de S. Pedro. Junto de Fiães, recebe pela direnta o rio Máo, e descendo em torno da Rocha da Ponteira, recebe do mesmo lado o rio Berêdo (ou Brêdo.) Depois se lhe junta o Regavão e mais abaixo, a pequeña distancia da ponte do *Saltadouro* recebe o rio d'este nome. Junto de Salamonde, entra na provincia do Minho, onde engrossa ainda com muitos ribeiros, sendo os principaes Rio-Caldo, que se lhe une junto á freguézia de Villar da Veiga, e o Homem, junto á bella ponte do Bico. Na provincia do Minho é atravessado por quatro notaveis pontes de cantaria, que são: primeira, do Porto, na freguezia de Perozéllo, que elle divide da de Pousada, e é obra romana, na estrada da Geira. Tem 12 arcos, tendo os 3 maiores, 10.m cada um altura e 13.m14 de vão. A ponte tem 3.m 28 de largo e 174.m de comprido.

Segunda, a do Bico; terceira a do Prado e quarta a de Barcellos. Estas tres vão descriptas nos logares competentes.

Tem 110 kilometros de curso; mas 98 não são navegaveis, por incuria dos governos de Portugal.

Na margem esquerda d'este rio, na quinta de Ruães, ha uma optima fabrica de papel, do sr. Bento Luiz Ferreira Carmo, do Porto. Foi avaliada, com a quinta, em 1872, em 53:180$000 réis. O seu proprietario pretende formar uma companhia com o capital de 100:000$000 réis para fazer d'esta fabrica uma das melhores de Portugal, e que produza papel de todas as qualidades, tanto para escrever como para imprimir.

CAVADOUDE—freguezia, Beira-Baixa, co-

marca e concelho da Guarda (da qual dista 6 kilometros) 300 ao NE. de Lisboa, 110 fogos.

Em 1757 tinha 105 fogos.

Orago Nossa Senhora da Conceição. Antigamente era Nossa Senhora d'Assumpção.

Bispado e districto administrativo da Guarda.

Foi antigamente do termo de Celorico.

Situada na raiz d'um monte, d'onde se descobre Pôrco, Villa-Cortez e Porto da Carne.

O prior era apresentado pelos herdeiros dos Pinas, senhores de Carapito, e tinha de renda, 150$000 réis.

Passa aqui o Mondego, cujas margens são cultivadas ou arborisadas n'esta freguezia. É terra fertil.

CAVALLÕES—freguezia, Minho, comarca e concelho de Villa Nova de Famalicão, 345 kilometros ao N, de Lisboa, 130 fogos.

Em 1757 tinha 98 fogos.

Orago S. Martinho, bispo,

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

Era antigamente da comarca de Vianna, termo de Barcellos, visita do arcediago de Vermuim.

O abbade era feito a concurso, mesmo antes de 1834, e tinha de renda 400$000 réis. Era apresentado pelo arcebispo.

É terra muito fertil.

D. Affonso III lhe deu foral, em Guimarães, a 16 de maio de 1258 (livro 1.º de Doações do sr. rei D. Affonso III, fl. 29 v., col. 2 in principio.)

Foi abbadia da mitra, com S. Verissimo de Outiz, que foi antigamente convento de freiras. Foram estas que mandaram construir a ponte que aqui ha.

Antigamente chamava-se a esta freguezia Cavallões de Vermuim, por ficar no termo de Vermuim.

Aqui proximo está a torre de Pena Bôa, que consta ser a residencia de D. Elvira Fernandes, de Cabanões, mulher de Affonso de Messada, paes de D. Dordia, mulher de Gil Esteves de Avellar, tronco dos Avellares.

CAVALLOS DE FÃO—Minho, são uns penhascos, que correm de N. a S., na distancia de uns 1:500 metros, em frente de Fão e Espózende; podendo navegar entre elles e a terra, qualquer navio. Ha n'elles grande abundancia de marisco. (Vide Fão.)

Já eram conhecidos dos antigos. Os romanos lhes chamavam *Promontorio Ávaro*.

Para mais vastos esclarecimentos d'este e outros cabos e rios do Minho, vide Braga.

CAVÃO ou **CAVON**—portuguez antigo. O pequeno lavrador, que não tinha bois nem carro, e só com o trabalho da enchada, *cavando*, semeia o seu pão. Cavão é o mesmo que cavador.

Na Terra da Feira, aos pequenos lavradores, que não teem bois nem carro, se lhes dá o nome de *cabaneiros*. Esta mesma palavra e com a mesma significação, se vê em foraes e outros documentos antigos.

CAVERNÃES ou **CAVARNÃES**—freguezia, Beira-Alta, comarca, concelho e 8 kilometros de Viseu, 288 ao N. de Lisboa, 270 fogos.

Em 1757 tinha 180 fogos.

Orago Santo Isidoro, arcebispo.

Bispado e districto administrativo de Viseu.

A mitra apresentava o abbade, que tinha 350$000 réis.

E' terra muito fertil.

Grande abundancia de castanha.

CAVEZ—freguezia, Minho, comarca de Celorico de Basto, concelho de Cabeceiras de Basto, 54 kilometros ao NE. de Braga, 390 ao N. de Lisboa, 340 fogos.

Em 1757 tinha 136 fogos.

Orago S. João Baptista.

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

Era antigamente da comarca de Guimarães.

O abbade do convento de benedictinos de Pombeiro, apresentava o abbade, que tinha 150$000 réis.

Passam aqui os rios Tâmega, Moimenta e Cavêz, que tornam a terra muito fertil.

O Tâmega é aqui cortado por uma boa ponte de cantaria, bastante antiga.

Nas margens do rio, junto á ponte, ha uma nascente de agua sulphurea, que são

com a temperatura de 68 a 74 gr. F. É applicada interna e externamente para a cura de varias molestias, e os povos d'aqui attribuem grandes virtudes therapeuticas a esta agua.

A sua origem primittiva, é em uma grande penedia, no sitio das Caldas, d'onde por canos de pedra, de algumas braças de comprido, vem cair a um pequeno tanque. Deixa um residuo que, depois de sêcco, é combustivel.

É tradição que houve aqui um hospital, para onde vinham os doentes do hospital civil de Braga, quando precisavam d'estes banhos. Se existiu, não ha d'elle o minimo vestigio.

—

Consta que esta ponte foi mandada edificar por fr. Lourenço Mendes, no seculo XIII (*Tractado das Ordens Religiosas*, de Pedro Diniz, cap. 2.º, pag. 18.) Tinha uma inscripção que dizia:

Esta é a ponte de Cavez
Aqui jaz quem a fez.

O Tâmega divide aqui a provincia do Minho da de Traz-os-Montes, pelo que se considera a ponte, metade de uma e metade de outra provincia, o que declara um marco que está no meio d'ella.

Na margem direita, junto á ponte, existe uma capella da invocação de S. Bartholomeu, e fronteira a ella, na margem opposta, é que está a fonte de agua mineral.

Não ha nesta capella nenhuma solemnidade religiosa; mas, apesar d'isso, desde a manhã do dia 22 de agosto de cada anno se principia este sitio a encher de grande multidão de romeiros, de ambos os sexos, e ao meio dia o concurso é enorme; estabelecendo-se aqui barracas de doceiros e de bebidas, cosinheiros, taberneiros, tendeiros, belfurinheiros, carniceiros, com seus talhos, etc.

Todas as mulheres que se julgam occupadas por espiritos diabolicos, ou por almas do outro mundo, aqui vem, na esperança de curar-se, fazendo grandes tregeitos e momices e dando grandes berros, apenas avistam a capella do santo; mas, seus parentes as arrastam á força até ao altar, onde depois de gritos e contorsões violentas, se acalmam, o que é signal de que os maus espiritos as abandonaram.

Depois, fazem romaria a S. Bartholomeu, em volta da sua capella, umas de pé, outras de joelhos, e muitas com velas na mão, que depois offerecem ao santo.

Tambem aqui concorrem bastantes *benzedeiros*, que, abusando da credulidade d'esta gente simples, lhe vão extorquindo o dinheiro que podem.

Ha sempre aqui por essa occasião graves desordens, por causa da emulação dos minhotos contra os transmontanos e estes contra aquelles. Os dois bandos occupam o territorio das suas provincias, uns na esquerda, outros na direita do rio.

Na tarde do dia 23 é que principiam as disputas, sobre qual das duas provincias ficará vencedora. Muitas vezes, ainda de dia, ha braços e cabeças quebradas; mas n'essa noite é infallivel a pancadaria.

A ponte, que de dia está cheia de romeiros, fica despovoada ao sol posto. Tomam-se posições de um e outro lado, e o principio da desordem é, de um lado—*viva o Minho!*—e do outro—*viva Traz-os-Montes!*—isto, por muitissimas vozes e em grandes bérros.

Os da margem esquerda dizem aos contrarios—*andae á fonte!*—os da direita respondem-lhes—*andae ao santo!*

Ouve-se de um e outro lado um vivissimo tiroteio, que quasi sempre dura toda a noite.

Muitas vezes os contendores avançam até ao meio da ponte, e alli principia a pancadaria, facada e pedrada, resultando sempre muitos ferimentos e contusões, e até ás vezes mortes.

—

Tem o povo d'aqui a firme crença de que a agua da fonte de que fallei, bebida na manhã do dia 24 (dia do santo) antes de nascer o sol, livra de todas as molestias presentes e preserva das futuras; pelo que logo de madrugada (hora em que os animos estão mais socegados) começa a affluir gente

de todos os cantos do arraial, a encher garrafas, potes, cantaros e todas as mais vasilhas que podem haver.

Tambem ahi levam creanças a banhar-se sendo do *ritual*, lançar a camisa d'ellas pelo rio abaixo, onde outros já as estão esperando.

Pelo meio do dia 24, despovoa-se o arraial, e lá vão todos para suas casas, uns contando façanhas, outros protestando desforra para o anno seguinte; protestos que raras vezes esquecem.

CAXARIAS—vide Cacharia.

CAXIAS—quinta da familia real. (Vide Laveiras.

CAYA—rio do Alemtejo. Já está em Caia.

CÁYA ou **CÁIA**—freguezia, Alemtejo, comarca e concelho de Elvas, situada sobre o Caia, 18 kilometros de Elvas, 180 a E. de Lisboa, 40 fogos.

Em 1757 tinha 30 fogos, dispersos em herdades, pelo campo.

Orago Nossa Senhora da Lentisca.

Bispado de Elvas, districto administrativo de Portalegre.

O parocho era capellão apresentado pelo cura da seguinte freguezia do mesmo nome, e tinha 40$000 réis de rendimento e o pé d'altar.

Os castelhanos arrazaram egreja, em 1705, sendo pouco depois reedificada.

Abundancia de centeio e cevada, do mais mediania.

Passa aqui a ribeira do seu nome.

Esta freguezia está ha muitos annos annexa á seguinte freguezia de Caia, d'onde se tinha desmembrado.

CÁYA—ribeira, Beira-Baixa, que nasce na serra da Estrella com o nome de Alfofa, o qual perde no logar das Córtes, tomando este nome (Córtes) até á aldeia do Paúl, da qual toma o nome até á freguezia de Ouron-do, onde se junta ao Zézere, no sitio chamado Foz da Ribeira.

É de curso arrebatado. Cria optimo peixe, e em partes rega e móe.

Não se confunda este Caya, com o Caia do Alemtejo, que morre no Guadiana e fica descripto em Cáia.

CÁYA ou **CÁIA**—freguezia, Alemtejo, comarca e concelho d'Elvas, 180 kilometros a E. de Lisboa, 290 fogos, dispersos por 46 herdades.

Em 1757 tinha 243 fogos.

Orago Nossa Senhora da Encarnação.

Bispado d'Elvas, districto administrativo de Portalegre.

Situada em uma elevação, d'onde se vê Campo Maior, a 6 kilometros, e Badajoz, a 15.

O cura era da apresentação do ordinario (o bispo d'Elvas) e tinha 6 moios e 13 alqueires de trigo e 113 de cevada, que lhe pagavam os freguezes.

É terra fertilissima, sobretudo em trigo e cevada.

Ha n'esta freguezia tres atalayas, chamadas, da Mexía, de Marvão e de Segovia.

Régam e fertilisam a freguezia, os rios Caia e Cayolla, e os ribeiros do Rico e do Judeu, os quaes todos se juntam ao Caia.

Está annexa a esta a freguezia antecedente.

CAZA, CAZAL, CAZAES—vide Casa, Casal, Casaes.

CAZÉGAS—freguezia, Beira Baixa, comarca e concelho da Covilhan, 60 kilometros da Guarda, 240 ao E. de Lisboa, 200 fogos.

Em 1757 tinha 185 fogos.

Orago S. Pedro, *ad vincula*.

Bispado da Guarda, districto administrativo de Castello Branco.

Era antigamente da comarca da Guarda.

Eram senhores d'esta freguezia os condes de S. Vicente.

Situada em uma baixa, d'onde nada se descobre para outras freguezias.

O vigario de Nossa Senhora da Silva do Castellejo apresentava o cura, que tinha 10$000 réis, 22 alqueires e uma quarta de trigo, 16 e meio de centeio, 2 almudes de vinho e 24 arrateis de cêra, tudo pago pela commenda.

É terra fertil. Produz muito mel e cêra.

O seu nome deriva-se de Casa d'Egas ou Casa Egas; provavelmente de algum individuo que aqui viveu, chamado Egas.

CAZEVEL—freguezia, Extremadura, comarca de Torres Novas, concelho de Pernes,

140 kilometros a NE. de Lisboa, 140 fogos.

Em 1757 tinha 62 fogos.

Orago Santa Maria, ou Nossa Senhora da Assumpção.

Patriarchado de Lisboa, districto administrativo de Santarem.

Já era antigamente do termo e comarca de Santarem.

Compõe-se de tres logares: Villa Nova, Montirás e Vaqueiros, e de muitas quintas e casaes.

A Mesa da Consciencia apresentava o vigario (que era freire da Ordem de Christo) e tinha de renda, pago pela commenda, 40$000 réis; e de pé d'altar uns 160$000 réis. Tinha coadjutor, ao qual a mesma commenda dava um moio de pão meiado, um sacco de trigo (6 alqueires), 43 almudes de vinho e 4$000 réis.

É terra muito fertil. Cria muito gado, especialmente porcos, e ha por aqui muita caça.

Esteve muitos annos annexa a esta freguezia a de Vaqueiros (Espirito Santo) mas está outra vez independente.

CAZEVEL—villa, Alemtejo, comarca de Beja até 1855 e desde então da de Almodovar, concelho da Messejana até 1855 e desde então do de Castro Verde, 95 kilometros de Evora, 144 ao S. de Lisboa, 180 fogos.

Em 1757 tinha 113 fogos.

Orago S. João Baptista.

Bispado e districto administrativo de Beja.

Antigamente da comarca de Ourique. Era da corôa

O rei, como administrador da Ordem de S. Thiago, apresentava o prior, que tinha 3 moios de trigo, 2 de cevada e 20$000 réis em dinheiro, pago pela commenda da villa.

Tem Misericordia, pobre.

É terra fertil em cereaes.

Tinha camara e juiz de fóra (que tambem governava as villas de Messejana e Aljustrel.)

D. Manuel lhe deu foral, em Santarem, a 20 de setembro de 1510.

Tem uma sentença sobre a *jugada* do Casal da Raposeira, n'este reguengo, de 10 de janeiro de 1533. (Livro das sentenças a favor da corôa, fl. 6, col. 2.ª)

É a 27.ª estação do caminho de ferro do sul e sueste.

CAZEVEL—aldeia, Extremadura, freguezia de Nossa Senhora da Graça, da villa da Ega, 53 fogos. Tem uma capella de S. João Baptista.

CEA ou **CEIA**—ribeira, Beira Baixa. Nasce das fontes do Salgueiro, no monte da Mouta, e de outra do Valle da Quinta do Paço e de uns regatos que descem do Cabeço de S. Bento. Réga, móe e traz algum peixe miudo. Tem uma ponte de cantaria no sitio mesmo chamado a Ponte Nova. Morre no Mondego.

CEA ou **CEIA**—villa, Beira Baixa, comarca e 18 kilometros a SSO. de Gouveia, 70 kilometros a NE. de Coimbra, 260 ao NE. de Lisboa, 500 fogos, 2:300 almas, no concelho 3:330 fogos.

Em 1650 tinha a villa 200 fogos e em 1757 tinha 329.

Orago Nossa Senhora da Assumpção.

Bispado de Coimbra, districto administrativo da Guarda.

Foi antigamente da comarca da Guarda.

Situada em um alto, nas vertentes occidentaes da Serra da Estrella, dominando um bonito valle que lhe fica inferior, e sobre a esquerda do Mondego, sobre o qual tem tres pontes, uma d'ellas de pedra.

Foi fundada pelos turdulos, 450 annos (outros dizem 300) antes de Jesus Christo.

Foi senhor de Céa o tristemente célebre conde D. Julião (pae de D. Florinda, a *Cáva.*)

Os mouros a conquistaram em 715. D. Ordonho II, rei de Portugal e Galliza (filho de D. Affonso o *Grande*, rei de Castella e Leão) a resgatou dos mouros em 910. Almançor, rei de Cordova, a reconquistou em 985 e, finalmente, D. Fernando I, o *Magno*, de Castella, a resgatou do poder dos arabes em 1037 ou 1038; mandando-lhe então fazer o seu castello, de cuja construcção encarregou um cavalleiro chamado Pedro de Céa, da casa de Céa, na Galliza, e d'elle tomou o castello, e depois a villa, o nome actual.

Outros dizem, com fundamento, que o primeiro nome d'esta villa (no seculo XI) foi Castello de Sena.

Céa é palavra grega, e nome proprio de

mulher. *Cêa* se chamava a ultima amante do poeta Anacreonte, natural de Téos, cidade da Ionia, que morreu engasgado com um bago de uva de Coryntho, aos 85 annos de edade, estando a cantar na companhia de *Cêa* e alguns amigos, pelos annos 280 de Roma.

É porém certo que a povoação se chamou *Sena*. Vide adiante.

Arruinada com as guerras continuas entre mouros e christãos, se despovoou, e D. Affonso Henriques a achou deserta, em 1132, e d'ahi a tres annos a mandou reedificar e povoar, em 1136.

Em 1133, fez D. Affonso Henriques doação ao seu valido João Viegas, dos bens e herdades que tinham sido confiscados a Ayres Mendes e a Pedro Paes (o Carófa) naturaes de Viseu, que haviam passado para os seus inimigos (os castelhanos) e se tinham feito fortes no castello de Cêa. Talvez fosse por occasião d'esta traição que a villa foi destruida. O tal Mendes e o Carófa, passaram-se para os leonezes em 1129, quando D. Affonso Henriques pretendeu unir a Galliza a Portugal, que lhe foi offerecida por varios fidalgos gallegos, descontentes do seu rei; o que se não effectuou, porque, a rogos do arcebispo de Braga, se fez o tratado de paz, de Tuy, terminando a guerra com os leonezes.

No foral que o rei então lhe deu, lhe dá o nome de *Civitate Senam*.

D. Sancho I a ampliou e lhe deu grandes privilegios em 1188.

D. Affonso III, deu esta villa aos bispos de Coimbra, aos quaes tambem pertencia a jurisdição temporal, por sentença do cardeal João Caetano Orsini, de 27 de fevereiro de 1256, confirmada por uma bulla do papa Alexandre IV, de 27 de abril do mesmo anno.

D. Fernando I fez conde de Cêa a D. Henrique Manuel de Vilhena.

O appellido de Manuel, veio de Hespanha, tomado do nome proprio do infante D. Manuel, filho de D. Fernando III (o *Santo*), de Castella, que subiu ao throno em 1217. O filho de D. Manuel chamou-se D. João Manuel, e foi senhor de Biscaia. Passou o appellido de Manuel para Portugal com D. Constança Manuel, em 1340. Era filha de D. João Manuel, principe de Vilhena, e foi primeira mulher de D. Pedro I de Portugal, e mãe de D. Fernando I. Veio com ella seu irmão paterno (bastardo) D. Henrique Manuel de Vilhena, ao qual D. Fernando fez conde de Cêa e alcaide-mór de Cintra. Suas armas são: escudo dividido em pala, na primeira, de prata, um leão vermelho; na segunda, da mesma, uma asa de ouro, saindo do côto uma mão de homem, da sua côr, com a espada levantada. Timbre a mesma asa e mão armada. Outros Manueis procedem de D. João Manuel, filho bastardo do rei D. Duarte e bispo da Guarda e depois de Ceuta. Foi por ultimo capellão-mór d'el-rei. Este bispo teve dois filhos, D. Nuno Manuel, que foi legitimado, e D. João Manuel; os quaes fundaram dois ramos do mesmo appellido. Estes têem por armas—escudo esquartellado, no 1.º e 4.º, vermelho, uma asa d'aguia, como os antecedentes; na 2.ª e 3.ª o mesmo leão vermelho, mas lampassado de asul, elmo aberto; o mesmo timbre. Ainda outros ramos modificaram mais ou menos estas armas. Muitas das principaes familias de Portugal são d'esta linhagem. Vide Cintra, no logar competente.

Depois, não sei como nem porque, passou para a corôa. (Parece-me que foi porque este D. Henrique sustentou contra D. João I, o castello de Cintra, de que era alcaide-mór.)

Eram bravissimos os povos d'esta villa e suas dependencias (chamados *pesures*, assim como todos os antigos lusitanos que habitavam a serra da Estrella) e eram reputados pelos romanos como os mais barbaros e crueis habitantes da Lusitania. É certo que os povos d'esta villa e seu termo deram que fazer a Julio Cesar (quando pretor) e só á custa de muito sangue das suas aguerridas legiões é que poude domar estes ferozes mas valorosissimos lusitanos.

Tambem as mulheres d'aqui eram tidas como as mais formosas das duas Beiras.

Tem Misericordia e um hospital muito arruinado.

A egreja matriz (Nossa Senhora da Assumpção) é notavel pela sua grandeza. É collegiada do real padroado. O parocho é

reitor. Tem quatro beneficiados, que eram da apresentação e collação do reitor, cada um (servindo) tinha de rendimento 200$000 réis. O reitor tinha 150$000 réis e meio pé d'altar.

Consta que foi cidade no tempo dos romanos, mas ignora-se o nome ou nomes que teve, antes do actual.

Antes de 1834, tinha juiz de fóra, vereadores, procurador do concelho, juiz dos orphãos, escrivães competentes, dois tabelliães, etc.

Teve antigamente alcaide-mór, e tinha, até 1834, capitão-mór, com tres companhias de ordenanças.

No tempo da *Patuleia*, tambem teve um batalhão de voluntarios, ao serviço da junta do Porto, que andava unido ao de Viseu.

—

Aqui nasceu Santa Antonina, virgem e martyr. Os romanos, depois de a fazerem soffrer os mais atrozes tormentos, a lançaram na Lagoa Escura, da serra da Estrella, no anno 300 de Jesus Christo, sendo imperador Diocleciano.

Dizem outros que quem martyrisou esta santa foram os mouros, em 716, afogando-a em um pégo do rio Cêa, proximo á villa, que ainda hoje tem o nome da santa. (O padre Cardoso tambem diz que foram os mouros que a martyrisaram.)

É terra fertil em cereaes, azeite, vinho, fructas, gado e caça.

O seu termo comprehendia 40 logares. É um dos maiores concelhos do districto e tem 29 freguezias.

Em frente do Terreiro, onde se faz uma feira nos segundos domingos de cada mez, está o edificio chamado *Casa das Obras*, que é um palacio.

A casa da camara é tambem um bom edificio sobre bonitas arcarias. N'esta casa está o tribunal, o quartel militar e varias repartições.

D'esta villa se descobrem, para E. e S., grandes pinhaes, e para o N. e O. vastos olivedos.

As armas da villa são — Em campo azul uma torre ameiada, da sua côr, circular, com uma porta, e por cima d'ella uma fresta redonda; sobre a torre uma estrella de prata de cinco pontas. De cada lado da torre uma azinheira.

O seu primeiro foral lhe foi dado por D. Affonso Henriques, em maio de 1136.

N'este foral se dá a Cêa o titulo de cidade. É muito curioso este foral: entre outras coisas, diz: — *Se o muro* (do castello) *cahir, e se houver de levantar, o senhor da terra aprompt ará mozom e luria, e marra, e malios e duas lavancas; e nós, nostros corpos, et illo muro sedeat factum.»* — Julga-se que *mozom* é o guindaste e *luria* o calabre. *Marra* é o martello grande a que hoje se chama *marrão; malio* é martello. O foral está todo escripto no latim barbaro d'aquelle tempo.

Este foral foi confirmado por D. Sancho I, em Coimbra, no mez de dezembro de 1217.

D. Sancho I lhe deu tambem foral em 1188 (d'este foral não falla Franklim.)

D. Affonso II lhe deu outro foral em Coimbra, no mez de dezembro de 1217.

D. Manuel lhe deu foral novo em Santarem, no 1.º de junho de 1510.

Trata-se n'este foral das terras seguintes: Folhadosa, Lageas e Passarella. (Maço 12 de *Foraes antigos*, n.º 3, fl. 11, col. 1.ª—*Livro de foraes antigos, de leitura nova*, fl. 30, col. 2.ª, e impresso no tomo 8.º, parte 2.ª pag. 24, das *Memorias da Academia.*—*Livro de foraes novos da Beira*, fl. 15 v., col. 1.ª, e impresso no tomo 8.º, parte 2.ª, pag. 29, das *Memorias da Academia.*

—

Houve aqui um convento de frades cruzios, chamado Convento de S. Romão de Cêa, cuja historia é a seguinte:

Junto a esta villa viviam em 1137, em uma ermida dedicada a S. Romão, dois anachoretas. Deram elles esta ermida a S. Theotonio, primeiro prior de Santa Cruz, de Coimbra, para aqui fundar um convento de conegos regrantes, de Santo Agostinho.

O santo acceitou a offerta, e, em junho de 1138, fizeram os dois anachoretas (que se chamavam João Cidiz e Tafila, ambos presbyteros) escriptura publica de doação da ermida, com todas as casas, pomares, herdades e tudo o mais pertencente á ermida.

Esta ermida e suas dependencias tinha dado áquelles dois padres o conde D. Henrique e sua mulher D. Thereza; mas só em vida dos dois anachoretas.

D. Affonso Henriques confirmou a doação dos dois clerigos, e doando tudo aos cruzios para sempre, em dezembro do mesmo anno de 1138, e coutou o novo mosteiro.

Em 1139, fez uma senhora de Cêa, chamada D. Elvira Moniz, doação ao convento, de uma herdade que tinha em Bobadella: e em 1140, Ausêdo e sua mulher Gentile, lhe doaram tambem todas as suas herdades e bens que tinham no logar de Lagares, no *territorio de Sena.*

Ainda outras pessoas fizeram doações de varias fazendas ao mosteiro; mas de menos importancia.

Em 1140 mesmo, se augmentaram as casas, fez-se a cêrca e se edificou uma torre para defeza do mosteiro, como então se usava, por ser precizo.

O primeiro prior foi D. Payo Godinho, que para aqui veio com nove conegos, fazendo a sua entrada solemne a 24 de julho de 1142.

Continuaram as doações, sendo as mais importantes em julho do mesmo anno de 1142, a de Fernando Rairiguiz, de um casal que tinha no logar da Nogueirinha. Em agosto de 1144, a de Vermudo Paes e sua mulher Gontina Mendes, do seu casal e herdade, no logar dos Vidueiros.

Em 1147, compraram os frades a um tal Ducio, toda a herdade que tinha em Fonte Cóva. Continuaram as doações.

D. Sancho I, confirmou todas as doações e coutou todas as terras de Cêa que eram do mostéiro, em 1186. D. Dulce (ou Dôce) mulher do dito rei, lhe deu a villa do Ervedal, em agosto de 1193, a qual tinha comprado, para isto mesmo, a Gonçalo Carneiro e seus irmãos, por cem morabitinos. (Vinham a ser 50$000 réis da nossa moeda, porque, cada morabitino valia 500 réis.)

Em 17 de fevereiro de 1196, os mouros cercaram o convento, e, como o não podessem entrar, juntaram muita lenha e lhe deitaram o fogo, ardendo todo o edeficio e morrendo queimado o prior (que ainda era o primeiro) e todos os frades.

Não se sabe quando foi redificado; mas é certo que em 1226 já tinha outra vez frades, pois, querendo D. Sancho II, tirar-lhe a villa de Valezim, o prior de S. Romão (D. André Alvares) se oppoz, dizendo que estava dentro do seu couto; e ficou com ella.

Ignora-se tambem quando e por quem foi segunda vez destruido este convento; mas o de Santa Cruz de Coimbra ficou ainda até 1450 com a jurisdição civel do couto de S. Romão de Cêa, e até 1834 com muitas propriedades que tinham sido d'este mosteiro.

Ainda em 1660 existia junto da egreja, a torre que foi do convento, e n'esse anno a mandou demolir, não sei porque, o conde de Portalegre, senhor do couto de S. Romão de Cêa.

—

Alguns escriptores sustentam que o grande Viriato (o antigo) era natural d'esta villa, ou, pelo menos, das suas immediações.

Eram d'aqui alguns dos celebrados *Dose d'Inglaterra,* os mais eram de Linhares, Gouveia, Celorico, Trancoso, Mello e Pinhel. Foi n'esta villa que se reuniram e d'aqui marcharam para Lisboa e de lá para Inglaterra, em 1390, com licença de D. João I.

Foram a rógos de João de Gand, duque de Alencastre (sogro do dito rei). Foram vingar 12 damas inglezas motejadas de feias por alguns senhores d'aquelle paiz. Em publico palanque, em Londres, estando presente toda a côrte, os mais nobres lordes do reino e grande multidão de povo, venceram os nossos 12 cavalleiros beirões, aos soberbos filhos de Gran Bretanha, morrendo alguns d'estes na liça, ficando o resto feridos, e os nossos bravos victoriosos e grandemente estimados pela côrte e muito mais ainda pelas damas que foram defender. Ha alguma divergencia nos nomes d'estes cavalleiros; Rodrigo Mendes da Silva, na sua *Poblacion general de Hespaña,* diz que se chamavam Alvaro Gonçalves Coutinho (o Magriço) filho do marechal Gonçalo Vaz Coutinho—Alvaro Vaz d'Almada,—seu sobrinho, Alvaro d'Almada—Lopo Fernaude Pachecodescendente do leal D. Fernão Rodrigues Pacheco;

alcaide de Celorico por D. Sancho II—Pedro Homem da Costa—João Pereira, sobrinho do grande D. Nuno Alvares Pereira—Luiz Gonçalves Malafaia—Alvaro Mendes—Ruy de Cerveira—Ruy Gomes da Silva—Soeiro da Costa, e Martim Lopes d'Azevedo Mendes. Estes 12 heroes, mereceram ser cantados por Camões no seu immortal poema os *Lusiadas*. Nove voltaram á patria e 3 ficaram por lá. Alvaro Vaz d'Almada fez grandes serviços ao rei de França, que o fez conde d'Abranches, na Normandia e o rei d'Inglaterra o fez cavalleiro da noblissima ordem militar da Jarreteira, (vide Alfarrobeira.) Vide Ferreira d'Aves e Pachacos. Muitos escriptores julgam isto uma fabula devida á fertil imaginação de Camões.

—

Aqui nasceu, em 9 de julho de 1789, Luiz Pinto de Mendonça Arraes, 1.º visconde de Vallongo. Era 8.º filho de Luiz Bernardo Pinto de Mendonça e Figueiredo, fidalgo cavalleiro da casa real, professo na Ordem de Christo, desembargador da relação do Porto e senhor das quintas de Penhanços e do morgado de Nossa Senhora das Préces, em Côa; padroeiro da egreja de Santa Comba, e senhor da casa de seus paes. Era este casado com D. Anna Leonor Nogueira de Abreu Abranches, senhora dos morgados de S. Bernardo, em Santa Marinha, e da capella de Nossa Senhora da Piedade, que foi instituida, em 1593, por Melchior Rodrigues do Rêgo.

O 1.º visconde de Vallongo, entrou para o Collegio dos Nobres, em Lisboa, em 1798, e d'aqui foi para a Universidade de Coimbra, em 1803, tomando o grão de bacharel em leis, em 1807, e formando-se em 1808. N'este mesmo anno, a 5 de agosto, sentou praça, de cadete, no regimento de infanteria 11. Foi feito alferes, em 14 de janeiro de 1809; tenente, em 25 de setembro de 1811; capitão, em 28 de novembro de 1817; major, em 6 de fevereiro de 1818; tenente coronel, em 28 de dezembro de 1826; coronel, em 6 de agosto de 1832; brigadeiro, em 4 de abril de 1833; marechal de campo, em 4 de julho de 1845, e tenente general, em 6 de julho de 1847.

Entrou nas batalhas de Albuhera (16 de maio de 1811) Victoria (21 de julho de 1813) Pyrineus (29 e 30 de julho do mesmo anno) Orthez (27 de fevereiro de 1814) e Tolouse, em 10 de abril do mesmo anno.

Assistiu ás acções, da Redinha (12 de março de 1811) Alfaiates (27 de setembro do mesmo anno) Roncesvalles (25 de julho de 1813) Alturas de Salin (no mesmo anno.)

Esteve no sitio de Ciudad Rodrigo, desde 2 até 17 de janeiro de 1811, no de Badajoz, desde 17 de março até 6 de abril de 1812, em que foi o assalto.

Foi tres vezes ferido na campanha da Peninsula (em Badajoz, Victoria e Alturas de Salin.)

—

Nas guerras civis, seguiu o partido liberal, até 1828. N'este anno adheriu á acclamação do Sr. D. Miguel I; mas, em maio, revolucionou um batalhão de infanteria 23, pelo que teve de emigrar para o estrangeiro; e veio na expedição do Mindêllo.

Em 19 de abril de 1852, casou em Côa com sua sobrinha a sr.ª D. Anna de Guadalupe de Mendonça Arraes Nogueira de Figueiredo, filha de seu irmão Francisco Pinto de Mendonça Arraes Nogueira de Figueiredo, que tinha sido coronel das milicias da Covilhã; mas não teve filhos d'este casamento. Morreu em Lisboa, a 30 de julho de 1858. Jaz no cemiterio occidental, em jasigo proprio.

—

O concelho de Côa é composto das 29 freguezias seguintes: Alvôco da Serra, Cabêço (ou S. Romão do Cabêço) Carragozêllo, Côa, Folhadosa, Girabolhos, Lages, Loriga, Paranhos, Pinhanços, Sabugueiro, Sameice, Sandomil, S. Gião, S. Martinho a Par de Côa, S. Romão, S. Thiago a Par de Côa, Santa Comba a Par de Côa, Santa Eulalia de Côa, Santa Marinha de Côa, Sazes da Beira, Terrozêllo (ou Torrozêllo) Teixeiras, Touraes, Travancinha, Vallezim, Varzea, Villa-Cóva e Vide.

CEBOLA—freguezia, Beira Baixa, comarca e concelho da Covilhã, 25 kilometros da Guarda, 285 ao NE. de Lisboa, 100 fogos.

Em 1750 tinha 80 fogos.

Orago S. Jorge.

Bispado da Guarda, districto administrativo de Castello Branco.

O *Portugal Sacro e Profano* não traz esta freguezia nem a seguinte.

CEBOLÃES DE CIMA—freguezia, Beira Baixa, comarca, concelho e 25 kilometros da Guarda, 284 ao NE. de Lisboa, 310 fogos.

Orago Nossa Senhora dos Prazeres.

Bispado e districto administrativo de Castello Branco.

CEBRADA—portuguez antigo, hoje diz-se *Quebrada*. (Docum. d'Alpendurada, de 1309.)

CEDÃES—freguezia, Traz-os-Montes. comarca e concelho de Mirandella, 36 kilometros de Miranda, 420 ao N. de Lisboa, 120 fogos.

Em 1757 tinha 93 fogos.

Orago Santo Ildefonso.

Arcebispado e districto administrativo de Bragança.

O reitor de Nossa Senhora da Encarnação de Mirandella, apresentava o cura, que tinha 8$000 réis e o pé d'altar.

É terra muito fertil.

CEDAINHOS—freguezia, Traz-os-Montes, comarca de Chacim, concelho dos Cortiços, até 1855, e desde então é da comarca e concelho de Mirandella, 70 kilometros de Miranda, 408 ao N. de Lisboa, 35 fogos.

Em 1757 tinha 20 fogos.

Orago S. Cyriaco.

Bispado e districto administrativo de Bragança.

É terra fertil.

Foi villa. Havia antigamente na casa da camara, um freio, para castigar as mulheres bravas e maldizentes; e mesmo todas as pessoas que proferiam palavras obescenas ou calumnias. Era applicado do mesmo modo que ás bêstas. Nas camaras de Mós e de Murça ainda em 1834 havia tambem eguaes freios, e com a mesma applicação.

O reitor de Bornes apresentava o cura, que tinha 6$000 réis de congrua e o pé de altar.

CEDAVIM ou SEDAVIM ou CÉDOVIM—villa, Beira-Alta, comarca da Pesqueira, concelho de Freixo de Numão, até 1855, e d'esde então, comarca e concelho de Villa Nova de Foz-Côa, 54 kilometros de Lamego, 355 ao N. de Lisboa, 250 fogos.

Em 1757 tinha 240 fogos.

Orago S. João Baptista.

Bispado de Lamego, districto administrativo da Guarda. (Vide Téja.)

Situada na ladeira de um penhasco, proximo ao rio Téja.

Chamava-se antigamente Cedaviz, e é este o nome que lhe dá o foral que lhe concedeu D. Affonso III, em Lisboa, a 5 de fevereiro de 1271. No *Portugal Sacro e Profano* se lhe dá o nome de *Sedavim*.

O rei e o bispo de Lamego apresentavam alternativamente o abbade, que tinha de rendimento 400$000 réis.

CEDOFEITA—Douro, uma das mais antigas freguezias da cidade do Porto.

Ainda ha poucos annos era um arrabalde; mas com o progressivo augmento da população e dos edificios, é actualmente uma parte da cidade e dentro das suas barreiras.

Vide Porto, onde vae tudo o que pertence a esta freguezia.

CEDOFEITA—aldeia, Douro, freguezia do Valle, até 1855 do concelho de Fermedo, comarca d'Arouca, e desde então, concelho, comarca e 12 kilometros a ENE da Feira,

Bispado do Porto, districto administrativo d'Aveiro, 60 kilometros a NE. da capital do districto e 29 ao S. do Porto e 285 ao N. de Lisboa, 18 fogos.

Situada em planicie, cercada de montes pouco elevados, e muito fertil e aprasivel.

Passa aqui o rio Inha, que réga e fertiliza os seus campos. Move moinhos de pão e traz peixe miudo. Tem aqui uma ponte de madeira.

CEDÕES ou CIDÕES—freguezia, Traz-os Montes, comarca e concelho de Vinhaes, 75 kilometros de Miranda, 480 ao N. de Lisboa, 20 fogos.

Em 1757 tinha 15 fogos.

Orago Nossa Senhora da Assumpção.

Bispado e districto administrativo de Bragança.

O abbade de Villar de Peregrinos apresentava aqui o cura, que tinha 6$000 réis de congrua e o pé d'altar.

Esta freguezia foi supprimida, por pequena, e está, ha muitos annos, annexa á de Villar de Peregrinos, no mesmo concelho e comarca. Vide Villar de Peregrinos.

CEDRIM ou **SEDRIM** — freguezia, Douro, comarca d'Agueda, concelho de Sever do Vouga, 40 kilometros ao O, de Viseu, 275 ao N. de Lisboa, 150 fogos.

Em 1757 tinha 136 fogos.

Orago S. João Baptista.

Bispado de Viseu, districto administrativo d'Aveiro.

O reitor de Ribeiradio apresentava o cura, que tinha 8$000 réis de congrua e o pé d'altar.

É povoação muito antiga. Em 1017 tinha um mosteiro de monges benedictinos, que em 1050 doou D. Gonçalo (filho do conde D. Mendo Luci) e sua muther, D. Flamula (Chama) ao convento benedictino de Pedroso (concelho de Gaia.) No tal anno 1017 foi que D. Gonçalo comprou metade d'este mosteiro (parece que a outra metade já era d'elle.) Chamava-se então esta freguezia Cedarim. Para mais amplas explicações, vide Pedroso.

CEIÇA ou **CEICE** ou **CEISSA** — freguezia, Extremadura, comarca de Thomar, concelho de Villa Nova d'Ourem, 30 kilometros de Leiria, 130 ao NE de Lisboa, 510 fogos.

Em 1757 tinha 514 fogos.

Orago Nossa Senhora da Purificação.

Bispado de Leiria, districto administrativo de Santarem.

N'esta freguezia, e no logar de Caxarias (ou Cacharia) é a 20.ª estação do caminho de ferro do Norte.

É da casa de Bragança.

Situada entre ribeiras, d'onde se vê Ourem ao O. Para o S. se vêem as villas da Atalaia e Chamusca, e para as outras partes, varias serras.

O povo apresentava o cura e cada morador lhe dava meio alqueire de trigo, e uma quarta de cevada, e os que tinham vinho, um quartão de vinho mosto. Andava isto pelo valor 110$000 réis.

É banhada pelas ribeiras Barreira, Ceiça e Pisões, que a tornam muito fertil.

É povoação antiquissima e os romanos lhe chamavam *Celium*. (Vide a este respeito Ceira, freguezia.)

O abbade João (vide Lorvão) fundou aqui um convento de frades bernardos, em 856. Morreu a 2 de fevereiro de 867 e jaz sepultado na egreja d'este convento. Vide a seguinte. (Vide Monte-Mor-Velho.)

CEIÇA (Santa Maria de) — povoação, Douro, situada em uma planicie, cercada por toda a parte de penedias, e proximo do Mondego e da Figueira. (Vide Tentugal.)

No reinado de D. Ramiro II, de Leão (pelos annos 850) se fundou aqui uma ermida, dedicada a Nossa Senhora.

D. Affonso Henriques aqui fundou, em 1165, um convento de frades bentos, do qual foi primeiro abbade D. Payo Egas, que era frade de Lorvão, d'onde vieram para aqui os primeiros religiosos.

No mesmo anno de 1165, o rei coutou este logar dando-o ao mosteiro, em 1175. Assignaram esta doação seu filho D. Sancho (depois 1.º) e sua filha, a rainha D. Thereza.

No reinado de D. Sancho I, mudou este convento para frades bernardos, por provisão regia, passada em Leiria, no primeiro de março de 1195; n'este mesmo anno deu o rei ao mosteiro, o couto da Barra. (da Figueira.)

Em 1199 o mesmo D. Sancho I, com seus filhos e filhas, doaram o reguengo de Migalhô, a Mendo Gonçalves «*jure haereditario in perpetuum*» (!) com licença de fazer d'elle o que lhe parecesse, e o dar, vender, ou doar a quem muito bem quizesse: «*isto pro Deo, et pro bono servicio, quod nobis, et filiae nostrae Reginae D. Tharasia fecistis, et facitis... et dedimus vobis ipsam haereditatem pro uno bono equo, quem Nobis dedistis. Et Nos dedimus illum ad Vassallum nostrum D. Fernandum Fernandiz.*» O donatario doou este reguengo ao mosteiro de Ceiça.

CEIFE — rio pequeno, Beira Alta, bispado de Lamego.

É mesmo a palavra arabe *ceife*, significa espada.

CEIRA ou **SEIRA** (chamava-se antigamente **VILLA NOVA DA SEIRA**) — freguezia, Douro, comarca, concelho e 9 kilometros de Coimbra, 204 ao N. de Lisboa, 450 fogos.

Em 1757 tinha 370 fogos.

R. M. da Silva (*Pobl. Gen. de Hesp.*) diz que esta freguezia tinha em 1660 80 fogos. Decerto ha engano, pois em 97 annos não podiá ter um augmento de 290 fogos, isto é, mais do tresdobro.

Orago Nossa Senhora da Assumpção.

Bispado e districto administrativo de Coimbra.

Situada perto dá foz do rio Ceira, que nasce ao S. da villa de Avô, na serra do Baço, e morre no Mondego, junto ao logar de Ceira. É de curso arrebatado, mas cria bom peixe. Trouxe areias de ouro.

Tanto o rio como a freguezia se chamavam antigamente *Céllа*.

É povoação muito antiga, já conhecida dos romanos, que, segundo alguns escriptores, chamavam *Celia* ou *Celium;* mas é mais provavel que fosse *Celia* ou *Seilia*, e que *Celium* fosse a actual povoação de Ceiça.

D. Affonso I a mandou povoar em 1180, dando-lhe grandes privilegios, e encarregando da povoação a Julião, seu cancellario.

D. Manuel lhe deu foral novo, em Lisboa, a 12 de março de 1514. N'elle lhe dá o nome de Villa Nova da Seira.

A matriz (Nossa Senhora da Assumpção) é fundada sobre um monte. Os condes de Athouguia apresentavam o prior, concorrendo tambem a prioreza do convento de Santa Anna, de Coimbra, e não concordando ambos, desempatava o ordinario. O prior tinha de renda 600$000 réis.

Isto segundo Carvalho. O *Portugal Sacro*, diz que quem apresentava era o real padroado e as freiras de Santa Anna de Coimbra, alternativamente, e que o prior tinha 400$000 réis de rendimento.

O Mondego e o Ceira tornam esta terra muito fertil, e produz grande abundancia de fructa, sobre tudo laranja e limão.

O citado R. M. da Silva diz que havia aqui um convento de frades bernardos, o que é engano. Confundiu Ceira com Ceiça.

CEIRA—rio, Traz-os-Montes, que nasce da grande fonte de *Roalde*, na freguezia de S. Martinho d'Anta.

No sitio da Quéda, se despenha de uma altura de 44 metros, por entre penhascos. Suas margens são em partes cultivadas e ferteis.

Morre na margem direita do Douro, proximo a Galafúra.

É no concelho de Sabrosa, comarca de Alijó.

CEIRA—rio, Douro. Nasce ao S. de Midões e da villa de Avô, e recebendo o Duéça, pela margem esquerda, entra no Mondego, em frente de Coimbra. Tambem lhe chamam Elnas. (Vide Ceira, freguezia.)

CEIVÃES ou **SEIVÃES**—freguezia, Minho, comarca e concelho de Monção, 60 kilometros ao NNO. de Braga, 420 ao N. de Lisboa, 160 fogos.

Em 1757 tinha os mesmos 160 fogos.

Orago o Salvador.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Vianna.

A casa de Bragança apresentava o reitor, que tinha 100$000 réis de rendimento.

Foi commenda da Ordem de Christo, dos marquezes de Villa Real, até 1641, e sendo então o ultimo marquez justiçado por traidor, no Rocio de Lisboa (vide Caminha, Braga e Villa Real) e seus bens confiscados, passou o que era dos marquezes, n'esta freguezia, a formar um prestimonio da mesma ordem, da casa de Bragança.

CELAVÍZA ou **CELLAVIZA**—freguezia, Douro, comarca e concelho de Arganil, 36 kilometros de Coimbra, 215 ao N. de Lisboá, 230 fogos.

Em 1757 tinha 180 fogos.

Orago S. Miguel, archanjo.

Bispado e districto administrativo de Coimbra.

O bispo de Coimbra apresentava o parocho, que tinha 60$000 réis de rendimento, e o pé d'altar.

Parece que o nome d'esta freguezia vem de *Séba*, planta terrestre e aquatica (alga ou botilhão) e segundo o antigo portuguez, *cebães*, significa *logar onde* ha sebas ou algas.

Todos sabem que na lingua portugueza (mesmo em muitos escriptores classicos) se vê *frúita*, por fructa; *escúita*, por escuta; *trúita*, por truta, etc., etc., não é pois inverosimil que de *séba* se fizesse séiba.

Tambem póde ser derivado de *seiva*, o succo nutriente dos vegetaes; por ser este terreno de muita fertilidade.

Inclino-me mais a acreditar que o nome d'esta freguezia vem de *sébe* (tapume feito de rama sêcca, ou que depois vem a seccar com que os lavradores vedam alguns campos, vinhas, etc.) ou de *sébe*, tecido grosseiro de váras (ordinariamente de castanho ou salgueiro) que se põe em róda do leito do carro, para amparar a carga, quando ella é de objectos miudos. Sendo por alguma d'estas duas causas, é, ou porque aqui havia muitos campos tapados de *sébes*; ou porque aqui se faziam muitas sébes para carros.

É pois incerta, em vista do que fica expendido, a origem da palavra Ceivães; e esta (como outras muitas) perde-se na noite dos tempos.

CELEIRÓS ou **CELLEIRÓS** ou **CELLEIROZ**—freguezia, Minho, termo e proximo a Braga, 47 kilometros ao N. do Porto, 359 ao N. de Lisboa, 160 fogos.

Em 1757 tinha 110 fogos.

Orago S. Lourenço.

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

Era antigamente do couto de Vimioso, comarca do Porto.

Um dos conegos de Braga apresentava o vigario. Rendia a egreja para o conego 320 mil réis e para o vigario 100$000 réis.

É terra fertil. Muito gado e caça.

Passa aqui o rio Déste.

Celeirós, ou Celleirôs, é portuguez antigo, significa, *pequenos celleiros*.

CELEIRÓS ou **CELLEIRÓS**—freguezia, Traz-os-Montes, comarca de Alijó, concelho de Sabrosa, 90 kilometros ao NE. de Braga, 120 ao NE. do Porto, 360 ao N. de Lisboa, 150 fogos.

Em 1757 tinha 135 fogos.

Orago S. Pedro, apostolo.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Villa Real.

Esta freguezia andou muitos annos annexa á de Villarinho de S. Romão.

Era antigamente da comarca e termo de Villa Real, chamava-se Celleirós de Panoyas.

Situada em um alto. Ha aqui uma boa egreja, que foi a antiga e é a actual matriz, dedicada a S. Pedro, apostolo, com 6 altares e com sacrario. D'ella se administravam os sacramentos aos moradores (por ficar longe a matriz, S. Romão) mas os baptismos eram na matriz. (Isto, já se sabe, emquanto esteve annexa.)

Pagava este povo 80 alqueires de pão para que o parocho lhes dissesse missa conventual n'esta egreja e os não obrigasse a ir á matriz. Pagavam mais 80 réis por cada uma das quatro festas do anno e 20 réis no dia do orago da casa.

Ha mais n'este povo 4 ermidas (S. Roque, S. Bento, S. Francisco e Santa Barbara.)

Antes d'esta freguezia se annexar á de Villarinho, o reitor era sempre um conego secular da Ordem de S. João Evangelista, (loyo) e apresentado pelo reitor do convento de Santo Eloy, do Porto.

Tinha 50$000 réis de congrua e o pé d'altar.

Produz alguns cereaes e azeite, e o melhor vinho branco do Douro: do mais pouco.

Está proximo da margem direita do rio Pinhão (ou mais propriamente, Penhão.)

D. Affonso I e seus filhos lhe deram foral em 4 de dezembro de 1160.

N'elle se determina que a viuva que quizer passar a segundas nupcias *det pro balugas una cera*. (Uma *cera* eram 3 arrateis e quarta de cêra. (Vide Balugães.)

N'este foral foi a freguezia repartida em 8 *coirellas*, cada uma com o foro de 3 *quarteiros*, um de trigo, um de centeio e um de cevada ou milho. (Vide Coirella.)

CELERÍNOS—povos que habitavam ao N. do Douro, nas margens do *Avo* (Ave) proximo da sua nascente, e cujo paiz confinava com o dos *nemetatos*. Estes dois povos, os *límicos* e outros da provincia do Minho, e de parte da Galliza, tinham o nome geral de *bracearenses*, por serem da provincia de Brácara.

Os celerinos ajudaram a construir a ponte de Chaves. (Vide Chaves.)

Estes celerinos descendiam dos *gravios* ou *graios* (ou eram uma tribu d'elles) descendentes dos gregos. (Vide Celiobriga.)

CELHO ou **SELHO** e tambem **CIMA CELHO** (S. Lourenço)—freguezia, Minho, comarca e concelho de Guimarães, 18 kilometros a NE. de Braga, 53 ao N. do Porto, 360 ao N. de Lisboa, 90 fogos.

Em 1757 tinha 44 fogos.

Orago S. Lourenço, martyr.

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

É terra fertil.

O bispo de Constantina apresentava o vigario, que tinha 12$000 réis de congrua e o pé d'altar; por tudo, uns 50$000 réis. Depois passou esta apresentação para um dos conegos da collegiada de Santo Estevão, de Vallença.

Esta freguezia e as duas seguintes são regadas pelo rio Célho, do qual recebem o nome.

Para todas as tres freguezias d'este nome, é importante ver o ultimo periodo, no artigo *Celinho*.

CELHO ou **SELHO** e tambem **CIMA CELHO** (S. Christovão)—freguezia, Minho, a mesma comarca, concelho, arcebispado, districto administrativo e distancias que a antecedente. 90 fogos.

Em 1757 tinha 32 fogos.

Orago S. Christovão.

Primeiramente apresentava esta egreja o bispo de Constantina, depois, passou a ser beneficio simples de um conego da collegiada de Santo Estevão, de Vallença, que apresentava o vigario *ad nutum*, que tinha de rendimento 60$000 réis; mas quando era apresentado pelo bispo de Constantina, tinha 100 alqueires de *segunda* (centeio e milho miudo) 2 de trigo, 2 arrateis de cêra fina, 32 almudes de vinho e 12$000 réis em dinheiro.

É terra fertil.

CELHO ou **SELHO** ou **CIMA CELHO** (S. Jorge)—freguezia, Minho, comarca, concelho, arcebispado, districto administrativo e distancias, como as duas precedentes. 220 fogos.

Em 1757 tinha 380 fogos (mas parece-me que é engano do *Portugal Sacro*, porque o padre Cardoso apenas lhe dá 95 fogos, em 1750, e não podia, em 7 annos, augmentar-se a freguezia com mais 285 fogos; nem ha motivo para esta freguezia diminuir de então para cá 150 fogos.)

Orago S. Jorge.

A mesa capitular do arcebispado de Braga, apresentava aqui o vigario, collado, que tinha 50$000 réis e o pé d'altar.

É terra fertil.

Em todas estas tres freguezias de Célho, se cria muito gado de toda a qualidade.

> Tendo fallado tantas vezes n'esta obra, e tendo ainda de fallar, em parochos *ad nutum*, noto aos leitores que o não saibam, que, parocho *ad nutum* era uma especie de *encommendado*, que o padroeiro (o que apresentava a egreja) nomeava e despedia, quando quizesse.

CELHO—rio, Minho. Tambem se chama *Cêlhe* ou *Sêlhe*. Nasce mesmo na comarca de Guimarães e morre no Visella, com uns 10 kilometros de curso. Réga, móe e traz peixe miudo.

Já era conhecido no tempo dos romanos, que lhe chamavam *Célio*. Tratam d'elle diversas escripturas, que existem no livro de *Muma Dona*.

CELIM—aldeia, Minho, arcebispado de Braga. É corrupção do nome proprio arabe *Çalim*, que significa salvado, livrado, resgatado, etc. Aqui viveu e possuiu esta aldeia uma familia arabe assim appellidada.

CELINHO—ribeiro, Minho, nasce na comarca de Guimarães, e, como o Célho, morre no Visella. Dá-se-lhe o nome de *Celinho*, para o distinguir do *Cêlho* e por aquelle ser mais pobre d'aguas. Tambem era já conhecido dos romanos, que do mesmo modo lhe deram o diminutivo de *Célio*, chamando-lhe *Celiolo*.

Estes dois pequenos rios correm proximos um do outro.

Diz-se que a ambos provém o nome de se *sellarem* aqui uns cavallos, para certa batalha; mas na doação que Muma Dona fez ao mosteiro de Guimarães, desmente-se esta etymologia. Vide Guimarães.

—

Segundo bons auctores, a antiquissima cidade de *Celiobriga* era situada entre os

rios Cêlho e Celinho, e não distante de Celorico de Basto, se não era esta mesma villa que foi a antiga *Celiobriga.*

—

O que é certo é que já no tempo do concilio lucense, se nomeiavam tres freguezias na diocese de Braga, chamadas *Celiolis, Celiotão* e *Cello,* que se suppõe serem as tres actuaes freguezias de Cêlho; e tambem que alguma d'ellas, ou todas tres, formavam a tal cidade de *Celiobriga.* Já se vê que tudo isto não passa de conjecturas, mais ou menos bem fundadas; porque, em tanta obscuridade, não póde a simples luz da razão (sem documentos positivos) penetrar e decidir com evidencia.

Vide Celiobriga, Celorico de Basto e Chaves.

CELIOBRIGA ou **ZELOBRIGA** — Traz-os-Montes, cidade antiquissima, fundada pelos zoelas, mais de 300 annos antes de Jesus Christo, e cujas ruinas existem (ou vestigios d'ellas) proximo do rio Sabor. *Zelobriga* quer dizer, cidade dos zoelas.

Suppõe-se, com bons fundamentos, que os zoelas viveram por estes sitios. Eram povos das Asturias, do paiz onde existiu a cidade de Zoela, que lhe deu o nome.

É de presumir que no termo de Bragança existiu alguma cidade, na qual a ordem ou classe dos negociantes ou artistas zoelas dedicassem a memoria ou inscripção que está hoje na egreja de Castro d'Avellans, a Plutão, deus dos infernos e das riquezas.

Vide Castro d'Avellans.

—

O padre D. Jeronymo Contador d'Argote, nas suas *Memorias para a Historia Ecclesiastica do arcebispado de Braga,* tomo I, pag. 317, n.º 520, diz que *Celiobriga* era uma cidade, cabeça dos povos celerinos.

Querem uns que estivesse no sitio da actual villa de Barcellos, outros, entre elles o doutor João de Barros, nas suas *Antiguidades d'Entre Douro e Minho,* diz que Celiobriga era Celorico de Basto, e que por alli habitavam os povos celerinos; mas pretende que Ptolomeu lhe chamava Selobrica; cuja palavra todavia se não vê n'este antigo geographo. Devia ser êrro do copista, ou typographico, em alguma das edições das obras de Ptolomeu.

Outros dizem que Celiobriga é a actual villa de Celorico da Beira. Não acho nenhum fundamento a esta opinião, a não ser que houvesse na Lusitania duas ou tres Celiobrigas, ou uma Zeliobriga e duas Celiobrigas, o que não é muito presumivel.

—

O doutor Francisco Xavier da Serra, corregedor de Guimarães, e um dos mais illustrados membros da Academia Real de Historia Portugueza, sustenta que Celiobriga, ou era onde existe hoje Celorico de Basto, ou nas suas immediações, e que o seu nome romano era *Elia,* talvez por alguma mercê que recebeu do imperador Elio Adriano (o que fez ou reconstruiu a celebre via militar da Geira.)

Diz elle que na egreja de Santa Senhorinha de Basto, sobre a porta principal, á direita, da parte exterior, em altura de 15 palmos do chão (3m,30) está uma pedra com esta inscripção:

MP. CAES.
IO. HADR
AN. PONT. M.
AUG. PIO
FURNIUM
A PROC. VI
T. VA. VEGETI.

Isto é: — *Tito Valerio Vegecio, superintendente das calçadas, dedicou esta memoria ao imperador Elio Adriano, pontifice, maximo, augusto, pio, e a Furnio, 6.º proconsul.*

—

Se isto é verdade (o que dizem Argote e Serra) é possivel que houvesse a cidade de Celiobriga, capital dos povos celerinos, na que hoje é provincia do Minho, e Zeliobriga, capital dos zoelas, proximo ao rio Sabor, e que se suppõe existir no territorio da actual Castro d'Avellans.

Offerecem-se-me aqui umas duvidas, são: eu não vejo na inscripção romana que o padre Carvalho diz ter estado sobre a ponte de Chaves, nem mencionados os zoelas, nem os celerinos. Suppondo mesmo que *geletinos* (que é como está escripto na tal inscripção, de Carvalho) seja erro de copia, em logar

de celerinos (como erraram escrevendo lincios em vez de limicos) o que Argote rectificou, como se vê em Chaves; porque razão os povos de Zelobriga, que habitavam muito mais proximos de Chaves do que os de Celiobriga, não ajudaram á construcção da ponte?

É verdade que esta inscripção é por alguns julgada apocripha; mas, por isso mesmo, tambem póde ser fabulosa alguma das duas cidades.

Finalmente, n'estas cousas, não podemos sair da região das hypotheses.

CELIR — Vide Selir.

CELLA — e Encelada, vide o que digo em Cellas, vide tambem Inclusa.

CELLA — freguezia, Traz-os-Montes, comarca e concelho de Chaves, 90 kilometros ao NE de Braga, 420 ao N. de Lisboa, 68 fogos. Em 1757 tinha 38 fogos.

Orago Nossa Senhora das Neves.

Arcebispado de Braga, e districto administrativo de Villa Real.

O reitor de Nogueira da Montanha apretava o vigario, que tinha 100 alqueires de centeio, 7 arrateis de céra fina, 2 alqueires de trigo, 2 almudes de vinho e em dinheiro 13$500 réis, tudo pago pela commenda.

É terra pouco fertil.

CELLA — aldeia, Douro, comarca, concelho e 10 kilometros ao OSO, d'Arouca, freguezia de Varzea. Foi antigamente villa, com o nome de Saélla. D. Affonso Henriques doou esta villa a D. Monio, a 6 de abril de 1129, juntamente com a villa de Sala (hoje aldeia de Sá, freguezia de Santa Eulalia, tambem no valle de Arouca).

Esta povoação é situada nas margens do Arda, e passa por ella a nova estrada (em construcção) d'Arouca a Oliveira d'Azemeis. É fertilissima.

CELLA — villa, Extremadura, comarca e concelho d'Alcobaça, 105 kilometros ao NE. de Lisboa, 390 fogos.

Em 1757 tinha 130 fogos.

Orago Santo André, apostolo.

Patriarchado de Lisboa, districto administrativo de Leiria.

Era seu donatario o abbade geral d'Alcobaça, por ser um dos seus coutos.

Situada em alto, d'onde se vêem varias povoações.

O abbade geral d'Alcobaça apresentava o vigario, que tinha 200$000 réis.

Tem Misericordia, mas pobre. Foi erecta em uma ermida do Espirito Santo, em 1585, por Antonio Rebello, com provisão regia e bulla do papa Gregorio XIII. Tem ou teve uma albergaria dependente da Misericordia.

É terra muito fertil e ha aqui optima fructa.

Tinha dois juizes ordinarios (até 1834) que tambem o eram dos orphãos e sizas, e as mais justiças do couto.

Fica 6 kilometros ao S. da Pederneira.

É povoação muito antiga.

D. Manuel lhe deu foral, em Lisboa, no primeiro de outubro de 1514. N'este foral se lhe dá o nome de Cella-Nova. (Liv. dos Foraes, Novos da Extremadura, fl. 134, v, col. 1.ª Vejam-se apontamentos para este foral, no maço 1.º dos Foraes Antigos, n.º 12.)

CELLA — aldeia, Douro, freguezia de Fermedo, concelho, comarca e 12 kilometros a O d'Arouca, e 32 kilometros a SE, do Porto, 5 ao S. do rio Douro, 290 ao N. de Lisboa, 10 fogos.

Bispado do Porto, districto administrativo d'Aveiro.

E' povoação antiquissima, em frente e 2 kilometros a O d'Almançor (tambem aldeia antiquissima) ficando entre as duas povoações o rio Arda, que aqui perto tem uma bôa ponte de madeira.

E' tradição que uma senhora, morrendo-lhe um mancebo com quem estava para casar, tomou grande sentimento e jurou não casar com outro, fazer voto de castidade e encellar-se. Andou por estas montanhas examinando um sitio que lhe agradasse, e chegando aqui, mandou fazer uma cella onde se emparedou, até ao fim de seus dias. Depois de morta foi tida por santa e se transformou a sua cella em ermida da invocação do Senhor dos Afflictos, em memoria das afflicções que a santa soffreu com a morte do seu noivo.

Tem uma capella, feita em 1420 (á custa do povo e do donatario de Fermedo) da invocação do Senhor dos Afflictos. Ha n'ella

missa todos os domingos e dias santificados, dita por um capellão pago pelo povo do logar e circumvisinhos. Faz-se todos os annos uma festa e romaria, muito concorrida, á imagem de Nosso Senhor dos Afflictos.

E' situada na lombada de uma serra, sem vista para outras partes (alem d'Almançor) por ser cercada de serras ainda mais altas. É terra pobre e desabrida; produz algum optimo azeite e vinho verde, muito bom; do mais pouco.

Ha em Portugal mais 26 aldeias do mesmo nome, sem cousa notavel.

CELLAS—proximo a Coimbra, convento de freiras bernardas, fundado em 1210, pela infanta D. Sancha, filha de D. Sancho I, (irman da rainha Santa Mafalda.)

Tinha a fundadora, na villa d'Alemquer (que era sua) umas mulheres a que chamavam *encelladas*, ou *emparedadas*, vivendo em uma pobre casa.

Resolveu D. Sancha mudal'as para uma sua quinta, que tinha ao pé de Coimbra, chamada *Uvimarães*. Fez alli cellas para 30 freiras e mandando vir as *beatas* d'Alemquer e algumas freiras de Lorvão, para as instruirem, lhes impoz a regra de S. Bernardo, professando tambem aqui a mesma infanta.

Vide Alemquer, onde tracto da egreja de Nossa Senhora da Redonda.

Chamavam então a este convento o de «*Cellas de Uvimarães*» para as distinguir de outras *encelladas* que viviam junto á ponte de Coimbra, no sitio onde esteve o convento de Sant'Anna, antigo. Esta ultimas viviam muito pobres e do convento de *Uvimarães* lhe vinham todos os dias as sobras do jantar; o que depois foi reduzido a certas medidas de trigo.

Vide Coimbra.

D. Thereza, irman de D. Sancha, tambem fez algumas doações ao mesmo convento de *Uvimarães*, no anno de 1229.

Nos claustros d'este mosteiro existia uma lapide com a inscripção seguinte:

—

HIC BIS QUINQUE MANENT, QUAE CETIBUS ASSOCIATAE
ANGELICIS, CULTU PROMERUERE PARI
HUC AB ALONQUERIO, QUO VITAM SPONTE RECLUSAE
ARCTAM GESSERUNT, HIRTIS ET PELLIBUS USAE
HUC INQUAM REGINA THARASIA REGIS AMORE
ETHEREI VIXIT, CONTENTAS LAUDIS HONORE.
ERA MCCLXXII.

—

Quer dizer que alli descançavam 10 religiosas, as quaes, com egual tracto e santa observancia, mereceram ter logar entre os córos angelicos das virgens: que alli moravam e que d'Alemquer, onde faziam antes vida de rigores, com reclusão voluntaria, as mudára para este mosteiro de Cellas, a rainha D. Thereza, entendendo que o que ellas mais desejavam era permanecerem em continuos louvores ao ceu.—Era 1272—isto é, 1234 de Jesus Christo.

—

Todos os escriptores antigos dizem, e varios documentos provam, que foi D. Sancha e não sua irman D. Thereza que para aqui mandou as beatas d'Alemquer, o que esta inscripção parece desmentir.

Entendo que ha aqui erro de copia, talvez por estarem mal comprehensiveis os caracteres, por gastos do tempo.

N'esta duvida, o leitor faça o juizo que quizer.

CELLAS—freguezia, Traz-os-Montes, foi até 1855 da comarca de Bragança, concelho de Vinhaes, e desde então é da comare concelho de Vinhaes, 60 kilometros de Miranda, 480 ao N. de Lisboa, 175 fogos.

Em 1757 tinha 43 fogos.

Orago S. Genezio, martyr.

Bispado e districto administrativo de Bragança.

O abbade de S. Bartholomeu de Negrêda apresentava o cura, que tinha de rendimento 300$000 réis. O *Portugal Sacro*, diz que era apresentado pelo cabido da Sé de Miranda. É mais prvavel.

E' terra fertil, e tem caça.

Antigamente deliberava qualquer mulher encellar-se ou emparedar-se. Mandava fazer uma casinha, mettia-se n'ella e alli passava o resto de seus dias. Ás vezes eram tambem duas ou mais beatas que adoptavam este genero de vida, na mesma terra. Eis a razão porque em Portugal ha vinte seis aldeais, chamadas, *Cella* e 19 chama-

das *Cellas*. *Cella*, quando a povoação tinha só uma encellada—*Cellas* quando eram mais.

Nas cidades e villas tambem havia emparedadas ou encelladas.

Vide Inclusa.

CELORICO DE BASTO—villa, Minho, comarca e concelho do mesmo nome, 40 kilometros a NE. de Braga, 375 ao N. de Lisboa, no concelho 5:110 fogos, e na comarca 8:500.

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

Situada nas margens do Tâmega, em territorio muito accidentado, mas fertilissimo, produzindo muito vinho verde de superior qualidade.

D. Manuel lhe deu foral, em Evora, a 29 de março de 1520 (*Livro de foraes novos do Minho*, fl. 125 v., col. 1.ª).

Trata das terras seguintes:

Afães, Agilde, Ardegão, Arnoya, Arnozella, Barbadães, Barrozende, Borba, Borba de Azinhores, Borba de Godim, Borbella, Britello, Cabeceiros, Cacavellos, Cacerêlhe, Canêdo, Carvalho, Castello, Ceidões, Celmães, Chapa, Chêllo, Coirito, Covas, Créspos, Curujeira, Fervença, Fonte Coberta, Freixeiro, Feixo, Gagos, Gêmeas, Gotom, Infesta, Lavandeira, Loureiro, Macieira, Maderne, Molares, Montas de Beirega, Ourilhe, Paços, Paradella, Quintan, Quinta de Borba, Quintella, Rebordãos, Real d'Oleiros, Ribas, Ribeira, Rio Máo, Sancremonço, Santa Trégua, Sequeiros, Tudeia, Tulões, Valle de Bairro, Viáde, Villa Garcia, Villa Mean, Villar, Villar d'Aufo e Uveiras.

A isto se chamava antigamente *Terras de Basto*.

A comarca de Celorico de Basto, é composta dos julgados de Celorico de Basto e Cabeceiras de Basto.

O concelho de Celorico de Basto comprehende 22 freguezias, que são:

Agilde, Arnóia, Borba, Britêllo, Canêdo, Carvalho, Cassarilhe, Codeçôso, Córgo, Fervença, Gagos, Gêmeos, Infesta, Molares, Moreira, Ourilhe, Rêgo, Ribas, S. Clemente, Santa Tecla, Valle de Bouro e Veáde.

CELORICO DA BEIRA—villa, Beira-Baixa, 18 kilometros a O. da Guarda, proximo da Serra da Estrella, e 300 kilometros a E. de Lisboa, 550 fogos, em 3 freguezias (Santa Maria, S. Martinho e S. Pedro, que hoje estão reduzidas a duas—Santa Maria, ou Nossa Senhora da Guia e S. Pedro, apostolo. Antigamente teve 4 freguezias, como adiante se verá. Tem 2:000 almas. No concelho 3:200 fogos, na comarca 4:750.

Em 1757 tinha em 3 freguezias 380 fogos.

Bispado e districto administrativo da Guarda.

Situada em um alto nas vertentes da Serra da Estrella, proximo do Mondego.

Diz-se que foi fundada por Brigo, quarto rei de Hespanha, 1890 annos antes de Jesus Christo, com o nome de Celiobriga (anno do mundo 2070.

Os túrdulos a ampliaram 500 annos antes de Jesus Christo.

Parece-me que não foi fundada por Brigo (se é que tal rei existiu) nem se chamou Celiobriga. É mais provavel que os seus fundadores fossem os túrdulos, pelo tempo que disse. Para evitar repetições sobre Celiobriga, vide esta palavra, onde vae tudo quanto pude saber com respeito a esta antiquissima cidade.

Já Plinio a menciona como uma das cidades sujeitas a Braga.

Depois se chamou *Corro Rico*. Rodrigo Mendes da Silva, na *Poblacion General de Hespana* lhe dá tambem o nome de *Zêlo Rico*, alludindo á fidelidade de seus habitantes em varias occasiões. Pronunciava-se então *Cêlo Rico*, e d'aqui derivam o seu nome actual.

Ainda outros dizem que o seu nome era *Sólo Rico*, pela fertilidade de seus campos. Até mesmo ha quem sustente que o moderno nome d'esta villa é apenas a corrupção do primittivo, isto é—de *Celiobriga* fizeram os romanos *Celiobrica* e os arabes *Celorico*.

A minha humilissima opinião inclina-se a esta ultima versão, por me parecer muito natural.

Não sabemos hoje se os antigos pronunciavam *Celióbriga*, se *Celiobriga* (isto entende-se com todas as povoações que tinham a terminação em *briga*) mas ha razões para

suppor que diziam *Celiobriga*. Os arabes corromperam-nos muitas palavras (e antes d'elles fizeram o mesmo os romanos e godos) e não é muito para admirar que de *Celiobriga* fizessem *Celorico*, que para elles era de mais facil pronuncia.

Tem por armas um escudo bipartido, tendo á direita cinco estrellas, e por cima um crescente; e á esquerda uma torre, e sobre ella, voando, uma aguia com um peixe nas garras.

Deram causa e origem a estas armas dois feitos gloriosos aqui occorridos, que são os seguintes:

Em 1189, veio sobre esta villa um grande exercito de castelhanos e leonezes, e lhe puzeram cêrco.

Era alcaide-mór do castello de Celorico D. Gonçalo Mendes, e do de Linhares, seu irmão D. Rodrigo Mendes, filhos do conde D. Mendo; sendo rei de Portugal D. Sancho I.

Não soffreu o animo valoroso d'estes dois bravos portuguezes estarem muito tempo encurralados no castello, pelo que, uma noite de *lua nova*, deram de improviso sobre os inimigos, e os derrotaram completamente.

Os de Linhares tinham chegado n'essa mesma noite á praça. e foi animados com este valioso reforço que os de Celorico decidiram investir o inimigo, que fugiu vergonhosamente, deixando no campo todos os roubos que tinha feito, todas as suas bagagens, e grande numero de mortos, feridos e prisioneiros.

D'aqui tomou a villa por armas cinco es-
Linhares teve as mesmas armas.
trellas e um crescente.

Em 1245, era alcaide-mór de Celorico, D. Fernando Rodrigues Pacheco, por D. Sancho II. Sendo este rei deposto, e nomeado governador do reino seu irmão, o conde de Bolonha (depois D. Affonso III) persistiu o bravo alcaide-mór na sua fidelidade ao rei; pelo que D. Affonso lhe veio pôr cêrco, que durou muitos mezes. Estando o castello proximo a render-se pela fome, por acaso uma aguia deixou cair sobre o castello uma truta. O alcaide a mandou de presente a D. Affonso, significando-lhe que na praça havia abundancia; pelo que este abandonou o cêrco.

O conde de Bolonha (depois D. Affonso III) em desforra de não poder tomar o castello de Celorico, assolou toda a sua comarca! D. Sancho II, por carta regia, datada de Toledo, a 2 de setembro da era de 1284 (1246) declara estas crueldades, e que os bispos de Coimbra e Braga excommungacem os cercadorss. Conta a historia da truta, etc. Pela mesma carta regia fez alcaide-mór de Celorico a Pacheco e deu grandes privilegios á villa (além dos antigos, que confirmou) sendo um d'elles, «que seus peões sejam em juizo havidos por cavalleiros e estes por infanções.» Esta carta está assignada pelo rei, pela rainha (D. Mecia Lopes de Haro) D. Lopo Dias de Haro, D. Diogo Lopes de Salcêdo, D. Rodrigo Gonçalves Giron, D. Martim Gil, D. Pedro Eannes, D. Gonçalo Mendes, D. Egas Vaz, fr. Miguel e fr. Vicente. Este ultimo a escreveu, por mandado d'el-rei.

Quem levou a truta a D. Affonso III foi Gomes Viegas. D. Affonso, admirado, chamou a Gomes Viegas, o *Peixão*. Este ficou todo orgulhoso com o appellido e deixou o de Viegas (que significava *vélhas*, pelo que era feio) e tomou d'ahi por diante o de *Peixoto*. Eis, segundo o padre Carvalho, a origem do appellido Peixoto. Será.

Eis a origem da segunda parte das armas de Celorico, isto é, da aguia com a truta e da torre.

Teve esta villa differentes senhores. Antes do reinado de D. Fernando, pertenceu a Martim Vasques de Sousa. D. Beatriz, mulher de D. Affonso III, fez alcaide-mór de Celorico, a Martim Vasques da Cunha. Este rei a deu em dote a sua filha bastarda, D. Isabel, que casou, em 1373, com o conde de Gijon (D. Affonso Henriques de Castella e Noronha) filho, tambem bastardo, de D. Henrique II, de Castella, irmão de D. Pedro Cru.

Em 21 de janeiro de 1385, era senhor d'esta villa Martim Affonso de Mello, quinto senhor da villa de Mello e rico-homem de Portugal. Este *heroe* foi o primeiro cavalleiro portuguez que saiu a receber D. João I,

de Castella, á cidade da Guarda, *reconhecendo-o por legitimo rei de Portugal e entregando-lhe esta villa!*

D. Manuel a deu ao primeiro conde de Portalegre (D. Diogo, seu aio) e, pela extincção d'esta familia, tendo vagado para a corôa, a deu D. Pedro II a André Lopes de Lavre.

Os seus donatarios eram tambem alcaides-móres do castello.

No reinado de D. José I (1762) foi esta villa tomada e saqueada pelos hespanhoes; mas logo a largaram.

A egreja matriz de Santa Maria, é collegiada do padroado real. É um templo magestoso e seu orago Nossa Senhora da Guia. O prior tinha 300$000 réis. Tem seis beneficiados, que eram apresentados alternativamente pelo papa e pelo ordinario, e duas apresentações eram do padroado real. Cada beneficiado tinha 200$000 réis. Tinha mais, um arcediago, beneficio simples, que rendia 500$000 réis; e um thesoureiro da apresentação do prior, com 250$000 réis.

A egreja matriz de S. Martinho é um templo antigo, e, segundo alguns escriptores, fundado pelos templarios, em 1302. Era do padroado real, e o prior tinha 350$000 réis.

Viterbo diz que os templarios fundaram ou reedificaram esta egreja, em 1217. No seu frontispicio havia duas pedras com a seguinte inscripção:

E. M. CC. II. V. MAGISTRO
MENDO, CONSTRUCTA FUIT.
ISTA ECCLESIA.

Sendo esta egreja reedificada em 1770, se adulterou completamente a sua primittiva ordem architectonica, não restando outros monumentos da antiga egreja mais do que estas duas pedras, collocadas na parede exterior da capella-mór, da parte do Evangelho.

Esta egreja deixou de ser matriz, porque se supprimiu a parochia, que em 1757 tinha 92 fogos.

A matriz de S. Pedro, é tambem obra dos templarios, fundada em 1230, e tambem do real padroado. O prior tinha 300$000 réis. Em 1757 tinha 135 fogos.

Havia antigamente n'esta villa uma freguezia de Santo André, apostolo, que foi supprimida no reinado de D. João III, fazendo-se a Misericordia na sua egreja, e das rendas se fizeram dois beneficios na collegiada de Santa Maria; que eram os dois da apresentação regia.

Ha aqui uma albergaria.

O Mondego corre proximo da villa, fertilisando os seus campos, pomares e hortas. Cria muito gado e tem bastante caça nos seus montes.

Antes de 1834, tinha juiz de fóra, camara, escrivães, etc., tudo posto pelos marquezes de Gouveia, menos o juiz das sizas, que era feito pelo rei.

No reinado dos nossos primeiros monarchas, tinha dois juizes, dois vereadores, almotacé, alcaide e meirinho, *et reliqua*. Tinha 30 logares na sua jurisdição.

Tinha capitão-mór, sargento-mór e uma companhia de ordenanças.

Sobre o rio Mondego tem uma magestosa ponte de cantaria, feita por D. Manuel, no principio do seculo XVI, e duas menores.

Cércam a villa extensas vinhas, que produzem optimo vinho, e grandes olivaes, que dão muito bom azeite.

É terra muito fertil.

O Campo do Tabolado chama-se assim, porque antigamente havia aqui um amphitheatro de taboado, onde se faziam justas, torneios, etc.

Em 1635 appareceu aqui uma lapide com a seguinte inscripção romana:

R. C. I. A.
V. A. N. S. I. R.
A. C. H. N. I.
R. V. M.
J. N. I. D. I.

Dizem (os adivinhadores) que quer dizer: «Sendo imperador romano Augusto Cesar, os povos de Castella, chamados vascos, com os capitães Nigro, Servio e Junio, edificaram este castello, em nome do imperador. O mestre que o fez se chamava Rutilio Varo. Os capitães Junio e Nigro o dedicaram ao imperador Julio.» (!)

O castello de Celorico era fortissimo e tinha duas torres e dois cubéllos.

E' no tope do môrro em que está fundada a villa, a qual e seus arrabaldes domina inteiramente. É obra dos romanos e D. Diniz o reedificou. Está em ruinas.

D. Affonso I lhe deu foral, sem data, com muitos privilegios. D. Affonso II lhe deu foral, confirmando e ampliando os privilegios do primeiro, em Coimbra, no anno de 1217. D. Manuel a fez villa, e lhe deu foral novo, em Lisboa, no 1.º de julho de 1512.

A villa tem bons edificios, mas nenhum notavel, além da casa da camara (contendo tambem o tribunal judicial e a cadeia) que é das melhores e mais seguras da provincia.

Ha aqui duas feiras cada semana, de grande concorrencia e importancia. Só de trigo concorrem ás vezes a uma d'estas feiras 8:000 alqueires.

Celorico é o centro de todo o commercio com a raia, o que faz muito prosperar esta terra.

É o seu territorio fertilissimo e muito saudavel.

Ha aqui, sobre o Mondego, tres pontes, uma de pedra e duas de madeira. Ao S., junto ao rio, se têem descoberto varias antiguidades romanas.

Os povos da Beira chamam a esta villa *Celorico dos Bebados*. E' com inveja da abundancia e optima qualidade dos vinhos d'aqui.

Tem Misericordia e bom hospital, 12 capellas, 8 fontes, sendo a melhor a da Pipa.

—

Celorico, como praça de grande importancia, serviu de refens, dado por D. Diniz, para as pazes que fez com seu filho D. Affonso (depois IV) em Santarem, a 25 de fevereiro de 1325.

Tornou a ser dada como refens, por D. Affonso IV, para penhor de paz com D. Affonso XII, de Castella, vindo então para alcaide (com guarnição castelhana) D. Fernando Affonso Cambraen. Tornou ainda a ser refens, dado por D. Fernando, de Portugal, a D. Henrique II, de Castella, em 1373.

—

É patria do dr. Miguel da Silveira, poeta illustre e auctor do poema dos *Machabeus*.

Do beato fr. Antonio de S. Pedro, que fez muitos milagres em Ossuna, no convento dos mercenarios descalços.

E de Rodrigo Mendes da Silva, chronista de Portugal por Philippe III, e auctor da bem conhecida obra intitulada—*Poblacion General de España*, impressa em Madrid, a primeira vez em 1628 e reimpressa na mesma *villa coronada*, em 1675. Este Silva bandeou-se com os inimigos da sua patria, e na sua obra chama muitas vezes tyranno ao nosso D. João IV. Passou-se para Castella, lá escreveu (em hespanhol) e por lá ficou.

—

A comarca de Celorico é composta do julgado de Celorico e do de Fornos de Algodres. O concelho comprehende 22 freguezias, que são:—Açôres, Baraçal, Cadafaz, Carrapichana, Cortiçô, Forno Telheiro, Jejúa, Juncaes, Lagiosa, Linhares, Maçal, Minhocal, Mesquitella, Prados, Rapa, Ratoeira, Salgueiraes, Celorico (Santa Maria e S. Pedro, duas freguezias) Valle d'Azares, Velloso e Vide.

CÉLTAS—suppõe-se que eram os primitivos povos da Lusitania. [1]

1.º grupo

Occupavam uns a Extremadura portugueza, ao S. do Tejo, o Alemtejo e uma pequena parte occidental da Extremadura hespanhola.

Suas principaes cidades eram *Paca* (Beja) *Ebora* ou *Elbora* (Evora) *Myrtilis* (Mertola) *Salacia* (Alcacer do Sal) *Cetobriga* (Setubal, Troia) *Norba Cesariana* (Alcantara, Hespanha) *Medobriga* (Aramenha) *Cecilia Gemelina* (Caceres) *Aruci Novum* (Moura).

A estes se chamava céltas meridionaes, por estancearem entre o Tejo e o Guadiana, e por conseguinte, ao S. da Lusitania. A este

[1] Os investigadores modernos pretendem que os primeiros habitadores (indigenas, ou, pelo menos, aborigenes) da nossa peninsula, eram uns povos barbaros, ferozes e antropophagos, vivendo em cavernas como as feras; cujo nome generico nos é hoje completamente desconhecido, e na impossibilidade de o descobrir, concordaram em os denominar *pre-celtas*, isto é, os antecessores dos céltas. Comparados com elles, os celtas podiam-se chamar civilisados; porque ao menos tinham uma religião e taes ou quaes leis e instituições porque se governavam.

paiz se dava mesmo o nome de *Céltica*, antes que os romanos, com as suas differentes circumscripções e subdivisões, confundissem, alterassem e mudassem os primittivos nomes dos paizes e povoações.

2.º grupo

Outros céltas occupavam uma grande parte da Bética. Este paiz, no tempo dos imperadores romanos, e ainda alguns annos antes, já se não intitulava Céltica, nem céltas os seus habitantes; mas sim lusitanos, e Lusitania a sua região, como se vê em Plinio e Ptolomeu.

Outros céltas havia que occupavam outra parte da Bética, segundo refere Plinio, no livro 3.º, cap. 3.º

Segundo Contador d'Argote, a região d'estes, antes das demarcações romanas, estava unida á dos céltas nomeados aqui em segundo logar, e todos juntos constituiam a provincia celtica, depois das divisões que os romanos fizeram.

O paiz d'estes se ficou ainda intitulando Celtica, e se aggregou á Bética.

3.º grupo

Estes habitavam o promontorio céltico (hoje *Cabo de Finis Terræ*) e em todo o Além Douro occidental, isto é, desde a foz do Douro até ao promontorio céltico, e pelo lado septentrional, occupavam desde aqui até além da Corunha. Não se sabe hoje com exactidão, onde terminava pelo N., nem pelo lado oriental, que vinha terminar no rio Douro. Vinham pois a occupar o a que hoje chamamos provincias do Douro (a parte que está ao N. d'este rio) Minho, Traz-os-Montes (ou a maior parte) e a Galliza.

—

Vê-se pois que sob o nome geral de céltas se comprehendia um vastissimo territorio (que quasi todo se veio a chamar depois Lusitania) comprehendendo um grande numero de povos, sendo os mais notaveis os gravios, os presamarcos, os artabros, os lusitanos, os astures, os cantabros, os vacceos, os arevacos, os bracaros, os celerinos, os cérenecos, os espacos, os interamicos, os leunos, os limicos, os narbassos, os seurbos, os tamacanos, os turolos, os celtiburos, os pesures, os cintios, os eburones, os cuneus, e finalmente, ainda outros muitos povos cuja menção seria longa e abhorrecida.

Vide a antiga divisão da Lusitania, no final d'esta obra.

CEMÍDE ou **SEMÍDE**—villa, Douro, comarca da Louzan, concelho de Miranda do Côrvo, 14 kilometros de Coimbra, 193 ao N. de Lisboa, 730 fogos, 2:900 almas.

Em 1757 tinha 380 fogos.

Orago Nossa Senhora da Assumpção.

Bispado e districto administrativo de Coimbra.

E' terra fertil.

Ha aqui um magestoso convento de freiras bentas; eram ellas que apresentavam o cura da freguezia, que tinha de rendimento annual 60$000 réis. Foi couto.

No alto da serra de Cemide está o santuario do Senhor da Serra, muito frequentado ha mais de 300 annos.

Cemide é palavra arabe, significa a flôr da farinha.

D. Manuel lhe deu foral, em Lisboa, a 13 de janeiro de 1514. (*Livro dos Foraes Novos da Extremadura*, fl. 108 v., col. 2.ª)

É povoação muito antiga, pois já existia no tempo dos arabes.

E' situada no declive da serra do seu nome.

—

Foi senhor d'esta villa D. Anião da Estrada, fidalgo asturiano, fiel companheiro do conde D. Henrique e de seu filho, D. Affonso Henriques. Foi tambem senhor de Góes e seu termo. Teve dois filhos, D. João Anaya (que foi bispo de Coimbra) e D. Martinho de Anaya, que, com seu sobrinho, D. Gonçalo Dias (o *Cid*) fizeram prodigios de valor, na batalha de Ourique, em 25 de julho de 1139.

Estes dois irmãos, além do que tinham em Cemide, compraram terras a João Meliores e fundaram o referido mosteiro benedictino, em 1154. Este mosteiro e sua cêrca e dependencias, foi coutado por D. Affonso I, no mesmo anno.

D. Martinho Anaya, fundador do mosteiro, casou com D. Hermeneda, da qual teve um filho do mesmo nome do pae, que casou com D. Elvira Affonso, natural de Coimbra.

D'este casamento nasceram D. Marinha Martins, D. Urraca Martins e D. Elvira Martins, que todos casaram, e D. Sancha Martins, que professou.

O convento foi fundado para frades.

As tres filhas casadas, de D. Martinho Anaya e D. Elvira Affonso, tiveram muitos filhos e filhas: e como todos eram considerados *padroeiros*, e tinham de se sustentar do mosteiro, não deixavam nada para os pobres frades, que se viram na necessidade de deixar este convento e hir para outro da sua ordem, onde podessem viver.

Abandonado o convento, D. Sancha Martins (a 4.ª filha de D. Martinho) veio para elle com varias sobrinhas suas, formando communidade, e aqui professaram, a mesma regra de S. Bento, e n'elle falleceram. D. Sancha foi a primeira abbadessa.

Deu-se-lhes então o padroado e dizimos da egreja de S. Pedro e varias rendas, para sua sustentação, por escriptura publica de 1183. Estão n'ella assignadas 12 Anayas já freiras, e a tia (D. Sancha) já como abbadessa.

—

Em 1610, o bispo de Coimbra, D. Affonso de Castello Branco, removeu as freiras d'aqui, para o convento de Santa Anna, de Coimbra; mas, não estando ahi satisfeitas, voltaram para Cemide.

As freiras d'este mosteiro tiveram sempre um comportamento exemplarissimo e floresceram em todas as virtudes christãs.

CEM SOLDOS—freguezia, Extremadura, comarca, concelho e $2^1/_2$ kilometros de Thomar, 120 ao N. de Lisboa, 310 fogos.

Em 1757 tinha 300 fogos.

Orago Santa Maria Magdalena.

Patriarchado (por ser prelazia de Thomar) e districto administrativo de Santarem.

O real padroado apresentava o vigario (por ser a freguezia da commenda de Christo) que tinha de rendimento 100$000 réis.

Ha aqui a aldeia de Caldellas, que, segundo a tradição, são os restos da antiquissima cidade do mesmo nome (segundo outros *Caldede*.)

Ha aqui o convento de Santa Cita, que foi de recoletos de S. Francisco, do qual eram padroeiros os Abreus, descendentes do conde D. Mendo, irmão do ultimo rei dos longobardos, Desiderio, que ambos viveram entre os annos 700 e 760. D'este D. Mendo procedem não só muitas casas nobilissimas de Portugal, mas até quasi todas as familias reaes da Europa e a imperial brasileira, por D. Nuno Alvares Pereira. São seus descendentes (entre as primeiras) os Sousas, Abreus, Sequeiras, Forjazes, Pereiras, Gonçalves, Castros, etc., etc.

CENDUFE E RIO CABRÃO—freguezia, Minho, comarca e concelho dos Arcos de Val de Vez, 30 kilometros ao NO. de Braga, 390 ao N. de Lisboa, 125 fogos.

Em 1757 tinha 94 fogos.

Orago S. Thiago.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Vianna.

A mitra primacial apresentava o abbade, que tinha 300$000 réis de rendimento.

Rio Cabrão era ainda no fim do seculo passado uma freguezia independente, com 42 fogos, cujo orago era S. Lourenço, martyr. O reitor de S. Cosme e S. Damião de Ázere apresentavam o vigario, collado, que tinha de rendimento annual 120$000 réis.

—

Cendufe tinha antigamente o nome de Arcozêllo. Foi abbadia do convento de S. Domingos de Vianna, com reserva do ordinario.

Pouco acima do povo vêem-se vestigios de fortificações, no sitio ainda por isso chamado Crasto. Suppõe-se que era um castello ou *Castrum* romano, pois que têm n'este logar apparecido moedas romanas, de ouro e prata, de diversos imperadores.

Logo abaixo se descobriu uma *necropolis* (cemiterio) em que as sepulturas estavam divididas por paredes de pedra e cimento romano, e cobertas de terra.

—

A actual egreja matriz foi edificada á custa de um abbade d'esta freguezia, chamado Manuel Barbosa de Araujo.

Na aldeia de *Cenoi* houve um paço, que fez Martim Esteves, de Teixeira, e lhe juntou herdades que comprou, instituindo um vinculo, que ainda existia no tempo do rei D. Diniz.

Tanto a aldeia como a quinta mudaram de nome, e, por extincção da familia do instituidor, passou o vinculo a outra geração.

Este morgado tambem já deixou de o ser ha muitos annos.

CENTENAIRO — portuguez antigo, o espaço de cem annos. Tambem se dizia centenairo o que tinha um seculo,

CEPÃES — freguezia, Minho, comarca e concelho de Fafe, 24 kilometros ao NE. de Braga, 360 ao N. de Lisboa, 190 fogos.

Em 1757 tinha 125 fogos.

Orago S. Mamede.

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

Eram seus donatarios os condes de Unhão.

Foi antigamente honra, e depois concelho da comarca de Guimarães, e comprehendia parte das freguezias de Santa Christina e Farêja.

Situada em um alto.

Os frades bentos de Pombeiro apresentavam o vigario, que tinham 60$000 réis.

Rendia a egreja para os frades (que aqui recebiam os dizimos) 300$000 réis.

O infante D. Affonso Sanches e sua mulher D. Tareja, deram o padroado d'esta egreja ao mosteiro de Pombeiro, em 6 de outubro de 1313; por aqui estar sepultado seu sogro e pae, D. João Affonso de Albuquerque, conde de Barcellos. A honra era dos condes de Unhão. E' terra fertil.

Tinha juiz ordinario e dos orphãos.

Tem gado e caça.

Corre aqui o rio Bouças, que julgo se chamou antigamente *Rio de Moinhos*.

D. Affonso III, lhe deu foral, em março de 1251.

Em 1290, era S, Miguel o padroeiro d'esta freguezia. Não pude saber quando nem porque foi substituido (Vide *Inquerições de D. Diniz I*, d'esse anno.)

CEPEDA (ponte de) — vide Sousa, rio, Castellãos de Cepêda, Paredes (de Penafiel) e Aguiar de Sousa.

CEPÊLLOS — freguezia, Douro, comarca e concelho de Amarante, 60 kilometros ao NE. do Porto, 360 ao N. de Lisboa, 150 fogos.

Em 1757 tinha 136 fogos.

Orago Santa Maria, ou Nossa Senhora da Assumpção.

Bispado e districto administrativo do Porto.

Era antigamente da comarca de Guimarães, concelho de Sobre-Tâmega, ou Santa Cruz de Riba Tâmega, termo de Gouveia.

Eram seus donatarios os condes de Redondo.

A maior parte dos moradores vivem em uma rua chamada *Gouveia*, o resto da freguezia é em um monte, d'onde se vê Amarante, o castello de Celorico de Basto, o Marão e outras serras.

O ordinario apresentava o abbade, que tinha 300 alqueires de pão de 2.ª, 4 de trigo, 200 almudes de vinho verde, 10 almudes de azeite, os passaes e o pé d'altar, ao todo 210$000 réis.

Antigamente os frades bentos de Pombeiro alternavam a apresentação com o ordinario.

Havia aqui uma albergaria administrada pela Misericordia de Amarante, á qual instituiu e dotou D. Mafalda, mulher de D. Affonso I. Só tinha camas para passageiros e mais nada. (Foi vendida.)

É terra muito fertil.

Passa aqui o rio Tâmega.

Esta Gouveia de que aqui se trata teve termo proprio e foi villa, á qual D. Manuel deu foral, em Lisboa, a 22 de novembro de 1513.

Este foral servia tambem para Bocaya, Bomba, Fonte Arcada, Lourêdo, Lourosa, Mirelhe, Moz, Lomba, S. Salvador e Viveiros.

Eram estas povoações que constituiam o termo de Gouveia.

CEPÊLLOS ou **ÇAPÉLLOS** — freguezia, Douro, comarca de Oliveira de Azemeis, concelho de Macieira de Cambra, 48 kilometros a NE. de Aveiro, 6 a NE. de Oliveira de Azemeis, 15 a E. da Feira, 40 ao S. do Porto, 275 ao N. de Lisboa. 230 fogos.

Em 1757 tinha 105 fogos.

Orago S. João Baptista.

Bispado e districto administrativo de Aveiro.

É povoação antiquissima.

Era antigamente da comarca de Esgueira, ouvidoria da Feira. Depois passou a ser da comarca da Feira, depois da de Arouca; e em 1855 passou para a comarca de Oliveira de Azemeis; mas foi sempre do concelho de Cambra.

É da casa do infantado, por ter sido antigamente dos condes da Feira.

Mas o seu primeiro donatario foi o convento de monges de S. Bento, de Castromire, a quem foi doada esta egreja de Cepéllos, por D. Ordonho II e os fidalgos da sua côrte, em 922. (Vide Crestuma.)

Era a casa do infantado que apresentava o prior, que tinha 400$000 réis.

É terra muito fertil. Cria muito e optimo gado, produz muita manteiga, optimas vitellas e tem muita caça.

CEPINS ou **SEPINS**—freguezia, Douro, concelho e comarca de Cantanhede, 30 kilometros ao N. de Coimbra, 225 ao N. de Lisboa, 190 fogos.

Em 1757 tinha 181 fogos.

Orago S. João Baptista.

Bispado e districto administrativo de Coimbra.

O cabido da Sé de Coimbra apresentava o prior, que tinha de rendimento annual 200$000 réis.

CEPÕES—freguezia, Minho, comarca e concelho de Ponte do Lima, 35 kilometros a O. de Braga, 455 ao N. de Lisboa, 86 fogos.

Orago S. Thiago, apostolo.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Vianna.

Era antigamente da comarca de Vianna, termo de Ponte do Lima. Era annexa ao arcediagado da Labruja.

Situada em um valle.

O arcediago da Labruja apresentava *ad nutum*, o vigario, que tinha 10$000 réis, 2 alqueires de trigo, 5 almudes de vinho, o pé d'altar, e, de cada freguez 1 alqueire de milho e uma quarta de centeio, ao todo uns 60$000 réis.

Fertil. Muito e bom vinho. Cria bastante gado e ha por aqui muita caça.

É n'esta freguezia a torre de *Parada*, que foi de Martim Garcia de Parada, que viveu no tempo de D. Affonso Henriques. Esta familia extinguiu-se no Minho, e só ha descendentes d'ella no Alemtejo e em Traz-os-Montes. Aquelles ainda conservam o appellido de Parada, e estes são os actuaes Botêlhos. D'elles procedem os condes de S. Miguel e varias familias nobres do reino.

Da familia dos Paradas sahiram varões eminentes nas armas e nas lettras.

CÊPÕES—freguezia, Beira Alta, proximo e ao E. de Lamego (1:800 metros de distancia) 330 kilometros ao N. de Lisboa, 195 fogos.

Em 1757 tinha 150 fogos.

Orago Nossa Senhora do Rosario.

Bispado de Lamego, districto administrativo de Viseu.

Situada em um baixo.

O ordinario apresentava o cura, que tinha 70$000 réis.

CEPÕES—freguezia, Beira-Alta, comarca, concelho e 12 kilometros de Viseu, 294 ao N. de Lisboa, 330 fogos.

Em 1757 tinha 230 fogos.

Orago S. Thiago, apostolo.

Bispado e districto administrativo de Viseu.

O abbade era apresentado pelos Tabordas e tinha 450$000 réis.

Abundancia de milho grosso e castanha: do mais mediania.

Passa aqui o rio Vouga.

CEPOS—freguezia, Beira-Alta, comarca e concelho d'Arganil, 240 kilometros ao N. de Lisboa, 85 fogos.

Em 1757 tinha 46 fgos.

Orago S. Sebastião.

Bispado e districto administrativo de Coimbra.

Era antigamente da comarca de Coimbra, termo d'Arganil.

Situado em um monte.

O reitor do *Collegio-Novo* (da Sapeincia) dos cruzios de Coimbra apresentava o cura, que tinha 35$000 réis. Pouco fertil.

CERAME—logar sombrio e ameno. E' a

palavra arabe *çarame*, derivada do verbo *çarama*, cortar ramos para fazer uma cabana, ou cobrir algum logar.

CÉRAS — aldeia, Extremadura, 12 kilometros ao N. de Thomar, antigamente Céra.

Arrazada a antiquissima cidade de Nabacia (Thomar) pelos arabes, em 715, esteve deserta até fevereiro de 1159, em que D. Affonso I fez d'ella doação aos templarios, que a vieram povoar.

Era então mestre da Ordem do templo D. Gualdim Paes, grande privado do rei, que o tinha creado e armado cavalleiro. Residia elle com os cavalleiros da sua ordem no castello de Céras (derivado da deusa Céres, por ser sitio de muitas cearas) em um antigo castello, que o rei lhe tinha dado e que elle havia reedificado.

Como, apesar dos concertos, o castello não era muito forte, D. Gualdim Paes, e os seus cavalleiros, examinando as ruinas de Nabancia, que o rei lhes havia dado, escolheram um monte que está na margem opposta do rio Nabão (ao O) e principiaram a fundar um novo castello, no primeiro de março de 1160, e, concluido elle, abandonaram o de Céras.

Ainda existem vestigios d'este castello, e junto a elle está a aldeia de Céras.

Vide Thomar e Templario.

CERCAL — villa, Alemtejo, comarca e concelho d'Odemira, 105 kilometros d'Evora, 130 ao SE. de Lisboa, 510 fogos, 2:000 almas, no concelho (que foi extincto em 1855) 820 fogos.

Em 1757 tinha 240 fogos.

Orago Nossa Senhora da Conceição.

Bispado e districto administrativo de Beja.

Feira a 29 de junho e a 18 de outubro, 3 dias.

Era antigamente do termo de Villa-Nova-de-Mil-Fontes, e do arcebispado d'Evora, comarca d'Ourique.

O tribunal da Mesa da Consciencia apresentava o prior, que era freire da Ordem de S. Thiago, e tinha 10$000 réis, 2 moios de trigo e 90 alqueires de cevada.

É tera fertil.

A agua da Fonte-Santa é abundante, e dizem que cura varias molestias.

CERCAL — Tambem lhe chamam *Cerceal*, freguezia, Extremadura, comarca d'Alemquer, concelho do Cadaval, 70 kilometros a NE. de Lisboa, 105 fogos.

Em 1757 tinha 86 fogos.

Orago S. Vicente.

Patriarchado e districto administrativo de Lisboa.

Era antigamente da comarca de Torres-Vedras, termo da villa do Cadaval. Foi tambem do concelho d'Alcoentre.

Egreja pequena e com um só altar. O patriarcha presentava o cura, que tinha 60 alqueires de trigo, 30 de cevada e 52 almudes de vinho, ao todo uns 30$000.

Tem uma albergaria.

É terra fertil.

Tinha juiz da vintena, sujeito ás justiças do Cadaval.

Distante do logar, para o N, ha uma lagôa que cria muitas e bôas sanguessugas.

Ha aqui uma fabrica de louça ordinaria.

CERCIO — freguezia, Traz-os-Montes, comarca e concelho, e proximo de Miranda, 48 kilometros de Bragança, 468 ao N. de Lisboa, 50 fogos.

Em 1757 tinha 70 fogos.

Orago Santa Leocadia.

Situada sobre uma fraga, d'onde se vê terra do bispado de Samóra, na Castella.

Era annexa á freguezia de Duas Egrejas, cujo abbade apresentava aqui o cura annualmente, e tinha este 8$000 réis e o pé d'altar.

É terra fertil.

Ao fundo do logar ha uma fonte de cantaria, feita em arco, a cuja agua se attribue a virtude de curar a dôr de pedra.

Tinha juiz pedaneo, sujeito ás justiças de Miranda.

Passa pela freguezia o rio Douro, que tem aqui curso arrebatado.

Está outra vez annexa á freguezia de Duas Egrejas.

CERCOSA — freguezia, Beira-Alta, comarca de Santa Comba Dão, concelho de Mortágua, 240 kilometros ao NE. de Lisboa, 120 fogos.

Em 1757 tinha 38 fogos.

Orago Nossa Senhora da Conceição.

Bispado de Coimbra districto administrativo de Viseu.

Antigamente era do concelho da Mortágua, mas da comarca de Viseu.

O prior do Carvalho apresentava o cura.

A actual capella de S. João Baptista era a primittiva matriz da freguezia.

É terra fertil. Cria muito gado e caça.

CERDAL — freguezia, Minho, comarca e concelho de Vallença, 54 kilometros a NO de Braga, 408 ao N. de Lisboa, 480 fogos.

Em 1757 tinha 331 fogos.

Orago Santa Eulalia.

Arcebispado de Braga districto administrativo de Vianna.

Situada em terreno accidentado e fertil. Feira no primeiro do novembro, 3 dias.

É n'esta freguezia a quinta do morgado de Cubes, familia das mais antigas e mais nobres do reino.

N'esta quinta está a torre (arruinada) solar dos Bacellares (Vide Cubes.)

O bailio de Malta, apresentava o abbade, collado. Era *tornaria* em 3 vidas, duas dos bailios, e uma do mosteiro de Ganfei. Era beneficio simples, que rendia 600$000 réis.

Foi abbadia dos Telles Vieiras, descendentes de Gabriel Pereira de Castro, pelos Caldas, de Vascões. Tinha duas vidas, tanto na abbadia curada, como na terça, que era simples. A outra vida era do convento benedictino de Ganfei (proximo e ao ENE. de Vallença) isto é, tinha a egreja dois padroeiros, os Telles (descendentes dos bailios de Malta) apresentavam em duas vidas successivas, de abbades, e o convento em uma.

O abbade *simples* desfructava a renda, sem outra responsabilidade ou trabalho mais que recebel-a e gastal-a.

Em tempos remotos era esta freguezia apresentada pelos Barbosas de Aboim, Garcias, Gondins, Pereiras e outros, por herança; mas os Telles Vieiras lhe tiraram o padroado por demandas que por muitos annos litigaram, e estão no archivo da Sé de Braga.

—

Affonso Gil Martins (morgado de Cubes e Mira, de que fallo em Cubes) casou com D. Mecia Gil. D'este casamento nasceu Vasco Gil Bacellar, que casou com D. Helena Gomes de Abreu (da casa e couto de Abreu, na freguezia de Moruffe). Foi filho d'estes, Ruy Vaz Bacellar, grande capitão e famoso guerreiro, do tempo de D. João I e D. Affonso V, já na Africa, já nas guerras contra os castelhanos; pelo que D. Affonso V lhe confirmou os senhorios, por carta regia de 17 de março de 1476, datada de Toro.

D'estes procedem os Malheiros de Ponte de Lima, os Pereiras da Cunha, de Vianna, os Sotto-Maiores, do Minho, os Cunhas, de Monção, e muitas mais familias nobres de Portugal.

Houve tambem no logar de Gondim, d'esta freguezia, a torre e casa solar, chamada paço de Gondim, com cuja pedra se fez uma prêsa d'agua e alguns assentos. Foi vinculo, instituido por um fidalgo francez, da familia de Contin, de que procedem grandes principes. Este Mr. Contin, veio para Portugal ajudar os nossos primeiros reis a expulsar os mouros, d'este reino. De Contin procede o nome de Gondim. O primeiro que usou este appellido, foi Garcia de Gondim.

Em Alderête de Cima vivia a familia dos Garcias, ligada, por parentesco, com os Gondins. Esta aldeia de Alderête de Cima, foi honra, e veio depois a poder de um simples lavrador, vendo-se ainda hoje no portal da sua casa, duas garças, pegadas uma á outra, que são as armas d'estes Garcias.

Ha tambem n'esta freguezia a honrada casa do Fôjo, que procede dos Caldas, de Vascões, com uma capella dedicada a Sant'Anna. São fidalgos da casa real. D'esta familia procedem os Caldas de Villa Nova da Cerveira (Caldas Osôres) e outros Caldas, do Minho.

Ha a casa da Deveza, que foi dos Pereiras Caldas. Está hoje, por compra, em *arvore estranha*.

A capella de S. João, foi antigamente do padre Antonio Rodrigues, e tem patrimonio, que lhe fez Gaspar Pereira e sua mulher, por os seus terços.

A casa da Lameira, d'esta freguezia, está hoje unida com a de Mantelhães, em Coura. Vem-lhe por Bento Soares Barbosa, da freguezia da Gandara, casado que foi com D. Maria de Sousa, e 5.º avô de João Pereira de Azevedo, casado com D. Ignez Barbosa.

Os Caldas, e Soares de Azevedo, de Bra-

ga, e outros muitos do Minho, são ramos d'esta familia.

—

Está n'esta povoação o convento de frades franciscanos, de Nossa Senhora de Mosteirô, da provincia da Conceição, fundado por Diogo Arias, fr. Pedro e fr. Gonçalo, quando deixaram a provincia de S. Thiago, para obedecerem ao verdadeiro pontifice, Urbano VI, a quem seguia Portugal, sendo a Hespanha do partido do anti-papa Clemente VII. Isto em 1382.

Fr. Gomes do Porto, foi que instituiu os recoletos. Passou a observantes e depois á provincia de Santo Antonio, em 1568; e ultimamente, para a Conceição.

Foi este o primeiro convento que houve em Portugal, pertencente á provincia de Santo Antonio dos Capuchos da Observancia, cuja regra teve começo no principio do seculo XV, reinando D. João I.

Era padroeiro, seu filho bastardo o infante D. Affonso; depois passou para a casa de Villa Real, e por fim para o ordinario.

O *Sanctuario Marianno* (tomo 4.°, liv. 10.°, tit. 19.°, pag. 98) diz que houve aqui um mosteiro de eremitas de Santo Agostinho, no tempo dos godos; que abandonaram o mosteiro (os monges) em 715, pela invasão dos mouros. Que quando fugiram, deixaram escondida a imagem da Santissima Virgem, que só foi descoberta no tempo de D. Ramiro II, de Leão, pelos annos de 940. Que logo que foi achada a santa imagem, a condessa Mumadona (tia do rei) erigiu, no sitio do apparecimento, um mosteiro da ordem benedictina; mas que, havendo uma grande peste, os frades abandonaram o convento.

Ficou na egrejinha do mosteiro, apenas um eremitão. O convento foi reduzido a cinzas, por um incendio, ficando apenas intacta a ermida.

Esta ermida ficava pela parte de baixo das escadas que vão para Gozende. Hoje nada d'ella já existe, mais do que a hastea do cruseiro.

Dizem outros que era no sitio onde nasce a fonte de Santo Antonio.

Foi pois, pouco mais ou menos, no sitio do antigo mosteiro de benedictinos que em 1392, sendo já pontifice Bonifacio IX, os referidos Diogo Arias e seus companheiros fundaram o novo convento, com licença da curia romana; dando-lhe Martim, solteiro, natural de Vallença do Minho, o terreno para a egreja. Muitos proprietarios d'aqui, deram aos fundadores terras para se fazer o mosteiro e a cêrca. Esta era tão pequena, que os monges se serviam da matta de fóra para as lenhas d'este convento e do da Insua.

Com o andar dos tempos, estes dois conventos se tornaram senhores da matta que estava fóra da cêrca e de alguns baldios que a camara de Vallença lhes tinha dado; mas depois, por accôrdo com a mesma camara, deram isto ao conde de Vallença, marquez de Villa Real, em 1585.

Era então geral da Ordem, fr. Francisco de Gonzaga (italiano) que auctorisou esta doação, mas pediu ao marquez que, por esmola, deixasse este convento e o da Insua irem alli buscar lenha para as suas cosinhas, a que o marquez annuiu de boa vontade, com a condição de os frades plantarem arvores em toda a matta ou coutada, onde as não houvesse, e não déssem lenha a ninguem.

O ouvidor Mathias Nunes Botelho, tomou conta d'isto, em nome do novo senhor, e fez-se a demarcação, assistindo o mesmo ouvidor e a camara, em 14 de julho d'esse mesmo anno.

Como era de lei e costume, foram citados os donos das propriedades confinantes, que eram os moradores dos logares de Cerdal e Thaião, para reclamarem, se tivessem motivo; mas ninguem se oppoz.

Tornemos ao mosteiro.

Desde 1392 até 1557, era um pequeno e pobre edificio, onde mal se agasalhavam os frades. N'este ultimo anno, estando tudo muito arruinado, e sendo provincial fr. Diogo de Ancêde, e guardião fr. Affonso de Albuquerque, se resolveu reedificar o mosteiro, o que n'este anno se levou a effeito; mas com tanta pobreza e maus materiaes, que em 1729 já estava outra vez tudo arruinado. Reedificou-se então tudo, e, em quanto duraram as obras, se dizia missa e celebra-

vam os outros officios divinos na casa do capitulo, que Gil Velho, alcaide-mór de Vallença, e sua mulher, D. Constança de Abreu, haviam dado ao mosteiro, e n'elle estão sepultados. Estes Gil Velho e mulher, e os que lhes succederam no padroado, José Soares Pereira e Pedro de Sousa Pereira, são os progenitores do sr. Simão Pereira Velho de Moscoso, senhor da magestosa casa da Brejoeira.

Estes davam annualmente 800 réis para a fabrica da egreja do mosteiro, até 1743, em que desistiram do padroado, que, desde então, ficou vago.

Os marquezes de Villa Real davam aos frades, annualmente, para vacca, 12$000 réis.

D. Affonso V, por carta régia, datada do Porto, em 13 de dezembro de 1465, ordenou que a pessoa encarregada pelos frades de lhes receber as esmolas, fosse isenta de pagar fintas e de exercer qualquer emprego publico.

O mesmo rei, por provisão tambem passada no Porto, em 22 de julho de 1476, deu as mesmas isenções a um criado dos frades.

Foi este mesmo rei que deu o titulo de guardião ao superior, que até então se intitulava vigario, e de mosteiro ao convento, que até esse tempo era uma simples vigararia.

Todos estes privilegios foram confirmados por D. João II, em Evora, a 24 de julho de 1482; e por D. Manuel, em Vallença, a 16 de novembro de 1502.

D. João IV mandou dar a este convento, pelo almoxarifado de Vianna, 26 cantaros (um quarto, se dizia n'esse tempo) de azeite, por carta régia datada de Lisboa, em 8 de julho de 1647.

Tinha o convento muitas rendas e legados, que foram dados por particulares, e pelos marquezes de Villa Real, e depois pelo duque de Caminha, filho do ultimo marquez de Villa Real; mas, sendo ambos supplicados por traidores (vide Caminha) passou o padroado d'este mosteiro para o infantado.

A imagem de Nossa Senhora das Dôres foi feita em 1823. Tem uma irmandade, que fundou fr. João de S. Thiago, da freguezia de Campos.

O orgão era o melhor da provincia, mas foi tirado da egreja (não sei porque titulo) e está em poder de um particular, mas escangalhado.

A egreja não é grande, mas é das melhores da provincia.

Apesar da pobreza d'este convento, em 1577 e 1630, que foram dois annos de fome por estas terras, nunca n'esta casa abençoada faltou o alimento para os religiosos e para todos os pobres da visinhança, que alli iam matar a fome; o que todo o povo attribuia a milagre da Divina Providencia.

Deu este mosteiro muitos religiosos de extremada virtude, e não poucos de muito saber e eloquencia.

Foi collegio, mas com a creação dos conventos de Melgaço, Monção, Arcos de Valle de Vez e S. Francisco (de Tuy, na Galliza) lhe escassearam os meios, findando em 1787.

No principio só tinha 12 frades, mas por fim tinha 20.

—

No sitio do Córgo, d'esta freguezia, no logar de Paços, tem apparecido uma grande massa de madeiras podres (algumas com o cerne ainda são) que, ardendo, expelle uma materia betuminosa e pessimo cheiro. Supponho que é lenhites que não attingiu o estado de carbonisação completo. Foi isto descoberto em escavações que se fizeram para construir uma fabrica de telha.

Por baixo d'esta materia (do tal carvão fossil imperfeito) ha uma camada d'argilla, boa para louça; mas tão cheia de alumina, que se não poderia empregar n'esta industria, sem ser misturada com outro barro mais simples.

Na primeira camada de lenhites se encontram troncos de grande espessura e tamanho, de uma especie de pinheiro; mas muito differente dos pinheiros que este paiz produz actualmente. Alguns ainda conservam a casca, e até se acham pinhas do tamanho de um ôvo de gallinha, com pinhões do tamanho de sementes de linho.

Tambem aqui apparecem uns globos que parecem de breu (alguns do pêso de 90

grammas) formados de materia sulphurosa.

Encontram-se por estes sitios certos pedaços de uma materia pesada e com apparencia de bronze, quebradiço, e que, exposto ao fogo, faz chamma mas não se derrete. É de certo sulphureto arsenioso.

Tem-se aqui tambem achado varios globos de ferro completamente oxidado, e com um orificio. São evidentemente bombas ou granadas que a acção do tempo decompoz.

—

Teve esta freguezia tres fortes: o de Paços, que é o que está mais bem conservado; o de Bacellar, onde se vêem duas pias, circulares, de pedra, e um pombal (ou cousa similhante) da mesma fórma e de 5m,50 de diametro; e pequenas mós de pedra (picarneis) que os arabes empregavam para moêr os minerios de ouro e prata; e pouco abaixo d'este forte se têem achado tijolos, muito maiores e mais grossos do que os que hoje se fazem. O terceiro forte é o de Eima e Pou, ao N. de Mosteirô. Tem uns fossos profundissimos, por onde correm dois regatos e é rodeado de um emmaranhado e escuro bosque.

Dos dois ultimos apenas ha vestigios.

—

A primeira vez que aqui appareceu a tal lenhites, foi pelos annos de 1816; mas a grande massa de madeiras fosseis foi descoberta em 1840.

Muitos dos troncos tinham as suas raizes; o que mostra terem sido arrancados por algum cataclysmo em tempos remotissimos, provavelmente anti-diluvianos.

Estes troncos assentam em uma grossa camada d'argilla, e estão *encaixilhados* em seixos rolados. O sitio é pantanoso e pertence á classe dos terrenos a que os geologos chamam *secundarios* ou de *aluvião*.

Ha pois bons fundamentos para acreditar, que a vasta bacia que se estende desde Caminha até S. Pedro da Torre, na margem esquerda do rio Minho, e mesmo todo o vasto terreno baixo que jaz proximo ao rio, entre Vallença e Monção, esteve por muitos seculos coberto pelo mar.

—

Ha n'esta freguezia a aldeia de Gondelim, que foi da freguezia de Ferreira, de Coura. Consta que passou para esta freguezia, porque, estando perigosamente doente um individuo d'esta aldeia, o abbade de Ferreira se negára a vir ministrar-lhe os sacramentos, desculpando-se com ser de noite, em occasião de tempestade e serem os caminhos, por ingremes, perigosos. Em vista d'isto foi chamar-se o abbade do Cerdal, que promptamente se prestou a acudir ao enfermo com os soccorros espirituaes.

Queixando-se o povo de Gondelim ao arcebispo de Braga, por este acontecimento, elle castigou o abbade de Ferreira, tirando-lhe esta aldeia, e dando-a ao abbade do Cerdal, para sempre, em premio da sua sollicitude.

CERDEDELLO ou **SERDEDELLO**—freguezia, Minho, comarca e concelho de Ponte do Lima, 30 kilometros ao O de Braga, 375 ao N. de Lisboa, 145 fogos.

Em 1757 tinha 132 fogos.

Orago Santa Martha.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Vianna.

Era antigamente da comarca de Vianna, termo de Ponte do Lima, visita de Nóbrega e Neiva.

Situada entre os montes de Lousado e Agrella, que a dividem do antigo couto de Gouduffe. D'aqui se vêem as torres de Ponte do Lima.

O arcebispo de Braga apresentava o reitor, que tinha 40$000 réis e o pé d'altar.

Fertil, e tem muita caça.

Houve aqui um mosteiro de freiras bentas, fundado no seculo XI ou XII. O arcebispo D. Fernando da Guerra, com breve do papa Martinho V, o converteu em abbadia secular, em 1425, unindo-lhe a freguezia de Suconforto (S. João). As freiras, com a sua abbadessa, terminaram seus dias a pedir esmola por Ponte do Lima.

Esta egreja passou pouco depois a ser uma commenda da Ordem de Christo.

Ha n'esta freguezia uma confraria denominada do Sanctifissetur.

CERDEDO e **CASARES**—freguezia, Traz-os-Montes, comarca de Bragança, antigo concelho de Santalha, hoje comarca e concelho

de Vinhaes 490 kilometros ao N. de Lisboa, 15 fogos.

Em 1757 tinha 11 fogos.

Orago Nossa Senhora d'Assumpção.

Bispado e districto administrativo de Bragança.

Foi antigamente da comarca de Miranda, termo de Vinhaes.

Era dos condes d'Atouguia.

Situada em uma ladeira, proximo da raia de Castella, com bôas vistas. Fertil.

O reitor de Santalha (ou Santavalha) apresentava o cura, que tinha 25$000 réis com obrigação de dizer missa alternativamente n'esta freguezia e na de Casares, sua annexa, da qual tambem era cura. Estas duas pequenas freguezias são divididas por um ribeiro anonymo.

Cerdêdo, e Casares, estão ha muitos annos unidas á freguezia de Montouto.

Vide Casares e Montouto.

CERDÊDO—freguezia, Traz-os-Montes, comarca de Montalegre, concelho das Boticas, 54 kilometros ao NE. de Braga, 415 ao N. de Lisboa, 40 fogos.

Em 1757 tinha 36 fogos.

Orago S. Thiago, apostolo.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Villa Real.

Situada em terreno accidentado, mas fertil.

A casa de Bragança apresentava o abbade, que tinha de rendimento 160$000 réis.

CERDEIRA—freguezia, Douro, comarca e concelho de Arganil, até 1855 foi do concelho de Coja, que foi então supprimido. 54 kilometros de Coimbra, 240 ao N. de Lisboa, 120 fogos.

Em 1757 tinha 75 fogos.

Orago Santo Antonio.

Bispado e districto administrativo de Coimbra.

Chamava-se vulgarmente, Cerdeira de Cója. É terra fertil.

Era antigamente da provedoria da Guarda, correição de Viseu, termo de Cója.

Situada em campina.

O vigario de Cója apresentava o cura, que tinha 10$000 réis, 10 alqueires de trigo, 10 de centeio e 2 almudes de vinho.

Tem foral, dado por D. Jorge de Almeida, bispo-conde, em Coja, a 15 de dezembro de 1505. Confirmado por D. Manuel, no foral do bispado de Coimbra, dado em Lisboa, a 12 de setembro de 1514.

CERDEIRA—freguezia, Beira Baixa, comarca do Sabugal, concelho de Almeida, 70 kilometros de Viseu, 325 ao E. de Lisboa, 65 fogos.

Em 1757 tinha 74 fogos.

Orago Nossa Senhora da Visitação.

Bispado de Pinhel, districto administrativo da Guarda.

Sendo supprimido o antiquissimo concelho de Castello Mendo, em 1855, passaram as freguezias que o compunham para o concelho do Sabugal; mas, em dezembro de 1870, todas as freguezias do extincto concelho de Castello Mendo passaram para o concelho de Almeida. Todavia no decreto não vejo comprehendida esta freguezia, com certeza por érro ou esquecimento de quem redigiu o decreto.

É hoje pois do concelho de Almeida.

(Vide Castello Mendo.)

Era antigamente da comarca de Pinhel.

Situada em um valle.

O D. abbade dos frades bernardos de Santa Maria de Aguiar apresentava o vigario, que tinha 24$000 réis, 50 alqueires de centeio, 27 1/2 de trigo e 2 1/2 almudes de vinho, tudo pago pela commenda, que era do conde-meirinho-mór (conde do Sabugal e Obidos.)

Na capella da Senhora do Monte havia 6 feiras (e não sei quantas hoje ha) que eram, a 25 de março, 15 de agosto, 8 de setembro, dias da Annunciação, da Natividade e da Assumpção de Nossa Senhora.

É terra fertil.

Ha aqui um forte pequeno ou atalaia.

Réga a freguezia a ribeira de Noéme, á qual se junta um ribeiro anonymo.

Tinha foral, dado por D. Affonso III, em Murça, no 1.º de maio de 1253.

CEREJÁES—freguezia, Traz-os-Montes, comarca de Moncôrvo, concelho de Alfandega da Fé, 395 kilometros ao N. de Lisboa, 65 fogos.

Em 1757 tinha 79 fogos.

Orago S. Paulo, evangelista.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Bragança.

Era antigamente da comarca e termo de Moncôrvo, depois foi, até 1855, da de Chacim, e sendo esta supprimida, passou para a de Moncôrvo.

Foi dos marquezes de Tavora até 1759, passando então para a corôa.

Situada em alto, d'onde se vêem varias povoações.

O reitor da freguezia de S. Pedro, da villa de Alfandega da Fé, apresentáva o cura, annualmente, e lhe dava 8$000 réis, 2 almudes de vinho e 2 alqueires de trigo. Cada morador lhe dava tambem meio alqueire de trigo.

E' terra pouco fertil.

Cria muitas ovelhas, que produzem finissima lan.

Tem 18 fontes, que quasi sempre seccam na estiagem, sendo então a terra falta de agua.

Corre proximo o rio Sabôr.

CEREJO ou **SEREJO** — freguezia, Beira Baixa, comarca e concelho de Pinhel, 60 kilometros a SE. de Viseu, 310 ao E. de Lisboa, 130 fogos.

Em 1757 tinha 95 fogos.

Orago Santa Maria Magdalena.

Bispado de Pinhel, districto administrativo da Guarda.

O cabido da Sé de Viseu e depois o de Pinhel, apresentavam o abbade, que tinha de rendimento 230$000 réis.

CERIZ (S.) ou **S. CYRIACO** — pequena villa, Traz-os-Montes, comarca de Miranda, 420 kilometros ao N. de Lisboa, 30 fogos.

Orago S. Cyriaco.

Bispado e districto administrativo de Bragança.

Situada em uma baixa.

É terra fertil.

O cabido da Sé de Miranda apresentava o cura, que tinha 6$000 réis, 3 almudes de vinho e 3 alqueires de trigo.

Era concelho, com camara e juiz ordinario, escrivães, etc., etc. Foi supprimido ha muitos annos, assim como a freguezia.

Tinha foral, dado por D. Diniz, em Lisboa, a 24 de julho de 1285. (*Livro 1.º de Doações do sr. rei D. Diniz*, fl. 140, col. 2.ª)

D. Manuel lhe deu foral novo, sem data, e está no *Livro dos foraes novos de Traz-os-Montes*, fl. 73, col. 2.ª Veja-se tambem a inquirição para o foral novo no *Corpo Chronologico*, parte 2.ª, maço 11, documento 154.

O foral novo, sem data, remette-se ao foral de Miranda, que foi dado por D. Mannel, em Santarem, no 1.º de junho de 1510; e por consequencia é posterior a este o que se havia dado a S. Ceriz.

CERNÁCHE ou **SERNÁCHE DOS ALHOS** — villa, Douro, comarca, concelho e 8 kilometros ao S. de Coimbra, 195 a N. de Lisboa, 550 fogos.

Em 1757 tinha 111 fogos a villa, e toda a freguezia 353.

Orago Nossa Senhora da Assumpção, ou d'Alegria.

Bispado e districto administrativo de Coimbra.

Situada em planicie. É terra fertilissima.

Era dos condes de Athouguia.

O prior tinha duas terças partes dos dizimos, e o cabido de Coimbra a outra terça parte. Era apresentada alternativamente pelos condes donatarios (de Athouguia) e pelo dito cabido. Tinha 600$000 réis.

Foi concelho, e tinha camara, 2 juizes ordinarios, procuradores de concelho, escrivães e mais beleguins; juiz dos orphãos e seu escrivão, um tabellião, um alcaide e uma companhia da *bicha*.

D. Manuel lhe deu foral, em Lisboa, a 15 de setembro de 1514. (*Livro dos foraes novos da Extremadura*, fl. 73 v., col. 1.ª)

Chama-se dos alhos, pela grande abundancia que aqui ha d'elles.

Para a etymologia, vide Serna.

CERNÁCHE (ou SERNÁCHE) DO BOM JARDIM — freguezia, Beira-Baixa, comarca, concelho, e 10 kilometros da Certã, 180 ao E. de Lisboa, 560 fogos.

Em 1757 tinha 109 fogos.

(Parece que é êrro do *Portugal Sacro*, porque o padre Cardoso lhe dá 500 fogos em 1750, e não podia diminuir 391 fogos em 7 annos.)

Orago S. Sebastião.

Está no espiritual annexa ao patriarchado — districto administrativo de Castello Branco.

É do grão priorado do Crato, *nullius dioecesis*.

O reitor tinha 2$000 réis, 1 moio de trigo, 20 almudes de vinho e uma arroba de céra, ao todo uns 80$000 réis.

Tinha dois coadjutores, um com 1 moio de trigo, 1 de centeio, uma pipa de vinho, meia carga d'uvas e 3 alqueires de azeite; o outro tinha 15½ fangas de trigo, 13 de centeio, 15 almudes de vinho, meia carga d'uvas, 8 alqueires de azeite, e 2$000 réis por ensinar a doutrina. Tudo era apresentado pelo grão prior do Crato.

É uma lindissima e fertil aldeia, situada em planicie, coberta de opulenta vegetação; e toda a freguezia muito abundante de aguas e fertil em todas as producções agricolas. Cria muito gado. Nos seus montes ha muita caça.

Feira a 20 de agosto.

—

Aqui nasceu o immortal varão D. Nuno Alvares Pereira (o condestavel) em 25 de junho de 1360. Era filho do prior do Crato D. Alvaro Gonçalves Pereira. Pelo pae era descendente dos reis da Lombardia, e pela mãe, de D. Bermundo II de Leão. Foi o 2.° condestavel do reino. Foi armado cavalleiro pela mão da propria rainha, D. Leonor Telles de Menezes.

Morreu (no convento do Carmo, de Lisboa, que tinha fundado, e onde se tinha recolhido) no 1.° de novembro de 1430. D. João I e seus filhos assistiram ás exequias.

Quando estava no convento do Carmo, tantas obras de caridade fazia, que todo o povo lhe dava o nome de *Santo*.

As *Chronicas Contemporaneas* trazem umas *trovas* feitas ao *Santo condestebre* e que o povo de Lisboa cantava no seu tempo, que dizem:

O gran condestabre
Em o seu moesteiro,
Dá-nos sua sôpa,
Mail'a sua roupa,
Mail'o seu dinheiro.

A bençon de Deos
Caiu na caldeira
De Nun'Alv'res Pereira,
Que avondo creceu,
E todo lo deu.

Se comer queredes
Non vades alem,
Don, menga non tem;
Ahi comerêdes,
Como lo bebêdes. etc.

—

Em 1441, os *Trez-Estados* e os bispos de Portugal, pediram a Urbano IX, e em 1647 a Clemente X, para que D. Nuno fosse canonisado; mas de ambas as vezes os embaixadores hespanhoes taes tricas empregaram, que nada se poude conseguir.

> Tal era o odio que os castelhanos tinham a este inclito varão, que nem o lapso de 300 annos o poude obliterar!

Pois merecia bem ser canonisado, porque sendo um bravissimo guerreiro, era ao mesmo tempo muito caritativo e bemfasejo e tinha uma alma nobilissima.

Anda-se agora de novo tratando em Roma da sua canonisação.

Portugal tem tido grandes homens, mas ninguem ainda fez tantos e tão assignalados serviços á sua patria como este guerreiro illustre. Na edade de 25 annos, contribuiu poderosamente para a gloriosissima victoria de Aljubarrota, e por muitas vezes derrotou os castelhanos, em batalhas sanguinolentas.

D. João I, que quasi lhe devia a corôa, o amava com amor de irmão, e o encheu de honras e riquezas. Foi o 2.° condestavel do reino. Em premio das suas assombrosas proezas em Aljubarrota, foi feito conde de Ourem. Pela victoria de Val-Verde, foi feito conde de Barcellos. Foi tambem conde de Arrayolos. O rei o fez mordomo-mór do paço e lhe deu o senhorio de 60 villas acasteladas! Se ninguem o poude egualar em serviços, tambem ninguem o egualou em honras e riquezas. Além d'isto o rei casou seu filho natural, D. Affonso, com a filha unica de D. Nuno, D. Beatriz. Este D. Affonso foi o 4.°

duque de Bragança, e tronco de quasi todas as familias reinantes da christandade.

A sua primeira victoria foi na batalha dos Atoleiros, na qual derrotou os castelhanos, commandados por seu irmão, o traidor Pedro Alvares Pereira.

Entrando por Castella, derrota em Valverde 30:000 castelhanos commandados por os grão-mestres das ordens militares, morrendo o da Ordem de S. Thiago (5 de outubro de 1385).

Finalmente, taes proesas obrou, que bastava dizer-se: — *Ahi vem o Condestavel!* — para os castelhanos fugirem espavoridos.

—

Vide Aljubarrota, Barcellos, Flor da Rosa, Guarda e Lisboa.

—

Ha n'esta freguezia um seminario, mandado construir por D. João VI, nos fins do seculo XVIII (quando ainda era principe regente) e que pertencia á *Congregação das Missões*. É actualmente o *Collegio das Missões Ultramarinas*.

É um edificio magestoso, apesar de incompleto, tendo na frente 28 janellas, que deitam para um lindo pateo.

A egreja d'este collegio é ampla, sumptuosa e magnificamente ornada.

Tem uma linda e fertilisissima cêrca, muito abundante d'aguas.

O governo, porém, tem feito muito pouco caso d'isto, e, se lhe não acodem os particulares, vae indo até se desmantelar.

Ha tambem n'esta freguezia a linda vivenda da *Quinta das Aguias*, que era um convento de frades. O edificio do convento está agora transformado em palacio. A antiga cêrca dos frades, hoje transformada em *quinta*, é vasta, muito abundante de aguas e fertilissima. (Vide Certan.)

—

D. Gonçalo Pereira, arcebispo de Braga (irmão de D. Vasco Pereira, progenitor dos dos condes da Feira) sendo estudante em Salamanca, teve de uma nobre dama, chamada D. Thereza Pires, a D. Alvaro Gonçalves Pereira, pae do Grande D. Nuno Alvares Pereira.

Este arcebispo era tambem um bravissimo militar. Nas guerras que houve em 1336 com os castelhanos, entrou D. João de Castro, governador da Galliza, pela provincia do Minho, com um grande exercito castelhano, roubando e queimando tudo.

Sahiu-lhe ao encontro o bravo arcebispo, com alguns portuguezes que á pressa poude juntar, e os derrotou completamente, com morte do general inimigo, tomando-lhes todos os roubos que elles tinham feito e todas as suas bagagens. Teve logar esta batalha no 1.º de junho de 1336.

O arcebispo morreu a 6 de março de 1348 e jaz em uma nobre capella, mandada fazer por elle mesmo na Sé de Braga.

CERNADA ou SERNADA—Vide Serna.

CERNADELLA—freguezia, Traz-os-Montes, comarca de Chacim, concelho dos Cortiços, até 1855, e desde então é da comarca e concelho de Macedo de Cavalleiros, 60 kilometros de Miranda, 420 ao N. de Lisboa, 50 fogos.

Em 1757 tinha 60 fogos.

Orago a Apparição de S. Miguel.

Bispado e districto administrativo de Bragança.

Era antigamente da comarca da Torre de Moncorvo, termo de Cortiços.

O reitor de Cortiços apresentava o cura, que tinha 50$000 réis.

Passa aqui uma ribeira que quasi sécca no verão.

É terra fertil.

Esta freguezia está ha muitos annos unida á dos Cortiços. (Vide Cortiços.)

O nome d'esta freguezia é derivado de *Serna*, que no antigo portuguez, significa — *herdade que se semeia e tributo que se paga por ella ser cultivada.* (Vide Serna.)

Tem foral dado em Constantim por D. Affonso II, em 23 de fevereiro de 1222 (Livro 2.º de *Doações do Senhor Rei D. Affonso II*, fl. 52, in fine, e *Livro de foraes antigos de leitura nova*, fl 120, col. 2.ª)

Vem incluido no foral novo da villa de Cortiços. (Vide esta palavra.)

CERNADELLO—freguezia, Douro, comarca e concelho de Lousada, 35 kilometros a NE. de Braga, 349 ao N. de Lisboa, 118 fogos

Em 1757 tinha 88 fogos.

Orago S. Thiago, apostolo.

Arcebispado de Braga, districto administrativo do Porto.

É terra fertil.

O reitor de Alvarenga apresentava o vigario, que tinha 40$000 réis de rendimento.

A mesma etymologia.

CERNANCELHE ou **SERNANCELHE**—villa, Beira-Alta, comarca de Moimenta da Beira, 40 kilometros de Lamego, 330 ao N. de Lisboa, 250 fogos (no concelho 950).

Em 1757 tinha 146 fogos.

Orago S. João Baptista.

Bispado de Lamego, districto administrativo de Viseu.

O vigario era apresentado pelo commendor de Cernancêlhe e tinha de renda 20$000 réis e o pé d'altar.

Situada em um alto, a 1 kilometro ao N. do rio Távora. Tem um antigo castello desmantelado, que se diz foi reedificado em 1124, por João Viegas e Egas Gozendes (ou Gondezendiz) descendentes do grande Arnaldo de Bayão.

É povoação antiquissima; e estando abandonada pelos arabes, os taes Egas Gozendes e João Viegas (que julgo eram irmãos) a povoaram e lhe deram foral a 26 de outubro do dito anno de 1124.

Em 1158 se concertaram os habitantes d'esta villa com D. Affonso I, offerecendo-se a pagar-lhe annualmente 200 libras, com a condição de nunca ser a villa dada a *ricos-homens* ou senhores particulares, mas andar sempre na corôa.

Chamava-se antigamente *Semorzelle*, e este nome lhe dá Dona Flamula, senhora d'este castello e d'outros muitos, no seu testamento feito em 960. Vide Langroiva, (e o Livro 1.º de *Mumma Domna*, de Guimarães, a fl. 7).

D. Affonso II lhe deu foral, confirmando-lhe os seu privilegios, em Pinhel, em fevereiro de 1220.

Tem ainda uma sentença de foral dada por D. João I em 27 de junho de 1430.

D. Manuel lhe deu novo foral em Lisboa, a 10 de fevereiro de 1514.

Tem Misericordia. É terra fertil.

A 3 kilometros da villa está o convento de freiras franciscanas, chamado da *Ribeira* fundado por frei Pedro da Ameixceira, em 1460. Foi primeiramente de frades da mesma ordem, até 1520, em que D. Maria Pereira, da casa dos condes da Feira, tomou esta casa aos frades (não sei com que fundamento ou pretexto) e o fez de freiras, professando ella aqui e sendo a sua primeira abbadessa; mas ficou sujeito á mesma regra.

Esta senhora foi tambem a fundadora do convento da *Rua*.

Este convento foi supprimido em 1873, e as senhoras seculares que n'elle se asylavam, postas na rua. A maior parte d'ellas andam a pedir esmola. Até em Lisboa, o jornal—*Diario de Noticias*, anda (1874) a promover uma subscripção para estas infelizes e edosas senhoras. Seria menor crueldade, se o governo, que as expulsou do seu unico abrigo, as transferisse para outro convento ainda habitado, onde ellas terminassem em paz o resto de seus tristes dias.

—

O Senhor D. Miguel I fez visconde de Cernancelhe, o doutor José da Gama e Castro, varão exemplar e illustradissimo e um verdadeiro portuguez. Arremessado ás plagas do exilio, em 1834, fixou a sua residencia em Paris, e alli foi muitos annos correspondente do *Jornal do Commercio*, do Rio de Janeiro. Era um escriptor elegante e consciencioso.

Falleceu, estimado de quantos o conheciam, em novembro de 1873, com 78 annos, na cidade que 39 annos lhe serviu de refugio.

—

No foral de 1124, se ordena que «*Se a mulher fizer malfairo* (adulterio) *o marido repartirá toda a sua fazenda, de meio a meio com o senhor da terra, e a mulher ficará sem nada*» (os donatarios até especulavam com isto! E se o adulterio fosse commettido com o senhor da terra?)

No *Tombo do Aro*, de Lamego, feito em 1346, tambem (a fl. 3) vem uma pena similhante, mas a metade é para o rei! (Não bastava aos infelizes ficarem deshonrados e

seus filhos quasi orphãos, senão ainda por cima, roubados legalmente!)

—

Na aldeia de Santo Esteves, d'este concelho ha um castanheiro (diz um jornal de Coimbra, de dezembro de 1873) que mede 18 metros de circumferencia.

Tem dado alguns annos cem razas de castanhas. Calcula-se que produziria 200 carradas de madeira.

Se é verdade isto, decididamente é a mais gigantesca arvore de Portugal, ficando-lhe a perder de vista o *pinheiro d'Evora*, de collosal memoria; o famoso *carvalho de Barbosa* e o célebre pinheiro manso de Rio Meão.

É propriedade do sr. Luiz de Figueiredo Pereira Pinto de Carvalho.

CERNANDE ou **SERNANDE**—freguezia, Douro, comarca e concelho de Felgueiras, 30 kilometros a NE. de Braga, 360 ao N. de Lisboa, 120 fogos.

Em 1757 tinha 90 fogos.

Orago S. João Baptista.

Arcebispado de Braga, districto administrativo do Porto.

O reitor do Salvador d'Unhão apresentava o vigario, que tinha 60$000 réis de rendimento.

É terra fertil.

A mesma etymologia. Alguns tambem dão a esta freguezia o nome de Cernende.

CERTAN ou **SERTAN**—villa, Beira-Baixa, 65 kilometros ao N. do Crato, 190 ao E de Thomar; na villa e freguezia 900 fogos, 3:600 almas; no concelho 3:250 fogos; na comarca 8:500.

Em 1660 tinha 300 fogos.

Em 1757 tinha 904 fogos na villa e freguezia.

Orago S. Pedro, apostolo.

Está annexa, no espiritual, ao patriarchado de Lisboa. É no districto administrativo de Castello-Branco.

Era antigamente do priorado ouvidoria e correição do Crato, comarca e provedoria de Thomar,

Era uma das 12 villas que o constituiam.

Situada em planicie, entre duas ribeiras (uma chamada Certan outra Amicso) que ambas se juntam no fim da villa, e desaguam no Zêzere.

Esta villa foi fundada por Sertorio, 74 annos antes de Jesus Christo, com o nome de *Certago*, que depois mudou para *Certagem* e finalmente para *Certan*. O mesmo Sertorio lhe fundou então o castello.

Quasi todos os auctores dizem que a origem do nome d'esta villa foi pelo facto seguinte:

Quando ainda se andava construindo o castello, foi a povoação atacada pelos romanos, matando no combate um nobre cavalleiro lusitano. Então Celina (ou Celinda) sua mulher, sahiu desesperada ao encontro dos romanos,) que já tinham entrado no castello) com uma *certan* cheia de azeite fervendo, e deu com elle na cara aos romanos, que espantados fugiram tornando os lusitanos a fechar a porta do castello até serem soccorridos.

É por isto que a villa tomou por armas uma certan, com a legenda—*Certago sternit certagine hostes* (a Certan derriba os inimigos com a certan).

Do castello apenas existe o sitio. Ainda ha poucos annos se conservava a porta onde Celina immortalisou o seu nome; mas foi barbara e estupidamente demolida para que as suas pedras fossem empregadas no concerto do arco de uma ponte. Nem a sua veneranda velhice, de 18 seculos, nem a notabilidade que lhe tinha dado a valorosissima lusitana, (pois que foi junto a esta porta que Celina fritou a cara aos romanos) valeram áquelle célebre monumento.

O conde D. Henrique reedificou esta villa e o seu castello em 1111, dando-lhe foral com grandes privilegios em 9 de maio d'esse anno.

Outros dizem que não foi o conde D. Henrique, mas seu filho D. Affonso I que a reedificou e lhe deu foral com grandes privilegios (para attrahir para aqui habitantes) pelos annos 1150. Isto é mais provavel, todavia Franklin não falla em foral nenhum senão no de D. Manuel.

D. Manuel lhe deu foral novo, em Lisboa, a 20 de outubro de 1513.

Tinha voto em côrtes com assento no banco 12.°

A villa tem a fórma de uma peninsula, formada pelos dois rios já nomeados, que se juntam ao fundo da villa, proximo ao convento.

Trez boas pontes de cantaria dão entrada para a villa (a de Santo Amaro, a da Varzea e a da Madeira, por ter sido primeiramente de páo).

É magnifica a entrada principal para a villa, pelo *Largo da Carvalha*, que é uma frondosa alaméda.

Em seu termo é grande a producção de cereaes, fructas, vinho, azeite e castanha.

Tem um bom mercado todos os sabbados e 4 grandes feiras cada anno. A de Santo Amaro, a dos Passos (em uma sexta feira de março) domingo de Pascoella e S. Lucas (a 18 de outubro.) Tem gado e caça.

Misericordia, fundada no reinado de D. João III. Tem tambem hospital, que parece mais antigo, o qual foi annexado á Misericordia em 1565.

Na extremidade da villa, onde se juntam as duas ribeiras, está o convento de capuchos de Santo Antonio, em formosa posição. Este convento foi fundado em 1635, por fr. Christovão, de S. José lançando-se-lhe a primeira pedra no dia 2 de maio d'esse anno. É hoje o palacio e *Quinta das Aguias*.

Já é em territorio da freguezia de Cernache de Bom Jardim.

Consta que a capella de S. João Baptista já foi egreja matriz. Antes de 1834, tinha juiz de fóra, 3 vereadores, escrivães e mais officiaes, feitos pelo grão prior do Crato, que era tambem alcaide-mór da Certan.

As duas ribeiras eram da casa do infantado, e os que se serviam das suas aguas lhe pagavam fôro.

A ribeira da Certan nasce na freguezia do Estreito, termo de Oleiros, e juntando-se ao Amioso, no sitio d'Entraguas, junto á cérca que foi do convento, e depois ás ribeiras de Palhaes, Nesperal e Cernache, morre no Zêzere.

Até ao principio d'este seculo, era o districto d'esta villa dividido em 9 capellanias, com 850 fogos.

A matriz da villa é uma bôa egreja de 3 naves, tendo por orago S. Pedro, apostolo.

O vigario (que o era tambem da vara n'esta villa e seu termo e nas villas d'Oleiros, Alvaro e Pedrogão Pequeno) era apresentado pelo grão prior do Crato. Tinha 22$580 rs. 4 moios de trigo, um de centeio, 66 almudes de vinho, uma carga d'uvas (para tinta) 6 alqueires d'azeite (3 cantaros) e 56 alqueires de pão, de passaes; tudo pago pelo grão prior. Tinha 6 beneficiados curados, cada um com 2 moios de trigo, e um de centeio, uma pipa de vinho, meia carga d'uvas para tinta, 3 alqueires d'azeite e 4$000 réis em dinheiro.

O Thesoureiro tinha um moio de trigo, 40 almudes de vinho, 5 cantaros d'azeite, 10 alqueires de trigo para hostias, 2$000 réis em dinheiro, e mais outros dois mil réis por ensinar a doutrina. O organista tinha 4 mil réis, o vigario do côro 2$000 réis, o mestre de solfa, um moio de trigo. Tinha mais esta egreja 6 mercieiras, cada uma com 20 alqueires de pão, 6 canadas d'azeite e 3 môços do côro, cada um com 1$800 réis.

Tudo isto pagava o grão prior.

(Ha em Portugal tambem 3 aldeias chamadas Certan)

Na *Poblacion General de Hespana*, diz Rodrigo Mendes da Silva, que n'esta villa, em 1624, uma mule pario outra mula. Pode ser.

O que é certo é que em 1624 vivia o tal Rodrigo Mendes da Silva.

—

A pouca distancia da Villa da Certan, está situada á ermida de Nossa Senhora dos Remedios.

Todos os annos no dia 15 d'agosto se faz ali uma festa, que termina de tarde com o sahimento da Senhora em torno da sua ermida. A concorrencia de romeiros a esta festa é sempre immensa, e muitos vem de grandes distancias.

Esta ermida tem a seguinte tradição:

Andando á caça um fidalgo, foi accommettido d'uma formidavel serpente, que vivia no centro do espesso matto que então ali existia.

Horrorisado com similhante apparição, trepou para cima d'uma arvore, e possuido

de grande susto, invocou o auxilio de Nossa Senhora dos Remedios, e com tanta fé pediu á Senhora que esta o ouviu, porque repentinamente se achou tão encorajado, que logo carregou a espingarda, e com toda a firmeza e felicidade disparou sobre o horroroso animal, matando-o instantaneamente.

Mais se diz, que, logo em seguida, mandára construir no mesmo local em que a serpente cahiu morta, a ermida a Nossa Senhora, e por sua morte lhe doou alguns bens para a sustentação do seu culto.

Ao lado do altar, onde está collocada a imagem, existe, para memoria, a queixada da serpente, que seguramente tem de comprimento um metro.

Este sitio é mui pittoresco e aprasivel, todo circumdado de immenso arvoredo, experimentando-se n'elle uma certa suavidade que delicia e encanta.

O concelho da Certan é composto de 14 freguezias que são — Cabeçudo, Carvalhal, Castello, Certan, Cumiada, Ermida, Figueirêdo, Marmelleiro, Nesperal, Palhaes, Pedrogão Pequeno, Cernache do Bom Jardim, Troviscal e Varzea dos Cavalleiros.

A comarca compõe-se dos julgados da Certan, Oleiros, Proença a Nova e Villa de Rei.

CERTAN — rio, vide *Certan*, villa.

CÉRTOMA ou **CÉRTEMA** ou **SÉRTEMA** — rio, Douro, que nasce no sitio das Lameiras, no Couto da Vaccariça, junto ao convento do Bussaco; junta varios regatos e váe desaguar na esquerda do Agadão (ou Aguedão) no sitio do Requeixo. Réga e móe.

Passa perto da Anadia. Proximo da sua foz, fórma a pateira, navegavel, de Fermentellos. Vide Bairrada.

Dizem que o facto seguinte deu origem ao seu nome:

Passando por elle a rainha Santa Isabel, e querendo beber, lhe disseram que o não fizesse, que era agua de pessima qualidade, tanto para a gente, como para o gado que d'ella bebia. A Santa provou, e disse—«*Cérto má!*» — e ficou-lhe o nome; mas desde então por diante ficou sendo esta agua d'optima qualidade.

Isto não passa d'uma lenda. O nome d'este rio é árabe *(Sertemma)* composto do imperativo do adverbio *sára* (andar) e do adverbio *temma* (ahi.) Quer dizer—*Caminha para ahi* — *Vae para lá.* Em todos os papeis antigos se escrevia como os árabes e pronunciavam *Sértema.*

CÉRVA — villa, Traz-os-Montes, comarca de Villa Pouca d'Aguiar, concelho de Ribeira de Pena, 60 kilometros ao NE. de Braga, 380 ao N. Lisboa, 550 fogos.

Tinha a villa e freguezia, em 1757, 411 fogos.

Orago S. Pedro, apostolo.

Arcebispado de Braga, e districto administrativo de Villa Real.

Era antigamente da comarca de Guimarães, e concelho (com 770 fogos) que foi supprimido em 1855.

Situada em um valle fertil.

Alguns tambem escrevem *Sérva*, mas julgo que é êrro; todavia, no foral de Mondim (que é de Mondim e Cérva) vem escripto com *S.*

Eram seus donatarios os marquezes de Marialva.

As freiras de Santa Clara, de Villa do Conde, apresentavam, *in solidum*, o abbade, que tinha 400$000 réis. Tinha 3 economias (especie de beneficios) cada uma das quaes rendia 72 alqueires de pão, 66 almudes de vinho e 390 réis em dinheiro, tudo pago pelas ditas freiras, que recebiam os disimos d'esta freguezia, os quaes rendiam annualmente 4$500 cruzados (1:800$000 réis)

É terra muito fertil e cria muito gado e caça.

No termo da villa ha a Fonte Santa, a cuja agua se atribue a virtude de curar varias molestias.

Passa aqui o rio Cerva, que nasce na Serra d'Ordens, e recebendo o rio Lourêdo, no sitio das Pontes Velhas, morre no Tâmega, que tambem passa proximo da villa.

Em dezembro de 1870 appareceu aqui uma porção de dinheiro, de cobre, do imperador romano *Vespasiano.*

Consta que D. Manuel lhe deu foral em 1517; mas Franklim não traz foral velho nem novo d'esta villa.

Diz sómente que o seu foral era o de Mondim (Liv. dos Foraes Novos de Traz-os-Montes, fl. 27. Veja-se o processo para este foral, na gaveta 20, maço 11, n.º 22.)

—

Se me julgo obrigado a mensionar n'esta obra todos os varões que illustraram e enobreceram a patria, pelo seu valor nas batalhas, contra os inimigos de Portugal; pelos seus talentos e obras litterarias; ou pelo exemplo de suas notaveis virtudes e santitidade; não me julgo menos obrigado a divulgar os nomes d'aquelles utilissimos cidadãos, que, á força de insanos e honrados trabalhos, com risco de vida, em paizes insalubres, onde o leão, o tigre, a onça, o leopardo, e outras féras voracissimas; e monstruosos reptis (dos quaes a mais leve ferida é a morte) augmentam ao audacioso emprehendedor os perigos da vida, e, quando menos, a perpetua aniquilação da saude.

São dignos da nossa estima e do nosso respeito, aquelles que d'um bêrço humilde, se souberam elevar, á força de trabalhos honrados e sérios perigos, a uma esphera superior, e muito mais dignos são de respeito e consideração, se elles se não envergonham da humildade do seu nascimento.

Quatro homens d'esta classe tenho a apresentar aos meus leitores, d'esta freguezia.

São os trez irmãos, os srs. Manuel José Machado, Francisco Xavier Machado e Joaquim José Machado; e José Gonçalves da Silva.

Manuel José Machado, que falleceu em Lisboa, no fim do anno de 1873, era um dos maiores capitalistas d'esta cidade.

Depois dos trez irmãos Teixeiras de Sampaio (conde da Póvoa, barão de Sampaio, e visconde do Cartaxo) cuja casa reunida valia em 1827 *vinte m'lhões de cruzados (!)* tudo por elles adquirido, pois nada herdaram de seus paes, era a casa commercial de Manuel José Machado e irmãos, a mais rica e poderosa de Lisboa.

Tinham riquissimas casas commerciaes, álem de Lisboa, na Bahia, Pará, Gibraltar e Algeciras.

Em um dos ultimos balanços, só a casa de Manuel José Machado, na Bahia, valia dois mil contos liquidos, e era das mais inferiores em riquezas.

A caixa de Manuel José Machado, em Lisboa, era reputada a primeira d'esta praça.

Morreu *ab intestatu.* Sete partes da sua fortuna pertencem a herdeiros cujas casas são em Traz-os-Montes, no districto de Villa Real Duas partes são provavelmente para o Brazil, e trez ficam em Lisboa, que são as do sr. João José Machado, sua esposa e cunhada, tambem suas primas e sobrinhas do fallecido, que deixou 12 parentes collateraes.

A pesar d'avultadas esmolas e valiosos legados que elle proprio distribuiu nos ultimos annos da sua vida, ainda assim legou aos seus uma fortuna verdadeiramente colossal.

—

Apesar do que dizem alguns estrangeiros, e da pequenez do reino de Portugal, ainda se contam n'elle muitas casas que se podem dizer riquissimas.

Acasa de Henrique Teixeira de Sampaio, primeiro barão de Teixeira e primeiro conde da Póvoa (fallecido em 1832) valia 8$400 contos de réis. Rendia annualmente 227 contos! É actualmente da casa Palmella.

Só em Lisboa ha uns 12 ou 14 individuos cada um dos quaes possue para cima de mil contos de réis.

Em bens de raiz ha duas casas enormes, que, mesmo em Inglaterra, seriam grandes.

A do sr. duque de Cadaval, rende annualmente uns 300 contos.

A casa Palmella (junta com a da Póvoa) te mum rendimento pouco inferior.

—

Aqui nasceu tambem José Gonçalves da Silva, que morreu no Maranhão, pelos annos de 1830. Era alcaide-mór de Itapicurú-Mirim (provincia do Maranhão, Brasil) e o maior proprietario da provincia. Já em 1820 tinha uma fortuna calculada em 2:800 contos (7 milhões de crusados!) em dinheiro, commercio e estabelecimentos agricolas, nos quaes trabalhavam 2:000 escravos seus. Se as suas propriedades podessem reunir-se, formariam uma zona de 6 kilometros de largo e 180 de comprido!

CERVÃES — villa, Minho, concelho do

Prado, comarca e 12 kilometros ao NO. de Braga, até 1855, e desde então é da comarca e concelho de Villa Verde, 360 kilometros de Lisboa, 240 fogos.

Em 1757 tinha 235 fogos.

Orago o Salvador.

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

Antigamente era metade da freguezia da comarca de Vianna, termo do Prado, e a outra metade era couto da cidade de Braga.

Diz-se que a egreja foi convento de templarios, e por extincção d'elles (1311) foi do arcediago do couto, até ao concilio de Trento (1545 a 1556) em cujo tempo foi (como outras muitas do reino) reduzida a beneficio *curado.*

Antes da instituição da ordem dos templarios em Portugal, era este mosteiro, de monges benedictinos, que S. Martinho de Dume havia fundado pelos annos de 560 (vide Dume) o qual foi aqui religioso. Não se sabe porque razão os templarios tomaram conta d'este mosteiro e o habitaram até á sua extincção; passando depois a ser dos arcebispos o que era *couto de homisiados*, dos templarios.

—

N'esta freguezia se fabrica muita louça ordinaria, de barro.

Ha aqui a capella de Nossa Senhora do Bom Despacho, a que deu principio o eremitão João da Cruz, natural de Monção, em 1640, e que era eremitão da capella de Nossa Senhora da Estrella, que fica pouco mais a baixo, edificada entre dois penedos, tendo no reconcavo d'elles os passos da Paixão de Jesus Christo.

Estando já adiantada a obra, o povo lançou por terra a casa, por imaginar que seria para convento de frades, que por nenhum modo queriam.

O eremitão queixou-se ao general das armas, da provincia do Minho, D. Diogo de Lima, visconde de Villa Nova da Cerveira, que tinha o seu quartel general em Braga. Veio elle com tropa e socegou tudo.

A obra adiantou-se muito, e mais se adiantaria se aqui não mettessem beatas com eremitões, pretendendo fazer um mosteiro *duples* (dos dois sexos) como se usou muitos seculos, e como se verá pelo decurso d'esta obra. Foi supprimido.

—

Está n'esta freguezia a torre de Gomoriz, solar antigo, de que foi senhor Francisco da Cunha da Silva, filho de André Velho de Azevedo, o que lhes veio por descendencia da casa de Azevedo, de quem era o dito solar.

Na porta travessa da egreja matriz, em uma pedra, está a seguinte inscripção, em lettras gothicas:

FEITA NA ERA MIL E
DUZENTOS ANNOS DOM.
4. B. B. VELLASCO VIEGAS
ME FECIT.

Tem pois esta egreja, em 1874, 712 annos, visto que a era (de Cesar) 1200 é o anno de Jesus Christo 1162.

A mitra de Braga apresentava o reitor, por concurso synodal. Tinha este, de rendimento annual, 70$000 réis.

A parte da freguezia que era couto da mitra, tinha juiz ordinario, do civel, crime e orphãos, dois vereadores, procurador, alcaide, escrivães, etc.

Tinha este couto o privilegio de os criminosos d'elle não serem punidos com pena de morte, qualquer que fosse o crime!

É terra muito fertil.

CERVEIRA — vide Villa Nova da Cerveira.

CÊRVOS — freguezia, Traz-os-Montes, comarca, concelho e 12 kilometros ao S. de Montalegre, 70 kilometros ao NE. de Braga, 420 ao N. de Lisboa, 108 fogos.

Em 1757 tinha 101 fogos.

Orago Santa Christina.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Villa Real.

Terra montanhosa, mas seus valles são ferteis, e a maior parte da freguezia está situada na planicie, na base occidental da serra de Leiranco. É abundante em centeio, batata e castanha, produz optimo linho gallego e algum milho; cria muito gado de toda a qualidade, principalmente bovino.

Tem, na serra, lobos, raposas e muita caça miuda.

Dizem uns que o nome lhe provém de haverem muitos cérvos antigamente nos seus montes. Outros dizem que é porque os romanos aqui fundaram uma colonia de servos. A primeira versão é mais verosimil.

A casa de Bragança, donataria d'esta freguezia, apresentava o abbade, que tinha 600$000 réis de rendimento.

Esteve muitos annos annexa a esta freguezia a de Santa Maria de Sarraquinhos.

Compõe-se esta freguezia de 4 aldeias, que são: Cérvos (séde da parochia) Arcos, Villarinho e Cortiço.

O pequeno rio Bessa atravessa a freguezia, que corre na direcção de NE. a SO. e recebe, dentro dos limites da freguezia, pela margem direita o ribeiro de Avenó, que nasce no valle de Fervidas, e o da Cova do Forno, que nasce junto ao logar de Morgade; tendo corrido juntos, a distancia de uns 800 metros. Pela esquerda recebe os ribeiros de Varziellas, que nasce a E. do logar d'Arcos, e mais abaixo o de Cérvos. Todos estes ribairos são abundantes em escallos, bógas, enguias e saborosas trutas.

Tambem esta freguezia é cortada, na direcção de SO. NO. pela estrada real, do antigo systema, que de Chaves vae a Montalegre, passando pelo centro da povoação d'Arcos, muito conhecida, não só por este facto, mas tambem por ser a primeira aldeia que se encontra, depois de ter subido a serra de Pindo, sobre uma ponte de um arco, feita em 1803, a qual atravessa aqui o rio Bessa, ao SO. e uns 400 metros da aldeia do Cortiço.

Ao NE., e a 50 metros d'esta ponte, está um môrro chamado Crasto, de difficil subida pelo SO., pela sua escabrosidade e quasi perpendicularidade; mas pelo E. e N. de facil subida até ao seu cume, onde está uma chapada um plató, de fórma quasi circular, cercada de tres ordens de fossos e muralhas, com a altura de 1m50 a 2m, feitos de terra e pedras miudas, sem outros alguns vestigios de mais fortificações.

Ao NE. da aldeia do Cortiço, e na distantancia de 300 metros, está outro pequeno môrro, quasi todo cultivado, em que, segundo a tradicção, existiu um *facho*, e por isso ainda se lhe chama Outeiro do Facho.

Na mesma direcção, e a distancia de um kilometro, existe no centro de uma deveza de Carvalhos, uma capella dedicada a Nossa Senhora da Natividade, vulgarmente denominada Nossa Senhora de Gallêgos, em razão do sitio onde está se chamar Deveza de Gallêgos.

Tem 2 altares, e exteriormente um bom adro de cantaria, com assentos em volta, e rivalisa com a melhor egreja parochial do concelho de Montalegre. Tem festa e romaria, no dia 8 de setembro de cada anno, ás quaes concorre muita gente pela grande devoção que consagram a esta imagem.

Proximo á capella existem vestigios de povoação antiquissima, e sepulturas abertas em fórma de corpo humano, cavadas em penedos. Não se sabe que povoação foi, nem a causa da sua ruina: ha porém todas as razões para acreditar que era habitada por um povo arabe, visto que se encontram aqui as taes sepulturas, feitas ao modo dos mahometanos antigos, que, sem duvida demonstram ser aqui um *almocabar* (cemiterio) mourisco. (Vide Almocavar e Corvite.)

—

N'esta aldeia do Cortiço nasceu, em 1779, o habil e distincto facultativo, José dos Santos Dias, bacharel em medicina, pela Universidade de Coimbra, medico da camara de Montalegre, do partido das Caldas do Gerez, onde fez relevantes serviços. Era de muitos conhecimentos litterarios, e cidadão honradissimo.

—

No territorio d'esta freguezia se descobriu, pelos annos de 1770, junto da estrada de Chaves para Montalegre, no cume da serra do Pindo, a pequena distancia do logar do Antigo d'Arcos, povoação da freguezia immediata, de Sarraquinhos, um marco miliario, que tem de circumferencia 1m15, e de altura 1m19. Na circumferencia da base se vêem ainda os cortes das cunhas, com que se rachou o penêdo.

É de fórma cylindrica, e tem a seguinte inscripção:

TI. CAESAR DIVI. AUG. F.
DIVI. TVLI. NEP. AUG. PONT.

MAX. IMP. VIII. CŌS. V.
TR. PRET. XXXIIII
BRAC. AUG. LIX

—

Quer dizer:

Dedicado ao imperador Tito Cesar Augusto, divino, pontifice maximo, filho de Augusto. Oito meves consul, cinco tribuno e trinta e quatro pretor. D'aqui a Braga, são 59 milhas.

Está collocada no patim da escada de um lavrador do referido logar do Antigo d'Arcos.

—

Pelos annos de 1840, appareceu, ao S. do mesmo logar, outro marco miliario, de 1m90 de alto e o mesmo de circumferencia. Antes de ser empregado em columna de uma varanda, em que ainda existe, tinha mais 0,m50 de altura.

Tem a seguinte inscripção:

TI—CAES. AVG. DIV.
.SA. F. AVG. C. . . . .
. . . . NIC. . . VS. P. O.
IMP. . . . . VCO. . . . .
POT. . . . III. . . . P. . .
. . . . AVG. . . . .

Não se póde traduzir, por imcompleta.

—

No sitio do Vidual e no de Travassos da Chan, se encontram montões de pedra e terra e outros vestigios, que mostram ter por aqui passado, bem como pelo Crasto e Cortiço, já referidos, uma das vias militares romanas, que de Braga sahiam para a Hespanha; o que estes dois marcos miliarios evidenceiam. Talvez fosse ramal de outra e que se separasse em Penedónes (mais ao S.) Esta sahia de Braga e seguia a Salamonde, Codeçoso do Arco, Villa da Ponte, Penedónes, S. Vicente da Chan, Peireses (antiga *Beresir*) Caladuno (antiga cidade, ao S. de Gralhas) Castellãos e Chaves.

—

Agradeço sinceramente ao reverendissimo sr. José dos Santos Moura, digno e illustrado abbade da freguezia de Caires, estes e outros apreciaveis esclarecimentos, que teve a bondade de me remetter, de varias freguezias do Norte.

CERZEDELLO ou **SERZEDELLO** ou **SARZEDELLO**—villa, Minho, comarca e concelho da Povoa de Lanhoso, 18 kilometros a NE. de Braga, 370 ao N. de Lisboa, 180 fogos.

Em 1757 tinha 166 fogos.

Orago S. Pedro, apostolo.

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

Antigamente era do concelho de Lanhoso e da Ribeira de Soaz, comarca de Guimarães.

O ordinario apresentava o abbade, por concurso synodal, e tinha 550$000 réis de rendimento.

Fertil em cereaes.

Passa aqui um ribeiro, que nasce na freguezia de Santo Adrião de Soutéllo e morre no Ave.

CERZEDELLO ou **SERZEDELLO** ou **SARZEDELLO** — freguezia, Minho, comarca e concelho de Guimarães, 18 kilometros ao O. de Braga, 345 ao N. de Lisboa, 140 fogos.

Em 1757 tinha 139 fogos.

Orago Santa Christina.

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

O papa e a camara ecclesiastica de Braga, apresentavam alternativamente o reitor, que tinha de rendimento annual 150$000 réis.

Esta egreja foi de um mosteiro de monges benedictinos, que aqui houve em tempos antigos. Passou no seculo XV a abbadia secular e por fim a reitoria.

E' n'esta freguezia a capella de Nossa Senhora do Monte.

CERZEDO ou **SERZEDO**—freguezia, Minho, comarca, concelho, termo e 9 kilometros ao O. de Guimarães, 9 ao NE. de Braga, 365 ao N. de Lisboa, 120 fogos.

Em 1755 tinha 93 fogos.

Orago S. Miguel.

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

Era antigamente da *visita* de Monte Longo. Passa aqui o rio Visella. E' fertil.

A mitra apresentava o abbade, que tinha de rendimento 400$000 réis.

CERZEDO ou **SERZEDO** — freguezia, Douro, concelho e 11 kilómetros ao S. de Gaia, comarca e 12 kilometros ao S. do Porto, 300 ao N. de Lisboa, 350 fogos.

Em 1757 tinha 215 fogos.

Orago S. Mamede.

Bispado e districto administrativo do Porto.

O prior do convento de conegos regrantes, de Grijó (cruzios) apresentava o cura, que tinha de rendimento annual 70$000 réis.

E' terra muito fertil.

Passava aqui a antiga estrada mourisca. Vide S. Felix da Marinha.

CESÁR — vide Cezar.

CÉSTRO — portuguez antigo (ainda usado em algumas partes do reino) *máu, prejudicial, adverso.* Tambem significa *mau costume, má manha,* e é n'esse sentido unicamente que hoje se emprega, escrevendo-se *Séstro.*

CETOBRIGA ou **TROIA** — Na margem esquerda do Sado, ou Sadam (antigamente chamado *Calipo*) e desde a sua foz até á Comporta, corre uma faxa ou zona de terra, que tem 16 kilometros de comprido e 5 a 6 de largo, banhada ao S. pelas aguas da enseada de Sines e ao N. pelas do Sado.

Na *ourella* boreal d'esta faxa, em frente de Setubal (que fica na margem direita do Sado) existem as ruinas da antiquissima cidade phenicia, chamada pelos seus fundadores *Cetobriga,* e vulgarmente *Troia,* mencionada por Claudio Ptolomeu Alexandrino e por outros muitos auctores.

Caio Plinio, segundo, que percorreu as Hespanhas citerior e ulterior, e passou algum tempo na Bética, como intendente de Vespasiano, descreve a costa d'aquem do Estreito, do modo seguinte: «A que se estende desde o *Ana* (Guadiana) defrontando com o Atlantico, está povoada de bastulos e túrdulos.» Eram pois estes dois povos que estanciavam ao norte do Ana. Plinio e Mela dizem que os túrdulos occupavam a região maritima desde o Tejo até ao Douro portanto, eram os bastulos os habitantes de *Cetobriga,* antes da dominação romana.

Em Strabão vem uma nota topographica ainda mais positiva. Começa a descripção pelo *Promontorio Sacro* (Cabo de S. Vicente) e depois de ter feito menção geral dos bastulos que habitavam a costa, faz menção especial de uns que habitavam uma estreita faxa de terra junto ao mar *(angustum accolunt littus.)* Ptolomeu dá a estes povos a denominação de bastulos-penos. Appiano lhes chama bastulos-phenicios.

Notemos que *phoenices, poenices, punici, poenici* são uma e a mesma cousa, porquanto as vozes *poenos, puniceus, punicus, phoenix, phoenicius* ou *poenicius,* todas significam *vermelhos, erythrios, os do Mar Vermelho,* d'onde os phenicios se estenderam até Sidon e Tyro, e depois a Carthago e ás Hespanhas.

Segundo elles, a sua fundação remonta ao anno do mundo 3200, isto é, 804 antes de Jesus Christo.

Strabão e Avieno dizem que os phenicios d'aquem e d'além das Columnas d'Hercules (estreito de Gibraltar, por onde o Atlantico se communica com o Mediterraneo) em tempos antiquissimos e por muitos annos, fizeram exclusivamente commercio com as Ilhas Cassiterides, costeando a Lusitania, e fundando na costa, cidades e feitorías.

Os objectos achados nas escavações d'esta velha cidade, corrobóram isto; pois, em 1814, desmoronando-se uma ribanceira que entestava com o rio, deixou a descoberto um pequeno caixão de chumbo (que foi entregue a D. Rodrigo de Lencastre, então governador de Setubal) contendo objectos incontestavelmente phenicios.

Em casa do sr. duque de Palmella existe uma taça de prata, com figuras mythologicas em relevo, vermiculadas de ouro, que é um dos objectos contidos no tal caixão de chumbo.

Cetobriga ainda era povoada no tempo dos romanos, cujos vestigios se encontram frequentemente nas escavações que aqui se têem feito, como estatuas, sepulturas de pedra e de *adobes* (tijolos cosidos ao sol) umas com ossadas, outras com cinzas; columnas; cippos; medalhas; inscripções e outros varios objectos.

—

Os romanos, alatinisando a palavra, como sempre faziam, lhe chamavam *Cetobrica*, *Caetobrix*, *Catobrica* e *Castobrix*. Suppõe-se que esta cidade foi subvertida (coberta com as areias que o mar sobre ella arrojou) pelos annos 420 a 425, de Jesus Christo, imperando Honorio; porque são d'elle as moedas mais modernas que aqui se têem encontrado. Pelas camadas de despojos marinhos, de carvão meudo e outras materias, suppõe-se que não foi submergida de uma vez, mas por differentes invasões do mar.

André de Rezende foi o primeiro descobridor d'estas ruinas, e diz o livro 4.º das suas *Antiguidades*, que achou alli uma estatua, sem cabeça; algumas inscripções romanas; os destroços de um templo, dedicado a Jupiter Amon, sobre cuja portada existiam ainda os symbolos d'esta divindade, e algumas *salgadeiras* de obra *signina*.

Em agosto de 1873, descobriu-se aqui uma bem conservada e expressiva cara ou mascara, em bronze, de um Satyro, de um d'esses monstros da fabula, que habitavam os bosques e as montanhas, representavam em toda a sua plenitude as forças vitaes da natureza, formavam o sequito do Fauno e eram inseparaveis do culto de Baccho.

Esta interessante antigualha foi descoberta junto ao logar onde antigamente se descobrira o tal templo gentilico, cuja maior parte ainda se acha soterrada.

Descobriram-se mais algumas moedas de bronze, de pequenas dimensões, de imperadores romanos, mas a maior parte *frustas*; grande quantidade de prégos de differentes dimensões, e quasi todos de cobre; uma porção de fragmentos de canos de chumbo; alfinetes, agulhas de fazer redes, differentes partes de objectos de bronze, que serviriam de ornato a outros; muitos pedaços de vidro de diversas côres, fragmentos de differentes vasos e taças; e lampadas sepulchraes de barro, sobresahindo entre aquelles os de algumas taças de barro vermelho e fino, denominado saguntino, pela sna elegante fórma e lustre ou brunido que conserva. De marmore, encontraram-se alguns fragmentos de cimalhas, cornijas, etc.

Todas estas antigualhas, assim como outras muitas, estão em Setubal, em poder do sr. João Carlos d'Almeida Carvalho, que as tem adquirido e salvado do vandalismo da ignorancia.

—

A Sociedade Archeologica Lusitana, foi inaugurada no dia 9 de outubro de 1849, sendo seu primeiro presidente o fallecido duque de Palmella.

Formavam tambem esta sociedade os srs.: Manuel da Gama Xaro, Domingos Garcia Peres, Sebastião Maria Pedroso Gamitto, Annibal Alvares da Silva, e era secretario o sr. João Carlos d'Almeida Carvalho.

Em 1850 (no 1.º de maio) principiou aquella benemerita sociedade as escavações *intermitentes* d'esta cidade subterrada em areia.

Tem-se descoberto grande diversidade de vasos de differentes materias; carneiros, com esqueletos; grande quantidade de ossos; instrumentos agrarios; louça; milhares de medalhas romanas, cunhadas em Roma, Antiochia, Constantinopla, Carthago, Leão, etc.; diversas casas, algumas de abobada e n'ellas bellas pinturas a *fresco* e admiraveis mosaicos nos pavimentos.

É pena que o governo não cuide com mais attenção n'esta Pompêa portugueza!

Tudo o mais que se pretender saber com relação a *Cetobriga* ou *Troia*, achar-se-ha em Setubal.

CÊTTE—villa, Douro, comarca de Penafiel, concelho de Paredes, 24 kilometros ao NE. do Porto, 315 ao N. de Lisboa, 170 fogos.

Em 1757 tinha 127 fogos.

Orago S. Pedro, apostolo.

Bispado e districto administrativo do Porto.

Era antigamente da comarca do Porto, sendo então couto, do qual era donatario o reitor do collegio da Graça, de Coimbra (eremitas de Santo Agostinho.)

Situada em ameno e fertil valle. O vigario era um eremita da dita Ordem, apresentado pelo reitor do collegio da sua Ordem, de Coimbra, e collado. Tinha 60$000 réis de rendimento.

Grande convento de frades dos taes ere-

mitas de Santo Agostinho, fundado junto ao rio Souza, e a sua egreja é a matriz da freguezia.

A este convento eram annexas as freguezias de S. João da Foz do Souza, Santa Maria do Covêllo, S. Martinho de Parada de Tódea, Santa Maria de Coreixas, S. Miguel de Rans, S. Miguel de Urrô e Santa Maria Magdalena.

Todas estas egrejas, como annexas do convento, eram unidas *in perpetuum* (!) ao dito collegio da Graça, de Coimbra.

É um dos mais antigos mosteiros de Portugal; pois foi fundado por dois mouros convertidos, um chamado *Muzára*, outro *Zamóra*, em 882. Era da invocação de S. Pedro, apostolo. Os mouros o destruiram em 963, e foi reedificado em 967, por D. Gonçalo Vasques, tronco dos Freitas. Viveu no tempo de D. Affonso VI, sogro do nosso conde D. Henrique.

O reitor d'este collegio apresentava na freguezia de Cêtte e S. João da Foz do Souza, por vigarios, frades da sua Ordem, e nas outras, curas seculares.

Principiou-se o processo para o foral de Cette no reinado de D. Manuel, mas não se chegou a concluir. (Torre do Tombo, gaveta 20, maço 11, n.º 19.)

Além do vigario, tinha esta freguezia um cura secular, com 8$000 réis, 10 alqueires de pão e o pé d'altar.

Em 1521 é que este convento foi dado ao collegio de crusios de Coimbra (Collegio da Graça.)

É terra muito fertil em todas as producções agricolas do reino. Muitos e bons pastos e muito gado.

Quando esta freguezia era couto, tinha juiz ordinario, do civel e orphãos, procurador, dois quadrilheiros, dois jurados e um porteiro, tudo feito a votos pelo povo, e confirmados pelo D. abbade.

Havia aqui (e não sei se ainda ha) quatro feiras, 25 de março, 15 de agosto, 8 de setembro e 3 de maio.

D. Affonso I concedeu ao convento e seu couto muitos e grandes privilegios, que seus successores confirmaram e ampliaram.

Cette é uma cidade maritima de França, onde tambem havia um mosteiro antiquissimo de eremitas de Santo Agostinho. Supponho que um, ou mais, religiosos d'este mosteiro vieram, na sua origem, povoar o mosteiro portuguez (lusitano) e, em memoria do seu, de França, lhe impozessem o mesmo nome. Declaro que esta opinião é só minha, por isso cada um lhe dará o valor e consideração que quizer.

CEZÁR ou **CESÁR**—freguezia, Douro, comarca, concelho e 9 kilometros ao NE. de Oliveira de Azemeis, 30 ao SE. do Porto, 50 ao NE. de Aveiro, 12 ao E. da Feira, 280 ao N. de Lisboa, 170 fogos.

Em 1757 tinha 132 fogos.

Orago S. Pedro, apostolo.

Bispado do Porto, districto administrativo de Aveiro.

É do infantado, e foi dos condes da Feira.

Era antigamente da comarca de Esgueira, concelho da Feira, depois passou a ser da comarca e concelho da Feira, até se crear a comarca de Oliveira de Azemeis.

É no districto da antiga Terra de Santa Maria (Terra da Feira).

Situada a maior parte da freguezia em um lindo e fertilissimo valle, cercado de pequenos montes e outeiros, dos quaes se vê a cidade do Porto, o mar, muitas freguezias e varias serras.

Francisco de Tavora e Noronha apresentava o abbade; mas em 1759, com a execução d'esta familia, sendo todos os seus bens confiscados, ficou esta egreja ao real padroado, passando depois para o infantado. O abbade tinha de renda 500$000 réis.

É terra muito fertil em tudo, cria muito gado e ha alguma caça. Réga a freguezia o ribeiro da Pedra Má e varios arroios.

No logar da Torre, ha vestigios de uma torre, que mostra ser de algum senhor que aqui viveu em tempos antigos.

Na serra do Pinheiro, ha alicerces de construcções antiquissimas, que, segundo a tradição, foi uma fortaleza romana. (Mas eu julgo ter ainda mais antiguidade.)

Esta freguezia é muito bonita e rica, devendo grande parte da sua actual prosperidade a muita gente que d'aqui tem hido para

o Brasil (quasi todos para o Pará) e d'onde têem trazido boas quantias de dinheiro.

A sua antiga matriz, que era muito pequena e insignificante, estava no sitio da actual residencia do parocho; mas, estando muito arruinada, se construiu a nova egreja, nos fins do seculo XVII, a qual tem duas torres, é muito clara, elegante e bem ornada.

Na rectaguarda da egreja tinha o abbade que era em 1834, feito um vasto e magnifico jardim, com uma bella casa de fresco (feita com um só e grande cedro) bonitos assentos, todos com sentenças, apotegmas e maximas moraes, extrahidas dos Evangelhos e de varios philosophos. Este bom e benemerito abbade foi, como quasi todos, expulso da sua egreja, e o que o veio substituir deixou arruinar tudo.

Em quanto se construia a actual egreja, como a velha estava demolida, servia de matriz a capella de Nossa Senhora da Graça.

No sitio da Gandara (ao cimo da freguezia) que é um bonito e extenso souto, ha uma grande feira, todos os dias 18 de cada mez.

Entre o logar de Trazeiros e Villarinho, houve antigamente um fôjo para caçar lobos, do qual apenas resta a memoria, e o nome de *Fojo*, dado ao sitio em que elle existiu.

Antes de 1834, parte d'esta freguezia era *honra* dos Castros, do Covo, que, entre outros titulos, se denominavam *senhores das honras de Cezar e Gaiate*. (Gaiate é uma aldeia na freguezia de Milheirós de Poares, que confina com esta.)

Esta freguezia é antiquissima e é muito provavel que já existisse no tempo dos romanos, que lhe deram o nome que tem. Os vestigios de edificios antiquissimos da serra do Pinheiro, dão testemunho de que ha muitos seculos é povoada.

CEZIMBRA — villa, Alemtejo, (mas a que officialmente se chama Extremadura) comarca d'Almada, 35 kilometros ao SO. de Lisboa, 1:270 fogos. (5:000 almas) em duas freguezias (Santa Maria ou Nossa Senhora da Consolação e S. Thiago).

Em 1757 tinha 430 fogos.

Patriarchado e districto administrativo de Lisboa.

Á freguezia de Santa Maria se dá o nome de Nossa Senhora da Consolação, ou de Nossa Senhora do Castesllo. Em 1640 tinha 950 fogos. A villa era então da comarca de Setubal. Hoje tem a freguezia de Santa Maria do Castello 570 fogos e a de S. Thiago 700.

Situada na costa do Atlantico.

Segundo Philippe Ferrari (*Lexicon Geographico*) era a *Zambra* dos romanos. Segun-outros auctores era chamada *Caetobrix* ou *Cetobriga*.

Segundo a opinião mais seguida, *Zambra* era a actual Cezimbra, e *Cetobriga*, a cidade phenicia que está defronte de Setubal e a que vulgarmente se chama Troia. (Vide *Cetobriga*.)

Era antigamente da comarca de Setubal, d'onde dista 18 kilometros ao O.

A egreja de S. Thiago é de 3 naves, e 7 altares. Mas muito baixa e em máo estado.

Tinha prior e dois beneficiados curados e 4 simples.

Foi edificada (ou reedificada) em 1536.

O prior e os beneficiados curados (que a mesa da consciencia apresentava, por ser da Ordem de S. Thiago) eram pagos pela commenda, e tinha cada um 3 moios de trigo — os simples, tinham cada um 2 moios de trigo.

O prior tinha mais 2 $^1/_2$ moios de cevada e 20$000 réis em dinheiro, ao todo, pouco mais de 100$000 réis — e todos os beneficiados 10$000 réis cada um.

Santa Maria, ou Nossa Senhora da Consolação, ou do Castello, dentro do castello, é de uma só nave, mas tambem tem 7 altares.

Está no sitio onde era o castello dos mouros, como o attestam as muralhas e torreões que a cercam. É quasi tão antiga como a monarchia. (Foi edificada e 1166.)

A Mesa da Consciencia apresentava o prior, por ser a egreja da Ordem de S. Thiago. Tinha o prior 3 mois de trigo, 2 e meio de cevada e 20$000 réis ao todo 240$000 réis. Tinha 2 beneficiados, da mesma apresentação, cada um com 10$000 réis, 3 moios de trigo e moio e meio de cevada.

—

Antes de 1834, tinha juiz de fóra, camara,

procurador do concelho, juiz dos orphãos, almoxarife, juizes dos direitos reaes, escrivães, officiaes. etc.

Tinha capitão-mór, sargento-mór e duas companhias da *bicha*. Misericordia e hospital, pobres.

Tem duas fortalezas, uma dentro da villa e outra fóra, mas proximo, chamada do Cavallo. Estas fortificações foram restauradas, por ordem de D. João IV em 1648. Foi superintendente d'estas obras, o célebre padre Cosmander, da Companhia de Jesus.

Antigamente o governador d'estas fortalezas governava tambem em todas as mais ao N. até á Torre do Outão, e ao S. até Albufeira.

Em uma serra proxima ha gran finissima e optimas pedras de amolar, muito brancas.

Consta que esta povoação foi fundada pelos *gallo-celtas* e *Sarrios*, uns 300 annos antes de Jesus Christo. D. Affonso I a tomou aos mouros em 1165. Arruinou-se com as guerras e a reedificou e repovoou D. Sancho I, em 1200, dando-lhe grandes foros e privilegios; dando-a aos francezes que o vieram ajudar em 1199, contra os mouros.

Os duques d'Aveiro eram senhores d'esta villa; mas, em 1759, pelo supplicio do ultimo, ficou para a côroa.

Foi antigamente da corregedoria d'Azeitão.

É terra fertil. Tem muitas colmeias, pinhaes, gado, caça e peixe.

Ha aqui muito bôas quintas.

Eram do seu termo, Azeitão, Camarate, Aldeia dos Pinheiros, Aldeia das Vendas, Aldeia de Villa Fresca, (onde está a parochia de S. Simão, curado da Ordem de S. Thiago, vulgarmente Villa Fresca d'Azeitão) Aldeia dos Castanhos, Aldeia de Nogueira (onde está a parochia de S. Lourenço, curato da apresentação dos freguezes e a Casa de Misericordia: é hoje Villa Nogueira.) Aldeia Rica, Aldeia dos Oleiros, Aldeia dos Irmãos, Porto da Villa, Coina-a-Velha-de-Cima, e Coina-a-Velha-de-Baixo.

No meio d'estas aldeias está fundado um soberbo palacio, com magestosa entrada e espaçosa quinta, de frondoso arvorédo, vinhas, campos, hortas, pomares, jardins, e muitas fontes, que foi dos duques d'Aveiro.

Junto d'este palacio está o convento de frades dominicos, que fundou Estevão Esteves, ou cavalleiro rico, que, com sua mulher, Maria Lourenço, fizeram doação a este convento, por escriptura publica de 15 de dezembro de 1434, de todas as casas, cêrca e mais dependencias.

O rei D. Duarte lhe deu muito bons paramentos. Fundou-se, como disse, na quinta dos doadores, lançando-se-lhe a primeira pedra no dia de Nossa Senhora do O, do anno de 1435, concorrendo para a obra o rei e seu filho, D. Affonso, depois V, que lhe deram 3 moios de trigo de renda, dos *fornos-de-Palhaes*, e dinheiro para os carrêtos. [1]

A 3 kilometros fica a Quinta do Calhariz, dos srs. duques de Palmella, e no mesmo sitio a dos srs. condes de Sampaio.

São duas formosas e magnificas vivendas, principalmente a primeira, que tambem tem uma sumptuosa capella.

—

Junto da villa ha um aqueducto de cantaria, por onde vem a agua para o chafariz principal d'ella.

Diz-se que a agua da Fonte da Têlha e a do Carvalho são efficicazes para a cura de muitas doenças.

Nas côrtes que se celebraram em Lisboa em 18 de março de 1427, teve banco.

Era cabeça da commenda, do mestrado da Ordem de S. Thiago, e foram seus commendadores, até 1759, os duques d'Aveiro: depois passou para a côroa.

D. Sancho I, lhe deu foral, em Coimbra (com todos os grandes privilegios, fóros e regalias do foral d'Evora) em agosto de 1201. D. Affonso II, o confirmou, em Santarem, em janeiro de 1218. D. Manuel lhe deu foral novo, em Lisboa, a 28 de julho de 1514.

Tem mais duas Sentenças de foral, uma de 31 de maio de 1560, outra de 23 de junho de 1564 (Archivo da Torre do Tombo,

[1] Descrevi aqui este convento, porque, quando se fundou era no termo de Cezimbra; mas elle já está descripto e com mais minuciosidade em Azeitão. Vide esta palavra.

—

Liv. das Sentenças a favor da corôa, fl. 175, col. 2 e fl. 143 v., col. 2.)

Cezimbra tem um pequeno porto de mar. As suas areias trouxeram ouro. (Vide Almada.)

—

João Martins de Deus, era um cavalleiro asturiano, que se veio estabelecer n'esta villa e é progenitor dos Martins de Deus, d'aqui e de Setubal. Suas armas são—escudo dividido em pala, na primeira d'azul, um castello d'ouro, com um côrvo negro á porta; na segunda, d'ouro, aguia azul, rompente. Elmo d'aço, e por timbre 5 plumas, duas d'ouro e 3 azues. Outros da mesma familia teem as mesmas armas, mas por timbre um castello d'ouro, que é o das armas.

Nos campos de Cezimbra derrotou D. Affonso I, em 1165, o rei mouro de Badajoz, que vinha soccorrer os castellos d'esta villa e Palmella.

D. Diniz é que creou o concelho de Cezimbra, em 1323, fazendo-a então villa.

—

Já vimos que o concelho de Cezimbra chegava antigamente até Côina e comprehendia todo o actual concelho d'Azeitão, que foi d'aqui desmembrado, formando novo concelho, por alvará de 3 de novembro de 1759. Mesmo assim, ainda este concelho tem 16 kilometros de comprido e 13 de largo.

O Cabo do Espichel é n'este concelho. Pelo N., L. e O., é a villa rodeada de serras alcantiladas.

Suas casas são em geral pequenas, antigas e irregulares e as ruas tortas e estreitas, como as de todas as povoações antigas.

A Fortaleza da Praia (que fica ao S.) tem bons quarteis para governador, officiaes e soldados, quando os havia; porque actualmente a guarnição consta de 4 artilheiros!

Parte dos edificios do forte foi destinada para a delegação da alfandega.

A casa da camara é soffrivel.

A maior parte dos habitantes de Cezimbra são pescadores, e fazem grande commercio de peixe (quando o ha) não só com o reino, mas até com a Hespanha.

A capella real de Nossa Senhora do Cabo é um templo magnifico e bello. É aqui a grande romaria que toda a Lisboa e seu termo conhecem, concorridissima (sobre tudo, dos saloios e do seu famoso cirio.) Esta egreja tem a cathegoria de Capella Real. A imagem de Nossa Senhora do Cabo, appareceu pelos annos de 1250, no tempo de D. Affonso III. A festividade e concorrencia de cirios a esta egreja, que é um templo sumptuoso, data do seu apparecimento.

O cirio dos saloios tem logar no dia da Ascensão. O d'Azeitão, pelo Espirito Santo, e o de Cezimbra, no primeiro domingo depois do dia de S. Pedro d'Alcantara. É d'este sanpenitente, que habitou aquella serra, que toma o nome de cirio de S. Pedro d'Alcantara.

Os arrabaldes da villa são muito ferteis e bonitos.

Ha no termo minas de ferro e de trachites (de linda côr verde.)

A sua alfandega renda annualmente, termo medio, 10 contos de réis.

—

A principal festividade religiosa que aqui se faz, é ao Senhor das Chagas, no dia 3 de maio. Esta veneranda imagem, segundo a tradição, aportou a esta praia, em 1534, e a classe maritima empenha-se o mais possivel, para que todos os annos se faça esta solemnidade com grande esplendor.

Ha na freguezia, 5 capellas—a do Calhariz, a de S. Payo, a de Sant'Anna a de Aianna e a de Alfarim; isto fóra a de Nossa Senhora do Cabo, de que já fallei.

—

O concelho de Cezimbra é apenas composto das duas freguezias da villa (Nossa Senhora da Consolação e S. Thiago) a primeira com 568 fogos e a segunda com 702.

CEVER—Vide Sevêr.

CEZURES ou **SEZURES**—freguezia, Minho, comarca e concelho de Villa Nova de Famalicão, 15 kilometros ao O. de Braga, 345 ao N. de Lisboa, 100 fogos.

Em 1757 tinha 63 fogos.

Orago S. Mamede.

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

Situada em terreno accidentado e muito fertil.

O abbade de S. Thiago de Priscos, apresen-

tava o vigario, que tinha 40$000 réis de rendimento.

CEZURES, ou **SEZURES**—freguezia, Beira-Alta, concelho de Penalva do Castello, comarca de Mangualde, 24 kilometros a SE. de Viseu, 300 ao N. de Lisboa, 220 fogos.

Em 1757 tinha 117 fogos.

Orago Nossa Senhora da Graça.

Bispado e districto administrativo de Viseu.

Fertil. Tem bom vinho.

Era commenda da ordem militar do Santo Sepulchro (cavalleiros de Jerusalem.) Vide Trancozéllo.

O abbade da freguezia do Castello de Penalva, apresentava o cura, que tinha 20$000 réis.

CHACIM—villa, Traz-os Montes, 60 kilometros de Miranda, 420 ao N. de Lisboa, 160 fogos, 600 almas. No concelho 3:900, na comarca os mesmos.

Em 1757 tinha 192 fogos.

Orago Santa Comba, virgem martyr.

Bispado e districto administrativo de Bragança.

Era antigamente da comarca da Torre de Moncorvo. Eram seus donatarios os condes de S. Payo (Cardoso, Carvalho e outros, dizem que eram os condes de Villa-Flor; só o *Portugal Sacro* diz que eram os condes de S. Payo.)

Pelo decreto de 24 de outubro de 1855, se passou a comarca e concelho de Chacim a denominar, de Macêdo de Cavalleiros, tirando-se-lhe algumas freguezias e annexando-se-lhe outras. Vide no fim d'este artigo, as freguezias de que se compõe actualmente.

O donatario apresentava o abbade, que tinha 1:100$000 réis.

O abbade apresentava um cura, ao qual dava 6$000 réis e metade do pé d'altar.

Tem Misericordia.

A capella de Nossa Senhora do Desterro foi a antiga matriz da villa.

É notavel a capella de Nossa Senhora do Amparo, pelo seguinte:

Antigamente era da invocação de Nossa Senhora da Torre, por haver junto d'ella uma torre, que estando quasi de todo desmantelada, foi completamente arrazada em 1740. Como já não havia a torre para dar o sobrenome á capella se ficou chamando de «D. Caetano.» Depois, deixou de se denominar de D. Caetano, e dedicou-se a capella a Santa Catharina; mas, ainda não satisfeitos com estas substituições, a dedicaram finalmente a Nossa Senhora do Amparo.

É terra muito abundante d'aguas, muito fertil e cria muito gado.

Tem muitas amoreiras, cria muito bixo de sêda e tem fabricas d'ella.

Antigamente a camara e as justiças d'aqui eram póstas pelos senhores de Villa-Flor que «*alimpavam as eleições.*»

Tinha capitão-mór, sargento-mór, dous capitães e duas companhias de ordenanças.

A Fonte da Frága, proximo ao rio *Azêbo*, é sulphurea, e attribue-se-lhe a virtude de curar muitas doenças.

A 3 kilometros ao E. da villa, em um alto, érmo e agreste (chamado Monte do Carrascal) existia de muitos annos uma ermida dedicada a Nossa Senhora de Balsemão, ou de Balsamão, que é tradição ter sido mesquita de mouros.

Um frade, de nação polaco, chamado *Casimiro, de S. José Wizinski*, fundou junto a esta capella, em 1750, um convento de frades mariannos, com a invocação da Immaculada Conceição, que é hoje propriedade particular. Pela encosta do S., estão edificadas 8 capellinhas com os passos da paixão. (Via Sacra.) É conhecido por «Convento de Balsemão.

A situação d'este convento é muito formosa. No fim de uma dilatada veiga, se vê uma collina agreste e selvagem, mas que a arte conseguiu cultivar e tornar aprasivel. É no cimo d'esta collina, que os cenobitas fundaram o seu convento; do qual se avista uma formosa paisagem. Ao E. e N. se vêem os extensos montes de Moraes. Ao O, se vêem as ferteis veigas de Chacim e ao longe a serra de Bornes, quasi sempre coberta de neve.

Na egreja do mosteiro está a sepultura do fundador. Antes de haver o convento, já aqui havia anachoretas, que habitavam dispersos pela serra.

Junto ao convento ainda existem vestigios

de edificios, que parecem ser restos de fortes muralhas.

A base do monte é regada a E. pelo rio Azibo, e ao N. corre um ribeiro, que, depois de regar os ferteis campos de Chacim, vae deaguar no Azibo.

É tradição que, no logar onde hoje está o convento, existira, no IX ou X seculo, o castello de um *rei* mouro, o qual entre outras oppressões que fazia aos seus vassalos christãos, era uma (de certo a peor) possuir todas as noivas, no primeiro dia do seu casamento.

Um habitante da villa de Alfandega da Fé (que é agora concelho d'esta comarca) ao qual chegou a vez de ser noivo, *não esteve pelos autos*, e, proclamando aos seus patricios, se revoltaram contra o tyranno.

Sabende o tal *rei* d'esta conspiração, veio esperar os *rebeldes* nos campos de Chacim e ahi se deu um renhido combate, em que os christãos (os revoltados) por serem muito menos do que os mouros, hiam de vencida; porém Nossa Senhora lhes appareceu e, com um vaso de *balsamo na mão*, lhes curava todas as feridas e dava novo alento; pelo que elles venceram os mouros, matando o *rei* e quasi todos os seus.

Depois foram-se ao castello e o arrasaram.

Em memoria d'isto e em acção de graças a Nossa Senhora, edificaram uma capella, no sitio onde tinha sido o castello e lhe deram a invocação de Nossa Senhora do Balsamo na Mão (e lá está a Senhora com uma amphora ou vaso na mão) e a que o povo por abreviatura chama Nossa Senhora de Balsamão.

A ermida foi depois ampliada e é hoje uma egreja, sob a mesma invocação. Faz-se-lhe annualmente uma grande romaria no domingo de Paschoella, conhecida pelo nome de *Festa de Cara Mouro* (porque Nossa Senhora, animando os christãos na tal batalha, lhes dizia: *Cara aos mouros!*

Perto d'esta capella está um pôço, que communica com o rio Azibo, que corre nos limites d'esta villa. Nasce no logar de Pouzendo, termo de Bragança, e depois de 40 kilometros de curso, desagúa no Sabôr.

Tambem em premio d'esta victoria, se deu á villa d'Alfandega o sobrenome de: *da Fé*. (Vide esta villa.)

E ao sitio onde teve logar a batalha (que degenerou em *chacina*) se deu o nome de *Chacim*, que passou para a villa.

Ainda hoje se vêem junto ao convento vestigios de fortes muralhas. (Vide Balsemão e Caramôs.)

Consta que D. Fernão Mendes Cogominho lhe deu foral no reinado de D. João I, pelos annos de 1400, mas Franklim não falla n'este foral.

D. Manuel lhe deu foral novo, sem data, provavelmente por esquecimento, ou por êrro de cópia; mas suppõe-se que foi em 1514. (Torre do Tombo, *Livro dos foraes novos de Traz-os-Montes*, fl. 18, col. 2.ª)

N'este foral, no artigo *Portagem*, se remette ao foral de Miranda, que é do 1.º de junho de 1510, logo o de Chacim é mais novo.

O foral d'esta villa o é tambem de Monte Mel.

Chacim é povoação antiquissima, mas não pude saber quem a fundou, nem quando. É provavel que já existisse no tempo dos romanos e que as ruinas de muralhas (alicerces) que se vêem no Monte do Carrascal (hoje Balsemão) seja construcção sua.

A lenda do *rei* mouro (que de certo não passava de algum *alcaide* ou *emir*) tem visos de verdadeira; e o milagre do balsamo tem facil explicação, isto é, podia alguma donzella lusitana curar as feridas e animar os chistãos no furor da batalha (talvez fosse mesmo a tal desposada do cavalleiro de Alfandega da Fé) e que os lusitanos no impulso da sua gratidão a comparassem á Santa Virgem.

—

Tem este concelho 40 freguezias, sendo 38 no bispado de Bragança e 2 no arcebispado de Braga. As de Bragança são: Ála, Amendoeira, Arcos, Bagueixe, Bornes, Burga, Carrapatas, Castellãos, Chacim, Cortiços, Corujas, Edroso, Espadanêdo, Ferreira, Grijó, Lagôa, Lama-Longa, Lamas, Macêdo de Cavalleiros, Melles, Moraes, Murços, Olmos, Podence, Roméu, Salcellas, Sesulfe (ou Ce-

zulfe) Soutéllo, Talhas, Talhinhas, Valle d'Asnes, Valle Bemfeito, Valle da Porca, Valle de Prados, Villar do Monte, Villarinho de Agrochão, Villarinho do Monte e Vinhas. No arcebispado de Braga, são: Lombo e Perêdo.

CHAFARIZ—palavra africana, *Xucarige*, fonte d'agua com bica, ou sem ella. Foi adoptada pelos portuguezes; mas só se dá ás fontes que teem uma ou muitas bicas.

CHAKRACH—nome que os arabes davam á villa de Sagres, no Algarve.

CHAMA ou **CHAMOA**—portuguez antigo, nome proprio de mulher. É corrupção do latim *Flamula*. Em todos os foraes e documentos antigos portuguezes, escriptos em latim, em que figurava alguma mulher d'este nome, se escrevia *Flamula*. Foi muito usado em Portugal até ao seculo XIV, principiando desde então a cahir em desuso. (Vide Torre de Dona Chama.)

CHAMOIM—freguezia, Minho, comarca do Pico de Regalados até 1855, e desde então comarca de Villa Verde, concelho de Terras de Bouro, 24 kilometros de Braga, 360 ao N. de Lisboa, 130 fogos.

Em 1757 tinha 114 fogos.

Orago S. Thiago, apostolo.

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

Era antigamente da comarca de Vianna, concelho de Terras de Bouro.

O arcebispo de Braga e o papa apresentavam alternativamente o abbade, que tinha 500$000 réis.

É terra muito abundante de boas aguas e muito fertil e saudavel.

Corre pela freguezia a antiquissima via militar romana chamada a Geira.

É regada pelo rio Homem, que aqui se junta com o Rio Pequeno e vae juntar-se ao Cávado, no Bico.

Ainda aqui existem alguns marcos milliarios da Geira.

Junto ao logar está um sem inscripção (por lhe faltar a parte onde ella estava.) Tem 1m50 de altura.

Não longe d'este está outro, da mesma altura, do qual só se póde lêr:

.... PD AUG ....
........M. P.....

No sitio dos Esporões está outro de 5½ palmos de altura, sem inscripção.

—

O *cruzeiro* d'esta freguezia é formado por uma columna de granito mal lavrado, que o padre J. C. d'Argote diz, fôra marco milliario. Picaram-lhe a inscripção, para o adelgaçarem para isto.

CHAMORRA—grande e bonita aldeia, Douro, freguezia de Valladares, concelho e 5 kilometros ao SO. de Gaia, comarca, bispado, districto administrativo e 5 kilometros ao S. do Porto. 30 fogos.

A freguezia tem 340 fogos e é seu orago, S. Salvador.

Teve principio (segundo consta) em uma propriedade de que foi senhora uma dama nobre chamada D. Chamôa, a qual aqui construiu uma boa casa, pelo que se ficou chamando Quinta de D. Chamôa. Depois, por abreviatura, Quinta da Chamôa, que por fim se corrompeu em Chamôrra.

Dizem outros que á tal quinta se chamou sempre da Chamôrra, por ser de uma senhora que andava sempre com o cabêllo tosqueado.

Acho mais verosimil a primeira etymologia. (Vide Châma e Chamôrro.)

—

Esta aldeia é situada em formosa posição e muito fertil. É atravessada pela nova estrada á macadam, do Porto para Ovar. Fica a uns 3 kilometros ao S. da estação do caminho de ferro de Villa Nova de Gaia (Devezas) e a egual distancia a ENE. do Atlantico.

As mulheres d'estes sitios teem fama (bastante bem merecida) de muito formosas.

CHAMORRO—tosquiado. Deram os castelhanos este nome aos portuguezes (que tão bem os tosquearam) em Aljubarrota; porque os castelhanos ainda então usavam o cabello comprido, como os godos, e nós já não. D. João I de Castella dizia quando ia a fugir: «A maior pena que tenho é ser derrotado por estes *chamôrros*.»

CHAMUSCA—villa, Alemtejo, 100 kilometros a E. de Lisboa, 800 fogos, 3200 almas—no concelho 2:260 fogos, na comarca 3:700.

Em 1757 tinha 662 fogos na villa e freguezia.

Orago S. Braz, bispo e martyr.

Patriarchado, districto administrativo de Santarem.

Situada em campina, muito fertil, na margem esquerda do Tejo, d'onde se vê a Gollegan, a 6 kilometros ao N., a Asinhaga e outras povoações.

A matriz é um bom templo, com sete altares. O prior, já antes de 1834, era feito a concurso. Tinha a terça parte dos dizimos, que andava por 1:000$000 réis.

Em 1757 andou em litigio o padroado d'esta egreja, entre o patriarcha e a rainha, allegando ambos direito a elle. Por fim venceu a rainha, por ser este padroado da denominada Casa das Rainhas.

Tem Misericordia e hospital, fundado em 1740 por Francisco Sutil, natural d'esta villa. Tem varias capellas dentro e fóra da villa.

É terra muito fertil em cereaes e legumes, optimos melões e melancias, muito e muito bom vinho (já em 1750 produzia a villa e termo 1:500 pipas) toda a casta de gado (os seus toiros são conhecidos pela sua bravura em todo o reino). Abunda em caça e peixe do Tejo.

Era da Casa das Rainhas que aqui punha juiz de fóra, camara e mais justiças, e sujeitas á ouvidoria d'Alemquer, como cabeça da comarca das *Terras das Rainhas*.

Tem duas boas feiras, uma a 13 de fevereiro, chamada de S. Braz (porque antigamente se fazia a 3) e outra no 2.º domingo de outubro. Duram tres dias cada uma.

Esta villa fica entre Santarem e Tancos.

Exporta muita carne de porco, lenha, fructa, cereaes, etc., e produz tambem muito mel e cera.

A egreja (moderna) da Ordem Terceira de S. Francisco, é o melhor edificio da villa.

Consta que D. Sebastião lhe deu foral em Lisboa, a 13 de fevereiro de 1561; mas Franklim não falla em tal foral. Além d'isso, se o foral lhe foi dado em 1561, não podia ser D. Sebastião que lh'o deu, porque era ainda menor; mas sua avó, a rainha D. Catharina, então regente.

Não é provavel a existencia do foral (mas é possivel) porque, ainda em 1590 não era a Chamusca mais do que uma quinta de Ruy Gomes da Silva (principe d'Eboli) grande valido de Philippe II, e este a fez villa, n'esse anno, a pedido d'aquelle.

A 2 kilometros da villa está o convento de frades franciscanos.

Ha mais em Portugal 5 aldeias chamadas *Chamusca*.

—

Aqui nasceu, e aqui falleceu, em dezembro de 1873, o dr. fr. Lourenço Domingues Reis do Rosario, thesoureiro da egreja da Misericordia de Lisboa, desde 1853, e desembargador da camara ecclesiastica do patriarchado. Tinha sido religioso benedictino.

Era um varão bemfazejo, de costumes simples, de muita illustração; pelo que era geralmente estimado e respeitado.

—

O concelho da Chamusca é formado por 5 freguezias, que são — Chamusca, Pinheiro, Ulme, Valle de Cavallos e Chouto.

A comarca é formada dos julgados da Chamusca e Almeirim.

CHAMUSINHOS — Vide S. Pedro da Torre.

CHAN ou S. VICENTE DA CHAN — freguezia, Traz-os-Montes, comarca, concelho e 4 kilometros ao S. de Montalegre, 65 kilometros a NE. de Braga, 420 ao N. de Lisboa, 280 fogos.

Em 1757 tinha 172 fogos.

Orago S. Vicente, martyr.

É nas chamadas *Terras de Barrôso*.

Era antigamente do termo de Montalegre, comarca de Chaves.

O vigario, collado, era apresentado pela abbadessa das freiras de Villa do Conde, que lhe dava de congrua 250 alqueires de centeio e 4$000 réis, e tinha além d'isso o pé d'altar. Tinha mais de cada fogo meio alqueire de centeio. Andava tudo por 300$000 réis.

O vigario apresentava dois curas e tinha cada um 8$000 réis e 50 alqueires de centeio, pago tudo pela commenda.

Ha n'esta freguezia muitas capellas.

A matriz é um templo muito antigo, es-

paçoso e aceiado. Foi edificado no X ou XII seculo (contemporanea da do mosteiro de Santa Maria das Junias, de Pitões, d'este concelho, e da de S. Salvador do Viveiro de Covas, concelho das Boticas).

Foi reedificada modernamente (no principio d'este seculo). Tem 5 altares e é das melhores do arciprestado de Montalegre.

S. Vicente da Chan foi mosteiro; o que consta do Livro censual da Sé de Braga e de outros documentos. Parece que foi de templarios, pois Duarte Nunes de Leão diz que na doação que D. Diniz fez dos bens dos templarios á Ordem de Christo, que instituiu, exceptuou o mosteiro de S. Vicente da Chan e outro. Desde tempos remotos foi annexado ao mosteiro de freiras de Santa Clara, de Villa do Conde, e depois formou esta freguezia com as duas annexas de Negrões e Morgade, e com a aldeia de Codeçoso, que era da freguezia de Meixido.

Tudo isto formava uma commenda, que rendia ás ditas freiras 1:400$000 réis, dos quaes deduzidos 400$000 réis, para congruas e *fábricas*, lhe ficava liquido 1:000$000 réis.

Hoje esta freguezia é abbadia, com a congrua de 260$000 réis e 50$000 réis para um coadjutor.

Mais uma prova da antiguidade d'esta egreja é ter a pia baptismal fóra do templo, segundo a liturgia antiga, em que o baptisterio era no adro.

É terra frigidissima, mas muito saudavel. Produz muito centeio, algum milho e do mais pouco.

Cria muito gado e os bois d'aqui (chamados *barrozãos*) são bellos e optimos para serviço. Excellente carne de porco.

Aqui se instituiu em maio de 1862 a «*Associação dos devotos de S. Theotonio, primeiro prior de Coimbra*» que foi confirmada pelo arcebispo de Braga, em 16 de maio de 1863. (Vide Tardinhade.)

—

Passa por esta freguezia o rio Regavão, que, correndo aqui minguado de aguas, a poucas leguas de distancia, e proximo da sua confluencia com o Cávado, forma sob a celebrada e pittoresca ponte da Misarella, as notaveis cachoeiras ou cascatas tão justamente admiradas pelos viajantes curiosos.

O sólo da maior parte da freguezia é plano, e por isso se lhe deu o nome de Chan.

A sua egreja matriz é uma das melhores do concelho, e o seu frontispicio, que ainda é o primittivo, é ornado com figuras e arabescos, que bem manifestam a sua antiguidade.

Ha mais em Portugal 25 aldeias com o nome de Chan.

CHANÇA—rio, Alemtejo. Nasce ao S. de Barrancos e fórma a raia de Portugal, até entrar na esquerda do Guadiana, acima de Alcoutim.

Tem 70 kilometros de curso.

CHANÇA—aldeia, Alemtejo, concelho do Crato.

É a 26.ª estação do caminho de ferro de Leste.

CHANCELLARIA—freguezia, Extremadura, comarca e concelho de Torres Novas, 105 kilometros ao NE. de Lisboa, 316 fogos. Em 1757 tinha 190 fogos.

Orago Santa Eufemia, virgem e martyr.

Patriarchado e districto administrativo de Santarem.

É terra muito fertil. Optimo vinho (chamado de Torres).

Cria muito gado de toda a qualidade.

CHANCELLARIA—villa, Alemtejo, comarca da Fronteira, concelho de Alter do Chão, 30 kilometros de Portalegre, 155 ao SE. de Lisboa, 220 fogos.

Em 1757 tinha 120 fogos.

Orago Santo Estevão, proto-martyr.

Bispado e districto administrativo de Portalegre.

Era antigamente da provedoria de Portalegre, ouvidoria de Villa Viçosa.

É da casa de Bragança, á qual são foreiras todas as terras d'este termo.

Situada no meio de uma charneca.

A casa de Bragança apresentava o prior, e este apresentava dois coadjutores, um que servia de cura da matriz da villa e tinha 2 moios de taigo, 4$000 réis e metade das offertas, o outro que apresentava na sua annexa de Nossa Senhora da Graça, da Margem, e tinha 90 alqueires de trigo, 14$000 réis e as offertas por inteiro.

O prior tinha os dizimos e d'elles pagava aos dois curas.

É terra fertil em cereaes.

Foi concelho e tinha 2 juizes ordinarios, 3 vereadores, um procurador do concelho, escrivães, porteiros, etc.

Tinha capitão-mór e uma companhia de ordenanças com seu capitão.

No campo onde hoje se vê a capella de Santa Luzia, estava antigamente a povoação de Villa Facaia, ou Villa Formosa, que depois se mudou para onde agora está esta villa da Chancellaria, não ficando alli senão a capella, que era a antiga egreja matriz.

No mesmo campo ha (ou havia) uma feira franca a 13 de dezembro.

Proximo da capella está uma magnifica ponte de 6 arcos, toda de cantaria, chamada Ponte de Villa Formosa, sob a qual passa o rio Sêda.

D Manuel lhe deu foral em Lisboa, no 1.º de julho de 1518 (*Livro de Foraes Novos do Alemtejo*, fl. 111 v. col. 2.ª)

CHANESCO, A—(portuguez antigo) Coisa ou pessoa grosseira, estupida ou mal feita. É corrupção de—cynesco. Os cynescos, ou cynetas, eram povos barbaros que habitavam proximo ao Cabo de S. Vicente, em eras remotissimas. (Vide Algarve, provincia.)

CHANOUCA—aldeia, Alemtejo, arcebispado d'Evora. É a palavra arabe *Xanouca* (a forca). Deriva-se do verbo *xanaca*, dependurar pelo pescôço, enforcar. Quer pois dizer —Aldeia da Forca.

CHANS de **TAVÁRES**—villa, Beira-Alta. Chamou se primeiramente Villa das Chans, depois, Chans de Taváres e hoje se chama Tavares. É no concelho e comarca de Mangualde, bispado e districto administrativo de Viseu.

(Vide Tavares, onde vae a descripção da freguezia.)

CHANS (S. MARTINHO DAS)—freguezia, Beira-Alta, comarca de Taboaço, concelho de S. Cosmádo, até 1855, e desde então comarca e concelho de Armamar. 12 kilometros de Lamego, 330 ao N. de Lisboa, 229 fogos.

Em 1757 tinha o logar 38 fogos, e toda a freguezia 190.

Orago S. Martinho, bispo.

Bispado de Lamego, districto administrativo de Viseu.

Era antigamente da comarca de Lamego, termo de Lumiares.

O bispo de Lamego apresentava o vigario (collado e feito por concurso) que tinha 40$000 réis e os incertos; e o seu coadjutor 8$000 réis e 15 alqueires de pão, tudo pago pela commenda, que é da Ordem de Christo.

Fertil em milho, centeio, vinho e azeite.

Nasce aqui o ribeiro Alcabriz, que se junta ao rio Temi-Lobos.

(O padre Cardoso traz esta freguezia repetida, com o nome de Chans e de Chãos.)

Tem 3 aldeias: S. Martinho, Lumiares e Gogim. S. Martinho está em um sitio elevado, com vasto horisonte para o N. e O. É muito fria. Lumiares, foi villa antigamente e tem algumas casas grandes, muito antigas. Foi esta villa que deu o titulo aos condes de Lumiares. Gogim é patria do 1.º conde de Samodães (Vide Samodães.)

Ainda existe o velho palacete do actual conde de Samodães (o 2.º d'este titulo.)

Nos limites d'esta freguezia, no alto da serra proxima, ha uma linda ermida, dedicada a Nosso Senhora da Piedade, muito visitada dos fieis, e onde no domingo da Santissima Trindade, vae a camara municipal de Armamar e os parochos, com cruz levantada, havendo por essa occasião um grande arraial. (Vide Gojim.)

CHANS—villa, Beira Baixa, concelho e comarca de Villa Nova de Foz-Côa, 70 kilometros de Lamego, 360 ao N. de Lisboa, 100 fogos.

Em 1757 tinha 52 fogos.

Orago actual, S. Caetano.

Em 1757 era Nossa Senhora da Assumpção.

Bispado de Lamego, districto administrativo da Guarda.

O padroado real apresentava o abbade, que tinha 1:000$000 réis.

Era antigamente da comarca e bispado de Viseu, d'onde dista 25 kilometros.

Foi da comarca da Méda, concelho de Marialva, até 1855.

A sua 1.ª situação foi no monte de Nossa Senhora do Castello, d'onde foi mudada para o valle em que hoje está.

Foi aqui abbade, Jacintho Freire de Andrade. (Vide Beja, onde vem a sua biographia.)

No monte onde antigamente era esta villa, está hoje a capella de Nossa Senhora do Bom Successo.

Quando se desfez a antiga matriz, se acharam sepulturas inteiras (que ainda alli existiam no principio d'este seculo, e não sei se actualmente) com brasões.

No fundo d'este Monte está uma fonte de pedra lavrada, muito tosca, mas antiquissima.

Tinha esta egreja 4 annexas, que eram: Nossa Senhora da Vargea, S. João da Fresta, Santa Cicilia da Abrunhosa e S. Salvador de Travanca.

Era antigamente concelho e tinha juiz de fóra, camara, escrivães, *patrazanas*, beleguins, etc.

É terra fertil.

Ha mais em Portugal 7 aldeias chamadas Chans.

CHANTADO—portuguez antigo, ainda usado nas aldeias das provincias do Norte, significa mettido, espetado, introduzido, enterrado, etc.

CHANTARIM ou **CHATIREYN**—nome que os arabes davam á actual cidade de Santarem. A pronuncia vinha a ser a mesma de hoje, á excepção do *s*, que elles pronunciavam mais como *x*, ou *ch*, do que como o nono *s*.

CHÃO DO COUCE—villa, Extremadura, comarca e concelho de Figueiró dos Vinhos, 35 kilometros ao S. de Coimbra, 165 ao N. de Lisboa, 300 fogos (1:200 almas) no concelho extincto em 1855, 800 fogos.

A villa tinha em 1757 218 fogos.

Orago Nossa Senhora da Consolação.

Bispado de Coimbra, districto administrativo de Leiria.

É do infantado.

Tinha sido dos marquezes de Villa Real, até 1759. (Vide Caminha.)

Chamava-se antigamente Palhaes.

Situada em planicie fertil.

Perto da villa fica a grande matta de castanheiros bravos, chamada de Santa Anna, ou do Pinheiro. D'aqui se exporta grande porção de madeira para Lisboa e outras partes.

Havia (e não sei se ainda existe) n'esta matta um pinheiro que tinha 9 metros de circumferencia e era altissimo. Foi elle que deu um dos nomes que tem a matta. É da casa do infantado.

Junto á tapada ha um palacio, com seus jardins e pomares, fundado pelos marquezes de Villa Real; que tambem passou para a casa do infantado, a qual tem aqui um couteiro. Os marquezes de Villa Real e depois os infantes é que nomeavam as pessoas que exerciam os empregos publicos.

A matriz é fóra da villa, no termo da villa de Penella, e era o prior da freguezia de S. Miguel d'esta ultima villa que apresentava o vigario de Chão do Couce, que tinha 60$000 réis.

É terra fertil e produz muito e bom vinho. Gado e caça.

—

CHÃO DO COUCE ou **NOSSA SENHORA DA GRAÇA**—freguezia, Extremadura, concelho de Pedrogão Grande, comarca de Figueiró dos Vinhos, 36 kilometros ao S. de Coimbra, 165 ao N. de Lisboa, 330 fogos.

Em 1757 tinha 277 fogos.

Orago Nossa Senhora da Graça.

Bispado de Coimbra, districto administrativo de Leiria. É terra muito fertil.

Chamava-se antigamente Nossa Senhora da Graça, de Chão do Couce; hoje chama-se vulgarmente Nossa Senhora da Graça.

A casa do infantado apresentava o vigario, que tinha 50$000 réis.

CHÃO DA FEIRA—aldeia, Extremadura, freguezia e proximo á Batalha.

O conde do Bomfim aqui bateu os generaes Saldanha e Villa-Flor, em 29 de agosto de 1837.

(Vide Batalha.)

CHÃO DA FONTE—ribeiro, Minho, que nasce nos alcantis do Gerez, no sitio do seu nome, e morre na direita do rio Homem. Corre arrebatado por entre penhascos alterosos.

No sitio do Pôço da Moura, se precipita

de grande altura, formando uma catarata magestosa, e atroando estes contornos. O Pôço da Moura, é um sitio triste, sombrio e profundissimo, e o povo d'aqui lhe liga uma horripilante lenda de mouras encantadas.

(Vide Homem, rio.)

CHÃO DA FORCA—monte, Douro, junto á pequena villa de Cabeçaes.

Deu-lhe o nome uma forca de pedra, que ainda em 1844 alli existia, posto que arruinada; sendo n'esse anno demolida por um visinho (sem auctoridade de ninguem) para com os seus materiaes remendar uma sua parede.

É tradição que alli foi enforcado um prêto (escravo da familia dos Peixotos, que eram donatarios de Fermêdo, em cuja freguezia é a villa de Cabeçaes) por ter assassinado uma creança, lançando-a a um forno acceso.

Ha em Portugal varios sitios com este nome e com os de Valle da Fôrca, Outeiro da Fôrca, Cabêço da Fôrca, Terreiro da Fôrca, etc., etc. São os logares onde existiram fôrcas.

Na cidade de Vianna ha o Largo da Picota, que significa o mesmo. Picota é synonimo de fôrca, assim como *Chamouca*.

CHÃO DE MAÇÃS—aldeia, no concelho do Pombal, Extremadura.

É a 19.ª estação do caminho de ferro do Norte.

Proximo e ao N. d'esta povoação, é o primeiro tunnell do caminho de ferro. Fica entre esta estação e a de Caxarias.

CHÃO SALGADO—Segundo a nossa antiga legislação, os crimes de regicidio, alta traição, parricidio, sacrilegio e outros de maxima gravidade, não eram só punidos com a morte do reu, depois de horriveis tormentos. A vindicta da lei, no intuito de aterrar os mal inclinados e de prevenir os crimes pelos severissimos castigos infligidos aos reus, ia além dos limites de uma hermeneutica racional.

Os sequestros das propriedades dos criminosos era certamente uma barbaridade, pois que assim, vinham a viuva e os filhos innocentes, a ficar desherdados do que conscienciosamente lhes pertencia e só herdavam a ignominia que resultava do crime a que tinham sido estranhos. E muitas vezes não eram só os filhos ás victimas d'essas leis injustissimas, porque ellas fulminavam ainda os descendentes dos criminosos *até á 4.ª geração*, quando não se estendiam a toda a descendencia d'elles *até ao fim do mundo*.

Isto era flagrante crueldade e injustiça; mas *arrazar as casas* dos criminosos e *salgar o chão* em que ellas tinham sido edificadas, era uma estupidez, porque nem aproveitava ao estado (herdeiro *legal* dos bens dos delinquentes) nem ás familias d'estes.

Tambem nos crimes gravissimos, os cadaveres desconjuntados ou mutilados dos reus, eram *queimados e as cinzas lançadas ao mar*. Se elles eram nobres, que tinam *brazão d'armas*, eram estas *picadas* e destruidas. A lei, com estas severidades, pretendia apagar a memoria do criminoso, mas não fazia mais do que eternizar a lembrança do crime pela atrocidade do castigo.

As sentenças que mandavam *salgar o chão*, depois de arrasadas as casas, prohibiam que alli se tornasse a edificar, e o sal era para que aqelle chão nunca mais tornasse á dar fructo.

—

Campo Salgado ou *Chão Salgado*, é um sitio na Rua Direita de Belem (Lisboa) que nos recorda o attentado contra D. José I. Direi quanto julgar interessante com respeito a este logar de sempre funebre recordação.

Pelas 11 horas da noite de 3 de setembro de 1758, indo o rei caminho do palacio da Ajuda (o que ardeu) em um coche com o seu valido e criado particular, Pedro Ferreira, ao sahir pela porta da real quinta chamada *do Meio*, na Calçada do Galvão, para passar por um pequeno campo proximo á residencia do rei, ahi estavam tres conjurados, a cavallo, e armados de bacamartes ou *roqueiros*, fortemente carregados de grossa munição, que dispararam simultaniamente contra o coche real; porém um dos bacamartes *errou fogo*. Os bacamartes que *pegaram*, foram disparados (segundo diz a sentença) por Antonio Alvares Ferreira e José Polycarpo de Azevedo, e o que *errou* sup-

põe-se ser o de Manuel Alvares Ferreira; todos familiares dos duques de Aveiro e Tavoras.

Era tal a carga dos dois bacamartes que se dispararam, que fizeram no espaldar dois grandes rombos esphericos e o despedaçaram todo. Custa a comprehender como o rei poude escapar apenas com um ferimento, ainda que grave, no braço esquerdo.

Segundo uns, vendo-se o rei assim aggredido e receiando outra cilada, mandou o boleeiro retroceder para a Junqueira; outros porém são de opinião (e é mais verosimil) que as bêstas, espantadas com os tiros, retrocederam, sem governo, até áquelle sitio, onde pararam, extenuadas pela velocidade da carreia. Em qualquer dos casos, a volta por esta desusada verêda foi a causa do rei escapar de segunda emboscada, que estava mais adiande, prevenindo o caso de escapar com vida da primeira.

Morava então no sitio da Junqueira, na casa que antigamente tinha sido um forte, o marquez de Angeja, a quem D. José I tinha dado isto, depois que o terremoto lhe reduzira a cinzas o palacio que havia tido ás Cruzes da Sé. Foi a esta habitação que o rei se recolhera ferido, e na propria cama do marquez lhe fizeram a primeira cura; e, concluida ella, se recolheu ao seu palacio, em outro trem.

Na manhã do dia seguinte toda a cidade sabia do attentado, que era geralmente attribuido á familia Tavora; apesar da corte pretender fazer acreditár que o ferimento do rei foi em resultado de uma grande quéda, que déra a descer uma escada do paço.

O marquez de Tavora (pae) foi ao paço para protestar a sua fidelidade e offerecer-se para executor da pena por tal crime; mas o secretario (Sebastião José de Carvalho e Mello) o dissuadiu d'isso, dizendo-lhe que o rei attribuia o facto a ciumes da rainha; pelo que todos os grandes da côrte deviam fingir completa ignorancia do occorrido.

Passados poucos dias, pediu o duque de Aveiro licença para hir, por algum tempo, residir com a sua familia na sua quinta de Azeitão, e sendo-lhe concedida, para lá foi.

A familia dos Tavoras ficou em Lisboa.

Com tamanho segredo se deram todas as providencias que nada transpirou, pelo que tudo se levou a effeito.

Na madrugada do dia 13 de dezembro se cercaram de cavallaria e infanteria todas as casas de habitação de D. Francisco d'Assis de Tavora; D. Luiz Bernardo de Tavora; de D. José Maria de Tavora; (pae) de dois filhos da marqueza de Tavora; de D. Jeronymo d'Athayde, conde d'Athouguia, genro do primeiro e cunhado do segundo e terceiro; de D. Manuel de Tavora, que, por sua mulher, era conde de Villa Nova; do marquez de Alorna; dos condes de Obidos; da Ribeira e do Calhariz; do desembargador Antonio da Costa Freire; e de outros muitos fidalgos parentes d'estes, que estavam por todo o reino, e da mesma sorte todas as casas dos jesuitas.

Para cada uma d'estas casas se tinha destinado um ministro com seus officiaes, ás ordens do qual estava a tropa que fazia o cêrco.

Foram os ministros prendendo os chefes da casa e suas mulheres e filhos, de ambos os sexos, e varios creados indicados nas instrucções, conduzindo-os aos logares préviamente designados.

O marquez velho de Tavora tinha passado essa noite em um baile de inglezes, e sabendo, ao regressar, de carruagem, do occorrido, se foi queixar ao paço por a cavallaria (de que era inspector) sahir dos quarteis sem sua ordem, mas alli mesmo foi preso por Sebastião José de Carvalho e Mello, e entregue a D. Luiz da Cunha (secretario dos negocios estrangeiros) e ao conde de Soure, os quaes o conduziram á quinta dos Bixos (Belem) com porta fronteira ao caes, onde já estavam seus dois filhos e seus genros, separados uns dos outros e bem guardados.

No mesmo dia (13 de dezembro) passou um corpo de cavallaria para Aldeia Gallega do Riba Tejo, e tendo o duque d'Aveiro (que, como disse, estava em Azeitão) noticia d'isto, por seu secretario, Antonio José de Mattos Ferreira, que se conservára em Lisboa, para o avisar do que occorresse, perguntou muito perturbado (estava a jogar) o cami-

nho que a tropa seguia, e respondendo-se-lhe que marchava pelo d'Evora, foi continuando a jogar; porém a cavallaria, chegada a alguma distancia, retrocedeu e com uma rapida evolução lhe cercou a quinta.

Era ministro d'esta diligencia, o desembargador José Antonio de Oliveira Machado, que entrando com os seus officiaes, sem a minima formalidade ou ceremonia, só parou em frente do duque, que tentou resistir com os seus criados; mas vendo que era inutil (e ainda mais aggravante) a resistencia, e a fuga impossivel, se entregou. Foi tambem presa sua mulher e filhos e os familiares designados na lista, sendo logo separados e conduzidos a differentes partes. Os criados não relacionados ficaram em liberdade.

Junto ao duque e no acto da prisão estava José Polycarpo de Azevedo (um dos mais fortemente indiciado) mas, não tendo sido, por engano, comprehendido no rol dos que deviam ser presos, escapou por um acaso á prisão, aos tormentos e á morte. Depois fizeram-se as maiores diligencias para que elle fosse preso, não só em Portugal, mas em toda a Europa e America (para onde se mandaram todos os signaes por onde podia ser conhecido) mas tudo foi debalde, apesar das enormes recompensas que se prometteram.

Muita gente suppoz que elle se escondeu em algum deserto, onde morreria na solidão e desamparo; mas parece que escapou no estrangeiro, e que depois de muito velho, no reinado de D. Maria I, veio morrer ao hospital da Misericordia, de Lisboa. (Vide esta cidade, no logar competente.)

A sentença estabeleceu um premio de 10 mil crusados a quem prendesse José Polycarpo dentro do reino, e 20 mil se fosse em paiz estrangeiro, além de todas as despezas da jornada.

Constou que elle esteve, completamente disfarçado, em Lisboa, no dia do supplicio dos seus co-reus; mas parece-me isso inverosimil.

O desapparecimento de José Polycarpo deu logar a que muitos individuos, que por fatalidade sua tinham a desgraça de se parecerem mais ou menos com elle, fossem presos e passassem muitos incommodos (e alguns até tormentos) antes de provarem a sua identidade plenamente. Tambem bastantes foram presos por serem seus parentes ou conhecidos (!) a ver se por estes meios injustos se conseguia a sua captura; mas tudo foi em vão, e José Polycarpo foi o unico actor d'este drama horroroso, que se pôde subtrahir á acção da justiça.

Tambem em 13 de dezembro appareceram affixados nos logares publicos de Lisboa, dois editaes regios, um com a data de 9 d'esse mez, contando o attentado e suas circumstancias e declarando que na cocheira estava patente ao publico a carruagem destruida pelos tiros. Promettia com prodigalidade titulos, honras, postos, logares e grandes premios aos que delatassem o que soubessem d'este facto; e perdoando aos cumplices (não sendo cabeças) que viessem referir as circumstancias do crime.

O outro edital era datado d'esse mesmo dia 13, e prohibia a todos os portuguezes residentes no reino o sahir d'elle, e ainda do territorio do seu domicilio, sem provar a sua identidade perante o ministro *ad hoc*; que depois de rigorosissimo exame, lhe concedia licença, na qual eram minuciosamente expressos todos os signaes do pretendente e os fins e dias da sua ausencia.

A marqueza, velha, de Tavora (D. Leonor) tinha ficado presa no seu proprio palacio, mas no dia 14 de dezembro foi transferida para o mosteiro das Grillas. A marqueza de Tavora, nova, para o de Santos; a duqueza de Aveiro, para o do Rato; a condessa de Athouguia, para o da Magdalena e a marqueza de Alorna, para o de Chellas.

As filhas d'estas se distribuiram por outros conventos, e os filhos menores por collegios, privados todos da mais simples communicação e com expressa prohibição de serem tratados como nobres.

N'este mesmo dia foi o filho do conde de Villa Nova chamado á secretaria d'estado, onde, da parte d'elrei lhe disse Carvalho que o crime de seu pae o não prejudicava; mas que não tornasse a servir-se com criados de seu pae, o que elle logo fez, pondo casa com criados novos.

No dia 16 d'esse mez (dezembro) representou o Juiz do Povo e a Casa dos Vinte e Quatro, ao rei, o seu grande sentimento pelo attentado regicida, e pedindo que os delinquentes fossem desnaturalisados, *que contra elles se admittisse toda a qualidade de prova* (*!*) e que fossem castigados sem piedade.

No dia 11 de janeiro de 1759 foi proferida a sentença, que degredou os reus das honras, fóros e privilegios de commendadores e cavalleiros das diversas ordens de cavallaria a que pertenciam.

No dia 12, outra sentença declarava os motivos do castigo, e a 13 ainda outra que desnaturalisava os reus; mas todas estas sentenças foram secretas e ficaram em grande segredo.

Todos os exames e sentenças foram presididos por os tres ministros e secretarios d'estado Sebastião José de Carvalho e Mello, do reino—D. Luiz da Cunha, dos estrangeiros e guerra, e Thomaz Joaquim da Costa Corte Real, da marinha e America.

Foram nomeados para juizes relatores: Pedro Gonçalves Cordeiro Pereira (deputado da Mesa da Consciencia e Ordens e da do Paço e chanceller da Casa da Supplicação)—para adjuntos, João Pacheco Pereira, desembargador do paço—João Marques Bacalhau, do conselho da fazenda — Manuel Ferreira de Lima, da Mesa da Consciencia —o doutor Ignacio Ferreira Souto, *aggravista*—e José Antonio de Oliveira Machado, da Supplicação. Este foi escrivão do summario e com voto na sentença.

No mesmo dia 12, depois de anoutecer, foi transferida a velha marqueza de Tavora, das Grillas para a Quinta dos Bixos (que, como já disse, era no caes de Belem.)

No centro d'este caes se levantou um cadafalso, quadrado, de madeira, sem ornato ou pintura, com 18 palmos de alto, 26 de largo e 36 de comprido, para o qual se subia por uma escada com corrimãos.

Desde a porta d'aquella quinta até ao caes amanheceram postados dois regimentos de infanteria (o da côrte e o de Campo Maior) nos lados estavam os dois regimentos de cavallaria, o do Caes e o de dragões d'Aveiro. Tomaram as boccas de todas as ruas que vão sahir áquelle sitio, partidas de cavallaria, para impedirem a passagem aos transeuntes e cumprirem as mais ordens que recebessem.

No cadafalso se viam oito rodas, postas em linha, vindo a ficar tres em cada face, e no centro um banco. Entre as tres rodas que estavam na parte opposta á escada que dava ingresso ao tablado, se viam dois bancos encostados cada um á seu poste, tendo estes uns 10 palmos de alto; de modo que estava tudo em perfeita symetria.

No boqueirão do caes estava uma grande barca carregada de tôjo e lenha.

O marquez de Marialva, como marechal general, assistiu á distribuição e collocação das tropas, que se fez na madrugada, e logo se recolheu. Todos os outros corpos estavam nos seus quarteis (abarracamentos, como então se dizia) em fórma e promptos á primeira voz.

Rondas de officiaes de justiça circulavam pelas ruas dos seus respectivos bairros, reconhecendo e apalpando os que passavam, especialmente de capote, e não os deixando passar para além de Alcantara.

Tomadas todas estas disposições e cautellas, pelas 6 horas e 42 minutos da manhã do dia 13 de janeiro de 1759, sahiu do pateo da quinta dos Bixos um corpo de dragões, seguidos pelos ministros do crime dos differentes bairros e estes por João Ignacio Dantas, corregedor do crime da côrte e casa. Todos hiam a cavallo e de capa e volta.

A estes se seguia uma cadeirinha, toda preta, entre dois padres de Rilhafolles, e fechava o prestito funebre um grosso destacamento de tropa.

Chegada a cadeirinha ao fundo das escadas do cadafalso, d'ella foi tirada D. Leonor de Tavora, marqueza (velha) d'este titulo. Esta mulher que, estando na India, quando seu marido foi vice-rei (feito em 1750) ahi praticou acções de uma verdadeira heroina portugueza, pelo que era adorada dos portuguezes da Asia e foi varias vezes elogiada e premiada pela familia real, agora não era mais do que uma miseravel criminosa, reduzida ao mais triste e abjecto abatimento.

Demorou-se cousa de meia hora no 1.°

degrau da fatal escada, confessando-se, em quanto em cima se faziam mais alguns preparos para o horrivel drama que hia ter logar. Depois mandaram-a subir, o que ella fez logo com desembaraço, entre os dois padres e vestida como estava no acto da sua prisão. Trazia saia de setim asul escuro, casaco do mesmo, lenço no pescoço, a cabeça toucada com fitas brancas e coberta com uma capa alvadia.

O dia estava escuro e triste, não só pelo rigor da estação, mas porque n'esse dia havia um eclypse da lua que ainda durava, pois principiára no nosso horisonte pelas 6 horas e 3 minutos da manhã e terminou ás 8 e 47 minutos.

O meirinho das cadeias a esperava com tres algozes, sobre o cadafalso. Logo que a recebeu a foi mostrando ao povo, percorrendo com ella as quatro faces da platafórma. Depois lhe mostrou minuciosamente os instrumentos e as formalidades com que haviam de padecer todos os reus, o que lhe fez perder toda a coragem, derramar um diluvio de lagrimas e pedir que lhe abreviassem o supplicio.

O carrasco principal tirou a sua capa preta e carapuça da mesma côr, e passou depois a tirar a capa de D. Leonor, dobrando-a e pondo-a sobre o banco do centro do tablado, e mandando-a sentar alli. Sentada a infeliz, a prenderam com cordas, pela cintura e pelos pés ao mesmo banco (as mãos já vinham presas) e tirando-lhe o lenço dos hombros com elle lhe vendou os olhos. Absolvida pelos padres, o carrasco a degolou (por a parte de traz, para maior ignominia) mostrando a cabeça ao povo, e arremeçando-a depois ao chão, para junto do tronco, e cobrindo tudo com um pano preto. [1]

Esta execução terminou ás 8 e meia, voltando então a mesma cadeirinha, sempre escoltada por dragões e infanteria, á Quinta dos Bixos, d'onde logo sahiu entre dois padres arrabidos. Chegada ao fundo da escada, d'ella sahiu o desgraçado José Maria de Tavora, segundo filho dos marquezes velhos, e que fôra ajudante de ordens de seu pae (que era general) e capitão de dragões de Chaves. Era um elegante e formosissimo mancebo, de longos cabêllos louros; vinha vestido de veludo preto, meias côr de pérola, e mãos amarradas. Vinha quasi morto, de modo que foi precizo que os padres o levassem quasi suspenso. Foi mostrado ao povo, (como sua mãe) pronunciou algumas debeis palavras, com as quaes pedia perdão a todos.

Coufrange-se o coração e nega-se a penna a escrever tantos horrores! Grande foi na verdade o crime d'esta gente, que a ambição e o orgulho perderam; mas o castigo excedeu em barbaridade aos mais atrozes das nações selvagens. Direi apenas: este desgraçado foi amarrado a uma aspa, onde lhe quebraram, com macêtas de ferro, as *cannas* dos braços e pernas, e lhe deram garrote vil. Desatado o cadaver e depois de mostrado ao povo, foi estendido sobre a primeira roda que ficava á esquerda da escada. Eram 9 horas.

A cadeirinha, com a mesma escolta, voltou á quinta, d'onde logo veio, entre dois frades arrabidos. Chegando ao primeiro degráo da escada, d'ella sahiu Luiz Bernardo de Tavora, marquez (filho) d'este titulo. Trazia vestido escuro, meias pretas e cabelleira de tranças; era tambem um joven formoso e elegante trazia, como os mais, as mãos ligadas. No acto de ser mostrado ao povo, principiou a fallar, protestando que era in-

[1] Vou seguindo n'esta narração, em grande parte, a Guia do Viajante em Belem, annonyma e publicada em 1872; porem tambem tenho á vista uma outra narração coeva, illustrada com uma estampa de 27 centimetros de largo e 29 de comprido, em que se vê este espectaculo em toda a sua atroz veracidade.

Nem d'esta narração consta que algun cadaver fosse coberto, nem do quadro se vê semelhante circumstancia, pelo contrario todos os cadaveres estão completamente á vista dos espectadores, e acho isso mais proprio da sentença e dos usos do tempo.

No quadro veem-se as rodas de 4 raios (em forma de cruz) tendo no centro um poste, de 3 palmos, que os sustenta na altura conveniente. Debaixo de cada roda, como dos 3 bancos em que já fallei, se vêem molhos de lenha, achas e barricas. O espaço entre o pavimento da praça e o do cadafalso tambem está cheio de materias combustiveis.

nocente e que a sentença que o condemnou era iniqua; mas o corregedor o mandou calar e tratar sómente da sua salvação, aliás lhe mandaria pôr uma mordaça, o que o obrigou a guardar silencio. Morreu do mesmo módo que seu irmão, e foi collocado na roda immediata, que era a que estava no centro das 3 do lado esquerdo da escada. Eram 10 horas.

Foi a cadeirinha buscar á quinta uma outra victima e chegou logo, entre dois frades tambem arrabidos, e d'ella sahiu Jeronymo de Athaide, conde d'Atouguia, genro dos marquezes velhos de Tavora. Vinha de cabeleira e bolsa, e vestido de veludo escuro; subiu com aspecto furioso, e morreu do mesmo módo e com as mesmas formalidades que seus dois cunhados. Foi de posto na segunda roda do lado direito daescada.

Eram 11 horas.

Para maior brevidade n'estas execucções, não se esperou mais que uma fosse terminada (como se tinha praticado até ali) para se ir buscar o padecente immediato, antes, apenas um subia ao cadafalso, sahia a cadeirinha buscar outro.

D'esta vez chegou a cadeirinha entre dois padres mariannos, e d'ella sahiu Manuel Alves Ferreira, guarda-roupa do duque de Aveiro (Este Ferreira estava na cadeia de Belem.) Vinha só com camiza e calções, sem meias nem cabelleira e descalço, apenas coberto com um redingote escuro, e algemado. O seu supplicio só se differençou dos antecedentes em lhe serem os ossos quebrados com uma roda de ferro, e com mais brevidade. Foi deposto na terceira roda, da parte esquerda. Eram 11 e meia.

Já a este tempo chegava a cadeirinha, vinda tambem da cadeia de Belem, entre outros dois padres mariannos. Sahiu Braz José Romeiro, cabo d'esquadra da companhia do marquez de Tavora filho, e seu criado. Vinha na mesma figura e morreu do mesmo módo do antecedente. Foi deposto na terceira roda, do lado direito da escada.

Era meio dia.

Chegou logo a cadeirinha, vinda da Quinta dos Bixos, entre dois padres mariannos, e ao passar por entre as tropas, rufaram as caixas destemperadas, para maior ignominia do desgraçado que alli vinha, que havia sido seu general. Era Francisco d'Assis de Tavora, marquez (pae) d'este titulo. Vinha todo vestido de preto, cabelleira de bolsa e nas mãos atadas um crucifixo. Subiu velozmente a escada. Morreu do mesmo módo que seus filhos e genro. Foi deposto na primeira roda da direita.

Eram duas horas da tarde.

Então chegava a cadeirinha, vinda da quinta, entre dois padres mariannos, e d'ella sahiu D. José Mascarenhas, duque d'Aveiro. Trazia roupão encarnado, sem cabelleira, com as mãos prezas e entre ellas um crucifixo. Com as mesmas formalidades, mas com mais crueldade, por êrro (ou proposito) do carrasco, foi suppliciado e deposto depois na roda do centro a que ficava junto á escada.

Este homem intelligente e energico, era quasi geralmente aborrecido pela sua extrema vaidade e insupportavel orgulho, de cujos defeitos fazia ostentação até com os fidalgos da côrte. Era o titular mais rico e magnifico do reino; pois, apesar de nascer filho 2.º, veio a herdar o ducado d'Aveiro, o marquezado de Gouveia, e outros muitos titulos, honras e commendas. (Vide, Aveiro, no logar competente.)

Terminou o suplicio d'este desgraçado ás 2 e meia.

Chegou a cadeirinha, da cadeia de Belem, entre dois frades de Rilhafolles e d'ella sahiu João Miguel, môço d'acompanhar, do duque d'Aveiro. Vinha descalço, só com camiza e calções, algemado e coberto com um capote. Vinha quasi desfallecido, e morreu como os precedentes.

Foi posto na roda de centro, do lado do rio. Eram 3 horas da tarde.

Torna a chegar a cadeirinha, vinda da mesma cadeia, entre dois frades mariannos, e d'ella sahiu o mais infeliz de todos os condemnados, Antonio Alves. Em a narração que possuo, escripta evidentemente no tempo do marquez de Pombal, se diz sempre Manuel Alvares Ferreira e Antonio Alvares Ferreira. Na (*Guia do viagante em Belem* diz-se sempre Alves por Alvares; seja como fôr,

não vale a pena quebrar a cabeça por tão pouco) guarda-roupa do duque d'Aveiro.

Vinha em camiza e calções, coberto com um capote e algemado. Ao mesmo tempo chegou da quinta a estatua de José Polycarpo d'Azevedo, que, como já disse, tinha conseguido fugir. Subiram ambos ao cadafalso (indo a estatua levada pelos carrascos) e foram collocados nos dois póstes que estavam ao fundo do cadafalso (do lado do Tejo) vindo a ficar entre Manuel Alvares res Ferreira, João Miguel e Braz José Romeiro. Os carrascos amarraram (o vivo Antonio Alvares Ferreira) com uma cadeia de ferro, pela cinta e as mãos a traz com uma corda. Encheram-o todo de bocados de breu e lhe poseram ao pescôço um sacco cheio de pedaços de péz e enxofre, pondo-lhe aos pés um *lava-peixe*, com um archote acceso na mão.

Emquanto se fizeram estes horriveis preparativos, se foi descarregando a barca e trazendo para baixo do tablado, tôjo, lenha e barris d'alcatrão. Os frades faziam todos os esforços por animar o desgraçado réu, e isto levou uma hora.

Pelas quatro horas se lançou fogo ao cadafalso. Foi atrocissima a morte do desgraçado Antonio Alvares. Estava com a cara virada ao norte, e como o vento, n'essa occasião, soprava d'aquelle lado, obstava a que elle fosse suffocado pelo fumo, o que lhe prolongou por 20 minutos o supplicio, morrendo a fogo lento.

Depois d'isto, se lançou fogo aos combustiveis que estavam por baixo do tablado e tudo foi presa das chammas.

Eram 4 horas da tarde quando tudo terminou.

Os ministros e tropas retiraram. O rei, vestido de gala, deu beijamão á côrte. Foi a primeira vez que appareceu em publico depois de ser ferido.

—

Como este artigo já vae bastante longo, não transcrevo na sua integra a sentença que condemnou estes criminosos: copiarei apenas os trechos seguintes:

«Condemnam o réu José Mascarenhas, que já se acha desnaturalisado, exautorado das honras e privilegios de portuguez, de vassallo e creado, degradado da ordem de S. Thiago, de que foi commendador, e relaxado a esta junta secular, que n'ella se administra, a que, como um dos tres cabeças ou chefes principaes d'esta imfame conjuração, e do abominavel insulto que d'ella se seguiu, seja levado com baraço e pregão á praça do caes do logar de Belem, e que n'ella, em um cadafalso alto, que será levantado, de sorte que o seu castigo seja visto de todo o povo, aquem tanto tem offendido o escandalo do seu horrorosissimo delicto, depois de ser rompido vivo, quebrando-se-lhe as oito cannas das pernas e dos braços, seja exposto em uma roda, para satisfação dos presentes e futuros vassallos d'este reino; e aqui, depois de feita esta execução, seja queimado vivo o mesmo reu com o dito cadafalso em que foi justiçado, até que tudo pelo fogo seja reduzido á cinzas e a pó, que serão lançados ao mar, para que d'elle e de sua memoria não haja mais noticia......»

«e considerando-se que o mais conforme (castigo) é o de escurecer e desterrar, por todos os módos o nome e a recordação de tão enormes delinquentes, condemnam outrosim ao mesmo réu, não só nas penas de direito commum, para serem derribadas e picadas todas as suas armas e escudos em quaesquer logares em que se acharem postas, e as casas e edificios materiaes da sua habitação demolidos e arrasados, de sorte que d'elles não fique signal, sendo reduzidos á campos salgados; mas que tambem todas as casas, formaes ou vinculos por elle administrados, n'aquellas partes em que houverem sido constituidos em bens da corôa, ou que houverem sahido d'ella por qualquer modo, maneira ou titulo que fosse, como por exemplo o foram os bens declarados nas doações da casa d'Aveiro, e os mais semilhantes, sejam confiscados e perdidos d'esde logo, com effectiva reversão e incorporação na mesma corôa, d'onde sahiram.........................»

«Pelo que pertence porém aos outros morgados constituidos com bens patrimoniaes dos instituidores que os fundaram, declaram que se deve observar em beneficio dos

que n'elles houverem de succeder, o que se acha determinado pela Ordem do Liv. 5.º, tit. 6.º §. 15.º»

«Nas mesmas penas condemnam ao réu Francisco de Tavora, tambem cabeça da mesma conjuração, persuadido pela ré sua mulher ....»

«mandam que nenhuma pessoa de qualquer estado ou condicção que seja, possa, da publicacão d'esta em diante, usar do appellido de Tavora, sob pena de perdimento de todos os seus bens para o fisco e camara real, e desnaturalisação d'estes reinos e senhorios de Portugal, e perda de todos os privilegios que lhe pertenceram como naturaes d'elles.»

«Aos dois ferozes monstros, Antonio Alvares Ferreira, e José Polycarpo d'Azevedo, que dispararam os sacrilegos tiros........» queimados vivos, bens confiscados, demolidas as casas em que moravam sendo proprias, em cujo caso serão tambem os terrenos salgados. etc. etc.»

«E porque o réu José Polycarpo se acha ausente, o hão por banido, e mandarão ás justiças de sua magestade que appellidem contra elle toda a terra (!!!) para ser preso. ou para que cada um o possa matar, não sendo seu innimigo e no caso em que seja apresentado nos dominios d'este reino, ao desembargador do paço, Pedro Gonçalves Cordeiro Pereira, juiz da inconfidencia, mandará gratificar á vista, a pessoa ou pessoas que o apresentarem, com premio de dez mil cruzados, ou de vinte mil cruzados, sendo apprehendido em paiz estrangeiro, álem das despezas que na jornada se fizerem.»

Os réus Luiz Bernardo de Tavora, D. Jeronymo d'Athaide, José Maria de Tavora, Braz José Romeiro, João Miguel e Manuel Alvares, foram condemnados nas mesmas penas dos antecedentes, e de mais a mais, álem do perdimento de todos os seus bens para a real camara diz a sentença.—«Ainda que sejam vinculos constituidos com bens da corôa na forma acima declarada, ou ainda de prazos, alem da infamia em que hão por incursos seus filhos e netos.»

(D. Leonor de Tavora, mulher de Francisco d'Assis de Tavora, marquezes d'este titulo, por lhe fazerem muito favor, só foi degolada, antes de ser queimada. Nas mais penas foi como os seus complices.)

«Palacio de Nossa Senhora d'Ajuda, em junta de 12 de janeiro de 1759, com a rubrica dos trez secretarios d'estado que presidiram e de mais seis desembargadores do paço.

Os tres secretarios de estado, eram: Sebastião José de Carvalho e Mello, reino; D. Luiz da Cunha, estrangeiros e guerra; Thomé Joaquim da Costa Côrte Real, marinha e America.

Os desembargadores foram—Pedro Gonçalves Cordeiro Pereira (deputado da Mesa da Consciencia e Ordens, da do Paço e chanceller da casa da Supplicação) João Pacheco Pereira (desembargador da mesa do Paço) João Marques Bacalháu (do conselho da fazenda), Manuel Ferreira de Lima (da Mesa da Consciencia), Ignacio Ferreira Souto (desembargador dos aggravos) e José Antonio de Oliveira Machado (da Casa da Supplicação) escrivão do summario e com voto na sentença.

—

Foram pois (em cumprimento d'esta sentença) arrasados todos os palacios dos fidalgos suppliciados e derrubadas e picadas as armas e todos os distinctivos heraldicos que n'elles se viam.

> A camara e povo d'Aveiro, em despreso do duque, requereram ao rei que se mudasse o nome d'esta cidade, o que lhe foi concedido, ficando a chamar-se *Nova Bragança;* mas no reinado de D. Maria I, tornou a tomar o seu antigo nome, que ainda conserva.

—

O palacio do duque de Aveiro occupava então todo o espaço que hoje fica entre o largo do chafariz, proximo do convento dos jeronymos (Belem) e a travessa que fica para o E., na rua direita de Belem e junto á calçada do Galvão.

Arrasado o palacio e muros da quinta e jardim, se salgou todo este terreno, e n'elle se erigiu uma *memoria* para perpetuar o crime e o castigo d'elle.

É uma columna cylindrica, de cinco me-

tros de altura, terminada por uma chamma (em fórma de pyra) e cercada de cinco anneis, tambem de pedra, representando os cinco membros da familia de Aveiro que entraram na conjuração. No plynto da columna, que é quadrado, se lê ainda perfeitamente esta inscripção:

AQUI FORAM ARRASADAS E SALGADAS
AS CASAS DE JOSÉ MASCARENHAS,
EXAUTORADO DAS HONRAS DE DUQUE
D'AVEIRO E OUTRAS,
CONDEMNADO POR SENTENÇA PROFERIDA
NA SUPREMA JUNTA DE
INCONFIDENCIA, EM 12 DE JANEIRO
DE 1759.
JUSTIÇADO COMO UM DOS CHEFES
DO BARBARO E EXECRANDO DESACATO
QUE NA NOITE DE 3 DE SEPTEMBRO
DE 1758 SE HAVIA COMMETTIDO
CONTRA A REAL E SAGRADA PESSOA DE
D. JOSÉ I.
NESTE TERRENO INFAME SE NÃO PODERÁ
EDIFICAR EM TEMPO ALGUM.

—

Este terreno *salgado*, ficou pertencendo á camara de Belem, e esteve deserto e abandonado—como chão infame—até ao reinado de D. Maria I e seu tio, D. Pedro III, em o qual a camara foi dando licenças para se edificarem casas no ambito condemnado. Ao presente, todo elle se acha occupado (melhor diria obstruido) por insignificantes casas e tabernas e por barracas indecentes, que escondem a *memoria*, que actualmente está com a frente virada para as trazeiras de um dos taes casebres, e d'elle distante apenas meio metro, o que torna incommoda a leitura da inscripção.

Está a memoria ao fundo de um pateo pertencente á uma locanda que tem entrada pelo largo do chafariz, em cujo pateo esgravatam, sujam e esfoçam, gallinhas, porcos e outros animaes domesticos.

Da rua direita de Belem, apenas se avista o remate da columna, um pouco mais alta que uma barraca de um andar.

—

D. Maria I, logo depois do attentado, fez voto de erigir uma egreja, dedicada a Nossa Senhora do Livramento e S. José, em memoria e acção de graças por seu pae ter escapado d'esta cilada: devendo esta egreja ser edificada no proprio sitio onde foram disparados os tiros contra o rei, na calçada do Calvario ou do Galvão.

A este templo se chama vulgarmente *Egreja da Memoria.*

D. Maria (sendo ainda princesa do Brasil) deu principio ao cumprimento da promessa, em 1760, no mesmo anno em que casou (a 6 de junho) com seu tio o infante D. Pedro, depois III.

Fez o risco e superintendeu á sua construcção o engenheiro italiano João Carlos Bibiena.

—

Nem só por aqui serem suppliciados estes dez desgraçados é notavel o largo de Belem. Tambem foi no caes d'elle que embarcaram os jesuitas, expulsos de Portugal, pelo decreto de 3 de setembro de 1759. Foi tambem aqui que embarcou para o Brasil D. Maria I e toda a familia real, fugida ás hordas sanguinarias do impio Junot, no dia 27 de novembro de 1807.

CHÃOS—freguezia, Extremadura, concelho de Ferreira do Zêzere, comarca e 12 kilometros de Thomar, 145 ao N. de Lisboa, 200 fogos.

Em 1757 tinha 195 fogos.

Orago S. Silvestre, papa.

Patriarchado de Lisboa, districto administrativo de Santarem.

Antigamente era da comarca e prelasia de Thomar *nullius diœcesis*, e termo da villa de Pias.

Situada na serra que corre de Minde para Alvaiázere. A maior parte do seu terreno é esteril e pedregoso.

A Mesa da Consciencia apresentava o vigario e um coadjutor, que ambos eram da Ordem de Christo. O vigario tinha 2 moios de trigo, 1 de cevada, 6 alqueires de azeite, 26 almudes de vinho e 22$000 réis, com a obrigação de pagar os sermões de quaresma—o coadjutor tinha 2 moios de trigo, 13 almudes de vinho e 6$000 réis; e por servir de thesoureiro tinha mais arroba e meia de cêra, 6 alqueires de trigo e 3 de azeite, tudo pago pela mesa mestral de Thomar.

Ha mais em Portugal 36 aldeias chamadas Chãos.

A esta chama-se-lhe vulgarmente *Chãos de Ferreira.*

CHAPA—freguezia, Douro, comarca e concelho de Amarante, 48 kilometros ao NE. de Braga, 378 ao N. de Lisboa, 50 fogos.

Em 1757 tinha 35 fogos.

Orago S. Cypriano.

Arcebispado de Braga, districto administrativo do Porto.

O prior do convento de S. Domingos, de Mancéllos, apresentava o cura, que tinha 8$000 réis de congrua e o que rendia o pé d'altar.

CHAPINHEIRA—vide Varzea de Góes.

CHARNECA—freguezia, Extremadura, comarca, termo e 9 kilometros ao N. de Lisboa, concelho dos Olivaes, 195 fogos.

Em 1757 tinha 258 fogos.

Orago S. Bartholomeu.

Patriarchado e districto administrativo de Lisboa.

Feira a 24 de agosto.

O prior do Lumiar apresentava o cura, que tinha 130$000 réis de rendimento.

Tinha dois juizes, chamados do *julgado*, com um escrivão e um alcaide, sujeitos á camara de Lisboa e á correição de Alfama.

É terra fertil e saudavel.

(Ha mais 20 aldeias d'este nome.)

A egreja foi fundada em 1685. Fica, a freguezia, ao N. do Valle de Chellas.

Ha aqui boas quintas, sendo a melhor a do sr. visconde de Pereira, que tem um bello palacio e bonitos jardins. Foi isto feito no principio d'este seculo pelo fallecido capitalista José Bento de Araujo, e melhorado por seu sobrinho e herdeiro Joaquim Pereira da Costa, pae do actual proprietario.

Ha n'esta freguezia uma nobre casa, solar dos Mesquitas, e cabeça de um vinculo, que foi do senhor da Torre dos Coelheiros. Este morgado foi instituido por Fernão Gonçalves Cogominho, meirinho-mór de D. Affonso IV, e que foi sepultado no convento de S. Francisco, d'Evora, em 1464.

O conde D. Pedro diz serem os Cogominhos descendentes de D. Gueda, o *Velho.* Este morgado tinha cadeira na capella-mór, onde lhe fazia venia o prégador, antes de subir ao pulpito. As terras d'este morgado tinham mais de 36 kilometros de circumferencia, com uma aldeia e uma torre.

CHARRAMA ou **XARRAMA**—rio do Alemtejo. Nasce ao S. de Tourega, e morre na direita do Sado, abaixo de Domim, com um curso de 60 kilometros. Suas margens são na maior parte cultivadas ou arborisadas, muito ferteis e em muitos sitios bellissimas.

Na margem d'este rio, proximo á villa do Torrão, construiram os romanos um soberbo templo dedicado a Jupiter Olympico. Os duques de Bragança o demoliram, para com as suas bellas pedras fazerem conventos em Villa Viçosa.

Vide Evora, Terena, Torrão e Pomares.

CHAVÃES—villa, Beira Alta, comarca de Armamar, concelho de Taboaço, 24 kilometros de Lamego, 335 ao N. de Lisboa, 118 fogos.

Em 1757 tinha 126 fogos.

Orago S. Martinho.

Bispado de Lamego, districto administrativo de Viseu.

Era antigamente da comarca de Lamego. Era da corôa.

Situada em uma serra.

O abbade de Barcos (a cuja collegiada era annexa esta freguezia) apresentava annualmente o cura, que tinha 60$000 réis.

Fertil em pão, vinho e castanhas. Muita caça.

É regada pelo ribeiro do seu nome, que logo abaixo da freguezia se mette no Tédo.

Tinha foral, dado pelos Azevedos, senhores de Bayão, em 1265, confirmado por D. Affonso III, em Lisboa, a 27 de setembro de 1269.

CHAVÃO—freguezia, Minho, comarca e concelho de Barcellos, 18 kilometros a O. de Braga, 355 ao N. de Lisboa, 56 fogos.

Em 1757 tinha 58 fogos.

Orago S. João Baptista.

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

Situada em um valle, junto ao monte da Saya.

A matriz é muito antiga. No adro está a residencia do parocho e as casas que foram da habitação do commendador da Ordem de Malta, que era o donatario. O vigario geral

e o provisor da religião de Malta apresentavam e confirmavam o vigario, collado, que tinha 100$000 réis.

No secular, era sujeito ao juiz de fóra de Barcellos.

Tinha esta freguezia os grandes privilegios da Ordem de Malta.

É terra fertil. Muito gado.

CHAVE — freguezia, Douro, comarca e concelho de Arouca, 54 kilometros a O. de Lamego, 15 a NE. de Oliveira de Azemeis, 20 a SE. da Feira, 43 ao S. do Porto, 288 ao N. de Lisboa, 180 fogos.

Em 1757 tinha 140 fogos.

Orago Santa Eulalia.

Bispado de Lamego, districto administrativo de Aveiro.

Era antigamente do termo de Arouca, comarca de Lamego.

O reitor da freguezia de Salvador de Varzea, apresentava o cura, *ad nutum*, que tinha 10$000 réis de congrua e o pé d'altar.

Ha n'esta freguezia a capella de S. Thiago, que, segundo a tradição, foi fundada pelo conde da Feira, D. Francisco Forjaz Pereira.

Situada em terreno muito accidentado e alto, mas em geral fertil, é regada pelos ribeiros de Sequeiros, Regada, Areeiro e outros arroios. Na extremidade NE. passa o rio Arda.

Pelo meio da freguezia passa a antiga estrada do Porto para Viseu, hoje quasi totalmente desfeita, pelo que os que querem transitar entre aquellas duas cidades, vão pela Mealhada, fazendo uma volta de mais de 50 kilometros.

A nova estrada de Arouca para Oliveira de Azemeis (em construcção) passa por esta freguezia.

Ha n'esta freguezia minas de chumbo, cobre e ferro, mas não se exploram, por terem todas apparencia de pobreza.

Esteve aqui em execução a barbara lei do *terradégo*. (Vide Anciães.)

D'esta lei procede o costume, que ainda existe, para se não perder completamente o do terradégo, de, por fallecimento de qualquer pessoa, seus herdeiros serem obrigados a mandarem ao parocho (hoje reitor) *por uma rapariga bonita*, 3 *padas* de pão, 12 ovos e meia canada de vinho.

CHAVES — villa, Traz-os-Montes, praça d'armas, 12 kilometros ao S. da raia, 70 ao NE. de Braga, 70 ao ONO. de Bragança, 405 ao N. de Lisboa, 1:100 fogos (4:400 almas) no concelho 6:650 fogos, na comarca os mesmos.

Em 1757 tinha 500 fogos.

Orago Santa Maria Maior, ou Nossa Senhora da Assumpção.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Villa Real.

Em 1660 tinha a villa 500 fogos.

Feira no 1.º de novembro, 3 dias.

Foi antigamente da comarca de Guimarães, e depois da da Torre de Moncorvo, e tambem foi, por muito tempo, capital da provincia de Traz-os-Montes.

Era donataria d'esta villa e freguezia a casa de Bragança.

Situada na formosa e fertilissima planicie chamada Valle de Chaves. Chamava-se antigamente *Campo da Rhoda*. (*Rhoda* é palavra persica, adoptada pelos arabes, e significa jardim; e com effeito é bem empregado o nome. Ainda se chama Campo da Rhoda a um terreiro do estado, ao fundo do valle, que serve para exercicios militares.)

Noto aos meus leitores que em *Rhodna* (Moldavia) ha tambem uma nascente d'aguas mineraes, alcalinas, similhantes ás de Chaves. Esta circumstancia faz-nos suspeitar que haja na palavra *Rôda* alguma relação com *Rodna*.

Ha aqui a Ribeira de Chaves, passando quasi pelo meio da villa, e pelo recinto de suas muralhas o rio Tâmega, que, mesmo dentro da villa, tem uma formosa e robustissima ponte de cantaria lavrada, de 18 arcos, obra dos romanos. Nas duas columnas erguidas n'uma das extremidades da ponte, se vêem varias inscripções de Trajano e de outros imperadores romanos.

(Trajano era hespanhol, natural de Italica, *Sevilha Velha*. Foi o primeiro imperador romano estrangeiro.)

Teve principio a construcção d'esta ponte no tempo do imperador Flavio Vespasiano

e se concluiu no de Trajano. (Entre 74 e 114 de Jesus Christo.)

Diz o padre Carvalho, que, em casa de um tal João Guedes, d'esta villa, estava uma lapide com a inscripção latina, que traduzida, diz o seguinte:

> Sendo pretores de Hespanha e legados do imperador, Cayo Calpetano, Roncio Quirinal, Valerio Festo e Decio Cornelio Mediciano; e sendo Lucio Aruncio Maximo, proconsul, e estando por guarnição a legião 7.ª gemina, chamada *ditosa*, 10 cidades, com seus povos, pagaram para a obra d'esta ponte. Foram os *Aquiflavienses*, *Aorbigenses*, *Bibalos*, *Geletinos*, *Equezes*, *Interamicos*, *Lincios*, *Ebossocios*, *Querquernos* e *Tamacanos*.

Da inscripção, copiada por D. J. C. d'Argote (*Mem. de Braga*, tom. 1.º, pag. 320 e seg.) foi copia remettida á Academia Real de Historia Portugueza) adiante dou a inscripção e traducção) d'ellas se verá que ha alguma differença nos nomes dos povos que concorreram para a construcção d'esta ponte.)

Deve esta villa o seu nome e a sua origem a uma nascente de aguas sulphureas que aqui se descobriu, no tempo dos romanos. Para aproveitarem estas aguas para banhos, fundou o imperador Flavio Vespasiano uma povoação junto á sua nascente, á qual (povoação) pôz o nome de *Aquæ Flaviæ* (no anno 78 de Jesus Christo.) É certo que existiu e assim se chamava no tempo dos romanos, esta povoação, que foi logo feita *colonia romana.*

Com o decurso do tempo, se corrompeu o nome primittivo (provavelmente por a agua sahir a ferver) e se lhe chamou *Aquæ Calidæ* (Aguas Quentes.) Tambem este segundo nome se veio a corromper, talvez por abreviatura, chamando-se *Clavis*, e finalmente, no tempo de D. Affonso VI de Leão (1080) se principiou a chamar Chaves.

Segundo outra opinião (que me parece plausibilissima) os póvos do Norte que succederam aos romanos, achando *Aquæ Flaviæ* uma palavra comprida, lhe *amputaram* a *Aquæ* e só deixaram o *Flaviæ*; mas, como alguns d'estes póvos pronunciavam o *f* como nós pronunciamos o *lh*, em vez de dizerem *Flaviæ*, diziam *Lhavie*, e d'aqui a facil transição para o castelhano *Lhaves* e por consequencia, para o portuguez Chaves.

Apesar d'estas duas opiniões, que são as unicas seguidas para a etymologia do nome d'esta villa, e, apesar de serem ambas tão verosimeis, atrevo-me a duvidar que *Aquæ Flaviæ* degenerasse em Chaves.

As cinco *chaves* que a villa tem por armas, faz-me suppôr que algum facto memoravel (em que, por qualquer circumstancia, figurasse uma ou mais *chaves*) e que não chegou ao conhecimento dos chronistas e etymologistas, foi a causa da mudança do nome antigo para o moderno.

Pelos annos 160 de Jesus Christo, era esta villa uma cidade e colonia romana importantissima, povoada e adornada de muitos e sumptuosos edificios e abrangendo muito mais vasta área do que a actual, chegando até á povoação do Outeiro Sécco, como o tem provado as pedras lavradas, bocados de columnas, pedestaes, capiteis, plintos, canos e tanques (para banhos) que teem apparecido, sobre tudo no seculo passado, entre a villa e a tal aldeia do Outeiro Sécco.

As aguas thermaes (salinas, alcalinas e gazozas) com a temperatura de 56º centigrados junto á nascente, que deram o primeiro nome a Chaves, nascem no Campo do Tabolado, ao fundo d'elle, ao N. do Tâmega, e proximo de um pequeno ribeiro que se lhe junta.

Para a significação de *Tabolado*, vide esta palavra. No tal Campo do Tabolado se faz uma bôa feira, a 14 e outra no ultimo dia de cada mez. Vende-se n'ellas muito gado e tudo o mais do costume.

É proximo e ao O. da praça. Os romanos tinham aqui as suas *thermas*; mas durante uma guerra que houve com Castella (1706) o primeiro conde de Mesquitella, governador da provincia, as mandou arrazar, para desobstruir a esplanada da praça. Adiante

vae a descripção scientifica d'estas aguas, segundo a analyse da Exposição Universal de Paris, em 1867.

Como todas as povoações antigas da Lusitania, Chaves soffreu grandes desgraças causadas pelos seus diversos dominadores.

Pelos annos 412 era ainda a florescente cidade romana de Flavio Vespasiano e de Trajano; mas os povos germanicos que a occuparam então, principiaram a sua decadencia. Logo d'ahi a 44 annos (456) havendo guerra entre os suevos Rumismundo (filho de Madras) e Frumario (filho de Franta) sobre o direito ao throno, Frumario tomou e arrasou a villa, sem deixar pedra sobre pedra.

Era então Chaves cidade episcopal e seu bispo o bem conhecido auctor do *Chronicon* (Idacio). Este escriptor diz que não foi em 456, mas em 460 que Frumario, com os suevos, assolou Aquas Flavias e suas visinhanças, prendendo o mesmo Idacio, que soltou d'ahi a tres mezes. Idacio attribue este odio dos suevos aos flavienses a estes se conservarem fieis aos romanos; mas, segundo elle, a destruição de Aquas Flavias não foi tão completa como dizem outros escriptores, pois só diz que esta cidade foi assolada. Devemos dar credito a Idacio, visto ser contemporaneo dos factos que relata. Denominava-se Idacio Limico, uns dizem que por ser de Limia, na Galliza, outros que por ser da actual Ponte de Lima (Forum Lemicorum) ou suas visinhanças.

N'este lamentavel estado a acharam os mouros em 716, e trataram logo de a reedificar, fortificar e povoar. D. Affonso (o Catholico) de Leão, lh'a tomou, em 888, e fez varios reparos na villa e nas fortificações.

Os mouros a cercaram e retomaram em 923, e D. Affonso III de Leão a resgatou em 955, mandando-a então reedificar, povoar e cercar de muros: encarregando d'estas obras o conde D. Odorio (ou Odoario).

Desde então esteve em poder dos reis de Castella e Leão até 1093, dando-a então D. Affonso VI de Hespanha, em dote a sua filha D. Thereza e ao conde D. Henrique.

Em 1129 tornou a cahir no poder dos mouros.

Em 1160, reinando em Portugal D. Affonso I, e com sua licença, a investiram denodadamente e a resgataram os dois irmãos Garcia Lopes e Ruy Lopes, que, por tamanho feito, se ficaram appellidando «de Chaves.»

Para eternisar a façanha d'estes dois irmãos, estão na matriz da villa os seguintes versos:

«Dois hirmaons com as Quinas,
«Sem rei, ganharam a Chaves,
«D'onde em roxo, crystalinas
«Lhes foi dado por insignias
«Em seu escudo sinco chaves.

D. Diniz engrandeceu muito esta villa, e reparou e ampliou as suas muralhas, em 1300.

D. Affonso III lhe deu foral em Guimarães, a 15 de maio de 1258. D. Affonso IV lhe confirmou todos os seus antigos privilegios e foros por carta de foral, em 1350.

D. Manuel lhe deu foral novo, em Lisboa, a 7 de dezembro de 1514. (*Livro dos foraes novos de Traz-os-Montes*, fl. 44, v., col. 2.ª, gaveta 18, maço 3, n.º 20; e no livro 1.º de *Doações do senhor rei D. Affonso III*, fl. 29, col. 1.ª, *in principio*.

Tinha voto em côrtes, com assento no 5.º banco.

Dentro do forte de S. Francisco havia um convento do mesmo santo, que foi primeiro de templarios, e estando abandonado e damnificado, foi reconstruido, (para ser dos taes frades franciscanos) com esmolas do povo e dos duques de Bragança, em 1637.

Na egreja d'este convento está sepultado o primeiro duque de Bragança, D. Affonso I, filho bastardo, reconhecido, de D. João I e de Ignez Fernandes Esteves (vide Guarda e Castanheira.) O seu magnifico tumulo mandou fazer a duqueza D. Catharina, filha do infante D. Duarte.

O palacio em que viveu e morreu este duque, ainda existe. Foi elle mesmo que o mandou fazer, pelos annos 1400.

As armas de Chaves são—em escudo de prata, cinco chaves de ouro. Mas antigamente eram—um escudo, dentro do qual

se vêem as armas de Portugal entre duas chaves de ouro, em campo asul, assente tudo sobre uma ponte, com um rio por baixo.

É quartel general da sub-divisão da 2.ª divisão militar, e quartel de infanteria 13 e cavallaria 6.

Até 1836, tinha esta villa pouca e pessima agua; mas então se trouxe do Bustello, que fica a 12 kilometros de distancia, encanada para aqui, e agora tem dois bons chafarizes e um grande tanque.

Além do castello, tem esta praça o forte de S. Francisco, ao N.; é fóra da praça, o forte de S. Neutel (ou Eleuterio) e o forte da Magdalena, ao S.

A porta da Magdalena foi arrasada em 1870, para passar a nova estrada de Villa Real a Chaves. Dentro do forte da Magdalena está a capella do hospital militar de S. João de Deus, toda de abobada de pedra, com telhas vidradas. O seu frontespicio é obra primorosa de esculptura e justamente admirada por nacionaes e estrangeiros.

Pois este bello templo foi profanado depois de 1834, sem lhe poder, ao menos, valer, ser a cousa melhor e mais notavel de Chaves. Está transformado em officina de carpinteiro, e a rica sachristia em armazem de madeira!

Tambem dentro do antigo forte da Magdalena, hoje vulgarmente chamado Bairro da Magdalena, todo povoado de casas particulares, ha a capella de Santa Maria Magdalena.

Tem uma só freguezia, de que é orago Nossa Senhora da Assumpção, geralmente chamada Santa Maria Maior.

O prior era *murçado* e tinha, antes de 1834, 800$000 réis de rendimento, segundo Cardoso. O *Portugal Sacro* diz que eram 600$000 réis. Era apresentado pela casa de Bragança. Tinha quatro beneficiados, dois d'elles da mesma apresentação, e os outros dois do papa e do ordinario. Os primeiros dois tinham 150$000 réis cada um e os outros dois 60$000 réis cada um.

Tem Misericordia e hospital.

No forte da Magdalena tinha um convento de frades de S. João de Deus, que sempre foi hospital militar e até 1834 era administrado pelos frades. Da sua sumptuosa capella já fallei.

Havia aqui duas albergarias, uma fundada por D. Mafalda, mulher de D. Affonso I, e outra fundada por Lourenço Pires de Chaves, chefe da familia d'este appellido.

Ha muitas capellas dentro e fóra da villa.

Além do hospicio de S. João de Deus, ha aqui dois conventos, um de frades franciscanos, da provincia de Portugal. Outro de freiras capuchas da Conceição, que primeiro foi recolhimento. Principiou a clausura a 28 de outubro de 1691 e professaram em 18 de fevereiro de 1716, sendo arcebispo de Braga D. Rodrigo de Moura Telles. Foi quartel do general das armas da provincia.

Tem um bonito theatro, cuja construcção se concluiu em 1873.

Tinha, até 1834, juiz de fóra, camara, etc. auditor geral, para os militares; vigario geral, etc.

Em varias partes d'esta villa ha nascentes de aguas thermaes, da mesma qualidade das do Tabolado, que deram o primeiro nome á villa.

O valle ou ribeira que circumda a villa é muito aprasivel e fertilissimo, pelo que esta villa se torna muito vistosa pelo delicioso sitio em que está collocada, e muito farta; mas é bastante sujeito o seu clima a febres intermitentes.

Na egreja parochial está enterrada Maria Mantella e seus sete filhos (gemeos, segundo a tradição) e todos clerigos. Era ella natural do Porto. Cada um edificou uma egreja, e foram as seguintes: Santa Maria de Moreira, Santa Maria do Calvão, a de Villar de Perdizes, Santa Leocadia, Santa Maria de Melres, a do mosteiro Doso e metade d'esta egreja matriz de Chaves.

Na lapide que cobria a sepultura de todos oito se lia a seguinte inscripção:

AQUI JAZ MARIA MANTELLA
COM SEUS FILHOS AO REDOR D'ELLA.

—

Posto que esta villa tenha perdido uma grande parte da sua antiga importancia, ainda hoje é uma povoação muito bonita, e não pequena, com muita vida, bons edificios e bonitas ruas.

Do seu castello gosa-se um formosissimo panorama.

Proximo da villa (a 8 kilometros) fica o logar de Sapêllos. (Vide esta palavra.)

Antes de 1834, era quartel de um regimento de infanteria e dois de cavallaria.

D'esta villa foi feito marquez, em 1823, o bravo e fidelissimo general, 2.° conde de Amarante, Manuel da Silveira Pinto da Fonseca Teixeira, filho do 1.° conde d'Amarante, Francisco da Silveira Pinto da Fonseca.

O valorosissimo 2.° conde d'Amarante e 1.° marquez de Chaves, morreu em Lisboa, a 7 de março de 1830, dois mezes, dia por dia, depois da morte da Senhora D. Carlota Joaquina de Bourbon. Era o homem de mais prestigio que tem havido no exercito portuguez, e mesmo no povo, principalmente nas provincias do Norte.

A 15 kilometros a E. d'esta villa fica a praça de Monforte do Rio Livre.

As fortificações de Chaves teem por muitas vezes sido concertadas, modificadas ou ampliadas, de modo que talvez nada exista das suas primeiras obras de defeza. O actual castello e a maior parte das muralhas, que cercam a villa, são obra de D. Diniz, pelos annos 1300.

Em 9 de março de 1809, estando esta praçá apenas guarnecida por ordenanças (commandadas por Francisco Homem, de Bóbeda) sendo atacada pelo general Soult, com uma divisão de 30:000 homens, os paizanos se atreveram a vir esperar os francezes fóra das muralhas, no campo; mas, sendo facilmente vencidos, retiraram para o castello, onde capitularam.

Os francezes na sua entrada saquearam muitas casas, e deixando uma guarnição de 3:000 homens, marchou o resto para Braga.

O 1.° conde de Amarante, que estava em Villa Pouca de Aguiar com uma brigada composta de alguma tropa e, a maior parte, paizanos, veio logo sobre Chaves, e atacando os francezes, tomou a praça no fim de 3 dias, ficando prisioneiros todos os francezes.

—

A inscripção que, segundo o padre Argote, estava na ponte d'esta villa, e de que atraz fallei, é a seguinte:

IMP. CAES. VESP. AUG. PON.
MAX. TRIB. POT. X IMP. XX COS. IX.
IMP. VESP. CAES. AUG. F. PONT. TRB.
POT. VIII IMP. XIIII. COS VI
= = = = = = = = =
C. CALPETANO RANTIO QUIRINALI.
VAL. FESTO. LEG. AUG. PR. PR.
D. CORNELIO MÁECIÁNO LEG. ÁUG.
L. ARRUMTIO MAXIMO PROC. AUG.
LEG. VII GEM. FEL.
CIVITATES X
AQUIS FLAVIENSES. AOBRIGENS.
BIBALI. COELERN. EQUAESI
INTERAMNICI. LIMICI. AEBISOC.
QUARQUERNI. TAMAGANI.

—

Segundo Argote, deve traduzir-se assim:

A legião 17.ª (1) *feliz, e dés cidades, a saber — os aquiflavienses, aobrigenses, bibalos, celerinos, equisilicos, interamnicos, limicos, ebisocenses. quarquernos e tamaganos, dedicaram es'a memoria ao imperador Cesar Vespasiano Augusto, pontifice maximo, tendo a decima vez o poder tribunicio, sendo acclamado imperador vinte vezes e tendo sido consul oito: e ao filho do imperador Vespasiano Cesar Augusto, sendo o tal seu filho pontifice, e tendo o poder tribunicio oito vezes, e sendo acclamado imperador 14 vezes, e tendo sido consul seis : : : : Sendo legados de Augusto e pro-pretores Caio Calpetano, Rancio Quirinal e Valerio Festo; e sendo legado de Augusto, Cornelio* [illegible]*eciano, e sendo proconsul de Augusto, Tito Aruncio Maximo.*

—

Ha outras traducções, que variam alguma coisa d'esta, mas o essencial vem a dar na mesma. Entre todas porém, esta é a que me parece mais verosimil.

—

Viterbo, no seu apreciabilissimo *Elucidario*, pronuncia-se furibundo contra esta inscripção, sustentando que é apocripha, e contra as taes *dés cidades*, nove das quaes nunca existiram; pois só a primeira (*Aquas Flavias*) é que foi cidade.

(1) Parece-me engano do padre: julgo que devia ser 7.ª

É porque antigamente, desde a baixa latinidade até ao tempo dos nossos primeiros monarchas, se dava o nome de cidade a um vasto territorio, dirigido por um só governo. (Vide Cidade.)

—

Tem estação telegraphica de 1.ª ordem ou do estado, por ser praça de guerra.

—

As aguas mineraes de Chaves foram analysadas chimicamente na Exposição Universal de Paris, em 1867. Eis a traducção do respectivo relatorio:

«As nascentes alcalinas quentes rebentam no meio de um campo chamado Tabolado, perto da fortaleza. Suppõe-se que são as célebres *Aquae Flaviae*, dos romanos; o que parece provarem algumas inscripções do tempo do imperador Trajano, que aqui foram encontradas.

«Estas thermas, destruidas no tempo das guerras da restauração contra Castella, estão hoje reduzidas a um modesto estabelecimento, que mereceria uma melhor sorte.

«Na sua nascente, a agua mineral é tão abundante, que basta cavar a terra a uma pequena profundidade, para a ver apparecer, acompanhada de uma decomposição de acido carbonico. Os habitantes d'esta localidade e seus contornos, empregam esta agua como lexívia (barrélla) para a lavagem da roupa. As propriedades physicas d'estas aguas thermaes, assim como a sua composição chimica, são analogas á das de Vidado e de Villarélho da Raia, menos a temperatura, que é mais elevada, variando de 50° a 56° centigrados. Conteem por kilogramma 1gr.7:645 de principios fixos.

A nascente principal é junto ao ribeiro de *Rivellas*, a pouca distancia do Tâmega, ao SE, da villa. A agua é perenne.

Já aqui mesmo houve um soffrivel estabelecimento, e D. João VI, em 1805, ainda regente, quiz aqui fundar umas boas thermas, para o que se chegaram a levantar as plantas e riscos necessarios; mas a guerra com os francezes fez cessar estes trabalhos.

—

O 1.º duque de Bragança, decidido protector de Chaves, erigiu aqui uma grande confraria, da invocação de S. João, que pouco depois se denominou *Congregação da nobre cavallaria de S. João Baptista.* Foi o proprio duque quem lhe fez os estatutos, nos quaes recommendava, que no dia 24 de junho de cada anno, pela manhã, o capitão de cavalleiros e pessoas de qualidade acompanhassem em duas alas a bandeira, até ao mosteiro de S. Francisco, e, depdis de ouvirem missa no altar de S. João, fizessem, de manhan e de tarde, em qualquer logar apropriado, dentro dos muros da villa, torneios, justas e corridas, jogassem *cannas*, *forquilha* e os mais jogos que o capitão indicasse.

Veio esta irmandade a cahir em decadencia, mas em 1625 foram renovados os seus estatutos por se haverem perdido os primeiros, e tornou a florescer até 1647, tornando depois a decahir.

Manuel de Faria e Sousa, no seu *Epíthome das Historias Portuguezas*, parte 3.ª, cap. 2.º, diz:

«Junto a Chaves se acharam as lousas dos «sepulchros de dois capitães portuguezes, «com as seguintes inscripções:

1.ª

AQUI YAZ SIMON ANTOM
QUE MATO MUITÔ CASTELLÃO,
E DEBAIXO DE SU COVOM
DESAFÍA A QUANTOS SOM.

2.ª

HIC IACET ANTONIUS PERIZ,
VASSALUS DOMINI REGIS,
CONTRA CASTELLANOS MISSO.
OCCIDIT OMNES QUI QUISSO.
QUANTOS VIVOS RAPUIT
OMNES ESBARRIGAVIT.
PER ISTAS LADEIRAS
TULIT TRES VANDEIRAS
E FEBRI CORREPTUS
HIC IACET SEPULTUS:
FACIANT CASTELLANI FESTE
QUIA MORTUA EST SUA PESTE.

—

O concelho de Chaves é formado pelas 45 freguezias seguintes: No arcebispado de

Braga—Agostem, Anêlhe, Arcossô, Bostêllo, Calvão, Cella, Chaves, Curalha, Eiras, Ervedêdo, Faiões, Lama d'Arcos, Santa Leocadia, Loivos, Monte Negro, Moreiras, Nogueira, Oura, Outeiro Sêcco, Póvoa d'Agrações, Redondêllo, Salhariz, Samaiões, Sanjurge, Seara Vélha, Soutilho, Soutêllo, Valle d'Anta, Villela Sécca, Villela do Tâmega, Villar de Nantes, Villarêlho, Villarinho das Paranheiras e Villas Bôas.

No Bispado de Bragança: Aguas Frias e annexas, Bobadella, Cimo de Villa, Mairos, Oucidres, Paradella, Roriz, Sanfins, Travancas, Tronco e S. Vicente.

CHAVIÃES—freguezia, Minho, comarca concelho de Melgaço, 70 kilometros ao NE. de Braga, 430 ao N. de Lisboa, 165 fogos.

Em 1757 tinha 200 fogos.

Orago Santa Maria Magdalena.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Vianna.

Situada perto da margem esquerda do rio Minho.

A casa de Bragança, donataria d'esta freguezia, apresentava o abbade, que tinha de rendimento 400$000 réis.

CHEIRAS—freguezia, Beira-Baixa, concelho de Jermêllo, comarca e 15 kilometros da Guarda, 315 ao E. de Lisboa, 40 fogos.

Em 1757 tinha 72 fogos.

Orago o Espirito Santo.

Bispado e districto administrativo da Guarda.

Situada em campina, na Serra da Estrella.

O prior de S. Miguel de Jermêllo apresentava o cura, que tinha 40 alqueires de centeio, 10 de trigo e 4$000 réis.

Fertil em centeio e vinho; do mais pouco. Muito gado miudo. Muita caça.

Esta freguezia foi supprimida, e depois tambem o concelho de Jermêllo.

CHELB—nome que os arabes davam á cidade de Silves, no Algarve.

CHÉLLAS — freguezia, Traz-os-Montes, comarca e concelho de Mirandella, 70 kilometros de Miranda, 420 ao N. de Lisboa, 30 fogos.

Em 1757 tinha 35 fogos.

Orago Santa Maria Magdalena.

Bispado e districto administrativo de Bragança.

Situada em um monte.

O reitor de Mirandella apresentava o cura, que tinha 10$500 réis, 27 alqueires de trigo, 15 de centeio, 14 almudes de vinho e 6 arrateis de cêra.

Produz algum centeio, milho e azeite, e do mais muito pouco.

A pouca distancia abaixo do logar se juntam os rios Tua e Rabaçal, que desaguam no Douro.

Ha aqui uma barca de passagem.

Esta freguezia foi ha muitos annos supprimida.

CHÉLLAS—aldeia, Extremadura, termo e 3 kilometros a E. de Lisboa, na freguezia de S. Bartholomeu, do Beato Antonio, concelho dos Olivaes.

Situada em fertil, amenissimo e formosissimo valle, e cujas hortas são famosas em Lisboa. Muito abundante em boas aguas, saudavel e produz de tudo e optimo.

Sumptuosissimo convento de freiras (intituladas *conegas regrantes de S. Felix*, da Ordem de Santo Agostinho-cruzias) e por isso chamadas vulgarmente *agostinhas*.

Este convento, que se denomina de S. Felix e Santo Adrião, é no fim do valle de Chéllas e junto da povoação d'este nome. Ha n'esta povoação varias fabricas de tecidos e estamparia nas quaes se empregam a maior parte de seus habitantes.

A origem d'este venerando monumento é a seguinte:

Em 666 (chegava o Tejo até Chellas) e aqui vieram ter as reliquias de S. Felix, diacono, que com mais 12 companheiros haviam sido martyrisados em *Gerona* (Catalunha) no 1.º de agosto de 301, imperando Diocleciano.

Reinava então nas Hespanhas (n'esse anno de 666) o rei catholico Receswinto.

Logo os lusitanos fundaram aqui uma egreja dedicada a S. Felix, e n'ella se depositaram as suas reliquias.

Dizem outros (e não o nega o arcebispo D. Rodrigo da Cunha) que em Chellas, onde hoje é o convento, foi antes de Jesus Christo uma

casa, ou convento de virgens *vestaes*, e que o seu templo é que os lusitanos converteram em egreja de S. Felix. Dizem estes que foi o primeiro edificio pagão assim convertido ao christianismo.

Consta que foi de vestaes, não só pela tradição, como tambem por varias inscripções latinas que existiram no *claustro velho;* pelo sêpo em que se faziam os sacrificios, que tem uma inscripção que diz *Julia Flaminia;* pela *ára* onde se conservava constantemente o fogo sagrado, e por outros mais vestigios. (Vide adiante.)

Na invasão dos arabes, em 716, foi a egreja de S. Felix convertida em mesquita; mas em 1147, depois da tomada de Lisboa, foi logo purificada por D. João Peculiar, arcebispo de Braga e restituida ao culto catholico.

Alguns suppõem que, passada a primeira sanha dos mouros, conseguiram os monges a conservação do seu mosteiro mediante certo feudo, como aconteceu a muitos; porque, quando Affonso III (o Magno) rei das Asturias e Leão, tomou (no anno 804 de Jesus Christo) Lisboa aos mouros, era habitado o mosteiro de *Achéllis* Foi por este tempo que o conde Servando depositou n'este mosteiro as reliquias que lhe deu o papa Leão III. Eram de Santo Adrião e sua mulher, Santa Nathalia e mais 11 companheiros martyrisados em Nicomedia, imperando Maximiano. (Vide no fim.)

Pela *calustra* antiga e pelas casas e officinas que estavam ao redor d'ella (tudo muito arruinado) se entendeu que isto tinha sido um mosteiro de christãos e que era bem se reedificasse.

Tambem era tradição dos christãos que por alli havia, que n'esta egreja estavam as ossadas de alguns martyres, desde o tempo de D. Affonso o Magno, de Leão, o qual tinha tomado Lisboa aos mouros, em 804, mas elles o retomaram em 812, e conservaram até 1147, em que a perderam para sempre.

D. Affonso Henriques mandou a D. João Peculiar que tratasse da reedificação d'este convento, ao que elle logo procedeu e foi a Coimbra buscar sua irman Justa Rabaldes (que depois em Chellas tomou o nome de Justa da Cruz) conega do mosteiro das *donas*, com mais 4 freiras, para povoarem este mosteiro, sendo Justa da Cruz a sua primeira prioresa.

A egreja foi então purificada pelo bispo de Lisboa (D. João Peculiar) assistindo o rei a esta ceremonia, e á trasladação das reliquias, que estavam em duas caixas de marmore; as quaes foram collocadas na capella-mór, e ficaram servindo de altares de S. Felix e de Santo Adrião.

Então cada caixa podia conter lá 13 corpos? Talvez cada caixa apenas contivesse *reliquias* dos 13 martyres, e não dos corpos.

Vieram tambem então para aqui 4 conegos de Santa Cruz, para viverem no mesmo convento, que ficou sendo *dobrado*, isto é, de ambos os sexos.

Então, estava o mosteiro deshabitado. Podia muito bem ser que, quando os mouros retomaram Lisboa, em 812, zangados da derrota que lhe havia causado D. Affonso o Magno, expulsassem os frades e freiras, ou os assassinassem (mas isto não consta) ou elles fugissem do mosteiro, receando, com razão, a colera mourisca. Ha factos tão obscuros na nossa historia antiga, que a gente não póde sahir de hypotheses.

Alguns historiadores (e com elles fr. Luiz de Souza) sustentam que este mosteiro nunca foi *dobrado;* fundando-se em que, nas antigas doações feitas ao mosteiro, só se trata de frades e não de freiras. Não colhe a negativa, por tal fundamento; porque o costume era fazerem-se as doações só aos frades d'estes conventos dobrados, por serem os que administravam as rendas.

Ninguem ainda negou que o convento de Santa Cruz de Coimbra fosse *dobrado* no seu principio, e todavia em nenhuma doação que a elle se fizesse n'esse tempo, se falla nas freiras.

Frei Luiz de Sousa e outros, sustentam que o convento de Chellas foi no seu principio de cavalleiros de S. João. Outros dizem que foi da Ordem de S. Thiago, e outros, finalmente, dizem que foi de bernar-

dos. Mas é innegavel que foi *dobrado* de cruzios, porque o breve apostolico do papa Gregorio IX, de 1234, que concede muitos privilegios ao mosteiro, diz que elle é de agostinianas.

Uma doação que ao mosteiro fez Gonçalo João, filho de João Ermoriges e de D. Ausenda, em 1191 (março) de toda a sua herdade que tinha no logar do Aroil, com casas, aguas e quanto em si tinha, claramente diz que o mosteiro é de conegos e conegas.

Em 1192, estando em Lisboa D. Sancho I e sua mulher, D. Aldonça, e seus filhos, fizeram elles ao mosteiro doação de umas vinhas que aqui tinham. Ainda então era duplex (dobrado) mas não se sabe desde quando principiou a ser só de freiras. É opinião de alguns, que foi desde o reinado de D. Affonso II, a pedido de suas santas irman, para se evitarem os escandalos a que esta promiscuidade dava logar.

As principaes obras de reconstrucção d'este mosteiro, desde a instituição da monarchia, foram feitas por D. Affonso I, em 1147 a 1148—pelo bispo de Lisboa, D. Soeiro Viegas, 1220 a 1226—por o rei D. Manuel, pelos annos 1510—pela Ordem, sendo prioreza D. Luiza de Noronha, em 1604—e pela mesma Ordem, com auxilio do governo, para reparar os estragos do terremoto do 1.º de novembro, em 1756 e 1757. Estas reconstrucções transtornaram completamente a architectura primittiva.

S. Domingos (instituidor da Ordem dos prégadores, ou dominicanos) era crusio e usou muito tempo do habito de Santo Agostinho; mas depois que formou uma ordem á parte, mudou o habito. Muitos conventos de freiras agostinianas passaram então a ser dominicas e o mesmo queriam fazer ás de Chellas; mas ellas não quizeram e se queixaram ao papa Bonifacio III, em 1295; que as conservou na sua antiga ordem.

Já em Chellas estavam os frades dominicos, desde o anno de 1224, e alli se conservaram por 71 annos, até que, como se viu, foram despedidos em 1295, tornando a vir os cruzios.

As freiras porém trouxeram sempre o habito de conegas (ou *donas*) e nunca o dominicano, e viveram, mesmo nos 71 annos, sob a regra de Santo Agostinho.

Em 1580 as tropas do duque d'Alba deram de noite assalto ao mosteiro, mas não poderam entrar. Em 1589 os inglezes que vieram com o prior do Crato, fizeram fugir as freiras para Lisboa. O terremoto de 1755 fez bastantes damnos á egreja e ao mosteiro, que logo se *repararam*.

Ainda outra opinião sôbre este convento, é a seguinte:

Em 666, vindo aqui ter (por mar, como já disse) as reliquias de S. Felix, fundaram logo os christãos, no antigo *convento* das vestaes, um de frades (não se sabe de que ordem) que foram expulsos, ou fugiram em 716, quando os mouros occuparam estes sitios. Esta opinião, que é plausibilissima, não contradiz nenhuma das outras.

—

O valle de Chellas corre de N. a S., a um kilometro das barreiras da Cruz da Pedra (Lisboa). Começa junto ao Tejo, entre os conventos da Madre de Deus e S. Francisco de Xabregas. Tem bonitas casas, alvejando entre a verdura; e nas collinas que o cércam ha formosas quintas. Tem o valle uns 80 fogos com 300 almas.

—

É singular a etymologia que a tradição (e alguns escriptores) dão á palavra Chellas. Segundo ella, o primeiro nome d'este sitio foi *Valle d'Achilles*, porque este heroe esteve aqui, disfarçado em mulher, junto com as vestaes, e que aqui o veio desencantar o astuto Ulysses.

Todos sabem que, segundo a mythologia, Achilles esteve disfarçado em mulher, entre as donzellas do paço de Licomedes, rei de Cyros. (Vide *Diccionario Mythologico*).

Dizem que a palavra *Achilles* degenerou em *Achelles* e por fim em *Chellas*. Os escriptores que sustentam este absurdo, allegam duas razões: 1.ª, dizer Homero que a deusa Thetis escondeu seu filho (Achilles) entre as vestaes de um templo edificado nos confins da terra e proximo ao Oceano; 2.ª, encontrar-se em todas as escripturas anteriores ao seculo XI, e mesmo em algumas posterio-

res, que tratam d'este sitio, a denominação de mosteiro ou valle de *Achellis*.

Esta fabula deu que cuidar e que fazer a escriptores nossos, muito sérios. Em todo o caso, é fóra de duvida que o nome antigo d'este sitio era *Achellis*.

—

As reliquias dos 26 santos martyres, padroeiros do convento (S. Felix e seus 12 companheiros, Santo Adrião, Santa Nathalia e seus 11 companheiros) foram tiradas das suas caixas de marmore, em 1604, sendo mettidas em 26 meios corpos de santos, obra de boa esculptura, que mandou fazer a prioreza D. Luiza de Noronha, trasladando-se para dois altares collateraes da capella-mór. No do lado da epistola, dedicado a Santo Adrião, estão as reliquias d'este santo, de sua mulher e dos seus 11 companheiros. Junto d'este altar estão duas lapides com as inscripções seguintes:

Este convento é de conegas regrantes de Santo Agostinho, por escripturas antiquissimas. Foi casa das vestaes, antes da vinda de Christo Nosso Senhor, o que se vê pelos vestigios de pedras que estão na crasta e pelo cippo de Julia Flaminea, e ara das vestaes, com o buraco da urna do igne perpetuo. Assim que se acha ser reedificada esta capella quatro vezes, uma em tempo das vestaes, outra na primittiva egreja de Hespanha e duas depois.

A outra inscripção diz:

Fidelissimo ac invitissimo XPI DNI Martiri Adriano et Natalia, uxore ejus aliisque undecim sociis, qui sub Maximiano vario tormentorum genere occubere, quorum corpora ante Alphonsum primum Portugaliae Regem hic quiescunt, hoc altare dicatum est.

Em vulgar, quer dizer:

Dedicou-se este altar ao fidelissimo e invictissimo martyr de Christo Nosso Senhor, Adrião, e Nathalia, sua mulher, e outros onze companheiros, os quaes, imperando Maximiano, foram mortos com varios generos de tormentos; cujos corpos descançam n'este logar, antes de D. Affonso I, rei de Portugal.

—

No altar do lado do evangelho, consagrado a S. Felix, estão as reliquias d'este santo e dos seus 12 companheiros. Tambem tem junto d'elle duas lapides com as seguintes inscripções:

Esta capella reedificou, em tempo do Illustrissimo Senhor D. Miguel de Castro, arcebispo de Lisboa, prelado d'esta casa, com cujo governo foi sempre administrada antes dos reis de Portugal, como se vê de um cippo feito na era do S., de mil, e das armas d'elrei Wamba, que repartiu os bispados em Hespanha; o que tudo se achou n'esta reedificação, com ruinas de um caes de enxelharia, onde desembarcaram estes santos martyres, por este ser mar.

A outra lapide diz:

Beatissimo Xpi Dni Martiri Diacono, aliisque XII Martiribus qui impiorum gladiis sub Diocleciano occuberunt, quorum corpora hic jacent, ante Alphonsum 1.º Portug. Regem, hoc altare est dicatum.

Quer dizer:

Este altar se dedicou ao beatissimo martyr de Christo Nosso Senhor, Felix, diacono, e a 12 seus companheiros, que foram mortos pelos tyrannos, sendo imperador Diocleciano; cujos corpos aqui jazem sepultados antes do tempo de D. Affonso I, rei de Portugal.

—

Estas quatro inscripções foram aqui mandadas collocar pelo arcebispo de Lisboa, D. Miguel de Castro, no anno de 1604, em que se fez a trasladação das reliquias.

Existem ainda as lapides commemorativas do primeiro deposito das santas reliquias n'aquelle logar. Acharam-se enterradas, depois foram embebidas nas paredes. A que

diz respeito a S. Felix, está inteira, é de fórma circular e diz o seguinte:

APU.
DEPOSITIO
BONEMEMORI
MARTYRI D
FELICIS DECEM
. IDIBVS ERA
DCCIII.

Quer dizer:

Nos idos de dezembro de 703 (13 de dezembro de 665 de Jesus Christo) se fez o deposito de S. Felix, de boa memoria, martyr do verdadeiro Deus.

A outra lapide, que de certo diz respeito a Santo Adrião, tambem era de forma circular, mas só existe a metade superior d'ella. (Não copio a inscripção, porque a parte que se póde ler não faz sentido.)

As pedras de que fallam as outras inscripções e que se acham no claustro velho, são as seguintes: uma pedra quadrada, de alabastro, com um buraco oval no meio e quatro mais pequenos nos cantos. É a que dizem ser a ara do fogo perpetuo.

Uma lapide grande de marmore, em fórma de painel, fazendo-lhe moldura caçadas de differentes animaes, ornadas e entremeadas de folhagens, em relevo bem acabado. No centro tem seis figuras humanas de joelhos, com as mãos erguidas; e em logar mais alto outra figura que mostra estar sentada. Trajam vestidos talares, mas têem os rostos gastos, de modo que se não distinguem feições. Poderão representar vestaes adorando a sua divindade, diante da sua superiora (*Virgo Maxima*). É incontestavelmente esculptura romana.

Estas pedras foram achadas no mesmo claustro, nas escavações que se fizeram em 1604.

Hindo do claustro velho para a cêrca vêem-se mais estas pedras:

Uma de marmore branco com uma cara de gente no meio, com um olho fechado.

Outra, tambem de marmore branco, com duas figuras, uma sentada, outra de pé, e no meio um pequeno rosto.

Outra com 4 figuras, duas sentadas e duas em pé, tendo cada uma das sentadas seu livro na mão, e cahindo-lhe dos hombros compridos mantos. Do centro da pedra resalta uma grande cara.

Outra com esta inscripção:

Era de 300 que este convento teve principio, das vestaes. CCC.

O cippo de Julia Flaminia, a que allude a primeira das inscripções transcriptas, está na parede do quintal da sachristia.

É uma pedra de marmore de seis palmos de comprido e trez de largo; porém mostra estar partida, faltando-lhe algumas letras.

Os caracteres são romanos, com *breves*, e segundo alguns, dizem:

Julia Quinti Filia Flamen Vestalis Julii, Quintus Julius Quinti Filius, Caius Severus Hic Sepulti Sunt.

Em vulgar, quer dizer:

Aqui estão sepultados Julia Flaminia, vestal, filha de Quinto Julio, filho de Quinto e Caio Severo.

Tambem esta pedra se achou em 1604. Estava enterrada por detraz da capella-mór a pouca profundidade, e cobria uma sepultura que os operarios, por ignorancia, destruiram.

Estão embebidas na parede do referido quintal mais as seguintes lapides:

Uma com uma inscripção composta de 4 linhas, mas só se distinguem as do principio de cada linha. Dizem:

MAC.....
N. ET. I..
O. IMP....
AUG.....

Suppõe-se ser memoria dedicada a Macrino (M. Opilio Severo Macrino) que imperou no anno 217 de Jesus Christo, e que reinou um anno e dois mezes menos dois dias.

Esta lapide estava debaixo do altar-mór.

Outra lapide, que demonstra ser um intercolumnio (provavelmente do templo de

Vesta) com um *Pegaso* e um gripho (gripho é, como Pegaso, um cavallo alado, mas tem cabeça de gallo), estão circumdados de festões de folhagem, que se cruzam nos intervallos. É um bello especimen de esculptura romana, e mostra ser apenas uma parte do intercolumnio.

Em uma parede do mesmo quintal está uma pedra com tres letras gothicas assim collocadas:

Significa: E. D. M. isto é—*Era Domini Millia.* (1)

Sobre esta lapide, mas muito mais acima, está outra pedra quadrada, com uns nove palmos quadrados, guarnecida de moldura e esquartelada, tendo em dois quadrados duas rosas ou florões, e nos outros dois um lavor espherico a modo de botão. Parece ser peça do tecto de um perystillo; mas é a que em uma das inscripções transcriptas se chama *armas d'el-rei Wamba.*

Este cippo corrobóra de algum modo a tradição de que o mosteiro de Chellas tornou a ser restaurado e habitado sob o dominio dos mouros, depois que estes reconquistaram Lisboa a D. Affonso Magno, em 812. Todavia, se a tradição é verdadeira, não se conservou aqui o culto christão em todo o tempo que os mouros occuparam este sitio; porque em 1147 (em que D. Affonso I conquistou Lisboa) não havia já convento, e a egreja estava reduzida a mesquita.

—

Na parede interior da casa de arrecadação, contigua ao vestibulo da egreja, está embebida outra pedra, que parece ser fragmento de friso, e cujos lavores são em relevo. É de grosseira esculptura, mas tambem parece obra romana.

(1) Wamba reinou entra os annos de Jesus Christo, 673 a 682 (nove annos) que vem a ser, desde a era 711 até 720. Na era de mil era rei D. Ordonho IV (que apenas reinou um anno, succedendo-lhe D. Ramiro III.) É o anno de Jesus Christo 962.

Tem trez leões devorando palmas.

Suppõem alguns que esta pedra seria fragmento de uma das duas caixas de marmore em que primeiramente estiveram depositadas as reliquias dos Santos; e portanto obra gothica do anno 666 (ou, como querem outros, 665) em que os gôdos reedificaram o templo de Vesta e a casa das vestaes reduzindo-os a egreja e mosteiro christão.

Dizem os que são d'esta opinião, que os leões significam os idolatras e as palmas allegoria á morte triumphal dos santos martyres.

—

Além das pedras mencionadas, acharam-se outras em 1604, que mostram, ainda com mais evidencia, terem pertencido a um templo romano. Acharam-se columnas corinthias e as figuras de Juno e Minerva e outras divindades mythologicas; mas como as pedras estavam partidas, parece que nada d'isto se conservou, approveitando-se para outras obras.

É pois o convento de Chellas um monumento venerando pela sua antiguidade e curiosissimo pelas suas recordações. É por isso que fui tão prolixo no que lhe diz respeito; do que peço desculpa aos meus leitores.

Tudo o que deixo dito com relação a cippos e inscripções é extrahido dos bellos artigos do nosso incansavel investigador de glorias e antiguidades patrias, o distincto escriptor I. de Vilhena Barbosa (*Archivo Pittoresco*, vol. 7.º)

—

Parece que por Chellas (ou, pelo menos, nas suas proximidades) passava uma via militar romana; pois que aqui appareceu um *marco milliario*, que se guardou no convento. Era dedicado ao imperador Adriano. Não sei se ainda alli existe.

—

Ha em Chellas as seguintes fabricas:

1.ª Grande fabrica de lanificios, de que são proprietarios os srs. José Lourenço Meldery & C.ª Apesar de ser fundada em 1872, já emprega umas 200 pessoas.

É a vapor, tem uma machina da força de 60 cavallos, que faz mover 26 teares de dif-

ferentes modelos e 4 fiações com 1:150 fusos, 7 cardas e outros engenhos. Produz já diariamente 12 a 15 peças de bellas casimiras e pannos pretos, e augmentar-se-ha o seu movimento. É mestre d'esta fabrica o intelligente sr. José das Neves Meldery.

2.ª Estabelecimento de lavagem de lans, de que são proprietarios os srs. Francisco Garcia & C.ª Lava diariamente 2:000 kilogrammas de lan.

3.ª Fabrica de tecidos de algodão, na qual trabalham nove teares. Pertence ao sr. Gabriel Archanjo Ribeiro.

Todos estes trez estabelecimentos são no sitio denominado *Casas Novas.*

4.ª Fabrica de chitas e estamparia, do sr. Francisco da Silva Pinto, rico proprietario d'esta freguezia. Trabalham n'esta fabrica umas 80 pessoas.

Tem 20 bancas de estampar. Tem uma machina a vapor, da força de 7 cavallos, para diversos misteres do estabelecimento.

5.ª Fabrica de grude do mesmo sr. Francisco da Silva Pinto.

Estas duas ultimas estão situadas na estrada de Chellas.

Estas fabricas muito teem feito prosperar a terra, e dão trabalho e emprego a mais de 350 pessoas; pelo que seus dignos proprietarios bem merecem da patria.

São tambem dignos de louvor os artistas empregados n'estes importantes estabelecimentos industriaes, por destinarem as suas horas de descanço a estudarem musica e a aperfeiçoarem-se n'este ramo de bellas artes.

Organisaram uma sociedade philarmonica marcial, á qual deram a denominação de «*Timbre Fabril Chellense*»

Honra a estes nobres industriaes, que preferem esta diversão moral e instructiva, a desperdiçarem o tempo e arruinarem a saude e a reputação pelas tabernas e por outras casas de perdição.

—

CHETAWIR—nome que os árabes davam ao rio Sádão ou Sádo, na Extremadura portugueza. (Na parte d'esta provincia que fica ao sul do Téjo.)

CHÉVORA ou **SÉVERA** ou **XÉVORA**—pequeno, mas formosissimo rio do Alemtejo. Nasce nas sêrras de S. Mamede (junto a Portalegre) corre arrebatado pelas penedias do monte *Sette* (Hespanha) entra em Portugal junto a Ouguella, toca o termo de Campo-Maior, junto ao monte *Crasto*, mette-se outra vez em Hespanha e morre no Guadianna junto a Badajoz.

Em frente da villa d'Ouguella se lhe junta o rio *Abrilongo* e mais abaixo 9 kilometros o *Bótova*. Suas margens são quasi todas cultivadas, bellas e ferteis. É em partes orlado de frondoso arvoredo.

Proximo a este rio, na *Quinta de Crastos*, houve uma torre muito alta, e a respeito d'ella ha a lenda seguinte:

Moráva na tal torre, um emir serraceno, do qual se namorou uma dama lusitana chamada *Clara Moniz*, que fugiu para a torre do seu amante; mas, receando a vingança dos christãos, encantaram-se, e assim estão invisiveis, no rio, até que um cavalleiro christão lhe *quebre o encanto*, em uma noute de S. João; e logo o mouro se fará christão, casará com a senhora D. Clara e serão muito felizes!

CHILEIROS ou **CHELEIROS**—villa, Extremadura, comarca de Cintra, concelho de Mafra, 35 kilometros ao N. de Lisboa, 165 fogos.

Em 1757 tinha 80 fogos.

Orago Nossa Senhora de Roque Amador (vulgo Reclamador.) O seu primeiro orago era Nossa Senhora da Assumpção.

Patriarchado e districto administrativo de Lisboa.

Era antigamente da comarca de Torres Vedras, d'onde dista 18 kilometros a O.

Situada em uma baixa. A matriz está no sitio chamado *Arrabalde*.

A casa do infantado apresentava o prior, que tinha 600$000 réis. (segundo Cardozo. O *Portugal Sacro* diz que eram 400$000 rs.)

Teve uma albergaria.

É terra muito fertil em tudo.

Foi muitos seculos concelho, e tinha juiz ordinario e das sizas, camara (com 2 vereadores) procurador do concelho, etc. etc.

Passa aqui o rio *Chileiros*, que nasce nos

montes da *Malveira* (a 9 kilometros d'esta villa.)

É orlado de frondosas arvores de fructo e silvestres e em grande parte cultivado e muito fertil.

Esta povoação é muito antiga. No seculo XII, eram apenas uns casaes, que D. Affonso I. deu, pelos annos de 1160, a uma dama do paço, chamada D. Violante, a qual casou com um fidalgo, da casa dos condes de Castanheira. Esta D. Violante é a que immortalisou em seus versos o nosso antigo poeta Egas Moniz Coelho (Vide Geographia litteraria e Louzan.)

Por morte d'esta D. Violante, que parece não teve filhos, passou a freguezia para a coroa, e depois para a casa do infantado.

O rio atravessa a villa, tendo aqui uma bôa ponte de pedra. Desagúa no mar.

Tinha foral antigo, que foi communicado em 15 de fevereiro de 1195 ao reguengo de Polvoares, por D. Rodrigo Rodrigues, com os homens bons de Cintra e Chileiros, Domingos Louzan, Garcia Alfaqueque, Martinho Dias e Pedro Clerigo, de Chileiros. Confirmado por D. Diniz em Santarem, a 4 de maio de 1305. D. Manuel lhe deu foral novo em Lisboa, a 25 de novembro de 1516. (Livro dos Foraes Novos da Extremadura, fl. 237 v. col. 2.ª e liv. 3.º de Doações do sr. Rei D. Diniz, fl. 40, col. 2.ª *in fine* e liv. 2.º dos bens dos proprios das rainhas, fl. 37 e na gaveta 18, maço 1.º, n.º 9.

CHINTRA ou **ZINTIRAS** — nome que os árabes davam á villa e serra de Cintra.

CHORENSE — freguezia, Minho, comarca de Pico de Regalados, concelho de Terras de Bouro, até 1855, e desde então, do mesmo concelho, mas da comarca de Villa Verde, 28 kilometros ao NO de Braga 378 ao N. de Lisboa, 120 fogos. Em 1757 tinha 137 fogos.

Orago Santa Marinha.

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

Foi antigamente do concelho de Bouro, mas da comarca de Vianna.

Situada em um valle.

A matriz é um templo sumptuoso. O rei apresentava o abbade, que tinha 400$000 réis de rendimento.

Eram obrigados os homens d'aqui a defenderem este reino das invasões dos gallegos, pela parte da *Portella do Homem*, pelo que tinham o privilegio de se não fazerem soldados n'esta freguezia.

É terra muito abundante de bôas aguas e por isso fertillissima. Gado e caça.

N'esta freguezia viveram, Gregorio Dias da Silva e sua mulher, Victoria Fernandes, que tiveram 24 filhos, todos vivos, de 23 partos (da mulher) sendo um d'elles de dois filhos.

Corta esta freguezia uma antiquissima estrada, que era a célebre *via militar* romana, chamada *Geira* ou *Geiria*. Ha aqui mais vestigios romanos, entre elles, os seguintes:

Adiante da capella de S. Sebastião, proximo do ribeiro dos campos de Cabaninhas, havia um marco millar, do lado de dentro dos mesmos campos, por onde passava a *Geira*, que foi collocado do lado de fóra e levantado, tendo 3 metros d'alto, e 2 e meio de grosso, e com a seguinte inscripção :

IMP. CAES. DIVI. SEVRI. PII. FIL DIVI.
MARCI. ANTONINI. NEP. DIVI. ANTONINI.
PII. PRONEP. DIVI. ADRIANI. ABNEP.
DIVI TRAIANI. PAR. ET. DIVI NERVAE.
AD NEPOT. M. AORELIO. ANTONINI. PIO III
FEL. AUG. PART. MAX. BRIT. MAX. TRIB.
PORT. XVII. IMP. III. P. P. COS III.
PROCOS. GERMANICO. MAX. PONT. MAX.

Quer dizer que este padrão foi levantado á memoria do imperador Cesar Marco Aurelio Antonio Pio trez vezes feliz, augusto, filho do divino Severo Pio, neto do divino Marco Antonio, bisneto do divino Antonino Pio, III neto do divino Adriano, IV, neto do divino Trajano e V, neto do divino Nerva, grande senhor da Assyria, de Inglaterra e da Allemanha; pontifice maximo, tribuno do povo 17 vezes, imperador 3, consul 4, pae da patria e proconsul.

—

(Ser 3 vezes imperaror, não é porque fosse cargo annual, mas pelas victorias que alcançou de mais nome.)

—

Dentro do campo donde estava este padrão, ha restos de mais dois.

—

Por cima da Nazareth, desta freguezia, no sitio de *Val fojos*, ha outro padrão; d'elle só se lê uma parte da inscripção que diz:

G. CALPETANO. RANTIO. QUIRINALE.
VALERIO FESTO LEG. AUG. PRO. PR.
VIA. NOVA. M. P. XV. III.

Quer dizer — Caio Calpetano e Rancio Quirinal e Valerio Festo, foram pretores da legião augusta e d'aquelle novo caminho: que da augusta e imperial cidade de Braga a este padrão, são 18 milhas.

—

Perto da capella de S. Sebastião, está outro padrão, de quasi 2 metros d'alto, todo coberto de musgo. Da sua inscripção apenas hoje se póde ler.

CIVI.........PII FIL.
MARCIANI.......NINI. NEP.

O mais está corroido pelo tempo.

—

Abaixo da aldeia de Saimo, encontram-se dois padrões. O primeiro tem d'altura 3 palmos e meio e não tem o sitio em que existiu a inscripção, o outro tem a inscripção quasi apagada, apenas se póde ler isto:

.... NO ..... NINI. NEP.
....
.... RI. ....
..... NEP. ....
.... NTONIN ....
BRITAN. ....
CO ....

Tem 1^m50 d'alto.

Já se vê que é ilegivel.

CHORENTE—freguezia, Minho, comarca e concelho de Barcellos, 18 kilometros a O. de Braga, 360 ao N. de Lisboa, 110 fogos.

Em 1757 tinha 102 fogos.

Orago S. Miguel Archanjo.

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

É terra muito fertil.

Cria muito gado de toda a qualidade.

O papa e o arcebispo de Braga apresentavam alternativamente o reitor, que tinha de rendimento 100$000 réis.

CHOUSA ou **CHOUZA**—portuguez antigo, fazendinha pequena, bocado de terra cultivada, tapada sobre si. Vem do latim, *claudo*, que significa fechar, tapar. Nas provincias do N. diz-se mais frequentemente *chouso*. Se esta propriedade tinha uma casa, se denominava *Quinchoso*. Este termo ainda se usa para o N. do reino, com a mesma significação.

CHOUSAL ou **CHOUZAL**—portuguez antigo, herdade tapada sobre si, que serve mais para pastagem de gado, do que para produzir cereaes, legumes, vinho e fructas.

(Vide Chousa.)

CHOUTO—freguezia, Extremadura, comarca e concelho da Chamusca; foi do concelho d'Ulme, 95 kilometros ao E. de Lisboa, 140 fogos.

Em 1757 tinha 90 fogos.

Orago Nossa Senhora da Conceição.

Patriarchado, districto administrativo de Santarem.

Antigamente, parte d'esta freguezia era do termo de Santarem e parte do d'Ulme, e toda da comarca de Santarem.

Foi primeiramente dos condes da Castanheira, depois passou para o infantado.

Os freguezes apresentavam o cura, que tinha 46$000 réis, pagos por elles.

É terra muito fertil. Muito gado.

Tinha juiz de vintena, sujeito ás justiças de Santarem.

Feira a 29 de junho.

Grande creação de gados, principalmente porcos, cabras e ovelhas.

Nasce aqui a ribeira de Chouto, que morre na ribeira de Mugem. Suas margens são cultivadas e ferteis.

CHOUZENDO—freguezia, Beira-Alta, comarca de Moimenta da Beira, concelho de Font'Arcada, até 1855, e desde então, concelho de Cernancêlhe. 35 kilometros de Lamego, 330 ao N. de Lisboa, 120 fogos.

Em 1757 tinha 96 fogos.

Orago S. Miguel Archanjo.

Bispado de Lamego, districto administrativo de Viseu.

Era antigamente do termo de Font'Arcada, mas da comarca de Pinhel.

Situada em um pequeno valle.

O reitor de Font'Arcada apresentava o

cura, que tinha 80 alqueires de centeio, 47 de trigo, 36 almudes de vinho e 2$000 réis em dinheiro.

É terra fertil.

O nome d'esta freguezia vem de *Chouza*, significa, pequenas fazendas, isto é, *Chouzêdo* (reunião de *Chouzas*) que se corrompeu em *Chouzendo*.

CHRISTÊLLO e **CHRISTÉLLOS** — vide Cristêllo e Cristéllos.

CHRISTINA DE FIGUEIRÓ (SANTA) — vide Figueiró.

CHRISTINA DO COUTO (SANTA) ou simplesmente **COUTO** — freguezia, Douro, comarca e concelho de Santo Thyrso, 24 kilometros ao NO. do Porto, 335 ao N. de Lisboa, 140 fogos.

Em 1757 tinha 111 fogos.

Orago Santa Christina, virgem e martyr.

Bispado e districto administrativo do Porto.

O D. abbade benedictino de Santo Thyrso, apresentava o vigario. collado, que tinha 18$000 réis de congrua e o pé d'altar.

É terra fertil. Muito gado.

CHRISTINA DE MALTA (SANTA) ou, simplesmente, **MALTA** — freguezia, Douro, concelho da Maia, comarca e 18 kilometros ao N. do Porto, até 1855, e desde então, concelho e comarca de Villa do Conde, 18 kilometros ao N. do Porto e 330 ao N. de Lisboa, 110 fogos.

Em 1757 tinha 86 fogos.

Orago Santa Christina, virgem e martyr.

Bispado e districto administrativo do Porto.

O bailio de Lessa apresentava o abbade, que tinha de rendimento 400$000 réis.

É terra muito fertil e cria muito gado de toda a qualidade.

Tinham os moradores d'esta freguezia os grandes foros, isenções e privilegios de caseiros da Ordem de Malta, á qual pertencia esta freguezia.

CHRISTINA DO MONDEGO (SANTA) — villa, extincta, Douro, 6 kilometros de Coimbra, na margem do Mondego, fertil.

Povoou-a D. Affonso III, em 1265, concedendo-lhe grandes privilegios.

Esta villa vem na *Poblacion general de Espana*, e não a acho nos mappas modernos. De certo foi arrasada pelo rio.

CHRISTOVAL — freguezia, Minho, comarca de Monção, concelho de Melgaço, 65 kilometros ao N. de Braga, 425 ao N. de Lisboa, 220 fogos.

Em 1757 tinha 180 fogos.

Orago S. Martinho, bispo.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Vianna.

Era antigamente do termo de Melgaço, mas da comarca de Vallença.

O papa e o arcebispo de Braga apresentavam alternativamente o abbade, que tinha 500$000 réis.

É terra fertil. Gado.

Passa aqui o ribeiro Trancoso.

Á agua da fonte do Padrão se attribue a virtude de curar a lépra e todas as molestias cutaneas.

CHRISTOVÃO D'ALFAMA (S.) — vide Lisboa.

CHRISTOVÃO (S.) — vide Mafamude.

CHRISTOVÃO DE ABAÇÃO (S.) — freguezia, Minho, comarca e concelho de Guimarães, 24 kilometros ao NE. de Braga, 360 ao N. de Lisboa, 45 fogos.

Em 1757 tinha 27 fogos.

Orago S. Christovão.

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

É terra fertil.

O abbade de S. Miguel de Gémeos apresentava o vigario, que tinha 10$000 réis de congrua e o pé d'altar.

Esta freguezia já está descripta na 1.ª pagina do 1.º volume d'esta obra, sob o nome de *Abação* (onde se póde vêr a sua etymologia) repito-a aqui por no 1.º volume não levar a congrua do parocho e quem o apresentava.

Alguns escrevem erradamente *Abbação*, persuadindo-se que vem de abbade, mas não vem, como digo em Abação.

CHRISTOVÃO DO DOURO (S.) — freguezia, Traz-os-Montes, comarca de Villa Real, concelho de Provezende, até 1855, e desde então da mesma comarca, concelho de Sabrosa, 95 kilometros ao NE. de Braga, 355 ao N. de Lisboa, 90 fogos.

Em 1757 tinha 83 fogos.

Orago S. Christovão.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de villa Real.

Um dos conegos da Sé de Braga apresentava o vigario, collado, que tinha 60$000 réis.

Esta freguezia está annexa ha muito tempo á de Provezende.

D. Manuel lhe deu foral, em Lisboa, no 1.º de setembro de 1513. Serve tambem para Bemviver, Seixos e Val Bom.

—

Aqui viveu Francisco de Afonseca, d'Abreu, capitão de cavallaria e governador das armas de Traz-os-Montes. Era um dos mais bravos e destros cavalleiros do seu tempo. Morreu em defeza da patria, na guerra da restauração.

CHRISTOVÃO (S.)—freguezia, Alemtejo, concelho de Arrayolos, comarca de Monte-Mór-Novo, 18 kilometros ao N, d'Evora, 150 ao L. de Lisboa, 100 fogos.

Em 1757 tinha 103 fogos.

Orago S. Christovão.

Arcebispado e districto administrativo de Evora.

Era antigamente do termo de Monte Mór Novo, mas da comarca d'Evora.

Situada em um monte.

O arcebispo d'Evora apresentava o cura, que tinha 3 moios e 18 alqueires de trigo e 66 alqueires de cevada.

Fertil em cereaes; muito gado e caça.

Passa aqui o rio Mourinho.

CHRISTOVÃO DE LAFÕES (S.)—freguezia, Beira-Alta, comarca de Vousella, concelho de S. Pedro do Sul, 24 kilometros ao O. de Viseu, 294 ao N. de Lisboa, 70 fogos.

Em 1757 tinha 59 fogos.

Orago S. Christovão.

Bispado e districto administrativo de Viseu.

Pela morte de D. Manuel 1.º, não se chegou a expedir foral; mas o processo para elle está na Torre do Tombo, gav. 20, maço 11, n.º 25.

(Para o convento de S. Christovão, vide Lafões, onde vae descripto.)

CHRISTOVÃO DE MALTA (S.)—freguezia, Traz-os-Montes, antigamente comarca de Bragança, concelho de Algoso, actualmente comarca e concelho de Miranda, 420 ao N. de Lisboa, 20 fogos.

Em 1757 tinha 18 fogos.

Orago S. Christovão.

Bispado e districto administrativo de Bragança.

Situada no alto de um outeiro, no principio da serra de Chacim.

O reitor de Algoso apresentava o cura, que tinha 30$000 réis.

Tinha um juiz da vintena e dois *homens do concelho*, eleitos pelo juiz de fóra de Algoso, ao qual eram sujeitos.

Tinha os grandes privilegios dos caseiros da Ordem de Malta, a quem a freguezia pertencia.

Passa aqui o ribeiro das Donas.

É terra fertil. Grande abundancia de castanhas. Gado e caça.

Esta freguezia está ha muitos annos reunida com a de Villa Chan de Braciosa, sendo orago o mesmo S. Christovão.

CHRISTOVÃO DE NOGUEIRA DO DOURO S.)—freguezia, Beira Alta, comarca e concelho de Sinfães, 30 kilometros ao O. de Lamego, 12 a NE. de Castello de Paiva, 48 ao E. do Porto, 310 ao N. de Lisboa, 710 fogos.

Em 1757 tinha 42 fogos.

Orago S. Christovão.

Bispado de Lamego, districto administrativo de Viseu.

Situada sobre a margem esquerda do Douro, na encosta septentrional da serra do seu nome. Muito abundante de aguas e muito fertil. Optimo vinho verde e bastante e bom azeite.

A matriz é um templo vasto e sumptuoso.

Feira no dia 20 de cada mez, no Seixêdo.

Passa aqui o rio do seu nome, que morre no Douro. É atravessado, proximo ao logar de Lourêdo, por uma ponte de pedra muito antiga. Réga e móe.

Foi antigamente villa e couto, com termo proprio e competentes justiças. Depois passou a ser do concelho de Sinfães, comarca de Rézende, e, quando se creou á comarca de Sinfães (1855) ficou pertencendo a esta comarca.

Ha aqui muittas e boas quintas e casas.

—

É aqui a quinta da Granja, do sr. D. Pedro da Silva Cerveira Montenegro de Bourbon, em bella posição, proximo da margem esquerda do Douro. Tem uma boa capella, com as armas dos Azevedos. A casa do sr. D. Pedro é uma das mais ricas e a mais nobre da comarca. O sr. D. Pedro é formado em direito, pela universidade de Coimbra, e um perfeito cavalheiro. Ha tambem a quinta da Quintan, do sr. João da Silveira.

CHRISTOVÃO DE NOGUEIRA DA REGEDOIRA (S.)—vide Regedôira.

CIANIA—vide Citania e Cinania.

CIBÕES—freguezia, Minho, comarca de Pico de Regalados, até 1855, e desde então de Villa Verde, concelho de Terras de Bouro, 24 kilometros a NO. de Braga, 385 ao N. de Lisboa, 140 fogos.

Em 1757 tinha 190 fogos.

Orago S. Maméde.

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

Por esta freguezia passa o rio Homem, que aqui se mette por baixo do chão, por uma especie de *tunnell* natural, chamado Pontido ou Rio Sécco; precipitando-se n'este órco com furia estupenda, principalmente no inverno. Vae assim por baixo do chão cousa de uns 90 metros.

O padroado real apresentava o abbade, que tinha 300$000 réis de rendimento annual.

É terra fria, mas fertil e saudavel. Criam-se aqui grandes nabos. Diz-se que se criou aqui um que offereceram a Affonso Furtado de Mendonça, que foi levado por dois homens em uma padiola.

CIBRAÃO, CÍBRÃO e **CIBRIÃO**—hoje diz-se *Cypriano*. É nome proprio de homem. Por muitos seculos se denominou S. Cibrão o padroeiro da povoação das Córtes e Villa Nova da Cerveira. S. Cypriano ainda é hoje o orago d'esta freguezia. Junto a esta villa ainda um campo se chama Campo de S. Cibrão. Ha mais algumas aldeias em Portugal com este nome.

Nas provincias do norte, os rusticos dizem ainda Cyprião (*Cypriom*, pronunciam elles) por Cypriano. Vide esta palavra.

Tambem os portuguezes de um só nome fizeram dois, isto é, de Cypriano fizeram Cyprião e Cypriano; como de Eduardo fizeram Duarte e Eduardo; de Jacob, Jaco, Jaques, Iago, Thiago; de Juliano, Julião e Juliano, etc.

CIBRAINHOS — freguezia extincta, Traz-os-Montes, comarca e concelho de Vinhaes. Está ha muitos annos annexa á freguezia de Villar dos Peregrinos, na mesma comarca e concelho. Vide Villar dos Peregrinos.

CIBRÃO ou **CYBRÃO** (S.) — freguezia, Traz-os-Montes, comarca e concelho de Vinhaes, 60 kilometros de Miranda, 470 ao N. de Lisboa.

Em 1757 tinha 25 fogos.

Orago Santo Estevão, proto-martyr.

Bispado e districto administrativo de Bragança.

O abbade de Sendas apresentava o cura, que tinha 8$000 réis de congrua e o pé d'altar.

Esta freguezia está hoje annexa á de S. Genizio de Cellas. Vide esta palavra.

CICOURO ou **SICOURO**—freguezia, Traz-os-Montes, comarca, concelho e 12 kilometros de Miranda do Douro, 475 ao N. de Lisboa, 150 fogos.

Em 1757 tinha 43 fogos.

Orago S. João Baptista.

Bispado e districto administrativo de Bragança.

O real padroado apresentava o abbade, que tinha 300$000 réis de rendimento annual.

CIDADE — No capitulo 45, do ultimo volume, digo o que é uma cidade actualmente. Em latim *urbs*, *civitas* ou *oppidum*.

No tempo dos romanos, só se chamava *urbs* á povoação acastellada, cingida de muralhas e verdadeiramente defensavel; *civitas* era a capital de uma nação, ou grande porção d'ella, e todo o seu territorio, campo ou diocese.

Na baixa latinidade, foram chamadas *cidades* os grupos de muitos logares abertos, que tinham o mesmo governo.

Ainda esta denominação se dava á vastos territorios, comprehendendo muitas povoações, no tempo dos nossos primeiros reis;

assim vemos em varios documentos d'aquelles tempos dar-se á Terra da Feira a denominação de cidade de Santa Maria; e assim tambem á Terra de Panoyas, Terra de Sever (do Vouga), Terra d'Alafões, etc., ás quaes denominavam cidades; o que tem causado grande balburdia entre os escriptores, sustentando os de menos criterio (ou que têem queimado menos as pestanas) que foram cidades—povoações, algumas das quaes nem villas eram.

É tambem por esta razão que tanto se tem fallado nas cidades d'Anégia (ou Arégia) e das dez cidades que ajudaram a fazer a ponte romana de Chaves, onde se inclue tambem a famosa cidade de Límia, que todo o mundo sabe não era mais do que o formosissimo e vasto territorio banhado pelo poetico rio Lima.

D'estas cidades fallarei mais circumstanciadamente no seu logar, no Diccionario.

CIDADE DA MATANÇA—Minho, na Serra de Coura.

Dá-se este nome a um sitio onde se vêem as ruinas de uma praça, ou fortaleza. Diz-se que houve aqui uma cidade romana, cujo nome se ignora. Os normandos a arrazaram *matando* todos os seus moradores, e d'isso lhe vem o nome.

CIDADELHA—vide Vinhaes.

CIDADÊLHE—aldeia, Minho, freguezia de Britéllo, proximo da villa de Lindoso, concelho da Ponte da Barca, comarca dos Arcos de Val de Vez.

É tradição que foi aqui a antiquissima cidade lusitana, chamada *Bretolvão*. (Vide Bretolvão, Briteiros e Lindoso.)

CIDADELHE—freguezia, Traz-os-Montes, comarca do Pêso da Regua, concelho e 18 kilometros à E. de Mezão-Frio, 70 a NE. do Porto, 335 ao N. de Lisboa, 150 fogos.

Em 1757 tinha 80 fogos.

Orago S. Vicente, martyr.

Bispado do Porto, districto administrativo de Villa Real.

Era antigamente da comarca de Lamego (que lhe fica 15 kilometros ao SE., do outro lado do Douro e provincia da Beira Alta.) Dista de Villa Real 18 kilometros a O., e 1:500 metros ao N. do rio Douro, sobre a margem direita. É povoação muito antiga.

Situada em um valle fertil.

O bispo do Porto apresentava o abbade, que tinha 1:200$000 réis.

Á agua da fonte do Couto se attribue a virtude de curar a dôr de pedra.

É terra muito abundante d'aguas e por isso muito fertil.

Ha nos seus montes pedra finissima como jaspe.

Em um dos montes se vêem as ruinas de uma antiga povoação, cujos muros ainda em partes estão levantados. São feitos de schisto e de uns 3 metros de altura.

Diz-se que era aqui a primittiva povoação de *Cidadêlhe*, a qual foi mudada para o valle, por ser mais ameno e fertil.

Outros dizem que foi povoação romana. (Sería ambas as cousas.)

O rio Seromenha, ou Soromenha réga esta freguezia.

Passava aqui a via militar romana que de Braga se dirigia a Amarante. Aqui se dividia em dois ramos, um, á esquerda, que seguia para a cidade de Panoyas; e outro á direita, que hia à Caria e d'esta villa para toda a Beira e Riba-Côa.

CIDADELHE—freguezia, Beira Baixa, comarca e concelho de Pinhel, 70 kilometros ao SE. de Lamego, 335 ao E. de Lisboa, 90 fogos. Em 1757 tinha 111 fogos.

Orago Santo Amáro.

Foi antigamente da comarca e termo de Pinhel.

Situada na costa de uma serra.

O vigario da matriz de Azêvo apresentava o cura, que tinha 60$000 réis.

Muito fertil em centeio; do mais pouco.

Era uma das 10 *behetrias* do reino.

Tinha juiz da vintena, sujeito ás justiças de Pinhel.

É tão falta d'agua, que a unica fonte que tem no logar, se fechava á chave, no verão e se repartia por justiça.

No sitio do Castello ha um cabêço cercado de um muro, com um metro de alto, que dizem ter sido um castello dos romanos ou dos arabes.

(É mais provavel que fosse uma atalaia dos lusitanos.)

Cria gado e tem muita caça.

Ao E. da freguezia corre o rio Côa e ao O. o Laçoeima.

CIDE—aldeia, Douro, bispado de Coimbra.

É palavra arabe *Saide*, nome feminino do masculino *Sid* (senhor.) Vem pois a ser, *Aldeia da Senhora*.

CILADAS ou **SILADAS** (Nossa Senhora das)—freguezia, Alemtejo, concelho de Villa Viçosa, comarca de Extremôz, 60 kilometros d'Evora, 155 ao SE. de Lisboa, 60 fogos.

Em 1757 tinha 65 fogos.

Orago Nossa Senhora das Ciladas.

Arcebispado e districto administrativo de Evora.

O arcebispo apresentava o cura, que tinha 240 alqueires de trigo e 120 de centeio.

É terra muito fertil em cereaes.

CIMA CELHO—vide Célho.

CIMA-TAMEGA, **SOBRE-TAMEGA** ou **RIBA-TAMEGA** (Santa Maria de)—vide Canavezes e Santo Isidoro.

CIMA-VIZELLA ou **RIBA-VIZELLA**—freguezia, Douro, comarca de Lousada, concelho de Barrosas, 24 kilometros de Braga, 30 ao N. do Porto, 350 ao N. de Lisboa, 70 fogos.

Em 1757 tinha 42 fogos.

Orago S. Faustino, martyr.

É terra fertil.

O ordinario apresentava o abbade, que tinha 300$000 réis.

A freguezia de S. Cypriano de Taboadêllo, era annexa a esta freguezia e o abbade d'aqui é que apresentava o vigario de lá.

CIMBRES ou **SIMBRES**—freguezia, Beira Alta, concelho de Mondim da Beira, comarca de Armamar, 7 kilometros de Lamego, 324 ao N. de Lisboa, 130 fogos.

Orago S. Martinho.

Bispado de Lamego, districto administrativo de Viseu.

É terra fertil.

O *Portugal Sacro* não traz esta freguezia.

CIMO DE VILLA DA CASTANHEIRA (antigamente chamava-se **CIMO DE VILLAR DO VALLE DA CASTANHEIRA**)—freguezia, Traz-os-Montes, comarca e concelho de Chaves, 120 kilometros ao NO. de Miranda, 470 ao N. de Lisboa, 110 fogos.

Em 1757 tinha 84 fogos.

Orago S. João Baptista.

Bispado de Bragança, districto administrativo de Villa Real.

O reitor da Castanheira apresentava o cura, que tinha 80$000 réis de rendimento.

O mesmo reitor apresentava o cura de Roriz. Hoje Castanheira e Roriz estão annexas, sendo o seu nome vulgar Castanheira e Roriz e o official, Roriz. (Vide Castanheira e Roriz.)

É provavel que em tempos antigos fosse uma só freguezia Castanheira, Cimo de Villa e Roriz; pois que vejo tudo isto sob a denominação geral de Cimo de Villar do Valle da Castanheira, em Viterbo e outros escriptores. Supponho que da Castanheira se desmembraram dois curatos (Roriz e Cimo de Villa) ficando dividida em tres parochias, e actualmente em duas. O reitor da Castanheira tambem era apresentado pelo de S. Fins.

CINANIA—vide Citania.

CINCO VILLAS—villa, Beira Baixa, comarca do Sabugal, concelho de Almeida, 10 kilometros a E. de Pinhel, 335 a E. de Lisboa, 100 fogos.

Em 1757 tinha 95 fogos.

Orago Santa Maria Maior, ou Nossa Senhora da Assumpção.

Patriarchado, districto administrativo da Guarda.

Era antigamente da comarca de Pinhel e da prelasia de Thomar.

Situada em um valle, fertil.

No seu termo existiu a villa de Fontenares, que os castelhanos arrazaram durante a guerra dos 27 annos, não deixando pedra sobre pedra. Apenas restam vestigios d'esta povoação.

A matriz é antiquissima e dizem que foi convento dos templarios. E' certo que proximo á egreja ha vestigios de alicerces antigos.

O vigario era freire da Ordem de Christo e da apresentação régia. Tinha 42$000 réis e os benésses.

Proximo da egreja está a capella de S.

Julião, que consta, por tradição antiquissima, ser cabeça da Ordem da Calatráva, e que a ella se vinham enterrar muitos cavalleiros da Ordem, em tumulos dos quaes ainda ha vestigios. D'aqui se passou a Ordem para a villa de Alcantara (Castella.)

Antigamente vinha aqui a camará de Castello Rodrigo, todos os annos, mandar dizer uma missa a Nossa Senhora do Pereiro; por voto e costume immemorial.

E' terra fertil em centeio, azeite e vinho; do mais medianía.

Foi concelho e tinha juiz ordinario, camara, escrivães, meirinho, etc., etc., todos sujeitos ao corregedor de Pinhel.

O rio Côa passa poximo a esta villa (a 3 kilometros ao O.)

D. Manuel, em Evora, a 15 de novembro de 1519, deu foral á villa de Fontenares (ou Fontanares) o qual depois passou a ser o de Cinco Villas, desde que aquella villa deixou de existir.

(*Livro dos foraes novos da Beira*, fl. 157, col. 1.ª)

E' povoação antiquissima (ainda que de menos importancia do que Fontenares, visto que esta tinha foral e aquella não) mas não pude saber quem fundou ambas estas villas, nem quando.

CINTRA — villa, Extremadura, 25 kilometros ao N. de Lisboa, 700 fogos (2:800 almas) em 3 freguezias. (S. Martinho, Santa Maria e S. Miguel) no concelho 5:560 fogos, comarca 12:860. Fica 18 kilometros ao S. da Ericeira e a sua comarca termina, ao O, no Atlantico.

A freguezia de S. Miguel era annexa e hoje está unida á de Santa Maria: vindo portanto a villa a ter agora só duas freguezias.

Patriarchado, districto administrativo de Lisboa.

Feira a 13 e a 29 de junho, 3.º domingo d'agosto, primeiro domingo de setembro e primeiro domingo de outubro.

—

Os celtas davam á lua o nome de *Cynthia*, e é d'esta palavra (corrupto vocabulo) que Cintra tomou o seu actual nome. Adiante se tractará d'isto mais circumstanciadamente.

A situação de Cintra é uma das mais pitorescas, amenas, ferteis e saudaveis de Portugal, as delicias de tudo quanto Lisboa tem de *fashionable* e o enlevo dos *touristes* de todas as nações. Esta villa e todos os seus arredores são concorridissimos, sobre tudo na estação calmosa, e não tem valle, monte, penedia, gruta, aldeia, etc. que não tenha inspirado maviosos versos a poetas nacionaes e estrangeiros.

Cintra não se pinta nem se descreve. Só vendo este paraizo se póde fazer ideia da sua encantadora formosura.

Está situada junto á serra do seu nome, que tem 600 metros sobre o nivel do mar, e cujos alcantis parece que estão constantemente ameaçando esmagar a villa.

O valle é todo povoado de formosissimas quintas, bellos pomares e fertilissimas *hortas*, tudo da mais deliciosa vista e formando um verdadeiro jardim.

A formozura d'este paiz abençoado, é proverbial desde a mais remota antiguidade, e muitos nobres e muitos capitalistas nacionaes e estrangeiros têem aqui bellas quintas e formosas casas de campo, onde passam o verão.

Para se descreverem todas as maravilhosas bellezas de Cintra seriam precizos muitos volumes; mas tratarei apenas d'esboçar o mais notavel.

O *palacio real*, de architetura gothica com suas chaminés colossaes, sua *sala das armas* (brazões) a *sala dos cysnes*, a da *audiencia*, a das *pêgas*, a magestosa capella, as cosinhas vastissimas, foi tudo obra de D. João I. Foi este bom rei, filho do povo e popularissimo, que deu principio ao notavel palacio de Cintra, diz-se que sobre as ruinas de um grande palacio árabe (talvez a Alhambra do rei mouro.)

D. Affonso V, D. João II e D. Manuel, continuaram as obras.

Não deve esquecer que n'este paço existe um fogão com baixos relevos do immortal Miguel Angelo.

Foi por oito annos prisão do infeliz D. Affonso VI, depois que seu irmão o infante D. Pedro (depois 2.º) lhe roubou a mulher e a corôa. Estava fechado n'uma sala de uma só janella (*que gradearam de ferro!*) em cujo

pavimento, de tijolo, ainda se conhecem os vestigios de seus passos.

Aqui falleceu em 12 de setembro de 1679.

—

Pretendem alguns que os árabes mudaram o nome á villa e á serra de Cintra, o que não é exacto. Nos 432 annos que elles estiveram senhores d'este territorio, lhe conservaram sempre o séu antigo nome; mas, como não podiam pronunciar claramente o nosso *s*, o mudavam em *x*, ou *ch*, pelo que diziam *Chintra*, ou *Zintira*.

O mesmo fizeram a Santarem, Silves, Sagres, etc, que elles pronunciavam *Chantereyn Chelb*, *Chakrach*, etc.

Em 1757 tinha Cintra 4 freguezias:

1.ª *S. Martinho.*

O ordinario apresentava o prior, que tinha 300$000 réis. Tinha então esta freguezia 309 fogos.

2.ª *Santa Maria, ou Nossa Senhora da Assumpção*—a rainha apresentava o prior, que tinha 300$000 réis. Tinha 104 fogos.

3.ª *S. Miguel archanjo*—a rainha apresentava o prior, collado, que tinha 700$000 rs. Tinha 97 fogos.

4.ª *S. Pedro* (Penaferrim)—a mitra apresentava o prior, que tinha 500$000 réis. Tinha 255 fogos.

—

O convento de Penha-Longa, na freguezia de Penaferrim, era de frades jeronimos: foi fundado em 1355, por frei Vasco Martins e concluido por D. João I, em 1400.

D. João III, o reedificou. Aqui residiu muito tempo o cardeal D. Henrique (depois rei.)

Está edificado em um dos cabêços da serra, a 600 metros acima do nivel do mar.

Este convento teve principio em uma ermida de Nossa Senhora, cuja imagem, segundo a tradição, foi achada n'este mesmo sitio.

Os beneficiados da proxima egreja de S. Pedro hiam (antes de ter frades) dizer missa todos os sabbados a esta ermida; por cujo encargo lhes mandou dar D. João I. (por carta de 8 d'agosto de 1387) um moio de trigo em cada anno.

D. Manuel mandou tambem aqui fazer muitas obras em 1503 e em 1511, e deu á Senhora uma coroa feita do primeiro ouro que veio da India, ornada com uma grande esmeralda.

Parece que a primittiva denominação deste sitio era Pêra Longa (*pera* é contracção de *pedra*, em portuguez antigo, pelo que *Pera-Longa* é o mesmo que *Pedra-Longa.*)

Segundo uma chronica manuscripata, de um frade d'este convento—em eras remotas se chamou a este sitio *Pedra da Verdade*. (Adiante direi qual é a penha a que o sitio deve o nome.)

O local onde se fez o conveeto era um terreno baldio; mas, como tinha pouca extensão para elle, compraram os frades a *João Domingues*, corretor da cidade de Lisboa, uma sua propriedade que aqui tinha, por *3$500 réis, moeda corrente de dés soldos, e cuja propriedade consta de casas, azenhas, vinhas, herdades, pomares, matios, fontes e fóros, a qual parte com o caminho que vae para a Malveira, e com o casal que foi do conde D. Henrique, etc.*

Esta escriptura foi feita em 1390. N'ella se dá ao sitio o nome de *Pera-Longa*. Assignam como testemunhas d'ella *Bartholomeu Domingues*, escholar de leis e filho do vendedor e João Martins, costureiro, (?) e outros mais.

Como os frades não tivessem dinheiro para pagar ao vendedor no tempo marcado, D. João I lh'a pagou por elles. Na escriptura vem uma carta do rei ao vendedor, agradecendo-lhe o elle ter cedido a sua quinta ao convento.

O convento de Penha Longa é hoje uma bella quinta com a mesma denominação, pertencente ao rico capitalista e proprietario de Lisboa, o sr. Thomaz Maria Bessone.

Direi agora o que deu o nome ao sitio.

Na estrada real que vae de Lisboa para Cintra, proximo a esta villa, á mão esquerda, fica uma casinha de modesta apparencia mas de grande nomeada. E' a da *Sapa*, antiga e immortal... queijadeira. Mesmo ao lado d'esta casinha, se abre uma estrada travessa, que em menos de meia hora conduz á aldeia do Linhó (ou Linhol) a qual fica no

fundo do valle que formam os montes da Pena e de Santa Euphemia.

Sobre esta planicie se ergue alterosa á beira da estrada a longa *penha* ou penedia formada por um grupo de penedos, todos rolados pelas aguas (como em geral são os de Cintra, e sobranceiro a elles está outro enorme penedo a prumo, em cujo vertice mandaram os frades collocar uma cruz, que já não existe.

E' junto a esta penha que está fundado o convento de Penha Longa, a que ella deu o nome.

O povo d'aqui, porém, chama ao tal penhasco (ou acérvo de penedos) ó *Penêdo dos Óvos* Segundo uma antiga lenda d'aqui, o que lhe deu o nome de Penêdo dos Óvos, foi o seguinte:

Era voz constante n'aquelles sitios que sob esta penedia existia um grande *thesouro encantado*, o qual só se descobriría a quem conseguisse derribar o penêdo, atirando-lhe tantos *óvos* quantos bastassem para conseguir tal façanha. Ninguem a tentava; mas um dia, certa velha do logar tentou a empreza, munindo-se de quantos óvos poude arranjar por muitos dias, e com elles tentou derribar o formidavel penêdo.

Esgotou porém as *munições* sem conseguir nem ao menos fazer dar ao penêdo o mais leve movimento, e na impossibilidade de arranjar mais óvos, abandonou a empreza, sem que até hoje houvesse quem a tornasse a tentar..

Cobre o penêdo, do lado do Sul, um musgo amarellado e as mulheres e creanças d'aqui dizem que são as gemmas dos óvos com que a velha fez o *tiroteio* ao penêdo.

Este rochedo serviu por muito tempo de signal ou marco aos navegantes que demandavam a barra de Lisboa. Com os melhoramentos da navegação e a collocação de pharoes na costa, apenas hoje serve o Penêdo dos Óvos para residencia de corvos e admiração dos raros viajantes que alli vão.

—

O convento da Peninha, esgue-se no alto de um penhasco. Fundado por D. Manuel, em 1503, tambem para frades jeronimos. É tambem na freguezia de Penaferrim. É situado em um dos mais pittorescos sitios de Cintra, e com extensas e arrebatadoras vistas.

É tradição que, em uma gruta dos rochedos, appareceu uma imagem de Nossa Senhora, á qual se construiu logo, aqui mesmo, uma pequena capella, que foi destruida quando se fez a actual egreja.

Na cêrca havia muitas capellinhas para onde os monges se retiravam a orar.

Este sitio era muito exposto a raios e aqui proximo se teem achado *pedras de cevar.*

É hoje a famosa *Quinta da Pena.*

O sr. D. Fernando Coburgo, comprou isto e o *castello dos mouros*, em 1838, por 700$000 réis, e não valia mais, em vista do misero estado em que tudo estava.

Assim que o sr. D. Fernando fez a compra, principiaram logo as obras e sabe Deus quando os aformoseamentos findarão. Já em 1848 importavam as despezas feitas pelo comprador, em 135 contos de réis e até 1871 excedem a 160, tanto com o convento, como com o *castetto dos mouros*, que fica perto.

O convento foi transformado em um castello feudal, de architectura normanda-grêga, sem nada se alterar do estylo primittivo, e conseguiu-se fazer do convento da Pena a mais formosa vivenda de Portugal, e talvez de toda a Europa.

—

Ha tambem em Cintra o convento de S. Miguel do Priorado, que era de frades trinos. Foi fundado por D. João I em 1410.

—

No dia 1.º de outubro de 1873 se inaugurou o tramway a vapor (systema Larmanjat) propriedade de uma companhia, entre Lisboa e Cintra. Tem nove estações, que são (sahindo de Lisboa) Sete Rios, Bemfica, Porcalhota, Ponte de Carenque, Quéluz, Cacem, Rio de Mouro, Ranholas e Cintra.

—

A *quinta de Penha Verde* (tambem em Penaferrim) toda povoada de arvores silvestres; fundada por D. João de Castro e hoje propriedade dos srs. condes de Penamacôr. (Vide Penaferrim.)

—

O *palacio de Seteaes*, edificado por um ne-

gociante hollandez chamado Devisme, que o vendeu ao marquez de Marialva, que o deixou á sua terceira filha, marqueza do Louriçal, e hoje é dos srs. duques de Loulé. Foi n'este palacio que se assignou a tão tristemente célebre convenção de Cintra (30 de agosto de 1808) pela qual Junot evacuou Portugal, deixando-o miseravelmente levar para França todos os roubos que tinha feito em Portugal, no valor de muitos milhões! Nodoa eterna para o general inglez Dalrymple.

—

A *Cruz Alta*, um dos pontos mais elevados da serra de Cintra, donde se vê a villa e todos os seus arredores, Cascaes, o pharol da Roca, o Tejo, o mar, povoações, valles e montanhas.

Tambem na mesma altura, o castello e mais fortificações de data remotissima a que chamam o *Castello dos Mouros*. Pertence á quinta da Pena e está concertado convenientemente e é hoje um bellissimo passeio.

É propriedade tambem do senhor D. Fernando Está todo renovado interiormente, ajardinado por fóra e arborisado. Ainda tem os restos da mesquita mourisca e a cisterna, sempre cheia d'agua (parece que foi casa de banho dos mouros) muito bem conservada. É dos mais antigos edificios arabes que existem em Portugal.

—

A *quinta do Ramalhão*, obra da rainha D. Carlota Joaquina, mulher de D. João VI, e que hoje pertence aos herdeiros do visconde de Val-Mor.

—

As *ruinas de Monserrate*, em um monte orlado de frondosas arvores.

—

O *convento da Cortiça*, que foi de frades capuchos, fundado por D. Alvaro de Castro, filho do célebre D. João de Castro, em 1560.

Está aqui enterrado um monge, que viveu 30 annos n'uma cova, ainda hoje chamada *gruta do monge*. É todo composto de grutas naturaes.

Depois da extincção das ordens religiosas, em 1834, passou a ser propriedade do sr. conde de Penamacôr, que, em 1873, o vendeu ao sr. visconde de Monserrate, o qual vae fazer d'elle uma formosissima vivenda. Este convento é na freguezia de Collares, mas está na serra de Cintra. Quando passou para o sr. visconde, estava em ruinas. Com esta são já 40 propriedades que o sr. visconde tem comprado e annexado a Monserrate e ainda quer comprar mais 6 ou 7.

—

A *quinta da Regaleira*, com a sua agua frigidissima e seu monstruoso castanheiro da India, para o lado da estrada dos Pisões. É hoje propriedade dos srs. viscondes da Regaleira. (Da mesma quinta.)

—

A *quinta de S. Pedro* e o seu bellissimo jardim (generosamente franqueado por seus donos a todos que o querem ver) com um formoso lago, tendo uma ilha no centro, para a qual se vae por uma linda ponte de cortiça, e com uma varanda, dominando o Chão das Maias, grande largo onde ha uma feira mensal. Pertence aos srs. marquezes de Vianna.

—

A *quinta de Monserrate*. Sumptuosissimo palacio, extensa e formosissima quinta e maravilhosos jardins, do riquissimo negociante inglez, o sr. Francisco Cook, (hoje visconde de Monserrate). Custou-lhe mais de 600 contos de réis. Só para fazer os jardins empregou em dois annos mil trabalhadores diarios. Trabalham constantemente na quinta e jardins cincoenta operarios.

O seu jardim botanico é dos primeiros da Europa e está franco, por meio de bilhetes, 10 mezes de cada anno. Nos outros dois é quando o sr. Cook vem (de Londres) aqui residir e passar parte do verão com sua esposa e filhos.

É tão sumptuoso o palacio que é impossivel descrevel-o. Só vendo-o se póde fazer idéa da sua surprehendente riqueza. Tem estatuas e quadros de grande valor.

O sr. Cook ainda é muito novo (nasceu em 1823) e sua esposa é de uma respeitavel familia ingleza, mas nasceu em Lisboa. Tem um filho (já casado em 1868) e duas filhas.

Na palavra *Monserrate* vae a origem, ety-

mologia e mais esclarecimentos que dizem respeito a esta sumptuosa residencia.

A regia magnificencia d'esta quinta a torna uma das mais ricas e encantadoras vivendas da Europa.

Ainda ha muitos mais palacios, quintas e casas de campo mais ou menos sumptuosas, mas todas bellas, cuja descripção seria muito extensa e por muito que eu dissesse de Cintra, infallivelmente ficaria muito áquem da verdade, por isso não relaciono mais.

As principaes quintas que deixei de mencionar, são: as dos srs. marquezes de Pombal e Vallada; e as dos srs. duques de Cadaval e Palmella.

—

Perto da ermida da Peninha, sobre um pincaro, existe um curioso monumento dos tempos pre-historicos—um *dolmen* ou *dolmin.* Chama-se o *dolmen de André Nunes,* ou *Andrenunes.* Vae mais extensamente descripto sob a palavra Dolmen.

É facil de achar este monumento celtico (ou, como querem outros, pre-celtico) porque sobre elle está hoje um marco trigonometrico, destinado á triangulação do reino.

É tambem notavel a Gruta de Porto Côvo, proxima de Penha Longa; o Bosque de Diana e o delicioso valle de Penha Longa.

Vide Dolmen e Canas de Senhorim.

—

É certo que esta povoação foi habitada desde a mais remota antiguidade. Os celtas aqui deixaram vestigios, nos seus toscos monumentos, um dos quaes acabámos de ver que ainda existe.

Depois d'elles, occuparam estes sitios os túrdulos, povos pertencentes aos antigos lusitanos, e que se tinham pelos mais nobres e antigos da Lusitania.

É provavel que os phenicios e carthaginezes tambem aqui fizessem a sua residencia; mas as primeiras memorias que ha escriptas são do tempo dos romanos, e os nomes mais antigos de que ha memoria que estes sitios tivessem, foram postos por elles. É desde então que a esta villa se principiou a chamar *Cynthia* (se já não tinha este nome de tempos mais remotos; mas é certo que só nos consta esta circumstancia pelos escriptos romanos.)

Segundo a maior parte dos auctores, a fundação d'esta villa principiou por um templo edificado pelos gregos, gallos-cel'as e túrdulos, 308 annos antes de Jesus Christo, e dedicado á Lua (Cynthia).

Quizeram dedicar este templo ao imperador Octaviano Augusto II, mas, como este não consentiu em similhante apotheose, o dedicaram então á Lua. Isto se acha confirmado por varios cippos e outras pedras com inscripções que por aqui têem apparecido em varias épocas.

Os romanos occuparam estes sitios, mas os que aqui deixaram mais monumentos foram os arabes, que de Cintra fizeram a sua vivenda predilecta.

D. Affonso VI de Castella e Leão lh'a tomou em 1074 (outros dizem que em 1080) mas pouco depois a tornaram a recuperar os mouros.

Parece que já D. Fernando Magno lh'a tinha tomado, pelos annos de 870, mas havia-a perdido pouco depois.

O conde D. Henrique a reconquistou em 1109; mas tornando a cahir em poder dos mouros, D. Affonso I a resgatou para sempre, em 1147; reedificando-a e povoando-a em 1149. O mesmo rei lhe deu foral em 9 de janeiro de 1154, que foi confirmado por D. Sancho I, em 1189. D. Manuel lhe deu foral novo em Lisboa, confirmando todos os seus antigos fóros e privilegios, em 29 de outubro de 1514.

Tinha voto em côrtes, com assento no banco 6.°

D. Fernando fez conde de Cintra a D. Henrique Manuel de Vilhena, e alcaide-mór do seu castello; o qual elle sustentou por algum tempo por D. Leonor Telles contra D. João I. (vide Cêa).

A villa está situada a duas terças partes da altura da serra, em terreno accidentado. O castello dos mouros, que corôa um dos mais altos pincaros da serra, está sobranceiro á villa e esta ao delicioso valle.

A egreja matriz de S. Martinho, no centro da villa, foi fundada por D. Affonso I, pelos annos de 1150; foi destruida pelo ter-

remoto do 1.º de novembro de 1755, mas logo reedificada.

A matriz de Santa Maria, situada no arrabalde, e proximo do castello, foi fundada pelo mesmo tempo e teve o mesmo fundador. Como a antecedente, o terremoto de 1755 a arruinou, e foi logo reparada.

A matriz de S. Miguel, tambem fóra da villa, teve o mesmo fundador, e é da mesma data. Hoje está unida á de Santa Maria, como já disse.

Tem Misericordia e hospital, fundado por D. Manuel, no principio do seculo XVI.

O termo de Cintra é abundantissimo de optimas aguas, ao que deve a sua prodigiosa fertilidade em todos os generos agricolas. Exporta para Lisboa e para Inglaterra muita e deliciosa fructa. Cria muito gado e os marmores bellissimos da sua serra são famosos em todo o reino. Tem pedreiras de pheldespatho, e minas de *magnete* (iman ou pedra de cevar.)

—

Cintra tem por armas uma torre sobre penhascos, em campo verde. Outros querem que seja um castello com tres torres. As primeiras é como estão na Torre do Tombo.

Nos paços reaes de Cintra nasceu D. Affonso V, no dia 15 de janeiro de 1432. Foi o primeiro primogenito que teve o titulo de principe. Até então se lhes dava, como aos outros filhos, o titulo de infante.

Fugindo o mesmo rei para aqui, da peste que grassava em Lisboa, morreu n'este palacio (da mesma peste) em 28 de agosto de 1481. Morreu no mesmo quarto onde tinha nascido.

Aqui foi acclamado rei (pela segunda vez) D. João II, em 1481.

Aqui dá a sua ultima audiencia, antes de hir para a Africa, D. Sebastião, em 1578.

Cintra é patria do célebre bispo de Lisboa D. Domingos Jardo, e de outros varões illustres.

No principio de março de 1844, deu á costa, na *Magoita*, d'este termo, uma enorme baleia, viva, mas que pouco depois de estar em sêcco, morreu.

—

Não me parece fóra de proposito contar aqui uma anecdota, que muito depõe a favor da finura dos lavradores de Cintra, no seculo XV. Eil-a:

As bodas reaes mais geral e apparatosamente festejadas em Portugal, foram ás do principe D. Affonso (que morreu d'ahi a alguns mezes, em 1491, em Santarem, da quéda de um cavallo) filho unico de D. João II e da rainha D. Leonor, quando casou com a princeza D. Isabel, filha dos reis catholicos, Fernando e Isabel.

Cintra não quiz ficar atraz das outras villas e cidades do reino, pelo que a camara dispoz diversas e vistosas funcções, para solemnisar tão fausto successo. Entre ellas lembrou-se de fazer correr uma fonte de leite; divertimento muito em voga n'aquelle tempo e muito do agrado do povo.

Construiu-se a fonte, com os respectivos encanamentos, fazendo-se um grande deposito em uma casa proxima.

Mandou a camara a todos os lavradores do termo que trouxessem cada um a sua bilha de leite e a despejassem no deposito.

Um dos lavradores, disse com os seus botões: «Entre tantas bilhas de leite, quem poderá descobrir uma d'agua?» mas o peior foi que a todos occorreu o mesmo pensamento, e se bem o pensaram melhor o fizeram.

Quando no dia da solemnidade o povo cercava a fonte, ancioso de vêr rebentar um manancial de leite, e que esta principia a jorrar agua pura, ficaram todos pasmados ao principio, e depois desataram em grandes gargarlhadas.

D'este modo ficaram logrados os vereadores e os golosos.

—

O concelho de Cintra compõe-se das dez freguezias seguintes. As duas da villa (S. Martinho, e Santa Maria e S. Miguel) S. João das Lampas, Monte Lavar, Penaferrim, Rio de Mouro, Terrugem, Almargem do Bispo, Collares e Bellas.

—

A comarca compõe-se dos julgados de Cascaes, Mafra e Cintra.

—

Seria preciso um volume, só para descrever, mesmo rapidamente que fosse, todas as

bellezas e maravilhas notaveis da poetica e encantadora Cintra e seus contornos, tanto as que são obra dos homens, como as aqui operadas pela natureza. O trabalho não seria enfadonho, nem a leitura aborrecida; mas, se o tentassemos, collocar-nos-hiamos na obrigação de praticar o mesmo em outras muitas povoações, que são tão de Portugal como Cintra, e isto faria a obra interminavel. Além d'isso ha tantas descripções de Cintra, que o leitor com pouca despeza as póde obter; se quizer ter noticia das principaes notabilidades naturaes e artificiaes d'este oasis lusitano. Peço pois desculpa de não ser mais extenso.

CINTRA—serra, Extremadura, 30 kilometros ao NO. de Lisboa, no litoral, composta de gigantescos penedos calcareos, lançados uns sobre os outros, que parecem prestes a cahir.

Os romanos lhe chamavam *Promontorio da Lua* (*Mons Lunæ*) e do nome de Cynthia, que os antigos davam a este astro (e sob o qual era adorada a lua) proveio o nome de Cintra á serra e á villa. Tambem lhe chamavam *Promontorio Magno, Olisiponense* e *Artabro*.

É a serra mais bella e pittoresca da Extremadura. Tem 30 kilometros de circumferencia e 600 metros acima do nivel do mar, na sua maiór altura. Entra pelo Oceano, formando o Cabo da Roca. (Vide esta palavra.)

É toda eriçada de penhas, coberta de bosques e cortada d'aguas, encerrando muitas bellezas naturaes, que a tornaram célebre em todos os tempos.

(Para o mais que se desejar saber d'esta serra, vide Cintra e Collares.)

É de formação vulcanica e pertence ao systema Carpetano-Vetonico. Corre de E. a O. no comprimento de uns 18 kilometros. Pelo N. estende-se entre as villas de Cintra e Collares (que estão nas suas faldas) e pelo S. prolonga-se com o Oceano entre Cascaes e seu termo.

Plinio diz que o Cabo da Roca se estendia pelo Oceano, pelo espaço de 60 milhas.

Flores (geograpbo hespanhol) hindo muito mais ávante, pretendeu provar que, continuando o cabo por baixo do mar, com pequenas elevações, hia formar a ilha da Madeira.

Apesar da ousadia d'esta opinião, não se póde negar que o embate e furor das vagas, na diuturnidade dos seculos o tem encurtado. São provas d'isto o seu córte a prumo e os enormes rochedos que o precedem na sua entrada no mar, mostrando visivelmente serem membros separados d'aquelle corpo ou pela furia das aguas ou por convulsões subterraneas.

Quanto esta serra é fresca e aprasivel para os lados de E. e N., assim é triste e inhospita ao avisinhar-se ao Oceano.

É formada por pedreiras graniticas de differentes especies; por marmores cinzento, preto e branco; por feldspatho branco griz em algumas partes avermelhado; por pórfido feldspathico de varias côres, e por mica preta e quartzo branco.

Encerra esta montanha tambem variados productos metallicos. Tem-se encontrado em differentes sitios ferro, zinco, prata, enxofre etc. Tambem se tem aqui achado pedra de sebar.

Ha n'esta serra um curiosissimo monumento prehistorico; é o *dolmen de André Nunes* ou *Andrenunes*. (Vide Dolmen.)

Ha tambem minas de ferro, de manganez, e d'outros metaes.

CINUNA—CINUNHA, SENÓGA e **ESNÓGA**—Synagoga (ou assembléa) de judeus.

Em 1386, mandou D. João I á camara do Porto, que assignasse, dentro dos muros da cidade, logar certo e apartado, para os judeus que n'ella residiam, para alli fazerem a sua *judiaría*. A camara marcou-lhes um terreno junto á Porta do Olival, onde hoje estão o convento que foi de frades bentos e algumas casas das ruas da Victoria e S. Miguel, com o fôro e pensão annual *perpetuo, de 200 maravidins velhos, de 27 soldos o maravidim*. Ainda se dá o nome de *Escadas da Esnoga* ás que sobem de Bello-Monte para a antiga judiaría.

Em Lamego, era a judiaria (*cinuna*) na Cruz da Pedra, onde hoje está a Rua Nova; e nos antigos documentos d'esta cidade se falla muitas vezes na *esnoga* d'esta judiaria.

Vide Alemquer, Evora, Porto, e muitas outras povoações, onde trato de judiarias e mourarias, assim como de *foraes de mouros fôrros.*

CIÓGA DO CAMPO — freguezia, Douro, comarca, concelho e 6 kilometros de Coimbra, 210 ao N. de Lisboa, 250 fogos.

Em 1757 tinha 95 fogos.

Bispado e districto administrativo de Coimbra.

Orago Nossa Senhora da Conceição (antigamente foi S. João Evangelista.)

O real padroado apresentava o reitor, que tinha de rendimento 60$000 réis.

Situada em bella e fertil planicie, do que lhe provem o sobre nome.

Foi do antigo e extincto concelho d'Ançan.

CIPRIANNO (S.) — Vide S. Cypriano e Cibraão.

CÍRA — matta, brenha, logar cheio de silvados e matagaes. Os árabes dizem *Xara* e significa tambem matta. A' estéva e ás setas d'ella feitas tambem se dava o nome de *xara.* De Cira se deu o nome a *Villa-Franca de-Cira* (hoje de *Xira*; vide esta villa.)

De *cira* se deu antigamente o nome de *cirita* ao solitario, ermita, habitador dos desertos e êrmos. João Cirita, foi d'illustre linhagem, célebre reformador e prelado geral dos eremitas, que deixaram o seu instituto e abraçaram a regra de S. Bento, e depois, sem mudarem de regra, passaram quasi todos para a nova reforma de Cister. (Como n'esta obra se falla muitas vezes em João Cirita, serei mais extenso a seu respeito.)

Mendo e seus filhos e parentes, doaram ao sacerdote Jeremias e a Gonçalo Delgado, a sua ermida de Santa Comba, em terra de Panoyas e sobre o lado esquerdo do rio *Córrago* (*Córgo*) em 1133, e no fim da doação a confirmam os doadores em «*Vobis Johani Magistri, et homini Cirita.*» Em 24 d' abril de 1139, D. Affonso Henriques coutou o terreno em redor da capella e o doou ao mosteiro da Ermida; pelo que se vê que, apezar de ser para ermitães, esteve algum tempo unido ao mosteiro de S. João de Tarouca, professando a regra de S. Bento, e não abraçando a reforma de Cister; pois ainda em 1275 era da Ordem benedictina, e por fim se uniu ao convento de Refoyos de Basto.

Mestre João Cirita, depois de transformar em religiosos eremitas os clerigos que antes viviam com seu abbade, em S. Christovão de Alafões, e recebidos alli no seguinte anno de 1138, os monges de Cister (bernardos) partiu com elles para o mosteiro ou eremitorio de S. João de Vellaria, em 1139, e logo em 1140 se principiou a fundar a abbadia de Tarouca, á qual D. Affonso I fez no mesmo anno, doação do couto e honra de Nosso Senhor Jesus Christo e de S. João Baptista.

Depois de muitos serviços á religião, morreu João Cirita, no mosteiro de S. Christovão d'Alafões, e no seu tumulo se poz o seguinte epitaphio:

IO NNES ABBAS CIRIT.
REXIT MONASTERIUM S. JOANNIS,
S. CHRISTOPHORI, SALZEDAE.
S. PETRI CLARUS
VITA,
CLARUS MERITIS, CLARUS MIRACULIS,
CLARET IN COELIS.
OBIIT X KAL. JANUARIJ. E. MCCII. (1164)

Sobre João Cirita póde ver-se Salzedas, Lafões, Sever, Santo Ovaya, etc. etc.

—

Os latinos davam o nome de *cirita-ae* á mulher louca, torpe e deshonesta, a que os antigos portuguezes e hespanhoes chamavam *cáva.*

—

CIRCA—vide Castro, aldeia, Traz-os-Montes.

CIRGÚDE — vide Aufragia.

CITANIA (ou, segundos outros, *Cinânia*, ou *Ciânia* — cidade antiquissima da Lusitania, na provincia do Minho, na qual dizem que foi bispo S. Torcato.

É indubitavel a existencia d'esta cidade (e talvez mesmo existisse uma chamada *Cinania* ou *Citania*, e outra chamada *Ciania.*)

Ha todavia mais certeza de que existisse *Cinania* ou *Citania*, por quanto Ptolomeu diz que «o rio Avus (Ave) corre á vista da famosa cidade de *Cinania.*»

No sitio em que ella esteve situada (e que

é effectivamente o indicado por Ptolomeu) ainda se encontram alguns vestigios de suas ruinas; e este local ainda conserva o nome de *Citania*. Ainda alli existe uma cisterna, coeva do seu castello, meio entulhada.

Ainda não ha muitos annos se viam muros derrocados e lanços de grossas muralhas; mas os povos d'aqui destruiram tudo, para empregarem a pedra em tapar mattos e fazerem comoros e vallados.

A tres kilometros das Taipas, proximo á quinta de Briteiros (que é do sr. Francisco Martins) está um sêrro, chamado *Citania*.

Proximo á matriz e entre os logares da Matta e Carvalho, principia uma calçada antiquissima, mas que ainda se conserva, e vae dar ao tal monte *Citania*.

A cumiada d'este monte é formada por um pequeno plató, e n'elle existem as ruinas de edificios e cisternas. Reza a tradição que era aqui a cidade romana chamada *Citania*. Se tal cidade aqui existiu, devia ser muito pequena, em vista da diminuta extensão de terreno que occupam estas ruinas. É porém certo que aqui existiu uma povoação em tempos remotissimos.

Dizem alguns escriptores que o pápa S. Damaso, I do nome, nasceu na cidade de Citania. Outros querem que elle nascesse em *Egitania*, outros, nos arrabaldes de Guimarães; outros, finalmente, em Pedralva. Vide Guimarães e Idanha Velha.

Alguns escriptores dizem que no anno 135 antes de Jesus Christo, o consul romano Decio Junio Bruto, pôz cerco a esta cidade, mandando-lhe parlamentarios a offerecer-lhe grandes venturas e privilegios se se quizessem fazer cidadãos romanos. Que os lusitanos responderam «que tinham armas e valor para defenderem a sua patria de tyrannos estrangeiros, e que defenderiam a sua independencia até á morte.» Então Decio, desesperado de os seduzir com promessas fementidas, atacou a cidade com suas numerosas e aguerridas legiões. Intrepida e obstinadissima foi a defeza, carissima custou aos romanos a victoria; mas por fim venceu o numero, junto á disciplina, e os lusitanos foram vencidos, escapando muito poucos, pois a maior parte morreram com as armas na mão em defeza da patria. Os romanos, enraivecidos com a grande mortandade que tiveram nos varios assaltos e tomada da cidade, a saquearam, destruiram e incendearam, não deixando pedra sobre pedra, e assim deixou de existir uma das mais antigas cidades da Lusitania.

Se me é licito emittir a minha humilissima opinião, direi; talvez que a palavra *citania* fosse synonimo de cidade ou povoação, e que aqui existisse a cidade de *Ciania*, e no rio Ave a de *Cinania*. Se assim era, está desfeito o engano das duas *Citanias*: porque não é provavel que, tão proximas uma da outra, houvessem duas cidades do mesmo nome.

Tambem podia isto ser um posto militar ou atalaya dos antigos lusitanos, como haviam outros em redor de Guimarães, que fica 10 kilometros de distancia, e que d'aqui se descobre.

É porem mais provavel que isto fosse d'origem romana, em vista da pedra que d'aqui foi para o adro da egreja de Santo Estevão de Briteiros e que lá está. Vide as duas freguezias de Briteiros (Santo Estevão, Nossa Senhora da Piedade e Pedralva.)

CIVIDADE (S. Thiago da) — freguezia, Minho, na cidade de Braga. (Vide Braga.)

CIVIDADE — monte famoso do Minho, comarca e termo de Barcellos. É bastante alto e o primeiro que se vê do mar quando se vemdo estrangeiro.

É tradição antiquissima ter aqui existido uma cidade, ou grande fortaleza romana. Restam apenas leves vestigios d'ella e ignora-se o nome que teve.

Ha mais em Portugal seis aldeias d'este nome.

CIVITAS — Este nome na sua origem (Vide Cesar, Tito Livio, Cornelio Tacito, etc.) não significava uma povoação murada, mas sim um paiz, uma comarca, uma nação, um povo inteiro (Pitisc. *Lex. Antiquit. Rom* tom. I, pag. 451).

Á cidade propriamente dita davam o nome de *Urbs*. Julgo importantissimo saber-se isto, para se evitarem muitas duvidas e enganos. (Vide Cidade.)

CLARA (Santa) — freguezia, Douro, co-

marca e concelho de Coimbra, 200 kilometros ao N. de Lisboa, 260 fogos.

Orago Santa Clara, virgem e martyr.

Bispado e districto administrativo de Coimbra. É terra muito fertil.

(Não vem no *Portugal Sacro e Profano*, nem em outros diccionarios modernos, mas é certo que existe, como freguezia na actualidade.)

CLARA NOVA (Santa)—freguezia, Alemtejo, comarca de Mértola, concelho de Almodóvar, 110 kilometros a O. de Evora, 160 ao S. de Lisboa, 290 fogos.

Em 1757 tinha 230 fogos.

Orago Santa Clara, virgem e martyr.

Bispado e districto administrativo de Beja.

Era antigamente do termo de Almodóvar, mas da comarca de Ourique.

A egreja era da Ordem de S. Thiago, e a Mêsa da Consciencia apresentava o capellão, que tinha 120 alqueires de trigo e 115 de cevada.

Fertil em trigo, cevada e centeio.

Tem vastos montados, onde cria grande numero de porcos, que exporta. Ha por aqui muita caça.

Pelo meio da freguezia passa a ribeira de Mira, e pelo N. a ribeira Mór.

CLARA DO TORRÃO (Santa) —Vide Porto, (convento de Santa Clara) vide Torrão e Entre-os-Rios. Houve aqui um convento de freiras de Santa Clara (franciscanas). Foi villa.

CLARA VELHA (Santa)—freguezia, Alemtejo, comarca e concelho de Odemira, 120 kilometros a NO. de Evora, 160 ao S, de Lisboa, 320 fogos.

Em 1757 tinha 230 fogos.

Orago Santa Clara, virgem e martyr.

Bispado e districto administrativo de Beja.

Era antigamente do termo e comarca de Ourique.

Situada em baixo, junto á ribeira de Odemira.

O ordinario apresentava o cura que tinha 3 moios e vinte alqueires de trigo.

Cria caça e gado. É fertil em trigo e centeio.

Passa aqui a ribeira de Odemira.

CLAUDIO (S.) e **NOGUEIRA**—freguezia, Minho, comarca e concelho de Vianna, 48 kilometros a O. de Braga, 400 ao N. de Lisboa, 110 fogos.

Em 1757 tinha 21 fogos.

Orago S. João Baptista e S. Claudio.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Vianna.

Era antigamente do termo de Vianna, comarca de Valença.

A egreja de S. Claudio foi mosteiro de frades bentos, fundado por S. Martinho de Dume em 568. Os mouros o destruiram em 716. Reedificou-se em 1145. Foi sagrado por D. Pedro, bispo de Tuy, em 1201. Passou a ser vigariaria secular, no seculo XVI, e os rendimentos do convento foram para o de Tibães, e para commendatarios que desmembraram d'elle muitas propriedades e fóros.

Foi a maior parte d'este mosteiro ou de suas pertenças commenda dos *Velhos*, familia nobre e de que existem muitos ramos no Minho e em outras provincias.

Os Velhos descendem de Gonçalo Pires Velho e de sua mulher D. Constança Gonçalves, a qual, depois de ser freira professa no convento de Victorino das Donas, havia sete annos, obteve annullação dos votos, e veio a casar. Procedem os Velhos de D. Nuno Soares Velho, bisneto do célebre D. Arnaldo de Bayão.

Ha n'esta freguezia a casa solar dos Rochas Lobos.

No sitio chamado *Cóvas dos Médos*, ha vestigios de edificios antiquissimos, que se suppõe terem sido fortificações.

—

D. Nuno Soares (segundo consta) teve o cabello branco, sendo ainda mancebo, pelo que foi alcunhado o *Velho*.

Seus descendentes tomaram a alcunha como appellido e se assignaram *Velhos*.

Descendiam, por fêmea, de Cayo Carpo, senhor (romano) da Maia, que existia no tempo em que veio ter ás praias do Minho o corpo do apostolo S. Thiago, quando foi para a Galliza. (Anno 42 ou 44 de Jesus Christo?)

Cayo, andando a passear a cavallo com sua mulher e mais séquito, vendo um navio sem governo, proximo á costa. se metteu pelo mar dentro. O cavallo mergulhou, e foi sahir ao navio, onde achou o corpo do santo, guardado por anjos, que lhe disseram que havia de ser christão. Elle, olhando para si e para o seu cavallo, que estavam ambos cobertos de conchas, teve isto por milagre, e se fez logo christão, abjurando a idolatria. Veio para terra e converteu sua mulher e toda a companhia. Isto é o que résa a lenda.

As armas dos Velhos, descendentes de Cayo, são — em campo de púrpura, cinco vieiras de oiro, realçadas de negro, em aspa; elmo de prata, aberto, e por timbre um chapeu pardo, de romeiro, com uma vieira das armas na aba.

Dizem outros que a origem d'estas armas é porque um dos Velhos foi em peregrinação á Terra Santa, em memoria do que tomou as vieiras por armas. Já se sabe tambem que estas são as armas dos Vieiras.

—

O geral da Ordem de S. Bento de Tibães apresentava, *ad nutum*, o vigario, que tinha 50$000 réis.

Fertil em centeio, vinho e milho.

Esta freguezia, por ser muito pequena, foi encorporada, no principio d'este seculo, á de Nogueira, e formam agora uma só freguezia com 110 fogos.

A freguezia de S. Claudio tinha por orago o mesmo santo, e da de Nogueira era S. João Baptista.

O arcebispo de Braga apresentava o abbade de Nogueira, que tinha 600$000 réis de rendimento annual.

CÔA — rio, Beira Baixa. Nasce na Serra de Xalma, ramo da Serra da Gata (Castella) e entra em Portugal em Fulgosinho. Ao S. do Sabugal, e proximo a Sortelha se lhe juntam dois ribeiros, e outros em varias partes. Passa ao O. de Almeida.

Morre na esquerda do Douro, em Villa Nova de Foz-Côa. Réga e móe.

Os romanos lhe chamavam *Cuda*, e aos habitantes das suas ribeiras *cudanos* ou *transcudanos*.

Tem 70 kilometros de curso.

Tambem o rio Lamegal entra na esquerda do Côa, abaixo da Coriscada.

O Côa entra a correr no logar de Foios, (raia) termo do Sabugal, réga o territorio chamado Riba-Côa, e é atravessado pelas pontes de pedra do Sabugal, Villar Maior, Castello-Bom, Cinco-Villas e Pinhel, além de outras de madeira.

COBELLO, CUBELLO, COBELLOS e **CUVELLOS** — vide Covêllo e Covêllos. Para se saber a confusão em que andam estas palavras, vide Covêllo de Paivó.

COBRO — freguezia, Traz-os-Montes, comarca e concelho de Mirandella — até 1855, do concelho de Lamas de Orelhão, 120 kilometros ao NE. de Braga, 390 ao N. de Lisboa, 65 fogos.

Em 1757 tinha 75 fogos.

Orago S. Braz (antigamente S. Sebastião).

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Bragança.

Era antigamente do termo de Lamas de Orelhão, mas da comarca da Torre de Moncorvo.

É da casa do infantado.

Situada em um valle.

As freiras de Santa Clara (franciscanas) de Villa do Conde, apresentavam o vigario, collado, que tinha 14$200 réis, 42 alqueires de trigo e cada morador lhe pagava um alqueire de centeio.

Muito fertil em trigo, centeio e cevada. Gado e caça.

No *Portugal Sacro e Profano*, e mesmo em diccionarios geographicos modernos, diz-se que o orago d'esta freguezia é S. Sebastião, martyr. No rol das congruas, porém, vem S. Braz como padroeiro da parochia.

COCUJÃES ou **CUCUJÃES** — vide Couto de Cucujães.

CODAL — freguezia, Douro, comarca e 8 kilometros ao NE. de Oliveira de Azemeis, concelho de Macieira de Cambra, 38 kilometros a NE. de Aveiro, 40 ao S. do Porto, 280 ao N. de Lisboa, 140 fogos.

Em 1757 tinha 87 fogos.

Orago S. Thiago, apostolo.

Bispado e districto administrativo de Aveiro.

Era antigamente do termo da villa de Cambra, mas da comarca de Esgueira; depois passou para a comarca da Feira; depois para a de Arouca, e, finalmente em 1855, para a de Oliveira de Azemeis.

É da casa do infantado.

Situada no delicioso e fertilissimo valle de Cambra, na falda do monte Darigo.

A casa do infantado apresentava o prior, que tinha 200$000 réis.

Como todas as terras d'este valle, é abundante de boas aguas, muito formosa, sádia e fertilissima em todos os generos agricolas.

Cria muito e optimo gado; produz muito boa manteiga e deliciosas vitellas. Seus montes têem muita caça.

CODECÊDA—freguezia, Minho, comarca e concelho de Villa Verde, 18 kilometros ao N. de Braga, 375 ao N. de Lisboa, 65 fogos.

Em 1757 tinha 50 fogos.

Orago S. Pedro, apostolo.

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

É terra muito fertil.

O D. abbade do mosteiro benedictino de Santo André, de Renduffe, apresentava o vigario, que tinha 9$000 réis de congrua e o que rendia o pé d'altar.

—

Foi couto do referido mosteiro, com justiças proprias, que o D. abbade nomeava.

Até 1855 foi da comarca de Pico de Regalados, concelho de Aboim da Nóbrega.

CODECEIRO—villa, Beira Baixa, concelho de Jermêllo, comarca e 18 kilometros da Guarda, até 1855, e desde então, da comarca e concelho da Guarda, 315 kilometros a E. de Lisboa, 105 fogos.

Em 1757 tinha 91 fogos.

Orago Nossa Senhora da Annunciação.

Bispado e districto administrativo da Guarda.

Situada em uma campina.

O rei apresentava o prior, que tinha 200$000 réis.

É terra fertil.

Foi concelho, com juiz ordinario, camara (com dois vereadores) almotacé, etc.

Feira a 25 de julho.

Junto á villa está uma torre arruinada, que, pela sua architectura mostra ser muito antiga.

D. Manuel lhe deu foral, em Evora, a 12 de novembro de 1519. (*Livro de foraes novos da Beira*, fl. 158, col 1.ª Veja-se o processo para este foral, na gaveta 20, maço 11, n.º 26.

É povoação muito antiga.

CODÊÇO (S. Payo do) officialmente *S. Payo*—freguezia, Beira Alta, comarca da Tábua, concelho de Oliveira do Hospital, 60 kilometros de Coimbra, 245 ao N. de Lisboa, 140 fogos.

Em 1757 tinha 72 fogos.

Orago S. Payo, ou Pelayo, ou Pelagio (que tudo vem a dar na mesma).

Bispado e districto administrativo de Coimbra.

O prior de Folhadosa apresentava o cura, que tinha 100$000 réis.

É terra fertil.

CODEÇOS—freguezia, Douro, comarca de Lousada, concelho de Paços de Ferreira, 30 kilometros a E. de Braga, 30 a NE. do Porto, 330 ao N. de Lisboa, 60 fogos.

Em 1757 tinha 40 fogos.

Orago S. João Baptista.

Arcebispado de Braga, districto administrativo do Porto.

Era antigamente da comarca e termo do Porto, visita de Sousa e Ferreira, concelho de Aguiar de Sousa.

Situada em planicie, d'onde se vêem varias povoações.

O arcebispo de Braga apresentava o abbade, que tinha 230$000 réis.

É terra fertil.

CODEÇOSO—freguezia, Minho, comarca e concelho de Celorico de Basto, 48 kilometros a NE. de Braga, 370 ao N. de Lisboa, 130 fogos.

Em 1757 tinha 70 fogos.

Orago Santo André, apostolo.

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

Era antigamente da comarca de Guimarães, termo de Basto, 1.ª parte da visita de Sousa e Ferreira.

O cabido da collegiada de Guimarães apresentava o cura, que tinha 8$000 réis,

30 alqueires de pão meiado, 2 libras de cêra fina, 2 almudes de vinho e 2 alqueires de trigo.

É terra fertil.

O rio Tâmega passa ao E. d'esta freguezia.

CODEÇOSO DO ARCO—freguezia, Traz-os-Montes, comarca e concelho de Montalegre, 48 kilometros a NE. de Braga, 405 ao N. de Lisboa, 30 fogos.

Em 1757 tinha 30 fogos.

Orago S. Simão, apostolo.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Villa Real.

Era antigamente do termo de Montalegre, mas da comarca de Bragança.

O abbade de Santa Marinha do Ferral apresentava o vigario, *ad nutum* (por ser esta freguezia de Codeçoso annexa á do Ferral) e tinha, o cura, 50 alqueires de pão, 6 libras de cêra branca, 2 almudes de vinho, 2 alqueires de trigo e 14$400 réis.

É terra fertil.

Passa aqui o rio Barrellas.

É povoação antiquissima, pois já existia no tempo dos romanos, que lhe chamavam *Presidium.*

Era reguengo. Tinha foral antigo, dado em Guimarães por D. Affonso III, a 28 de maio de 1258.

Esta freguezia está ha muitos annos annexa á de Santa Marinha de Ferral, no mesmo concelho, comarca, bispado e districto administrativo. Vide Ferral.

CODEÇOSO DE CANEDO—freguezia, Traz-os-Montes, comarca de Montalegre, concelho das Boticas, 70 kilometros a NE. de Braga, 430 ao N. de Lisboa, 66 fogos.

Em 1757 tinha 57 fogos.

Orago S. Lourenço, martyr.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Villa Real.

Chama-se tambem *Codeçoso de Canêdo de Barroso.*

Era antigamente da comarca e ouvidoria de Bragança, termo de Montalegre.

Situada em campina.

O D. abbade dos frades bentos de Refoyos de Basto apresentava o cura, que tinha 8$000 réis, um alqueire de trigo e um almude de vinho, pago dos dizimos (que eram para os taes frades) e cada freguez lhe dava um alqueire de pão, de offerta.

É terra fertil. Passa aqui o rio Béssa.

CODORNOSO—aldeia, Beira Alta, freguezia de Penajóia, comarca, concelho, bispado e 12 kilometros ao ONO. de Lamego, 350 ao N. de Lisboa. É do districto de Viseu.

Na casa actualmente (1874) habitada por Antonio Rodrigues França, falleceu, pelos annos de 1844, um tio d'este senhor, conhecido por *fr. Bernardo, do Mollêdo* (por ser o Mollêdo povo visinho e mais conhecido) que foi o homem mais temido e respeitado em toda a freguezia e circumvisinhas, e a algumas leguas de distancia.

Nunca matou ninguem, mas pessoa alguma o provocava ou desconsiderava impunemente.

Soube por isso grangear, como poucos, a fama de grande valentão e teve a fortuna (rara em homens d'esta qualidade) de morrer tranquillo em sua casa.

Quasi em frente das suas janellas, é o *ponto da Sermânha.* O barco que o subisse, tinha obrigação (por antigo privilegio da familia do frade) de lhe pagar 1$000 réis por cada corda (sirga) que alli pozesse em terra.

Tal era o prestigio de fr. Bernardo, que sendo os arraes e barqueiros do Alto Douro, em regra, valentões e turbulentos, nunca houve um só que se oppozesse a este tributo, já havia muitos annos cahido em desuso em muitas partes, e extincto por uma lei vigente, de 16 de maio de 1832, sem levar muita pancadaria, dada pelo frade e por um seu criado, adrede escolhido por elle; tendo os barqueiros de pagarem, depois de espancados.

COELHOSO — freguezia, Traz-os-Montes, comarca de Chacim, concelho de Isêda, até 1855. Desde então é do concelho e comarca de Bragança, 35 kilometros de Miranda, 480 ao N. de Lisboa, 90 fogos.

Em 1757 tinha 72 fogos.

Orago S. Thiago, apostolo.

Bispado e districto administrativo de Bragança.

Era antigamente da comarca de Miranda, termo de Bragança.

Situada em um valle.

O reitor de Parada apresentava o cura, que tinha 8$500 réis, 52 alqueires de pão e 16 almudes de vinho.

É fertil.

COENTRAL—freguezia, Beira Baixa, comarca de Figueiró dos Vinhos, concelho do Pedrogão Grande, 30 kilometros ao S. de Coimbra, 180 ao N. de Lisboa, 130 fogos.

Em 1757 tinha 45 fogos.

Orago Nossa Senhora de Nazareth.

Bispado de Coimbra, districto administrativo de Leiria.

Era antigamente da comarca de Thomar, termo de Pedrogão Grande.

Era dos condes de Redondo.

Situada entre dois montes.

O cabido da Sé de Coimbra apresentava o cura, que tinha 6$000 réis e o pé d'altar.

Fertil, sobretudo em castanha.

Passa aqui o rio Péra.

COGULLA—freguezia, Beira Baixa, comarca e concelho de Trancoso, 60 kilometros a E. de Viseu, 335 a NE. de Lisboa, 90 fogos.

Em 1757 tinha 86 fogos.

Orago S. Miguel, archanjo.

Bispado de Pinhel, districto administrativo da Guarda.

Era antigamente da comarca de Pinhel, termo de Trancoso.

O rei apresentava o reitor, que tinha 40$000 réis, 12 almudes de vinho e 3 alqueires de trigo.

Muito vinho; do mais pouco.

Passam aqui dois ribeiros anonymos, que nascem proximo a Trancoso e morrem no Maçoeime.

COHORTE—corpo de tropas romanas, formado de varias *centurias* (ordinariamente de 10) tendo cada uma d'estas 100 soldados, d'onde veio o nome, e de *centurião* ao seu chefe (hoje capitão). Uma cohorte correspondia a um regimento actual. (Viterbo traz *cohorte* por synonimo de brigada, mas é mais proprio comparal-a a um regimento). Tambem se dava o nome de *cohorte* ao arraial ou acampamento de uma cohorte, e d'aqui a corrupção ou contracção para *Côrte*. Vide Côrte e Côrtes.

COÍDE DE VILLA VERDE ou **COÍDO DE VILLA VERDE**—freguezia, Minho, comarca dos Arcos de Val de Vez, concelho da Ponte da Barca, 24 kilometros a NO. de Braga, 385 ao N. de Lisboa, 90 fogos.

Em 1757 tinha 97 fogos.

Orago S. Mamede.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Vianna.

Era antigamente da comarca de Vianna, visita de Nóbrega e Neiva.

O geral dos conegos regrantes de S. Theotonio, de Vianna, e depois, o de Santa Cruz de Coimbra apresentava o cura, (por ser annexa a S. Martinho do Crasto) que tinha 6 rasas de *milhão* e 6$000 réis em dinheiro, ao todo 30$000 réis e o pé d'altar.

Situada nas ribeiras do rio Váde.

E' terra fertil.

N'esta freguezia está a torre e paço de Villa Verde; e no alto do monte se conserva o nome de D. Elvira, senhora d'esta casa, que fez D. João de Aboim, na quinta que lhe deu D. fr. Affonso Pires Farinha, grão-prior do Crato, com auctoridade do grão-mestre (que então ainda era de Hespanha) em 1260. Parece que D. Ourigo, o Velho, de Nóbrega, fundador do mosteiro do Crasto, lhe annexou este padroado. Teve a filha, D. Elvira, casada com Lourenço Mendes, de Gondar, tia d'este D. João de Aboim.

D. Elvira, com outras senhoras, se recolheu a este monte (por isso chamado de D. Elvira) em tempo de uma grande peste, vivendo aqui como religiosas.

Entraram n'este morgadio os senhores da Barca, por successão.

No monte da Anaya ha excellente granito.

COIMBRA—cidade episcopal, Douro, capital do districto administrativo, da comarca e do concelho, 75 kilometros a OSO. de Viseu, 105 ao S. do Porto, 54 ao SE. de Aveiro, 205 ao N. de Lisboa, 2:800 fogos, (11:000 almas) em cinco freguezias, que são: S. João Baptista; Santa Justa e Santa Cruz; Santo Antonio dos Olivaes; S. Bartholomeu e S. Thiago; S. Christovão; Nossa Senhora da Assumpção.

Tinha no principio d'este seculo nove freguezias, que eram: Nossa Senhora da As-

sumpção; S. Pedro; S. João d'Almedina; o Salvador; S. Christovão; S. Bartholomeu; S. Thiago; Santa Justa e S. João da Cruz.

Tem no concelho 9:000 fogos, na comarca 13:600 e no districto 65:700, em 183 freguezias.

Está em 40º 20' de latitude boreal e 12º 4' de longitude.

Segundo a maior parte dos antigos escritores, a Coimbra primittiva foi fundada pelos colimbrios (que vieram para a Lusitania com os gallo-celtas e andaluzes) 308 annos antes de Jesus Christo, no sitio onde é hoje Condeixa Velha; dando-lhe o nome de *Colimbria* (outros dizem que o seu primeiro nome foi *Conimbriga*.) Consta que foi habitada por nove nações barbaras (egypcios, phenicios, gregos, celtas, romanos, suevos, alanos, godos e mouros.) Mas, se isto é verdadeiro, a primeira Coimbra remontava a sua fundação a epoca muito mais anterior.

É preciso notar que os colimbrios, gallos-celtas, andaluzes, etc., se vieram estabelecer na Lusitania, no anno do mundo 3009, isto é, 995 antes de Jesus Christo. (Vide o que digo das cidades cujos nomes terminam em *briga*, na cidade de Bragança.)

Foi desde remota antiguidade uma povoação importantissima. Assim continuou durante o dominio romano, árabe e gothico; e desde D. Affonso Henriques até D. João I, em que foi côrte dos nossos reis; mas no reinado d'este ultimo monarcha, pediram os povos que a côrte fosse mudada para Lisboa, por ser mais central.

Ainda no seculo XIV era toda cercada de muralhas, com 7 portas (a da Estrella, do Castello, do Collegio Novo, de Santa Sophia, de Almedina, da Portagem e da Traição). Tinha um robusto castello (Alcaçar) que foi residencia de D. Sancho I, que n'elle morreu.

> (A porta de Almedina não quer dizer Porta de Sangue, como alguns pretendem; mas Porta da Cidade. Do árabe *almedina*, a cidade.

O arco ou porta de Al-Medina, fica proximo da rua da Calçada, e dá communicação d'esta para a das Fangas e para a de Quebra Costas. Este arco é um dos mais curiosos monumentos de Coimbra, não só por ser todo de cantaria e muito alto, mas pela antiguidade que revela. Sobre o arco mandou el-rei D. Manuel esculpir as armas do reino e as da cidade e a imagem da Virgem. Por baixo estão uma serpente e um leão, que foram as primeiras armas de Coimbra. Em 1836 a camara de Coimbra mandou arrancar as fortissimas portas chapeadas e cravadas de ferro, que fechavam esta porta, e que era tradição serem ainda do tempo dos mouros.

Sobre o arco está a antiga *torre da rrolaçom*, que depois foi por muitos annos casa da camara e hoje é casa dos ensaios da philarmonica Conimbricense. Ainda lá está o antigo sino da camara, que tocava a recolher.

Os árabes chamavam a Coimbra—*Medina Colimbria*—isto é, cidade de Coimbra.

O castello foi demolido para ahi se fundar o observatorio astronomico (que se não conclue.) Era um monumento memoravel, não só pela sua antiguidade, mas, e ainda mais, pelo rasgo de bravura e fidelidade do seu nobre alcaide-mór Martim de Freitas.

> Este facto é tão conhecido, que me dispenso de o relatar. Vide *Historia de Portugal*.

D. Fernando I, ainda reedificou as muralhas d'esta cidade, em 1383.

A capella do Bom Jesus estava sobre a porta do castello e perto estava a soberba torre chamada d'Hercules, por se dizer que elle a fundou, e é certo que tinha a seguinte inscripção:

Quinaria turris Herculea fundata manu.

Tambem proximo estava outra torre muito alta.

Querem alguns que a palavra Coimbra seja derivada de *Conus* (pinha) e *briga* povoação. Tenho porem a objectar que, *Conimbriga* já existia com este nome antes da dominação romana. Que antes d'ella nenhuma palavra latina tinha passado o Estreito de Gibraltar, ou os Pyreneus, para esta parte occidental da Europa; e que sendo *conus* incontestavelmente palavra latina, não póde ser esta a etymologia.

Dizem outros que é derivada de *collis* (collina ou monte) e *briga* povoação. Estamos no mesmo caso, e sempre a mistura heterogénia de uma palavra latina annexa a outra celta.

Pedro de Mariz diz que se lhe deu o nome *Collimbria*. derivado de *collis* (collina) e *imbrium* (das chuvas) em razão da sua amenidade. É verdade que, ao menos esta *Collimbria* não é uma palavra *hybrida*; mas pécca por ser muito mais moderna do que o nome primittivo de *Collimbria*, ou *Conimbriga*.

Segundo *Pomponio Mella* e *Ptolomeu*, chamou-se *Collimbriga*, em honra de *Brigo*, IV rei das Hespanhas.

O doutor *Miguel Leitão d'Andrade*, diz que o nome de *Colimbriga* procede do facto seguinte:

Sendo estes sitios infestados por uma monstruosa serpente *(Coluber)* — (!...) — um esforçadissimo cavalleiro, que amava certa princeza, a matou (a serpente) ardilosamente, vindo, por premio d'esta façanha, a casar com a sua amada. Esta patranha fundou-se unicamente nas armas de Coimbra (de que adiante tractarei.)

Accrescenta Leitão, que, em memoria d'este facto, se fundou uma cidade no sitio do combate, a que se deu o nome de «*Coluber-briga*» (*batalha da cobra!*)

A'lem d'esta *briga* ter todos os visos de pêta, e temos tambem a historia de uma palavra latina associada a outra celta, em bôa paz e hormonia; quando os celtas foram sempre irreconciliaveis inimigos dos romanos.

Ao menos Leitão, teve a habilidade de fazer uma fusão do cão e do gato. A's vezes mettia cada patranha, este bom Leitão!...

Ora, eu, que *nos quoque gens sumus* (apezar de toda a minha insignificancia e obscuridade) tomo a liberdade de fazer tambem a minha supposição, quanto á etymologia de que se tracta.

Bem sei que os *cuneos* habitavam a extremidade meridional da Lusitania, o Algarve actual — mas parece-me que não era impossivel (nem mesmo difficil) virem alguns d'elles fundar esta povoação e dar-lhe o seu nome, isto é — *Cuneubriga* — (povoação *dos cuneos*) que muito facilmente se modificaria para *Conimbriga*.

É uma etymologia como outra qualquer.

Em todo o caso, parece-me mais provavel que fossem os *colimbrios* que fundaram *Colimbria* e lhe dessem o seu nome.

—

De proposito guardei para o fim uma outra opinião que faz mudar a questão completamente de figura. Eil'a:

Escriptores muito conscienciosos e investigadores, sustentam que *Colimbria* era uma cidade e *Conimbriga* outra, differentes, e ambas sédes de bispados.

Conimbriga, 12 kilometros ao S. da actual Coimbra, no sitio da actual Condexa Velha, e onde ainda hoje se vêem os alicerces de reforçados muros, alguns restos d'arcos e outros muitos vestigios; e Colimbriga, esta.

André de Rezende e João Vaseu (*Chronica de Hespanha, cap. 10.º*) sustentam esta opinião, apoiando-se nos seguintes factos historicos:

No 8.º concilio toledano, celebrado no anno 652 de Jesus Christo, reinando em Hespanha *Receswindo*, entre outros bispos da Lusitania se acharam *dois bispos, cada um de sua Coimbra*, havendo então simultaneamente na Lusitania duas cidades do mesmo nome.

Um dos bispos se chamava *Celidonio*, e se assignou *Celidonius, episcopus Colimbriensis* e o outro se chamava *Siseberto*, e se assignava *Sisebertus, conimbricensis episcopus*.

Segundo André de Rezende, este Siseberto era bispo da *Conimbriga*; que foi edificada por *Brigo 4.º* rei de Hespanha, e que os romanos principiaram de desmantelar, e os arabes destruiram.

> Não queria ser muito difuso para não fazer uma obra interminavel, e por consequencia maçadora; mas ha certos anachronismos (ou que, pelo menos, assim parecem) e me vejo obrigado a deslindal-os, mesmo para não passar por contradictorio.
>
> *Brigo* parece que era filho de *Jubalda*, neto *d'Ibero* e bisneto de *Tubal*. Foi o 4.º rei (ou cousa semelhante)

das Hespanhas, que de seu avô haviam tomado o nome de *Ibéria.*

Viveu ahi pelos annos 2000, do mundo, e 2004 antes de Jesus Christo.

Todavia, graves auctores o dão por fundador de muitas cidades da nossa peninsula, 300, 400, 500, 600, etc. annos antes de Jesus Christo. Como podia elle fundar tantas cidades e em tão differentes seculos?

A opinião que formei a este respeito é a seguinte:

Brigo fundaria algumas cidades. (Já se sabe, n'esses tempos dava-se o nome de cidade a povoações mais pequenas do que muitas aldeias d'hoje.) Parece que foi um bom rei, e em reconhecimento da sua bondade, se deu o seu nome a muitas cidades fundadadas seculos depois de sua morte, e por fim pegaria por costume terminar-se em *briga* o nome das povoações que se hiam fundando.

Outra circumstancia veio ainda augmentar a barafunda, levando os escriptores a attribuir a *Brigo* a fundação de cidades que só tiveram principio 10 ou 12 seculos depois de seu reinado. Foi esta.

Pelos annos 3009 do mundo vieram estabelecer-se na peninsula os gallos-celtas, que tambem fundaram muitas povoações desde a sua chegada até ao anno 3800. Na sua lingua, *briga*, significava cidade ou povoação, e aqui está a razão porque os escriptores se confundem, attribuindo a *Brigo* a fundação de tantas cidades.

Até alguns archeologos muito circumspectos, e historiadores de muito boa nota, sustentam que a terminação *briga* só denota povoação e nada tem com *Brigo*; o que tambem póde muito bem ser.

Noto aqui aos meus leitores, que, escriptores modernos, de grande e bem adquirida nomeada, sustentam que o tal *Brigo 4.º*, rei das Hespanhas, não passa de uma personagem mythologica, que só existiu na imaginação de antigos sonhadores.

Póde ser que assim seja; mas, costumado a ler desde a infancia, tantos factos com referencia a este real ou fabuloso Brigo, custa-me, sinto mesmo repugnancia em negar a sua existencia; e, por conseguinte, em declarar mentirosos tantos escriptores antigos, a todos os respeitos dignos do nosso acatamento, e aos quaes devemos tudo quanto sabemos d'esses tempos obscuros e remotissimos. Sirvam pois estas explicações para todas as povoações que estão no caso exposto, quer descriptas até aqui, quer até ao fim d'esta obra. E, para *descargo* de consciencia, declaro que darei ás taes povoações as datas e fundadores que os antigos escriptores lhes dão, sem attender ao anachronismo.

Tornemos pois ás nossas Coimbras *em duplicado.*

Colimbria foi fundada *(no sitio da actual Coimbra)* por *Hercules Libio* (ou *Libico*) filho d'*Osiris*, rei do Egypto, no anno 2216 do mundo, 560 depois do diluvio e 1788 antes de Jesus Christo. Tem então hoje (1874) nada menos de 3662 annos de existencia!

Conimbriga (Condexa Velha.)

Se esta cidade tivesse sido fundada por *Brigo*, era ainda mais antiga (e não muito mais moderna, como dizem André de Rézende, João Vaseu e outros) pois a sua fundação dataria do anno 2000 do mundo, e vinha a ser mais velha 216 annos do que Colimbria. Mas todos os auctores concordam em que esta cidade foi fundada 308 annos antes de Jesus Christo, pelos gallos-celtas, e então nada tem com *Brigo*, e a sua terminação só significa povoação. D'este modo vem effectivamente a ser muito mais moderna do que *Colimbria*, pois tem de menos a *ridicularia* de 1480 annos na sua edade.

Deixando passar essas edades fabulosas ou hyperbolicas, em que ainda nas Hespanhas quasi todo o mundo vivia em cavernas, e poucas cidades se fundavam (se é que se fundavam, e se é que já isto por aqui era

habitado) e não fazendo caso do *Brigo* e da *briga*, suppunhamos que havia *duas Coimbras*.

A semelhança (para os escriptores) dos nomes d'estas duas cidades é que causou todas as barafundas.

Digo, *para os escriptores*, por que, para os antigos, essa semelhança quasi não existia. Elles pronunciavam *Colímbria* e *Conimbríga*.

Os romanos, alatinisando muitos nomes proprios *barbaros* (como elles denominavam tudo que não era italiano) fizeram a palavra exdruxula, pronunciando *Conímbrica*.

—

Os partidarios das duas Coimbras, e da prioridade da actual Coimbra sobre a que existiu no sitio de Condeixa-Velha, dizem que os vestigios da assistencia d'*Hercules* na Coimbra d'hoje, são—a torre (de forma pentagona) que está á porta do castello, no alto da cidade, e á qual, de tempos immemoriaes se chamou, e ainda se chama Torre d'Hercules, e á vasta planicie que se estende ao longo do Mondego, todos os auctores antigos chamavam Campos d'Hercules.

—

Dizem que *Conimbriga* era palavra composta de duas celtas (ou turdulas) *conim* e *briga*. Que, segundo uns significa *campo* (ou *arraial*, ou *acampamento*) *de Briga*, e segundo outros *povoação do arraial*.

É certo que á Coimbra actual sempre se chamou, em todos os codices romanos, bullas apostolicas e nos diversos concilios, *Colimbria*.

Ignora-se todavia o seu primittivo nome, isto é, o que lhe pôz Hercules Libio.

(Pergunto eu: Não podia este valentão pôr-lhe o seu proprio nome Hercules Libio, que muito facilmente degeneraria em *Hercolibia* e por fim em *Colimbria?*) Ainda ninguem se lembrou, que me conste, d'esta hypothese.

—

Segundo os nossos antigos escriptores, foi Coimbra das primeiras cidades onde se prégou Evangelho, por S. Pedro de Rates, (que aqui fez a Sé, e seu primeiro bispo, Santo Anastacio, companheiro de S. Gens) pelos annos 42 ou 43, e aqui houve sempre bispos até 716. (Isto, ou se refere á antiga *Conimbriga*, ou Condeixa Velha, ou então Ataces não fundou, mas reedificou *Colimbria*.)

Os arabes converteram a Sé em mesquita, e D. Fernando I (o Magno) quando resgatou esta cidade (1064) a mandou logo benzer e restituir ao culto catholico, pondo aqui por bispo a D. Paterno (bispo de Tortosa) o qual, em razão da guerra civil que houve entre os tres filhos de D. Fernando Magno, só veio para Coimbra no fim da guerra, reinando já pacificamente D. Affonso VI, sogro do nosso conde D. Henrique; isto pelos annos 1080, sendo conde e governador de Coimbra, D. Sisnando.

Hão de achar uma vida muito longa ao tal bispo. Eu explico o caso: Uns escriptores dizem que a cidade foi resgatada por D. Affonso I em 25 de julho de 1040, outros dizem que foi em 24 de julho, de 1064. É mais provavel que fosse em 1064.

Tambem podia ser que a cidade fosse tomada aos mouros em 1040, e nomeado então o tal bispo; mas, tornando-se a perder Coimbra, o bispo se retirasse até que ella tornou a ser dos christãos em 1064.

(A gente ás vezes n'estas cousas antigas, só póde julgar por conjecturas; muito mais quando os escriptores e historiographos se contradizem mutuamente.)

É certo que pelos annos 1037 a 1040, os netos de Alboazar Ramirez faziam em Portugal crua guerra aos mouros, ganhando-lhes nas margens do Távora uma grande victoria e tomando-lhes muitas povoações; mas, havendo guerra entre D. Fernando o Grande, de Castella, e seu cunhado D. Bermudo, rei de Nawarra, se aproveitaram d'ella os mouros, para reconquistar o que haviam perdido (ou parte) e retomariam Coimbra. Só assim se póde combinar o que dizem os escriptores, pois que uns sustentam que o resgate d'esta cidade foi em 1040, e outros, não menos respeitaveis, teimam em que foi em 1064. (Vide adiante Sé Velha.)

(Vide *Dissertações Chronologicas e Criticas*, de João Pedro Ribeiro e *Historia Chro-*

nologica d'Alcobaça, por fr. Fortunato de S. Boaventura, pag. 154 e seguintes.)

D. Fernando armou então cavalleiro n'esta Sé, ao famoso D. Ruy Dias de Bivar, o *Cid,* um dos maiores heroes d'aquelles tempos.

—

Na Sé velha está o curioso tumulo de D. Vetaça Lascaris. Era filha de Irene Lascaris e de Guilherme, conde de Vintemiglia, fidalgo genovez. Por sua mãe, era D. Vetaça, neta de Theodoro Lascaris, (o Môço) imperador do Oriente, e sobrinha do infeliz João IV, a quem Miguel Paleologo usurpou a corôa e mandou arrancar os olhos e sepultar em uma prisão, na edade de 6 annos; isto no anno 1261, 2.º do reinado da infeliz creança.

Alguns amigos fieis dos Lascaris, poderam salvar Irene, irman do imperador, e a levaram á Italia, onde ella casou com o conde Guilherme. D'este casamento nasceu a nossa D. Vetaça. Perseguida sua mãe pelos seus inimigos, teve de fugir com ella (sua filha unica) para o reino de Aragão, e acolhidas benevolamente por D. Pedro III, a joven Vetaça contrahiu verdadeira amisade com a infanta D. Isabel, filha d'aquelle monarcha.

Casando esta senhora com o nosso rei D. Diniz, veio D. Vetaça com ella para Portugal em 1282, onde prestou relevantes serviços á familia real, por quem foi sempre tratada com o maior carinho. Foi a primeira mestra do infante D. Affonso, que depois foi o 4.º do nome.

Casou D. Vetaça, em 1285, com D. Martim Annes, rico fidalgo portuguez.

Enviuvando e sem filhos, deu todas as suas riquezas, que eram avultadas, ao cabido da Sé de Coimbra.

Falleceu de uma edade muito avançada e o seu tumulo está em uma capellinha do cruseiro da Sé velha. O tumulo é de marmore e na tampa está a estatua da princeza, de proporções maiores do que o natural, e com habito de religiosa: repousa a cabeça sobre uma almofada que dois anjos sustentam. Aos pés tem um leão. A caixa do mausoleu é decorada com uns escudos ovaes, tendo cada um em relevo uma aguia com duas cabeças, que era o brazão da sua familia.

Tem uma inscripção que diz:

Aqui jaz D. Betaça, neta do imperador da Grecia.

Proximo d'este tumulo, está na mesma capellinha outro mausoleu muito antigo, onde jaz D. Tiburcio, bispo de Coimbra.

A esculptura d'ambos estes monumentos, está em partes bastante gasta do tempo e é grosseira, revelando muito atrazo das artes.

Tambem n'esta egreja está o tumulo do bispo de Coimbra, D. Jorge de Almeida, filho de D. Lopo de Almeida, 1.º conde de Abrantes, e irmão do grande vice-rei da India, D. Francisco d'Almeida, 2.º bispo que teve o titulo de conde de Arganil. Tinha apenas 23 annos quando foi feito bispo de Coimbra e no conclave que no seu tempo houve em Roma, teve muitos votos para papa; foi tambem inquisidor-mór, por bulla de Paulo III, de 23 de maio de 1536.

No anno de 1512, baptisou em Lisboa o infante D. Henrique, que depois foi cardeal e rei.

Morreu D. Jorge em 25 de julho de 1543, com 85 annos de edade e 62 de episcopado. O seu tumulo, de marmore, está na capella de S. Pedro, d'esta egreja, com a seguinte inscripção:

DIVINI NVMINIS
PIETATE. EPISCOPVS
COMES. GEORGIVS
DALMEIDA. HIC SITVS
VIXIT. ANNIS LXXXV
OBIIT VIII KL. SEXTILES.
ANN. D. M. D. XXXXIII
ANIS LXII VTRAQZ
DIGNITATE PRAEDITVS.

Na mesma lapide está esculpido o brazão de D. Jorge. Ornou muito este templo e lhe mandou pôr sobre o arco cruseiro esta inscripção:

Domine, dilexi decorem domus tuæ

As obras sumptuosas que mandou fazer n'esta Sé constituem a parte principal d'es-

te venerando monumento. Foi D. Jorge que mandou fazer pelo célebre esculptor João de Castilho, os dois porticos lateraes.

Foi o memo bispo que mandou revestir de bellissimos asulejos (que se suppõem flamengos e que tão admirados teem sido) parte do corpo da egreja. O primoroso retabulo de pedra dá capella de S. Pedro e o de talha da capella-mór. É talvez a obra mais notavel d'este genero em Portugal; a pia baptismal, de primorosissimo lavor, feita por Pêro Henriques e seu irmão, segundo diz uma inscripção que se acha na mesma.

Tudo isto e muito mais é obra de D. Jorge. (Vide adiante, Sé Velha.)

—

Conimbriga, como o resto da Lusitania, teve de soffrer o jugo dos diversos povos, mais ou menos barbaros, que a invadiram; mas durante o dominio dos romanos conservou a velha cidade de Conimbriga a sua antiga prosperidade.

Pelos annos 405 de Jesus Christo, sendo a Lusitania invadida pelos povos do norte (suevos, alanos, wandalos, selingos, visigodos etc.) morreram a maior parte dos lusitanos pela fome e peste, e pelo ferro e fogo. Suas principaes cidades foram saqueadas e destruidas, e uma das que mais soffreu foi Conimbriga, que ficou quasi arrasada e despovoada.

Hermenerico, rei dos suevos, tomou posse d'esta parte da Lusitania, e estes novos dominadores foram pouco a pouco tornando-se mais brandos e trataveis.

Pela morte de Resplandeano, rei dos alanos, Ataces, seu successor, regulou com os outros reis os limites dos seus reinos, ficando elle com a maior parte da Lusitania e parte da provincia de Carthagena, tendo Merida por capital.

Posto que Ataces tivesse estabelecido a sua côrte em Merida, cuidava em reedificar e povoar as cidades destruidas da Lusitania, attrahindo a ellas os seus antigos habitantes, por meios brandos e dando-lhes muitos privilegios.

Estando porém a antiga Conimbriga quasi totalmente desmantelada, e achando elle que para uma grande cidade era mais propira a formosa situação das margens do Mondego, para aqui mudou a cidade, pelos annos 420, ou reedificou a que existia no mesmo sitio, abandonando a antiga Conimbriga.

Querem alguns que fosse Ataces o fundador da ponte e da Sé Velha, o que não está averiguado.

Ataces morreu em uma batalha contra os godos e romanos, colligados, em frente de Merida. (Vide adiante Sé Velha.)

Quando elle tratava solicitamente d'esta edificação, o veio atacar Hermenerico, rei dos suevos da Galliza, com grande poder; mas Ataces o venceu e Hermenerico pediu pazes, e deu a Ataces, em casamento, sua filha Ciudasunda (ou Ciudaswinda) que era singularmente formosa.

Segundo a melhor versão, é d'este facto que se formaram as armas de Coimbra. A dama é a princeza, a taça, significa o hymineu, o leão era o timbre de Ataces e o dragão verde o de seu sogro.

Querem porém outros que o dragão é o mesmo que matou o cavalleiro de Leitão de Andrade; o leão, o mesmo cavalleiro, e a dama, a princeza que lhe deram por premio.

Ainda outros dizem que a taça significa o Mondego, a dama, a cidade de Coimbra, o leão o rei de Castella; e o dragão, o rei arabe Mahomah.

Os romancistas teem aqui por onde escolher.

—

Depois da morte de Ataces, os godos se tornaram senhores de toda a Lusitania, até que em 716 os arabes a invadiram e conquistaram.

No dominio serraceno, foi Coimbra governada por emires ou alcaides, até 739. Então, sendo alcaide de Coimbra Al-Boacem-Iben-Alhamar (sobrinho de Tarif-Aben-Zarca, vencedor do ultimo rei godo D. Rodrigo) se declarou independente do califa. Este novo rei, por politica, conservou varios condes e senhores christãos e alguns conventos, mediante certo tributo.

Em 850, D. Ramiro I, de Leão, venceu Alhamah, *rei* mouro de Coimbra, fazendo-o

seu tributario. Tambem é d'este facto que alguns derivam as armas de Coimbra, como já disse.

Em 862, D. Affonso Magno de Leão e Castella a resgatou do poder dos mouros, estando os christãos senhores d'ella por espaço de 123 annos.

Em 985, Mahumah Almançor, um dos mais ferozes guerreiros arabes, a cérca e conquista, depois de uma tenaz resistencia, e os mouros, a tornaram a occupar por 79 annos, até que, em 25 de julho de 1064, depois de um obstinado cêrco de sete mezes, foi definitivamente restaurada por D. Fernando I de Castella.

O rei christão queria, ao fim de tres mezes, abandonar o cêrco, por não ter com que sustentar as suas tropas; mas os monges de Lorvão, que então eram riquissimos, sustentaram o exercito á sua custa por mais quatro mezes, até que a victoria coroou os esforços dos christãos.

Então D. Fernando mandou povoar esta cidade por christãos, e lhe poz por governador o conde D. Sisnando, que enobreceu esta cidade com bons edificios, dos quaes ainda alguns existem.

—

Em 1067, o conde D. Rodrigo Dias, mata no paço, á vista de D. Garçia (então rei de Portugal e Galliza) o valido d'este (Verna.)

No mesmo anno é a cidade atacada pelos condes castelhanos D. Nuno de Lára e D. Garcia de Cabras. Sahe-lhes ao encontro o conde D. Rodrigo Dias e seus irmãos (os condes D. Pedro e D. Vermuiz) e os derrotam em *Agua de Maias*, proximo a Coimbra.

Tendo D. Garcia sido prisioneiro na batalha de Santarem, por seu irmão D. Sancho, este lhe usurpou a corôa, em 1071; mas, morrendo em 1072 o mesmo D. Sancho, no cêrco de Çamora, tornou Portugal a unir-se á Castella, no reinado de D. Affonso VI, que se intitulou imperador das Hespanhas.

Foi D. Affonso VI que deu a Coimbra o primeiro foral de que ha noticia certa, datado de 29 de maio de 1085, com grandes e muitos fóros e privilegios.

O conde D. Henrique, (que com sua mulher tomou posse de Portugal em 1093, como tenho dito e repetido n'esta obra) deu um foral a Coimbra, a 26 de maio de 1110 confirmando todos os foros e privilegios que seu sogro havia concedido á esta cidade.

Ainda d'ahi a um anno (26 de maio de 1111) lhe tornou á dar outro foral, confirmando-lhe os seus antigos privilegios e augmentando-lhe outros novos. Estes tres fóraes existem no cartorio da cathedral de Coimbra.

D. Affonso I lhe deu foral, em maio de 1179, confirmando e ampliando o de seu pae, e D. Affonso II o confirmou em Coimbra em outubro de 1217.

D. Manuel lhe deu foral novo em Lisboa, á 4 de agosto de 1516.

Ha tambem duas sentenças de foral, uma de D. Manuel, de 29 de agosto de 1503, outra de D. João III, de 29 de março de 1538.

—

Aqui morre no 1.º de novembro de 1129 ou 1130, a rainha D. Thereza, viuva do conde D. Henrique (no mesmo dia em que morrera seu marido, mas passados 17 ou 18 annos) com o habito de Cister, que havia tomádo poucos dias antes. (Vide Guimarães e Braga.)

N'esse mesmo anno de 1129, o rei mouro Enjune, põe cêrco a Coimbra, com um exercito que as chronicas do tempo elevam ao numero de 300:000 homens (Parece-me exagerada a cifra,) D. Affonso Henriques, (que n'esse anno tinha tomado conta do governo do reino) veio em soccorro da cidade, vencendo, derrotando, e pondo em fuga os mouros.

Aqui nasceu em 1175 Santa Thereza, rainha de Leão, filha de D. Sancho I e da rainha D. Dulce (irmã de Santa Mataldа) Morreu em Lorvão, em 1200. (Vide Lorvão).

—

Em 7 de janeiro de 1355 foi barbara e cobardemente assassinada n'esta cidade a formosa e infeliz D. Ignez de Castro, esposa de D. Pedro I, por ordem de D. Affonso IV, pelos tristemente célebres Alvaro Gonçalves Pedro Coelho, e Diogo Lopes Pacheco.

Este atroz acontecimento teve logar na *Quinta das Lagrimas*. D'ahi a dois annos os

dois primeiros foram executados em Santarem, no meio dos mais horriveis, mas justificados tratos, arrancando-se ao primeiro o coração pelas costas, e ao segundo pelo peito. (Vide Santarem.)

O palacio de D. Ignez de Castro foi coberto com as areias do Mondego, e apenas da quinta resta a *Fonte dos Amores*, sitio melancholico, na margem do rio.

—

No dia 25 de abril de 1361, foi Coimbra theatro de uma scena que ainda não tinha acontecido, nem tornou a acontecer no mundo. É o reconhecimento de D. Ignez de Castro como legitima mulher de Pedro I, e a sua corôação como rainha de Portugal, dando beijamão, mais de 6 annos depois da sua morte. Em seguida, foi o seu cadaver para o jasigo que lhe estava destinado, em Alcobaça, entre duas alas ininterrompidas de tochas accesas, na distancia de 100 kilometros!

—

Aqui nasceu D. Affonso IV, em 8 de fevereiro de 1291.

No dia 16 de janeiro de cada anno, se fazia aqui (e fez até ha poucos annos) a indecente *procissão dos nús* (despidos dos joelhos para baixo e da cinta para cima). Era o cumprimento de um voto, por occasião da peste que aqui houve em 1423.

—

No dia 28 de novembro de 1377, no palacio de D. Maria Telles de Menezes, vasto edificio acastellado na rua de *Sub-Ripas*, d'esta cidade, [1] foi aquella senhora barbara e injustamente assassinada por seu marido o infante D. João, filho de D. Pedro I e de D. Ignez de Castro.

(Quem quizer ter mais larga noticia d'este tragico successo, veja a *Chronica* de Fernão Lopes.)

D. Maria Telles de Menezes era irman da rainha D. Leonor Telles de Menezes, e viuva de Alvaro Dias de Sousa (de quem tinha um filho, que era mestre da Ordem de Christo); era nova, muito formosa e cortez para todos, mas muito honesta e recatada.

O infante D. João, como sua mulher, era muito bemquisto do povo. Era destro e destemido caçador, grande cavalleiro e extremado justador. Era tambem amigo inseparavel de seu irmão bastardo D. João, mestre d'Aviz, que depois foi rei.

A *Messalina portugueza*, que se *descasára* com D. João Lourenço da Cunha (senhor de Pombeiro), para casar com D. Fernando I, havia affirmado ao infante D. João que sua mulher lhe era infiel. D. João, sem outra prova, acreditou a cunhada, e sahindo de Lisboa (onde então se achava) veio a Coimbra, onde chegou na madrugada do referido dia, e alli assassinou a innocente D. Maria, com duas punhaladas.

D. João Tello de Menezes, irmão de D. Leonor (e tão preverso como ella) é que urdiu esta trama infame contra a outra sua irman, de combinação com a rainha. Foi elle mesmo que deu ao infante o *bulhão* (punhal) com que assassinou sua mulher. Receiando a colera do rei e a vingança dos parentes de sua mulher, fugiu, com alguns seus amigos, para as mattas da Beira. Depois, sabendo que o rei lhe não era muito contrario, teve o descaramento de apresentar-se na côrte, e sendo prêso, veio a ser perdoado, como adiante se diz.

Trez foram as causas a que então se attibuiu este crime:

1.ª O odio de D. Leonor a sua irman, por esta não querer ser uma mulher devassa como ella.

2.ª Porque D. Leonor era a amante de seu cunhado, e tinha ciumes de sua irman.

3.ª e mais provavel—porque, tendo fugido para Castella o infante D. Diniz (irmão de D. João) não havia em Portugal outro concorrente á corôa d'este reino senão D. João e a filha de D. Leonor, D. Beatriz (que depois foi mulher de D. João I de Castella). Ora, se D. João fosse degolado, ou, pelo menos, desterrado por tamanho crime, (porque, de mais a mais, D. Maria era de uma das principaes familias de Portugal) ficaria D. Beatriz (filha de D. Leonor) sem rival á corôa portugueza, e unir-se-hia Portugal a

[1] Este palacio é interessante e notavel, não só pelo triste drama de que foi theatro, como pelas suas preciosidades artisticas.

Castella. D. Leonor parece que prometteu a D. João (por morte de sua mulher) a mão de sua filha, D. Beatriz; mas esta promessa foi só para o arrastar mais depressa ao crime; consummado elle, não cumpriu o que promettêra.

O infante foi preso e esteve quasi a ser executado; mas D. Fernando, vindo no conhecimento de toda a intriga, o mandou soltar.

D. João foi para Castella e de lá veio depois a tomar armas contra a sua patria nas guerras contra seu irmão D. Fernando, pelo que foi depois declarado pelas côrtes de Coimbra (assim como seu irmão) traidor á patria e inhabil para succeder a seu irmão.

Antes de fugir para Castella, vendo-se em Lisboa despresado de todos, apesar do perdão do rei, e ameaçado de morte pelos parentes de sua mulher, tornou a fugir para as brenhas da Beira, onde seu enteado, o mestre da Ordem de Christo, o perseguiu encarniçadamente. Um dia que este e os seus o tinham quasi preso, pôde escapar-lhe e fugir para Castella, onde foi bem recebido do rei, e por elle tomou armas contra Portugal, na guerra contra seu irmão D. Fernando. Mas depois, na guerra contra o mestre de Aviz, D. João I de Castella o prendeu em Toledo, onde o infante abdicou os seus direitos á corôa de Portugal, no mestre de Aviz.

Morreu novo, despresado e ralado de remorsos.

—

Em 1245, os povos do Minho, não podendo soffrer mais os desatinos da rainha D. Maria, e o mau governo de seu marido, D. Sancho II (o Capêllo) se revoltaram, e commandados por o bravo Raymundo Viegas Porto-Carreiro, avançam até Coimbra. Aqui o povo da cidade se lhes reune, arrebatam a rainha e a levam presa para o castello de Ourem.

—

A Universidade, que tinha sido fundada por D. Diniz, em Lisboa, no anno de 1288, por breve de Nicolau IV, (a primeira vez que esteve em Lisboa, quando se instituiu, era no sitio chamado da Pedreira, á Porta da Cruz, no bairro de Alfama) foi transferida para aqui (sendo então augmentadas as disciplinas) em 1308; e aqui se conservou por 67 annos.

O seu primeiro assento em Coimbra foi na rua da Sophia, em um palacio real que aqui havia, que depois foi tribunal da inquisição. Antes d'aqui estar a universidade, tinha sido este edificio supremo tribunal de justiça; quando os reis moravam nos paços reaes do Burgo de Santa Clara, que fundára D. Affonso Henriques.

Depois esteve no convento de Santa Cruz, a requerimento dos proprios frades, que das suas rendas sustentavam os lentes e mais empregados. Esta transferencia foi auctorisada por breve de Clemente V.

D. Fernando a tornou a mandar para Lisboa, em 1375. Estabeleceu-se então no sitio ainda hoje chamado Escolas Geraes, tambem no bairro de Alfama.

D. João III a tornou a mudar para Coimbra em 1539, mandando então edificar dois grandes collegios para ella, um de cada lado da egreja de Santa Cruz.

Tambem por esta occasião esteve no collegio de S. Paulo, e foi o mesmo D. João III que lhe deu os seus paços do Alcaçar, no alto da cidade (por isso, chamado Bairro Alto), para alli se estabelecer a universidade, e é onde ella está actualmente.

Ha na Universidade cousas dignas de ver-se, ou por sua riqueza ou por sua antiguidade. A *sala dos actos* é grandiosa. Está decorada com os retratos dos reis de Portugal, em grandes paineis. A *sala dos capêllos* é guarnecida com os retratos dos reitores. Possue uma galeria de quadros, alguns de grande merecimento. A capella (gothica) é como uma egreja. A livraria e o observatorio, fundados no seculo passado, são edificios vastos e sumptuosos. Do terrado superior do observatorio e da torre da universidade goza-se um panorama vasto e formosissimo.

—

O primeiro reitor da Universidade foi D. Garcia d'Almeida, filho do primeiro conde de Abrantes e irmão do primeiro viso-rei da India.

—

Vide Universidade, n'este mesmo artigo.

—

Em 14 de junho de 1411, houve tamanha cheia no Mondego, que invadiu o convento de Santa Cruz, levando entre outras muitas cousas, os livros do cartorio, alguns dos quaes eram preciosos manuscriptos do tempo de D. Affonso Henriques.

—

Coimbra foi tres vezes cabeça de ducado, — a 1.ª em favor do infante D. Pedro, quarto filho de D. João I (em premio da sua intrepidez, na tomada de Ceuta, 14 de agosto de 1415) — a 2.ª, em favor de D. Jorge, filho legitimado de D. João II, por o rei D. Manuel, em 25 de maio de 1500, em cumprimento do testamento de D. João II — a 3.ª, em favor do actual infante, o sr. D. Augusto.

Os jesuitas fundaram aqui, em 1710, uma typographia, que durou até 1759, anno em que esta ordem foi supprimida em Portugal. Havia então mais cinco typographias em Coimbra.

—

Ha em Coimbra tres boas feiras: a 4 de julho, no Rocio de Santa Clara; a 24 de agosto e a 21 de setembro, no Campo de Coimbra. Ha tambem mercado no dia 22 de cada mez, e *praça* todos os dias.

—

Em 20 de agosto de 1810, as hordas de Massena occuparam e saquearam Coimbra; mas, logo a 18 de outubro, o general inglez Trant, com uma divisão de milicianos portuguezes, das provincias do norte, cahe sobre Coimbra, onde derrotou os francezes, fazendo-lhe 5:000 prisioneiros.

(Quando estes *libertadores*, segundo a frase moderna, entraram em Coimbra, Massena fingiu que não queria que se saqueasse a cidade; mas depois deixou roubar á vontade e elle fez o mesmo. Tendo elle roubado um riquissimo oculo do observatorio, offereceu-o ao marechal Ney, que respondeu com dignidade: «Eu vim *conquistar* e não *saquear* Portugal.» Então Massena ficou com o oculo para si, e usou depois sempre d'elle descaradamente.

—

Conventos

Tinha Coimbra oito conventos (de ambos os sexos) na cidade, e 22 no seu termo.

Coimbra tinha, só na cidade, 8 conventos e 23 collegios de differentes ordens religiosas (que eram outros tantos conventos) vindo a ser ao todo 31, com 22 conventos no seu termo, eram nada menos de 53!

Na freguezia de Castello Viégas

Cruzios (dobrado) chamado antigamente *S. Jorge a par de Coimbra.* Eis como principiou:

Em 1080, D. Sisnando, conde e governador de Coimbra, em cumprimento de um voto, fundou uma capella dedicada a S. Jorge, a 3:000 metros de Coimbra, no sitio chamado Valle do Monte, junto á matta de Mirláos.

D'ahi a quatro annos (1084) fundou o mesmo D. Sisnando, aqui, um convento de conegos e conegas de Santo Agostinho, lançando-lhe a primeira pedra o bispo de Coimbra, D. Paterno, a 23 de abril d'esse anno, e concluindo-se a egreja e mosteiro, em 1088.

Deu-lhe o conde, para rendas, varias herdades suas, no campo de Tentugal e uma azenha e vinhas no logar da Copeira, junto ao mesmo mosteiro, e varias herdades no Ameal.

Morreu D. Sisnando a 25 de agosto de 1091 (ficando-lhe só uma filha chamada D. Elvira Sisnandes) e deixou por testamento a este convento mais a terça parte da sua prata lavrada.

D. Elvira casou com Martim Moniz, que succedeu a seu sogro no condado e governo de Coimbra.

Salvador Guimariz, sobrinho de Martim Moniz e frade d'este convento, adoptou com a sua communidade a regra de Santo Agostinho, em 1125. Este Guimariz augmentou muito o convento. Era padroeiro d'elle, mas doou o padroado á ordem, em julho de 1126. Nunca quiz passar de diácono.

D. Affonso I, e muitos particulares, fizeram grandes doações a este convento, e já em 1190 [illegible] muito rico e tinha 26 conegos e nove conegas.

Junto ao convento havia um hospital para pobres, com uma albergaria para peregrinos.

Em 1128, um fidalgo de Coimbra, chamado D. Payo Grão de Milho (!) e sua mulher D. Suzana, deram ao convento tudo quanto tinham, que era umas casas nobres, na rua das Fangas, umas vinhas em Villa-Franca, outras na Portella, outras em Villa-Pouca.

Em 1148, lhe doou tambem Gonçalo Viegas e sua mulher Justa Arias, a varzea do Mondego, que está ao pé do mosteiro, e uns olivaes.

Salvador Viegas, senhor de Castello Viegas, deu ao convento tudo quanto tinha, em 1166, e por morte de sua mulher, D. Aldonça (ou Dulce, que é o mesmo) se fez frade deste convento.

D. Sancho I, lhe deu tudo quanto tinha no logar de Façalami.

O papa Honorio 3.º isentou este convento da jurisdição ordinaria, por breve de 19 de fevereiro de 1221, pela renda annual d'um bizancio (400 réis.)

D. Affonso III, lhe deu, em 1259, a egreja da Magdalena, de Portalegre. Já então o convento era padroeiro de 6 egrejas (Santo Estevão de Castello Viegas; Nossa Senhora da Hora; de Façalami; S. Justo, do Ameal; S. Thiago da Covilhan e annexa; S. Sebastião de Ferro e S. Vicente da Beira.)

Tinha tambem umas casas em Coimbra, na rua da Moéda.

O papa Julio II, deu o padroado deste convento a D. Manuel, em 1488.

Na egreja primittiva, que era de 3 naves, estava sepultado, na capella mór, em tumulo muito bem lavrado (da parte do evangelho) mettido na parede, um filho do conde D. Sisnando, que morreu creança: e da parte da epistola, a sepultura, tambem muito bem lavrada, de D. Diniz d'Alpoem, senhor d'Esgueira e embaixador d'Aragão.

Vasco Pires da Cunha, instituidor do morgado d'Antanhol, que morreu em 1389, tambem aqui esteve sepultado.

Em 1526, estando a egreja muito velha, foi arrazada, por ordem do prior, D. Martinho de Portugal, e feita a nova, de uma só nave.

Então se destruiram as duas primeiras sepulturas e só se conservou a terceira. Este D. Martinho era irmão do conde do Vimioso, nuncio apostolico, embaixador do papa Clemente VII, arcebispo do Funchal e primaz das Indias.

Em 1538 foi achada a sepultura do diacono Salvador Guimariz, um dos fundadores do convento, enterrado ha mais de 400 annos.

Foi a ossada mettida em um caixão de cedro e collocada debaixo do altar-mór.

Foi aqui prior o pusilanime cardeal D. Henrique, depois rei. Succedeu-lhe Jorge Coelho (irmão do célebre Nicolau Coelho, companheiro de Vasco da Gama) que fez as salas dos priores-móres, do lado do Mondego, com uma bellissima varanda para o nascente.

Este Jorge Coelho era homem de muitos talentos, doutor em canones e bom poeta latino. Morreu em 28 d'agosto de 1563 e jaz no meio da capella-mór em sepultura raza.

As rendas da Mêsa prioral d'este convento foram annexadas pelo cardeal D. Henrique ao collegio dos jesuitas d'Evora, por provisão sua de 16 de outubro de 1563, ficando o convento só com os rendimentos da Mêsa conventual, padroados das 7 egrejas, casas dos priores-móres, a varzea, a matta com sua cêrca e a coutada do rio.

Em 17 d'agosto de 1568 foi este convento unido ao de Santa Cruz de Coimbra. É por esta razão que o descrevo em Coimbra, e tambem por ser nos seus arrabaldes; mas elle é na freguezia de Castello-Viégas.

Em Coimbra

1.º *Cruzios*—Convento de Santa Cruz, de conegos regrantes de Santo Agostinho.

Foi fundado por o conego arcediago da Sé de Coimbra, D. Tello, em 1131.

O convento e suas dependencias occupavam um espaço quasi egual ao de todo o resto da cidade!

Lançou-se-lhe a primeira pedra a 28 de junho d'esse anno. Foi benzida pelo bispo de Coimbra D. Bernardo, e lançada por D. Affonso Henriques.

Entraram os frades para o convento, em

24 de fevereiro de 1132, que n'aquelle anno foi quarta feira de cinza.

D. Tello (o fundador) nasceu em Coimbra, a 3 de maio de 1070. Era filho de D. Odorio Telles, capitão de D. Fernando Magno, e senhor de algumas terras em Cantanhede e Arouca. Sua mulher era D. Eugenia, irman de D. Sisnando, conde de Coimbra.

A primittiva fundação d'este convento foi nos arrabaldes da cidade, no sitio chamado *Valle deRibella*, ou *Banhos da Rainha*, ou *Banhos Reaes*, onde já havia uma antiga egreja, dedicada a Santa Cruz. Este sitio tinha sido de D. Suzana, mãe do conde D. Sisnando, que por seu fallecimento deixou á Sé o padroado da egreja, com casas e hortas que estavam junto d'ella. A mesma senhora deixou os banhos a D. Thereza, viuva do conde D. Henrique, que os deu a D. Tello; o que seu filho D. Affonso Henriques confirmou em 5 de dezembro de 1129.

Vendeu o cabido a D. Tello, por *30 morabitinos d'ouro* (cada *morabitino* valia 500 réis) as casas e hortas, a 20 de dezembro de 1129. Confrontava este terreno pelo E. com *Isac*, hebreu; O. com a egreja de Santa Cruz; N, com o caminho publico, e S. com os Banhos Reaes.

Tambem o bispo de Coimbra, a pedido de D. Affonso Henriques, cedeu a D. Tello o padroado da antiga egreja de Santa Cruz.

O convento no seu principio só tinha 12 cellas, mas D. Affonso Henriques o augmentou muito e lhe deu muitas alfaias e rendas, podendo desde então ter 60 frades.

O 1.º prior-mór, foi S. Theotonio, e 1.º prior-castreiro D. Odorio, que depois foi bispo de Viseu. (Chamava-se, prior-castreiro, ou da crasta, porque á claustra se dava n'esse tempo o nome de crasta.)

Por breve de Innocencio 2.º era este mosteiro isento de toda a jurisdição episcopal e immediato á Sé apostolica. Os priores-móres de Santa Cruz tinham jurisdição, não só episcopal, mas até metropolitana, nas egrejas do seu padroado. Das sentenças dos priores-móres só se appellava para a curia romana.

As rendas d'este mosteiro eram eguaes ás dos maiores bispados do reino.

A actual egreja e convento de Santa Cruz é fundação de D. Manuel, no principio do seculo XVI, e D. João III a ampliou.

O pulpito de Santa Cruz, mandado tambem fazer por D. Manuel, é das mais primorosas obras de esculptura em pedra que temos no reino, e talvez a melhor no seu genero, em toda a Europa. Está tão perfeito e tão bem conservado como se fosse feito hoje. Em 1866 foi este pulpito modelado em gesso (pela associação dos architectos civis portuguezes) e ficou optimo. Esta copia em gêsso, foi á exposição de Pariz (de 1867) e ahi figurou com geral admiração, na sécção retrospectiva das artes.

Suppõe-se que o pulpito é obra de João de Ruão, esculptor francez do seculo XVI.

Foram conegos d'este mosteiro, D. Affonso I, D. Sancho I, D. Affonso II, D. Sancho II (este andou mesmo d'habito d'esde creança, por isso lhe chamaram o Capêllo.)

Foram tambem aqui conegos muitos infantes e pessoas da familia real.

Dois reis (ou régulos) mouros, chamados *Joas* e *Cia*, prisioneiros em Ourique, e que vieram com o rei para Coimbra, e faziam serviço de seus criados da camara, se converteram e baptisaram, tomando os nomes de Affonso e Giraldo (sendo o rei padrinho) e foram conegos de Santa Cruz. O 1.º disse missa e o 2.º foi só *converso*.

Está de tal módo ligada a historia do convento de Santa Cruz, com a de Coimbra, e mesmo com a de Portugal, que pedimos perdão aos nossos leitores de sermos tão extensos na descripção das cousas d'este convento, e continuâmos.

Era Coimbra muito falta d'agua, não tendo quasi nenhuma fonte; porque os cruzios a tinham usurpado quasi toda, tendo o convento e cêrca cobertos de profusão de fontes, sem que, por bem, quizessem ceder da superabundante, para a cidade.

Houve d'isto muitas queixas a varios reis, que todas eram abafadas pelo enorme poderio dos frades.

Em 1570, houve uma grande sécca e o povo andava desesperado por o convento ter trez vezes mais agua do que toda a ci-

dade, e o representaram á D. Sebastião.

Como os frades a nada se moviam, e teimaram em querer toda a agua, apegando-se á posse de mais de 400 annos, o rei mandou o desembargador João Borges, com ordens e poderes de tirar a agua superflua aos frades e a dar á cidade.

Mandou o desembargador fazer uma grande cava, para tirar a agua, mas os frades de noute a tornaram a entupir. Excommungaram o desembargador e todos os magistrados, officiaes e operarios que assistiam á obra, e se foram queixar ao rei, que estava em Santarem; mas nada lhes valeu; porque Martim Gonçalves da Camara, secretario da puridade, mandou a Coimbra outro desembargador, chamado Gaula, mais energico do que o 1.º, que levou a obra por diante, fazendo até algumas violencias aos frades, taes como, arrazar-lhes todo o muro do lado d'onde corria a agua, arrancar-lhes algumas arvores e multal-os em 600$000 réis para as custas da alçada.

Ficou tambem excommungado, é verdade; mas esta bôa obra progrediu com rapidez, pois toda a cidade trabalhava com afan, e foram rápidamente feitos os arcos e aqueducto, ficando assim a cidade dotada d'este indispensavel melhoramento.

A este aqueducto se chama de S. Sebastião, em memoria do nome do monarcha que o mandou construir. Tem 22 arcos de bastante altura. Quatro foram as fontes que então se tiraram aos frades, que apesar d'isso ficaram com agua sufficiente para as suas precisões.

Os frades foram queixar-se a Roma; mas, apenas conseguiram que o rei lhes desse certas terras pela agua que lhes tirou.

A egreja era riquissima em alfaias e paramentos, dados por muitas pessoas reaes e particulares. Os francezes lhe roubaram uma bôa parte, em 1807 e 1809. Restavam ainda muitas preciosidades que se poderam subtrahir á rapacidade das hostes de Junot; mas em 1834, outros *salteadores* ainda peores lhe roubaram tudo quanto tinha escapado ás hordas buonapartistas!

Ninguem soube onde tanta riqueza foi parar, só se se sabe que a riquissima *custodia* que aqui havia, esteve exposta por muito tempo em casa de um ourives de Londres.

Em 25 de outubro de 1505, D. Manuel mandou trasladar para esta egreja os restos de D. Affonso I (para o seu actual mausoleu, mandado fazer por aquelle rei) e ordenou que o fallecido rei désse beijamão, sendo D. Manuel o primeiro que cumpriu esta ceremonia, pela 2.ª vez vista em Coimbra.

Tambem aqui jaz D. Sancho I, em outro mausoleu tão sumptuoso como o de seu pae, e tambem mandado fazer por D. Manuel.

Estes dois tumulos e o primorosisimo pulpito da egreja, são as 3 mais notaveis obras d'este edificio. Tambem aqui jaz *S. Theotonio*, amigo e conselheiro do nosso primeiro rei, e primeiro prior de Santa Cruz.

No claustro da *Manga*, ha uma capella, cujo tecto e paredes são formadas de caveiras, tibias e outros ossos humanos. São dos bravos portuguezes fallecidos na gloriosa batalha d'Ourique. Hoje está tapada a porta d'esta capella. Foi D. Affonso I que aqui mandou reunir estes ossos, para serem conservados, como um *pantheon* de gloria, erigido á memoria d'esses heroes que perderam a vida pela sua patria.

A Chronica dos Cruzios, attesta a identidade d'estes ossos.

O mosteiro serve hoje de administração do correio e outras repartições. A cêrca foi vendida por *uma tuta e meia* (e o dinheiro devorado.) É pois hoje propriedade particular, e uma das melhores cousas de Coimbra, e das maiores, mais bellas e melhores *cêrcas* das ordens religiosas de Portugal. Suas ruas, escadarias, lagos, fontes, cascatas, etc, tudo era magestoso e magnifico, parecendo mais a quinta de recreio de um manarcha, do que a cêrca de um convento.

Todas estas esplendrosas obras foram construidas no tempo do reformador da congregação dos conegos regrantes de Santo Agostinho, D. freire Gaspar da Encarnação, no reinado de D. João V.

Depois da extincção das ordens religiosas, tem-se praticado n'esta quinta vandalismos inauditos.

Grande parte dos seus gigantescos arvo-

redos foram cortados ou arrancados, e muitas ruas destruidas, com o fim d'alargarem a cultura dos cereaes, por mais alguns metros de terreno.

A pezar de tudo, ainda aqui resta muito que admirar, e que convida a visitar a cêrca dos cruzios.

Algumas ruas largas e extenças, toldadas de frondoso arvoredo; o celebrado largo circular, orlado por altas paredes de cedro; o grandioso terreiro *do jogo da bola*, com os seus trez lindos arcos, coroados pelas estatuas da *Fé, Esperança e Caridade*, com a sua lindissima *cascata* e com os colloçaes e copados arvoredos que o assombram; as *magestosas escadarias*, entremeiadas de vistosos *repuchos;* a paragem encantadora da *Fonte da Nogueira*, etc. etc.

Tambem ainda restam algumas arvores seculares, que causam pasmo por sua corpolencia, principalmente os loureiros, dos quaes disse o célebre botanico Link na sua *Voyage en Portugal.* — «si l'on desire voir des lauriers des Indes, de Goa *(laurus indica)* dans toute leur magnificence, c'est ici qu'on doit se rendre.».

—

Coimbra formava um dos seis bispados em que o concilio de Lugo (convocado em 569) dividiu a Lusitania. Tinha cinco egrejas (ou freguezias) Vide Bispado.

—

No *Livro Preto* de Coimbra a fl. 297 v. está a doação da egreja de S. Julião, junto á foz do Mondego, feita pelo abbade Pedro, á Sé de Coimbra, sendo bispo D. Cresconio. N'ella se diz que esta egreja fora destruida pelos serracenos, e elle doador, com favor e ajuda de algumas pessoas tementes a Deus, a havia restaurado nos edificios e bens, por auctoridade do *consul* D. Sisnando, (Vé-se que n'aquelles tempos tambem ao grande conde D. Sisnando se dava o titulo de consul.) Vide Figueira da Foz.

Em 1098, segundo o mesmo livro (n.º 61) mas em 1090, segundo o original que está na torre do Tombo, o sacerdote *Frogia*, com seu irmão, o presbytero *Ero, divae memoriae*, doaram a esta Sé a egreja de Santa Eulalia do Couto de Baixo, junto a Viseu, os quaes a tinham edificado na sua propria herdade, e a doram com todas as suas pertençrs e moveis.

Segundo o mesmo liv. e no anno de 1101, o presbytero *Ermígio*, doou á mesma Sé, a egreja de S. Miguel de Molellos, no Valle de Bésteiros, *com seus passaes, terras rotas e por romper, pedras moveis e imoveis, vinhas, pomares, cortes, casas, livros, calix, vestimentas, ornamentos da egreja etc. etc. tudo isto para sustento e vestido dos monges, luzes dos altares e esmolas dos pobres.*

Em 1094, o conde D. Raymundo e sua mulher, a *rainha* D. Urraca (irman de D. Affonso VI de Castella) deu á mesma Sé o célebre mosteiro da *Vacariça.*

—

2.º *Freiras de Santa Clara* (franciscanas) —da outra banda do rio.

Foi fundado por D.ª Maior Dias, riquissima senhora d'esta cidade, em 1286, dando a fundadora para elle as casas e herdades que alli tinha, com vinhas e olivaes, etc.

Ainda hoje são notaveis as ruinas d'este convento, onde por varias vezes habitou a santa esposa de D. Diniz I.

Lançou-se a primeira pedra na egreja, a 12 de agosto (dia de Santa Clara) de 1298. Lançou-a o bispo de Coimbra D. Pedro.

Mas a primeira pedra do convento foi lançada a 28 de abril de 1286.

Em 1311, morreu D. Maior (ou Mór) Dias, e os cruzios de Coimbra, allegando que D. Maior tinha primeiro professado a regra de Santo Agostinho, se apossaram do convento e de tudo quanto lhe pertencia, mandando as freiras para diversos conventos de franciscanas, ficando-lhe com todos os bens e rendas, que eram de muito valor. A egreja e o convento, como eram de humilde fabrica e lhe não rendiam nada, entregaram-os aos frades franciscanos. Tres annos depois, a rainha Santa Isabel reivindicava o convento para as freiras franciscanas; mandando então alargar o convento, fez nova e mais sumptuosa egreja e deu-lhe para cêrca extensos campos na margem esquerda do Mondego, que mandou cercar de altos muros, dando-lhe tambem muitas rendas.

Contiguo ao convento fez erigir um hos-

pital para pobres, o qual tambem dotou liberalmente. Depois de viuva, passava a santa rainha a maior parte do tempo n'este convento, com o habito franciscano e sujeitando-se a todas as austeridades da ordem. Aqui viu morrer sua neta, a infanta D. Isabel, filha de D. Affonso IV e da rainha D. Beatriz. Tambem aqui veio morrer a infanta D. Isabel, filha de D. Pedro III, de Aragão, irman da rainha santa. Morrendo esta em Extremoz, a 4 de julho de 1336, veio ser aqui sepultada, em rico mausoleu de marmore.

Casou aqui o infante D. Duarte (depois rei) com a infanta de Aragão, D. Leonor, em 22 de setembro de 1428.

Aqui veio tambem professar (violentada) e morrer, com o titulo de *excellente senhora*, a infeliz princeza D. Joanna, filha de D. Henrique IV, de Castella, e da rainha D. Joanna, de Portugal, filha de D. Duarte. Foi casada com D. Affonso V, de Portugal e era legitima herdeira da corôa de Castella; mas o papa annullou este casamento (por D. Affonso V ser tio da rainha) e sendo encerrada, em 1479, no convento de Santa Clara, de Santarem, foi para aqui mudada pouco depois e obrigada a professar.

Este convento foi mudado por D. João IV, em 1649, para o sitio actual, por este estar quasi enterrado com as areias do rio. (Vide adiante o outro convento de Santa Clara.)

—

3.º *Freiras de Sant'Anna* (eremitas descalças de Santo Agostinho)—fundado por D. Miguel Paes, bispo de Coimbra, em 1174, dando-lhe para isto sua irman, D. Joanna Paes, umas casas, vinhas e olivaes que aqui tinha.

O sitio em que se fundou este convento era muito aprasivel e fresco, e estava junto á ponte velha (onde agora péga a ponte nova com a velha) tão eminente ao rio, que entre elle e o convento havia uma ladeira plantada de oliveiras.

Foi lançada a primeira pedra no dia de Santa Anna, a 26 de julho de 1174 e foi concluida a obra em 1184, em cujo anno o foram habitar tres freiras, que eram a dita D. Joanna Paes (fundadora) que foi a primeira prioresa, e mais duas, que todas vieram do convento de S. João das Donas.

As rainhas D. Sancha e D. Thereza, filhas de D. Sancho I (irmans da rainha Santa Mafalda) lhe deram algumas rendas.

Chamavam-se (pela grande penitencia que faziam) as *reclusas*, ou *encelladas* ou *emparedadas*, de Sant'Anna. Eram muito pobres e as freiras de Cellas tinham obrigação de lhe darem certas esmolas, por legado da dita rainha D. Sancha. Como esta esmola não fosse paga pontualmente, por demanda e sentença, foi reduzida a certos moios de trigo. (Vide Cellas, vide tambem em Alemquer a egreja da Senhora da Redonda.

Muitos particulares lhe fizeram doações.

Em 1284, já o rio chegava ao convento, innundando-o, pelo que se mudaram para o sitio da *Vinha da Varzea*, em 1285.

Foi o bispo de Coimbra D. Aymerico, que fez mudar as freiras para este segundo sitio, que era uma quinta do *mestre Estevão*, deão da Sé; que a deixou para se mudarem para aqui (fugindo aos estragos do rio) as freiras do antigo convento.

D'aqui (por ser o sitio doentio) se mudaram para o logar de S. Martinho do Bispo, pouco distante do rio, para uma quinta que era dos bispos de Coimbra, chamada por isto *Quinta dos Bispos*.

O bispo de Coimbra D. Affonso de Castello Branco, fundou o sumptuoso convento de Sant'Anna, fóra das portas do castello da cidade, e para elle vieram as freiras de S. Martinho do Bispo, em 1612, e então mudaram o habito de conegas, pelo de eremitas, mas tudo de Santo Agostinho.

Do primeiro convento apenas restam leves vestigios; pelo que mal se divisa onde foi.

—

Convento de S. Francisco Velho—junto á ponte, pelo lado debaixo d'ella. (Foi submergido pelo rio, sem deixar vestigios.)

Era fóra dos muros. Fundou-o o infante D. Pedro, filho de D. Sancho I, pelos annos 1215, e o ampliou depois sua irman bastarda, D. Constança Sanches, em 1247.

S. Francisco de Assis veio de Hespanha com dois religiosos e chegou a Coimbra em

1214, reinando D. Affonso II. Pediu a D. Urraca, mulher do rei, para pedir ao cabido de Coimbra que lhe cedesse a capella de Santo Antão, abbade, que estava ao norte da cidade e era do cabido. Dando-lh'a este, alli deram principio ao convento, que foi o primeiro d'esta ordem em Portugal; mas este convento não merecia tal nome (pela sua pequenez) até que o infante D. Pedro e sua irman fizeram d'isto um solidissimo e magestoso mosteiro. Até á canonisação de Santo Antonio de Padua, chamava-se *convento de Santo Antão, abbade,* e depois d'ella, se lhe mudou o titulo para o de *Santo Antonio dos Olivaes,* em commemoração de Santo Antonio e em razão das muitas oliveiras que por aqui havia. Tinha as paredes tão grossas e solidas e portas tão seguras, que serviu de fortaleza a D. Diniz, na guerra civil que lhe moveu seu filho D. Affonso (depois IV). Tambem aqui se fez forte D. Henrique II, de Castella, e o traidor D. Diniz (filho de D. Ignez de Castro) contra as tropas portuguezas de D. Fernando I.

Aqui se reuniram as côrtes que, a 6 de abril de 1385, acclamaram legitimo rei de Portugal a D. João I. O maior vulto e melhor orador n'estas côrtes e a quem o rei deveu a corôa, foi o immortal dr. *João das Regras.* Vide Santo Antonio dos Olivaes.

—

4.º *Freiras bernardas de Cellas de Wimarães*—fundado por a infanta D. Sancha, filha de D. Sancho I, em 1210. Vide Cellas.

—

5.º *Frades dominicos*—fundado pelas infantas D. Branca e D. Thereza, filhas de D. Sancho I, pelos annos de 1226, no sitio da Figueira Velha. Foi sepultado sob as areias do Mondego, e só d'elle existia parte do campanario, no tempo de fr. Luiz de Sousa.

Em 1547 foram os frades mandados para o actual convento da Sophia.

Chama-se hoje ao sitio onde existiu o convento, *Chão da Torre,* e é uma rendosa insua, de que é proprietario o sr. dr. Fernandes Costa (lente de medicina) que traz isto perfeitamente cultivado, e fez aqui uma grande plantação de amoreiras, para sustento do sirgo e fabrico da seda, pelos processos modernos, e em grande escala.

6.º *Frades franciscanos de Santo Antonio dos Olivaes*—Está actualmente aqui estabelecido um collegio; o que o tem preservado de estar em ruinas. Adiante darei mais algumas noticias com respeito a este convento.

Tendo o Mondego invadido o antigo convento (de S. Francisco Velho ou de Santo Antão) apesar dos fortes muros que os frades lhe fizeram e dos 20 degraus que era preciso subir para chegar á egreja; pediu e obteve o rei D. Manuel, do papa Julio II, um breve, em 1506, permittindo a mudança do convento para sitio mais seguro. Escolheu-se o local na encosta do monte de Nossa Senhora da Esperança, que ficava proximo, mas mais alto. O novo convento foi feito á custa de esmolas do povo e só em 1609 é que para aqui se fez, com grande pompa, a mudança das imagens, dos frades, etc. Aqui foi conventual fr. Antonio das Chagas (vide Varatojo) e D. Philippe, principe de Ceitavaca, que sendo prisioneiro na ilha de Ceylão, se baptisou em Goa e aqui morreu novo.

—

7.º *Freiras bentas*—fundado por fr. Diogo de Murça, em 1555, nos paços da universidade (de que elle era então reitor) e depois se mudou para onde agora está, fóra das portas do castello.

A egreja foi sagrada a 19 de março de 1639.

—

Freiras franciscanas de Santa Clara—ao sul da cidade, além da ponte, no cimo de um monte. Foi fundado por D. João IV, no sitio chamado a *Esperança,* e lhe lançou a primeira pedra a 3 de agosto de 1649, (sendo reitor da universidade) o bispo de Viseu, D. Manuel de Saldanha. Este edificio ficou apenas na quarta parte.

Foi architecto e deu o risco, fr. João Turriano, frade benedictino, e director da obra, D. Antonio Luiz de Menezes, conde de Cantanhede e primeiro marquez de Marialva, célebre e valoroso general durante a guerra da independencia. Vieram para aqui as freiras a 29 de outubro de 1677, com grande magnificencia.

Na capella-mór da egreja, em rico tumu-

lo de prata, jaz Santa Isabel, mulher de D. Diniz.

No côro de baixo ainda se vê o magnifico e antigo tumulo de pedra, em que primeiramente estava depositada á santa rainha. É todo ornado de esculpturas em alto relevo, tendo sobre a tampa a estatua de Santa Isabel. Este mausoleu veio para aqui mudado do antigo convento de Santa Clara.

Em 1612, quando se tratava da canonisação d'esta santa, por ordem do papa Paulo V, se abriu a sepultura da rainha e se achou o cadaver em tão bom estado e tão flexivel, como se tivesse sido enterrado n'aquelle instante, apesar de haverem passado quasi tres seculos depois da sua morte. (Vide o convento de Santa Clara, antecedente.)

Ainda tem algumas freiras.

Não leva numeração, porque é o mesmo do n.º 2, ou d'elle procedente.

Adiante, no collegio de S. Thomaz (11.º) fallo mais detidamente n'este convento.

—

8.º *Freiras de Santa Thereza* (carmelitas descalças)—Proximo do *Penêdo da saudade*. Foi primeiramente em umas casas da quinta de Simão Pereira Homem, no sitio da Arregaça, que para isso ageitou o conego Manuel Moreira Rebello, e no que gastou quinhentos e quarenta mil réis. Frei José de Jesus Maria José, provincial da ordem, nomeou 11 religiosas de diversos mosteiros do reino, para a instituição do convento; as quaes aqui entraram em 14 de fevereiro de 1739, hospedando-se essa noite no convento de Sant'Anna, e no dia seguinte (que era domingo) se estabeleceram provisoriamente na Arregaça. A 6 de abril do mesmo anno, vieram mais duas religiosas para fundadoras.

No sitio do *Casal do Chantre*, doado pelo dito conego Rebello, se deu principio ao novo convento, lançando-se-lhe a primeira pedra, no dia 9 de abril de 1740 (dia de Nossa Senhora das Dôres.)

As freiras deixaram o hospicio da Arregaça, e entraram no seu novo convento, a 23 de junho de 1744.

—

Collegios das differentes ordens religiosas

1.º *Collegio da Graça* (eremitas descalços de Santo Agostinho, *gracianos*.)—Foi fundado por D. João III em 1543. Está situado na rua da Sophia. A irmandade do Senhor dos Passos está de posse da egreja. O resto do edificio pertence á camara municipal e está occupado pela eschola regia de instrucção primaria, quartel militar e theatro da Boa União.

—

2.º *Nossa Senhora do Carmo* (carmelitas calçados) fundado pelo arcebispo de Braga D. frei Balthazar Limpo, com ajuda de D. João III, em 1560. Foi depois augmentado pelo célebre bispo de Portalegre D. frei Amador Arraes, que reconstruiu a egreja e sachristia.

Foi em uma das cellas d'este collegio que Arraes escreveu os seus excellentes *Dialogos*.

Jaz este illustre varão enterrado no centro da capella-mór da egreja (em cumprimento dos seus desejos) tendo uma lapide singela, sem brazão nem insignias, e só com a inscripção que se lê a pag. 365 do 1.º volume. (Para tudo que diz respeito a fr. Amador Arraes, vide Beja, sua patria.)

A egreja é de uma só nave, de abobada apainellada, e tem sete altares. E' de architectura singela. Em um dos altares lateraes, está uma pintura, em madeira, de muito merecimento, representando a morte de Santa Maria Magdalena.

No frontespicio da egreja estão duas lapides, rematadas pelas armas episcopaes, com as seguintes inscripções:

A. D. AMATORE. E. PO PORTALEGR. CONS TRVCTVM. 1597.	IN HONORE BE ATISSIMAE VIRGI NIS DE MÕTE CARM.

Por carta regia de 15 de setembro de 1841, foi concedida á Ordem terceira da Penitencia, esta egreja; escapando assim este bello edificio á devastação e ruinas que depois da extincção das ordens religiosas a muitos couberam por sorte.

A Ordem terceira, que aqui se estabeleceu, é das mais devotas, ricas, florescentes e bem administradas de Coimbra.

D'aqui sahe a imponente procissão de *Cinza*, com grande quantidade de ricos andores e bellissimas imagens.

A direcção da ordem instituiu n'este collegio um hospital, onde são recebidos os irmãos pobres.

Ao sr. dr. Manuel Martins Bandeira (d'aqui natural e pae dos illustrados doutores Abilio Augusto Correia Bandeira e Manuel Augusto Correia Bandeira) já fallecido, se deve a instituição d'este caridoso estabelecimento, pois, além dos seus valiosos donativos, promoveu uma productiva subscripção para se effectuar o hospital.

Em reconhecimento dos grandes serviços prestados á Ordem terceira, foi o seu retrato collocado em uma das salas do collegio.

Era o sr. Bandeira, commendador da Ordem de Nossa Senhora da Conceição de Villa Viçosa, lente de prima, jubilado, na faculdade de philosophia, vogal ordinario do conselho superior de instrucção publica, e geralmente respeitado e bem quisto por suas bellissimas qualidades.

Falleceu em 5 de setembro de 1862, deixando viuva, tres filhos e tres filhas.

Tambem alli se vêem os retratos dos illustres bemfeitores da ordem, os srs. Sebastião José de Carvalho, bacharel formado em direito pela Universidade de Coimbra, residente no Brasil e D. Francisco da Conceição de Maria Cardoso e Castro, conego regular de Santo Agostinho, em Santa Cruz, e Adriano Correia Bandeira, filho do instituidor, e negociante da praça do Rio de Janeiro.

—

3.° *Jesuitas* (das Onze mil Virgens)—fundado por D. João III, em 1564. Chamava-se vulgarmente *Collegio das artes.* O mais vasto e magestoso d'esta ordem em Portugal. A egreja é hoje a Sé Nova, que vae descripta adiante, nas freguezias da cidade.

O edificio do collegio é actualmente hospital e outras officinas da Misericordia. (Vide adiante Sé Nova.)

—

4.° *Santo Eloy* (conegos seculares de S. João Evangelista, loyos)—edificado no melhor sitio da cidade, ao cimo da Rua Larga.

Lançou-se-lhe a primeira pedra em 6 de maio de 1631. Serve hoje de palacio do governo civil, repartição da fazenda e estação telegraphica.

—

5.° *dos Militares,* na rua dos Militares.—Foi fundado pela Mesa da Consciencia e ordens, lançando-se-lhe a primeira pedra, no dia 25 de julho de 1615. Foi destinado para a instrucção litteraria dos cavalleiros das ordens militares de S. Thiago e S. Bento. D'elle sahiram muitos varões illustradissimos, que vieram a occupar os primeiros logares da republica.

É hoje hospital de molestias cutaneas chronicas (lazaros) cuja administração está a cargo da faculdade de medicina.

O primittivo hospital d'esta qualidade de molestias (*gafaría*) era fóra das portas de Santa Margarida, á beira do Mondego. Tinha sido instituido por D. Sancho I, pelos annos de 1200. Em 1774, por decreto de 15 de abril, foi unida á Universidade a administração d'este hospital, e depois da suppressão das ordens religiosas, foi mudada para este collegio.

—

6.° *de Santa Cruz* (de conegos regrantes de Santo Agostinho, *crusios*)—tambem se chamava *Collegio da Sapiencia,* e vulgarmente *Collegio Novo.*

Foi fundado pelo prior geral da ordem, D. fr. Acursio de Santo Agostinho; lançou-se-lhe a primeira pedra, a 30 de março de 1593. Os collegiaes e seus mestres foram para aqui transferidos no principio de julho de 1604. Foi seu primeiro reitor o dito D. fr. Acursio. É um magnifico edificio, hoje occupado pelos collegios dos meninos orphãos (de ambos os sexos) e outras repartições da Santa Casa da Misericordia.

Em um dos altares da egreja estava uma bellissima imagem do Menino Jesus, sobre uma peanha de cortiça, com resplandor e bandeira da mesma materia, obra delicada e curiosissima de um frade do Bussaco. Em 1810, um general francez dava por esta imagem aos frades uma grande quantia de di

nheiro, e os frades não lh'a quizeram ceder; mas *uns francezes* menos escrupulosos, a roubaram em 1834 e nunca mais appareceu.

—

7.º *de Santo Antonio da Pedreira*—de frades capuchos da provincia de Portugal. Situado na rua da Trindade e proximo das *Escadas de Minerva.* Foi fundade em 1602. É hoje *asylo da primeira infancia desvalida.* Foi aqui instaurado este pio estabelecimento em 1836, com 12 meninos pobres, tirados á sorte; mas este numero tem augmentado consideravelmente. Foi fundado por esmolas do povo da cidade.

—

8.º *de S. Bento*—fundado primittivamente no proprio edificio da Universidade, pelo reitor d'ella, D. Diogo de Murça, em 1555. Depois mudou-se para casa propria, que se concluiu em 1689. Está junto do aqueducto de S. Sebastião.

A ordem benedictina foi uma das mais illustradas e que mais serviços prestou ás lettras patrias.

D'aqui sahiram sempre varões insignes em virtudes e sciencias.

Já n'este seculo foram d'este collegio, entre outros muitos, D. fr. Joaquim de Santa Clara, lente de prima de theologia e arcebispo d'Evora; D. fr. Vicente da Soledade, tambem lente de theologia e arcebispo da Bahia; e D. fr. Antorio de Santa Rita, arcebispo de Góa e primaz do Oriente.

A egreja é magnifica e o edificio um dos mais vastos e bellos de Coimbra. A egreja foi sagrada em 19 de março de 1634, por fr. Leão de S. Thomaz, insigne escriptor, cujas obras ainda são muito estimadas, principalmente a *Chronica* a que deu o titulo de *Benedictina Lusitana,* da qual muito aproveitei para esta obra.

No cruseiro do templo, em frente da capella-mór, está sepultado este illustre filho de Coimbra, com uma lapide que diz:

M. F. LEO AD THOMA.
RELIGIONIS BIS GE
NERALIS, ACADEMIAE
PRIMARIVS, ET SAEPIVS
VICE RECTOR. OBIIT
DIE 6 IVNII 1651.

Este edificio soffreu grandes estragos, quando serviu de quartel militar, em 1849: chegou o vandalismo a arrancarem as guarnições de metal dos gavetões da sachristia e das grades de páo preto, que para isto despedaçaram.

O governo deu depois o edificio á faculdade de philosophia, para aqui estabelecer o lyceu e as precisas repartições do jardim botanico; mas a falta de meios obrigou a direcção a arrendal-o ao sr. dr. Manuel Xavier Pinto Homem, que aqui estabeleceu um optimo collegio de instrucção secundaria, considerado como o melhor do reino.

Tem produzido excellentes estudantes.

—

9.º *De S. José dos Mariannos* (hoje Collegio das Ursulinas)—Pertenceu á ordem dos carmelitas descalços. Foi primeiro fundado em umas casas do conde de Portalegre, ás portas de *Belcouce,* no principio da rua das Fangas, no dia 18 de julho de 1603; mas, passados tempos, se principiou casa propria para elle; sendo lançada a primeira pedra pelo bispo D. Affonso de Castello Branco, a 11 de outubro de 1606.

Dava-se então ao sitio onde foi fundado o novo collegio o nome de *Outeiro da Genicóca.* Depois, os estudantes, em razão dos muitos malmequeres amarellos que então aqui havia, o *chrismaram* em *Monte Aureo.* É um bello sitio, passando-lhe ao sopé o rio Mondego.

O collegio das Ursulinas é um dos melhores, senão o melhor do reino, onde as meninas recebem uma esmeradissima educação moral e religiosa, aprendendo todas as prendas que podem adornar o bello sexo.

Foi primittivamente fundado na villa de Pereira (vide esta palavra) em 1748. D'ahi a 100 annos (1848) em razão do mau estado do edificio e das suas más condições sanitarias, e sendo convidadas as ursulinas pela abbadessa das freiras de Santa Anna, de Coimbra, vieram para este convento. Porém estando ahi, com grave incómmodo, duas communidades, foi concedido ás ursulinas o collegio de S. José, por decreto de 21 de junho de 1851, para onde foram logo removidas.

egreja estava desde 1834 muito deteriorada, não só pelo abandono; mas pelos grandes estragos que alli fizeram os inimigos do culto divino: foi modernamente reparada, vindo para ella alguns ornatos do convento de Thomar.

É um sitio ameno, pittoresco, saudavel, e com formosissimas vistas.

—

10.º *De S. Paulo*—fundado por D. João III, principiado em 1549, e concluido em 1563, vindo para aqui os alumnos no dia 2 de maio d'esse mesmo anno.

Foi destinado para frades paulistas, e para doutores e oppositores, ecclesiasticos e seculares.

É situado ao fundo da *Rua Larga*, em um terreiro arborisado, onde, segundo documentos do cartorio da Sé d'esta cidade, houve em outro tempo uma *mouraria*.

No sitio em que está este edificio diz fr. Joaquim de Santa Rosa de Viterbo, que era em tempos remotos uma albergaria ou hospital. Foi aqui tambem o primeiro assento da Universidade no tempo do rei D. Diniz.

D'este collegio sahiram varões insignes nas sciencias e nas virtudes.

Foi concedido em 1838 para theatro academico. No mesmo anno (a 24 de junho) já n'elle houve representação, levando o bem conhecido drama—*A Nódoa de Sangue.*

Está aqui tambem estabelecido o *Instituto de Coimbra*, associação litteraria e scientifica de muito merecimento e grande reputação; e a secretaria da *Sociedade philantropico-academica.*

—

11.º *De S. Thomaz* (de frades dominicos) na rua da Sophia.—Já disse, quando descrevi o 5.º convento (frades dominicos) que a obra das infantas D. Branca e D. Thereza tinha sido subterrada com as areias do Mondego.

Em 1540, não podendo já alli viver os religiosos, abandonaram o seu convento (por consentimento de D. João III) e se vieram estabelecer em umas cásas na rua da Sophia; e com ajuda de esmolas do rei, dos duques d'Aveiro, que eram padroeiros do mosteiro, e dos particulares de Coimbra, e com algumas terras que lhes deram os cruzios, principiaram essa immensa fabrica, depois chamada *Collegio de S. Thomaz*, destinada a convento e a collegio. Este chegou a concluir-se; mas do convento apenas se concluiu a sumptuosissima capella-mór. Foi em 1547 que estas vastissmas obras principiaram.

Na parede exterior do edificio, que faz frente para o Sophia, ainda existem as armas intactas dos duques de Aveiro, apesar da sentença de 12 de janeiro de 1759, que as mandou picar todas. (Vide Chão Salgado.)

D'este collegio sairam varões sapientissimos, distinguindo-se entre elles e já n'este seculo, o famoso orador sagrado Antonio José da Rocha (o *Rochinha*). Depois de 1834 foi vendido, e é hoje dos srs. Pintos Bastos, da Vista Alegre.

—

12.º *Dos Cavalleiros da Ordem de Christo* vulgarmente *Collegio de Thomar*—Foi fundado por D. João III, em 1550. É tambem um vasto e bello edificio. Tinha a invocação de Nossa Senhora da Conceição. A egreja é uma das mais bellas de Coimbra, mas está no mais lastimoso estado, porque em 1834 foi tudo escandalosamente saqueado, não escapando ferro, madeiras, azulejos, cantarias, tudo quanto com o maior descaramento e impunidade puderam roubar.

Por alvará de 19 de janeiro de 1852, foi determinada a venda do edificio, e extensa cêrca, por dois contos de réis! E no 1.º de abril de 1852 o comprou o sr. José Leite Ribeiro Freire por 2:520$500 réis; e por tão insignificante quantia ficou a nação sem este sumptuoso edificio, e suas dependencias, que caminha a passos largos para a sua total ruina.

—

13.º *Da Trindade* — fundado pela ordem dos trinos, em 1562. O nome que lhe deram os religiosos era—*Collegio da Santissima Trindade da ordem da Redempção dos Captivos.* É situado na rua denominada da Trindade, proximo da Sé Velha.

Teve principio em 1552, em umas casas que tinham sido de D. Vetaça. O sen principal fundador foi o virtuoso fr. Roque do

Espirito Santo, que só á sua parte resgatou mais de 3:000 christãos, captivos dos mouros.

A rainha D. Catharina (viuva de D. João III) e seu neto, o rei D. Sebastião, deram grandes esmolas para esta construcção.

Depois de 1834, a egreja foi transformada em tribunal de justiça e o resto foi vendido, e é hoje propriedade do sr. padre Manuel Simões Dias Cardoso.

—

14.º *De S. Bernardo* (ou do Espirito Santo) — fundado pelo cardeal-rei, em 1570, na rua da Sophia. Foi vendido depois de 1834, e é hoje propriedade particular do sr. Francisco da Silva e Oliveira.

—

15.º *Dos Terceiros de S. Francisco* — fundado pelo segundo bispo de Miranda, D. Rodrigo de Carvalho, natural de Lamêgo. Tambem se dava a este collegio a denominação de *S. Bôa Ventura*, e vulgarmente «dos Venturas». Era da Ordem de S. Francisco, da provincia de Portugal. É na Rua Larga.

Serve actualmente de casa de retenção dos academicos e de eschóla de instrucção primaria.

—

16.º *Real Collegio de S. Pedro (bôrras)* — Fundado pelo padre Fernando Manga Ancha, com ajuda de D. João III, em 1545. É na Sophia.

Quando os nossos reis habitavam nos paços onde hoje é a Universidade, já existia este edificio, e era a morada das damas do paço. Depois é que o tal Manga-Ancha ageitou esta casa para collegio, dando-lhe a invocação de S. Pedro.

Foi vendido depois de 1834, e é hoje propriedade do sr. João Victorino de Moraes Duarte e Silva.

—

17.º *Dos Jeronymos* — fundado pelo 1.º bispo de Leiria, D. Fr. Braz de Barros, frade jeronymo, em 1550, na rua de S. Jeronymo.

Faz hoje parte dos hospitaes da Universidade.

—

18.º *Dos Franciscanos* — da provincia do Algarve, fundado pelo infante D. Pedro, filho de D. Sancho I, em 1220. Supponho que já não existia em 1834.

—

19.º *Dos Capuchos de Santo Antonio da Estrêlla* — (franciscanos) da provincia da Immaculada Conceição da Beira e Minho; na rua das Fangas. Foi vendido depois de 1844, e é hoje do sr. Luiz de Mello Tocho Soares de Albergaria, de Soure.

—

20.º *De S. Bôa Ventura* — (franciscanos da provincia do Alemtejo, vulgo «Pimentas») na Sophia. Foi vendido depois de 1834, e é hoje propriedade do Sr. Manuel José Ferreira Leitão.

—

21.º *De Santa Rita* — vulgarmente Collegio dos Grillos, da ordem dos eremitas descalcos de Santo Agostinho. Foi vendido depois de 1834, e é hoje propriedade do sr. dr. Adrião Pereira Forjaz de S. Payo. Julgo ser fundação de D. João III, no meiado do seculo XVI.

—

22.º *De S. Paulo* — da ordem de S. Paulo, 1.º eremita, ou dos eremitas da Serra de Ossa, vulgo paulistas, ao cimo da Rua Larga. E' hoje o Instituto de Coimbra e o museu archeologico, em principio.

—

23.º *Collegio pontificio* — e real de S. Pedro, annexo á Universidade. Serve actualmente para habitação do seu reitor, e para varias repartições academicas.

—

Tendo fallado tanto de conventos portuguezes, e tendo de fallar ainda de muitos no decurso d'esta obra, peço licença aos meus leitores para dizer o que penso em consciencia com respeito a conventos.

Não vou combater os novos principios politicos introduzidos em Portugal, só quero fazer umas perguntas muito sérias aos liberaes de boa fé, de 1834.

Teem visto e continuarão a ver no decurso d'esta obra, que não sou apologista dos frades; mas conheço que a nação lhes deve muitos e muitos beneficios de toda a casta.

Se eu tivesse voto na materia, votaria por uma reforma radical nos conventos de ambos os sexos, mas nunca na sua extincção, e muitissimo menos na expoliação e roubo sacrilego que fizeram aos conventos.

Não ha absolutamente nada que desculpe este acto de verdadeiro latrocinio. Demonstro.

Muitos conventos foram fundados pelos nossos reis e rainhas. — Mas os nossos antigos reis, já pelas instituições coevas, já mesmo porque em pessoa, e á ponta das suas valentes espadas, tinham conquistado aos mouros a maior parte do nosso Portugal, tinham o direito de dar a quem muito bem lhes parecesse uma quinta, certo numero de rendas, um tracto de terreno inculto e deserto (que, na maxima parte foi o que elles deram) ou os *direitos reaes* de qualquer povoação. Mas os nossos reis, desde D. Affonso I até D. Sebastião, com pouquissimas excepções, só premiavam a virtude, a sciencia e o valor. Quasi todas as suas doações foram, ou o premio de relevantes serviços feitos á patria, ou para o culto divino e manutenção da religião do Crucificado.

Ainda mais — nem foram só os nossos reis que fizeram doações aos conventos e aos servidores da patria, foram tambem os reis godos, e depois d'elles os de Castella, Asturias, Leão e Toledo.

Mas legaes ou illegaes, estas doações (que na opinião de todos os homens de bem eram *legalissimas*) segundo todas as leis, não só antigas e modernas de Portugal, mas de todo o mundo culto, uma prescripção diuturnissima, (em muitos casos excedente a mil annos!) tinha indisputavelmente legalisado, e deixem-me assim dizer, consagrado essas doações.

Os frades e as freiras levavam para os conventos os seus dotes, que eram empregados nos augmentos e bemfeitorias. Muitos conventos compravam a dinheiro de contado, rendas, casaes, terrenos e outras propriedades, algumas até aos mouros, quando elles dominavam Portugal; (como se póde ver n'este Diccionario, em mais de uma parte) e todos ou quasi todos desbravaram (muitos por suas proprias mãos) terrenos improductivos, brejos e penedías — que foi o que os reis em grande parte lhes deram; reduzindo isto a cultura, á força de trabalho e despezas; empregando braços, dando sustento a muitas familias e fazendo prosperar os sitios onde se estabeleciam, em especial, e a nação em geral.

(Muitas e muitas povoações florescentes devem a sua origem aos conventos.)

Não nego que muitos frades abusavam da credulidade e mesmo da superstição dos nossos avós, para lhe extorquirem bôas doações; mas vão lá agora saber as que estão n'esse caso! É porém evidente que no geral as doações dos particulares aos conventos foram espontaneas e muito espontaneas.

Com que direito o governo de 1834 e os seus successores, venderam estes conventos, tirando-lhes todas as suas pratas, preciosidades, livrarias, etc. e lhes venderam os edificios e as terras e fóros?

Com o direito que tinha Buonaparte de nos mandar roubar o que os seus generaes nos levaram. Nem mais nem menos.

E essas propriedades que os particulares davam (melhor diria — *consignavam*) aos mosteiros, sob a condição de lhes fazerem certos suffragios annuaes? Com que direito as venderam? Com o direito do mais forte.

Quem manda agora dizer essas missas e fazer esses suffragios?

É innegavel que o que os liberaes de 1834 queriam não era supprimir os conventos, era.... vendel-os.

Se só os quizessem supprimir, entregavam aos legitimos herdeiros dos doadores o que lhes pertencesse e restituiam aos frades e ás freiras os dotes que levaram para os conventos.

Não é sustentavel o argumento d'aquelles que dizem que não se podia saber a quem as propriedades e fóros doados pertenciam. Algumas não se saberia ou não se poderia averiguar, e essas que as vendessem ou disfructassem; mas a maxima parte e as maiores doações sabía-se perfeitamente, porque estava tudo muito bem declarado e por escripturas anthenticas, nos cartorios dos conventos.

Para cumulo de escandalo e de desgraça, venderam uma grande parte d'esses conventos por dez réis de mel coado, e ninguem sabe o que fizeram a esse dinheiro.

Muitas das pratas dos conventos (como as de Santa Cruz de Coimbra, que valiam uns poucos de contos de réis) ficaram logo nas garras do primeiro ladrão, sem dar satisfações a ninguem.

Por isso se viu em 1834, muito pobre e descalço, apparecer repentinamente com palacios, trens e lacaios.

Peço perdão de tamanha digressão, mas parece-me que todos os homens de bem, *de todos os partidos*, me hão de desculpar e ser da minha opinião.

Côrtes

Dez vezes se convocaram côrtes n'esta cidade; foram as seguintes:

—

1.ª Em 1211, por D. Affonso II (no primeiro anno do seu reinado.)

N'ellas se estabeleceram juizes e fizeram as leis, que se acham em o n.º 25, no livro do real archivo da Torre do Tombo, intitulado *Das Leis e Posturas Antigas*, e no livro intitulado *Ordenações do Senhor D. Duarte*, no n.º 26.

Tambem algumas d'estas leis se acham no foral velho de Santarem.

D'estas leis passaram 14 para o *Codigo do Senhor D. Affonso IV.*

—

2.ª Por D. Affonso IV, em 1335.

N'ellas se mandou conservar interinamente á egreja do Porto a jurisdicção sobre a abertura e execução dos testamentos, com exclusão dos ministros regios.

—

3.ª Por D. Fernando. Não se sabe ao certo quando estas côrtes foram convocadas: suppõe-se que foram antes de 1373, que este rei as convocou para Athouguia da Baleia, e de 1376 que as convocou para Leiria.

Só pude saber que houve aqui côrtes, convocadas por este soberano, porque a ellas se refere o artigo 6.º, *especial*, do concelho de Santarem, na carta regia de D. Fernando, do 1.º de maio da era de 1410 (1372 de Jesus Christo.)

—

4.ª Por o Mestre d'Aviz, em 1385.

Foi n'ellas acclamado rei legitimo e natural dos portuguezes, o mesmo Mestre d'Aviz, com o titulo de D. João I.

> Depois foi, com incontestavel justiça, cognominado *de boa memoria*. Era plebeu, por parte de sua mãe; mas, apesar d'isso (ou talvez mesmo por isso) foi um dos nossos melhores reis.

Teve esta patriotica acclamação logar a 6 de abril d'esse anno.

Foi orador, o célebre doutor e verdadeiro portuguez, João das Regras: concorrendo tambem muito para este glorioso triumpho popular o joven e bravissimo condestavel, D. Nuno Avares Pereira; cuja voz potente e auctorisada animou os partidarios do novo rei, e fez callar os adversos.

E' n'esta occasião que Luiz de Camões põe na boca do heroe dos Atoleiros, d'Aljubarrota, de Val-Verde, do vencedor de tantas batalhas, aquellas sublimes estancias, repassadas de patriotismo, que começam assim:

Como da illustre gente portugueza
Ha de haver quem refuse o patrio Marte?
Como d'esta provincia, que princeza
Foi das gentes na guerra, em toda parte,
Ha de haver quem negue ter defeza,
Quem negue a fé, o amor, o esforço e arte
De portuguez, e por nenhum respeito
O proprio reino queira vêr sujeito?

E mais adiante, no mesmo acto:

Rei tendes tal, que se o valor tiverdes
Egual ao rei que agora alevantastes,
Desbaratareis tudo o que quizerdes,
Quanto mais a quem já desbaratastes.
E se com isto emfim vos não moverdes
Do penetrante médo que tomastes,
Atae as mãos a vosso vão receio,
Que eu só resistirei ao jugo alheio.

Eu só com meus vassallos e com esta

(E dizendo isto arranca meia espada)
Em virtude do rei, da patria mesta,
Da lealdade já por vós negada,
Defenderei da força dura e infesta,
A terra nunca d'outrem sobjugada.
Vencerei não só estes adversarios;
Mas quantos a meu rei forem contrarios.

—

Quando uma nação tem um guerreiro como D. Nuno Alvares Pereira, e um poeta como Camões, deve encher-se de eterno e justificadissimo orgulho. Na quasi nullidade a que estamos reduzidos, consola-nos, sequer ao menos, a lembrança do que já fomos...

Vamos ás côrtes.

Nem só se decidiu a acclamação do popularissimo mestre d'Aviz; tambem se fizeram muitas leis e *posturas* sobre o governo do reino.

Os povos se obrigaram então a pagar 400:000 libras de *moeda antiga*, como consta da carta regia de 20 de abril da era de 1430 (1392 de Jesus Christo) e das côrtes de Lisboa, da era de 1427 (1389 de Jesus Christo.)

D'estas se passou carta, a 10 de abril de 1385, ao concelho do Porto, com o theor de 24 artigos geraes, que se acham tambem com a mesma data, na *Ordenação* do rei D. Duarte.

Ha um artigo especial d'estas côrtes. que diz respeito á clerezia do Porto, em carta de 9 de abril, e outro especial do concelho da mesma cidade, datado de 8 do dito mez.

—

5.ª Convocadas por D. João I, em 1387.

N'ellas se lançaram sizas geraes, por um anno, para as despezas da guerra; sobre o que se expediu carta ao concelho de Coimbra, em data de 12 de maio d'esse anno, com 11 artigos.

—

6.ª Convocadas por D. João I, em 1390.

D'ellas se passou carta ao concelho de Coimbra, com o theor de sete artigos geraes, a 2 de março; e ao concelho do Porto as seguintes: uma a 2 de fevereiro, outra a 29 do mesmo, outra tambem a 29, outra a 3 de março, outra a 6, outra a 10 e, finalmente, outra a 14 do mesmo mez; contendo cada uma, um artigo especial do mesmo concelho.

Tratou-se então de varios assumptos, consernentes á boa administração da justiça.

—

7.ª Convocadas por D. João I, em 1394-1395.

D'ellas se passaram ao concelho de Santarem as seguintes cartas de artigos geraes: uma a 18 de dezembro de 1394, com nove artigos. Outra a 31, com sete artigos. Outra no 1.º de janeiro de 1395, com um artigo. Outra a 2 do mesmo mez, com onze artigos. Outra da mesma data, com um artigo.

Ao concelho de Coimbra, a 26 de janeiro de 1395, com vinte e sete artigos; e outra a 5 de fevereiro, com oito artigos, sobre sizas; comprehendidas ambas em um instrumento, e contendo estas duas certidões mais sete artigos que as de Santarem e tendo um menos: conhecendo-se assim, 36 artigos diversos d'estas côrtes.

Tambem d'ellas se passou carta, a 26 de janeiro de 1395, ao concelho do Porto, com um artigo artigo especial: e outra a 22 de maio do mesmo anno, datada de Tentugal, com outro artigo especial, ao mesmo concelho.

D'estas côrtes passaram para o *Codigo do Senhor D. Affonso V* seis artigos geraes, contados pela ordem da primeira certidão de Coimbra.

—

8.ª Convocadas por D. João I, em 1398.

D'estas ha 36 artigos respeitantes á nobreza, no *Codigo do Senhor D. Affonso V.*

D'ellas se passou carta, no 1.º de fevereiro, ao concelho de Santarem, com o theor de um capitulo geral; e tres ao concelho do Porto, com data de 2 fevereiro; contendo cada uma um capitulo especial do mesmo.

No *Codigo do Senhor D. Affonso V*, livro 4.º, titulo 29, § 12, vem outro artigo geral d'estas côrtes.

—

9.ª Convocadas por D. João I, em 1400.

D'ellas se passou carta ao concelho do Porto, no 1.º de julho, com o theor de seis artigos geraes.

—

10.ª Convocadas por D. Affonso V, em 1472.

Tiveram principio em Coimbra, em agosto de 1472, e foram mudadas para Evora, onde terminaram a 18 de março de 1473

D'ellas se escreveram no *Livro do Real Archivo* (da Torre do Tombo) 33 capitulos concernentes á nobreza; 14 da fazenda; 27 da justiça e 162 denominados *misticos*. (Mixtos.)

Dos da justiça, só se acha a resposta ao 16.º, sendo numerado por 18.º dos povos, nas côrtes d'Evora, de 1481, capitulo 12.º, e faltando talvez, além da proposta d'estes, mais dois capitulos, que deixaram de escrever-se na folha que ahi ha em branco, devendo contar-se 29 da justiça.

Além d'isso, entre o capitulo 77.º dos *misticos*, que só está principiado, e o seguinte (do qual tambem só se expressa a proposta) ha lauda e meia em branco, que talvez devesse conter mais capitulos.

D'estas côrtes se passou tambem carta ao concelho de Santarem, em Lisboa, a 11 de outubro de 1473; com o theor de 12 capitulos, que todos se acham tambem no Livro do Archivo, contendo só mais o alvará de 15 de setembro de 1473, em declaração do capitulo 11.º da justiça. Com o mesmo capitulo 11.º da justiça se passaram duas cartas ao concelho do Porto; uma em 7 de março e outra a 9 de julho de 1474.

Os capitulos 31.º da nobreza e 19.º e 20.º dos *misticos* (a que aqui chama 59.º e 60.º dos povos) acham-se transcriptos na *Deducção Chronologica*.

A decisão do capitulo 8.º, da nobreza, passou para o *Codigo do Senhor D. Manuel*, na edição de 1521. livro 2.º, titulo 29, § 3.º

—

Coimbra tinha voto em côrtes, com assento no 1.º banco.

—

As armas de Coimbra, são—Um escudo vermelho. No centro uma taça, ou calix d'ouro, significando a taça do hymineu e sahindo de dentro, com mais de meio corpo, a princeza *Cindasunda* (ou *Cindaswinda*) coroada de rainha, com os olhos voltados para o céo e as mãos postas, como implorando a Deus a paz. Á sua esquerda *Ataces*, na figura de um leão rompente, d'ouro (que era a sua diviza) e *Ermenerico* á sua direita, sob a figura de um dragão, ou serpe, verde, que era o emblema que trazia nas suas bandeiras.

Foi Ataces que deu a Coimbra este brazão d'armas, que ainda é o actual.

—

Era Coimhra cercada de muralhas, guarnecidas d'altas torres, tendo aquellas 6 portas (*Portagem, Estrella, Castello, Collegio-Novo, Sophia* e *Almedina.*)

Parece que estas fortificações já existiam no tempo dos suevos, e que os árabes as conservaram e reedificaram. É certo que D. Fernando Magno e o conde D. Sisnando as ampliaram e reconstruiram no seculo XI.

Até 1834 tinha Coimbra capitão-mór, e na comarca 95 capitães d'ordenanças, cada um com sua companhia e respectivos officiaes.

—

A *quinta das lagrimas*, célebre por ter allì sido assassinada a rainha D. Ignez de Castro, como já d'isse, foi subvertida pelo Mondego e só d'ella resta o poetico sitio chamado *fonte dos amores*. Aqui mandou collocar, em 1811, o general inglez *Trant*, uma lapide de marmore, com a oitava dos *Lusiadas* que começa.

As filhas do Mondego a morte escura,

Não foram os amores de D. Pedro e D. Ignez que deram o nome a esta fonte. Quando Santa Isabel fundou o convento de Santa Clara, já ella assim se chamava.

Esta rainha trocou com os frades de Santa Cruz varias propriedades que tinha em Leiria, dando-lhe elles a *quinta do Pombal*, junto ao convento. Aqui fundou ella um palacio, onde depois residia D. Ignez, e á porta do qual foi assassinada. Para o convento de Santa Clara, vinha a agua da *fonte dos amores* encanada por um *cano* chamado tambem dos *amores*. No sitio d'este palacio de D. Ignez, junto ao convento de Santa Clara está hoje uma aldeia chamada o *Culgo*. Convento e palacio, foram ha muitos annos arrazados pelo Mondego; mas a agua da fonte dos amores é de certo a da quinta do Pombal.

É tradicção que a ponte que aqui mandou edificar o imperador Trajano, pelos annos 110 de Jesus Christo, assentava sobre outra antiquissima. (Parece-me muita ponte..... e, de mais a mais *umas sobre outras!*) Tambem alguns escriptores sustentam que Ataces mandou edificar a 2.ª (ou 3.ª) ponte sobre a de Trajano, pelos annos 420 de Jesus Christo. Seja como for, o que é certo é que todas as historias de pontes de Coimbra, antes da de D. Affonso I, de Portugal, se fundam mais na tradição do povo do que em documentos dignos de credito.

D. Affonso I, construiu outra ponte sobre a antiga, no anno de 1132, que tambem foi submergida com as areias.

D. Sancho I, teve de mandar fazer outra, em 1210, encarregando a camara de Coimbra d'esta obra, mas pagando elle todas as despezas. Ainda as areias do Mondego a submergiram e D. Manuel lhe mandou fazer a que existe, no principio do seculo XVI. Esta ponte vae-se tambem pouco a pouco suterrando, a ponto de estar quasi no estado das antecedentes. É de bôa e solida cantaria lavrada, e tem 22 arcos. É dos mais lindos passeios da cidade, e sitio concurridissimo.

Em 12 de julho de 1873 se inaugurou a nova ponte da *Portella*, ficando desde esse dia exposta á viação publica. Logo a 14 do mesmo mez e anno (pelas 6 e meia da tarde) se deu principio á demolição da velha ponte, para se construir a nova. Vide *Portella* (ponte da)

O segundo arco da velha ponte, foi cortado em 12 de março de 1811, para obstar a passagem das hordas da Massena, quando retiravam das *linhas* de Lisboa Foi reconstruido pouco tempo depois.

A baixo d'esta ponte está a elegante ponte do caminho de ferro do Norte, junto á estação 27.ª do mesmo caminho de ferro.

Ha ainda uma outra ponte, sobre um pequeno ribeiro, no fim da rua da Sophia, ao N. da cidade, que a liga com a estrada do Porto.

Parochias antigas

—

1.ª *Sé Nova* — (Nossa Senhora da Assumpção) O seu parocho era um conego meio prebendado (meio conego) Tinha renda incerta, que regulava por 300$000 réis. Tinha esta parochia, em 1757, 792 fogos.

Foi fundada por D. João III, em 1554, para egreja do collegio dos jesuitas, denominado das *Onze mil Virgens*. É templo vastissimo e grandioso.

Em junho de 1542, vieram para Coimbra o padre Simão Rodrigues e 11 companheiros, que, por ordem do rei, se foram hospedar no convento de Santa Cruz, onde estiveram uns 3 annos.

O rei deu a estes padres as casas e terrenos precizos para a projectada edificação e avultadas esmolas em dinheiro e outros generos. Foi lançada a primeira pedra em 14 de abril de 1547.

É dos mais vastos edificios de Coimbra. Tinha ordinariamente 200 religiosos, que formavam um verdadeiro seminario apostolico, com sabios professores. Uns se destinavam ás arriscadissimas missões da Asia, Africa e America, o que concorreu poderosamente para a propagação do catholicismo no Ultramar, e para a extensão e consolidação do nosso poder n'aquellas remotas regiões. Outros se dedicavam á instrucção da mocidade, sahindo das suas escholas varões sapientissimos nos diversos ramos das sciencias.

Todas sabem que o marquez do Pombal tinha um odio tão implacavel á alta aristocracia como á religião catholica. D'aquella vingou-se no caes de Belem; e, como não podia vingar-se d'esta, em vista do afférro dos portuguezes á religião de seus paes, principiára por fazer, por todos os meios de que poude dispor, espalhar toda a casta de calumnias contra os jesuitas, que bem sabia ser a mais forte columna da religião de Jesus Christo.

Julgando o terreno disposto para a sua obra, no mesmo anno em que no caes de Belem davam o ultimo arranco, entre os mais atrozes e incomportaveis tractos, o duque d'Aveiro e seus infelizes companheiros (13 de septembro de 1759) e antes a penas 10 dias (3 do mesmo mez) tinha extinguido em Portugal a ordem de Jesus, sendo seus

membros banidos do reino e declarados inimigos da patria e desnaturalisados para sempre!

Perante Sebastião José de Carvalho, eram os padres jesuitas *réus de quatro grandes crimes* 1.º dever-lhes a patria relevantissimos serviços. —2.º, deverem-lhes muitas pessoas collocadas por Carvalho nas posições mais eminentes, tudo quanto sabiam, quanto eram e quanto valiam —3.º, seu grande poder e a sua excessiva influencia —4.ª, (e talvez a essencial!) as suas immensas riquezas.

Sem negarmos que Carvalho foi um grande ministro e que os jesuitas muitas vezes abusaram do seu poder e da sua influencia, e que constituiram um segundo estado, devemos confessar que o que levou o marquez do Pombal aos cruelissimos excessos e roubos violentos contra os Tavoras e os padres da companhia, não foi o amor da patria, mas o odio, a inveja e o despotismo.

—

Supprimida pois esta ordem religiosa, foram dados á universidade de Coimbra a maior parte dos seus bens e rendas, por carta regia de 4 de julho de 1774.

O collegio das *Onze mil virgens*, teve diversas applicações.

Para parte d'elle foi removido o antigo hospital de S. Bartholomeu (ou da Praça) que tomou o titulo de hospital de Nossa Senhora da Conceição.

Já foi transferido para outra parte.

> O hospital de S. Bartholomeu tinha sido fundado por D. Manuel, que lhe deu 2 contos de reis de renda annual. Era da invocação de S. Cosmo e S. Damião.
>
> D. João III tinha entregado a sua administração aos loyos.

Em outra parte do edificio se fundou o excellente museu de historia natural. A egreja, com algumas pertenças, foi dada ao cabido (por carta regia de D. José, de 11 de outubro de 1772.) Entregou-lhe o corregedor José Gil Tojo Borja em 19 d'esse mesmo mez e no dia 21 se trasladou para aqui a Sé antiga, em solemne procissão, acompanhada pela camara, clerigos e povo, e desde então é a egreja cathedral, sob a denominação de *Sé Nova.*

A egreja é um monumento respeitavel, pela sua extraordinaria vastidão e robustez.

A fachada, toda de cantaria, é de proporções magestosas e ornada com boas estatuas. A parte superior d'esta imponente frontaria soffreu grande damno, causado por uma faisca electrica que alli cahiu em 1833, derrubando a cruz do remate e varios ornatos.

É de uma só nave, mas da maior magnificencia. O zimborio que a corôa é de assombrosas proporções. O throno é chapeado de prata e ha aqui um frontal do mesmo metal. A pia baptismal, que é elegantissima, foi mandada construir pelo bispo de Coimbra, D. Jorge de Almeida, e veio para aqui da Sé Velha.

Todas as officinas e dependencias condizem com a sumptuosidade do templo.

O seu archivo contém grande numero de documentos valiosissimos pela sua antiguidade. Está aqui uma copia do famoso *Livro Preto da Sé de Coimbra* (o original está na Torre do Tombo) codice precioso, contendo curiosissimos esclarecimentos relativos aos primeiros tempos da monarchia, e até mesmo a anteriores.

É a actual egreja parochial da Sé, com 803 fogos.

—

2.ª *Santa Justa*—collegiada e priorado. Em 1757 tinha 350 fogos. O prior tinha 200$000 réis e os beneficiados, cada um 40$000 réis. (Eram 12 beneficiados). Esta freguezia e a de Santa Cruz, estão actualmente annexas á de S. João de Almedina.

A egreja de Santa Justa é de simples mas elegante architectura; de uma só nave, alegre e vasta, e com 7 altares.

Edificada sobre uma collina que olha para o rio, do seu adro se gosa uma formosa vista.

Esta é a nova egreja de Santa Justa.

—

Santa Justa, a antiga—No sitio ainda actualmente chamado *Adro de Santa Justa*, existia ainda no principio do seculo passado a egreja d'esta invocação.

O leito do Mondego, levantando-se pro-

gressivamente, invade com frequencia a cidade baixa; pelo que damnificou tanto a egreja, que os fieis se viram obrigados a abandonal-a e a construirem outra, em sitio onde o rio não a prejudicasse.

Na parede da frontaria da nova egreja de Santa Justa, se vêem embebidas duas lapides, cada uma com sua inscripção, pelas quaes consta da fundação da antiga e moderna egreja. São as seguintes:

PELLOS ANNOS DO
S.or DE 1100 SE FVM
DOU A IGR.a ANTIGA
E HAVENDO IA M.tos
Q. AS INVNDAÇÕENS
DO RIO ENTRAVAM
NELLA SENDO ESTAS
CONTINVAS COM TE
RRIVEIS TEMPESTADES
NO INVERNO DE 1708
AOS 17 DE FEVR.o DE O
MESMO ANNO POR
ORDEM DO ILL.mo S.or
ANTONIO DE VASCO
NSELLOS E SOVSA BIS
PO CONDE SE FES PROCISÃO DE
PRECES COM A IMA
GEM DO S.to CHRISTO
A QVAL SE RECOLHEU
A IG.ra DE SANTIAGO
E NELLA SE COLOCOV
A SOBRED.a IMAGEM
NA TRIBUNA DO AL
TAR MAIOR E OS P.es
DESTA IGR.a FICAR
ÃO CELEBRANDO
OS OFFICIOS DI
VINOS COM OS
BN.dos DA MESMA.

A segunda diz:

AOS 24 DE AGOSTO
DE 1710 VEIO A ESTE
SITIO O ILL.mo S.or BISPO
CONDE ANTONIO DE
VASCONCELLOS E
SOVSA E NELLE COM
TODA A SOLEMNIDA
DE E ASSISTENSIA DO
S RED.os CAPITVLARES
NECESSARIOS E CON
CVRSO DO POVO
BENZEO A P.a PEDRA
A QVAL LANÇOV
AO CANTO DESTA
PARTE E FES AS MAIS
SEREMONIAS DA IGR.a

Ainda ha vestigios da antiga egreja. Entre outros, nota-se um tumulo, em fórma de arca, com esta inscripção:

ERA MCCIIII IDVS IVNII OBIIT MARIA ⁝ MENENDI ⁝
UXOR IHNS ⁝ PELAGII.

Existe tambem um arco em ogiva e outro mais pequeno, de volta circular, cujo fêcho já está rente do chão, ficando tudo o mais submergido.

Vê-se tambem uma elegante janella, dividida por uma delgada columna, assim como alguns capiteis muito bem lavrados, indicando que o templo foi de primorosa architectura.

O antigo edificio foi primeiramente dos monges da Caridade, mas depois veio a ser collegiada, com 12 clerigos e um prior, que viviam em communidade, sob a regra de Santo Agostinho, e eram sujeitos ao mosteiro de Santa Cruz, e da sua visitação.

Antonio Coelho Gasco, faz vaga menção (nas suas *Conquista, Antiguidades e Nobreza de Coimbra*, cap. 4.º) de um epitaphio que no seu tempo estava detraz da porta que da egreja hia para o claustro, que se diz ser o que hoje se vê no novo templo, na parede, junto á porta lateral da esquerda. D'elle se collige que um tal D. Rodrigo foi o fundador da egreja velha.

A inscripção, em caracteres romano-gothicos, minusculos e maiusculos e com alguns conjunctos ou inclusos, é a seguinte:

HOC: JACET: IN: PVLCRO: RODERICUS: NEMPE: SEPVLCRO:
QVI: DOMINO: CELI: SERVIVIT: CORDE: FIDELI:
NAMQVE: LOCO: XPISTO: TEMPLVM: CONSTRVXIT: IN: ISTO:
QVOD: BENE: DITAVIT: SACRIS: DONISQVE: BEAVIT:
CLAVSTRI: STRVCTVRAS: FVNDAVIT: NON: RVITVRAS:
ATQVE: DOMOS: CVNCTAS: PER CIRCVITVM: BENE: JVNCTAS:
SED: VIGILI: CVRA: MISERIS: DANS: HIC: SVA: JVRA:
TEMPORE: SVB: SCRIPTO: MIGRAVIT: PRESBITER: ISTO:
XVIII: KAL: SEPTEMBRIS: ERA: MCLXXXXIIII:

—

3.ª *S. Christovão* — collegiada e priorado.

Em 1757 tinha 224 fogos, hoje tem 200. O prior tinha de rendimento 260$000 réis. Tinha oito beneficiados, cada um com 60$000 réis.

É a primittiva Sé cathedral de Coimbra.

Foi n'esta egreja que D. João I recebeu a corôa, em 6 de abril de 1385, depois de acclamado rei, no palacio real, hoje universidade; e aqui tiveram logar factos importantes da nossa historia. (Vide, adiante, Sé Velha.)

—

4.ª *S. Bartholomeu*—priorado e collegiada. Em 1757 tinha 380 fogos. Hoje, esta freguezia e a de S. Thiago, que lhe está annexa, tem 350 fogos.

O prior tinha 250$000 réis de rendimento annual. Tinha 10 beneficiados, cada um com 50$000 réis.

É um templo mais antigo do que a monarchia portugueza. Fr. Bernardo de Brito (*Monarchia Lusitana*, parte 2.ª, livro 7.º, cap. 18.º) faz menção da doação d'esta egreja, aos monges de Lorvão, por Samuel, sacerdote, na era de Cesar 965 (927 de Jesus Christo); e fr. Joaquim de Santa Rosa de Viterbo (*Elucidario*, verbo *Nodum*) dá noticia de outro documento relativo á egreja de S. Bartholomeu, no *arravalde* de Coimbra, da era 1109 (1071 de Jesus Christo).

Foi reedificado no seculo passado, para o que, no dia 5 de junho de 1755, se fez a trasladação do Santissimo e das imagens de Jesus Christo e Nossa Senhora, para o antigo hospital real, d'onde se passaram para a Misericordia.

Demoliu-se depois o antigo edificio, e a 16 de julho de 1756, Manuel Rodrigues Teixeira, provisor do bispado, lançou a primeira pedra no novo templo.

É de singela architectura, não contendo cousa notavel, a não serem tres bellas pinturas de Paschoal Parente, que representam —o *supplicio de S. Bartholomeu, Jesus Christo crucificado* e a *Annunciação de Nossa Senhora*.

Parente era natural de Résina (Napoles). Floresceu pelos annos de 1760. Veio para Coimbra, por convite do sr. D. Miguel da Annunciação, para fazer diversas pinturas. Morreu em Coimbra, a 9 de janeiro de 1792, e jaz na egreja de Santa Thereza.

—

5.ª *O Salvador*—collegiada e priorado. Tinha esta parochia (hoje extincta) em 1757, 290 fogos.

O prior tinha 200$000 réis de rendimento e os beneficiados, que eram cinco, tinha cada um 60$000 réis.

É na rua por isso denominada *do Salvador*. É de simples e modesta apparencia.

Não se sabe com certeza quando foi edificado este templo, mas segundo a inscripção que se vê ao lado das columnas da porta principal, á direita de quem entra, em caracteres de fórmas exquisitas, teve logar a sua fundação, pelos annos 1169. O *Antiquario Conimbricense* (n.º 7) traz o *fac-simile* das taes letras e a sua traducção, que é a seguinte:

Estevão Martins, de sua livre vontade, fez esta porta e frontespicio. Era de 1207. Era millessima.

Vem pois a ser o anno 1169 de Jesus Christo.

É de tres naves, divididas por columnas muito delgadas, em relação á sua altura.

Em uma capella do lado direito, sob um arco aberto na parede, está um grande tumulo, com uma inscripção, quasi toda em caracteres gothicos, que diz:

ESTA CAPELLA E ESTA SEPULTURA MÃNDOU FAZER GVIMAR DE SSAA PA DEITAR HO M.TO HONRADO A.º DE BARROS CAUALEIRO DA CASA DEL REI SEU MARIDO HO QVAL AQVI JAZ E ELLA MÃDA A SEU TESTAMETEIRO QVÃDO ELLA FALECER Q A LÃCE CÕ ELLE HO QLL FALECEO AOS XVIII DE F.º DE MILL 515 ÃNOS A QVAL GVIOMAR DE SA IAS AQVI FALECEO A IX..... DOVTVBRO DE I.S.XXXII.

No mesmo tumulo se vêem as armas dos Barros e Sás, sem timbres—no dos Barros, a *aspa com cinco estrellas*, e no dos Sás, *meio búfalo*.

—

Na capella de S. Marcos, d'esta egreja, do lado exterior da parede, está embebida uma

pequena lapide, que diz (por baixo de uma cruz da Ordem do Templo):

EGO. VERMUDUS. VERMUDI. ACCEPIT.
ISTUM. MONUMENTUM.
XII. DIES. TRANSACTIS. DE. APRILIS.
ERA. M.CC.XX.IIII.

Eu, Vermudo Vermudes, acceitei este monumento, doze dias andados de abril. Era de 1224. (1186 de Jesus Christo.)

Em frente da inscripção e a poucos metros de distancia, na base da torre dos sinos, se vê, quasi entulhado, uma especie de carneiro de abobada.

Julga-se que a lapide pertenceu a este carneiro, ignorando-se a razão porque foi removida para o sitio actual.

—

6.ª *S. Pedro* — collegiada e priorado. O prior tinha de rendimento 250$000 réis. Tinha quatro beneficiados, cada um com 60$000 réis. Tinha mais um chantre (beneficiado) com 120$000 réis. Tinha esta parochia em 1757 413 fogos. Foi supprimida. É na rua de S. Pedro.

Ignora-se quando e por quem foi fundada; mas sabe-se que é antiquissima, pois quando D. Fernando Magno conquistou Coimbra (1064) já existia a egreja, e com a mesma invocação, de S. Pedro. Este rei a deu, como priorado, aos monges de Lorvão.

Segundo Coelho Gasco, falleceu n'este templo o martyr Eugenio, abbade de Lorvão, em 19 de junho de 815.

O mesmo auctor menciona duas lapides (que diz existirem ainda no seu tempo, no alpendre d'esta egreja) tendo uma o epitaphio de *Eratmundo*, fallecido na era de 1165 (1127 de Jesus Christo) e a outra o de *Randulfina*, que morreu na era de 1200 (1162 de Jesus Christo).

O padre Carvalho *(Choregr. Port.)* diz que esta egreja foi Sé, e que ainda no seu tempo tinha chantre. É provavelmente engano a que deu motivo a circumstancia de ter chantre. Ainda no tempo do publicação do *Port. Sacro e Profano*, e muito depois o teve; e não ha documento algum que nos leve a acreditar o ter a egreja de S. Pedro tido a cathegoria de cathedral; a não ser provisoriamente, por qualquer impedimento da Sé.

Estando a ameaçar ruina, o bispo D. Francisco de Lemos a mandou demolir. Foi reedificada, com simplicidade, em 1745.

Isidoro Emilio Baptista (*Planta topographica de Coimbra e seus arrabaldes*) diz que pelos monumentos descobertos na reedificação d'este templo, *parece* fôra fundado por Ataces (*talvez* a primittiva cathedral) e que a sua torre, muito anterior á do castello, e destruida n'aquelle anno (1745) fôra a chamada *Torre d'Hercules*.

Não acredito que esta fundação fosse de Ataces, não só porque elle era ariano, mas até porque era inimigo declarado dos catholicos, fazendo trabalhar nos rudes labores da edificação (ou reconstrucção) da nova Coimbra, não só os simples clerigos, abbades e frades; mas até os proprios bispos, que fazia acarretar materiaes, cavar, etc., como qualquer escravo.

—

7.ª *S. João de Almedina* ou *S. João do Bispo* — collegiada e priorado. Tinha o prior de rendimento 200$000 réis. Tinha cinco beneficiados, cada um com 80$000 réis.

O seu orago é S. João Baptista.

Em 1757 tinha 228 fogos.

Hoje que tem annexas as extinctas freguezias de Santa Justa e Santa Cruz, têm 522 fogos.

Está no *Largo de S. João*. Foi fundada pelo bispo D. João de Mello, que governou a diocese de Coimbra desde 1684 até 1704. Está edificada no mesmo sitio onde existiu outra muito antiga, memoravel, pelos attentados que n'ella praticou o famoso arcebispo de Braga D. João Peculiar. (Vide um artigo de L. A. Rebello da Silva, a pag. 18 do *Panorama* de 1853, e *Noticia Historica do Mosteiro da Vaccariça*, por R. M. de Vasconcellos, parte 2.ª, pag. 28.)

Diz Bernardo de B. Botelho (*Historia Breve de Coimbra*) que por ter corrido junto d'este templo muito sangue musulmano, na tomada d'esta cidade, em 1064, se denominou esta egreja, *d'Almedina*, isto é, *do sangue*.

Segundo este escriptor, *medina* é palavra arabe, que significa *sangne.*

É êrro palmar. *Medina* é na verdade, palavra arabe, que não significa senão cidade. O artigo *al* que se lhe antepõe, quer dizer *a cidade* ou *cidade por excellencia.* (*Vestigios da Lingua Arabica em Portugal*, por fr. João de Sousa, pag. 46.)

O padre João Baptista de Castro, no seu *Mappa de Portugal* segue tambem a errada definição de Botelho.

Suppõe mui judiciosamente o sr. Augusto Mendes Simões de Castro, (no seu bello livro *Guia historica do viajante em Coimbra e arredores*, que em muitas coisas tenho seguido) que talvez existisse, em tempos remotos, uma outra egreja de S. João nos suburbios de Coimbra, seria porventura a de S. João das Donas (ou talvez fosse a de Brasfemeas, que ainda existe, e cujo orago é o mesmo S. João Baptista) e para distincção se chamasse a esta, que era dentro da cidade, *d'Almedina.*

Nada tem esta egreja de notavel senão algumas pinturas de Paschoal Parente.

—

8.ª *S. Thiago*—collegiada e priorado. O prior tinha de rendimento 250$000 réis. Tinha dez beneficiados, cada um com sessenta mil réis.

É um dos mais antigos monumentos religiosos de Coimbra, pois foi reedificado em 1064, quando Fernando Magno resgatou esta cidade do poder dos mouros. É pois provavel que fosse edificado pelos gôdos.

Em 1757 tinha 300 fogos.

Hoje está annexa á parochia de S. Bartholomeu e teem ambas 350 fogos.

No *Instituto* (vol. I pag. 66) vem um artigo do nosso incansavel e consciencioso investigador, o sr. R. de Gusmão, pelo qual se vê que esta parochia, ainda no seculo XIV era sujeita ao arcebispo de S. Thiago de Compostella (Galliza) que a visitava ou mandava visitar, e que foi sagrada a egreja sob o titulo de *basílica*, no principio do XIII seculo.

Vê-se na *Chron. dos Con. Regr.*, por Nicolau de Santa Maria, que, entre os onze companheiros que o arcediago D. Tello recolheu no mosteiro de Santa Cruz, que fundára em 1131, figura em primeiro logar *D. Honorio, varão illustre e de grande auctoridade, prior da egreja de S. Thiago, de Coimbra.*

É provavel que esta egreja fosse construida para matriz de uma freguezia.

Que teve a prerogativa de *basílica* prova-se pelo *Martyrologio*, do uso do côro de Coimbra, onde se lê:

> *Sexto Kalendas Septembris—Dedicatio hujus Basilicæ Divi Jacobi Apostoli Colimbriensis: quæ consecrata est anno milesimo ducentesimo quarto, ad expensas Domnæ Daniellæ, nobilis feminæ, cujus anima in pace requiescat.*

Isto é:—A seis das kalendas de septembro (17 de agosto) se dedicou esta basilica a S. Thiago, apostolo colimbricense. Foi consagrada no anno 1204 (1166 de Jesus Christo) á custa da nobre senhora D. Daniella, cuja alma descance em paz.

—

Foi n'esta egreja que o infante D. Pedro (regente do reino, na menoridade de seu sobrinho e genro, D. Affonso V, e duque de Coimbra) e D. Alvaro Vaz de Almada, conde d'Abranches (vide Cêa) juraram, pondo as mãos sobre uma hostia consagrada, não sobreviver um ao outro, em qualquer batalha. Cumpriram o seu juramento, pois ambos foram mortos nos campos de Alfarrobeira, no dia 20 de maio de 1449. (Vide Alfarrobeira.)

—

A egreja é de tres naves, revelando a sua vetustez. A porta principal e a lateral, são formadas por varias columnas, apoiadas em arcos de *cintro pleno*, com diversos lavores e folhagens em alto relevo.

Tem quatro capellas. Uma d'ellas é dedicada a Santo Eloy, patrono dos ourives, que tinham o privilegio de serem n'ella enterrados.

Em uma das suas paredes está embebida uma pequena lapide, que diz:

ESTA CAPELA
HE DOS OURI-

UES DESTA CID.[e]
TANTO DOS DE
OURO COMO
OS DE PRATA.

Na capella dedicada a Santo Ildefonso, está um tumulo mettido na parede, sob um arco forrado de azulejo, com esta inscripção:

EN HESTA SEPO' TURA JAZEM OS HOSOS DAFFONS
O DOMINGEZ DAVEJRO PRIMEIRO IMSTITUJDOR
DESTA CAPELLA OS QUAEES FORAM AQUJ P
OSTOS PER PERO DALLPOI SEU TRESNETO
QUE ORA HE ADMJNISTRADOR DA DITA CAPEL
LA NO ANO DO NASCIMETO DE NOSSO SENOR
JHU XPO DE MJLL E QUJNHENTOS E QUATORZE ANOS

(Será este Affonso Domingues o célebre mestre das famosas obras do convento da Batalha? As datas combinam, porque em 1514 podia ter trinetos.)

—

9.ª *S. João da Cruz*—era curato, com cinco capellães, todos seis apresentados pelo geral de Santa Cruz, e isenta da jurisdição episcopal, até 1834.

(*Á excepção d'esta e da 1.ª das antigas freguezias, todas as outras sete eram apresentadas pela curia romana, pela mitra e pela respectiva collegiada, cada uma com seu mez — isto é — o 1.º mez era do papa, o 2.º do bispo, e o 3.º da collegiada.*)

O cabido tinha 15 contos de réis de renda, 33 prebendas, para 8 dignidades e 25 conegos, 6 meios conegos, 3 tercenarios, 14 capellães, 8 *môços* do côro, etc., etc.

Bispos

O primeiro bispo de Coimbra consta que foi Anastacio (diz-se que discipulo do apostolo S. Thiago.) Seguiram-se: Elipando, Lucio, Ermulfo, Reenato, Sizioerto, Celebrando, Cantaber, Miro, Emilla e Anastargio, em cujo tempo (716) se perdeu Coimbra, a primeira vez que cahiu em poder dos arabes.

Parece que mesmo durante a dominação agarena, teve Coimbra bispos (provavelmente *in partibus*) pois vejo nomeados, antes do resgate d'esta cidade, a Servando, Theodomiro, Nausto, Frualengo, Lucencio e Gonçalo-Ozorio.

Tornada Coimbra povoação christan, (1040 ou 1064) foi feito bispo D. Paterno, que morreu em 1090.

Seguiu-se-lhe D. Cresconio, que era bispo de Coimbra quando o conde D. Henrique e sua mulher tomaram conta de Portugal. Seguiram-se: D. Mauricio, D. Gonçalo, D. Bernardo, D. João Anaya (que morreu em 1158) D. Miguel (morreu em 1180) D. Vermundo, D. Pedro (morreu em 1184) D. Martinho (morreu em 1199) D. Pedro Soares (morreu em 1233) D. Tiburcio, o mestre Domingues (morreu em 1242) D. Egas Fafes, D. Raymundo (morreu em 1276) D. Estevão, D. Pedro, D. Aymerico (morreu em 1295) D. Pedro (que foi chanceller do rei D. Diniz; eleito em 1300) D. Fernando, D. Estevão II, D. Raymundo, D. João, D. Pedro, D. Jorge, D. Lourenço, D. Pedro Gomes, Barroso, D. Vasco de Toledo, D. Fernando, D. Pedro Tenorio, D. João Cabeça de Vacca, D. Fernando, D. Martinho, D. Gil, D. Fernando Coutinho, D. Alvaro Ferreira, D. Luiz Coutinho, D. Affonso Nogueira, D. João Galvão (que foi o primeiro conde de Arganil, feito por D. Affonso V, em 25 de setembro de 1472.) Desde então até hoje, todos os bispos de Coimbra se intitulam *condes de Arganil.*

Seguiu-se: D. Jorge d'Almeida, D. Garcia de Menezes, D. fr. João Soares, D. Manuel de Menezes (que morreu na batalha de Alcacer-Quibir, ao lado de D. Sebastião) D. fr. Gaspar do Casal, D. Affonso Castello-Branco (que morreu com fama de santidade, em 1614) D. Affonso de Mendonça (que foi para arcebispo de Braga, em 1618) D. Martinho Affonso Mexia Tovar (que morreu em agosto de 1623) D. Jorge de Mello, D. Joanne Mendes de Tavora, D. Manuel de Noronha, D. fr. Alvaro de S. Boaventura, D. João de Mello, D. Antonio de Vasconcellos e Sousa, D. Miguel da Annunciação, e mais dois ou tres, cujos nomes me não lembram, até ao actual sr. bispo conde, D. Manuel Corrêa de Bastos Pina. (Vide Carregosa.)

—

Coimbra está quasi no centro do reino

na provincia da Beira, mas actualmente chama-se provincia do Douro. (Um dos grandes disparates dos modernos *geographos politicos*, visto que fica a 108 kilometros ao S. do Douro, e 36 ao S. do Agueda. Só lhe poderia caber o titulo de provincia *de entre o Douro e Mondêgo*, se se creasse esta provincia. É como um vasto territorio ao S. do Tejo, na provincia do Alemtejo, e que se encorporou na Extremadura. É grande desconchavo, termos divisões naturaes, que evitam muitas duvidas e conflictos, e fazel-as *imaginarias*, que tantas desordens podem causar.)

Situada sôbre a margem direita do formoso Mondego, parte em planicie, parte reclinada na encosta de um monte, coroado por alguns dos seus melhores edificios.

Os frondosos arvoredos que bordam as margens do rio, concorrem para que Coimbra seja uma das mais bem situadas cidades do reino, tendo pelo lado do S, uma vista formosissima, que, diga-se a verdade, muda completamente de aspecto ao entrar na cidade, que, principalmente na baixa, é formada por bêcos (a que chamam *ruas*) estreitos, tortos, immundos, mal calçados e ladeados de casas, quasi todas de mesquinha apparencia.

A unica rua que merece tal nome é a Sophia, larga, plana, bem macadamisada e adornada de edificios de boa apparencia, que, pela maior parte, foram conventos e collegios.

Deve porém confessar-se que as condições de belleza e salubridade teem melhorado muitissimo n'estes ultimos annos. O sr. dr. Manuel dos Santos Pereira Jardim (feito visconde de Monte São, em janeiro de 1872) digno e benemerito presidente da camara, secundado pelos vereadores seus collegas, tem effectuado muitos melhoramentos nas ruas de Coimbra, alinhando-as, calçando-as, nivelando-as quanto é possivel, em vista dos accidentes do solo.

As ruas da cidade baixa, foram terraplenadas, subindo o antigo nivel a uma altura superior ás enchentes ordinarias do rio. Na margem d'este ha uma formosa alameda; finalmente, quem hoje fôr a Coimbra, fica admirado da sua transformação, principalmente por se ter operado tão breve.

Honra pois aos nobres e benemeritos vereadores, que á custa de bastantes dissabores e despresando as calumnias de ignobeis *pessimistas*, conseguiram regenerar a terceira cidade do reino.

Ainda muito resta a fazer; mas o impulso está dado e as camaras futuras hão de seguir o trilho da de 1867 e bem merecer dos conimbricenses.

Trata-se tambem actualmente de um grande melhoramento: é a elevação e canalisação das aguas do Mondego, para abastecimento da cidade; para o que já está formada uma companhia. Ha de ficar a agua a menos de 3 réis o almude. Para que venha sempre pura serão empregadas *galerias de filtração*.

As camaras teem mandado plantar (até 1874) nas ruas e praças de Coimbra e nas estradas proximas da cidade, mais de 5:000 pés de arvores. Pela margem do rio, em quasi todo o comprimento da cidade, ha um bello caes de cantaria, com grades de ferro do lado do rio, e uma linda alameda.

As praças principaes são 4: a da Universidade e a da Feira, no sitio mais elevado da cidade. As de Sansão e a Praça, na baixa. A primeira é cercada por todos os quatro lados pelos bellos edificios da Universidade — na segunda ergue-se a cathedral, o museu e aulas de sciencias naturaes e o palacio do governo civil (convento dos loyos.) Na de Sansão (a mais pequena de todas) está o riquissimo templo e mosteiro de Santa Cruz. A quarta é o grande mercado da povoação, que alli se vae abastecer diariamente de peixe, fructas, hortaliças, etc., etc.

—

Tem um *asylo de mendicidade*, creado por iniciativa do sr. José Maria da Silva Leal, concorrendo para a sua dotação muito poderosamente o sr. Antonio José Duarte Nazareth, com uma grande subscripção que promoveu no Rio de Janeiro, quando ahi foi consul de Portugal.

Tem Misericordia e hospital, fundados por D. Manuel, pelos fins do seculo XV. Foi a

segunda que instituiu no reino. Era antigamente o *collegio da sapiencia.*

D. Manuel deu á Misericordia de Coimbra 5:000 crusados de renda annual.

A egreja ainda que pequena é bella e de primorosa cantaria.

—

Asylo de infancia desvalida. Adiante se trata d'este asylo mais detidamente, e de outros estabelecimentos de beneficencia.

O *seminario,* edificio vasto, mas incompleto, com sua magnifica capella.

Os edificios da Universidade estão collocados no mais alto da cidade, na praça do seu nome, ao fundo da qual estão os paços das escolas e do reitor.

Na frente d'este está o observatorio astronomico, e dos lados a capella, a livraria e o Collegio de S. Pedro.

As salas da bibliotheca são magnificas e conteem mais de 60.000 volumes. Os livros dos extinctos conventos occupam o pavimento superior do antigo *collegio das artes,* hoje lyceu, e sobem a 150:000 volumes!

As *aulas de sciencias naturaes* estão um pouco distantes dos paços da Universidade, em un edificio contiguo á Sé Nova, que antigamente fazia parte do collegio dos jesuitas, e que o marquez de Pombal, depois da extincção d'elles, reedificou ricamente, apropriando-o ao seu novo destino. Além d'aquellas aulas, acham-se n'elle estabelecidas as *salas do museu,* que encerram uma soffrivel collecção de productos dos tres reinos da natureza (os mais raros *exemplares* foram roubados pelos francezes em 1807.)

O *museu de historia natural* foi fundado pelo marquez de Pombal em 1772. Foi o primeiro museu publico que houve no reino. Tem progredido muito n'estes ultimos tempos.

O *gabinete de physica* e o *theatro anatomico.*

Em frente d'este edificio está o *laboratorio chymico,* obra magnifica, apesar de incompleta.

—

Ha tambem em Coimbra um bom *jardim botanico,* vasto e bello. É um bom passeio publico e muito concorrido, principalmente nos dias santificados.

Tem tres theatros, o Academico, o de D. Luiz e o da Boa União.

Para fazerem o theatro de D. Luiz (em 1861) destruiram a antiquissima egreja de S. Christovão, um primoroso monumento de architectura christan; foi arrasado, para se substituir por um acanhado e defeituoso edificio de alvenaria, sem graça e sem gôsto.

Ha tambem em Coimbra dois clubs, o Academico, feito no theatro do mesmo nome; e o Conimbricense, estabelecido em um bom predio, proximo do Arco de Almedina, com excellentes e bem guarnecidos salões. Ha na cidade duas philarmonicas, Boa União e Conimbricense.

Coimbra é, ha 14 annos, illuminada a gaz.

—

A *Sé velha* é um dos mais antigos e curiosos monumentos religiosos de Portugal. A maior parte dos nossos escriptores dizem que foi fundada pelos godos, no seculo VI ou VII, e effectivamente a sua architectura é gothica, e em fórma de castello (exteriormente) com ameias; todavia alguns modernos sustentam que é obra de D. Affonso I. Não posso concordar com esta opinião (que contradiz tudo quanto escreveram historiadores antigos de muita verdade e criterio.)

É provavel que o nosso primeiro rei a reedificasse e ampliasse, e seus successores, até D. João I (que aqui tinham a sua côrte) tambem lhe fizessem varias obras, o que se prova, tanto interna como externamente, pela sua architectura de varias epocas. Tem obras de muito primor e sepulchros muito antigos.

Todos os historiadores e escriptores antigos dizem que este venerando edificio já existia como templo christão em 716. Uns dizem que foi edificado por Ataces, ou no seu tempo, outros que depois, pelos godos. Que os arabes fizeram d'este templo mesquita, e que D. Fernando Magno quando tomou Coimbra em 1064, a mandou purificar e benzer, armando ahi cavalleiros os 900 bravos que mais se distinguiram durante os 7 mezes de cêrco, sendo o principal d'elles, o *Cid* Ruy Dias de Bivar (como já em outra parte disse) e pondo ahi por bispo D. Paterno.

De mais a mais, segundo é constante em respeitaveis escriptores antigos, já antes de D. Paterno, e mesmo antes de 716, tinham havido em Coimbra onze bispos, e depois d'esse anno (durante a dominação agarena) houve seis bispos, antes de D. Paterno, (vide atraz, o catalogo dos bispos de Coimbra) e ninguem diz que houve aqui outra Sé antes ou depois da velha, senão a actual.

—

Vêem os nossos leitores quantos edificios notaveis tenho rapidamente descripto n'esta cidade; mas ainda ficam muitos e importantes por descrever, o que me abstenho de fazer para não tornar a descripção de Coimbra interminavel.

—

Finalmente Coimbra, a formosa rainha do Mondego, a Athenas lusitana, a côrte dos nossos primeiros dez reis, a terceira cidade de Portugal, é a todos os respeitos e por todos os motivos uma povoação interessantissima e notabilissima, e o desenvolvimento e melhoramentos que tem tido n'estes ultimos annos, e os que de certo hade ter nos seguintes, certificam-nos que antes de pouco hade ser uma das mais bellas cidades do reino.

Seus arrabaldes são notaveis e famosissimos pela sua inexcedivel belleza e pela sua fertilidade. Os formosissimos campos das margens do Mondego, os pomares e bosques silvestres que ensombram este lindo e poetico rio; os montes e valles verdejantes, já cobertos de frondoso arvoredo, já adornados com algum grande edificio religioso, como os conventos de Santa Clara, de S. Francisco, de Cellas, e a egreja e ruinas do convento de Santo Antonio dos Olivaes; as muitas e abundantes fontes que régam e fertilisam estas deliciosas paisagens, tudo, fórma dos arrabaldes de Coimbra um verdadeiro quadro de bellezas variadas que se não póde descrever.

É do mesmo modo impossivel mencionar todos os sitios famosos por sua belleza ou por suas recordações, que existem nos arredores de Coimbra; apontaremos apenas os seguintes:—o *penedo da saudade*; o *penedo da meditação*; a *quinta das lagrimas* (com a sua *fonte dos amores*, assombrada de frondosos cedros, onde foi assassinada a formosa D. Ignez de Castro) a *lapa dos esteios* (na margem esquerda do Mondego); a *fonte do castanheiro*; a *quinta de Revelles*, com seu formoso lago, cercado de alto muro, feito de cedros entrelaçados, e a bella rua de Santo Agostinho, ladeada de frondosas arvores; a *memoria*; a *varzea de Cosêlhas*; o *passeio do encanamento*; o *caminho de Cellas*, etc. (Vide Cosêlhas.)

—

É Coimbra abundantissima em cereaes, legumes, vinho, azeite, hortaliças, fructas, peixe, etc.

—

Tem fabricas de louça ordinaria e *entre-fina*, e de céra.

Tem tres typographias, sendo a melhor a da universidade, que é a segunda do reino.

—

É Coimbra patria de innumeros varões illustres pelas virtudes, pelas lettras e por serviços relevantissimos á patria. Seria preciso um grande volume para os mencionar todos, e limitar-me-hei aos mais notaveis.

D. Sancho I, aqui nasceu, a 11 de novembro de 1154.

D. Affonso II, a 23 de abril de 1185.

D. Sancho II, em 1202.

D. Affonso III, a 5 de maio de 1210.

D. Diniz, a 9 de outubro de 1261.

D. Affonso IV, em 1291.

D. Pedro I, a 18 de abril de 1320.

D. Fernando I, em 31 de outubro de 1345. (Nasceu no mesmo dia e no mesmo mez em que nasceu (em 1816) o sr. D. Fernando Coburgo.)

Nasceram tambem aqui muitos infantes e infantas.

—

Aqui nasceram Ayres de Pinhel, fr. Francisco de Santo Agostinho de Macedo, D. João Peculiar, fr. Leão de S. Thomaz, Pedro de Mariz e Ruy Lopes da Veiga.

O sr. Augusto Cesar Barjona de Freitas, aqui nasceu, em 13 de janeiro de 1833. É filho do sr. doutor Justino de Freitas, auctor das *Instituições de Direito Administrativo*, insigne jurisconsulto, e professor de direito

administrativo, na universidade. Formou-se em direito e foi despachado substituto d'esta faculdade em 21 de junho de 1858. É actualmente (1874) ministro das justiças.

—

Joaquim Machado de Castro, célebre esculptor, que nasceu em 1731. Trabalhou 14 annos em Mafra, sob a direcção do italiano Giusti. Em 1770, foi encarregado pelo marquez de Pombal, de fazer a estatua equestre de D. José I, para ser collocada no Terreiro do Paço (Praça do Commercio) de Lisboa. Terminou este monumento, que lhe deu eterna nomeada, em 1775.

É tambem o auctor da estatua de Neptuno que estava no chafariz do Loreto (e hoje está na *disponibilidade*) e das esculpturas da egreja da Estrella.

Morreu em 1822, de 91 annos, pobre, esquecido e despresado.

Só, ha cousa de 10 ou 12 annos, é que o governo se lembrou de dar uma pequena pensão a duas filhas do grande esculptor, que ainda viviam, velhas e pobres.

—

Francisco de Sá de Miranda. Nasceu a 27 de outubro de 1495. Era filho de Gonçalo Mendes de Sá e de D. Philippa de Miranda. pessoas nobres, tambem naturaes de Coimbra.

Cursou a Universidade de Coimbra e foi intimo amigo do estimavel poeta Antonio Ferreira.

Sá de Miranda era um primoroso poeta e prosador eloquentissimo.

Sahindo de Portugal, viajou pela Europa, visitando Milão, Veneza, Roma e outras muitas cidades e paizes, onde muito se aperfeiçoou e instruiu.

D. João III lhe deu uma commenda de Christo.

Sá de Miranda fórma a transição entre a velha escola portugueza e a classica da *renascença.*

Seus escriptos são notaveis pela sua elegante simplicidade e despretenção.

Os criticos lhe notam bastantes plebeismos.

Casou com uma dama da familia dos Azevedos de Bayão, chamada D. Briolanja de Azevedo, senhora da quinta da Tapada, (proximo de Braga) de muita virtude, mas de pouca formosura.

Já era entrada em annos quando casou, mas ainda teve dois filhos, que foram herdeiros dos seus bens e da sua gloria. O sr. visconde de Azevedo e o fallecido D. João de Azevedo, da Tapada, são seus descendentes.

Sá de Miranda morreu na sua quinta da Tapada, a 15 de março de 1558. (Vide Tapada.)

—

Diogo de Paiva de Andrade. Nasceu a 26 de julho de 1528. É um dos mais notaveis oradores portuguezes.

Enviado por D. Sebastião ao concilio de Trento, adquiriu uma reputação europea.

Voltando a Portugal, foram pouco avaliados os seus grandes talentos. Dedicou-se ao pulpito, onde desenvolveu uma singela eloquencia em purissima linguagem portugueza.

Morreu no 1.º de dezembro de 1575.

Seus sermões foram impressos no principio do seculo XVII.

Seu irmão, Francisco de Paiva de Andrade, tambem nascido em Coimbra, foi chronista de D. João III.

Outro seu irmão, tambem conimbricense, Thomé de Paiva de Andrade, é o notavel escriptor mystico fr. Thomé de Jesus.

—

Diogo de Paiva de Andrade, sobrinho do antecedente, aqui nascido, em 1576.

Escreveu o *Exame de Antiguidades*, para refutar as opiniões de fr. Bernardo de Brito.

Escreveu mais o *Casamento perfeito*, e um poema em latim, intitulado *Chauleida*, para celebrar o cêrco de Chaúl, sustentado em 1570, por D. Francisco Mascarenhas.

A sua gloria é devida, mais á sua vasta erudição do que ao seu talento poetico.

Morreu de 84 annos, em 1660.

—

Com justissima razão se ufana Coimbra em ser patria do conde D. Sisnando, um dos mais benemeritos lusitanos do seculo XI; que, além das grandes victorias que obteve

contra os mouros, fundou muitos edificios e instituições de utilidade publica.

Era D. Sisnando musarabe, filho de David, senhor de Tentugal e outras terras visinhas.

Na sua juventude, fez D. Sisnando guerra aos christãos, e, apresentando-se na côrte de Sevilha, em tempo de Ibn-Abbad, chegou pelos seus talentos e serviços a ser *wasir* no divan, isto é, membro do supremo conselho do emir serraceno.

Desgostoso da côrte do emir, entrou ao serviço de Fernando Magno, rei de Leão e Castella, e tanto se distinguiu pela sua intelligencia e bravura, que D. Fernando o fez conde (governador) das terras portuguezas ao sul do Douro, ás quaes serviam de limites, pelo E. a linha de Lamego, Viseu e Cêa, e de fronteira pelo SE. a vertente N. da serra da Estrella, cujo territorio formava então o condado de Coimbra.

Era tambem senhor das Terras de Santa Maria (hoje Terra da Feira.)

Os vinte e sete annos que D. Sisnando governou o seu condado, foi uma época de prosperidade para os portuguezes; pois que elle, além de muitas obras de utilidade publica que fez construir (algumas das quaes ainda existem) não só conservou a integridade do territorio que lhe foi confiado, mas ainda o alargou á custa do dos arabes.

Não foi só a cidade de Coimbra objecto dos seus cuidados, adornando-a de bellos edificios e fortalecendo-a de torres e muralhas; outras muitas povoações lhe devem assignalados serviços. Reedificou Cantanhede, Tentugal e Monte-Mór-Velho. Edificou os castellos da Foz d'Arouce e Penella e reedificou ou ampliou outras povoações.

Fundou e dotou muitas egrejas. Edificou o mosteiro de S. Jorge, (cruzios) e deu ao da Vaccariça o logor d'Otta; e á Sé de Coimbra muitas terras além do rio Mondego.

A D. Sisnando se deve o primeiro seminario ecclesiastico que houve em Portugal, o qual elle fundou junto á Sé cathedral de Coimbra.

Ainda que D. Sisnando reconhecia a soberania dos reis de Leão e Castella, era todavia senhor livre e independente das terras do seu condado, dando-as, (como acima disse) a quem queria, sem dependencia da auctorisação do rei castelhano.

Morreu D. Sisnando em 25 de agosto de 1091. Jaz sepultado em um tumulo de pedra calcarea, sob um arco, na parede exterior da Sé Velha de Coimbra. Tem uma inscripção portugueza (em caracteres allemães minusculos) que, segundo João Pedro Ribeiro, é traducção da primittiva latina; e data do reinado de D. Affonso III. Diz assim:

Aqui jaz hum que em outro tempo foy grande varom
Sabedor e muito eloquente avondado e rico e agora
He pequena cinza ançarada em este moimento
E com el jaz hum seu sobrinho dos quaes hum
Era já velho e o outro mancebo e o nome do Tio
Sisnando e Pedro avia nome o sobrinho.

Aqui temos esquecido e despresado um dos mais venerandos monumentos de Portugal; e, emquanto se gastam centenas de contos em erigir monumentos a nullidades, ninguem se lembra de elevar um modesto tumulo a um dos mais benemeritos portuguezes, cujos ossos antes de poucos adnos ninguem saberá onde existem.

—

Aqui nasceu, pelos annos de 1800, o sr. José da Gama Castro de Mendonça, doutor formado em medicina, por esta Universidade.

Foi physico-mór do exercito realista até á convenção de Evora-Monte. Emigrou para o Brasil (Rio de Janeiro) onde publicou o livro intitulado *O Novo Principe ou o Espirito dos Governos Monarchicos*, uma das obras mais perfeitas e concludentes sobre a materia, que viram a luz publica no seculo XIX.

Do Rio de Janeiro foi para a França, estabelecendo-se em Paris, onde, por muitos annos, foi elegante e assiduo correspondente do *Jornal do Commercio* do Rio de Janei-

ro: notando-se nas suas correspondencias a mais rigorosa imparcialidade e a verdade mair incontestavel.

Morreu em Paris, chorado por quantos o conheciam, em septembro de 1873.

Foi um dos mais distinctos filhos de Coimbra e da Universidade, em nossos dias.

—

O primeiro duque de Coimbra foi o infante D. Pedro, terceiro filho de D. João I. Seu pae, em attenção ao grande valor que mostrou na tomada de Ceuta (Africa) em 14 de agosto de 1415, apenas chegou á cidade de Tavira, na volta da conquista, ahi mesmo lhe deu este ducado.

O 2.º duque de Coimbra foi D. João, filho do 1.º duque, extinguindo-se este titulo por sua morte.

D. João II deixou nomeado em seu testamento por duque de Coimbra (já que não pôde conseguir fazel-o rei de Portugal) a seu filho bastardo, D. Jorge de Lencastre, mercê que o rei D. Manuel confirmou.

Por fallecimento de D. Jorge se acabou o titulo, em razão d'este ser mudado para o de Aveiro, para seu filho e netos. O ducado de Aveiro terminou com o supplicio dos seu ultimo duque, em 1759.

O sr. D. Luiz fez duque de Coimbra, em 1867, a seu irmão, o sr. infante D. Augusto.

—

Origem *Convento de Santo Antonio dos Olivaes* é a seguinte:

A rainha D. Urraca, mulher de D. Affonso II, tinha uma capella da invocação de Santo Antão, abbade, que em 1217 ou 1218 doou aos frades franciscanos, os quaes junto á capella fundaram um pobre hospicio e alli vieram pousar fr. Otho e seus quatro companheiros, vulgarmente conhecidos pela justa denominação dos *sinco martyres de Marrocos.*

Depois do supplicio d'estes santos religiosos, Santo Antonio de Lisboa, (que era então cruzio em Coimbra) vendo chegar á cidade as reliquias dos referidos martyres, e quiz ser tambem, e sahindo da ordem de Santa Cruz se metteu franciscano n'este convento, para mais facilmente poder obter o que desejava.

Foi d'este convento que sahiu o grande prégador da fé, o *Thaumaturgo* do seu seculo.

Foi em memoria d'este varão santo, tão querido dos portuguezes e dos paduanos, que a invocação do convento se mudou para a de Santo Antonio.

Em 1247 deixaram os frades o seu humilde convento dos Olivaes (assim chamado por estar situado entre olivaes) e foram habitar o convento que se havia acabado de fundar junto á ponte, e que depois veio a chamar-se *S. Francisco Velho.*

Mas nem com a sahida dos frades do humilde conventinho dos Olivaes arrefeceu a devoção do povo para este monumento. A cidade aqui edificou uma egreja, dedicada a Santo Antonio de Lisboa, onde, nos dias 13 de junho de cada anno, celebrava com grande pompa a sua festa, e a uma cellinha terrea, muito estreita, que, segundo a tradição habitava o santo, concorriam os povos da cidade e visinhanças com grande devoção.

Em 1539 se emprehendeu uma nova edificação. Ajudados por D. João III e por D. Alvaro da Costa, fundaram aqui os frades franciscanos da provincia da Piedade um novo convento, que depois veio a pertencer á da Soledade, que se separou d'aquella em 1673.

Por occasião d'esta nova fundação se reedificou a venerada cellinha, que foi transformada em casa de capitulo.

Em 1835 foi este venerando monumento *trocado a papeis de credito* (completamente *desacreditados* e que ninguem queria com o desconto de 90 por cento) e ficou pertencendo ao padre Manuel Antonio Coelho da Rocha, doutor em leis, lente de prima, e vice reitor da Universidade (vide Covellas de S. Miguel do Matto) que o comprou pela decima parte do seu valor.

Em a noite de 10 para 11 de novembro de 1851 ardeu tudo, ficando apenas quasi intacta a egreja, sachristia, e pouco mais.

Já então tinha morrido o doutor Coelho da Rocha e pertencia este convento a sua sobrinha e herdeira, a sr.ª D. Luiza Augus-

to Coelho da Rocha, que tendo-o segurado em 600$000 réis, preferiu receber esta quantia a exigir que a companhia em que estava seguro, o reedificasse!

Apesar d'este sinistro ainda a egreja e cêrca dos Olivaes é digna de ser vista e admirada. A entrada (por uma larga escadaria que tem ao fundo tres arcos e um de cada lado) é bonita. É guarnecida de capellinhas com os passos mais tocantes da paixão de Jesus Christo.

Dá entrada para a egreja (que foi logo concertada depois do incendio, que pouco a damnificou) um portico de architectura antiga, de volta ogival, que se suppõe ter pertencido ao primittivo convento. De um e outro lado d'este portico se lê um elegante elogio que compoz (e fez gravar) a Santo Antonio, D. fr. Antonio de Serpa, bispo de Cochim.

A sachristia é pequena mas muito bonita; com vistosas pinturas a fresco e varios quadros representando passagens da vida do Thaumaturgo.

Ha tambem n'esta sachristia (segundo é fama) o verdadeiro retrato do santinho, tirado em Padua, pouco antes da sua morte; e um quadro, representando Santo Antonio a tomar o habito, obra de *Paschoal Parente*, e de muito merecimento. Está na sachristia a cabeça de Santo Antão e outras reliquias de santos.

A cêrca tem varias capellinhas e do alto d'ella se gosa um bello panorama.

Este sitio ainda é muito concorrido e ha aqui as festas de Nossa Senhora das Dores, do Espirito Santo e de Santo Antonio.

—

Do convento de Santo Antão, ou de S. Francisco Velho, junto á ponte, ha apenas tenues vestigios.

—

A espada de D. Affonso Henriques

Sobre o tumulo de D. Affonso I estava a sua espada, com uma rica bainha de velludo verde com ponteira e guarnições de prata dourada, e guardada em uma bella caixa d'ébano, com fechadura, chave e ornatos de prata. Hoje vê-se esta gloriosa espada no museu de S. Lazaro (Porto) mas apenas a espada (porque é de ferro) e mettida em uma reles caixa. A bainha, guarnições, fechadura, chave etc. *como eram de prata*, e a caixa, como era d'ébano, foi tudo roubado em 1834.

Pobres reliquias de tão venerando varão e tão grande rei! escapates aos castelhanos e aos francezes e não podestes escapar aos nacioaes! (Vide Porto, no logar competente, onde trato mais circumstanciadamente da historia d'esta espada gloriosa.)

—

Tendo-se revolucionado a cidade de Coimbra em 1808, para sacudir o feroz jugo das hordas napoleonicas, o corpo academico da universidade se alistou logo em duas secções. A *dos lentes* sob o commando de Fernando Saraiva Fragoso de Vasconcellos, primeiro lente de canones. A *dos estudantes*, debaixo do commando de Tristão Alvares da Costa, lente de calculo e major d'engenheria. (O vice-reitor, Manuel Paes d'Aragão Trigoso, tinha sido acclamado governador da cidade.)

Estes dois corpos academicos fizeram relevantissimos serviços á patria durante a guerra peninsular, sendo uma das suas principaes façanhas e a primeira a tomada do *castello de Santa Catharina*, na villa da Figueira da Foz, a 27 de junho de 1808.

O chefe do destacamento de academicos (eram apenas 40!) que ajudados por uns 3:000 paizanos, armados apenas de piques, lanças e foices, cometteu este feito glorioso, foi o estudante Bernardo Antonio Zagallo, sargento d'artilheria do corpo academico.

(Vide Figueira da Foz.)

—

O jardim botanico, foi mandado fazer pelo marquez do Pombal, pelos annos de 1774 ou 1775.

É o melhor do reino, pela sua vastidão e opulencia, pela variedade de plantas, tanto indigenas como exoticas, pela sua grandiosa estufa e até pela sua encantadora posição.

Foi organisado sob a inspecção do insigne naturalista portuguez, o doutor Felix d'Avelar Brotero, rival dos Tourneforts, de Candolles, Links, Linneos etc. etc.

Para o esplendor d'este estabelecimento

scientifico muito concorreu o desvelo do reitor D. Francisco de Lemos, na sua parte material.

Ao principio a botanica fazia parte da cadeira da historia natural, que era então regida por Domingos Vandelli, um dos mais profundos naturalistas da Italia; mas no reinado de D. Maria I se estabeleceu uma cadeira especial de botanica e agricultura, sendo seu lente o nosso Brotero.

—

A *rua das Fangas* é assim chamada, porque n'ella, ou junto d'ella se vendiam cereaes e legumes, que se mediam por *fangas*.

Fanga continha antigamente 6 alqueires, hoje compõe-se de 4. No sul do reino dizem fanéga.

—

Rua do *Quebra-Costas* — deu-se-lhe este nome pelo seu grande declive e porque (principalmente em tempo de chuva) estava em risco de quebrar as costas quem a descia: Hoje construiram-lhe uma escadaria e está muito melhorada.

—

Entre varios estabelecimentos de Coimbra, uns que já relatei e outros que não menciono, alguns por falta de *dados positivos*, especificarei os seguintes:

Asylo da infancia desvalida.

Sociedade philantropico-academica, instituida para subministrar subsidios aos estudantes applicados a quem faltarem os meios.

Sociedade de beneficencia typographica,— fundada em 1849, para soccorro dos artistas e mais empregados da imprensa da universidade.

Sociedade consoladora dos afflictos, creada tambem em 1849, administrada por senhoras e filial da do mesmo titulo que existe em Lisboa.

O seu fim é acudir com esmolas ás familias necessitadas.

Monte-pio-conimbricense fundado em 1851, para todo o que quizer concorrer com as quotas mensaes designadas nos seus estatutos.

Asylo da mendicidade fundado pelo povo em 16 de setembro de 1855.

Esteve primeiro no collegio do Carmo e depois foi transferido para umas casas em *Mont-Arroio*, que haviam servido de róda dos expostos.

Associação dos artistas de Coimbra—para prestar soccorro aos socios que d'elle precizem e abrir cursos nocturnos. Tem casa propria, fundada em 1853.

Associação commercial, fundada em 1863.

Recolhimento do Paço do Conde, fundado pelo bispo de Coimbra D. João de Mello, nos fins do seculo XVII, ou principio do XVIII, para mulheres convertidas; cujo instituto foi mudado em 1827, pelo bispo D. Joaquim da Nazareth, que o fez recolhimento para educação de meninas pobres.

Alem do hospital-geral a cargo da universidade, têm mais Coimbra o hospital dos lazaros, tambem administrado pela universidade, e o hospital da ordem terceira, muito bem mantido.

O hospital dos Lazaros estabeleceu-se no extincto collegio de carmelitas descalços denominados de S. José dos Mariannos.

Ha em Coimbra uma sociedade litteraria e scientifica, que é o Instituto, creada e conservada até hoje com esplendor pelo, corpo academico.

Tem Coimbra seis typographias; diversas litographias, 3 periodicos politicos e 5 litterarios. Uma bôa fabrica (movida por vapor) de massas e bolacha, do sr. Domingos Antonio de Freitas e Irmão, em um edificio expressamente construido para essé fim, e dos melhores do reino. A *Fundição de ferro* (tambem a vapor) do sr. José Bernardes Gallinhas. Varias fabricas de louça, que alli chamam de Bandel (talvez corrupção de *Vandelli*; porque o fundador da primeira d'estas fabricas foi o italiano Domingos Vandelli, em 1784. N'ella se faziam as melhores faianças do reino. A este varão deve Portugal grandes serviços, já como mestre da universidade, já na creação de novos estabelecimentos scientificos, litterarios e industriaes

Ha tambem varias fabricas de chapeus, de sabão, de vellas de sébo. etc. etc.

Trabalha-se com perfeição em passamaneria, marceneria e doces. Esta ultima industria é fabricada com inexcedivel perfeição pelas freiras de Cellas.

Na praça ha mercado todos os dias, menos nas terças feiras, que se faz no largo da Feira, em frente da Sé nova. Na terça feira immediata ao dia da festa de Santa Isabel, ha grande mercado no terreiro que serve d'adro ao mosteiro de Santa Clara.

No Rocio de Santa Clara, ha feira de gado suíno todas as terças feiras e no dia 23 de cada mez, grande mercado de gado vacum e suíno, etc. etc Ha tambem a feira d'agosto (chamada de S. Bartholomeu) que dura 8 dias.

—

O grande sabio mestre e geral da Ordem de S. Bento e cardeal (estrangeiro) d'isse de Coimbra—«*Vidimus urbem undique ridentem*»—isto é— Vímos uma cidade tão bem assombrada, que por toda a parte parece que nos está sorrindo.

—

Em 1574 vivia em Coimbra o dr. Pedro Nunes (vide Alcacer do Sal) célebre mathematico do seu tempo, com sua filha D. Guiomar.

Tratava esta certo namorico (mais ou menos *sério*) com um rapaz *limpo* que lhe tinha promettido casamento. Vendo ella que o amante não tinha pressa de casar, se queixou ao bispo de Coimbra, D. Manuel de Menezes, que mandou chamar o mancebo á egreja de S. João, e alli o inquiriu sobre a sua promessa sempre addiada ou esquecida. O rapaz negava terminantemente haver feito tal promessa.

D. Guiomar, cheia de odio, tira de um estojo um canivete e alli mesmo lhe dá na face um profundo golpe.

Este facto deu então assumpto a varias satyras em prosa e verso, sendo a que mais fez rir, a seguinte:

Senhora Dona Guiomar,
Moradora na Calçada,
Que déstes a cutilada;
Senhora Dona Guiomar,
Que moraveis na Calçada,
Mereceis tença d'el-rei,
Pois déstes a cutilada.

Os parentes e amigos do rapaz *marcado*, sabendo que Pedro Nunes queria metter sua filha no mosteiro de Santa Clara, e conseguindo saber o dia destinado para a entrada no convento, a foram esperar á ponte para, quando ella passasse, tomarem uma atroz vingança.

O bispo, que era irmão da abbadessa de Santa Clara, lhe mandou Dona Guiomar dentro de uma grande canastra, em ar de presente; ficando assim illudido o tetrico plano dos *conspiradores*. Isto deu ainda logar a novos ditos, satyras e poesias, que em grande numero se espalharam pela cidade e pelo reino.

—

Segundo o padre Luiz Montez Mattoso, prégador e notario apostolico, no folheto, que se imprimiu em 1745, de varios desacatos que tiveram logar no reino até ao seu tempo, a egreja do *Corpo de Deus*, de Coimbra, teve a seguinte origem:

Em 1362 vivia em Coimbra um mancebo catholico chamado João, o qual, induzido por um judeu chamado *Josepho*, roubou da cathedral um vaso de prata com 5 fórmas consagradas, que vendeu ao judeu, e este, levando-as á sua synagoga, depois de lhes dizer muitas blasphemias, as lançou em azeite a ferver e depois as fez em pedaços e enterrou em um logar immundo da mesma synagoga.

Divulgado este horroroso sacrilegio, foi o bispo com o clero e povo, derramando copíoso pranto, buscar o Senhor offendido, ao sitio, e o depositou na cathedral, sendo preso o sacrilego e punido com a pena de morte (o padre Montez não diz se foi o rapaz, que roubou as particulas, se o judeu).

Em memoria d'este caso se converteu a synagoga em egreja dedicada ao *Corpo de Deus*.

—

Em 3 de outubro de 1873 passou por esta cidade um furioso cyclone, acompanhado de chuva torrencial (que penetrou, com grande abundancia, em muitas casas).

O vento despedaçou muitas arvores, arruinou telhados e esmigalhou muitos vidros de janellas. A trovoada foi medonha.

A arvore collossal, denominada a *arvore dos Dorias*, soffreu grandes estragos.

Na estrada da Beira, contam-se mais de 30 arvores partidas.

Este cyclone foi soffrido por outras muitas povoações em um grande espaço de Portugal, sendo as que mais sentiram, a villa do Pombal, Aveiro e arrabaldes de Guimarães.

—

Os cidadãos de Coimbra gosavam do privilegio de infanções, e a cidade tinha o titulo de *muito antiga e leal ao rei.*

—

Não julgo mal cabidas, nem mal acceitas, algumas poesias (partes d'ellas) que os nossos vates dedicaram á formosa rainha do Mondego.

Andei lá por longes terras,
Tantas cidades que vi,
Outros climas, outras serras...
E ás vezes scismava em ti!
De Londres vi a grandeza,
Vi o encanto de Veneza,
De Paris a seducção;
E mesmo n'esses momentos
Foi fiel meu coração.

O Rheno com seus castellos,
Vienna, Milão, Berlim,
Da Suissa os cantões bellos
Não me fallavam a mim;
Não fallavam como fallas,
Coimbra, nas tuas galas
Que eu sei, que aprendi de cór,
Não diziam o que dizes
N'esse estendal de matizes,
Que tens de ti ao redor.

(*João de Lemos.*)

Quem nunca viu Coimbra
Pela brisa embalada
Do Mondego,
Que d'amoroso timbra,
Na margem reclinada
Com socego,
Não sabe o que é belleza,
Ai! não conhece a filha
Dos amores,
Mais nobre que Veneza,
Mais linda que Sevilha
Sobre flores...

(*A. de Serpa.*)

Risonha terra, formosa,
Eden mimoso, gentil,
Onde os prados são de rosa,
Onde as aguas são d'anil.

(*A. Lima.*)

—

O sr. José Freire de Serpa (visconde de Gouveia), no tom. I do seu *Cancioneiro*, traz um *soláu*, intitulado *Cidazunda*, onde sobre as armas de Coimbra diz:

E dos dois chefes
A dextra irada
Poisando a furto
Na quente espada;

E olhos de feras
Crusando ainda
De um lado, e outro
Da moça linda;

E ella aos guerreiros,
Com riso brando
Surdos furores
Amenisando:

Assim caminho
De Coimbra bella
Vem ante as álas
O Gôdo e ella.

E assim coroada
Em copa d'ouro,
De paz e graças
Rico thesouro,

De Coimbra Ataces
A fez brazão,
D'um lado a serpe,
D'outro o leão:

E já de seculos
Grossa dezena
Passou correndo
Por esta scena;

E inda os dois brutos,
Inda a donzella,
São a divisa
De Coimbra bella.

—

Fallando da Sé Velha, que fôra mesquita de mouros, diz o sr. Antonio Feliciano de Castilho (visconde de Castilho) nos seus incomparaveis *Quadros Historicos*:

Christãos, ganhastes Coimbra,
Mais que joia oriental;
Mais tu, Coimbra, ganhaste,
Que tens fonte baptismal,
E a tua mesquita grande
Verás logo em cathedral.

—

Muitos mais elegantes poetas e mimosos prosadores teem decantado maviosamente as innumeras bellezas de Coimbra e seus pittorescos arredores. Não extráio d'ellas mais nada, para não fatigar o leitor.

—

Tambem, para não fazer este artigo ainda mais extenso, resolvi separar d'elle varios sitios notaveis, como—*Comba* (capella de Santa)—*Esperança* (capella da Senhora da)—*Lorêto* (Nossa Senhora do)—*Fonte dos Amores*—*Lapa dos Esteios*—*Largo da Feira*—*Penêdo da Meditação*—*Penêdo da Saudade*—*Villa Franca* (quinta de)—*Paço do Conde*—*Ponte* e *Sophia*. (Vide estas palavras.)

—

O districto administrativo de Coimbra é composto de 20 concelhos, sendo 16 no bispado de Coimbra; 2 nos bispados de Coimbra e Guarda, um no bispado de Aveiro e outro no da Guarda.

Os do bispado de Coimbra são:

Arganil, Avô, Cantanhêde, Coimbra, Condeixa, Figueira da Foz, Góes, Louzan, Miranda do Corvo, Monte Mór Velho, Oliveira do Hospital, Penacova, Penella, Poiares, Soure e Tábua.

Nos bispados da Guarda e Coimbra, são—Alvares e Fajão.

No bispado d'Aveiro—Mira.

E no bispado da Guarda—Pampilhosa.

—

A sua camarca consta dos julgados de—Coimbra, Condeixa Nova e Penacôva.

—

O concelho de Coimbra comprehende 29 freguezias, que são:

Almalaguêz, Amial, Antanhol, Antuzede e S. Facundo, Assafarge, Arzilla, Botão, Brasfemias, Castello Viegas, Ceira, Cióga do Campo, Eiras, Lamarosa, Santa Clara, S. Martinho d'Arvore, S. Martinho do Bispo, S. Paulo de Frades, S. Silvestre, Senhora da Nazareth, Sernache (ou Cernache), Souzellas, Taveiro, Torre de Villella e Trouxemil—e as cinco da cidade (S. João, Santo Antonio dos Olivaes, S. Bartholomeu, S. Christovão e Nossa Senhora da Assumpção.

—

Os que desejarem mais amplas noções da cidade de Coimbra, podem consultar as obras seguintes:

Guia Historico do Viajante em Coimbra, e Arredores, por Augusto Mendes Simões de Castro.

Chronica dos Conegos Regrantes, por D. Nicolau de Santa Maria.

Instituto, semanario coninbricense, vol. I—artigos por J. C. A. de C.

Conquista, Antiguidades e Nobreza de Coimbra, por Antonio Coelho Gasco.

Livro Preto da Sé de Coimbra.

(O original está na Torre do Tombo, e uma cópia no archivo ecclesiastico da Sé Cathedral de Coimbra.)

E, finalmente, todos os mais auctores citados no artigo relativo a Coimbra.

COIMBRÃO—freguezia, Extremadura, comarca, concelho e 18 kilometros de Leiria, 150 ao NE. de Lisboa, 250 fogos.

Em 1757 tinha 232 fogos.

Orago S. Miguel, archanjo.

Bispado e districto administrativo de Leiria.

Situada em campina.

O ordinario apresentava o cura, que tinha de cada fogo 1 alqueire de trigo e 25 réis em dinheiro (por um *quartão* de vinho) ao todo uns 120$000 réis.

É terra fertil em milho e feijão.

COIMBRÃOS—Douro, lindo sitio, perto

da Serra do Pilar, na freguezia de S. Christovão de Mafamude, e proximo á margem esquerda do Douro. Ha aqui boas quintas com bonitas casas de campo. (Vide Cale, Gaia, Grijó, Portugal (villa) Serra do Pilar e Senhora d'Além.

COIMBRÕES—aldeia, Beira-Alta, freguezia de S. João de Lourosas, comarca, concelho e proximo a Viseu.

Ha aqui duas capellas, a de S. Domingos e a da Madre de Deus ou Santa Clara.

Diz-se que no sitio em que está a segunda capella, houve antigamente um convento de freiras franciscanas, da invocação de Santa Clara. Ha vestigios d'elle.

COINA e **PALHAES** (annexas)—villa Extremadura, comarca de Aldeia Gallega do Riba Tejo; foi do concelho de Alhos Vedros, 18 kilometros a SE. de Lisboa, 175 fogos.

Sendo este concelho supprimido, em 24 de outubro de 1855, passou a ser do concelho do Barreiro. O julgado foi supprimido, por decreto de 23 de dezembro de 1873, annexando-se então, todas as freguezias que o constituiam, á comarca de Aldeia Gallega do Riba Tejo.

Em 1757 tinha 57 fogos.

Orago o Salvador.

Patriarchado e districto administrativo de Lisboa.

Feira a 18 de julho, 3 dias.

Eram donatarias d'esta villa as commendadeiras de Santos, de Lisboa.

Situada em valle.

O rei apresentava o prior, que tinha 2 moios de trigo, 2 pipas de vinho e 200$000 réis.

Tinha a egreja 2 beneficiados, cada um com 1 moio de trigo, 1 pipa de vinho e 15$000 réis.

Tinha antigamente juiz ordinario.

Tem Misericordia.

Muito fertil em bom vinho. Nasce proximo e passa aqui a ribeira de Coina, Tem um *esteiro* de agua salgada, navegavel para embarcações pequenas.

Tem minas de azougue.

Muito abundante em gado, lenha e caça.

Tinha uma companhia de ordenanças.

É povoação antiquissima, pois já existia no tempo dos romanos, que lhe chamavam *Equa-Bona*. Os arabes, com a sua lingua travada, é que converteram a palavra *Equa-Bona* em *Côina*. Dizem outros que *Equa-Bona* era a actual Agua de Moura. Pois que fosse.

D. Manuel lhe deu foral, em Lisboa, a 15 de fevereiro de 1516. (*Livro dos foraes novos do Alemtejo*, fl. 88, col. 2.ª, e fl. 105 v., col. 1.ª)

COIRELLA, QUAIRELLA, QUAIRELARIA e **QUADRELLA**—casal, que consta de algumas peças de terra, juntas ou separadas, mas sempre bastantes para sustentar uma familia. Os nossos primeiros reis repartiram em *coirellas* ou *casaes*, quasi toda a *terra de Panoyas*. Portuguez antigo. (Hoje chama-se *coirella* a certa porção de terra, de má qualidade e de pouca semente.) D'aqui vem o nome de *coirelleiros* aos *homens bôos* (louvados) que repartiam as *courellas*. Vide Celeilrós (Traz-os-Montes) e Folgosa.

CÓJA—villa, Beira Alta, comarca e concelho de Arganil, 48 kilometros ao NE. de Coimbra, 240 ao N. de Lisboa, 415 fogos, 1:650 almas; no concelho, que foi supprimido em 1855, tinha 1:680 fogos.

Tinha a villa e freguezia em 1757 139 fogos.

Orago S. Miguel, archanjo.

—

O nome d'esta villa vem da palavra arabe *Copje*, que nós pronunciamos *Coje*. Corresponde á palavra latina *prætor* (pretor) significa villa, ou povoação do pretor.

É povoação muito antiga. Em 1121, Suario (Soeiro) e sua mulher Eva, doaram ao mosteiro de Lorvão, a sua vinha, em Telhada, junto a Coja, *cum sua Ecclesia, qae jacet in medio de illa vinea, et cum suo pomare, et cum suo proprio lagare*. (Documento de Lorvão.)

Tem minas de chumbo.

Era antigamente da provedoria da Guarda, correição de Viseu. Eram donatarios os bispos de Coimbra, que aqui teem um palacio e quinta.

Situada a meia encosta de um monte, e sobre um valle, d'onde se vê a aldeia da Esculca.

O bispo de Coimbra apresentava o vigario, que tinha 40$000 réis, 4 alqueires de trigo, 2 almudes de vinho, e cêra para elle e seu coadjutor dizerem missa.

Passam aqui as ribeiras da Matta e de Cója e o rio Alva.

Tinha antigamente 2 juizes ordinarios, 4 vereadores, procurador do concelho, escrivães, meirinhos, *et reliqua*.

E' terra fertil.

O seu primeiro foral lhe foi dado por D. Egas Fafes, bispo de Coimbra, n'esta cidade, a 12 de setembro de 1260.

D, Manuel lhe deu foral novo, em Lisboa, a 12 de setembro de 1514. (Regeu-se pelo foral velho exactissimamente 254 annos. *Livro de foraes novos da Beira*, fl. 43 v., col. 2.ª Maço 5.º dos *foraes velhos*, n.º 6.

COLHEITA (em latim Collecta)—certo fôro e pensão que os vassallos pagavam ao rei e os emphiteutas ao senhorio, quando elles vinham á terra; mas só uma vez cada anno, e não vindo não lhe deviam pagar. Passados tempos, por abuso, foram obrigados a pagar ainda que o rei ou senhor não viesse pessoalmente. Dizia-se, *colheita, comedura, procuração, visitação, jantar, comedoria* e *parada*. Tudo são synonimos.

D. Diniz acceitou do concelho de Lamego 100 libras cada anno, por toda a *colheita* que o dito concelho era obrigado a pagar, que, até então, era: 500 *pretos*, 6 *moios* de vinho, 6 moios de grão, uma vacca, 3 porcos, 6 carneiros, 4 cabritos, 60 gallinhas, 300 óvos, 1 almude de manteiga, 1 almude de mel, uma teiga de sal, uma quarta de vinagre, 2 resteas de cebólas, 2 resteas d'alhos, e 7 estrigas de linho. Esta *avença* (ou commutação) foi feita em 1310 e consta do *Tombo do Aro*, de Lamego, de 1346, a folhas 1. (Vide Tentugal.)

COLLACÍA—celleiro, tulha, adéga, armazem ou casa para recolher fructas, ou outros objectos. Portuguez antigo.)

COLLARES—villa, Extremadura, comarca, concelho e 6 kilometros ao O de Cintra, 30 ao NO. de Lisboa, 40 ao SO. de Torres Vedras, 12 ao N. de Cascaes, 1:000 fogos, 4:000 almas.

Em 1757 tinha 400 fogos e 1:600 almas, Orago Nossa Senhora da Assumpção.

Patriarchado e districto administrativo de Lisboa.

O cura tinha 1 moio de trigo, metade do pé d'altar e 6$666 réis em dinheiro.

O coadjutor e thesoureiro tinham cada um 40$000 réis.

A basylica de Santa Maria Maior, de Lisboa, apresentava o cura, e a camara da villa apresentava o coadjutor e thesoureiro.

Tinha um convento de frades carmelitas calçados, fundado por fr. Constantino Pereira, sobrinho de D. Nuno Alvares Pereira, pelos annos de 1450.

Este convento está proximo á villa, em logar elevado, mas plano. Na capella-mór está sepultado o fundador e padroeiro, e em dois tumulos de marmore, em um carneiro e em varias sepulturas, differentes pessoas de sua familia, entre ellas, Antonio de Mello e Castro e seu filho Caetano de Mello e Castro, ambos vice-reis da India.

Tem Misericordia, fundada pelo povo, no seculo XVII, concorrendo D. Diniz de Mello e Castro, bispo da Guarda, que aqui habitou. (Vide adiante.)

O rio das Maçans rega esta freguezia, e vae desaguar no Oceano a 6 kilometros de distancia.

Junto ao logar de Almoçageme, d'esta freguezia, está um enorme banco de pedra de uma altura assombrosa, e quasi a prumo, contra o qual se debatem furiosas as ondas do Oceano. Chama-se *Pedra de Alvidrar*. Perto d'este penhasco se vê uma escavação de largo diametro e grandissima profundidade, a que chamam o *Fójo*. Causa vertigens olhar para o fundo, sobretudo quando o mar está bravo, que alli entra com estampido medonho.

Collares está situada sobre duas collinas, sobranceiras a um ameno e delicioso valle (chamado Varzea de Collares) assombrado de lindas arvores e com o seu rio que o atravessa e fertilisa, e onde navegam pequenos barcos de recreio.

Este rio desagua no mar, proximo ao Cabo da Roca. Na sua foz foi achada uma lapide, que se levou para o convento da Pena (hoje palacio.) Tinha a seguinte inscripção:

SOLI ET EVNAE
CESTIVS ACIDIVS
PERENNIS
LEG. AVG. PR. PR.
PROVINCIAE LVSITANAE.

É fertilissima em todos os fructos do paiz; suas fructas são saborosissimas e seus vinhos famosos em todo o reino. As fructas d'aqui são exportadas em grande quantidade, não só para Lisboa, como para o estrangeiro. Seus vinhos são semelhantes e talvez superiores aos de Bordeos.

Collares é um paraiso.

Diz a tradição que o nome lhe vem de que, sendo o mouro *Zeilão* senhor de Lisboa, uma dama lhe pediu dinheiro emprestado, para aqui fazer um castello, dandolhe em penhor os seus *collares*.

Outros, com mais verosimilhança, dizem que o nome lhe provém dos dois *collos* ou *collinas*, sobranceiros á varzea, em que a villa está fundada.

Antigamente tinha dois juizes ordinarios, camara, procurador do concelho, escrivães, etc., sujeitos ás justiças de Torres Vedras.

Nas faldas da serra de Cintra está situada esta villa, á sombra de frondosos arvoredos. Pela encosta da serra sobranceira á povoação vão subindo algumas casas, quintas e mattas de castanheiros.

Não se sabe quando nem por quem foi fundada esta villa; mas é antiquissima, pois já existia no tempo dos romanos, o que attestam muitas medalhas e inscripções romanas que aqui têem sido encontradas.

Depois de soffrer as diversas alternativas porque passou a nossa peninsula, foi conquistada aos mouros por D. Affonso I, em 1147.

Não se sabe se já tinha este nome, se outro no tempo dos romanos.

D. Affonso III lhe deu foral, em 16 de maio de 1255.

D. Manuel lhe deu foral novo, em Lisboa, a 10 de novembro de 1516.

D. João I fez doação d'esta villa a D. Nuno Alvares Pereira, em agosto de 1385 (logo depois da batalha de Aljubarrota). Passou aos descendentes de D. Nuno, até que pertenceu á infanta D. Beatriz, mãe d'el-rei D. Manuel, e por morte d'ella tornou a ser da corôa.

Tinha um castello antiquissimo, ignorando-se a data da sua fundação. A camara se servia d'elle para as suas diversas repartições. No tempo dos Philippes, querendo D. Diniz de Mello e Castro (que foi bispo de Leiria, de Viseu e da Guarda) estabelecer a sua residencia n'esta villa, pediu e alcançou a posse do castello, transformando-o logo em um palacio, juntando-lhe uma bella quinta, o que tudo hoje pertence a seus herdeiros.

É talvez d'este castello que proveem as armas de Collares, que são—um castello entre arvores.

Pouco distante de Collares e junto ao Oceano, sobre um alto rochedo, está a capella da *Peninha*. É tradição que no tempo de D. João III, andando uma rapariga muda a guardar ovelhas n'esta serra, fugira uma, e procurando-a, foi dar com ella sobre o tal rochedo, onde então lhe appareceu Nossa Senhora e lhe deu falla.

Tambem se conta o caso de outro modo. A rapariga era da aldeia das Almuinhas Velhas (*almuinha* ou *almoinha* é palavra gothica, que significa *horta*) e surda-muda de nascimento. Quando chegou ao alto do penhasco onde estava a ovelha perdida, viu, junto d'esta, uma menina muito linda, que lh'a entregou e disse: «Vae para casa e pede pão a tua mãe.» A pastora respondeu: «Não o ha em casa, nem na dos visinhos.» (Era um anno de fome.) A menina lhe tornou, que em certa arca acharia 6 pães. Foi-se a pequena com a ovelha, espantando toda a gente que a conhecia, por fallar claramente, contando o successo; e chegando a casa, lá achou os 6 pães, no sitio indicado. Entenderam todos que a milagrosa menina era Nossa Senhora, e concorrendo todos os visinhos ao rochedo, lá acharam uma imagem da Virgem. O mais concorda com o que se segue.

Este facto attrahiu muita gente ao sitio, e descobriram entre as fendas da rocha uma imagem da Virgem, feita de pedra, que logo foi transportada para uma ermida de S. Saturnino, perto d'ahi. Desapparecendo porém a imagem por tres vezes, se foi sempre

achar na mesma penedía. Então se lhe construiu alli uma pobre ermida, que no anno de 1673 foi arrasada, para se edificar a actual, á custa de Pedro da Conceição, que gastou n'ella grande parte dos seus haveres fazendo-se aqui ermitão. Ainda que é um templo pequeno e de humilde exterior, é riquissimo interiormente, não só pelas materias de que é feito, como pelas bellezas de arte. Todas as paredes e o altar-mór são de marmores de côres (tirados da mesma serra e proximo da ermida) e em mosaico.

Antigamente hiam aqui muitos cirios e romagens; hoje é menos frequentado; mas ainda attrahe bastante concorrencia de fieis.

—

Nos arredores da villa ha muitas e formosas quintas. Na de Rio de Milho, ha a mais gigantesca camelia de toda a Extremadura.

As aguas do rio das Maçans, represadas na varzea, por uma ponte de pedra, faz com que elle seja navegavel por barcos pequenos, o que é um bello divertimento, por ser a *viagem* sempre por entre pomares e debaixo de copado arvoredo.

A 6 kilometros da villa está a *praia das Maçans*, sobre o Oceano, onde termina o rio das Maçans e o valle de Collares. É uma bonita e concorrida estação de banhos.

Collares é, como Cintra, o passeio favorito da gente de Lisboa, principalmente no verão.

Os seus formosissimos marmores em nada cedem aos melhores de Paros e Carrára.

O *Convento da Cortiça*, é na serra de Cintra; mas na freguezia de Collares. Já fica mencionado em Cintra.

COLLES ou **COLES** — aldeia, Beira Baixa, comarca de Soure, proximo da Abrunheira, 30 kilometros ao S. de Coimbra, 200 ao N. de Lisboa, 30 fogos.

Tinha foral, dado pelo mosteiro de *Ceiça*, em 1217, pelo qual pagavam os d'aqui (além do mais) um capão e uma *fogaça*, pelo S. Miguel (a *fogaça* de 2 alqueires) e um *corazil* pelo Natal. Esta aldeia é na freguezia da Gésteira.

COLLINA (Santa Maria da) — freguezia, Minho, comarca de Vallença, concelho de Coura, 48 kilometros a NO. de Braga, 405 ao N. de Lisboa, 155 fogos.

Em 1757 tinha 70 fogos.

Orago Santa Maria da Collina.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Vianna.

Pertencia antigamente á comarca de Vianna, e depois á de Ponte de Lima.

É povoação antiquissima. Já era freguezia em 560 de Jesus Christo, porque Theodomiro, rei dos suevos, deu n'esse anno metade das rendas d'esta egreja ao bispo de Tuy. Na mesma doação lhe dá outras mais egrejas.

A rainha D. Thereza, mãe do nosso D. Affonso I, confirmou esta doação, pelos annos de 1125. (Flores, *Esp Sagr.*, tom. 22, in app., pag. 250).

Passou depois esta egreja, no reinado de D. Affonso V (o Africano) a ser do bispado de Ceuta, por bulla do papa Eugenio IV. Em 1512, o arcebispo de Braga, D. Diogo de Sousa, deu ao bispo de Ceuta, D. Henrique, a comarca de Olivença (que era do arcebispado de Braga) recebendo a de Vallença, onde se incluia esta freguezia, e era (a comarca ecclesiastica de Vallença, ou parte d'ella) da doação de Theodomiro. O papa Leão X approvou esta troca em 1513, e desde então ficou esta freguezia sendo do arcebispado de Braga, com toda a comarca de Vallença.

Esta freguezia tem hoje o nome de *Cunha*. Vide Cunha de Coura.

COLLOS — villa, Alemtejo, comarca e 24 kilometros a O. de Ourique, concelho do Cercal, até 1855, e desde então, comarca e concelho de Odemira, 100 kilometros d'Evora, 145 ao E. de Lisboa, 235 fogos.

Em 1757 tinha 180 fogos.

Orago Nossa Senhora da Assumpção.

Bispado e districto administrativo de Beja.

Era da Ordem de S. Thiago.

Situada na raiz de um pequeno monte.

A Mêsa da Consciencia apresentava o prior e um beneficiado, ambos freires de S. Thiago. O prior tinha 3 moios de trigo, 2 de cevada e 20$000 réis em dinheiro. O beneficiado tinha 2 moios de trigo, 90 alqueires de cevada e 10$000 réis; tudo pago pela commenda, que era dos condes das Galvêas.

Tem Misericordia e hospital. E' terra fertil em cereaes e tem muito gado e caça.

Era concelho, com juiz ordinario, camara, procurador do concelho, escrivães, etc., tudo sujeito ao ouvidor da comarca, que assistia em Messejana.

Tinha esta villa, com a de Sines, que fica a 40 kilometros a O., ambas o privilegio de não pagarem direiros reaes, dos contractos que uma villa fizesse com a outra.

D. Manuel lhe deu foral, em Santarem, em 20 de setembro de 1512.

O nome provém-lhe da *collina* ou *collo* que lhe fica sobranceiro.

COLMEAL — freguezia, Douro, comarca de Arganil, concelho de Góes, 48 kilometros de Coimbra, 240 ao N. de Lisboa, 250 fogos.

Em 1757 tinha 117 fogos.

Orago S. Sebastião.

Bispado e districto administrativo de Coimbra.

Era antigamente da comarca de Coimbra, termo de Góes. A egreja era annexa á matriz de Góes.

O vigario de Góes apresentava annualmente o cura, que tinha 43$000 réis e o pé d'altar.

E' terra pouco fertil, mas cria bastante gado. Tem muitas colmeias, que originaram o seu nome.

Passa pela freguezia o rio Ceira.

COLMEAL e LUZÉLLOS (annexas)—freguezia, Beira Baixa, comarca e concelho de Pinhel, 88 kilometros ao SE. de Lamego, 350 ao E. de Lisboa, 130 fogos.

Em 1757 tinha 52 fogos.

Orago S. Miguel, archanjo.

Bispado de Pinhel, districto administrativo da Guarda.

Eram donatarios d'aqui os condes de Belmonte.

O vigario da freguezia da Penha d'Aguia apresentava o cura, que tinha 50 alqueires de trigo, 24 de centeio e 24$800 réis, segundo Cardoso e Carvalho. O *Portugal Sacro e Profano*, diz que era da apresentação ordinaria e tinha 20$000 réis. Estou persuadido que o bispo é que apresentava esta, e o vigario de Penha d'Aguia, a annexa de Luzéllos.

E' terra pouco fertil, só de cebolas e pimentos ha abundancia.

Tinha antigamente juiz da vara, sujeito ao juiz de fóra de Pinhel.

O rio Colmeal passa aqui, e n'esta freguezia se junta com um ribeiro sem nome. Réga e móe.

As muitas colmeias que aqui ha, deram, como á freguezia antecedente, o nome a esta.

Em 1191, D. Affonso IX, de Leão, doou ao mosteiro de Tarouca, a vasta herdade de Luzéllos, em Riba Côa. Luzéllos pertencia então ao reino de Leão, e passou para Portugal (com outras povoações da Beira Baixa e Alemtejo) em dote da rainha Santa Isabel.

Ha mais quatro aldeias do *Colmeal*, sem cousa notavel nenhuma d'ellas.

Luzéllos era uma antiga freguezia, que se annexou ha muitos annos á do Colmeal. Luzéllos tinha em 1757 (eram ambas então do bispado de Lamego) 35 fogos. Era seu orago Nossa Senhora da Luz (d'onde vem o nome á freguezia). N'esta é que, sem contestação, o vigario de Pena d'Aguia apresentava o cura, que tinha 4$800 réis de congrua, e o pé d'altar.

COLMÊAS ou COLMEIAS — freguezia Extremadura, comarca, concelho e 12 kilometros ao N. de Leiria, 150 ao N. de Lisboa, 450 fogos.

Em 1757 tinha 534 fogos.

Orago S. Miguel, archanjo.

Bispado districto administrativo de Leiria.

A egreja matriz é das mais antigas do bispado. O bispo de Leiria apresentava o cura, que tinha 150$000 réis.

Era antigamente de Santa Cruz de Coimbra. (vide Leiria.)

É terra muito fertil e povoação muito antiga, mas hoje está muito decahida da sua prosperidade d'outróra.

Regam a freguezia as ribeiras das *Colmêias* e do *Gallêgo*.

Ha aqui muitas colmeias, e d'isso provem o nome á freguezia. Tem gado e caça.

Foi um rico e vasto priorado, de que posteriormente se formaram quatro freguezias.

Ha aqui um antigo edificio em ruinas, que segundo a tradição foi hospicio dos templarios.

No logar da Bouça, d'esta freguezia, nas-

ceu o bem conhecido escriptor, José Daniel Rodrigues da Costa. Ainda existem as casas que foram suas, e se denominam casas do capitão, por elle o ter sido de um dos bairros de Lisboa.

COLMÊAS ou **COLMEIAS** — freguezia, Trazos-Montes. Está ha muitos annos annexa á freguezia de *Villar da Villariça*, concelho de Alfandega da Fé.

COMBA (Santa)— freguezia, Traz-os-Montes, comarca e concelho de Bragança, 210 kilometros a NE. do Porto, 140 ao NE, de Braga, 420 ao N. de Lisboa, 50 fogos.

Em 1757 tinha 35 fogos.

Orago Santa Comba.

Bispado e districto administrativo de Bragança.

COMBA (Santa) — freguezia, Beira Baixa, comarca e concelho de Villa Nova de Foz-Côa, 72 kilometros ao SE de Lamego, 350 a E de Lisboa, 200 fogos.

Em 1757 tinha 212 fogos.

Era antigamente seu orago Nossa Senhora dos Prazeres, hoje é Santa Comba.

Bispado de Lamego, districto administrativo da Guarda. É terra fertil.

A mesa da consciencia apresentava o cura, que tinha de rendimento 40$000 réis.

COMBA (Santa) freguezia, Beira-Baixa, concelho de Céia, comarca de Gouveia, 70 kilometros a SE de Lamego, 300 ao E de Lisboa, 250 fogos.

Em 1757 tinha 155 fogos.

Orago Santa Comba.

Bispado de Coimbra, districto administrativo da Guarda.

O marquez de Penalva (ou conde de Tarouca) senhor donatario d'esta freguezia, apresentava o prior, que tinha 300$000 rs. de rendimento. Foi antigamente da comarca da Guarda. Chama-se officialmente a esta freguezia (para a distinguir das outras do mesmo nome.) *Santa Comba a Par de Ceia*, —Situada em Campina, fertil em cereaes. Muito gado, principalmente ovelhas e cabras.

É regada pelo rio Céia.

COMBA (Santa) — freguezia, Traz-os-Montes comarca de Mirandella, concelho de Villa Flôr, 145 kilometros ao NE de Braga, 375 ao N. de Lisboa, 100 fogos.

Em 1757 tinha 68 fogos.

Orago S. Pedro, apostolo.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Bragança.

Era antigamente da comarca da Torre de Moncorvo, termo de Villa Flor.

O abbade do convento de bernardos, de Santa Maria de Bouro, apresentava o vigario, a quem dava 11$600 réis, e 22 alqueires de trigo.

Cada freguez lhe dava tambem 100 réis annualmente.

É terra fertil.

Grande cultura de bixo de seda, ha mais de 150 annos. Gado e caça.

Réga esta freguezia a ribeira de Villa-Rica, por isso se chama geralmente *Santa Comba de Villa Rica.*

COMBA (Santa) — Traz-os-Montes. Havia proximo ao rio Córgo, e em frente de Lobrigos, uma ermida da invocação de Santa Comba. D. Affonso Henriques, em 24 d'abril de 1139, doou esta ermida e umas pequenas casas juntas a ella, a uns eremitas, que aqui fundaram um pequeno mosteiro. O principe coutou o territorio de Santa Comba n'essa occasião e o deu á ermida.

Entre os mais limites por onde este couto partia, eram— «*Et inde ad illum quomodo fontem, qui vocatur Mirleu, et inde pergit per illud Palacium Franciscum.*» (Vide Francisco.) Já em 1139 esta capella era muito antiga.

COMBA DE CELLAS (Santa)—capella, Douro, comarca, concelho, bispado, districto administrativo e termo de Coimbra.

Proximo ao convento de *Cellas*, está uma ermida, construida, segundo a tradição, no mesmo logar em que foi martyrisada uma formosa e santa virgem, chamada *Comba* (corrupção de *colomba*, pomba.)

Consta que fugiu para aqui, porque um poderoso mancebo romano ou árabe a pretendia violar. Andou a santa a esconder-se de monte em monte, mas o malvado tanto procurou que veio dar com ella embrenhada em uma densa selva, que então aqui havia.

Offereceu-lhe, sob vantajosas e tentadoras promessas a mão de esposo; mas ella, que

tinha feito voto de castidade, recusou todas as honras e riquezas que lhe offerecia. Elle então, enfurecido com tão terminante recusa, a mandou alli mesmo crucificar.

Ignora-se porem, se esta virgem era portugueza ou estrangeira, assim como a época do seu martyrio.

O sr. José Freire de Serpa (depois visconde de Gouveia) cantou este martyrio em um bello solau no seu Cancioneiro.

Os restos mortaes da santa, permaneceram por muitos annos em uma ermida, que se construiu no sitio onde foi martyrisada; mas, pelos annos de 1130, os monges da Caridade o levaram para a egreja de Santa Justa. (Coimbra)

No anno de 1207, o prior, D. Miguel, os fez trasladar para a egreja do mosteiro de Santa Cruz, de Coimbra, da qual era cónego, e lá está.

(Videa *Chronica dos Conegos regrautes de Santo Agostinho* liv. 7.º cap. 18, pag. 2.)

A actual capella não é a primittiva. Esta, estando em ruina, foi reedificada pelos annos de 1612.

No *Elucidario* de fr. Joaquim de Santa Rosa de Viterbo, trata-se d'esta capella, na palavra *hermitagio*.

Diz-se alli, que em 1483, emprazou a camara de Coimbra o hermitagio, ou hermida, de Santa Comba, com sua crasta, casas e oliveiras. Já no de 1458, havia concedido por um anno, as offertas e fructo das oliveiras, aos môços, que n'ella tinham confraria, para ajuda das obras que aqui se faziam.

Não se sabe por que motivo, (por sentença contra os meios prebendados, de 9 de dezembro de 1491,) passou tudo isto a ser propriedade do cabido da Sé de Coimbra (*Indice Chron.* p. 1.ª n.º 94.)

Desde 1491 se tem esta propriedade conservado como pertença do dito cabido, que a tem em completo abandono, pelo que ameaça ruina iminente.

A *Fonte da Santa*, situada no valle e proximo á capella, tambem está em ruinas. É em uma propriedade do sr. visconde da Bahia, e onde, segundo a tradição, foi achado o corpo da virgem martyr, depois do seu trespasse.

A capella é forrada d'asulejos e tem bonitos lavores em pedra e em madeira, de bastante merecimento.

Descendo da sachristia, por uma estreita escada, se vê um cubiculo muito escuro, onde se diz que a Santa se escondêra, fugindo aos seus perseguidores, e onde a final foi por elles achada.

A 20 de julho de cada anno, se celebra aqui a festa da santa, muito concorrida de grande quantidade de romeiros.

COMBA DÃO (Santa) — villa, Beira-Alta, 48 kilometros ao NE de Coimbra, 250 ao N de Lisboa, 270 fogos, concelho 1:500, comarca 6:880. A freguezia (e a villa) tinham em 1757 218 fogos.

Orago Nossa Senhora da Assumpção.

Bispado e districto administrativo de Viseu.

Foi da comarca de Viseu, em quanto não formou comarca propria.

Era dos bispos de Coimbra, como condes d'Arganil, os quaes primeiramente foram condes d'esta villa.

Situada em bonita e fertil planicie.

O bispo de Coimbra apresentava o prior, que tinha 260$000 réis. Misericordia.

É terra muito fertil e produz muito e optimo vinho, chamado vulgarmente *Vinho do Dão*.

Passa aqui a ribeira de Santa Comba Dão que nasce na fonte do Salgueiral (6 kilometros acima da villa) e morre no Dão, com pequeno curso. Na villa é atravessado por uma bôa ponte de cantaria. Suas margens, que em parte são cultivadas e em parte cobertas de viçoso arvoredo, são muito amenas e ferteis.

Santa Comba, padroeira antiga d'esta villa, e que lhe deu o seu nome, foi abbadeça de um convento de freiras bentas que existiu antigamente proximo a Lamego. Foi martyrisada com todas as suas freiras, pelos mouros, commandados por Almançor, rei de Córdova, no dia 19 de fevereiro de 982.

—

D. Manuel lhe deu foral em Lisboa, a 12 de setembro de 1514. (*Liv. de foraes novos da Beira, fl. 42 v. col. 2.ª*)

A 1:500 metros da villa (a NO) ao longo do rio Dão, proximo á aldeia do Grajal, na

encosta de um monte, nascem tres fontes d'aguas mineraes, das quaes duas são sulphureas hepathisadas, com grande porção de gaz hydrogenio sulphurado; a 3.ª é d'agua acidulada ferruginosa. Estas aguas podem transportar-se engarrafadas, e permanecerem, sem perder nenhuma das suas virtudes therapeuticas, por muito tempo. Não me consta que tenham sido analysadas competentemente. Tem-se applicado, com bons resultados, para a cura de varias molestias, tomando-se internamente e em banhos. Podem aquecer-se, sem perderem as suas qualidades medicinaes.

São de pessimo gosto, pelo que só se tomam como remedio.

Tambem lhe chamam Fonte do *Grajal* e de *Treixêdo.*

O concelho de Santa Comba Dão, é composto de sete freguezias, quatro no bispado de Viseu, e tres no de Coimbra.

As freguezias de Viseu são — Santa Comba Dão, Ovoa, Treixêdo e Villa Nova da Rainha.

As do bispado de Coimbra, são — Couto do Mosteiro, S. Joanninho e Vimieiro.

—

A comarca é composta de quatro julgados a saber — Santa Comba Dão, com 1:500 fogos.

Carregal, com 2:410.

S. João d'Areias, com 1:050 e Mortágua, com 1:920.

COMBA DO LIMA (Santa) — freguezia, Minho, comarca, concelho e 9 kilometros a O, de Ponte do Lima, 30 ao O de Braga, 380 ao N. de Lisboa.

Em 1757 tinha 229 fogos, segundo o *Portugal Sacro e Profano*; mas entendo que houve grande êrro, visto que actualmente esta freguezia e a de Berteandos, que foram anexas, apenas teem 135 fogos, a saber — Berteandos 78 e Santa Comba 57. Não ha motivo para semelhante decrescimento de população.

Orago Santa Comba, virgem e martyr.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Vianna.

O vigario era apresentado pela abbadessa das religiosas de Valle de Pereiras, (e depois a mitra) e tinha 290$000 réis de rendimento.

É terra fertil.

COMBINHA (Santa) — freguezia, Traz-os-Montes, comarca, concelho e termo de Bragança, 50 kilometros ao NO de Miranda, 480 ao N. de Lisboa, 35 fogos.

Em 1757 tinha 80 fogos.

Orago Santa Comba.

Bispado e districto administrativo de Bragança.

Foi do bispado de Miranda.

Situada em um outeiro, com bonitas vistas.

O cabido de Bragança apresentava o abbade, que tinha 100$000 réis.

A terça parte dos disimos d'esta freguezia era da casa de Bragança.

E' terra fertil. Muito gado e caça.

Era reguengo da casa de Bragança, á qual pagavam os moradores da freguezia 42 alqueires de trigo, e 25 de centeio.

Por esta pensão eram insentos de pagarem *peitas, fintas, talhas,* ou *pedidos.*

> (É absurdo e repugnante que agora a casa de Bragança exija d'estes póvos o pagamento da antiga pensão, uma vez que elles teem de pagar, como os que não são foreiros d'esta casa, todas as contribuições, sem isenção alguma. Se a casa de Bragança quer a sua pensão, que pague os tributos a que a freguezia está sujeita; pois só sob esta condição é que o povo d'aqui se comprometteu a pagar a pensão. Vide o que mais extensamente digo sobre isto, na palavra *Correlhan.*

Ainda mais: *Os povos d'esta freguezia, como reguengueiros da casa de Bragança, não eram obrigados a acompanhar prêsos e dinheiros publicos. Não eram tutores, senão dos reguengueiros; nem podiam ser obrigados a servir cargos publicos do concelho; nem pessoa alguma, de qualquer condição que fosse, lhes podia tomar adégas, cavalhariças, pão, vinho, roupa, gallinhas, palha, e lenha, nem outra qualquer cousa contra sua vontade, sob pena dos* encoutos *e de 6:000 soldos.*

Até D. João IV gosaram plenamente todos estes privilegios, fóros e isensões; depois d'elle, deixaram de observar-se alguns.

Se a casa de Bragança quer a sua pensão, deve tambem garantir-lhe todas estas regalías.

Correm pela freguezia e n'ella se juntam os rios Azibo e Sardão, que depois de unidos só conservam o nome do segundo.

COMIADA—vide Cumeada.

COMIEIRA—vide Cumieira.

COMMENDA — freguezia, Alemtejo, comarca de Niza, concelho de Gavião, 35 kilometros do Crato, 168 a E. de Lisboa, 160 fogos. Em 1757 tinha 93 fogos.

Orago Nossa Senhora da Graça.

Patriarchado, districto administrativo de Portalegre.

Era antigamente do priorado do Crato, termo da villa de Belvér.

É da casa do infantado.

O grão-prior do Crato apresentava o reitor, que tinha 2 moios de trigo, 45 alqueires de centeio, 25 almudes de vinho, 4 alqueires de azeite e 2$000 réis em dinheiro.

Tinha antigamente juiz de vintena.

É terra fertil. Muito gado.

Vastos montados onde se criam muitas *varas* de porcos, grande commercio d'esta freguezia.

O nome d'esta freguezia era antigamente Nossa Senhora da Graça, depois, passando a ser commenda de grão-priorado do Crato, se denominou Nossa Senhora da Graça da Commenda, e por fim simplesmente Commenda.

COMPEÇAR—portuguez antigo, dar principio, começar.

COMPÊÇO — portuguez antigo, comêço, princípio.

COMPRIDOURO—portuguez antigo, comprimento, extensão.

CONCEIÇÃO—freguezia, Algarve, comarca, concelho, e proximo de Faro (a NO.) 240 kilometros ao S. de Lisboa, 270 fogos.

Em 1757 tinha 115 fogos.

Orago Nossa Senhora da Conceição.

Bispado e districto administrativo de Faro.

O bispo apresentava o cura, que tinha de rendimento 120 alqueires de trigo, 40 de cevada e 100 arrobas de figos.

É terra muito fertil em cereaes e abundantissima em figos, que exporta em grande quantidade.

Esta freguezia está derramada por casaes, e é quasi toda em terreno plano e fertil. A egreja é mediana, situada junto ao ribeiro que vem á ponte do Rio Sêcco, na estrada de Faro.

O parocho d'aqui pagava antigamente 400 réis por anno, de *reconhecença*, ao prior de S. Pedro, de Faro. Em 1838 foi supprimida esta freguezia, hindo os seus casaes para as duas freguezias de Faro, para Santa Barbara e para Estoy; mas não teve effeito esta suppressão, continuando a ser freguezia independente.

CONCEIÇÃO — freguezia, Alemtejo, comarca de Beja, concelho de Messegana, até 1855, e desde então concelho de Ourique, comarca de Almodovar e 130 kilometros ao S. de Lisboa, 160 fogos.

Em 1757 tinha 105 fogos.

Orago Nossa Senhora da Conceição.

Bispado e districto administrativo de Beja.

O rei apresentava o cura, que tinha de rndimento a150 alqueires de trigo e 90 de cevada.

Foi antigamente do arcebispado d'Evora.

É terra muito fertil em cereaes.

CONCEIÇÃO (nova e velha)—vide Lisboa, no logar competente.

CONCEIÇÃO—freguezia, Algarve, comarca e concelho de Tavira, 240 kilometros ao S. de Lisboa. 350 fogos.

Em 1757 tinha 242 fogos.

Orago Nossa Senhora da Conceição.

Bispado e districto administrativo de Faro.

O rei apresentava o prior, que tinha de rendimento 300 alqueires de trigo.

Freguezia espalhada por montes. A Egreja é situada no largo de uma estrada chamada da *Canáda*, que vae para o mar.

Egreja de 3 naves, era da Ordem de S. Thiago e muito antiga.

Perto do *Canal*, proximo á fortaleza do mesmo nome, na esquerda do rio Assêca,

fica a povoação de pescadores, chamada Cabanas da Armação. Proximo do Canal tem boas marinhas de sal, e perto d'ellas uma mina de gêsso, que já teve grande lavra e agora está abandonada. Terreno muito fertil, principalmente nas courellas do Almargem, que dão: trigo, milho e optimos melões e melancias. Alfarrobeiras, amendoeiras, oliveiras e vinhas. Tres lagares de azeite, dois proximo á egreja e um em Benamor.

Fertilissima em cereaes e fructas.

CONCELHO—antigamente era o mesmo que *synodo, assembléa ecclesiastica, concilio.* Hoje diz-se conselho. (Vide cap. 45 do ultimo volume.)

CONCHOSO, QUINCHOSO e **COITELHO**—pequeno cerrado, recinto de terra lavradia, de pequena extensão, fechado sobre si.

CONCIEIRO ou **COUCIEIRO**—freguezia, Minho, comarca e concelho de Pico de Regalados, até 1855, e desde então comarca e concelho de Villa Verde. 12 kilometros a NO. de Braga, 370 ao N. de Lisboa, 160 fogos.

Em 1757 tinha 73 fogos.

Orago S. João Baptista.

Arcebispado e districto administrativo de Braga. Situada em planicie.

A egreja foi dos templarios e é sagrada.

O ordinario apresentava, por concurso synodal, o reitor, que tinha 80$000 réis.

É povoação muito antiga.

Terra fertil, menos em vinho, que é pouco e péssimo.

Passa aqui o rio Homem.

Era antigamente da comarca de Vianna, termo de Pico de Regalados.

Ha aqui as ruinas de um antiquissimo solar (gothico) a que chamam *Torre de D. Sapo.* Este figurão (D. Sapo) tinha o *direito* de dormir com as noivas, na primeira noite do casamento. (Segundo a lenda popular d'estas terras.) Um alfaiate d'aqui, casando, vestiu-se á noite com a roupa da mulher e foi ter á alcôva de D. Sapo. Quando este foi ter com a noiva, na esperança de gosar os seus *direitos de senhor*, o bom do alfaiate o apunhalou, mesmo na cama, e lá vae o Sapo e o seu infernal tributo.

Parece-me que anda aqui um D. Sapo de mais, a não ser que houvessem dois ou tres, ou que se desse o nome de Sapo ao senhor que tinha o tal *direito.* (Vide Cardiellos, Marketa e Moure.)

Sagrou esta egreja o arcebispo D. Payo Mendes, no reinado de D. Affonso Henriques.

—

Existe n'esta freguezia a torre e paço em que viveram os senhores de Regalados, antes que n'elle entrassem os Abreus.

Diz-se n'esta terra, que sete dias antes, e e pelas 10 horas da noite, havendo de morrer alguem d'esta familia, ou em prisão, ou no mar, se ouvirão tres pancadas, que são o indicio *certo* de desgraça imminente.

Tambem aqui está o paço de Linhares. N'elle morou D. Gonçalo de Barros, que era em 1543, commendador do mosteiro de Rendufe.

Acham-se á entrada da porta principal da egreja matriz, em uma pedra, cinco lettras indicando, na opinião de alguns escriptores, a era (de Cesar) em que este templo foi fundado.

Como não ha caracteres romanos com as suas abreviaturas e lettras inclusas, ponho a inscripção com as lettras hoje correspondentes, por extenso, que são MCCII. Vem pois a ser, o anno 1164 de Jesus Christo. Eu porém julgo que é a data da sagração (e não da fundação) da egreja.

A freguezia seguinte, do mesmo nome, está hoje annexa a esta.

CONCIEIRO ou **COUCIEIRO**—freguezia, Minho, comarca e concelho de Pico de Regalados até 1855, e desde então comarca e concelho de Villa Verde. 100 fogos.

Em 1757 tinha 87 fogos.

Orago S. Vicente, martyr.

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

Era antigamente da comarca de Vianna, termo de Pico de Regalados.

Situada em campina.

O ordinario apresentava o abbade, que tinha 200$000 réis.

É terra fertil, e regada pelo rio Homem.

Está ha mais de 200 annos annexa á antecedente.

Ha mais no reino cinco aldeias do Concieiro.

CONCORDIA—cidade antiquissima da Lusitania, na actual Extremadura, proxima ás cidades, tambem antiquissimas, de *Bezélga* e *Caldellas*. (Todas tres formavam um triangulo, ficando a 3 kilometros de distancia umas das outras.)

De todas estas cidades ainda ha vestigios. Ignora-se a data da sua fundação e da sua destruição.

Alguns (erradamente) pretendem que Concordia é a actual cidade de Thomar.

Para evitar fastidiosas repetições, vide Bezelga (a ultima d'este diccionario) e Thomar.

CONDADO—a terra *solar* do conde. Antigamente tambem se chamava *condado* a certo tributo ou *reconhecença* que o vassallo pagava ao rei e o emphiteuta ao senhorio *jure dominii*. Ordinariamente ou era em peixe do rio, ou em caça do monte, á escolha do que recebia. Era frequente este tributo nos foraes antigos. (Vide Alvarenga e Valdigem.

CONDE (S. Martinho do)—freguezia, Minho, comarca e concelho de Guimarães, d'onde dista 6 kilometros ao N., 24 ao NE. de Braga, 360 ao N. de Lisboa, 50 fogos.

Em 1757 tinha 34 fogos.

Orago S. Martinho, bispo.

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

Era antigamente visita de Monte-Longo.

Situada nas abas da serra de Nossa Senhora do Monte.

Os conegos da collegiada de Nossa Senhora da Oliveira, de Guimarães, apresentavam o cura, que tinha 200$000 réis.

É terra fertil.

Passa pelo meio da freguezia o ribeiro do seu nome, que nasce na serra de Santa Catharina e morre no Visella. Réga e móe.

CONDEIXA NOVA—villa, Douro, comarca e 14 kilometros ao S. de Coimbra, 190 ao N. de Lisboa, 300 fogos, 1:200 almas; no concelho 2:400 fogos, 9:600 almas.

Em 1757 tinha a freguezia 52 fogos.

Orago Santa Christina.

Bispado e districto administrativo de Coimbra.

É terra muito fertil e bonita, situada sobre a antiga estrada de Lisboa, na encosta de um monte.

A matriz é um bom templo, mandado fazer por D. Manuel, no principio do seculo XVI. Tem 10 altares.

O *geral* de Santa Cruz de Coimbra, apresentava o cura, que tinha um moio de trigo, uma pipa de vinho *môsto*, 11$000 réis em dinheiro, e o pé d'altar, ao todo uns 120$000 réis. É concelho creado depois de 1834. Antigamente tinha juiz pedaneo, sujeito ás justiças de Coimbra.

Emquanto era aldeia, chamava-se *Casal do Outeiro* ou *Outeiro*.

Em 1500 esteve aqui D. Manuel I, quando hia para S. Thiago de Galliza, e lhe deu então o fôro de villa, mudando-lhe o nome para o de *Condeixa Nova*, e mandando-lhe então fazer a egreja, por a antiga ser muito velha e pequena.

O mesmo D. Manuel lhe deu foral, em Lisboa, a 3 de junho de 1514.

Aqui nasceu, em 24 de julho de 1789, o bem conhecido estadista Rodrigo da Fonseca Magalhães, que morreu em Lisboa, em 1856. Era homem de vasta intelligencia.

—

Vi aqui uma nogueira monstruosa, em 1840. Vejo dos jornaes que em fevereiro de 1872, se vendeu, *perto de Condeixa*, (de certo não era a que eu vi, pois essa era mesmo em Condeixa) uma nogueira collossal.

O tronco tinha 9 metros de circumferencia! Chegou a andar arrendada por 60 alqueires de nozes! Produziu 13 carros de madeira (da qual se fizeram 200 couceiras, de 10 a 12 centimetros de grossura e meio metro de largo) 6 grandes carros de rama e 7 de casca e raizes.

Esta villa tem progredido muito n'estes ultimos tempos, e vae-se tornando muito importante.

Foi segunda vez elevada á cathegoria de villa em 1838, a instancias de Rodrigo da Fonseca Magalhães, pelo que a camara, em testemunho de gratidão, collocou o retrato

d'elle na casa das sessões, em 2 de janeiro de 1864.

Condeixa Nova foi uma das povoações que mais soffreram por occasião da guerra peninsular. As hordas de Massena saquearam e destruiram a maior parte da povoação, em 1811.

Quasi todos os seus edificios (quarenta e tantos!) foram incendiados, não escapando a egreja matriz. Só escapou á devastação total o palacio do desembargador Manuel Pereira Ramos, hoje do sr. Francisco de Lemos Ramalho. (Esta exclusão deu, n'esses infelizes tempos, muito que fallar ao povo...)

—

Rodrigo da Fonseca Magalhães fez um soneto a este horrivel acontecimento; eil-o:

Condeixa amena, que eras inda ha um anno
Que o paraizo do Eden mais mimosa,
Que torrente de estragos lastimosa
Eclypsou o teu lustre soberano?

Breve quiz dar-te o Fado deshumano
A sorte de Palmyra desditosa,
Riscando-te a lembrança lacrimosa
Ao longiquo futuro do teu damno.

Tudo cedeu á chamma devorante
Que ateada com horrida impiedade,
Qual Troya, te abrazou n'um breve instante.

Patria minha, a quem não farás piedade?!
Ah! veja-se, em tua cinza inda fumante,
Das grandezas do mundo a curta edade!

—

Successivas reedificações teem feito desapparecer quasi todos os vestigios d'aquelle cobarde e inutil vandalismo. Actualmente só cinco moradas de casas (sendo uma d'ellas o antigo palacio dos Sás, hoje dos srs. condes da Anadia) ainda estão no estado deploravel em que as deixaram os francezes, e memorando á posteridade as façanhas dos sectarios de Buonaparte.

Entre os bons predios d'esta villa, mereceu especial menção os palacios dos srs. Lemos, e do sr. Visconde de Podentes (que até 1834 era um hospicio de religiosos antoninos franciscanos) nos quaes por algumas vezes se tem hospedado a familia real portugueza e outras pessoas notaveis.

—

Onde era a capella de S. Thiago (na egreja matriz) que se não reconstruiu depois de 1811, está uma porta, e alli se vê um tumulo, no qual ha uma inscripção pela qual consta estar alli sepultado D. João Franco de Oliveira, que foi bispo de Angola, arcebispo da Bahia e depois bispo de Miranda; fallecido em 2 de agosto de 1715.

Era natural d'esta villa.

—

São muito aprasiveis e muito bem cultivados os arrabaldes da villa.

Por toda a parte se vê um sólo fertil e regado copiosamente por differentes aguas e povoado de loureiros, cyprestes, larangeiras e outras arvores sempre verdes. Ha por aqui muitas e formosas nogueiras de uma corpulencia não vulgar, cujos fructos teem sempre uma venda vantajosa pela sua optima qualidade.*

Em redor da povoação ha varias quintas, algumas excellentes, sendo a melhor a do sr. Lemos. Esta tem extensos e bellos pomares, lindas ruas bordadas de exquisitos arbustos, e um grande lago cercado de frondoso arvoredo, tendo no meio uma pequena ilha, onde está um formoso *kiosque*, feito de cortiça, e coberto por um cedro palmar. É de um bello effeito, uma linda cascata, que d'este lago se despenha.

—

Entre as curiosidades geologicas que se observam no territorio de Condeixa Nova, é notavel a gruta da *Lapinha*, muito espaçosa, formada por tufo calcareo, d'onde, em fórma de lençol, se despenha uma copiosa torrente. Tem a configuração de um palco scenico, e é aberta em uma rocha que se eleva a muitos metros, e guarnecida de verdes musgos e outras plantas, que a tornam muito pittoresca.

Além d'esta, ha ainda nas visinhanças de Condeixa duas notaveis grutas—a *Gruta Nova* e a da *Eira Pedrinha*. A primeira onde só se póde entrar por uma escada de mão, é de fórma emispherica, e n'ella se ad-

miram bellas stalactites e stalagmites, de fórmas bizarras e aspecto deslumbrante.

A da *Eira Pedrinha*, descoberta ha poucos annos em uma pedreira que se andava explorando, é notavel, por se terem aqui achado ossos humanos petrificados e inteiramente adherentes á rocha. (Vide Condeixa Velha.)

Todas estas grutas são consideradas de grande interesse scientifico para o estudo da geologia e paleontologia.

No *Sanctuario Marianno*, tom. 4.º, tit. 76, por fr. Agostinho de Santa Maria, vem mencionadas estas grutas e outras menos notaveis.

O sr dr. Antonio Augusto da Costa Simões, publicou sobre ellas um curiosissimo artigo no 2.º volume do *Instituto*, pag. 43.

—

O concelho de Condeixa Nova é composto de nove freguezias, que são—Anobra, Bellide, Bendafe, Condeixa Nova, Condeixa Velha, Ega, Furadouro, Sebal Grande e Villa Sécca.

CONDEIXA VELHA—villa, Beira Baixa, (mas hoje encorporada na provincia do Douro) concelho e 5 kilometros de Condeixa Nova, comarca e 12 kilometros ao S. de Coimbra, 390 fogos.

Em 1757 tinha 283 fogos.

Orago S. Pedro, apostolo.

O geral de Santa Cruz de Coimbra apresentava o cura, ao qual dava de congrua 64 alqueires de trigo, uma pipa de vinho, em dinheiro 14$000 réis e o pé de altar, ao todo 60$000 réis.

—

Ha aqui grandes pedreiras de pedra para mós finas de moer trigo, que vão para muitas partes, e até para a Galliza.

Tinha esta freguezia antigamente os privilegios de caseiros de Santa Cruz de Coimbra, que eram grandes e muitos.

É terra muito fertil.

Foi uma das mais fortes praças da Lusitania, com um formidavel castello, edificado sobre um rochedo (a que ainda se chama *Almedina*, a cidade.) Vinha-lhe a agua para aqui por um grandioso aqueducto, parte sobre arcaria, da grande fonta de *Alcabideque*. Ainda existem de pé bastantes arcos d'este aqueducto.

(*Alcabideque* é palavra árabe, significa, Agua de Deus.) Ao pé da fonte havia uma torre, que ainda existe, para defender os que hiam á mesma fonte.

Dizem que em tempos remotos chegava aqui o mar, que hoje está a 40 kilometros de distancia, o que é inverosimil.

Haveria aqui algum canal; mas isso mesmo não é muito provavel.

Frei Be[illegible]o de Brito (*Monarchia Lusitana*, pa[illegible]e 1.ª, livro 2.º cap. 9.º) sustenta, com bons fundamentos, que nem o mar aqui chegou jámais, nem mesmo aqui houve, em tempo algum, canal ou rio navegavel. Estou convencido que a historia do canal procede da embrulhada de *Colimbria* e *Conimbriga*. Sabemos que o mar tem recuado muito nas costas portuguezas (principalmente no Algarve) e a tradição do *cáes*, dos *argolões*, do *canal*, ou do *porto de mar* que havia aqui, póde muito bem ser que se referisse a Colimbria e não a Conimbriga. Mais facilmente se póde acreditar que o mar chegasse a Coimbra, do que a Condeixa. Quanto ao rio, lá está o Mondego.

Ataces, rei dos alanos, desfez seus principaes edificios (410) para fazer a actual Coimbra (se não foi Hercules Libio que fundou esta cidade, muitos annos antes de existir Condeixa Velha—damos-lhe por ora este nome para melhor intelligencia.) D'alli a 48 annos (458) foi reedificada em parte; mas tornou a ser arrazada, pelo rei dos suevos, Rumismundo, pelos annos de 490.

Rumismundo pôz cêrco á cidade, que seus habitantes defenderam valorosamente; mas, faltando-lhe os mantimentos, no fim de alguns dias de sitio, tiveram de capitular, sob condições favoraveis; mas o rei, assim que se viu senhor da povoação, faltou á sua palavra, e saqueou e destruiu tudo. D'esta destruição é que restam as actuaes ruinas, pois que a cidade nunca mais se reedificou completamente; apenas os arabes fizeram, ou concluiram, o aqueducto e a fonte e torre de Alcabideque, e reedificaram alguns edificios, como adiante se dirá. (Vide Alcabideque.)

Esta povoação é mais um testemunho material do que são as grandezas d'este mundo; pois sendo na antiguidade uma cidade florescente e importantissima, está hoje reduzida a uma pequena villa, que nem sequer é cabeça de concelho.

Sobre os seus fundadores, e a data da sua fundação, ha diversas opiniões.

Uns dizem que foi Hercules Libio, no anno do mundo 2216, isto é, 1788 antes de Jesus Christo. Outros dizem que o seu fundador foi Brigo, 4.º rei de Hespanha, 308 annos antes de Jesus Christo. (O que é êrro manifesto, porque Brigo viveu, se é que existiu, 2004 annos antes de Jesus Christo.) Outros dizem que Hercules fundou Colimbria, que é a actual Coimbra, e Brigo, Conimbriga, que é Condeixa Velha. Já em Coimbra disse o que devia dizer sobre Colimbria e Conimbriga, e para lá remetto o leitor curioso.

Suppõe-se, com justos motivos, que os romanos fortificaram esta cidade, e n'ella construiram varios e sumptuosos edificios: e ha mesmo quem assevere que construiram um canal navegavel, d'aqui até ao mar. (*Monarchia Lusitana*, parte. 1.ª, livro 2.º, cap. 9.º.)

Na invasão dos barbaros do norte (405) coube esta região a Hermenerico, rei dos suevos, que só a possuiu uns 5 ou 6 annos, como já se viu, sendo tomada por Ataces, rei dos alanos, em 409, que a destruiu, diz-se que para com os seus materiaes reedificar a actual Coimbra, o que por muitas rasões não acredito; sendo as principaes, não valer a pena, vir buscar tão longe, o que tinha com abundancia ao pé da porta; e existir incontestavelmente esta cidade (Colimbria) no tempo dos arabes, que, tratando-a melhor do que os suevos, silingos e alanos, se a não reedificaram completamente, é certo que aqui construiram edificios, de que ainda ha vestigios, que se differençam (estudados com attenção) dos edificados pelos romanos.

Frei Bernardo de Brito, seguindo Laymundo, diz que foi edificada pelos carthaginezes da Africa, pelos annos 3600 do mundo (404 antes de Jesus Christo.) *Conimbriga fortis civitas, a Poenis fuit fundata, a Romanis, diu, fuit possessa, a barbaris Alanis, et Selynguis fuit desolata, etc.* (*Monarchia Lusitana*, parte 1.ª, livro 2.º, cap. 9.º, por fr. Bernardo de Brito.)

—

Proximo de Condeixa-Velha, foi descoberta uma gruta em que haviam varias dendrites (arvores petrificadas) e dois fosseis humanos.

Esta descoberta foi feita por estupidos, que, ignorando o valor d'estas preciosidades geologicas e archeologicas, as despedaçaram e apenas hoje existem alguns restos.

Tem hoje visconde.

—

No sitio do Cartaxinho, 5 kilometros ao S. de Condeixa-Velha, teve logar, no dia 18 de março de 1828 o horroroso assassinato dos lentes e conegos de Coimbra que hiam em deputação comprimentar o sr. D. Miguel I, por ordem da Universidade e do cabido de Coimbra.

Este crime, sem exemplo e sem nome nos annaes dos grandes crimes, foi perpetrado por treze, ou mais, estudantes da Universidade.

Assaltaram as duas commissões, compostas de homens indefezos e varões virtuosos, na maior parte velhos. Os cobardes e ignobeis scelerados, arrastaram seus respeitaveis mestres para fóra da estrada, amarraram os criados, pozeram as suas victimas em linha e procederam ao arrombamento dos bahus (isso em primeiro logar para os roubar) depois começou o massacre.

O dr. Figueiredo, lente de medicina, foi o primeiro que cahiu, com um tiro na cabeça.

Dois filhos de Figueiredo, que sabendo do attentado o não previniram (nem ao menos para poupar o pae!) eram muito liberaes e ambos se formaram. Mas Deus, que nem sempre dorme, não quiz esperar para a outra vida com o castigo. Ambos morreram desgraçados. Um morreu com um ataque apopletico, na camara dos deputados, de que era membro; outro morreu afogado, por suicidio, na Allemanha.

Ambos foram lentes da escola polytechnica de Lisboa.

Depois dispararam tres tiros no dr. Matheus, lente de canones e velho octogenario, que, não ficando logo morto, um dos malvados o acabou espetando-lhe um punhal na cabeça, e depois lhe tirou os olhos!

É espantoso que este crime repugnante e brutal fosse praticado por jovens *illustrados*, contra pessoas pacificas, sem ódios e sem crimes.

Sobre o conego Falcão, dispararam sete tiros e lhe deram quarenta punhaladas!

O deão levou cinco tiros e grande numero de golpes. Um sobrinho do conego Falcão levou sete tiros e outro um.

Finalmente, nem um só dos infelizes escaparia se no meio da horrivel carnagem não fossem vistos por uma mulher da aldeia da Prêsa, que gritando com quanta força tinha, pôz todos os povos em alarma, fugindo então os infames assassinos espavoridos, em differentes direcções.

Mas o dêdo de Deus ainda se revelou mais uma vez.

Passava *casualmente* pela estrada o general da Beira Baixa, Agostinho Luiz da Fonseca, com uma escolta de cavallaria; e, *tambem por casualidade* passava uma escolta de caçadores 8, e todos estes militares correram em auxilio do povo.

O *acaso* aqui foi a justiça divina. É por isso que sublinhei o adverbio e o substantivo.

No meio da escolta dos caçadores, já vinha disfarçado um dos assassinos, que foi logo reconhecido e prêso.

Mais quatro foram prêsos perto de Condeixa, sendo dois tirados de um carro (carregado de herva, hindo elles por baixo d'ella) onde, *ainda por acaso* (!) uma creança os descobriu.

O povo, seguindo os outros, foi prender mais quatro no Rabaçal. Os outros escaparam.

Os nove malvados que se poderam prender, foram entregues ao carrasco, morrendo enforcados, no Caes do Tojo, em Lisboa, a 20 de junho de 1828.

Dois annos depois (março de 1830) foi prêso na fronteira hespanhola, vestido em trajo de almocreve, mais um que escapou. Tambem foi enforcaco no Caes do Tojo, a 9 de junho d'esse anno.

Tenho ouvido a muitos liberaes e lido em lettra redonda, que estes dez infames, cobardes e malvados, foram martyres da liberdade, e como taes estão incluidos por alguns no martyrologio liberal.

—

Na gruta d'uma pedreira, no logar da Eira Pedrinha, d'esta freguezia, foram ha annos encontrados ossos humanos adherentes á rocha.

Em 27 de maio de 1872, a pouca distancia d'aquelle logar, em uma propriedade do sr. Antonio Pires do Rio, appareceu um craneo e varios ossos humanos petrificados, no centro de uma rocha schistosa, e a 4 metros de profundidade. Já se vê que as pessoas a quem estes ossos pertenciam viveram ha muitas dezenas de seculos, e este facto prova evidentemente que o que é hoje Portugal, foi habitado desde remotissimas eras. Serão estas ossadas antidiluvianas? Quem sabe!...

Por Condeixa a Velha passava a via militar romana que de Lisboa hia a Calle (Gaia). Os árabes a reconstruiram pelo mesmo leito antigo (aqui) no seculo IX.

Da sessão da commissão archeologica do *Instituto de Coimbra*, que foi celebrada em 5 de junho de 1873, extrahi o que se segue: [1]

Presidencia do sr. Miguel Osorio Cabral de Castro. Membros presentes os srs. Abilio Augusto da Fonseca Pinto, Adolpho Ferreira do Loureiro, Dr. Antonio Augusto da Costa Simões, conego Antonio Xavier de Sousa Monteiro, conselheiro João José de Mendonça Cortez, Dr. Julio Marques de Vilhena, Luiz Guedes Coutinho Garrido, prior Manuel da Cruz Pereira Coutinho.— Secretario, o sr. Augusto Mendes Simões de Castro (auctor do curiosissimo livro intitu-

[1] O *Instituto de Coimbra* e a commissão archeologica, teem prestado relevantes serviços ás letras com os seus valiosissimos estudos.

lado *Novo Guia do Viajante em Coimbra e seus Arredores*).

O sr. Miguel Osorio disse que a primeira difficuldade que se lhe apresentava era saber quando esta povoação principiou a chamar-se Condeixa. Que, a dar credito á fabula dadestruição da antiga Coimbra por Ataces, e aos romances dos nossos chronistas, aquella denominação lhe proveio de *como a deixa*, com que o povo porventura se lastimava da sua ruina. Que porém o que parece certo, segundo diz Carvalho na *Chorographia Portugueza*, é que Condeixa a Nova foi edificada por el-rei D. Manuel, que é d'esse tempo em diante que nos monumentos escriptos principia a apparecer um tal nome, mas que poderia acontecer que Condeixa a Velha já tivesse então tambem o nome de Condeixa.

Que quanto ás ruinas que existem junto de Condeixa a Velha, era de grande difficuldade o seu estudo, porque todos os assumptos de archeologia entre nós se tornam muito embaraçosos em razão da multiplicidade de opiniões que apparecem em varios escriptores, a maior parte d'elles propensos a fabulas; e que tal difficuldade se torna muito mais grave por não haver obras de critica como os hespanhoes já têem, que discriminem nas chronicas e velhos livros o falso do verdadeiro. Que houve uma épocha em que os nossos escriptores andaram como que em litigio a ver qual d'elles havia de introduzir mais fabulas nas suas obras, qual havia de dar maior antiguidade ás povoações de que se occupava; e que é vulgar encontrar noticia de muitas cidades que elles fizeram andar como em passeio de umas para outras localidades. Que era assim que o padre Carvalho da Costa na sua *Corographia* e Gaspar Barreiros no seu *Itinerario* seguem a opinião, hoje inadmissivel, de que Ataces arrazara a antiga povoação de Condeixa a Velha, e viera fundar com os seus materiaes a cidade de Coimbra na margem direita do Mondego.

Disse que outra questão muito embaraçosa se tem suscitado quanto a Condeixa a Velha. Que affirmam alguns escriptores que esta povoação e a actual cidade de Coimbra coexistiram, e que até dizem que cada uma teve seu bispo ao mesmo tempo, pois que n'um dos primeiros concilios toledanos apparece a assignatura do bispo *Coninbricensis* e a do *Eminicensis*, e pretendem que a povoação de Condeixa se chamava *Conimbrica*, e a actual Coimbra *Eminium*. Que segue esta opinião um auctor muito respeitavel, o erudito D. Fr. Francisco de S. Luiz, bispo conde e depois patriarcha de Lisboa, o qual se determinou á vista do *Itinerario* de Antonino Pio e da *Geographia* de Plinio, que fallam de uma cidade e rio *Eminium*. Que outros auctores seguem a opinião de que o nome *Eminium* designava a povoação e o rio de Agueda; que porém D. Francisco de S. Luiz ponderára que Antonino, no seu *Itinerario*, não fazendo menção dos pequenos rios, mas dos grandes que desembocam no mar, de certo designaria com o nome de *Eminium* a cidade de Coimbra e o rio Mondego.

Não se inclinou o sr. Miguel Osorio a esta opinião, dizendo que por excepção podia Antonino mencionar um rio pequeno como o de Agueda, quando houvesse uma povoação importante a descrever, e que não achava crivel haver duas dioceses, cujas sedes estivessem tão proximas uma da outra, como Condeixa a Velha e Coimbra. Que era mais verosimil estar a séde de uma diocese na actual Coimbra, e a da outra em Agueda, ainda que em Condeixa a Velha apparecem vestigios da épocha christã anteriores ao citado concilio (que é o 3.º de Toledo do anno de 589) como era uma lapide de 541 (que apresentou e offereceu para o museu de archeologia) achada junto da egreja de Condeixa a Velha, na qual se lê:

SERENIA
NVS FAMV
LVS DI VIXIT
ANVS IIII ET
REQU. . . INPA
C. . . VIII KL. . . DE
CEMBRES E
RA DLXXVIIII.

Disse mais que depois do dominio romano, ainda Condeixa a Velha fôra uma po-

voação importante, e tão importante. que n'ella se gravavam inscripções mortuarias; que isto invalidava em parte a idéa da destruição de Ataces, e apresentou ainda como prova uma moeda de Egica, o qual subiu ao throno depois do anno de 680, tambem achada em Condeixa a Velha.

Passou depois a descrever as ruinas de Condeixa a Velha. Disse que se vê alli um recinto amuralhado, cuja muralha, de notavel largura, não offerece duvida alguma ser de construcção romana. Que a um dos lados d'este recinto ha um despenhadeiro escarpadissimo sobre um pequeno rio que corre a grande profundidade, e que na extremidade occidental d'aquella área, no ponto mais elevado, ha uma como separação por uma muralha, e que d'ahi se descobrem e dominam largos tractos de terreno, para os lados da Ega. Que existem notaveis restos de um aqueducto, que de Alcabideque conduzia agua para alli. Que da parte de fóra da muralha encontrára restos de uma estrada romana, como eram tres grandes arcos de um viaducto.

Disse que não lhe restava duvida alguma de ter existido n'aquelle logar uma povoação romana importante. Mas seria uma cidade?

Que varios escriptores dizem serem importantes aquellas ruinas, mas que nenhum d'elles dá noticia de ter visto alli edificio algum notavel, e que só fallam de moedas romanas e de inscripções lapidares alli achadas.

Que elle mesmo possuia grande quantidade de moedas de cobre provenientes d'aquelle recinto.

Que tinha para si que o que se tem dito de Ataces passar a povoação para a margem direita do Mondego, é uma fabula; mas que isto não se oppõe a ter existido em Condeixa uma grande população. Que de certo ahi houvera grandes transacções, como se deve inferir das moedas lá encontradas em tanta quantidade. Que dentro das muralhas não ha vestigios de grandes edificios, mas que pelos detritos, que alastram o terreno, de fragmentos de tijolos, de pequenas pedras e caliça, era levado a crer que houvera alli muitas edificações, mas de pequena importancia. Que de tudo isto, e por serem de cobre e de insignificante valor as moedas alli encontradas, era opinião sua que aquelle recinto não foi mais do que um acampamento romano, *castrum*. Que era sabido que os romanos durante o tempo do seu dominio na peninsula tiveram continuadas guerras, e que era razoavel que fizessem n'aquelle ponto um acampamento para servir de abrigo ás tropas que transitavam de umas para outras povoações. Esta opinião lhe parecia tanto mais verosimil, quanto era evidente a necessidade que os romanos tinham de um abrigo para as suas tropas quando percorressem a estrada que vinha de Santarem (*Praesidium Julium*) a Bracara Augusta. Que a multidão de moedas que se têem encontrado em Condeixa a Velha, e a circumstancia de serem de cobre davam força á sua opinião, devendo crer-se que eram destinadas para o estipendio das tropas. Que este ponto era afastado do mar, e que por tanto se não podia conjecturar que fossem destinadas a transacções commerciaes. Que a circumstancia de se encontrarem tantas moedas diversas se explica facilmente, visto como é sabido que, logo que subia ao poder um novo imperante, as moedas do seu antecessor ficávam sem valor nenhum, e se procedia logo á cunhagem de outras novas, o que se fazia nos proprios acampamentos.

O sr. Miguel Osorio, concluindo a sua narração, disse que havia de mandar para o museu de archeologia grande porção de moedas achadas em Condeixa a Velha, para poderem ser examinadas e estudadas pelos consocios que se quizessem dar a esse trabalho.

Nada mais se tratou n'esta sessão.

SESSÃO DE 6 DE NOVEMBRO DE 1873

Presidencia do sr. Miguel Osorio.—Membros presentes os srs. Abilio Augusto da Fonseca Pinto, dr. Augusto Filippe Simões, dr. Francisco da Fonseca Correia Torres, Luiz Guedes Coutinho Garrido, João Correia Ayres de Campos, dr. Julio de Vilhena, Manuel da Cruz Pereira Coutinho, e eu

secretario. Foi lida e approvada a acta da sessão antecedente.

O sr. presidente disse que lhe constava que o sr. dr. Filippe Simões fallaria n'esta sessão das ruinas de Condeixa a Velha, e que por este motivo ficariam para a sessão seguinte quaesquer outros assumptos que n'esta se houvessem de tratar.

O sr. dr. Filippe Simões disse que, estando ausente em Evora, quando a secção de archeologia se occupára das ruinas de Condeixa a Velha, e, interrompendo-se depois nas ferias os trabalhos da secção, sómente agora poderia tambem tomar parte na discussão que tivera principio havia já alguns mezes.

Que estando o ponto intimamente ligado com a questão da existencia de uma povoação romana onde hoje é a cidade de Coimbra, trataria d'estes dois assumptos, parecendo-lhe que não se poderia esclarecer um sem examinar o outro.

Mencionou as lapides com inscripções romanas que tem apparecido em Coimbra e hoje se guardam no Instituto, e o arco da Estrella, demolido no seculo passado, o qual, pelas descripções dos contemporaneos, mais que pelas estampas em que foi representado, se ha de considerar obra de architectura romana. Que não contrariava esta opinião o dizer Coelho Gasco que o arco tinha ameias, porque as tivera tambem até ha poucos annos o templo romano de Evora.

De taes vestigios concluiu a importancia da povoação a que pertenceram, e que, attendendo-se sómente a estes restos, parece ter sido uma cidade.

Fallou depois das ruinas de Condeixa a Velha, da grande muralha que alli subsiste ainda de pé, das inscripções sepulchraes, dos vasos etruscos, da variedade das moedas romanas, das sepulturas, mosaicos, tijolos, da casa com pinturas a fresco, dos vestigios de uma therma e do aqueducto que trazia a agua de uma fonte de Alcabideque, na distancia de uma legua, e finalmente, do toro de uma base de columna, com um metro de diametro, egual na fórma e dimensões aos toros das columnas corinthias do templo romano de Evora, o que tudo em varias epochas alli se tem descoberto. Soccorreu-se particularmente d'estes dois ultimos vestigios para provar que no sitio de Condeixa a Velha houvera não um acampamento, como pretendiam alguns e ultimamente o sr. Miguel Osorio, porém uma grande cidade.

Mostrou tambem que a muralha, tendo de circumferencia mais de dois kilometros, se houvesse pertencido a um acampamento ou *castrum*, deveria este ser tão grande, que sómente pareceria possivel nas fronteiras das regiões dominadas pelos romanos, onde as invasões dos povos inimigos obrigavam a grandes obras de defeza. Que a peninsula estava sujeita ao dominio romano desde o tempo de Julio Cesar, não havendo, por tanto, motivo para existir um tão vasto acampamento longe de inimigos.

Que não lhe parecia provavel que se construisse um *castrum* onde não havia agua e era necessario trazel-a de uma legua de distancia por um aqueducto que os inimigos destruiriam facilmente, com grande prejuizo das tropas que se conservassem dentro das muralhas. Finalmente que não via vestigios alguns do *pretorium* ou torre principal do *castrum* e que no meio d'elle devera ter existido.

Mencionou a opinião geral dos escriptores portuguezes que suppõem ter sido em Condeixa a Velha a antiga cidade de Conimbriga. Que acceitava n'esta parte a tradição, porque tinha a seu favor, como depois mostraria, o itinerario de Antonino e todas as memorias que se referem á Conimbriga dos romanos, como a uma cidade importante. Porém que regeitava a opinião geral dos mesmos escriptores, na parte em que suppunham haver Ataces destruido aquella cidade no seculo V, para a vir logo depois reedificar na margem direita do Mondego, dando-lhe o mesmo nome de Conimbriga ou Conimbrica. Mostrou que esta fabula de Ataces fôra inventada ou ao menos propalada por fr. Bernardo de Brito, asserção que provou com o dialogo de Pedro de Mariz a respeito do brazão de Coimbra. Observou que Gaspar Barreiros, escrevendo antecedentemente ao chronista de Cister, dera por infundada a opinião do vulgo, que dizia que a antiga

cidade de Coimbra fôr deixada pela actual, d'onde procedêra o nome de Condeixa. Sendo que parece estar n'esta tradição vulgar o unico fundamento em que fr. Bernardo de Brito assentára o phantastico edificio da historia de Ataces e Hermenerico.

Leu depois o itinerario de Antonino, de Lisboa a Braga, e mostrou que as distancias antigas correspondiam com pequenas differenças, ás distancias actuaes, suppondo Conimbriga em Condeixa a Velha e Eminio onde hoje é Coimbra. Referindo com a maior parte dos auctores portuguezes Eminio a Agueda, aquellas differenças entre as distancias augmentariam. E augmentariam ainda mais, suppondo que Condeixa a Velha fôra um acampamento e que a Conimbriga romana estivera já onde hoje é a cidade de Coimbra. E para melhor se avaliar a força d'este argumento apresentou os seguintes mappas comparativos, declarando que, relativamente ás distancias pelas estradas modernas, seguira o *Roteiro* de João Baptista de Castro. (Os mappas vão adiante.)

Disse que, ainda que variassem algumas das estações referidas, por se não saber com certeza se todas as terras cujos nomes se tinham feito corresponder aos do Itinerario, são aquellas por onde, com effeito, passava a estrada, ainda assim não se invalidariam os resultados geraes.

Explicou a crença, que se tornára geral entre nós, sobre o ter sido Agueda a antiga Eminio, por terem adoptado como certo um texto errado de Plinio. Que nas edições mais antigas do naturalista romano se lia *Oppidum et flumen Minium*, entre *oppidum Talabrica* e *oppidum Conimbrica*, apparecendo em edições posteriores *oppidum et flumen Eminium*. Mas que o erro fôra do auctor e não dos copistas, porque logo depois declarou elle que o rio *Aeminio* era o que alguns chamavam rio *Lima*, marcando a distancia de duzentas milhas entre aquelle rio *Minium* e o rio *Aeminium*, que manifestamente confundiu com o *Lima*. Ora, sendo o rio Minho *(Minius)* proximo do rio Lima *(Limae)* claramente se conhece haver Plinio confundido tambem os dois nomes de *Minius* e *Aeminio*. E assim á cidade de *Eminio* daria o nome de *Minium*, e como havia um rio d'este nome e tambem um rio junto da cidade Eminio, applicar-lhe-hia, como á cidade, o nome de *Minium*, ao qual depois, sem fallar da povoação, deu o verdadeiro nome de *Munda*. E ao rio *Minius*, confundindo-o com o de *Limae*, parece ter chamado *Aeminio* na parte em que trata de Lusitania.

Sendo, pois, manifesto o erro de Plinio, e despresando por isso a sua indicação, desapparece todo o motivo para procurar ao norte do Mondego e de Coimbra o sitio da cidade de Eminio e de um rio d'este mesmo nome que jámais existíra.

Por quanto, o itinerario de Antonino, não mencionando os rios, nenhuma duvida suscita. E, se não quizeram concordar com este monumento o texto confuso de Plinio, não se teriam seguido os esforços de alguns antiquarios para achar o rio Eminio fóra do leito do Mondego. Supprima-se o rio Eminio, suppressão a que nos auctorisam os erros apontados no texto pliniano, e desde logo cahirá, por falta de base, todo o edificio de uma questão egualmente inutil e ociosa.

Concluiu o orador esta parte do seu discurso, declarando ser difficil a quem falla, comparar e explicar textos; mas que n'uma memoria historica de Coimbra, que estava escrevendo, daria a este e outros pontos, que apenas de leve tocára, o conveniente desenvolvimento.

Disse mais que não tinha a menor duvida de que as duas cidades Conimbriga e Eminio coexistiram nos primeiros tempos da edade média. Que appareciam estes dois nomes em varios concilios. No de Lugo, de 560, fez-se a divisão de Theodemiro, pela qual Eminio ficára sendo uma das parochias da Sé conimbricense.

E logo no anno de 589 estivera no concilio de Toledo, Possidonio, bispo de Eminio. Que n'este ultimo anno reinava Recaredo, o qual cunhou moeda em Eminio. Que tambem era conhecida outra moeda de Sizebuto, pouco posterior, cunhada em Eminio. Por outra parte, em Condeixa a Velha ainda no anno de 541 havia uma povoação importante, como se prova pelo achado da inscripção de Serenianno, pertencente á col-

lecção do Instituto. E mais tarde no principio do seculo VIII alli ficára uma moeda de ouro de Egica, possuida pelo sr. Miguel Osorio. Emfim, na segunda metade do seculo IX ainda Affonso III destruira, e povoára depois de christãos, entre outras cidades, as de Coimbra e Eminio, como se lê no chronicon abeldense, documento contemporaneo ou pouco posterior.

Desapparecêra então o nome de Eminio de todos os monumentos, permanecendo sómente o de Coimbra, que no seculo X era já onde hoje existe, na margem direita do Mondego, como se prova por escripturas d'esse tempo.

Concluiu, declarando que, da mesma sorte que o sr. Miguel Osorio, não podéra sahir do campo das conjecturas, á falta de provas directas e decisivas; porém que lhe parecia que a interpretação dos factos de varias ordens que examinára, favorecia e fazia mais provaveis as idéas que tinha apresentado do que quaesquer outras.

Nada mais se tratou n'esta sessão.

O secretario

Augusto Mendes Simões de Castro

Distancias do Itinerario de Antonino, comparadas com as leguas das estradas modernas

			Leguas de 4 milhas	Leguas das estr. mod.	Differença para mais	Differença para menos
Iter ab Olisipone Bracaram Augustam	mpm	CCXLIIII	61	60		1
Ierabriga (Alemquer)	mpm	XXX	7 1/2	7		1/2
Scalabin (Santarem)	mpm	XXXII	8	8		
Sellium (Bezelga ou Ceice junto de Thomar)	mpm	XXXII	8	8		
Conimbriga (Condeixa a Velha)	mpm	XXXIIII	8 1/2	10	1 1/2	
Eminio (Coimbra)	mpm	X	2 1/2	2		1/2
Talabriga (junto de Aveiro)	mpm	XL	10	9		1
Lancobriga (Feira)	mpm	XVIII	4 1/2	5	1/2	
Calem (Porto)	mpm	XIII	3 1/4	4	3/4	
Bracara (Braga)	mpm	XXXV	8 3/4	8		3/4

Segundo Diogo Mendes de Vasconcellos, nos *Scholios a Rezende*, deveriam transpor-se as distancias de Eminio e Talabriga pela fórma seguinte:

			Leguas de 4 milhas	Leguas das estr. mod.	Differença para mais	Differença para menos
Conimbriga (Condeixa a Velha)	mpm	XXXIIII	8 1/2	10	1 1/2	
Eminio (Agueda)	mpm	XL	10	8		2
Talabriga (junto de Aveiro)	mpm	X	2 1/2	3	1/2	

Suppondo que a actual Coimbra fosse a antiga Conimbriga, ficariam assim as distancias:

			Leguas de 4 milhas	Leguas das estr. mod.	Differença para mais	Differença para menos
Sellium (Bezelga ou Ceice junto de Thomar)	mpm	XXXII	8	8		
Conimbriga (Coimbra)	mpm	XXXIIII	8 1/2	12	3 1/2	
Eminio (Agueda)	mpm	XL	10	6		4
Talabriga (junto de Aveiro)	mpm	X	2 1/2	3	1/2	

Em fevereiro de 1874, alguns membros da secção de archeologia, do *Instituto*, vieram aqui assistir a uma escavação, nas ruinas da velha Conimbriga. A profundidade de dois metros, encontraram quatro bases de columnas, bem lavradas, assentes em uma fila de lagens, bem apparelhadas. Contiguo a este sitio, acharam um pavimento de mosaico, muito bem construido. Levaram para Coimbra alguns pedaços d'este mosaico, para o museu archeologico (em principio) do Instituto.

Projectam os incançaveis cavalheiros d'esta secção, proceder aqui a escavações em grande escala, o que dará occasião a curiosissimas e instructivas descobertas, pois não

consta que estas ruinas tenham até hoje sido convenientemente exploradas.

—

A área d'esta vetusta cidade era cingida de duas ordens de muralhas, de notavel fortaleza. Da muralha externa ainda existem muitos lanços; a interna ainda existe quasi toda. Nos terrenos que esta cerca, hoje todos cultivados, é frequente encontrar-se, quando se revolve a terra, grande quantidade de moedas romanas. Os povos d'aqui chamam a estas moedas—*realôchos*—e as vendem aos curiosos que vem visitar estas ruinas.

Existem ainda de pé os restos venerandos d'esses soberbos edificios que enobreceram esta famosa cidade, tão querida dos romanos, que a adornaram de opulentas construcções e cercaram de muralhas gigantescas.

O viajante curioso fica pasmado á vista d'essas imponentes ruinas, que, nem a mão sacrilega dos barbaros, nem a acção corrosiva de quinze seculos tem podido aniquilar.

Aqui verá ainda, trez pontes, restos de aqueducto; arcos de cantaria lavrada; pilares inscripções, em diversas linguas, dos varios povos que possuiram esta cidade; e grande porção de fragmentos de cantaria lavrada, telhas, tijolo etc, espalhados em uma vasta extenção, provando que Conimbriga era uma cidade grande e populosa. Pelos *pannos* das muralhas ainda se divisam inscripções romanas em bellos caracteres.

Só o sr. Wenceslau Martins de Carvalho, em propriedades que aqui tem, achou, ha poucos annos, mais de 5:000 tijolos.

A mais notavel das trez pontes, pela sua robustez e grandeza, é a que fica do lado do O., sobre a via militar romana, de Lisboa a Calle. O arco do centro tem 14 metros de vão!

Era esta cidade copiosamente abastecida de optima agua da copiosa fonte de Alcabideque, que fica a 6 kilometros de distancia.

—

Entre as muitissimas moedas romanas achadas por estes sitios, mencionarei as que traz a *Nova Guia do Viajante em Coimbra e seus arredores* são:

1.ª de Cesar Augusto (*colonial de cobre,*) diz:

AVGVSTS C. V. I. CELSA

(AUGUSTUS. COLONIA VICTRIX IULIA CELSA.)

O busto de Cesar dentro de uma corôa de louro.

L. COR. TERR.

(*Lucio Cornelio Terracina)*

II. VIR.

(Duunviri)

M. IVN. HISP. V. HISP.

(*Marco Junio Hispali vel Hispano.*)

O boi, symbolo da colonia.

Esta medalha foi provavelmente lavrada para comemumorar alguma victoria, em *Celsa*, cidade tarraconense, proxima ao Ébro, que por ser feita colonia romana, por Julio Cesar, tomou o nome de *Julia Victrix.*

Terracina (cidade do Lacio) era o cognome de Lucio Cornelio.—hispalo era o cognome da familia Junia, á qual pertencia o duumviro *Marco.*

—

2.ª — Magnencio (de cobre) diz.

D. N. MAGNENTIVS P. F. AVG.

(Dominus Magnentius Prefectus Augustus.)

Tem o busto d'este imperador, e no campo a nota numismagraphica A.

VICT. DD. NN. AVG. ET CAES.

(*Victoriae dominorum nostrorum Augustorum et Caesarum.*)

Duas victorias de pé, segurando o escudo onde se lê:

VOT. — VOTIS
V. — V.
MVLT. — MULTIS
X. — X.

No campo, as letras S. P. e no exergo:

H. P. S. C.

Assassinado Constante, por ordem de Magnencio, tomou este o imperio do occidente, pelos annos 350 de Jesus Christo.

Não logrou todavia por largo tempo o fructo da sua traicção. Perseguido por Constancio, irmão do imperador assassinado, este matou por suas proprias mãos a Magnencio, no 3.º anno do seu reinado, na cidade de Leão, para onde tinha fugido:

3.ª—Constancio (de cobre.) diz.

D. N. CONSTANTIVS. PF. AVG.

(Dominus Constantius Prefectus Augustus)
O busto do imperador Constancio.

FEL. TEMP. REPARATIO.

(Felicis temporis reparatio.)
Dois guereiros, um dos quaes se acha prostrado pelo vencedor.

—

A egreja matriz de Condeixa Velha, é muito antiga, pois sabe-se que já existia em 1227. No seu pavimento está uma pedra, com a inscripção seguinte, bastante deteriorada e com muitas abreviaturas:

João Affonso de Moraes Botelho, primeiro instituidor do morgado e fidalgo da casa do infante D. Pedro. Anno de 1457.

Na mesma pedra se vê um signo de Salomão e a cruz dos templarios.

Vou extrahindo do livro do sr. Augusto Mendes Simões de Castro estas inscripções; mas noto que talvez a cruz seja da ordem de Christo e não do Templo, que já então não existia havia 146 annos.

Este João Affonso de Moraes Botelho, fez grandes proesas em Aljubarrota, e foi fiel ao infante D. Pedro, duque de Coimbra, sendo ferido a seu lado, em Alfarrobeira, a 20 de março de 1449.

CONDEVÃO—vide Abbade do Neiva.

CONGOSTA, CANGOSTA e QUINGOSTA—portuguez antigo, do arabe *al-congôsta.* É o caminho entre duas paredes, mas em maior ou menor declive. Se este caminho é orlado de casas, se lhe chama então *calçada.*

CONLELAS—freguezia, Traz-os-Montes, comarca e concelho de Bragança, 48 kilometros de Miranda, 465 ao N. de Lisboa, 50 fogos.

Em 1757 tinha 42 fogos.

Orago S. Pedro, apostolo.

É terra fertil.

Era antigamente da comarca de Miranda, termo de Bragança.

Situada em baixa, na falda de uns outeiros.

O ordinario apresentava o reitor, collado, que tinha 46$000 réis, 78 alqueires de trigo serodio, 2 alqueires de trigo para hostias e 2 almudes de vinho para as missas.

O reitor d'aqui apresentava os curas das freguezias de Fontes, Barrosas, S. Thiago de Lagomar e Sabariz.

N'esta freguezia ha a célebre *Fonte de Luiz* ou *da Lua*, que segue em tudo o curso d'este planeta.

Principia a sua corrente na *lua nova* e vae augmentando de volume até á *lua cheia*, depois diminue até á *lua nova.* É no sitio das Compras. (Se o padre Cardoso não se Mudiu, isto é curiosissimo.)

Ao O. da freguezia, passa o ribeiro Carrazedinho.

CONSOLAÇÃO — pequeno promontorio, Extremadura, concelho freguezia e 3 kilometros ao S. da praça de Peniche, Fica 6 kilometros ao S. do Baleal, e é formado da mesma rocha calcarea d'este ilhote. Ha quem diga que formava, em tempos remotos, parte da grande ilha Eritreia, junto com as Brelengas e Baleal. (Vide Baleal.)

É uma estação de banhos hoje bastante concorrida e binita.

CONSTANCE—freguezia, Douro, comarca de Amarante, concelho de Santa Cruz, até 1855, e desde então comarca e concelho do Marco de Canavezes, 48 kilometros a NE. do Porto, 360 ao N. de Lisboa, 185 fogos.

Em 1757 tinha 112 fogos.

Orago Santa Eulalia.

Bispado e districto administrativo do Porto.

Era antigamente comarca é termo do Porto, mas já do concelho de Santa Cruz de Riba Tamega.

O abbade tinha 200$000 réis, que era a terça parte dos dizimos; as outras duas ter-

ças partes eram para as freiras de Subserra, na villa da Castanheira. O bispo do Porto é que apresentava (por concurso synodal) o abbade d'esta freguezia.

Fertil em azeite, vinho e centeio; do mais mediania.

Antigamente chamava-se *Constante*.

N'esta freguezia está a quinta do Paço de Soutêllo, que foi da rainha D. Mafalda, mulher de D. Affonso Henriques, e fundadora das Caldas de Canavezes.

CONSTANCIA ou **VILLA NOVA DE CONSTANCIA**—villa, Extremadura, comarca e 12 kilometros a O. de Abrantes, situada na confluente do Tejo e Zêzere. 160 kilometros a O. da Guarda, 120 ao E. de Lisboa, 360 fogos, 1:400 almas, no concelho 800 fogos.

Em 1757 tinha a freguezia 390 fogos.

Orago S. Julião.

Foi antigamente do bispado da Guarda e hoje é do de Castello Branco, districto administrativo de Santarem.

Feira a 5 de agosto. Muito fertil.

Situada na encosta de um monte, cujas raizes banha pelo S. o Tejo e pelo O. o Zêzere.

O rei apresentava o vigario, que tinha 40$000 réis e o pé d'altar.

Foi fundada pelos romanos, uns 100 annos antes de Jesus Christo, com o nome de *Pugna-Taje* (Combate do Tejo) em memoria de uma grande batalha que ahi tiveram os lusitanos.

Outros dizem que, por ser frequentes vezes invadida pelo Tejo.

Ha tambem escriptores que dizem que os romanos lhe chamavam *Moro*. (André de Rézende, nas suas *Antiguidades da Lusitania* segue esta opinião.) Outros, finalmente, dizem que *Moro* era o castello de Almourol. Em tanta barafunda de opiniões, cada um siga a que quizer. Almourol fica perto de Constancia.

Os arabes lhe mudaram o nome para *Almorolau*. (Outros dizem que *Almorolau* é o mesmo castello de Almourol.)

Foi resgatada do poder dos mouros, por Gonçalo Mendes da Maia (o *Lidador*) pelos annos de 1150. Desde então readquiriu o seu nome primittivo, mas degenerado, ou corrupto em *Punhête*.

Como este nome fosse mal soante, se lhe mudou para o de Constancia (dando-se-lhe então o titulo de *notavel*) por decreto de 7 de dezembro de 1836.

Foi uma medida acertadissima; mas haviam de fazer o mesmo a outras terras em identicas circumstancias.

D. Sebastião a fez villa em 1578.

As cheias do Tejo a invadem ás vezes, causando-lhe grandes prejuizos.

Tem Misericordia.

Grande abundancia de azeite, vinho e fructas: excellentes marmellos (do celebrado *Malvar*) boas romans e deliciosas uvas, malvazias e gambôas. Ambundante em peixe.

Suppõe-se ser em Constancia (então *Punhête*) que esteve desterrado Luiz de Camões, ahi pelos annos de 1548 a 1550, por causa dos seus amores com D. Catharina de Athaide (dama da rainha D. Catharina, mulher de D. João III) que elle tornou immortal com seus versos á sua *Nathercia*. (Todos sabem que *Nathercia* é anagramma de *Catharina*.)

Chama-se a esta villa, ora Punhête, ora Constancia, ou Villa Nova de Constancia; mas, mesmo assim, a maior parte da gente lhe dá o primeiro nome.

Não me consta que esta Villa tenha foral. Pelo menos Franklim não o traz.

—

Em janeiro e fevereiro de 1872, houve aqui tão grande enchente, que a agua chegou aos segundos andares das casas. Um estaleiro que ha na margem do Zêzere, ficou coberto. Causou bastantes prejuisos esta cheia.

—

Perto d'esta villa fica a bella ponte lançada sobre o Tejo, no caminho de ferro de Leste, ficando-lhe quasi contigua a estação da Praia.

Esta ponte tem em cada uma das suas extremidades, assentes sobre as margens, dois grandes encontros, de cantaria e tijolo e 16 vãos de lioz, apoiados sobre pilares tubulares, de ferro fundido. Cada pilar é formado de tres tubos cylindricos, cravados pelo systema do ar comprimido, a profundi-

dades differentes, entre 10 e 21 metros, abaixo da estiagem. Metade dos tubos assentam sobre um banco de rocha, que está sob as areias do rio e o resto se cravou através da areia e de um banco de grosso cascalho, fortemente agglomerado com saibro.

A altura dos cylindros acima da altura ra media da estiagem é de 17 metros, e a das vigas, ou tirantes, de ferro, que se cruzam obliquamente, é de 3 metros e 50 centimetros, sendo a altura total 20 metros, entre carrís, ou niveis, por onde passam os comboios e as aguas da estiagem. O comprimento total da ponte é de 550 metros.

Entraram na construcção d'esta ponte 640 tonelladas de ferro laminado, 1:150 de ferro fundido, e 165 braças cubicas de madeira.

Começaram os trabalhos em junho de 1861, empregando-se n'elles 3 machinas a vapor, da força de 12 vavallos cada uma, e differentes apparelhos de mergulhar.

Em 19 de agosto de 1862, já sobre a ponte correu a primeira locomotiva.

Em 26 de outubro do mesmo anno, foi inspeccionada por parte do governo, pelos distinctos engenheiros, os srs. José Victorino Damasio, Belchior José Garcez, Joaquim Simões Margiochi, Sebastião do Canto e Castro Mascarenhas e Joaquim Nunes de Aguiar.

As experiencias foram feitas com um comboyo de 24 *wagons* carregados de carrís, puxados por duas locomotivas, trabalhando a *dupla-tracção*. O pêso total d'este comboyo era superior a 300 tonelladas.

Deu os mais satisfatorios resultados, sem que a ponte désse de si.

Em 7 de novembro de 1862, foi aberta á viação publica d'esta secção do caminho de ferro, chegando de Lisboa a Abrantes.

Foi dia de grande alegria para os povos das immediações, que festejaram este grande melhoramento material, com musicas, foguetes e todas as mais demonstrações de regosijo publico.

—

É n'esta villa o solar dos Cabraes, familia antiquissima, e já no tempo de D. Affonso Henriques occuparam os Cabraes logares distinctos, e n'elles permaneceu o senhorio de Belmonte e outras povoações, com o privilegio e preeminencia de não serem obrigados a prestarem juramento de fidelidade pelas alcaidarías dos castellos confiados á sua honra.

Ayres Cabral, foi, com esta distincção, alcaide-mór dos castellos de Portalegre, Mourão, Arronches e Castello de Vide. Viveu no reinado de D. Diniz. Era vassallo do infante D. Affonso, irmão do rei.

Frei Antonio Brandão (*Monarchia Lusitana*, parte 4.ª, livro 15.º, cap. 36, pag. 234) diz que os Cabraes ficaram em Hespanha, desde o tempo dos gregos.

Segundo Solino, e Justino, Cadmo, rei da Grecia, quando o oraculo de Delphos lhe mandou que collocasse a cabeça de seus estados, no logar onde o guiassem umas cabras, tomou por insignia duas cabras.

Julga-se que foi por isto que os Cabraes (talvez descendentes de Cadmo) tomaram por armas duas cabras passantes, armadas de púrpura e preto, e por timbre, uma das cabras do escudo.

Os que procedem de Jorge Dias Cabral, teem por armas, em campo de púrpura, quatro lanças de ouro, em pala e sobre ellas um estoque da sua côr, com cabo de ouro, e, em campo verde, quatro adagas, da côr do estoque, quatro manopolas e quatro coxêtes de prata entrelaçados, e em chefe, uma cruz de Christo. Timbre, meio cavallo russo, bridado de ouro, com redeas e cabeçada de púrpura, lançando sangue pela bôca e por quatro cutiladas que tem no pescôço.

Estas armas ganhou em Inglaterra o dito Jorge Dias Cabral, vencendo um cavalleiro da nobre Ordem da *Garroteia* (ou *Jarreteira*) um publico desafio. D. João III lh'as confirmou.

—

O concelho de Constancia é apenas composto de tres freguezias: Constancia, Santa Margarida e Montalvo (ou Monte Alvo.)

CONSTANTIM DE PANOYAS—freguezia, Traz-os-Montes, comarca, concelho e 5 kilometros a NE. de Villa Real, 75 ao NE. de Braga, 105 ao NE. do Porto, 355 ao N. de Lisboa, 130 fogos.

Em 1660 tinha 200 fogos e em 1757 não

tinha já senão 93 visinhos. Não sei a causa d'esta diminuição.

Orago Nossa Senhora da Natividade ou Santa Maria da Feira.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Villa Real.

Os frades cruzios do convento de Caramôs apresentavam aqui o abbade, que tinha 93$000 réis de rendimento.

Pouco fertil, mas cria bastante gado e ha por aqui muita caça. Muita castanha.

Querem alguns que fosse aqui a famosa cidade de *Panoyas*, o que não é provavel; pelo menos não existem ha muitos annos os mais leves vestigios que o attestem. O que é verdade é ter sido por seculos a cabeça da celebrada Terra de Panoyas. Vide Val de Nogueiras e Cidade.

Aqui nasceu S. Fructuoso, advogado contra as mordeduras de cães damnados. Na egreja matriz da freguezia, que é muito antiga, se conserva ainda a cabeça d'este santo, que os romanos degolaram.

É terra do infantado.

Em Constantim havia, desde tempos remotissimos, uma grande feira. Ainda nos principios da monarchia era das melhores do reino.

Situada n'uma planicie elevada, proximo do ribeiro do seu nome.

O conde D. Henrique a povoou e lhe deu foral em 1096, com todos os privilegios de Guimarães.

CONSTANTIM e **CICOURO** ou **SICOURO**—freguezia, Traz-os-Montes, comarca, concelho e 18 kilometros de Miranda, 485 ao N. de Lisboa, 125 fogos.

Em 1757 tinha 60 fogos.

O orago de Constantim é Nossa Senhora da Assumpção, e de Cicouro S. João Baptista. Este é o actual orago.

Bispado e districto administrativo de Bragança.

O bispo de Miranda e depois o de Bragança apresentavam o vigario, por concurso synodal, que tinha 30$000 réis, 4 alqueires de trigo, 2 almudes de vinho e o pé d'altar.

O real padroado apresentava o abbade de Cicouro (antigamente escrevia-se Sicouro) e tinha de rendimento, o abbade, 300$000 réis. Esta freguezia em 1757 tinha 43 fogos. Hoje estão estas duas freguezias annexas, tendo o nome official de *Cicouro*. Vide esta palavra.

É terra fertil em trigo e centeio; do mais pouco. Cria muito gado. Muita caça.

Tinha antigamente juiz da vara, feito pela camara de Miranda e sujeito ás justiças da mesma cidade.

CONTENÇAS—(portuguez antigo, e, mais antigo *conteenças*) trastes, moveis, utensilios indispensaveis (ainda que de pouco valor) em uma casa. Ha em Portugal alguns logares assim chamados.

CONTIM e **VILLAÇA**—freguezia, Traz-os-Montes, comarca e concelho de Montalegre, 54 kilometros a NE. de Braga, 420 ao N. de Lisboa, 80 fogos.

Em 1757 tinha 38 fogos.

Orago S. Vicente, martyr.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Villa Real.

O reitor dos Valles apresentava o cura, que tinha 30$000 réis e o pé d'altar.

É terra fertil. Muito azeite.

É situada em um alto, e saudavel.

CONTINS—freguezia, Traz-os-Montes, comarca e concelho de Vinhaes, 70 kilometros de Miranda, 420 ao N. de Lisboa, 25 fogos.

Em 1757 tinha 34 fogos.

Orago S. João Baptista.

Era antigamente da comarca da Torre de Moncorvo, termo de Mirandella.

Situada em logar alto e penhascoso.

O reitor dos Valles apresentava o cura, que tinha 40 alqueires de pão, 10 almudes de vinho e 12$000 réis em dinheiro.

É terra fertil. Muito azeite.

Esta freguezia, assim como as de Penso e Seixas, estão, ha muitos annos, annexas á de Santalha, tendo todas 120 fogos. Vide Santalha.

CORAÇÃO DE JESUS—freguezia da capital. Vide Lisboa.

CÓRBES—rio, Alemtejo, nasce proximo a Ourique e entra na direita do Guadiana (com 60 kilometros de curso) depois de ter regado os campos por onde passa. Traz peixe meudo.

CORCHA — portuguez antigo, ainda usado no E. do reino. Significa *cortiça.*

CORDINHAN — freguezia, Douro, comarca e concelho de Cantanhede, 18 kilometros a ONO. de Coimbra, 220 ao N. de Lisboa, 180 fogos.

Em 1757 tinha 96 fogos.

Orago Santo André, apostolo.

Bispado e districto administrativo de Coimbra.

É fertil.

Era antigamente da comarca e termo de Coimbra.

Os condes de Pombeiro (marquezes de Bellas) apresentavam o prior, que tinha 300$000 réis.

Tinha juiz pedaneo, confirmado pelo juiz de fóra de Coimbra.

COREIXAS e **IRÍVO** ou **ERÍVO** — freguezia, Douro, comarca, concelho e 6 kilometros ao O. de Penafiel, 30 ao NE. do Porto, 330 ao N. de Lisboa, 190 fogos.

Em 1757 tinha Coreixas 41 fogos, e era seu orago Santa Maria ou Nossa Senhora da Conceição; e o de Irívo era S. Vicente, martyr. Hoje tem ambos os padroeiros. A freguezia de Irívo tinha em 1757, 94 fogos.

Bispado e districto administrativo do Porto.

Era antigamente da comarca e termo do Porto, concelho de Penafiel.

O abbade de S. Pedro de Cette apresentava o cura (segundo Cardoso e Carvalho; o *Portugal Sacro e Profano,* diz que era o reitor do collegio da Graça, de Coimbra) Tinha 11$000 réis e o pé d'altar.

Esta egreja era unida *in perpetuum,* por breves apostolicos, ao collegio de Nossa Senhora da Graça, de Coimbra. Apesar do *in perpetuum,* deixou de existir o collegio da Graça e mais esta freguezia, que hoje está unida á de Irivo, formando ambas uma só freguezia, sob o nome de Irivo e Coreixas. Vide Irivo.

Está em Coreixas a torre e casa nobre dos Brandões, de origem britannica. Foi aqui o seu solar.

Coreixas é terra fertil e regada pelo rio Cavallum.

CÓRGA — aldeia, Douro, freguezia de Lobão, comarca, concelho e 8 kilometros ao E. da Feira, 25 ao S. do Porto, 30 fogos.

CÓRGAS — aldeia, Beira Alta, comarca de Mangualde, concelho de Penalva do Castello, 12 kilometros de Viseu, 285 ao N. de Lisboa, 40 fogos.

É na freguezia do Pindo ou S. Martinho do Pindo, que antigamente era da comarca de Viseu, concelho de Penalva.

Tem uma capella dedicada a Nossa Senhora do Ó.

Tinha um *hospital* que constava de quatro casas em que viviam quatro *mercieiras,* que eram obrigadas a certas rezas annuaes e a ouvirem duas missas quotidianas que havia na mesma capella. Os bispos de Viseu administravam as rendas d'este *hospital,* ou, mais propriamente *asylo.*

CÓRGO — rio, Traz-os-Montes, nasce proximo de Villa Pouca d'Aguiar, passa junto a Villa Real, onde tem uma boa ponte de cantaria e morre na direita do Douro, 300 metros acima da Regua, na Foz do Corgo, com 40 kilometros de curso, quasi sempre arrebatado. Suas areias traziam ouro antigamente, e dizem que as suas aguas curam a tisica pulmonar. Vide Tanha.

Córgo ou *córrego* é palavra portugueza. Significa ribeiro ou regato que corre arrebatado por entre barrancos ou por sitios profundos. Vulgarmente tambem se chamam *córgos* ás *ravinas* ou outros sitios semelhantes. Antigamente escrevia-se *Córrago.*

CÓRGO — freguezia, Minho, comarca e concelho de Celorico de Basto, 48 kilometros ao NE. de Braga, 375 ao N. de Lisboa, 135 fogos.

Em 1757 tinha 98 fogos.

Orago S. Romão.

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

Era antigamente da comarca de Guimarães.

O abbade dos frades bentos de S. Miguel de Refojos de Basto, apresentava o vigario *ad nutum,* que tinha 60$000 réis.

É fertil em centeio, boas fructas e optimo vinho verde.

Réga esta freguezia o rio Bouro.

CORISCADA — freguezia, Beira Baixa, con-

celho da Méda, comarca de Villa Nova de Foz Côa, (era do concelho de Marialva, e pela suppressão d'elle, em 24 de outubro de 1855, ficou sendo do concelho de Foz Côa, e em 18 de dezembro de 1872 passou a ser do concelho da Méda.) 65 kilometros a SE. de Lamego, 345 a E. de Lisboa, 130 fogos.

Em 1757 tinha 128 fogos.

Orago Santo Antonio.

Bispado de Lamego, districto administrativo da Guarda.

Era antigamente da comarca de Pinhel, termo de Marialva.

Situada em planicie e d'aqui se vêem as villas de Azêvo e Marialva.

O abbade de S. Thiago, de Marialva, apresentava o cura, que tinha 30$000 réis.

Fertil em trigo, centeio e cevada.

CORNELIANA—Minho, antiquissima cidade da Lusitania, fundada pelos romanos (*si vera est fama*) no sitio onde hoje é a aldeia de Barros, na freguezia da Correlhan. Vide Barros e Correlhan.

CÓRNES—freguezia, Minho, comarca de Vallença, concelho de Villa Nova da Cerveira, 54 kilometros a ONO. de Braga, 415 ao N. de Lisboa, 155 fogos.

Em 1757 tinha 128 fogos.

Orago S. Pantaleão, martyr.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Vianna.

Era antigamente da comarca de Vianna, termo de Villa Nova da Cerveira.

É do infantado.

Situada em um valle.

A casa do infantado e o reitor do collegio dos jesuitas de Coimbra apresentavam o abbade, que tinha 120$000 réis. Desde 1759 até 1834 era apresentado *in solidum*, pela casa do infantado.

Foi primeiramente abbadia, metade dos duques de Caminha e metade dos jesuitas (dada por D. João III). Extincto o ducado de Caminha, passou o que era d'elle para o infantado. Extincta a Companhia de Jesus, ficou tudo encorporado na casa dos infantes.

É terra fertil. Grande abundancia de ginja e cerêja.

CÓRNES, antigamente **CORNIAS**—aldeia, Douro, freguezia de Espiúnca, comarca e concelho de Arouca. É povoação muito antiga, e foi villa. Em maio de 1139, doou D. Affonso Henriques, o reguengo da *sua villa de Cornias, aguas vertentes ao rio Paiva, no territorio de Coimbra,* a Affonso Paes e sua mulher Maria Affonso.

A doação diz *no territorio de Coimbra,* porque então o bispo de Coimbra administrava tambem os bispados de Viseu e Lamego; mas Córnes sempre foi d'este ultimo bispado.

Diz assim a doação: *Sicut jacet sub Mandamento de Sancto Felice* (S. Fins) *territorio colimbricensi, discurrientibus aquis in Pávia, sub monte Quebranzana.* (Doc. de Alpendurada.) Quanto a *Wilhelmo de Córnes*, vide Atouguia da Baleia.

Ha aqui uma capella de S. Pelagio, ou S. Payo, antiquissima.

CORNICÃES—vide Carnicães.

CORNILLA—vide Trovella (rio).

COROADA—freguezia, Alemtejo, comarca e concelho de Moura, 70 kilometros de Evora, 160 ao SE. de Lisboa, 20 fogos.

Em 1757 tinha 13 fogos.

Orago Nossa Senhora das Neves.

Bispado e districto administrativo de Beja.

Era antigamente do termo de Moura, comarca de Beja.

Situada em uma campina.

O arcebispo d'Evora apresentava o cura, que tinha 140 alqueires de trigo e 40 de cevada.

É terra fertil. Optima carne de porco.

Réga esta freguezia o rio Fontalga.

Foi supprimida ha muitos annos.

CORONADO (S. Mamede de)—freguezia, Douro, comarca e concelho de Santo Thyrso, 12 kilometros ao N. do Porto, 325 ao N. de Lisboa, 260 fogos.

Em 1757 tinha 172 fogos.

Orago S. Mamede.

Bispado e districto administrativo do Porto.

Era antigamente da comarca e termo do Porto, concelho da Maia.

Era dos monges benedictinos de Santo Thyrso.

O papa, o bispo do Porto e o abbade de

S. Romão de Vermuim apresentavam alternativamente, (*tendo cada um seu mez,*) o abbade, que tinha 600$000 réis de renda.

É terra fertil. Muito gado.

O abbade de Vermuim tinha obrigação de vir aqui assistir á missa, no dia de S. Mamede, *com todos os seus creados, cavalgaduras, cães e gados* (!) dando de jantar a todos o abbade de Coronado, e offerecia ao de Vermuim (que estava de sobrepeliz e estola) sete varas de *bragal*, que este media, acceitava e tornava para a sua terra.

CORONADO (S. Romão de)—freguezia, Douro, comarca e concelho de Santo Thyrso, 18 kilometros ao N. do Porto, 330 ao N. de Lisboa, 100 fogos.

Em 1757 tinha 63 fogos. Orago S. Romão.

Bispado e districto administrativo do Porto.

Como a antecedente, era antigamente da comarca e termo do Porto, concelho da Maia.

A egreja é no logar da Mâmoa. O ordinario e o collegio dos jesuitas d'Evora apresentavam o abbade (collado) que tinha 320$000 réis. Desde 1759 até 1834, só ficou pertencendo a apresentação ao ordinario.

O *Portugal Sacro e Profano* diz que era da apresentação do padroado real.

Passa aqui o rio de S. Romão.

É terra fertil. Muito gado.

CORPO DE DEUS (festa do)—Foi decretada pelo papa Urbano IV, poucos dias antes da sua morte, a 8 de setembro de 1264. Mas já desde 1246 que ella se celebrava em Liege (França) segundo pretendem os francezes, sustentando que aquelle pontifice, julgando esta solemindade importante para o catholicismo, a generalisou.

Em 1311 foi esta festa um dos pontos submettidos ao concilio de Vienna (no Delphinado) congregado por Clemente V, que estava por esse tempo em Avinhão, e veio presidir a elle. O concilio approvou a festa e ordenou a procissão solemne de *Corpus Chirsti*, que desde logo se generalisou a toda a christandade, e portanto a Portugal, onde então reinava D. Diniz.

> Este concilio foi o 15.º geral. N'elle foi supprimida a ordem dos templarios.

Não apparecem noticias circumstanciadas d'esta solemnidade religiosa, desde a sua introducção em Portugal até ao reinado de D. João I, que ordenou que a imagem de S. Jorge acompanhasse a procissão, vestido de ferro, ao uso do seu tempo, e montado em um brioso e bem ajaezado cavallo seguido de um pagem, de um alferes com a bandeira real e de todo o estado da sua casa.

Antigamente a procissão do Corpo de Deus era sumptuosa em todas as grandes povoações do reino; mas em Lisboa e Porto, era deslumbrante e immensa. Na vespera se faziam no Rocio, de Lisboa, varios jogos, folias, outeiros, justas, cavalhadas e outras muitas diversões agradaveis; sobretudo a indespensavel e brilhantissima tourada.

O *estado de S. Jorge* era imponente, pelo numero, qualidade e luxo dos cavalleiros e cavallos. A escolta de S. Jorge era tambem formada de cavalleiros e peões vestidos de ferro.

O juiz do povo, procuradores da cidade, vereadores, magistrados, titulares etc. eram obrigados a fazer parte do préstito.

Todas as *artes e officios* eram representadas n'esta procissão, levando as suas respectivas bandeiras, musicas, jograes, foliões, bailarinos e varios emblemas ou allegorias da sua classe.

Os tres reis magos e outras figuras, representando, bem ou mal, personagens biblicas, eram partes obrigadas da festa; assim como danças de pretos e de mouros. Finalmente era uma procissão interminavel, que todo o mundo á profia se empenhava em abrilhantar, e em que se despendia muita força de dinheiro.

> (É notavel que sendo até mouros admittidos n'esta procissão—ou verdadeiros ou fingidos—nunca foram consentidos judeus, ou quem os representasse!

Devemos confessar que n'estas procissões havia muitas cousas ridiculas, outras que procvocavam o riso (o que era impropriissimo d'um acto religioso) e até não poucas cousas indecentes. Nas danças, principalmente, faziam os bailarinos taes cabriolas, taes *trejeitos* e cousas tão improprias de uma

procissão catholica, que, a pedido da camara de Lisboa, foram essas danças abolidas, em 1732.

Pouco a pouco foram cahindo em desuso e esquecimento muitas das allegorias e antigualhas d'esta procissão, até que chegou o seculo das luzes e não só se supprimiu o que era máo; mas a grandeza e sumptuosidade que devia ser sempre o distinctivo de uma das principaes festas do christianismo.

Hoje, graças á indifferença de muitos governantes (e de não poucos governados!) a procissão do Corpo de Deus em todas as terras de Portugal é uma cousa chata, pobre e insignificante.

—

CORRELHAN (antigamente Cornelhan)—freguezia, Minho, comarca e concelho e 1:500 metros ao SO de Ponte do Lima, 35 kilometos a O de Braga 17 ENE de Vianna, 395 ao N. de Lisboa, 350 fogos.

Em 1757 tinha 307 fogos.

Orago S. Thomé, apostolo.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Vianna.

Foi couto da casa de Bragança.

N'esta freguezia é a aldeia de Barros, que foi villa, e alli fez vida penitente Santo Adão ou Eudon (italiano) cujas reliquias se veneram na sua antiga ermida, que está junto ao adro da egreja matriz. Vide Barros.

Outros dizem que foi cidade, com o nome de *Corneliana*, fundada por *Cornelio* de tal, (Vide adiante.) Perdendo a sua primittiva importancia, perdeu tambem, não só a cathegoria de cidade; mas o seu nome, ficando a denominar-se villa, com o nome de Barros. O que é certo é ter Barros sido villa. Vide esta palavra.

Era antigamente do termo de Ponte do Lima; 3.ª parte da visitá de Nóbrega e Neiva.

Era da casa de Bragança, á qual pagava o *quinto* (!) dos fructos que recolhessem no couto.

É situada nas margens do Lima e, apesar de não ser abundante de aguas, é muito fertil.

É collegiada antiquissima. O reitor tinha de congrua 40$000 réis, e o pé d'altar, duas terças partes eram para elle e a outra para 6 beneficiados que tinha esta egreja. Tinha além d'isso muito bom passal e casas de residencia, andando o rendimento annual, ao todo, por 240$000 réis. Os beneficiados tinham cada um 40$000 réis, incluindo a al 6.ª parte da 3.ª parte do pé do altar. A todos apresentava a casa de Bragança e o ordinario.

Os beneficiados tinham obrigação de officiar ás missas conventuaes; mas podiam resar os officios divinos, onde quizessen.

Tambem réga esta freguezia o rio Tuella, antigamente chamado Cornila e depois Trovella.

(Quem sabe se seria o rio Cornilá que deu o nome ao couto e freguezia da Cornihan?)

Tambem em alguns escriptos antigos se lhe dá o nome de Turuella.

É povoação antiquissima, pois já existia no tempo dos romanos, que lhe chamavam Corneliana, cuja palavra se corrompeu para Cornelhan, e finalmente para Correlhan.

Diz-se que *Corneliana* era uma cidade, aqui fundada, segundo uns, por Publio Cornelio Scipião, pelos annos 209 antes de Jesus Christo; e segundo outros, por o pretor Publio Cornelio Lenticulo, pelos annos de 60 antes de Jesus Christo.

Quanto a mim, tudo isto são conjecturas. Se é certo ter existido esta cidade, não se sabe quem a fundou, nem quem a destruiu.

—

D. Ordonho II, rei d'Oviedo e Leão, a resgatou do poder dos mouros, no anno 914 de Jesus Christo, tendo elles (mouros) dominado estes paizes por espaço de 200 annos.

Em 915, o mesmo D. Ordonho e sua mulher, D. Elvira, doaram esta freguezia aos bispos de S. Thiago de Compostella.

No anno 1064 de Jesus Christo, D. Fernando (o grande) rei de Leão e castella, e sua mulher D. Sancha, deram a Correlhan (á qual dão o titulo de villa) ao bispo Cresconio d'Iria. Diz assim a doação—«*Facimus hanc scripturam firmatis de hominubus qui venerunt populare ad nostram Vileam quam vocitant Cornelianam ripa Limae, quos Avus noster rex dominus Ordonius testavit Sancto Jacobo, est stat ipsa Villa per terminos de Vulturnio usque in focem de Cornila* (rio

Tuella) *et de rivulo locus que in montem Amior* (No)» etc. etc.

Diogo Tructezendes, Sisnando Annes, Thedon Telles e outros, opprimiram os povos d'esta freguezia, exigindo-lhes rendas e tributos excessivos e indevidos, pelo que os da Correlhan se queixaram a D. Fernando, o Grande, que expediu uma carta contra os oppressores. Estes, porem, eram muito poderosos, e o rei estava longe (em Leão) pelo que não fizeram caso de tal carta.

Ainda continuavam as extorções quando o nosso conde D. Henrique e sua mulher tomaram conta de Portugal, em 1093. Os opprimidos se lhes queixaram, e D. Henrique expediu uma provisão (tambem assignada por sua mulher) datada de Guimarães, a 18 de dezembro de 1097, raetificando a carta regia de D. Fernando, e comminando severas penas aos que d'alli em diante pretendessem extorquir individamente ao povo, fóros e alcavalas.

Era então ultimo bispo e primeiro arcebispo de S. Thiago de Compostella, D. Gelmires, e elle e seus successores possuiram este padroado pacificamente.

Em 10 de julho de 1324, D. Diniz, lhe confirmou os privilegios, em Santarem, a pedido de D. Berenguer, arcebispo de S. Thiago, o qual alli viera por ordem do papa João XXII, tractar de compor o rei com seu filho D. Affonso, depois IV do nome. Este tambem confirmou aquelles privilegios, em 1335.

—

Em 1426, D. Affonso, conde de Barcellos, comprou esta freguezia ao bispo gallego, por *duas mil coroas d'ouro do cunho de França*, incluindo n'esta venda e quantia, os coutos de Mouquim, Nogueira e Gonduffe e as herdades de Bertiande. É por isso que veio a pertencer á casa de Bragança.

—

Esta freguezia pagava aos bispos de S. Thiago o 5.º, de todos os fructos, e depois da referida venda os ficou pagando aos condes de Barcellos, e depois á casa de Bragança, para onde este condado passou e na qual foi incorporado.

Este cruelissimo pagamento do quinto (que vinha a ser *disimo dobrado*) o fez a freguezia até 1834, *mas não pagava mais nada;* pois que por este pesadissimo tributo, gosavam em troca os moradores da Correlhan, dos muitos e grandes privilegios de reguengueiros da casa de Bragança, que eram, isenção de pagarem peitas, fintas, *talhas* ou *pedidos e outros quaesquer tributos reaes.* Não podiam ser obrigados a acompanhar prêsos, ou dinheiros publicos; não podiam ser obrigados a tutellas, senão dos reguengueiros; não podiam ser obrigados a servir qualquer cargo publico nem pessoa alguma *de qualquer condição que fosse* podia pousar em suas casas, nem lhes tirar *adegas e cavalhariças* (vinho ou bêstas) pão, roupa, gallinhas, palha, lenha, ou outra qualquer cousa contra sua vontade, *sob pena dos encoutos e de seis mil soldos.*

Todos estes privilegios, fóros, regalias e isenções, foram rigorosa e religiosamente guardados até ao fim do reinado de D. João IV; e se depois algumas das *isenções* se foram deixando de observar (talvez por generosidade do povo) sempre se observaram a maior parte d'ellas: e, quanto mais, nunca o abuso do poder podia ser lei.

O *terremoto* politico de 1834, que destruiu tanta cousa bôa, aniquillou todos estes fóros e privilegios, e lá n'isso fez bem, porque todos os portuguezes ficaram com direitos e deveres eguaes.

Ora, cessando todas as isenções e grandes privilegios d'estes reguengueiros, pela *nova ordem de cousas*, cessou natural, conscienciosa e legalmente a obrigação do barbaro e anachronico pagamento do *quinto*, que era pago sob condição de lhes serem rigorosamente guardados seus privilegios.

De mais a mais, esse quinto foi extincto pelo decreto de 13 de agosto de 1832 e lei de 22 de junho de 1846; ficando os *caseiros* da casa de Bragança gosando sómente os direitos communs aos mais portuguezes, e sujeitos ao pagamento dos mesmos tributos, o que é justissimo.

É incontestavel que estes fóros (o *quinto*) são uma *doação regia*, pois existe a doação de D. Ordonho, em que já fallei.

Não obstante todas estas razões da mais facil intuição, a casa de Bragança (cujo

actual possuidor é neto do que fez o decreto de 13 de agosto de 1832, e filho da que assignou a lei de 22 de junho de 1846) quiz reduzir esta bella e rica freguezia, (e outras muitas mais) á condição de *servos de glêba*, e por consequencia á miseria; demandando-a agora pelo absurdissimo tributo do quinto.

Adiante fallo da *concordata* feita entre o povo e o almoxarifado.

Em 915 (como já disse) D. Ordonho II, rei de Portugal e Galliza doou a villa da Correlhan, á egreja de S. Thiago de Compostella, em satisfação de 500 *numos* (moedas) que seu pae, D. Affonso III, havia legado ao santo apostolo.

No tomo 3.º das *Provas da Historia Genealogica da Casa Real*, a folhas 463 v. e seguintes, se acham varios documentos curiosos, relativos á villa da Correlhan, junto a Ponte de Lima.

A egreja matriz (que foi primeiro dedicada a Santo Eudon) é antiquissima, o que facilmente se deprehende da sua architectura. A cimalha exterior tem esculpidas cabeças de animaes descenhecidos, ou, mais certamente, que só existiram na cabeça do canteiro que os fez.

Fica esta egreja ao cimo da freguezia, e na sua extremidade. É vasta, mas está em grande abandono e desmasêllo, pela incuria dos parochos e freguezes, que pouco ou nada curam da sua conservação e accio.

A L. da egreja, na vertente O. da serra da Nó, ha uma boa egreja dedicada a Nossa Senhora da Boa Morte. Está edificada em um dos mais bellos e pittorescos sitios da Beira-Lima, e d'alli se gosam deliciosas vistas, descobrindo-se uma vasta extensão de territorio (mais de 45 kilometros quadrados) desde as serras de Soájo até á barra de Vianna. (Vide Nó.)

Ao NO. e ao O. se vê deslisar o famoso e poetico Lima, estendendo-se na sua margem esquerda a formosa e feracissima Veiga da Correlhan, com 5 kilometros de extensão, que o Lima rega e fertilisa com os *nateiros* que n'ella deposita no fim do inverno.

N'esta veiga appareceu em junho de 1871 uma moeda de ouro, gothica, do tamanho dos nossos actuaes 2$000 réis. O ouro é de 22 quilates e a moeda de fórma circular e com o peso de meia gramma. O seu valor real é de, 837 réis. É do rei Recaredo, irmão e successor de Hermenegildo e filho de Leonegildo. Tem de ambos os lados a effigie de Recaredo, em má esculptura. De um lado tem a legenda, *Reccaredus re* (não tiveram espaço para pôr o *x*, para dizer *Rex*) e do outro, *Toletus pius*. É uma das moedas que Recaredo mandou cunhar em memoria do 3.º concilio Toletano, em que elle abjurou a herezia ariana, em 589. Tem pois esta moeda 1285 annos.

Este rei chamava-se Flavio Recaredo (ou Ricaredo.) Sendo seu pae ariano, mandou matar seu filho Hermenegildo (irmão de Recaredo) por ser catholico. Recaredo, depois de convertido á fé catholica, foi um grande defensor d'ella e seu missionario.

Diz-se que foi assento da villa de Ponte de Lima, por algum tempo.

É tambem muito antiga esta egreja de Nossa Senhora da Boa Morte, mas ignora-se, como a egreja matriz, a data da sua fundação. Sabe-se sómente que a primeira festa que aqui se fez á Senhora da Boa Morte, foi em 1696.

O interior da nave é formado em arcaria e na capella-mór, no logar da tribuna, ha uma galeria elegantemente envidraçada, para onde se vae pelo centro da parede da capella-mór, onde estão todos os apostolos em vulto e de estatura collossal, que incutem terror a quem os vê inesperadamente.

Tem mais duas capellas: uma particular, e outra publica, dedicada a Nossa Senhora da Conceição; edificada em bella posição, no tope de um môrro, ao N. da egreja matriz, avistando-se d'alli um vasto e formosissimo panorama.

Emfim, a Correlhan é uma bella, rica e fertilissima freguezia do Minho; extensa, populosa, sadia e notavel por tudo quanto fica dito. (Vide Ponte de Lima.)

—

Ha aqui vestigios de fortificações romanas e teem apparecido cippos com inscripções latinas.

A freguezia da Correlhan parte com a de

Ponte do Lima; e no fim do caes, junto á capella de Nossa Senhora da Guia, no sitio do Buraco estão (ou estavam) os marcos do couto de Correlhan. Esta freguezia fica sobre a esquerda do rio Lima, em frente de Arcozêllo, que é na margem direita.

—

A Correlhan tinha foral velho, dado pelo bispo de S. Thiago em 1120, confirmado por D. Thereza, mãe de D. Affonso I, no mesmo anno. Chamava-se então, e ainda em 1510, *Cornelhan*. No reinado de D. Manuel chegou-se a fazer processo para o foral novo, que se não concluiu. (Torre do Tombo, gaveta 20, maço 11.º, n.º 28.)

Os da Correlhan devem mandar examinar no archivo da Torre do Tombo, no sitio indicado, o processo para o seu foral; pois n'elle certamente hão de achar documentos que provem a sua justiça contra a exigencia ex-temporanea dos advogados e almoxarifes da casa de Bragança.

A ribeira (veiga) da Correlhan é na margem do Lima. Basta dizer-se isto para se saber que é um dos mais bellos sitios de Portugal. É uma planicie, sem o menor accidente, de uns 4 kilometros de comprimento.

Aqui o formosissimo Lima se deslisa plácido, limpido e sereno, sobre o seu leito de areia; mirando-se em suas aguas, bellas casas e frondosos arvoredos. (Vide Lima.)

—

Ao N. do adro da egreja matriz, mas dentro d'elle, está a capellinha de Santo Eudon, ou (como querem outros) *Abdon*, um dos tres romeiros italianos, que vindo da peregrinação de S. Thiago de Compostella, por estes sitios ficaram fazendo vida eremitica.

É uma ermida antiquissima, cuja cimalha exterior é ornada de carrancas grosseiras, de animaes fantasticos e impossiveis.

—

Ha n'esta freguezia a casa do *Paço*, com uma capella antiquissima, que foi dos primeiros senhores d'este couto.

Era aqui n'este paço que se guardavam os *quintos* dos fructos, para a casa de Bragança.

—

Vimos como o povo d'esta freguezia obteve multos e grandes privilegios, que *compraram* pelo quinto dos seus fructos; mas ficando isentos de pagarem mais casta alguma de tributos. Mas, aconteceu-lhe no seculo XIX, o mesmo que no seculo X lhe havia acontecido com Diogo Tructesendes e os outros, ou ainda peior. Então tinham contra si uns poucos de senhores ambiciosos e rapaces: hoje tem a maior casa de Portugal e uma das mais ricas da Europa.

Em 1858 (ou 1859) a administração da casa de Bragança, pôz em juizo a acção contra os lavradores da Correlhan. Estes allegaram em seu favor todos os fundamentos pelos quaes se evidenciava que entre os originarios senhores e vassallos, havia uma simples e clarissima *troca* de onus e proveitos; que davam os *quintos* e recebiam os *privilegios* e *isenções*. Que cessando estes, tinham incontestavelmente terminado aquelles.

Assim o entenderam os integerrimos julgadores da primeira instancia; mas não os da ultima, que condemnaram os lavradores ao pagamento.

O administrador da casa de Bragança (doendo-lhe talvez a consciencia por tamanha extorção) propoz aos lavradores, ou o *perdão* (!) dos fóros atrazados, com obrigação do exacto pagamento dos futuros, ou a remissão por uma vez, a dinheiro.

Collocados n'este desgraçado *dilêma*, tiveram de optar por a segunda proposta, e remirem os *quintos*.

Já se vê que esta, até então rica freguezia, ficou assolada, e serão precisos muitos annos para recuperar a sua antiga prosperidade.

CORROIOS ou **CORROYOS** e **AMORA** — freguezia, Extremadura, (mas ao S. do Tejo) comarca de Almada, concelho do Seixal, 18 kilometros ao S. de Lisboa.

Em 1757 tinha 45 fogos.

Orago Nossa Senhora da Graça.

Patriarchado e districto administrativo de Lisboa.

Era antigamente da comarca de Setubal, termo de Almada.

Os freguezes apresentavam o cura, que tinha 100$000 réis, pagos por a freguezia.

É terra muito fertil. Muito bom vinho, e bella situação.

Passa aqui o rio do seu nome, que se mette no braço do Tejo, da Amóra.

Esta freguezia está actualmente annexa á da Amóra (e por isso se lhe dá o nome de *Amóra e Corrôios*). Vide Amóra, Arrentella e Seixal.

CÓRTE, CURTE ou **CURTO**—portuguez antigo (do latim *cors* ou *cohors*) é propriamente um páteo rustico e descoberto, cercado de curraes, manjadouras ou cobertos em que se recolhem gados, e onde se cevam, criam e multiplicam. Nas provincias do norte diz-se *córte*.

Na baixa latinidade, *cortis* e *curtis*, se tomavam por um casal, villa, quinta, abegoaría, predio rustico, horta, quintal e tambem *alcaría*, com todo o preciso para a lavoura. Tambem significava o arrabalde de uma grande povoação e o pavilhão, tenda ou barraca do rei ou do general do exercito. Chama-se tambem *côrte* ou *curte* ao alpendre, portico, galilé e pateo coberto, defendido das chuvas. Hoje chama-se tambem *côrte*, ao logar onde o rei e a sua casa e familia assistem.

CÓRTE CABREIRA—vide Aljezur.

CÓRTE DO PINTO—freguezia, Alemtejo, comarca de Almodóvar, concelho de Mértola, 180 kilometros ao S. de Lisboa, 130 fogos.

Em 1757 tinha 55 fogos.

Orago Nossa Senhora da Conceição.

Bispado e districto administrativo de Beja.

Era antigamente do termo de Mértola, comarca de Ourique.

O arcebispo de Evora, e depois o bispo de Beja, apresentavam o cura, que tinha tres moios de trigo.

Fertil em trigo, centeio e cevada.

Situada proximo da serra de Mértola.

Passa aqui a ribeira de Chança.

Ha mais em Portugal nove aldeias com o nome de *Córte*.

Preciso fazer uma advertencia sobre as palavras *Córte* e *Córtes*, vem a ser—se em algumas povoações que têem um d'estes nomes significa *curral de gado*, na maior parte d'ellas significa *cohorte* (corpo militar dos romanos, e depois—á imitação d'elles—sobre tudo, desde o tempo de Sertorio—tambem os lusitanos se organisaram por *cohortes*). Tambem se dava o nome de *cohorte* ao sitio em que ella fazia o seu assento ou acampamento.

Os romanos tambem fundavam colonias com uma *legião* ou com uma *cohorte* das suas tropas. A estas colonias se dava umas vezes o nome do seu chefe, outras o nome dos seus imperadores, pretores ou proconsules, e finalmente a outras se lhe dava simplesmente o nome de *cohorte* numero tantos, ou *cohorte* de fulano.

CORTEGAÇA—freguezia, Beira Alta, comarca de Santa Comba Dão, concelho de Mortágua, 30 kilometros de Coimbra, 235 ao N. de Lisboa, 100 fogos.

Em 1757 tinha 61 fogos.

Orago S. Thiago, apostolo.

Bispado de Coimbra, districto administrativo de Viseu.

Era antigamente do termo de Mortágua, comarca de Viseu.

O prior de S. Miguel da Marmelleira, apresentava o cura, que tinha 30$000 réis.

É terra fertil em centeio e azeite; do mais mediania.

Parte d'esta freguezia era dos cavalleiros de Malta, e gosava dos grandes privilegios dos caseiros d'esta Ordem.

CORTEGAÇA—villa pequena, Douro, comarca e concelho da Feira, d'onde dista 6 kilometros ao S., 24 ao S. do Porto, 285 ao N. de Lisboa, 320 fogos.

Em 1757 tinha 167 fogos.

Orago Santa Marinha, virgem e martyr.

O seu primeiro nome foi *Cortegáda*.

Situada em terreno levemente accidentado, mas com muitos valles cultivados e ferteis, proximo do Oceano.

Era antigamente da comarca de Esgueira, termo da Feira.

É da casa do infantado.

O papa, o bispo e os frades cruzios de Grijó apresentavam o abbade, collado, que tinha 600$000 réis.

É terra muito fertil em toda a qualidade de fructos, abundantissima de peixe do mar e cria muito gado. Tem muitos pinhaes, que dão bom rendimento.

Era couto, com juiz ordinario, escrivão e mais officiaes. A villa actual não passa de uma boa aldeia, e já nem se lhe dá o nome de villa.

E' povoação muito antiga, pois já em 922 foi doada a egreja de S. Miguel de Cortegada ao mosteiro benedictino de Castromire. Vide Crestuma. Como se vê, o seu primeiro padroeiro, foi o archanjo S. Miguel, depois passou a ser S. Martinho, bispo, e hoje é Santa Marinha. Não pude saber a razão d'estas deposições e substituições.

Passa aqui o rio Cortegaça, que nasce em S. João de Vêr (distante 5 kilometros) e morre na lagôa de Esmoriz, com 6 kilometros de curso. Réga e móe.

Ha mais 5 aldeias chamadas *Corte aça*.

CÓRTES—povoação do Minho, freguezia e arrabalde contiguo a Villa Nova da Cerveira, comarca de Vallença, 60 kilometros a ONO. de Braga, 8 a NE. de Caminha, 18 a O. de Vallença, 25 a NO. de Vianna, 440 ao N. de Lisboa, 100 fogos.

O orago da freguezia é S. Cypriano. Antigamente S. Cibrão (vide Cibrão) mas a matriz é em Villa Nova da Cerveira.

E' povoação antiquissima, provavelmente fundada pelos romanos antes da era vulgar. Provém-lhe o nome (corrupto vocabulo) da cohorte romana que aqui tinha o seu quartel e da qual era tribuno Lucio Venancio. (Vide Cohórte e Córte.)

Aqui nasceram, ou pelo menos aqui moravam (quando chegou o corpo do apostolo S. Thiago a estes sitios, para hir para a Galliza, trazido por seus discipulos, pelos annos 50 de Jesus Christo) Santa Celerina e seu marido, que eram christãos e foram martyrisados, sendo imperador o feroz Nero.

E' tradição que foi aqui a primittiva villa de Villa Nova da Cerveira, com o nome de Cohorte. Attesta a veracidade d'esta tradição, não só a antiguidade manifesta da maior parte das casas das Córtes, formando uma rua, como as ruinas de varios edificios antiquissimos, e os alicerces de muros que se vêem nas suas immediações, sobretudo em Vallinhas.

Tambem ainda hoje aqui se vê uma pedra com um espigão de ferro, que, segundo a tradição, foi a *picota* da antiga villa. *Picota* é o mesmo que pelourinho. Antigamente enforcavam-se os criminosos nas *picotas* (nas terras onde não havia forca) e por isso se toma esta palavra por forca. No Espirito Santo, ha alicerces, que é tradição serem de um antiquissimo castello. E' esse sitio muito alto e alcantilado. Nos sitios da Leira e Matta do Valle, aqui proximo, tambem ha vestigios de antigos edificios.

Pelos annos 700 de Jesus Christo, existia no sitio da actual villa (Villa Nova da Cerveira) uma povoação de origem romana, tambem antiquissima, chamada Cervária. Entrando por esse tempo, pela foz do Minho, alguns navios de normandos, ou gascões, fundaram ou reedificaram algumas povoações das duas margens d'este rio.

Agradou-lhes a bonita e fertil situação de Cervária, e n'ella se estabeleceram, augmentando-a e fortificando-a. [1]

Foi-se a povoação estendendo para o norte da egreja matriz, e pela margem do rio Minho, e pouco a pouco abandonando a parte mais alta e desabrida da villa (na encosta da serra) até que a antiga Cervária dos romanos se foi povoando, e lhe deram a denominação de Villa Nova da Cerveira.

Judiciosamente escolheram esta posição, porque é uma formosissima e fertil planicie, contigua á margem esquerda do rio. (Vide Villa Nova da Cerveira.)

Em poucos annos se formou aqui uma povoação que, annullando a antiga, attrahiu para esta os tribunaes e residencias das auctoridades.

CORTES—da nação portugueza.

Nenhuma nação do universo póde apresentar uma serie de reis tão sollicitos em ampliarem, defenderem e felicitarem a sua patria, como a portugueza. É por isto que os heroicos filhos d'esta terra abençoada, sustentaram uma guerra de 157 annos contra as disciplinadas, numerosissimas e aguer-

[1] D. Diniz, em 1317, deu maior desenvolvimento á nova villa e suas fortificações, como mais detidamente direi em Villa Nova da Cerveira.

Parece que no seculo X ou XI, se dava o nome de S. Cibrão (Cypriano) á povoação de Córtes, por ser S. Cypriano o seu padroeiro.

ridas legiões agarenas, até as expulsar para além do Atlantico; tendo muitas vezes de combater simultaneamente, e de vencer em batalhas sanguinolentas, os arabes, leonezes, gallegos e castelhanos.

Os nossos antigos reis, não satisfeitos de libertarem a terra portugueza do dominio mourisco, foram em pessoa atacar e destruir os ferozes africanos nos seus proprios covis, conquistando-lhes praças e territorios, não tendo por trincheiras e baluartes mais do que a sua fé acrisolada, a fortaleza de seus braços, a robustez de seus peitos e a fidelidade dos seus vassallos ao seu Deus, aos seus reis e á sua patria.

A sagrada bandeira das quinas lusitanas, ergueu-se e ondeou ovante sobre as torres e mesquitas de Ceuta, Arzilla, Tanger e outras praças de guerra da Africa occidental e oriental.

Mais tarde, a santa bandeira de Ourique tremulou victoriosa nos castellos e minaretes da Asia, como nos sertões da America e da Oceania.

Por toda a terra, emfim, os portuguezes invenciveis levaram e implantaram a religião do Crucificado, e fizeram temido e respeitado o nome de Portugal.

«E se mais mundo houvesse, lá chegára.»

Os reis portuguezes, reconhecidos ao valor inimitavel, á lealdade sem mancha e á dedicação heroica de seus povos, pagavalhes não só em honras, privilegios e preeminencias, aos que mais se distinguiam n'estas guerras titanicas; mas em promoverem o bem estar e a prosperidade moral e material de todos.

Se uma ou outra vez alguns reis portuguezes tiveram suas veleidades de despotismo, não se póde sustentar com fundamento que elles foram despotas, nem mesmo absolutos; porque acima d'elles foi quasi sempre considerada a lei e as côrtes.

Bastos exemplos nos offerece a historia, de varões illustres, que souberam aliar o respeito e fidelidade ao seu rei, com a linguagem franca, positiva e desassombrada da verdade.

Residiu sempre no povo portuguez o direito incontestavel de dar e tirar a corôa, elegendo ou depondo, segundo a sua vontade.

Quem deu o direito de reinar, a D. Affonso I, D. Affonso III, D. Manuel, D. João I e D. João IV?—O povo.

Quem depôz a D. Sancho II, a D. Beatriz, aos filhos de D. Ignez de Castro e a D. Affonso VI?—O povo.

Que rei de Portugal despresou ou desobedeceu ás leis fundamentaes da monarchia, feitas pelas côrtes?—Nenhum.

A convocação dos *Tres Estados* (clero nobreza e povo) foi sempre a prova mais concludente dos direitos do rei para com o povo, e d'este para com aquelle; e as leis promulgadas em côrtes foram sempre mantidas e acatadas.

—

Noventa e nove vezes foram convocadas as côrtes portuguezas desde 1143 até 1828. Mencionarei o anno, localidade e motivo d'essas convocações, e quem as presidiu.

—

1.as *Lamego* (na egreja de Almacave) 1143, presididas por D. Affonso Henriques.

N'ellas se promulgaram quatro leis fundamentaes, sobre a successão da corôa; duas sobre o modo de adquirir ou perder a nobreza e sete sobre a administração da justiça.

Os castelhanos foram os primeiros (principalmente D. Nicolau Fernandes de Castro) que se lembraram de discutir a authenticidade d'estas côrtes, em 1640. Nos nossos dias, tambem alguns portuguezes fizeram, debalde, côro com os castelhanos.

2.as *Coimbra*, 1211, D. Affonso II.

Estabeleceram juizes e fizeram varias leis para a administração da justiça.

3.as *Leiria*, 1254, D. Affonso III.

Fizeram-se varias leis civis e penaes e concederam-se varios privilegios a Santarem e Villa Nova de Gaia.

4.as *Santarem*, 1263, D. Affonso III.

Promulgação de varias leis, para repressão de abusos e delictos, e para a entrega dos bens pertencentes ás egrejas.

5.as *Guarda*, 1283, (?) D. Diniz.

Responde-se ás queixas feitas pelos prelados do reino ao pontifice Nicolau IV.

6.as *Lisboa*, 1285, D. Diniz.

Decidiu-se (em vista do requerimento dos donatarios e dos concelhos) se procedesse a inquirições sobre *honras* e devaças do reino.

7.as *Lisboa* (2.as) 1289, D. Diniz.

N'ellas prometteu o rei, guardar os 40 artigos de Roma, segundo a Bulla do papa Nicolau IV.

8.as *Guimarães*, 1308. D. Diniz.

Em que se tornaram a limitar as comedorias dos fidalgos, nas egrejas e mosteiros de que eram padroeiros, excluindo os illegitimos, etc. Mandou-se devassar das fidalguias e *honras* que alguns usurpavam na provincia do Minho.

9.as *Lisboa* (3.as) 1323, D. Diniz.

Para corrigir a falta de administração de justiça, e outros objectos de interesse publico.

10.as *Evora*, 1325, D. Affonso IV.

Fizeram-se leis sobre os direitos dos padroeiros das egrejas e mosteiros. Sobre o traje dos judeus, mouros e christãos. Mandou-se proceder a inquirições sobre *honras* e coutos. Tratou-se tambem de outros varios objectos.

11.as *Santarem* (2.as) 1331, D. Affonso IV.

Foram apresentados pelos procuradores dos concelhos, varios *aggravamentos* a que se providenciou, com novas leis,

12.as *Santarem* (3.as) 1334, D. Affonso IV.

Fizeram-se varias leis e approvou-se o projecto do casamento do principe D. Pedro, com a infanta D. Constança.

13.as *Coimbra* (2.as) 1335, D. Affonso IV.

Mandou-se conservar provisoriamente á egreja do Porto a jurisdicção sobre a abertura e execução dos testamentos, com exclusão dos ministros regios.

14.as *Santarem* (4.as) 1340, D. Affonso IV.

Publicaram-se oito leis de interesse geral, N'estas se queixaram os povos dos delictos dos padres.

15.as *Lisboa* (4.as) 1352, D. Affonso IV.

Fizeram varias leis.

16.as *Elvas*, 1361, D. Pedro I.

N'ellas propôz a cleresia 33 artigos com respeito a objectos ecclesiasticos.

17.as *Coimbra* (3.as) 1370, (?) D. Fernando I.

Tratou-se de varios objectos.

18.as *Lisboa* (5.as) 1372, D. Fernando I.

Foram apresentados 101 artigos geraes, sobre differentes ramos da administração publica.

19.as *Porto*, 1373, D. Fernando I.

Foram presentes 19 artigos geraes sobre cousas do Porto e Coimbra, a que se deram providencias.

20.as *Leiria* (2.as) 1373, D. Fernando I.

Foram apresentados 25 artigos geraes, a que se providenciou.

21.as *Athouguia*, 1376, D. Fernando I.

Leis regulamentares sobre a jurisdicção dos donatarios. Concederam-se varios privilegios; e se deram differentes providencias a bem da navegação e commercio maritimo d'estes reinos.

22.as *Coimbra* (3.as) 1385, D. João I.

O mestre de Aviz (6 de abril) foi acclamado rei. Fizeram-se leis sobre varios ramos da administração publica.

23.as *Porto* (2.as) 1387, D. João I.

Concedeu-se aos clerigos d'Evora a isenção do pagamento da *redísima*, pelos seus beneficios; e se tomaram outras providencias.

24.as *Coimbra* (4.as) 1387, D. João I.

Lançaram-se sizas geraes, por um anno, para as despezas da guerra.

25.as *Braga*. 1387, D. João I.

Obrigaram-se os povos a pagar sizas dobradas, por um anno, para as despezas da guerra.

26.as *Lisboa* (6.as) 1389, D. João I.

Foram apresentados 24 artigos geraes, sobre diversos objectos.

27.as *Coimbra* (5.as) 1390, D. João I.

Foram apresentados sete artigos geraes, sobre varios assumptos.

28.as *Evora* (2.as) 1391, D. João I.

Nas quaes foi jurado o infante D. Affonso. Requereu-se que se fizessem estalagens pelo reino. O concelho de Coimbra requereu a confirmação do privilegio que lhe tinha sido outhorgado nas côrtes de Braga, contra os alcaides da mesma cidade; e que os escrivães seculares podessem escrever nas audiencias ecclesiasticas de Braga.

29.as *Lisboa* (7.as) 1391, D. João I.

Sobre negocios relativos ao concelho do Porto e outros.

30.as *Viseu* 1391 D. João I.

Foram apresentados sete artigos geraes, do concelho de Santarem; 12 artigos geraes do concelho de Coimbra; e 17 do concelho do Porto, aos quaes todos se providenciou.

31.as *Coimbra* (6.as) 1394,—1395, D. João I.

Foram apresentados diversos artigos geraes, sobre que se discutiu e deram providencias.

32.as *Coimbra*, (7.as) 1398, D. João I.

Foram apresentados 36 artigos da nobreza, a que se providenciou.

33.as *Porto*, (3.as) 1398, D. João I.

Sobre varios objectos de utilidade publica.

34.as *Coimbra*, (8.as) (1400) D. João I.

Foram presentes 6 artigos geraes a que se providenciou.

35.as *Guimarães*, (2as) 1401, D. João I.

Seis artigos geraes sobre negocios publicos de Coimbra.

(Estas cortes são as ultimas que se dividem por artigos.

36.as *Lisboa*, (8.as) 1404, D. João I.

Sobre fintas do Porto e outras povoações.

37.as *Santarem*, (5.as) 1406, D. João I.

Sobre varios objectos de interesse geral.

38.as *Evora*, (3as) 1408, D. João I.

Sobre a casa dos infantes e providenciando sobre os reparos das fortalezas do reino, para o que se consignou as terças dos concelhos (para os reparos.) Tambem se tratou sobre cousas da nobreza.

39.as *Lisboa*, (9.as) 1410, D. João I.

Legislou-se sobre 22 capitulos geraes.

40.as *Lisboa* (10as) 1412, D. João I.

Legislou-se sobre trez capitulos especiaes sobre cousas da cidade do Porto, e sobre 5 do concelho de Santarem.

41.as *Lisboa*, (11.as) 1414, D. João I.

Sobre cousas do Porto.

42.as *Estremôz*, 1416, D. João I.

Varias providencias tomadas a favor do *Porto*, *Coimbra* e *Santarem*.

43.as *Lisboa*, (12.as) 1417 D. João I.

Legislou-se sobre cousas pertencentes ao commercio do Porto.

44.as *Santarem*, (6.as 1418, D. João I.

Em que se estabeleceu o *pedido e meio* (mais 50 %) para cuja cobrança se fez um regimento especial.

45.as *Lisboa*, (13.as) 1427, D. João I.

Legislou-se sobre 60 capitulos geraes, sobre diversos objectos da administrcção publica.

46.as *Santarem*, (7.as) 1430, D. João I.

Legislou-se sobre seis capitulos geraes e especiaes.

Em uma das reuniões de côrtes, que tiveram logar durante o reinado de D. João I, requereram os procuradores que se reunissem em um só corpo todas as leis que andavam dispersas, o que era prejudicial á bôa administração da justiça. Ignora-se porem em qual das reuniões foi feito esse requerimento.

47.as *Leiria*, (3.as) e Santarem (8.as) 1434, D. Duarte.

Estas cortes foram principiadas em Leiria e terminadas em Santarem. N'ellas foi jurado o sr. D. Duarte, e se decidiram varias duvidas sobre a intelligencia de leis em vigor. Legislou-se sobre 41 capitulos geraes.

48.as *Evora* (4as) 1435, D. Duarte.

Fizeram-se algumas leis sobre um capitulo especial pertencente á villa de Barcellos.

49.as *Evora* (5.as) D. Duarte.

Decretou-se o subsidio de pedido e meio para a expedição d'Africa. Mais se legislou sobre 39 capitulos especiaes.

50.as *Leiria*, (4.as) 1438, D. Duarte.

Deliberou-se que se devia entregar aos africanos a praça de Ceuta, para resgate do Santo infante D. Fernando.

51.as *Torres Novas*, (1.as) 1438, D. Affonso V.

N'ellas se repartiu o governo do reino, em quanto durava a menoridade do rei, e se mandaram fazer cortes todos os annos, com dois prelados, cinco fidalgos e oito cidadãos seculares.

52.as *Lisboa*, (14.as) 1439, D. Affonso V.

Foi entregue todo o governo do reino ao infante D. Pedro, tio do rei, com o titulo de regente.

Teve logar isto nos paços d'Alcoçava.

N'estas cortes se isentaram as cidades e villas cercadas de muralhas, da aposentadoria da côrte, mandando-se para isso fazer *estáus*.

João Rodrigues Taborda e Gonçalo de Sá, procuradores do concelho do Porto, foram os primeiros que requereram n'estas cortes, tirar-se a educação d'elrei, á rainha sua mãe, e entregar-se ao infante regente, como tutor e curador.

Legislou-se tambem sobre 40 capitulos especiaes.

53.as *Torres Vedras*, 1441, D. Affonso V.

N'ellas se approvou o casamento de el-rei com sua prima, D. Isabel, filha do regente; para cujas despezas offereceram os povos um donativo.

Legislou-se sobre 19 capitulos especiaes.

54.as *Evora*, (6as) 1441, D. Affonso V.

Decidiu-se sobre as propostas de Castella, em desagravo da rainha mãe. N'ellas se resolveu que ella fosse privada de tudo quanto tinha n'este reino, e mais n'elle não fosse admittida; offerecendo os póvos varios *pedidos* para as despezas da guerra, que se esperava proxima.

Legislou-se sobre 16 capitulos especiaes relativos aos concelhos do Porto e Coimbra.

55.as *Evora*, (7.as) 1444, D. Affonso V.

Legislou-se sobre quatro capitulos especias.

56.as *Lisboa*, (15.as) 1446, D. Affonso V.

N'ellas o infante D. Pedro entregou o governo a el-rei, depois d'este ratificar o casamento que tinha feito, sendo menor, com a rainha, sua prima; e de ter approvado a administração de seu tio e sogro. O rei lhe incumbiu novamente que continuasse na mesma regencia.

Legislou-se sobre dez capitulos geraes, do concelho do Porto.

57.as *Santarem* (9.as) a 1451, D. Affonso V.

Legislou-se sobre 30 capitulos geraes.

58.os *Lisboa* (16.as) 1451, D. Affonso V.

Legislou-se sobre varios assumptos de administração publica.

59.as *Lisboa*, (17.as) 1455, D. Affonso V.

Tratou-se n'ellas do casamento da infanta D. Joanna, com el-rei de Castella.

Legislou-se sobre 15 capitulos em materias ecclesiasticas, denominados *concordata*.

Mais se legislou sobre seis capitulos especiaes.

60.as *Lisboa*, (18.as) 1455, D. Affonso V.

N'ellas foi jurado o principe D. João (depois II.) Mais se julgou sobre 46 capitulos geraes e especiaes.

61.as *Lisboa*, 1456 (19.as) D. Affonso V.

Legislou-se sobre quatro capitulos especiaes do Porto.

62.as *Lisboa*, (20.as) 1459, D. Affonso V.

N'ellas se principiou a deliberar sobre o modo de extinguir as tenças que se tinham concedido.

Requereu-se a reforma do real archivo, tirando-se d'elle os papeis que se julgassem inuteis, para evitar confusão nas buscas.

Legislou-se sobre 68 capitulos geraes e especiaes.

63.as *Evora* (8.as), 1460, D. Affonso V.

N'ellas se acabou de resolver o meio de extinguirem as tenças impostas, e que muito gravavam a fazenda real; para o que os povos offereceram o donativo de *150 dobras de banda*, pagas em *tres pedidos e meio*.

Legislou-se sobre capitulos geraes e especiaes.

64.as *Gnarda* (2.as), 1465, D. Affonso V.

N'ellas se achava a rainha D. Joanna, irman d'el-rei. Tratou-se das propostas da mesma senhora; mas resolveu o rei que, supposta a inconstancia do rei de Castella, se não intromettia n'este negocio.

Legislou-se sobre 38 capitulos geraes e especiaes sobre diversos assumptos.

65.as *Santarem* (10.as) 1468, D. Affonso V.

Legislou-se sobre 85 capitulos geraes.

66.as *Lisboa* (21as), 1471, D. Affonso V.

N'ellas requereram os procuradores que a rainha D. Joanna entrasse em um convento de Santarem, com o titulo de *Excellente Senhora*, do que se passou instrumento ao concelho de Santarem.

67.as *Coimbra* (9.as) e *Evora* (9.as), 1472 e 1473, D. Affonso V.

Foram principiadas em Coimbra e terminaram em Evora.

N'ellas se decidiram 33 capitulos da nobreza, 14 da fazenda publica, 27 da justiça e 162 chamados *mysticos* (mixtos), 12 capi-

tulos relativos ao concelho de Santarem.

68.as *Evora* (9.as), 1475, D. Affonso V.

Legislou-se sobre 26 capitulos geraes e 7 do Algarve.

69.as *Arronches*, 1475, D. Affonso V.

N'ellas o principe D. João (depois II) deu homenagem como governador do reino, emquanto durasse a ausencia de seu pae, D. Affonso V, que foi para Hespanna com tenção de ser rei da Peninsula, reunindo as corôas de Portugal e Castella.

70.as *Lisboa* (22.as) 1476, o infante regente, D. João, depois II.

N'ellas foi jurado o infante D. Affonso, primogenito do principe, tendo este de partir para Castella em soccorro de seu pae.

71.as *Monte Mór Novo*, 1477, o mesmo infante regente.

Legislou-se sobre 59 capitulos geraes e especiaes.

72.as *Lisboa* (23.as) 1478, o mesmo infante regente.

Legislou-se sobre 5 capitulos especiaes do concelho do Porto.

73.as *Evora* (10.as) e *Vianna d'Apar de Alvito* (Vianna do Alemtejo), 1481 e 1482, D. João II.

Foram principiadas em Evora e terminaram em Vianna.

Legislou-se sobre 194 capitulos geraes e especiaes, sendo os mais importantes os que dizem respeito aos meios que se deviam empregar para que bem se conhecessem os homens de merecimento para serem empregados no serviço da nação.

Alguns capitulos são applicaveis a refrearem a liberdade do povo; outros a coarctarem o orgulho dos nobres, que abusavam da sua gerarchia, para opprimirem os vassalos.

74.as *Santarem*, 1483, D. João II.

N'ellas se estabeleceu o imposto de 50 milhões de *reaes brancos*, para pagamento das dividas de D. Affonso V.

75.as *Evora* (11.as), 1490, D. João II.

Deliberou-se sobre o casamento do principe D. Affonso com a infanta D. Isabel de Castella, filha e herdeira dos reis de Hespanha. Para as despezas d'este casamento offereceram os povos cem mil cruzados.

Legislou-se sobre 67 capitulos geraes e especiaes sobre varios assumptos.

76.as *Monte Mór Novo* (2.as), 1495, D. Manuel.

N'ellas toma o rei as homenagens do estylo pela sua subida ao throno. Entre outras coisas se legislou sobre as taxas dos generos que se vendiam no reino.

Decide-se a continuação das conquistas do Ultramar.

> Não foram estas côrtes instauradas com todas as formalidades do costume, por causa da terrivel peste que então grassava no reino.

77.as *Evora* (12.as) e *Lisboa* (24.as), 1498, D. Manuel.

Principiaram em Evora e terminaram em Lisboa.

Deliberou se sobre a jornada d'el-rei e da rainha a Castella, para serem jurados principes herdeiros d'aquelle reino.

> (D. Manuel effectivamente foi jurado, em Toledo, a 28 de abril d'este anno, principe herdeiro de Castella.
>
> D. Manuel tinha casado com a rainha D. Izabel, viuva do nosso principe D. Affonso, filho de D. João II.
>
> A rainha morreu de parto em Saragoça, dando á luz o principe *D. Miguel da Paz*, herdeiro de Portugal e Hespanha.
>
> O rei voltára a Lisboa, deixando em Saragoça seu filho, que morreu de pouca edade; o que fez desvanecer a pretenção de unir as duas corôas e os dois reinos.)

Tambem se deliberou sobre outros objectos, formando tudo 104 capitulos.

78.as *Lisboa* (25.as) 1499, D. Manuel.

Tiveram logar no alpendre do mosteiro de S. Domingos (hoje Santa Justa e Santa Rufina.)

N'ellas foi jurado o principe *D. Miguel da Paz*, como herdeiro da corôa de Portugal (o de que acima trato) e se confirmou a fórma do governo do reino, depois do rei entrar na successão do de Castella. (Tudo

isto se inutilisou com a morte prematura do principe D. Miguel.)

79.as *Lisboa* (26.as), 1502, D. Manuel.

Foram celebradas nos paços d'Alcaçova.

Foi n'ellas jurado o principe D. João (depois III). Os procuradores offereceram vinte contos de réis, para as obras de defeza dos logares de Africa, que os portuguezes, commandados por D. Affonso V, tinham conquistado aos mouros.

80.as *Torres Novas* (2.as), 1525, D. João III.

(Foram convocadas para Thomar; porém celebraram-se em Torres Novas.)

N'ellas offereceram os póvos ao rei 150 mil cruzados para o casamento da infanta D. Izabel com o imperador Carlos V. (Ella foi a mãe de Philippe II de Castella.)

Legislou-se ainda sobre outros diversos objectos.

81.as *Evora* (13.as), 1535, D. João III.

N'ellas foi jurado o principe D. Manuel (que morreu menino.)

Os póvos offereceram 100:000 cruzados para as despesas do estado.

Legislou sobre 31 artigos geraes e especiaes, sobre diversos assumptos de administração publica.

82.as *Almeirim*, 1544, D. João III.

N'ellas foi jurado o principe D. João, pae de D. Sebastião.

Os povos offereceram ao rei cincoenta mil cruzados, para as urgencias do estado.

83.as *Lisboa* (27.as) 1562 e 1563, a rainha regente, D. Catharina, viuva de D. João III.

Foram celebradas nos paços da Ribeira, na presença do rei D. Sebastião, que tinha então 8 annos de edade.

N'ellas se decidiu, a rogos da rainha, entregar-se a regencia ao cardeal D. Henrique, até o rei completar 14 annos. Assentou-se que o rei casasse em França, e que viesse logo a futura rainha, para ser creada com D. Sebastião.

Os povos offereceram para este casamento, cem mil cruzados.

Legislou-se tambem sobre outros assumptos de interesse publico.

84.as *Lisboa* (28as) 1579, D. Henrique.

Os *Tres Estados* fizeram as suas sessões em diversos sitios. Os ecclesiasticos, na Sé; a nobreza, no convento do Carmo; e os procuradores dos povos, no convento de S. Francisco.

N'estas côrtes se tratou sobre a successão do reino, por morte do cardeal-rei, e este escolheu cinco governadores, de quinze que lhe foram propostos, e onze jurisconsultos, para julgarem a mesma successão, de vinte e quatro propostos em segredo, cujos nomes se mandaram depositar em cofre de tres chaves, em logar de confiança, na cidade do Porto, levando-o os seus procuradores.

85.as *Almeirim* (2.as) 1580, D. Henrique.

N'estas côrtes pretenderam os povos, com incontestaveis argumentos, arrogar a si o direito de nomear successor á corôa de Portugal, por morte do cardeal-rei; como consta dos embargos apresentados ao mesmo senhor, por Phébo Moniz, procurador de Lisboa, em nome dos povos.

> Para evitar repetições, veja-se o que digo em Almeirim, sobre as côrtes, então aqui convocadas.

86as *Thomar* (2.as) 1581, o usurpador Philippe II, de Castella.

Foram mandadas convocar para Lisboa, porém, por causa da peste que então alli grassava, se transferiram para Thomar.

N'ellas se fez D. Philippe reconhecer como rei de Portugal e o principe D. Diogo, seu filho, como herdeiro da corôa portugueza,

> Foram excluidos d'estas côrtes os verdadeiros portuguezes, que se não tinham vendido ao ouro castelhano.

Ha impressos d'estas côrtes, de triste memoria, 47 capitulos dos povos; 23 da nobreza e 18 do estado ecclesiastico. Ha mais 25 capitulos contendo as graças, privilegios e mercês feitas aos povos, o que tudo o usurpador, por si e seus descendentes, jurou cumprir e guardar; mas que todos despresaram, conservando-nos por 60 annos na mais insupportavel escravidão.

87.as *Lisboa* (29.as) 1583, o mesmo usurpador.

N'ellas foi jurado o principe D. Philippe (depois III) por ter morrido D. Diogo.

88.^{as} *Lisboa* (30.^{as}) 1616, o usurpador Philippe III.

N'ella foi jurado o principe de Castella, Philippe (depois IV.) Os procuradores queixaram-se contra o abuso que praticavam os fidalgos, dando dotes excessivos a seus filhos.

Legislou-se sobre 48 capitulos geraes e especiaes.

89.^{as} *Lisboa* (30.^{as}) 1641, D. João IV.

Reuniu-se na sala dos Tudescos.

N'ellas foi jurado D. João IV, como rei natural e legitimo dos portuguezes, e seu filho, o principe D. Theodosio, como herdeiro da corôa.

Os estados fizeram divididos as suas sessões: os eccleciasticos, em S. Domingos; os nobres, em Santo Eloy e os procuradores dos povos, em S. Francisco.

O rei declarou extinctos todos os tributos que até alli se tinham pago, e commetteu aos Tres Estados do Reino, o deliberarem sobre os meios da defeza d'elle, e promoverem por todos os meios legaes, a obtenção dos recursos para se occorrer ás despezas da guerra.

Assentou-se levantar 20:000 soldados de infanteria e 4:000 de cavallaria, para as guarnições das praças da raia.

Calcularam-se para isto 800 contos de réis.

Foram consignadas as decimas e *maneios* (decimas industriaes) para se juntar esta quantia; augmentando-se tambem os direitos da carne e vinho. Os ecclesiasticos foram excluidos das decimas; mas occorreram com valiosos donativos para a guerra santa da independencia da patria.

Para a boa cobrança e administração d'estes tributos e dos donativos voluntarios, se erigiu a Junta dos Tres Estados.

Os procuradores do povo offereceram, em nome dos seus constituintes, 800:000 cruzados para ajuda das despezas da guerra.

Finalmente, n'estas côrtes se decidiram muitos e differentes regulamentos, leis e regimentos, sobre muitos ramos da administração publica, principalmente sobre cousas militares, em vista da guerra encarniçada que nos moviam os castelhanos.

90.^{as} *Lisboa* (32.^{as}) 1642, D. João IV.

Convocadas nos paços da Ribeira.

Os Tres Estados fizeram divididos as suas sessões, nos mesmos logares que as antecedentes.

N'ellas se requereu contra alguns ministros de el-rei, e especialmente contra o secretario Francisco de Lucêna. Assentou-se serem precisos, para sustentar a guerra com Castella, dois milhões e 400:000 cruzados, pagos pelas decimas.

O rei deu 900:000 cruzados para ajuda d'estas despezas.

91.^{as} *Lisboa* (33.^{as}) 1645 e 1646, D. João IV.

Os Tres Estados, deliberando divididos, assentaram serem necessarios, para guarnecerem as fronteiras, 16:000 soldados de infanteria e 4:000 de cavallaria; para cuja manutenção se julgaram precisos 2:150:000 cruzados, que se tiraram do *real d'agua*, de outras consignações e principalmente da decima, de que, por esta vez, nem o clero foi isento.

Nomearam-se novos ministros, para a Junta dos Tres Estados e se deram providencias contra algumas extorções e desordens, nascidas da licenciosidade da guerra.

N'estas côrtes foi tomada Nossa Senhora da Conceição por padroeira do reino de Portugal, com 50 cruzados de ouro, de censo á sua imagem, de Villa Viçosa, e se mandou jurar á Immaculada Conceição da Virgem. (Carta de Lei de 25 de março de 1646.)

Decidiu-se que, só em caso de grande necessidade, se podesse obrigar a hir para as fronteiras a ordenança do reino. (Carta de Lei de 21 de abril de 1646.)

Mandaram-se accrescentar as cizas, para pagamento de um milhão e 500:000 cruzados, dos offerecidos pelos povos, n'estas côrtes (C. de lei de 25 de maio de 1646.)

92.^{as} *Lisboa*, (33.^{as}) 1653 e 1654 D. João IV.

Foram convocadas para Thomar, mas depois, decediu o rei fazê-las em Lisboa.

N'ellas foi jurado o principe D. Affonso (depois, o infeliz Affonso VI.)

O estado ecclesiastico fez as suas sessões em S. Domingos, a nobreza, em S. Roque e

os procuradores do povo, em S. Francisco.

Discutiram-se e adoptaram-se os meios de prover ás necessidades da guerra.

Temos d'estas cortes 43 capitulos geraes do estado do povo, e dés capitulos especiaes, para a cidade do Porto.

93.as *Lisboa*, (35.as) 1669. O infante D. Pedro.

O infante D. Pedro tinha tomado o governo e regencia do reino, em 22 de novembro de 1667.

Foi elle que convocou estas cortes. N'ellas é jurado o mesmo infante, regente dos reinos de Portugal e seus dominios (pela incapacidade de seu irmão, D. Affonso VI) e futuro e legitimo soccessor da coroa. (27 de janeiro de 1668.)

Juntaram-se na sala dos Tudescos. Logo no primeiro dia (que foi o dito 27 de janeiro) fizeram a acclamação do infante regente, que alli mesmo prestou juramento.

Os estados fizeram as suas sessões separados, nos mesmos logares das antecedentes.

A 9 de junho, foi o principe jurado governador do reino.

Deliberou-se sobre o seu casamento com a rainha, e se requereu a conclusão da paz com Castella.

Os povos offereceram 400:000 cruzados, por trez annos, e mais 100:000 crusados para as fortificações das praças das fronteiras, cessando porem os mais tributos.

Decidiram-se outras diversas providencias, para a boa administração e cobrança dos impostos e offertas.

94.as *Lisboa*, (36.as) 1674, D. Pedro, regente.

Tambem os tres estados fizeram divididos os seus congressos.

N'ellas se requereu ao regente que desistisse da protecção dos christãos novos e dos interesses que com elles pretendia contratar.

Estabeleceram-se leis sobre o governo do reino e sobre tutellas dos reis, durante a sua menoridade, ou incapacidade.

95.as *Lisboa*, (37.as) 1677, D. Pedro, regente.

Decretaram as pragmaticas de 25 de janeiro de 1677 e de 9 de agosto de 1686.

96.as *Lisboa*, (38.as) 1679 e 1680, D. Pedro, regente.

Auctorisaram a infanta D. Isabel, filha do regente, para casar com o duque de Saboia.

N'ellas se dispensaram as de Lamego, para a mesma senhora não perder o direito ao reino, por casar com estrangeiro. (Foi tempo perdido, porque D. Isabel morreu solteira, em 21 de outubro de 1689.)

97.as *Lisboa*, (39.as) 1697 e 1698, D. Pedro II.

N'ellas foi jurado o principe D. João (depois V.)

Derrogou-se n'estas cortes um capitulo das de Lamego, a fim de succeder no reino, o filho do irmão do rei, sem nova eleição. (Lei de 12 d'abril de 1698.)

—

D. Pedro II, só convocou cortes, como regente e no principio do seu reinado, por lhe fazer conta, para os seus interesses e de sua familia. Depois, durante oito annos que ainda reinou, preferiu governar por si mesmo e pelos seus ministros, a ouvir, em pleno e imponente congresso, a vós auctorisada, e sempre attendida, dos trez braços do estado.

Já não precisava da bolsa e do sangue, dos portuguezes, para se sustentar no throno!

—

D. João V. D. José I. D. Maria I, e D. João VI, recusaram a poderosissima, legal e legitima coadjuração dos trez estados: unico dique aos seus injustificaveis desgovernos e despropositos dos reis, e dos seus ministros e validos.

—

Como acabamos de ver, pela frequencia da convocação de cortes, nos reinados dos nossos melhores soberanos, nada importante se dicedia, sem que o clero, a nobreza e o povo fossem consultados.

Depois—e quando as reuniões de cortes eram mais urgentes—vemos deslisar o periodo de 130 annos, sem uma só convoção dos representantes das tres classes da sociedade portugueza.

—

D. João VI, foge, em 1807 (27 de novem-

bro) para o Brazil, abandonando os portuguezes ás rapinas e atrocidades das hordas de Buonaparte.

Todos sabem o que se seguiu.

Mas os nossos alliados que, diga-se a verdade, nos salvaram das garras dos satelites do corso—abusaram da sua posição e com o seu exclusivismo, provocaram a revolução do Porto a 24 d'agosto e de Lisboa, a 15 de setembro, de 1820.

Os inglezes são expulsos de Portugal.

—

98.as *Lisboa*, (40.as) 1820, Institue-se a *Junta provisional do governo supremo do reino*, que decreta a convocação de cortes.

Mas já não foram as verdadeiras, as genuinas cortes portuguezas, que tantos e tão assignalados serviços haviam prestado á nação!

O governo determina que sejam estas novas cortes convocadas pela forma das da revolução hespanhola de 1812.

Todo o povo pedia instantemente a convocação de cortes; mas como ellas sempre haviam sido, e não adoptar as hespanholas, para norma do governo: nem esta qualidade de cortes estava no programma da restauração; por isso houve logo discordias e muitos eleitos (á frente dos quaes estava o patriarcha de Lisboa) recusaram prestar juramento a taes cortes.

O patriarcha foi desterrado para o Bussaco e de lá para França. Os mais do seu partido, ficando voluntariamente privados do seu voto, trataram desde logo de minar o edificio vacilante de 1820.

Eis pois formados os dois partidos que, para desgraça de Portugal, se combatem encarniçadamente ha 54 annos!

Estas cortes são dissolvidas em 1823, sem que da sua convocação e decisões podesse sahir nada util ao reino, pelo defeito organico da sua constituição; e não por falta de varões sabios, eloquentes e patriotas verdadeiros, que soubessem e quizessem promover os interesses da nação.

—

Chegamos ao anno 1828.

Lancemos um veu sobre tudo quanto nos recorde as scenas desagradaveis de que foram actores ambos os partidos politicos então combatentes, e narremos os factos com a mais cautelosa simplicidade, para não desgostar a nenhuma das parcialidades em que se dividem e subdividem actualmente os portuguezes.

—

O sr. D. João VI. morre (officialmente) a 10 de março de 1826; deixando regente do reino a senhora infanta D. Isabel Maria, que devia entregar o governo ao *ligitimo herdeiro do throno.*

Abandonando a questão da legitimidade a quem fôr mais competente, limitar-me-hei apenas á narração dos factos, no que diz respeito á materia essencial d'este capitulo, isto é, *ás côrtes que têem havido em Portugal, desde 1143 até 1874.*

—

O sr. infante D. Miguel, desembarca em Belem, a 22 de fevereiro de 1828. Em 26 d'esse mez, em sessão real extraordinaria, e prestado o devido juramento, toma conta da regencia do reino, que a senhora infanta da melhor vontade lhe entregou.

O senhor D. Miguel é rogado pelo senado de Lisboa, pelo alto clero, por quasi toda a nobreza de Portugal, e por grande numero de municipios do reino, para que tome o titulo de rei; mas o infante, seguindo o exemplo de D. João I, manda convocar as *côrtes geraes dos tres estados do reino.*

99.as *Lisboa* (41.as) 1828. O senhor D. Miguel, infante regente. Abertura solemne dos tres estados, no palacio da Ajuda, pelas 5 horas da tarde, do dia 23 de julho, com todas as formalidades do costume das antigas côrtes.

As sessões foram separadas. O clero, reuniu-se na egreja de Santo Antonio da Sé; a nobreza, na egreja de S. Roque; e os procuradores do povo, em S. Francisco da Cidade.

Decidem que a corôa portugueza pertencia ao regente. Dão por nullos os juramentos prestados ao senhor D. Pedro e á carta constitucional, e acclamam rei legitimo e natural d'estes reinos ao infante, com o titulo de D. Miguel I.

Foi a ultima reunião das côrtes dos

tres estados, convocadas segundo o antigo systema portuguez.

Legislaturas que têem havido em Portugal, desde o anno de 1834 até 1874.

*(As que levam o signal * foram dissolvidas antes do termo legal.)*

1.ª * Durou 10 mezes, desde 15 de agosto de 1834, até 4 de junho de 1836. 125 deputados.

* A que foi eleita em seguida, não chegou a reunir-se, em consequencia da revolução de setembro.

2.ª * Durou 15 mezes successivos, desde 18 de janeiro de 1837, até 14 de abril de 1838. 120 deputados.

3.ª * Durou 15 mezes, desde 9 de dezembro de 1838, até 25 de fevereiro de 1840. 142 deputados.

4.ª * Durou 18 mezes, desde 25 de maio de 1840, até 18 de novembro de 1841. 142 deputados.

5.ª Durou 4 annos, desde 10 de julho de 1842, até 20 de abril de 1845. (Foi a primeira completa.) 145 deputados.

6.ª * Durou 4 mezes, desde 2 de janeiro de 1846, até 23 de maio do mesmo anno. 142 deputados.

7.ª * Durou 3 annos e 5 mezes, desde 2 de janeiro de 1848, até 25 de maio de 1851. 142 deputados.

8.ª * Durou 8 mezes, desde 15 de dezembro de 1851, até 24 de julho de 1852. 159 deputados.

9.ª Durou 4 annos, desde 2 de janeiro de 1853, até 20 de julho de 1856. 156 deputados.

10.ª * Durou 15 mezes, desde 2 de janeiro de 1857, até 26 de março de 1858. 162 deputados.

11.ª * Durou 18 mezes, desde 7 de junho de 1858, até 23 de novembro de 1859. 162 deputados.

12.ª * Durou 14 mezes, desde 26 de janeiro de 1860, até 27 de março de 1861. 179 deputados.

13.ª Durou 4 annos, desde 20 de maio de 1861, até 18 de junho de 1864. 179 deputados.

14.ª * Durou 4 mezes e meio, desde 2 de janeiro de 1865, até 15 de maio do mesmo anno. 179 deputados.

15.ª * Durou 2 annos e meio, desde 30 de julho de 1865, até 14 de janeiro de 1868. 179 deputados.

16.ª * Durou 9 mezes, desde 15 de abril de 1868, até 23 de janeiro de 1869. 107 deputados.

17.ª * Durou 8 mezes, desde 24 de maio de 1869, até 20 de janeiro de 1870. 107 deputados.

18.ª * Durou 4 mezes menos oito dias, desde 31 de março, até 23 de julho de 1870. 107 deputados.

19.ª * Durou 7 mezes e meio, desde 15 de outubro de 1870, até 3 de junho de 1871. 107 deputados.

20.ª É a actual, principiou a 22 de julho de 1871. 107 deputados. Fim a 6 de abril de 1874.

Vê-se que de *vinte* legislaturas, só *quatro* deixaram de ser dissolvidas.

—

Não julgo fóra de proposito mencionar aqui o vencimento dos deputados, eil-o:

Por decreto de 26 de outubro de 1826, vencia cada deputado 3$750 réis diarios. E por decreto de 30 de outubro do mesmo anno, tinha o presidente da camara electiva 2:400$000 réis annuaes.

Por decreto de 10 de outubro de 1836, vencia cada deputado 2$800 réis diarios, sujeitos a deducções.

Por decreto de 30 de junho de 1842, tinha o presidente 2:000$000 réis annuaes.

Por carta de lei de 25 de abril de 1845, tem o presidente 260$000 réis por mez, durante cada sessão legislativa, e o subsidio dos deputados é de 2$800 réis diarios, durante as sessões.

Esta lei foi ratificada pela de 25 de junho de 1856.

Por decreto de 8 de abril de 1869, foi marcado o subsidio de cada deputado, em 300$000 réis, e o do presidente em 600$000 réis, por cada sessão legislativa annual.

—

A despeza que as côrtes fazem á nação, é, termo medio de 45 contos de réis annuaes.

A dictadura de 1870, por decreto de 9 de julho, extinguiu o subsidio aos deputados; mas extincta tambem a dictadura, extinguiu-se o decreto, que não chegou a ter effeito.

CÓRTES—freguezia, Extremadura, comarca, concelho e 6 kilometros ao S. de Leiria, 125 ao NE. de Lisboa, 240 fogos.

Em 1757 tinha 63 fogos.

Orago Nossa Senhora da Gaiola.

Bispado e districto administrativo de Leiria.

Situada em uma encosta.

A matriz é templo magestoso. O bispo apresentava o cura, que tinha 60$000 réis.

Produz algum milho e vinho: do mais muito pouco. Tem gado e caça.

Passa pela freguezia o rio Lena, que aqui se chama das Córtes.

CÓRTES DO MEIO—freguezia, Beira-Baixa, comarca e concelho da Covilhan, 30 kilometros da Guarda, 285 a E. de Lisboa, 200 fogos.

Orago S. Roque.

Bispado da Guarda, districto administrativo de Castello Branco.

Esta freguezia não vem no *Portugal Sacro*, de certo por esquecimento, pois é muito antiga.

É terra fertil.

Ha aqui muito gado e caça.

(Ha mais 16 aldeias chamadas Córtes: nenhuma tem cousa digna de especial menção.)

CORTIÇA ou **S. MARTINHO DA CORTIÇA**—freguezia, Beira Alta, comarca de Arganil, concelho de Farinha Pôdre até 1855, e desde então comarca e concelho da Tábua. 30 kilometros de Coimbra, 225 ao N. de Lisboa, 350 fogos.

Em 1757, os mesmos 350 fogos.

Orago S. Martinho.

Bispado e districto administrativo de Coimbra.

O conde de Pombeiro (marquez de Bellas) apresentava o prior, que tinha de rendimento annual 40$000 réis e o pé d'altar.

É terra muito fertil. Tem muito gado.

CORTIÇADA—antigo nome da actual villa de Proença a Nova. (Vide esta palavra.)

CORTIÇADA—freguezia, Beira Baixa, comarca de Trancoso, concelho de Aguiar da Beira, 35 kilometros de Viseu, 310 a E. de Lisboa, 140 fogos. Em 1757 tinha 130 fogos.

Orago o Espirito Santo.

Bispado de Viseu, districto administrativo da Guarda.

Era antigamente do termo de Aguiar da Beira, comarca de Linhares.

É do infantado.

Situada em campina.

O vigario de S. Pedro de Coruche apresentava o cura, que tinha 90 alqueires de pão, 27 almudes de vinho e 40 alqueires de trigo.

É terra fertil. Tem gado e caça.

Tinha foral velho, dado por D. Sancho II, em 26 de setembro de 1242. D. Manuel lhe deu novo foral em Lisboa, a 1 de julho de 1512.

N'este foral se lhe dá o nome de Cortiçada e de Villa Melhorada ou Proença a Nova. Aqui ha engano de Franklim, ou typographico. Havia de ser: «Serve tambem para Villa Melhorada ou Proença á Nova.»

—

Aqui nasceu, em 1528, o célebre jesuita Fonseca, cognominado *o Aristoteles portuguez*.

Foi professor de philosophia, em Evora e Lisboa, elevou-se aos maiores cargos da sua ordem e foi nomeado membro do conselho de ministros, por Philippe II, e encarregado de varias negociações pelo papa Gregorio XIII.

Escreveu um *Commentario á Metaphysica de Aristoteles*, em latim e as *Instituições de Dialectica*.

CORTIÇO—freguezia, Alemtejo, comarca e concelho de Extremoz, 40 kilometros de Evora, 150 a E. de Lisboa, 100 fogos.

Em 1757 tinha 63 fogos.

Orago S. Bento.

Arcebispado e districto administrativo de Evora.

Situada em campina.

O arcebispo apresentava o cura, que tinha 3 moios de trigo e 1 de cevada.

É terra muito fertil em cereaes, e cria muito gado de toda a qualidade.

CORTIÇO DE ALGODRES — freguezia, Beira Baixa, comarca de Celorico da Beira, concelho de Fernos de Algôdres, 35 kilometros de Viseu, 305 a E. de Lisboa, 100 fogos.

Em 1757 tinha 86 fogos.

Orago S. Pelagio, ou S. Payo.

Bispado de Viseu, districto administrativo da Guarda.

Era antigamente do termo de Algôdres, comarca de Linhares.

É da casa do infantado.

Situada em um valle.

O reitor de Algôdres apresentava o cura, que tinha 20$000 réis em dinheiro, pago pela commenda de Algôdres, e o que rendia o pé d'altar.

É terra fertil. Muito gado, principalmente cabras e ovelhas.

CORTIÇÔ DA SERRA—freguezia, Beira Baixa, comarca, concelho e junto de Celorico da Beira, 25 kilometros da Guarda, 300 a E. de Lisboa, 100 fogos.

Em 1757 tinha 79 fogos.

Orago Nossa Senhora da Conceição.

Bispado e districto administrativo da Guarda.

Antigamente, a maior parte do povo d'esta freguezia era do termo de Celorico: o resto (a que chamam Monsanto ou Monsantinho) era do termo de Linhares; mas todos da comarca da Guarda.

O commendador de Oliveira do Hospital (da Ordem de Malta) apresentava o vigario, que tinha 8$000 réis, 3 almudes de vinho, 12½ alqueires de trigo, 10 de centeio e o pé d'altar.

E' terra fertil.

Era commenda da Ordem de Malta; pelo que tinha os grandes privilegios dos caseiros de Malta.

Esta freguezia tinha antigamente o nome de Villa Boa da Jesúa, e no principio da monarchia se chamava Cortiçóo.

D. Martim Pires e sua mulher, D. Thereza Martins, senhores d'esta freguezia, lhe deram foral, em 1254. (Não vem mencionado em Franklim.) N'este foral diz: *et verduduras non detis nihil*, porque em algumas partes se pagavam dizimos das *verdaduras*, como, pelo praso do logar de Arcouces, termo tambem de Celorico, feito pelo mosteiro de Salzedas, em 1256 pagava este casal, além do mais: *um quarteiro de esverdaduros.* Na renovação d'este mesmo praso, feito em 1333, diz: *um quarteiro de esverdados.* Tambem a isto se chamava *dizimos verdes.*

Tambem n'este foral se prohibem expressamente (e despoticamente) as *querimonias* (queixas ou querellas.) Vide Esverdaduros.

CORTIÇOS e **CERNADÉLLA**—villa, Traz-os-Montes, comarca de Chacim, 60 kilometros de Miranda, 420 ao N. de Lisboa, 140 fogos.

Em 1757 tinha a freguezia dos Cortiços propriamente dita, isto é, sem a sua annexa de Cernadélla, 80 fogos.

No concelho 1:630 fogos. Este antiquissimo concelho, foi supprimido pelo decreto de 24 de outubro de 1855 (ficando a subsistir outros muitos mais pequenos e de muito menos importancia.) Sendo tambem então transferida a comarca e concelho de Chaçim para Macêdo de Cavalleiros, ficou a villa e freguezia dos Cortiços a pertencer á comarca e concelho de Macêdo de Cavalleiros.

Orago S. Nicolau.

Bispado e districto administrativo de Bragança.

Era antigamente da comarca da Torre de Moncorvo.

É fertil.

O rei apresentava o reitor, que tinha 150$000 réis.

D. Diniz deu foral á villa de Cortiços e ao logar de Cernadélla, em 1287 (Franklin não falla n'este foral) no qual declara que cada morador pagará 4 alqueires de centeio e 36 réis em dinheiro, *excepto o tabellião e os pardieiros de Affonso Fernandes.*

Diz assim o foral:—*E o taballião não paga pensão, nem ha hi portagem, nem pena d'arma, nem montado, nem maninho, nem gado do vento, nem pagará ao diante hi nenhum outro tributo real, nem foro, nem isso mesmo a pena d'arma, nem sangue, nem haverá ao diante. E declaramos que, se o pardieiro que ora traz Affonso Fernandes, de Cernadélla, se provar que em tempo algum foi fortaleza dos reis nossos antecessores,*

sendo justificado por direito, se guarde n'isso justiça.

Este foral foi confirmado por outro dado por D. Affonso IV, em Santarem, a 10 de janeiro de 1331.

D. Manuel lhe deu foral novo, em Lisboa, a 4 de agosto de 1517, que é tambem para Cernadélla.

É das poucas povoações do reino que tem foral novissimo, dado por D. Affonso VI, em Lisboa, a 21 de julho de 1682. (Livro 15 da Chancellaria de D. Affonso VI, fl. 337, v.)

Entre esta villa e o logar de Cernadélla, corre a ribeira dos Cortiços, que quasi sécca no verão. Vide Cernadélla.

CORTINHA—portuguez antigo, *belga* (gleba) de terra, ou parte do campo, repartido em courellas ou leiras estreitas e compridas, divididas entre si por marcos, sebes ou paredes. No seculo XII se deu o nome de *cortinha* aos bens de raiz cultivados. Nas provincias do norte se chama *cortinha* ao campo proximo da casa.

CORTINHAL—portuguez antigo, veiga ou varzea dividida em cortinhas. Em algumas partes vem a ser o mesmo que *cortinha*. Ha em Portugal varias aldeias e sitios com este nome.

CORUCHE — villa, Extremadura, comarca de Benavente, 70 kilometros de Evora, 60 ao SE. de Lisboa, 880 fogos.

Em 1757 tinha 150 fogos na villa e 500 em toda a freguezia, no concelho 1:620.

Orago S. João Baptista.

Arcebispado de Evora, districto administrativo de Santarem.

Feira a 29 de setembro, tres dias.

Era antigamente da comarca de Santarem.

Era da corôa.

A Mesa da Consciencia apresentava o reitor, que tinha 16 moios de trigo e outras rendas, andando o rendimento annual por 500$000 réis. Tinha o reitor dois coadjutores, chamados *companheiros*, e todos tres eram freires da Ordem de Aviz, e da mesma apresentação. Tinha mais a egreja 16 beneficios simples, com obrigação de côro de manhan e de tarde, cada um com 400 mil réis de renda. Era uma das boas collegiadas do reino.

O *Portugal Sacro e Profano* diz que o reitor tinha 200$000 réis, o que é engano evidente.

Tem um recolhimento de Santa Rosa de Viterbo, que seguia a regra de S. Francisco.

A Misericordia é um templo sumptuoso, dos melhores do reino, d'este genero, e tem um bom hospital.

O territorio de Coruche é fertilissimo em tudo, e cria-se aqui muito gado, de toda a qualidade.

Eram alcaides-móres e commendadores d'esta villa os descendentes de D. Affonso de Noronha.

Rendia esta commenda 18:000 cruzados!

Tinha juiz de fóra.

Situada em planicie, ao fundo de uma encosta, nas margens do Sorráia (sobre o qual tem uma boa ponte de cantaria) e proximo ao rio Erra. A villa é bonita, ainda que antiga, e tem bons edificios. A sua população anda por 2:800 almas. É a villa composta de duas ruas, muito compridas.

Foi fundada pelos gallos-celtas, 308 annos antes de Jesus Christo. D. Affonso I a conquistou aos mouros, em 1166. Em 1176 a deu á Ordem de Aviz

Os mouros a retomaram e arrasaram completamente, em 1180.

Em 1182 a reconquistou D. Affonso I, que a mandou reedificar e povoar, concedendo-lhe muitos privilegios

Tinha voto em côrtes, com assento no banco 14.º

Tem por armas um escudo com uma coruja no centro. Ignora-se a origem d'estas armas, e parece que a villa se chamou antigamente *Coruja*, que degenerou em *Coruche*.

Tambem se não sabe que nome ou nomes teve antes do actual.

Está na fronteira da provincia do Alemtejo e junto á da Extremadura. Está 44 kilometros ao O. de Aviz, 44 a NO. de Monte Mór Novo, 24 a E. do Tejo, 24 ao S. de Santarem, 4 a E. de Salvaterra de Magos.

A villa é abrigada ao N. por uma montanha na qual houve antigamente um grande castello, fundado pelos romanos, e que os arabes arrasaram em 180, e nunca mais se reedificou. Ainda ha vestigios d'elle.

A casa da camara tambem é um bom edificio. Tem seis capellas, uma d'ellas edificada na corôa de um cabêço sobranceiro á povoação.

Os arredores da villa são muito aprasiveis e fertilissimos e a veiga, ou varzea, que o Surraia e Erra cortam e régam, é vasta e muito bem cultivada. Criam-se n'ella muitos gados e produz abundantes cereaes e outros fructos.

As margens das duas ribeiras são arborisadas, e muito formosas.

—

D. Affonso I lhe deu foral, com grandes privilegios, em 26 de maio de 1182; D. Sancho I o confirmou em 1189; D. Affonso II lhe deu outro foral, confirmando e ampliando os privilegios antigos, em Santarem, a 29 de janeiro de 1218. D. Manuel lhe deu novo foral, em Lisboa, no qual confirmou todos os antigos privilegios, em 28 de março de 1513.

—

N'esta villa está a casa solar do sr. D. José Manuel de Menezes d'Alarcão. Para a origem d'estes nobres appellidos, vide os Menezes, em Cantanhede, e Manueis em Villa Flor.

—

O concelho de Coruche, é composto de sete freguezias, quatro no arcebispado de Evora e tres no patriarchado. As do arcebispado são: Santa Anna do Matto e S. Torquato, Nossa Senhora do Pêso, Coruche e Santo Antonio do Couço. As do patriarchado são: S. José de Lamarosa, Santa Justa e Villa Nova da Erra.

CORUCHE=freguezia, Beira Baixa, comarca de Trancoso, concelho de Aguiar da Beira, 35 kilometros a E. de Viseu, 310 a SE. de Lisboa, 95 fogos.

Em 1757 tinha 69 fogos.

Orago S. Pedro, apostolo.

Era antigamente da comarca de Linhares, termo de Aguiar da Beira.

O cura tinha 25$000 réis. Era apresentado pelo vigario de Valle Verde.

É terra fertil.

Passa aqui a ribeira de Coruche, que nasce proximo de Aguiar da Beira (na freguezia de Fonte Arcada) Réga e móe.

Aqui houve em 9 de janeiro de 1827 um pequeno combate entre as tropas realistas commandadas pelo Magessy e as liberaes do Claudino. Os realistas retiraram para Trancoso. As perdas de parte a parte foram insignificantissimas.

CORUJÃES—vide Crujães.

CORUJAS—freguezia, Traz-os-Montes, comarca de Chacim, concelho dos Cortiços, até 1855, e desde então, comarca e concelho de Macêdo de Cavalleiros, 60 kilometros de Miranda, 480 ao N. de Lisboa, 50 fogos.

Em 1757 tinha os mesmos 50 fogos.

Orago S. Thiago, apostolo.

Bispado e districto administrativo de Bragança.

Era antigamente da comarca de Miranda, correição e termo de Bragança.

E' da casa de Bragança.

Situada em um valle.

O reitor de Lamas de Orelhão apresentava o cura, que tinha 12$000 réis, 20 almudes de vinho, 30 alqueires de trigo e 20 de centeio, pagos pela commenda d'aqui.

E' terra fertil. Cultura do bixo de seda, ha mais de 130 annos. Muito gado.

Tinha até 1834, juiz da vintena, dois *homens do accordam*, dois jurados e dois quadrilheiros.

Tinha esta freguezia privilegio de não pagar finta que pela camara de Bragança lhe fosse lançada.

No cume do monte Caunha, d'esta freguezia, ha vestigios de uma fortaleza romana ou mourisca.

CORUJEIRA—freguezia, Beira Baixa, comarca, concelho e 6 kilometros da Guarda, 300 ao E. de Lisboa, 100 fogos.

Em 1757 tinha 80 fogos.

Orago Nossa Senhora das Neves, ou Santa Maria Maior.

Bispado e districto administrativo da Guarda.

Situada ao fundo de um valle que aqui fórma a serra da Estrella.

O cabido da Sé da Guarda apresentava o prior, que tinha 120$000 réis.

E' fertil.

Tem uma fonte que é abundante no verão e sécca no inverno.

Ha em Portugal varias aldeias d'este nome. Vide Curujeira.

CORVACEIRA — aldeia, Beira-Alta, freguezia de Penajoia, comarca, concelho e 9 kliometros ao ONO. de Lamego, 4 kilometros abaixo da Régua (ao O.) 90 kilometros ao ENE do Porto e 365 ao N. de Lisboa, 30 fogos.

Bispado de Lamego, districto administrativo de Viseu.

Está situada sobre a margem esquerda do rio Douro, e na extremidade E. da freguezia a que pertence, em local accidentado, mas fertil, ameno e com bonitas vistas, e junto á *barca do Carvalho*, e ás *Caldas do Mollêdo*.

É aqui o *Ponto da Corvaceira* e o caes do mesmo nome.

O Ponto da Corvaceira é um dos que foram muito perigosos para a navegação do Douro: hoje está melhorada e a sua passagem não offerece tanto risco. (Na palavra Ponto se diz o que significa, e os principaes d'este rio.)

É tradição que este ponto foi formado por uma medonha trovoada que carregou sobre Samodães e estes sitios, pelos annos de 1570. O ribeiro da Corvaceira arrastou na sua corrente impetuosa, varios rochedos que encontrou na sua passagem, arremeçando-os furioso ao rio Douro, d'envolta com suas aguas.

Aqui se vê ainda um acervo de penedos sobre a margem esquerda, que consta serem parte dos arrastados pela torrente. Chamam-se *Pedregal*.

Diz-se que o ribeiro n'essa occasião tantas pedras e arvores arrancou e conduziu, que fez emprezar por alguns minutos a corrente furiosa do Douro.

Na instituição da *Companhia Geral da Agricultura das Vinhas do Alto Douro*, se despedaçavam aqui tantos barcos (carregados de vinho) contra estes penedos, que a mesma Companhia se viu na necessidade de gastar alguns contos de réis, para melhoramento d'este ponto temivel; mas não poude destruir de todo os penedos, que, nas estiagens principalmente, continuaram a despedaçar os barcos que desciam.

Em 1860 mandou o governo quebrar varias d'estas pedras, e construir um muro na margem esquerda, para fazer subir a agua.

Pelo mesmo tempo se construiu na margem opposta, um assude para fazer mover as mós de uns moinhos fluctuantes, o que mais concorreu para o augmento de volume d'agua, no ponto, e por consequencia diminuiu, felizmente, a maior parte do perigo. Hoje são aqui raros os sinistros.

O caes da Corvaceira é um dos melhores e de mais movimento do Douro, principalmente no verão. É formado por um bonito areial, e alli se carregam constantemente barcos de fruetas, vinho, madeiras, cortiça e outros generos, que são conduzidos para o Porto.

Esta aldeia é das mais antigas da freguezia, e pretende-se que ás Caldas do Mollêdo se chamou antigamente *Caldas da Corvaceira*. Tambem consta que se denominaram *Caldas de Penaguião*, por serem no concelho de Santa Martha de Penaguião.

Tem esta aldeia algumas casas bôas, mas a melhor é a antiga *Casa da Capella*, do sr. dr. Pedro Augusto Ferreira, formado em theologia, pela universidade de Coimbra, e actual abbade da freguezia de S. Pedro de Miragaia, na cidade do Porto. Cavalheiro muito illustrado, ao qual devo o obsequio de me offerecer varios e preciosos esclarecimentos sobre varias povoações d'estes sitios.

Tem a *Casa da Capella* uma bonita ermida, dedicada a Nossa Senhora da Lapa, cuja imagem é tida em grande veneração pelos povos limitrophes, que aqui concorrem todos os annos, em 15 d'agosto, em animada romaria.

A capella está em um espaçoso terreiro, e foi edificada em 1740, por Domingos Rodrigues de Carvalho, ascendente do actual possuidor.

Os Ferreiras da Corvaceira pertencem ás antigas e nobres familias dos Mergulhões, de S. Romão d'Armamar; Cardosos Ferreiras, d'Armamar; Heredias, de Barcos, e Freires de Gouveia, de Goujoim.

O terreno d'esta aldeia (como o de toda a freguezia e das immediatas) está coberto de luxuosos vinhêdos, produzindo, em grande

abundancia, excellentes fructas, de toda a qualidade especialmente, laranjas; sendo o pomar do sr. dr. Ferreira, o melhor da localidade, com laranjeiras, limoeiros, cidreiras, e limeiras, de especiaes e variadissimas qualidades.

—

Em 1845, matou-se (a tiro) no rio Douro, junto a esta povoação, um sôlho, que pesou 4 arrobas e 11 arrateis (65 kilos aproximadamente.)

Pelos annos 1842, n'esta aldeia, teve uma mulher (que ainda vive) quatro creanças de um só parto. Nasceram vivas; porem morreram, pouco tempo depois de baptisadas.

—

Alguns escrevem *Curvaceira*, pretendendo que é palavra derivada de uma especie de *curva* que aqui faz o rio: outros escrevem *Corvaceira* (logar onde ha *córvos*, ou onde costumam fazer as suas paragens estas aves) eu inclino-me a esta ultima opinião, que me parece mais verosimil.

CORVAL—freguezia, Alemtejo, comarca e concelho de Monsaraz, até 1855, e desde então do concelho de Reguengos, comarca do Redondo, 40 kilometros de Evora, 120 ao SE. de Lisboa, 360 fogos.

Em 1757 tinha 278 fogos.

Orago S. Pedro, apostolo.

Arcebispado e districto administrativo de Evora.

Era antigamente da comarca de Villa Viçosa, termo de Monsaraz. Fertil.

E' da casa de Bragança.

O arcebispo de Evora apresentava o cura, que tinha 4 moios de trigo e 1 de cevada.

Tinha juiz da vintena, sujeito ás justiças de Monsaraz. Foi antigamente couto.

Passa aqui o rio Álamo.

Aqui nasceu pelos annos de 1710 uma mulher chamada Maria, que, sem ter lingua, fallava perfeitamente. O marquez do Louriçal a levou para sua casa, por esta singularidade.

CORVEIRA—freguezia, Traz-os-Montes, comarca de Chaves, concelho de Carrazedo de Monte Negro, até 1855, desde então é da comarca e concelho de Valle Paços, 420 kilometros ao N. de Lisboa, 150 fogos.

Em 1757 tinha 129 fogos.

Orago S. João Baptista.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Villa Real.

Era antigamente da comarca e termo de Chaves, *isento* da Ordem de Malta.

O dom prior do convento de S. João da Corveira, da religião de Malta, apresentava o capellão, que tinha 50 alqueires de centeio, 42 de trigo, 52 almudes de vinho e o pé d'altar. Ao todo uns 120$000 réis.

É terra fertil. Muita castanha.

Feira a 3 de fevereiro e 25 de março.

Gosava esta freguezia os monstruosos privilegios da Ordem de Malta.

Passa aqui o rio Poyo e o ribeiro Rio Bom.

No sitio de Pontido ha umas lagôas muito fundas e notaveis. Diz-se que tudo quanto n'ellas cahe se afoga.

CORVÍTE—monte, Douro, freguezia de Sobrado de Paiva, concelho do Castello de Paiva, comarca e 15 kilometros a NO. de Arouca, 3 ao S. do rio Douro, 37 a E. do Porto, 310 ao N. de Lisboa.

N'este monte ha varios calhaos esphericos e oblongos, do volume de grandes toneis, tendo cinco d'elles sepulturas muito bem abertas a picão, no cimo dos calháos, (as quaes só se podem ver subindo acima d'elles.) Era incontestavelmente um *almocabar* (cemiterio) mourisco.

Aqui appareceram, em 1859, moedas antiquissimas de cobre, quasi todas *fustras*. As poucas que, com difficuldade, mostravam o cunho ou parte d'elle, eram arabes.

Eram muito mais sepulturas, mas têem sido destruidas, para se quebrar a pedra, para edificar.

CORVÍTE—freguezia, Minho, comarca e concelho de Guimarães, d'onde dista 6 kilometros ao O. 12 a NE. de Braga, 360 ao N. de Lisboa, 60 fogos.

Em 1757 tinha 71 fogos.

Orago Nossa Senhora da Expectação.

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

O arcediago de Santa Christina apresentava o vigario, que tinha 12$000 réis e o pé d'altar.

É terra fertil.

CORVO—grande povoação, Douro, freguezia de Arcozello e S. Felix. Tem barão. (Vide Arcozello de Gaia.)

É na costa. Passa por aqui a estrada de Ovar ao Porto.

Parte d'este logar é da freguezia de Arcozello e parte na de S. Felix da Marinha, tudo do concelho de Gaia.

CÓS ou **COZ**—villa, Extremadura, comarca, concelho e 6 kilometros ao N. de Alcobaça, 108 a NE. de Lisboa, 200 fogos.

Em 1757 tinha 76 fogos.

Orago Santa Eufemia.

Patriarchado, districto administrativo de Leiria.

Feira a 28 de outubro.

Era antigamente da comarca de Leiria.

Eram seus donatarios os abbades do convento de bernardos de Alcobaça.

É povoação muito antiga.

O D. abbade de Alcobaça apresentava, *in solidum*, o prior, que tinha 500$000 réis.

Tinha coadjutor, cou 6$000 réis, 1 moio de trigo e 7 almudes de vinho; e thesoureiro, com 30 alqueires de trigo e 13½ almudes de vinho. Eram ambos apresentados pelo prior, mas pagava-lhes o donatario.

Tem Misericordia e hospital.

Era couto de Alcobaça (dos frades bernardos) e tinha camara, juiz ordinario e escrivães: estes, feitos pelos frades, e aquelles pelo povo, mas confirmados pelo D. abbade.

Tinha uma companhia de ordenanças.

É terra fertil.

Ha aqui a capella de Nossa Senhora da Luz, cuja imagem, segundo a tradição, appareceu a uma pastora, chamada Catharina Annes, no sitio onde depois se lhe fez a ermida. Ha alli uma fonte, a que chamam Fonte Santa, a cujas aguas attribuem os povos d'estes sitios varias virtudes medicinaes.

Situada em um valle ameno e muito productivo, composto de campos, vinhas, olivaes, pomares e outros arvoredos; e cortada pela ribeira de Cós, que junta com varios ribeiros morre no mar, proximo á Pederneira.

Tem um convento de freiras bernardas, fundado em 1300, por D. Fernando, abbade do real mosteiro de Alcobaça, em cumprimento do testamento de D. Sancho I.

Foi reformadora d'este convento D. Benta de Aguiar, que morreu com fama de santidade. Jaz sepultada n'este convento, e na sua campa tem o epitaphio seguinte:

Aqui jaz D. Benta de Aguiar, primeira abbadeça d'esta reformação, que viveu 75 annos e regeu 48, 3 mezes e 11 dias. Benta *na vida e* Aguia *na subida ao ceu. Falleceu a 15 de junho de 1578.*

D. Sancho I. deixou para a fundação d'este convento de Cós dez mil maravedís. Alcobaça (mosteiro) dava rendas para 115 freiras.

Esta freguezia é muito abundante d'agua.

Para o N. (do lado da costa do mar) ha muitos pinhaes, mattos e charnecas (a que chamam *Camarsão*) onde ha muita caça.

Tem foral dado por D. Manuel, em Lisboa, a 28 de março de 1513.

Ha n'esta freguezia varios lagares d'azeite e muitos moinhos de pão, cujo motor é o rio de Cós (ou da abbadia) e o ribeiro Areia, que aqui se junta áquelle, e fertilisam estas terras. Trazem algum peixe miudo. (Vide Póvoa de Cós, onde ha aguas mineraes.)

COSELHAS—formosa e fertil varzea (ou ribeira) arrabalde de Coimbra.

Ha aqui perto um sitio chamado Valle Meão (adiante de Cellas) e n'elle a ermida de Santa Comba. Faz-se-lhe uma grande festa e romaria, a 20 de julho, que são concorridissimas. Em um subterraneo do edificio está a imagem da santa, feita de pedra. Apenas o rosto conserva as primittivas feições: já não tem pés nem mãos e tem as roupagens completamente desfiguradas, porque o povo, crendo que o pó da pedra de que é feita esta imagem, é remedio infalivel contra as *maleitas*, tanto tem raspado, que a pozeram assim. (Para a lenda d'esta santa, vide Coimbra, no logar competente.)

COSMADO (S.)—vide Aldeias e Alrote.

COSMADO (S.)—villa, Beira Alta, comarca e concelho de Armamar, 18 kilometros de Lamego, 360 ao N. de Lisboa, 300 fogos.

Em 1757 tinha 94 fogos.

Orago S. Cosme e S. Damião.

Bispado de Lamego, districto administrativo de Viseu.

Era antigamente da comarca de Lamego, e concelho de S. Cosmado. Depois passou a ser comarca de Taboaço.

Em 24 de outubro de 1855 foi supprimido este concelho, ficando a ser julgado, concelho e comarca de Armamar, comarca então creada de novo.

Os Silveiras eram donatarios d'esta freguezia.

A primeira matriz era a actual capella de S. Sebastião, ao fundo da villa. O rei apresentava o abbade, que tinha 600$000 réis de renda.

É terra fertil.

Era um concelho muito antigo. Até 1834 tinha juiz ordinario e um vereador; procurador do concelho e dois escrivães, apresentados pelo rei.

Passa aqui o rio Tédo, pelo S. da freguezia.

E' povoação muito antiga, talvez do tempo dos romanos, e com certeza dos arabes.

Depois da victoria alcançada pelos irmãos D. Thedon Ramires e Rausendo (ou Rosendo) Ramires, nas margens do rio Tavóra (vide Cabris) continuaram elles a conquista de terras mouriscas, no *reino de Lamego*, e uma d'ellas foi S. Cosmado.

Proximo a esta freguezia e sobre a margem do Tédo (a que deu o nome D. Thedon) fundou este bravo portuguez um forte castello, pelos annos 1062 ou 1063, cujas ruinas ainda existem. Chamava-se Castello de D. Thedon.

Descendem d'este D. Thedon, os Tavoras, os Pimenteis de Mesquita e outras muitas e nobilissimas familias portuguezas. Para a familia e armas dos Tavoras, vide Tavóra, e para as dos Pimenteis de Mesquita, vide Carrazedo de Anciães.

E' perto a Granja do Tédo.

Tem foral dado por composição antiga, e reformado por D. Manuel, em 1516. (Franklim não falla n'estes foraes.)

—

Cosmado, Cosmade, Cosmate e *Cosmode* é o mesmo que Cosme, nome proprio de homem. Hoje só se diz Cosme.

—

E' freguezia muito vasta e rica. Na villa de S. Cosmado ha bons estabelecimentos commerciaes. Tem esta freguezia mais tres aldeias, que são: Cardaes, Contim e Lapinha.

N'esta freguezia tinha um grande casal o sr. Ayres Pinto de Sousa Coutinho, regedor das justiças, hoje representado por seu neto, o sr. Ayres Adolpho de Mendonça, residente no logar de Aldeia de Cima, freguezia de Armamar; bem conhecido pelos seus eruditos e religiosos artigos, publicados em differentes jornaes. (Para a origem d'esta antiga e nobre familia e suas armas, vide Lamego e S. Romão de Armamar.)

COSME (S.) e **S. DAMIÃO**—freguezia, Minho, comarca e concelho dos Arcos de Valle de Vez, 35 kilometros a ONO. de Braga, 390 ao N. de Lisboa. 80 fogos.

Em 1757 tinha 51 fogos.

Oragos os Santos Cosme e Damião.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Vianna.

E' terra fertil.

O arcebispo apresentava o abbade, que tinha 450$000 réis de rendimento.

Ha aqui uma torre muito antiga, que alguns dizem ter sido solar dos Barros.

Quando o povo da freguezia quer que chouva, levam o padroeiro a uma fonte (do seu nome) e o deixam estar de môlho até que principie a chover. E' por isso que se attribue á agua da fonte a virtude de curar varias molestias.

COSME (S.) e **S. DAMIÃO**—Vide Gondomar.

COSSOURADO—freguezia, Minho, comarca de Vallença, concelho de Coura, 48 kilometros a ONO. de Braga, 408 ao N. de Lisboa, 110 fogos.

Em 1757 tinha 113 fogos.

Orago Santa Maria, ou Nossa Senhora da Natividade.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Vianna.

Situada em terreno montuoso e pouco fertil.

O morgado da Boa-Vista (Fontouras) apresentava o abbade, que tinha de rendimento 200$000 réis.

Ha aqui a ermida de S. Bento da Porta Aberta, a cujo padroeiro se attribuem muitos milagres.

Acimà da egreja matriz, no alto de um monte, ha vestigios de um vasto edificio, que parece ter sido castello. Dão a este sitio o nome de *Cidade*. Dizem que effectivamente houve aqui uma cidade chamada *Arnoya*, outros dizem que o seu nome era *Cauca*. (Vide esta palavra.)

As grandes columnas que estão em S. Bartholomeu d'Antas, consta que foram d'aqui.

Conhece-se ainda hoje que teve fossos e trincheiras, com estradas cobertas; está em altissima posição e parece ser obra romana, o que é muito provavel, porque aqui passava uma das suas vias militares, que se diz sahir d'esta cidade para Bayona, Corunha e outras partes; mas é mais de suppôr que fosse ramal de uma das cinco vias militares que sahiam de Braga para differentes povoações.

Logo, mais abaixo, onde se chama Rieiro, ao S. do rio Coura, sobre a mesma via, ha vestigios de um pequeno castello. E' tradição que esta cidade (*Cauca*) foi destruida pelos arabes, em 717.

COSSOURADO (S. Thiago de)—freguezia, Minho, comarca e concelho de Barcellos, 24 kilometros a O. de Braga, 360 ao N. de Lisboa, 200 fogos. Em 1757 tinha 180 fogos.

Orago S. Thiago, apostolo.

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

A esta freguezia chamava-se antigamente *Courado*.

Era commenda da Ordem de Christo e seus commendadores e donatarios os condes de Villa Flôr, que apresentavam o reitor, o qual tinha 100$000 réis.

(O *Portugal Sacro* diz que era apresentada pelo papa e arcebispo.)

É terra fertil. Passa aqui o rio Neiva.

Ha n'esta fronteira minas de prata.

O padre Carvalho diz que as mandou fechar D. João IV.

COSTA — freguezia, Minho, comarca e concelho de Guimarães, 18 kilometros a NE. de Braga, 360 ao N. de Lisboa, 110 fogos.

Em 1757 tinha 52 fogos.

Orago Santa Marinha.

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

Era antigamente comarca e termo de Guimarães, primeira parte da visita de Sousa e Faria.

O prior do convento apresentava o cura, que tinha 40$000 réis.

Fertil em cereaes, vinho e azeite.

Ha aqui bastante gado e caça.

É aqui a casa e quinta do sr. Guedes (hoje visconde da Costa) Vide Torrão do Alemtejo.

—

Ha aqui um convento, cuja origem é a seguinte:

Em 1145, D. Mafalda, mulher de D. Affonso I (avó da rainha Santa Mafalda) fundou aqui um convento de frades cruzios (do qual foi primeiro prior D. Mendo) e lhe deu, além do terreno do convento, varias rendas. D. Diniz lhe deu tambem muitas rendas e privilegios, coutando-o, por carta regia feita em Braga, a 8 de junho de 1280.

No principio do seculo XVI foi este convento reduzido a abbadia secular e dado por D. João III, em commenda, a D. Jayme, duque de Bragança.

Este o deu então aos frades jeronimos (em 27 de janeiro de 1528) por bulla de Clemente IV, que auctorisou a doação e a formação do mosteiro.

Junto a este convento ha um carvalho que tem mais de 720 annos de edade. Tem 9 metros e meio de circumferencia no tronco!

Este convento é situado em logar aprasivel, á vista da cidade de Guimarães, ao E., na costa de uma serra, que deu o nome á freguezia.

—

Santa Marinha, padroeira d'esta freguezia, era natural de Braga e foi alli baptisada por Santo Ovidio, terceiro arcebispo de Braga. Foi martyrisada na Galliza, em um logar chamado Aguas Santas, a 10 kilome-

tros de Orense, no dia 18 de julho do anno 130.

Ha em Portugal mais 129 aldeias com este nome, mas sem cousa digna de menção.

COSTA NOVA DO PRADO—Bonita estação de banhos, proxima de S. Jacintho, e 4 kilometros ao O. de Aveiro, na freguezia e concelho de Ilhavo. Tem um theatro particular, feito pelo sr. João Maria Garcia, tendo logar a primeira representação n'elle, em 21 de setembro de 1873.

Ha aqui uma capella.

Os pescadores de Ilhavo teem aqui as suas companhas para a pescaria, de cujo modo de vida fazem a sua exclusiva profissão.

Tem passado, n'estes ultimos annos, a moda de vir para aqui tomar banhos o *hig-life* d'estas terras; mas, apesar d'isso, ainda é bastante concorrida na estação propria.

COSTOIAS—vide Custôias.

COTA, ou **COTTA**—freguezia, Beira-Alta, comarca de Castro Daire, concelho de Mões (antigamente, hoje é comarca e concelho de Viseu) 18 kilometros ao N. de Viseu, 300 ao N. de Lisboa, 290 fogos.

Em 1757 tinha 239 fogos.

Orago S. Pedro, apostolo.

Bispado e districto administrativo de Viseu.

Já em tempos mais antigos era da comarca e termo de Viseu.

Situada ao fundo da serra do Salvador.

O abbade tinha 350$000 réis de renda, afora os passaes, que são bons. Era da apresentação do real padroado.

E' terra fertil.

Passa pela freguezia o rio Vouga.

Ha aqui aguas ferreas, que teem fama de muito efficazes para a cura de varias molestias.

Côto, no antigo portuguez, ainda usado nas provincias do norte, é o homem aquem falta, um, ou ambos os braços (manéta.) Côtto é um pequeno monte pyramidal.

Como desde seculos se escreve o nome d'esta freguezia já com um, já com dois tt, não se póde hoje saber com certeza a verdadeira etymologia d'esta povoação e da seguinte; mas parece-me que procede de côta (mulher manêta) porque *côtto* (cabêço) não tem genero feminino. E' provavel que alguma *côta*, por qualquer circumstancia, hoje desconhecida, desse o nome a esta freguezia.

Cóta era a peça de armadura antiga (de ferro ou cobre) unida á couraça (peça que cobria o peito do guerreiro) mas dizia-se *cóta* e não *côta* ou *côtta*: e *Cóta* é tambem appellido nobre em Portugal. Não é verosimil que de qualquer d'estas duas cousas provenha o nome d'esta povoação.

CÓTAS ou **CÓTTAS**—freguezia, Traz-os-Montes, comarca de Alijó, concelho e 6 kilometros a SE. de Favaios, 360 kilometros ao N. de Lisboa, 130 fogos.

Em 1757 tinha 65 fogos.

Orago Nossa Senhora da Natividade.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de villa Real.

Era antigamente da comarca e termo de Villa Real.

E' terra fertil. Optimo vinho.

Situada em um valle.

O reitor de S. Domingos de Favayos apresentava o vigario, *ad nutum*, que tinha 30 mil réis.

Para a etymologia, vide a freguezia antecedente.

COTÊLLO—diminutivo de *côtto*.

COTIMOS—freguezia, Beira Baixa, comarca e concelho de Trancoso, 54 kilometros de Viseu, 335 ao N. de Lisboa, 120 fogos.

Em 1757 tinha 112 fogos.

Orago Santo André, apostolo.

Bispado de Pinhel, districto administrativo da Guarda.

Era antigamente da comarca de Pinhel, termo da villa de Moreira.

O vigario de Santa Marinha, da villa de Moreira apresentava o cura, que tinha 4 alqueires de trigo, 6 almudes de vinho e seis mil e quinhentos réis em dinheiro e o pé d'altar.

E' terra fertil.

COTO ou **COTTO**—freguezia, Extremadura, comarca e concelho das Caldas da Rainha, 84 kilometros ao NE. de Lisboa, 100 fogos.

Em 1757 tinha 18 fogos.

Orago Nossa Senhora dos Anjos.

Patriarchado, districto administrativo de Leiria.

Era antigamente da comarca de Alemquer, termo de Obidos.

O cabido de Santa Maria de Obidos apresentava o cura, que tinha 1 moio de trigo, 1 tonel de vinho e 30 alqueires de cevada, tudo pago pelos freguezes.

E' terra muito fertil, produz excellentes fructas e cria gado.

Passa aqui o rio Real.

Côtto, significa um pequeno outeiro ou cabeço. Cotéllo ainda é mais pequeno. (Vide Côta.)

COTOM—portuguez antigo, tombo, cambalhota, cabriola, etc. *Andar de cotom*, andar aos trambulhões.

COUCIEIRO—vide Concieiro.

COUÇO (ribeiro do)—ribeiro, Douro, divide as freguezias de Canellas da de Entre os Rios, desaguando na direita do Douro, entre as quintas da Abetureira e da Cortiça, 33 kilometros a ENE. do Porto, 315 ao N. de Lisboa.

Ha n'este sitio, mesmo no leito do ribeiro, uma mina de cobre, que se não explora, não só por se achar o minerio entre penhascos durissimos de basalto, como por ser necessario mudar o leito do ribeiro.

Côuço vem da palavra arabe, *cauçon*, significa *arco*. (Arma antiga que servia para expedir as settas.)

Os latinos escreviam *Kauso*. Gundezindo, doou em 877, ao mosteiro de Lavra, a egreja de S. Pedro de Kauso. (Vide Lavra.)

Todas as povoações d'este nome teem a mesma etymologia. (se não vem de *couce*, portuguez antigo, que significa *caruncho*, *carie*, *pulilha*.)

COUÇO—freguezia, Extremadura (mas ao S. do Tejo) comarca de Benavente, concelho de Coruche, 54 kilometros de Evora, 115 ao SE. de Lisboa, 225 fogos.

Em 1757 tinha 193 fogos.

Orago Santo Antonio.

Arcebispado de Evora, districto administrativo de Santarem.

Era antigamente do termo de Coruche, mas da comarca de Aviz.

Situada nas margens do Sorraia.

O capellão era freire da Ordem de S. Bento de Aviz, e portanto apresentado pela Mesa da Consciencia. Tinha 2 moios de trigo, 90 alqueires de cevada, 6 almudes de vinho, 1 arroba de cêra e 15$000 réis em dinheiro. Com mais umas capellas que administrava, andava o rendimento total por uns 240$000 réis.

E' terra fertilissima e bonita. A mesma etymologia.

COUÇO ou **COUSSO**—freguezia, Minho, comarca de Monção, concelho de Valladares até 1855, e desde então, comarca e concelho de Melgaço, 65 kilometros ao NO. de Braga, 425 ao N. de Lisboa, 150 fogos.

Em 1757 tinha 136 fogos.

Orago S. Thomé, apostolo.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Vianna.

Era antigamente do termo de Valladares, mas da comarca de Vallença.

É terra fertil. Situada em um valle.

O prior dos frades cruzios de Padérne apresentava o cura annualmente, e este tinha 6$000 réis que lhe pagava o prior, 2$000 réis que lhe pagava a commenda de S. Pedro de Cima do Mouro, e o pé d'altar.

É terra fria e pouco fertil.

Passa aqui o rio *Estadella* e perto o rio Mouro.

A mesma etymologia.

COURA—Serra, Minho, no concelho de Coura, agreste, fria e pedregosa. Produz matto, tem arvores silvestres e muita caça, 400 kilometros ao N. de Lisboa.

COURA—serra, Beira-Alta. Vide Coura, freguezia, Beira-Alta.

COURA—rio, Minho, nasce na serra do *Corno do Bico*, no sitio chamado *Regueiro das Sebôllas*. Depois de regar e fertelizar varias freguezias, e fazer mover moinhos, azenhas e lagares d'azeite, espraia-se poeticamente entre as freguezias de Caminha e Seixas, onde conflue com o rio Minho, na margem esquerda d'este rio. Mesmo na confluente, tem uma bonita ponte de madeira sobre grossos pilares de pedra. É das mais compridas do reino. D'ella se gosa um bello panorama.

Argote (Mem. de Braga, tom. 1.º diss. 2.ª, liv. 1.º, cap. 8.º pag. 109) diz que este rio se chamou antigamente *Belion*. O que é certo, é que no 1.º seculo de Jesus Christo se chamava Froylano. (Vide Bretonia do Lima, Lima, rio e Caminha.

Querem alguns que este rio é o a que Strabão chama *Benis*. (Vide *Benis*.)

COURA — pequeno rio, Traz-os-Montes, nasce acima de Galafúra e morre no Douro (margem direita) na freguezia de Covellinhas. Tem pesqueiras onde se apanham optimas lampreias. Rega e mõe.

COURA — freguezia, Beira-Alta, comarca e concelho d'Armamar, 12 kilometros de Lamego, 324 ao N. de Lisboa, 50 fogos.

Em 1757 tinha 36 fogos.

Orago S. João Baptista.

Bispado de Lamego, districto administrativo de Viseu.

Era da comarca de Lamego, concelho d'Armamar, mas desde a formação da comarca d'esta villa (24 de outubro de 1855) ficou sendo da nova comarca.

O reitor d'Armamar apresentava o cura, que tinha 25 alqueires de centeio, 25 de trigo, 27 almudes de vinho e 4$600 réis em dinheiro.

Fertil em cereaes, vinho e castanha.

Parte d'esta freguezia fica na serra do seu nome, que cria muito gado e caça.

COURA — villa, Minho, comarca de Valença, 40 kilometros a ONO. de Braga, 400 ao N. de Lisboa, 170 fogos, 650 almas.

Em 1757 tinha 131 fogos.

No concelho 2:670 fogos.

Orago S. Martinho, bispo.

Era antigamente da correição de Vianna, comarca de Vallença.

Os Éças (da casa de Cavalleiros) apresentavam o abbade, que tinha 200$000 réis.

Situada em terreno accidentado e pouco fertil, nas margens do rio Coura. Cria muito gado e tem muita caça.

D. Manuel lhe deu foral, em Lisboa, a 2 de junho de 1515.

Os povos do Minho teem os de *Coura* por simplorios, assim como os do centro do reino teem os de Mançôres, e os do Sul teem os da *Lourinhan* e os d'Elvas.

Em todas as povoações ha tôlos e avisados, ainda que, o numero d'aquelles é em toda a parte muito superior ao d'estes. Já d'isto se queixavam os latinos, que diziam —*Stultorum infinitus est numerus*.—

—

A posição d'esta villa é em uma grande e áspera elevação.

É terra fria, mas saudavel, e suas aguas excellentes.

—

Em 1663, na guerra da restauração, foi este concelho o centro das operações contra os gallégos. Aqui estacionaram as reservas, depositos de munições de guerra e differentes arrecadações.

A gente da terra sustentou sempre as tropas, sem que fosse necessario virem generos alimenticios de outras localidades.

—

D. João I, deu o senhorio de Coura a Fernão Annes de Lima, pae do primeiro visconde de Villa Nova da Cerveira, D. Lionel de Lima; tendo-o regeitado como cousa muito insignificante, por premio a seus serviços, Garcia Rodrigues de Caldas, fidalgo gallêgo, que vivia em S. Martinho de Vascões, picado de se ter dado a Firmão Annes a *Terras dos Arcos*.

Esta terra foi antigamente unida com o couto de S. Fins, e os habitantes d'aqui, hiam ás audiencias, de 15 em 15 dias, ao castello de Frayão, as quaes alli vinha fazer verbalmente o abbade benedictino do mosteiro de S. Fins.

Ainda em papeis do seculo XVII se falla no julgado de Frayão.

Este se desannexou quando o rei D. Sebastião coutou S. Fins, para os padres da Companhia de Jesus, o que já D. Affonso Henriques tinha coutado para os benedictinos.

Correu letigio entre o visconde e a coroa e decidiu-se que os escrivães de Coura fossem ao couto de S. Fins, bem como o juiz dos orphãos.

O visconde arranjou uma grande parte dos padroados das egrejas do concelho da Coura, que eram de particulares.

—

Tinha este concelho um juiz *de vara branca*, trez vereadores e procurador do concelho, todos biennaes, a cuja eleição presidia o corregedor de Vianna.

Os montados de Coura, são os melhores d'estes sitios, por causa dos seus bous pastos, e pelo que cria muito gado cavallar, bovino e muar, caprum e lanigero.

Ha aqui muitas vaccas, que produzem abundancia de leite, do qual se faz muita e excellente manteiga.

Nas suas serras ha muita caça miuda, do chão e do ar; mas criam tambem muitos lobos.

—

Entendo que a antiga capital do couto ou concelho de Coura, foi a povoação de Parêdes, d'este concelho. Fundo-me em que, D. Affonso III, deu foral a Parêdes, em junho de 1257 (*liv. 2.º de Doações de D. Affonso III fl. 19 v. in principio*) e Coura nunca teve foral, velho como adiante direi.

—

Pretendem alguns que a cidade de Cauca, patria do imperador Theodosio, o grande, era na serra d'Arga, no sitio de Formigoso, e pouco distante de Coura. Vide Cauca. Vide tambem Portella da Bostarenga.

—

A casa dos Castros, de Villa Nova da Cerveira, hoje representada pela senhora condessa da Ribeira e seus irmãos, tem aqui muitas rendas, que passaram para esta familia, por casamento, da casa dos viscondes de Villa Nova da Cerveira.

—

A villa de Coura é antiquissima, pois já existia no tempo dos gôdos: mas ignora-se quando e por quem foi fundada. Alguns pretendem mesmo que fôi aqui a antiquissima cidade de Cauca, e que o seu actual nome é corrupção de Cauca, o que é mais do que contestavel.

Actualmente não passa de uma pequena villa, sem edificios notaveis, ou cousa alguma digna de menção.

—

D. Manuel lhe deu o seu 1.º foral, em Lisboa, a 2 de junho de 1515. *(liv. dos Foraes Novos do Minho, fl. 72 v. col. 2.ª*.

Comprehende as terras seguintes:

Castanheira, Crastéllo, Cunha, Ençalde, Formariz, Frayam, Infesta Moéllos, Padornéllo, Parada, Pinhote, Reigães, Rézende, Rubiães, Romarigães. Sam Payo e Vascões.

(Veja-se o processo para este foral, na Gaveta 20, Maço 12, n.º 46.) É o 1.º foral de Coura.

O concelho de Coura é actualmente composto de 21 freguezias, que são:

Agua-Longa, Bicco, Castanheira, Cristêllo, Cossourado, Coura, Cunha, Ferreira, Formariz, Infesta, Inçalde (ou Ençalde) Linhares, Mazéllas, Padornéllo, Parada, Paredes, Porreiras, Rézende, Romarigães, Rubiães e Vascões.

—

Ha mais em Portugal oito povoações (aldeias) com o nome de Coura; mas nenhuma tem cousa digna de menção.

COUREL—freguezia, Minho, comarca e concelho de Barcellos, 24 kilometros a O. de Braga, 360 ao N. de Lisboa, 60 fogos.

Em 1757 tinha 45 fogos.

Orago S. Martinho, bispo.

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

Os conegos da collegiada de Barcellos apresentavam o vigario, que tinha 12$000 réis, 10 alqueires de centeio, e mais 5$500 réis, que lhe pagavam os freguezes, além do pé d'altar. E' terra fertil. Muito gado.

COURELLAS — freguezia, Beira Baixa, comarca e concelho de Trancoso, 325 kilometros ao NE. de Lisboa, 25 fogos.

Em 1757 tinha 32 fogos.

Orago Santo Antão.

Era antigamente do termo de Trancoso, mas da comarca de Pinhel.

Era da Ordem de Malta e tinha os grandes privilegios d'esta Ordem.

Situada em campina.

A Ordem de Malta apresentava o cura, que tinha 6$000 réis e o pé d'altar.

Fertil em centeio, milho e castanha.

Feira a 25 de abril.

Courella é palavra portugueza, significa o mesmo que no norte *leira*. Pequeno campo, ou parte (ou tira) de uma veiga. Vide Coirella.

Esta freguezia foi ha muitos annos supprimida.

COUSSO — vide Couço.

COUTADA (Santa Margarida da)—freguezia, Extremadura, comarca de Abrantes, concelho de Constancia, 180 kilometros ao O. da Guarda, 125 a E. de Lisboa, 270 fogos.

Em 1757 tinha 339 fogos.

Orago Santa Margarida.

Bispado de Castello Branco, districto administrativo de Santarem.

Situada em um alto.

O vigario de S. Julião de Punhete (hoje Constancia) apresentava o cura, que tinha 28 alqueires de trigo, 6$000 réis em dinheiro, 16 arrateis de cêra e um de incenso, tudo pago pela commenda de Punhête, e o pé d'altar, ao todo uns 120$000 réis.

E' terra fertil. Passa aqui o rio Alcolobra.

Ha em Portugal mais 16 aldeias com este nome.

A palavra *coutada* tem em portuguez duas significações, a geral quer dizer: territorio ou terra que se fez couto ou que foi *coutada*. Em muitas terras do sul de Portugal porém, dá-se o nome de *coutada* a uma extensão de bosque cercado de parede. E' maior do que um *cerrado* ou *tapada*.

COUTO—porção de terra demarcada por auctoridade do rei, com certas isenções e privilegios; e com determinados fóros e pensões para o directo senhorio, e com justiças proprias. Estas jurisdições porém, foram abolidas pela lei de 1790. Havia *coutos* dos mosteiros e dos fidalgos e *coutos do reino*, ou de homisiados. Estes eram creados para refugio de malfeitores, que aqui não podiam ser presos nem perseguidos ou incommodados. Os *coutos do reino* eram quasi todos na raia, taes eram Caminha, Freixo de Espada á Cinta, Marvão, Miranda, Noudar, Pena Garcia, Sabugal; e no Algarve, Castro Marim e outros.

Nem todos os crimes porém tinham protecção e impunidade n'estes *coutos*. Segundo o empenho de povoar a terra, assim era a *larga* que os reis davam aos crimes. Em todos os foraes se exceptuavam os crimes de heresia, regicidio e traição; em muitos o de moeda falsa e adulterio; em alguns o crime de *bestialidade* e incesto; e em muitos o de homicidio voluntario.

Não podiam acoutar-se os criminosos a menos de 10 leguas do logar onde commetteram o delicto. Tambem havia as célebres *cartas de seguro*, que eram ainda peiores do que os *coutos*, pois serviam para todo o reino. Acabaram os coutos e seus termos, mas ficaram as taes *cartas*, até que foram prohibidas em 1820.

Tambem tenho visto algumas vezes escripto e muitas ouvido pronunciar *coito*, o que é grande êrro. Aqui não se dá o caso como em *ouro* ou *oiro*, *dous* ou *dois*, *noute* ou *noite*, etc., em que é indifferente escrever-se ou pronunciar-se com *u* ou *i*. *Couto* não é mais (no sentido restricto da palavra) do que o que fica declarado; e *coito*, é cousa muito diversa, pois significa a cohabitação dos dois sexos.

COUTO—freguezia, Minho, comarca e concelho de Villa Verde, e antigamente do couto de Santa Martha de Bouro, comarca de Pico de Regalados; 370 kilometros ao N. de Lisboa, 27 ao NO. de Braga, 114 fogos.

Orago S. Pedro, apostolo.

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

Um conego da Sé de Braga, apresentava o vigario, collado, que tinha 90$000 réis de rendimento.

Era da Ordem de Malta, pelo que os seus moradores tinham muitos privilegios.

(Esta freguezia foi ha muitos annos supprimida.)

Teve concelho proprio, com juiz ordinario, vereadores, procurador do concelho, escrivães, etc., feitos pelo povo e confirmados pelo commendador de Chavão (da Ordem de Malta) por ser terra do seu couto.

E' terra fria e pouco fertil, mas produz grande abundancia de lenha, cria muito gado de toda a qualidade e nos seus montes ha muita caça.

COUTO—grande aldeia, Beira Alta, (mesmo na extremidade O. da provincia e proximo ao rio Paiva, que a divide da provincia do Douro) freguezia de Souzello, extincto concelho de Sanfins, e hoje comarca e concelho de Sinfães. 60 fogos.

Fica perto da margem esquerda do Douro, e da direita do Paiva, ficando-lhe aquelle ao NO. e este ao O. E' muito populosa e commercial. Tem boas casas, uma botica e uma boa hospedaria.

Faz-se aqui uma grande feira (no Escamarão) a 29 de setembro.

E' povoação muito antiga, pois já existia em 1132, e formava o couto de Villa Mean ou Escamarão. Vide esta palavra e Alpendurada.

Dá-se-lhe vulgarmente o nome de Couto de Souzéllo ou Couto do Paiva.

E' terra fertil. Optimo vinho verde.

COUTO — vide Santa Christina do Couto, comarca e concelho de Santo Thyrso.

COUTO—freguezia, Minho, comarca e concelho dos Arcos de Val de Vez, 30 kilometros ao ONO. de Braga, 370 ao N. de Lisboa, 180 fogos.

Em 1757 tinha 28 fogos.

Orago S. Thiago, apostolo.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Vianna.

Era antigamente do concelho d'Entre Homem e Cávado, comarca e termo de Barcellos.

Situada em um monte, com boas vistas.

O reitor do Salvador do Campo apresentava o vigario, que tinha 50$000 réis, que lhe pagava a commenda, e o pé d'altar.

E' terra fertil. Cria muito gado.

O primeiro nome d'esta freguezia foi Gandara. Foi erigida em couto (tendo pelourinho, na aldeia da Porta) pelo conde D. Henrique, pelos annos 1100. Era, como toda a provincia do Minho que fica ao N. do rio Lima, do bispado de Tuy (Galliza) até que D. João I conseguiu do papa que este territorio passasse para o bispado de Ceuta. Depois, por troca, passou para o arcebispado de Braga. (Vide Braga.) Quando era couto, tinha juiz ordinario, dois vereadores, escrivão, meirinho, etc. Principiou então a chamar-se *Couto da Porta*, e por fim, simplesmente *Couto*.

COUTO — freguezia, Douro, comarca e concelho de Santo Thyrso, 24 kilometros ao N. do Porto, 330 ao N. de Lisboa, 60 fogos.

Em 1757 tinha 52 fogos.

Orago S. Miguel, archanjo.

Bispado e districto administrativo do Porto.

Era antigamente da comarca e termo do Porto. Depois passou para o concelho de Negréllos, e pela suppressão d'este para Santo Thyrso.

Situada na raiz de um monte.

O reitor de Córdova apresentava o cura annualmente, e este tinha 30$000 réis e o pé d'altar.

E' terra fertil.

N'esta freguezia, no sitio hoje chamado *Sá*, houve antigamente uma cidade chamada *Salla* ou *Sallas*, da qual ainda ha vestigios. Não se sabe quando nem por quem foi fundada, e suppõe-se que foi arrasada pelos mouros no seculo VIII.

COUTO — antiga freguezia, Minho, na comarca e concelho de Barcellos, e que tinha por orago S. Mamede. Em 1750 tinha 20 fogos. Está ha mais de 140 annos annexa á freguezia do Campo (ou S. Salvador do Campo). Vide Campo e Couto.

COUTO — freguezia, Minho, comarca e concelho de Barcellos, 28 kilometros ao O. de Braga, 360 ao N. de Lisboa, 40 fogos.

Em 1757 tinha 28 fogos.

Orago S. Thiago, apostolo.

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

O parocho era vigario perpetuo, apresentado pelo conego fabriqueiro da Sé de Braga; tinha 80$000 réis de rendimento e o pé d'altar. É terra fertil.

Tinha concelho proprio, com juiz ordinario, vereadores, procurador do concelho, escrivães, etc., feitos pelo povo e confirmados pelo commendador do Chavão (da Ordem de Malta) por ser a terra seu couto. Tinha os grandes privilegios dos caseiros de Malta.

É terra fria e pouco fertil; mas produz grande abundancia de lenha.

Nos papeis antigos, se lhe dá o nome de *Couto de Cambezes*.

COUTO D'ARENTIM — freguezia, Minho, comarca e concelho de Braga, d'onde dista 6 kilometros, 360 ao N. de Lisboa, 100 fogos.

Em 1757 tinha 80 fogos.

Orago S. Salvador.

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

O arcediagado da Sé de Braga, apresentava o vigario, collado, que tinha 50$000 réis.

Esta freguezia já está descripta sob a palavra *Arentim*, villa. Repito-a aqui por causa dos fogos que tinha em 1757, e pela congrua antiga do vigario. Vide Arentim, villa.

—

Ha em Portugal mais 47 aldeias do Couto. Nada de notavel ha em nenhuma d'ellas, senão deverem este nome a terem sido coutos de conventos, ou de fidalgos.

COUTO DE BAIXO — freguezia, Beira Alta, comarca, concelho e 6 kilometros ao O. de Viseu, 285 ao N. de Lisboa, 210 fogos.

Em 1757 tinha 180 fogos.

Orago Santa Eulalia.

Bispado e districto administrativo de Viseu.

Era da corôa.

Situada na falda do monte *Castro* (ou Crasto) em uma aprasivel campina.

O papa, as freiras de Lorvão e o bispo de Viseu apresentavam alternativamente o abbade, que tinba 330$000 réis.

É terra muito fertil. Produz muita e optima fructa. Muita caça.

O padre Cardoso diz que esta terra tem foral, dado por D. Manuel em 1514; mas Franklin não falla em similhante foral.

O que é certo, é ser povoação muito antiga. Em 1098, segundo o *Livro preto de Coimbra*, n.° 61, ou em 1090, segundo o original — doou o sacerdote *Frogia* (que com seu irmão *Ero*, *divae memoriae*, a tinham edificado na sua propria herdade) a egreja de Santa Eulalia do Couto de Baixo, á Sé de Coimbra, com todos os seus moveis e pertenças. Vide a freguezia seguinte.

COUTO DE CARAPÉÇOS — vide Carapéços.

COUTO DE CIMA — freguezia, Beira Alta, comarca, concelho e 6 kilometros a O. de Viseu, 280 ao N. de Lisboa, 200 fogos.

Em 1757 tinha 56 fogos.

Orago S. Martinho, bispo.

Bispado e districto administrativo de Viseu.

Era antigamente da comarca de Viseu, mas do concelho do Couto de Santa Eulalia (ou Couto d'Esteves).

Situada em um valle.

O papa, as freiras de Lorvão e o ordinario apresentavam alternativamente o abbade, que tinha 430$000 réis.

É terra fertil, e povoação muito antiga, pois já era freguezia no tempo dos godos.

Em 1090, doou o presbytero *Frogia* ao mosteiro de Lorvão, a sua egreja de Santa Eulalia do Couto de Cima *cum suas côrtes*. É por isso que as freiras de Lorvão tinham parte na apresentação dos parochos d'aqui.

Foram estes dois irmãos que fundaram esta egreja, como haviam fundado a do Couto de Baixo. Não se sabe o anno d'estas fundações, mas foi, com certeza, nos fins do seculo XI.

Ero, era parocho da freguezia do Couto de Baixo, e *Frogia*, do Couto de Cima. Morrendo *Ero* em 1090, ficou *Frogia* com as duas egrejas, que, ou no mesmo anno ou d'ahi a oito, doou, na fórma dita.

Notemos que o *Livro preto de Coimbra*, é uma copia; pelo que devemos prestar mais fé ao original (que está na Torre do Tombo.) Ora dizendo este que as doações tiveram logar em 1090, é mais provavel que fossem n'este anno, e não no de 1098, como diz a copia que está no archivo da Sé de Coimbra.

COUTO DE CUCUJÃES (ou simplesmente *Cucujães*, antigamente *Cucujães de Cacavellos*, e é o nome que lhe dá o foral da Feira) — freguezia, (foi villa), Douro, comarca, concelho e 5 kilometros a ONO. de Oliveira de Azemeis, 10 a E. da Feira, 30 ao S. do Porto e 285 ao N. de Lisboa, 750 fogos, 3:000 almas.

Em 1757 tinha 404 fogos.

Orago S. Martinho, bispo.

Bispado do Porto, districto administrativo de Aveiro.

Era antigamente da comarca de Esgueira, termo da Feira; depois, quando se creou a comarca da Feira, ficou-lhe pertencendo. Quando se formou a comarca de Oliveira

de Azemeis, passou esta freguezia a ser da comarca e concelho d'esta villa.

Esta freguezia é no vasto territorio, denominado, desde o tempo dos godos, *Terras de Santa Maria* ou *Terra da Feira*. Tinha os grandes privilegios dos outros moradores d'este territorio, sendo um dos principaes, nos tempos antigos, terem os cavalleiros, para todos os effeitos, fôro de *infanções;* e os peões, fôro de cavalleiros. (Vide Feira, villa.)

É povoação antiquissima. D. Affonso VI de Leão, lhe deu fôro de villa e a fez couto em 1058. (Este D. Affonso VI era avô do nosso D. Affonso I.) Vide no archivo da Torre do Tombo, maço 8.º dos foraes antigos, n.º 1.)

Em 7 de julho de 1139, D. Affonso Henriques deu ao mosteiro de Cucujães o couto do mesmo nome (a freguezia). Este couto existiu com esta cathegoria 776 annos.

D. Manuel não deu foral especial a Cucujães; mas incluiu esta freguezia no que deu á Feira, em Lisboa, a 10 de fevereiro de 1514. (*Livro de foraes novos da Extremadura*, fl. 176, v., col. 2.ª—*Livro dos foraes antigos*, de D. Affonso III, declarado nas inquirições tiradas no mez de agosto de 1251, maço 8.º, n.º 1.)

Situada em terreno muito accidentado, mas muito fertil nos valles, e seus outeiros são cobertos de frondosos arvoredos e *arvores de vinho* e em muitas partes cultivados e tambem n'outros povoados de vastos pinhaes.

A egreja do mosteiro é, e foi sempre, a matriz da freguezia, desde que se demoliu a antiga.

O abbade era commummente um frade do convento d'esta freguezia. Era da apresentação triennal do mosteiro benedictino d'aqui, e tinha só o pé d'altar. Em quanto foi parocho regular, tinha o titulo de vigario; desde 1834 é abbade. Rendia para o mosteiro 800 mil réis.

Ha n'esta freguezia as capellas de S. Sebastião, Santa Luzia, Nossa Senhora da Conceição e Santo Antonio.

Até 1834, tinha juiz ordinario com seu escrivão, procurador do couto e meirinho, feitos a votos do povo, na presença do D. abbade do convento, como donatario d'este couto, que era isento de toda a jurisdicção civil, com appellação para o D. abbade (como ouvidor que tambem era do couto) e d'este para a Relação do Porto. No crime, era sujeita á villa da Feira.

Tinha este couto muitos e grandes privilegios, dados por D. Affonso VI, de Leão, em 1058 (no foral que então lhe deu) e confirmados pelos primeiros reis de Portugal. As cartas d'estes privilegios existiam no cartorio do convento.

Passa pela freguezia o rio Antuan, mas aqui se chama Feirral (antigamente Ral). Tambem se chama Ul. É aqui atravessado por quatro pontes de cantaria; uma muito antiga, chamada a ponte da Picca [1] e outra moderna, muito elegante (feita em 1860) chamada da Margonça.

Outra tambem antiga, que d'antes se chamava *ponte de Ral* e hoje do *Feirral*. Ao SE. d'esta está tambem a nova ponte muito elegante e bastante alta, chamada *dos Moinhos*, feita em 1870, sobre a estrada de Ovar para Oliveira de Azemeis. Estas quatro pontes estão tão proximas umas das outras, que entre todas não ha extensão superior á 2 kilometros.

Mais alguns ribeiros anonymos régam e fertilisam esta freguezia.

Na aldeia de Santa Luzia, havia uma boa feira no dia 1.º de cada mez. Proximo da feira houve uma estação telegraphica do antigo systéma.

Pelo E. e NE. da freguezia passa a estrada real (de *macadam*) de 1.ª ordem, que liga Lisboa com o Porto, Barcellos, Braga, Vianna, Caminha, etc.

Tem um ramal de estrada á *macadam*, que, atravessando a freguezia, liga a estação do caminho de ferro do norte (d'Ovar, a 12 kilometros a O.) com a estrada real de Lisboa. É a estrada n.º 40. Sae da Ribeira, de Ovar, atravessa as freguezias de Souto, Mosteiró, Couto, S. Thiago de Riba Ul, Oliveira

[1] *Picca* é uma especie de abeto (ou pinheiro alvar). É palavra latina. Tanto a *picca*, como o abéto e o pinheiro, dão a resina vulgarmente chamada *pêz*.

de Azemeis, Ossella, Cambra (aqui em construcção) e une á de Arouca, e d'aqui hade hir a Entre os Rios, Penafiel e Guimarães. Está pois esta freguezia unida com muitas e importantissimas povoações, incluindo Lisboa e Porto.

Está em construcção uma estrada municipal, d'Ovar a Santa Luzia. Está projectada outra d'aqui a S. João da Madeira e a Santo Amaro.

Tem tambem um ramal de estrada que liga a egreja com a estrada d'Ovar a Oliveira de Azemeis, e outro que liga a casa do sr. visconde de Carregoso e a fabrica dos srs. Carvalhos com a mesma estrada d'Ovar.

—

Da grande e bem montada fabrica de chapeus de lan, de superior qualidade, dos srs. Carvalhos, pae e filho, já fallei no logar competente. Vide Aldeia Nova.

O sr. Sebastião Pinto Leite (hoje visconde da Gandarinha) tem uma magnifica casa de campo e bella e extensa quinta no logar da Gandarinha, d'esta freguezia. Vide Gandarinha.

O sr. dr. Alexandre Celestino Soares de Albergaria tem tambem no logar do Buraco, d'esta freguezia, e sobre a margem do rio Ul, uma sumptuosa casa de campo, vasto e bonito jardim e grande quinta, onde por duas vezes esteve hospedado o senhor D. Miguel I e a familia real, no tempo do cêrco do Porto (1832 a 1834). Vide Buraco.

E no logar de Carregoso, tambem d'esta freguezia, tem o sr. Antonio Gomes Brandão (hoje visconde de Carregoso) uma bella casa e boa quinta. Vide Carregoso.

Ha n'esta freguezia muitas casas boas e luxuosas, de differentes proprietarios.

Tem um convento de frades bentos, fundado (ou reedificado) por D. Payo Guterres da Silva, governador de Portugal por D. Affonso VI de Leão e Castella, em 1060.

Este mesmo D. Payo Guterres fundou os conventos da Junqueira e de Villela. Vide estas duas palavras. Parece-me que este convento foi fundado por Egas Moniz, o *Gasco* (ou *Gascão*) quando veio de França com o bispo do Porto, D. Nonego, pelos annos de 1004 ou 1005 de Jesus Christo. É certo que elle (Egas Moniz, o *Gasco*) aqui foi sepultado.

Ainda outros pretendem que o fundador d'este mosteiro foi Egas Moniz, aio de D. Affonso Henriques. Isto é manifesto engano, fundado na semelhança do nome, e em ter este célebre segundo Egas Moniz, descendente do outro, fundado um convento, da mesma ordem benedictina, em Paço de Sousa (onde jaz) e outros em differentes partes. A causa da minha supposição, que me parece probabilissima, é ser padroeira d'este mosteiro, em 1091, D. Godinha Soares, que fez n'esse anno, troca com o mosteiro de Arouca, de varios foros e propriedades; dando-lhe em Arouca e recebendo aqui. Vide adiante, onde fallo no logar do Têso.

Tem uma boa egreja, que, como já disse, é a matriz da freguezia, bom edificio, um vasto terreiro á entrada, e grande e rendosa cêrca, guardada por um alto muro. É hoje propriedade particular do sr. Manuel Joaquim da Fonseca.

Este convento era muito rico, e, como se vê da data da sua fundação, um dos mais antigos de Portugal, e mais antigo do que a monarchia portugueza.

Foi *hospital de sangue* do exercito realista de operações ao sul do Douro, durante a guerra civil de 1832 a 1834.

Era commendador d'esta freguezia, D. Antonio de Lima (camareiro mór do duque de Guimarães, filho do infante D. Duarte e neto de D. Manuel I.) Este commendador era pae da tão celebrada D. Catharina d'Atahide que Camões immortalisou com seus amores e com as suas bellissimas poesias, sob o pseudonimo de (*Nathercia* anagramma de Catharina.)

Tem duas minas de chumbo, que eram propriedade dos referidos srs. Carvalhos, da Aldeia Nova e do sr. José L. Ferreira, d'Albergaria Velha.

A primeira é denominada de Monte-Meão, e a segunda do Feirral. São contiguas. Hoje são ambas de uma companhia ingleza, que dá aos seus primeiros proprietarios 22 e meio por cento do lucro liquido, por escriptura de 28 de dezembro de 1870.

—

Consta que um lavrador da aldeia de Fa-

ria, d'esta freguezia, tendo um formoso cavallo, de merecimento, o deu a um dos nossos reis, que o fez conde de Faria. Não sei se aqui ha engano (por causa da homonymia com os condes de Faria, do Minho; mas o que é certo é haver aqui uma familia que se dizia descendente do tal conde, e que era geralmente conhecida por «*os do conde*» — Eu ainda conheci uma pessoa d'esta familia, chamada o *Manuel do Conde.*

A esposa do sr. Agostinhó F. Velho (rico negociante e capitalista da cidade do Porto) é descendente do tal *conde de Faria.*

—

É tradição por estes sitios que no sitio onde hoje está a ponte da *Margonça*, existiu em tempos antigos uma cidade (ou grande povoação) mourisca, que foi arrasada durante as guerras dos seculos VIII e IX. Não me consta que haja vestigios d'ella. Diz-se que esta tal cidade se chamava *Marguçon*, ou *Marcuzon*. É certo que *marcuzon* é palavra árabe. (Significa a junta dos dois ossos do craneo. *Avicena*, cap. 1.º, pag. 10.)

N'esta freguezia ha uma aldeia chamada *Rio d'Ossos.* Diz-se que a causa d'este nome foi uma grande batalha que aqui houve entre lusitanos e normandos ou gascões (normões se chamavam nesse tempo) e que ficando muitos cadaveres insepultos, sobreveio uma cheia que os arrastou na sua corrente, pelo que ao logar e ao ribeiro que aqui proximo corre, se lhe deu o nome de *Rio d'Ossos.*

O *Rio d'Ossos* é uma aldeia de uns 40 fogos, situada no vasto plató de um monte.

Proximo a esta povoação (mas já na freguezia de S. Martinho da Gandara, do mesmo concelho) ha tenues vestigios de um antiquissimo castello, que, segundo a tradição, se chamava *Castro-Troncal* (ou *Francal.*) É certo que junto aos vestigios do castello ha uma aldeia chamada *Crasto.* Parece-me que o que aqui houve foi um *carn* celtico (ou pre-celtico) e que d'esta palavra carn é que o povo fez crasto, como aconteceu a varios sitios de Portugal. Esta minha supposição é por haverem nas immediações mâmoas, o que é prova irrefragavel de que estes sitios já foram habitados em tempos remotissimos, por povos celtas, ou anteriores aos celtas.

O sr. visconde de Carregoso, cidadão benemerito, natural d'esta freguezia, a dotou ha poucos annos com uma bella casa para a escola d'instrução primaria do sexo masculino, que, á excepção da de Aveiro, é a melhor do districto.

Anda-se tractando de fazer, por subscripção, uma outra casa para escola de meninas e outra para uma assembleia. A maior parte d'esta subscripção vem do Brazil, onde estão mais de 800 individuos d'aqui, alguns muito ricos.

Anda-se construindo um bom cemiterio, para o qual, e para obras da egreja, deu o sr. Antonio Soares da Silva 150$000 réis.

Vae tambem fazer-se um ramal de estrada, que ligue o logar da Venda Nova com a egreja, e para o qual o mesmo sr. Silva dá 200 e tantos mil réis. Este benemerito patriota, que é natural d'aqui, está actualmente no Rio de Janeiro; mas, apesar d'isso, não se esquece da terra onde nasceu. Honra-lhe seja feita.

A familia dos srs. Pintos Leites, ricos negociantes e capitalistas da cidade do Porto é natural d'esta freguezia. Consta-me que um membro d'esta respeitavel familia, (o sr. Sebastião Pinto Leite, visconde da Gandarinha) vae aqui fundar um estabelecimento de caridade.

Não é de esperar outra cousa da sua magnanimidade. A senhora d'este cavalheiro, tambem é da mesma familia, pois é sobrinha d'elle.

—

Alem da grande fabrica de chapeus da Aldeia Nova, ha outras mais, que apesar de serem de menor importancia, nem por isso deixam de concorrer para a prosperidade da freguezia.

Fabricam-se aqui muitas e optimas têas de linho, que se exportam para a Extremadura, Alemtejo, Algarve e Brazil.

Ha tambem muitos negociantes de madeira, de artefactos de lan e algodão e outros generos.

Tem esta freguezia actualmente dois viscondes e trez commendadores.

É uma das mais populosas e ricas freguezias do districto d'Aveiro, pela sua fertilidade, pelos muitos negociantes e industriaes que aqui ha e, sobre tudo, pela grande quantidade de pessoas d'esta freguezia que estão negociando no Brazil (já disse que são mais de 800) e que de lá teem mandado e estão mandando bôas quantias de dinheiro, o que tudo tem contribuido muito poderosamente para a prosperidade e grande desenvolvimento material e moral que nestes ultimos tempos tem tido esta freguezia.

Grandes capitalistas naturaes d'esta freguezia (e que aqui teem boas propriedades) estão estabelecidos em Lisboa, Porto, Rio de Janeiro, Pará, Pernambuco, etc. etc.

Se, como é de esperar, nos annos futuros o Couto de Cucujães tiver o desenvolvimento que tem tido ha 30 annos a esta parte, não está longe a época de ser a mais rica freguezia rural do reino, se já a não é.

—

Ao S. da capella de Santa Luiza, a distancia de 300 metros, em um cabeço(onde foi estabelecido o primeiro telegrapho que aqui houve) e chamado vulgarmente Mama do Gato, existiu uma mâmoa celtica, que foi destruida para se cultivar este sitio. Da palavra mâmoa é que o povo fez mama.

Tambem houve outra mâmoa, de que ainda ha vestigios, uns 500 metros ao S. da antecedente, em um pinhal a que chamam do Peralta, proximo ao logar de Crasto Trancal.

A mâmoa é no districto desta freguezia, mas a aldeia de Crasto Trancal é já na freguezia de S. Martinho da Gandara.

É terra muito fertil e exporta para Inglaterra muito gado bovino.

—

É tradição que na aldeia do Têso, d'esta freguezia de Cucujães, houve em tempos remotos um convento de freiras bentas (do qual não restam vestigios) que parece se uniu depois ao de frades da mesma Ordem d'esta freguezia, ficando depois dobrado ou mixto, como foi costume antigamente. Outros dizem que o convento não era no Têso, mas em um logar da freguezia de S. Thiago de Riba-Ul, que é contigua. Parece-me que haviam até dois pequenos conventos de freiras bentas, um na freguezia de S. Thiago de Riba-Ul, outro aqui, no logar do Têso; porque d'ambos se conserva a tradição por estes povos.

Alem d'isso, e apesar de não haver vestigios alguns de nenhum d'estes mosteiros (que deixaram d'existir ha uns poucos de seculos) ha no Têso um sitio, que hoje é terra lavradia, chamado Campo da Estribaria, que, segundo a tradicção, está no logar onde foram as cavallariças do tal mosteiro.

Ainda mais — depois de extincto o mosteiro, passou o dominio de tudo quanto a elle havia pertencido a uma dona (provavelmente *commendataria*) e ainda hoje ha memoria da existencia d'esta dama, a quem chamavam a Senhora da Quinta do Têso.

Notemos que em 1091, era padroeira e commendataria do convento de frades benedictinos d'aqui (como já disse) D. Godinha Soares. Estou persuadido de que, a Senhora da Quinta do Têso, era a tal D. Godinha ou alguma sua descendente, e que a familia hoje proprietaria d'esta quinta, é descendente da tal D. Godinha, porque ainda actualmente usa do appellido—Soares — que o era da mesma senhora. Tambem por estes sitios ha varias familias d'appellido Godinho, que é provavel terem a mesma procedencia.

No sitio onde consta que estava edificado o mosteiro, estão hoje umas boas casas, com sua quinta, propriedade do benemerito sr. Antonio Soares da Silva, de quem já fallei.

—

Nasce n'esta freguezia, no sitio do Barrôco de Santa Luzia e no Valle Grande, o ribeiro chamado Rio Negro, que passa á freguezia de Vállega e ahi desagua na ria de Ovar, proximo á capella de Nossa Senhora de Entraguas.

E no sitio chamado Fonte do Mouro, tambem d'esta freguezia, nasce outro ribeiro, chamado rio da Senhora da Graça, que desagua na mesma ria.

—

Apesar de ser muito antigo o convento d'esta freguezia, ella era ainda muito mais antiga, pois que a sua egreja matriz já era

antiquissima quando se edificou a egreja do convento. Sendo esta muito maior do que aquella, que de mais a mais devia estar arruinada. Foi demolida a primittiva egreja (logo que se fez a actual) e passou a do mosteiro, desde então, a ser parochial, por ordem dos frades, que eram senhores da freguezia, e padroeiros da egreja.

É tradição constante e geral na freguezia, que a sua primeira matriz estava fundada na aldeia de Cucujães (hoje vulgarmente chamada Venda Nova ou Aldeia Nova (vide Aldeia Nova de Cucujães) em um sitio, que hoje é terra lavradia, proximo e ao NE. das casas do sr. Manuel José de Carvalho.

Consta que o nome de Venda Nova procede do seguinte:

Parece que desde a demolição da antiga matriz (de que não restam os mais pequenos vestigios) ficou despovoado ou quasi despovoado este logar. Pela expulsão dos jesuitas (1759) consta que veio aqui estabelecer-se com uma taberna, um tal Aveiro (que se dizia pertencer á Companhia de Jesus) e que desde então o vulgo entrou a chamar ao sitio de Cucujães—Venda Nova. E' certo que a casa da *venda* do tal Aveiro, foi demolida ha poucos annos, e era onde hoje está uma bonita morada de casas, de que é proprietario o sr. Andrade. Entretanto no rol da egreja e officialmente sempre a esta aldeia se ficou chamando Cucujães.

Tambem é tradição que a aldeia d'esta freguezia chamada Villa Nova, foi villa, em tempos antigos. Não acho isto em nenhum escriptor; mas é provavel que fosse a esta povoação que D. Affonso VI deu o titulo de villa, em 1058.

COUTO D'ERVEDÊDO—vide Ervedêdo.

COUTO D'ESTEVES—pequena villa e freguezia, Douro, concelho de Sevêr do Vouga, comarca de Agueda, 280 kilometros ao N. de Lisboa, 40 a O. de Viseu, 266 fogos.

Em 1757 tinha 193 fogos.

Orago Santo Estevão, proto-martyr.

Bispado de Viseu, districto administrativo de Aveiro.

O reitor da freguezia de S. Miguel da Ribeiradio apresentava o cura, *ad nutum*, que tinha de rendimento 30$000 réis e o pé d'altar.

E' em terreno accidentado, mas fertil e saudavel. Cria muito gado e nos seus montes ha muita caça.

E' povoação muito antiga. Em 1067 era do convento de Lorvão.

Franklin não menciona foral algum, antigo ou moderno, dado a esta pequena villa; todavia julgo que teve foral, dado por D. Thereza e seu filho, D. Affonso Henriques, em 1128, fazendo-a então couto de Lorvão, e dando-lhe muitos privilegios.

Quando era couto, tinha juiz ordinario, dois vereadores, escrivão e meirinho.

Depois foi concelho, com juiz ordinario, escrivães, officiaes de diligencias, etc., administrador (provedor) do concelho, camara com cinco vereadores, escrivão, etc. Foi este concelho supprimido em 1836, hindo formar parte do de Sevêr do Vouga, ao qual hoje pertence.

Esta freguezia foi em tempos remotos uma povoação da de Ribeiradio; depois passou a ser curato da mesma, e por fim independente. Desde 1862, ficou sendo vigariaria, com parocho collado.

Termina ao S. no rio Vouga, que corre aqui quasi sempre por entre montes ingremes e alcantilados, sendo o resto orlado de arvoredos. Ao E. confina com a freguezia de S. João da Serra, do concelho de Oliveira de Frades e com a de Arões, do concelho de Macieira de Cambra. Ao N. com a da Junqueira, d'este ultimo concelho, e, finalmente, ao O. com a freguezia de Rocas, do concelho de Sever do Vouga.

No sitio de Ramillo, proximo á villa, existiu uma fôrca de pedra.

No edificio que foi casa da camara, e que a junta de parochia applicou para escola de instrucção primaria, ainda existe um cutello, correntes, mordaças, embudes (para o supplicio da agua) e outros instrumentos de tortura; assim como outros objectos cuja applicação hoje se ignora. Tambem alli existe uma arca com muitos manuscriptos antigos; mas illegiveis, pelo seu mau estado.

Diz-se que houve aqui um conde godo, outros dizem que era um emir arabe (alguns

até lhe dão o titulo de rei) senhor de baraço e cutello, com mero e mixto imperio, julgando, sem recurso, ainda em pena de morte.

Inclino-me a acreditar que este senhor do couto, não era godo nem mouro, mas portuguez e christão, pois consta que foi elle o fundador de uma capella, que hoje serve de altar-mór da egreja matriz, no anno de 1177, reinando D. Affonso I, de Portugal.

(Entendo que é a *era* e não o *anno* e vem então a ser o anno 1139 de Jesus Christo.)

—

No logar do Couto de Baixo, d'esta freguezia, está a casa e quinta da Fonte, solar dos Sequeiras e Quadros, instituida em morgado, por Francisco Tavares Coutinho, que teve dois filhos e cinco filhas. Um dos filhos (D. Manuel) foi bispo de Portalegre e o outro foi lente de prima, na universidade de Coimbra, do qual procede a familia actual.

Todas as cinco filhas foram freiras, quatro no real mosteiro de bernardas, de Arouca, e uma em Coimbra.

O ultimo morgado de Couto d'Esteves, foi o sr. Antonio Cardoso de Barros Loureiro Sequeira e Quadros, que morreu solteiro e sem filhos, em 14 de março de 1864. Era um cavalheiro honradissimo e muito illustrado. Está embalsamado na sua capella de S. Geraldo, contigua á egreja matriz. Tinha nascido em 1811.

Segundo o seu testamento, deve ser removido para um carneiro (que a familia anda a construir) no cemiterio publico da freguezia. No mesmo testamento, impoz á sua herdeira a obrigação de vestir annualmente cinco pobres da freguezia.

Deixou por sua herdeira universal, sua irman a sr.ª D. Maria Benedicta Sequeira de Quadros, casada com o sr. dr. Alexandre Soares Gomes Feijão. Ainda não ha filhos d'este matrimonio, pelo que é provavel a extincção d'esta antiga e nobilissima familia.

—

As armas dos Barros, são:—em campo de púrpura, tres bandas de prata, e sobre o campo, nove estrellas de ouro, uma na cabeça do campo, seis no meio e duas no fim. Timbre, uma aspa de púrpura, com cinco estrellas de prata.

—

As dos Cardosos, são:—em campo de púrpura, dois cardos verdes, floridos, com flor e raizes de prata, entre dois leões de ouro, batalhantes, armados de púrpura. Timbre, uma cabeça de leão de ouro, sahindo-lhe pela bôca, um cardo como o das armas.

—

As dos Coutinhos, são:—em campo de ouro, cinco estrellas de púrpura, de cinco pontas cada uma, em aspa. Timbre, um leopardo de púrpura, com uma estrella de ouro na espadua, armado de púrpura.

—

As dos Loureiros, são:—escudo esquartellado, no 1.º, de púrpura, um torreão de prata, e arrimada a elle, uma escada de ouro; no 2.º e 3.º, de púrpura, cinco folhas de figueira, verdes, perfiladas de ouro (que são as dos Figueiredos, com quem os Loureiros se alliaram) o 4.º, dividido em pala, na 1.ª, de ouro, bandeira de púrpura, de duas pontas; na 2.ª, de púrpura, bandeira de prata, tambem de duas pontas, e ambas com ferros da sua côr, e asteas de ouro. Elmo de aço, aberto, e por timbre, o dos Loureiros, que são dois braços de leão, de púrpura, em aspa, e uma folha de figueira das armas, em cada garra, e no meio, um meio corpo de homem, de frente, com as mãos atadas com uma corda de ouro.

Estas armas foram assim construidas (accrescentadas ás dos Figueiredos, por ordem de D. João III, a favor de Luiz de Loureiro, adail-mór do reino e do seu conselho (do rei). A carta regia que mandou usar d'estas armas a Luiz de Loureiro, foi passada a 6 de junho de 1551.

—

As dos Quadros, são: escudo escaquetado de prata e asul, de tres peças em faxa e tres em pala. Timbre, meio leopardo de asul, armado de prata, com um taboleiro de xadrez, tambem de prata e asul, nas mãos.

Outros Quadros fizeram algumas variantes nas suas armas.

—

As dos Sequeiras, são:—em campo asul,

cinco vieiras de ouro, em aspa, realçadas de negro. Elmo de aço aberto, e timbre, quatro plumas' asues, guarnecidas de ouro, com uma das vieiras no meio.

Outros Sequeiras augmentaram as suas armas, quando se ligaram a outras familias que as tinham.

—

As dos Tavares, são:—em campo de ouro, cinco estrellas de púrpura, de seis pontas. Elmo de aço aberto, e por timbre, meio cavallo de púrpura, sellado, com peitoral, cascaveis e freio de ouro.

—

As dos Gomes, são:—em campo de púrpura, um pelicano, ferindo com o bico o peito, e dando a seus filhos o sangue que d'elle corre.

—

As dos Soares, são:—em campo de púrpura, duas albarradas (vasos) de prata, de duas asas cada uma, cheias de açucenas da sua propria côr, abertas, entre uma banda real, de ouro. Elmo de aço aberto, e por timbre uma das albarradas das armas.

Outros Soares, têem por armas, em campo de púrpura, uma torre de prata, lavrada de negro. Outros do mesmo appellido, trazem por armas, em campo de ouro, tronco verde, com pontas de prata e sobre elle um leão asul, lampassado de púrpura. Todos estes têem elmo de aço aberto, e por timbre o leão das ultimas armas.

Note-se que os Soares de Albergaria, os de Azevedo, de Mendonça, de Tangil e de Toledo, têem armas construidas de differente modo.

—

Como o tronco originario e principal dos morgados de Couto d'Esteves, é um Tavares, direi rapidamente alguma cousa sobre a sua origem.

O appellido Tavares, é muito nobre em Portugal. Procede de D. Pedro Viegas de Tavares, que foi senhor da cidade da Guarda, no reinado de D. Sancho I.

Os Tavares foram, de paes a filhos, por muitos annos, alcaides-móres de Portalegre, Assumar e Alegrête, no Alemtejo. Eram senhores donatarios de Mira, na Bairrada. Villas Boas diz que tomaram o appellido, da sua villa de Tavares, no districto de Viseu.

Ainda por estas terras ha varias familias (principalmente em Cambra) que usam dos appellidos de Tavares Coutinho, descendentes do instituidor do vinculo da Granja, de Couto d'Esteves.

—

Esta freguezia tem prosperado bastante no presente seculo, e augmentado de população.

Quando era concelho, constituiam-o as povoações seguintes: Couto d'Esteves, S. Fins, Linherio, Irigo e a freguezia de Rocas. Eram já estas povoações que formaram, por mais de sete seculos, o couto, denominado d'Esteves.

COUTO DE FARÍA—Minho, antigo julgado, na freguezia da Junqueira (S. Simão da) a 3 kilometros de Villa do Conde; entre os rios Ave e Éste (ou Déste). Era couto dos frades crusios do convento da Junqueira. Vide Faría e Junqueira.

COUTO DE GONDUFE—vide Gondufe.

COUTO DO MOSTEIRO—freguezia, Beira Alta, comarca e concelho de Santa Comba Dão, 48 kilometros de Coimbra, 250 ao N. de Lisboa, 270 fogos.

Em 1757 tinha 250 fogos.

Orago Santa Columba.

Bispado de Coimbra, districto administrativo de Viseu.

O bispo de Coimbra apresentava o prior, que tinha de rendimento 400$000 réis.

D. Manuel a fez villa e lhe deu foral, em Lisboa, a 12 de setembro de 1514. *Livro de Foraes novos da Beira*, fl. 42, col. 1.ª Vejam-se as minutas para os foraes novos de suas terras, no *Corpo Chronologico*, parte 1.ª, maço 1.º, documento 2.º, na Torre do Tombo.

Hoje está reduzida a aldeia.

D. Affonso III é que a fez couto, e a deu aos bispos de Coimbra, em 1255.

É terra fertil. Nos seus montes ha muita caça. Cria bastante gado de toda a qualidade.

COUTO DE MOURE D'OLIVA—vide Moure, de Villa Verde.

COUTO DO SOUTO—vide Souto (S. Salvador) em Terras de Bouro.

COUTOS DE SANTA EULALIA — Vide Santa Eulalia (Coutos de).

CÓVA (S. Pedro da) — freguezia, Douro, concelho de Gondomár, comarca e 10 kilometros a NE. do Porto, 315 ao N. de Lisboa, 350 fogos.

Em 1757 tinha 98 fogos.

Orago S. Pedro, apostolo.

Bispado e districto administrativo do Porto.

Era antigamente do termo e comarca do Porto, concelho de Penafiel.

O abbade era de collação pontificia, e tinha de renda 400$000 réis e tem bons e grandes passaes (Isto segundo Cardoso.)

O *Portugal Sacro e Profano* diz que era da apresentação da mitra, e que tinha de renda 650$000 réis.

É terra muito fertil, e exporta diariamente para o Porto cereaes e fructas, com o que faz grande commercio.

Era couto dos bispos do Porto, e tinha juiz ordinario feito a votos pelo povo e confirmado pelo bispo do Porto.

Passa n'esta freguezia o rio Ferreira, que a rega e fertilisa e faz mover moinhos de pão.

Parte da freguezia é situada em uma baixa (d'onde lhe vem o nome de *Cóva*) e o resto em terreno accidentado. Fica proximo da villa de Vallongo.

Ha n'esta villa a grande mina de carvão fossil, do Estado, descoberta em 1802, da qual se extrahem annualmente uns 7 a 8 mil carros de carvão da especie chamada *anthracites*. Anda arrendada a uma companhia e esta subarrendou ao actual explorador.

Cóva ou *silo* — especie de celleiro subterraneo de que usavam os celtas e antigos lusitanos. Os mouros ainda hoje usam d'estas *cóvas*, a que chamam *atamorras* e *matmorras*. São como cisternas e n'ellas se conserva o trigo e centeio, cinco e seis annos sem a minima corrupção. Algumas eram feitas de pedra, mas a maior parte eram póços muito bem calçados em terrenos sêccos. (Vide Atamôrra.)

CÓVA — freguezia, Minho, comarca da Póvoa de Lanhôso, concelho de Vieira, 24 kilometros ao N. de Braga, 370 ao N. de Lisboa, 100 fogos.

Em 1757 tinha 77 fogos.

Orago S. João Baptista.

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

Era antigamente da comarca de Guimarães, concelho de Lanhoso e Vieira.

O arcebispo de Braga apresentava o abbade por concurso synodal, que tinha 350$000 réis de rendimento.

É terra fertil.

Antes de ser do concelho de Lanhoso, comarca de Guimarães, foi da mesma comarca, mas do concelho da Ribeira de Soaz, cuja cabeça era a freguezia da Caniçada. (Vide Caniçada e Soêngas.)

O foral dado a Ribeira de Soaz por D. Manuel, em Lisboa, a 16 de julho de 1515, serve tambem para esta freguezia, que n'elle vem comprehendida.

CÓVA DAS BARRANCAS — logar da freguezia de Maçãs de Dona Maria, concelho de Figueiró dos Vinhos.

Tem minas de ferro, de que é proprietario legal o sr. Carlos Hynece, reconhecido em agosto de 1873.

CÓVA DA LUA ou **SANTA COMBA** — freguezia, Traz-os-Montes, comarca e concelho de Bragança, 60 kilometros de Miranda, 455 ao N. de Lisboa, 46 fogos.

Em 1757 tinha 25 fogos.

Orago Santa Comba ou Columba.

Bispado e districto administrativo de Bragança.

Era antigamente da comarca de Miranda, termo de Bragança.

Era da corôa.

Situada em uma ladeira, d'onde se não avistam outras povoações.

O abbade da freguezia de Espinhosella apresentava o cura, que tinha 8$000 réis de congrua, e o pé d'altar.

É terra fertil em centeio, vinho e castanhas, e produz muito bôas fructas. Do mais pouco.

CÓVA DA PIEDADE — Depois do que disse d'este formoso sitio, em Almada e Cacilhas, accresceu mais o seguinte:

No anno de 1873 ajardinou-se o terreiro

que está no meio da povoação. Tem no centro um pavilhão para a philarmonica. Na face O. d'este pavilhão puzeram um letreiro, que diz:

Em memoria do feito heroico de 23 de julho de 1833
alguns cava'heiros residentes n'este sitio e cercanias
mandaram aformosear este largo e avenidas, a expensas suas
auxiliados pela vedoria da casa real.
Dedicado pela amisade, a tão prestantes cidadãos
Em 23 de julho de 1873.

(Vide Almada e Cacilhas.)

CÓVA DOS MOUROS — aldeia, Algarve, comarca de Tavira, concelho de Alcoutim, freguezia de Martím Longo.

Ha aqui uma grande mina de cobre em exploração, proximo a Vaqueiros. Dá 22 0[0 de pyrites e cobre *panaché.*

É da companhia denominada da *Cóva dos Mouros.* Anda arrendada aos srs. visconde de Carregoso e Antonio José Pereira de Magalhães.

Já foi explorada pelos romanos, ou pelos arabes, de que ha muitos vestigios.

COVÃO DO LOBO — freguezia, Douro, comarca de Aveiro, concelho de Vágos, 12 kilometros ao S. de Aveiro, 240 ao N. de Lisboa, 500 fogos.

Em 1757 tinha 232 fogos.

Orago o Salvador.

Bispado e districto administrativo de Aveiro.

Era antigamente da comarca de Esgueira, termo de Vágos, depois foi da comarca da Anadia, até que passou para a de Aveiro.

Situada em uma planicie, d'onde se vê a serra do Bussaco e muitas terras desertas.

O vigario de S. Thomé de Mira apresentava annualmente o cura, que tinha 8$000 réis e o pé d'altar, ao todo 100$000 réis.

Tinha este cura obrigação de paramentar a capella-mór do real convento de Santa Cruz de Coimbra.

E' terra fertil.

COVÃO DO LOBO — Beira-Baixa, sitio na Serra da Estrella. (Vide Estrella, serra.)

CÓVAS — rio, Traz-os-Montes, comarca de Montalegre, concelho das Boticas. Nasce nas faldas meridionaes da serra das Alturas, e atravessando o couto de Dornellas, e recebendo, pela margem direita, os ribeiros d'Agréllos e Couto, depois de um curso de 12 kilometros, se despenha no rio *Béça,* e tomando ambos o nome de *Rio das Mestras.*

Réga, móe e traz excellentes trutas, e outro peixe miúdo.

CÓVAS ou **SANTA MARIA DE CÓVAS** — freguezia, Minho, antiga comarca de Pico de Regalados, concelho de Aboim da Nobrega, e hoje comarca e concelho de Villa Verde, 18 kilometros ao N. de Braga, 375 ao N. de Lisboa, 140 fogos.

Em 1757 tinha 105 fogos.

Orago Nossa Senhora das Neves.

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

Era antigamente visita da Nóbrega e Neiva, termo da Ponte da Barca, comarca de Vianna.

É terra fertil.

Passa aqui o rio Váde.

O abbade de S. Thomé de Váde apresentava o vigario (por ser esta freguezia de Cóvas annexa á de Váde) e tinha 2 alqueires de trigo, 2 almudes de vinho e 8$000 réis em dinheiro, e o pé d'altar, ao todo 60$000 réis.

CÓVAS — freguezia, Douro, antiga comarca e concelho de Midões, hoje comarca e concelho da Tabua, 54 kilometros de Coimbra, 240 ao N. de Lisboa, 420 fogos.

Em 1757 tinha 224 fogos.

Orago Nossa Senhora da Conceição.

Bispado e districto administrativo de Coimbra.

É terra muito fertil.

A casa do infantado apresentava o prior que tinha 430$000 réis de rendimento annual.

CÓVAS — freguezia, Douro, comarca e concelho de Louzada, 35 kilometros a ENE. de Braga, 335 ao N. de Lisboa, 90 fogos.

Em 1757 tinha 74 fogos.

Arcebispado de Braga, districto adminis-

trativo do Porto. Orago S. João Evangelista.

Era antigamente do termo do Porto, 3.ª parte da visita de Sousa e Ferreira.

Situada em um monte. Fertil.

O arcebispo e o bailio de Leça apresentavam alternativamente o abbade, que tinha 300$000 réis de rendimento annual.

CÓVAS—freguezia, Minho, comarca de Valença, concelho de Villa Nova da Cerveira, 48 kilometros ao ONO. de Braga, 405 ao N. de Lisboa, 360 fogos.

Em 1757 tinha 340 fogos.

Orago o Salvador.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Vianna.

Era antigamente da comarca de Vianna, termo de Villa Nova da Cerveira e de Caminha.

O morgado da quinta de Parada, (na freguezia de Guilhabreu) e depois os srs. da *honra* de Barbosa, apresentavam o abbade, que tinha 500$000 réis de rendimento annual.

Para a familia dos senhores da *honra de Barbosa*, vide esta palavra no 1.º volume.

As rendas d'esta freguezia formavam duas commendas ou prestimonios, da ordem de Christo, que até 1641 eram dadas pelos duques de Caminha; depois passou este direito para a casa do infantado.

Houve aqui uma torre muito antiga, que consta ter sido o solar dos Antas, de Coura.

Tinha dois juizes da vintena ou pedaneos.

É terra muito abundante de aguas e muito fertil. Passa por ella o rio Coura.

CÓVAS—freguezia, Beira Alta, comarca e concelho de S. João da Pesqueira, 48 kilometros de Lamego, 360 ao N. de Lisboa.

Em 1757 tinha 13 fogos.

Orago S. Sebastião, martyr.

Bispado de Lamego, districto administrativo de Vizeu.

O abbade de S. João da Pesqueira apresentava o cura, que tinha 30$000 réis.

Foi supprimida, e está ha mais de 50 annos annexa á de S. João da Pesqueira.

CÓVAS DE BARROSO—freguezia, Traz-os-Montes, comarca de Montalegre, concelho das Boticas, 90 kilometros a NE. de Braga, 400 ao N. de Lisboa, 230 fogos.

Em 1757 tinha 06 fogos.

Orago Santa Maria.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Villa Real.

A casa de Bragança apresentava o abbade, que tinha 200$000 réis.

São curiosissimos, pela antiguidade que revelam, os casamentos n'esta freguezia.

Na manhan das bôdas, vem o noivo com os seus á habitação da noiva, onde estão reunidos os parentes d'ella.

Bate á porta varias vezes, até que os de dentro parlamenteiam, perguntando:

— *Quem é, e o que quer?*

Responde o noivo:

— *É F... que aqui vem buscar honra, gente e fazenda.*

— *Entre, que tudo encontrará.*

Então as raparigas offerecem á noiva flores e doces de varias qualidades. Os noivos acceitam. Provam os doces, que depois são comidos pelos padrinhos e pelos convidados.

Isto tudo acompanhado com versos mais ou menos mancos, coxos e insipidos. Antigamente as raparigas offereciam á noiva uma pomba, e a noiva, quando se abria a porta ao seu futuro, lhe atava uma fita á cinta. Hoje são dispensadas estas duas formalidades.

Suppõe-se que estas ceremonias *preparatorias* e *extra-officiaes* foram herdadas dos gôdos, que as herdaram dos francos. Ainda hoje, na maior parte das aldeias da Allemanha, são muito parecidas com estas as solemnidades dos casamentos.

CÓVAS DO DOURO—freguezia, Traz-os-Montes, comarca de Villa Real, concelho de Sabrosa (até 1855 do concelho de Provezende), 90 kilometros a NE. de Braga, 345 ao N. de Lisboa, 260 fogos.

Em 1757 tinha 138 fogos.

Orago S. João Baptista.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Villa Real.

Era antigamente da comarca e termo de Villa Real. É do infantado.

Situada em um valle fertil.

A casa do infantado apresentava o reitor, que tinha 200$000 réis.

Passa ao S. da villa o rio Douro, que a limita por esta parte.

Ha aqui duas minas de chumbo, ambas do sr. Ladislau Zarzechi, uma no valle da Macieira, e outras no sitio d'Agua Alta.

Obteve os direitos de descobridor em novembro de 1871.

(Vide *Trez Minas*.)

COVAS DO RIO—freguezia, Beira Alta, comarca de Vouzella, concelho de S. Pedro do Sul, 35 kilometros a ONO. de Viseu, 295 ao N. de Lisboa, 100 fogos.

Em 1757 tinha 43 fogos.

Orago S. Facundo.

Bispado e districto administrativo de Viseu.

Era antigamente da comarca de Viseu, termo de Vouzella.

Situada em um valle pouco fertil.

O vigario de S. Martinho das Moutas apresentava o cura, que tinha 16 alqueires de centeio, 6 de trigo, 11 almudes de vinho, 9 arrateis de cêra e 9$000 réis em dinheiro.

COVELÃES ou **COVELLÃES** ou **COVELLANS**—freguezia, Traz-os-Montes, comarca e concelho de Montalegre, 55 kilometros a NE. de Braga, 415 ao N. de Lisboa, 90 fogos.

Em 1757 tinha 39 fogos.

Orago Nossa Senhora da Assumpção.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Villa Real.

Era antigamente da comarca de Chaves, termo de Montalegre.

O reitor de Santa Maria de Veade apresentava o vigario, que tinha 14$500 réis em dinheiro, 30 alqueires de centeio, 2 almudes de vinho, um cantaro de azeite, 6 arrateis de cêra e 4$000 réis em dinheiro, para a renda da casa, tudo pago pelo commendador, que era o conde do Vimioso.

COVÉLHAS—freguezia, Traz-os-Montes, no concelho de Alfandega da Fé. Foi ha muitos annos supprimida, e está annexa a Sambade. (Vide esta palavra.)

COVELINHAS ou **COVELLINHAS**—freguezia, Traz-os-Montes, comarca e 15 kilometros a NE. do Péso da Regua, concelho de Canellas, até 1855, e desde então, comarca e concelho de Péso da Regua; dista de Canellas 8 kilometros ao NE., 85 ao E. de Braga, 24 a E. de Villa Real, 340 ao N. de Lisboa, 90 fogos.

Em 1660 tinha 80 fogos, e em 1757, 40.

Orago Santa Comba.

Arcebispado de Braga, districio administrativo de Villa Real.

Era antigamente aldeia da freguezia de Galafúra, comarca e termo de Villa Real.

Situada na margem direita do Douro, em terreno montanhoso, e muito fertil em optimo vinho superior, que d'aqui mesmo embarca para o Porto, para de lá hir para todo o mundo.

Passa tambem aqui o ribeiro Coura. Em ambos (rio Douro e ribeiro Coura) ha *pesqueiras* onde se pescam optimas lampreias. Ha tambem aqui bastante e optimo azeite, algum pão e excellentes laranjas.

O *Portugal Sacro* não traz esta freguezia, o que é manifesto esquecimento, visto que já existia no tempo dos arabes.

D. Sancho I a povoou em 1192. É pois povoação muito antiga.

O nome lhe provem da sua situação, em uma baixa cercada de montes.

COVELLAS—aldeia, Douro, freguezia de S. Miguel do Matto, no extincto concelho de Fermedo, e hoje comarca e concelho d'Arouca, d'onde dista 20 kilometros ao O., 30 ao SE. do Porto, 300 ao N. de Lisboa e 10 ao S. do Douro. 60 fogos.

—

Aqui nasceu, pelos annos de 1790, Manuel Antonio Coelho da Rocha.

Era filho de lavradores pouco abastados; mas o abbade de Sever do Vouga, seu parente remoto, lhe pagou a formatura em Coimbra, onde foi sempre premiado. Era presbytero, e doutor formado em direito e canones, lente de prima e vice-reitor da Universidade.

Não só no trato familiar, mas até mesmo em publico, fallava com tanta simplicidade e n'um estylo tão comesinho como qualquer lavrador boçal. Era um prégador abaixo do mediocre: finalmente a *fallar* quem o não conhecesse julgal-o-hia um ignorante.

Com a penna na mão, porém, Coelho da Rocha, posto que não fosse um rhetorico elegante, era um escriptor eminente e profundissimo. Deu á luz muitas obras, muito estimaveis e muito estimadas e consultadas, a maior parte d'ellas em *direito*, hoje indispensaveis aos advogados e juizes.

Coelho da Rocha era bom, affavel, despretenciosissimo e homem de uma probidade e honradez a toda a prova, e honrou não só a terra que lhe deu o ser, mas o reino de Portugal, que se ufana em o contar no numero dos seus mais sabios juristas. Morreu em Covellas, em 1850, com 60 annos de edade.

COVELLAS—freguezia, Douro, comarca e concelho de Santo Thyrso, 18 kilometros ao N. do Porto, 330 ao N. de Lisboa, 70 fogos.

Em 1757 tinha 64 fogos.

Orago S. Martinho, bispo.

Bispado e districto administrativo do Porto.

Era antigamente da comarca e termo do Porto, concelho da Maia.

O papa e os frades bentos de Santo Thyrso apresentavam alternativamente o abbade, que tinha 400$000 réis.

É terra fertil. Passa aqui o rio Covellas, que réga e móe.

COVELLAS — freguezia, Traz-os-Montes, comarca e concelho de Vinhaes. Esta freguezia deixou de existir ha muitos annos, sendo annexada á de Sobreiró de Baixo. (Vide esta palavra.)

COVELLAS—freguezia, Minho, comarca da Póvoa de Lanhoso, concelho de S. João de Rei até 1855, e desde então comarca e concelho da Povoa de Lanhoso. 18 kilometros ao NE. de Braga, 360 ao N. de Lisboa, 60 fogos. Em 1757 tinha 50 fogos.

Orago S. Julião.

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

Era antigamente do concelho da Povoa de Lanhoso, comarca de Guimarães.

Situada em um monte.

Os frades da Graça (Pópulo) de Braga, apresentavam o cura, que tinha 8$500 réis e o pé d'altar, ao todo uns 30$000 réis.

É terra fertil.

COVELLAS (S. Thomé de)—(ou mais propriamente *Cubellas*, que é o nome antigo e etymologico d'esta freguezia) Douro, comarca e concelho de Bayão, 6 kilometros a NE. do Porto, 330 ao N. de Lisboa, 210 fogos.

Em 1757 tinha 174 fogos.

Orago S. Thomé, apostolo.

Bispado e districto administrativo do Porto.

Era antigamente da comarca de Sobre-Tamega e depois de Soalhães, concelho de Bayão.

Situada em terreno montuoso, sobre a margem direita do Douro.

Os condes de Villa Nova de Portimão apresentavam, *in solidum*, o abbade, que tinha 800$000 réis.

E' terra fertil. Produz optimo vinho.

Ha mais em Portugal 16 aldeias chamadas Covellas e Cubellas (estas duas palavras andam hoje confundidas e já quasi ninguem sabe qual a povoação que tinha o primeiro ou o segundo nome.)

> Aos menos lidos tenho a advertir que *Covellas* é uma cousa muito differente de *Cubellas*. *Covella* (na antiga lingua portugueza) é diminutivo de *cóva*, e como quem diz *covinha*. *Cubella* é diminutivo de *cuba*, e vem a ser *cubinha*.

COVÉLLO—freguezia, Douro, comarca e 12 kilometros ao NE. do Porto, concelho de Gondomar, 318 kilometros ao N. de Lisboa, 140 fogos. Em 1757 tinha 31 fogos.

Orago Nossa Senhora da Expectação.

Bispado e districto administrativo do Porto.

Era antigamente da comarca e termo do Porto, concelho de Penafiel.

O reitor do collegio da Graça, de Coimbra, apresentava o cura, que tinha 40 alqueires de pão, uma pipa de vinho e 8$000 réis em dinheiro.

E' terra fertil. Tem muitos pinhaes.

Atravessa esta freguezia o rio Sousa, que n'ella mesmo morre na direita do Douro, na aldeia de Sousa.

Situada em terreno muito accidentado e limitada ao S. pelo rio Douro.

N'esta freguezia foi situada a antiga cidade de Penafiel. Na foz do Sousa havia de um lado o Castello de Sousa, e do outro uma povoação, que alguns pretendem ser a antiga Penafiel. (Vide Arrifana de Sousa, Penafiel e Castello de Aguiar do Sousa.)

Nos sitios de S. Gens, Midões e Covello, d'esta freguezia, ha minas de carvão fossil.

COVELLO DO GEREZ—freguezia, Traz-os-Montes, comarca e concelho de Montalegre (até 1855, concelho de Ruivães) 48 kilometros ao NE. de Braga, 345 ao N. de Lisboa, 90 fogos.

Em 1757 tinha 48 fogos.

Orago S. Pedro, apostolo.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Villa Real.

Era antigamente da comarca de Chaves, termo de Montalegre.

Situada na encosta de uma serra.

A casa de Bragança (que era donataria d'esta freguezia) apresentava o abbade, que tinha 350$000 réis.

E' terra fertil. Cria muito gado.

Passa aqui o rio Cávado.

COVÊLLO DE PAIVÓ—freguezia, Beira Alta, comarca de Vouzella, concelho de S. Pedro do Sul, 18 kilometros a ONO. de Viseu, 300 ao N. de Lisboa, 45 fogos.

Em 1757 tinha 33 fogos.

Orago S. Pedro, apostolo.

Bispado e districto administrativo de Viseu.

Era antigamente da comarca de Viseu, termo de Lafões.

O vigario de S. Martinho das Moutas apresentava o cura, que tinha 20$000 réis e o pé d'altar.

É terra fertil. Muito gado.

Esta freguezia é situada nas abas da serra da Gardunha, da qual nasce o rio Paivó (ou Paivô) que réga esta freguezia.

No reino ha muitas aldeias com o nome de Covêllo, Covêllos, Cubêllo e Cubêllos.

Temos aqui a mesma confusão que com Covellas e Cubellas. Já se não póde saber a que povoações compete o nome de Covêllo ou Cubêllo; palavras que não têem nada de commum uma com outra. Covêllo é (como *covella*) diminutivo de cova; *cubêllo*, significava antigamente um pequeno forte, e depois (e ainda hoje) o pequeno baluarte saliente, que defende certo panno de *cortina*, ou qualquer porta da fortaleza.

Cubêllo é de origem arabe. É a sua palavra *Coba*, que significa *pequena torre, torrinha*. Na antiga lingua portugueza, formava-se o diminutivo de qualquer palavra de varios modos (segundo a lingua d'onde os derivavam) *êllo* era uma das suas particulas diminutivas, de modo que n'esta palavra vieram a formar diminutivo do diminutivo. Isto é opinião minha, que sujeito ás mais competentes.

Deu-se pois o nome de *Covello* á povoação situada em alguma baixa ou cova; e a de *Cubêllo* á que tinha algum pequeno forte ou torre.

Vão lá agora adivinhar a quaes d'ellas (povoações) pertencia um ou outro nome.

COVÊLLO DO TAMEGA—aldeia, Douro, sobre a esquerda do Tâmega, em frente de Amarante, da qual é um arrabalde. Ha aqui o paço dos Sousas, condes do Redondo, senhores do concelho de Gestaço.

Para o mais que pertence ao Covêllo, vide Amarante, onde está tudo descripto.

COVELLOS—freguezia, Beira Alta, comarca de Arganil, concelho de Farinha Pôdre, até 1855, e desde então comarca e concelho da Tábua, 40 kilometros de Coimbra, 240 ao N. de Lisboa, 110 fogos.

Em 1757 tinha 63 fogos.

Orago Nossa Senhora da Apresentação.

Bispado e districto administrativo de Coimbra.

Era antigamente da comarca de Viseu, termo da villa d'Ázere.

O prior d'Ázere apresentava o cura, que tinha 20 alqueires de *pão baixo* e 6$000 réis em dinheiro, que lhe pagava o prior padroeiro. Tinha mais 20 alqueires de trigo, que lhe pagavam os freguezes, com obrigação de lhes dizer uma missa todos os sabbados.

Situada em uma planicie pouco fertil, d'onde se vê quasi toda a serra da Estrella

e a serra do Caramullo, ficando esta freguezia entre ambas.

COVÍDE — freguezia, Minho, comarca de Villa Verde, concelho de Terras de Bouro, (extincta comarca de Pico de Regalados) 30 kilometros a NO. de Braga, 385 ao N. de Lisboa, 90 fogos.

Em 1757 tinha 75 fogos.

Orago Santa Marinha.

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

Era antigamente d'este mesmo concelho, mas da comarca de Vianna.

Situada entre serras, proximo do Zézere.

O abbade de S. Payo da Carvalheira apresentava o vigario, que tinha 9$200 réis e o pé d'altar, ao todo uns 60$000 réis.

Tinha antigamente o privilegio de se não fazerem aqui soldados, com a obrigação de guardarem á sua custa a Portella do Homem, das invasões dos gallêgos.

Sobre um cabêço a E. da bacia onde está situada a povoação, existem as ruinas de uma atalaia dos antigos lusitanos, ou de um *castro* romano.

É tradição que foi aqui a antiga cidade de Calcedonia (outros dizem que esta cidade foi a 12 kilometros ao N., já em terreno da Galliza). Este sitio não podia conter mais do que uma fortaleza. Ha ainda por estes sitios restos de marcos milliares e vestigios da via militar romana chamada Geira. Em Sá ha um cruseiro feito de um marco milliar, sem inscripção. Tem a data de 1736, provavelmente quando fizeram o cruseiro.

No logar da egreja está outro cruseiro, coberto de zinco, e assente sobre uma columna que foi padrão romano. A inscripção não se póde lêr, por estar enterrada a parte que a contém.

A pequena distancia a E. de Covide, está a capella de Santa Eufemia, e junto a ella um penedinho de fórma espheroidal, para o qual se sobe por alguns degraus de cantaria e dominado por uma pequena cruz de granito. Chama-se Penedo da Santa, ou Penedo de Santa Eufemia. N'elle se vêem vestigios de muitas pégadas de um pé delicado. É tradição que fugindo Santa Eufemia á perseguição de seu pae, governador romano de Braga, vagára por estas serras e que fazendo oração sobre este penedo, ahi deixou gravados os signaes de seus pés.

Na aldeia de Covide appareceu pelos annos de 1855, em uma escavação, um forno construido de tijolo.

Esta freguezia está situada em um pequeno valle, ao S. do Gerêz. É terra fria e humida no inverno; mas tem bons prados artificiaes e naturaes. Produz muito milho, linho e centeio, alguma castanha e pouco e mau vinho verde. Cria bastante gado bovino, da raça de Barroso.

N'esta freguezia, na casa do Passadiço, esteve o marechal Saldanha, quando fugiu para Lóbios (Galliza) em 1851.

Covide dava uma companhia para o regimento de milicias da Barca. D'esta companhia era alferes, em 1828, o sr. Antonio José Martins Capella, avô paterno do rev.^mo^ sr. Manuel José Martins Capella (abbade de Painzella) que tantos serviços tem prestado a esta obra.

O referido sr. alferes, serviu 20 annos a sua patria, com honra, distinguindo-se durante as campanhas da Peninsula, das quaes fez a maior parte. Em 1811 salvou uma das bandeiras do seu regimento. Era homem chão e de muita probidade, pelo que morreu chorado por todos quantos o conheciam.

COVILHAN — cidade, Beira Baixa, 36 kilometros a SSO. da Guarda, 285 a E. de Lisboa, 2:600 fogos, 10:400 almas, no concelho 6:700 fogos, na comarca 7:850.

Em 1757 tinha a cidade (então villa) e seu termo, 981 fogos, umas 4:000 almas.

Bispado da Guarda, districto administrativo de Castello Branco.

Tem actualmente cinco freguezias, que são: — S. Francisco, Santa Maria, S. Martinho, S. Pedro e S. Silvestre, mas antigamente tinha 13 freguezias, que eram:

1.ª *Degolação de S. João Baptista* — cuja matriz era situada no bairro chamado das Tres Freguezias. Os frades cruzios do convento de Folques apresentavam, *in solidum*, o prior, que tinha 300$000 réis. Tinha duas egrejas filiaes, Alcaria e S. Dominguizo, onde o prior apresentava os curas.

2.ª *S. Martinho, bispo* — situada no mes-

mo bairro. O ordinario apresentava o prior, que tinha 140$000 réis.

3.ª *S. Vicente, martyr* —no mesmo bairro (e eram as trez que lhe davam o nome) o prior era de apresentação regia, e tinha 60$000 réis.

—

4.ª *Santa Maria intra muros*, ou *Nossa Senhora de Roque Amador* (vulgo *Reclamador*) —O vigario era de apresentação regia, e tinha 42$000 réis, 40 alqueires de centeio, 20 de trigo e duas arrobas de cêra, tudo pago pela commenda. O parocho apresentava o cura, a quem a mesma commenda dava 8$000 réis, e tinha mais a 3.ª parte do pé d'altar. A commenda apresentava o sachristão e lhe dava 4$000 réis, 8 alqueires de trigo, 12 de centeio, 16 almudes de vinho e 4 cantaros d'azeite. Tinha 4 raçoeiros, com 3$000 réis cada um.

—

5.ª *S. Silvestre intra muros* — O ordinario apresentava o prior, que tinha 230$000 réis. O prior apresentava o cura da egreja do Barco (filial d'esta.) A egreja é antiquissima e tinha um só altar. Por estar muito arruinada, foi reedificada em 1728.

—

6.ª *S. Thiago, intra muros* — o prior era da apresentação ordinaria e tinha 240$000 rs Este prior apresentava o cura do Ferro (annexa.)

—

7.ª *S. Pedro apostolo* — o cabido da Sé da Guarda apresentava o prior, que tinha cento e trinta mil réis.

—

8.ª *Santa Maria Magdalena*, ao fundo da cidade tinha um só altar; o prior era de apresentação ordinaria e tinha 240$000 réis este parocho apresentava o cura do Pêso, cuja egreja era filial d'esta.

—

9.ª *S. João de Malta (*ou *S. João Baptista)* — tinha um só altar. Era cabeça da commenda de S. João do Hospital. Tinha duas egrejas filiaes, *Escarrigo* e *Sameiro* — o commendador do Hospital apresentava o cura, que tinha 10$000 réis, 16 arrateis de cêra (para as missas) 2 almudes de vinho, 2 alqueires de trigo e um arratel de incenso, tudo pago pela commenda.

—

10.ª *S. Paulo*—O rei apresentava o prior, que tinha 80$000 réis.

—

11.ª *S. Bartholomeu* — O rei apresentava o vigario, que tinha 42$000 réis (sendo dois mil réis por ensinar a doutrina) 30 alqueires de trigo, 30 de centeio, um d'azeite, 2 almudes de vinho e mais 4 alqueires de trigo para hostias. Este parocho apresentava o cura do Salgueiro, cuja egreja era filial d'esta.

—

12.ª *O Salvador do Mundo* — O ordinario apresentava o prior, que tinha 120$000 réis.

—

13.ª *Santa Marinha* — O rei apresentava o prior, que tinha 150$000 réis, e apresentava o cura do Carvalho, que era filial d'esta. Fica esta egreja fóra, mas a pouca distancia da cidade.

—

Antigamente era a Covilhan da comarca da Guarda. Era da coroa.

Está situada nas abas da Serra da Estrella, em um monte, na encosta que desce da serra, entre as ribeiras da Carpinteira (ou da Fabrica, por estar n'ella a real fabrica de panos) e Degoldra.

Ambas estas ribeiras nascem na Serra da Estrella, proximo da cidade, e ao cimo da ladeira em cuja encosta está fundada a cidade. Na Carpinteira por baixo da cidade, está uma ponte de cantaria, chamada de D. Joanna. No mesmo sitio havia outra, tambem de cantaria, destruida por uma grande cheia, que houve em 1749. Na Degoldra tambem ao fundo da cidade, está uma ponte de cantaria, chamada de Martim Collo. O seu termo tinha 99 aldeias. A sua primeira posição em uma baixa a deve o seu nome. A Covilhan, foi primittivamente fundada na baixa da costa junto aos pomares, onde chamam Ladeira de Martim Collo. D. Sancho I, a reedificou no mesmo sitio e d'esta primeira fundação ainda existem alguns edificios e a parte da cidade chamada Trez-Freguezias. No seu desenvolvimento foi-se estendendo para cima.

Seus arrabaldes e termo, abundantissimos d'aguas, são muito ferteis em todos os generos d'agricultura, e povoados de frondoso arvoredo. Cria muito gado de toda a qualidade.

Foi, merecidamente, elevada á cathegoria de cidade, em 20 de outubro de 1870.

—

Foi fundada pelo tristemente célebre conde D. Julião, em 690. Deu-lhe o nome de *Cóva-Juliana*, mas a maior parte dos auctores dizem que elle a denominou *Cáva-Juliana*, o que é um contra-senço. *Cáva* era synonimo de mulher de má vida (meretriz) e como é que seu pae havia de dar semelhante nome a sua adorada filha Florinda? porque os d'esta segunda opinião dizem que o nome de Cáva que se deu á povoação é allusivo á filha do fundador.

A formosissima Florinda (filha do conde D. Julião) que foi violada por D. Rodrigo, ultimo rei dos gôdos, e a causa (ou pretexto) da traição de seu pae e de seu tio (vide *Historia Chronologica de Portugal*) aqui nasceu, pelos annos 692.

Tambem alguns escriptores sustentam (e talvez seja o mais provavel) que o fundador lhe deu o nome de *Cova-lhana* por estar em uma planicie, cercada de serras.

Corrobora muito esta opinião, o nome de Covilhan que em Portugal têem dés aldeias, todas situadas em valles profundos, e que de certo tiveram o primittivo nome de Cova-lhana, em razão da sua situação.

De Cóva-Juliana, de Cáva-Juliana ou de Cóva-lhana é que lhe vem (corrupto vocabulo) o actual nome de Covilhan.

Com as continuas e encarniçadas guerras entre mouros e christãos nos seculos VIII, IX, X, XI e XII, foi esta povoação muitas vezes tomada, saqueada e destruida, já por uns já por outros; de maneira que, no principio do reinado do nosso 2.º rei, estava abandonada e quasi arrazada. D. Sancho I, a mandou reedificar e povoar em 1186 (o padre Cardozo diz que foi em 1196, mas é êrro, visto que o foral lhe foi dado em 1186), dando-lhe foral, em setembro d'esse anno (de 1186) com grandes privilegios e isenções, sendo os principaes que os cavalleiros d'aqui gosassem a preeminencia de infanções; que qualquer escravo aqui morador por mais d'um anno, ficasse livre, e seus descendentes habilitados para todos os empregos e honras.

Tinha tambem privilegio de ser sempre realenga (da coroa) não pagarem portagem os seus habitantes, etc etc.

O mesmo D. Sancho I, deu a Covilhan em 1199, a Raymundo Paes, em recompensa de seus grandes serviços á patria.

Os grandes privilegios d'esta povoação, foram guardados pelos successores de D. Sancho I; e D. Affonso II, dando-lhe outro foral em Coimbra, em outubro de 1217, ainda lh'os ampliou. No foral novo que lhe deu D. Manuel, em Santarem, no primeiro de junho de 1510, lhe foram conservados todos os seus antigos privilegios.

—

Esta povoação foi sempre muito conciderada pelos soberanos portuguezes. D. Affonso III, na sua provisão de 2 de dezembro de 1253, declara que é uma das principaes povoações da Beira, e como tal reconhecida pelos seus antecessores. D. Manuel I, na sua provisão de 21 de fevereiro de 1498, diz que é a principal, no centro das outras villas do reino. D. Sebastião I, na sua provisão de 6 de julho de 1570, diz que a Covilhan fez sempre grandes serviços á coroa, pelo que lhe confere o titulo de *notavel*.

Tinha voto em côrtes, com assento no banco 4.º.

Em 1209 foi tomada e saqueada pelos mouros; mas foi logo reedificada em 1210, por D. Sancho I.

Foi senhor da Covilhan o grande infante D. Henrique, duque de Viseu, insigne cosmographo, a quem se devem as nossas grandes descobertas na Asia, Africa e America. (Vide Sagres.)

É terra abundantissima de cereaes, fructas, peixe, vinho, caça, e castanhas; vastas e bôas pastagens, etc etc.

Da Covilhan vê-se Ferro, Pêra-Bôa, Caria, Belmonte, Teixoso, Alcaide, Aldeia-Nova, Donas, Souto-da-Casa, Aldeia-do-Carvalho, Bóidobra e a villa do Fundão.

Dentro da cidade e nos arrabaldes ha 8 capellas.

A capella de S. Lourenço, foi egreja matriz de uma antiga freguezia que aqui houve e se extinguiu ha mais de 250 annos.

Na parte mais alta da cidade está um castello antiquissimo, com duas torres, cuja fundação se attribue a D. Sancho, I.

É cercada de muralhas, com 3 portas (Valle-de-Caravêlho, Sol, e S Vicente) obra de D. Diniz, pelos annos 1300. Não é preciso dizer que todas as suas obras de defeza estão em ruinas.

A cidade é abastecida de muita e optima agua, e um dos seus chafarizes é de boa architectura.

Tem por armas uma estrella em campo asul, por estar edificado na Serra da Estrella.

Tem uma bella estrada á macadam, concluida em 1866 e duas diligencias diarias, que põem esta cidade em communicação com a Beira, Extremadura, Alemtejo, etc.

—

Esta cidade é, com justissima razão, denominada a Manchester Lusitana.

Afóra muitos teares particulares, tem 36 fabricas de tecidos de lan (saragoças, burelinas, casimiras, mesclas, castores, briches, castorinas, meias, chailes-mantas, etc etc) tudo d'optima qualidade e muita duração; o que constitue o seu principal commercio, sua grande actividade e riqueza e seu prodigioso desenvolvimento. O fabrico de panos de lan, n'esta cidade, data de remotas eras.

Só pude haver á mão dados estatisticos relativos ao anno de 1868, com respeito ás manufacturas d'esta cidade. Apesar de ter tomado grande incremento de então para cá, julgo curioso descrevel-os.

—

Tem o seguinte machinismo a funccionar para as suas differentes fabricas de tecidos e chapeus:

Machinas de cardar

Movidas por vapor..........	1	
« por agua............	45	46

Fiadores mechanicos

Movidos por vapor..........	2	
« por agua............	53	55

(Conteem 14:805 fusos.)

Lavadeiras mechanicas

Motor hydaulico....................	6

Maceiras de apisoar

Motor hydraulico....................	47

Percheas mechanicas

Movidas por vapor..........	2	
« por agua............	30	32

Dornas de tinturaria

Aquecidas por vapor.........	3	
A fogo de lenha ordinaria....	18	21

Caldeiras, de differentes capacidades

Aquecidas por vapor.........	4	
A fogo de lenha............	43	47

Estabelecimentos de ultimação

(Contendo tesouras, lustradeiras, prensas, etc., etc.)

Movidas por vapor..........	1	
Motor hydraulico............	7	13
A braço....................	5	

—

Teares do systema *Jacard*, apparelhados, de differentes tamanhos..................	54	
Ditos de *apparelho liso*, grandes, ou largos, na cidade e resto do concelho..........	571	754
Ditos de *apparelho liso*, pequenos, idem................	129	

Consomem annualmente 100:000 arrobas de lan. (3.500:000 kilos.)

—

De todos os estabelecimentos industriaes d'esta cidade, o melhor é a rica fabrica do commendador, o sr. Marques de Paiva, hoje visconde da Coriscada. Anda por dois contos de réis a importancia das ferias semanaes. Tem fabricantes estrangeiros.

O immediato é a fabrica dos srs. Campos de Mello e Irmão.

—

Ha n'esta cidade duas sociedades recreativas: Progressista e Erminia Covilhanense.

—

Tem esta cidade muitos edificios de bella e optima construcção; mas o melhor é o sumptuoso palacio do sr. visconde da Coriscada, proximo da sua magnifica fabrica. E' em um bello sitio. quasi no fim da cidade. A sua quinta é das melhores da provincia.

—

Tinha dois conventos.

Um de frades franciscanos, da provincia de Portugal, fundado por fr. Gualter e fr. Zacharias, em 1217—outro de frades capuchos da provincia da Soledade.

—

Tem estação telegraphica de 1.ª classe, posta ao serviço publico em março de 1874.

—

Havia aqui uma irmandade intitulada de Nossa Senhora da Alampada, que fundou um hospital de caridade em 1213. Tinha uma capella da mesma invocação. Este estabelecimento passou a ser instituido em Misericordia em 27 de junho de 1577. A egreja é um bom templo e o hospital está muito bem montado e administrado.

—

Tem duas feiras, uma no domingo da Paixão, outra a 25 de julho, e tem mercado nos terceiros domingos de cada mez.

Foi quartel do batalhão de caçadores 8.

—

No dia 24 de agosto de 1869, pelas 2½ horas da tarde, sobre as povoações de Pêra Bôa e Caria, proximo e ao N. da cidade, se levantou uma furiosissima e medonha trovoada, que aterrou todas as povoações circumvisinhas. Era um verdadeiro *cyclone* terrestre. Tomando depois a direcção da Serra da Estrella, passou sobre esta cidade, deixando após de si a desolação e a ruina. Ao aproximar-se, viam-se na frente d'aquella negra e immensa massa de nuvens, grandes bandos de passaros, que acossados pela tempestade, fugiam espavoridos, em *columna cerrada.*

O vento furioso, acompanhado de trovões medonhos e sem interrupção, abalava as casas até aos alicerces. A chuva de pedra, impellida pelo vento, destruiu vinhas, pomares, searas, olivaes, hortas, arvoredos, etc., deixando muitas familias reduzidas á miseria. Os vidros das janellas foram quasi todos esmigalhados, porque a pedra era do tamanho de ameixas, pesando cada grão de saraiva 5 oitavas!

O Zêzere cresceu repentinamente, e na furia da sua corrente, arrebatou nóras, gados, searas de milho e feijão, sem deixar vestigios de sementeira. Muitas aves cahiam do ar, como fulminadas.

Este horrivel temporal causou muitos contos de réis de prejuizo.

Em Pêra Bôa, um redemoinho de vento arrebatou um homem, atirando com elle a grande distancia, sem que todavia elle soffresse outro incommodo além do susto.

—

Aqui nasceu o célebre navegador Pêro da Covilhan, que com Affonso de Paiva partiu por terra para a India, em 1480. Paiva morreu na Ethiopia, e Pêro da Covilhan, depois de percorrer varios reinos da Asia, voltou a Portugal, em 1485, trazendo curiosas noticias da India e outros paizes.

—

Era d'aqui um individuo, por alcunha o *Migas Frias*, que se tornou célebre na nossa historia, pelo facto seguinte:

Em 3 de setembro de 1769 (um domingo) 10 annos dia por dia depois do attentado contra a vida de D. José I—dia do jesuita S. Francisco Xavier—sahindo aquelle rei do paço de Villa Viçosa, para uma caçada, depois de atravessar a porta do paço e ao passar á *Porta do Nó*, foi inopinada e furiosamente aggredido por um homem armado de um pesado bordão, com o qual atirou a D. José uma grande pancada á cabeça, que o rei aparou no braço. Então o homem deu outra grande bordoada no cavallo. Os que hiam com D. José, trataram de prender o furioso; mas elle se defendeu corajosissimamente, ferindo alguns fidalgos, sobretudo, o conde do Prado, que ficou em misero

estado, e custou muito a ser prêso. Este homem era o *Migas Frias*, da Covilhan.

(Em um manuscripto antigo donde extrahi isto, nem vinha o nome do *Migas Frias*, nem o caminho que levou, depois do attentado.)

Como nem todos saberão o que são *migas frias*, dir-lhes-hei que é uma repelente sôpa, feita com agua fria, sebola crua, azeite e pão: tudo mexido e comido mesmo assim frio.

—

Perto d'esta cidade ha a formosa vivenda do *Refugio*, constante de um bello palacete, jardim, pomares e quintas; propriedade do sr. Marcellino, actual representante da casa Mendes Veiga, uma das mais opulentas d'esta cidade.

—

Ha aqui um asylo da infancia desvalida, que sustenta e educa 12 meninos e dá lições a mais 16. Foi feito por uma subscripção e anda muito bem administrado. E' um vasto edificio, bem dividido e em boas condições hygienicas. Tem já de fundo, 16 contos de réis nominaes, sendo d'estes 16 contos, 10 dados pelo benemerito sr. visconde da Coriscada.

—

Estão actualmente (1874) em reconstrucção os paços do concelho, para n'elles caberem todas as repartições publicas do municipio.

—

É pois a Covilhan uma das cidades mais prosperas e commerciaes do reino, e as suas condições de progresso vão receber ainda um novo e poderoso impulso, com o caminho de ferro da Beira, que se vae construir.

O povo d'aqui é eminentemente laborioso, franco e hospitaleiro.

—

O concelho da Covilhan é composto de 26 freguezias, todas no bispado da Guarda, que são: Aldeia do Carvalho, Aldeia do Matto, Aldeia do Souto, Barco, Boidobra, Caségas, Cebôla, Córtes, Dominguizo, Eirada, Ferro, Orjaes (ou Urjaes), Ourondo, Paúl, Pêra Bôa Pêso, Sarzedo, Sobral, Teixoso, Tortosendo (ou Tructuzendo), Unhaes da Serra, Verdêlhos e as quatro da cidade.

—

A comarca é composta só de dois julgados, o da Covilhan e o de Belmonte. Este tem 1150 fogos, e é composto de 4 freguezias, que são: Belmonte, Caria, Inguias e Maçainhas.

COVO — aldeia, Douro, freguezia de S. Pedro de Villa Chan (vulgo S. Roque) comarca, concelho e 1:500 metros a NE. de Oliveira de Azemeis, 40 ao S. do Porto e 283 ao N. de Lisboa.

Tem uma fabrica de vidro, que é a mais antiga da peninsula hispanica, e á qual D. Affonso V deu grandes privilegios em 1580.

Esta fabrica não trabalha (parece-me que desde 1867) porque estando pessimamente montada, e sem se lhe adaptarem os grandes melhoramentos que teem tido estas fabricas pelos systemas modernos, seguidos em toda a Europa, não dava ao seu proprietario os lucros sufficientes.

Fabricava boa *vidraça*; mas os artefactos a que aqui chamavam de crystal, não podiam competir em perfeição com as mais ordinarias fabricas de França e Inglaterra, porque só se acceitavam *fabricantes* que ganhassem salarios diminutissimos, e por consequencia de um merecimento (os fabricantes) muito mediocre.

Estando, como está, esta fabrica a 20 kilometros apenas da estação do caminho de ferro de Ovar, e com bella estrada nova, que lhe dá facil communicação com este ponto, e, sobretudo, tendo de casa inexgotavel abundancia de optima lenha (que quasi se póde dizer-se é a *materia prima* do vidro; visto que os materiaes de que elle se fabrica são de um preço modicissimo, e o que fica mais caro é o combustivel) em vista d'isto, digo — Se um individuo intelligente e activo, que desprezasse o antigo e mofento systema rotineiro, se pozesse á testa d'esta fabrica, montando-a convenientemente, podia dar um lucro immenso ao seu proprietario.

Junto á fabrica ha boas casas de habita-

ção, reedificadas de novo em 1850, e com uma elegante capella feito em 1862, com um bom carneiro de cantaria.

A quinta que antigamente era toda murada, é muito extensa (tem uns 10 kilometros de circumferencia) atravessada pelo rio do seu nome, e com muitas terras cultivadas e ferteis; mas o que faz (ou podia fazer) a sua riqueza, são os seus vastissimos pinhaes.

Dentro da quinta ha um lagar de azeite, o moinho de moer o seixo para o vidro e moinhos de pão, aos quaes serve de motor a agua do rio.

É tambem esta quinta atravessada pela estrada em construcção (mas aqui já concluida) de Oliveira d'Azemeis a Arouca.

Posto que as casas de habitação sejam na freguezia de Villa Chan, a quinta está em terreno de quatro freguezias—S. Pedro de Villa Chan, Pindello, Ossella e Oliveira de Azemeis.

O seu primeiro nome foi—*Monte do Corvo.*

É dos herdeiros (filhos) do fallecido sr. Sebastião de Castro Lemos.

COVÕES—freguezia, Douro, comarca e concelho de Cantanhêde, 30 kilometros a O. de Coimbra, 234 ao N. de Lisboa, 760 fogos.

Em 1757 tinha 623 fogos.

Orago Santo Antonio de Lisboa.

Bispado e districto administrativo de Coimbra.

Era antigamente do termo de Cantanhede, comarca de Coimbra.

Situada em uma campina muito fertil.

O cabido de Coimbra apresentava annualmente o cura, que tinha 200$000 réis de rendimento.

Ha em Portugal mais 8 aldeias chamadas *Covões.* Nenhuma tem coisa notavel.

COZ—Vide Cós.

COZELHAS—Vide Cosêlhas.

CRASTELLOS—Vide Castréllos.

CRASTO—serra, Douro, na freguezia de Romariz, comarca e concelho da Feira. Já está descripta sob o nome de *Castro.* (Vide esta palavra.)

CRASTO—freguezia, Minho, comarca dos Arcos de Val de Vez, concelho da Ponte da Barca, 24 kilometros a NO. de Braga, 385 ao N. de Lisboa, 130 fogos.

Em 1757 tinha 126 fogos.

Orago S. Martinho, bispo.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Vianna.

Era antigamente do termo da Barca, mas da comarca de Vianna.

Situada na encosta de um monte.

O geral de Santa Cruz de Coimbra apresentava o vigario, collado, que tinha 100$000 réis.

Primeiramente foi da apresentação dos conegos regrantes do mosteiro de S. Theotonio de Vianna, e depois, como este mosteiro foi encorporado ao de Santa Cruz de Coimbra (da mesma ordem, cruzios) é que para aqui mudou o direito da apresentação.

É terra fertil. Cria muito gado.

No logar do Crasto, a 3 kilometros de Villa Nova de Mohia, e 5 da Ponte da Barca no antigo julgado da Nóbrega, houve um convento de conegos regrantes de Santo Agostinho (cruzios).

Este convento foi fundado por D. Onerico Soeiro, senhor de Crasto, dando o terreno para o mosteiro e cêrca, e fundando a egreja, em 1136, como consta da inscripção que está á porta da mesma egreja e diz assim:

«*Era M.C.LXXIIII* (1136 de Jesus Christo) *xvj.* (16) *kal. may. caepta est opera ista.*»

Quer dizer:—Na era de 1174, a 16 de abril, se começou esta obra.

O mosteiro e a egreja se concluiram em 1140.

D. Onerico Soeiro fez a este mosteiro doação de tudo quanto tinha e possuia n'esta terra, em 1142; em presença do arcebispo de Braga, D. João Peculiar e de 22 testemunhas.

O arcebispo de Braga, D. Godinho, amplíou muito este convento e augmentou as suas rendas no anno de 1176.

Em 12 de abril de 1190, os quatro abbades, descendentes de D. Onerico Soares de Crasto, a saber: Onerico Viegas, abbade de

Santo Adrião d'Oleiros; Rodrigo Fernandes, abbade de S. Thiago de Sampriz; Goterre Soares, abbade de S. Romão de Santa Olaia; e Pedro Soares, abbade de S. Miguel de Brivanes (hoje Bravães) deram as suas egrejas a este mosteiro, e n'elle professaram.

Muitos particulares fizeram doações a este convento, sendo d'estas a mais notavel, a que fez Estevão João, cancellario de D. Affonso III, em 1278; na qual lhe deixou todas as suas herdades, quintas, casas e vinhas, que tinha na villa de Vallença do Minho, e um grande casal que tinha no couto do mosteiro de S. João de *Longouares*, junto á villa de Monção.

Com o tempo veio este mosteiro ao poder de commendatarios, que lhe comiam as rendas, a ponto de já não ter senão dois frades, em 1615; em cujo anno, morrendo o ultimo commendador (Sebastião Rodrigues da Fonseca) foi o mosteiro unido ao de Santa Cruz de Coimbra, por bulla do papa Clemente VIII.

Perto d'este convento havia outro da mesma ordem, em Santa Maria de Mohia.

CRASTO—freguezia, Traz-os-Montes, comarca de Chaves, concelho de Carrazêdo de Monte Negro, até 1855, e desde então comarca e concelho de Valle Paços, 70 kilometros a NE. de Braga, 420 ao N. de Lisboa, 50 fogos.

Em 1757 tinha 48 fogos.

Orago Nossa Senhora da Expectação.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Villa Real.

Era antigamente da comarca e termo de Chaves.

Fertil. Gado e caça.

Era annexa á egreja de S. Nicolau, de Carrazêdo de Monte Negro, cujo reitor apresentava o vigario annual, que tinha 32 alqueires de trigo, 26 de centeio, 35 almudes de vinho, 7 arrateis de cêra branca e em dinheiro 10$600 réis, tudo pago pelos marquezes de Fronteira, que eram os commendadores d'aqui. Além d'isto dava cada freguez, ao vigario, um alqueire de trigo.

Passa aqui o rio das Pias.

Ha em Portugal, além das descriptas, mais 76 aldeias chamadas Crasto.

CRASTO—vide Castro.

CRATO—villa, Alemtejo, comarca e 18 kilometros a O. de Portalegre, 24 ao S. do Tejo, 24 ao S. de Níza, 180 ao E. de Lisboa, 400 fogos, 1:600 almas, no concelho 1:250 fogos.

Em 1757 tinha, a villa, 360 fogos.

Orago Nossa Senhora da Conceição.

Patriarchado de Lisboa, districto administrativo de Portalegre.

Tinha antes da guerra da acclamação 900 fogos (a villa e freguezia) e durante os 27 annos d'esta guerra, ficou reduzida a 300.

Segundo Ptolomeu, foi esta povoação fundada pelos carthaginezes, pelos annos do mundo 3500 (504 antes de Jesus Christo) fazendo-a colonia, com o nome de *Castraleuca* ou *Crastaleucos*, derivado dos seus fundadores.

Dizem alguns que *Crato* é palavra grega e significa forte, formidavel. Outros dizem que *Castraleucos* é Castello Branco. Se não havia *Castraleucos* e *Cattaleucos*, e se Ptolomeu se não enganou na posição geographica d'aquella velha cidade, é forçoso confessar que ella era aqui e não na Beira Baixa; pois aquelle antigo geographo colloca *Castraleucos* entre o Tejo e o Guadiana e não entre o Tejo e o Douro, como está Castello Branco. Vide esta cidade.

Nos primeiros seculos do christianismo, foi cidade episcopal, pois que no concilio illiberitano celebrado no anno 300 de Jesus Christo, na cidade de *Elvira* (Andaluzia) assistiram tres bispos lusitanos, sendo um d'elles Secundino, bispo castraleucense.

Ainda no Crato existe uma rua chamada Episcopia, ou do Bispeiro, onde se suppõe que existiu o paço episcopal.

Foi incontestavelmente uma grande povoação em tempos antigos, e, ainda a 1:500 metros de distancia, ha vestigios de varios alicerces, pedras lavradas, campas de sepulturas, torres, cippos, etc., que o povo d'aqui tem destruido.

Os mouros a devastaram em 716, deixando então de ser cidade e não tornando mais a ter bispos; fugindo os seus habitantes a procurar abrigo pelas serranías.

Parece que foram os arabes que com a

sua *lingua de trapos* corromperam o antigo nome de *Castraleuca* no actual de *Crato.* É certo que já tinha este nome no tempo de D. Affonso VI de Leão.

No anno 1100, Godofredo de Buillon creou em Jerusalem a Ordem militar de S. João de Jerusalem. Mudando pouco depois a séde da Ordem para a ilha de Rhodes, mudou a sua denominação para Ordem de S. João de Rhodes. Por fim se mudou para a ilha de Malta, e desde então se chamou até nossos dias, Ordem militar de S. João de Malta.

Foi esta Ordem introduzida em Portugal no tempo de D. Affonso Henriques; mas parece que só no reinado de D. Affonso IV se elevou o Crato a cabeça d'esta Ordem.

E' certo que o primeiro prior do Crato, de que ha noticia (D. Alvaro Gonçalves Pereira, pae do inclito D. Nuno Alvares Pereira) vivia no tempo d'este ultimo rei.

Mas é certo que a 8 de dezembro de 1231 (reinando D. Sancho II) era prior da Ordem de S. João de Jerusalem, em Portugal, Mem Gonçalves, que então deu foral a esta villa (como adiante direi) mas é de suppor que, ainda que a Ordem fosse senhora do Crato, ainda esta villa não estava elevada a cabeça da Ordem.

Foi desde o anno 1350 que principiou o Crato a readquirir grande parte da sua antiga importancia, por ser a séde dos cavalleiros de Malta, os mais privilegiados de todos em Portugal.

Consta que antes do Crato pertencer á Ordem de Malta, tinha sido dos Templarios, desde D. Affonso Henriques até á extincção d'elles.

Não me parece inutil dar aqui conta de todos os grãos-priores do Crato. Foram:

1.° D. Alvaro Gonçalves Pereira, de que acima fallei.

2.° Affonso Gonçalves Pereira.

3.° Alvaro Gonçalves Camello.

4.° D. Pedro Alvares.

5.° D. Nuno de Góes.

A este grão-prior deve muito o Crato, pois, além de reedificar o seu antigo castello, fazendo-lhe uma grande torre e cingindo a villa de muralhas e outras obras de defeza, construiu varios edificios na villa. Isto pelos annos de 1460.

6.° D. Diogo Fernandes d'Almeida.

7.° D. João de Menezes, conde de Tarouca.

8.° D. Luiz, infante de Portugal.

9.° D. Antonio, filho do infante D. Luiz, que foi D. Antonio I, depois da morte do cardeal-rei (seu tio) e a quem Philippe II usurpou a corôa. Adiante vão alguns esclarecimentos sobre a vida de D. Antonio I.

10.° O principe Victorio Amadeu.

11.° D. Fernando, infante de Castella.

12.° O cardeal archiduque Alberto.

Estes tres ultimos grãos-priores (intrusos) os unicos estrangeiros que tiveram tão honroso titulo, foram feitos pelos Philippes.

13.° D. João de Sousa, o primeiro grão-mestre depois da gloriosa restauração de 1640.

14.° D. Manuel de Mello.

15.° O infante D. Francisco, irmão de D. João V.

16.° O infante D. Pedro, depois rei D. Pedro III.

17.° O principe D. João, depois rei D. João VI.

18.° O infante D. Miguel, depois rei D. Miguel I.

Parece que o primeiro individuo que em Portugal teve o titulo de prior d'esta Ordem, foi D. Fernando Farinha, valido de D. Affonso III (dizem outros que elle se chamava D. Affonso Pires Farinha.)

Os rendimentos do grão-priorado do Crato eram no seu principio, de 600$000 réis annuaes. Em 1800 já subiam a 24 contos de réis.

Por breve do papa Pio VI, de 24 de novembro de 1789, ficou este grão-priorado unido á casa do infantado, que foi extincta em 1834; sendo então tambem extinctos os dizimos, que constituiam o melhor d'aquelles rendimentos.

O grão-prior tinha dominio espiritual e temporal, com jurisdição episcopal, sem sujeição a bispo algum (por isso se denominava *isento* ou *nullius diœcesis*).

Eram do grão-priorado as villas de Gafete, Tolosa, Amieira e Gavião, que lhe ficam

da parte d'aquem do Tejo—e da outra parte (Beira Baixa) Belver, Envendos, Carvoeiro, Proença, Cardigos, Certan, Oleiros e Pedrogam-Pequeno. Ao todo 12 villas, além de muitas freguezias.

O territorio que constitue o grão-priorado do Crato é atravessado pelo meio por o Tejo, pelo que é este *isento* em duas provincias. Eram ao todo 29 freguezias que formavam o grão-priorado. Hoje está ecclesiasticamente encorporado no patriarchado.

Os dizimos do priorado, deduzidas todas as despezas com parochos, justiças, empregados, etc., rendiam liquido para a ordem mais de 32:000 cruzados.

—

A muralha que circumdá a villa tinha 5 portas—a de Santarem, S. Pedro, Beringel, Nova e de Séda.

Havia mais duas portas, chamadas — a d'Alter do Chão e a do Convento—d'estas já não ha vestigios.

O castello era edificado sobre rochedos, em uma eminencia sobranceira á villa (a E.) Ao sitio onde estão os restos do castello se chama o *Ervedal*.

Ainda resta a cêrca dos seus muros exteriores, com seus baluartes. A torre de menagem e mais edificios que existiam dentro d'aquella cêrca, foram destruidos pelos castelhanos, como adiante direi.

Ainda ha ruas inteiras arrasadas por elles, e que se não tornaram a reedificar. No meio da villa está uma torre (que tem agora relogio) muito alta e feita á maneira de pyramide.

Foi D. Affonso Henriques que tomou esta villa aos mouros, pelos annos de 1160, mandando reedificar parte d'ella e povoando-a de christãos, aos quaes concedeu muitos privilegios.

Franklim diz que o primeiro foral do Crato lhe foi dado por Mem Gonçalves, prior da Ordem de S. João de Jerusalem, a 8 de dezembro de 1232.

D. Manuel lhe deu foral novo em Lisboa, a 15 de novembro de 1512.

Esta villa tem o titulo de *notavel*. Não pude porém saber desde quando; mas já o tinha quando se lhe deu o foral novo. N'este foral não só lhe foram confirmados seus antigos, foros e privilegios, mas até lhe foram ampliados e concedidos outros de novo.

Tinha voto em côrtes, com assento no banco 12.°

Tem por armas uma cruz de Malta, de prata, em campo de purpura.

—

Em 1662, um exercito castelhano, commandado por D. João de Austria, pôz cêrco a esta villa, que tinha uma pequena guarnição. Defendeu-se esta valorosamente em quanto poude; mas vencida pela grande desproporção de forças (os castelhanos eram 6:000 infantes e 4:000 cavallos) rendeu-se, não podendo salvar mais do que as vidas da guarnição e habitantes.

D. João de Austria, que em Portugal não foi mais do que um cobarde parlapatão, sendo invariavelmente derrotado pelos portuguezes, quando estes eram, (quando muito; metade dos castelhanos; quando combatia, com 40 ou 50 contra um e vencia, desforrava-se das derrotas praticando toda a casta de crueldades.

Aqui, zangado pela tenaz resistencia que tão poucos portuguezes lhe opposeram, vingou-se fazendo e deixando fazer toda a qualidade de depredações. A villa foi saqueada e queimada, não ficando uma unica casa que não fosse mais ou menos desmantellada, e o seu castello foi arrasado. N'esta occasião arderam os cartorios, que continham muitos documentos importantissimos para a historia de Portugal e para a da Ordem de Malta.

Os povos d'aqui, espavoridos e sem habitação, fugiram para Portalegre e outras povoações.

Passado algum tempo se foi repovoando a villa pouco e pouco; mas esta catastrophe foi tamanha, que o Crato nunca mais tornou ao seu antigo esplendor, e ainda hoje ha ruinas d'esse tempo.

O terreno d'esta villa é bastante accidentado, pelos muitos e grandes rochedos que a cercam por todos os lados, menos pelo sul.

Ainda existem, apesar de muito arruinadas, as suas velhas muralhas, com as suas cinco portas, que já nomeei; mas do seu an-

tigo e forte castello (que era edificado sobre rochedos, em uma eminencia sobranceira á villa) só resta a cêrca de muralha exterior, com seus baluartes. A torre de menagem e mais edificios que estavam dentro d'esta cêrca, não se tornaram a reedificar desde 1662.

A unica parochia da villa é Nossa Senhora da Conceição. E' uma boa egreja de 3 naves. O grão-prior apresentava o vigario, que tinha de rendimento 370 alqueires de trigo, 24 almudes de vinho, em môsto, cantaro e meio de azeite e 13$500 réis em dinheiro.

A egreja da Misericordia, fundada no principio do seculo XVI, era pequena e estava bastante arruinada, assim como o hospital. Foi aquella feita de novo pelos annos de 1750 (sendo demolida a antiga) e este tambem então reedificado. Tem uns 400$000 réis de renda.

A torre do relogio é toda de cantaria; muito alta e antiga, e de fórma pyramidal. Está no centro da villa.

Ha dentro e fóra da villa varias capellas, sendo a mais notavel, pela sua antiguidade, a de S. Pedro, que em tempos remotos foi egreja matriz.

Nos suburbios da villa está a linda aldeia e freguezia da Flôr da Rosa.

Não trato aqui d'ella, por hir no logar competente.

Proximo da villa está o convento de Santo Antonio, que foi de frades franciscanos, fundado no alto de um rochedo, com pequena cêrca.

O termo d'esta villa é muito fertil em cereaes, vinho e azeite.

Cria bastante gado e ha por aqui muita caça.

E' regado por varias ribeiras, sendo a principal d'ellas a chamada de Sêda, que réga e móe.

Passa tambem por aqui a ribeira do Xocanal. Perto d'esta ribeira se acharam em 1724 varios cippos e outras pedras com inscripções romanas.

Feira a 15 de agosto e 8 de setembro, na Flôr da Rosa, arrabalde d'esta villa.

Fabricam-se no Crato muitos e variadissimos objectos de Barro, famosos em todo o reino.

Em 24 de novembro de 1518 teve logsr n'esta villa o casamento do rei D. Manuel com D. Leonor, irman do imperador Carlos V.

Em 5 de fevereiro de 1525 tambem aqui casou D. João III com D. Catharina.

E' n'esta villa a 27.ª estação do caminho de ferro de Leste.

—

Teve seis beneficiados capellães, com obrigação de curarem juntamente com o vigarie, e de assistirem ao côro. Tinham até 1834, cada um 2 moios de trigo, 1 de centeio, 1 pipa de vinho, 3 alqueires de azeite, e 4$000 réis, tudo pago pelos grãos-mestres. Tinha um thesoureiro com 100 alqueires de trigo, 20 almudes de vinho, 11 alqueires de azeite e 4$000 réis em dinheiro. Dois meninos do côro, cada um com 1$800 reis.

—

Consta que junto á esta villa houve em tempos remotos um famoso convento de frades bentos, que os mouros arrasaram em 716. Parece que era onde hoje está a capella de S. Bento, no alto de um monte.

—

Esta villa está entre Niza e Portalegre.

—

Não se póde affirmar se o Crato é a antiga *Cattaleucas*, *Catraleucas*, *Castraleuços*, *Crastaleucas* ou *Catraleucos;* ainda que ha mais probabilidade de ser aqui esta antiquissima povoação e não no sitio da actual Castello Branco; mas o que é certissimo é estar esta villa fundada sobre as ruinas de uma grande povoação de fundação remotissima.

Tambem é certo que antes de 1232 (em cujo anno D. Sancho II doou esta povoação á Ordem do Hospital, para a povoar e fortificar) tinha ella outro nome, que já hoje se não póde lêr na doação original (Torre do Tombo, gaveta 6, maço 1, n.º 22) pois diz o rei que lhe fez mercê «*de illo loco, ... cui de novo nomen imponitur Ucrate, ut faciatis ibi populationem, et fortalezam: et assigno vobis hos terminos.*» Esta carta de doação foi feita em Coimbra a XI k al. Aprilis E.ª M.ª

CC.ª 2 XX.ª E logo no mesmo anno, a 6 de dezembro, os donatarios deram foral á villa.

Vê-se pois que nos primeiros tempos da nossa monarchia se dava ao Crato o nome de *Ucrate* e tambem *Ocrate*.

—

D. Antonio, IX prior do Crato, e primeiro do nome, na ordem dos reis de Portugal, era filho do infante D. Luiz, duque de Beja (filho do rei D. Manuel) e de uma formosissima judia, chamada Violante Gomes, que pela sua muita belleza era conhecida pelo cognome de *Pelicana*. [1]

D. Antonio sustentava que seu pae tinha casado com sua mãe; mas não pôde provar satisfatoriamente essa circumstancia.

Violante Gomes, abjurou o judaismo e se fez catholica (a rogos do seu amante, ou marido.) Morreu freira professa, no convento de Almoster, da ordem de S Bernardo; onde deu sempre exemplos de humildade, de virtude e de uma verdadeira christan. Jaz no claustros d'esse convento.

Rarissimos principes terão dado tão vastos e interessantes assumptos para um bellissimo romance historico, como este rei desgraçado.

Não pude obter um documento que prove com certeza o logar e a data do seu nascimento. Julga-se que foi em Lisboa, pelos annos de 1555.

D. Antonio, pela amenidade do seu trato, pela sua generosidade e até pela sua bella e elegante phisionomia, era geralmente amado do povo portuguez, e especialmente pelos seus vassallos do grão-priorado.

Por morte do Cardeal rei, seu tio, varios foram os pretendentes á coroa portugueza (para evitar repetições, vide Almeirim, no logar competente.)

A universidade de Coimbra tinha resolvido que o throno portuguez, por morte do cardeal rei, pertencia, por direito incontestavel, a D. Catharina, duqueza de Bragança, neta legitima do rei D. Manuel: e, segundo as leis fundamentaes da monarchia, assim era; mas o prior do Crato tinha por si a maxima parte dos portuguezes — isto é — todo o povo e alguns padres e fidalgos.

Philippe II, de Castella, que sendo tambem neto legitimo do rei D. Manuel, nenhum direito tinha á coroa portugueza, por ser estrangeiro, mesmo sem esperar pela decisão dos juizes nomeados *ad hoc* (com a qual contava a seu favor, pela traição d'uns e pela pusilanimidade d'outros) reune em Badajoz um poderoso exercito, commandado pelo sanguinario duque d'Alba.

D. Antonio, contando com a geral sympathia do povo e com a dedicação de alguns fidalgos, nem espera tambem pela decisão dos juizes, nem se atterra com o belico apparato desenvolvido pelo *Diabo do Meio Dia* (como os francezes chamavam a Philipe II) e acompanhado de alguns nobres e povo, entra em Santarem, no dia 23 de junho de 1580.

Estavam aqui os cinco governadores do reino—uns cobardes, outros vendidos ao castelhano—e á chegada do infante, fogem para Setubal e depois para a villa hespanhola de S. Lucar.

As auctoridades civis, militares e ecclesiasticas, os magistrados, o povo de Santarem e o sequito de D. Antonio, o acclamam rei legitimo e natural dos portuguezes, no dia immediato ao da sua chegada (24 de junho.)

O infante, animado por este primeiro triumpho, passa immediatamente a Lisboa, e vae, como rei de Portugal, residir nos paços reaes da Ribeira, promulga leis, manda cunhar moeda e exerce todos os mais actos magestaticos.

Por esta occasião trez dos governadores nomeados pelo imbecil D. Henrique, que se tinham mudado de S. Lucar para Badajoz, declaram em 7 d'agosto rei de Portugal ao futuro usurpador Philippe II.

[1] *Pelicanos* se chamavam n'aquelles tempos aos brincos ou arrecades de certa fórma, que as mulheres usavam por ornato, nas orelhas. Eram commumente adornados de brilantes (falsos ou verdadeiros.) Poderemos pois traduzir o cognome de pelicana, por joia. Na Terra do Feira ainda hoje se dá o nome de pelicanos a certos brincos que as mulheres, menos *janotas*, trazem nas orelhas. São de feitio antigo e adornados, pela parte inferior, com contas d'ouro presas por argolinhas do mesmo metal, que as faz mover em todos os sentidos.

Este manda logo o duque d'Alba sobre Lisboa, com um exercito de 22 mil homens.

Os nossos melhores generaes e a flor do exercito portuguez com o seu rei, tinham ficado ou mortos ou captivos na desgraçada jornada d'*Alcacer-Kibir*, em 4 d'agosto de 1578; e os portuguezes, atterrados, *ainda não tinham tornado a si* d'este horroso desastre.

O duque d'Alba investe Lisboa, pelo O (vide Alcantara) com os seus 22 mil castelhanos. D. Antonio não tinha para lhe oppor, mais de quatro mil homens, bisonhos e mal armados, que mesmo assim, resistiram por algumas horas intrépidamente (25 d'agosto) mas era inevitavel soccumbir ao numero e á desciplina dos soldados castelhanos, provados nas guerras de Flandres e da Italia. Os portuguezes foram derrotados e D. Antonio fugiu para as provincias do norte.

O duque d'Alba toma posse de Lisboa e faz comparecer na sua presença a nobreza de Lisboa, a qual jura obediencia ao usurpador!

D. Antonio é declarado traidor, perturbador da paz, *rebelde ao seu rei* e inimigo da sua patria!!!

Cincoenta e tantos fidalgos, fieis ao seu rei natural, á sua patria, foram incluidos n'aquella irrisoria qualificação, e tiveram a a honra de ficarem comprehendidos no mesmo castigo.

D. Antonio acha no Minho corações dedicados, que por algum tempo o podem subtrahir á sanha feroz do usurpador prejuro; mas, nem este abrigo podia durar muito, nem o principe perdêra as esperanças de vir a ser restituido ao throno que lhe haviam offerecido os portuguezes; pelo que, embarcou para a França, com o fim de interessar os reis da Europa (que quasi todos odiavam o *rei maldito*) em favor dos seus direitos.

As ilhas dos Açores tinham-se, apesar de tudo, conservado fieis ao seu rei natural.

A moeda de D. Antonio ainda circulou no reino até 4 de fevereiro de 1581, dia em que foi prohibida.

Philippe II convóca, em Thomar, umas cortes (eleitas a tiro e a cacéte...) a que elle mesmo, preside, e por ellas é reconhecido rei de Portugal, a 19 de abril d'aquelle anno, tendo 53 d'edade. (Tinha nascido em Valhadolid, em 1527.)

Philippe marcha de Thomar para Lisboa, onde é recebido, pelos seus adeptos, com a maior magnificencia, e entra a tratar os portuguezes com fingida amabilidade e liberalidade (para mais facilmente os enganar; porque era o maior comico do seu tempo.)

Conhecendo porem que não era mais do que um usurpador imposto á nação pela força das suas armas e pela traição ou cobardia de alguns centos de portuguezes degenerados, pretende cohonestar e de algum módo legitimar a sua usurpação.

Tinha ficado viuvo de D. Anna d'Austria, em 26 d'outubro de 1580; pelo que se lembrou de pedir a mão da duqueza de Bragança, tambem viuva. Ella o reppelliu com a maior dignidade, dando-lhe esta memoravel resposta—«As mulheres da minha qualidade, não casam segunda vez.»—

A Africa, Asia e America portuguezas, tinham-se sujeitado ao jugo do usurpador castelhano, e as grandes frotas que de lá vinham, traziam riquezas immensas, que todas se sumiam nas algibeiras sem fundo de Philippe II, e dos seus adeptos. Tambem uma bôa parte d'ellas foi applicada para o pagamento da traição de muitos portuguezes-castelhanos.

D. Antonio conseguiu que o rei de França o reconhecesse como rei de Portugal, lhe d'esse uma esquadra, tropas e dinheiro, e com este auxilio navega para os Açôres, que continuavam a conservar-se-lhe fieis.

Uma esquadra castelhana, muito mais numerosa do que a franceza, derrota esta, sendo seus soldados e chefes feitos prisioneiros e enforcados como piratas.

O sangue dos leaes açorianos corre tambem a jorros em todas as ilhas, derramado pelos carrascos castelhanos.

D. Antonio pôde fugir para a Inglaterra, que tambem odiava Philippe II.

Este, em desforra, projecta destruir esta nação, e para isso, junta em Lisboa uma formidavel esquadra, de 120 náos (grande parte d'ellas portuguezas e tripuladas e guarnecidas por portuguezes.) Era a maior e mais poderosa armada que até então tinha sulca-

do os mares da Europa, e por isso chamada por elle a *invencivel armada.*

Esta esquadra faz-se de vella (de Lisboa) para a GranBertanha, mas no Canal da Mancha é destruida por um temeroso temporal, em 27 dejulho de 1588.

D. Antonio, animado por este acontecimento e achando em Isabel d'Inglaterra uma poderosa alliada, faz com esta ambiciosa rainha um vergonhoso tratado, pelo qual Portugal ficava sendo uma colonia ingleza.

Isabel lhe deu 12 mil homens, com os quaes D. Antonio desembarca, em 1589, na Ericeira e em Peniche, esperando que os portuguezes, animados com a sua prezença e com estas tropas se revoltassem contra o usurpador; mas já se cá sabia das ominosas condições impostas pela rainha Isabel, e nenhum portuguez se juntou a D. Antonio; que, desanimado, embarcou em Cascaes, regressou a Inglaterra, de lá á França, e nunca mais cuidou em tentar fortuna pelas armas, para reclamar a coroa.

Nunca porem deixou de denominar-se rei de Portugal, e com este titulo morreu em Pariz, em 1595; instituindo por herdeiro da coroa portugueza o rei de França! Jaz na egreja de S. Francisco, de Pariz.

No epitaphio da sua sepultura ainda é intitulado rei de Portugal.

O usurpador pouco lhe sobrevive; pois morreu no Escurial (onde jaz) a 13 de Setembro de 1598.

Parece que D. Antonio veio a casar, ou, pelo menos, teve filhos, pois que o *Journal de Genévre,* em um numero do mez de septembro de 1873, fallando dos sumptuosos funeraes do riquissimo e excentrico duque de Brunswich, que tiveram logar naquelle mez e anno, diz o seguinte:

«A morte e funeraes do célebre duque de Brunswich recordaram em Genébra o fallecimento e enterro de uma princeza illustre por seu pae, e alliadá por seu marido ao sangue real da dynartia de Aviz.

Emilia de Nassau, filha de Guilherme, principe de Orange e libertador das provincias Unidas, e mulher de D. Manuel de Portugal, filho de D. Antonio, prior do Crato, foi em 1626 residir em Genébra com as suas seis filhas, onde as receberam as auctoridades com a maior consideração. Alojou-se no alto da rua de Coutance, na casa *Gallutin,* que desde logo se ficou chamando *Palacio Real.* Depois comprou na rua Verdaine uma casa, que em 1644 passou a ser propriedade da familia Rigaud, e serviu n'este seculo de residencia aos consules da Sardenha.

Foi sempre tratada com o respeito devido á sua pessoa e cathegoria, com a benevolencia ordenada pela hospitalidade que fôra pedir á cidade de Genébra, e com a consideração merecida pelo governo das Provincias Unidas e pelo chefe da casa de Orange. As suas virtudes particulares e nobres sentimentos conciliaram-lhe desde logo a estima publica, e fizeram com que vivesse nas melhores relações com os homens mais distinctos de Genébra, com eram os pastores e professores João Deodati, Theodoro Tronchin e Benedicto Turretin aos quaes muitas vezes pediu conselhos salutares e esclarecidos.

«Antes de se completarem tres annos, falleceu em Genébra. O registo diz assim, em data de 16 de março de 1629:

«A muito illustre e serenissima princeza «Emilia de Nassau, que nascera princeza «de Orange, mulher do poderoso e serenis«sissimo principe Manuel de Portugal, de «edade de sessenta annos, morta de longa «enfermidade como febre hectica e como «hydropisia, ás 9 horas da manhã, na sua «habitação da rua Verdaine.»

«O conselho, mal soube do fallecimento, mandou um dos syndicos dar os pezames ás princezas orphãs, e combinar com ellas a fórma do enterro, que, segundo os desejos da defunta, devia ser decente, e determinou-se que os restos mortaes da princeza fossem depositados na egreja de S. Pedro, até serem transportados para a Hollanda.

«Assistiram ao enterro á corporação da magistratura com pastores e professores, todas as pessoas distinctas da cidade e a nobreza estrangeira. As exequias fizeram-se em uma capella, que ficou tendo o nome

de *capella da princeza de Portugal.* Ficava á direita do côro, em face d'aquella onde está o monumento do célebre duque de Rohan. Foi depois transformada em sachristia, em aula de theologia e por fim em archivo.

Em 1647 foi enterrada na mesma capella a filha mais velha da princeza Emilia, chamada Maria Belgia de Portugal, que fôra baroneza de Crol.

—

O concelho do Crato é composto de sete freguezias, todas *isentas* do Grão Priorado do Crato, e administradas pelo eminentissimo cardeal patriarcha. São as seguintes: — Aldeia da Matta, Crato (villa), Flor da Rosa, Gafête, Martyres, Monte da Pedra, e Valle do Pêso.

CREIXOMIL — freguezia, Minho, comarca e concelho de Barcellos, 24 kilometros a O. de Braga, 360 ao N. de Lisboa, 90 fogos.

Em 1757 tinha 80 fogos.

Orago S. Thiago, apostolo.

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

É da casa de Bragança.

Situada em um bonito valle.

A casa de Bragança apresentava *in solidum* o abbade, que tinha 400$000 réis.

É terra abundantissima de aguas e muito fertil. Passa pela freguezia um ribeiro do seu nome, que réga, móe e traz muito peixe.

Na freguezia de Mariz, annexa, ha uma fonte de agua mineral, que dizem cura varias molestias e o fastio. Ainda não está analysada. (Vide Fragoso e Mariz.)

CREIXOMIL — freguezia, Minho, comarca e concelho de Guimarães, 18 kilometros a NE. de Braga, 360 ao N. de Lisboa, 460 fogos.

Em 1757 tinha 325 fogos.

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

Orago S. Miguel Archanjo.

Situada em campina.

O chantre da collegiada de Guimarães apresentava o vigario, que tinha 60$000 réis.

Póde considerar-se arrabalde da cidade de Guimarães, e parte da cidade pertence a esta freguezia, que é das mais ferteis do Minho.

Cria muito e muito bom gado de todo, principalmente bovino.

Tem uma capella de S. Lazaro, que foi antigamente *gafaría* (hospital de lazaros). Tambem foi gafaria a capella de Santo André, que hoje é a Misericordia da cidade.

Passa aqui o rio Célho. É aqui a quinta da *Porcariça*, do sr. Alexandre Palhares e Brito.

Palhares é appellido nobre em Portugal, tomado da aldeia de Palhares no Minho, o primeiro que o usou foi Pedro Annes de Palhares, que viveu pelos annos de 1222.

Teem por armas (brazão incompleto) — Em campo de púrpura, seis besantes de oiro, em duas palas, e entre elles um braço armado com uma espada de prata, guarnecida de oiro, na mão, com a ponta para cima. Elmo de aço aberto, e por timbre o braço com a espada, como o das armas.

CRESPOS e NAVARRA—freguezia, Minho, comarca, concelho e 7 kilometros ao NE. de Braga, 60 ao N. do Porto e 365 ao N. de Lisboa, 247 fogos (Crêspos 189 e Navarra 247).

Em 1757 tinham 123 fogos ambas.

Orago Santa Eulalia.

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

Situada em formoso valle, nas margens do Cávado.

Está annexa a esta freguezia a de S. Lourenço de Navarra, ha mais de 100 annos. O abbade tinha de renda dois contos de réis.

A freguezia de Navarra, antes de se annexar, era vigariaria apresentada pelo abbade de Crêspos, e o vigario tinha de rendimento 40$000 réis.

N'esta freguezia está a casa do *Enxido*, que foi solar dos *Brochados*.

É terra muito abundante de aguas e muito fertil.

(Ha em Portugal cinco aldeias chamadas *Crêspos*, mas nenhuma tem coisa notavel.)

Tem uma boa nascente de aguas sulphureas.

Teve esta freguezia a fortuna de ter, até 1834, quasi sempre abbades exemplares, gastando em aformoseamentos da egreja, com o culto divino e em obras de caridade, os seus grandes rendimentos.

Distinguiu-se entre estes, o virtuoso arcipreste João Antonio de Mattos, que mandou fazer, entre outras obras, a grande *casa da renda*, com um salão de 19 metros de comprido e 6^{m},5 de largura; e uma adega com as mesmas dimensões, que lhe fica inferior. O salão tem uma boa varanda (ao S.) de todo o seu comprimento, e tres quartos, para residencia de um cura.

Fica ligada á residencia parochial, por um passadiço, em fórma de corredor, atravessando por cima do caminho publico.

A residencia é vasta, boa e está bem conservada.

A egreja matriz é um bom templo moderno. A capella-mór foi pintada em 1869. Vae-se tambem pintar o corpo da egreja, á custa das confrarias (1874).

Tem esta egreja boas armações de damasco de sêda, e ricos paramentos da mesma materia, mas já bastante antigos. Tem duas custodias, sendo uma de prata lavrada e ornada de brilhantes, e mais alguns objectos do culto tambem de prata. Tem um bom orgão.

O côro está em communicação com a residencia do abbade, por um passadiço coberto.

Tem apenas um campanario com dois sinos; mas vae construir-se-lhe uma boa torre, feita á custa das pessoas principaes da freguezia, dando para isto o sr. commendador Manuel Luiz Ferreira Braga, só á sua parte uma avultada quantia, que chega para mais de metade da obra.

Este benemerito e religioso cavalheiro tem por varias vezes feito valiosas dadivas a esta egreja, e faz todos os annos uma grande festa a Nossa Senhora das Dores, de cuja confraria é juiz perpetuo. Honra pois a este varão benemerito, que tanto se interessa pelo esplendor do culto divino.

O sr. Ferreira Braga tem aqui uma boa quinta. Foi por sua influencia que esta freguezia conseguiu ter uma bella estrada, municipal, que a liga com a cidade de Braga, o que muito concorre para a sua prosperidade.

Promove este melhoramento o actual abbade, o sr. Gaspar José de Sepulveda.

—

Esta freguezia é fertil em todo o genero de fructas do paiz, e cria bastante gado.

Ha na freguezia duas capellas, uma dedicada ao archanjo S. Miguel, que teve em remotas eras o seu assento em uma bouça (que ainda se chama hoje Bouça de S. Miguel) junto ao rio Cávado, e depois foi mudada para o logar da Venda, onde existe.

Tambem está na capella a devota imagem de Santo Amaro, que se festeja annualmente, tendo então logar uma concorridissima romaria.

A outra capella é um templosinho elegante, da invocação de Nosso Senhor do Padrão (dos Passos) no logar por isso chamado do Padrão.

CRESTELLO ou **CASTRELLO** (que hoje se escreve, erradamente, *Christello* e *Cristello*) — vem do latim *castro* e *crasto* (e algumas vezes tambem do celta *carn*). *Crestello*, *Castrello* e *Castêllo*, é diminutivo de *Castrum*. Mas isto não é *castra* ou *crasta*. *Castra* é o arraial de todo um exercito, com suas quatro portas (uma para cada um dos quatro pontos cardeaes, N., S., E. e O.) cercado de fosso. Ao arraial de uma só *legião* (brigada) dava-se o nome de *Castrum*.

Estes arraiaes ou acampamentos, estabeleciam-se sempre em posições eminentes e que com mais facilidade se podiam defender.

Como os romanos encontraram uma obstinada resistencia por mais de 200 annos na Lusitania, estes arraiaes se tornaram em alguns sitios permanentes.

Sertorio, adoptando a legislação, religião, usos, costumes e organisação militar e civil dos romanos, adoptou tambem para a sua patria adoptiva estas construcções, dando a tudo os respectivos nomes romanos, pois que tudo quanto era official se escrevia em latim; costume que seguiram os godos e ainda os nossos primeiros reis, como se verá repetidas vezes no decurso d'esta obra.

Dos arraiaes romanos e lusitanos, muitos se vieram a povoar e ainda bastantes existem transformados em cidades, villas e aldeias; conservam algumas d'estas povoações o seu primeiro nome, e eis uma das razões porque em Portugal ha tantas terras com o nome de Castello, Castêllo, Castêdo, Castendo, Castrello, Crestello, Cristello, Castro, Crasto, Córte (corrupção de cohorte), etc.

CRESTUMA — villa, Douro, concelho de Gaia, comarca e 12 kilometros ao E. do Porto, 300 ao N. de Lisboa, 230 fogos.

Em 1757 tinha 84 fogos.

Orago Santa Marinha, virgem e martyr.

Bispado e districto administrativo do Porto.

Situada na encosta septentrional da serra do seu nome e sobre a margem esquerda do Douro.

Foi antigamente da comarca da Feira, e cabeça do couto do seu nome, que era dos bispos do Porto, por doação que fez a rainha D. Thereza, viuva do conde D. Henrique, a D. Hugo, bispo do Porto, pelos annos de 1110.

É povoação muitissimo antiga, mas ignora-se por quem foi fundada.

Atravessa a freguezia o rio Huyma ou Uima, que aqui mesmo desagua no Douro, tendo proximo da sua foz uma ponte de cantaria, de um só arco, construida em 1870, da qual logo cahiu metade em 1872.

Parece que foi antigamente fortificada a povoação de Crestuma, e ainda ha vestigios de uma torre ou Castello. D'este castello *(crasto)* e de *Uima* se formou o nome da villa.

Isto segundo alguns, mas da doação de D. Ordonho, de Leão, que adiante menciono, se vê que em 922 se chamava *Castrumire* (por o seu castello se *mirar* nas aguas do Douro) e então parece-me que, se não houve lapso na tal doação, ou êrro de copia, *Crestuma* é corrupção de *Castrumire*. Castrumire tambem podia já ser corrupção de *Castimiro*, nome proprio de homem, que hoje dizemos *Casimiro*.

Tambem se chamava *Crastumire* e *Crastumia*. É d'aqui que vem *Crestuma*.

O abbade de Santa Maria do Olival apresentava aqui annualmente o cura, ao qual dava 12$000 réis. Tinha além d'isso o pé d'altar, que andava por 30$000 réis.

—

Em tempos remotos era Crestuma uma aldeia da freguezia do Olival. Quando se tornou freguezia independente e foi coutada (por D. Thereza, como já disse) tinha juiz ordinario, que tambem era dos orphãos, almotacé, coudel-mór, meirinhos, escrivão, etc.

É terra muito fertil e de muito commercio com a cidade do Porto, com a qual está em continua communicação fluvial.

Tem muito e bom peixe do Douro.

Teve um convento de frades bentos, fundado (segundo alguns) no seculo VII. Ou este convento continuou a existir no tempo dos arabes (mediante certo tributo) ou foi reedificado no tempo dos reis godos; pois que em 922, D. Ordonho, rei de Leão, e os grandes da sua côrte fizeram doação ao mosteiro de Castrumire (em attenção a D. Gomado, bispo de Coimbra, que se tinha recolhido a este mosteiro) do seu couto e jurisdição. Este convento passou a commendatarios (no seculo XV) os quaes deram cabo d'elle.

Julgo que, quando D. Thereza coutou Crestuma, foi para dar o couto aos frades d'aqui, mediante certa *reconhecença* aos bispos do Porto.

Crestuma é hoje uma bonita aldeia, e nada mais. Já não merece o nome de villa.

—

D. Gomado, resignando a mitra de Coimbra, se fez religioso n'este mosteiro de Castromire.

Em 922, estando no Porto D. Ordonho II, rei de Portugal e Galliza (que tomou Beja aos mouros, e derrotou o feroz Abd-el-Raman, rei de Córdova, n'este mesmo anno, junto á cidade do Porto) e tendo conhecimento das muitas virtudes e grandes talentos de D. Gomado, desejou vel-o e o mandou chamar. Este escusou-se, sob pretexto de ter feito voto de não tornar a sahir do convento. Então o rei, a rainha e toda a côrte, se metteram em barcos e foram visi-

tar o santo bispo a Castromire, e fazer oração á sua egreja.

Foi n'essa occasião que o rei deu ao mosteiro o couto e jurisdição de Castromire, a villa e couto de Fermêdo, e outras muitas terras e rendas, e fazendo-lhe grandes mercês.

Os condes *Lucídio Vimarães*, *Rodrigo Luci*, e outros fidalgos da comitiva do rei, tambem então doaram a este mosteiro grande numero de villas e mosteiros, e entre elles: Santa Marinha, não longe do porto e cidade de *Anégia* (Vide *Arêja*)—Santa Cruz d'*Abuil*—S. João d'*Ameixiedo*—S. Martinho de *Paradella* (junto ao rio *Februs*)—S. Miguel de *Cortegáda* (Cortegaça)—S. Pedro de *Villa Chan* (na Avanca)—S. Miguel de *Dezanos*—S. Thiago (junto ao rio *Ver* (Lever?)—S. Miguel d'*Oliveira*—o antigo mosteiro de Santa Marinha (na margem do rio *Antuan*)—S. Pelagio d'*Ossella*—S. João de *Cepellos*—as egrejas de *S. Donato* e *S. João* (no porto d'*Ovar*)—e finalmente a de S. Mamede (entre *Paçô* e *Ermogenes*).

E todas estas egrejas «*cum suos Dextros, vel debito*». (*Dextros* são os passaes e logradouros da egreja.)

—

Era vastissimo o couto de Crestuma, e segundo as demarcações feitas em 922, se estendia pelas duas margens do Douro, entrando pela margem direita, pela *terra de Sousa*, até ao monte *Zevrario (das Vaccas)*.—(Livro Preto de Coimbra, fl. 39.)

—

Ha n'esta freguezia uma optima fábrica de fiação de algodão, de uma companhia formada na sua quasi totalidade por capitalistas da cidade do Porto.

Em março de 1874 se reuniu n'esta cidade a assembléa geral d'esta companhia, para proceder á reforma dos seus antigos estatutos. Pelos novos, passa a denominar-se *Companhia de Fiação de Crestuma*.

As acções, que até então eram de 150$000 réis, ficaram reduzidas a 100$000 réis.

O capital, que era de 240 contos, foi elevado a 300, sendo os 60 contos do excesso emittido em novas acções, que serão rateadas pelos accionistas, em proporção das acções que já tiverem.

O pessoal da direcção, que era de 3 directores, fica reduzido a dois, e elevado o ordenado de cada um d'elles a 800$000 réis annuaes; tendo além d'isso o director da fabrica uma gratificação de 300$000 réis para as despezas de viação.

CRIMENÇO—portuguez antigo—Clémente, nome proprio d'homem.

No concelho de Cabeceiras de Basto, ha a freguezia de S. Clemente (antigamente *S. Crimenço*). Houve aqui um mosteiro de frades bentos, em tempos remotos.

CRISTELEJOM—portuguez antigo (corrupção do latim)—expressão de despedida, isto é, *Christo seja comtigo, fica com Christo, adeus*, etc.

CRISTELLO—freguezia, Minho, comarca e concelho de Barcellos, 24 kilometros a O. de Braga, 370 ao N. de Lisboa, 230 fogos.

Em 1757 tinha 164 fogos.

Orago o Salvador.

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

Foi abbadia apresentada pelos Pinheiros de Barcellos, como morgados de Pouve. (Vide Barcellos). E' terra fertil.

Para a etymologia, vide Crestêllo.

O abbade tinha 400$000 réis de rendimento annual.

CRISTELLO—freguezia, Minho, comarca de Vallença, concelho de Coura, 48 kilometros ao NO. de Braga, 408 ao N. de Lisboa, 100 fogos.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Vianna.

Orago S. Miguel, archanjo.

Os viscondes de Villa Nova da Cerveira apresentavam o abbade, que tinha 200$000 réis de rendimento.

No logar do Outeiro havia uma torre muito antiga, que se demoliu para, com os seus materiaes se fazer uma casa.

Em um alto proximo, ha vestigios de fortificações romanas, ou dos lusitanos.

Houve aqui muita fidalguia, parte d'ella descendente dos *vascões*. Varias quintas de pessoas de fóra da freguezia o attestam. (Vide Crestello.)

CRISTELLO — freguezia, Minho, comarca de Vianna, concelho de Caminha, 54 kilometros ao O. de Braga, 408 ao N. de Lisboa, 100 ao N. do Porto, 18 ao NO. de Vianna, 45 fogos.

Em 1757 tinha 40 fogos.

Orago S. Thiago.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Vianna.

Situada em planicie accidentada, na costa do Atlantico, ficando-lhe ao N. e NE. a serra do seu nome, que é um dos ramos da serra d'Arga. É terra muito fertil.

Passa aqui a estrada real de Lisboa para o Norte, e segundo o *traçado*, tambem aqui vem a passar o caminho de ferro do Norte, se o risco não for alterado.

A sua situação é muito linda, como as de todas as freguezias do litoral, desde Vianna até Caminha.

Na serra d'esta freguezia ha alguns *carns* (a que o povo d'aqui chama *cerrados dos mouros*) e, ainda que em grande parte destruidos, conhece-se perfeitamente o que são.

Eram senhores donatarios os marquezes de Villa-Real. Passou, por herança, para os duques de Caminha (da mesma familia — *Noronhas*) e sendo-lhes sequestrados todos os bens e fóros, em 1641, pelo attentado contra D. João IV, foram encorporados na casa do infantado. (Para isto vide Caminha, e para a etymologia, vide Crestéllo.)

A casa do infantado apresentava o abbade, que tinha 40$000 réis de congrua e o pé de altar.

É povoação antiquissima, pois foi incontestavelmente habitada pelos celtas.

CRISTELLO — freguezia, Douro (hoje annexa á de Vandoma), comarca de Penafiel, concelho de Paredes, 24 kilometros a NE. do Porto, 330 ao N. de Lisboa.

Em 1757 tinha 57 fogos.

Hoje ambas as freguezias teem 145 fogos.

Orago S. Miguel, archanjo.

Bispado e districto administrativo do Porto.

Era antigamente da comarca e termo do Porto, e do concelho de Penafiel.

A matriz era situada em o monte Crasto.

O abbade de Santa Eulalia da Vandoma apresentava o cura, que tinha 180$000 réis. (Vide Crestéllo e Vandoma.) É terra fertil.

CRISTELLO — vide Bésteiros.

CRISTELLO COVO — freguezia, Minho, comarca e concelho de Valença, 54 kilometros ao NO. de Braga, 40 ao N. de Vianna, 410 ao N. de Lisboa, 170 fogos.

Em 1757 tinha 77 fogos.

Orago Santa Maria, ou Nossa Senhora da Natividade.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Vianna.

Dá-se vulgarmente a esta freguezia a denominação de *Segadães*, pelo motivo que abaixo se declara.

É abbadia, que foi apresentada pelos marquezes de Villa Real, e depois pelos duques de Caminha. Pelo attentado contra D. João IV, em 1641, foram sequestrados todos os bens e rendas dos Noronhas, passando o padroado d'esta egreja para a casa do infantado.

Até ás guerras da restauração, tinha o abbade um vasto e bom *passal*, junto á egreja.

A fonte que está ao hir para as Portas do Sól (da praça de Vallença) era dos passaes, e ainda hoje se chama Fonte de Cristéllo. D. João IV e D. Affonso VI, augmentando as obras de defeza da praça, com a chamada da *Obra Coroada*, que se fez em um monte, até alli coberto de grandes carvalheiras, mandaram arrasar tudo, comprehendendo a egreja matriz (que era antiquissima) a qual se mudou para a aldeia de Segadães, onde ainda está.

Por occasião d'estas obras de defeza, se arrasaram tambem muitas casas e fazendas que havia em volta da praça, o que muito prejudicou os seus proprietarios. Foram engenheiros Azevedo e Maximiliano.

A capella do Bom Jesus, imagem de grande devoção para o povo dos arredores, pelos muitos milagres que se lhe attribuem, pertenceu até então á freguezia de Cristéllo.

Junto á Veiga de Mira houve uma capella, dedicada a S. Miguel, archanjo, que hoje não existe.

Ha n'esta freguezia as capellas de Santa Luzia e de Nossa Senhora dos Remedios, que eram de vinculos particulares.

É esta freguezia situada sobre a margem esquerda do rio Minho, em formosa e feracissima planicie, e nos arrabaldes de Vallença.

Todos os annos, na segunda feira da Paschoa, se costuma fazer n'esta freguezia a festa chamada *Lanço da Cruz*.

Consiste no seguinte:

O abbade, o mordomo e alguns pescadores, mettem-se com a cruz dentro de um barco, e atravessando o rio, o benze o parocho e depois se larga uma rêde, sendo para o abbade o peixe que ella colher. Poucas vezes o pobre do abbade arranja cousa que valha a pena; mas em 1872, favoreceu-o a sorte, arranjando com o Lanço da Cruz, 16 saveis.

Quando está bom tempo é este um divertimento a que concorre grande multidão de Portugal e Hespanha, ficando então despovoada a villa de Vallença.

A casa do infantado apresentava o abbade, que tinha 200$000 réis de rendimento annual.

CRISTÉLLOS—freguezia, Douro, comarca e concelho de Louzada, 36 kilometros ao NE. do Porto, 335 ao N. de Lisboa. 139 fogos.

Em 1757 tinha 89 fogos.

Orago Santo André.

Bispado e districto administrativo do Porto.

Era antigamente da comarca de Barcellos, concelho de Louzada.

E' da casa de Bragança.

Os frades cruzios do mosteiro de Villela (annexo ao da Serra do Pilar, de Gaia) apresentavam o abbade, que tinha 500$000 réis.

O *Portugal Sacro*, diz que a apresentação era do papa, do bispo do Porto e dos cruzios da Serra do Pilar, tendo 4 mezes cada um.

É terra muito abundante de aguas e muito fertil.

N'esta freguezia ha o monte do Crasto, onde ha vestigios de fortificações, do tempo dos romanos.

CRÓCA—freguezia, Douro, comarca e concelho de Penafiel, 35 kilometros a NE. do Porto, 335 ao N. de Lisboa, 160 fogos.

Em 1757 tinha 113 fogos.

Orago S. Pedro, apostolo.

Bispado e districto administrativo do Porto.

Era antigamente da comarca e termo do Porto, concelho de Penafiel.

Era couto do convento de frades benedictinos, de S. Miguel do Bustello (proximo de Penafiel.) Situada em uma serra.

A egreja está no couto de Bustéllo. O abbade do convento apresentava o cura, que tinha 100$000 réis de rendimento.

É terra fertil.

Nasce n'esta freguezia o rio Cavallum.

CROYO ou **CROIO**—portuguez antigo, Claudio. Nome proprio de homem.

CRUGEIRA—vide Corujeira.

CRUJÃES—freguezia, Minho, comarca e concelho de Barcellos, 12 kilometros ao O. de Braga, 360 ao N. de Lisboa, 30 fogos.

Em 1757 tinha 22 fogos.

Orago Santa Comba, virgem e martyr.

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

Esta freguezia está annexa á da Várzea, na mesma comarca, concelho, arcebispado e districto administrativo.

É da casa de Bragança.

Era antigamente da comarca de Braga, termo de Barcellos.

O abbade de S. Thiago de Sequiáde é que apresentava o vigario, que tinha 40$000 réis.

É terra fertil. (Vide Varzea.)

—

Entendo que se devia escrever *Corujães* (de *coruja*, ave nocturna) mas vejo nos livros officiaes e no *Portugal Sacro* escripto *Crujães*, pelo que assim o escrevo tambem.

CRUJÃES—aldeia, Beira Alta, freguezia de Penajoia, comarca, concelho e bispado de Lamego, districto administrativo de Viseu.

É uma povoação pequena, mas muito bonita e fertilissima. Fica proximo da margem esquerda do Douro. (Vide Corvaceira e Penajoia.)

CRUTO (devia ser **CURÚTO**)—môrro ou cabeço conico (composto de rochedos graniticos) a mais de 400 metros acima do nivel do mar, na serra do seu nome.

E' na provincia do Douro, freguezia de Fermedo, comarca e concelho de Arouca, d'onde dista 22 kilometros a O., 282 ao N. de Lisboa, 30 ao SE, do Porto.

Do seu cume se gosa um extenso e formosissimo panoramma. Vê-se a cidade do Porto (distinguindo-se mesmo as torres das egrejas) o mar e muitas freguezias e serras.

A gente d'estes sitios conta muitas *maravilhas* d'este cabêço. Diz que houve n'elle um castello de mouros e que aqui existem grandes riquezas *encantadas.* E' tradição que em tempos remotos se chamava *Crasto Alvarinho* e sob este nome é conhecido nos taes *roteiros* com que os crendeiros de minas encantadas teem perdido muito tempo em busca de thesouros, que nunca encontram.

Examinei muitas vezes o Cruto com todo o vagar e não vejo alli o minimo vestigio de qualquer casta de edificios.

O que é porém certissimo é que na serra que fica ao sopé do môrro ha umas sete ou oito *mâmoas,* ao N. e S. d'elle, e que na serra de Borralhoso (prolongamento d'esta) ha um *dolmen.* Provas evidentes de que os celtas aqui fizeram diuturna habitação.

Tambem em algumas rochas graniticas d'estas immediações ha inscripções em caracteres desconhecidos. Na minha opinião são garatujas feitas a sinzel por alguem para *mystificar* os papalvos dos *roteiros.* Em todo o caso, estas lettras, ou garatujas, são antiquissimas.

Curutello é diminutivo de *Curuto.*

CRUZ—freguezia, Minho, comarca e concelho de Villa Nova de Famalicão, 30 kilometros ao N. do Porto, 342 ao N. de Lisboa, 100 fogos.

Em 1757 tinha 92 fogos.

Orago S. Thiago, Maior.

Era antigamente da comarca e termo de Barcellos, arcediagado de Vermuim.

E' da casa de Bragança.

O abbade tinha 400$000 réis, e era apresentado pelo duque.

Situada em um valle. E' fertil.

Ha aqui o morgado de Pindella, hoje elevado a viscondado, e é seu primeiro visconde o sr. João Machado Pinheiro.

CRUZ (Santa)—freguezia, Traz-os-Montes, comarca e concelho de Vinhaes, 70 kilometros de Miranda, 455 ao N. de Lisboa, 60 fogos.

Em 1757 tinha os mesmos 60 fogos.

Orago Santa Cruz.

Bispado e districto administrativo de Bragança.

Era antigamente da comarca de Miranda, termo da Villa do Paço, depois, até 1855, foi comarca de Bragança, concelho de Vinhaes.

O reitor de Quintella de Vinhaes apresentava o cura, que tinha 8$500 réis, 20 alqueires de centeio, 20 de trigo, 14 de serodio e 14 almudes de vinho.

A maior parte d'esta freguezia é situada em um profundo valle.

Passa aqui o rio Tuélla.

É terra muito fertil, sobre tudo em linho, do qual produz grande quantidade.

CRUZ (Santa)—freguezia, Alemtejo, comarca e concelho de Almodóvar, 125 kilometros ao O. de Evora, 180 ao S. de Lisboa, 350 fogos.

Em 1757 tinha os mesmos 350 fogos.

Orago Nossa Senhora do Pé da Cruz.

O *Portugal Sacro e Profano* diz que tinha por orago Nossa Senhora da Encarnação; é provavel que depois de 1757 se lhe mudasse a invocação para Nossa Senhora do Pé da Cruz, ou da Soledade.

Bispado e districto administrativo de Beja.

Era antigamente da comarca de Ourique, termo de Almodóvar.

A matriz é um antiquissimo templo de 3 naves. Era da Ordem militar de S. Thiago e a Mesa da Consciencia e Ordens é que apresentava o prior, que tinha 2 moios e meio de trigo, 2 de cevada e 12$000 réis.

O prior apresentava o cura, mas este era pago pelo povo e aquelle pela commenda.

É terra muito fertil e cria muito gado e colmeias.

Junto á capella de Nossa Senhora da Encarnação ha uma fonte cuja agua dizem que cura a lepra e outras molestias cutaneas.

CRUZ (Santa)—freguezia, Extremadura, comarca de Alcacer do Sal, concelho de S.

Thiago de Cacem, 95 kilometros a O. d'Evora, 100 ao S. de Lisboa, 100 fogos.

Em 1757 tinha 84 fogos.

Orago Santa Cruz.

Bispado de Beja, districto administrativo de Lisboa.

Era antigamente da comarca e concelho de Ourique, termo de S. Thiago de Cacem.

Foi primeiramente dos duques de Aveiro, depois (no seculo XVII) passou para a corôa.

Situada em terreno montuoso.

Era commenda da Ordem de S. Thiago, pelo que a Mesa da Consciencia apresentava o capellão, que tinha 2 moios e meio de trigo, 2 de cevada e 10$000 réis, tudo pago pela commenda da villa.

É terra fertil em cereaes e vinho.

Tinha juiz da vintena com seu escrivão, nomeados pela villa de S. Thiago de Cacem.

Aqui nasceu João da Costa, filho de André Christovão e de Maria da Costa (era appellidado *o menino do freixo*) de corpo agigantado e forças herculeas.

Tinha 5 palmos de um a outro hombro, a cabeça era disforme e todos os mais membros em proporção. Morreu em 9 de março de 1687 e está sepultado na egreja d'esta freguezia. Veio para a cova trazido por 8 homens, que vinham vergando. O esquife que o conduzia chegou á egreja feito em pedaços.

Ha em Portugal mais 83 aldeias com o nome de Santa Cruz, mas nenhuma tem cousa digna de especial menção.

CRUZ DO LIMA ou **DO BEIRAL** (Santa)—freguezia, Minho, comarca e concelho de Ponte de Lima, 30 kilometros a O. de Braga, 325 ao N. de Lisboa, 100 fogos.

Em 1757 tinha 101 fogos.

O *Portugal Sacro e Profano* não traz esta freguezia.

Orago Santo André, apostolo.

Era antigamente da comarca de Vianna, termo de Ponte de Lima.

O arcebispo de Braga apresentava o abbade, que tinha 400$000 réis.

Passa pela freguezia o rio Lima.

É terra muito fertil.

CRUZ DO BISPO (Santa)—freguezia, Douro, concelho de Bouças, comarca e 12 kilometros ao N. do Porto, 325 ao N. de Lisboa, 180 fogos.

Em 1757 tinha 98 fogos.

Orago Santa Cruz.

Bispado e districto administrativo do Porto.

O ordinario apresentava o cura, ao qual dava de congrua dois carros (80 alqueires) de pão, 10$000 réis em dinheiro e o pé d'altar.

Em um sêrro, entre as capellas de Nossa Senhora do Livramento e de S. Sebastião, se achou uma estatua de pedra, de Hercules, a que o vulgo chama o *homem da maça*, pela que tem na mão. A seus pés se vê o leão.

Passa por esta freguezia o rio Leça.

É terra muito fertil.

É n'esta freguezia a bella e extensa quinta de recreio, dos bispos do Porto.

Esta quinta, segundo uns, foi hospicio de frades benedictinos em eras remotas, passando depois a ser dos templarios. Segundo outros, foi feita pelo bispo do Porto, D. Rodrigo Pinheiro. Podia ser ambas as cousas. Havia aqui uma bella e rarissima matta de gigantescos buxos, os maiores de Portugal e o maior ornamento e notabilidade da quinta. Sendo bispo do Porto o abbade de Fonte Boa, D. Jeronymo José da Costa Rebello (o *Canavêta*) destruiu e exterminou estes formosissimos e admiraveis buxos, que tinham muitos seculos de existencia, vendendo-os em 1844, por uma ridicularia, aos torneiros do Porto. Foi um verdadeiro, injustificavel e illegal vandalismo, que desagradou a todos.

Chamava-se antigamente, esta freguezia, *Santa Cruz da Maya*. Depois dos bispos do Porto terem aqui a quinta, é que se chamou *do Bispo*.

Nas *Inquirições reaes*, de 1258, se achou que a O. do hospital tinha n'esta freguezia seis casaes, que lhe havia empenhado fr. Adrião—o qual foi ter a um moinho, e *forciavit ibi unam mulierem*, e o rico-homem que então tinha a Maya, *demandabat ei Raussum*, e para satisfação d'aquelle crime, fez o dito empenho.

Esta freguezia, que era da corôa, foi dada por D. Mafalda, mulher de D. Affonso

Henriques, aos bispos do Porto, para resarcir os prejuizos que a sua Sé tinha nos proventos dos enterros; pois que a maior parte das pessoas que morriam na cidade do Porto, eram por seus parentes mandados enterrar no convento de S. Domingos, da mesma cidade; mesmo os que eram da freguezia da Sé.

CRUZ DO DOURO (Santa) — freguezia, Douro, comarca e concelho de Baião, 60 kilometros ao NE. do Porto, 345 ao N. de Lisboa, 400 fogos. Em 1757 tinha 269 fogos.

Orago Santa Cruz.

Bispado e districto administrativo do Porto.

Pertencia á comarca de Soalhães, que em 24 de outubro de 1855 foi dissolvida, passando então para esta.

Até 1834 era prelazia *nullius diocesis*, da jurisdição ordinaria do abbade de Soalhães, que d'ella era prelado no espiritual e temporal. Pertencia então á comarca do Porto.

Está situada no centro do concelho de Baião, em sitio alto. Parte d'esta freguezia era antigamente do concelho de Baião e parte, da *honra* d'Eyras. Tanto do concelho como da *honra* eram donatarios os senhores de Baião, depois passou para a corôa.

O abbade de Soalhães é que primeiramente apresentava o abbade, depois passou o direito de apresentação a ser dos viscondes de Villa Nova da Cerveira, mas era collado pelo abbade de Soalhães. (Vide Soalhães.)

Tinha o abbade de renda 3:500 cruzados (1:400$000 réis).

Esta egreja era dos arcebispos de Braga, dada pelo papa Eugenio III, em 1147, ao arcebispo D. João, o que foi confirmado pelo papa Adriano IV, em 1150.

Em 1307, o arcebispo D. Martinho cedeu toda a jurisdição d'esta egreja no abbade de Soalhães, que era D. João Martins de Soalhães, que foi bispo de Lisboa; ficando assim esta egreja elevada a prelazia com jurisdição episcopal.

O tal D. João Martins, era natural de Soalhães e padroeiro d'esta egreja, á qual tambem deu a de S. Thiago de Neiva, no arcebispado de Braga.

Assim ficou o abbade de Soalhães com auctoridade quasi episcopal. Fazia audiencia todas as semanas, na sua residencia, da egreja de Soalhães, tendo dois escrivães, promotor e meirinho.

É terra muito abundante d'aguas e muito fertil em cereaes e vinho. Cria muito gado e faz bastante commercio com a cidade do Porto, pelo Douro.

Atravessam a freguezia, os ribeiros Eiras de Lazarim e Trancoso, que ambas desaguam na margem direita do Douro.

Ha n'esta freguezia uma grande quinta dos srs condes de Rezende. Foi privilegiada (couto do homisio) diz-se que por ter sido de D. Joanne Reymão, francez illustre, progenitor dos Cirnes Reymões.

CRUZ DE LUMIARES (Santa)—Vide Lumiares.

CRUZ DOS MOROUÇOS, ou dos **MEROUÇOS**—aldeia, Douro, proximo a Coimbra.

Tendo-se revolucionado contra o governo do sr. D. Miguel I varios generaes e corpos de linha e formado uma chamada junta provisoria, na cidade do Porto, o general Saldanha marchou com a flor das tropas revolucionarias sobre Lisboa. O general realista Póvoas os espera na Ega, proximo a Condeixa, onde ha uma pequena escaramuça a 23 de junho de 1828. Os liberaes retiram por Sernache até á Cruz dos Morouços, onde no dia seguinte houve um combate, no qual os liberaes foram derrotados, retirando sobre o Porto, para serem de novo derrotados e dispersos na batalha da Ponte do Vouga.

CRUZ QUEBRADA — aldeia, Extremadura, arrabaldes de Lisboa, freguezia de S. Romão de Carnaxide, concelho d'Oeiras, 20 fogos, 80 almas, 12 kilometros a NO. de Lisboa.

Tem duas fabricas de cortumes e um forte (chamado da Cruz-Quebrada.)

Situada em um valle onde corre a ribeira de Jamôr, que aqui entra no Tejo, por baixo de uma ponte de pedra.

Da povoação da Cruz-Quebrada descobre-se Linda a Pastora, Linda a Velha e Carnaxide; todas trez povoações pittorescamente situadas.

Vide Carnaxide. A ponte da Cruz-Quebrada foi feita em 1618, á custa da camara de Lisboa a instancias de fr. Rodrigo de Deus, frade do convento de Santa Catharina de Riba Mar. Antes de se fazer esta ponte e as d'Algés e Caxias (tambem feitas em 1618) passava a gente ás costas d'homens que alli estavam para isso; mas todos os annos pelo inverno aconteciam desgraças: até que o bom do tal frade tantas diligencias fez, que conseguiu que a camara de Lisboa fizesse as tres pontes.

Na Cruz Quebrada teem uma bella quinta os srs. condes do Casal-Ribeiro.

CRUZ DE RIBA TAMEGA (Santa)—concelho extincto, Douro, comarca, e 10 kilometros ao O, d'Amarante, 48 kilometros ao N. do Porto, 360 ao N. de Lisboa, 3:600 fogos.

D. Manuel lhe deu foral, em Lisboa, no primeiro de setembro de 1513.

Foi supprimido este concelho pelo decreto de 24 do outubro de 1855, e as suas freguezias ficaram pertencendo ao concelho de Amarante. As freguezias que formavam o concelho de Riba Tamega, eram:

Athaide, Figueiró, Fregim, Louredo, Mancellos, Oliveira, Real, Travanca, Villa-Cahiz e Pacinhos.

CUBA—villa, Alemtejo, 18 kilometros ao N. de Beja, 48 a O, d'Evora, 120 ao S. de Lisboa, 830 fogos (3:300 almas) no concelho 1:400, na comarca 4:600.

Em 1757 tinha 422 fogos, na villa e freguezia.

Orago S. Vicente, martyr.

Bispado e districto administrativo de Beja.

Foi antigamente da comarca e termo de Beja.

É da casa do infantado.

É povoação antiquissima, pois já existia no tempo dos romanos; mas ignora-se o seu nome d'então. O actual é manifestamente árabe, corrupção de Coba (diminutivo de torre) vem pois a significar Pequena-Torre, Torrinha.

André de Rézende, célebre antiquario portuguez, viu aqui grande quantidade de medalhas e cippos romanos, em 3 de janeiro de 1573.

Um dos cippos está embebido na parede exterior da casa do despacho, da irmandade, na egreja matriz. Tem a seguinte inscripção:

D. M. S.
TERENTIUS
CHRISOGONOS ANN. XXXII
H. S. E. S. T. T. L.
F. J. O. R. A. D.
MDCCXXIV.

Quer dizer:

Dedicado aos deuses dos defuntos. Terencio Chrisogono, falleceu de 32 annos e aqui jaz sepultado. Seja-lhe a terra leve.

As letras iniciaes F. J. O, etc, exprimem o nome do *restaurador* d'esta lapide. É Francisco José d'Oliveira, religioso dominicano. O anno 1724 é o em que a pedra aqui foi posta.

Os conegos regulares de S. Vicente de Fóra, de Lisboa, apresentavam *in solidum* o prior, collado, que tinha 250$000 réis.

Ha aqui um recolhimento de mulheres que vivem sob a regra de Santa Theresa e são sujeitas ao ordinario.

Foi fundado por Pedro Fialho e sua mulher Maria Lopes, em 1657.

Tem Misericordia.

—

Tem um convento de frades capuchos da provincia da Piedade.

—

É terra abundante de boas aguas e fertilissima em tudo.

Tem um celleiro commum de 150 moios de trigo, feito com provisão regia.

Tinha capitão-mór, duas companhias de ordenanças e uma de milicias.

Havia no centro da praça d'esta villa um pôço quadrado, de 8 metros de profundidade, coberto com uma abobada de 4,m50 de altura sobre columnas. Chamava-se Fonte do Diabo. O tecto interior da abobada tinha pintado S. Miguel e o Diabo. Era antiquissima. O povo cria que de noite faziam os diabos, duendes, bruxas, fantasmas, etc, suas sinagogas dentro d'este pôço d'alli sahiam a fazer toda a qualidade de diabruras.

Acreditavam que, quem por alli passasse depois da meia noite, sem fazer o signal da cruz, era agarrado pelos diabos e affogado.

A camara mandou demolir a abobada e

entupir o pôço, em setembro de 1854, e nessa occasião appareceram alguns cadaveres no poço.

É n'esta villa a 18.ª estação do caminho de ferro de sueste.

Cuba é vasilha para guardar vinho, e antigamente tambem servia para guardar cereaes.

—

O concelho é composto de cinco freguezias todas no bispado de Beja, são:

Cuba, Faro do Alemtejo, Albergaria dos Fuzos, Villa Ruiva, e Villa Alva.

A comarca é composta de trez julgados—Alvito com 1:250 fogos—Cuba, com 1:400 e Vidigueira, com 1:950.

CUBALHÃO—freguezia, Minho, comarca de Monção, concelho de Valladares até 1855, e desde então comarca e concelho de Melgaço, 60 kilometros ao NO. de Braga, 360 ao N. de Lisboa, 80 fogos.

Em 1757 tinha 107 fogos.

Orago Nossa Senhora da Natividade.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Vianna.

—

Ha aqui um monte chamado *Crásto*, onde ha vestigios de uma fortaleza romana ou dos antigos luzitanos.

—

Era antigamente da comarca de Vallença, termo de Valladares.

Era couto dos conegos regrantes do mosteiro de Paderne, que apresentavam o cura annualmente, e este só tinha os *benesses*. Os dizimos eram para os taes frades.

Não é fertil senão em centeio. Produz algum milho e do mais pouco.

CUBELLAS—Vide Covellas.

CUBELLO—Anda tão confundida esta palavra com a de *Covêllo*, que é impossivel dizer agora quaes são as terras a que pertence um ou outro nome. Para evitar repetição, vide *Covêllo de Paivó*.

CUBES—logar do Minho, freguezia do Cerdal, comarca e concelho de Vallença, 54 kilometros a NO. de Braga, 408 ao N. de Lisboa.

É aqui a quinta do *morgado de Cubes e Mira*, familia das mais antigas e mais nobres do reino. N'esta quinta está a torre arruinada, que é o solar dos Bacellares, famosos pelos grandes serviços prestados por Affonso Gil Martins e outros d'esta familia, nos reinados de D. Diniz e de seu filho D. Affonso IV e outros, sob as ordens do conde de Barcellos, D. Pedro (filho natural de D. Affonso IV), guerreando os gallegos.

Estando em Ganfei o tal D. Pedro, onde residiu quatro annos, d'alli concedeu grandes privilegios a Affonso Gil Martins, em 3 de novembro de 1484.

Em 14 de outubro de 1870 morreu Marcellino Pereira Bacellar, chefe d'esta familia, e cavalheiro respeitavel e respeitado.

Vide para o mais dos Bacellares, *Cerdal*.

CUBO—o mesmo que *cubêllo*. Especie de torre de fórma redonda, quasi toda fóra da muralha. Tambem se chama *cubo* ao cano de pedra ou madeira que leva a agua ao moinho; e ao quadrado perfeito de 6 lados eguaes; d'aqui *cúbico*.

CUCANHA ou **UCANHA**—freguezia, Beira-Alta, concelho de Mondim da Beira, comarca d'Armamar (até 1855 era do mesmo concelho, mas da comarca de Moimenta da Beira), 9 kilometros de Lamego, 330 ao N. de Lisboa, 130 fogos.

Orago S. João, evangelista.

Bispado de Lamego, districto administrativo de Viseu.

É povoação antiquissima e foi villa.

O seu primeiro nome foi *Burgo de Cucanha*, depois simplesmente *Cucanha* e por fim *Ucanha*.

Foi couto do convento de Salzêdas.

Não tinha foral proprio, porque se regia pelo de Salzedas. Este foi dos primeiros que concedeu D. Manuel. É datado de Lisboa, a 5 de janeiro de 1504. (*Livro de foraes novos da Beira*, fl. 70, col. 1.ª)

Comprehende este foral as terras seguintes: Cimbres, Cucanha, Fermêllo, Granja Nova, Meixedo, Murganheira, Valle de Vez, Villa Baca, e Villa Chan.

(Vejam-se os apontamentos para este foral, do couto de Salzêdas, no Maço 8 de foraes antigos, n.º 7, junto ao foral antigo da villa de Sarzêdas.)

Franklim dá sempre a Salzêdas o nome de Sarzêdas, confundindo a primeira com a segunda.

O foral antigo foi-lhe dado por D. Egas Moniz, e não tem data.

—

Aqui fundou D. Fr. Fernando (1.º de nome) abbade do convento de Salzêdas, em 1418, um hospital para pobres; estabelecendo-lhe rendas sufficientes para 12 desvalidos, dos quaes tratava o cirurgião do convento, vindo os remedios da botica dos religiosos.

—

O abbade D. Fernando 2.º, filho bastardo de um irmão de D. Nuno Alvares Pereira mandou edificar aqui, em 1427, a ponte sobre o rio *Barosa*, e, pelo mesmo tempo, o famoso castello (ou torre) que existe proximo á ponte. Esta ponte e castello estão na extremidade da freguezia.

Dizem outros que o abbade D. Fernando 2.º só reedificou a torre e a ponte, que estavam desmanteladas; mas que a sua fundação fôra pelos célebres dois irmãos D. Thedon e D. Rausendo. Outros ainda suppõem que eram obras do grande D. Egas Moniz, que por estas terras viveu muitos annos. Inclino-me mais a esta opinião. É porém certo que D. Fernando, se não *construiu*, reedificou estes dois monumentos.

—

Eram donatarios d'esta freguezia os frades de Salzedas.

Em 1750 tinha 70 fogos, e erá seu orago o Bom Jesus.

O cura era apresentado pelo abbade de Salzêdas, e tinha 60$000 réis.

(Vide Burgo, Salzedas, Tarouca, Cabrís, Granja do Tédo e terras immediatas.)

CUCOS — nascente de aguas mineraes, Extremadura, entre Torres Vedras e Runa, (distando 2 kilometros de Torres e 3 de Runa). O manancial d'estas aguas é pobre e não promette um grande desenvolvimento ao actual estabelecimento thermal. O relatorio official da Exposição Universal de Paris em 1867, diz o seguinte:

(Traducção) — «A agua rebenta por differentes pontos, em uma bacia paralella ao urso de um ribeiro, chamado *Sizandro*, do qual está separado por um estreito muro natural. O Sizandro fica quasi sêcco na estiagem. No sitio onde nascem as agnas mineraes enterraram banheiras de madeira. Esta agua é um pouco turva, mas inodóra, com um sabor salgado e uma reacção levemente alcalina. Tem a temperatura de 32 graus centigrados na fonte, e 22 ao ar livre Contém, por kilogramma, 3gr.,457 de principios fixos, que são — clorureto de sodium, potassium, calcium e magnesia; sulphato de cal, carbonatos de cal, magnesia e silica. Não contém enxofre, como ao principio se julgou.

CUCUJÃES — Vide Couto de Cucujães.

CUÍDE DE VILLA VERDE — Vide Coíde.

CUMEADA — freguezia, Beira-Baixa, comarca e concelho da Certan, 65 kilometros ao N. do Crato, 190 a E. de Lisboa, 110 fogos.

Orago Sant'Anna.

Pertence actualmente ao patriarchado, por ser do grão-priorado do Crato.

E' no districto administrativo de Castello Branco.

O seu nome lhe provém da sua situação no alto de uma serra.

E' terra fertil em cereaes, azeite e vinho, do mais medianía.

Esta freguezia, que é muito antiga, não vem mencionada no *Portugal Sacro e Profnno*, por êrro do auctor. Tambem, pela mesma razão, não vem no *Diccionario Geographico* do Flaviense.

CUMEADA DOS CANÇADOS — Vide S. Barnabé, no concelho de Almodovar.

CUMEEIRA — (que muitos escrevem erradamente *Comieira*) freguezia, Traz-os-Montes, comarca do Pêso da Regua, concelho de Santa Martha de Penaguião, 82 kilometros ao NE. de Braga, 345 ao N. de Lisboa, 360 fogos.

Em 1757 tinha 208 fogos.

Orago Santa Eulalia.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Villa Real.

Era antigamente da comarca de Villa Real, concelho de Penaguião.

Situada no cume da serra do seu nome,

que o tomou da freguezia, ou esta d'aquella.

O arcebispo de Braga apresentava o abbade, que tinha 200 alqueires de pão, 10 de feijão, 10 cantaros de azeite, 16 arrobas de prezuntos, todos os passaes e o pé de altar. Andava tudo por 1:200$000 réis.

Não é terra muito fertil senão em optimo vinho de embarque e é muito saudavel.

Passam pela freguezia os rios *Sôrdo, Veiga* e *Córgo*, que todos desaguam na direita do Douro.

CUMEEIRA—freguezia, Beira Baixa, comarca da Louzan, concelho de Penella, 35 kilometros a NO. de Coimbra, 180 ao N. de Lisboa, 520 fogos.

Em 1757 tinha 364 fogos.

Orago S. Sebastião, martyr.

Bispado e districto administrativo de Coimbra.

Era antigamente da comarca de Thomar, termo de Penella.

Situada no *cume* de um monte, de que lhe provém o nome.

O prior da collegiada de S. Miguel de Penella apresentava o vigario, que tinha 80 alqueires de trigo e 25 almudes de vinho.

É terra saudavel e muito fertil em cereaes, fructas e legumes.

CUNEOS—antigos povos da Luzitania, que habitavam a parte meridional do Algarve. As suas principaes cidades eram *Lacobriga* (Lagos ?) *Porto d'Annibal* (Villa Nova de Portimão) *Ossonoba* (Faro) e *Balsa* (Tavira).

(Vide Algarve, Cabo de S. Vicente, Coimbra e Condeixa Velha.)

CUNHA—freguezia, Minho, comarca, concelho e 18 kilometros a O. de Braga, 360 ao N. de Lisboa, 120 fogos.

Em 1757 tinha 90 fogos.

Orago S. Miguel.

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

Situada em um valle fertil, descobrindo-se d'aqui varias freguezias.

Era da corôa.

O rei apresentava o abbade, que tinha 300$000 réis.

D. Jayme, duque de Bragança, deu esta freguezia e a de Ruilhe (que eram suas) á camara e povo de Guimarães, para lhe varrerem as ruas, praças e açougues 9 vezes no anno, em castigo da cobardia dos de Barcellos, em Ceuta, em 1415, e por isso ficaram por muitos annos pertencendo á comarca e termo de Guimarães.

(Vide Barcellos, no logar competente, onde este facto vem circumstanciado. Vide tambem Guimarães.)

Os primeiros donatarios d'esta freguezia eram os Cunhas. O rei D. Diniz, em 8 de setembro de 1285, tirou a seu padrinho, D. Gomes Lourenço da Cunha, esta abbadia. Em 1286, mandou-o condemnar e executar n'elle as penas em que incorrêra, por não ter cumprido um despacho, que D. Affonso III (pae do rei) havia dado a favor das freiras de Sant'Anna, de Coimbra, sendo prioreza, D. Thereza Dias.

O tal D. Gomes, tinha causado a estas freiras certos prejuizos e aggravos, de que ellas se queixaram ao rei, o qual, sem attenção a ser o criminoso seu padrinho, e homem poderoso d'aquelles tempos, o mandou castigar, como se fosse qualquer vassallo.

Desde então é que a abbadia passou a ser do real padroado.

E' aqui o solar dos Cunhas, que teve principio em D. Guterres, natural da Gasconha (França) que veio para Portugal com o conde D. Henrique, e foi seu fiel amigo e conselheiro, pois era varão de grande intelligencia.

Pelos seus serviços lhe deu o conde esta e outras herdades, em Braga, Guimarães e Póvoa de Varzim.

Os Cunhas teem por armas: em campo de ouro, nove cunhas de asul, postas em tres palas; timbre, um meio gripho, formado de ouro e cunhado de azul.

CUNHA—freguezia, Minho, comarca de Vallença, concelho de Coura, 48 kilometros a NO. de Braga, 405 ao N. de Lisboa, 155 fogos.

Em 1757 tinha 70 fogos.

Orago Nossa Senhora da Assumpção ou da Collina.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Vianna.

Esta freguezia já está descripta

sob a palavra *Collina;* mas repito-a por obter, desde que a descrevi a primeira vez, mais alguns esclarecimentos curiosos, de que não quero privar o leitor.

Era antigamente da comarca de Vianna, concelho e termo de Coura.

A mitra de Braga apresentava o abbade, collado, que tinha metade dos dizimos. Havia aqui um beneficio simples, para o qual era a outra metade dos dizimos.

Cada metade rendia uns 370$000 réis.

E' terra fertil em cereaes, legumes e lenha.

Na aldeia do Outeiro, d'esta freguezia, reedificou uma torre, ameiada, Francisco da Cunha, governador de uma provincia da America Hespanhola. N'ella está uma pedra, sobre a porta, com a seguinte inscripção:

Esta é a casa e torre dos Cunhas, solarie ga: reedificada pelo governador Francisco da Cunha, cavalleiro do Habito de S. Thiago, senhor d'ella.

Esta torre era antiquissima. Francisco da Cunha nasceu na freguezia do Bico, d'este concelho de Coura. (Vide Bico.)

Para as armas dos Cunhas, vide a freguezia antecedente.

Nos papeis antigos se dá a esta freguezia o nome de Collina, ou Santa Maria da Collina.

Era abbadia da mitra, com as annexas de Mentrestido e Rézende, esta *in solidum*, e Cunha e Mentrestido, só metade; sendo a outra metade, beneficio simples da casa de Bertiandos.

Este beneficio de Cunha (ou Collina) foi dado pela rainha D. Thereza, e por seu filho, D. Affonso Henriques, a D. Affonso, bispo de Tuy, e á sua Sé, em 3 de setembro da era de 1163 (1125 de Jesus Christo.)

Aqui houve uma torre (ou paço acastellado) na aldeia, ainda por isso chamada Torre, que os moradores d'alli desfizeram aproveitando os seus materiaes para construirem casas.

Tambem aqui ha uma antiga casa, chamada Paço de Cunha, que alguns dizem ser o solar primittivo dos Cunhas Barretos.

E' tradição que S. Payo, era da familia dos Cunhas, e natural d'esta freguezia, quando ainda se chamava Collina.

D'esta familia procedem os srs. Pereiras, de Pias, e os mimosos poetas, srs. Antonio Pereira da Cunha e seu filho Sebastião Pereira da Cunha (neto do sr. conde da Figueira) de Vianna; além de outras muitas familias nobres d'este appellido.

As suas armas vão na Cunha primeiramente descripta.

—

Pela parte de cima d'esta freguezia, junto a Lizouros e a Penim, está o monte de Travanca. Aqui, nos dias 9 e 10 de agosto de 1662, o conde do Prado, D. Francisco de Sousa, governador das armas da provincia do Minho, com pouca gente, desbaratou, pela ultima vez, o exercito gallego, commandado por D. Balthazar de Roxas e Pantoja.

—

É tradição que o nome de Cunha applicado ás povoações que o teem e ao appellido de que usam varias familias, procede do facto seguinte:

Quando D. Affonso I cercava Lisboa, em 1147, D. Payo Guterres (senhor d'esta freguezia) mandou metter varias *cunhas* no castello de Lisboa, e por ellas subiu com os seus, concorrendo com este acto de bravura, para a tomada da cidade. Consta que foram nove as cunhas, e tantas teem os Cunhas por armas. Foi o rei que lh'as deu então, com o direito de usarem do appellido Cunha, em premio d'este feito.

CUNHA—freguezia, Beira Alta, comarca de Moimenta da Beira, concelho de Cernancelhe, 45 kilometros de Lamego e 330 ao N. de Lisboa, 100 fogos.

Em 1757 tinha 85 fogos.

Orago S. Facundo.

Bispado de Lamego, districto administrativo de Vizeu.

Situada em uma baixa.

O cura tinha 40 alqueires de centeio, 10 de trigo, 10 de vinho e o pé de altar; ao todo 30$000 réis.

Era apresentado pelos Vasconcellos, commendadores de Malta.

E' terra fria, mas saudavel e fertil.

CUNHA ALTA—freguezia, Beira Alta, comarca e econcelho de Mangualde, 18 kilometros de Viseu, 280 ao N. de Lisboa, 70 fogos.

Em 1757 tinha 49 fogos.

Orago S. Pedro, apostolo.

Bispado e districto administrativo de Viseu.

Era antigamente da comarca de Viseu, termo de Azurara da Beira e da villa de Mangualde.

Situada em um valle.

O abbade de S. Thiago de Cassurrães apresentava o cura, que tinha 5$000 réis e o pé d'altar.

E' terra muito fertil.

CUNHA BAIXA—freguezia, Beira Alta, comarca e concelho de Mangualde, 18 kilometros de Viseu, 280 ao N. de bisboa, 280 fogos.

Em 1757 tinha 187 fogos.

Orago S. Thomé, apostolo.

Bispado e districto administrativo de Viseu.

Era antigamente da comarca de Viseu, termo de Azurara da Beira.

Situada em um valle.

É terra fertil. Passa pela freguezia o rio Mondêgo.

O abbade de S. Pedro d'Espinho e o vigario de S. Julião, apresentavam alternativamente o cura (cada um seu anno) e tinha (o cura) de rendimento, 60$000 réis.

—

Ha em Portugal mais oito aldeias com o nome de Cunha, mas nenhuma tem cousa digna de nota.

CUNHADOS (A dos)—freguezia, Extremadura, comarca e concelho de Torres Vedras, 48 kilometros ao NO. de Lisboa, 280 fogos.

Em 1757 tinha 160 fogos.

Orago Nossa Senhora da Luz.

Patriarchado e districto administrativo de Lisboa.

É terra fertil.

Os beneficiados de S. Miguel de Torres Vedras apresentavam o cura, que tinha 70 mil réis.

CUNISTERGIS ou **CONISTORGIS**—era, segundo Appiano, a capital dos cúneus, aqui invernou Galba com suas tropas, antes de entrar pela terra dentro a assolar a Lusitania.

Tito Livio e Polybio questionam sobre o sitio d'esta antiquissima cidade.

Suppõe-se ter existido, pouco mais ou menos, no sitio da actual villa de Cacella (Algarve) e, em todo o caso, sobre a direita do Guadiana, e visinha de Ayamonte, que é na margem esquerda, provincia de Andaluzia. Vide Cacella.

CURALHA—freguezia, Traz-os-Montes, comarca e concelho de Chaves, 70 kilometros a NE. de Braga, 420 ao N. de Lisboa, 70 fogos.

Em 1757 tinha 52 fogos.

Orago Santo André, apostolo.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Villa Real.

Situada em uma planicie.

O vigario de S. Vicente de Redondêllo apresentava aqui o vigario *ad nutum*, que tinha de congrua, dos fructos da mitra de Braga, 50 alqueires de centeio, 2 e meio de trigo, 2 almudes de vinho e em dinheiro 13$500 réis. Tinha além d'isso, de cada freguez um alqueire de centeio.

É terra fertil em centeio; do mais pouco.

CURIA—antiga cidade da Lusitania, era o nome que os arabes davam á actual cidade de *Cória*, hoje da Extremadura hespanhola.

CURÓPOS — freguezia, Traz-os-Montes, comarca de Bragança, concelho de Vinhaes até 1855, e desde então comarca e concelho de Vinhaes, 70 kilometros ao NO. de Miranda, 450 ao N. de Lisboa, 120 fogos.

Em 1757 tinha 40 fogos.

Orago Santa Maria Magdalena.

Bispado e districto administrativo de Bragança.

Os abbades de Rebordello e de Candêdo, apresentavam o cura, alternativamente. Tinha (o cura) 8$000 réis de congrua e o pé d'altar.

É terra abundante de aguas e muito fertil.

CURRAL DAS VACCAS ou **DE VACCAS**—freguezia, Traz-os-Montes, comarca e concelho de Valle Paços, 105 kilometros ao NO.

de Miranda, 430 ao N. de Lisboa, 70 fogos.

Em 1757 tinha 66 fogos.

Orago Santo Antonio.

Bispado de Bragança, districto administrativo de Villa Real.

Era antigamente da comarca da Torre de Moncorvo.

O abbade de Monforte do Rio Livre apresentava o cura, que tinha 40$000 réis.

É terra fertil.

Esta freguezia não se encontra em nenhum livro moderno; porque está, ha muitos annos, annexa á freguezia de Lebução.

CURRÊLLOS E CARREGAL — freguezia, Beira Alta, concelho do Carregal, comarca de Santa Comba Dão, 24 kilometros de Viseu, 258 ao N. de Lisboa, 390 fogos.

Em 1757 tinha 200 fogos.

Orago Nossa Senhora da Purificação. Bispado e districto administrativo de Viseu.

Esta freguezia já está descripta sob a palavra indicadora — *Carregal e Corrêllos* — mas repito-a aqui, para levar mais alguns esclarecimentos.

A villa do Carregal tem um kilometro de extensão. Todas as casas são de granito e quasi todas sem cal, o que lhe dá um aspecto triste. A séde da freguezia é Currêllos, e eram seus donatarios os condes de Villa Nova (de Portimão).

Tem alguns bons edificios particulares, uma excellente botica e uma escola, das instituidas pelo benemerito conde de Ferreira. Tem um bonito chafariz e bellos passeios.

Os moradores d'aqui vão construir uns novos paços do concelho, e ha tambem tenções de se construir um theatro.

Vae ter (1874) correio diario.

Ha aqui grande abundancia de todos os generos agricolas do nosso paiz, e os seus vinhos (que se exportam em grande quantidade, assim como os outros fructos do concelho) são de optima qualidade, sobre tudo o que se assemelha ao da Madeira.

—

Ha em Currêllos um antigo castello quadrangular, com janellas ogivaes, que é actualmente propriedade do sr. Costa Magalhães. Chama-se *Castello de D. Branca.*

D'este castello se conta a lenda seguinte:

D. Branca de Vianna, teve dois filhos gémeos, e por não poder acreditar que eram de um só pae, mandou que lhe matassem o segundo nascido e lhe trouxessem a lingua, para signal de terem executado as suas ordens.

O pagem encarregado d'esta ordem cruel, mais humano do que a mãe degenerada, encontrando-se na margem do Mondego com o marido de D. Branca, lhe contou tudo. O fidalgo mandou que levassem á mulher a lingua de um cão, e ordenou que o menino fosse, em segredo, guardado em casa de um moleiro; trazendo-o sempre vestido como andava o irmão.

Pela festa do Espirito Santo, veio o menino á romaria, e o fidalgo sahiu com D. Branca e o outro filho, e disse á mulher «Aqui está um menino que se parece com o nosso, e que era digno de viver com elle e de ser nosso filho.»

Levou-o para casa e sentou-o á sua mesa.

D. Branca conheceu que o marido sabia tudo, e n'essa mesma noite se precipitou de uma das janellas do castello, morrendo da quéda.

D'alli por diante andava, de noite, um phantasma correndo estes sitios em uma carruagem, com grande séquito, e hia dizendo: «Aqui vae D. Branca, de Vianna, acompanhada por quantos diabos ha no inferno.»

Segundo outra versão — D. Branca, andava vestida de branco (a pé) pela margem do Mondégo, no sitio onde mandou afogar o filho, e acompanhada de um diabo em fórma de cão.

—

Ha n'esta freguezia uma carvalha muito antiga, que tem na base uns 8 metros de circumferencia, e junto á qual brotam duas nascentes de optima e fresquissima agua.

O concelho do Carregal é composto de seis freguezias, todas no bispado de Viseu, são: Beijós, Cabanas, Currêllos, Oliveira do Conde, Papísios e Sobral. (Vide Carregal e Currêllos.)

CURROS — freguezia, Traz-os-Montes, comarca e concelho de Valle Paços, 75 kilometros a NE. de Braga, 420 ao N. de Lis-

boa, 100 fogos. Em 1757 tinha 27 fogos.

Orago S. Miguel, archanjo.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Villa Real.

Era antigamente da comarca e termo de Chaves.

O reitor de S. Nicolau de Carrazêdo de Monte Negro apresentava o vigario *ad nutum*, e este tinha 20 alqneires de centeio, 26 de trigo, 24 almudes de vinho, 7 arrateis de cêra fina e 10$600 réis em dinheiro, tudo pago pelos commendadores, que eram os marquezes de Fronteira. Tinha mais um alqueire de centeio de cada freguez.

Passa aqui o rio Roborêdo.

É terra fertil.

CURROS—freguezia, Traz-os-Montes, comarca de Montalegre, concelho de Boticas, 70 kilometros ao NE. de Braga, 420 ao N. de Lisboa, 30 fogos.

Em 1757 tinha 69 fogos.

Orago Nossa Senhora das Neves.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Villa Real.

Era antigamente da comarca de Chaves, termo de Montalegre.

Terra fria e pouco fertil.

O D. abbade dos frades bentos do convento de Refojos de Basto apresentava o cura, ao qual dava 8$000 réis e o pé d'altar. Andava tudo por 24$000 réis.

CURUGEIRA—portuguez antigo, pardieiro, povoação réles, sitio escabroso, só proprio de crear corujas.

CURUTELLO—diminutivo de *curuto*, vide Freixo.

CURUTO—vide Cruto.

CURVITE—vide Corvite.

CURVOS—freguezia, Minho, comarca de Barcellos, concelho de Espozende, 30 kilometros a O. de Braga, 360 ao N. de Lisboa, 80 fogos.

Em 1757 tinha 70 fogos.

Orago S. Claudio.

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

Era antigamente da comarca de Vianna, quanto á provedoria, e da de Barcellos, quanto á ouvidoria, e termo de Espózende.

Supposto que metade d'esta freguezia ficava dentro da demarcação do reguengo da Casa de Bragança, era da corôa, mas pagava muitos foros á casa de Bragança.

É situada em um valle.

O thesoureiro-mór da collegiada de Barcellos apresentava o vigario, que tinha 70 mil réis. É terra fertil.

CUSTOIAS—freguezia, Beira Baixa, comarca e concelho de Villa Nova de Foz Côa, 54 kilometros a E. de Lamego, 360 ao N. de Lisboa, 96 fogos.

Em 1757 tinha 70 fogos.

Orago S. João Baptista.

Bispado de Lamego, districto administrativo da Guarda.

Era antigamente da comarca de Pinhel, termo de Freixo de Numão; depois passou a ser comarca da Pesqueira, concelho do Freixo, e sendo este supprimido em 1855, ficou sendo da comaaca e concelho de Foz Côa.

Situada ao cimo de uma elevadissima costa, sobre uma planicie airosa, na falda do monte de Nossa Senhora do Viso, na extremidade O. do seu actual concelho, e immediata ao de S. João da Pesqueira.

O chantre da Sé de Lamego apresentava o cura, que tinha 40$000 réis.

Esta freguezia era annexa á de Numão e o abbade de Numão era chantre da Sé de Lamego.

(O *Portugal Saoro e Profano* não traz esta freguezia.)

O solo d'esta freguezia é ingreme e escabroso em grande parte. Tem poucas aguas e de má qualidade. Os seus principaes productos são: sumagre, cortiça, sêda, fructas, cereaes, mel, cêra, azeite e vinho, sendo este ultimo genero o principal do concelho, tanto na qualidade como na quantidade. Ha tambem aqui muita caça miuda.

A 2 kilometros a SO, está o tal monte de Nossa Senhora do Viso, no cume do qual existem as musgosas ruinas da antiquissima capella da Senhora, que deu o nome ao monte. A incuria dos parochos e do povo d'aqui causou, com o seu despreso, estas ruinas. Na segunda feira da Paschoa de 1834, foi a imagem da Virgem removida, com grande pompa, para a egreja matriz.

Os de Numão vieram sahir ao caminho, para tirarem a imagem. Houve então grande desordem, vencendo os de Custoias, tendo os agressores de retirar-se, com bastantes feridos.

Em quanto Nossa Senhora esteve na sua capella, hia alli todos os annos depois da Paschoa, uma ladainha das freguezias de— Numão, Villarouco, Pereiros, Souto, Penedôno e outras.

Fica esta capella a uns 250 metros acima do nivel da freguezia, e 595 do nivel do mar. Segundo a tradição, esta capella tinha grandes rendimentos em Almeida e Foz-Côa; mas foram ha muitos annos *consolidados*, em proveito dos....ambiciosos, e hoje não tem nada.

Alguns devotos emprehenderam reedificar esta capella, e já tem as paredes quasi concluidas. Está (1874) aberta uma subscripção para se concluir este pitoresco templosinho.

Do terreiro da capella se gosa um vasto e formoso panorama; vendo-se tambem o magnifico Sanctuario do Salvador do Mundo.

Veem-se d'aqui terras de quatro provincias Beira-Baixa, Beira-Alta, Traz-os-Montes, e Minho e de oito bispados —Braga, Porto, Guarda, Pinhel, Viseu, Lamego, Coimbra e Bragança.

Tambem se descobrem serras de Hespanha.

—

Teem aqui nascido varões de muitas virtudes, sendo o mais notavel, fr. Francisco Antonio de Seixas, definidor do convento de Almeida, vigario geral do convento do Mogadouro e ministro do dos Remedios, de Marialva. Foi assassinado, *por ser realista*, no dia 20 de setembro de 1834.

—

CUSTOIAS — freguezia, Douro, concelho de Bouças, comarca, e 6 kilometros do Porto, 318 ao N. de Lisboa, 180 fogos.

Em 1757 tinha 120 fogos.

Orago S. Thiago, apostolo.

Bispado e districto administrativo do Porto.

Tinha antigamente grandes privilegios, por ser isento de Malta, do bailiado de Leça do Bailio.

O bailio de Leça era senhor dos dizimos d'esta freguezia, alem de muitos foros que ella lhe pagava.

Situada em campina muito fertil.

O parocho era cura *ad nutum* e residia na freguezia de Leça, onde era capellão, apresentado pelo bailio, e tinha 200$000 rs., que lhe elle dava. Este parocho e os mais das annexas da matriz de Leça residiam juntos de Leça, para assistirem e resarem em coro.

Esta freguezia era sujeita ao juiz ordinario e dos orphãos do couto de Leça do Bailio.

Passa na freguezia o rio Leça, que rêga, móe e traz algum peixe.

CUSTOYAS — Vide Custoias.

CYPRIANO (S.) — freguezia, Beira Alta, comarca e concelho de Rézende, (até 1855 era do concelho de Aregos) 18 kilometros ao O. de Lamego, 318 ao N. de Lisboa, 250 fogos.

Em 1757 tinha 194 fogos.

Bispado de Lamego, districto administrativo de Viseu.

Era antigamente da comarca de Lamego, concelho de Arégos.

Esta freguezia é composta apenas de 5 grandes aldeias, que são: *Nogueira, Lagariça, Mattos, Lagares*, e *Covellinhas*.

Orago S. Cypriano.

O ordinario apresentava o reitor (por concurso synodal) que tinha 300$000 réis.

Os dizimos eram dos frades dominicos de Lisboa. (Rocio.)

É terra fertil. Optimo vinho verde.

Antigamente chamava-se S. Cibrão. (Vide esta palavra.)

CYPRIANO (S.)—freguezia, Beira Alta, comarca e concelho de Viseu, 280 kilometros ao N. de Lisboa, 270 fogos.

Em 1757 tinha 112 fogos.

Bispado e districto administrativo de Viseu.

Orago S. Cypriano, bispo e martyr.

O cabido e as freiras bentas de Viseu apresentavam alternativamente o vigario, que tinha 40$000 réis. É terra fertil.

É n'esta freguezia a Serra de Soutulho. Passam aqui trez rios, que regam e móem.

São — João Moutello, Ponte-Mourisca e Esprendeo. — Antigamente se chamava S. Cibrão.

Ha aqui a quinta dos Mattos, que era solar da familia de appellido Mattos (do nome d'esta quinta.) É seu progenitor D. Payo Viegas, cujo filho, D. Hermigio Paes de Mattos é o primeiro que se acha com este appellido. Suas armas, são em campo vermelho, um pinheiro verde, perfilado d'ouro e rases de prata, entre dois leões d'ouro, trepantes, lampassados d'azul. Elmo d'aço, aberto Timbre, meio leão d'ouro, lampassado de vermelho e armado d'azul, com um ramo verde na garra direita. Pelo enlace d'esta familia com a dos Noronhas, formaram novo escudo—que é—esquartellado—no primeiro as armas de Portugal, no segundo, as dos Mattos e no terceiro o segundo e terceiro quartel das dos Neronhas, e no quarto uma aza d'aguia, com mão no côto, e espada, como dos Manueis. Orla dos Noronhas. Varios membros d'esta familia Noronhos foram garrotados no Rocio de Lisboa, por traidores á patria. Vide Lisboa em 1641, Villa Real, Caminha eBraga, no logar competente.

D

D'ACHA — Vide S. Miguel d'Acha.

DA DOS CARROS — Vide Carros.

DA DOS CUNHADOS — Vide Cunhados.

DA DOS NÊGROS — Vide Nêgros.

DAELÃO — Vide Deilão.

DÁ FUNDO — Extremadura, arrabaldes de Lisboa, sobre a margem direita do Tejo, proximo a Santa Catharina de Riba-mar. Ha aqui tres bellas casas de campo, uma dos srs. marquezes de Castello Melhor. Não tem quinta, mas tem um vasto terreiro. Outra dos herdeiros do sr. Estevão Palha de Faria Gião; outra (que foi fundada pelo negociante da praça de Lisboa, Luiz Monteiro) é do sr. Gaspar José Vianna.

Estas duas estão rodeadas de jardins, ou de arvoredos das quintas, e todas trez tem bellissimas vistas.

É sitio agradavel, e muito concorrido dos habitantes de Lisboa.

Ha aqui duas soffriveis casas de pasto.

Fica perto da Cruz-Quebrada, e Santa Catharina e S. José de Riba-Mar.

É na freguezia de Carnaxide, concelho d'Oeiras.

DAGANHA E DEGANA — Vide Adeganha.

DAIÃO — Vide Deão.

D'ALVARES — freguezia, Beira Alta, comarca de Lamego, concelho de Tarouca, 9 kilometros de Lamego, 320 ao N. de Lisboa, 80 fogos.

Em 1757 tinha 65 fogos.

Orago o Espirito Santo.

Bispado de Lamego, districto administrativo de Viseu.

O reitor de Tarouca apresentava o cura, que tinha 6$000 réis de congrua, e o pé d'altar.

Esta bonita e rica freguezia, é situada na margem esquerda do Barosa, e notavel pela uberdade de seus campos.

É aqui o solar dos Mellos, familia antiga e nobre, e muito considerada pelas suas exemplares qualidades. É seu representante o sr. Bento de Mello Saraiva da Fonceca Coutinho, distincto official do exercito realista, convencionado em Evora-Monte.

O appellido Mello é nobre em Portugal. Procede de D. Soeiro Raimundo, rico homem d'ste reino, que hindo um uma das cruzadas, assaltou a fortaleza de Mello, em Jerusalem, e por isso lhe ficou este appellido.

Regressando a Portugal, povoou o logar denominado Quinta do Mello, em 1204, no reinado de D. Sancho I. Foi rico-homem de seu filho D. Affonso II, e seu alferes-mór.

Os Mellos teem brazão d'armas completo é—em campo de púrpura, seis besantes de

prata, entre uma dobre cruz de coticas d'ouro, firmada: orla do mesmo. Elmo d'aço fechado e por timbre uma aguia negra, abezantada, bicada, membrada e armada de prata.

As armas dos Coutinhos, são, em campo d'ouro, cinco estrellas de púrpura, com cinco pontas cada uma, postas em aspa. Timbre um leopardo de púrpura, com uma estrella d'ouro na espádua, e armado de púrpura.

DAMIM — Vide Domim.

DAMINE — Vide Sado, rio.

DANTAS — Vide Antas.

DÃO (Santa Comba Dão) — villa, Beira-Alta. Já mencionei esta freguezia sob a palavra indicadora, *Comba Dão* (Santa.)

Por um d'aquelles transtornos, tão frequentes nas typographias, ficaram por paginar dous graneis, que me vi na necessidade de descrever aqui.

Peço desculpa aos leitores por este defeito, a que não dei causa.

—

É povoação muito antiga, mas não pude saber quando ou por quem foi fundada. Sabe-se que já existia no tempo dos gôdos, com a denominação de Santa Columba.

Parece que os arabes lhe não mudaram o nome.

O conde D. Henrique e sua mulher, a rainha D. Thereza, já lhe tinham dado foral, em outubro de 1102 (*liv. Prêto da Cathedral de Coimbra, fl. 33 v.*)

Já disse que D. Manuel lhe deu foral novo em Lisboa, a 12 de setembro de 1514. Veja-se a minuta para este foral, no Corpo Chronologico, parte 1.ª, Maço 1.º, documento 2.º.

—

Em 19 de setembro de 1810, houve aqui um pequeno oombate dos portuguzes contra os hordas de Massena.

Santa Comba-Dão foi titulo de condado, de que gosou D. João Galvão, bispo de Coimbra, antes de ser conde d'Arganil.

Com o titulo de bispo de Coimbra e conde de Santa Comba Dão, assignou o dito D. João Galvão, uma provisão, de 25 de novembro de 1471, cujo original foi visto e examinado, no archivo da colegiada do Salvador, em Coimbra, por o doutissimo João Pedro Ribeiro, como se vê das suas *Reflexões Historicas*, parte 1.ª, pàg. 41 e 42.

O titulo de conde d'Arganil, de que gozam os bispos de Coimbra, foi por consequencia devido a uma mudança nobiliarchica, de que não são raros os exemplos, tanto em Portugal, como em outras nações.

—

É natural d'esta villa, o sr. doutor Albano d'Andrade Moraes, lente de mathematica, na universidade de Coimbra, a quem a faculdade deu capêllo gratuito, em 25 d'abril de 1852, pelos seus destintos merecimentos.

Aqui nasceu tambem o conego da Sé primacial de Braga, o sr. Joaquim Alves Matheus, professor de historia ecclesiastica, no siminario archiepiscopal de S. Pedro, que tinha sido conego da Sé d'Angra, na ilha Terceira. Tem varias vezes sido deputado ás côrtes, e é um dos mais destinctos oradores sagrados, da actualidade.

Como philólogo é versadissimo nos estudos theologicos, em que se formou com destincção, na universidade de Coimbra.

É escriptor primoroso e amador dos bons classicos.

É esta villa tambem patria do sr. dr. Antonio Correia Godinho da Costa, formado em theologia, pela universidade de Coimbra, em 21 d'abril de 1822.

—

O julgado de S. João d'Areias, foi supprimido, por decreto de 23 de dezembro de 1873, e ficou annexado ao de Santa Comba Dão; vindo portanto a comarca a ser composta do mesmo numero de fogos.

DÃO — rio, Beira Alta, nasce a E. do concelho de Penalva do Castello e entra na direita do Mondego, 50 kilometros acima de Coimbra. Suas margens são em grande parte cultivadas e ferteis, e produzem optimo vinho verde.

O seu verdadeiro nome é *Om*. De se dizer *Rio d'Om*, se corrompeu em *rio Dom*, e por fim em *rio Dão*. (Note-se porém que na Russia ha o rio *Don* e na Irlanda o rio *Doon*.)

DAPIFER — antigo emprrgo no paço dos nossos reis. Não se póde hoje dizer com uma

certeza incontestavel, se *dapifer* (que se vê nos codices e documentos escriptos em latim barbaro, dos primeiros tempos da nossa monarchia) era o *trinchante*, se o *veador* da casa real, se, finalmente, o *mordômo* ou o *copeiro-mór*.

A maior duvida está entre os officios de *trinchante* e de *veador*.

Os primeiros fidalgos portuguezes que vemos com o titulo de *dapifer*, são Ermigio (ou Hermigio) *Moniz* e *Egas Moniz*, desde 1135 até 1137.

Em 1140 era *dapifer* o conde D. Rodrigo, ao qual se seguiu Egas Moniz, nomeado segunda vez; e a este se seguiu Fernão Pires, e outros.

No reinado de D. Sancho I se vê Vasco Martins, em uma doação feita em abril de 1209, com o titulo de *dapifer*.

Julga-se, com algum fundamento, que os officios de vedôr e trinchante, estavam unidos, n'aquelles tempos, e que um e outro era designado pela palavra *dapifer*, sendo estas funcções depois divididas por sujeitos diversos.

Na casa das rainhas, por muitos seculos se usou fazer o vedor o officio de trinchante, e é este facto que fundamenta aquella supposição.

Desde o reinado de D. Sancho II, não vejo mais em documento coevo o titulo de *dapifer*.

—

Os que tiverem interesse em saber isto com mais individuação, podem consultar a *Geographia Historica*, de D. Luiz Caetano de Lima, vol. I, pag. 508.

Não esperem porém encontrar alli mais do que conjecturas e deducções; posto que feitas com muito criterio e plausibilidade.

DARDAVAZ — Vide *Ardavaz*.

DARQUE — freguezia, Minho, comarca, concelho e em frente de Vianna, sobre a esquerda do rio Lima, 36 kilometros a O. de Braga, 370 ao N. de Lisboa, 330 fogos.

Em 1757 tinha 763 fogos.

Orago S. Sebastião, martyr.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Vianna.

A santa basilica patriarchal apresentava o vigario, que tinha 20$000 réis de congrua e o pé d'altar.

Esta freguezia era um curato do abbade d'Anha, ou Nossa Senhora das Areias. O decrescimento da população é porque a maior parte da freguezia, com a egreja matriz, foi submergida pelo Oceano. ((Vide Anha.)

É uma linda, sádia e fertil povoação, muito abundante em cereaes e vinho, e ainda mais em hortaliças e mostarda. Produz os melhores melões da provincia. É aqui tanta a abundancia de alhos e cebôllas, que abastece Vianna e outras povoações, exportando ainda grande quantidade para o estrangeiro. Tambem exporta para fóra do reino grande porção de mostarda.

N'esta freguezia, junto ao rio Lima, estão as ruinas de uns antiquissimos paços dos duques de Bragança. É tradição que foi aqui o castello e solar dos Macieis, fidalgos francezes, que vieram a Portugal no seculo XII guerrear os mouros.

Em novembro de 1871 morreu aqui uma mulher de 102 annos de edade.

Quando existia a freguezia, então principal (Anha), eram seus oragos Nossa Senhora das Areias e S. Thiago.

DASMES — Vide Asmes.

DEÃO — (antigamente *Daião*) freguezia, Minho, comarca e concelho de Vianna, 30 kilometros a O. de Braga, 390 ao N. de Lisboa, 110 fogos.

Em 1757 tinha 114 fogos.

Orago S. Pedro, apostolo.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Vianna.

O padroado real apresentava o abbade que tinha 400$000 réis de rendimento annual.

Segundo a tradição, fundou-se esta freguezia, no tempo de S. Pedro de Rates, tendo principio em um pequeno convento de benedictinos, que depois se reedificou e ampliou. Suppõe-se que foi destruido pelos arabes no 8.º seculo. Ainda em 1676 aqui appareceram varias pedras com esculpturas e rendilhados, que mostravam ter muita aniguidade e pouco uso.

A residencia do parocho é vasta e boa. Foi feita pelo abbade d'esta freguezia, José

Mimoso Pacheco, que era um bom parocho, que exterminou muitas praticas antigas, do tempo dos gôdos, e varios abusos que aqui se praticavam.

Houve aqui uma torre, que foi solar dos *Coutos*. O 1.º d'esta familia, de que ha noticia, é Ruy Gonçalves do Couto, que viveu no seculo XIII. Era um fidalgo vindo de Parma (Italia). D'elle procedem os Coutos de Villa Nova d'Ourem, Farellães, Aborim e outras muitas familias nobres de Portugal.

DEAXERE —Vide Diáxere.

DEGÉBE—(devia escrever-se *Udigébe*) rio, Alemtejo, proximo ao Ameixial, concelho de Extremoz; passa proximo a Evora e a outras povoações e desagua na direita do Guadiana. (Vide Guadiana.)

Em junho de 1663, antes da célebre e gloriosa batalha *do Ameixial*, querendo os portuguezes e castelhanos passar ao mesmo tempo este rio, houve aqui uma *escaramuça*, na qual os portuguezes tiveram victoria, perdendo o inimigo 800 mortos e 800 feridos, e largando a fugir. Depois seguiu-se a batalha. (Vide Ameixial.)

Uad, *Ued*, ou *Wad*, é arabe; significa *agua* e (mais propriamente) *rio*. *Geb* ou *Gib*, na mesma lingua, significa *monte*.

Uad-el-Geb é pois *Rio do Monte*, corrupto em *Degebe*.

Os arabes tambem teem a palavra *djemma —casa do ajuntamento; das sessões; da camara*; mas não vem para aqui.

DEGOLADOS —freguezia, Alemtejo, concelho de Arronches, comarca e 40 kilometros de Portalegre, 195 ao SE. de Lisboa, 100 fogos.

Em 1757 tinha 42 fogos.

Orago Nossa Senhora da Graça.

Bispado e districto administrativo de Portalegre.

O bispo apresentava o cura, que tinha 3 moios de trigo.

É terra muito fertil, sobretudo em cereaes.

DEGÓLDRA e **CARPINTEÍRA** ou da **FABRICA VELHA** — ribeiras, Beira Baixa. (Vide Covilhan.)

DEGRACÍAS ou **DESGRACÍAS** —freguezia, Beira Baixa, comarca e concelho de Soure (até 1855 era do concelho do Rabaçal) 24 kilometros ao S. de Coimbra, 180 ao N. de Lisboa, 160 fogos.

Em 1757 tinha 152 fogos.

Orago S. Sebastião, martyr.

Bispado e districto administrativo de Coimbra.

O prior de Pombalinho apresentava o cura, que tinha 30$000 réis e o pé d'altar.

DEILÃO—freguezia, Traz-os-Montes, comarca e concelho de Bragança, 45 kilometros de Miranda, 480 ao N. de Lisboa, 90 fogos.

Em 1757 tinha 26 fogos.

Orago Nossa Senhora d'Assumpção.

Bispado e districto administrativo de Bragança.

Fica proximo da raia, e a gente d'aqui já falla mais hespanhol do que portuguez.

O reitor de Rabal apresentava o cura, que tinha 6$500 réis e o pé d'altar.

DEIS—portuguez antigo (corrupção do latim), *Deus*.

DELÃES —freguezia, Minho, comarca e concelho de Villa Nova de Famalicão, 18 kilometros a O. de Braga, 340 ao N. de Lisboa, 140 fogos.

Em 1757 tinha 71 fogos.

Orago o Salvador.

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

O arcebispo apresentava o abbade por concurso synodal, e tinha 360$000 réis annuaes.

É terra muito fertil.

—

É tradição que houve aqui em eras remotas um convento de freiras benedictinas; mas não ha signaes d'elle.

No alto do monte ha vestigios de edificios antiquissimos, e é tambem tradição que existiu aqui uma cidade cujo nome se ignora, a qual foi arrazada com as guerras da edade média.

N'esta freguezia é o solar dos *Novaes*, que procedem de D. Pedro de Novaes, *o Velho*, que era um fidalgo gallego, pobre. Vindo a Portugal para melhorar de fortuna, foi captivo dos mouros, que o levaram para a

Africa. Uns *alfaqueques* (resgatadores) lhe emprestaram dinheiro para se resgatar. Elle veio á peninsula e andou a tirar esmolas para pagar o seu resgate, e tanto juntou, que pagou aos credores, e com o resto se fez negociante de trigo, com cujo commercio chegou a ser muito rico.

D. Sancho I o fez alcaide-mór de Villa Nova da Cerveira.

D'este D. Pedro de Novaes procedem os Novaes, de Guimarães, e outras muitas familias nobres de Portugal.

DELOUCA—Vide Odelouca.

DESEJOSA e **BALÇA**—Vide Balça.

DESSERMILLO—Vide Sermillo.

DÉSTE—Vide Éste.

DESTRIZ—freguezia, Beira Alta, comarca de Vouzella, concelho de Oliveira de Frades, 30 kilometros a NO. de Vizeu, 270 ao N. de Lisboa, 100 fogos.

Em 1757 tinha 97 fogos.

Orago Santa Maria.

Bispado e districto administrativo de Viseu.

O vigario de S. Miguel de Campia apresentava o cura, que tinha 30$000 réis e o pé d'altar.

DEUCHRISTE—freguezia, Minho, comarca e concelho de Vianna, 30 kilometros á O. de Braga, 375 ao N. de Lisboa, 80 fogos.

Em 1757 tinha os mesmos 80 fogos.

Orago S. Mamede.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Vianna.

O arcipreste da collegiada de Barcellos apresentava o vigario, collado, que tinha de congrua 70$000 réis e o pé d'altar.

DEXTROS—portuguez antigo. Passaes e lgradouros da egreja. (Vide Crestuma.)

DEVÊZAS—aldeia, Douro, no concelho de Gaia, comarca e em frente do Porto, situada em elevada e formosa posição. É a estação principal provisoria do caminho de ferro do Norte no Porto.

Todas as casas (que são bonitas) foram edificadas desde 1862, em que aqui se estabeleceu a estação.

Era um pinhal chamado de *D. Leonor*. Todas estas casas, por serem edificadas em terreno do sr. Antonio Joaquim Borges de Castro, lhe são foreiras.

DIABRÓRIA—é uma lagôa feita pelas aguas do Borbolegão, que se despenha ao sahir d'ella, de uma alta penedia, com grande fragor. (Vide Aivados, Borbolegão e Grândola.)

DIANTEIRA ou **VILLA DIANTEIRA**—aldeia, Beira Alta, freguezia e concelho de S. João de Areias, comarca de Santa Comba Dão.

Bispado e districto administrativo de Viseu.

—

Aqui nasceu, em 19 de dezembro de 1782, José da Silva Carvalho. Era filho de José da Silva Saraiva e Anna de Carvalho, lavradores pobres. Frequentou o *collegio das artes*, de Coimbra, e matriculou-se no 1.° anno de direito da Universidade, em 1800. Formou-se em 1805.

Foi assentar banca de advogado, em Lisboa.

Em 1811, foi feito juiz de fóra de Recardães (hoje apenas uma freguezia do concelho e comarca de Agueda.)

Em 1814, foi feito juiz dos orphãos, da cidade do Porto, e alli ajudou a fazer a revolução de 24 de agosto de 1820.

Pertenceu desde então ao partido liberal. Em 1828, entrou na revolta do Porto, de 16 de maio, pelo que teve de emigrar.

Veio em 1832 e esteve no cêrco do Porto.

Foi duas vezes ministro e varias vezes deputado.

DIÁXERE ou **ODIÁXERE**—freguezia, Algarve, comarca, concelho e 6 kilometros de Lagos, 60 de Faro, 240 ao S. de Lisboa, 290 fogos.

Em 1757 tinha 120 fogos.

Orago Nossa Senhora da Conceição.

Bispado e districto administrativo do Algarve.

E' terra fertil.

O ordinario apresentava o cura, que tinha 230 alqueires de trigo.

E' corrupção do arabe *wad* (agua) e *xaraqui* (praça larga.) Vem pois a significar, *Rio de agua que parece leite coalhado.*

Esta freguezia está situada proximo e a E. da ribeira do seu nome (que se mette na bahia de Lagos) que a rega e fertilisa.

No sitio da *Torre* e outros d'esta freguezia, cria-se muito assafrão bravo, mesmo até sem cultura. Ha n'esta freguezia grande abundancia de figos e bastante e bom vinho; cria gado e tem bom carbonato de cal (pedra calcaria) e exporta de todos estes generos. A egreja matriz é mediana. A agua dos poços d'aqui é melhor do que outra muita do Algarve.

DI-JUSO—portuguez antigo (do celta) *debaixo, por baixo, embaixo.*

DINE—freguezia, Traz-os-Montes, comarca e concelho de Vinhaes (até 1855 comarca e concelho de Bragança) 490 kilometros ao N. de Lisboa, 50 fogos.

Em 1757 tinha 30 fogos.

Orago Nossa Senhora da Assumpção.

Bispado e districto administrativo de Bragança.

O reitor de Parâmio apresentava o cura, que tinha 8$000 réis de congrua e o pé de altar.

Esta freguezia está ha muitos annos annexa á de Trezulfe, no mesmo concelho, comarca, bispado e districto administrativo.

DIVISÃO ADMINISTRANIVA, JUDICIAL, ECCLESIASTICA E MILITAR, DE PORTUGAL.

—

Administrativa—Divide-se este reino em 8 provincias: Minho, Traz-os-Montes, Douro, Beira Alta, Beira Baixa, Extremadura, Alemtejo e Algarve. Em 17 districtos administrativos, que são: Aveiro, Beja, Braga, Bragança, Castello Branco, Coimbra, Evora, Faro, Guarda, Leiria, Lisboa, Portalegre, Porto, Santarem, Vianna, Viseu e Villa Real.

Tem Portugal 348 concelhos e 3:636 frezias.

Judicial—Dois districtos (Lisboa e Porto) cada um com sua *Relação.* Estes se dividem em comarcas e estas em julgados; tudo subordinado ao Supremo Tribunal de Justiça, cuja séde é em Lisboa.

Em Lisboa e Porto, ha tribunaes do commercio; nas outras terras, as *causas* commerciaes, são julgadas pelos juizes de direito, com appellação para o tribunal do commercio de 2.ª *instancia,* de Lisboa.

Ecclesiastica—Divide-se Portugal em 3 provincias denominadas Lisbonense, Bracarense e Eborense. Aquella é séde de um cardeal patriarcha, estas de um arcebispo.

Comprehendem 14 dioceses ou bispados, que são: Aveiro, Beja, Bragança, Castello Branco, Coimbra, Elvas, Faro, Guarda, Lamego, Leiria, Pinhel, Portalegre, Porto e Viseu.

Os bispados se dividem em arcyprestados (ou vigariarias da vara) e estes em freguezias.

Militar—Havia 8 divisões. A 1.ª comprehendia os districtos administrativos de Lisboa, Santarem e Leiria—2.ª, Coimbra e Viseu—3.ª, Aveiro e Porto—4.ª, Braga e Vianna—5.ª, Villa Real e Bragança—6.ª, Guarda e Castello Branco—7.ª, Portalegre e Evora—8.ª, Beja e Faro. Eram 8 tambem as subdivisões.

Esta divisão militar foi alterada em novembro de 1869, como se vê adiante do mappa seguinte.

—

Em seguida dou um mappa da divisão civil de Portugal, para facil e rapida comprehensão dos leitores. Advirto porém, que, posto que a cifra n'elle dada aos fogos e almas, seja *official*, nem por isso deixa de ser muito defeituosa; porque, os parochos, quando se lhe pede o numero de fogos, regulam-se pelo *rol da egreja* (que tem um numero de fogos differente do da policia) e quanto ao numero de almas, fazem um calculo, mais ou menos aproximado, pois não o podem saber com exactidão, sem grande trabalho, para o que elles não estão, uma vez que é *ex-officio.*

Tambem a maior parte d'elles não mettem em conta as creanças até 7 annos (por não estarem no rol da egreja. (Contando estes, deve dar-se ao continente portuguez pouco menos de quatro milhões de habitantes.

Mappa demonstrativo da divisão civil de Portugal

PROVINCIAS	CAPITAES DOS DISTRICTOS ADMINISTRATIVOS	COMARCAS	CONCELHOS	FREGUEZIAS	FOGOS	ALMAS
Algarve	Faro	5	15	62	35:000	140:000
Alemtejo	Portalegre	4	19	94	23:000	92:000
	Evora	4	14	113	24:000	94:000
	Beja	5	17	108	30:000	120:000
Extremadura	Leiria	5	16	111	32:000	126:000
	Santarem	6	22	142	41:000	164:000
	Lisboa	14	39	212	103:000	411:000
Beira Baixa	Guarda	7	30	344	51:000	204:000
	Castello Branco	5	17	151	34:000	134:000
Beira Alta	Viseu	10	40	344	73:000	292:000
Douro	Porto	9	21	371	93:000	371:000
	Aveiro	7	24	172	60:200	241:000
	Coimbra	7	32	193	62:000	248:000
Traz-os-Montes	Villa Real	6	25	259	45:000	180:000
	Bragança	5	19	176	33:000	133:000
Minho	Vianna	5	13	271	44:600	179:000
	Braga	7	19	514	73:000	292:000
	Somma	111	382	3:637	856:800	3.421:000

Divisão militar de Portugal, desde novembro de 1869

Um decreto de novembro de 1869 reduz as 10 divisões militares a 5, pela maneira seguinte:

Divisões

1.ª Comprehende os districtos de Lisboa, Santarem, Leiria, Castello Branco, Coimbra e Funchal. *Quartel general — Lisboa*

2.ª Comprehende os districtos de Bragança, Villa Real, Viseu e Guarda. *Quartel general — Lamego*

3.ª Comprehende os districtos de Vianna, Braga, Porto e Aveiro. *Quartel general — Porto*

4.ª Comprehende os districtos de Portalegre, Evora, Beja e Faro. *Quartel general — Evora*

5.ª Comprehende os districtos de Ponta Delgada, Angra e Horta. *Quartel general — Angra*

Haverá *sub-divisões* militares, no Funchal, Ponta Delgada e Horta.

—

Se graves circumstancias o exigirem, poderá haver *sub-divisões* em Castello Branco, Chaves, Braga e Faro.

Veteranos

Desde novembro de 1869, ficam subsistindo 10 companhias, *independentes*, de reformados; sendo os seus quarteis em Valença, S. João da Foz, Chaves, Almeida, Abrantes, Peniche, Castello de S. Jorge (Lisboa) Elvas, Faro e Angra.

Estas 10 companhias são todavia distribuidas pelas praças seguintes, residindo seus commandantes nas já indicadas. A saber:

Vallença, Braga, Vianna, S. João da Foz, Aveiro, Chaves, Villa Real, Bragança, Almeida, Viseu, Guarda, Abrantes, Santarem, Castello Branco, Peniche, Coimbra, Leiria, Castello de S. Jorge de Lisboa, Funchal, Elvas, Portalegre, Evora, Faro, Beja, Angra, Horta e Ponta Delgada.

Estado maior general do exercito

Outro decreto, tambem de novembro de 1869, fixa este quadro do seguinte modo:

—

1 marechal general, 1 marechal do exercito, 8 generaes de divisão, 22 de brigada.

—

Ha 6 auditores do exercito e 1 da armada.

DIVISÃO ANTIGA DA LUSITANIA—Não concordam exactamente os geographos antigos (Strabão, Plinio, Ptolomeu etc.) nos limites da Lusitania; confrontando porém uns com outros auctores, podemos marcar a extensão d'ella assim:

Cabos — *Promontorio Magno* (da Roca) *Barbarico* (Espichel) *Sacro* ou *Cuneo* (S. Vicente).

Montes — *Cico* (Monchique) *Barbarico* (Arrabida) *Herminio* (Estrella) *Alcoba* (Bussaco) *Muro* (Monte Muro) *Marano* (Marão) *Juresso* (Gerez).

Rios — *Ana* (Guadiana) *Tago* (Tejo) *Calipo* (Sado) *Moron* (Zêzere) *Munda* (Mondego) *Vacca* (Vouga) *Durio* (Douro) *Limia* (Lima) *Minio* (Minho) *Tamaca* (Tâmega).

Eis os cabos, montes e rios que estavam dentro da demarcação da Lusitania, pelo que se vê, que ella não era exactamente o que hoje é Portugal, mas sim, o paiz que estanciava entre o Douro e Guadiana, comprehendendo as duas Beiras, Extremadura, Alemtejo, Algarve e parte das provincias hespanholas limitrophes, que nos ficam ao S., SE. e E.

Quatro nações occupavam a Lusitania: eram os Lusitanos, os Vettões, os Celtas e os Cuneos.

Lusitanos — occupavam o paiz situado entre o *Durio* e *Tago*, o *Moron* e o *Herminio*. Estavam separados dos *Vettões* pelo pequeno rio Balsemão, que passa a Lamego. Suas principaes cidades, eram: *Olissipo* (Lisboa) *Scalabis* (Santarem), *Eminio* (Agueda), *Concordia* (Thomar), *Talabriga* (Aveiro), *Rusticana* e *Mendicula*.

Segundo André de Rézende, devemos considerar como lusitanos, os turdetanos, barbarios, turdulos (antigos e modernos), pesures e transcudanos.

Os turdetanos ficavam ao N. dos cuneos. (Eram mais illustrados que os outros barbaros, tinham suas chronicas e suas leis, em verso.) Os barbarios, occupavam a serra da Arrabida (a que deram o seu nome). Os turdulos antigos, desde o Cabo da Roca até ao Mondego. Tinham-se pela gente mais antiga e nobre da Lusitania. Os turdulos modernos, estanceavam ao S. dos celtas. Os pesures (os mais barbaros de todos) habitavam a Sarra da Estrella; e os transcudanos o Baixo Côa, em Traz-os-Montes.

Vettões — habitavam ao N. do Tejo, comprehendendo a Beira oriental, parte do reino de Leão e quasi toda a Extremadura hespanhola.

As suas principaes cidades eram: *Lancia-Opidiana* (Guarda), *Lancia-Transcudana* (cidade de Rodrigo), *Salmantica* (Salamanca), *Occelium* (Formosella) e *Lama* (Lamego).

Celtas — Occupavam a Extremadura portugueza, ao S. do Tejo, o Alemtejo e uma pequena porção da parte occidental da Extremadura hespanhola. Suas principaes cidades eram: *Páca* (Beja), *Ebora* ou *Elbora* (Evora), *Myrtilis* (Mertola), *Salacia* (Alcacer do Sal), *Cetobriga* (Setubal ou Troia, em frente, do outro lado do Sado), *Norba Cesarea* (Alcantara), *Medobriga* (Aramenha), *Cecilia Gemelina* (Caceres), *Aruci Novum* (Moura).

Cuneos — habitavam a parte meridional do Algarve. As suas principaes cidades eram: *Lacobriga* (Lagos), *Porto d'Annibal* (Villa Nova de Portimão), *Ossonoba* (Faro), *Balsa* (Tavira).

DIVOR ou **ODIVOR** ou **NOSSA SENHORA DA GRAÇA DE DIVOR** — freguezia, Alemtejo, comarca, concelho e 6 kilometros d'Evora, 112 a SE. de Lisboa, 150 fogos.

Em 1757 tinha 157 fogos.

Orago Nossa Senhora da Graça.

Arcebispado e districto administrativo de Evora.

Situada proximo da nascente do rio do seu nome, que com 40 kilometros de curso entra na esquerda do Zetas.

O arcebispo apresentava o cura, que tinha 332 alqueires de trigo, e 107 de cevada.

É terra fertilissima em cereaes. Cria muito gado.

DOAÇÃO DE PORTUGAL A D. THEREZA E SEU MARIDO, PELA QUAL SE PROVA QUE PORTUGAL NUNCA FOI TRIBUTARIO DE CASTELLA DESDE O SECULO XI—Muitos escriptores (até alguns portuguezes) sustentam que D. Affonso VI de Leão, dando o condado de Portugal a sua filha D. Thereza e a seu marido, o conde D. Henrique, o instituiu feudo de Castella, com a obrigação de lhe pagar annualmente certo tributo.

Não ha facto algum que nos faça acreditar similhante asserção, e nenhum auctor contemporaneo (nem mesmo leonez) falla em similhante tributo.

Todos hoje sabem o que deu causa ao cêrco de Guimarães em 1127, e que não foi a falta de pagamento do tal tributo de que ninguem então fallava.

O chronista de D. Affonso VI, diz que este monarcha dotára magnificamente sua filha D. Thereza, com o condado hereditario de Portugal, e não falla em feudo nenhum.

O chronista do mosteiro de *Sahagun*, que assistiu ao enterro de D. Affonso VI, falla tambem no condado de Portugal dado a D. Thereza, por seu pae, e nem uma só palavra diz por onde se possa colligir a imposição de tal feudo.

Sustentam alguns que, dando, por esse tempo, D. Affonso VI o condado da Galliza a sua filha D. Urraca e seu marido o conde D. Raymundo, lh'o deu como feudo de Leão.

A Galliza sendo então muito maior do que Portugal, estava cercada de reinos christãos, que lhe serviam de atalayas e a defendiam das invasões dos sarracenos; e Portugal, sendo então mais pequeno do que a Galliza, estava todo exposto aos continuos ataques dos mouros; pelo que, a doação de Portugal, mesmo independente, era menos de cobiçar (e, com certeza, menos importante) do que a da Galliza, como feudataria.

Quanto mais, os reis d'aquelle tempo, eram absolutos senhores das suas provincias, que davam a quem queriam, sem obrigação nenhuma de igualarem os dotes dos filhos, e é incontestavel que D. Affonso VI adorava a sua filha mais nova, D. Thereza, e era extremoso amigo do conde D. Henrique, ao qual tantos e tamanhos serviços devia.

Quando o exercito portuguez (isto é, o povo portuguez, porque então todos os portuguezes eram soldados) acclamou D. Affonso I, rei de Portugal, nos campos de Ourique, D. Affonso VII de Leão (primo do nosso primeiro rei) *nenhuma objecção poz a isso, e como rei de Portugal, voluntaria e expressamente o menciona no foral que deu á cidade de Tuy, em 1156.*

Em 1158, D. Sancho III de Castella e D. Fernando II de Leão, fizeram entre si um tratado de união e partilha, *no qual trataram D. Affonso I como rei de Portugal (mesmo antes de estar confirmado pelo papa, como era de uso imprescriptivel n'aquelle tempo) e posto que tal tratado fosse uma liga contra o rei dos portuguezes, não se falla em feudo algum que este devesse pagar.*

O papa Alexandre III, na *bulla de confirmação* que expediu a D. Affonso I, como rei de Portugal, *não falla em feudo algum; e se houvesse a obrigação do pagamento d'elle, certamente lh'a impunha; porque era intimo e declarado amigo do rei leonez; que, demais a mais, tinha em Roma o seu embaixador, que havia de envidar todos os recursos para que tal feudo se mantivesse.*

Se Portugal fosse dado como feudo, as côrtes de Lamego (1141 ou 1142) *mesmo que decidissem que elle se não pagasse, forçosamente diriam que elle tinha sido indevida ou injustamente imposto;* mas ellas não fallam em similhante cousa, e só prohibiram que o reino de Portugal jámais pagasse tributo a outro reino.

Já disse que n'aquelles tempos os reis dispunham dos seus reinos e provincias, como de bens pura e simplesmente proprios, do que a historia nos offerece bastos exemplos.

Trinta annos antes da doação do condado de Portugal, D. Fernando Magno repartiu os seus dominios pelos seus tres filhos, dando a D. Sancho, Castella; a D. Affonso, Leão; e a D. Garcia, Portugal e Galliza, *sem a minima dependencia de um a outro reino.*

Quando o nosso D. Affonso III conquistou o Algarve (1250), D. Affonso o *Sabio*, de Leão, se quiz oppor; mas por fim se com-

poseram, dando o rei leonez sua filha D. Beatriz ao rei de Portugal, e *desistiu aquelle das suas pretenções ao Algarve* (pois que o rei de Leão *sómente allegava direitos ao reino algarvio*) e, ainda que D. Sancho IV de Leão tentou annullar os tratados feitos entre seu pae e seu cunhado, limitou-se a intitular-se *rei do Algarve;* titulo que aliás logo largou.

Se Portugal fosse obrigado a pagar tributo a Leão, não era esta conjunctura propria para alli ser allegado e pedido por D. Sancho IV?

É verdade que, apenas no fim do seculo passado, appareceu em Hespanha um *papel antigo*, que é uma inculcada copia do tratado de Tuy, feito em 20 de julho de 1137, entre D. Affonso Henriques e seu primo D. Affonso VII, e no qual o principe portuguez se obriga a pagar tributo ao castelhano, reconhecendo-se seu feudatario.

Mas esse papel é, e deve forçosamente ser julgado apocripho, pois não tem nenhum dos essenciaes requisitos que o podiam fazer suppor official. É um escripto feito por um anonymo, sem mais formalidade nenhuma.

De mais a mais, durante o periodo de 680 annos (desde 1093 até 1773) nenhum escriptor castelhano ou leonez fallou na existencia de tal papel; nem fez a menor allusão por onde se podesse suspeitar que elle existiu.

Já se vê que tal documento só póde ter credito negativo ou contraproducente.

—

Parece-me que todas estas razões, e todos os corollarios e consequencias que d'ellas se pódem tirar, são sufficientissimas e superabundantes para provar que o reino de Portugal foi pura e simplesmente dado a D. Thereza, por seu pae, *para ella e seus descendentes*, como estado livre e independente. E não só o que então constituia o condado de Portugal, como tudo quanto os portuguezes conquistassem aos mouros, ao sul do reino, até á margem direita do Guadiana.

Não sustento esta opinião, com receio de que os castelhanos nos venham pedir o tal *feudo*, que está prescripto (mesmo que elle fosse imposto, o que é falsissimo) pelo lapso de 777 annos, e anniquilado pelas victorias das linhas d'Elvas, Montijo, Montes Claros, Trancoso, Aljubarrota, etc; mas só allego isto, para esclarecer um ponto historico, no qual alguns ainda têem mal fundadas duvidas.

DOÇÃOS ou **DOS SÃOS** — freguezia, Minho, comarca de Pico de Regalados, concelho de Villa Chan até 1855, e desde então comarca e concelho de Villa Verde. 18 kilometros a NO. de Braga, 360 ao N. de Lisboa, 90 fogos.

Em 1757 tinha 78 fogos.

Orago Santa Maria, ou Nossa Senhora da Annunciação.

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

A mitra primacial apresentava o abbade, que tinha 400$000 réis de rendimento annual.

DOIS PORTOS ou **DOUS PORTOS** — freguezia, Extremadura, comarca e concelho de Torres Vedras (até 1855 era da mesma comarca, mas do concelho da Ribaldeira) 36 kilometros ao NE. de Lisboa, 640 fogos.

Em 1757 tinha 531 fogos.

Orago S. Pedro, apostolo.

Patriarchado e districto administrativo de Lisboa.

Ha aqui uma capella de Nossa Senhora dos Prazeres e junto d'ella uma antiga albergaria.

As quatro freguezias de Torres Vedras (Santa Maria do Castello, S. Pedro, S. Thiago e S. Miguel) apresentavam o cura e seu coadjutor, alternativamente. O cura tinha de renda 31$000 réis e o coadjutor tinha de congrua 4$000 réis. O pé d'altar era dividido em trez partes, duas para o cura e uma para o coadjutor.

Tinha antigamente juiz, escrivão e *mordomos*, sujeitos ao provedor de Torres Vedras.

É terra fertil. Muito e optimo vinho.

A capella de Nossa Senora dos Prazeres é na aldeia de Caxaria, que tem 50 fogos. Note-se que não é a Caxaria onde está a estação 20.ª do caminho de ferro do Norte; esta é na freguezia de Ceiça, comarca de Thomar, concelho de Ourem. (Vide a segunda Caxaria.)

DOLMEN—Manuel Severim de Faria, André de Rézende e outros escriptores nossos antigos e depois Martinho de Mendonça e Pina e D. fr. Manuel do Cenaculo Villas Boas e outros, muito se dedicaram ao estudo archeologico dos nossos antigos monumentos; porém ás locubrações de homens competentissimos d'este seculo se devem as mais importantes descobertas sobre esses monumentos edificados, ou melhor direi, erectos por uma raça de homens cujos usos, costumes e mais circumstancias do seu viver nos são ainda (e provavelmente serão sempre) desconhecidos.

Comtudo, d'essas épocas remotissimas, cuja duração se prolongou por uma serie incalculavel de seculos, que não pertencem ao dominio da chronologia (e por isso se lhe deu o nome de *tempos pre-historicos)* ainda nos restam, espalhados pelos differentes paizes da Europa, grande numero de monumentos.

Os modernos archeologos dividiram os tempos pre-historicos em tres edades principaes—a *da pedra*, a *do bronze* e a *do ferro.*

A *da pedra*, subdivide-se em tres epocas, (alguns a subdividem em quatro) 1.ª, é a que se reconhece pelos instrumentos de pedra simplesmente *lascados*. 2.ª a em que esses mesmos objectos (armas, instrumentos e utensilios) apresentam um polido por meio de fricção, que já revela tal ou qual aperfeiçoamento; 3.ª é designada pelas habitações lacustres, pelos outeiros de conchas e pelas construcções de turfa.

Até aqui não apparecem mais instrumentos do que de pedra, mais ou menos polida.

Quando se precisava de um instrumento que servisse do que servem os nossos actuaes machados, procurava-se uma pedra (quasi sempre silex ou quartzo) que tivesse mais ou menos a fórma requerida, e o gume era aperfeiçoado pela fricção em outra pedra. Suppõe-se que esta especie de machados eram empregados ao principio sem cousa que lhe servisse de cabo, isto é, segurava-se com a mão pela parte opposta ao gume e assim se trabalhava.

Com o andar dos tempos vieram a aperfeiçoar isto, e então faziam, por fricção, um rêgo no meio do instrumento, atavam-lhe uma corda feita de couro de boi (molhado para se tornar mais elastico) e o deixavam secear ao sol, para se tornar duro. A ponta da corda servia de cabo.

O mesmo faziam com o instrumento que lhes servia de martello, etc.

Tendo-se descoberto o cobre e outros metaes, começou-se a applicar aquelle, só, ou ligado, á fabricação dos seus utensilios e armas, abandonando o emprego dos instrumentos de pedra.

Dá-se a esta época o nome de *edade de bronze.*

Seguiu-se a edade de ferro; porque então se principiaram a servir d'este metal.

Foi a edade do ferro que abriu a porta aos tempos historicos.

É pois acreditado com muita provabilidade, que os *dolmens* (ou *dolmins*), *camas* (ou *tumulos) dos Hûnen, camas de gigantes cromlechs*, etc., como lhe chamam os diversos paizes onde existem esses monumentos são obra dos tempos prehistoricos. A maior parte dos archeologos suppõem que esses monumentos pertencem á 3.ª edade, da pedra, e á do bronze.

Encontram-se *dolmens* tambem na Asia (na Syria, na Arabia e no Deccan) na Africa septemtrional e na Europa.

N'esta parte do mundo, os *dolmens* occupam uma comprida *zona*, desde a Curlandia até Portugal, e, apezar da grande destruição que n'elles se tem feito, ainda existem muitos centos, mais ou menos desmantelados.

Portugal continha grande numero d'estes monumentos, e se no Minho, actualmente não existem senão tres, é muito natural que por ser um paiz muito habitado de tempos remotissimos, os póvos posteriores aos prehistoricos destruissem esses monumentos, ou como objectos pertencentes a uma religião, que já não era a sua, ou para lhe aproveitarem a pedra para outras construcções.

Talvez mesmo que no Minho haja muitos mais *dolmens* do que se suppõe. Eu nunca ouvi fallar senão em dois, e nem um só dos nossos archeologos falla em um, que eu por

acaso achei em um matto na freguezia de Gontinhães, que é o mais bem conservado que tenho visto. O povo d'aqui lhe chama *Lapa dos Mouros*, e ao mesmo matto em que elle está, e por isso mesmo se chama *Matta da Lapa.*

É facillimo de achar, porque fica proximo á aldeia da Lagarteira, e a distancia de uns 300 metros ao NE. da estrada real. Demais a mais, perguntando alli pela *Lapa dos Mouros*, todos dizem onde é.

Os outros dois d'esta provincia, de que tratam os nossos archeologos, são—um no monte da *Polvoreira*, proximo das Caldas de Visella, e outro no monte da *Pedreira*, a pouca distancia de Pombeiro.

Em Traz-os-Montes, ha os seguintes:—o de *Fantelço* e o do *Monte Fidalgo.*

Na Beira, em Villa Velha do Rodam, em Antas de Penalva, perto de Celorico, proximo á Guarda e nos concelhos de Viseu e Sabugal.

Na provincia do Douro, sobre a margem esquerda do Douro, logo abaixo do logar de Castello de Paiva, proximo das *Pedras da Rua* está um grande dolmen, faltando-lhe a pedra horisontal. Pousava esta em sete pilares redondos (dos quaes 6 existem intactos). Estes pilares ou columnas não são monolythos, mas cada um composto de tres pedras com juntas bem feitas, o que mostra ter sido construido na edade *do bronze* ou *do ferro.* Nenhum dos nossos archeologos falla n'elle.

No Alemtejo é onde ha mais, em menos espaço de terreno, pois nas visinhanças de Castello de Vide ha muitos. Ha-os tambem nas immediações do Crato, entre a villa de Aguiar e Evora, entre Evora e Vendas do Duque, entre os Pégões e Vendas Novas, nos arredores de Niza, Arrayolos e Barbacena e ainda outros no concelho de Evora.

Na Extremadura, só se sabe da existencia do de Andrenunes, na serra de Cintra (de que logo tratarei).

Não consta que haja actualmente nenhum no Algarve; mas parece que algum existiu sobre o Cabo de S. Vicente, pois Strabão, tratando da peninsula iberica, diz com referencia áquelle cabo, então chamado *Promontorium Sacrum*: «*Lapides multis in locis ternos aut quaternos impositos.*»

Martinho de Mendonça Pina enviou á Academia de Historia Portugueza uma memoria ácerca d'estes monumentos, escripta com muita erudição, que a mesma Academia publicou em 1773, no tomo XIV das suas *Memorias.*

Em 1734 enviou o padre Affonso da Madre de Deus Guerreiro á mesma Academia, uma relação ácerca de 315 *antas* (elle confunde *antas* com *dolmens*) existentes no seu tempo em Portugal; mas não foi publicada, apenas d'ella se faz menção, com referencia ao 1.º de abril de 1734.

Dêvo notar que li todas as *Memorias* da Academia, dos annos 1733 e 1734, que são os volumes 14.º e 15.º e não achei senão *registada* a offerta das relações de Pina e Guerreiro; mas em parte nenhuma vem transcriptas essas relações, o que nos deixa na mesma duvida em que estavamos.

Em 1868 publicou o sr. F. A. Pereira da Costa, uma *Descripção de alguns dolmens ou antas de Portugal*, publicação interessantissima, onde o assumpto é minuciosamente esclarecido, e illustrado com bellos desenhos.

O *dolmen* consta de varias lagens perpendiculares, cobertas por uma, muito maior, collocada horisontalmente sobre as outras, que estão em circulo, ou em quadro, o que na verdade lhe dá a fórma de mésa.

—

Até ha poucos annos attribuia-se aos celtas a construcção dos *dolmens, antas, carns* e *mâmoas.* Agora diz-se que são obra de povos anteriores aos celtas, e como se lhe ignora os nomes, combinou-se em dar-lhes o de *pre-celtas.* Mas não é sem argumentos *pro* e *contra* que esta conjectura se sustenta, e isto tem dado logar a bastante confusão. O que se póde dizer afoitamente é que estes monumentos foram construidos por póvos pre-historicos.

A mesma divergencia tem havido, e ha, sobre a applicação que tinham estes diversos monumentos, e até sobre o nome d'elles.

Escriptores de muito criterio e grandes

conhecimentos archeologicos, sustentam que *dolmin* é o nome generico d'estas construcções, e muitos d'elles fazem *anta* synonimo de *dolmin*.

Escriptor obscuro e completamente desconhecido, aventuro-me todavia a expender a minha humilde opinião, fundado não só no muito que tenho visto e lido, mas até nos proprios nomes que conservam estas construcções.

Não hia contra a opinião de archeologos distinctos e conhecidos geralmente, se elles não fossem os proprios a confessar que n'este ponto não podemos (ao menos por emquanto) sahir de *conjecturas*.

Supponho que *dolmen* é uma *ara* construida para os sacrificios—*anta* é um monumento levantado á memoria de algum chefe ou guerreiro distincto—*mâmoa* o tumulo de alguma pessoa notavel—*carn*, templo destinado a oração.

Todos os archeologos são concordes em dizer que *dolmen* é palavra d'origem armorica (bretan) dirivada de *daul* (mêsa) e *min meu* ou *maen* (pedrs) e, com effeito, o *dolmen* é uma mêsa de pedra. (Parece que se escrevia *min* e se lia *men*.)

De todas as quatro qualidades de monumentos celtas, ou pre-celtas, de que aqui se tracta, só o *dolmen* tem a forma de mesa. Os outros teem formas completamente diversas: então como se lhes hade dar o nome de *dolmen* (mêsa de pedra?) Eu até supponho que talvez isto tivesse outro nome dado pelos seus constructores *preceltas*, e que quando os gallos-celtas occuparam a Lusitania e achando estas construcões tão semelhantes a mêsas, lhes dessem o dome de *dolmens*.

A opinião de que os *dolmens* são monumentos funerarios tambem não passa de conjetura. É verdade que sob muitos *dolmens* se tem achado ossadas humanas, mas custa a crer que em 3:000 annos, pouco mais ou menos, possam os ossos deixar d'estar completamente reduzidos a terra. Quanto mais, se em muitos *dolmens* se teem achado ossos, em muitos mais se não encontra vestigios d'elles. E quem sabe se os povos que construiram os dolmens enterravam os seus defuntos, ou os queimavam, enterrando-lhe apenas as cinzas, como era uso quasi geral dos povos primittivos?

Ha um facto que, na minha opinião, prova incontestavelmente que os povos (quem quer que elles fossem) que construiram os *dolmens* queimavam os seus cadaveres. As mâmoas, que todos concordam em dizer que são obra dos mesmos que construiram os *dolmens*, são incontestavel e exclusivamente monumentos funerarios, e ne'llas (como logo direi) jámais appareceram ossos — o que apparece são cinzas.

Mas supponhamos que, com effeito, essas ossadas são coevas dos *dolmens*, não podiam ser os restos mortaes de alguma pessoa querida, ou de algum chefe aguerrido, que alli quisessem enterrar por distinção?

A religião christan (a mais chegada á natural e menos supersticiosa no seu comêço) não admittia o enterro dos cadaveres dentro dos templos?

Ainda mais: não podiam os gallos-celtas, os iberos, os cantabros e os antigos lusitanos (e mesmo os romanos e os árabes) enterrar os cadaveres dos seus sob estes monumentos que achavam feitos, tendo de mais a mais a vantagem de ter um signal permanente que lhes indicava o logar da ultima morada dos seus?

O apparecimento de cinzas guardadas em vasos de barro em alguns *dolmens*, e de instrumentos de metal, são, quanto a mim, uma prova de que a applicação dos dolmens a monumentos funerarios é de uma epoca muito mais recente do que a da sua construcção, pois que, de quantos dolmens tenho visto, que não são poucos, *só um* revela a existencia e o emprego de instrumentos de metal, que é o que já disse, do Castello de Paiva.

São tão raros os *dolmens* construidos na edade do bronze e do ferro, que em Portugal não ha senão aquelle. Nos paizes estrangeiros consta que alguns, mas tambem rarissimos, teem apparecido d'estas duas ultimas épocas.

Suppõe-se que uma das condicções dos dolmens é não terem o mais leve signal d'obra d'arte, e outra, não serem de pedras das immediações. É certo que em todos os monumentos pre-chistoricos que tenho exami-

nado, não se vê o minimo indicio do emprego de qualquer ferramenta, salvo aquelles em que os visitantes teem posto algum signal ou inscripção.

Esta materia levar-me-hia muito longe e este artigo tornar-se-hia maçador, principalmente para os leitores que embirram com as obscuridades da archeologia.

Nem isto é proprio de ser tractado em um diccionario.

—

Abreviando o que me for possivel, direi.

As *mâmoas* ou *modôrras* (a que tambem alguns chamam *mamunhas* e *mamuinhas*) são os tumulos dos povos pre-historicos por ventura os indigenas da peninsula iberica.

Nunca vi tantas mâmoas, como no monte do Curuto, na freguezia de Fermêdo; em Monte Grande, proximo ao logar de Serradello, freguezia da Raiva—e na Serra do Valle da Avó, entre Paiva e Arouca, tudo na provincia do Douro.

Todas ellas foram arrombadas pelo povo, em busca de thesouros, e em nenhuma se achou mais do que uma pia coberta, no centro da mâmoa, feita de lagens de granito ou de schisto (taes como sahiram da terra) contendo cinzas. Só duas encontrei sem vestigio de arrombamento (provavelmente porque o povo julga que são pequenos cabêços naturaes, e que na verdade são as maiores que tenho visto) uma no monte do Crasto, freguezia de Romariz (proximo de muitos *carns*) e outra em uma serra que me parece se chama da Cruz d'Ancia, 4 ou 5 kilometros a SE. de villa de Sobrado de Paiva.

Esta não é (como todas as outras que tenho visto) exclusivamente formada de terra. É feita com pedras quartorzas (seixos) de varios tamanhos e apenas com a terra sufficiente para as ligar.

As mâmoas eram construidas do módo seguinte.—juntavam as lagens necessarias para formar uma especie de pia ou tanque grosseiro. Feita a pia, punham dentro as cinzas (sobre a lagem do fundo e soltas, pois ainda não havia vasos de qualidade alguma) e as cubriam com uma tampa, formada de uma ou mais lagens. Depois amontoavam uma porção de terra sobre a tal pia, formando um pequeno cabêço de forma pyramidal.

Supponho que quanto mais importancia tinha a pessoa sepultada, maior era a pyramide.

Ao vulgo contentavam-se em o enterrar no chão razo; mas quando por alli passavam os devotos, rezavam certa oração e atiravam uma pedra sobre a campa. Alguns defuntos tiveram tantas orações que chegaram a formar uma pequena pyramide, das quaes algumas chegaram aos nossos dias!

Ainda em alguns sitios das nossas provincias do N, quando alguem foi assassinano em qualquer sitio, se lhe colloca ahi uma cruz de páu ou de pedra, e quem passa reza um Padre-Nosso por alma do assassinado e lança ao pé da cruz uma pedra, chegando a formar um monticulo. Passados alguns mezes esquece a devoção e a pedra, senão tinhamos por alli muitas mâmoas christans. Vide Fieis de Deus.

—

Antas suppõe-se serem monumentos elevados á memoria de chefes ou guerreiros notaveis. Constam de um grande pedregulho, de forma mais ou menos espherica, ou oval (alguns de um tamanho que faz pasmar!) collocados sobre quatro penedos mais pequenos, que os sustentam em equilibrio.

Nos concelhos de Arouca e Paiva ha grande numero d'antas, de differentes tamanhos. A maior que vi em Arouca é a que chamam Penedo de Casal-Máo, no alto de uma serra sobranceira e a NO da egreja de Santa Eulalia. Em Paiva a maior que vi, está a uns 300 metros ao SO da villa de Sobrado, e chama-se o Penedo do Valle da Rua.

—

Suppõe-se que os *carns* eram uma especie de templos, ou logares destinados para preces e orações, que cada tribu ou familia formava para si. Digo que cada familia tinha seu carn, porque no monte do Crasto (provavelmente corrupção de carn) na freguezia de Romariz, ha mais de uma duzia proximos uns dos outros, 5 ou 6 dos quaes foram desentulhados em 1845.

Construiam-se da maneira seguinte:—faziam uma especie de tanque, mais ou menos vasto, (supponho que, segundo o maior

numero de pessoas da familia que devia conter) da fórma que lhes parecia, quadrado, oblongo, circular, etc., forravam o pavimento de calçada e guarneciam isto com uma parede de um metro de altura, pouco mais ou menos, e eis aqui um *carn*. Todos os do monte do *Crasto*, em Romariz, são n'este gosto, tendo as paredes argamassadas em barro e a calçada do pavimento coberta com uma camada do mesmo barro.

Os que vi nas freguezias de Gontinhães, Molledo e Cristello, do concelho de Caminha, são no geral muito mais vastos, não são *lageados* de calçada, nem refundados no sólo, as paredes tambem não são como as do *Crasto*. Os do Minho são feitos mais á semceremonia; chegavam á chapada de um outeiro ou monte, *espettavam* no chão uma linha circular de lagens, perpendicularmente, e estava prompto. Todos os que aqui vi são de fórma mais ou menos circular. Os póvos d'aqui chamam-lhe *cerrados dos mouros*. Nem nos do Crasto nem nos do Minho achei vestigio de porta.

Note-se que todos os *dolmens*, *antas* e *mâmoas* que tenho visto, estão em sitios elevados.

O maior *dolmen* que ha em Portugal é o de *Andrénunes*, situado sobre um dos mais elevados pinaculos da serra de Cintra. Sahindo da villa de Collares, em direcção ao logar do *Penêdo* e á ermida da *Peninha*, (tambem construida sobre um agudo pincaro, sobre o Cabo da Roca) encontram-se, antes de chegar á dita ermida, trez altos serros, a quasi eguaes distancias uns dos outros e quasi em linha. O do centro chama-se *Sêrro* (ou *Cabêço*) *dos Picotos*; o de L., *Monge*, e o do O. (que é proximo da aldeia da *Atalaya*) é o de *Andrénunes*. É no seu cume que está o *dolmen*. Este pincaro é composto de rochas graniticas—o dolmen tem a fórma de galeria coberta. Sobre elle está uma pyramide geodesica (ou trigonometrica) para a triangulação do reino.

—O distincto archeologo allemão *Carlos Andree* publicou em 1867, no *Globus*, excellente jornal litterario, tambem allemão, os artigos mais interessantes que existem sobre a materia.

DÓLO—portuguez antigo (corrupto do latim *dolor*) dôr. Tambem já antigamente, como hoje, significava *dólo, engano, perfidia*, etc.

DOMIM ou **DAMIM**—pequeno rio do Algarve e Alemtejo. Entra na esquerda do Sado, acima do Charrâma (ou Xarrama). Chamava-se no tempo dos arabes *Wad-Dolmin*, isto é *Rio do Dolmen* ou *Dolmin*.

DOMINGOS (S.)—freguezia, Extremadura, comarca de Alcacer do Sal, concelho de S. Thiago de Cacem, 70 kilometros a O. de Evora, 105 ao S. de Lisboa, 270 fogos.

Em 1757 tinha 133 fogos.

Orago S. Domingos.

Bispado de Beja, districto administrativo de Lisboa.

A mesa da consciencia e ordens apresentava o capellão curado, que tinha 150 alqueires de trigo e 120 de cevada.

E' fertil em cereaes. Cria muito gado de toda a qualidade.

DOMINGOS (Serra de S.)—Beira-Alta. Vide Fontêllo.

DOMINGOS (S.)—serra, Douro, concelho e 10 kilometros a O. de Paiva, comarca e 20 kilometros a NO. de Arouca, 1 da margem esquerda do Douro, 30 ao L. do Porto, freguezia de S. João Baptista da Raiva. Passa aqui a zona carbonifera de *Pijão* e ha vestigios de mineração antiga de metaes. Ha tambem indicios de minas de ferro, cobre e chumbo.

Na extremidade N. do seu cume está a muito antiga e notavel capella de S. Domingos.

DOMINGOS (S.)—serra, Alemtejo e Algarve, concelho e proximo de Mértola, sobre a direita do Guadiana.

São aqui as grandes minas de cobre do Pomarão, as melhores até hoje conhecidas, entre as que estão em exploração presentemente. (Vide *Pomarão*.)

DOMINGOS DE RANNA (S.)—freguezia, Extremadura, comarca de Cintra, concelho de Cascaes, 18 kilometros ao O. de Lisboa, 650 fogos.

Em 1757 tinha 520 fogos.

Orago S. Domingos de Gusmão.

Patriarchado e districto administrativo de Lisboa.

O povo apresentava o cura, que tinha 90$000 réis.

Na *Torre da Guilha*, d'esta freguezia ha excellentes marmores vermelhos. D'elles se fez a capella de *Manique de Baixo*, freguezia de Alcabideche, que foi dos marquezes de Minas, a egreja da Graça de Lisboa, e outras obras.

—

A egreja matriz é muito antiga, mas ignora-se por quem foi fundada. Era sagrada desde tempo immemorial.

A *Chronica de S. Domingos* diz que á festa de *Corpus Christi*, que aqui antigamente se fazia, vinham algumas cruzes e bandeiras de Lisboa, e muitas das freguezias dos termos de Cascaes e Cintra.

Sendo a egreja antiga de pequenas dimensões para a população, e estando muito arruinada, foi demolida, para se reconstruir.

Principiaram as obras da actual em 10 de maio de 1710. Tem a capella-mór e 6 altares lateraes. Na bôcca da tribuna ha um bello quadro da *Cêa*, obra de Pedro Alexandrino.

Tem bellas imagens. O templo é de uma só nave e está completamente concluido e com magnificencia. Tem duas grandes torres, uma com um carrilhão de oito sinos, e a outra um bom relogio.

O tecto da capella-mór é de abobada de pedra e o do corpo da egreja, de estuque. Tem bonitas grades de pedra a dividir as *coxías* da egreja, e a adornarem o côro e as seis tribunas.

Tambem aqui ha um bello retabulo do mesmo Pedro Alexandrino, representando Nossa Senhora a entregar o rosario a S. Domingos.

Todos os arcos e columnas são de optima cantaria, e este templo é o mais rico do concelho.

É terra muito fertil em varios generos de agricultura e produz muito bom vinho.

DOMINGUIZO — freguezia, Beira Baixa, comarca e concelho da Covilhan, 40 kilometros da Guarda, 240 ao NE. de Lisboa, 110 fogos.

Em 1757 tinha 40 fogos.

Orago o Espirito Santo.

Bispado da Guarda, districto administrativo de Castello Branco.

O prior de *S. João de Monte in Collo*, da Covilhan, apresentava o cura, que tinha 18$000 réis de congrua e o pé d'altar.

DONAI — freguezia, Traz-os-Montes, comarca e concelho de Bragança, 54 kilometros de Miranda, 480 ao N. de Lisboa, 100 fogos.

Em 1757 tinha 51 fogos.

Orago antigo, Nossa Senhora do Rosario; e actual, S. Salvador.

Bispado e districto administrativo de Bragança.

É da casa de Bragança, que apresentava o reitor, a qual tinha 50$000 réis.

DONAS, DONNAS ou **ALDEIA NOVA DAS DONNAS** — freguezia, Beira Baixa, comarca e concelho do Fundão, 54 kilometros da Guarda, 255 ao E. de Lisboa, 180 fogos.

Em 1757 tinha 113 fogos.

Orago Nossa Senhora da Annunciação ou Santa Maria.

Bispado da Guarda, districto administrativo de Castello Branco.

O real padroado apresentava o prior, que tinha 200$000 réis.

Esta freguezia já está descripta sob o nome de *Aldeia Nova das Donnas*. Repeti-a aqui por causa do rendimento do parocho e por ter mais fogos do que os que lhe dei no 1.º volume.

DONIM — freguezia, Minho, comarca, concelho e 9 kilometros ao O. de Guimarães, 9 ao NE. de Braga, 360 ao N. de Lisboa, 80 fogos.

Em 1757 tinha 66 fogos.

Orago o Salvador.

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

A mitra primacial apresentava, por concurso synodal, o abbade, que tinha 300$000 réis de rendimento.

Está aqui o poço de Óla, onde vae dar á estrada coberta, que correspondia á antiga cidade de *Citania* (vide esta palavra).

DONÕES — freguezia, Traz-os-Montes, comarca e concelho de Montalegre, 65 kilometros ao NE. de Braga, 420 ao N. de Lisboa, 50 fogos.

Em 1757 tinha 53 fogos.

Orago S. Pedro, apostolo.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Villa Real.

O reitor de Montalegre apresentava o vigario, collado, que tinha 75$000 réis.

DORNELLAS — freguezia, Beira Alta, comarca de Arganil, antigamente concelho de Fajão, hoje, concelho da Pampilhosa, 70 kilometros ao NO. da Guarda, 240 ao N. de Lisboa, 170 fogos.

Em 1757 tinha 161 fogos.

Orago Nossa Senhora das Neves.

Bispado da Guarda, districto administrativo de Coimbra.

O papa e o bispo apresentavam alternativamente o prior, que tinha 200$000 réis.

DORNELLAS — freguezia, Beira Baixa, comarca de Trancoso, concelho de Aguiar da Beira, 30 kilometros de Viseu, 300 ao N. de Lisboa, 170 fogos.

Em 1757 tinha os mesmos 170 fogos.

Orago S. Sebastião, martyr.

Bispado de Viseu, districto administrativo da Guarda.

O vigario de Pena Verde apresentava o cura, que tinha 9$000 réis de congrua e o pé d'altar.

DORNELLAS — freguezia, Minho, antigamente comarca da Povoa de Lanhoso, concelho de Santa Martha de Bouro, actualmente concelho de Amares, comarca de Villa Verde, 12 kilometros ao NE. de Braga, 360 ao N. de Lisboa, 130 fogos.

Em 1757 tinha 86 fogos.

Orago o Salvador.

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

A mitra primacial apresentava, por concurso synodal, o abbade, que tinha 500$000 réis de rendimento.

É n'esta freguezia a antiga torre dos marquezes de Monte Bello, solar dos Dornellas, ou Ornellas. Foi dos Francos, que consta descenderem da casa real de França.

Chama-se a *torre do Outeiro*. Pretendem alguns que n'esta torre nasceu o célebre mestre dos templarios, D. Gualdim Paes; mas é êrro: elle nasceu em Marecos. Vide Amares e Marécos.

A torre é quadrada e tem uns 14 metros de altura. Tem uma boa quinta annexa.

Os caseiros pagam a esta torre, annualmente, 15 varas de bragal.

Passa aqui a via militar romana chamada Geira. Ainda ha vestigios d'ella, e o seu leito é aqui o de uma estrada, bastante concorrida, e que ainda conserva o antiquissimo nome de Geira.

Fica esta freguezia a 2 kilometros a E. da villa de Amares.

A egreja matriz é moderna e boa.

N'esta freguezia ha cinco capellas, que são: Nossa Senhora do Resgate, S. Pedro e S. Francisco, particulares; e as publicas, são: Nossa Senhora do Fastio e S. Thiago; esta situada na encosta oriental do monte de Dornellas. Todas foram edificadas nos principios do seculo XVIII.

A freguezia occupa um territorio bastante accidentado, na margem direita do Cávado, e é fertil em cereaes, vinho verde, azeite, alguma laranja e fructa. É abundante em lenha e está abrigada do norte, pelo monte de S. Thiago, que é um braço que para o sul lança o monte de S. Pedro Fins. O monte de S. Thiago, tem nas suas faldas, oliveiras, castanheiros, carvalhos e outras arvores silvestres, tendo vastos pinheiraes. Cria alguma caça miuda.

Dornellas era a freguezia mais oriental do antigo concelho de Entre Homem e Cávado, ao qual pertenceu até 1834. Passou depois para o concelho de Santa Martha de Bouro, e sendo este supprimido em 24 de outubro de 1855, passou para o actual concelho de Amares.

—

Na extremidade E. da freguezia, na estrada que segue para Bouro, está um grande e bom cruseiro, de pedra, em cujo pedestal se lê a inscripção:

AQUI COMEÇA O COUTO
DO MOSTEIRO DE SANTA MARIA DE BOURO
O QUAL DOOU D. AFFONSO HENRIQUES,
PRIMEIRO REI DE PORTUGAL.

Nascem n'esta freguezia dois ribeiros, *Pogido* e *Cascalhaes*, que régam e móem.

Morrem, apenas com dois kilometros de curso, na direita do Cávado.

DORNELLAS — villa, Traz-os-Montes, comarca de Montalegre, concelho das Boticas, 60 kilometros ao NE. de Braga, 420 ao N. de Lisboa, 110 fogos.

Em 1757 tinha 107 fogos.

Orago S. Pedro, apostolo.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Villa Real.

Foi couto e tinha juiz ordinario, camara, escrivães, etc.

A mitra primacial apresentava o vigario, collado, que tinha 70$000 réis.

DORNES — villa, Extremadura, comarca e 20 kilometros ao N. de Thomar, concelho de Ferreira do Zêzere, 54 kilometros ao S. de Coimbra, 150 ao N. de Lisboa, 210 fogos, 800 almas.

Em 1757 tinha 25 fogos.

Orago Nossa Senhora do Pranto.

Bispado de Coimbra, districto administrativo de Santarem.

D. Manuel lhe deu foral, em Lisboa, a 10 de novembro de 1513.

O rio Zêzere corre a E. da freguezia.

A matriz está edificada sobre um rochedo em fórma de peninsula, cercada pelo E. por o rio Zêzere e pelo O. por uma profunda ribeira do nome da freguezia.

A Mesa da Consciencia e Ordens apresentava o vigario, que tinha 150$000 réis. O vigario era freire da Ordem de Christo, da qual a freguezia era commenda, tendo sido primeiramente commenda dos templarios até 1311, e passando para a Ordem de Christo em 1319. (Vide Alemquer, onde se trata do que possuiam os templarios.)

A villa está na encosta d'este rochedo, situada entre altas serras silvestres, o que a faz sobremaneira triste. Tem quatro ruas (pequenas) em fórma de cruz, de modo que, quem está no centro as vê todas.

Seu territorio produz poucos cereaes, mas é abundante de excellentes fructas, madeiras, gado, caça, azeite e muito vinho.

Sobre um alto penhasco, chamado *Serra Vermelha*, estão as ruinas de uma torre, que se diz fundada por Sertorio, 74 annos antes de Jesus Christo (outros dizem que é obra dos mouros) e ao pé d'ella a egreja de Nossa Senhora das Dores, mandada fazer pela rainha Santa Isabel, em 1285.

É tradição que no sitio onde hoje está esta egreja, appareceu a Santa Virgem, com Jesus Christo morto nos braços, a um cavalleiro chamado Guilherme de Pavia, o qual o foi contar á rainha, que estava em Coimbra; pelo que ella mandou logo fazer o templo, no logar da apparição de Nossa Senhora.

D. Gonçalo de Sousa, descendente do infante D. Martim Affonso Chichorro (filho de D. Affonso III) reedificou e ampliou esta egreja, em 1453. A esta egreja vem 34 freguezias, cada anno, em solemnes procissões, fazendo grandes festas á Senhora.

Esta serra fica perto do Cernache do Bomjardim.

Dizem outros que a torre foi feita pelos templarios em 1160. Serve de torre dos sinos da egreja.

A padroeira d'esta egreja é que deu o nome á villa, pois que por ordem da referida rainha Santa Isabel se chamava «Villa das Dôres» que depois degenerou em Dornes.

A mesma rainha foi senhora d'esta villa, que depois passou a ser senhorio da casa de Bragança. O seu termo comprehendia tres freguezias.

Tinha 3 companhias d'ordenanças, cada uma com seus respectivos officiaes, e todas commandadas por um capitão-mór.

—

Tem por armas, escudo esquartellado, no 1.º e 4.º quartel as quinas portuguezas, no 2.º e 3.º em cada um um leão. (As armas de Santa Isabel.) Depois foram um escudo bipartido, tendo da direita as quinas e da esquerda uma cruz floreada. Estas são as actuaes. (O sr. J. de Vilhena Barbosa não traz estas armas.)

—

Ha aqui tambem a serra de S. Paulo, da qual diziam os mouros (segundo a tradição.) «Entre a serra de S. Paulo e o monte Minhôto, me ficou o meu bem todo.» Pelas grandes riquezas que se diz aqui terem deixado en-

terradas. É certo que aqui se teem achado objectos de grande valor.

O monte está minado pelos mouros, tendo bastante semelhança com a praça de Gibraltar.

Tem uma ermida de S. Paulo (que dá o nome á serra) a qual mandou fazer o capitão portuguez que ganhou estas terras aos mouros.

Principiou-se n'esta serra um convento para frades paulistas, mas não se chegou a concluir.

DOS FRANCOS—Vide Francos.

DOS NEGROS—Vide Négros.

DOS-SÃOS—já está em Doçãos.

DOURO—rio, o Durius dos antigos. Nasce na provincia de Sória, nas montanhas d'Orbion, antigo reino de Leão (Hespanha) e entra em Portugal 18 kilometros acima de Miranda do Douro. Serve de limite entre Portugal e Castella, até entrar todo naquelle reino, acima da Barca d'Alva, na confluente do Agueda, que por algumas leguas serve de limite entre as nossas provincias de Traz-os Montes e Beira-Alta.

Alem de uma multidão de ribeiros e regatos, recebe na margem direita o Sabor, Tua, Pinhão (ou Penhão) Corgo, Tamega e Souza—na esquerda—Agueda, Côa, Tavora, Barosa, Paiva, Arda, Inha, Uima e Sá.

Entra no mar 6 kilometros a O do Porto, tendo decorrido em Portugal (sempre navegavel) 180 kilometros, por um leito apertado e montanhoso, e com uma corrente rapida e fremente, que torna a sua navegação perigosissima.

Desde Orbion até S. João da Foz, tem 870 kilometros de curso.

É atravessado na Régua por uma bella e magestosa ponte de pedra e ferro, principiada em 1870 e que está concluida, e do Porto a Villa Nova de Gaia, por outra elegante ponte de ferro e madeira (pensil) feita em 1842.

As margens d'este rio são em quasi toda a parte tristes e alcantiladas, e apenas raros *oasis* se encontram no percorrer do seu dilatado curso. Do Porto até Arnellas offerece uma agradavel vista, por serem as margens ainda que montanhosas, em grande parte cultivadas e povoadas de bonitas casas de campo e varias aldeias.

No reino de Portugal banha (e muitas vezes alaga e destroe) grande numero de povoações, sendo as principaes (depois do Porto e Gaia) Régua e Miranda.

Como o seu leito é apertadissimo, qualquer enchente o faz subir a cima do seu nivel ordinario 8, 10 e mais metros, isto em poucas horas (e ás vezes, como aconteceu em 1861, em poucos minutos) o que obriga os habitantes das suas margens a salvarem-se em barcos pelas janellas, e não poucas vezes pelos telhados.

(As suas maiores enchentes, de que ha noticia escripta, podem ver-se na palavra *Enchentes;*

Tem varios *pontos* onde a agua corre, ou melhor, se precipita, com medonha impetuosidade, o que faz todos os annos quebrar contra os rochedos muitos barcos e morrer bastante gente.

Apesar dos perigos d'esta viagem, o rio é constantemente sulcado por grande numero de barcos que levam ao Porto os productos agricolas ou industriaes de varias terras e exportam do Porto para estas differentes generos.

Cria muito, variado e saborosissimo peixe, e os seus saveis, lampreias e trutas são famosos e dignos da sua nomeada.

Nas povoações que se descrevem n'este diccionario, situadas nas duas margens do Douro, se dão mais algumas noticias curiosas ácerca d'elle.

—

Sir Artur Wellesley (depois lord Wellington) foi pelo governo portuguez feito marquez do Douro, em premio das suas victorias contra as hordas de Buonaparte.

—

O rio Douro era a divisão meridional da antiga provincia bracharense e da Galliza, no tempo do imperio romano, e ainda depois, no tempo dos godos.

Vide Braga no logar competente.

—

DOURO—provincia, creada depois de 1834, formada com o antigo partido do Porto, varios concelhos do Minho e Beira e os

districtos administrativos d'Aveiro e Coimbra. Disparate geographico de grande marca, que faz rir todo o mundo (como uma grande parte do Alemtejo que enxertaram, sem razão nenhuma plausivel, na Extremadura) e que nem mesmo os grandes geographos que fizeram esta despropositada divisão são capazes de explicar. Chamar-se provincia do Douro á vasta extensão de territorio que estanceia entre o Douro e Mondego, e ainda muitos concelhos que estão ao S. d'este ultimo rio, não se comprehende.

Se queriam fazer das nossas seis provincias mais algumas (para lá fóra os estrangeiros julgarem que Portugal é um grande reino em territorio) não tinham evidentissimas divisões feitas pela natureza? Formassem uma provincia entre o Minho e o Cávado, outra entre o Cávado e o Douro, outra entre este rio e o Mondego, outra entre o Mondego e o Tejo, outra entre o Tejo e Guadianna, outra do Marão para o Nordeste outra da Serra da Estrella para Leste, outra álem do Côa, etc etc.

Tinham rios e cordilheiras (que são as divisões naturaes e menos sujeitas a duvidas) e vão fazer uma divisão d'estas!

Andam ha 50 annos a fallar em divisão territorial e estamos á espera d'ella como esperamos pela lei agraria, pelos *boulevards* e fortificação de Lisboa e Porto, pela reforma colonial, pela morte do deficit, etc etc.

Foi o Douro a divisão meridional da antiga provincia braccarense, e da chancellaria de Braga.

Para evitar repetições n'este ponto, vide Braga no logar competente.

DOURO — pequeno rio, Minho, que dá o nome á freguezia do *Rio Douro* (Santo André) no csncelho de Cabeceiras de Bastos, comarca de Celorico de Bastos.

Nasce na serra de Nossa Senhora da Orada, e morre no Tâmega, com pequeno curso.

Vide Rio Douro, freguezia.

DRUIDAS E SUA RELIGIÃO, LEIS, USOS, COSTUMES, GERARCHIAS, etc.—Cesar (nos seus *Commentarios)* diz que a religião druidica teve origem em Inglaterra; porém Tacito (nos seus *Annaes*) diz que os gaulezes, aportando a esta ilha, alli tinham levado as suas crenças. Parece que Tacito tem razão, mas os druidas inglezes (ou do Norte) conservaram com mais pureza a sua religião e tradições.

A religião dos gaulezes foi sempre mais esclarecida que a dos outros póvos de então. Suas idéas sobre a divindade eram muito mais justas e mais espirituaes do que as dos gregos e as dos romanos.

Tacito, Maximo de Tyro e outros historiadores nos dizem que os druidas estavam convencidos de que se deve honrar o Ser Supremo, pelo respeito e o silencio tanto como pelos sacrificios; mas esta simplicidade primittiva se foi perdendo pouco á pouco e já não existia ao tempo das conquistas dos romanos. Os druidas, esquecendo as suas primeiras tradições, se deram á adivinhação e á magia e toleravam os horrorosos sacrificios de victimas humanas, em honra d'*Esus* e *Teutatés*. Tacito Lactancio e Lucano nos testificam esta dagradação.

As conquistas de Julio Cesar introduziram novos deuses nas Gaulas, fundando-se então os primeiros templos, emquanto que os druidas da Inglaterra continuaram o exercicio da sua religião no centro das florestas. que para elles eram sagradas.

Os gaulezes tinham no interior dos bosques espaços consagrados ao culto e ás ceremonias religiosas. Era alli que elles enterravam os thesouros tomados aos inimigos, e que immolavam os prisioneiros. Fechavam-os em grandes gaiolas feitas de vimes, cercados de materias combustiveis e lhes lançavam fogo.

—

Differentes classes de druidas—Sua maneira de viver—Seus vestidos e funcções.

A palavra *druida* vem incontestavelmente do substantivo celtico *deru*, que quer dizer—*carvalho*.

Estes ministros se dividiam em differentes classes. Os druidas formavam a primeira, e eram os supremos chefes, tão respeitados que os demais deviam arredar-se quando elles appareciam e não podiam chegar á sua presença sem terem obtido licença para isso.

Os ministros inferiores eram os *bardos*, os *saromides* e os *eubages* ou *vacerres*.

Os *bardos*, cujo nome celtico quer dizer *cantor*, celebravam em verso as acções dos heroes, cantando ao som das suas harpas.

Ligava-se tanto valor aos seus versos que elles bastavam para immortalisar. Ainda que menos poderosos que os druidas, gosavam tamanha consideração, que, apresentando-se no momento em que dois exercitos estavam a ponto de combater, ou já tinham mesmo principiado a batalha, depunham as armas para ouvirem as suas propostas.

Não se limitavam a cantar as acções dos heroes, tinham tambem o direito de censurar as acções dos particulares que se apartavam do cumprimento dos seus deveres.

Os *saronides* instruiam a mocidade, inspirando-lhe sentimentos virtuosos.

Os *eubages* tinham o cuidado dos sacrificios e se applicavam á contemplação da natureza.

A origem dos druidas se perde na mais remota antiguidade. Aristoteles, Phocion e muitos outros escriptores que os precederam, os descrevem como os homens mais esclarecidos em materias de religião. Tinha-se tão grande crença no seu saber, que Cicero diz que elles foram os inventores da mythologia.

Os druidas, occultos em suas florestas, viviam na maior austeridade. Era alli que as nações os hiam consultar.

Elles formavam differentes collegios nas Gaulas; o mais célebre de todos era o do paiz de *Chartrain;* o chefe d'este collegio era o soberano pontifice das Gaulas.

Seus vestidos differiam alguma coisa segundo as provincias em que viviam ou os graus que exerciam.

A ceremonia da profissão se fazia recebendo a *accolade* (abraço) dos velhos druidas. O candidato, depois d'isto, deixava o vestido ordinario para vestir o dos druidas, que era uma tunica, chegando apenas ao joelho. As mulheres não podiam ultimamente ser admittidas ao sacerdocio.

Era muito grande a auctoridade dos druidas. Predsidiam aos estados, decidiam da paz ou da guerra; castigavam os culpados, depunham os magistrados e mesmo os reis, se elles não observavam as leis do paiz. Sua gerarchia era superior á dos nobres. Nomeavam annualmente os magistrados que deviam governar as cidades, podendo elevar qualquer d'elles á dignidade de *vergobret*, que egualava a dos reis; mas este *vergobret* nada podia fazer sem consentimento dos druidas, que decidiam tambem, *sem appellação nem aggravo*, as contendas e demandas dos particulares, cujo vencido se devia submetter ás suas decisões, sob pena de ser ferido de anathema, e desde então todo o sacrificio lhe era interdicto, toda a nação o considerava impio e ninguem ousava communicar com elle.

Eram dispensados de hir á guerra, e de pagar tributos. Já se vê que o numero dos aspirantes a druidas era immenso, jamais porque admittia todos os estados e profissões; mas tinha os inconvenientes de um diuturno noviciado e da indispensavel necessidade de decorar mui prodigioso numero de versos, que continham as maximas sobre a religião e a politica.

As mulheres gaulezas podiam antigamente ser admittidas na gerarchia dos druidas (ser *druidesses*) e gosavam então todas as prerogativas da ordem; porém exerciam as suas funcções separadas dos homens. Suas adivinhações as tinham tornado mais celebres do que aos proprios druidas.

Quando Annibal passou ás Gaulas, ainda ellas exerciam o direito supremo, e tanto que se estipulou em um tratado que elle fez com os gaulezes, que — «se algum carthaginez prejudicar por qualquer modo a um gaulez, a causa será levada ao tribunal das mulheres gaulezas».

Com o andar do tempo, os druidas despojaram as mulheres d'esta auctoridade, mas ignora-se a época d'esta usurpação.

—

Doutrina dos druidas — Suas superstições — Ceremonia do gui [1] do carvalho.

Toda a doutrina druidica tendia a tornar

[1] *Agarico*, planta parazita.

os homens sabios, justos, bravos e religiosos.

Os pontos fundamentaes d'esta doutrina se reduziam a trez:—adorar os deuzes—não prejudicar o proximo—e ser valoroso.

Pomponio Mella diz que a sciencia dos druidas consistia em conhecer a fórma e grandeza do Ser Supremo, o curso dos astros e das revoluções do globo.

Criam firmemente na immortalidade da alma e consideravam a morte como um seguro meio de hirem gosar uma existencia mais venturosa.

Os que morriam em paz, no centro das uas familias eram enterrados sem pompa e sem elogios e sem ás canções compostas em honra dos mortos; porém os que perdiam a vida em serviço da patria tinham tudo isto; porque acreditavam que elles sobreviviam á si mesmos e transmittiam seus nomes ás gerações futuras, acreditando-se que elles hiam gosar a felicidade eterna no seio da divindade. Só elles tinham tumulos e epitaphios.

Os que não tinham illustrado a sua vida com alguma acção guerreira, brilhante ou util ao bem geral, eram condemnados á um completo e eterno esquecimento.

O genio bellicoso dos gaulezes e dos outros celtas dava rasão a estas crenças, pois que elles nada presavam tanto como a profissão das armas.

—

Os druidas ensinavam que um dia a agua e o fogo destruiriam todas as cousas.

Criam na metempsychose, e não a adoptaram da doutrina de Pythagoras, pois quando este sabio grego viajou nas Gaulas, já esta maxima era alli adoptada havia muito tempo.

(Todos sabem que a metempsychose é a transmigração das almas de uns para outros corpos.)

De tempo immemorial tinham o costume de sepultar os mortos ou de guardar suas cinzas em urnas funerarias. Nos seus tumulos se guardavam suas armas, seus moveis preciosos e as *cédulas* do dinheiro que haviam emprestado. Os vivos lançavam nas sepulturas cartas dirigidas aos seus amigos fallecidos, na certeza de que ellas hiam ao seu destino.

—

Nunca escreviam as suas maximas ou sciencias. Era em versos que elles conservavam os seus conhecimentos e era necessario aprendel-os de cór.

Estes versos eram em tão grande numero, que levavam de 15 a 20 annos a decorar.

Segundo Julio Cesar, a doutrina dos druidas era mysteriosa e só d'elles conhecida

Tambem cultivavam a medicina, no que eram considerados peritissimos.

Estes sabios tão respeitados e respeitaveis durante muitos seculos, principiaram depois a degenerar, dedicando-se á astrologia, á magia e á arte de adivinhar, na esperança de augmentarem o seu credito e o seu poder.

Tinham bastantes conhecimentos sobre botanica, porém misturavam-lhe muitas praticas mysteriosas, sobretudo na colheita das plantas medicinaes.

Plinio, o naturalista, diz o meio de que se serviam para colher o *selage* (planta medicinal, especie de aipo silvestre.) Devia ser arrancado sem instrumento cortante e com a mão direita inteiramente coberta com uma parte da roupa. Passavam depois a planta para a mão esquerda, com muita rapidez, como se fosse um roubo que se pretendesse esconder. Deviam os apanhadores estar vestidos de branco, ter os pés nús e offerecer um sacrificio com pão e vinho.

A *verbena* colhia-se antes de nascer o sol, no primeiro dia da Canicula, depois de se ter offerecido á Terra um sacrificio de espiação, no qual se empregavam fructos e mel.

Attribuiam a esta planta as maiores virtudes, e bastava esfregar-se com ella para se obter o que se desejava. Curava todas as doenças e tinha o poder de reconciliar os corações que a inimisade havia separado. Quem tocasse esta planta milagrosa sentia instantaneamente a paz e a alegria nascer nos seus corações.

Criam que a morte dos homens notaveis suscitava tempestades. O trovão, os terra-

motos, os meteoros, os eclypses, etc. annunciavam a morte de um personagem importante.

Os druidas deixaram acreditar ao povo que elles podiam mudar de fórma, ou viajar pelos ares, segundo a sua vontade; mas a mais barbara das suas superstições era immolarem victimas humanas, uso que só terminou com a extincção do druidiismo. Os numerosos editos dos imperadores romanos contra este crime, mostra quanto elle estava em uso nas Gaulas e quanto custou a exterminar.

—

A mais solemne das suas ceremonias era a colheita do *Gui du chêne* (agarico do carvalho.) Esta planta parasita nasce sobre algumas arvores; mas os druidas criam que Deus tinha principalmente escolhido o carval hopara lhe confiar esta preciosa planta,

Percorriam as florestas com o maior cuidado e se felicitavam entre si quando, depois de longos e peniveis trabalhos e buscas, descobriam uma certa quantidade de agarico.

Não se podia colher esta planta senão no mez de dezembro, no 6.º dia da lua.

Este mez e o n.º 6 eram sagrados para os druidas. Era sempre no 6.º dia da lua que elles faziam seus principaes actos religiosos.

Chegados ao pé do carvalho que o agarico envolvia, o chefe dos druidas subia á arvore e cortava a planta com uma foucinha de ouro e os druidas a recebiam com um grande respeito em o *sagum* (especie de saia branca.)

Depois immolavam-se dois touros brancos e um festim se seguia, findo o qual se invocava á divindade para que ligasse á planta recem-colhida uma felicidade experimentada por todos os circumstantes, a quem se distribuia uma pequena parte do agarico.

Era no 1.º dia do anno que se sagrava o *gui*, que se distribuia ao povo.

—

Principaes maximas dos druidas

(Estas maximas só as relatamos pela tradição que d'ellas chegou aos nossos dias, visto que os druidas nunca as escreviam.)

1.ª É indispensavel ser instruido nos bosques sagrados, pelos sacerdotes.

2.ª O agarico deve ser colhido com um grande respeito, sempre que seja possivel, no 6.º dia do anno, e só com uma foucinha de ouro se póde cortar.

3.ª O ceu dá origem a tudo que é creado.

4.ª Não se deve confiar o segredo das sciencias á escriptura, mas sim á memoria.

5.ª É indispensavel ter grande cuidado com a educação dos meninos.

6.ª Os desobedientes não pódem assistir aos sacrificios.

7.ª As almas são immortaes.

8.ª As almas passam a outros corpos depois da morte dos que ellas animaram.

9.ª Se o mundo vier a destruir-se, será pela agua ou pelo fogo.

10.ª Em occasiões extraordinarias é preciso immotar um homem: poder-se-ha predizer o futuro, regulando-se pelo modo de cahir do corpo do sacrificado, pelo correr do seu sangue, ou pela ferida que o ferro lhe abrir.

11.ª Os prisioneiros de guerra devem ser immolados sobre os altares, ou serem fechados em cestos de vime para se queimarem vivos em honra dos deuses.

12.ª Não se deve permittir o commercio com os estrangeiros.

13.ª O ultimo que chegar á assembléa dos Estados deve ser punido com a morte.

14.ª Os meninos devem ser creados até á edade de 14 annos fóra da presença de seus paes e mães.

15.ª O dinheiro emprestado n'esta vida, será restituido aos credores, no outro mundo.

16.ª Ha um outro mundo, e os amigos que se matam para acompanhar os seus amigos mortos, viverão com elles eternamente no outro mundo.

17.ª Todas as cartas entregues ao cadaver, ou lançadas nas suas fogueiras, serão fielmente entregues a quem pertencem, no outro mundo.

18.ª O desobediente seja expulso, que elle não receba nenhuma justiça, nem seja admittido em nenhum emprego.

19.ª Todos os paes ou chefes de familia são reis em suas casas: teem o poder de vida e morte sobre suas mulheres, filhos e escravos.

—

Das druidessas

Já disse que toda a moral dos druidas se reduzia á tres pontos principaes: honrar os deuses, não prejudicar o proximo e ser corajoso. Como conciliar com estas maximas sublimes, a que dá aos paes o direito de vida e morte sobre a sua familia? O abbade Banier porém, diz que esta ilimitada auctoridade paterna não era fundada em lei alguma positiva, mas sómente no amor e respeito.

Julio Cesar e Tacito descrevem com prazer o respeito que os gaulezes e os germanos tinham a suas mulheres: as dos druidas partilhavam a auctoridade com seus maridos: eram consultadas nos negocios politicos e religiosos. Havia mesmo nas Gaulas templos erectos depois da conquista dos romanos, nos quaes as *druidessas* exclusivamente ordenavam e regulavam tudo o que dizia respeito á religião, e dos quaes a entrada era interdicta aos homens.

Mr. Mallet, na sua excellente *Introducção á Historia da Dinamarca,* diz que os celtas e gaulezes se mostravam superiores aos orientaes, que passam da adoração ao despreso e dos sentimentos de um amor idolatra aos de um ciume deshumano ou aos de uma indifferença, mais insultante ainda que o ciume. Os celtas consideravam suas mulheres como eguaes e companheiras, cuja estima e ternura não podiam ser gloriosamente adquiridas senão por esforços de amor e coragem.

As poesias de Ossian provam que os habitantes das Ilhas Britannicas sempre levaram estes respeitos e estas attenções além d'outra qualquer nação do mundo. Fieis á belleza que seu coração tinha escolhido, nunca tiveram simultaneamente varias mulheres, e muitas vezes suas esposas seguiam, vestidas de homem, seus maridos á guerra.

—

Existiam tres classes de druidessas: as primeiras, viviam no celibato; as segundas, ainda que casadas, residiam nos templos que ellas serviam, e não viam seus maridos senão um só dia em cada anno; as terceiras, não deixavam seus esposos e tinham o cuidado do interior de suas casas.

Apesar d'estas differenças, as druidessas não formavam verdadeiramente senão duas classes. A primeira era composta de sacerdotizas, e as mulheres de segunda classe eram apenas ministras das sacerdotizas, de quem cumpriam as ordens.

A habitação mais ordinaria das druidessas era nas ilhas que bordam as costas das Gaulas e da Gran-Bretanha. Os druidas tambem habitavam algumas d'estas ilhas; mas nas que eram residencia dos druidas de um sexo, não havia d'outro.

Eram os druidas, de ambos os sexos, que habitavam estas ilhas, que mais se davam á magia, e os povos das Gaulas e da Inglaterra criam geralmente que elles podiam excitar ou applacar os furacões e tempestades.

Os druidas por fim abandonaram ás druidessas a arte de adivinhar, segundo a influencia dos astros, na convicção de que ellas teriam, mais do que elles, o dom de fazer persuadir os povos da verdade das suas predicções; por isso as encarregavam de todas as perguntas sobre o futuro. Ellas davam respostas tão habilmente combinadas, que a sua reputação sobre oraculos se espalhou por todo o mundo, vindo-as consultar de todas as partes e as suas decisões inspiravam infinitamente mais confiança que os célebres oraculos da Grecia e da Italia.

Os proprios imperadores romanos as mandavam muitas vezes consultar, emquanto dominaram as Gaulas. A historia, todavia, tem conservado muitas das respostas das *sybillas*, e não faz menção especial de nenhuma das druidessas.

—

Suetonio, Aurelio-Victor e Séneca sustentam que a religião druidica foi abolida sob o imperio de Claudio; mas, como os druidas subsistiram muito mais tempo, parece que estes auctores não quizeram fallar senão nos sacrificios humanos, que este imperador prohibiu expressa e severa-

mente. O que é certo, é existirem ainda no paiz chrartrense até ao meiado do seculo quinto. Parece certo que a ordem druidica só deixou de existir quando o christianismo triumphou inteiramante das superstições dos gaulezes e este triumpho só se conseguiu mais tarde em algumas provincias, e a religião druidica custou muitissimo a desarreigar nas Gaulas e na Gran-Bretanha.

DUAS EGREJAS—freguezia, Douro, comarca, concelho e 10 kilometros a ENE. da Feira, 25 ao S. do Porto, 40 ao N. d'Aveiro, 285 ao N. de Lisboa, 60 fogos.

Em 1757 tinha 32 fogos.

Orago S. Silvestre, papa.

Bispado e districto administrativo do Porto.

A egreja matriz é muito pequena, baixa, insignificante e antiga.

Esta freguezia era uma aldeia da freguezia de S. Jorge de Caldellas (hoje Caldas de S. Jorge). Depois passou a ser curato, que o abbade de S. Jorge apresentava, e rendia para o cura 20$000 réis e o pé d'altar.

Esta freguezia e a de Romariz, a que está annexa, foram do concelho de Fermêdo, comarca d'Arouca, até 24 de outubro de 1855. É desde então que são da comarca e concelho da Feira. É nas *Terras de Santa Maria.*

Desde 1835 que esta freguezia foi annexada á de Romariz, que por isso se chama —*Romariz e Duas Egrejas.*

O povo oppoz-se a esta annexação, requerendo por muitas vezes contra ella e pugnando pela sua independencia; mas nada tem conseguido.

É terra fertil e com vastos horisontes, por estar situada em alto, d'onde se vê a cidade do Porto, muitas freguezias e o mar.

Faz-se aqui uma boa feira no dia de S. Silvestre (31 de dezembro) onde se vendem muitos porcos gordos, bois e outros generos.

Fica perto o *Monte de Mó*, que tem pedreiras de granito, proprias para mós de moinhos de milho, e passa pela freguezia uma larga zona de pedras de amolar.

Os seus montes são cobertos de arvoredos e tem vastos pinhaes.

DUAS EGREJAS (ou *Santa Maria de*)—freguezia, Douro, comarca de Penafiel, concelho de Paredes, 30 kilometros ao NE. do Porto, 330 ao N. de Lisboa, 140 fogos.

Em 1757 tinha 97 fogos.

Orago Santa Maria.

Bispado e districto administrativo do Porto. É terra fertil.

O papa, o bispo, e o prior dos cruzios da Serra do Pilar (em frente do Porto) apresentavam alternativamente o abbade, que tinha 500$000 réis de rendimento.

DUAS EGREJAS E RANDE—freguezia, Douro, comarca e concelho de Penafiel, 36 kilometros a NE. do Porto, 330 ao N. de Lisboa, 250 fogos.

Em 1757 tinha Rande 29 fogos.

Orago de Rande S. João Baptista, e de Duas Egrejas, Santo Adrião.

Estes dois santos continuam a ser ambos oragos da freguezia.

Bispado e districto administrativo do Porto.

O reitor de Villa Bôa de Quires apresentava o cura, qne tinha 30$000 réis.

O *Portugal Sacro e Profano* só traz a freguezia de Rande.

Eram duas freguezias independentes, que, por serem pequenas, se uniram no fim do seculo XVIII.

É terra fertil.

DUAS EGREJAS—freguezia, Traz-os-Montes, comarca e concelho de Miranda do Douro, donde dista 6 kilometros, 465 ao N. de Lisboa, 180 fogos.

Em 1757 tinha os mesmos 180 fogos.

Orago Nossa Senhora da Assumpçao, vulgo Nossa Senhora do Monte.

Bispado e districto administrativo de Bragança.

A mitra apresentava o abbade, que tinha 600$000 réis de rendimento annual.

É terra fria e bastante accidentada, mas fertil e saudavel. Cria muito gado.

DUAS EGREJAS—freguezia, Minho, comarca de Pico de Regalados, concelho de Penella até 1855, e desde então comarca e concelho de Villa Verde, 18 kilometros a NO. de Braga, 365 ao N. de Lisboa, 350 fogos.

Em 1757 tinha 346 fogos.

Orago Santa Maria, ou Nossa Senhora da Assumpção.

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

O ordinario apresentava o reitor por concurso synodal, e tinha 200$000 réis de rendimento.

Houve aqui um convento de templarios até 1311. Em 1319 passou a ser commenda da Ordem de Christo.

Está aqui a capella de Santa Luzia, e no campo proximo ha uma feira annual de gado.

Foi commendador d'esta freguezia o nosso célebre poeta classico, Francisco de Sá de Miranda. (Vide Fiscal, Tapada e *Larim.*)

DUCADO—é o territorio, edificios, foros e mais rendas que constituem o apanagio de um duque.

Em 1759 havia em Portugal quatro ducados, que eram os de Bragança, Cadaval, Lafões (ou Alafões) e Aveiro.

Depois de 1834 crearam-se os duques da Terceira, Saldanha, Lonlé e Palmella, mas não se lhes deram ducados.

Tratemos pois dos antigos duques que teem ducados.

Bragança

(Braganças)

Nas palavras Bragança e Barcellos, se tratou d'este titulo, pelo que, e para evitar repetições, remetto os leitores áquellas palavras indicadoras.

Cadaval

(Alvares Pereira de Mello)

Este ducado foi creado por D. João IV, em 26 de abril de 1649, a favor de D. Nuno Alvares Pereira de Mello, 4.º marquez de Ferreira e 5.º conde de Tentugal. É um ramo da real casa de Bragança, cujo tronco é D. Alvaro, 3.º filho de D. Fernando, 1.º do nome e tambem 1.º duque de Bragança. Era do conselho de estado da rainha regente, D. Luiza de Gusmão, e dos reis D. Affonso VI, D. Pedro II e D. João V. Do despacho, das mercês e expediente, mestre do campo general da provincia da Extremadura, e capitão general da cavallaria da côrte e provincia, junto da pessoa de el-rei; embaixador a Saboia, mordomo-mór de tres rainhas, presidente do conselho ultramarino, da junta do tabaco, e, ultimamente, do desembargo do paço. Falleceu em 29 de Janeiro de 1727, com 89 annos de edade. Tinha nascido em 4 de novembro de 1638.

A duqueza, sua 3.ª mulher (era filha de Luiz de Lorena, conde de Arcourt-Armagnac, par e estribeiro-mór de França, principe da casa de Lorena) fallecida em dezembro de 1730.

Tomam os duques de Cadaval o appellido de «Mello» de D. Philippa de Mello, mulher do dito D. Alvaro, 3.º filho de D. Fernando I, a qual era filha e herdeira de D. Rodrigo Affonso de Mello, conde de Olivença.

Em vida do 1.º duque de Cadaval, foi 2.º duque do mesmo titulo, seu filho, D. Luiz Ambrozio A. P. de Mello, fallecido sem successãoem 13 de novembro de 1700.

Succedeu-lhe seu irmão, D. Jayme de Mello, 3.º duque de Cadaval, nascido no 1.º de setembro de 1684. Casou em 16 de setembro de 1702, com D. Luiza, filha legitimada de D. Pedro II, e sua cunhada, porque era viuva do duque D. Luiz, a qual morreu em 23 de dezembro de 1732, sem successão.

O duque D. Jayme era do conselho de estado, estribeiro-mór de D. João V e presidente do tribunal da mesa da consciencia.

O 4.º duque de Cadaval foi D. Nuno Alvares Pereira de Mello, filho de D. Jayme.

5.º duque d'este titulo, D. Miguel Alvares Pereira de Mello, que casou com uma filha dos duques de Luxemburgo.

6.º duque, D. Nuno Caetano Alvares Pereira de Mello, que casou com D. Maria Domingas de Bragança Ligne e Souza, filha do sabio e esclarecido D. João de Bragança, duque de Lafões.

7.ª, a sr.ª D. Maria da Piedade Caetana Alvares Pereira de Mello, marqueza de Ferreira, condessa de Tentugal e actual representante e senhora da opulenta e nobilissima casa do Cadaval, uma das mais distinctas da Europa.

É casada com seu tio paterno, o sr. D. Jayme Caetano Alvares Pereira de Mello, marquez de Ferreira.

D'este casamento ha dois filhos, gemeos, que são os srs. D. Nuno Alvares Pereira de Mello e D. Jayme Alvares Pereira de Mello.

Os filhos primogenitos dos duques de Cadaval, são marquezes de Ferreira, e os segundos, condes de Tentugal.

—

As armas dos duques de Cadaval, são as mesmas dos duques de Bragança, dos marquezes de Vallença e dos condes de Vimioso; pois todos são das familias Alvares Pereiras de Mello, Portugaes, Faros e Braganças.

Vem a ser:

Em campo de prata, aspa de púrpura, perfilada de ouro, com 5 escudos das armas de Portugal, tambem em aspa, isto é, um no centro e um em cada extremidade da aspa: 4 cruzes de Malta, uma entre cada escudo. São encimadas pela corôa de duque, e tendo por timbre uma serpe verde. (O timbre das armas dos de Portugal.)

Lafões

(Sousas Braganças)

Foi creado este titulo em 5 de novembro de 1718, por D. João V, a favor de D. Pedro Henrique de Bragança Sousa Tavares Mascarenhas da Silva, filho do infante D. Miguel, que era filho legitimado de D. Pedro II, e casado com D. Luiza Casimira de Sousa, herdeira da casa dos marquezes d'Arronches. Nasceu o duque D. Pedro, em 29 de novembro de 1718, e o rei o fez duque quando se baptisou, e, pouco depois, concedeu á mãe do dito duque as honras de duqueza. Esta senhora falleceu em 16 de março de 1729.

Era 3.º marquez d'Arronches, 7.º conde de Miranda, senhor de Lafões e das villas de Miranda do Corvo, Jarmêllo, Fulgosinho, Sóza, Podentes, Vouga e Oliveira do Bairro.

—

As armas dos duques de Lafões, são: escudo esquartellado, ás de Portugal, com quadernas de crescentes de prata, em campo de púrpura. Sobre a corôa ducal, tem por timbre, um castello de ouro.

Aveiro

(Alencastres e Mascarenhas)

Ainda que esta nobilissima casa deixou de existir em 1759 (como extensamente relatei na palavra *Chão Salgado*) julgo curioso descrever resumidamente a sua origem.

Tinha a familia dos duques d'Aveiro por tronco, ao infante D. Jorge, filho legitimado de D. João II, e de D. Anna Mendonça, filha de Nuno Furtado de Mendonça, aposentador mór de D. Affonso V.

O rei, seu pae, o fez duque de Coimbra e mestre das ordens de S. Thiago e d'Aviz, accrescentando-lhe o senhorio de Monte-Mór, Aveiro, Torres Novas e outras terras.

Toma esta casa o appellido d'Alencastre, em memoria da rainha D. Philippa d'Alencastre, mulher de D. João I, que era filha de João de Gand, duque de Alencaster, em Inglaterra, e neta do rei da mesma ilha, Duarte 3.º

A D. Jorge succedeu seu filho, D. João de Alencastre, a quem o rei D. Manuel fez marquez de Torres Novas, e D. João III, duque d'Aveiro, em 1547

Foi 2.º duque d'Aveiro, D. Jorge de Alencastre, cuja filha D. Julianna d'Alencastre, casou com seu tio, D. Alvaro d'Alencastre, que foi 3.º duque d'Aveiro.

D'este matrimonio nasceu D. Jorge d'Alencastre, segundo do nome e 1.º duque de Torres Novas, que não chegou a ser duque de Aveiro, por morrer em vida da duqueza sua mãe.

Seguiu-se D. Raymundo d'Alencastre, seu filho, o qual passou para Castella, sendo 4.º duque de Aveiro; pelo que lhe succedeu no ducado, D. Pedro d'Alencastre, inquisidor geral, tio de D. Raymundo, e veio a ser 5.º duque de Aveiro.

Por morte do duque de Aveiro, D. Pedro, achando-se em Madrid D. Maria de Guadalupe, irmã de D. Raymundo, casada com o duque d'Arcos (Hespanha), D. Manuel Ponce de Leão, lhe foi julgada a casa de Avei-

ro, por sentença dada na Relação de Lisboa, em 20 de outubro de 1679, e confirmada no 1.º de março de 1681, sob a condição de voltar para o reino e assentar n'elle domicilio, com a devida vassallagem aos reis de Portugal.

Morreu esta senhora em fevereiro de 1715, e se declararam varios pretendentes a esta casa.

Foi 6.º duque, D. Gabriel Ponce de Leão Alencastre e Cardenas, que era duque de Banhos, em Castella; filho segundo de D. Maria de Guadalupe, que voltou a Portugal no anno de 1732, e em 2 de maio do mesmo anno prestou homenagem a D. João V.

O 7.º e ultimo duque de Aveiro, foi o infeliz D. José Mascarenhas, que era marquez de Gouveia, feito por D. João V, em 1749, cujo titulo lhe foi confirmado por D. José I, em 26 de maio de 1752, entrando de posse d'esta opulentissima casa, em 17 de agosto do mesmo anno.

Este duque e os seus morreram no Largo de Belem em 13 de janeiro de 1759, no meio dos mais atrozes tormentos (Vide *Chão Salgado*) ficando desde então extincto o ducado de Aveiro, que era o mais rico de Portugal.

As armas dos duques d'Aveiro e dos condes de Villa Nova de Portimão, são: as armas reaes de Portugal, com a quebra de bastardia. São (eram) encimadas com a corôa ducal, tendo por timbre um pelicano.

DUÉÇA — rio, Beira-Alta. Nasce a NE. do Espinhal, réga Miranda do Côrvo, e entra no esquerda do Ceira; entrando ambos no Mondego em frente de Coimbra, com um curso de 80 kilometros.

DUME — freguezia, Minho, comarca, concelho e proximo de Braga, 360 kilometros ao N. de Lisboa, 390 fogos.

Em 1757 tinha 154 fogos.

Orago S. Martinho.

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

Teve antigamente um convento de frades bentos, mandado fundar, com grande magnificencia, por *Theodomiro*, rei dos suevos, em 566, a instancias de *S. Martinho de Dume*, bispo turonense, que era natural da Panonia, e monge de S. Bento. Prégou a fé de Jesus Christo na côrte sueva de Braga, convertendo o rei Theodomiro e seu filho o principe *Ariamiro*, (que eram arianos) e foi seu primeiro capellão mór.

Falleceu em 580, sobre cinza e coberto de cilicios. Foi sepultado no seu convento de Dume e trasladado para a Sé de Braga em 1606. Era o mais sabio e virtuoso prelado da sua época.

O nosso rei D. João II, e depois o rei D. Manuel, com seu filho D. Luiz, vieram a Dume de proposito visitar o corpo de S. Martinho.

É tradição que Dume foi cidade episcopal (não podia ser grande cidade) e é certo que ha vestigios d'uma antiga povoação romana.

Em março de 1862, n'uma quinta do sr. Raphael Machado, e quando se faziam certas escavações, appareceram columnas, dinheiro, e varias armas e utensilios de guerra, usados pelos romanos. Appareceram tambem muitas sepulturas e algumas d'ellas ainda com ossadas humanas.

Aqui, n'este mosteiro se recolheu outro S. Martinho, frade da ordem de S. Bento, que o mesmo Theodomiro fez abbade de Dume, e depois o fez sagrar bispo dumiense, em 570, erigindo-se a egreja do convento em Sé cathedral.

Dizem alguns escriptores (um é o padre fr. Jeronymo Roman) que este bispado existiu por mais de 600 annos, findando sómente com a invasão dos arabes em 716.

—

Até aqui a tradição, e alguns auctores credulos ou pouco escrupulosos: agora nós:

Dume é proximo dos muros de Braga e um seu arrabalde. Não é possivel que existissem duas cidades tão perto uma da outra, que formariam uma só. Nada depõe em favor dos que querem que Dume fosse cidade romana, as ruinas, cippos, sepulturas, armas, etc., que aqui teem por muitas vezes sido encontradas. Podia a cidade de Braga chegar até aqui, e podem estes objectos ter pertencido a familias notaveis, que por aqui tivessem as suas residencias.

A antiguidade da Sé de Braga é prover-

bial (*velho como a Sé de Braga*, diz o nosso povo) e não é possivel *aventar* a data da sua fundação, que se perde em fabulas, mais ou menos absurdas, na noite dos tempos. Podia durante qualquer reedificação d'ella ser transferida para Dume interinamente a cathedral; e mesmo podia Theodomiro, por amisade ou gratidão, fazer bispo de Dume ao segundo S. Martinho (do que duvido) mas, se assim foi, pouco podia durar este bispado. Nem eu ouvi jámais fallar em outro bispo de Dume que não fosse o tal S. Martinho; porque Savarico e Rodezendo, suppõe-se que são *apocriphos*.

Acho porém facil e de boa fé o engano dos escriptores que querem que Dume fosse bispado; porque n'aquelle tempo em que pouco se escrevia e quasi todos os factos passavam por tradição de umas a outras gerações, adulterando-se progressivamente; não havia nada mais facil do que calhirem n'estes enganos, por duas razões: 1.ª, porque os abbades benedictinos eram *mitrados*, e conferiam ordens—como o abbade de Dume tinha mitra, ergo, era bispo; 2.ª, S. Martinho era abbade de Dume, e portanto podia designar-se (e designava-se) por S. Martinho de Dume, ou Dumiense. Podia ser feito bispo ahi de qualquer parte e nomear-se—o bispo Martinho Dumiense—3.ª, finalmente, porque a palavra *prelado*, tanto designa o *bispo* como o abbade ou superior de uma ordem religiosa.

Quando os arabes invadiram a Lusitania no principio do seculo VIII, deixaram continuar constituidos varios conventos, mediante certo tributo annual, e o mosteiro de Dume foi um d'elles. Se o convento continuou a existir com todo o seu pessoal, tambem devia continuar a serie dos bispos de Dume. Qual é pois a razão porque sabendo-se ainda hoje o nome de muitissimos bispos, muito mais antigos do que os de Dume, se ignora o de um só d'elles, a não ser S. Martinho?

O tal chronista benedictino, fr. Jeronymo Roman, diz que o bispado de Dume foi instituido em 570, e que *este bispado durou mais de 600 annos, findando sómente com a invasão dos mouros na peninsula.*

Indubitavelmente é êrro. Se o bispado durou 600 annos, até 715 ou 716, então não foi instituido em 570, mas sim em 116, o que ainda ninguem disse; porque todos attribuem a creação d'este bispado a Theodomiro, que morreu em 570.

Se effectivamente foi erecto em 570 e terminou em 715, não durou 600 annos, mas apenas 145. E se existiu por espaço de seis seculos, atravez da dominação mourisca, então chegava a durar até 1315, o que é simplesmente mentira.

Conjecturemos, pois, que a egreja de Dume, se foi cathedral, ou teve essa cathegoria apenas provisoriamente, ou foi seu unico bispo S. Martinho.

—

Ao rei Theodomiro succedeu seu filho Ariamiro, que morreu em 583, deixando por seu successor no reino da Lusitania e Galliza a seu filho Eburico, ainda adolescente, pelo que seu pae lhe nomeou por tutor o rei godo Leovegildo.

Leovegildo estava longe e andava entretido com guerras, e o reino suevo estava governado por uma creança. Isto accendeu a ambição de Endeca, que por artes e manhas se fez acclamar rei, mandando *cortar o cabêllo* a Eborico, e ser monge n'este mosteiro de Dume.

(Os godos, suevos, alanos, vandalos, etc., jámais cortavam o cabêllo, a não ser por castigo e despreso. O principe a quem o cabêllo fosse cortado, ficava inhabil de reinar, para sempre.)

Foi o que Leovegildo quiz. Sob pretexto de ser tutor de Eburico, obrigou Endeca a largar o throno usurpado, fez-lhe *cortar o cabêllo* e obrigou-o tambem a fazer-se monge em Dume.

Leovegildo deu por terminada a dynastia sueva e uniu aos seus estados a Lusitania e Galliza, formando o grande reino gothico.

—

Examinemos agora as *Memorias* do padre D. Jeronymo Contador d'Argote, que passou a maior parte da sua vida investigando as antiguidades do Minho.

Diz elle (tomo 2.º, pag. 132, n.º 145) que

o primeiro que escreveu sobre as dioceses de que a egreja bracharense era metropolitana, foi Rasis, escriptor arabe, que viveu no X seculo.

Rasis (segundo Argote) dá a Braga (na sua *Historia de Hespanha*) as cidades de *Dumio, Portucale, Aurio, Oviêdo, Astorga, Britonia, Iria, Aljubra* e *Iffa*. Diz que esta divisão é a do imperador Constantino Magno.

Argote continúa a dizer (tomo 2.º, pag. 435, n.º 552) que, tendo o rei (Theodomiro) edificado nos arrabaldes de Braga uma egreja com a invocação de S. Martinho, este templo se entregou ao novo varão Martinho, chegado do Oriente, que n'elle logo introduziu a vida monachal, e *para com maior auctoridade se empregar na conversão dos povos, foi promovido á dignidade de bispo, como claramente diz o Turonense*, no cap. 37.º do liv. 5.º da *Historia dos Francezes*, e se lhe deu o titulo de bispo dumiense, em razão de se chamar Dume o logar em que está edificado o templo e mosteiro de S. Martinho.

(Notemos que o padre Argote diz que a cidade de Dume, não tinha *territorio* (termo) e então era este bispado circumscripto ao mosteiro e suas immediatas dependencias.)

—

Ha porém uma *Inquirição dos termos de Dume*, feita na era de 959, aos 28 de setembro (17 de setembro de 921 de Jesus Christo) demarcando este territorio, e feita por o rei D. Ordonho IV e por varios bispos, condes e capitães, na qual se declara que D. Affonso IV, pae de D. Ordonho, já tinha feito doação d'este termo aos bispos de Dume.

N'esta inquirição vem mencionados *Savarico* e *Rodezendo*, que parece terem sido bispos de Dume. Não copio esta inquirição, por ser extensa, e ainda mais, por ser tida como apocripha, por bons escriptores.

Limitar-me-hei a mencionar os sitios confinantes do tal termo.

«Principiou no monte que está entre o mesmo logar e a *villa* [1] de *Infidias*, no sitio onde está um marco de S. Vicente, até outro marco que tem uma cruz, e seguindo por marcos, que tinham sido em tempo collocados para divisão e termo, até ao caminho chamado *Verêda*, que vem de Braga, onde está um grande pedregulho, d'aqui, pela carreira e marcos, até á arca que está esculpida em uma pedra, e d'aqui a outro pedregulho, e depois seguindo pela carreira e marcos que estão juntos ao caminho de *Verêda*, até ao termo de *Pitães*, e d'aqui pela carreira e arcas principaes, que partem entre Dume e Palmeira. D'aqui pela carreira *Sestuor*, que parte entre Dume e Paradellas, e d'aqui pela carreira até ao termo de *Lesmires*, e depois, por outro caminho de *Verêda*, que vem de Braga, até a *terra tumida*, que se fez á mão, e d'aqui a outra *arca petrinia* principal, feita pelos antigos, que parte entre Dume e a *villa* de *Lesmires*, d'alli á *villa* de *Forocos, Parada de Samuel, Froozos, Collina, villa de Pascoal* (aqui está uma pedra escripta que diz *Santa Olaia*) até ao monte onde principiou a medição, onde estão as casas que obteve *Espacundo* e as que obteve *Alamiro*, ou a egreja de S. Fructuoso, que chamam *Montêlhos*.»

[1] A palavra *villa*, aqui, só se deve tomar por quinta, ou casa de campo.

Os que desejarem ver isto na sua integra, leiam as *Memorias do Arcebispado de Braga*, por Argote, livro 4.º, pag. 408 até 413.

—

Disem alguns escriptores que o bispado de Dume foi depois encorporado no de Mondonhedo; mas é mais verosimil que por extincção do bispado de Dume, fosse esta diocese (se é que assim se lhe póde chamar) encorporada na de Braga.

Diz o mesmo auctor que a instituição da egreja de Dume em cathedral é anterior ao concilio de Lugo (era de 607, ou 569 de Jesus Christo) mas que no anno da instituição *podem haver algumas duvidas*, sendo certo que teve *prelado* no anno de 556 e que a dedicação da sua basilica se fez no anno de 558, como consta das actas de S. Martinho de Dume, que se conservam manuscriptas em um *breviario*, tambem manuscripto, que existe na Sé de Braga.

Que a Sé de Dume sempre teve *prelados*,

e foi muito venerada durante a dominação agarena.

S. Martinho falleceu na era de 627, *que é o anno de Christo 579.*

(Ha aqui um anachronismo de 10 annos. A era 627, é o anno 589 de Jesus Christo, mas se o santo viveu 23 annos em Dume depois de ser sagrado, como diz Argote, e sendo sagrado em 556, morreu na era de 617 (579 de Jesus Christo) e não na de 627. Vem pois a haver êrro na era e não no anno.)

—

Salvo o respeito devido ao estudioso Argote, e a outros que tratam de Dume, direi que Theodomiro foi acclamado rei dos suevos em 558 de Jesus Christo, e morreu em 570; pelo que a egreja e bispo de Dume não podiam ser obra d'este rei, no anno de 556.

Os mesmo Argote offerece varias duvidas com respeito á data da fundação d'esta egreja, como se póde ver no tom. 3.º pag. 5 e seguintes.

Quanto ao tal *breviario* da Sé de Braga, accrescentarei—ainda que seja verdade ter a egreja de Dume sempre *prelados* no tempo dos arabes, não se segue que tivesse *bispos;* porque os abbades benedictinos (e outros) tambem eram prelados da sua ordem.

Não é da natureza d'esta obra longas disertações sobre pontos controvertidos da historia, por isso remetto o leitor que simpathisar com estes estudos, ao logar d'Argote ultimamente citado.

—

Para augmentar a confusão, ha noticia de trez templos diversos edificados em Dume: o de S. Martinho, bispo de Tours, fundado por Theodomiro—o de S. Salvador de Montelios, de que sómente tracta uma doação do rei D. Affonso Magno—e o de S. Fructuoso, que ainda existe, e já existia no reinado de D. Ordonho II.

D'estes, o que tinha o titulo de Sé e basilica, é o que ainda hoje existe com o titulo de priorado, o qual nas Inquirições do nosso rei D. Diniz, vem mencionado como parochia do arcebispado de Braga. Diz-se alli que junto a esta egreja havia uma quinta chamada *Ademir,* que era de uma tal D. Comba; e um logar chamado Cabanas—e os outros templos que parecem ser dois, não eram mais do que um, com dois nomes—isto é—a egreja estava em um sitio chamado *Montelios,* e o primeiro orago que lhe deu o fundador (S. Fructuoso) foi S. Salvador; mas o povo, depois da morte de S. Fructuoso, pela grande devoção que tinha a este santo, que alli estava enterrado, o fez orago desta egreja.

Já no tempo de D. Ordonho II, (910 a 923) era S. Fructuoso o orago ou padroeiro d'esta egreja.

—

Onde se edificou o mosteiro de Dume, já havia uma povoação romana, da qual tem apparecido vestigios, assim como do mosteiro.

Em 1737, quando se reedificou a egreja de S. Martinho de Dume, situada proximo d'onde antigamente estava a torre capitolina, se acharam ruinas de um sumptuoso edificio romano.

Entre varias lapides com inscripções, se encontraram as seguintes:

1.ª

LUCRET
L: F. QUIR
SATURNIN.
NUS. ET. Q.
EX.

(*Saturnino e seus coherdeiros, dedicaram esta memoria a Lucrecia Quirina, filha de Lucio.*)

2.ª

APIL
ARQU
MUN
PERFU
PEN. D.
D. AGRIP.
H. S. IIST.

Os caracteres d'esta inscripção estão muito mal feitos, e gastas as lettras das extremidades; por isso só se póde entender que falla de um *Arquio* e seu coliberto *Acrisio,* dos quaes falla outra inscripção, tambem achada n'estes sitios,

Só a ultima linha está completa, e diz: *aqui está sepultado.*

3.ª

N. XV.
H. S. ES.

Parece dizer: Névio, viveu 15 annos, e aqui está sepultado.

4.ª

IOVI
EPULSORI
RMIA
USSINA
X. VOTO.
OSUIT.

Falta-lhe uma lettra da esquerda em cada linha (menos na 1.ª) por estarem gastas, quer dizer: *Armia Lucina, por voto, dedicou esta memoria a Jupiter Expulsor.*

—

Appareceu aqui então, tambem um tumulo de marmore branco, com 2m66 de comprido e 0m66 d'alto, e na tampa uma rosa (ou uma corôa.) Continha ossos humanos com a cabeça incorrupta. Estava enterrado a 0m66 de profundidade e distante 3m30 desviado da parede da egreja.

Parece ser já tumulo de algum christão. Não tinha inscripção.

—

A camara ecclesiastica de Braga apresentava o prior de Dume, que tinha 250$000 réis de rendimento.

DURRÃES ou **DURÃES**—freguezia, Minho, comarca e concelho de Barcellos, 24 kilometros a O. de Braga, 365 ao N. de Lisboa, 100 fogos. Em 1757 tinha 52 fogos.

Orago S. Lourenço, proto-martyr.

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

Esta freguezia e a de Carvoeiro (contigua a ella) formavam o couto, dos frades benedictinos de Carvoeiro, que recebiam os dizimos e eram senhores dos maninhos.

Passa proximo o rio Néiva.

É terra fertil.

O abbade de S. Pedro Fins, de Tamel, apresentava o vigario, que tinha 50$000 rs.

DURRUIVOS ou **A DOS RUIVOS**—aldeia, Extremadura, freguezia e concelho de Obidos. (Vide Obidos.)

Nada tem de notavel senão ser d'aqui oriundo e ter aqui passado os seus primeiros annos, o nosso actual e espirituosissimo folhetinista, o sr. Julio Cesar Machado, que nasceu em Lisboa, no 1.º de outubro de 1836. É filho do sr. Luiz Maria Cesario da Costa Machado, natural de Lisboa, que falleceu em 1851, e da sr.ª D. Maria Ignacia Machado, natural d'esta povoação, e onde ainda vive. É sobrinha do bem conhecido conselheiro Silvestre Pinheiro Ferreira.

—

Ha aqui um templosinho dedicado a S. Roque, onde por varias vezes se ouviu a voz sympathica e eloquentissima do famoso orador sagrado Francisco Raphael da Silveira Malhão, que gostava muito d'esta aldeia. Dizia elle «Durruivos é o verdadeiro typo da aldeia, não tendo as pretenções de parecer villa. Ruas toscas, combros, vallados, riachos, etc. Uma aldeia com ruas calçadas, é um arremêdo tão presumido, que nem fica villa, nem aldeia.»

DUUNVIRO—Tendo tratado tantas vezes de *duunviros*, nas inscripções copiadas n'esta obra, julgo a proposito dizer a significação d'esta palavra.

O *duunvirato* era uma dignidade a que pertencia o reparo e conservação dos templos e outros objectos concernentes á religião romana.

Tambem havia *duunviros*, encarregados de cousas pertencentes á marinha.

Dava-se-lhes o nome de duunviros, porque este emprego era unicamente exercido por dois magistrados.

O *triumvirato* era composto de tres magistrados, e o *quadrumvirato* de quatro.

FIM DO SEGUNDO VOLUME